UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO – MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO SEXUAL

George Miguel Thisoteine Caldeira Menezes Freitas

SEXUAL E *SEXUALIDADE* NA OBRA DE FREUD: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO A PARTIR DA ANÁLISE DE DISCURSO

ARARAQUARA
2024

George Miguel Thisoteine Caldeira Menezes Freitas

SEXUAL E *SEXUALIDADE* NA OBRA DE FREUD: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO A PARTIR DA ANÁLISE DE DISCURSO

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação Sexual junto à Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Programa de Pós-Graduação – Mestrado Profissional em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Gellis

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Cláudia Bortolozzi

ARARAQUARA

2024

F866s

Freitas, George Miguel Thisoteine Caldeira Menezes
SEXUAL E SEXUALIDADE NA OBRA DE FREUD : um estudo bibliográfico a partir da análise de discurso / George Miguel Thisoteine Caldeira Menezes Freitas. -- , 2024
631 f.

Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara,
Orientador: André Luiz Gellis
Coorientadora: Ana Cláudia Bortolozzi

1. Psicanálise. 2. Educação Sexual. 3. Sexo e História. 4. Análise do discurso. 5. Tesauros. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

GEORGE MIGUEL THISOTEINE CALDEIRA MENEZES FREITAS

SEXUAL E *SEXUALIDADE* NA OBRA DE FREUD: UM ESTUDO BIBLIOGRÁFICO A PARTIR DA ANÁLISE DE DISCURSO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Sexual. Exemplar apresentado para exame de defesa.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores.

Orientador: Prof. Dr. André Luiz Gellis

Coorientadora: Profa. Dra. Ana Cláudia Bortolozzi

Data da defesa: 31/01/2024

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. André Luiz Gellis
UNESP – Universidade Estadual Paulista – Campus Bauru

Membro Titular: Prof. Associado Paulo Rennes Marçal Ribeiro
UNESP – Universidade Estadual Paulista – Campus Araraquara

Membro Titular: Prof. Associado Gustavo Dionísio
Universidade Estadual Paulista – Campus Assis

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

Agradeço o apoio de toda a minha família, que sempre se dedicou a estar ao meu lado nas aventuras e sonhos, em especial na vida acadêmica, que demanda grandes empenhos para aqueles que buscam realização nesse universo.

Agradeço ao meu orientador, com quem muito pude trocar e aprender, não apenas nesse período de investigação da pesquisa de mestrado, mas durante todos esses anos de convívio.

Agradeço a minha coorientadora que entre diferentes trajetórias me ensinou e apoiou em novos caminhos no meu percurso durante o Mestrado.

Agradeço aos colegas do grupo de pesquisa que entre muitas trocas puderam me ensinar e me permitiram aprender a colaborar com diferentes pesquisas e pesquisadores.

Agradeço por fim aos mais próximos, aos verdadeiros amigos, que também foram fundamentais em me apoiar nos desafios que surgiram e são próprios do percurso do trabalho investigativo.

Videmus nunc per speculum in enigmate
tunc autem facie ad faciem nunc cognosco
ex parte tunc autem cognoscam sicut et cognitus sum.[1]
(*Obra aberta*, Umberto Eco)

[1] "Agora, vemos como num espelho, de maneira confusa; depois, veremos face a face. Agora, conheço de modo imperfeito; depois, conhecerei como sou conhecido" (São Paulo, Primeira Carta aos Coríntios, 13,12).

RESUMO

Esta pesquisa parte do reconhecimento da relevância que o saber e a prática da psicanálise possuem para a Educação de forma geral e, mais acentuadamente, para a Educação Sexual. Embora outras abordagens discutam a sexualidade para além da obra de Sigmund Freud, o impacto desta para os estudos de diferentes áreas é indiscutível, pois as teorizações freudianas mostram-se atuais apesar de, por vezes, ainda carecerem de estudos específicos, em especial ao contexto brasileiro. Por conta disso, torna-se relevante explorar e aprofundar a compreensão das formalizações sobre a dimensão do tema sexualidade na Psicanálise particularmente para a Educação Sexual. Com isso, desenvolveu-se, por meio da análise de discurso e de conteúdo, uma investigação de natureza qualitativa, em um estudo de tipo descritivo-exploratório e bibliográfico, com o objetivo de identificar as semelhanças, diferenças e desenvolvimentos referentes às noções de *sexual* e de *sexualidade*, bem como suas variações, na obra de Freud, estabelecida em português pela Editora Imago. As obras analisadas correspondem aos volumes de três a 23 dessa coleção. Os resultados apresentam a identificação das dimensões *sexual* e *sexualidade* e a análise das passagens, conceitos, ideias e noções que se articulam a essas dimensões nos textos de Freud, organizadas em um quadro com todos os sintagmas encontrados referentes a essa temática; um levantamento de temas específicos ligados ao *sexual* e à *sexualidade*; e categorias temáticas mutuamente excludentes. As categorias correspondem às seguintes formações discursivas, organizadas a partir do *corpus* delimitado na obra de Freud: "O fator sexual: no diagnóstico como horizonte da clínica psicanalítica"; "Sexualidade infantil: raízes e consequências – senta esta dividida em: "Disposição perverso polimorfa", "Organização da libido: infância e objetos parciais", "O complexo de Édipo: o infantilismo e a base sexual"; "A insistência do sexual na repressão e na civilização"; "Educação e esclarecimento sexual das crianças"; "Homossexualidade e suas vicissitudes na obra de Freud"; e finalmente "Civilização e atividade sexual: o drama pulsional e as condições da constituição sexualidade". Desse modo, pôde-se observar diversos temas da Educação Sexual, como diversidade, repressão, sexualidade na infância, que podem ser abordados e investigados na obra freudiana. Conclui-se que são necessários maiores aprofundamentos, mesmo sobre esse tema, na psicanálise, em prol de o campo apresentar definições mais sistemáticas de conceitos básicos e derivados, de modo a possibilitar mais interlocuções com áreas afins.

Palavras-Chaves: Psicanálise; Sexualidade; Sexual; Educação sexual; Análise de discurso; Sigmund Freud.

ABSTRACT

This research begins with the acknowledgment of the significance of psychoanalytic knowledge and practice for Education in general, and more prominently, for Sexual Education. Although other approaches discuss sexuality beyond Sigmund Freud's work, its impact on studies across various fields is unquestionable. Freud's theorizations remain relevant, despite sometimes still requiring specific studies, particularly in the Brazilian context. Therefore, it becomes important to explore and deepen the understanding of formulations about the dimension of sexuality in Psychoanalysis, especially for Sexual Education. This led to the development of a qualitative investigation through discourse and content analysis, in a descriptive-exploratory and bibliographic study. The aim was to identify the similarities, differences, and developments related to the notions of sexual and sexuality, as well as their variations, in Freud's work published in Portuguese by Imago Publishing. The analyzed works correspond to volumes three to twenty-three of this collection. The results include the identification of sexual and sexuality dimensions and the analysis of passages, concepts, ideas, and notions related to these dimensions in Freud's texts, organized in a table with all the syntagmas found related to this theme; a survey of specific themes linked to sexual and sexuality; and mutually exclusive thematic categories. The categories correspond to discursive formations organized from the corpus defined in Freud's work: "The sexual factor: in diagnosis as the horizon of psychoanalytic clinic"; "Child sexuality: roots and consequences" – "The polymorphously perverse disposition", "Libido organization: childhood and partial objects" and "The Oedipus complex: infantilism and the sexual base" –; "The persistence of the sexual in repression and civilization"; "Sexual education and enlightenment of children"; "Homosexuality and its vicissitudes in Freud's work"; and "Civilization and sexual activity: the drive drama and the conditions of sexuality constitution". Thus, various Sexual Education themes, such as diversity, repression, and childhood sexuality, can be explored and investigated in Freud's work. It concludes that further in-depth studies are necessary, even on this topic, in psychoanalysis, to provide more systematic definitions of basic and derived concepts, enabling more dialogues with related fields.

Key Words: Psychoanalysis; Sexuality; Sexual; Sexual Education; Discourse analysis; Sigmund Freud.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Passagens, conceitos, ideias e noções que se articulam às duas dimensões pesquisadas (sexual e sexualidade) presentes nos textos de Freud.....45

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO……11
1 INTRODUÇÃO.……..……..13
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA: UMA APROXIMAÇÃO INICIAL AO TEMA DA SEXUALIDADE……15
1.2 DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO SEXUAL.……..……19
1.3 O CAMINHO DAS DISCUSSÕES FREUDIANAS: CARTAS, DICIONÁRIOS E DEBATES.…….……...22
1.4 SEXUALIDADE E PSICANÁLISE: PERSPECTIVAS PRELIMINARES DA PESQUISA….…….…….25
2 CAMINHOS METODOLÓGICOS ……..…….31
2.1 NATUREZA DA PESQUISA ……..31
2.2 OBJETO DE ANÁLISE: A OBRA DE FREUD …….……..31
2.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE ……..34
2.3.1 Problemas teórico-metodológicos: a escolha do objeto…….....35
2.3.2 Problemas teórico-metodológicos: fundamentos e procedimentos teóricos da análise dos dados…….…….…….....…...38
2.3.3 Problemas teórico-metodológicos: do *corpus* para a abertura, a obra e o autor……..41
3 RESULTADOS ……45
3.1 IDENTIFICAÇÃO DE PASSAGENS, CONCEITOS, IDEIAS E NOÇÕES QUE SE ARTICULAM ÀS DUAS DIMENSÕES PESQUISADAS (SEXUAL E SEXUALIDADE) PRESENTES NOS TEXTOS DE FREUD …….…….45
3.2 ANÁLISE DAS PASSAGENS, CONCEITOS, IDEIAS E NOÇÕES QUE SE ARTICULAM ÀS DUAS DIMENSÕES PESQUISADAS (SEXUAL E SEXUALIDADE) PRESENTES NOS TEXTOS DE FREUD ……102
3.2.1 O fator sexual: o diagnóstico como horizonte da clínica psicanalítica …….....102
3.2.2 Sexualidade infantil: raízes e consequências ……....116
3.2.2.1 A disposição perverso polimorfa ……....119
3.2.2.2. Organização da libido: infância e objetos parciais ……..121
3.2.2.3 O complexo de Édipo: o infantilismo e a base sexual ……133
3.2.3 A insistência do sexual na repressão e na civilização ……...143
3.2.4 Educação e esclarecimento sexual das crianças ……....149

3.2.5 Homossexualidade e suas vicissitudes na obra de Freud …….....158
3.2.6 Civilização e atividade sexual: o drama pulsional e as condições da constituição sexualidade …….173
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS ….……..186
REFERÊNCIAS …….……..188
APÊNDICE……...196

APRESENTAÇÃO

Obtive o título de Bacharel em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" em 2018. Desde a graduação, tive experiências na área de Psicanálise, tanto por participações em projetos de extensão com enfoque clínico e social, quanto por meio da pesquisa, tendo realizado uma iniciação científica no programa *Pibic Sem Bolsa*, em 2015, denominada "Considerações sobre o Estranho no Seminário 10 de Jacques Lacan". Também realizei estágios obrigatórios nas áreas de Psicanálise, clínica e social, e de Psicologia Escolar.

Durante a graduação e a pós-graduação, sempre me mantive vinculado a grupos de estudo e grupos de pesquisa, dentre os quais destaco: Outrarte (Unicamp), LATESFIP (Usp), Nusex (Unesp-Araraquara) e, em especial, o GEPESEC (Unesp-Bauru), do qual fui membro ativo e de cuja coordenação participei durante o ano de 2022. Por meio da experiência nos grupos de pesquisa, pude contribuir para o desenvolvimento de pesquisas pontuais com os alunos da graduação e também auxiliar na elaboração e execução de iniciações científicas. Dentre os trabalhos nos quais colaborei destaco os artigos: "Homens, violência e consumismo: análise da masculinidade nos grupos virtuais *mgtow* e do filme Clube da Luta" (Thisoteine *et al.*, 2021); "Psicanálise e gênero: um percurso arqueológico no Seminário 1 sobre identidades" (Branco; Thisoteine; Gellis; 2022); e "Práticas sexuais e aspectos morais: categorias emergentes da revisão sistemática de literatura" (Fogaça; Thisoteine; Gellis, 2023). Destaco também alguns dos projetos de iniciação científica com que colaborei, dentre eles: "Categorias emergentes acerca do sexual e da sexualidade no Seminário 1 de Jacques Lacan"; e "Categorias emergentes acerca do sexual e da sexualidade no Seminário 10 de Jacques Lacan"; tendo o primeiro recebido o prêmio de melhor trabalho da área de psicologia na primeira fase do evento do XXV Congresso de Iniciação Científica da Faculdade de Ciências da Unesp (2023).

Nesse ínterim, entre a graduação e o mestrado, especializei-me na área de sexologia e participei de cursos de formação em psicanálise. Desde formado, atuo como psicólogo clínico e, tendo obtido o preparo técnico necessário por meio das formações complementares, iniciei a carreira como docente, ministrando aulas em faculdades particulares do estado de São Paulo, dedicando-me especialmente às disciplinas de "Desenvolvimento Humano". O campo da Psicanálise e da Educação sempre estiveram presentes em minha trajetória acadêmica e profissional, de maneira que esta pesquisa surge como uma oportunidade de abordar essas áreas em um mesmo trabalho.

A ideia para o mestrado surgiu a partir de levantamentos realizados por mim e pelo meu orientador, por meio dos quais constatamos um déficit na sistematização sobre as noções de *sexual* e de *sexualidade* em diversas áreas da ciência. Assim, dada a trajetória dos responsáveis pela pesquisa, voltamo-nos para a Psicanálise e propusemos um trabalho que buscasse sistematizar e explorar o tema da sexualidade na obra de Sigmund Freud. Já a pós-graduação possibilitou que eu me aproximasse da área de Educação Sexual e, dentre as experiências que nela tive, destaco: a participação na organização e publicação da coleção "Leituras sobre Sexualidade e Mídias"; além da participação na organização do "VI Congresso Brasileiro de Educação Sexual" e do "VI Congresso Internacional de Sexualidade e Educação Sexual".

Esta dissertação está organizada nas seguintes seções: Introdução; Caminhos metodológicos; Resultados; Considerações finais. Em cada seção, há divisões em forma de subtítulos que me permitiram delimitar e aprofundar os assuntos abordados durante a pesquisa.

1 INTRODUÇÃO

Compreender, explicar e prever. Essas são as três funções ou tarefas comuns às disciplinas que são científicas ou objetivam ser. Assim, também as ciências sociais surgem na busca de compreender e explicar a realidade, de prever e dominar o seu funcionamento. Por isso, é possível afirmar que as ciências sociais visam sanar parte das necessidades coletivas. Como integrante das ciências humanas, elas possuem uma metodologia que pode ser descrita, ainda que se tenha de partir de organizações teórico-metodológicas muitas vezes diferentes das ciências naturais. Para tanto, é necessário compreender a origem dos paradigmas, das rupturas e dos eventos que constituíram historicamente o campo.

As ciências humanas abriram a discussão sobre o campo ideológico e sobre como se dá a sua influência nos avanços obtidos pelo conhecimento (Zizek, 1996). Mais recentemente, discussões acerca das relações de poder e em especial das formas do discurso trouxeram novas e significativas contribuições às discussões do campo das subjetividades (Butler, 2018; Foucault, 2008).

No campo científico, a psicanálise, a sexologia e a educação sexual também obtiveram um desenvolvimento especial a partir da década de 1960. São disciplinas que possuem em comum o fato de não pertencerem exclusivamente a nenhuma outra disciplina das ciências humanas e, porém, guardarem profundas relações com todas elas. E podem tratar de aspectos individuais, relacionais e subjetivos de todos; de como as sociedades criam padrões de orientação de identidades e objetos sexuais; dos signos sociais de prestígio e desprestígio de investimento afetivo; de como jurídica e grupalmente a necessidade, a sexualidade e o instinto interferem nas atividades grupais; e de como isso é ou pode ser capitalizado dentro da sociedade (Laville; Dionne, 2008).

Esses são alguns dos muitos aspectos que poderiam ser levantados, todos incluindo a aplicação de conceitos e observação de fenômenos interdisciplinares às ciências humanas, pois a sexualidade é predicada sempre a algum elemento e nunca isolada ou possível de ser percebida fora de seu contexto ou viés sócio-histórico (Louro, 2018). Apesar dessa importância, ainda hoje, infelizmente, são escassos os trabalhos em educação sexual que conseguiram ser efetivados na realidade do país como políticas públicas (Souza; Milani; Ribeiro, 2020). Por outro lado, Louro (2018) aponta que propostas críticas que procuram constituir um projeto de educação sexual também o permitem, por que buscam de fato repensar todo o funcionamento das relações escolares, em que se reconhece o lugar da sexualidade como parte da integridade

humana tal como enfatiza a constituição brasileira e os direitos sexuais e reprodutivos (Souza; Milani; Ribeiro, 2020).

No sentido de organizar a produção a respeito da educação sexual e as suas finalidades para a escola e a sociedade, Furlani (2016) sintetiza 8 modelos de educação sexual presentes no Brasil: (1) biológico-higienista; (2) moral-tradicionalista; (3) terapêutico; (4) religioso-radical; (5) dos direitos humanos; (6) dos direitos sexuais; (7) emancipatório; e (8) *queer*. Entretanto, alguns desses modelos parecem ser nocivos ao exercício saudável da sexualidade humana, compostos por ideais hetero-tradicionalistas, homo e transfóbicos que visam apenas a preocupações com mecanismos de reprodução humana e com a prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis – ISTs.

Furlani (2016) mostra, ainda, que algumas abordagens se enquadram melhor na construção de uma educação sexual crítica nos espaços escolares, como é o caso das abordagens dos direitos humanos, dos direitos sexuais, da emancipatória e da *queer*. Essas abordagens ressaltam a importância de reconhecer não somente paradigmas mais saudáveis para se trabalhar a educação sexual, como também para fundamentar intervenções e práticas escolares que corroborem o desenvolvimento de uma cultura de diversidade, igualdade e respeito.

Além disso, Maia (2009) enfatiza que existe uma concepção de sexualidade socialmente considerada como "normal", que se desenvolverá naturalmente para alguns, mas que, para outros, precisará ser reparada ou administrada, podendo acarretar uma série de estigmas sobre as crianças e os jovens. A autora também ressalta que a naturalização do desenvolvimento da sexualidade, a assunção dela por discursos médicos e religiosos, redunda em um desejo ideológico e violento de que

> [...] a criança seja de um sexo específico, tenha uma heterossexualidade imperativa, apresente potenciais intelectuais para profissões importantes, realize uma vida futura plena de recursos financeiros, viva uma estabilidade emocional, desenvolva vínculos afetivos duradouros, amorosos e sexuais, quando adulto, constitua uma família, tenha um desempenho sexual satisfatório, corresponda bem aos padrões estéticos desejáveis etc. (Maia, 2009, p.272).

A questão ideológica colocada levanta o problema discutido por Louro (2009), o qual ele desenvolve recuperando argumentos foucaultianos de que a heteronormatividade se impõe como uma forma de ignorar o dispositivo de controle da sexualidade moderna pela junção de sexo-gênero-sexualidade. O argumento gira em torno da naturalização das relações heterossexuais por meio da patologização da homossexualidade, que Maia (2009) levantaria pelo lado da invisibilidade da diversidade sexual. Nesse sentido, as autoras (Furlani, 2009;

Louro, 2009; Maia; 2009) concordam em trazer a sexualidade para um campo privilegiado da construção da experiência humana e a pertinência de combater as formas de discriminação, colocando a educação sexual como um direito inerente à própria sexualidade humana moderna.

As abordagens dos direitos humanos, dos direitos sexuais, da emancipatória e da *queer* podem em grande medida ser colocadas em diálogo com a abordagem de Freud sobre a sexualidade, pois, à medida que consideram a sexualidade um direito, argumentam que tratar dos temas da educação sexual é restituir um lugar de protagonismo e cidadania às crianças e aos jovens. Além disso, compreendem a necessidade de não ignorar o campo dos assuntos sexuais na sociedade, reiterando a presença dos mesmos para a formação individual em uma sociedade menos repressiva e, por isso, mais igualitária e saudável (Furlani, 2016).

Ao considerar os objetivos de promoção da educação sexual, este trabalho segue em busca de delimitar certa importância do tema da sexualidade na língua, na filosofia, na literatura e nos direitos humanos para, assim, chegar na psicanálise. A partir desse trajeto, será possível reconhecer as condições históricas emergentes na atualidade do discurso freudiano, que é o foco deste estudo.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA: UMA APROXIMAÇÃO INICIAL AO TEMA DA SEXUALIDADE

A palavra *sexual* deriva do termo *sexo*, o qual tem origem em *sexus*, do latim (Atilf, 2021; DLE, 2021; Harper, 2001/2024; Houaiss *et al*., 2019). Porém, a palavra *sexualidade* não é tão antiga, pois é posterior à romanização do latim (Rezende; Bianchet, 2014). Assim, a primeira referência ao termo *sexualidade* em francês remonta, segundo Atilf (2021), a 1838, com o seguinte significado: "caractère de ce qui est sexué, ensemble des caractères propres à chaque sexe"[2]; também remonta a 1845-1846, pela ideia, na expressão "sexualité des plantes"[3]; e, ainda, a 1884, em "ensemble des comportements relatifs à l'instinct sexuel, vie sexuelle"[4]. No entanto, de acordo com a plataforma de Douglas Harper (2001/2024), que reúne os principais dicionários etimológicos da língua inglesa, a palavra *sexualidade* aparece pela primeira vez em 1789, com o significado de: "action or fact of being sexual"[5]; e, em 1879:

[2] "Caráter do que é sexuado, conjunto de características específicas de cada sexo". As traduções de citações em língua estrangeira são nossas.
[3] "Sexualidade vegetal".
[4] "Conjunto de comportamentos relacionados ao instinto sexual, à vida sexual".
[5] "Ação ou fato de ser sexual".

"capability of sexual feelings"[6], em referência aos trabalhos médicos de James Matthews Duncan que discutiam os efeitos que a gravidez e o parto tinham sobre os órgãos sexuais e o prazer feminino.

Em espanhol (DLE, 2021), *sexual* é um adjetivo, referente àquilo que pertence ou é relativo ao que é do sexo. *Sexo* também se refere àquilo da condição orgânica que diferencia caracteres femininos e masculinos; órgãos sexuais; e atividade sexual dos seres vivos. Já a palavra *sexualidad* acompanha a anterior, à medida que diz respeito ao conjunto de caracteres que definem o sexo, mas aponta para duas novas possibilidades de sentido: o apetite sexual e aquilo relativo aos prazeres carnais.

Em português – segundo o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (Houaiss *et al*. 2019) –, a primeira referência ocorre em 1874, onde se fala de qualidade do conjunto de caracteres que definem a sexualidade. A origem do termo *sexualidade* vem de *sexual*, que apresenta os primeiros usos em 1789 sobre aquilo que é "relativo ou pertencente aos sexos", do que já se infere a etimologia de *sexus* para diferenciar a forma física do homem e da mulher.

O filósofo Michel Foucault (1984b, p.9) inaugura o segundo volume do seu trabalho sobre a história da sexualidade dizendo

> O próprio termo "sexualidade" surgiu tardiamente, no início do Século XIX. É um fato que não deve ser subestimado nem superinterpretado. Ele assinala algo diferente de um remanejamento de vocabulário; mas não marca, evidentemente, a brusca emergência daquilo a que se refere. O uso da palavra foi estabelecido em relação a outros fenômenos: o desenvolvimento de campos de conhecimentos diversos (que cobriram tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais ou sociais do comportamento); a instauração de um conjunto de regras e de normas, em parte tradicionais e em parte novas, e que se apoiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos.

Foucault seguiu realizando uma série de correções antes de adentrar no que será o desenvolvimento de seu trabalho sobre a história da sexualidade. Entretanto, não deve passar despercebido que ele modifica o que seria uma continuação natural após o primeiro volume da "História da sexualidade" (Foucault, 1984a). O que acontece é justamente a necessidade de mostrar como as coisas encontradas como tais na atualidade ou na atualidade próxima, como na era vitoriana, não podem ser naturalizadas. A experiência de uma sexualidade hoje só é possível devido a uma série de acontecimentos históricos que originaram essa forma de

[6] "Capacidade de sentimentos sexuais".

experiência que Foucault localiza como formas de sujeição.

O desenvolvimento alcançado por Foucault (1984a, 1984b, 1985), como exposto em sua obra, mostra as condições para a produção de dispositivos de poder, e, nesse sentido, suas teorizações sobre a história já esboçam seu caminho de chegada: os meios sociais, culturais e históricos que possibilitaram o surgimento e a produção do dispositivo da sexualidade. Por isso, seguindo as indicações do filósofo, parte-se inicialmente de uma busca pelos caminhos e pelas formas por meio dos quais o sexual pôde, ao longo do pensamento ocidental, desdobrar-se em discursos com os quais o sexual constitui o indivíduo como um sujeito portador de uma sexualidade (Fernandes, 2012).

Entretanto, outros autores da filosofia falaram sobre essa temática, de modo que é possível observar como o sexual e a sexualidade se desdobram em diferentes discursos. É o caso apresentado por Nicola Abbagnano (2018), para quem o sexo é um tema raramente abordado pelos filósofos, ao contrário do tema da diferença sexual. O que se confirma pela própria ausência de termos correlatos no seu dicionário, mas que também ocorre no trabalho de referência de André Lalande (1993), no qual estão ausentes todas as variações de *sexual* e de *sexualidade* desde a primeira edição, em 1927. Em ambas as obras, a referência mais direta sobre o assunto está no verbete sobre o amor e, em Lalande (1993), esta é a única ocorrência encontrada.

Entretanto, é preciso considerar que o tema Amor é muito diferente de Sexo e Diferença Sexual. Abbagnano (2018) aponta que o sexo aparece já em Platão, no diálogo *O banquete*, em que Aristófanes expõe a origem mitológica do termo. A complexidade desse texto já revela muitos problemas atuais ligados a essa discussão, pois, se o tema maior desse diálogo é o Amor – e ali é criada uma explicação de como os sexos amam e se relacionam, além da diferença entre eles –, o próprio sexo não pode ser reduzido à anatomia.

Ainda sobre o Amor, Abbagnano (2018) destaca que Schopenhauer levanta o tema do sexual como algo que, fazendo parte da Vontade, estaria além das forças racionais de ação humana. Também destaca que Max Scheler aponta o ato sexual como forma de expressão da personalidade e que Jean Paul Sartre destaca a sexualidade como estrutura fundamental para a existência no mundo (Abbagnano, 2018).

Abbagnano indica que, desde Platão, a noção de diferença sexual pode ser observada, porém é Aristóteles que atinge diretamente a questão. O aluno de Platão coloca o sexo da mulher como inferior, mas necessário para a constituição da família (organização humana que existe em qualquer sociedade). E a tradição filosófica se manteve no sentido de manter essa desvalorização da mulher iniciada por Aristóteles, o que se observa claramente em Immanuel

Kant pelas diferenças que estabelece entre as características de homens e mulheres, como em sua problematização do Sublime e do Belo; e, novamente, em Shopenhauer, que defende a poligamia, o que se constitui numa forma que desvaloriza a importância da mulher, desvalorizando também a família (Abbagnano, 2018).

No entanto, embora Platão atribua certa inferioridade à mulher, ele assume que na sociedade ambos deveriam ter acesso aos mesmos direitos e posições, o que retoma a posição aprendida com os pitagóricos (Lalande, 1993). Também os Cínicos e os Estoicos apontam para a necessidade de igualdade, inclusive recomendam que homens e mulheres se vistam de forma igual. Já os Epicuristas recebem as mulheres em sua escola, e nela muitas ocupam inclusive cargos de direção (Abbagnano, 2018).

Também a crítica filosófica reserva à sexualidade um lugar à sombra do Amor (Lalande, 1993). De fato, em filosofia ele se diferencia claramente da atração de objeto exclusivo: amor sexual e um amor puramente material. Mas, essas divisões também não encerram novas contradições? Ama-se um animal como se ama um filho? Ou um amante como o cônjuge? Ademais, o amor também pode apontar para todo tipo de inclinação sexual: seja ela manifesta, invertida e/ou negada pela expressão de realizações culturais e artísticas.

Não tanto a sexualidade, mas o amor sexual é um tema amplamente explorado desde a Antiguidade, e sua apresentação é feita invariavelmente atrelada a Eros e à Paixão (Abbagnano, 2018), em uma referência, portanto, à dimensão do desejo. A lírica e os epigramas gregos, bem como a poesia homérica foram fontes dessa temática que surgiram já no século VIII a.C., presas ao molde do hexâmetro, que era também a forma poética elevada, usada para apresentações em diferentes contextos de cerimônias festivas (Malame, 1999). A poesia palatina foi permeada por erotismo tanto quanto por conflitos dramáticos gerados pelas disputas de poder, eles também em tom erótico, presentes em textos das aventuras clássicas contidas em Homero ou das disputas genealógicas de Hesíodo (Romilly, 2011).

O conflito da Razão e de Eros ou do Desejo sobre os sexos se estende ao teatro grego da comédia e da tragédia. Vê-se isso em fontes como as peças cômicas de Aristófanes, que satirizava as relações sexuais (homem-mulher, homem-homem) e a função da vida sexual para a sociedade grega (Malame, 1999). Também no apogeu romano representado pela *Eneida*, onde há o conflito bárbaro entre o desejo casto e o desejo orgástico (Romilly, 2011); em Roma, a relação entre o desejo do homem e o da mulher é desenvolvida em função apenas do desejo masculino e da liberdade atribuída ao homem, em detrimento da mulher (Cavicchioli, 2014). E, mesmo quando Dante, descendo ao Inferno, curiosamente guiado por Virgílio, passa a se interessar por tudo o que poderia ser terrivelmente perverso, mas que se torna interessante ou

até loucamente desejável (Blow, 1884).

De fato, até a contemporaneidade o *sexo* na história da filosofia ocidental recebe sempre um tratamento controverso (Russel, 1967a): para Pitágoras a diferença dos sexos não deve restringir a vida e, na verdade, o controle sobre a sexualidade é uma parte fundamental para pensar sua filosofia; mas Platão detrata a relação sexual e argumenta que o amor deve levar a algo maior ou melhor – como o divino – ou a objetos espirituais, ao invés do amor ao prazer carnal; e também é negativa a forma como Aristóteles trata essa influência sobre a sociedade; Epicuro, no entanto, fala dos prazeres e da necessidade do corpo como algo que inclusive merece ser ouvido e cultivado para que seja possível viver a maturidade.

Todos esses exemplos não seriam suficientes para descrever a presença do tema do desejo fora da modernidade, mas são uma demonstração da sua impossibilidade de exílio ou destruição. Mesmo na Idade Média, em meio a perseguições políticas e fogueiras da inquisição, são feitas e recitadas cantigas de amor (amor platônico) e escárnio (de sexualidade explícita e usada para o sarcasmo), como nos séculos XV e XVI presentes no *Cancioneiro Geral* português (Fernandes, 2011), até se chegar às obras da literatura moderna, nas quais os corpos, os sexos e as relações privadas ganham cada vez mais espaço e leitores (Novaes, 1990).

Os (teólogos) filósofos cristãos condenam o sexo. De tal modo que Agostinho (354-430) e Tomás de Aquino (1225-1274) argumentam que os prazeres são perigosos por dominar a todos; consideram que a libido, o desejo sexual e o sexo devem ser permitidos apenas no casamento e para a procriação (Russel, 1967b). Para Kant (2008), a relação sexual impede de satisfazer o imperativo categórico e, portanto, deve ser abandonada como inclinação humana.

No entanto, é apenas recentemente, na longa história do pensamento ocidental, que o *sexo* passa a receber a devida atenção, em primeiro lugar com Sigmund Freud (1856-1939) na psicanálise (sexologia e psiquiatria) e, em seguida, com Bertrand Russell (1872-1970) na filosofia (Abbagnano, 2018).

Enfim, com essas questões não se busca reduzir as condições de expressão da sexualidade ou as condições de existência do sexual. O que fica expresso é, antes, uma pluralidade de discursos que criam tensões sobre as condições linguísticas e culturais acerca da delimitação desse fenômeno bipartite.

1.2 DIREITOS HUMANOS E EDUCAÇÃO SEXUAL

Os Direitos Humanos constituem um ponto de partida para uma série de documentos e diretrizes nacionais e internacionais. No caso do Brasil, há destaque à Constituição (Brasil,

1988) que, em suas primeiras palavras, retoma a Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948). Assim, consta no Artigo 5° que "Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade" (Brasil, 1988). Esse trecho, retirado da Constituição atualizada de 1988, remete aos artigos 1°, 3° e 7° da Declaração Universal, como se pode observar:

> Artigo 1° Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade [...].
> Artigo 3° Todo indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal. [...]
> Artigo 7° Todos são iguais perante a lei e, sem distinção, têm direito a igual proteção da lei. Todos têm direito a proteção igual contra qualquer discriminação que viole a presente Declaração e contra qualquer incitamento a tal discriminação (ONU, 1948).

Além disso, a questão dos direitos humanos é reiteradamente recuperada ao longo do documento da Constituição, mostrando a importância dessas questões. Porém, muitos desafios socioeconômicos e culturais foram encontrados desde 1948 para a execução dos objetivos idealizados pelo documento ou pela própria ONU. Nesse sentido, o pesquisador Alekssey Di Piero (2019) problematiza os meios pelos quais essa busca foi realizada, dando destaque para a proposta da cidadania global.

Segundo o documento da Unesco (2016, p.11) *Educação para a cidadania global*, a cidadania global refere-se "ao sentimento de pertencer a uma comunidade mais ampla e a uma humanidade comum. Ela enfatiza a interdependência e a interconexão política, econômica, social e cultural entre os níveis local, nacional e global". Isso indica o retorno a uma questão central na Declaração ou na Constituição brasileira: a união entre as pessoas. Na atualidade essa importância se faz presente de diferentes formas, como aponta o filósofo Marshall McLuhan (1972) na ideia de aldeia global, que busca explicitar que o mundo se encontra cada vez mais interconectado, e as pessoas estão mais dependentes de relações globais e menos, daquelas presentes em suas localidades.

Portanto, torna-se coerente a proposta da ONU/Unesco de uma educação para a cidadania global (ECG) a partir da perspectiva de que os efeitos da globalização são uma condição que permeia as relações humanas hoje. Isso porque "[a] ECG visa a ser um fator de transformação ao desenvolver conhecimentos, habilidades, valores e atitudes que os alunos precisam para contribuir para um mundo mais inclusivo, justo e pacífico" (Unesco, 2016, p.12). Di Piero (2019) problematiza que, desde 1945, o mundo passa por um crescente número de

conflitos, que a proposta de pacificação global não somente tem fracassado em diversos locais do globo, como também o ultraconservadorismo e a radicalização ideológica, seja da esquerda ou da direita, vêm gerando problemas sócio-políticos de difícil resolução.

Por isso, Di Piero (2019) aponta ainda que a via democrática, em especial por meio da educação, é fundamental para uma forma mais pacífica de convívio global. O documento da Unesco (2016) define três dimensões conceituais de aprendizagem: Cognitiva, Socioemocional e Comportamental. No documento há um esforço de que as três estejam articuladas entre si, de modo que na prática de ensino-aprendizagem uma promova e ressignifique as demais. Entretanto, a Dimensão Socioemocional tem especial importância para o campo da educação sexual, à medida que corresponde à construção do "[s]entimento de pertencer a uma humanidade comum, que compartilhava valores, responsabilidades, empatia, solidariedade e respeito às diferenças e à diversidade" (Unesco, 2016, p.12).

Essa dimensão dá destaque à formação de atributos e define tópicos que correspondem aos atributos de: construção de "Compreensão e Valorização da diversidade"; de "Promoção do Autoconhecimento sobre a formação da sua própria identidade e das demais pessoas"; tudo isso a partir de conceitos científicos e da valorização da reflexão crítica (Unesco, 2016). Nesse sentido, o documento da Unesco dialoga diretamente com o que propõem os pesquisadores Ana Cláudia Bortolozzi e Paulo Rennes Marçal Ribeiro (2011, p.75-76), ao definirem Sexualidade e Educação Sexual como

> [...] um conceito amplo e histórico. Ela [a sexualidade] faz parte de todo ser humano e é representada de forma diversa dependendo da cultura e do momento histórico. A sexualidade humana tem componentes biológicos, psicológicos e sociais e ela se expressa em cada ser humano de modo particular, em sua subjetividade. Assim, as atitudes e valores, comportamentos e manifestações ligados à sexualidade que acompanham cada indivíduo desde o seu nascimento constituem os elementos básicos do processo que denominamos educação sexual.

A sexualidade para esses autores não apenas se relaciona com dimensões cognitivas, socioemocionais e comportamentais, como também com processos de socialização e educação que perpassam a história de vida de cada indivíduo. Uma Educação Sexual que possa ser pensada no ensino, livre de posições reducionistas, permite o amplo desenvolvimento de dimensões estratégicas para a construção de uma aldeia global possível e sustentável (Di Piero, 2019).

Não obstante, o documento da ONU traz uma série de países que buscam promover estratégias para a execução do projeto de cidadania global (Unesco, 2016). O Brasil, que

também é signatário dessa política, tem adotado o desenvolvimento de duas dessas propostas também por meio dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS): ODS 4 – Educação de qualidade e ODS 5 – Igualdade de Gênero (ODS, 2022). Como aponta Di Piero (2019), essa proposta está em diálogo com a Base Nacional Comum Curricular, revista em 2016; e o Plano Nacional de Educação 2014-2024. Em ambos os documentos há influência do trabalho elaborado na discussão dos ODS e principalmente da ECG. Ainda nesse sentido, Souza, Milani e Ribeiro (2020) defendem que a Educação Sexual entra nessa discussão por meio de uma relação profunda que ela possui na construção da cidadania, que é precedida pelo estabelecimento dos direitos humanos, os quais, por fim, estão em diálogo direto com a vida, o respeito, os direitos humanos, sexuais e reprodutivos.

1.3 O CAMINHO DAS DISCUSSÕES FREUDIANAS: CARTAS, DICIONÁRIOS E DEBATES

Sigmund Freud por diversas vezes (Freud, 1996e; 1996g; 1996u; Numberg e Federn, 2015) se preocupa com os efeitos que os traumas infantis oriundos da infância ou as memórias/fantasias infantis de sedução que surgiam para a consciência adulta podem ter para o desencadeamento de neuroses. Muitos são os caminhos adotados por ele, os quais passam pelo Diagrama Esquemático da Sexualidade (Masson, 1986) e pelo *Rascunho G. Melancolia* do período de sua correspondência com o médico Whilhelm Fliess. Esse modelo desenvolvido por Freud está em estreito diálogo com seu Projeto para Neurólogos e busca estabelecer uma relação entre excitação e tensão sexual com diferentes disposições psíquicas e a escolha dos objetos externos.

Entretanto, a dedicação de Freud ao estatuto sobre qual deve ser o lugar da sexualidade na clínica e na civilização segue múltiplos caminhos em sua obra e certamente é um de seus temas centrais em vida (Gay, 1989). Justamente, a sexualidade é um dos pontos fundamentais da teoria do inconsciente freudiano (Mezan, 1998) e, por isso, jamais poderá ser entendida apenas pela atividade sexual particular de um indivíduo, a partir desse referencial. Mesmo assim, é necessário reconhecer que, ao investigar a vida sexual de seus pacientes neuróticos, Freud encontra comportamentos sexuais comuns (como o coito interrompido) atrelados a pensamentos, os quais, ainda que diferentes, originam-se de culpa e angústia de indivíduos que, mais cedo ou mais tarde, acabam caindo doentes.

Por conta dessas preocupações, Freud defendeu que a psicanálise poderia contribuir

para a Educação Infantil, ou mais especificamente para seus educadores. Em 1907, ele e seus colegas, em uma de suas tradicionais discussões das quartas-feiras, levantam a pertinência de uma Educação Sexual para crianças e jovens (Masson, 2015). Muitas questões nessa noite são levantadas: que tipos de educação, quais idades e que objetivos esperar de uma educação contra os traumas sexuais. Essas ideias continuar com Freud (1996e) que, ao longo dos próximos anos, pensará nas condições de uma análise infantil, em diversas formas de orientar os pais a lidarem com a sexualidade de seus filhos e até em como a Educação poder se apropriar do conhecimento descoberto pela Psicanálise em prol da saúde dos indivíduos.

De fato, ele tem o mérito de trazer à cena da discussão elementos intrínsecos a qualquer debate sobre saúde, desenvolvimento e educação, tais como: sexualidade infantil, disposição perverso-polimorfa da sexualidade, libido, erotismo, diferença sexual, repressão sexual e o autoerotismo (Freud, 1996g; 1996k). E, inclusive, traz também um sentido novo ao que é considerado saudável e aceitável como fonte de prazer e satisfação, bem como o que é normal ou patológico, ao campo da sexualidade e a sua humanidade.

Porém, apesar da importância do tema para Freud, parece que esse também é um dos pontos mais polêmicos dentro de sua teoria e que leva diversos colegas a criticarem seus trabalhos e até a deixarem a sociedade por ele fundada em Viena (Mezan, 1998). É o caso contundente de Carl Jung, que defendeu a possibilidade de uma libido dessexualizada; ou de Wilhelm Reich, que pensa na sexualidade atrelada às bases econômicas da sociedade como pilares para a estruturação do sujeito, o que chama de economia-sexual; ou Otto Rank, que caracteriza de forma incoerente para Freud a origem sexual a partir da ideia de trauma do nascimento, quando na verdade ela está em uma origem até mesmo anterior. E, por meio de muitos outros interlocutores, Freud mantém aberto o debate com sua época, com psicanalistas, médicos, educadores, cientistas etc., sem nunca abrir mão da potência desse tema e de suas polêmicas.

Assim, a sexualidade e o sexual mostram-se como dimensões atestadamente importantes da experiência humana para Freud, seja porque sua reflexão constitui diferentes práticas, seja por ser a expressão de um elemento fundamental da subjetividade e vida humana, ou mesmo por estar ligada a grandes leis e tabus de diferentes culturas. Mas seria possível defini-las em Freud?

Para além da grande importância da sexualidade para a doutrina psicanalítica, também outros campos, como a filosofia, reconhecem essa importância (Abbagnano, 2018; Bachelard, 1996; Foucault, 2008; Lalande, 1993). E a dimensão daquilo que é o sexual e a sexualidade está na base da teoria e do método interpretativo freudiano (Laplanche; Pontalis, 1996;

Kaufmann, 1993). Segundo Roudinesco e Plon (1998, p.74), é devido a isso, em grande parte, que se difundiu a ideia de que os "psicanalistas dariam uma significação sexual a qualquer ato da vida, a qualquer gesto, qualquer palavra, o que levou os adversários de Sigmund Freud a fazerem de sua doutrina a expressão de um pansexualismo" Na realidade, isso não resume bem a temática, mas a localiza.

A ciência médica do século XIX tem na sexualidade uma questão prioritária para o entendimento da atividade humana. Tanto o campo jurídico como o psiquiátrico são responsáveis por essa propulsão, a qual tem sua expressão maior na criação do campo da Sexologia, *ciência biológica e natural do comportamento sexual*. Apesar de datada, na língua inglesa a partir de 1867 e na francesa em 1911, a sexologia foi uma disciplina explorada pela ciência alemã do século XIX (Richard von Krafft-Ebing, Albert Moll, Havelock Ellis, Magnus Hirschfeld e Ivan Bloch), da qual Freud é herdeiro e com a qual gera rupturas importantes para que possa chegar à constituição da própria clínica psicanalítica.

Nesse sentido, Roudinesco e Plon (1998, p.704) argumentam que Freud dá continuidade à sua época, porém, diferindo-se de seus pares, pois é "o único dentre eles a inventar não a prova do fenômeno sexual, mas uma nova conceituação, capaz de traduzir, nomear ou até construir essa prova". Por esses termos, a reorientação que ele dá à noção de sexualidade se mostra propriamente uma ruptura epistemológica, pois ele a estende para o campo psíquico inconsciente e cria a necessidade de entender como ela funciona nesse nível e como pode estar em relação com o biológico, o anatômico e o genital.

A doutrina freudiana da sexualidade pode ser pensada no percurso de sua obra na divisão feita em primeira e segunda tópicas (Mezan, 1998). Porém, antes dessa elaboração, Freud sofre influências importantes: as discussões sobre bissexualidade e a etiologia das neuroses com Wilhelm Fliess; a elaboração e a renúncia da teoria da sedução, que localiza a origem da neurose em uma experiência sexual precoce traumática; bem como o ensino e a supervisão por que passa junto a Martin Charcot e Josef Breuer. A despeito desse percurso prévio, embora não ocorra uma diferenciação clara sobre os diferentes campos que a sexualidade abrangeria, principalmente o mental e o biológico, no desenvolvimento da obra de Freud, nem por isso o tema da sexualidade se torna preterido em suas investigações e teorizações (Laplanche; Pontalis, 1996).

Além das grandes mudanças promovidas pelos estudos de Freud, ocorridas durante o século XX, é evidente que ele consegue colocar a sexualidade como um tema menos difícil ou controverso para ser socialmente debatido e investigado. Dessas dificuldades, também ele é vítima. Desse modo, pensar na importância, seja de seus primeiros estudos, como o grande

trabalho publicado junto com Josef Breuer, seja de tantos outros que ele realiza, é assumir as críticas feitas a Freud e as reformulações constantes que ele mesmo empreende ao longo de sua vida em toda a sua obra (Mezan, 2019).

Em 1898, Freud (1996a) já discute a necessidade de colocar a vida sexual no plano principal da discussão sobre a origem das neuroses, mas não mais por meio da condenação moral, que tem sido feita pelos colegas de sua época, marcando a necessidade da escuta do sujeito e modificando assim a forma de investigação médica. Em 1905, ele amplia a noção de sexualidade, levantando evidências sobre a sexualidade infantil e seu caráter perverso-polimorfo (Freud, 1996e). Introduz em 1914 a ideia de narcisismo, com a qual altera a economia libidinal diretamente (1996l), o que acarreta consequências até na formulação da segunda tópica (1996q), a partir da qual a discussão da sexualidade passa a permear a constituição mais ampla do sujeito, levando a discussões mais complexas como o estado da civilização ocidental (1996s) e a sexualidade feminina (1996t).

Porém, tais considerações de Freud repercutem no movimento psicanalítico, que até hoje realiza debates retomando a questão em prol de temas como a diferença sexual, o gênero e até a transexualidade (Roudinesco; Plon, 1998). A esse *corpus* ainda podem ser acrescidos os grandes casos clínicos freudianos (Ida Bauer, Gerbert Graf, Ernst Lanzer e Serguei Constantinovitch Pankejeff) e as discussões desenvolvidas no movimento psicanalítico desde então.

1.4 SEXUALIDADE E PSICANÁLISE: PERSPECTIVAS PRELIMINARES DA PESQUISA

A psicanálise, como uma das principais áreas vinculadas ao campo de estudos da sexualidade, tem muito a contribuir para áreas afins, pois permite uma compreensão profunda e sistemáticas do campo da sexualidade e das identidades, estando, por isso, apta a auxiliar na construção de atividades de ensino-aprendizagem que combatam discriminações e preconceitos. Assim, Freud, antes do século XX, já anunciava a importância da influência do sexual na vivência subjetiva e na vida social dos indivíduos. A ênfase dada por ele à repressão moral e à educação tem por objetivo problematizar que a sexualidade imposta pela família, pelo Estado e pela religião está atrelada às modalidades de adoecimento mental e conflitos nas relações pessoais e de trabalho. O que, por sua vez, leva à problematização de como a organização social está atrelada à constituição da sexualidade e, por conseguinte, à necessidade de uma investigação detalhada dos fundamentos do desenvolvimento sexual e das condições referentes ao entendimento da homossexualidade.

Com isso, pôde-se perceber a implicação da psicanálise em áreas de diálogo com os estudos sobre os efeitos sociais relacionados aos processos de adoecimento, de subjetivação e de constituição, os quais também se ligam à compreensão da sexualidade. Nesse sentido, já é possível observar como a psicanálise se relaciona com diretrizes internacionais. Segundo a Unesco (2014, p.54), educação sexual

> É toda e qualquer experiência de socialização vivida pelo indivíduo ao longo do seu ciclo vital, que lhe permita posicionar-se na esfera social da sexualidade. A educação em sexualidade está presente em todos os espaços de socialização: família, escola, igreja, pares, trabalho, mídia, mas ocorre de forma pulverizada, fragmentada e dissociada de um plano de sociedade inclusiva.

Quanto a essa experiência, Maia e Ribeiro (2010) definem que a educação sexual corresponde ao que se aprende sobre sexualidade ao longo de todo o desenvolvimento humano, em sua dimensão formal e informal. A educação sexual formal corresponde àquilo que é apresentado de forma sistemática nas escolas e instituições formadoras; ao passo que a educação sexual informal é aquela que é aprendida por meio do consumo de mídias e das relações sociais (Maia *et al*., 2012). Assim, tendo em vista que a sexualidade é formada em meio a discursos, imagens, meios de comunicação, leis, formas de consumo e processos de aprendizagem, Bortolozzi, Pastana e de Carvalho (2021) enfatizam a importância de processos educativos críticos para a promoção de um desenvolvimento saudável.

Papalia e Martorell (2021) também destacam que uma educação em sexualidade que abranja os temas de gênero, saúde e papéis sociais está ligada à formação das emoções, das identidades e das personalidades. Por outro lado, Whitaker (1995) problematiza a educação sexista, uma vez que ela fere a capacidade de desenvolvimento e autonomia, em vista de quatro fatores: 1. orientação espacial, acerca do direito de circulação e permanência; 2. autoestima e confiança, colocando o indivíduo em condição de vulnerabilidade; 3. aspirações e expansão do eu, limitando o desejo; e 4. habilidade e experiências, que limitam radicalmente o desenvolvimento.

Do mesmo modo, Werebe (1977) enfatiza que a educação sexual reúne processos, conscientes ou não, ligados ao “Desenvolvimento”. Já Rodrigues e Porchat (2018) estabelecem que uma pedagogização *queer* busca desconstruir preconceitos e enfatizam a psicanálise como uma proposta alinhada à desconstrução de idealizações que são adoecedoras e violentas para os indivíduos em formação.

Essas compreensões acerca da definição de educação sexual relacionam-se com o que Britzman (1995/1996) argumenta sobre a identidade sexual, colocando-a como uma construção

social contraditória e não finalizada. A autora enfatiza que uma pedagogia que busque lidar com esses elementos se esforça em

> […] to exceed such binary oppositions as the tolerant and the tolerated and the oppressed and the oppressor yet still hold onto an analysis of social difference that can account for how structural dynamics of subordination and subjection work at the level of the historical, the conceptual, the social, and the psychic (Britzman, 1995, p.164-165)[7].

Nesse sentido, Britzman (2018) enfatiza três modelos de educação sexual: a *normal*, a *crítica* e a que *ainda não é tolerada*. Sobre a primeira e a segunda, a autora diz que se trata, respectivamente, de uma perspectiva que condensa problemas sociais e que busca criticar, mas sem romper com os padrões morais vigentes. A terceira corresponde a uma educação que está além das concepções morais vigentes e é devedora de Freud, por ter estabelecido que a potência da constituição da sexualidade estaria além das regras vigentes na sociedade, mas influenciada por ela durante o desenvolvimento.

Nesse sentido, Furlani (2016) sistematizou oito modelos de educação sexual, quatro deles voltados para práticas conservadoras e opressoras: 1. Biológico-higienista; 2. Moral-tradicionalista; 3. Terapêutica; e 4. Religiosa-radical. Essas práticas possuem em comum o fato de reduzirem a expressão da sexualidade à sexualidade genital, à normatização da heterossexualidade e à patologização de outras formas de expressão de gênero e sexualidade, bem como à segregação da função social da mulher. Porém, as outras quatro estariam alinhadas à vigência moral dos direitos sociais: 1. Direitos humanos; 2. Direitos sexuais; 3. Emancipatória; 4. *Queer*. Tais abordagens, apesar de possuírem objetivos diferentes, estão alinhadas às diretrizes internacionais de saúde, educação e direitos humanos, e buscam garantir a formação da autonomia e o empoderamento dos indivíduos.

Britzman (2018) aponta que, inclusive na psicanálise, não é unânime o pensamento de uma sexualidade ampla e emancipada de padrões morais. Em relação a isso, ela critica seus contemporâneos – mesmo Anna Freud – que buscam "genitalizar" a função da sexualidade, ignorando a condição criativa do desejo humano, que na perspectiva de Freud é por natureza sexual.

Nesse sentido, Louro questiona o modo como a temática da sexualidade surge no contexto escolar:

> [...] a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se "despir". Desta

[7] "[...] ultrapassar oposições binárias como o tolerante e o tolerado e o oprimido e o opressor, mantendo, no entanto, uma análise da diferença social capaz de explicar como as dinâmicas estruturais de subordinação e sujeição operam nos níveis históricos, conceituais, sociais e psíquicos".

> forma, cabe-nos indagar[:] de que maneira esses temas são recebidos? De que forma estão sendo abordados temas relacionados a gênero e identidade sexual em sala de aula? (Louro, 1997, p.18).

A questão existencial colocada por Louro (1997) recupera argumentos foucaultianos de que a heteronormatividade se impõe como forma de ignorar o dispositivo de controle da sexualidade moderna pela junção de sexo-gênero-sexualidade. O argumento gira em torno da naturalização das relações heterossexuais por meio da patologização da homossexualidade. Maia (2009) levanta a diversidade sexual defendendo a não patologização da diversidade ao problematizar o silenciamento sexual presente até hoje na infância e nas pessoas com necessidades de inclusão social.

Por outro lado, Louro (2009) e Junqueira (2009) enfatizam a dimensão opressora e fatalista que a educação sexual não alinhada à diversidade e à autonomia pode promover no processo escolar e nas histórias singulares que as pessoas carregam. Ainda, Junqueira (2022), ao recuperar o contexto histórico e político em que se dão as discussões de Maia (2009), Louro (2009) e Junqueira (2009), revela a potência de questionamento que a educação sexual pode trazer à sociedade, vide a má qualificação que recebeu por meio da ideia de "ideologia de gênero", além do retrocesso de direitos sociais que acompanharam esse processo.

Assim, quando se pensa em Educação sexual, o que está em jogo é uma definição ampla de sexualidade. Desse modo, Ana Cláudia Bortolozzi Maia (2010, p.2) define a sexualidade como

> [...] um conceito abrangente, pois além da necessidade de considerar o modo como culturalmente se percebe e vive as práticas sexuais e suas representações, também é importante lembrar que ela se configura no indivíduo erotizado a partir de uma predisposição difusa e polimorfa que se amolda segundo as experiências individuais do sujeito, mediadas por valores, ideais e modelos culturais.

Assim, a revisão feita até este momento buscou delinear, pouco a pouco, as questões do *sexual* e da *sexualidade*, restando, ainda, delimitar aquela do *sujeito do inconsciente*. Ou seja, a noção de que há um campo próprio sobre a sexualidade que a psicanálise pode abordar, inclusive recaindo sobre o estatuto desta, mais próxima ao tesouro freudiano. Mas, quais as consequências de estabelecer um campo de signos e conceitos próprio à psicanálise dentro do campo da Educação Sexual? Muitas perguntas, para além do que este trabalho pode responder, entram em jogo.

Acerca do sexual e das formas do inconsciente, que se dispõem unicamente no campo discursivo – da justa palavra –, além da clínica e da queixa, é possível apenas depreender essa dimensão das significações e contradições, acompanhando avanços e retrocessos sobre a letra,

onde se encontram aqueles termos em sua relação com o inconsciente. Nesse contexto, esta dissertação de orientação psicanalítica busca abordar o sexual e a sexualidade como indissociáveis do inconsciente, procurando abordá-los, no entanto, pelo viés de suas representações possíveis no intuito de explorar as suas diferentes perspectivas e mesmo as suas relações interdisciplinares com as ciências humanas, a educação e em especial a Educação sexual.

A psicanálise de Freud, fundada na experiência da linguagem de análise e enredada pela temática da memória, dá reconhecimento à temática da sexualidade e, graças a ela, consegue avançar sobre a questão do inconsciente, mesmo que às vezes de forma mais científica, às vezes de forma mais literária.

Este trabalho pretendeu, então, revelar uma perspectiva particular, cuja exploração psicanalítica acaba por exigir um estudo criterioso, conduzido no limite das contribuições de disciplinas correlatas, para a delimitação nocional dos termos *sexual* e *sexualidade*. Com efeito, é imprescindível observar que repensar um termo ou outro da língua comum, os quais, à força do uso, tenham perdido seu alcance, acarreta uma maneira de proceder distinta do estabelecimento de suas conceituações, ainda que o trabalho realize mais um tipo de reabilitação do termo e mesmo que se parta de termos fundados em outra língua. Porém, para a psicanálise, desde sempre, pensar não pode ter lugar senão no seio de um dispositivo em que a alteridade desempenha seu papel crucial e, com isso, as contribuições aqui desenvolvidas encontram sua pertinência à medida que revitalizam e convidam as ideias para o debate.

Assim, o estudo proposto trata de uma diferenciação pouco formalizada, porém, baseada em princípios de teorização de ordem prioritária para a psicanálise. A realização deste trabalho, que objetiva chegar a delimitações para a dimensão do *sexual* e da *sexualidade*, pode iluminar noções que se mostram estruturais para esse campo de estudos e suas áreas afins. Por isso, ao considerar a obra freudiana tomando-a como discurso – e, portanto, objeto –, chega-se à possibilidade de investigação desses conceitos por meio da sua historicização (Foucault, 2008; Fernandes, 2012).

A psicanálise é um campo teórico sólido de investigações e práticas clínicas. Já a educação sexual é um campo ainda em construção, cujas propostas de pesquisa, intervenções e políticas públicas baseiam-se em diferentes referenciais teóricos e metodológicos. Nesse contexto, a interseção entre essas contribuições se mostra importante para as discussões entre os psicanalistas, tanto quanto entre os diversos profissionais que atuam na educação sexual.

Pensando que na área da educação sexual o lugar da sexualidade ocupa parte da integridade humana, tal como enfatizam a Constituição brasileira e os direitos sexuais e

reprodutivos (Souza; Milani; Ribeiro, 2020), o problema de pesquisa que nos surge é pensar esses conceitos a partir da obra de Freud.

Diante do exposto, este estudo teve como objetivo geral identificar, descrever e analisar as noções de *sexual* e de *sexualidade* na obra freudiana, as quais, para além da própria psicanálise, são estruturais para pensar as condições em que se formulam propostas teóricas, viabilizando a consolidação de um pensamento crítico em áreas como educação, saúde e mesmo em políticas públicas. Mais especificamente, pretendeu-se:

- Localizar as passagens textuais nas quais, direta ou indiretamente, Freud trata sobre o *sexual* e a *sexualidade*;
- Delimitar os temas relacionados com as noções de *sexual* e *sexualidade*, a partir das passagens identificadas nessa obra;
- Identificar as diferentes perspectivas de ambas as noções, a partir dos textos freudianos, buscando estabelecer relações de semelhança e diferença entre ambas as noções e seus desenvolvimentos na obra.

Note-se que esses objetivos, resumidos em *localizar*, *delimitar* e *identificar*, focam em estabelecer conteúdos e contextos relacionados às noções de *sexual* e de *sexualidade* na obra de Freud. Eles permitem avanços em dois sentidos diferentes em relação ao campo de estudos sobre sexualidade, educação sexual e mesmo na área da psicanálise, sendo um imediato e outro mais posterior. O primeiro deles, o imediato, permite um olhar transversal sobre os usos e os temas envolvidos com o *sexual* e a *sexualidade* nessa obra; além de uma introdução aos principais temas e conceitos que envolvem essas noções.

O segundo avanço, o mais posterior, permite o estudo de diferentes formas por meio do material desenvolvido nesta pesquisa. Nesse sentido, poderiam ser feitas pesquisas que busquem aprofundar os usos específicos por meio dos sintagmas; que relacionem temas; que comparem os termos levantados com outras traduções e até com o uso original. Também, poderiam ser refeitos os temas, levando em consideração diferentes critérios, sejam da própria Análise do Discurso (AD) ou da Psicanálise, para avaliar a validade dos temas levantados na presente análise. Além disso, as categorias construídas podem ser debatidas com estudos da Psicanálise e de outras áreas como a Educação Sexual.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

2.1 NATUREZA DA PESQUISA

Esta pesquisa tem um delineamento qualitativo, de natureza descritivo-exploratória (Sampieri; Collado; Lucio, 2006). Caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica que trabalha aspectos teórico-conceituais (Gil, 2002), fundamentada sobre os estudos em análise do discurso (Bardin, 2016; Courtine, 2009; Krieg-Planque, 2010) e, mais especificamente, a partir da vertente foucaultiana, que busca dar um caráter histórico-arqueológico para essa disciplina que se desdobra em uma metodologia (Foucault, 2008; Gregolin, 2004).

Como afirma Orlandi (2005) a construção de um aparato teórico e metodológico só é possível a partir da revisão de bibliografia. Assim, a revisão de literatura não é apenas o resultado de uma pesquisa ou aquilo que ajuda a construir uma introdução de um projeto, dissertação ou tese. Ela serve sobretudo para a construção de um tema de pesquisa, para a compreensão e o aprofundamento do que é o seu objeto, todos eles elementos fundamentais para o seu desenvolvimento.

No momento da elaboração da metodologia é necessário, portanto, reconstruir a teoria que a fundamenta, ou seja, identificar *como* e *por que* o objeto escolhido pode ser abordado e de que modo isso será realizado. Não se busca fazer um trabalho de retórica sobre epistemologia, mas, como afirma Gérard Lebrun (2006), a construção de uma boa prática. O estudo da metodologia é um sinal de saúde para as ciências, que aponta para um espaço de reflexão epistemológica onde o principal é a possibilidade de questionamentos. Desse modo, o que já foi constituído e o que se segue é uma pormenorização dos problemas científicos levantados ao longo do desenvolvimento das análises e da construção do problema de pesquisa.

2.2 OBJETO DE ANÁLISE: A OBRA DE FREUD

A obra freudiana passou pelo crivo de diversos críticos em nível internacional, os quais discutiram desde as concepções pessoais e formativas de Freud frente a seus textos (Gay, 1989) até as divergências entre os textos originais e aqueles disseminados em suas traduções, principalmente em inglês (Bettelheim, 1983). No Brasil, a obra teve grande repercussão e atualmente é objeto de diferentes projetos de pesquisa e editoriais. Estes visam novas traduções,

formulações e interpretações da obra freudiana em busca do que seria o sentido original construído por ele, seja de seu estilo ou do sentido de sua transmissão (Souza, 2010; Tavares, 2011).

A *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* surge no Brasil em um contexto similar ao dos países anglo-saxões: há menos traduções, mas as edições se seguem sem uniformidade de estilo, em razão de diversos interesses editoriais e pessoais. Esse é o caso da versão mais completa anterior à década de 1960, promovida pela editora Delta, que já havia organizado uma tradução das obras completas antes de projetos maiores, mas sem realizar uma tradução diretamente do alemão e nem mesmo de uma só língua, mas sim, do espanhol, francês e inglês (Souza, 2010).

A tradução da editora Imago, organizada pela Sociedade Brasileira de Psicanálise e principalmente conhecida pela liderança editorial de Jayme Salomão, foi feita a partir da edição *Standard* inglesa. "A chamada edição *Standard* das obras psicológicas completas de Freud, publicada na Inglaterra entre 1955 e 1974, constitui um dos mais formidáveis empreendimentos intelectuais de nossa época" (Souza, 2010, p.83). Essa edição – coordenada pelo grupo Ernest Jones, Anna Freud, James Strachey e Alix Strachey – possui uma particularidade em relação às outras, pois carrega a insígnia "standard", que no português poderia ser traduzido como "forma suficiente", "padrão" / "padronização" ou "modelo".

Essa é a principal tradução acompanhada por Freud em vida. A edição *standard* inglesa tem o grande mérito de produzir uma uniformidade terminológica e estilística, a ponto de se tornar a versão mais utilizada no mundo inteiro, além de constituir um vocabulário freudiano de uso corrente por apoiadores, críticos e estudiosos sem precedentes (Souza, 2010). Entretanto, Paulo César de Souza (2010) ressalta o problema da imperfectibilidade das traduções e sua impossibilidade. Pedro Heliodoro Tavares (2011) destaca que a marca "standard" não deve ser tomada como em tempos passados, como a porta-voz da experiência freudiana; e, segundo Roudinesco e Plon (1998), o original acabou por ser relegado a um estado inferior à tradução dos Strachey. Por isso, os autores destacam que uma tradução que pretenda ser parâmetro parece algo, no mínimo, pretensioso, mas principalmente desnecessário.

Além da edição Imago, existem outras sendo desenvolvidas hoje em dia, como a encabeçada por Paulo César de Souza, pela Companhia das Letras; o projeto de Gilson Gianini, pela Autêntica; e as edições avulsas produzidas pela LPM, pela Hedra e mesmo algumas versões paralelas à edição *standard* da própria Imago. No entanto, a mais antiga edição estabelecida em português e que possui mais críticas é a da Imago, tanto para a tradução em português, como para original em inglês, sendo até hoje a mais utilizada em pesquisas (Souza,

1989; Tavares, 2011). Porém, isso não extingue o problema da leitura e da interpretação da letra freudiana.

Nesse sentido, mas ainda sem tentar encontrar uma solução definitiva para os problemas tradutológicos, o objeto dessa pesquisa se deu através de duas escolhas: uma tradução mais tradicional e consolidada, no caso a da editora Imago, e uma edição para cotejo. Para a segunda, escolheu-se a edição de Luis López-Ballesteros y de Torres, estabelecida em espanhol, pela editora Madrid. Essa edição, diferentemente de outras como a inglesa da Hogarth Press ou a espanhola da Amorrortu Editores – que se destacam por serem conceitual e tecnicamente mais trabalhadas –, valoriza o estilo freudiano sem abandonar o compromisso com o campo psicanalítico (Tavares, 2011).

A tradução de Ballesteros apresenta duas vantagens ao pesquisador: a primeira está ligada à língua, pois, para o pesquisador brasileiro, a versão espanhola possui uma proximidade linguística maior do que as demais traduções disponíveis em outros idiomas e, em segundo lugar, a validade político-institucional dessa tradução (Tavares, 2011). Não apenas Ballesteros trabalhou juntamente no projeto com José Ortega y Gasset como dialogou diretamente com Freud, o qual reconhecia a importância e a validade do trabalho conduzido pelo grupo espanhol. Além disso, a preferência pela linha do sentido em detrimento de um dito rigor conceitual dá destaque para elementos fortemente defendidos por Freud, os quais é necessário observar sempre que se parte de um ponto de vista psicanalítico.

Além disso, nossa escolha da obra de Freud estabelecida em português pela editora Imago se deveu também ao valor histórico que a edição possui (Tavares, 2011). Porém, para fins de comparação e cotejamento, com vistas a solucionar problemas que possam surgir referentes à tradução do texto original, foram utilizadas as edições em espanhol, estabelecidas pela editora Madrid (Freud, 1973a, 1973b, 1973c).

Assim, a seleção foi feita a partir da identificação de passagens textuais que tratam de forma direta ou indireta as noções de *sexual* e *sexualidade* nos 21 volumes da obra de Freud publicada pela Imago. Excetuam-se o primeiro, o segundo e o vigésimo quarto volumes, que correspondem a textos escritos anteriormente à fundação da psicanálise por Freud (Bettelheim, 1983), e o último volume, que corresponde a um trabalho organizado por Ernest Jones e James Strachey para produzir um índice complementar à obra; ambos os volumes, apesar de considerados dentro da pesquisa, foram trabalhados fora do objeto, tendo sido usados à guisa de introdução do problema levantado.

Além disso, foram utilizados diversos tipos de fontes (digitais e impressas) para a delimitação dessas duas noções em busca de constituir uma visão que pudesse ser, além de

específica, também abrangente sobre as questões freudianas obtidas durante a pesquisa. Para tanto, destaca-se a importância do uso de dicionários específicos e gerais, tais como:

- *Dicionário enciclopédico de Psicanálise – O legado de Freud e Lacan*, de Pierre Kaufmann (1993);
- *Vocabulário de Psicanálise*, de Laplanche e Pontalis (1996);
- *Dicionário de Psicanálise*, de Michel Plon e Elisabeth Roudinesco (1998);
- *Dicionário comentado do alemão de Freud*, de Luiz Alberto Hanns (1996);
- *Vocabulário técnico e crítico de filosofia*, de André Lalande (1993);
- *Dicionário de Filosofia*, de Nicola Abbagnano (2018);
- *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Houaiss *et al*., 2019);
- *Diccionario de la lengua española*, com a última atualização de 2020 (DLE, 2021);

2.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

A presente pesquisa leva em conta a leitura do pesquisador, que tem formação em Psicologia e Psicanálise, bem como experiência em pesquisa nas áreas de estudo de Psicanálise e Análise do Discurso. E, para executar o tratamento crítico aos textos de Freud e realizar a análise exploratório-descritiva do *corpus* constituído, os procedimentos foram realizados em quatro etapas:

Etapa 1: Leitura e identificação de passagens, conceitos, ideias e noções que se articulam às duas dimensões pesquisadas (*sexual* e *sexualidade*) presentes nos textos de Freud, estabelecidos em português pela editora Imago;

Etapa 2: Organização de um documento anexo, um apêndice, constituído por uma compilação das citações do texto freudiano, organizada por volume. Essa compilação traz, junto aos sintagmas *sexual* e *sexualidade*, um conjunto de texto, anterior e posterior a cada ocorrência do termo, fornecendo, assim, um contexto mínimo para a compreensão da ideia ali exposta por Freud;

Etapa 3: Descrição do material coletado na Etapa 2, dividido segundo os textos de Freud, fazendo um quadro de sintagmas e temas. Nesse quadro, foram consideradas semelhanças e diferenças para a apresentação dos sintagmas de forma a respeitar aproximações semânticas e epistemológicas;

Etapa 4: Organização das dimensões de *sexual* e de *sexualidade* por meio da construção de formações discursivas acerca das noções estudadas a fim de permitir um olhar mais conceitual que articule os diferentes textos de cada um dos volumes, de forma temática em

relação ao *corpus* estudado (a obra). de modo a construir categorias e levantar hipóteses sobre o estudo. À medida que foram definidas as formações discursivas sobre os volumes, os temas gerais foram sendo construídas, tomando-se o cuidado de cotejar as passagens mais significativas com a versão em espanhol para observação e comparação do sentido construído pelo pesquisador. Nesse sentido, essa etapa não só privilegiou o uso da análise de conteúdo, por meio das categorias temáticas mutuamente excludentes, como também da análise de discurso, a qual se fez presente pela forma como os dados foram observados. Além disso, a construção das categorias privilegiou tanto a leitura do já mencionado Apêndice, como a observação dos sintagmas e temas, mostrando-se um procedimento de levantamento de intertextualidade que é característico da análise de discurso, especificamente em prol de construir formações discursivas, que nessa etapa culminaram com as categorias temáticas.

2.3.1 Problemas teórico-metodológicos: a escolha do objeto

A presente pesquisa, além da AD, parte de um fundamento calcado na psicanálise e extrínseco à AD e à AC (Análise de Conteúdo). Como já foi demonstrado por Joël Dor (1989), a psicanálise lacaniana executa seu retorno e sua filiação a Freud por meio de dois elementos teóricos: a *transferência* e a *linguagem* como fundamento da experiência do inconsciente. Portanto, chega-se a um ponto em comum entre psicanálise e análise de discurso, qual seja o de que toda análise se faz possível mediante a materialidade discursiva do fenômeno da linguagem, sendo esta uma das bases da transferência.

Apesar de existirem diferentes formas de proceder a respeito da materialidade da linguagem, é fato histórico e discursivo que a fundação do ensino de Lacan se deu sobre um ato designado como *retorno a Freud* (Marini, 1990). Quando marca essa questão, Lacan (1998) está em busca do resgate daquilo que via como pertinente em Freud: sua experiência com o inconsciente, pois, para o psicanalista francês, seria isso que havia justamente fundado a psicanálise. “Esta referência freudiana é, antes de mais nada, referência a um certo modo de apreensão e de intelecção do inconsciente e, ao mesmo tempo, a um certo tipo de prática codificada em relação a um princípio de investigação” (Dor, 1989, p.11). Portanto, compreendidos historicamente o esquecimento e a descaracterização que a obra de Freud sofreu por outros movimentos internos à psicanálise, pode-se, então, vislumbrar parte da importância e da autenticidade da psicanálise lacaniana (Roudinesco; Plon, 1998).

Então, para Lacan, o *corpus freudiano* é um tesouro de dois acontecimentos: a transferência e a dimensão psíquica da linguagem. Joël Dor assim resume esses dois pontos:

> É no registro da análise da transferência que se desdobrará a prática analítica, no sentido de que ali reside o espaço operatório onde o paciente pode ser convocado à investigação de seu próprio inconsciente e, por conseguinte, pode ver-se o mais seguramente confrontado com a questão de seu desejo. [...]
>
> O inconsciente é estruturado como uma linguagem. Pode-se mesmo tomar esta hipótese como a mais fundamental para toda a elaboração teórica lacaniana, na medida em que esta proposição pressupõe e encarna o sentido do retorno a Freud que Lacan não cessou de indicar desde o início de seu ensino (Dor, 1989, p.12-13).

Com isso, seria arriscado dizer que se chega a uma perspectiva mais próxima da de Freud, porém traz o interlocutor mais próximo do seu tesouro de significantes. Uma compreensão que considere a perspectiva lacaniana da busca pelo desejo (Lacan, 1998), sobretudo em sua manifestação como palavra – logo, no significante –, é uma forma avisada de encontrar as contradições interpretativas presentes na obra freudiana, talvez nem sempre advertida, mas que permite, a partir de um *retorno*, a construção de novas perspectivas sobre um discurso já secular.

Por outro lado, seguindo pela materialidade da linguagem presente no discurso, agora a partir da perspectiva da AD, é necessário destacar dois conceitos: homogeneidade e representatividade do *corpus* (Pêcheux, 1990). Ambos dialogam entre si, pois são complementares: a homogeneidade rege a necessidade do *corpus* em ter algo que o una, por mais diferentes que possam ser as origens discursivas dos *corpora* constituídos (conjunto de *corpus* que constituem a base de onde seguem as análises próprias da AD); e a representatividade, por sua vez, retoma a necessidade de que aqueles discursos tenham relevância para o tema tratado.

Nesse sentido, é preciso explicitar os fundamentos do *corpus* constituído para esta pesquisa. Em um primeiro momento, empregou-se a estratégia do linguista Patrick Charaudeau (2011), que diferencia língua-discurso, texto-discurso e texto-contexto, conceitos estes explicados a seguir.

Segundo Charaudeau (2011, p.4), a língua corresponde a sistemas de combinações "em redes de relações entre unidades mínimas segundo regras", que se dividem em unidades fonológicas, morfológicas e semânticas por meio de diferenças e semelhanças. Já o discurso, sobretudo a categoria mais significativa, corresponde a uma dimensão sobre modos de uso, estruturação e mesmo tipos de uso da fala, sem, no entanto, se prender ao nível da frase; de outro modo, o enunciado é a divisão possível dentro do nível discursivo e que não pertence

necessariamente a uma mesma fonte para se vincular entre si e formar um discurso homogêneo (Charaudeau; Maingueneau, 2004).

O texto, de outro modo, não é o discurso. Porém, funciona com ele de forma complementar. Assim diz Charaudeau (2011, p.6):

> O discurso não é o texto, mas ele é carreado por textos. O discurso é um percurso de significância que se acha inscrito num texto, e que depende de suas condições de produção e dos locutores que o produzem e o interpretam. Um mesmo texto é então portador de diversos discursos e um mesmo discurso pode impregnar textos diferentes.

Assim, abre-se a questão de quais discursos escolher na formação de um *corpus* de análise, ou seja, a liberdade que é a construção do arquivo, agora precisa ser explicitada.

Charaudeau (2011) aponta que a importância do conceito de arquivo reside em levantar explicitamente as relações interdiscursivas presentes, as escolhas institucionais e o valor do discurso fundador, dimensões que, em uma análise ingênua, resistem à significação, mas que são parte do trabalho de uma pesquisa em AD. A aproximação da noção de arquivo traz novos problemas e aproxima a pesquisa da posição de Eni Orlandi (2006, p.23), que o define como

> [...] memória de arquivo, esta representa o discurso documental, a memória institucionalizada que é aquela justamente que fica disponível, arquivada em nossas instituições e da qual não esquecemos. A ela temos acesso, basta para isso consultar os arquivos onde ela está representada.

A dimensão do arquivo explicita dimensões fundamentais para a construção do *corpus*, a qual corresponde às relações de poder e às formações ideológicas. Como a filiação com a AD aqui é de inspiração foucaultiana, pensa-se nas relações de poder como resistências de significação nos enunciados, ou seja, o interdiscurso que nessa pesquisa se buscou explicitar abrindo diálogos e relações entre os textos de Freud. Assim o é também para Charaudeau (2011, p.7-8), o que se percebe quando ele define a importância do contexto para a análise do discurso

> Trata-se do aspecto que concerne, nas condições de produção, não somente aos pressupostos de posicionamento interdiscursivo (pressupostos ideológicos, segundo alguns autores), mas também ao condicionamento da própria situação de comunicação: a natureza da identidade dos parceiros do ato de linguagem, a finalidade da situação, os dispositivos e as circunstâncias materiais desta última.

Resumindo, o *corpus* depende de três elementos: 1. a base linguística (significantes) na qual ele está materialmente alicerçado (o vocabulário) e a qual depende da língua; 2. o campo interdiscursivo, formado por enunciados, textos e arquivos que permitem formar diferentes

discursos; e 3. o contexto, sem o qual toda a pesquisa poderia correr o risco de perder-se, uma vez que uma formação discursiva só pode ser feita na relação que um discurso estabelece com o outro e à medida que, nessas formações, são explicitadas as correntes de poder e resistência de sentido.

Embora não sejam congruentes em suas formas de análise, psicanálise e AD consideram a relação que o investigador tem com o discurso que escolhe, como observado no movimento de Lacan com Freud. Além disso, consideram a materialidade do inconsciente a partir daquilo que pode ser dito e do não dito em cada discurso. Portanto, levando em conta as diferenças epistemológicas entre os dois campos, buscou-se, por meio de princípios comuns, fazer dialogarem entre si os resultados possíveis desta pesquisa levando em conta a especificidade e importância para a obra de Freud e a sistematização dos resultados encontrados pela AD.

2.3.2 Problemas teórico-metodológicos: fundamentos e procedimentos teóricos da análise dos dados

Desse modo, buscou-se em um primeiro momento proceder a uma identificação de passagens de texto que trazem os termos sexual e sexualidade na obra de Freud. Na sequência, foram identificados os temas que abarcam as dimensões desses termos. Para tanto, utilizou-se para o tratamento dos dados coletados a AC e a AD em conjunção.

Vale ressaltar que a AC e a AD são métodos de análise diferentes, porém não excludentes. Além disso, o pesquisador Sebastião Josué Votre (2019) assinala que ambos correspondem a correntes que participam do grande campo da *análise do discurso*[8]: enquanto a AC tem origem na análise de discurso inglesa, que se estendeu para França e Brasil principalmente sob influência de Laurence Bardin (2016); a chamada AD surge na França, entre as décadas de 1960 e 1970 (Orlandi, 2006), sob a influência de Michel Pêcheux (1990) e Michel Foucault (2008), endo chegado ao Brasil principalmente com os trabalhos de Eni Puccinelli Orlandi (2005) e Maria do Rosário Valencise Gregolin (2004). A AC se utiliza tanto de métodos qualitativos como quantitativos, ao passo que a AD apenas trabalha aspectos qualitativos dos dados.

Nesta pesquisa, a AC utilizada partiu das categorias temáticas. Segundo Bardin (2016), a análise temática consiste em três grandes etapas: 1. a pré-análise; 2. a exploração do material;

[8] Sebastião Josué Votré (2019) indica que Análise *do* Discurso se refere ao campo de saberes que reúnem diferentes teorias para a análise *de* discurso, distinção esta seguida no presente trabalho para uma maior objetividade de escrita metodológica.

e 3. o tratamento dos resultados e interpretação. Ou seja, a AC, nesse sentido, concerne a

> Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (Bardin, 2016, p.48).

Nesse sentido, a AC pode ser considerada uma forma de preparação do material analisado (*corpus*). Por meio da enumeração e da tematização advém um tratamento prévio para a forma e o conteúdo, o que é de fundamental importância para a AD, que possui um tratamento exclusivamente qualitativo, baseado na construção do sentido, possível apenas por esse tratamento empírico dado ao *corpus* de análise (Charaudeau, 2004).

A análise do discurso de inspiração foucaultiana, a AD, também chamada de análise arqueológica ou arqueogenealogia (Gregolin, 2004), "trabalha com textos produzidos em determinado tempo e lugar e contribui para identificar as construções sociais que orientam as práticas dos sujeitos e seus modos de convivência" (Votre, 2019, p.60). Porém, essas construções não são descrições de observação do fenômeno, elas dependem do tratamento dado ao *corpus* e posteriormente às formações discursivas que disso se originam. As formações discursivas são a aglomeração, homogeneização da heterogeneidade de instituições e contradições possíveis de serem feitas sobre os discursos (Courtine, 2009).

A AD é, portanto, uma disciplina heurística e hermenêutica (Orlandi, 2005). A forma da interpretação é, então, o grande foco, pois sua realização depende do esforço de observação não ingênua e não apaziguadora do intérprete; são essas as formações discursivas, como afirma o historiador Jean-Jacques Courtine (2009). Apesar de realizar a homogeneização do *corpus*, transformando-o em arquivo, esse procedimento não busca encerrar as contradições ou esconder as resistências de significação, que eram fundamentais para a própria constituição dos discursos que são analisados. Por isso, neste trabalho foi feita a construção de um documento com as citações, apresentado como Apêndice, e que se constituiu como *corpus* final para a análise e extração de dados. Então os resumos dos sintagmas relativos às passagens dos textos de Freud e a descrição dos textos por volume buscam ser o que Michel Foucault (2008) chama de preparação do *corpus*, ao passo que a descrição dos textos e a tematização dos volumes e da obra correspondem às formações discursivas, que serão identificadas, colhidas e analisadas por meio dos procedimentos da AC e dos princípios da AD destacados: homogeneização e aglomeração. Assim, AC e a AD podem ser trabalhadas em conjunto, apesar de, como já dissemos, não corresponderem a disciplinas e métodos congruentes.

A definição do *corpus* possui uma posição central no campo da AD. Uma pesquisa que se proponha a trabalhar com *corpus* de pesquisa a partir dela necessita explicitar *como* e *por que* foi definida a construção do *corpus* que origina o objeto de pesquisa. Isso porque não existe um objeto que prescinde de *corpus*, uma vez que o *corpus*, ou no seu conjunto *corpora*, é formado por diferentes discursos e textos (Charaudeau, 2011).

Nesse sentido, o presente método buscou estruturar as categorias emergentes em função do *corpora* freudiano a partir do que Michel Foucault (1988) estabelece como estruturante do dispositivo das formações discursivas: o *dito* e o *não dito* como procedimentos de construção e análise. Para tanto, o *corpus* foi feito a partir de uma primeira leitura dos 21 volumes selecionados e deles, com ajuda do material digitalizado, foram marcadas as expressões mínimas de sentido (sintagmas em geral e algumas frases) relativas ao uso de *sexual*, *sexualidade*, variações sufixais e prefixais, como: *sensualidade*, *homossexualidade*, *heterossexualidade*, *pansexualidade* e outras eventualmente encontradas; bem como todas as variações de plural.

Em seguida, foi realizada uma segunda leitura no mesmo material digitalizado, de onde foram destacados os trechos que contêm os termos e expressões marcados. Em seguida, foi organizado o documento, apresentado como Apêndice a esta dissertação, composto pelas passagens identificadas e trazidas como citações diretas. Ele é dividido conforme os volumes e textos individuais de Freud; apenas quando se julgou necessário, um mesmo texto foi apresentado com suas divisões internas originais; em alguns volumes há a seção breves escritos. Esses textos foram apresentados individualmente para que se mantivesse o título deles presente no apêndice para consulta direta. O motivo para esse critério de apresentação do texto em partes foi a multiplicidade de temas neles desenvolvidos relativos ao objeto de investigação, pois entendeu-se que uma simples aglomeração dos excertos tenderia a comprometer o princípio de heterogeneidade do *corpus* em prol de uma homogeneização demasiadamente desnecessária.

O procedimento seguinte foi a construção de uma sumarização temática das expressões mínimas de sentido (sintagmas e eventualmente frases), para a qual foram seguidos os seguintes critérios: utilização da expressão igual ao uso encontrado; aglomeração do singular e do plural; quando os dois são encontrados, se mantêm no singular, e quando o uso aparece apenas no plural, este é mantido para ser apresentado; todas as expressões apresentadas seguem uma ordem temática em relação ao conteúdo e o sentido encontrados no texto; e todas apresentam paginação relativa à obra original em referência.

Por fim, foram construídas as categorias temáticas, que representam as formações discursivas. A elaboração dessa análise foi feita em função das leituras previamente realizadas

e da leitura das citações. Não foi utilizado um critério cronológico e histórico para o entendimento da obra como determinante, apesar de os mesmos terem sido respeitados para garantir uma regularidade epistemológica com o campo de conhecimento psicanalítico. Ao invés disso, o que determinou a formação das categorias foram a presença dos termos-chave e as relações intertextuais constantes no material coletado, de modo a constituir temas que se espera sejam idiossincráticos para a abordagem do tema do sexual e da sexualidade na obra de Freud. Na escrita dessas categorias, utilizou-se itálico para destacar noções e conceitos importantes para o material levantado e recorreu-se a aspas para enfatizar os usos sobre o sexual, a sexualidade e suas variações.

Dessa forma, a análise arqueológica do discurso por AD permitiu, tal como se prevê nos objetivos e etapas de análise, desvelar mais precisamente os caminhos e descaminhos do que se lê sobre sexo e *sexualidade* na obra de Sigmund Freud.

Nesse sentido, a pesquisa precisou encontrar soluções tanto teóricas quanto de análise para seguir os objetivos levantados. A problematização do estatuto da obra freudiana, os conceitos de *obra*, *autor* e de *abertura* a seguir serão desenvolvidos com mais detalhamento o *como* e o *porquê* relacionados à seleção do *corpus* desta pesquisa, de modo a constituí-lo em sua forma completa: material, conceitual, metodológica.

2.3.3 Problemas teórico-metodológicos: do *corpus* para a abertura, a obra e o autor

"Que importa quem fala?" É desse aforismo de Beckett que parte Foucault (2009) para questionar o funcionamento da função do autor e da obra. Desse modo, engendra uma crítica à formação dos discursos que constituem uma obra, abrindo, dessa forma, a problemática de que o nome próprio não é suficiente para validar a autoria. Para tanto, parte dos exemplos de Homero e Aristóteles como paradigmas da transdiscursividade antiga, mas, com isso, chega ao problema de como definir a obra de Nietzsche, Marx e mesmo a de Freud. Assim, diz Foucault (2009, p.269): "'O que é uma obra? O que é, pois, essa curiosa unidade que se designa com o nome obra? De quais elementos ela se compõe? Uma obra não é aquilo que é escrito por aquele que é um autor?' Vemos as dificuldades surgirem".

Pensar no discurso da obra freudiana traz o alarme de se propor *mais um* revisionismo: poderia ser uma espécie de caça às bruxas que busca acabar com os fantasmas ditos ultrapassados; ou uma pandemia de interpretações, neologismos freudianos armados contra a própria psicanálise. Porém, nada disso é o que se propõe aqui. Como já dito, segue-se acompanhando o caminho do *retorno a Freud* ditado por Jacques Lacan (1998), no ensino de

seus seminários, e com isso se estabelece uma relação já profícua entre teoria prática da leitura freudiana, que não cansa de perseguir o rastro do inconsciente.

Esse rastro se assemelha com a procura da poética da *obra aberta*, proposta por Umberto Eco (2005, p.84) e que aproxima a investigação do conhecimento e a epistemologia, afirmando que

> [...] toda forma artística pode perfeitamente ser encarada, se não como substituto do conhecimento científico, como *metáfora epistemológica*: isso significa que, em cada século, o modo pelo qual as formas da arte se estruturam reflete – à guisa de similitude, de metaforização, resolução, justamente, do conceito em figura – o modo pelo qual a ciência, ou seja como for, a cultura da época veem a realidade.

A questão da metáfora é muito importante para se pensar na relação entre a interpretação e a obra. Com isso o autor está enfatizando as características de interpretação inerentes a qualquer obra. Segundo Umberto Eco (2005, p.68), "fruição é, assim, uma *interpretação* e uma *execução*, pois em cada fruição a obra revive dentro de uma perspectiva original". Essa originalidade redunda em uma espécie de abertura idiossincrática a toda produção. Se privilegia a multiplicidade de críticas, interpretações, é para privilegiar também as formas de execução próprias da constituição de uma obra. Nesse sentido, Eco diferencia a obra aberta em relação ao dicionário, pois haveria uma abertura grande demais, o conjunto de palavras permitiria a construção de infinitas formas e estilos de textos que não convergem a um sentido ou a uma metáfora comum.

Assim, entender que os problemas de pesquisa, de tradução e mesmo os de interpretação, relativos a Freud como tentativas de busca pelo sentido levam a uma compreensão de abertura sobre a sua obra que se faz e refaz, apesar das diferentes querelas que tenham sido empenhadas sobre ela.

Eco (2005, p.94) apresenta três níveis de definição sobre a *obra aberta*: 1. aquelas que "*em movimento* se caracterizam pelo convite a fazer a obra com o autor"; 2. as que são *obras em movimento*, ou seja, "aquelas já completadas fisicamente, permanecem, contudo, 'abertas' a uma germinação contínua de relações internas que o fruidor deve descobrir e escolher no ato da percepção da totalidade dos estímulos"; e 3. a terceira forma, em que "*cada* obra de arte, ainda que produzida em conformidade com uma explícita ou implícita poética da necessidade, é substancialmente aberta a uma série virtualmente infinita de leituras possíveis". Essas definições confluem para o que se expôs sobre a relação entre autor e obra (Foucault, 2009), à medida que o fruidor ou intérprete é responsável pelo encargo da obra ao tomá-la em sua leitura, interpretação ou paráfrase.

Michel Foucault (2009), em 1969, no Centro Universitário Experimental de Vincennes, realizou uma conferência intitulada "O que é um autor?", em que expôs as suas observações, ainda que não concluídas, sobre a função do autor/escritor, mais ainda sobre as possibilidades de execução e de desaparecimento dessa função. O filósofo expõe que existem quatro problemas que surgem ao se questionar esse aspecto: 1. o nome próprio: como definir a identidade do autor; 2. a relação de apropriação com a obra: uma vez que o autor não é dono do que se diz de sua obra, como estabelecer o que se fala de uma obra; 3. a relação de atribuição do nome do autor: como se atribui o que está estabelecido em obra para um nome de autor; 4. a posição do autor diante do que se toma pela obra: o sentido que possui ela quando atribuída diretamente a um nome de autor. Pelo caráter ainda incompleto, nessa conferência, Foucault, apesar de passar pelos quatro tópicos, dá destaque para o último, o mais importante para a questão da metáfora freudiana, por delimitar aquela que já foi apresentada nesta pesquisa como objeto, ou seja, a obra de Freud.

Mas ele cria uma diferença que aponta como fundamental sobre os tipos de autoria. Há aquelas que engendram um campo de discursividades finitas a partir de novos referenciais, como na literatura ou nas ciências naturais, mas há aquelas, como no caso de Freud, que "estabelece[m] uma possibilidade infinita de discursos" (Foucault, 2009, p.281), pois com isso instauram um novo campo discursivo. Isso acarreta um custo para a psicanálise, e mesmo para as ciências humanas, pois é preciso possuir um ponto de retorno, um *locus* que defina toda a formação discursiva posterior como um ponto de vista. Para a psicanálise, trata-se da hipótese freudiana do inconsciente e de tudo o que isso acarretou para Freud: a clínica, a teoria e, então, a psicanálise.

Na conferência de Foucault, o último comentário, dado pelo psicanalista Jacques Lacan, justamente sinaliza a questão do *retorno a Freud* e enfatiza a importância de considerar o retorno aos textos freudianos não apenas como ato fundamental da prática psicanalítica, mas também como um desafio para aqueles que, à luz da psicanálise, buscam encontrar a verdade da experiência psicanalítica, o inconsciente. Naquela oportunidade, Lacan (*apud* Foucault, 2009, p.297-298) diz:

> Trata-se da dependência do sujeito, o que é completamente diferente; e muito particularmente, no nível do retorno a Freud, da dependência do sujeito em relação a alguma coisa verdadeiramente elementar, e que tentamos isolar com o termo "significante".

Se Lacan fala de significante, é porque por ele se expressa o sujeito do inconsciente. Expressão feita por meio do discurso e pela materialidade da linguagem, mas dependente

essencialmente de outro sujeito que o busque, que deseje seu encontro. Desse modo, a aproximação que se propõe da obra de Freud como *obra aberta* vem no sentido de trazer liberdade. O trabalho com a letra de Freud não se reduz à execução de sua obra em alemão, mas, antes, refere-se à busca pelo sentido, pelas contradições e pela originalidade da experiência do inconsciente (Cottet, 1989), os quais, mesmo 123 anos após o surgimento da psicanálise, não cessam de provocar os contemporâneos, deste e de novos tempos.

3 RESULTADOS

Os resultados são apresentados em dois momentos: primeiro são apresentadas, de modo agrupado, as passagens identificadas por se relacionarem com as dimensões pesquisadas (*sexual* e *sexualidade*) e, depois, a análise que foi realizada sobre esse material.

3.1 IDENTIFICAÇÃO DE PASSAGENS, CONCEITOS, IDEIAS E NOÇÕES QUE SE ARTICULAM ÀS DUAS DIMENSÕES PESQUISADAS (SEXUAL E SEXUALIDADE) PRESENTES NOS TEXTOS DE FREUD

Foram localizadas as dimensões sobre o *sexual* e a *sexualidade*, incluindo as suas variações, na obra de Freud, considerando-a do volume 3 até o 23[9]. Os trechos relacionados foram destacados e estão ligados a diferentes temas, tais como campo, vida, objeto, experiência, natureza, relação, atividade, tensão, pulsão, infância, adolescência etc... O Quadro 1, a seguir, apresenta esses dados, que serão analisados em seguida a ele. Desse modo, da esquerda para a direita, a primeira coluna corresponde ao número do volume; a segunda, ao título do texto com o ano da publicação original; a terceira traz os excertos com os sintagmas e as páginas referentes à origem dos trechos em cada volume; e na quarta estão os temas levantados a partir dos trechos e sintagmas identificados.

Quadro 1. Passagens, conceitos, ideias e noções que se articulam às duas dimensões pesquisadas (sexual e sexualidade) presentes nos textos de Freud.

Volume	Obra de Freud	Trechos identificados e página	Temas
3	**AS NEUROPSICOSES DE DEFESA (1894)**	campo da experiência e das sensações sexuais (p.55), sensação sexual (p.63), hiperestésica sexualmente (p.63), vida sexual (p.59, 59), o que é sexual (p.61), natureza sexual (p.60, 64), origem sexual (p.61), origem sexual de suas obsessões (p.61), representação sexual incompatível (p.60), recalcar a representação sexual inaceitável (p.60), separação da representação sexual de seu afeto e a ligação deste com outra representação (p.60), representações sexuais de caráter aflitivo (p.60), representações obsessivas sexuais (p.60), representações obsessivas sexuais (p.61), representações angustiantes de caráter sexual inalterado (p.64), representações sexuais recalcadas, termos sexuais (p.61), relações sexuais conjugais (p.64).	Coisa sexual Experiência sexual Natureza sexual Relações sexuais Representação sexual Sensação sexual Vida sexual

[9] Mais especificamente, são eles: Freud (1996a, 1996b, 1996c, 1996d, 1996e, 1996f, 1996g, 1996h, 1996i, 1996j, 1996k, 1996l, 1996m, 1996n, 1996o, 1996p, 1996q, 1996r, 1996s, 1996t, 1996u).

3	**OBSESSÕES E FOBIAS: SEU MECANISMO PSÍQUICO E SUA ETIOLOGIA (1895 |1894|)**	experiências realmente penosas na vida sexual (p.82), representações extraídas da vida sexual (p.87), acumulação de tensão sexual (p.88), excitação sexual não consumada (p.88).	Excitação sexual Experiência sexual Tensão sexual Representação sexual Vida sexual
3	**SOBRE OS FUNDAMEN-TOS PARA DESTACAR DA NEURASTENIA UMA SÍNDROME ESPECÍFICA DENOMINADA NEUROSE DE ANGÚSTIA (1895 |1894|)**	conjunto de perturbações e influências da vida sexual (p.103), perturbações sexuais (p.105), medo das consequências da relação sexual (p.105), breve perturbação sexual (p.109), perturbação sexual específica (p.109), perturbação sexual (p.110), etiologia sexual da neurose de angústia (p.103), determinantes sexuais da neurose de angústia (p.105), etiologia sexual na neurose de angústia (p.107), importância do fator sexual (p.107), impõem ao médico uma etiologia sexual (p.108), fatores etiológicos que não sejam de natureza sexual (p.108), etiologia sexual (p.115), mecanismo sexual (p.115), histeria sexual (p.118), visão do ato sexual (p.104), ato sexual (p.111), forma de satisfação sexual (p.106), forma do fator sexual nocivo (p.108), técnica sexual (p.111), excitação somática é de natureza sexual (p.111), excitação sexual somática (p.111, 112, 112, 113, 114, 118), excitação sexual (p.114, 115, 115), equilibrar a excitação (sexual) (p.115), recalcamento intencional do círculo às representações sexuais (p.114), necessidade sexual (p.105), evita a relação sexual (p.105), relação sexual é suspensa (p.107), relação sexual normal (p.108), necessidade sexual se extinguiu (p.111), sexualmente potentes (p.116), ser sexualmente excitado por sua noiva (p.116), súbita revelação sexual (p.117), não ser de natureza sexual (p.106), concepção do processo sexual (p.111), processo sexual (p.112, 113), descrição do processo sexual (p.112), organismo masculino sexualmente maduro (p.111), libido sexual (p.111), pulsão sexual masculina (p.112), pulsão sexual feminina (p.112), participação psíquica nos processos sexuais (p.111), deflexão da excitação sexual somática da esfera psíquica (p.111), grupo de representações sexuais (p.111), afeto sexual (p.113).	Afeto sexual Ato sexual Concepção do processo sexual Etiologia sexual Excitação sexual Fator sexual Mecanismo sexual Natureza sexual Necessidade sexual Organismo sexual maduro Perturbação sexual Processo sexual fisiológico Processo sexual psíquico Pulsão sexual Técnica sexual Relação sexual Representação sexual Satisfação sexual Vida sexual
3	**RESPOSTA ÀS CRÍTICAS A MEU ARTIGO SOBRE A NEUROSE DE**	fator sexual (p.125, 137, 138, 138), fator sexual específico (p.138), etiologia das neuroses reside na sexualidade (p.125), esfera da sexualidade (p.126), etiologia sexual das neuroses (p.126), teoria da etiologia sexual das neuroses (p.130), teoria do acúmulo da excitação sexual somática (p.133), fator etiológico específico procedente da vida sexual (p.139), fatores sexuais nocivos (p.125), perturbações sexuais (p.125, 127, 130), perturbação sexual específica (p.138), experiência sexual isolada (p.134), tensão sexual somática (p.125, 126, 134),	Abstinência sexual Esfera sexual Etiologia sexual Excitação sexual Fator sexual Natureza sexual Objeto sexual Perturbação sexual Privação sexual Processo sexual excitatório

	ANGÚSTIA (1895)	tensão sexual (p.130, 134, 138), deflexão da tensão sexual (p.137), produção da tensão sexual (p.133), abstinência |sexual| (p.125), relação sexual com satisfação incompleta (p.126), sexualmente satisfeita (p.129), relação sexual (p.130, 131), relação sexual (prejudicial, quando incompleta) (p.134), privação sexual (p.130), excitação sexual somática (p.133, 133, 138), processo sexual excitatório (p.134), concepção do processo sexual (p.125), assuntos sexuais (p.126), natureza sexual (p.126), *vita sexualis* (p.130, 130, 130, 130, 134, 135, 138), vida sexual (p.131, 135), vida sexual normal (p.133), distúrbio da vida sexual (p.134), conjunto de perturbações e influências da vida sexual (p.135), mulheres com esse tipo de sexualidade (p.130), objeto sexual (p.133).	Relação sexual Tensão sexual Vida sexual
3	**A HEREDITARIEDADE E A ETIOLOGIA DAS NEUROSES (1896)**	vida sexual (p.150), elemento ativo na vida sexual (p.156), distúrbio de sua vida sexual contemporânea (p.150), distúrbios sexuais (p.151), perturbações da vida sexual (p.152), perturbações contemporâneas da vida sexual (p.157), tensão sexual (p.152), abordagem do problema fisiológico da vida sexual (p.152), evento da vida sexual (p.153), lembrança relacionada à vida sexual (p.153), evento sexual precoce (p.154, 154, 155, 156), evento de sexualidade passiva (p.156), evento sexual na tenra infância (p.157), experiência sexual passiva antes da puberdade (p.153), experiência precoce de relações sexuais (p.153), experiência sexual passiva (p.154), experiência sexual precoce (p.155, 157), consequência de experiências sexuais precoces (p.157), lembrança sexual (p.155), lembrança de uma experiência sexual precoce (p.155), fraqueza sexual (p.151), perniciosa satisfação sexual (p.151), excitação não aliviada pelo ato sexual (p.152), atos sexuais (p.152), esforços sexuais que excedem a capacidade física (p.152), abuso sexual (p.153), trauma sexual (p.155), agressões sexuais (p.156), função sexual (p.151), constituição sexual (p.151), maturidade sexual (p.153), reações dos órgãos sexuais (p.155), relações sexuais acompanhadas de gozo (p.156), gozo sexual antecipado (p.156), precocidade do desejo sexual (p.156), excitação sexual precoce (p.157), relações sexuais (p.153), passividade sexual (p.156), influências sexuais (p.151), natureza da influência sexual (p.151).	Abuso sexual Agressão sexual Ato sexual Constituição sexual Desejo sexual Distúrbio sexual Esforço sexual Evento sexual Excitação sexual Experiência sexual Experiências sexuais da infância Fraqueza sexual Função sexual Gozo sexual Influência sexual Lembrança sexual Órgão sexual Passividade sexual Perturbação sexual Relação sexual Tensão sexual Trauma sexual Vida sexual
3	**OBSERVAÇÕES ADICIONAIS SOBRE AS NEUROPSICOSES DE DEFESA (1896)**	vida sexual do paciente (p.166), vida sexual (p.166), informações sobre os processos sexuais (p.168), experiência sexual na infância (p.169, 184), experiências sexuais da primeira infância (p.170), maturidade sexual (p.170), maturação sexual (p.171), natureza desses traumas sexuais (p.166), traumas sexuais (p.166; 168), lista das perturbações sexuais na tenra infância (p.167), violação sexual (p.168), investidas sexuais (p.168), ação póstuma de um trauma sexual na infância (p.169), distúrbios sexuais contemporâneos (p.171), ataques sexuais (p.166), investidas sexuais contra crianças pequenas (p.166), graves ofensas sexuais (p.167), ofensa sexual desempenha um papel na etiologia da histeria	Agressão sexual Agressividade sexual Ataque sexual Ato sexual Aversão sexual Cena sexual Coisa sexual Desenvolvimento sexual Distúrbio sexual Experiência sexual Experiência sexual da infância Investidas sexuais

		(p.168), agressividade sexual precoce (p.171), agressão sexual (p.171), experiência sexual aflitiva (p.169), perturbações sexuais (p.170), neuroses de defesa são consequências indiretas das perturbações sexuais (p.170), perturbações sexuais contemporâneas (p.170), aversão pela sexualidade (p.183), grande aversão à sexualidade (p.183), passividade sexual durante o período pré-sexual (p.166), passividade sexual (p.168, 171), testemunho dos atos sexuais (p.168), cena de passividade sexual (p.171), sedução sexual (p.171), pessoas não desenvolvidas sexualmente (p.166), ingressa na maturidade sexual (p.166), relações sexuais com irmãs (p.167), ato de agressão sexual contra sua irmã (p.167), participação prazerosa em atos sexuais (p.171), atividade sexual (p.171), ato sexual (p.171), ato sexual na infância (p.173), cenas de seu relacionamento sexual (p.181), coisa sexual (p.172), algo não sexual (p.172), coisas abstratas e suprassensuais (p.175), sensualidade (p.175).	Maturidade sexual Passividade sexual Período pré-sexual Perturbação sexual Processo sexual Ofensa sexual Relação sexual Sensualidade Suprassensual Testemunho sexual Trauma sexual Vida sexual Violação sexual
3	**ETIOLOGIA DA HISTERIA (1896)**	campo da experiência sexual (p.198), campo da sexualidade (p.199), temas sexuais (p.202), fator sexual na etiologia da histeria (p.199), validade universal da etiologia sexual (p.199), abandono de uma etiologia sexual (p.201), papel etiológico da experiência sexual infantil (p.216), vida sexual (p.199), forças motivadoras sexuais (p.199), brutalidade do desejo sexual (p.200), origem da estimulação sexual (p.206), caráter da atividade sexual (p.207), testemunho involuntário de atos sexuais (p.200), impressões sexuais (p.201), contato sexual (p.202; 206), desempenho das atividades sexuais (p.212), experiência sexual (p.202, 206, 206, 209, 210, 210, 210), experiências sexuais da puberdade (p.200), experiências infantis de conteúdo sexual (p.201), conteúdo sexual (p.202, 211), experiência sexual prematura (p.202), experiências sexuais na infância (p.201), experiências sexuais infantis (p.203, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 213, 217), experiências sexuais precoces (p.205), experiências sexuais e da atividade sexual na infância (p.206), cenas sexuais (p.213), relacionamento sexual (p.205), relação sexual (p.205, 205, 206, 212), relações sexuais íntimas (p.208), cenas sexuais infantis (p.203, 203, 207, 209, 211, 212), cenas de sedução sexual e de abuso sexual nos anos da infância (p.205), relações sexuais na infância (p.207), atividade sexual infantil (p.208), abusos sexuais (p.205), salvaguarda sexual da infância (p.205), ataques sexuais (p.205), práticas sexuais por amas de leite e por babás (p.206), agressão sexual (p.207), atentara sexualmente contra (p.213), atos de agressão sexual na infância (p.217), características de serem sexuais e ocorrerem na puberdade (p.199), retraimento da sexualidade (p.200), exigências da sexualidade (p.200), sinais de excitação sexual (p.200), desenvolvimento da vida sexual (p.201), desenvolvimento sexual (p.201), desenvolvimento do sistema sexual (p.210), sistema sexual (p.210), nem mesmo a infância é desprovida	Abuso sexual Agressão sexual Atentado sexual Atividade sexual Ato sexual Campo sexual Característica sexual Cena sexual Contato sexual Desejo sexual Desejo sexual com crianças Desenvolvimento sexual Estimulação sexual Etiologia sexual Excitação sexual Exigência sexual Experiência sexual Experiência sexual na infância Finalidade sexual Impotência sexual das crianças Impressão sexual Motivador sexual Prática sexual Relação sexual Tema sexual Testemunho sexual Retraimento sexual Salvaguarda sexual infantil Sistema sexual Vida sexual

		de leves excitações sexuais (p.201), estimulação sexual prematura (p.210), fins sexuais (p.212), desejos sexuais com crianças (p.212), impotência sexual inerente às crianças (p.212).	
3	**A SEXUALIDADE NA ETIOLOGIA DAS NEUROSES (1898)**	fatores emergentes da vida sexual (p.253), fatores sexuais (p.255, 260, 260), fatores sexuais que estão ocultos (p.255), fatores sexuais na etiologia das neuroses (p.253), etiologia sexual atuante (p.256), etiologia sexual (p.257, 261), etiologia sexual de seus pacientes neurastênicos (p.259), etiologia sexual das neuroses (p.260, 265, 266), etiologia sexual dessa neurose (p.264), relações causais entre a sexualidade e as neuroses (p.256), estar ou não ligados à vida sexual (p.257), influências sexuais (p.258), teoria da etiologia sexual da neurastenia (p.258-259), forma antinatural e prejudicial de relações sexuais (p.255), causas sexuais (p.260), perturbações sexuais (p.261), perturbação sexual "atual" (p.267), queixas sexuais (p.253), vida sexual (p.253, 253, 254, 255, 255, 257, 259, 259, 261, 263, 265, 268), *vita sexualis* (p.258), vida sexual das crianças (p.269), vida sexual humana (p.269), investigação da vida sexual (p.254), moral sexual (p.256), matéria de sexualidade (p.256), resultados sexuais negativos de minha inquirição (p.259), questão sexual (p.254, 256), preocupações sexuais (p.254), revelações de caráter sexual (p.255), sentimentos sexuais (p.255) coisas sexuais (p.255, 256), vida sexual de homens e mulheres (p.258), anormalidades sérias e prolongadas na vida sexual (p.258), delitos sexuais (p.258), resultado sexual negativo (p.259), pessoas sexualmente aleijadas (p.263), hábito sexual (p.264), contato sexual normal (p.264), necessidade sexual (p.264), falta de satisfação sexual (p.264), formas prejudiciais de prática sexual (p.265), relações sexuais normais (p.265), relações sexuais (p.265, 266), maturidade sexual (p.257), campo da sexualidade (p.257), processos sexuais (p.258), ciência sexual (p.258), discussão dos problemas da vida sexual (p.267), reivindicações de nossa sexualidade (p.267), atividades sexuais psíquicas (p.269), aparelho sexual humano (p.269), aparelho sexual somático (p.269), evitar uma ampla atividade sexual durante a infância (p.269), experiências sexuais na infância (p.269), experiências sexuais infantis (p.269), experiências sexuais primitivas (p.269), estado infantil do aparelho sexual (p.269), forças pulsionais sexuais (p.269).	Aleijado sexual Aparelho sexual Atividade sexual Delito sexual Campo sexual Caráter sexual Causa sexual Ciência sexual Coisa sexual Contato sexual Etiologia sexual Experiência sexual da infância Fator sexual Hábito sexual Influência sexual Maturidade sexual Moral sexual Necessidade sexual Perturbação sexual Prática sexual Preocupação sexual Processo sexual Pulsão sexual Queixa sexual Questão sexual Reivindicação sexual Relação sexual Resultado sexual Satisfação sexual Sentimento sexual Vida sexual
3	**O MECANISMO PSÍQUICO DO ESQUECIMEN-TO (1898)**	prazeres sexuais (p.280), gozo sexual (p.280), tema da sexualidade (p.280), a morte e a sexualidade (p.280), tema "morte e sexualidade" (p.281).	Gozo sexual Prazer sexual Tema sexual Morte e o sexual
3	**LEMBRANÇAS ENCOBRIDO-RAS (1899)**	elemento grosseiramente sensual da fantasia (p.302), intenções de agressão sexual (p.302), corrente sensual (p.302), satisfação sensual atual (p.302), predisposição sexual dominante (p.302).	Corrente sensual Fantasia sexual Intenção sexual Predisposição sexual Satisfação sensual
3	**NOTA AUTOBIOGRÁ-**	importância etiológica da vida sexual para as neuroses (p.313).	Etiologia sexual Vida sexual

	FICA (1901[1899])		
4	**INTERPRETA-ÇÃO DOS SONHOS (I) (1900)**	desejos e aversões sensuais (p.46), desejos sensuais (p.318), excitação sexual (p.71), sexuais (p.73), assuntos sexuais (p.101; 251), sexualidade (p.151, 329, 333), fator imensamente poderoso da sexualidade (p.151), fator sexual (p.220), inocente de desejos sexuais (p.164), inocência sexual (p.347, 347), pureza sexual (p.347), pecaminosidade sexual (p.359), elemento sexual comum (p.184), tema sexual (p.217), episódio sexual (p.229), conotação sexual (p.239), material sexual (p.246), vida sexual (p.274, 330), interesse sexual na infância (p.275), desejos sexuais de uma criança (p.286), provas sexuais (p.304), maturidade sexual (p.304), história sexual (p.328), teoria sexual infantil (p.360), curiosidade sexual (p.233), castigos sexuais (p.239), excitações psicossexuais (p.266), excitação sexual (p.267), preferência sexual (p.285), parcialidade sexual (p.286), relações sexuais (p.184, 184, 221, 333), relacionamento sexual (p.316), pensamentos sobre relações sexuais (p.184), pensamentos oníricos sexuais (p.262), fantasias de natureza sexual (p.316), ideias sexuais (p.317), curiosidade sexual (p.353), ato sexual (p.190), técnica sexual (p.237), ansiar por liberdade sexual (p.286), atos sexuais repreensíveis (p.304), ato de agressão sexual (p.356), órgãos sexuais masculinos (p.120), órgãos sexuais femininos (p.151), sonho sexual (p.120, 121), angústia são sonhos de conteúdo sexual (p.195), sonham ter relações sexuais (p.292), química dos processos sexuais (p.151, 322), produtos do metabolismo sexual (p.151), componente masoquista na constituição sexual (p.192), relações entre sexualidade e crueldade (p.333), satisfação sexual (p.286), pulsão sexual (p.287), impulso sexual (p.291, 291. 364), primeiros sobressaltos da sexualidade (p.292), apego homossexual (p.192), objetivo homossexual (p.192), impulsos homossexuais recalcados (p.354), bissexualidade (p.358), angústia neurótica se origina da vida sexual (p.194), natureza sexual (p.269), etiologia sexual (p.329), aversão pela sexualidade (p.294), condições sexuais desfavoráveis (p.344), sensações sexuais (p.300), emoções sexuais (p.330).	Agressão sexual Apego homossexual Assunto sexual Ato sexual Aversão sexual Bissexual Castigo sexual Condição sexual Conotação sexual Constituição sexual Conteúdo sexual Curiosidade sexual Desejo sensual Desejo sexual Elemento sexual Emoção sexual Episódio sexual Etiologia sexual Excitação psicossexual Excitação sexual Fantasia sexual Fator sexual História sexual Ideia sexual Impulso homossexual Inocência sexual Interesse sexual Liberdade sexual Matéria sexual Maturidade sexual Metabolismo sexual Natureza sexual Objetivo homossexual Órgão sexual Parcialidade sexual Pecaminosidade sexual Pensamento sexual Preferência sexual Processo sexual fisiológico Prova sexual Pureza sexual Relação sexual Sensação sexual Sexual Sexualidade Sobressalto do sexual Sonho sexual Técnica sexual Tema sexual Teoria sexual da infância Vida sexual
5	**INTERPRETA-**	o interesse sexual (p.380), investigações sexuais na	Abstinência sexual

	ÇÃO DOS SONHOS (II) (1900-1901)	infância (p.388), teoria sexual infantil (p.398), material sexual infantil (p.412), o complexo de ideias sexuais (p.389), complexos sexuais (p.431; 431), brincadeiras de natureza sexual (p.405), pulsão sexual (p.431), impulsos sexuais (p.484; 611), libido sexual (p.611), "Três ensaios" *sobre a teoria da sexualidade* (p.431), situação sexual (p.491), curiosidade sexual (p.491), outro sentido, geralmente de cunho infantil-sexual (p.553), desejos sexuais (p.630), forças sexuais (p.631), fatores sexuais e infantis (p.631), constituição sexual do sujeito, que deriva de uma bissexualidade inicial (p.631), ocultar imagens sexuais (p.380), representar o material sexual nos sonhos (p.385), material sexual (p.419, 430, 609), relação sexual (p.398, 400, 405, 609), relações sexuais vaginais (p.400), ato sexual (p.404, 406), ação sexual (p.406), fontes sexuais (p.609), sensações sexuais (p.405, 428), sentimentos sexuais (p.434), moções sexuais (p.637), necessidades sexuais (p.579), situação sexualmente excitante (p.598), excitação sexual (p.611, 611), excitação sexual do sonhador (p.406), o elemento sádico da excitação sexual (p.406), estado de excitação sensual provocado por seu desejo (p.421), estimulação das regiões sexuais (p.437), estímulo sexual (p.437), abstinência sexual (p.407), vida sexual e emocional plena (p.410), troca de dádivas sexuais (p.410), relações sexuais com mulheres (p.417), relações sexuais normais (p.419), atividades sexuais normais (p.431), relações sexuais com a própria mãe (p.432), relações homossexuais (p.419), relações sexuais com homens (p.421), relações sexuais (p.421, 426), inclinações homossexuais (p.420), homossexual (p.421), vestígios de homossexualidade (p.426), impulsos homossexuais do sonhador (p.431), relação sexual entre adultos (p.611), simbolismo sexual (p.380, 406, 411, 419), símbolos sexuais (p.385, 406, 432, 437), símbolo sexual seja bissexual (p.393), simboliza os órgãos sexuais (p.411), simbolicamente sexual (p.406), sentido sexual (p.380, 421, 454, 473, 481), sentido francamente sensual (p.428), cunho sexual (p.610), sinais da sensualidade (p.412), significado sexual (p.391, 609), interpretação sexual (p.380, 431), coisa sexual (p.412), anedotas de natureza grosseiramente sexual (p.419), a tendência dos sonhos e das fantasias inconscientes a empregarem bissexualmente os símbolos sexuais (p.393), cenas claramente sexuais (p.437), sonhos sexuais (p.430, 437), sonhos disfarçados de relações sexuais (p.432), sonhos bissexuais (p.431), sonhos devem ser interpretados bissexualmente (p.431), Os detalhes mais repulsivos e também os mais íntimos da vida sexual (p.380), recalcamento sexual (p.421, 422, 425), etiologia sexual das psiconeuroses (p.481), anseio obscuro e evidentemente sexual (p.610), objetos sexuais (p.418), representações do ato sexual (p.389), representar homossexualismo, incesto ou perversão (p.392), representar casamento, relações sexuais com uma prostituta (p.392), representar o fator de excitação sexual (p.405),	Ação sexual Anedota sexual Anseio sexual Atividade sexual Ato sexual Bissexual Brincadeira sexual Coisa sexual Complexo sexual Constituição sexual Cunho sexual Curiosidade sexual Desejo sexual Estimulação sexual Estímulo sexual Excitação sensual Excitação sexual Etiologia sexual Desejo sexual Fator sexual Fonte sexual Força sexual Homossexual Ideia sexual Imagem sexual Impulso homossexual Impulso sexual Inclinação homossexual Interesse sexual Interpretação sexual Investigação sexual Libido sexual Livros sobre sexualidade Matéria sexual Moção sexual Necessidade sexual Órgão sexual Pulsão sexual Recalcamento sexual Relação sexual Representação assexual Representação sexual Sensação sexual Sentido sexual Sentimento sexual Significado sexual Simbolismo sexual Símbolo sexual Sinal da sensualidade Situação sexual Teoria sexual da infância Troca sexual Vestígio homossexual Vida sexual

		representar fatos e desejos sexuais (p.407), (representação) assexual (p.410), órgãos sexuais (p.411).	
5	**SOBRE OS SONHOS (1901)**	sentido sexual (p.681), diversos símbolos oníricos são bissexuais (p.699), sonhador impõe a seus desejos sexuais (p.697), símbolos sexuais (p.698), pulsões sexuais (p.697), sexualidade infantil (p.697), desejos sexuais infantis recalcados (p.697), vida sexual (p.697), sonhos de conteúdo sexual indisfarçado (p.697), sonhos sexuais (p.697), (sonho) parecer inocentemente assexual (p.698), representar relação sexual (p.698), representações sexuais (p.698, 698, 698), o papel desempenhado pela sexualidade na etiologia dos distúrbios psiconeuróticos (p.682), objetos sexuais (p.697).	Conteúdo sexual Desejo sexual Etiologia sexual Inocência assexual Objeto sexual Papel do sexual Pulsão sexual Sentido sexual Sexualidade infantil Símbolo bissexual Símbolo sexual Sonho sexual Representação da relação sexual Representação sexual Vida sexual
6	**SOBRE A PSICOPATOLOGIA DA VIDA COTIDIANA (1901)**	gozo sexual (p.21), satisfação sexual (p.204), distúrbios sexuais (p.21), distúrbio sexual incurável (p.21), impotência sexual ocasional (p.219), morte e sexualidade (p.21), proposta sexual (p.59), prazeres sexuais (p.86), coisas sexuais (p.94), conteúdo sexual (p.185), esfera da atividade sexual (p.185), fins sexuais (p.185), objetivos sexuais (p.186), relações sexuais (p.204), experiências sexuais (p.205), questões sexuais (p.205), correntes sexuais (p.276), excluir o sexual (p.276), natureza nitidamente homossexual-masoquista (p.204), homossexuais (p.46), relações sexuais normais (p.101), relações sexuais com a própria mãe (p.187), tentações sexuais em relações a suas pacientes (p.204), *doubles entendres* sexuais nascidos de lapsos da fala (p.95), *Der Künstler, Versuch einer Sexualpsychologie* [*O artista, ensaio de uma psicologia sexual*] (p.162), *Anzätze zu einer Sexualpsychologie* [*Rudimentos de uma Psicologia Sexual*] (p.162).	Atividade sexual Coisa sexual Conteúdo sexual Corrente sexual Distúrbio sexual Excluir o sexual Experiência sexual Finalidade sexual Gozo sexual Homossexual Homossexual-masoquista Impotência sexual Livros sobre sexualidade Morte e o sexual Natureza sexual Objetivo sexual Prazer sexual Problema sexual Proposta sexual Questão sexual Relação sexual Satisfação sexual Tentação sexual
7	**FRAGMENTOS DA ANÁLISE DE UM CASO DE HISTERIA (1905[1901])**	vida psicossexual dos pacientes (p.19), a sexualidade é a chave do problema das psiconeuroses (p.110), aspectos sexuais (p.21), apetites sexuais (p.21), etiologia psicossexual da histeria (p.24), atração sexual (p.31, 61), esfera sexual (p.34), esfera da vida sexual (p.40), assuntos sexuais (p.35), trauma sexual (p.37), sensação de excitação sexual (p.37, 80), oportunidade de excitação sexual (p.38), em estado de excitação sexual (p.39, 39), desempenhar a função sexual (p.40), transgressões da função sexual (p.55), período pré-sexual (p.40), vida sexual (p.40, 56), teoria da vida sexual (p.109), manifestações afetivas da vida sexual (p.40), vida sexual normal (p.55), fantasia de conteúdo sexual (p.53), fantasia sexual (p.53), situação sexual (p.53), situação sexual fantasiada (p.53, 58), situação sexual iminente	Amor sensual Apetite sexual Aspecto sexual Assunto sexual Atividade sexual Atração sexual Aversão ao sexual Constituição sexual Corrente homossexual Curiosidade sexual Desenvolvimento sexual Disposição sexual indiferenciada Esfera sexual

		(p.90), sentido sexual (p.53), sentido secreto, e talvez sexual, do quadro patológico (p.100), satisfação sexual (p.53), representava uma cena de satisfação sexual (p.53), os genitais na relação sexual (p.53), relações sexuais normais (p.80), mulher sexualmente ativa (p.54), assuntos sexuais (p.54), franqueza nas questões sexuais (p.55), temas sexuais (p.55), os fatos da vida sexual normal ou anormal (p.55), os processos sexuais (p.55), aberrações das pulsões sexuais (p.55), perversões sexuais (p.55, 56), o amor sensual (p.56), disposição sexual indiferenciada da criança (p.56), objetivos assexuais mais elevados (p.56), *Psychopathia Sexualis* (p.56), a constituição sexual nos neuróticos (p.56), a atividade sexual do doente (p.110), o desenvolvimento da sexualidade normal (p.55), a sexualidade normal recalcada (p.56), tipo de relação sexual (p.57), objeto sexual propriamente dito (p.57), objeto sexual atual (p.57), inclinação sexual (p.61), corrente homossexual (p.65, 65), predisposição homossexual (p.65), libido sexual voltada para o homem (p.65), pressentem o sexual nesse ruído (p.80), reviravolta na sexualidade da menina (p.80), orgasmo sexual (p.81), representar a relação sexual (p.83), representações da relação sexual entre os pais (p.90), gozo sexual prematuro (p.87), entrega plena à sexualidade (p.87), o repúdio da sexualidade no adoecimento neurótico (p.87), elemento neurótico – a aversão à sexualidade (p.88), pensamentos de tentação sexual suprimidos (p.89), pensamentos sexuais por trás do sonho (p.90), curiosidade sexual (p.98), órgãos e funções da vida sexual (p.21), o umedecimento sexual (p.89, 89, 90), o caráter de fator orgânico da função sexual (p.109), substâncias sexuais de ação excitante (p.109), predisposição para a bissexualidade (p.109), as moções concernentes à sexualidade (p.111), a sexualidade (p.110).	Etiologia psicossexual Excitação sexual Fantasia sexual Função sexual Gozo sexual Inclinação sexual Libido sexual Livros sexuais Manifestação afetiva sexual Moção sexual Objetivo assexual Objeto sexual Orgasmo sexual Pensamento sexual Período pré-sexual Perversão sexual Predisposição bissexual Predisposição sexual Processo sexual Pulsão sexual Relação sexual Representação sexual Repúdio ao sexual Reviravolta sexual Satisfação sexual Sentido sexual Sexual Sexualidade Sexualmente ativo Situação sexual Substância sexual Tema sexual Teoria da vida sexual Trauma sexual Umedecimento sexual Vida sexual
7	**TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE (1905) [Prefácio]**	Os “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (p.124), teoria sexual (p.124), estudo da função sexual do ser humano (p.125), conceito de sexualidade (p.126), pansexualismo da psicanálise (p.127), explicaria “tudo” a partir da sexualidade (p.127), aspirações sexuais (p.127), “ampliação” do conceito de sexualidade (p.127), sexualidade ampliada da psicanálise (p.127), vida sexual (p.124), papel do fator sexual (p.126), vida sexual humana (p.126), importância da vida sexual (p.126), biologia sexual geral (p.125), biologia da vida sexual humana (p.125).	Aspiração sexual Biologia sexual Conceito de sexualidade Fator sexual Função sexual Livros sobre sexualidade Pansexualismo Sexualidade Teoria sexual Vida sexual
7	**TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE (1905) [PRIMEIRO ENSAIO]**	necessidades sexuais no homem e no animal (p.128), necessidade sexual desmedida (p.156), excessiva renúncia ao sexual (p.156), renúncia ao sexual (p.156), vida sexual (p.141, 152, 155), muitos são os anormais na vida sexual (p.141), vida sexual normal (p.142, 161, 162, 162), características universais da vida sexual (p.150), vida sexual das pessoas sadias (p.152), campo da vida sexual (p.152), vida sexual	Abuso sexual Amor heterossexual Aparelho sexual Alvo sexual Atividade sexual Ato sexual Atração sexual Aversão sexual

		dos chamados psiconeuróticos (p.154), os sintomas são a atividade sexual dos doentes (p.155), recalcamento sexual (p.156, 161, 161), componente sexual do conflito (p.156), prisma falso à sexualidade dos psiconeuróticos (p.161), sexual (p.159), sexualidade (p.141, 145, 149, 153, 156, 162), sexualidade anormal (p.157), supervalorização sexual (p.143, 144, 145), curiosidade sexual (p.148), interesse sexual (p.156), união sexual (p.128, 142), processo sexual (p.141), processo sexual normal (p.147), excitações dos processos sexuais normais (p.160), energia sexual (p.162), meta sexual dos invertidos (p.138), fins sexuais (p.145), alvo sexual (p.128, 128, 142, 143, 144, 144, 145, 149, 158), restrições ao alvo sexual (p.138), múltiplos os alvos sexuais (p.139), alvo sexual normal (p.141, 145, 145, 146, 147, 148, 148, 150, 152, 152), alvos sexuais preliminares (p.141), alvo sexual definitivo (p.141), alvo sexual final (p.142), restrição do alvo sexual (p.143, 144), masturbação recíproca é o alvo sexual (p.144), abandono do alvo sexual (p.145), alvo sexual seja alcançado (p.145), rebaixamento da aspiração ao alvo sexual normal (fraqueza de execução no aparelho sexual) (p.145), novos alvos sexuais (p.147), qualidade do novo alvo sexual (p.152), alvo sexual intermediário (p.148), conteúdo do novo alvo sexual (p.152), alvo e do objeto sexuais normais (p.153), objeto sexual (p.128, 128, 129, 129, 133, 140, 140, 141, 142, 142, 142, 144, 145, 145, 146, 147, 148, 148, 148, 149, 150, 150), objeto sexual normal (p.129, 130, 161, 161), objeto sexual normal e o invertido (p.130), objeto sexual não é a mulher (p.129), representa o objeto sexual (p.129, 136, 137, 137, 138), objeto sexual só pode ser do mesmo sexo (p.129), objeto de anseio sexual (p.129), objeto sexual no sentido da inversão (p.134), inversão do objeto sexual (p.135), objetos sexuais exclusivos (p.140), valor do objeto sexual (p.141), supervalorização libidinosa do objeto sexual (p.143), objeto sexual normal é substituído por outro (p.145), substituto do objeto sexual (p.145), supervalorização psicologicamente necessária do objeto sexual (p.145), único objeto sexual (p.146), infligir dor ao objeto sexual (p.149), atitudes passivas perante a vida sexual e o objeto sexual (p.150), dor física ou anímica advinda do objeto sexual (p.150), valor sexual (p.142), símbolo sexual (p.146), sentido sexual (p.160), pulsão sexual (p.128, 128, 128, 128, 129, 132, 132, 133, 133, 133, 136, 136, 140, 141, 142, 144, 145, 145, 149, 152, 153, 153, 154, 154, 156, 156, 161), natureza da pulsão sexual (p.140), perturbações da pulsão sexual (p.140), extinção temporária da pulsão sexual (p.141), força da pulsão sexual (p.144), variação da pulsão sexual (p.145, 146), a crueldade e a pulsão sexual estão intimamente correlacionadas (p.150), agressão mesclada à pulsão sexual (p.150), dor e da crueldade como componentes da pulsão sexual (p.160), transformação da pulsão sexual (p.153), forças pulsionais de cunho sexual (p.154), energia da	Bissexual Carácter sexual Componente sexual Conduta sexual Curiosidade sexual Desenvolvimento sexual Disposição sexual Doutrina bissexual Energia sexual Experiência sexual da infância Finalidade sexual Fraqueza sexual Função sexual Glândula sexual Hermafrodita sexual Ignorância sexual Impressão sexual Inclinação sexual Inclinação homossexual Influência sexual Interesse sexual Inversão sexual Maturidade sexual Meta sexual Monossexual Natureza bissexual Necessidade sexual Objeto sexual Órgão sexual Papel sexual Predisposição bissexual Processo sexual Pulsão sexual Recalcamento sexual Renúncia ao sexual Relação sexual Relação heterossexual Satisfação sexual Sexual Sexualidade Imaturidade sexual Supervalorização sexual Tensão sexual União sexual Valor sexual Variação sexual Vida sexual

		pulsão sexual (p.154), fonte da pulsão sexual (p.155), pulsão sexual normal (p.156, 157), pulsão sexual dos psiconeuróticos (p.157), raízes inatas da pulsão sexual (p.162), ligação entre a pulsão sexual e o objeto sexual (p.140), há entre a pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda (p.140), a pulsão sexual seja independente de seu objeto (p.140), satisfação sexual normal (p.141), descarga da tensão sexual (p.141), riscos do ato sexual (p.147), aversão sexual (p.129), atração sexual (p.128, 140), variações sexuais (p.141), variações da vida sexual normal (p.157), impressão sexual prematura (p.132), impressão sexual (p.146), impressões sexuais precoces (p.146), influências sexuais (p.133), relação sexual (p.151, 151), atividade sexual normal (p.130), ato sexual (p.129, 148), ato sexual normal (p.129, 161), exagero e fixação da atitude sexual passiva originária (p.150), atividade sexual predominante (p.151), conduta sexual anormal (p.152), conduta sexual (p.161), atividade sexual (perversa) (p.162), caracteres sexuais (p.133), caracteres sexuais secundários e terciários (p.134, 134), caracteres sexuais secundários (p.135), aparelho sexual (p.134), órgãos sexuais somáticos (p.135), glândulas sexuais (p.135), funções sexuais (p.135), aparelho sexual (p.142, 160), boca como órgão sexual (p.143), papel sexual da mucosa do ânus (p.144), interesse sexual para outras partes do corpo (p.144), hermafroditas sexuais (p.129), inclinação homossexual (p.132), relação sexual *per anum* (p.138), relação sexual entre homens (p.144), inversão sexual (p.133), relação sexual dos invertidos (p.144), relação heterossexual (p.132), amor heterossexual (p.139), predisposição originariamente bissexual (p.134), doutrina da bissexualidade (p.135), disposição bissexual (p.135), disposição bissexual implicada na inversão (p.136), natureza bissexual (p.137), bissexualidade (p.151), monossexualidade (p.134), fraqueza sexual (p.132), pessoas sexualmente imaturas (crianças) (p.140), abuso sexual (p.140), relação sexual com animais (p.140), experiências sexuais da infância (p.146), vida sexual da criança (p.162), desenvolvimento da sexualidade infantil (p.162), ignorância sexual (p.156), maturidade sexual (p.156).	
7	**TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE (1905) [SEGUNDO ENSAIO]**	forças pulsionais da sexualidade (p.195), pulsão sexual (p.166, 180, 182, 192), traços essenciais da pulsão sexual (p.163), origens da pulsão sexual (p.189), desvio das forças pulsionais sexuais das metas sexuais (p.167), configuração originária da pulsão sexual (p.169), a pulsão sexual dessa zona genital (p.178), pulsão sexual infantil (p.180), crueldade da pulsão sexual (p.181), impulso cruel provenha da pulsão de dominação e surja na vida sexual (p.181), pulsões parciais da sexualidade (p.193), excitação da pulsão sexual (p.193), objeto sexual (p.179, 180, 180), objeto sexual, sendo *autoerótica* (p.172), alvo sexual num objeto sexual alheio (p.186), alvo sexual (p.173, 185, 187, 188, 189), alvo sexual acha-se sob o domínio de uma *zona*	Alvo sexual Aparelho sexual Atividade sexual Constituição sexual Costume sexual Desenvolvimento sexual Diferença sexual Excitação sexual Fator sexual Força da pulsão sexual Manifestação sexual Mecanismo sexual Moção sexual

		erógena (p.172), alvo sexual da pulsão infantil (p.173), alvo sexual passivo (p.187), alvos não sexuais (p.195), fontes da sexualidade (p.173), fontes indiretas de excitação sexual (p.194), "fontes" da excitação sexual (p.194), conformação privilegiada de cada fonte da excitação sexual (p.194), polaridade sexual (p.187), concentração de atenção é capaz de provocar excitação sexual (p.194), transmutações por que normalmente passam as excitações sexuais (p.175), mucosa sexualmente sensível (p.175), aticem precocemente a excitação sexual (p.176), produção de/da excitação sexual (p.190, 195), excitação sexual do período de lactância (p.178), excitação sexual (p.189, 189, 190, 191, 191, 191, 191, 191-192, 192, 193), estado de excitação sexual (p.194), efeito sexualmente excitante de muitos afetos (p.192), excitação sexual concomitante (p.193), fontes da excitação sexual (p.193, 193), fontes internas da excitação sexual (p.193), natureza da excitação sexual (p.194), processo da excitação sexual (p.193), satisfação sexual (p.191), sublimação da sexualidade (p.195), atividades sexuais dessa zona erógena, que faz parte dos órgãos sexuais (p.176), normatividade da pulsão sexual na infância (p.163), opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância (p.163), sobre o desenvolvimento infantil, o capítulo sobre o "Desenvolvimento Sexual" costuma ser omitido (p.163), ingestão de alimentos gera uma satisfação sexual (p.194), sexualidade (p.183, 190, 191, 192, 192, 194), fatores da constituição e do desenvolvimento sexuais (p.179), valor ao período infantil no desenvolvimento da vida sexual (p.165), pode ser rompida por avanços regulares do desenvolvimento sexual (p.166), organização sexual (p.187, 188), fases da organização sexual (p.186), *pré-genitais* às organizações da vida sexual (p.186), organizações sexuais pré-genitais (p.187), primeira dessas organizações sexuais pré-genitais é a *oral*, ou, se preferirmos, *canibalesca* (p.187), organização sexual infantil (p.185), a hipótese das organizações pré-genitais da vida sexual (p.188), processos sexuais (p.185), constituição sexual da criança (p.185), sexualidade infantil (p.168), atenção à sexualidade infantil (p.168), investigação sexual desses primeiros anos da infância (p.185-186), simbolismo singularmente sexual (p.190), teorias sexuais infantis (p.176, 184, 185), investigação sexual infantil (p.185), o ato sexual como uma espécie de sevícia ou subjugação (p.185), criança pequena não pode entender nada de sexual (p.185), vida sexual infantil (p.186), despertar a vida sexual da criança (179-180), manifestações sexuais da infância (p.163), manifestações sexuais da criança (p.170), manifestação sexual infantil (p.172), modelo das manifestações sexuais infantis o chuchar (p.169), quadro da vida sexual infantil (p.188), moções sexuais da infância (p.165), moções sexuais infantis (p.167), o recém-nascido traz consigo germes de moções sexuais (p.166), moções sexuais	Natureza sexual Objeto sexual Organização sexual Orifício sexual Origem da pulsão sexual Perturbação sexual Prática sexual Problema sexual Pulsão sexual Pulsão sexual infantil Pulsão sexual parcial Relação sexual Regime sexual Satisfação sexual Sexualidade Sexualidade anormal Sexualidade normal Sublimação da sexualidade Vida sexual

		mais antigas (p.176), quadro das condutas sexuais da infância (p.166), "maus costumes" sexuais da criança (p.170), vida sexual da criança (p.166, 181, 183), vida sexual infantil (p.180), período de latência sexual da infância (p.168), esse período sexual foi esquecido (p.178), vincularia a amnésia infantil normal com essa atividade sexual infantil (p.178), pulsão sexual na puberdade (p.168), primórdios de sua própria vida sexual (p.165), atividade sexual precoce em crianças (p.163), atividade sexual intensa e precoce (p.182), atividade sexual das crianças (p.174), traços essenciais da atividade sexual infantil (p.170), atividade sexual infantil (p.178), fator infantil na sexualidade (p.166), fator sexual (p.172), aspirações sexuais (p.188, 189), vida sexual (p.165, 181, 182, 183, 187, 188, 188), vida sexual "normal" (p.176), vida sexual normal do adulto (p.186), corrente de ternura da vida sexual (p.189), ideais da vida sexual (p.189), permanecer sexualmente normal (p.180), a estrutura e o desenvolvimento da função sexual normal (p.188), problemas sexuais (p.183), moções sexuais (p.166, 168), manifestação sexual (p.168, 169, 192), manifestação sexual espontânea (p.181), atividade sexual (p.168, 177, 179, 180, 181, 187, 187, 187), atividade sexual masculina (p.177), florescência da atividade sexual (p.178), atividade sexual erógena (p.181), atividade sexual erógena (p.182), regime sexual (p.186), mecanismo ou na química sexual (p.191), relação sexual (p.185), relação sexual entre adultos (p.185), diferença sexual (p.183), orifício sexual feminino (p.185), natureza sexual (p.191), natureza sexual dessa ação (p.170), chuchar uma manifestação sexual (p.170), prática sexual (p.171), atividade sexual apoia-se (p.171), apoio da sexualidade em outras funções corporais (p.175), expressão da satisfação sexual (p.171), necessidade de repetir a satisfação sexual (p.171), satisfação inequívoca no desnudamento do corpo, com ênfase especial nas partes sexuais (p.181), condições básicas da vida sexual (p.163), desviada do uso sexual e voltada para outros fins (p.167), forças defensivas morais à custa da sexualidade (p.168), confusão entre "sexual" e "genital" (p.170), aparelho sexual (p.179), perturbações sexuais (p.179, 195), perturbações nos processos sexuais (p.195), perturbações de outras funções não sexuais (p.195), diques anímicos contra os excessos sexuais (p.180), multiplicidade de constituições sexuais inatas (p.194), diversas constituições sexuais (p.194), a sexualidade dos psiconeuróticos preserva o estado infantil ou é reconduzida a ele (p.165), a sintomatologia dessas manifestações sexuais (p.179).	
7	**TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE (1905) [TERCEIRO ENSAIO]**	pulsão sexual (p.196, 196, 210, 210, 211), pulsão sexual infantil (p.199), pulsões parciais da sexualidade (p.207), despertando a pulsão sexual de seu filho (p.211), pulsão sexual desmedida (p.212), impulso sexual (p.214), encontra o objeto sexual (p.196), objeto sexual (p.205, 216, 216), escolha do objeto sexual (p.213, 217), escolher como objetos	Amor assexual Amor não sexual Amor sexual Atividade sexual Ato sexual Célula sexual Conduta psicossexual

		sexuais (p.213), alvo sexual exclusivo (196), novo alvo sexual (p.196, 196, 210), novo alvo sexual no homem (p.196), alvo sexual normal (p.200, 200), das duas correntes dirigidas ao objeto sexual e à meta sexual: a de ternura e a sensual (p.196), objeto sexual (p.198, 198, 211), os méritos do objeto sexual (p.198), vínculos sexuais (p.210), fontes da sexualidade (p.200), fonte incessante de excitação e satisfação sexuais (p.210), funções sexuais (p.208), identificação do amor sexual (p.210), amor sexual e o que parece ser um amor não sexual pelos pais (p.215), ideal do amor assexual (p.215), entraves à sexualidade (p.211), intimidação sexual precoce (p.217), satisfação sexual (p.200), prazer e tensão sexual (p.201), primitiva satisfação sexual (p.209), moções pulsionais sexuais e as restantes (p.207), amor "puro", assexual (p.211), natureza do amor sexual (p.211), vigorosa necessidade sexual (p.211), atração que os caracteres sexuais opostos exercem entre si (p.216), perturbações patológicas à vida sexual (p.196-197), malogro da função do mecanismo sexual por culpa do pré-prazer (p.200), caráter esgotável do mecanismo sexual (p.201), execução do ato sexual (p.201), afeta justamente a sexualidade do clitóris (p.208), sexualidade masculina (p.208), química particular da função sexual (p.207), base química da excitação sexual (p.205), produtos sexuais (p.202), acumulação de produtos sexuais (p.202), [prazer da] expulsão das substâncias sexuais (p.199), acumulação das substâncias sexuais cria e mantém a tensão sexual (p.202), produção das substâncias sexuais (p.202), substâncias peculiares provenientes do metabolismo sexual (p.204), prazer de satisfação da atividade sexual (p.199), ligação do pré-prazer com a vida sexual infantil (p.200), produtos sexuais (p.197), descarga dos produtos sexuais (p.196, 201), descarga das substâncias sexuais põe fim à excitação sexual (p.201), relacionar a tensão sexual com os produtos sexuais (201), aparelho sexual costuma livrar-se das substâncias sexuais durante a noite (p.201), sêmen nos reservatórios de produtos sexuais (p.201), produção de células sexuais masculinas (p.203), células sexuais específicas (espermatozoides e óvulo) (p.203), acumulação de produtos celulares sexuais (p.203), perda das glândulas sexuais masculinas na maturidade (p.203), glândulas sexuais (p.203), glândula tireoide na sexualidade (p.204), excitação sexual pode independer em grau considerável da produção de substâncias sexuais (p.202), produção da excitação sexual e dos caracteres sexuais (p.203-204), origem da excitação sexual (p.203), modo como a excitação sexual é gerada (p.204), excitação sexual (p.197, 198, 198, 200), despertar uma excitação sexual (p.198), pessoa não excitada sexualmente (p.198), medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual (p.205), excitação sexual é fornecida não só pelas chamadas partes sexuais (p.205), descargas espontâneas de excitação sexual	Desenvolvimento psicossexual Diferenciação sexual Doutrina da bissexualidade Entrave sexual Escolha de objeto sexual Excitação sexual Fenômeno psicossexual Fonte sexual Função sexual Glândula sexual Impulso sexual Inibição sexual Intimidação sexual Maturidade sexual Mecanismo sexual Meta sexual Metabolismo sexual Moção sexual Necessidade sexual Objeto sexual Processo sexual Produto sexual Pulsão sexual Química da função sexual Recalcamento sexual Renegação da sexualidade Repúdio sexual Satisfação sexual Sensual Sexualidade do clitóris Sexualidade masculina Substância sexual Tensão sexual Vida sexual Vida sexual infantil Vida sexual normal Vínculo sexual

		(p.208), sexualmente anestesiadas (p.215), natureza da tensão sexual (p.201), tensão sexual é necessária até mesmo para a excitabilidade das zonas erógenas (p.202), excitação das zonas erógenas aumenta a tensão sexual (p.202), tensão sexual (p.201, 204), tensão da excitação sexual (p.197, 198), aumento da tensão sexual (p.198), preparativos para o ato sexual (p.197), energia motora necessária para levar a cabo o ato sexual (p.199), energia motora requerida para a expulsão das substâncias sexuais (p.199), descarga dos produtos sexuais (p.201), sexualmente anestesiadas (p.215), processo sexual (p.198, 200, 200, 202, 204, 205), concepção dos processos sexuais (p.204), compreensão dos processos sexuais (p.197), ato último do processo sexual (p.196), processos sexuais preparatórios (p.200), atos preparatórios do processo sexual (p.200), ato sexual (p.209), sensações de seus próprios processos sexuais (p.208), alucinação onírica de um ato sexual (p.201), manifestações sexuais (p.208), manifestações sexuais do sexo oposto (p.208), maturidade sexual (p.211), adiamento da maturação sexual (p.213), desenvolvimento sexual (p.196), desenvolvimento das inibições da sexualidade (p.207), perturbações mais profundas do desenvolvimento psicossexual (p.215), tendência ao recalcamento sexual (p.207), inibições sexuais (p.208), repúdio da sexualidade (p.215), renega sua sexualidade (p.209), conduta psicossexual dos animais (p.203), fenômenos psicossexuais (p.205), perturbações mais profundas do desenvolvimento psicossexual (p.215), atividade psicossexual destinada ao encontro do objeto (p.215), manifestações autoeróticas e masturbatórias da sexualidade (p.207), manifestações psíquicas da vida sexual (p.205), sentimentos derivados de sua própria vida sexual (p.211), exigências reais da vida sexual (p.215), atividade sexual (p.202, 210, 217), atividade sexual que leva à satisfação (p.206), atividade sexual posterior (p.209), atividade psicossexual destinada ao encontro do objeto (p.211), perturbações na vida sexual (p.204), vida sexual infantil e a madura (p.201), vida sexual infantil (p.196), vida sexual do jovem (p.213), primitiva eflorescência infantil da sexualidade (p.196), manifestações infantis da sexualidade (p.201), desvios da vida sexual normal (p.201), normalidade da vida sexual (p.196), orientação sexual (p.216), inclinações sexuais (p.217), doutrina da bissexualidade dos animais superiores (p.203), noção de bissexualidade (p.208), homossexualismo (p.217), diferenciação sexual (p.207), tese de que a sexualidade das meninas tem um caráter inteiramente masculino (p.207), supervalorização sexual (p.209).	
7	**TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE (1905) [RESUMO]**	pulsão sexual (p.218, 219, 220), debilidade inata da pulsão sexual (p.224), dissociação da pulsão sexual (p.222), fator da pulsão sexual (p.224), organização dos componentes sexuais da pulsão (p.220), caminhos da pulsão sexual (p.228), aberrações da pulsão sexual (p.218), pulsão sexual nos	Alvo sexual Atividade sexual Ato sexual Barreira contra a sexualidade Componente sexual

		psiconeuróticos (p.218), disposição originária universal da pulsão sexual humana (p.218), domínio posterior da pulsão sexual pelas instâncias anímicas superiores (p.227), estimulação fortuita da pulsão sexual por influências estranhas (p.229), fontes sexuais (p.220), diversas fontes da sexualidade (p.225), correntes tributárias das sexualidades provenientes das diversas fontes (p.223), fontes de excitação sexual (p.221, 222), novo alvo sexual (a descarga dos produtos sexuais) (p.221), descarga sexual (p.226), fatores nocivos ao desenvolvimento sexual (p.226), desenvolvimento sexual (p.227), orientação da pulsão sexual (p.218), organização sexual definitiva (p.220), instauração bitemporal do desenvolvimento sexual nos seres humanos, (p.220), novo alvo sexual (a descarga dos produtos sexuais) (p.221), pulsão sexual do adulto (p.218), goza de uma satisfação sexual (p.219), relações entre a satisfação sexual e a excitação sexual (p.220), produção de excitação sexual (p.218), material da excitações sexuais (p.225), excitação sexual (p.219, 220, 221), excitação sexual que mantém uma relação particular com a zona genital (p.220), atividade sexual (p.219), atividade sexual perversa (p.224), atividades sexuais isoladas (p.224), atos sexuais (p.221), vida sexual (p.220, 226, 228), conformação da vida sexual (p.223), perturbações da vida sexual (p.229), vida sexual perversa (p.223), configuração de uma vida sexual anormal (p.222), constituição sexual anormal (p.223), desvios da vida sexual normal (p.229), vida sexual normal (p.224), aberração fixa da vida sexual normal (p.218), desprovido de sexualidade (p.229), comportamento sexual normal (p.218), manifestações sexuais (p.219, 221, 228), manifestações sexuais prematuras (p.228), finalidades que não as sexuais (p.219), componentes sexuais para os sentimentos sociais (p.219), barreiras posteriores contra a sexualidade (p.219), corrente sexual (p.218), moções sexuais perversas (p.219), moções sexuais infantis (p.219), precocidade sexual (p.227), precocidade sexual espontânea (p.227), pulsão sexual na infância (p.219), pulsão sexual da criança (p.221), inclinação sexual da criança (p.221), disposição sexual universalmente presente na infância (p.225), excitação sexual da criança (p.219), atividade sexual da criança (p.219), atividade sexual na infância (p.221), atividade sexual prematura (p.221), vida sexual na infância (p.218), vida sexual infantil (p.220, 220), sexualidade infantil (p.229), germes de atividade sexual (p.219), conhecimentos da vida sexual infantil (p.221), diferenciação dos seres sexuados em masculino e feminino (p.221), a diversidade inata da constituição sexual (p.221), componentes da constituição sexual (p.223), vínculo heterossexual dos que depois se tornam homossexuais manifestos (p.228), relação inversa entre a cultura e o livre desenvolvimento da sexualidade (p.229), essência da sexualidade (p.229).	Corrente sexual Desenvolvimento sexual Diversidade da constituição sexual Essência sexual Excitação sexual Finalidade sexual Fonte sexual Homossexualidade Manifestação sexual Moção sexual Precocidade sexual Produto sexual Pulsão sexual Satisfação sexual Ser desprovido de sexualidade Vida sexual Vida sexual anormal Vida sexual normal Vínculo heterossexual

7	**SOBRE A PSICOTERAPIA (1905 [1904])**	elemento anímico de sua vida sexual (p.256); problemas sexuais (p.256), papel do sexual na formação das psiconeuroses (p.256), aversão do neurótico à sexualidade (p.256), privação sexual (p.256), como meio terapêutico a atividade sexual (p.256), recomendação da atividade sexual nas psiconeuroses (p.256), necessidade e a privação sexuais (p.256).	Atividade sexual Aversão à sexualidade Necessidade sexual Papel sexual Privação sexual Problema sexual Vida sexual
7	**MINHAS TESES SOBRE O PAPEL DA SEXUALIDADE NA ETIOLOGIA DAS NEUROSES (1906 [1905])**	importância etiológica do fator sexual para as neuroses (p.263), importância etiológica dos fatores sexuais nas psiconeuroses (p.269), fator sexual (p.263, 264), influências sexuais na etiologia das neuroses (p.264), sexualidade (p.264), sintomas representam a atividade sexual do doente (p.269), pulsões parciais normais ou perversas da sexualidade (p.269), perturbações dos processos sexuais (p.269), libido sexual (p.269), perturbações do metabolismo sexual (p.270), processos que servem à função sexual (p.270), perturbação dos processos sexuais no organismo (p.270), natureza da sexualidade (p.268), disposição sexual constitucional da criança (p.268), *vita sexualis* (p.263), *vita sexualis* normal (p.265), vida sexual (p.264), vivências sexuais (p.265), vivências sexuais da primeira infância (p.265), vivências sexuais da infância (p.265); vivências sexuais infantis (p.266, 266), fatores patogênicos na vida sexual (p.263), influências acidentais que atuam sobre a sexualidade durante a vida (p.270), atividade sexual (p.265), atividade sexual infantil (p.266, 268), comportamento normal da função sexual (p.268), função sexual (p.269, 270), caracteres infantis da sexualidade (p.268), importância da sexualidade e do infantilismo (p.269), excitações sexuais (p.268), estado de excitação sexual (p.269), situação sexual (p.269), sexualmente maduro (p.268), os seres humanos ocultam a verdade nos assuntos sexuais (p.263), irregularidades sexuais (p.263), desvio do funcionamento sexual normal (p.263), patologias sexuais (p.263), traumas sexuais infantis (p.266, 267), infalíveis componentes sexuais (p.269), influências *acidentais* sobre a sexualidade (p.266, 267), caráter polar da sexualidade (p.264), constituição sexual (p.267, 267), história sexual infantil (p.268), sexualidade recalcada (p.269), recalcamento sexual (p.268, 268), recalcamento sexual orgânico (p.269), “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (p.267, 268).	Assunto sexual Atividade sexual Carácter infantil da sexualidade Componente sexual Constituição sexual Excitação sexual Fator sexual Função sexual Funcionamento sexual História sexual infantil Infantilismo sexual Influência sexual Irregularidade sexual Libido sexual Livros sobre sexualidade Natureza sexual Patologia sexual Perturbação sexual Polaridade sexual Pulsão sexual Recalque sexual Sexualidade Sexualmente maduro Trauma sexual infantil Vida sexual Vivência sexual
7	**TRATAMENTO PSÍQUICO (OU ANÍMICO) (1905)**	dor psíquica e do deleite sexual (p.278), aberrações sexuais (p.289).	Aberrações sexuais Deleite sexual
7	**PERSONAGENS PSICOPÁTICOS NO PALCO (1942 [1905 ou 1906])**	excitação sexual (p.297), sexual (p.298).	Excitação sexual Sexual
8	**OS CHISTES E A SUA RELAÇÃO COM O**	significado sexual (p.47, 48, 48, 48), sentidos (o sexual ou o não sexual) (p.48), referência sexual (p.48), tópico das relações sexuais (p.90), material sexual (p.102), do que é sexual (p.102), o que é	Ação sexual Agressão sexual Ato sexual Campo sexual

	INCONSCIENTE (1905)	sexual (p.102), ver desmascarado o que é sexual (p.103), discurso sexualmente excitante (p.103), incapacidade da mulher em tolerar a sexualidade (p.105), *smut*: a intencional proeminência verbal de fatos e relações sexuais (p.102), despertar no locutor uma excitação sexual (p.102), espectador de um ato de agressão sexual (p.102), O *smut* é como que um desnudamento das pessoas, sexualmente diferentes, a quem é dirigido (p.102), o cômico da sexualidade (p.216), agressividade sexual (p.103, 107), os componentes sádicos do instinto sexual (p.104), objeto da agressividade hostil ou sexual (p.104), pessoas em cuja sexualidade é demonstrável um poderoso componente sádico (p.144), prazer sexual do que é visto (p.216), as esferas da sexualidade e da obscenidade (p.216), anatomia dos órgãos sexuais (p.102), partes sexuais (p.103), excitada sexualmente (p.102), experiência sexual (p.47), modéstia sexual (p.103), ato sexual (p.103), ação sexual (p.103), tendências sexuais (p.106), liberdade sexual (p.114), tentações da sensualidade (p.114), situação sexual (p.134), campo sexual (p.143), os componentes individuais da constituição sexual (p.144), agradável excitação sexual (p.216), sexualidade na infância (p.102), supressão mais severa que na esfera da sexualidade (p.114), satisfazer a sexualidade do homem (p.114).	Cômico e o sexual Componente sexual sádico Constituição sexual Diferença sexual Excitação sexual Experiência sexual Instinto sexual Liberdade sexual Material sexual Modéstia sexual Partes sexuais Prazer sexual Objeto sexual Obsceno e o sexual Órgão sexual Referência sexual Relações sexuais Satisfação sexual Sentido sexual Sexual Sexualidade na infância Significado sexual Situação sexual Tendência sexual Tentação da sensualidade
9	**DELÍRIOS E SONHOS NA *GRADIVA* DE JENSEN (1907[1906])**	processos sexuais (p.41), atenções da sexualidade (p.41), eventos sexuais (p.41), sexualidade reprimida (p.41), instinto sexual (p.55, 82, 82), afeto sexual (p.60), excitação sexual (p.60), tendência assexual (p.66).	Afeto sexual Atenção sexual Evento sexual Excitação sexual Instinto sexual Processo sexual Repressão sexual Tendência assexual
9	**A PSICANÁLISE E A DETERMINA-ÇÃO DOS FATOS NOS PROCESSOS JURÍDICOS (1906)**	complexo sexual reprimido (p.102).	Complexo sexual
9	**ATOS OBSESSIVOS E PRÁTICAS RELIGIOSAS (1907)**	experiências mais íntimas do paciente, principalmente das sexuais (p.111), a repressão de um impulso instintual (um componente do instinto sexual) (p.114), instinto sexual (p.115), componente sexual (p.115, 115), diferença residiria na natureza desses instintos, que na neurose são exclusivamente sexuais (p.116), prazeres sexuais (p.115).	Componente sexual Experiência sexual Instinto sexual Prazer sexual
9	**O ESCLARECI-MENTO SEXUAL DAS CRIANÇAS (CARTA ABERTA AO DR. M. FüRST) (1907)**	o esclarecimento sexual das crianças (p.123), vida sexual dos seres humanos (p.123), ocultar das crianças aquilo que é sexual (p.124), teorias sexuais infantis (p.128), esclarecimento sexual da juventude (p.128), problemas sexuais (p.123), males da vida sexual (p.123), fatos da vida sexual (p.123), fatos e mistérios da vida sexual (p.123), mistério dos fatos da vida sexual (p.128), assuntos sexuais (124, 128), conhecimento sexual (p.125, 128), questões sexuais	Assunto sexual Atividade sexual Campo sexual Conhecimento sexual Constituição psicossexual Esclarecimento sexual Excitação sexual

		(p.127), constituição psicossexual (p.123), instinto sexual (p.123, 123, 124), função da sexualidade (p.123), maturação dos órgãos sexuais (p.124), sexualidade (p.124, 128), sexualidade humana (p.129), vida sexual (p.129), campo da sexualidade humana (p.129), sensações sexuais (p.124), sensações e atividades sexuais (p.124), sensações de prazer sexual (p.125), prazer sexual (p.125), sensações físicas de excitação sexual (p.125), "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (p.123,125).	Função sexual Instinto sexual Livros sobre sexualidade Prazer sexual Problema sexual Órgão sexual Questão sexual Sensação sexual Sexual Sexualidade Vida sexual
9	**FANTASIAS HISTÉRICAS E SUA RELAÇÃO COM A BISSEXUALIDADE (1908)**	satisfação sexual (p.149, 150, 151, 152, 152), satisfação sexual primária original (p.151), vida sexual do sujeito (p.150, 152), excitação sexual (p.151), sensações sexuais e inervações motoras (p.151), constituição sexual (p.152), natureza sexual (p.153), significados sexuais (p.154, 154), componentes sadomasoquistas do instinto sexual (p.151), agressão sexual (p.151), constituintes do seu instinto sexual (p.152), impulsos inconscientes que não são sexuais (p.153), instinto sexual (p.153), impulso homossexual (p.153), sintomas de heterossexualidade e os de homossexualidade (p.153), natureza bissexual dos sintomas histéricos (p.154), disposição bissexual inata no homem (p.154), sintomas com significado bissexual (p.154), sexualidade dos psiconeuróticos (p.151), fator sexual (p.153), significação sexual (p.153), fantasia sexual (p.153, 153), fantasias sexuais de caráter oposto (p.153), fantasia sexual inconsciente masculina e, por outro lado, de uma feminina (p.153), fantasia sexual subjacente (p.154), "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (p.153).	Afeto sexual Agressão sexual Constituição sexual Disposição bissexual Fantasia sexual Impulso homossexual Impulso não sexual Instinto sexual Homossexualidade Livros sobre sexualidade Natureza bissexual Natureza sexual Satisfação sexual Sensação sexual Sexualidade dos psiconeuróticos Significado sexual Significação sexual Sintoma bissexual Sintoma de heterossexualidade Sintoma de homossexualidade Vida sexual
9	**CARÁTER DO EROTISMO ANAL (1908)**	constituição sexual (p.159), excitação sexual (p.160), vida sexual (p.160), latência sexual (p.160), "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (p.160), instinto sexual do homem (p.160), defletida dos fins sexuais (p.160), instintos sexuais (p.160), componentes do instinto [sexual] (p.160), fins sexuais (p.161), homossexuais (p.164).	Constituição sexual Excitação sexual Finalidade sexual Homossexual Instinto sexual Latência sexual Livros sobre sexualidade Vida sexual
9	**MORAL SEXUAL "CIVILIZADA" E DOENÇA NERVOSA MODERNA (1908)**	moral sexual "natural" e a "civilizada" (p.169), moral sexual natural (p.169), moral sexual (p.169, 169, 179), moral sexual civilizada (p.169, 169, 169, 170, 172, 180, 184, 185, 186, 186), obediência moral sexual (p.169), singularidade da moral sexual civilizada (p.169), repressão nociva da vida sexual dos povos (ou classes) civilizados (p.172), influências nocivas na vida sexual (p.172, 173), necessidades sexuais de indivíduos insatisfeitos (p.173), moral sexual "civilizada" da atualidade (p.175), desvios nocivos da sexualidade normal (p.175), sexualidade que é útil à civilização (p.175), os padrões de civilização exigem de todos uma	Abstinência sexual Atividade sexual Ato sexual Código sexual Comportamento sexual Conduta sexual Desenvolvimento sexual Desvio nocivo sexual Excitação sexual Experiência sexual Fator etiológico

		idêntica conduta sexual (p.177), proíbe toda atividade sexual fora do matrimônio legítimo (p.178), exigências de nossa moral sexual cultural contemporânea (p.179), exigências ideais da moral sexual civilizada (p.183), interesses sexuais da humanidade (p.180), luta contra a sexualidade (p.181), vida sexual masculina (p.169), vida sexual (p.173, 182), vida sexual normal (p.179, 184), estrutura da vida sexual (p.179), relação sexual (p.169), problemas de sexualidade psicopática (p.171), homossexuais (p.175, 176, 184), homossexualidade (p.176, 184), satisfação homossexual (p.184), especial aptidão do seu instinto sexual para a sublimação cultural (p.176), irmã de um pervertido sexual (p.177), elementos pervertidos da excitação sexual (p.175), práticas sexuais chamadas pervertidas (p.184), sensualidade (p.171), conteúdo sexual (p.173), excitação sexual (p.175), vida sexual do indivíduo (p.176), ativo sexualmente (p.177), atividade sexual (p.177, 181, 184), relações sexuais chamadas normais (p.177), relações sexuais no casamento (p.179, 179), relações sexuais mesmo dentro do casamento (p.179), relações sexuais normais do casamento (p.184), liberdade sexual (p.178, 178, 180), código sexual mais severo (p.180), moral sexual "dupla" (p.180), abstinência sexual (p.178, 181), abstinência sexual não é nociva nem árdua (p.178), restrições sexuais mais brandas (p.178), restrições sexuais (p.179), restrição da atividade sexual (p.186), abstenção de qualquer atividade sexual (p.183), abstenção de relações sexuais (p.183), suprimir a sensualidade da jovem até o casamento (p.182), supressão de sua sexualidade (p.182, 183), privando o homem de um maior prazer sexual (p.182), satisfação sexual legítima permitida (p.178), satisfação das necessidades sexuais (p.179), meios substitutivos de satisfação sexual (p.183), prazer sexual (p.179), medo das consequências do ato sexual (p.179), ato sexual (p.185), retardação do desenvolvimento e da atividade sexual (p.180), experiências sexuais (p.181, 184), comportamento sexual (p.182), a sexualidade constitui o protótipo do comportamento (p.183), problemas sexuais (p.182), setor sexual (p.182), trabalho intelectual e a atividade sexual (p.182), atividades sexuais autoeróticas da primeira infância (p.183), involução da vida sexual a formas infantis (p.183), práticas sexuais masturbatórias ou pervertidas (p.184), precocidade sexual (p.185), vida sexual precocemente despertada (p.185), fator etiológico sexual (p.172), fator sexual como o fator básico na causação das neuroses (p.172), instinto sexual (p.174, 174, 174, 174, 174, 175, 175, 176, 176, 179, 181, 182), impulsões sexuais (p.184), objetivo sexual (p.174, 175), (objetivo) não mais sexual (p.174), vigor original do instinto sexual (p.174), satisfação sexual direta (p.174), satisfação sexual (p.179), instinto sexual não serve originalmente aos propósitos da reprodução (p.174), desenvolvimento do instinto sexual (p.175, 175),	sexual Homossexual Homossexualidade Instinto sexual Interesse sexual Liberdade sexual Luta contra o sexual Moral sexual Necessidade sexual Objetivo não sexual Objetivo sexual Objeto sexual Pervertido sexual Prática sexual Prazer sexual Precocidade sexual Problema sexual Relação sexual Restrição sexual Satisfação homossexual Satisfação sexual Setor sexual Sexualidade Sexualidade útil Sexualidade psicopática Sexualmente ativo Supressão da sensualidade Vida sexual

		instinto sexual pode manifestar-se livremente (p.175), instinto sexual é suprimido (p.175), meta sexual (p.175, 184), instinto sexual é exagerado ou que resiste à inibição (p.175), objetivo sexual preliminar (p.175), complexa constituição do instinto sexual (p.176), nascido com um instinto sexual forte ou comparativamente fraco (p.176), reprimir seu instinto sexual (p.176), instintos sexuais inibidos (p.176), instinto sexual mais débil (p.177), restrição da sexualidade (p.180; 181), a tarefa de dominar um instinto tão poderoso quanto o instinto sexual (p.178), defletindo as forças instintuais sexuais do seu objetivo sexual para fins culturais mais elevados (p.178), o valor psíquico da satisfação sexual cresce com a sua frustração (p.179), substituto adequado do objeto sexual (p.200), objeto sexual (p.183), instinto sexual do jovem civilizado (p.180), supressão dos impulsos hostis à civilização que não são diretamente sexuais (p.186).	
9	**SOBRE AS TEORIAS SEXUAIS DAS CRIANÇAS (1908)**	vida sexual das crianças (p.191), comportamento sexual das crianças (p.191), interesse sexual da criança (p.191), pesquisas sexuais da criança (p.195, 203), teorias sexuais da criança (p.195), constituição psicossexual da criança (p.195), investigação sexual por parte da criança (p.202), especulações tardias das crianças sobre a vida sexual (p.203), atividade sexual infantil (p.192), teorias sexuais infantis (p.192, 197, 202), teorias sexuais infantis típicas (p.195-196), componentes sexuais infantis (p.202), primeiro período infantil de interesse sexual (p.202-203), testemunham acidentalmente uma relação sexual entre os pais (p.199), relações sexuais dos pais (p.200), pesquisas sobre os problemas sexuais (p.193), pesquisas sexuais (p.202), (falsas teorias da) sexualidade (p.195), teorias sexuais falsas (p.195), teorias sexuais (p.198, 199), conhecimento sexual (p.201), assuntos sexuais (p.202), efeitos sexuais (p.203), informações sexuais (p.203), curiosidade sexual (p.204), desenvolvimento sexual (p.192), constituição sexual (p.196), a fisiologia dos processos sexuais (p.197), função sexual (p.197), órgão sexual masculino (p.202), vida sexual (dos animais) (p.195), vida sexual (p.196), vida sexual normal (p.196), desapareça essa sexualidade masculina e surja a mulher (p.197), nenhuma atividade sexual (p.191), atividade sexual masturbatória (p.203), excitação sexual noturna (p.196), excitação sexual (p.199), excitabilidade confere à atividade sexual da menina um caráter masculino (p.197), atração sexual básica (p.196), natureza do ato sexual (p.200), interrupção temporária das relações sexuais (p.201), sinal de iniciação sexual (p.201), agressão sexual (p.201), relações sexuais (p.203), variável intensidade do instinto sexual (p.191), em constituição inata um instinto sexual (p.192), componentes do instinto sexual (p.195), objeto sexual autoerótico (p.196), objeto sexual (p.196, 196, 196), componentes sexuais anais (p.198), componentes inatos do instinto sexual (p.200), repressão sexual (p.203),	Agressão sexual Assunto sexual Atração sexual Atividade sexual Comportamento sexual Conhecimento sexual Constituição psicossexual Desenvolvimento sexual Efeito sexual Excitação sexual Função sexual Homossexual Informação sexual Iniciação sexual Instinto sexual Interesse sexual Investigação sexual Objeto sexual Órgão sexual Pesquisa sexual Problema sexual Processo sexual fisiológico Relação sexual Repressão sexual Teoria sexual da criança Vida sexual

		homossexual (p.196, 197, 197).	
9	**ALGUMAS OBSERVAÇÕES GERAIS SOBRE ATAQUES HISTÉRICOS (1909 [1908])**	"Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade" (p.210), relação sexual (p.210), atividade sexual (p.213), atividade sexual das mulheres (p.213), sexualidade masculina (p.213), ciclo típico de atividade sexual infantil (p.212), (perda de consciência em um ataque histérico) satisfação sexual intensa (p.212).	Atividade sexual Fantasia bissexual Relação sexual Satisfação sexual Sexualidade masculina
9	**ROMANCES FAMILIARES (1909[1908])**	rivalidade sexual (p.219), relações sexuais (p.220), determinantes sexuais da procriação (p.220), estádio (sexual) (p.221), estádio (assexual) (p.221), processos sexuais (p.221), mãe (objeto da mais intensa curiosidade sexual) (p.221), assexuais (p.221), travessuras sexuais (p.221), sexualmente atraído (p.221).	Assexual Curiosidade sexual Determinante sexual Estádio assexual Estádio sexual Processo sexual Relação sexual Rivalidade sexual Sexualmente atraído Travessuras sexuais
10	**ANÁLISE DE UMA FOBIA EM UM MENINO DE CINCO ANOS (1909)**	hipóteses quanto à sexualidade infantil do paciente (p.15), vida sexual das crianças (p.16), os impulsos e desejos sexuais (p.16), desenvolvimento sexual das crianças em geral (p.17), curiosidade sexual (p.18, 18, 99), curiosidade sexual (ao nascimento de outra criança) (p.105), conhecimento sexual (p.34), pesquisas sexuais (p.39), teoria sexual das crianças (p.72), teorias sexuais infantis (p.98, 122), assuntos sexuais (p.83), vida sexual (p.98, 101), ato sexual (p.101), atividade sexual (p.100), atividade sexual autoerótica (p.99), órgão sexual (p.99), prazer sexual em olhar (p.99), constituição sexual (p.100, 101), objeto sexual (p.101, 101, 101), conexão entre instinto e objeto na vida sexual (p.102), objetivo sexual (p.102), explosão de prazer sexual (p.105), excitação sexual intensificada (p.109, 125), excitação sexual (p.109), excitamento sexual (p.122), fantasias simbólicas de relações sexuais (p.112), controle sobre os desejos sexuais (p.119), componentes sexuais (p.124), forças que eram opostas à sexualidade (p.125), "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (p.15, 95), genitais e funções sexuais (nos mitos e contos de fadas) (p.18), aspectos autoeróticos de sua vida sexual (p.23), superexcitação sexual (p.29), seus pais tendo relações sexuais (p.94), às relações sexuais de uma criança com seus pais (p.103), cena da relação sexual entre seus pais (p.122), componentes familiares da libido sexual (p.126), desenvolvimento psicossexual de Hans (p.104), precocidade sexual (p.127, 127), primeiro traço de homossexualidade (p.24), arroubos de homossexualidade (p.25), inclinações homossexuais na figura paterna (p.28), homossexuais (p.101, 101, 102, 102, 102), alta estima sentida pelo homossexual pelo órgão masculino (p.101), instinto homossexual (p.102), homossexualidade (p.102).	Arroubo homossexual Assunto sexual Atividade sexual Ato sexual Componente sexual Conhecimento sexual Constituição sexual Curiosidade sexual Desejo sexual Desenvolvimento psicossexual Desenvolvimento sexual Excitação sexual Estima pelo órgão sexual Fantasia sexual Função sexual Homossexual Homossexualidade Libido sexual Livros sexuais Impulso sexual Inclinação homossexual Instinto homossexual Instinto sexual Cena sexual Objetivo sexual Objeto sexual Pesquisa sexual Prazer sexual Precocidade sexual Relação sexual Sexualidade Sexualidade infantil Superexcitação sexual Teoria sexual da criança Traço homossexual

			Vida sexual
10	**NOTAS SOBRE UM CASO DE NEUROSE OBSESSIVA (1909)**	relações sexuais regulares (p.143), relação sexual (p.143, 197, 197, 226, 228, 228, 235, 244, 268, 268), sua vida sexual havia sido obstruída (p.143), vida sexual (p.143, 144, 178, 214, 228, 240), curso da evolução de sua vida sexual (p.178), levado à sexualidade (p.237), disposição sexual (p.268), primeiras experiências sexuais (p.148), atividade sexual prematura (p.149), vida sexual infantil do paciente (p.149), vida sexual atual de um neurótico obsessivo (p.149), correlação entre as neuroses e a vida sexual (p.174), à história do lado masturbatório das atividades sexuais do nosso paciente (p.177), atos sexuais infantis de caráter masturbatório (p.211), recapitulou sua sexualidade (p.266), um período homossexual (p.266), brincadeiras homossexuais (p.269), relações sexuais com outras mulheres (p.191), ato sexual praticado com prazer na infância (p.193), relações homossexuais (p.236), ligações sexuais (p.236), obstáculo para sua atividade sexual (p.241), investida sexual sobre a jovem (p.242), desejos sexuais, fortes e excessivos (p.146), componente do instinto sexual (p.146-147), (ação de) natureza sexual (p.181), relação sexual *per anum* (p.187), (impulso) sexual (p.188), objeto sexual (p.205), objetivo sexual (p.206), instinto sexual de olhar e conhecer (p.212), pensamento torna-se sexualizado (p.212), o instinto sexual e a função do órgão olfativo (p.214), ímpeto libidinal em direção à sexualidade (p.268), gratificação sexual (p.174), gozo sexual do paciente (p.180), prazer sexual (p.212, 236, 236), satisfação sexual (p.212), assuntos sexuais (p.209), sensualidade (p.228), curiosidade sexual (p.238), modo claramente sexual (p.241), significado sexual (p.270), componente sexual (p.178, 178), âmbito da sexualidade (p.177), constituição sexual (p.178), constituição sexual de uma criança (p.178), sexualidade infantil (p.178), consequência de sua sexualidade (p.178), teorias sexuais da infância e do simbolismo (p.189), atividade sexual infantil (p.212), teoria sexual da infância (p.267).	Assunto sexual Atividade sexual Ato sexual Brincadeira homossexual Componente sexual Constituição sexual Curiosidade sexual Desejo sexual Direção sexual Disposição sexual Experiência sexual Gozo sexual Gratificação sexual Impulso sexual Instinto sexual Investida sexual Ligação sexual Natureza sexual Objetivo sexual Objeto sexual Pensamento sexualizado Período homossexual Relação homossexual Relação sexual Satisfação sexual Sensualidade Sexualidade Sexualidade infantil Significado sexual Teoria sexual da infância Vida sexual
11	**TERCEIRA LIÇÃO (1910)**	representação de complexos sexuais (p.49).	Representação sexual
11	**QUARTA LIÇÃO (1910)**	origem sexual (p.55), vida sexual (p.53, 57), vida sexual infantil (p.57), fixação definitiva da vida sexual (p.57), mundo da sexualidade (p.53), manifestações somáticas da vida sexual (p.58), vida sexual normal (p.58), sexualidade normal do adulto (p.54), finalidade sexual normal (p.58), participação etiológica do fator sexual (p.53), elemento sexual (p.53), etiologia sexual (p.53), atividade sexual (p.53, 56, 59), atividades sexuais infantis (p.57), caráter sexual definitivo (p.57), elementos de excitação sexual (p.59), preparo e estímulo do verdadeiro ato sexual (p.57), desenvolvimento da função sexual (p.57, 58), desenvolvimento sexual (p.58), constituição sexual (p.59), comportamento na esfera da vida sexual (p.54), o instinto e as atividades sexuais (p.54); matéria sexual (p.53), instinto sexual	Amor sexual Ato sexual Caráter sexual Constituição sexual Desenvolvimento sexual Etiologia Sexual Excitação sexual Fato sexual Fator sexual Fixação sexual Fonte do prazer sexual Gozo sexual Homossexualidade Manifestação da

		(p.54, 56, 57), objeto sexual (p.58), necessidades sexuais (p.57), prazer sexual (p.56, 56), gozo sexual (p.56), nas coisas da sexualidade (p.54), fatos sexuais (p.54), interesses sexuais (p.59), amor sexual (p.55), como sexuais (p.54), ordem sexual (p.60), expõem a sua sexualidade francamente (p.53), fixação parcial – ponto fraco na estrutura da função sexual (p.58), fonte de prazer sexual infantil (p.56), sexualidade infantil (p.54, 55, 56, 56), confirmar a sexualidade infantil (p.55), manifestações da atividade sexual infantil (p.54), infantilismo geral da vida sexual (p.58), evolução sexual da criança (p.58), teorias sexuais infantis (p.59, 60), vida sexual infantil (p.60), desenvolvimento psicossexual da criança (p.60), disposição homossexual (p.57), tendência homossexual (p.58), homossexualidade exclusiva (p.58), "Three Essays on the Theory of Sexuality" (p.55), minha teoria sexual (p.55), o psicanalista considera a sexualidade naquele sentido amplo a que o conduziu a apreciação da sexualidade infantil (p.58), nada disto é sexualidade (p.58).	sexualidade Matéria sexual Mundo sexual Necessidade sexual Origem sexual Pensamento sexual Satisfação sexual Sentido sexual Sexualidade ampla Tendência homossexual Teoria sexual Teoria sexual infantil Textos sobre sexualidade Vida sexual Vida sexual da criança
11	**QUINTA LIÇÃO (1910)**	sexualidade infantil (p.61), satisfação das necessidades sexuais (p.61), instinto sexual (p.61, 65), forças instintivas sexuais da neurose (p.62), impulsos sexuais reprimidos (p.63); componentes do instinto sexual (p.65), plasticidade dos componentes sexuais (p.65), fim sexual (p.65), atividade sexual (p.61), ordem sexual (p.65), vida sexual (p.61), vida sexual inteira (p.61), estado infantil da vida sexual (p.61), sentimentos sexuais inconscientes (p.62), coerção sexual (p.65), cerceamento da sexualidade (p.65).	Atividade sexual Coerção sexual Finalidade sexual Instinto sexual Impulso sexual Componente sexual Ordem sexual Satisfação sexual Sentimento sexual Sexualidade infantil Vida sexual
11	**LEONARDO DA VINCI E UMA LEMBRANÇA DA SUA INFÂNCIA (1910)**	atividade sexual (p.79, 86, 88, 88, 89, 104), atividades da sexualidade infantil (p.104), grande atividade sexual (p.81), atividade sexual infantil (p.137), expressão mais comum, em alemão, para a atividade sexual masculina é *vögeln* (p.132), atividade sexual grosseira (p.138), noção do ato sexual (p.87), ato sexual (p.108), descrição de um ato sexual (p.113), ser capaz de realizar o ato sexual (p.132), um ato de *fellatio*, um ato sexual (p.94), comportamento sexual do grande artista e cientista (p.108), satisfação sexual (p.88), satisfação sexual direta (p.108), necessidades e atividades sexuais (p.108), formação o desejo sexual (p.108), relação sexual (p.81), motivos de ordem sexual (p.109), tendências sexuais sublimadas (p.138), casos de homossexualismo (p.108), homossexual (p.106, 106, 108, 109, 113), transformou-se num homossexual (p.107), se torna homossexual (p.107), adquiriu sua homossexualidade (p.108), decisão no sentido da homossexualidade (p.127), casos de homossexuais (p.106), defensores dos homossexuais (p.108), homossexualidade (p.96, 108, 108, 108), homossexualidade manifesta (p.106), misoginia e homossexualidade permanente (p.104), sentimentos homossexuais (p.96), emocionalmente homossexual (p.106), práticas homossexuais proibidas (p.80), homossexualidade ideal (p.89), homossexuais	Atitude sexual Atividade sexual Ato sexual Característica sexual Comportamento sexual Constituição sexual Curiosidade sexual Desejo sexual Destino sexual Direito sexual Elemento sexual Fantasia sexual Finalidade sexual Função sexual Homossexualidade Homossexualismo Inclinação sexual Individualidade sexual Instinto sexual Interesse sexual Maturidade sexual Natureza sexual Objetivo sexual Objeto sexual Órgão sexual

		passivos (p.94), situação homossexual (p.101), atitude homossexual (p.138), pacientes homossexuais (p.106, 106), natureza é indubitavelmente homossexual (p.106), estágio sexual intermediário ou como um "terceiro sexo" (p.106), gênese psíquica da homossexualidade (p.106, 108), situação homossexual em sua fantasia (p.113), tipo de homossexualidade (p.113), tendência a botar o órgão sexual masculino na boca e a chupá-lo (p.95), papel da mulher nas relações sexuais (p.94), características sexuais das mulheres (p.139), fantasia homossexual passiva (p.96), fantasia sexual repulsiva (p.95), sexualidade (p.105), individualidade sexual (p.79), constituição sexual (p.87), indícios de inclinação sexual não transformada (p.109), particular inclinação sexual (p.109), padrão imposto pela vida sexual (p.138), vida sexual (p.104, 127), vida sexual real (p.138), vida sexual emocional (p.82), vida sexual dos indivíduos (p.86), atrofia de sua vida sexual (p.89), histórico extenso da vida sexual de nossa época (p.104), atrofia da vida sexual do adulto (p.138), desprezo pelos órgãos genitais e pelas funções sexuais (p.104), naturezas sensuais (p.79), sensualidade sem limites (p.79), influência opressiva da sensualidade (p.115), sensualidade implacavelmente exigente (p.115), direito à sensualidade (p.131), rejeição da sexualidade (p.79), desejo sexual (p.138), libido continuou orientada para fins sexuais (p.138), contribuições do instinto sexual para a vida mental (p.138), instinto sexual (p.86), forças sexuais instintivas (p.86), forças resultantes do instinto sexual (p.86), necessidades de seu instinto sexual puderam ser sublimadas (p.138), componente instintivo do desejo sexual (p.88-89), impulsos de sua própria sexualidade (p.87), objetos sexuais (p.113), dois tipos de objetos sexuais (p.119), representação de seus objetos sexuais (p.138), capacidade de substituir seu objetivo imediato por outros desprovidos de caráter sexual (p.86), satisfazer interesses sexuais (p.86), interesse sexual (p.87, 88, 89), intensificação sexual (p.86), tema sexual (p.79, 89), pesquisas sexuais (p.105), pesquisas sexual infantil (p.87, 88, 89, 137), pesquisas sexuais da sua infância (p.100), pesquisas sexuais infantis não inibidas pelo pai (p.129), período de pesquisa sexual infantil (p.87), investigação sexual infantil (p.104), explorações sexuais (p.132), teorias sexuais infantis (p.102), enigmas da vida sexual (p.102), questões sexuais (p.132), exclusão do elemento sexual (p.129), sentido sexual primário (p.133), curiosidade sexual (p.138), significação sexual (p.141), madureza sexual (p.137), sexualizar o próprio pensamento (p.88), repressão sexual (p.88, 88, 89, 141), repressão sexual que dominava sua natureza (p.113), evitar a repressão sexual (p.88), período de enérgica repressão sexual (p.87), posterior repressão sexual bem-sucedida (p.104), restrições impostas por lei às suas atividades sexuais (p.106), à repressão que mais	Pesquisa sexual Processo sexual Questão sexual Relação sexual Repressão sexual Satisfação sexual Sensualidade Sentido sexual Sexualidade Sexualização Significação sexual Tema sexual Tendência sexual Teoria sexual Textos sobre sexualidade Vida sexual

		tarde o afastaria da sexualidade (p.132), repressão quase total (p.138), nada de sexual naquilo (p.149), processos sexuais (p.88), processos inibitórios psicossexuais (p.108), inibições na vida sexual (p.137), inatividade sexual (p.141), desenvolvimento psicossexual (p.127), problemas da sexualidade (p.131), destino da sexualidade (p.88), *Psychopathia Sexualis de Krafft-Ebing* (p.95).	
11	**AS PERSPECTIVAS FUTURAS DA TERAPÊUTICA PSICANALÍTICA (1910)**	significação sexual oculta dos sonhos (p.149), não poderia haver nada de sexual naquilo (p.149).	Significação sexual
11	**UM TIPO ESPECIAL DE ESCOLHA DE OBJETO FEITA PELOS HOMENS (CONTRIBUIÇÕES À PSICOLOGIA DO AMOR I) (1910)**	sexualmente de má reputação (p.174, inconstância sexual (p.176), integridade sexual (p.175), relações sexuais (p.178), relações sexuais como um meio de vida (p.178), privilégio da relação sexual (p.179), atividades sexuais (p.178), normas universais e odiosas da atividade sexual (p.178), fantasias que têm por tema as atividades sexuais da mãe (p.179), vida sexual (p.178, 178), esclarecimento sexual (p.178).	Atividade sexual Esclarecimento sexual Inconstância sexual Integridade sexual Relação sexual Reputação sexual Vida sexual
11	**SOBRE A TENDÊNCIA UNIVERSAL À DEPRECIAÇÃO NA ESFERA DO AMOR (CONTRIBUIÇÕES À PSICOLOGIA DO AMOR II) (1912)**	recusa dos órgãos executores da sexualidade de levar a cabo o ato sexual (p.187), órgãos que realizam o ato sexual (p.190), ato sexual (p.193), impressões penosas acidentais relacionadas à atividade sexual infantil (p.188), atividade sexual (p.190, 194), percebida na atividade sexual (p.197), restrição à sua atividade sexual (p.192), proibição de atividade sexual (p.194), ligação íntima entre proibição e sexualidade (p.194), imagens dos primeiros objetos sexuais (p.189), capacidades sexuais (p.191), instintos sexuais (p.188, 188, 196), natureza do próprio instinto sexual (p.196), clamores de nosso instinto sexual (p.197), peculiaridades que o instinto sexual adotou sob a pressão da cultura (p.197), incapacidade do instinto sexual de produzir satisfação completa (p.197), forças instintivas sexuais (p.197), exigências dos dois instintos – o sexual e o egoísta (p.197), impulsos afetuosos e sensuais (p.194), satisfação sexual (p.195), primeiras satisfações sexuais (p.188), possibilidade de completa satisfação sexual (p.193), prazer sexual completo (p.193), prazer sexual (p.195), relação do amante com seu objeto sexual (p.196), objetos sexuais (p.194), característica do objeto sexual (p.187, 187), objeto final do instinto sexual (p.196), supervalorização normal do objeto sexual por parte do homem (p.189), objeto sexual feminino (p.188), objetos sexuais originais são substituídos por objetos diferentes (p.189), depreciação do objeto sexual (p.191), depreciar seu objeto sexual (p.193, 194), objeto sexual depreciado e desprezado (p.191), objeto sexual depreciado (p.193), necessidade de um objeto sexual depreciado (p.193), supervalorização, que normalmente se liga ao objeto sexual (p.191), objetivos sexuais (p.189), componentes perversos	Atividade sexual Ato sexual Capacidade sexual Corrente sensual Finalidade sexual Impulso sexual Instinto sexual Liberdade sexual Maturidade sexual Objetivo sexual Objeto sexual Órgão sexual Paixão sensual Potência sexual Prazer sexual Processo psicossexual Satisfação sexual Sensualidade Supervalorização sexual Vida sexual

		em seus objetivos sexuais (p.193), finalidades sexuais perversas (p.191), contenção de sexualidade (p.194), prefere dedicar sua potência sexual (p.193), processos psicossexuais ativos (p.188), corrente sensual (p.188, 189, 189, 190, 193), correntes afetivas e sensual no amor (p.191), correntes, de afeição e de sensualidade (p.192), corrente afetiva e sensual (p.191), sensualidade (p.189), intensidade de paixão sensual (p.189), totalidade da sensualidade (p.190), a totalidade da sensualidade (p.190), destino da corrente sensual (p.190), conexão entre a atividade sensual e a proibição (p.194), anseio de sensualidade em fantasia (p.194), manter sua sensualidade (p.190), ligado ao sexual (p.196), verdadeira vida sexual (p.189), reformar a vida sexual (p.194), liberdade sexual (p.195), maturidade sexual (p.194).	
11	**TABU DA VIRGINDADE (CONTRIBUI-ÇÕES À PSICOLOGIA DO AMOR III) (1918[1917])**	vida sexual dos povos primitivos (p.203), suposta liberdade sexual dos selvagens (p.207), sexualidade do homem primitivo (p.207), abrange a totalidade da vida sexual (p.207), vida sexual (p.207), ato sexual (p.215), ato cerimonial de relações sexuais (p.205), ato da relação sexual (p.205), ato de relação sexual (p.207), através do ato sexual (p.208), repetição do ato sexual (p.211), ato sexual simulado (p.212), desapontamento experimentado no primeiro ato sexual (p.212), ato sexual com a mulher (p.210), primeiro ato de relação sexual ativa na mulher (p.213), primeiro ato sexual com a virgem (p.209), primeiro ato sexual (p.209, 211), primeira ocasião do ato sexual (p.211), submeter à união sexual (p.215), exigir relações sexuais (p.211), relação sexual (p.203, 211, 212, 212, 214), relações sexuais subsequentes (p.211), sinal de relação sexual (p.206), relacionamento sexual (p.203), relação sexual comum (p.205), a relação sexual de um modo geral (p.207), relação sexual legítima e permissível (p.212), negar as relações sexuais dos pais (p.217), necessidades sexuais (p.208), se afastar da mulher e, principalmente, da relação sexual com a mesma (p.208), antes do primeiro ato de relação sexual marital (p.204), primeira ocasião de relação sexual (p.207), o defloramento não é para ser consequência do primeiro ato de relação sexual marital (p.204), perfuração e relação sexual (p.205), ruptura do hímen sem relação sexual (p.205), a relação sexual com finalidade de efetuar a ruptura (p.205), sujeição sexual (p.203, 203, 203), oportunidade de estudar a sujeição sexual (p.203), para esconder outro, sexual (p.216), diminuição do valor sexual (p.212), importância psicológica desses pormenores sexuais (p.205), elemento psíquico na vida sexual de uma mulher (p.213), nada têm que ver com a sexualidade (p.206), não leva em conta a sexualidade (p.206), relações sexuais com as mulheres estão sujeitas a restrições (p.207), resistência sexual (p.203), revolta contra o primeiro ato sexual (p.213), sexualidade imatura de uma mulher (p.215), desejos sexuais infantis (p.212), desejo sexual precoce (p.213),	Ato sexual Desejo sexual Esconder o sexual Liberdade sexual Necessidade sexual Pormenor sexual Relação sexual Resistência sexual Sexualidade Sexualidade primitiva Sexualização Sujeição sexual União sexual Valor sexual Vida sexual

		Hebbel sexualizou intencionalmente a narrativa patriótica do Apócrifo do Velho Testamento (p.216).	
11	**A CONCEPÇÃO PSICANALÍTICA DA PERTURBAÇÃO PSICOGÊNICA DA VISÃO (1910)**	delineamos o instinto sexual (p.226), instintos que favorecem a sexualidade (p.225), instintos sexuais componentes (p.227, 227), instinto sexual componente que se utiliza do olhar (p.227), exigências dos instintos sexuais (p.227), tanto os instintos sexuais como os instintos do ego (p.227), repressão da escoptofilia sexual (p.228), repressão do instinto sexual (p.227), totalmente à disposição do instinto sexual reprimido (p.228), sexualidade reprimida (p.228), [escoptofilia] (p.227-228), prazeres sensuais perversos (p.228); satisfação sexual (p.225), prazer sexual não está apenas ligado à função dos genitais (p.227), interesse sexual (p.228), ponto de vista da sexualidade (p.229), papel patogênico da sexualidade (p.229).	Instinto sexual Interesse sexual Papel patológico da sexualidade Ponto de vista sexual Prazer sexual Repressão sexual Satisfação sexual
11	**PSICANÁLISE SILVESTRE (1910)**	atos sexuais (p.237), impulsos sexuais primitivos como fonte (p.236), fim sexual original (p.236), falta de satisfação sexual (p.235), satisfação sexual (p.237), ausência de satisfação sexual (p.237), tendências sexuais insatisfeitas (p.237), necessidades sexuais (p.236), falta de relações sexuais com o marido (p.235), a questão da sexualidade (p.236), conceito do que é sexual (p.236, 236), a palavra sexualidade (p.236), não é mais sexual (p.236), rejeição da sexualidade (p.237), fator mental na vida sexual (p.236), ponto de vista de psicossexualidade (p.237), vida sexual (p.236, 236), importância etiológica da sexualidade (p.237), emissão das substâncias sexuais (p.236), fator somático da sexualidade (p.237), dependem do fator somático da vida sexual (p.237), atividade sexual somática (p.238).	Ato sexual Conceito de sexual e sexualidade Etiologia da sexualidade Fator somático da sexualidade Fim sexual Impulso sexual Necessidade sexual Psicossexualidade Rejeição da sexualidade Relação sexual Satisfação sexual Substâncias sexuais Tendência sexual Vida sexual
11	**CARTA AO DR. FRIEDRICH S. KRAUSS SOBRE A *ANTHROPOPHYTEIA* (1910)**	componentes instintivos da sexualidade (p.247), instintos parciais da sexualidade (p.247); psicopatia sexual (p.247), pesquisas de psicologia sexual (p.247).	Componentes da sexualidade Instintos sexuais Psicologia sexual Psicopatia sexual
11	**DOIS EXEMPLOS DE FANTASIAS PATOGÊNICAS REVELADAS PELOS PRÓPRIOS PACIENTES (1910)**	relação sexual (p.249).	Relação sexual
12	**NOTAS PSICANALÍTICAS SOBRE UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE UM CASO DE PARANOIA (*DEMENTIA PARANOIDES*) (1911)**	vida sexual do paciente (p.40), idade de importância decisiva na vida sexual (p.55), abusos sexuais (p.29, 29, 53, 53), paciente temia um abuso sexual das mãos do próprio médico (p.52), ignomínia sexual (p.30), delírio sexual de perseguição (p.29), satisfação dos apetites sexuais (p.30), prazer sexual (p.43), prazer sensual (p.39), sensualmente feliz (p.40), desejo erótico positivamente sensual (p.68), surpreendente sexualização (p.40), sexualização (p.40), sexualização de seus instintos sociais (p.70), sexualização de suas catexias sociais instintuais	Abuso sexual Assunto sexual Delírio sexual Felicidade sexual Ignomínia sexual Papel sexual Prazer sensual Prazer sexual Satisfação sexual Sexualidade Sexualização

		(p.70), supervalorização sexual do ego (p.73), assuntos de indulgência sexual (p.40), especialmente em assuntos sexuais (p.41), caso em que a sexualidade desempenhe apenas papel muito pouco importante (p.41), ascetismo sexual (p.41-42), sentimentos sexuais de uma mulher (p.42), órgãos sexuais (p.43), fruição sexual (p.42), bem-estar sexual (p.43), liberdade sexual de um homem (p.42), função sexual (p.55), instinto sexual (p.86), impulso homossexual (p.53, 54, 84), libido homossexual (p.52, 55), homossexualismo (p.53, 67, 70, 71), homossexuais (p.69), homossexuais manifestos (p.69), sinais de homossexualismo (p.68), fantasia homossexual (p.55, 85), fantasia feminina (isto é, homossexual passiva) de desejo (p.56), fantasia de desejo homossexual (p.67, 67), fantasia de desejo homossexual de amar um homem (p.70), fantasias de desejos homossexuais na paranoia (p.73), drenado suas afeições homossexuais insatisfeitas (p.65), desejo homossexual (p.67, 68), desejo de natureza inequivocamente homossexual (p.68), componentes homossexuais da vida emocional (p.68), tendências homossexuais (p.69), sentimentos heterossexuais e homossexuais (p.55), retrocesso do homossexualismo sublimado (p.80), escolha objetal homossexual (p.69), escolha objetal heterossexual (p.69), fixações heterossexuais exageradas ou deformadas (p.71), instinto sexual (p.68, 81), impulso sexual infantil (p.64), objetivo sexual (p.69), objetivo sexual inibido (p.69), práticas sexuais (p.64-65), objeto sexual (p.79), etiologia sexual (p.67), sexualidade (p.68), estádio no desenvolvimento da psicossexualidade (p.69), “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (p.69).	Supervalorização sexual Vida sexual
12	**A DINÂMICA DA TRANSFERÊN-CIA (1912)**	geneticamente vinculadas à sexualidade (p.117), desejos puramente sexuais (p.117), suavização de seu objetivo sexual (p.117), objetos sexuais (p.117, 117), puros e não sensuais (p.117).	Desejos sexuais Genética da sexualidade Não sensual Objetivo sexual Objeto sexual
12	**SOBRE O INÍCIO DO TRATAMENTO (NOVAS RECOMENDA-ÇÕES SOBRE A TÉCNICA DA PSICANÁLISE I) (1913)**	potência sexual masculina (p.146), poderosos fatores sexuais (p.146-147), questões sexuais (p.147), questões relativas à vida sexual (p.147), agressão sexual (p.153), homossexualismo reprimido (p.153), experiência homossexual (p.156).	Agressão sexual Fatores sexuais Homossexualidade Potência sexual Vida sexual
12	**RECORDAR, REPETIR E ELABORAR (NOVAS RECOMENDA-ÇÕES SOBRE A TÉCNICA DA PSICANÁLISE II) (1914)**	pesquisas sexuais infantis (p.165), atividades sexuais (p.165), atitude homossexual (p.166).	Atividade sexual Homossexualidade Sexualidade infantil
12	**OBSERVAÇÕES SOBRE O**	disposição à rendição sexual (p.180), repressão sexual (p.184), desejos sexuais (p.184), instintos	Desejo sexual Instinto sexual

	AMOR TRANSFEREN-CIAL (NOVAS RECOMENDA-ÇÕES SOBRE A TÉCNICA DA PSICANÁLISE III) (1915[1914])	sexuais (p.187), supervalorização da vida sexual (p.187).	Rendição sexual Repressão sexual Vida sexual
12	**OS SONHOS NO FOLCLORE (FREUD E OPPENHEIM) (1957[1911])**	agressão sexual (p.203), atividade sexual (p.215), necessidade sexual (p.203, 211, 211), prazer sexual (p.217), libido sexual (p.212), objeto sexual (p.217), objeto sexual imprestável (p.212), objeto sexual masculino (p.213).	Agressão sexual Atividade sexual Libido sexual Necessidade sexual Objeto sexual Prazer sexual
12	**SOBRE A PSICANÁLISE (1913[1911])**	instinto sexual (p.228, 228, 229, 229), concepção do instinto sexual (p.229), enigmáticas perversões do instinto sexual (p.229), objetivos sexuais (p.229), palavra sexual (p.228), sexualidade (p.229), repressão do instinto sexual (p.229), substitutos de satisfações sexuais (p.228), sexualidade normal dos adultos (p.229), investigações da vida sexual (p.229), sexualidade infantil (p.229), incidentes sexuais prematuros (p.229), atividade sexual de crianças (p.229), metas mais elevadas, que não são mais sexuais (p.229).	Atividade sexual Instinto sexual Meta sexual Objetivo sexual Palavra sexual Repressão sexual Satisfação sexual Sexualidade Sexualidade infantil Sexualidade normal Vida sexual
12	**FORMULA-ÇÕES SOBRE OS DOIS PRINCÍPIOS DO FUNCIONAMEN TO MENTAL (1911)**	instintos sexuais (p.241, 241, 241, 241, 243), objeto sexual (p.241), desenvolvimento sexual (p.241).	Desenvolvimento sexual Instinto sexual Objeto sexual
12	**TIPOS DE DESENCADEA MENTO DA NEUROSE (1912)**	constituição sexual (p.249).	Constituição sexual
12	**CONTRIBUI-ÇÕES A UM DEBATE SOBRE A MASTURBA-ÇÃO (1912)**	problemas da vida sexual do homem (p.261), confiança sexual (p.270), masturbação não deve ser igualada à atividade sexual em geral (p.269), masturbação possibilita efetuar desenvolvimentos e sublimações sexuais na fantasia (p.270), orifício sexual feminino (p.265), manifestação sexual somática (p.266), excitações sexuais (p.265), homossexualismo (p.267), satisfação sexual (p.271), intuito da satisfação sexual (p.264), substitutos da satisfação sexual (p.267), mudança em seu regime sexual (p.267), atividade sexual infantil (p.268), relação sexual na infância (p.265), atividade sexual (p.269, 270, 271, 271), impulsos sexuais (p.268, 269, 269, 269), fixação de objetivos sexuais infantis (p.269), reação do ego à sua sexualidade (p.269), “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (p.265).	Atividade sexual Confiança sexual Excitação sexual Homossexualidade Homossexualismo Impulso sexual Livros sobre sexualidade Manifestação sexual Objetivo sexual Orifício sexual Reação sexual Regime sexual Satisfação sexual Sexualidade infantil Sublimação sexual Vida sexual
12	**UM SONHO PROBATÓRIO (1913)**	consolação simbólico-sexual (p.295), desejo de ter relações sexuais (p.296), prazer sexual (p.296).	Prazer sexual Relação sexual Simbolismo sexual
12	**A OCORRÊNCIA, EM SONHOS, DE MATERIAL**	material mais profundo e puramente sexual (p.304), representação da relação sexual (p.304).	Material sexual Relação sexual

	ORIUNDO DE CONTOS DE FADAS (1913)		
12	**DUAS MENTIRAS CONTADAS POR CRIANÇAS (1913)**	atos sexuais (p.330).	Ato sexual
12	**DISPOSIÇÃO À NEUROSE OBSESSIVA – UMA CONTRIBUI-ÇÃO AO PROBLEMA DA ESCOLHA NA NEUROSE (1913)**	função sexual (p.339, 344), relações sexuais (p.342), necessidade sexual (p.342), vida sexual (p.343, 343, 343), vida sexual normal (p.344), sensações sexuais femininas (p.343), sexualidade masculina (p.347), sexualidade masculina reprimida (p.347), sexualidade das crianças do sexo feminino (p.347), sexualidade dos meninos (p.347), homossexualismo (p.344,; tendências sexuais (p.345), organização sexual (p.344), organização sexual pré-genital (p.343, 346, 346), organização pré-genital da vida sexual (p.345), vida sexual coincide com a função genital e reprodutora e começa com ela (p.345), regressão da vida sexual ao estádio pré-genital sádico e anal-erótico (p.345), organização sexual pré-genital sádica e anal-erótica (p.345), outros instintos, não sexuais, e assim sexualizam estes últimos (p.345), instintos componentes sexuais (p.345), instintos sexuais (p.346), repressão sexual (p.345), atividade sexual normal (p.343).	Atividade sexual Função sexual Homossexualidade Homossexualismo Instinto sexual Necessidade sexual Organização sexual Regressão sexual Relação sexual Repressão sexual Sexualidade feminina Sexualidade infantil Sexualidade masculina Tendência sexual Vida sexual
12	**PREFÁCIO A *SCATALOGIC RITES OF ALL NATIONS*, DE BOURKE (1913)**	funções sexuais e excretórias (p.362), instintos excrementais e sexuais (p.362), vida sexual (p.363).	Função sexual Instinto sexual Vida sexual
12	**PREFÁCIO A *OS DISTÚRBIOS PSÍQUICOS DA POTÊNCIA MASCULINA*, DE MAXIM STEINER (1913)**	distúrbios da função sexual (p.371).	Função sexual
13	**TOTEM E TABU (1913[1912-13])**	vida sexual (p.22), ato sexual proibido (p.101), manifestações dos instintos sexuais (p.101), tumescência sexual (p.132), sentimentos sexuais (p.32), necessidades sexuais (p.88), satisfação sexual (p.88), desejos sexuais nascentes (p.138), desejos sexuais (p.152), interesses sexuais da infância (p.139), curiosidade sexual (p.140), escolha de objetos sexuais (p.140), homossexuais (p.152), contato de tipo sexual (p.87), representação dramática da relação sexual humana (p.94), efetuarão a relação sexual (p.94), não ter relações sexuais (p.141), relações sexuais proibidas (p.94), relações sexuais incestuosas (p.22, 24), relações sexuais entre pessoas do mesmo totem (p.23), ter relações sexuais (p.117), relações sexuais [observação: no sentido geral de serem impedidas] (p.25, 25, 25, 30, 30, 49, 69, 118, 130, 130, 132, 135, 135, 135), aversão inata às relações sexuais (p.132, 132), aversão sexual às relações com companheiros de casa (p.133), aversão inata à relação sexual incestuosa (p.133), horror à relação sexual (p.132);	Ato sexual Condição psicossexual Contato sexual Curiosidade sexual Desejo sexual Escolha de objeto sexual Homossexualidade Instinto sexual Interesse sexual Necessidade sexual Objeto sexual Origem sexual Relação sexual Satisfação sexual Sentido sexual Sexualização Tumescência sexual Vida sexual Livros sobre

		proibição de relações sexuais (p.27), restrições sexuais exógamas (p.132), liberdade de relações sexuais fora do casamento (p.26), resultado das relações sexuais (p.125), liberdade sexual (p.28, 130), repressão sexual (p.102), restrições sexuais (p.110), promiscuidade sexual (p.135), descaso pelo ato sexual (p.125), sentido exclusivamente sexual (p.87), qualquer coisa sexual (p.101), origem sexual (p.87), forças instintivas de origem sexual (p.87), necessidades psicossexuais (p.34), falhou em libertar-se das condições psicossexuais (p.35), processo de pensar ainda é, em grande parte, sexualizado (p.102), sexualização de seus processos de pensamento (p.102), instintos sexuais (p.22, 101, 102), componentes instintivos separados da sexualidade (p.101), objeto sexual (p.86), característico da neurose é a preponderância dos elementos sexuais sobre os elementos instintivos sociais (p.87), "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (p.101).	sexualidade
13	**O INTERESSE FILOLÓGICO DA PSICANÁLISE (1913)**	os órgãos e as atividades sexuais (p.186), palavras que originalmente representavam atividades sexuais (p.186).	Atividade sexual
13	**O INTERESSE BIOLÓGICO DA PSICANÁLISE (1913)**	distúrbio da função sexual (p.188), órgãos sexuais do objeto (p.189), sede da excitação sexual (p.189), prazer sexual (p.189), sexualidade do adulto (p.189), sexualidade normal dos adultos (p.189), vida sexual normal (p.189), função sexual no homem (p.188), ampliar o conceito indevidamente restrito de sexualidade (p.189), sexualidade não é simplesmente uma função que serve aos fins da reprodução (p.189), bissexualidade dos indivíduos (p.191), impossível sustentar por mais tempo que a infância era assexual (p.189), impulsos sexuais na época da puberdade (p.189), interesses e atividades sexuais se acham presentes na criança (p.189), sexualidade normal dos adultos surge da sexualidade infantil (p.189, 189), característica da sexualidade infantil (p.189), atividade assexual de uma criança (p.189), atividades sexuais (p.189), impulsos sexuais (p.190), conflito entre os instintos sexuais e os instintos que sustentam o ego (p.190), dominação mais ou menos parcial do ego pela sexualidade (p.190), contraste entre os instintos do ego e o instinto sexual (p.190), forças instintivas sexuais na filosofia e na psicologia (p.190).	Atividade assexual Atividade sexual Bissexualidade Excitação sexual Função sexual Impulso sexual Instinto sexual Órgão sexual Prazer sexual Sexualidade adulta Sexualidade ampliada Sexualidade infantil Vida sexual
13	**O INTERESSE DA PSICANÁLISE DE UM PONTO DE VISTA DO DESENVOLVI-MENTO (1913)**	Vida sexual (p.192), enigmas da vida sexual (p.192).	Vida sexual
13	**O INTERESSE DA PSICANÁLISE DO PONTO DE VISTA DA**	recessão do fator social e a predominância do sexual (p.194).	Fator sexual

	HISTÓRIA DA CIVILIZAÇÃO (1913)		
13	**O INTERESSE EDUCACIONAL DA PSICANÁLISE (1913)**	fator inestimavelmente importante da sexualidade (p.197), curiosidade sexual (p.197).	Curiosidade sexual Fator da sexualidade
13	**OBSERVAÇÕES E EXEMPLOS DA PRÁTICA PSICANALÍTI-CA (1913)**	relações sexuais (p.204), vida sexual atua como um modelo e influencia o caráter (p.205), impulsos homossexuais (p.206).	Homossexualidade Relação sexual Vida sexual
13	***FAUSSE RECONNAIS-SANCE ('DÉJÀ' RACONTÉ')* NO TRATAMENTO PSICANALÍTI-CO (1914)**	pesquisas sexuais infantis (p.217).	Sexualidade infantil
14	**A HISTÓRIA DO MOVIMENTO PSICANALÍTI-CO (1914)**	elemento de sexualidade (p.22), componentes da sexualidade inúteis para a reprodução (p.47), sexualidade (p.29), investigação sistemática dos fatores sexuais (p.31), importância prática do fator sexual (p.31), etiologia sexual das neuroses (p.22, 23), significação da sexualidade na etiologia das neuroses (p.22), papel desempenhado pela sexualidade na vida mental (p.22), papel da sexualidade na etiologia das neuroses (p.31), origem das forças impulsionadoras da neurose está na vida sexual (p.23), neuroses decorrem de perturbações da vida sexual (p.48), forças sexuais motivadoras da neurose e do inconsciente (p.58), fator sexual na teoria psicanalítica (p.66), ideias sexuais (p.67), material das ideias sexuais (p.70), forças sexuais motivadoras (p.59), ato sexual (p.61), ato sexual entre adultos (p.62), sexualidade infantil (p.26, 28), importância da sexualidade infantil (p.29), existência da sexualidade infantil (p.40), hipótese da sexualidade infantil (p.27), experiências sexuais passivas nos primeiros anos da infância (p.27), traumas sexuais infantis (p.27), gama da vida sexual da criança (p.28); atividade sexual dos primeiros anos de infância (p.28), constituição sexual peculiar às crianças (p.28), pesquisas sexuais (p.63), coerções das atividades sexuais (p.63), complexos sexuais (p.70, 73), experiências sexuais (p.28), necessidades sexuais (p.65), motivação sexual (p.22), surgimento da transferência sob forma francamente sexual (p.23), atmosfera de sensualidade (p.48), sexualizada (p.62), sexualização da ética e da religião (p.67), ética e a religião fossem sexualizadas (p.69), representação sexual de pensamentos (p.73), expulsão da sexualidade (p.62), superação da sexualidade (p.65), jargão sexual (p.73), libido sexual (p.69), impulsos sexuais (p.27), instintos sexuais (p.63), papel nela desempenhado pelos impulsos sexuais (p.47), natureza do instinto sexual (p.29), satisfação sexual (p.48).	Atividade sexual Atmosfera sexual Coerção sexual Complexo sexual Componente sexual Elemento sexual Etiologia sexual Experiência sexual Expulsão sexual Fator sexual Força sexual Ideal sexual Impulso sexual Instinto sexual Motivação sexual Origem sexual Papel da sexualidade Representação sexual Satisfação sexual Sexualidade Sexualidade infantil Sexualização Significação sexual Superação da sexualidade Transferência sexual Trauma sexual infantil Vida sexual

14	**SOBRE O NARCISISMO: UMA INTRODUÇÃO (1914)**	objeto sexual (p.81, 94, 95, 107), primeiros objetos sexuais (p.94), transferência desse narcisismo para o objeto sexual (p.95), primeiras satisfações sexuais autoeróticas (p.94), satisfação sexual (p.101), separação dos instintos sexuais dos instintos do ego (p.85), antítese entre os instintos do ego e os instintos sexuais (p.87), distinção entre os instintos sexuais e os do ego (p.104), instintos sexuais (p.85, 85, 86, 94), energia sexual (p.84, 86), libido sexual (p.84), introversão da libido *sexualis* (p.88), energia não sexual (p.84), vida sexual do indivíduo (p.81), desenvolvimento sexual humano (p.81), negação da sexualidade nas crianças (p.97), operações da sexualidade (p.86), sexualidade (p.85), homossexuais (p.81), pervertidos e homossexuais (p.94), homossexualidade (p.97), libido de natureza essencialmente homossexual (p.102), libido homossexual (p.103, 108, 108), tendência sexual (p.105, 107, 107), sentido popular da palavra sexual (p.88), interesse sexual (p.88, 88), conteúdo sexual (p.87), teoria da sexualidade (p.91), estímulos sexualmente excitantes à mente (p.91), órgãos sexuais femininos (p.95); supervalorização sexual (p.95, 95, 95, 96), supervalorização sexual de um objeto (p.101), ideal sexual (p.107, 107, 107), coerção inicial da atividade sexual (p.99), deflexão da sexualidade (p.101), aversão à sexualidade (p.106).	Aversão sexual Coerção sexual Conteúdo sexual Deflexão sexual Desenvolvimento sexual Energia sexual Estímulo sexual Homossexualidade Ideal sexual Instinto sexual Libido homossexual Negação da sexualidade Objeto sexual Operação da sexualidade Órgão sexual Palavra sexual Satisfação sexual Sentido sexual Supervalorização sexual Tendência sexual Teoria sexual Vida sexual
14	**OS INSTINTOS E SUAS VICISSITUDES (1915)**	instintos sexuais (p.129, 131, 131, 132, 137, 137, 143, 144), caracterização geral dos instintos sexuais (p.131), instinto sexual isolado (p.142), instintos sexuais sublimados (p.142), atividade dos instintos sexuais (p.143), impulso sexual (p.143), finalidades sexuais (p.143), objeto sexual (p.142, 142), satisfação sexual (p.130), frustração quer da satisfação sexual (p.143), excitação sexual (p.134, 134), sentimentos opostos e a vida sexual (p.138), corrente sexual de sentimento (p.138), conexão íntima com o prazer sexual e a função sexual (p.142), função sexual (p.130, 137, 144), vida sexual (p.143), órgão sexual (p.135, 135), conflito entre as exigências da sexualidade e as do ego (p.130), contraste entre os instintos sexuais e os do ego (p.130), distinção entre os instintos sexuais e os do ego (p.130), distinção entre os instintos do ego e os instintos sexuais (p.142), relação entre o ego e a sexualidade (p.130), componente específico da sexualidade (p.138), componentes da sexualidade (p.142), sexualidade (p.130), sexualidade não deve ser colocada em pé de igualdade com outras funções do indivíduo (p.130).	Componente da sexualidade Corrente sexual Excitação sexual Finalidade sexual Função sexual Impulso sexual Instinto sexual Objeto sexual Órgão sexual Prazer sexual Satisfação sexual Vida sexual
14	**REPRESSÃO (1915)**	instintos sexuais (p.159).	Instinto sexual
14	**O INCONSCIENTE (1915)**	impulsos sexuais (p.186).	Impulso sexual
14	**UM CASO DE PARANOIA QUE CONTRARIA A**	tendências homossexuais (p.273), ligação homossexual (p.273, 274, 275), dependência homossexual (p.277), escolha objetal homossexual (p.277), homossexualismo (p.273, 273), relação	Atividade sexual Ato sexual Homossexualidade Homossexualismo

	TEORIA PSICANALÍTI-CA DA DOENÇA (1915)	entre a paranoia e o homossexualismo (p.273), satisfação sexual normal (p.274), fruição ou negação do prazer sexual (p.275), atividade sexual (p.275), atividade sexual à fantasia (p.277), fantasia de observar as relações sexuais dos pais (p.276), observação do ato sexual dos pais (p.276).	Prazer sexual Relação sexual Satisfação sexual
14	**REFLEXÕES PARA OS TEMPOS DE GUERRA E MORTE (1915)**	domínio da sexualidade (p.293).	Domínio da sexualidade
14	**ALGUNS TIPOS DE CARÁTER ENCONTRA-DOS NO TRABALHO PSICANALÍTI-CO (1916)**	assexuamento (p.337), relação sexual com outro homem (p.342), relações sexuais com a mãe (p.347).	Assexualidade Relação sexual
14	**UM PARALELO MITOLÓGICO COM UMA OBSESSÃO VISUAL (1915-1916)**	vida sexual (p.351).	Vida sexual
14	**CARTA À DRA. HERMINE VON HUG-HELLMUTH (1919-[1915])**	segredo da vida sexual (p.355).	Vida sexual
15	**CONFERÊNCIA I – INTRODUÇÃO (1916[1915])**	sexuais (p.32), instintos sexuais (p.32, 32, 32, 33), impulsos sexuais (p.32, 32), finalidades sexuais (p.32), não mais sexuais (p.32), importância da vida sexual (p.33).	Finalidade sexual Impulso sexual Instinto sexual Sexual Vida sexual
15	**CONFERÊNCIA VIII – SONHOS DE CRIANÇAS (1916[1915])**	necessidade sexual (p.135), estímulos sexuais (p.136), instinto sexual (p.137).	Estímulo sexual Instinto sexual Necessidade sexual
15	**CONFERÊNCIA IX – A CENSURA DOS SONHOS (1916[1915])**	desejos sensuais (p.145, 147), vida sexual (p.148).	Desejo sensual Vida sexual
15	**CONFERÊNCIA X – SIMBOLISMO NOS SONHOS (1916[1915])**	vida sexual (p.155, 155), processos sexuais (p.155); relação sexual (p.155, 157, 168), ideias sexuais (p.159), sentido sexual (p.166), significação sexual (p.168, 168, 169), significado sexual (p.168), relação especialmente íntima entre símbolos, verdadeiros e sexualidade (p.168), símbolo sexual (p.155, 159, 160, 160, 166, 169), símbolos sexuais masculinos (p.156, 157), símbolos da relação sexual (p.159), expressões sexualmente simbólicas (p.163), simbolismo sexual (p.164, 168), símbolos genitais ou sexuais (p.165), órgão sexual (p.157), representa o orifício sexual (p.163), excitação sexual geral (p.157), excitação sexual (p.160), representam satisfação sexual (p.158), substituto da atividade sexual (p.168), ato sexual (p.158, 166, 166, 168), uso bissexual (p.159), necessidades sexuais (p.168), conexão com a sexualidade (p.170), origem sexual	Antropologia sexual Ato sexual Bissexualidade Conexão com a sexualidade Excitação sexual Ideia sexual Interesse sexual Maturidade sexual Necessidades sexuais Órgão sexual Orifício sexual Origem sexual Parceiro sexual Processo sexual Relação sexual Satisfação sexual

		(p.169), interesse sexual (p.168), conhecimentos de antropologia sexual (p.164), maturidade sexual de um menino (p.166), parceiro sexual (p.168).	Sentido sexual Significado sexual Símbolo sexual Vida sexual
15	**CONFERÊNCIA XII – ALGUMAS ANÁLISES DE AMOSTRAS DE SONHOS (1916[1915])**	atividade sexual (p.190, 190), atividade sexual excessiva (p.191), consumação do ato sexual (p.193), desejo sexual (p.193), sinais de relação sexual (p.192), simbolismos sexuais (p.194), símbolo do ato sexual (p.194), relações sexuais (p.194), relações sexuais com uma mulher (p.192), ocultar de seu pai sua vida sexual (p.191), crença de que o sangramento menstrual se origina da relação sexual com um homem (p.192), investigações sexuais (p.192), significação sexual (p.193), fragmento de teoria sexual (p.192), teoria sexual (p.192), explicações sexuais (p.194).	Atividade sexual Ato sexual Desejo sexual Explicação sexual Investigação sexual Relação sexual Significação sexual Simbolismo sexual Teoria sexual Vida sexual
15	**CONFERÊNCIA XIII – ASPECTOS ARCAICOS E INFANTILISMO DOS SONHOS (1916[1915])**	desejos ativamente maus e extravagantemente sexuais (p.203), primeiros desejos sexuais (p.210), desejo sexual (p.211), liberdade sexual (p.207), prazer sexual incipiente (p.207), satisfação sexual (p.210), órgãos sexuais (p.210), relação sexual com pais, irmãos e irmãs (p.211), atividades sexuais (p.209), atividade sexual perversa (p.211), natureza sexual (p.211), impulsos sexuais excessivos (p.209), primeiros impulsos de nossa vida sexual (p.213), manifestações sexuais (p.210, 210), vida sexual humana em geral (p.211), traquinagem sexual (p.210), vida sexual das crianças (p.209, 211), as crianças têm uma vida sexual (p.210), sexualidade somente inicia na puberdade (p.210).	Atividade sexual Desejo sexual Impulso sexual Liberdade sexual Manifestação sexual Natureza sexual Órgão sexual Prazer sexual Relação sexual Satisfação sexual Sexualidade infantil Traquinagem sexual Vida sexual
15	**CONFERÊNCIA XIV – REALIZAÇÃO DE DESEJO (1916[1915])**	desejo sexual de olhar (p.222), eventos sexuais (p.222), vida sexual dos pais (p.226).	Desejo sexual Evento sexual Vida sexual
15	**CONFERÊNCIA XV – INCERTEZAS E CRÍTICAS (1916[1915])**	interpretados bissexualmente (p.238), impulsos instintuais sexuais (p.238).	Bissexualidade Instinto sexual
16	**CONFERÊNCIA XVI – PSICANÁLISE E PSIQUIATRIA (1917[1916-1917])**	necessidades sexuais da mulher (p.261), capacidade sexual (p.261), constituição sexual da mãe (p.261).	Capacitação sexual Constituição sexual Sexualidade feminina
16	**CONFERÊNCIA XVII – O SENTIDO DOS SINTOMAS (1917[1916-1917])**	intimidade da vida sexual (p.271), excitação sexual (p.274), símbolos sexuais (p.274), vida sexual de uma paciente (p.276), desejos sexuais da paciente (p.276), relação sexual (p.275), ato sexual (p.275).	Ato sexual Desejo sexual Excitação sexual Relação sexual Símbolo sexual Vida sexual
16	**CONFERÊNCIA XIX – RESISTÊNCIA E REPRESSÃO (1917[1916-1917])**	vida sexual (p.305), investigação meticulosa da vida sexual dos seres humanos (p.308), experiências e desejos sexuais (p.305), realização dos desejos sexuais (p.305), impede de satisfazer seus desejos sexuais (p.306), satisfação de desejos sexuais (p.305), sintomas servem de satisfação sexual (p.305), substituto da satisfação sexual (p.305), interferia na satisfação sexual (p.305), paralisar a satisfação sexual (p.306), sintomas neuróticos são	Complexo sexual Desejo sexual Dominar o sexual Satisfação sexual Tentação sexual Vida sexual

		substitutos de satisfações sexuais (p.306), sintomas objetivam ou uma satisfação sexual ou o rechaço da mesma (p.307), sintomas podem servir tanto à satisfação sexual como ao seu oposto (p.307), conceito de satisfação sexual substitutiva foi ampliado aos seus limites máximos (p.307), hostilidade voltada contra a satisfação sexual (p.307), satisfação sexual aquilo que seria mais adequado descrever como satisfação de desejos cruéis ou horríveis (p.308), medidas defensivas contra recordações e tentações sexuais (p.307), sensação ou a representação de uma fantasia derivada de um complexo sexual (p.307), denominar sexual (p.308).	
16	**CONFERÊNCIA XX – A VIDA SEXUAL DOS SERES HUMANOS (1917[1916-1917])**	sexualidade (p.314), entende por sexual (p.309), o que se denomina sexualidade (p.324), chamam de sexual (p.310), conceito de sexual (p.310), aquilo que é sexual é algo impróprio (p.309), interesse sexual (p.311), interesse sexual das crianças (p.323), significado sexual dos sintomas (p.324), significação sexual (erógena) (p.314), significação das partes sexuais (p.314), compreensão da sexualidade (p.317), conceito daquilo que é sexual (p.324), conceito de sexualidade (p.324), investigações sexuais feitas por crianças (p.322), investigações sexuais das crianças (p.322), constituição sexual (p.323); representam coisas sexuais (p.309), não há nada de sexual com relação ao parto (p.309), métodos anormais de excitação sexual (p.315), excitação sexual (p.314), excitações e necessidades sexuais e alguma forma de satisfação (p.316), excitação e satisfação sexual (p.318), anestesia sexual das mulheres (p.323), sexualidade normal (p.313, 313), sexualidade pervertida (p.316), sexualidade infantil (p.316, 321), características da sexualidade infantil (p.322), existência da sexualidade nas crianças (p.318), infância assexual (p.318), relação entre sexualidade normal e pervertida (p.316), vida sexual dos pervertidos e das crianças (p.324), evolução da vida sexual (p.321), vida sexual (p.312, 316, 319, 319), vida sexual normal (p.313), tipo normal de vida sexual (p.315), vida sexual dos seres humanos (p.316), vida sexual restrita (p.324), vida sexual se desvia (p.310), vida sexual de tipo pervertido (p.321), vida sexual das crianças (p.316, 317, 318), vida sexual de uma criança (p.321), criança tem vida sexual (p.321), vida sexual infantil (p.320), crianças não têm vida sexual (p.316), tornar a vida das crianças assexual (p.317), crianças sejam assexuais (p.317), atividade sexual diverge (p.310, 312), atividade sexual (p.317, 321), atividades sexuais foram proibidas às crianças (p.317); atividades sexuais das crianças (p.317), atividades sexuais de crianças (p.318), atividade sexual infantil e perversões sexuais (p.321), natureza sexual dessa atividade (p.319), ato sexual (p.311, 324), excessiva sexualização de ações (p.314), desejos sexuais (p.310, 311), satisfação sexual (p.313, 313, 319, 319), satisfação sexual na realidade (p.312), satisfação sexual normal (p.312, 312, 315,	Anestesia sexual Atividade sexual Ato sexual Característica sexual Compreensão sexual Conceito de sexualidade Constituição sexual Corrente sexual Desejo sexual Excitação sexual Fantasia sexual Finalidade sexual Impulso sexual Infância assexual Instinto sexual Interesse sexual Investigação sexual Natureza sexual Necessidade sexual Objeto sexual Órgão sexual Relação sexual Representação sexual Satisfação sexual Sexual Sexualidade Sexualidade infantil Sexualidade normal Sexualidade pervertida Sexualização Significação sexual Significado sexual Sucção sensual Tendência sexual Vida sexual

		315), satisfação normal do instinto sexual (p.315), frustração da satisfação sexual normal (p.315), satisfação sexual normal da vida real (p.316), necessidades sexuais pervertidas (p.313), excessiva sexualização do querer olhar, tocar ou explorar (p.315), sucção sensual (p.318, 319, 320), descrevemos como sexual o prazer derivado da sucção (p.319), seio materno o primeiro objeto do instinto sexual (p.319), experiência do orgasmo sexual (p.318), tendência sexual (p.317), órgãos sexuais (p.310), órgão sexual do homem (p.324), confundir sexualidade com reprodução (p.317), transforma a sexualidade em função reprodutiva (p.321); corrente sexual normal (p.315), aberrações e desvios do instinto sexual (p.312), instinto sexual (p.317), irrupção do instinto sexual (p.317), força do instinto sexual (p.318), primeiros impulsos da sexualidade (p.318), impulsos homossexuais (p.313), impulsos homossexuais excessivamente intensos (p.313), impulsos sexuais pervertidos (p.314), impulsos sexuais sádicos excessivamente intensos (p.314), objeto sexual (p.310, 310, 313), objeto sexual foi modificado (p.311), finalidade sexual (p.311), aberrações do fim sexual (p.313), tanto homossexuais como heterossexuais (p.320), homossexuais latentes (p.313), homossexuais (p.311, 313), homossexualismo (p.314), perversões sexuais (p.313, 320), homossexuais ou invertidas (p.310, 313), pessoas de tipo sexual diferente (p.310), formas patológicas de sexualidade (p.313), diferenças entre o homossexualismo manifesto e uma atitude normal (p.313), relação sexual (p.320), semelhantes sensualidades (p.312), formas do fantasiar sexual (p.315).	
16	**CONFERÊNCIA XXI – O DESENVOLVI-MENTO DA LIBIDO E AS ORGANIZA-ÇÕES SEXUAIS (1917[1916-1917])**	nossa visão da sexualidade (p.325), sexual (p.326), daquilo que é sexual (p.329), além do sexual (p.329), descrição sexual (p.329), material indiscutivelmente sexual (p.329), necessariamente sexuais (p.329), sexualidade e reprodução não coincidem (p.325), algo sexual que não é genital (p.326), sexual coincide com o genital (p.328), sujeição da sexualidade à função reprodutiva (p.332), funções não sexuais (p.332, 332), desenvolvimento sexual (p.331), retrocesso no desenvolvimento sexual (p.330), conceito de sexualidade (p.325), constituindo sexualidade (p.328), sexualidade (p.328), caráter sexual (p.328, 328, 330), características sexuais (p.325), características do sexual (p.328), características químicas do processo sexual (p.325), fenômenos mentais e sociais da vida sexual (p.330), natureza sexual de um processo (p.325), extensão do objetivo sexual (p.327), inquestionavelmente sexuais (p.325), inconfundivelmente sexual (p.326), nitidamente sexuais (p.326), fenômenos da vida sexual (p.325), vida sexual (p.326, 328, 328, 332, 332), vida sexual posterior (p.332), atividade sexual normal (p.326), interrupção da atividade sexual (p.330), ato sexual (p.326), o ato sexual a serviço do objetivo de reprodução é posto de lado (p.327), realização do ato sexual normal (p.327), união sexual	Além do sexual Atividade sexual Ato sexual Atração sexual Caráter da química sexual Caráter sexual Conceito de sexualidade Descrição sexual Desejo sexual Desenvolvimento sexual Função sexual Infantilismo sexual Instinto sexual Material sexual O que é sexual Objetivo sexual Perversão sexual Polaridade sexual Prazer sexual Preferência sexual Pureza sexual Sexualidade e reprodução

		(p.328), fins sensuais dessa afeição (p.330), fins sexuais (p.330, 333), prazer sexual (p.327), auge da excitação sexual (p.327), sucção sensual (p.328, 332), atividade sexual da sucção (p.332), é sexual o prazer obtido nas atividades do lactente (p.329), considerar não sexuais as atividades do lactente (p.330), prazer do órgão deva ser chamado de sexual (p.329), vida sexual apenas como órgãos de excreção da urina (p.331), componente oral do instinto sexual (p.332), instintos sexuais parciais e seu objeto (p.332), componentes do instinto sexual (p.332), exigências instintuais sensuais (p.333), instintos sexuais (p.340), objeto sexual externo (p.341), organizações sexuais (p.332), estudo da sexualidade infantil (p.325), manifestações da sexualidade infantil (p.325), vida sexual da criança (p.330, 331, 331), despontar da vida sexual (p.330), sexualidade infantil (p.327), sexuais as atividades imprecisas e indefiníveis do início da infância (p.329), pureza sexual das crianças (p.330), investigações sexuais (p.330), investigações sexuais da criança (p.338), interesses sexuais (p.330), indisfarçada curiosidade sexual (p.336), tendência sexual (p.331, 333), tendência sexual é desviada (p.338), fator da preferência sexual (p.337), empuxo da atração sexual (p.336), polaridade sexual (p.331), tanto a sexualidade pervertida como a normal surgiram da sexualidade infantil (p.328), perversões sexuais dos adultos (p.325), existência das perversões sexuais (p.326); perversões sexuais (p.326, 326), sexualidade normal e pervertida (p.327), sexualidade normal (p.327), sexualidade pervertida (p.327, 328), infantilismo da vida sexual (p.328), desejos sexuais (p.340).	Sexualidade infantil Tendência sexual União sexual Vida sexual Visão da sexualidade
16	**CONFERÊNCIA XXII – ALGUMAS IDEIAS SOBRE DESENVOLVI-MENTO E REGRESSÃO – ETIOLOGIA (1917[1916-1917])**	glândulas sexuais masculinas (p.343), irresistível excitação sexual (p.352), necessidades sexuais (p.358), tendência sexual (p.344, 349), diferentes tendências puramente sexuais (p.354), tendências sexuais em conflito (p.354), inclinação sexual (p.349), inclinações sexuais se vinculam a outras, não sexuais (p.349), caráter sexual (p.349), constituição sexual (p.349, 350, 351), predisposição na constituição sexual (p.350), atividade sexual normal na puberdade (p.352), atividade sexual pareceu tão natural e inofensiva (p.357), incompatíveis com a atividade sexual (p.357), prazer de efetuar o ato sexual (p.359), relação sexual humana (p.356), retorno da organização sexual (p.345), estádio anterior da organização sexual (p.346), fase anterior da organização sexual (p.347), permanecer em harmonia com sua organização sexual (p.355), perversão da organização sexual (p.357), conceito de repressão não implica nenhuma relação com a sexualidade (p.346), forças instintuais não sexuais (p.353), forças instintuais que não sexuais (p.354), instintos parciais da sexualidade (p.349); instintos sexuais (p.354, 359, 360), instintos sexuais são mais difíceis de educar (p.358), reconhecendo os instintos egoísticos e negando os sexuais (p.350), conflito entre os instintos do ego e	Atividade sexual Caráter sexual Constituição sexual Excitação sexual Força não sexual Glândula sexual Impulso sexual Inclinação sexual Instinto sexual Puramente sexual Objetivo sexual Objeto sexual Organização sexual Sexual Sexualidade Relação sexual Tendência sexual

		os instintos sexuais (p.354), conflito entre o ego e a sexualidade (p.354, 354), instintos sexuais e os instintos do ego (p.354), evento mental é produto dos instintos sexuais (p.354), vida mental, instintos e interesses outros além dos sexuais (p.354), instintos sexuais na doença e na vida corrente (p.354), instintos do ego e os instintos sexuais (p.357), instintos sexuais e os instintos de autopreservação (p.358), impulsos sexuais (p.357), determinados impulsos sexuais (p.356), impulsos instintuais sexuais (p.348), exigências de sua sexualidade (p.357), primitivos objetos sexuais incestuosos (p.346), objeto sexual (p.352), objetivos sexuais (p.349), sexualidade (p.354, 360), sexual (p.356), não se deve derivar tudo da sexualidade (p.354), coisas a respeito da sexualidade adulta (p.356), neuroses derivavam da sexualidade (p.354), à parte não sexual da personalidade (p.354), primeiros exercícios de sua sexualidade (p.356).	
16	**CONFERÊNCIA XXIII – OS CAMINHOS DA FORMAÇÃO DOS SINTOMAS (1917[1916-1917])**	experiências da sexualidade infantil (p.363), experiências sexuais infantis (p.365, 367), experiências sexuais da infância (p.366), desenvolvimento sexual das crianças (p.367), complexos sexuais (p.371), primeiros estádios da organização sexual (p.365), instinto sexual nas primeiras satisfações (p.368), fins sexuais para os fins sublimados (p.377), constituição sexual hereditária (p.365), constituição sexual (p.365), constituição sexual médica (p.366-367), abuso sexual (p.372), exigências sexuais (p.367), excesso de repressão sexual (p.367), testemunha do ato sexual dos pais (p.371), atividade sexual (p.371), surgimento da excitação sexual (p.373), prazer sexual (p.373).	Abuso sexual Atividade sexual Ato sexual Complexos sexuais Constituição sexual Desenvolvimento sexual Excitação sexual Exigência sexual Experiência sexual Fim sexual Instinto sexual Organização sexual Prazer sexual Repressão sexual Sexualidade infantil
16	**CONFERÊNCIA XXIV – O ESTADO NEURÓTICO COMUM (1917[1916-1917])**	exigências da sexualidade rechaçadas (p.381), sexualidade (p.381), sentimentos sexuais (p.385), causação sexual das neuroses (p.386), neuroses resultado de distúrbios no metabolismo sexual (p.389), significação etiológica da vida sexual (p.386), influências nocivas sexuais (p.387), influência nociva sexual direta (p.387); satisfação sexual incompleta (p.387), regime sexual (p.387), distúrbios sexuais (p.388), atividades sexuais (p.386), ato sexual (p.391), *vita sexualis* (p.386), vida sexual (p.387, 387), indagações meticulosas sobre sua vida sexual (p.387), natureza do desejo sexual (p.389), excitação sexual (p.389, 391), atuação psíquica da função sexual (p.388), função sexual (p.388), metabolismo sexual (p.389), química da sexualidade (p.389), substâncias sexuais (p.389), toxina sexual (p.389), sintoma sexual-tóxico direto (p.391).	Atividade sexual Ato sexual Causa sexual Distúrbio sexual Excitação sexual Exigências da sexualidade Função sexual Influência sexual Metabolismo sexual Regime sexual Satisfação sexual Sentimentos sexuais Substância sexual Vida sexual
16	**CONFERÊNCIA XXV – A ANSIEDADE (1917[1916-1917])**	vida sexual (p.402), regime sexual (p.402), violentas excitações sexuais (p.402), ato sexual (p.402), interrupção do ato sexual (p.402), relação sexual (p.403), atividade sexual é de natureza essencialmente passiva (p.403), refreamento sexual (p.403), irregularidade sexual (p.402), assuntos sexuais (p.403), abstinência sexual (p.403), restrição	Abstinência sexual Assunto sexual Atividade sexual Ato sexual Excitação sexual Irregularidade sexual Regime sexual

		sexual (p.403), limitação sexual (p.403), satisfação das necessidades sexuais (p.403).	Relação sexual Restrição sexual Satisfação sexual Vida sexual
16	**CONFERÊNCIA XXVI – A TEORIA DA LIBIDO E O NARCISISMO (1917[1916-1917])**	instintos sexuais (p.413, 413, 413, 413, 414, 414-415, 415, 417, 421, 421). separar os instintos do ego dos instintos sexuais (p.413), separar a libido do interesse, instintos sexuais de instintos do ego (p.420), libido sexual e assexual (p.414), libido homossexual (p.426), impulso homossexual (p.425, 426), forças instintuais da vida sexual (p.414), objetos de seus desejos sexuais (p.415), supervalorização sexual do objeto na vida erótica (p.416), supervalorização sexual do objeto (p.418), objeto sexual externo (p.416), objeto sexual (p.418, 418, 428), escolha objetal homossexual (p.426), escolha heterossexual (p.426), vida sexual (p.413), predisposição ao homossexualismo manifesto (p.426), função sexual (p.413), sexualidade é a única função do organismo vivo que se estende além do indivíduo (p.414), sexualidade no processo de educação (p.417), atividade sexual do estádio narcísico (p.417), relação sexual completa (p.426), satisfação sexual direta (p.418), ausência de desejos de satisfação sexual (p.418), necessidade sexual (p.418), contrastar com sensualidade (p.418).	Atividade sexual Desejo sexual Escolha de objeto Função sexual Homossexualidade Instinto sexual Libido sexual Necessidade sexual Objeto sexual Relação sexual Satisfação sexual Valorização sexual Vida sexual
16	**CONFERÊNCIA XXVII – TRANSFERÊN-CIA (1917[1916-1917])**	impulso libidinal e a repressão sexual (p.434), homossexualismo manifesto (p.444), necessidade sexual (p.444), viver uma vida completa, sexualmente (p.434), permissão para uma vida sexual completa (p.436), problemas da vida sexual (p.436), tendência sensual (p.434), tendência sexual suprimida (p.435), atração sexual (p.444), exigências sexuais diretas (p.444), relações sexuais ilícitas (p.435), tipo de relação sexual (p.436), vitória da sensualidade (p.435), idealmente não sensual (p.443), repressão sexual (p.435), impossível tomar o partido da moralidade sexual convencional (p.435), assuntos sexuais (p.436), dependia da sexualidade (p.447).	Assunto sexual Atração sexual Exigência sexual Homossexualidade Moral sexual Necessidade sexual Relação sexual Repressão sexual Tendência sensual Tendência sexual Vida sexual
16	**CONFERÊNCIA XXVIII – TERAPIA ANALÍTICA (1917[1916-1917])**	importância das experiências sexuais (p.453).	Experiência sexual

17	**HISTÓRIA DE UMA NEUROSE INFANTIL (1918[1914])**	práticas sexuais (p.29), despertar da sua atividade sexual (p.33), precocidade sexual (p.65), sexualidade infantil (p.123), processos de amadurecimento sexual (p.112), constituição sexual congênita (p.87), desenvolvimento sexual (p.45, 55, 70, 71, 88, 110, 112, 121), desenvolvimento sexual do paciente (p.52), desenvolvimento sexual inibido (p.122), processos de desenvolvimento em outras esferas que não a sexual (p.113), processos sensuais (p.119), pesquisas sexuais (p.72, 88, 113), conhecimento sexual (p.86), referência à sexualidade (p.112), marcadamente sensual (p.121), corrente sexual (p.52, 89, 116), corrente sexual mais profunda (p.119), ligação original entre a excitação sexual e o instinto nutritivo (p.111), impulso sexual (p.72, 113), impulsões sexuais do menino (p.119), dois impulsos sexuais conflitantes (p.112), ego não tem correntes sexuais (p.116), organização sexual (p.55, 115), primeira organização sexual (p.110), fase oral da vida sexual (p.111), fase oral da sexualidade (p.111), objeto sexual (p.33, 34, 71, 121), pessoa como objeto sexual (p.36), objeto sexual de uma corrente passiva na sua fase sádico-anal (p.36), objeto sexual passivo (p.36-37), objeto sexual havia sido passivo (p.55), homens em objeto sexual (p.120); escolha de objeto heterossexual (p.32, 122), perigoso objetivo sexual (p.116), objetivo sexual (p.54, 71, 111, 112, 120), objetivo sexual passivo (p.55, 112), passividade do seu objetivo sexual (p.113), objetivos homossexuais (p.116), ansiedade aos objetivos sexuais passivos (p.116), propósitos sexuais passivos (p.72), propósito sexual próprio da organização genital (p.121), fantasias sexuais (p.86), fantasia homossexual (p.106), cena sexual (p.84), cena se tornou sexualizada em sua lembrança (p.102), cenas de observação das relações sexuais entre os pais (p.102), observação da relação sexual (p.113), observação de relações sexuais de animais (p.67), testemunhar a relação sexual dos pais (p.100), relação sexual dos pais (p.47, 85, 87, 87, 89), relações sexuais entre os pais (p.54, 64, 67), relacionamento sexual com o pai ou com a mãe (p.107), relacionamento sexual com o pai (p.120), órgãos sexuais (p.35), próprio órgão sexual (p.36), processos da vida sexual (p.124), vida sexual (p.35, 52, 71, 79, 106, 112), vida sexual do menino (p.35), tendência sexual masoquista (p.37), tendência sexual (p.112, 114, 114, 116), tendência sexual ativa (p.115), tendência sexual masculina (p.116), desígnio sexual passivo (p.34), conduta sexual humana (p.32), lascívia sexual (p.35), desejo sexual (p.46), bissexualidade (p.114), atitude homossexual (p.114, 115, 115, 122), atitude homossexual reprimida (p.72), atitude homossexual passiva (p.84-85), repressão da atitude homossexual (p.77), entusiasmo homossexual (p.85), propósito homossexual (p.114); homossexual (p.72, 72, 89, 89, 117), corrente homossexual (p.90), libido homossexual (p.78, 117), impulso ansioso homossexual (p.117), impulso homossexual (p.117),	Atitude em relação à sexualidade Atitude homossexual Atividade sensual Atividade sexual Aversão à sexualidade Bissexualidade Carícia ou gratificação sexual Cena sexual Compreensão interna (*insight*) do ato sexual Conflito entre o ego e a tendência sexual Constituição sexual Corrente sexual Desejo sexual Desenvolvimento sexual Despertar da atividade sexual Escravo da sensualidade Esfera sexual Excitação sexual Fantasia sexual Homossexual Homossexualismo Objetivo sexual Objeto sexual Organização sexual Órgão sexual Preferência sexual Problema sexual Relação sexual Repressão sexual Satisfação sexual Sexualidade infantil Símbolo sexual feminino Tendência sexual Testemunho sexual Vida sexual

		homossexualismo (p.71, 78, 106, 116), homossexualismo (ou feminilidade) (p.115), homossexualismo passivo (p.72), homossexualismo agrilhoado (p.78), homossexualismo reprimido e inconsciente (p.118), homossexualismo inconsciente (p.119), organização sexual sadomasoquista (p.118), corrente sexual masoquista (p.117), preferência sexual (p.50), decisão do problema sexual (p.86), conflito entre o ego e as tendências sexuais (p.114), manifestação da excitação sensual masculina (p.75), papel sexual desempenhado pela mulher (p.85), carícias ou gratificações sexuais (p.111), satisfação sexual (p. 45, 45, 51, 88, 106, 106), satisfazer sexualmente (p.106), satisfação sexual masoquista (p.37). satisfação homossexual (p.116). obter satisfação sexual (p.51). obter do pai satisfação sexual (p.51. 54). sexualmente satisfeito pelo Pai (p.56). satisfação sexual anal obtida do pai (p.89). desejo de ser sexualmente satisfeito pelo pai (p.106), relação sexual pelo ânus (p.91), excitação sexual da sua puberdade (p.31), excitação sexual simpática (p.113), excitação sexual (p.87, 98, 102, 111), precoce e sensual (p.30), busca sexual (p.34, 44), problemas sexuais (p.35, 44), opostos sexuais (p.55), esfera sexual (p.50), esfera da sexualidade (p.110), quer seja sexual ou de qualquer outra espécie (p.86), atitude em relação à sexualidade (p.116), enigma da relação sexual (p.77), relação sexual (p.64, 75, 85, 85, 85, 107), ato sexual (p.64, 65, 65, 88), compreensão interna (*insight*) do ato sexual (p.86), escravo da sensualidade (p.75), repressão à sensualidade durante o desenvolvimento da neurose obsessiva (p.91), conflitos entre a sexualidade e as tendências *morais* do ego (p.114), bissexualidade é a força motivadora que leva à repressão (p.114), aversão à sexualidade (p.111), sexualidade ser repudiada com ansiedade (p.118), atividade sensual (p.93), símbolo sexual feminino (p.77), papel desempenhado pela mulher no ato sexual (p.84), “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (p.119).	

17	**AS TRASNFORMAÇÕES DO INSTINTO EXEMPLIFICADAS NO EROTISMO ANAL (1917)**	componentes anal-eróticos na constituição sexual (p.133), vida sexual (p.134), organização da sexualidade (p.134), órgão sexual masculino (p.134), função sexual feminina (p.135), prejudicial à função sexual feminina (p.136), primeira experiência de relacionamento sexual (p.135), pesquisas sexuais infantis (p.138), pesquisas sexuais do menino (p.138); buscas sexuais do menino (p.138).	Constituição sexual Função sexual Organização da Órgão sexual Prática sexual Relacionamento sexual Sexualidade Sexualidade infantil Vida sexual
17	**UMA DIFICULDADE NO CAMINHO DA PSICANÁLISE (1917)**	instinto sexual (p.145, 145, 145, 150, 151), chamamos libido – desejo sexual (p.145), função sexual (p.145), desenvolvimento da sua função sexual (p.146), conflito entre os instintos do ego e os instintos sexuais (p.146), exigências dos instintos sexuais (p.146), nega aos instintos sexuais a satisfação (p.146), avaliação dos instintos sexuais (p.146), importância psíquica da sexualidade (p.151), ânsia sexual (p.151), além dos sexuais (p.146).	Ânsia sexual Desejo sexual Função sexual Importância da sexualidade Instinto sexual
17	**LINHAS DE PROGRESSO NA TERAPIA PSICANALÍTICA (1919[1918])**	impulsos sexuais no homem (p.172), relação sexual (p.174).	Impulso sexual Relação sexual
17	**"UMA CRIANÇA É ESPANCADA" – UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA ORIGEM DAS PERVERSÕES SEXUAIS (1919)**	sexualidade infantil (p.206, 216), lembranças do início da vida sexual (p.193), manifestações instintuais da vida sexual infantil (p.215), vida sexual da criança (p.201, 205), organização pré-genital, anal-sádica, da vida sexual (p.202), organização sexual (p.212), desenvolvimento sexual normal (p.205), componentes da função sexual (p.195), componente sexual (p.196, 205), caso de homossexualismo é congênito (p.206), homossexualismo (p.212), pervertidos sexuais (p.209), escolha homossexual de objeto (p.212, 212), constituição bissexual dos seres humanos (p.213), aberrações sexuais da infância (p.216), aberração sexual em adultos (p.196), aberrações sexuais da maturidade (p.196), fantasia pode ser descrita como puramente sexual (p.201), fantasia consciente que nega o caráter sexual manifesto (p.214), não claramente sexual (p.201), caráter sexual manifesto (p.215), atividades sexuais (p.209), atividade sexual normal (p.205), ato sexual (p.212), vida sexual (p.205, 206), constituição sexual anormal (p.205), instintos sexuais (p.216), impulso sexual (p.196), objetivos sexuais normais e finais (p.201), excitação sexual (p.199), satisfação sexual exclusivamente pela masturbação (p.209), caracteres sexuais (p.213), qualidade sexual (p.212), convergência do sentimento de culpa e do amor sexual (p.203), sexualização do processo de repressão (p.214), relação entre a repressão e o caráter sexual (p.212), forças motivadoras da repressão não devem ser sexualizadas (p.216).	Aberração sexual Atividade sexual Ato sexual Bissexualidade Caractere sexual Caráter sexual Componente sexual Constituição sexual Desenvolvimento sexual Excitação sexual Fantasia Função sexual Homossexualidade Impulso sexual Instinto sexual Objetivo sexual Organização sexual Perversão sexual Qualidade sexual Repressão sexual Satisfação sexual Sentimento sexual Sexualidade infantil Vida sexual
17	**INTRODUÇÃO À PSICANÁLISE E AS**	formação dos sintomas são sexuais (p.222), teoria sexual das neuroses (p.222), teoria da etiologia sexual das neuroses (p.223), conflito entre o ego e os instintos sexuais (p.222), energia sexual ligada ao	Aversão à sexualidade Conceito de sexualidade

	NEUROSES DE GUERRA (1919)	próprio ego (p.223), sexualidade (p.222), conceito de sexualidade (p.223), aversão à sexualidade (p.222).	Energia sexual Etiologia sexual Instinto sexual Sintoma sexual Teoria sexual
18	**ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER (1920)**	instintos sexuais (p.20, 49, 51, 53, 55, 58, 60, 61, 61, 61, 64, 65, 67), força do instinto sexual (p.60), origem do instinto sexual (p.66), instintos sexuais reprimidos (p.20), grupo dos instintos sexuais (p.50), distinção nítida entre os "instintos do ego" e os instintos sexuais (p.53), oposição original entre os instintos do ego e os instintos sexuais (p.60), conflito entre os instintos do ego e os instintos sexuais (p.61), oposição entre os instintos sexuais (p.59), instintos sexuais ou instintos de vida (p.53), instintos de vida ou instintos sexuais ativos em cada célula (p.59), reconhecer o instinto sexual como Eros (p.61), componente sádico no instinto sexual (p.62), instintos sexuais autoconservadores (p.63), libido de nossos instintos sexuais (p.59), energia dos instintos sexuais (p.60), componentes libidinais do instinto sexual (p.63), objetos sexuais (p.60), função de dominar o objeto sexual (p.62), atividade sexual (p.62), ato sexual (p.70), efetivação do ato sexual (p.62), união sexual (p.64, 65), vida sexual (p.64), vida sexual infantil (p.28; 30), explorações sexuais infantis (p.30), fontes de excitação sexual (p.43), excitação sexual (p.43), conceito de sexualidade (p.67), concepção da sexualidade (p.65), origem da sexualidade (p.66),sexualidade (p.50), descritos como sexuais (p.50), conceito de sexualidade (p.60), psicanálise explica tudo pela sexualidade (p.61), função sexual (p.53, 62), origem da reprodução sexual (p.65), reprodução sexual (p.53, 57, 64), células germinais sexualmente diferenciadas (p.65).	Atividade sexual Ato sexual Conceito de sexualidade Concepção de sexualidade Excitação sexual Função sexual Instinto sexual Objeto sexual Reprodução sexual Sexualidade infantil União sexual Vida sexual
18	**PSICOLOGIA DE GRUPO E A ANÁLISE DO EGO (1921)**	amor sexual (p.96, 97, 142, 143, 144), amor sexual pelas mulheres (p.108), amor homossexual (p.108), amor sensual comum (p.115), amor não sensual (p.116), amor sensual e terreno (p.116), sensualmente amado (p.116), destino do amor sensual (p.119), união sexual (p.96, 96), união íntima do afetuoso e do sensual (p.143), sentimentos afetuosos e sensuais (p.143), encanto sensual (p.116), corrente sexual (p.141), instintos sexuais (p.97, 115, 115, 123), instintos diretamente sexuais (p.110, 140, 142, 142, 145), instintos sexuais inibidos em seus objetivos (p.140, 141), *sublimação* dos instintos sexuais (p.141), impulsos sexuais (p.116, 128), impulsos diretamente sexuais (p.144, 145, 145), impulsos diretamente sexuais e os inibidos em seus objetivos (p.145), impulsos diretamente sexuais que são reprimidos (p.144), impulsos sexuais inibidos (p.119), impulsos sexuais desinibidos (p.144), impulsos sexuais desinibidos em seus objetivos (p.119), impulsos sexuais inibidos em seus objetivos (p.145), impulsos que não possuem objetivo sexual (p.141), presença simultânea de impulsos diretamente sexuais e impulsos sexuais inibidos em seus objetivos (p.145), impulsos sexuais da criança (p.140), dessexualizado	Amor sexual Atividade sexual Ato sexual Caráter sexual Catexia sexual Corrente sexual Descrito como sexual Desejo sensual Dessexualizado e sublimado Encanto sensual Escolha sexual de objeto Excitação sexual Supervalorização sexual Fim sexual Função sexual Homossexualismo Impulso sexual Inclinação sexual Intenção sexual Intolerância sexual Liberdade de gozo sexual

		e sublimado (p.108), acúmulo de libido sexual (p.141), impulsos sexuais inibidos em seus objetivos (p.142), impulsos antes inibidos em seu objetivo sexual (p.128), objetivos diretamente sexuais (p.108, 116), objetivo sexual (p.108, 118, 119, 142), desvio do instinto de seu objetivo sexual (p.108), objetivos sexuais infantis (p.115), objetivos sexuais originais (p.141), diretamente sexuais (p.142), retorno do objetivo sexual reprimido (p.144), fins sexuais (p.141), objeto sexual (p.112, 115, 116), catexias sexuais de objeto (p.108), escolha sexual de objeto (p.110), objeto completamente sexual (p.141), fenômeno da supervalorização sexual (p.116), supervalorização sexual (p.117, 117), escolha sexual de objeto (p.142), escolha de um objeto sexual (p.143), mulher como objeto sexual (p.143), gênese do homossexualismo masculino (p.112), pansexualismo (p.97), necessidades sensuais (p.143), natureza homossexual ou heterossexual (p.144), vida sexual (p.109), vínculos sexuais (p.140), relações grupais de caráter sexual (p.142), caráter sexual (p.112), inclinações diretamente sexuais (p.119), tendências diretamente sexuais (p.119), tendências sexuais (p.140), primitivas tendências sensuais (p.115), intenções sexuais (p.140), lugar ao sensual (p.143), relações sexuais (p.143, 143), relações sexuais entre homens e mulheres (p.143), relação sexual com aquelas mulheres da família (p.143), satisfação diretamente sexual (p.115, 117), satisfação sexual (p.117, 128, 143), excluída a satisfação sexual (p.119), satisfazer seus impulsos diretamente sexuais (p.128), excitação sexual (p.142), atividades sexuais (p.116), atos sexuais simultâneos (p.143), desejo puramente sensual (p.116), reivindicações sexuais (p.117), intolerância sexual (p.128, 142), liberdade de gozo sexual (p.142), descrito como sexual (p.140), função diretamente sexual (p.145).	Libido sexual Natureza sexual Necessidade sexual Objetivo sexual Objeto sexual Pansexualismo Reivindicação sexual Relação sexual Satisfação sexual Sentimento afetuoso e sensual Sublimação do sexual Supervalorização sexual Tendência sexual União íntima do afetuoso e do sensual União sexual Vida sexual Vínculo sexual
18	**A PSICOGÊNESE DE UM CASO DE HOMOSSEXUALISMO NUMA MULHER (1920)**	homossexualismo nas mulheres (p.151), tendências homossexuais (p.152), homossexual (p.155, 160, 162, 164, 172), entusiasmos homossexuais (p.172,; jovem homossexual (p.157), homens homossexuais (p.174), homossexualismo (p.153, 157, 164, 173), literatura do homossexualismo (p.173), homossexualismo congênito (p.157, 173), homossexualismo congênito ou adquirido (p.158), formas de homossexualismo (p.154), aferrar-se ao homossexualismo (p.166), inversão genital ou homossexualismo (p.154), pessoa restrita ao homossexualismo (p.154), conversão de um homossexual (p.154), anamneses de homossexuais (p.159), análise de homossexuais masculinos (p.160), se tornou homossexual (p.161),impelira ao homossexualismo (p.165), problema do homossexualismo (p.174), inclinações homossexuais (p.163), atitude de Édipo normal à do homossexualismo (p.171, 174), homossexualismo latente ou inconsciente (p.174), homossexualismo masculino (p.175), homossexualismo feminino (p.175), vítima do homossexualismo (p.171),	Anamnese sexual Aventura sexual Bissexualidade Caráter sexual Conversão sexual Corrente sexual Desejo sexual Entusiasmo sexual Escolha sexual de objeto Fixação sexual Função sexual Heterossexual Homossexualidade Homossexualismo Impelir a libido sexual Impulso sexual Organização sexual Relação sexual Satisfação sexual Supervalorização do

		presságios de homossexualismo (p.172), libido foi desviada para a homossexual e manifesta (p.172), heterossexual (p.154), corrente heterossexual (p.172), heterossexualidade manifesta (p.174), relação sexual (p.156), funções bissexuais (p.154), pressupor uma bissexualidade (p.175), organização genital da sexualidade (p.154), impulsos sexuais (p.155), escolha homossexual de objeto (p.155), escolha heterossexual de objeto (p.155), supervalorização do objeto sexual (p.157), fixação homossexual (p.155), permaneceu homossexual em desafio ao pai (p.163), definitivamente bissexual (p.155), bissexualidade universal dos seres humanos (p.160), satisfação da tendência homossexual (p.160), satisfação homossexual (p.164), tendência heterossexual (p.160), história sexual (p.159), traumas sexuais no começo da vida (p.159), desejos mais sensuais (p.164), aventuras sexuais (p.164), satisfações grosseiramente sensuais (p.164), sexualmente de má reputação (p.165), matizadas de sensualidades (p.172), características sexuais e da atitude sexual (p.173), caráter sexual mental e a escolha de objeto não coincidem (p.173), caracteres sexuais físicos (p.174), caracteres sexuais mentais (p.174), mistério do homossexualismo (p.173).	objeto sexual Tendência sexual Trauma sexual
18	**PSICANÁLISE E TELEPATIA (1941 [1921])**	esposa afetuosa, sexualmente satisfeita (p.190-191).	Satisfação sexual
18	**SONHOS E TELEPATIA (1922)**	relações sexuais (p.208), experiência de natureza sexual (p.215), assuntos sexuais (p.218), ignorância sobre assuntos sexuais (p.220), sentimentos sexuais de mulher (p.220), abundância de impulsos sexuais prematuros (p.221).	Assunto sexual Impulso sexual Natureza sexual Relação sexual Sentimento sexual
18	**ALGUNS MECANISMOS NEURÓTICOS NO CIÚME, NA PARANOIA E NO HOMOSSEXUALISMO (1922)**	primeiro período sexual (p.231), experimentado bissexualmente (p.231), vários atos homossexuais de agressão (p.231), homossexualismo (p.233, 239), impulso homossexual indevido (p.233), defesa contra o homossexualismo (p.235), libido heterossexual (p.234), componente homossexual (p.234), impulsos homossexuais subjacentes (p.235), posição homossexual (p.235), trauma homossexual (p.235), forçara seu homossexualismo à repressão (p.235), impulsos homossexuais (p.236), fator orgânico no homossexualismo (p.239), escolha homossexual de objeto (p.239, 240), etiologia psíquica do homossexualismo (p.239), escolha homossexual do objeto (p.240), homossexualismo extremo, manifesto e exclusivo (p.240), primeiros objetos amorosos homossexuais (p.240), história dos homossexuais (p.240), atitudes homossexuais que não excluem a heterossexualidade (p.241), número de homossexuais (p.241), amor homossexual (p.241), vinculação entre o homossexualismo e o sentimento social (p.241), atitudes homossexuais (p.241), homossexuais (p.241).	Amor sexual Atitude sexual Bissexualidade Escolha sexual de objeto Impulso sexual Heterossexualidade História sexual Homossexualidade Libido sexual Posição sexual Período sexual
18	**DOIS VERBETES DE ENCICLOPÉ-DIA (1923 [1922])**	significação etiológica da vida sexual (p.254), início da vida sexual (p.254), trauma sexual (p.254), abusos contemporâneos na vida sexual (p.254), distúrbios na vida sexual (p.255), vida sexual nas neuroses (p.255), sexualidade infantil (p.255), vida sexual	Abuso sexual Análise do sexual Atração sexual Característica sexual Começo difásico do

		(p.255), manifestações de sexualidade em crianças (p.255), função sexual nas crianças (p.255), primeiros vislumbres da sexualidade (p.255), sexualidade nas crianças (p.255), conceito do que era sexual (p.255), união dos dois sexos no ato sexual (p.255), vida sexual infantil, normal e perversa (p.255), fonte de manifestações sexuais nas crianças e raiz para a formação de sintomas (p.255), desenvolvimento da função sexual (p.255), instinto sexual (p.256, 266, 266), convergência dos impulsos sexuais (p.257), começo difásico do desenvolvimento sexual (p.257), período inicial da vida sexual (p.257), instintos sexuais (p.257), eflorescência precoce da sexualidade (p.257), desenvolvimento difásico da função sexual (p.257), conflitos entre o ego e aqueles impulsos sexuais (p.257), instintos sexuais (p.258, 259, 266), satisfação sexual substitutiva (p.258), característica de satisfação sexual (p.258), conciliações entre os instintos sexuais reprimidos e os instintos repressores do ego (p.258), satisfação sexual (p.258), sintomas neuróticos são de natureza sexual (p.258), importância da sexualidade (p.258), versão sexualizada (p.259), perversões sexuais (p.261), acusar a psicanálise de pansexualismo (p.262), sexualidade (p.262, 263), distinguiu os instintos sexuais de outros (p.262), conflito entre os impulsos sexuais e o ego (p.263), força motivadora dos instintos sexuais (p.263), sonho é a realização de um desejo sexual (p.263), rédea livre à sexualidade (p.263), consciência dos desejos sexuais reprimidos (p.263), análise libera o neurótico das cadeias de sua sexualidade (p.263), descrever a manifestação dinâmica da sexualidade (p.265), o contraste entre os instintos sexuais e os instintos do ego (p.265), impulsos instintuais sexuais serem rejeitados (p.265), contraste entre os instintos sexuais e os instintos do ego (p.265), libido primitiva que podia ser sexualizada ou dessexualizada (p.265), distinguir entre libido sexual e assexual (p.265), diferença entre os instintos sexuais (p.265), tendências sexuais (p.266),realização que não é mais sexual (p.266), conflito entre instintos sexuais e instintos do ego (p.266), dessexualismo (p.267), abandono dos objetivos especificamente sexuais (p.267), impulsos sexuais inibidos quanto ao objetivo (p.267-268), objetivos diretamente sexuais (p.267), relações afetuosas entre pais e filhos, que originalmente eram inteiramente sexuais (p.267-268), atração sexual (p.268), instintos libidinais, sexuais ou instintos de vida (p.268).	desenvolvimento sexual Concepção do sexual Conflito entre impulsos sexuais e o ego Convergência do impulso sexual Descrição da sexualidade Desejo sexual reprimido Desenvolvimento difásico da função sexual Desenvolvimento sexual Dessexualismo Diferença entre instintos sexuais Distinção entre libido sexual e assexual Distúrbio na vida sexual Eflorescência da sexualidade Fonte de manifestação sexual Importância da sexualidade Impulso sexual Instinto sexual Liberdade sexual Libido sexualizada ou dessexualizada Manifestação sexual Objetivo sexual Pansexualismo Perversão sexual Relação sexual Satisfação sexual Sexualidade Sexualidade infantil Significação etiológica da vida sexual Sintoma sexual Sonho sexual Trauma sexual Vida sexual
18	**UMA NOTA SOBRE A PRÉ-HISTÓRIA DA TÉCNICA DA PSICANÁLISE (1920)**	pesquisas em ciência sexual (p.271), *Psycho-Analysis in Relation to Sex* (p.271).	Ciência sexual
18	**A CABEÇA DE MEDUSA (1940 [1922])**	repele todos os desejos sexuais (p.283), fortemente homossexuais (p.283-284).	Desejo sexual Homossexualidade

19	**O EGO E O ID (1923)**	objeto sexual (p.44), abandono de objetivos sexuais (p.45), dessexualização (p.45), libido objetal sexual em narcísica (p.45), primeiro período sexual (p.46), bissexualidade constitucional de cada indivíduo (p.46), desejos sexuais (p.46), disposições sexuais masculina e feminina (p.47), bissexualidade originalmente presente na criança (p.47), bissexualidade (p.48), atribuída inteiramente à bissexualidade (p.48), disposições sexuais (p.48), fase sexual dominada pelo complexo de Édipo (p.48), início bifásico da vida sexual do homem (p.49), estudo de casos brandos de homossexualidade (p.52), instintos sexuais ou Eros (p.55), instinto sexual desinibido (p.55), instintos objetais sexuais (p.55), componente sádico do instinto sexual (p.56), vínculo homossexual (p.58), origem da homossexualidade (p.58), sentimentos sociais dessexualizados (p.58), homossexualidade (p.58), componentes sexuais (p.59), Eros dessexualizado (p.59), libido dessexualizada (p.60), abandono de objetivos sexuais (p.60), dessexualização (p.60), dessexualizando ou sublimando a libido do id (p.60), instintos sexuais (p.61), exigências da libido não dessexualizada (p.61), tendências diretamente sexuais (p.61), descarga das substâncias sexuais (p.61), ejeção das substâncias sexuais no ato sexual (p.61), satisfação sexual completa (p.62), fase sexual primária da infância (p.63), vida sexual posterior (p.63), natureza de uma dessexualização (p.69).	Bissexualidade Desejo sexual Dessexualização Disposição sexual Fase sexual Homossexualidade Instinto sexual Libido dessexualizada Libido sexual Objetivo sexual Objeto sexual Período sexual Satisfação sexual Sentimento dessexualizado Substância sexual Tendência sexual Vida sexual
19	**UMA NEUROSE DEMONÍACA DO SÉCULO XVII (1923[1922])**	referência sexual (p.107), caráter sexual feminino (p.107), características sexuais positivas da mãe (p.108).	Característica sexual Caráter sexual Referência sexual
19	**OBSERVAÇÕES SOBRE A TEORIA E A PRÁTICA DA INTERPRETA-ÇÃO DE SONHOS (1923[1922])**	período sexual infantil (p.147).	Sexualidade infantil
19	**ALGUMAS NOTAS ADICIONAIS SOBRE A INTERPRETAÇ ÃO DOS SONHOS COMO UM TODO (1925)**	excitação sexual (p.148), sonho direto de relações sexuais (p.148), sexualmente importantes (p.151).	Excitação sexual Importância sexual Relação sexual
19	**ORGANIZAÇÃO GENITAL INFANTIL: UMA INTERPOLA-ÇÃO NA TEORIA DA**	campo do desenvolvimento sexual infantil (p.159), "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (p.159), vida sexual das crianças (p.159), início bifásico do desenvolvimento sexual (p.159), pesquisas sexuais das crianças (p.159), desfecho final da sexualidade na infância (p.159), correntes sexuais (p.159), vida sexual após a puberdade (p.159), vida sexual após a puberdade (p.159), organização da sexualidade	Corrente sexual Curiosidade sexual Desenvolvimento sexual Homossexualidade Organização da sexualidade Pesquisa sexual

	SEXUALIDADE (1923)	(p.160), vida sexual da criança (p.160), sexualidade infantil (p.160), curiosidade sexual (p.160-161), pesquisa sexual (p.161), disposição ao homossexualismo (p.161), desenvolvimento sexual da infância (p.161), polaridade sexual coincide com masculino e feminino (p.161).	Polaridade sexual Sexualidade infantil Vida sexual
19	**NEUROSE E PSICOSE (1924[1923])**	perversões sexuais (p.172).	Perversão sexual
19	**O PROBLEMA ECONÔMICO DO MASOQUISMO (1924)**	estado de excitação sexual (p.180), excitação sexual (p.181), satisfação sexual (p.181), ato sexual (p.181), "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (p.182), fontes da sexualidade infantil (p.182), excitação sexual (p.182), instinto sexual (p.182), constituições sexuais diferentes (p.183), função sexual (p.183), excitação sexual (p.183), sexualidade (p.185), dessexualizada (p.187), objetivos sexuais diretos (p.187), relação sexual passiva (p.189), dessexualização do complexo de Édipo (p.189), moralidade mais uma vez se torna sexualizada (p.189).	Ato sexual Constituição sexual Dessexualização Excitação sexual Função sexual Instinto sexual Moral sexual Objetivo sexual Relação sexual Satisfação sexual Sexualidade infantil
19	**A DISSOLUÇÃO DO COMPLEXO DE ÉDIPO (1924)**	período sexual da primeira infância (p.195), desenvolvimento sexual de uma criança (p.195), vida sexual (p.195), excitação sexual pertinente ao complexo (p.197), dessexualizadas e sublimadas (p.198), desenvolvimento sexual da criança (p.198), caráter sexual (p.200), instinto sexual (p.200), tendências sexuais (p.200), intimidação sexual (p.201).	Caráter sexual Desenvolvimento sexual Dessexualização Excitação sexual Instinto sexual Intimidação sexual Período sexual Tendência sexual Vida sexual
19	**UMA BREVE DESCRIÇÃO DA PSICANÁLISE (1924[1923])**	impulsos desejosos sexuais (p.223), desenvolvimento do instinto sexual (p.223), sexualidade infantil (p.223), sexualidade (p.223), sexualidade normal dos adultos (p.223), vida sexual anormal (p.223), o conceito do que era sexual (p.223), instinto sexual (p.223), importância etiológica da vida sexual (p.223), primórdios da sexualidade infantil (p.223), sexualidade infantil (p.223), fator sexual na vida mental (p.223), desejo sexual proibido (p.225), instintos sexuais (p.229), sexuais no sentido mais amplo (p.229), acusação de pansexualismo (p.230), sexuais (p.230), palavra de pansexualismo (p.230), vida sexual (p.235).	Conceito de sexual Desejo sexual Fator sexual Impulso sexual Instinto sexual Pansexualidade Sexualidade adulta Sexualidade infantil Vida sexual
19	**AS RESISTÊNCIAS À PSICANÁLISE (1925[1924])**	instintos sexuais (p.245, 245), componentes sexuais (p.245), vida sexual (p.245), sexualidade (p.245), pansexualismo (p.246), instintos sexuais (p.246, 246, 246, 246), instintos sexuais e os instintos do ego (p.246), estão sujeitos à sexualidade (p.246), infância assexual (p.248), interesses e atividades sexuais (p.248), vida sexual infantil (p.248), desejo sexual direto (p.248), paixão sexual (p.252), desejo sexual (p.252).	Atividade sexual Componente sexual Desejo sexual Infância assexual Instinto sexual Paixão sexual Pansexualidade Vida sexual
19	**ALGUMAS CONSEQUÊN-CIAS PSÍQUICAS DA DISTINÇÃO ANATÔMICA**	florescência da vida sexual (p.281), primeiras formas mentais assumidas pela vida sexual das crianças (p.282), constituição bissexual (p.282), excitação sexual (p.283, 283), desenvolvimento sexual da criança (p.283), fato elementar e não analisável da vida sexual infantil (p.284); sugar sensual (p284), quantidade da sexualidade masculina da menina	Bissexualidade Caráter sexual Desenvolvimento sexual Dessexualização Excitação sexual Função sexual

	ENTRE OS SEXOS (1925)	(p.288), caráter sexual é universal (p.286), eliminação da sexualidade clitoridiana (p.288), quantidade da sexualidade masculina da menina (p.288), vida sexual das mulheres (p.288), desenvolvimento sexual (p.289), dessexualizadas (p.289), exigências da função sexual (p.290), vida sexual (p.291).	Sexualidade feminina Sexualidade infantil Vida sexual
19	**PREFÁCIO A *O MÉTODO PSICANALÍTICO*, DE RAYMOND DE SAUSSURE**	significado sexual (p.323), libido sexual (p.323).	Libido sexual Significado sexual
20	**UM ESTUDO AUTOBIOGRÁFICO (1925[1924])**	tema da sexualidade (p.29), papéis sexuais (p.29), faceta sexual (p.29), sexualidade na etiologia das neuroses (p.29, 32), excitação de natureza sexual (p.30), conflito sexual (p.30), experiências sexuais anteriores (p.30), derivar a histeria da sexualidade (p.30), vida sexual dos chamados neurastênicos (p.30), irregularidades da função sexual (p.30), anormalidade diferente da vida sexual (p.31), abstinência sexual (p.31), regime sexual (p.31), atividade sexual normal (p.31), perturbações da função sexual (p.31), sexualidade não era algo puramente mental (p.32), excitação sexual à presença de algumas substâncias específicas (p.32), processos químicos sexuais perturbados (p.32), etiologia sexual das neuroses (p.32), fatores sexuais (p.33), conflitos entre os impulsos sexuais (p.38), resistências à sexualidade (p.38), repressões de sexualidade (p.38), excitações sexuais (p.38), domínio da sexualidade (p.39), atividades sexuais (p.39), função sexual (p.39, 40, 40), questão da sexualidade infantil (p.39), cenas nas quais eram sexualmente seduzidos (p.39), sedução sexual na infância (p.39), vida sexual das crianças (p.40), vida sexual normal do adulto (p.40), energia dos instintos sexuais (p.41), desejos sexuais (p.41), constituição inatamente bissexual (p.41-42), período de pesquisas sexuais (p.42), teorias sexuais típicas (p.42), problemas da vida sexual (p.42), vida sexual do homem (p.42), eflorescência prematura da sexualidade (p.42), desencadeamento bifásico do crescimento sexual (p.42), vida sexual da puberdade (p.42), desenvolvimento sexual infantil (p.42), órgãos sexuais femininos (p.42), descobertas sobre a vida sexual (p.42), “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (p.43), conceito da sexualidade (p.43), conceito de sexualidade (p.43), sexualidade (p.43), impulsos sexuais (p.43), sexualidade dos órgãos genitais (p.43), atividades sexuais das crianças e dos pervertidos (p.43), atividades sexuais das crianças (p.43), homossexualidade (p.43), bissexualidade constitucional de todos os seres humanos (p.43), escolha homossexual (p.43), natureza sexual (p.43), instintos sexuais (p.43), sexualidade das crianças (p.44), atividades sexuais regulares (p.44), significância etiológica da vida sexual (p.45), natureza predominantemente sexual (p.50), sonhos têm um conteúdo sexual ou provêm de forças	Tema sexual Papéis sexuais Faceta sexual Sexualidade na etiologia Excitação sexual Conflito sexual Experiência sexual Sexualidade Vida sexual Função sexual Abstinência sexual Regime sexual Atividade sexual Perturbação sexual Processos químicos sexuais Etiologia sexual Fator sexual Impulso sexual Resistência sexual Repressão sexual Domínio da sexualidade Sexualidade infantil Sexualmente seduzido Sedução sexual Instinto sexual Desejo sexual Constituição sexual Pesquisa sexual Teoria sexual Eflorescência sexual Crescimento sexual Desenvolvimento sexual Órgão sexual Livros sobre sexualidade Conceito da sexualidade Impulso sexual Homossexualidade

		motoras sexuais (p.50), impulso sexual (p.50), natureza sexual (p.53), sexualidade na etiologia das neuroses (p.53), importância da sexualidade infantil e do complexo edipiano (p.56), importância da sexualidade (p.56), repressão injustificavelmente sexualizada (p.56), fatores sexuais (p.58), conceito de sexualidade (p.58), clímax da vida sexual infantil (p.59), maneira sexual (p.59), exigências da sexualidade (p.60), função sexual (p.61), teoria psicanalítica foi tachada de pansexualismo (p.61), suprema importância da sexualidade (p.62), predomínio do fator sexual (p.64), relações sexuais (p.69), explicação do "fetichismo" sexual (p.75).	Bissexualidade Escolha homossexual Natureza sexual Sexualidade da criança Conteúdo sexual Força sexual Pansexualismo Exigência sexual Maneira sexual Relação sexual Fetichismo sexual
20	**INIBIÇÕES, SINTOMAS E ANSIEDADE (1926[1925])**	função sexual (p.91, 91, 91, 92), desempenho normal da função sexual (p.91), abreviação do ato sexual (p.91), ato sexual passivo (p.92), experiências sexuais (p.92), perturbações da função sexual (p.92), erotogeneidade – sua significação sexual (p.93), ato sexual proibido (p.93), fluxo contínuo de fantasias sexuais (p.94), energia dessexualizada (p.102), sexualmente excitado (p.108), impulso sexual (p.112), medo de tentação sexual (p.112), certas práticas sexuais (p.112), excitação sexual (p.113, 113), impulsos sexuais libidinais (p.113), excitação sexual interrompida (p.113), desenvolvimento sexual na infância (p.119), luta contra a sexualidade (p.119), supressão da sexualidade (p.119), objeto sexual (p.124), componentes do instinto sexual (p.124), fatores sexuais (p.129), importância etiológica da sexualidade (p.130), curso da excitação sexual (p.141), abstinência sexual (p.141), intenções sexuais (p.146), desejos sexuais (p.147), importância etiológica dos instintos sexuais (p.151), perigo sexual (p.151), vida sexual do homem (p.153), vida sexual da maioria dos animais (p.153), desenvolvimento sexual do indivíduo (p.153-154), sexualidade infantil (p.154), impulsos sexuais ulteriores da puberdade (p.154), exigências da sexualidade (p.154), excitação sexual (p.158), energia que o ego emprega é dessexualizada (p.159), impulso sexual reprimido (p.160).	Abstinência sexual Ato sexual Desejo sexual Desenvolvimento sexual Dessexualização Etiologia da sexualidade Excitação sexual Experiência sexual Fantasia sexual Fator sexual Função sexual Impulso sexual Instinto sexual Intenção sexual Objeto sexual Perigo sexual Prática sexual Sexualidade infantil Significação sexual Supressão da sexualidade Tentação sexual Vida sexual
20	**A QUESTÃO DA ANÁLISE LEIGA (1926)**	sentimentos sensuais (p.184), exigências da vida sexual (p.184), vida sexual (p.203), fatores da vida sexual (p.204), intimidades de sua vida sexual (p.204), fatos sexuais (p.204), reconhecimento da sexualidade (p.204), assuntos sexuais (p.204), julgo da sexualidade (p.205), o que é sexual não significa absolutamente sexualidade (p.205), vida sexual (p.205), sexualidade não é necessidade natural (p.205), predominância da sexualidade (p.205), importância da vida sexual (p.205), questão da sexualidade (p.205), na infância não existe qualquer vida sexual (p.206), impulsos instintuais sexuais (p.206), sexualidade (p.206, 207, 208), descoberta da sexualidade infantil (p.206), vida sexual das crianças (p.206), função sexual (p.206, 207), sexualidade infantil (p.207, 211), perversões sexuais (p.207), anseio sexual (p.207, 207), vida sexual das crianças	Anseio sexual Atividade sexual Biologia ou ciência sexual Caminho do desejo sexual Característica da sexualidade infantil Ciência da vida sexual Conhecimento da sexualidade Conteúdo da infância sexual Descoberta da sexualidade infantil Desejo sexual

		(p.207, 207, 211), eflorescência da sexualidade (p.207), caminho dos desejos sexuais (p.207), vida sexual (p.207, 209, 213), pré-história da vida sexual (p.207), período inicial da sexualidade (p.208), fenômenos da vida sexual (p.208), conhecimento da sexualidade infantil (p.208), órgão sexual (p.208, 209), sexualidade inicial das crianças (p.208), característica da sexualidade infantil (p.208), órgão sexual feminino (p.208), vida sexual das mulheres adultas (p.209), interesse sexual (p.209), desejos sexuais (p.209), disposição bissexual inata (p.209), fatos reais das relações sexuais (p.209), período sexual inicial (p.210), conteúdo da infância sexual (p.211), período sexual prematuro (p.211), atividades sexuais entre adultos (p.213), experiências sexuais (p.213), atividade sexual (p.213, 213), atividade sexual das crianças (p.213), impulsos sexuais das crianças (p.213), atividade sexual da primeira infância (p.213), sexualidade das crianças (p.213), vida sexual dos neuróticos (p.214), biologia ou de ciência sexual (p.215), satisfações afetuosas e sensuais (p.222), facetas puramente sensuais e hostis do seu amor (p.223), satisfação afetuosa e sensual (p.223), ciência da vida sexual (p.224, 241), impulsos instituais do período sexual inicial (p.237), primeiros impulsos sexuais (p.237).	Disposição bissexual inata Eflorescência sexual Exigência da vida sexual Experiência sexual Faceta sensual Função sexual Fato da vida sexual História sexual Impulso instintual sexual Impulso sexual Intimidade sexual Interesse sexual Julgamento da sexualidade Órgão sexual Período sexual Perversão sexual Predominância da sexualidade Questão da sexualidade Reconhecimento da sexualidade Satisfação afetuosa e sensual Sentimento sensual Sexualidade Sexualidade infantil Vida sexual
20	**PSICANÁLISE (1926[1925])**	inibições ou anormalidades sexuais (p.260), instintos sexuais (p.263, 263), importância do instinto sexual (p.260), fator da sexualidade (p.265), vida sexual (p.263), satisfações substitutivas da sexualidade reprimida (p.263), desencadeamento bifásico do desenvolvimento sexual (p.263), constituição sexual herdada (p.263), sexualidade (p.263).	Constituição sexual Desenvolvimento sexual Fator da sexualidade Inibição sexual Instinto sexual Repressão da sexualidade Vida sexual
21	**O FUTURO DE UMA ILUSÃO (1927)**	objeto sexual (p.15, 25), desejos sexuais (p.21), resultado de excessos sexuais (p.40), crianças são criaturas sem sexualidade (p.265), desenvolvimento sexual (p.56), vida sexual (p.57), inibição sexual mental (p.57).	Desejo sexual Desenvolvimento sexual Excesso sexual Inibição sexual Objeto sexual Sexualidade infantil Vida sexual
21	**O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO (1930 [1929])**	amor sexual (p.90, 108, 114), amor plenamente sensual (p.109, 109), amor genital heterossexual (p.111), sentimento sexual (p.90), atributos do objeto sexual (p.91), como objeto sexual de outra pessoa (p.102), objeto sexual (p.106, 115, 117), privar-se de seu objeto sexual (p.107), caracteres sexuais secundários (p.91), caminho das relações sexuais (p.108), objetivos sexuais (p.108), satisfação sexual direta (p.109), satisfação sexual (p.114), liberdade sexual (p.110, 111), liberdade completa da vida sexual (p.120), utilizá-lo sexualmente sem o seu	Amor sexual Apetite sexual Caractere sexual Componente da sexualidade Constituição sexual Defesa da sexualidade Desejo sexual Gozo sexual Interesse sexual

		consentimento (p.117), gozo sexual (p.111), retirada da sexualidade (p.111), civilização se comporta diante da sexualidade (p.111), relacionamentos sexuais (p.111), vida sexual (p.110, 110, 110, 124), vida sexual no casamento (p.95), vida sexual das crianças (p.111), tipo único de vida sexual (p.111), vida sexual do homem civilizado (p.112), apetites sexuais dos adultos (p.111), indivíduo sexualmente maduro (p.111), constituição sexual (p.111), interesses sexuais (p.111), sexualidade como fonte de prazer por si própria (p.111), frustrações da vida sexual (p.114), antítese entre civilização e sexualidade (p.114), restrição à vida sexual (p.115), restrição da vida sexual (p.150), sexualidade (p.114), antagonismo à sexualidade (p.115), restrição à vida sexual (p.118), campo dos relacionamentos sexuais (p.119), sexualidade (p.121, 125), tentativas feitas pelo ego para se defender contra a sexualidade (p.124), componente da sexualidade (p.125), intuito sexual (p.127), desejos sexuais (p.145).	Intuito sexual Liberdade sexual Maturidade sexual Objetivo sexual Objeto sexual Prazer sexual Relação sexual Relacionamento sexual Satisfação sexual Sentimento sexual Vida sexual
21	**FETICHISMO (1927)**	se tornar homossexual (p.161), objetos sexuais (p.161), satisfação sexual (p.161), pessoas se tornam homossexuais (p.161).	Homossexualidade Objeto sexual Satisfação sexual
21	**UMA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA (1928 [1927])**	relações sexuais (p.181).	Relação sexual
21	**DOSTOIEVSKI E O PARRICÍDIO (1928 [1927])**	confissão de um ataque sexual (p.187), processos sexuais (p.190), processos sexuais normais de descarga (p.191), ato sexual (p.190), bissexualidade (p.193), forte disposição bissexual (p.193), disposição bissexual inata (p.195), característica de bissexualidade (p.195), homossexualismo latente (p.193), homossexualismo reprimido (p.194), conteúdo sexual (p.195), rivalidade sexual (p.197), motivo oculto da rivalidade sexual (p.198), motivo da rivalidade sexual (p.198), sensual impulsivo (p.198), vida sexual (p.202).	Ataque sexual Ato sexual Bissexualidade Conteúdo sexual Homossexualidade Processo sexual Rivalidade sexual Vida sexual
21	**ALGUNS SONHOS DE DESCARTES: UMA CARTA A MAXIME LEROY (1929)**	quadro sexual (p.214).	Sexual
21	**TIPOS LIBIDINAIS (1931)**	disposição bissexual (p.234).	Bissexualidade

21	**SEXUALIDADE FEMININA (1931)**	desenvolvimento da sexualidade feminina (p.239), desenvolvimento sexual feminino (p.242), desenvolvimento sexual na mulher (p.253), paralelismo nítido entre o desenvolvimento sexual masculino e feminino (p.240), desenvolvimento sexual da criança (p.256), sexualidade feminina (p.239, 253), vida sexual feminina (p.245), primeira eflorescência sexual (p.240), bissexualidade (p.242), homossexualismo exclusivo (p.243), escolha de objeto homossexual manifesta (p.244), objeto sexual (p.255), zona sexual principal (p.242), órgão sexual (p.242), vida sexual (p.242, 246, 252), vida sexual feminina posterior (p.242), sexualidade infantil (p.243, 245), revulsão geral à sexualidade (p.244), sexualidade (p.244), sexualidade infantil (p.248, 249), atividade sexual livre (p.247), atividade sexual (p.248, 251, 252, 255), desenvolvimento da função sexual (p.247), objetivos sexuais (p.250, 250, 252), sexualidade (p.250, 250), experiências sexuais e sexualmente coloridas (p.250), sedutor sexual (p.252), impulsos sexuais ativos e uma ascensão dos passivos (p.253), tendências sexuais (p.253), excitação sexual (p.254), excitação sexual masculina (p.254), química sexual (p.254), relações sexuais (p.256), substância sexualmente excitante (p.254).	Atividade sexual Bissexualidade Desenvolvimento sexual Eflorescência sexual Excitação sexual Experiência sexual Função sexual Homossexualidade Impulso sexual Objeto sexual Órgão sexual Química sexual Relação sexual Sexualidade feminina Sexualidade infantil Substância sexual Tendência sexual Vida sexual Zona sexual
22	**CONFERÊNCIA XXIX – REVISÃO DA TEORIA DOS SONHOS (1933[1932])**	natureza sexual (p.18), temas sexuais (p.32), material sexual (p.32), relação sexual (p.32), histórias do tipo evidentemente sexual (p.32), símbolos de órgãos sexual e de relação sexual (p.32), sexual no mais amplo sentido (p.34), vida sexual infantil (p.37), experiências sexuais iniciais (p.38).	Experiência sexual História sexual Material sexual Natureza sexual Relação sexual Símbolo sexual Tema sexual Vida sexual
22	**CONFERÊNCIA XXXI – A DISSECÇÃO DA PERSONALIDA DE PSÍQUICA (1933[1932])**	experiências sexuais iniciais (p.67), criaturas sexuais (p.67), vida sexual (p.71), objeto sexual (p.73), motivada pelo objeto sexual (p.73).	Criatura sexual Experiência sexual Objeto sexual Vida sexual
22	**CONFERÊNCIA XXXII – ANSIEDADE E VIDA INSTINTUAL (1933[1932])**	economia libidinal da vida sexual (p.92), ato sexual (p.97), punir excessos de desejos sexuais (p.98), função sexual (p.104, 107), instintos sexuais (p.105; 105, 105, 106, 106, 107, 112, 119), diversidade necessária à vida sexual infantil e pervertida (p.105), tendências sexuais (p.105), fontes da necessidade sexual (p.106), finalidade da função sexual (p.107), células sexuais (p.107), prazer "sexual" (p.107), organização final da função sexual (p.107), história da função sexual (p.107), atividade sexual (p.108), o nome de fase *genital* para a organização sexual definitiva (p.108), vida dos homossexuais (p.110), desenvolvimento sexual normal (p.110), a oposição entre os instintos do ego e os instintos sexuais (p.110), satisfação sexual (p.113, 115), relações sexuais normais (p.113), fins sexuais (p.113),	Atividade sexual Ato sexual Desejo sexual Desenvolvimento sexual Fim da sexualidade Função sexual Homossexualidade Instinto sexual Necessidade sexual Organização sexual Prazer sexual Relação sexual Satisfação sexual Tendência sexual Vida sexual

		multiplicidade de seus fins sexuais (p.114), tendências sexuais (p.119).	
22	**CONFERÊNCIA XXXIII – FEMINILIDADE (1933[1932])**	produto sexual masculino, o espermatozoide (p.122), funções sexuais (p.122), características sexuais secundárias (p.122), aparelho sexual masculino (p.123), indicações de *bissexualidade* (p.123), produto sexual – óvulos ou sêmen (p.123), noção de bissexualidade (p.123), célula sexual masculina (p.123), conduta dos organismos sexuais elementares (p.123), conduta sexual dos indivíduos durante o coito (p.123), união sexual (p.124), vida sexual humana (p.124), esfera sexual (p.124), tanto os homens como as mulheres são bissexuais (p.124), função sexual (p.124), vida sexual (p.124), disposição bissexual (p.125), bissexualidade (p.125), investigação do desenvolvimento sexual da mulher (p.125), diferenças sexuais (p.126), ideias de relação sexual (p.126), período inicial do surgimento de sua sexualidade (p.127), preferência sexual de seus pais (p.128), sexualidade infantil (p.128), desejos sexuais iniciais (p.128), traumas sexuais infantis (p.129), relacionamento sexual da menininha (p.130), desejos sexuais (p.130), desejos sexuais multiformes (p.132), natureza da sexualidade infantil (p.132), desejos sexuais (p.132), perversões sexuais (p.134), inibição sexual (p.134), desejos sexuais dirigidos à mãe (p.134), sexualidade fálica (p.134), inclinações sexuais em geral (p.135), agente executor da sexualidade infantil (p.135), fase de sexualidade fálica (p.137), homossexualismo manifesto (p.138), homossexualismo feminino (p.138), desenvolvimento do homossexualismo feminino (p.138), práticas das homossexuais (p.138), atos eróticos de mulheres homossexuais (p.138), expressão da bissexualidade na vida da mulher (p.139), denominamos a força motriz da vida sexual de libido (p.139), vida sexual (p.139), sexualidade (p.139), finalidades de uma vida sexual masculina (p.139), finalidades de uma vida sexual feminina (p.139), funções sexuais masculinas (p.139), frigidez sexual das mulheres (p.139), influência da função sexual (p.140), inferioridade sexual original (p.140), função sexual (p.142, 143), relacionamentos sexuais (p.142).	Aparelho sexual Bissexualidade Característica sexual Célula sexual Conduta do organismo sexual Conduta sexual Desejo sexual Desenvolvimento sexual Diferença sexual Disposição bissexual Esfera sexual Fase sexual Finalidade sexual Função sexual Homossexualismo Inclinação sexual Inferioridade sexual Inibição sexual Libido sexual Natureza sexual Perversão sexual Preferência sexual Preferência sexual dos pais Produto sexual Relação sexual Sexualidade too infantil Traumas sexuais infantis União sexual Vida sexual
22	**CONFERÊNCIA XXXIV – EXPLICAÇÕES, APLICAÇÕES E ORIENTAÇÕES (1933[1932])**	objeções à sexualidade (p.147), sentimentos sexuais (p.148), homossexual (p.150), problema universalmente opressivo da sexualidade (p.151), ódio da sexualidade infantil (p.153), primeiro surgimento da sexualidade (p.156), vida sexual da maturidade (p.156).	Homossexualidade Objeções à sexualidade Problema da sexualidade Sentimento sexual Sexualidade infantil Surgimento da sexualidade Vida sexual
22	**CONFERÊNCIA XXXV – A QUESTÃO DE UMA WELTANSCHA**	execução do ato sexual (p.174), sexualidade (p.179).	Ato sexual

	UUNG (1933[1932])		
22	**A AQUISIÇÃO E O CONTROLE DO FOGO (1932[1931])**	homossexualismo (p.195), estado de excitação sexual (p.197), órgão sexual masculino (p.200).	Excitação sexual Homossexualidade Órgão sexual
22	**POR QUE A GUERRA? (1933[1932]) (EINSTEIN E FREUD)**	sexuais (p.215), ampliação da concepção popular de sexualidade (p.215), finalidade sexual (p.217), função sexual (p.219).	Finalidade sexual Função sexual Sexualidade ampliada
22	**SÁNDOR FERENCZI (1933)**	biologia dos processos sexuais (p.236), particularidades da vida sexual (p.236).	Processo sexual Vida sexual
23	**MOISÉS E O MONOTEÍSMO: TRÊS ENSAIOS (1939 [1934-1938])**	liberdade sexual (p.65), conteúdo sexual-agressivo (p.87), impressões de natureza sexual e agressiva (p.87), atos sexuais e agressivos (p.87), sedução sexual na infância (p.88), má interpretação do ato sexual (p.87), atos sexuais entre os pais (p.91), fator sexual (p.87), vida sexual dos seres humanos (p.87), vida sexual (p.88), desenvolvimento ulterior da sexualidade (p.87), maturidade sexual (p.87), adiamento da vida sexual e seu desencadeamento difásico (p.87), período de latência sexual (p.87), retardamento sexual (p.87-88), assaltos sexuais (p.91), sedução sexual na infância (p.88), atos sexuais entre os pais (p.91), atividade sexual (p.91, 92), significado sexual (p.91), impotência sexual (p.91), fins sexuais (p.91), motivos sexuais (p.92), relação sexual entre os pais (p.92), eventos de natureza sexualmente agressiva (p.93), retrocesso da sensualidade (p.129), rejeição de uma exigência instintual sexual ou agressiva (p.130), sensualidade (p.131), abstinência sexual (p.131), restrição da liberdade sexual (p.131), sexualidade (p.131), relação sexual (p.133).	Abstinência sexual Assalto sexual Atividade sexual Ato sexual Conteúdo sexual Desenvolvimento da sexualidade Evento sexual Exigência sexual Fator sexual Fim sexual Impotência sexual Latência sexual Liberdade sexual Maturidade sexual Motivo sexual Natureza sexual Relação sexual Retardamento sexual Retrocesso da sensualidade Sedução sexual Significado sexual Vida sexual
23	**ESBOÇO DE PSICANÁLISE (1940 [1938])**	o ato sexual é um ato de regressão (p.160), comportamento sexual normal (p.215), excesso de agressividade sexual (p.160), criminoso sexual (p.160), excitação sexual (p.162, 201), caráter periódico da excitação sexual (p.198), estudo da função sexual (p.162), proibição da sexualidade infantil (p.212, 217), impulso sexual (p.162, 197, 199), tentativa precoce de represar o instinto sexual (p.212), impulsos da vida sexual (p.198), instintos que se manifestam fisiologicamente como sexualidade (p.198), vida sexual humana (p.163), vida sexual (p.163, 163, 164, 165, 166, 201, 212), componentes da vida sexual (p.197), início da vida sexual ser difásico (p.164), maturidade sexual (p.163), desejos se comportam exatamente como os sexuais (p.163), inteiramente o órgão sexual (p.163), opiniões populares sobre a sexualidade (p.163), distinção nítida entre os conceitos de sexual e genital (p.163), preconceito poderia negar o nome de sexual (p.163), denominada de sexual (p.165), processos sexuais (p.165), processo somático de maturação sexual (p.202), sexualidade da tenra infância (p.165),	Abuso sexual Agressividade sexual Ato sexual Componente sexual Comportamento sexual Conceito de sexual Criminoso sexual Desejo sexual Eflorescência sexual Excitação sexual Função sexual Heterossexualidade Homossexualidade Impulso sexual Instinto sexual Maturidade sexual Objetivo sexual Objeto sexual Opinião sobre sexualidade Órgão sexual

		pesquisas sexuais (p.165), prazer na função sexual (p.166), impossível ao ego controlar a função sexual (p.199), função sexual (p.166, 166, 198), distúrbio da vida sexual (p.166), objetivo sexual normal (p.166), objeto sexual proibido (p.182), homossexualidade (p.166), caráter homossexual (p.166, 204), período sexual primitivo (p.212); vida sexual da criança (p.213), bissexualidade psicológica (p.200), desejo sexual (p.181), primeira eflorescência sexual (p.198), modificações biológicas na vida sexual (p.198), inovações na sexualidade (p.198), sexualidade (p.204), abuso sexual de crianças por adultos (p.198), comportamento sexual entre adultos (p.199), ameaça de castração sobre a vida sexual (p.202), sensações prazerosas em seu órgão sexual (p.200), órgão sexual (p.202), única forma de satisfação sexual (p.202).	Pesquisa sexual Prazer sexual Processo sexual Sexualidade infantil Sexualização Vida sexual
23	**ANÁLISE TERMINÁVEL E INTERMINÁ-VEL (1937)**	esclarecimentos sexuais (p.247, 247), teorias sexuais (p.247), natureza da relação sexual (p.247); objetos sexuais (p.257), bissexuais (p.257), todo ser humano é bissexual (p.257), heterossexualidade de um homem (p.257), função heterossexual (p.257), homossexualidade (p.257), homossexualidade latente (p.257), sexualizar a repressão (p.265).	Bissexualidade Esclarecimento sexual Heterossexualidade Homossexualidade Objeto sexual Relação sexual Repressão sexual Teoria sexual
23	**CONSTRUÇÕES EM ANÁLISE (1937)**	relações sexuais (p.278).	Relação sexual
23	**A DIVISÃO DO EGO NO PROCESSO DE DEFESA (1940 [1938])**	estimulação sexual (p.290).	Estimulação sexual
23	**UM COMENTÁRIO SOBRE O ANTI-SEMITISMO (1938)**	violência sexual (p.308).	Violência sexual
23	**achados, ideias, problemas (1941 [1938])**	sexualidade infantil fixou nisso um modelo (p.314).	Sexualidade infantil

3.2 ANÁLISE DAS PASSAGENS, CONCEITOS, IDEIAS E NOÇÕES QUE SE ARTICULAM ÀS DUAS DIMENSÕES PESQUISADAS (*SEXUAL* E *SEXUALIDADE*), PRESENTES NOS TEXTOS DE FREUD

3.2.1. O fator sexual: o diagnóstico como horizonte da clínica psicanalítica

A investigação clínica sobre as doenças mentais inicialmente colocou a psicanálise diante dos quadros de *neurastenia*, uma espécie nosográfica de doença nervosa que Freud (1996a, p.259) reconheceu como consequência da "relação sexual se satisfeita de forma

incompleta" (Freud, 1996a, p.126) ou da "forma perniciosa de satisfação sexual" (p.151); em ambos os casos o sujeito seria levado ao adoecimento neurastênico. Desse modo, as causas específicas da *neurastenia* poderiam ser resumidas como "perturbações contemporâneas da vida sexual" (p.157). Eis os dois fatores determinantes dessa definição: 1. o tempo, o qual circunscreve a influência dos "fatores sexuais nocivos", sendo considerado determinante apenas o que está próximo do período de adoecimento (p.125); e 2. o "fator sexual", que determina a causalidade da *neurastenia*.[10]

"Hereditariedade e etiologia das neuroses" (Freud, 1996a) traz uma formalização do quadro clínico que abarca os principais fatores determinantes na etiologia da *neurastenia*: "a **ação prolongada e intensa dessa perniciosa satisfação sexual que se revela suficiente**, por si mesma, para provocar uma neurose neurastênica, ou que imprime no sujeito a marca neurastênica especial que depois se manifesta sob a influência de uma causa acessória incidental" (Freud, 1996a, p.151, negrito nosso).

Assim, as condições que o indivíduo obtém para sua "satisfação sexual" são as principais dimensões individuais colocadas em evidência por esse diagnóstico. Freud também elenca como principais elementos desencadeadores desse quadro: o coito interrompido, a masturbação, a privação ou abstinência (por exemplo, a virgindade) de satisfação sexual. E, ainda, descreve o quadro como "muito monótono: fadiga, pressão intracraniana, dispepsia flatulenta, constipação, parestesias raquidianas, **fraqueza sexual** etc." (Freud, 1996a, p.151, negrito nosso).

Com isso, ainda se pode considerar que, na obra freudiana, a *neurastenia* pode ser influenciada fundamentalmente por dois outros fatores: 1. a "intensidade da origem sexual" dos sintomas" (Freud, 1996a, p.61); e 2. o tempo durante o qual esse instinto não é satisfeito. A primeira condição é de origem desenvolvimentista (hereditária e histórica)[11]; a segunda se refere à duração, marcando um fator que pode determinar o quanto a patologia se intensificou.

No entanto, tendo a *neurastenia* como ponto de partida, Freud delimita outras duas grandes categorias nosográficas, que também possuem a "etiologia sexual" como fator causal: a *neurose de angústia* e a *psiconeurose*. Para o estabelecimento dessas neuroses como entidades nosográficas independentes, ele precisou compreender como o fator sexual na etiologia das

---

[10] A esse respeito, a observação feita por Freud (1996a, p.138, negrito nosso) sobre a influência da hereditariedade em relação ao tempo de uma satisfação incompleta é esclarecedora: "**O fator sexual** só costuma ser atuante nas pessoas que têm também uma tara hereditária inata; a hereditariedade, por si só, usualmente não é capaz de produzir uma neurose de angústia, tendo que aguardar a ocorrência de uma quantidade suficiente da **perturbação sexual específica**".

[11] Referência ao artigo "Hereditariedade das psiconeuroses", de 1896 (Freud, 1996a).

neuroses pôde ser dimensionado em suas entidades de modo particular para cada uma.

Freud (1996a) encontra um quadro sintomático muito semelhante da *neurastenia* para a *neurose de angústia*, contudo, no que se refere à segunda, há uma importante expressão de angústia, a qual se manifesta por meio de formas específicas de ansiedade, em ataques, hipocondrias e até fobias[12]. E ele deu especial importância ao fator moral para o desenvolvimento desse quadro patológico, como pode ser observado em seus trabalhos que relacionam a dimensão sexual principalmente com a moral e a educação (Freud, 1996g). Por conta disso, afirma-se que a *neurose de angústia* "**é produto de todos os fatores que impedem a excitação sexual somática de ser psiquicamente elaborada**" (1996a, p.113, negrito nosso). E, ainda, que "**a neurose de angústia é criada por tudo aquilo que mantém a tensão sexual somática afastada da esfera psíquica**, por tudo o que interfere em sua elaboração psíquica" (p.125, negrito nosso).

Essas definições permitem compreender os paralelos entre a causa da *neurose de angústia* com a "deflexão da excitação sexual" (Freud, 1996a, p. 111), na qual a manifestação de ansiedade foi postulada por Freud, em "A sexualidade na etiologia das neuroses", como "a libido que foi desviada de seu emprego |normal|" (p.258), ou seja, da produção de uma energia, provinda da excitação sexual, que gera substitutos psíquicos fora do campo da vida sexual e da atividade sexual. Talvez por isso, ao final de sua obra, ainda é possível encontrar a importância que ele deu para os destinos dessa energia em suas investigações clínicas sobre o fator sexual:

> [...] causa mais comum da neurose de angústia é a excitação não consumada. A excitação libidinal é despertada mas não satisfeita, não utilizada; o estado de apreensão surge, então, no lugar dessa libido que foi desviada de sua utilização. Até pensei estar justificado ao dizer que essa libido insatisfeita era transformada diretamente em ansiedade (Freud, 1996r, p.92)[13].

Por conta da importância atribuída a essa energia, um dos objetivos no tratamento da *neurose de angústia* consiste "em induzir o paciente a **desistir de todas as formas prejudiciais de prática sexual e adotar relações sexuais normais**" (Freud, 1996a, p.265, negrito nosso)[14]. Isso decorre das "modalidades prejudiciais de práticas sexuais", ou seja, daquelas práticas que não correspondem às condições de satisfação que devem ser adquiridas para que o indivíduo "não obtenha o alívio sexual", atrapalhando na "deflexão da tensão sexual" (Freud, 1996a,

---

[12] Além das publicações iniciais, há outros textos fundamentais para a compreensão do quadro da *neurose de angústia*: "Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses", de 1906 (Freud, 1996e), e "Conferência XXXII – Ansiedade e vida instintual", de 1933 (1996t).

[13] "Conferência XXXII – Ansiedade e vida instintual", de 1933: nessa conferência, Freud considera a excitação libidinal e a libido como equivalentes à excitação sexual e à tensão sexual.

[14] "A sexualidade na etiologia das neuroses".

p.137) necessária. Todavia, a definição de Freud sobre a *neurose de angústia* foi melhor introduzida em seu artigo "Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada neurose de angústia", de 1895, no qual ele diz: "há fundamentos para se considerar a neurose como adquirida, uma cuidadosa investigação orientada nesse sentido revela que um conjunto de perturbações e influências da vida sexual são os fatores etiológicos atuantes" (p.103). E, nesse artigo, o argumento caminha para problematizar a influência social e moral sobre essa modalidade de adoecimento: "o *mecanismo da neurose de angústia dev[e] ser buscado numa* ***deflexão da excitação sexual somática da esfera psíquica e no consequente***[15] ***emprego anormal dessa excitação***" (p.111, negrito nosso, itálico do autor).

Evidencia-se, desse modo, que está em jogo, além do alívio da excitação sexual, a condição de emprego da energia psíquica, proveniente da energia de excitação sexual, em outros fins não sexuais. E, com isso, corrobora-se a compreensão de que os quadros de angústia são agravados quando o indivíduo não encontra outros meios de empregar essa excitação (1996g)[16], definição esta que incorpora completamente as condições sócio-históricas da vida dos indivíduos. Nos termos de Freud (1996g, p.169):

> Não é arriscado supor que sob o regime de uma moral sexual civilizada a saúde e a eficiência dos indivíduos esteja sujeita a danos, e que tais prejuízos causados pelos sacrifícios que lhes são exigidos terminem por atingir um grau tão elevado, que indiretamente cheguem a colocar também em perigo os objetivos culturais.

Essa citação, do texto "Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna", de 1908, busca destacar que se a influência social mostra "principalmente à repressão nociva da vida sexual dos povos (ou classes) civilizados através da moral sexual 'civilizada' que os rege" (Freud, 1996g, p.172). Entretanto, a diferença da *neurose de angústia* sobre a *psiconeurose* revela outros fatores. Entre eles, a importância do elemento histórico na constituição dessas entidades nosográficas. Esse primeiro desdobramento coloca a *neurose de angústia* e a *neurastenia* junto às neuroses *atuais*, pois são considerados os elementos nocivos e desencadeadores como oriundos da impossibilidade de realização da satisfação, uma vez que

[15] Tendo em vista que a nova ortografia do português já está bastante estabelecida e o fato de que na edição da obra de Freud aqui usada há erros de digitação, repetições de termos e alguns problemas gramaticais, optamos por corrigir todos eles diretamente nas citações, evitando assim o uso recorrente de "Sic".

[16] "Algumas observações gerais sobre ataques histéricos" de 1909.

> [...] mesmo quando o limite entre a liberdade sexual e as restrições é assim fixado, um certo número de indivíduos é marginalizado como pervertido, e outro grupo, que se esforça para não ser pervertido, embora por constituição o devesse ser, é impelido às doenças nervosas. É fácil prever as consequências de uma maior redução da liberdade sexual, quando as exigências culturais se elevam ao terceiro estádio, que proíbe toda atividade sexual fora do matrimônio legítimo (Freud, 1996g, p.177-178)[17].

Ainda que a moral e a liberdade sexual sejam fatores de destaque tanto para a *neurose de angústia* como para a *neurastenia*, é a influência da "excitação sexual somática" (Freud, 1996a, p.111, 133; 1996i, p.238; 1996j, p.266) que as diferencia da *psiconeurose*. Ele marca essa diferença de modo para além da

> [...] elaboração psíquica da excitação, há um desvio dela para o campo somático; a diferença está apenas em que, na neurose de angústia, a excitação, em cujo deslocamento a neurose se expressa, é puramente somática (excitação sexual somática), ao passo que, na histeria, ela é psíquica (provocada por um conflito) (Freud, 1996a, p.118)[18].

Avançando para a caracterização da *psiconeurose*, Freud (1996a, p.118) também explicita a "origem sexual" que pode ser encontrada em uma *neurose mista*

> Assim, não surpreende que a histeria e a neurose de angústia se combinem regularmente uma com a outra, como se vê na "angústia virginal" ou na "histeria sexual", e que a histeria simplesmente tome de empréstimo à neurose de angústia vários sintomas, e assim por diante.[19]

Porém, diferentemente do *fator atual* que identifica a influência das perturbações da vida sexual nas *neuroses atuais*, as *psiconeuroses* correspondem a uma condição produzida na infância do indivíduo. O que foi explicitado por Freud (1996a, p.268, negrito nosso) em "A sexualidade na etiologia das neuroses", quando diz que

> Ao reportarmos as vicissitudes da enfermidade de um indivíduo às experiências de seus ancestrais, fomos longe demais; esquecemos que, entre a concepção e a maturidade de um indivíduo, há um longo e importante período da vida – sua infância –, no qual se podem adquirir os germes da doença posterior. **E isso é o que efetivamente ocorre com a psiconeurose. Sua verdadeira etiologia é encontrada nas experiências infantis, e mais uma vez – exclusivamente –, nas impressões referentes à vida sexual**[20].

---

[17] Sendo que o *matrimônio legítimo*, tal como considerado nas análises de Freud, apenas considera o sexo para fins de procriação.

[18] "Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada neurose de angústia", de 1895.

[19] "Sobre os fundamentos...".

[20] "A sexualidade na etiologia das neuroses", de 1898.

Na *psiconeurose*, portanto, perturbações contemporâneas podem auxiliar no desencadeamento do quadro, mas não estão na causa. O indivíduo que apresenta disposição para esses quadros contemporâneos estaria mais vulnerável a despertar "complexos sexuais" vividos na infância que correspondem à causação das *psiconeuroses*, uma vez que eles poderiam ser mais facilmente revividos por meio da via das excitações sexuais (Freud, 1996a)[21]. Assim, Freud destaca que os principais fatores observados para embasar a "influência sexual" no quadro nosográfico das *psiconeuroses* correspondem a: "natureza adiada do efeito e o estado infantil do aparelho sexual e do instrumento mental" (p.269)[22].

Apesar da importância do efeito adiado, do *a posteriori*, para a identificação da *psiconeurose*, Freud coloca que é indispensável atentar-se para o fator sexual da infância. Realmente, esse será o elemento diferenciador para as demais formas de neuroses. Assim, o primeiro elemento que constitui a causação da *psiconeurose* retoma a tese de que a "sexualidade está presente na infância", nas mais diversas atividades e relações em que a criança possa se envolver (Freud, 1996e)[23]. A partir disso, ele considera a existência de desejos sexuais e de moções sexuais referentes à pulsão (1996a)[24], uma resposta de descarga psíquico-somática ao problema do desejo que também se apresentava entre a realidade e a representação.

Entretanto, apesar da existência de uma dimensão sexual para a criança, também deve-se considerar que ainda faltam a ela condições psíquicas e somáticas para responder adequadamente ao que socialmente está colocado para o indivíduo adulto no campo sexual. Primeiramente, pode-se destacar a falta de maturidade intelectual frente aos "conflitos que surgem ligados à sexualidade" (Freud, 1996o, p.114; 1996r, p.38); e, em segundo, uma não maturação orgânico-fisiológica para ocupar as mesmas posições; por exemplo: uma criança, mesmo que deseje ocupar o lugar de um dos pais na relação com o outro, não teria condições para tal, visto não possuir desenvolvimento educacional e maturacional para responder às vicissitudes da vida adulta[25].

---

[21] "As neuropsicoses de defesa", de 1894.

[22] "A sexualidade na etiologia...".

[23] Tema extensamente desenvolvido na categoria "Sexualidade infantil" (item 3.2.2).

[24] Ideia presente em Freud desde o artigo "Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada neurose de angústia", no qual colocou que "Essa ação [de eliminar a tensão sexual] adequada consiste, quanto à pulsão sexual masculina, num complicado ato reflexo raquidiano que promove a descarga das terminações nervosas, e em todas as preparações psíquicas que têm que ser feitas para acionar esse reflexo" (Freud, 1996a, p.112). Citação que merece destaque, uma vez que é a primeira aparição de um elemento referente ao conjunto de ideias de uma "resposta psíquico-somática sobre a sexualidade", mesmo dentre o conjunto de possibilidades agrupadas em: moção, impulso, instinto e pulsão.

[25] Pode-se encontrar uma explicação complementar ao que foi proposto no volume 2 da *Interpretação dos sonhos*: "A teoria das psiconeuroses afirma como fato indiscutível e invariável que somente as moções de desejo sexuais

Desse modo, e visto que "o episódio ligado à sexualidade" está determinado no passado do indivíduo, a explicação encontrada para a causação das *psiconeuroses* redunda na importância, na força e nas condições de revivescência "das memórias de experiências sexuais na infância" (Freud, 1996a, p.153; 1996o, p.102 e 193). Ao mesmo tempo, a *regressão*, a *repressão* e o *recalque* se tornam determinantes para compreender os destinos psíquicos que podem ocasionar a importância do fator sexual, principalmente para as *psiconeuroses*.

A problematização do surgimento de quadros patológicos a partir do sexual emerge inicialmente para Freud na *repressão*, porém, para compreender o que a *psiconeurose* traz de particular, o mecanismo da *regressão* e suas consequências precisam ser melhor explicitados, inclusive ajudando na diferenciação e no entendimento da *repressão*. Uma nota de Freud (1996k, p.188-189) em "O interesse científico da psicanálise", no "interesse biológico", ajuda a introduzir de forma ampla a questão

> A sexualidade normal dos adultos surge da sexualidade infantil através de uma série de desenvolvimentos, combinações, divisões e repressões que dificilmente se completam com perfeição ideal, deixando consequentemente em seu rastro predisposições a uma regressão da função, sob a forma de doença.

A primeira aparição da ideia de *regressão* ligada à sexualidade surgiu no "Resumo" dos "Três ensaios para uma teoria da sexualidade", a partir da consideração de "fatores nocivos ao desenvolvimento sexual", divididos em: "condições disposicionais", sendo "a constituição e as vivências acidentais da infância que interagem da mesma maneira" (Freud, 1996e, p.226); e "condições definitivas", em que "a disposição e as vivências traumáticas" interagem sobre o indivíduo (p.226). Nesses casos, a *regressão* indica um "retorno a uma fase anterior do desenvolvimento" (p.226), ressaltando a influência específica do tempo no desencadeamento dos quadros de *psiconeurose*. Ainda nesse sentido, e respeitando a divisão inicialmente proposta, na "Conferência XXII – Algumas ideias sobre o desenvolvimento da regressão – etiologia", Freud acrescenta aos desdobramentos acerca da *regressão* as consequências da teoria da *organização libidinal*:

---

procedentes da infância, que sofreram recalcamento (isto é, uma transformação do afeto) durante o período de desenvolvimento infantil, são passíveis de ser revividas em períodos posteriores do desenvolvimento (seja como resultado da constituição sexual do sujeito, que deriva de uma bissexualidade inicial, seja como resultado de influências desfavoráveis que atuem no curso de sua vida sexual) e, desse modo, estão aptas a suprir a força impulsora para a formação de toda sorte de sintomas psiconeuróticos. Apenas mediante a referência a essas forças sexuais é que podemos cobrir as brechas que ainda se evidenciam na teoria do recalcamento. Deixarei em aberto a questão de esses fatores sexuais e infantis serem igualmente exigidos na teoria dos sonhos; deixarei tal teoria incompleta neste ponto, uma vez que já foi um passo além do que se pode demonstrar ao presumir que os desejos oníricos provêm invariavelmente do inconsciente" (Freud, 1996c, p.630-631).

> Após essas coisas que os senhores aprenderam a respeito do desenvolvimento da função libidinal, estarão preparados para saber que **há regressão de dois tipos: um retorno aos objetos que inicialmente foram catexizados pela libido**, os quais, conforme sabemos, são de natureza incestuosa; e **um retorno da organização sexual como um todo a estádios anteriores**. Ambos os tipos de regressão são encontrados nas neuroses de transferência e desempenham importante papel no seu mecanismo (Freud, 1996e, p.345, negrito nosso)[26].

Na "Quinta Lição", dos trabalhos apresentados na Clark University, Freud (1996i, p.61, negrito nosso) indica um novo desenvolvimento sobre a *regressão* frente aos "fatores sexuais":

> **A fuga, da realidade insatisfatória** para aquilo que pelos danos biológicos que produz chamamos doença, não deixa jamais de proporcionar ao doente um prazer imediato; ela se dá **pelo caminho da regressão às primeiras fases da vida sexual** a que na época própria não faltou satisfação. Esta regressão mostra-se sob dois aspectos: **temporal, porque a libido, na necessidade erótica, volta a fixar-se aos mais remotos estados evolutivos – e formal, porque emprega os meios psíquicos originários e primitivos para manifestação da mesma necessidade**. Sob ambos os aspectos a regressão orienta-se para a infância, restabelecendo um estado infantil da vida sexual.

Nesse caso, a questão *disposicional* da *regressão* foi privilegiada, uma vez que é indicado que as condições de vida presentes para o indivíduo podem levar, quando o âmbito sexual é insatisfatório, a uma *regressão* do funcionamento psíquico. Esse funcionamento, caracterizado pelo *estado infantil*, manifesta-se nas relações interpessoais, uma vez que a forma pela qual são encaradas a realidade e as relações estabelecidas na dinâmica libidinal sofre alteração ao longo do desenvolvimento sexual[27]. Sobre essa dinâmica, "Totem e tabu" (Freud, 1996k) estabelece que a *regressão* ocorre por conta de uma característica constitutiva tanto do psiquismo como da sexualidade denominada de *infantilismo*.

> A psicanálise nos ensinou que a primeira escolha de objetos para amar feita por um menino é incestuosa e que esses são objetos proibidos: a mãe e a irmã. Estudamos também a maneira pela qual, à medida que cresce, ele se liberta dessa atração incestuosa. **Um neurótico, por outro lado, apresenta invariavelmente um certo grau de infantilismo psíquico; ou falhou em libertar-se das condições psicossexuais que predominavam em sua infância ou a elas retornou**; duas possibilidades que podem ser resumidas como inibição e regressão no desenvolvimento (Freud, 1996k, p.35, negrito nosso).

Posteriormente, Freud acrescenta sobre a diferenciação da *inibição* e da *regressão* o

---

[26] "Conferência XXII – Algumas ideias sobre desenvolvimento e regressão – etiologia".

[27] Tema extensamente desenvolvido em toda a categoria "Sexualidade infantil" (item 3.2.2).

caráter complementar que esses mecanismos dinâmicos possuem no psiquismo pulsional. Porém, quando observados o caráter do *infantilismo* ou o das *impressões sexuais da infância*, a diferenciação entre ambos mecanismos deixa de ser precisa. Sobre essa diferenciação, ele enfatiza a determinação da *regressão* para compreender os efeitos que advêm do campo sexual[28].

Quanto à caracterização da *regressão*, Freud (1996n, p.345-346) a diferencia da *repressão* em seu aspecto topográfico da dinâmica psíquica

> A repressão, como se recordam, é o processo pelo qual um ato admissível à consciência, portanto um ato que pertence ao sistema Pcs., é tornado inconsciente – é repelido para dentro do sistema Ics. E igualmente falamos em regressão se o ato mental inconsciente é de todo impedido de ter acesso ao vizinho sistema pré-consciente e é repelido, no limiar, pela censura[29].

Assim, a diferença mais básica que parece poder se estabelecer na obra de Freud entre *regressão* e *repressão* corresponde à origem do impulso que carrega a representação do instinto sexual, sendo que aquela representação que tem origem inconsciente sofre influência da *repressão*, e, quando a sua origem está fora do campo inconsciente, ela está propensa à *regressão*. Com isso, se enfatiza uma diferença de nível topográfico. Ainda, na "Conferência XXII", Freud (1996n, p.346) ressalta o *aspecto psicológico da regressão*, no sentido econômico, que age sobre o "material sexual" presente no psiquismo ("representação sexual" e "energia sexual") e, nesse sentido, afirma que o "conceito de repressão não implica nenhuma relação com a sexualidade [...]. Com isso queremos dizer que a repressão diz respeito às regiões psíquicas que supomos existirem". Desse modo, *repressão* e *regressão* se diferenciam em aspectos topográficos e econômicos.

Todavia, por que o material sexual está à mercê desse tipo de *trabalho psíquico*? Freud (1996f, p.106) traça uma hipótese evolutiva sobre as vicissitudes individuais do campo sexual em seu livro sobre os "Chistes", quando analisa a função do humor, em especial daquele que possui características de agressividade contra outras pessoas: "Desde nossa infância individual, e, similarmente, desde a infância da civilização humana, os impulsos hostis contra o nosso

---

[28] Conferência XXIII: "Existem casos em que todo o peso da causação recai nas experiências sexuais da infância, casos em que essas impressões exercem um efeito definidamente traumático e não exigem nenhum outro apoio, nessa ação patogênica, além do que lhes pode proporcionar uma constituição sexual médica e a circunstância de seu desenvolvimento incompleto. [...] Paralelamente a esses casos, existem outros nos quais todo o acento recai nos conflitos posteriores; e verificamos, na análise, que a ênfase dada às impressões da infância aparece como sendo inteiramente obra da regressão. Assim, temos extremos de 'inibição de desenvolvimento' e de 'regressão', e, entre estes, todos os graus de combinação entre os dois fatores" (Freud, 1996n, p.366-367).

[29] "Conferência XXII – Algumas ideias sobre desenvolvimento e regressão – etiologia".

próximo têm-se sujeitado às mesmas restrições, à mesma progressiva repressão, quanto nossas tendências sexuais". Em "Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna", Freud apresenta outra hipótese que, em diálogo com a anterior, levanta no adoecimento individual

> Se deixarmos de lado as modalidades mais leves de "nervosismo" e nos ativermos às doenças nervosas propriamente ditas, veremos que a influência prejudicial da civilização reduz-se principalmente à repressão nociva da vida sexual dos povos (ou classes) civilizados através da moral sexual "civilizada" que os rege (Freud, 1996g, p.172).

Assim, a *repressão* não é entendida como um fator determinante na gênese das *psiconeuroses*, porém, é característica do seu funcionamento nosográfico. Por isso, apesar de a *repressão* ser um fator do funcionamento psicológico, ela pode ser intensificada por fatores sociais. Com essa condição, não se busca delimitar a influência da *regressão*, da *repressão* ou de outros mecanismos psíquicos como características de um psiquismo patológico, pois estariam presentes nas três categorias nosográficas (*neurastenia*, *neurose de angústia* e *psiconeurose*) e mesmo naquelas pessoas ditas "normais". Porém, foi importante ressaltar que, especificamente no que ficou como *psiconeuroses* para Freud, as quais englobam tudo que se desdobrará como *neuroses de transferência* (histeria e obsessão) e *neuroses narcísicas* (paranoia e esquizofrenia), os mecanismos psíquicos terão uma importância tanto para a investigação etiológica como para o tratamento, pois o que está em jogo são os efeitos das memórias e experiências sexuais da infância.

Freud marca uma diferenciação sobredeterminante acerca da *repressão* ligada ao funcionamento social (*moral*) e ao indivíduo (*recalque*). A dimensão *moral* da *repressão* corresponde ao que organizará as relações sociais; como as proibições totêmicas levantadas em "Totem e tabu" (Freud, 1996k, p. 23), de 1913: "Em quase todos os lugares em que encontramos totens, encontramos também uma lei contra as relações sexuais entre pessoas do mesmo totem e, consequentemente, contra o seu casamento. Trata-se então da 'exogamia', uma instituição relacionada com o totemismo".

Dessas observações, Freud chega à conclusão de que a repressão na neurose corresponde também à força que as regras sociais impõem sobre as necessidades do indivíduo, de modo que a "neurose é a preponderância dos elementos sexuais sobre os elementos instintivos sociais. Os instintos sociais, contudo, derivam-se eles próprios de uma combinação de componentes egoísticos e eróticos em totalidades de um tipo especial" (Freud, 1996k, p.87). E ainda afirma que

> Se analisarmos os instintos em ação nas neuroses, descobriremos que a

> influência nelas determinante é exercida por forças instintivas de origem sexual; as formações culturais correspondentes, por outro lado, baseiam-se em instintos sociais, originados da combinação de elementos egoístas e eróticos. As necessidades sexuais não são capazes de unir os homens da mesma maneira que as exigências da autopreservação. A satisfação sexual é, essencialmente, assunto privado de cada indivíduo (Freud, 1996k, p.87-88).

A discussão, em Freud, acerca da moral na *repressão* passa pela influência e construção da determinação do valor tanto da família como do casamento para o indivíduo. Isso está posto em "Totem e tabu" e em "Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna", de 1908, em que Freud (1996g) levanta a hipótese de Von Ehenfehls sobre a supressão da virilidade pela vitalidade na organização social. Nesse momento, o argumento envolve demonstrar como a condição natural humana, que dependia da hereditariedade da força do instinto sexual, é superada pela moral sexual, ou seja, pela moral que controla a expressão da sexualidade dos indivíduos.

No sentido de destacar como esse controle se dá mais próximo também do adoecimento, Freud discute a abrangência da *repressão moral* nas sociedades ocidentais e, para isso, marca três estádios de civilização ao indicar o grau de repressão com que os instintos sexuais estariam submetidos e obrigados a encontrar formas substitutas (normais e patológicas) de satisfação: 1. "o instinto sexual pode manifestar-se livremente sem que sejam consideradas as metas de reprodução" (Freud, 1996g, p.175); 2. "tudo do instinto sexual é suprimido, exceto quando serve ao objetivo da reprodução" (p.175); e 3. "só a reprodução legítima é admitida como meta sexual" (p.175) – a este último acrescenta-se que a reprodução legítima está apenas no coito para o intuito da reprodução, que correspondia para Freud ao "estado atual" da civilização europeia. Desse modo, a *repressão moral* determina tanto as "condições de satisfação sexual dos indivíduos", quanto a força e a diversidade com que os "instintos sexuais terão" de se desdobrar em substitutos, como na "normatização das formas de sexualidade" (e por conseguinte da patologização, judicialização etc.).

De outro lado, há também o desenvolvimento da *repressão* no nível individual, mas mais propriamente subjetivo, o *recalque*. Para discutir sobre este como uma repressão individual, primeiro pode-se partir das consequências que Freud (1996n, p.306) aponta para a origem dos sintomas, pois "[s]em dúvida, pode-se ainda levantar toda classe de objeções à asserção de que os sintomas neuróticos são substitutos de satisfações sexuais"[30]. Mas para justificar porque o recalque age, é necessário contextualizar a origem da necessidade desse

[30] "Conferência XIX – Resistência e repressão".

recalque, ou seja, a *angústia* e o *complexo de Édipo*.

Quanto à angústia, primeiramente cabe destacar que, para as *neuroses*, ela sempre será considerada em sua origem como um acúmulo de excitação, de origem sexual (Freud, 1996a, p.111)[31]. Inicialmente, a partir da *neurose de angústia*, Freud chega à formulação de seu dinamismo nas condições em que

> A psique é invadida pelo afeto de angústia quando se sente incapaz de lidar, por meio de uma reação apropriada, com uma tarefa (um perigo) vinda de fora; e fica presa de uma neurose de angústia quando se percebe incapaz de equilibrar a excitação (sexual) vinda de dentro – em outras palavras, ela se comporta como se estivesse projetando tal excitação para fora (Freud, 1996a, p.115).

Não obstante, Freud (1996a, p.127), rebatendo as críticas sobre suas elaborações acerca da etiologia sexual da *neurose de angústia*, destaca que "os sintomas da angústia têm uma etiologia específica e uniforme de natureza sexual". Para esse tipo de *neurose*, "a angústia que aparece em minha neurose corresponde a uma tensão sexual somática que foi desviada do campo psíquico – uma tensão que, de outra forma, far-se-ia sentir como libido" (p.127). Se se somar a isso os fatores sexuais da infância, começa a ser esboçada a relação entre a angústia e a sexualidade para as *psiconeuroses*:

> Finalmente, também não é raro a neurastenia ou a neurose de angústia serem mantidas, não pelas perturbações sexuais contemporâneas, mas, ao contrário, apenas pelo efeito persistente de uma lembrança de traumas infantis. [...] As experiências sexuais da primeira infância têm na etiologia da neurose obsessiva a mesma importância que na histeria (Freud, 1996a, p.170).

Assim, Freud segue na tentativa de explicitar o fator sexual presente na angústia, trazendo elementos cotidianos presentes nos quadros *psiconeuróticos*, como em sonhos:

> [...] argumentei há algum tempo que a angústia neurótica se origina da vida sexual e corresponde à libido que se desviou de sua finalidade e não encontrou aplicação. [...] Desde então, essa fórmula tem resistido à prova do tempo, permitindo-nos agora inferir dela que os sonhos de angústia são sonhos de conteúdo sexual cuja respectiva libido se transformou em angústia (Freud, 1996b, p.194-195).

---

[31] "Todas essas indicações – de que estamos diante de um acúmulo de excitação; de que a angústia, provavelmente correspondente a essa excitação acumulada, é de origem somática, de modo que o que se está acumulando é uma excitação somática; e ainda, de que essa excitação somática e de natureza sexual é acompanhada por um decréscimo da participação psíquica nos processos sexuais –, todas essas indicações, dizia eu, levam-nos a esperar que o mecanismo da neurose de angústia deva ser buscado numa deflexão da excitação sexual somática da esfera psíquica e no consequente emprego anormal dessa excitação" (Freud, 1996a, p.111).

Porém, diferentemente das *neuroses atuais*, nas *psiconeuroses* a angústia surge de forma dinâmica devido à *repressão* e o representante instintual é deslocado, de modo que a "libido que pertence ao impulso sexual é transformada em ansiedade" (Freud, 1996r, p.112)[32]. Esse mecanismo surge para Freud (1996b, p.266) também na angústia nos sonhos dos psiconeuróticos, que indica que podem "originar-se de excitações psicossexuais – caso em que a angústia corresponde à libido recalcada". Ainda sobre essa dinâmica, diz ele

> A angústia é um impulso libidinal que tem origem no inconsciente e é inibido pelo pré-consciente. Quando, portanto, a sensação de inibição está ligada à angústia num sonho, deve tratar-se de um ato de volição que um dia foi capaz de gerar libido – em outras palavras, deve tratar-se de um impulso sexual (Freud, 1996b, p.364).

Mas, em termos gerais, a relação que Freud (1996n, p.403) estabelece entre angústia e o campo sexual caminha para a conclusão de que por "mais que essas correspondências sejam modificadas e complicadas por numerosas influências culturais, não obstante, para a média dos seres humanos, permanece a verdade de que a ansiedade tem estreita vinculação com a limitação sexual"[33]. O que reforça as hipóteses iniciais sobre a etiologia sexual das neuroses e a sua formulação imprescindível presente em a *Interpretação dos sonhos*: "a angústia neurótica provém de fontes sexuais, posso submeter à análise alguns sonhos de angústia, a fim de revelar o material sexual contido em seus pensamentos oníricos" (Freud, 1996c, p.609).

A importância dada à angústia por Freud pode ser pensada tanto pelo fato de que ela é um sintoma, uma formação patológica substituta das neuroses, como um sinal da *repressão moral*. Porém, também pode ser tomada pela via do *recalque*, o que pressupõe todo o peso para compreender os resultados da *repressão* no nível individual, os quais estão presentes nas *psiconeuroses* e são justamente por onde o tratamento psicanalítico pode seguir e ter efeitos.

Disso, pode-se destacar a relação da angústia com os sintomas neuróticos. Por exemplo nas análises de sonhos, podem-se observar os efeitos da libido recalcada. Freud (1996b, p.266-267) afirma que "num dos casos, a angústia somaticamente determinada evoca o conteúdo de representações suprimindo, e no outro o conteúdo de representações, com sua concomitante excitação sexual, livre de repressão, evoca uma liberação de angústia". Ainda sobre os sonhos, que são a via mais direta que encontra sobre o material do inconsciente e sobre a matéria sexual, ele afirma que a "ansiedade nos sonhos de ansiedade, como toda ansiedade neurótica em geral, corresponde a um afeto sexual, a um sentimento libidinal, e surge da libido pelo processo de

---

[32] "Inibições, sintomas e ansiedade", de 1926.

[33] "Conferência XXV – Ansiedade".

repressão" (1996g, p.60)[34]. O que gera consequências sobre como o fator sexual advirá para a consciência, não encontrando necessariamente um paralelo, devido à divisão que o *recalque* impõe sobre o sexual.

Sobre essa perspectiva Freud conclui que

> [...] ao interpretarmos um sonho devemos substituir a ansiedade por excitação sexual. Nem sempre, mas com frequência, a ansiedade que assim se origina exerce uma influência seletiva sobre o conteúdo do sonho, nele introduzindo elementos ideativos que, de um ponto de vista consciente e errôneo, parecem adequados para o afeto de ansiedade. Como já disse, isso nem sempre acontece, existindo muitos sonhos de ansiedade nos quais o conteúdo nada tem de apavorante e nos quais é impossível encontrar uma explicação, em termos conscientes, para a ansiedade que é sentida (Freud, 1996g, p.60).

Nesse sentido, também se pode observar Freud (1996, p.114) dando destaque para a mesma consequência atribuída ao tipo de *repressão* que implica o *recalque* na obsessão:

> Obteremos uma compreensão interna (*insight*) mais profunda do mecanismo da neurose obsessiva se considerarmos o fato fundamental que a mesma oculta. Há sempre a repressão de um impulso instintual (um componente do instinto sexual) presente na constituição do sujeito e que pôde expressar-se durante algum tempo em sua infância, sucumbindo posteriormente à pressão[35].

E a mesma questão acerca do *recalcamento* dos impulsos sexuais, a partir de onde a sua incongruência para a consciência e a relação com a angústia se mantêm ligadas ao material sexual inconsciente[36], pode ser observada na histeria:

> A perda de consciência num ataque histérico, a "absence", deriva-se do fugaz mas inegável lapso de consciência que se observa no clímax de toda satisfação sexual intensa, inclusive as autoeróticas. Esse curso de desenvolvimento pode ser delineado com mais certeza onde as *absences* histéricas surgem a partir do desencadeamento de poluções em jovens do sexo feminino. Os chamados "estados hipnoides" – *absences* durante os devaneios –, tão comuns entre indivíduos histéricos, revelam a mesma origem. O mecanismo dessas *absences* é comparativamente simples. Toda a atenção do indivíduo fica concentrada inicialmente no curso do processo de satisfação; quando esta ocorre, toda essa catexia de atenção é subitamente removida, daí resultando um momentâneo vazio na consciência. Esse vazio, que se poderia qualificar de fisiológico, amplia-se a serviço da repressão para tragar tudo aquilo que a instância repressora rejeita (Freud, 1996g, p.212-213)[37].

---

[34] "Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen", de 1907.

[35] "Atos obsessivos e práticas religiosas", de 1907.

[36] Fenômeno que pode ser melhor compreendido a partir das reflexões de Freud (1996j, p.241) em "Formulações sobre dois princípios do funcionamento psíquico", quando diz que "[e]m consequência dessas condições, surge uma vinculação mais estreita entre o instinto sexual e a fantasia, por um lado, e, por outro, entre os instintos do ego e as atividades da consciência".

[37] "Algumas observações gerais sobre ataques histéricos", de 1909.

Em um texto de 1913, “Sobre a psicanálise”, Freud (1996j, p.229) dá bases para a compreensão de um entendimento mais ampliado sobre a sexualidade[38] e que dialoga com todo o exposto acerca dessa categoria: o “reconhecimento da presença simultânea dos três fatores de ‘infantilismo’, ‘sexualidade’ e ‘repressão’ constitui a principal característica da teoria psicanalítica e assinala sua distinção de outras visões da vida mental patológica”[39].

3.2.2 Sexualidade infantil: raízes e consequências

Apesar de não ter constituído uma clínica com crianças, à medida que avança no tratamento das neuroses, Freud produz estudos sobre a infância[40]. Mesmo não trabalhando diretamente com esse público, ele analisa e orienta colegas que vêm a construir aquilo que chamaria de psicanálise com crianças, o que lhe permite acompanhar o surgimento dessa clínica. E, mesmo em sua clínica com adultos, as *neuroses atuais* e as *psiconeuroses* têm como fator diferencial os elementos históricos que indicam experiências sexuais na infância, o que corrobora a importância desse tema para seus estudos.

Inclusive, Freud (1996n) muitas vezes debate sobre a educação das crianças ao abordar o tema da prevenção das neuroses; assim como a prevenção de fobias e traumas infantis, destacando a necessidade do “esclarecimento sexual” das crianças e adolescentes (Freud, 1996h). Desse modo, observando que Freud não ignorou a importância do período da infância tanto para a sua clínica como também para o campo psicanalítico, sobressai-se de sua obra a hipótese de que a causação das neuroses reside no efeito das impressões sexuais recalcadas da infância[41]. O que, considerado em suas últimas consequências, revela a grande importância da

---

[38] Tema desenvolvido amplamente na categoria “Sexualidade infantil” (item 3.2.2).

[39] “Sobre a psicanálise”.

[40] Destacam-se alguns textos de Freud que versam sobre a infância: “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1996e); “Esclarecimento sexual das crianças” (1996g); “Sobre as teorias sexuais das crianças” (1996g); “Análise de uma fobia em um menino de cinco anos” (1996h); “História de uma neurose infantil” (1996º); “Uma criança é espancada” (1996h); “Organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade” (1996q); e “Algumas consequências anatômicas sobre os sexos” (1996q).

[41] Tema desenvolvido ao longo de toda a obra de Freud, de onde podem ser retiradas explicitamente algumas citações que enfatizam essa hipótese:/ 1. “Conferência XXIII – O caminho para a formação dos sintomas”: “Existem casos em que todo o peso da causação recai nas experiências sexuais da infância, casos em que essas impressões exercem um efeito definidamente traumático e não exigem nenhum outro apoio, nessa ação patogênica, além do que lhes pode proporcionar uma constituição sexual média e a circunstância de seu desenvolvimento incompleto” (Freud, 1996n, p.366-367);/ 2. “Dois verbetes de enciclopédia”: “tornou-se inevitável curvar-se perante a evidência e reconhecer que na raiz da formação de todo sintoma deveriam encontrar-se experiências traumáticas do início da vida sexual” (1996p, p.254);/ 3. “o reconhecimento da importância etiológica da vida sexual, e especificamente, dos primórdios da sexualidade infantil” (1996q, p.223).

infância para a formação psíquica dos indivíduos[42] e predisposição às *neuroses*. Em seu estudo "Inibição, sintoma e angústia" (Freud, 1996r, p.153-154), de 1926, destaca-se a síntese acerca da importância da "sexualidade infantil na causação das neuroses":

> Verificamos que a vida sexual do homem, diferentemente da vida sexual da maioria dos animais de perto relacionada com ele, não realiza um progresso firme desde o nascimento à maturidade, mas, após uma eflorescência inicial até o quinto ano, sofre uma interrupção bem nítida, e então segue seu curso mais uma vez na puberdade, **reatando os inícios interrompidos na primeira infância**. Isto levou-nos a supor que algo momentoso deve ter ocorrido nas vicissitudes da espécie humana que deixou para trás essa interrupção no desenvolvimento sexual do indivíduo como um **precipitado histórico**. Esse fator deve seu significado patogênico ao fato de que a maioria das exigências instintuais dessa sexualidade infantil são tratadas pelo ego como perigos e desviadas como tais, de modo que os impulsos sexuais ulteriores da puberdade, que no curso natural das coisas seriam egossintônicos, correm o risco de **sucumbir à atração de seus protótipos infantis e de segui-los até a repressão**. **É aqui que nos defrontamos com a etiologia mais direta das neuroses**. É fato curioso que o contato inicial com as exigências da sexualidade deve ter efeito sobre o ego semelhante ao produzido pelo contato prematuro com o mundo externo (Freud, 1996r, p.153-154, negrito nosso).

Nesse sentido, os "precipitados históricos", que correspondem às memórias e experiências sexuais da infância, revelam-se fundamentais para a compreensão da etiologia sexual das neuroses, uma vez que o desenvolvimento sexual possui um lugar próprio dentro da constituição nosográfica da clínica psicanalítica. Além disso, a importância da sexualidade na infância reconhecida por Freud o leva a se posicionar em relação às discussões predominantes de sua época, que omitiam qualquer educação relacionada à "sexualidade das crianças",

> A dificuldade do trabalho de pesquisa em psicanálise demonstra-se claramente pelo fato de ser-lhe possível, apesar de décadas inteiras de observação incessante, desprezar aspectos de ocorrência geral e situações características, até que, afinal, elas nos confrontam sob forma inequívoca. As observações que seguem têm a intenção de reparar uma negligência desse tipo no campo do desenvolvimento sexual infantil (Freud, 1996q, p.159)[43].

Ainda, para enfatizar o esforço geral de Freud de destacar a importância da "sexualidade" como *originária* da tenra infância e das "consequências da sexualidade infantil" que se estendem à saúde da vida adulta[44], afirma na "Conferência XXIII – O caminho para a

---

[42] Situação similar pode ser identificada na observação de Freud (1996g, p. 211) acerca dos ataques histéricos: "A investigação da história infantil de pacientes histéricos mostra que o ataque histérico destina-se a substituir uma satisfação autoerótica praticada no passado e à qual o indivíduo renunciou".

[43] "Organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade", de 1923.

[44] "Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses": "Através da referência aos caracteres infantis da sexualidade pude estabelecer um vínculo simples entre a saúde, a perversão e a neurose" (Freud, 1996e, p.268).

formação dos sintomas" (Freud, 1996n, p.367):

> Esses fatos têm algum interesse do ponto de vista da educação, que planeja a prevenção das neuroses intervindo num estádio inicial do desenvolvimento sexual das crianças. Contanto que se dirija a atenção principalmente para as experiências sexuais infantis, deve-se supor que se tem feito tudo pela profilaxia das doenças nervosas mediante o cuidado de se adiar o desenvolvimento da criança e de esta ser poupada de experiências de tal espécie.

No intuito de problematizar a relevância da sexualidade infantil para o surgimento da sexualidade na vida psíquica dos indivíduos, Freud (1996e, p. 162) afirma, em "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", que

> Faz parte da opinião popular sobre a pulsão sexual que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida designado de puberdade. Mas esse não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de graves consequências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as condições básicas da vida sexual.

Portanto, ele aponta que a *etiologia das neuroses* (*psiconeuroses*, *neurastenias* e *neuroses de angústia*) revela algo do desenvolvimento sexual normal e anormal, fazendo com que a vida sexual ganhe valor e sentido para a clínica. Por isso, ao se voltar para a conceitualização da "sexualidade na infância", Freud (1996e, p.165, negritos nossos) defende que

> Parece certo que **o recém-nascido traz consigo germes de moções sexuais** que continuam a se desenvolver por algum tempo, mas depois sofrem uma supressão progressiva, a qual, por sua vez, pode ser rompida por **avanços regulares do desenvolvimento sexual ou suspensa pelas peculiaridades individuais**.

Esse período, que corresponde ao "desenvolvimento sexual difásico", tão importante – e ignorado à época de Freud –, faz avançar a hipótese de que existe uma sexualidade infantil e aponta para a ideia de que haveria uma disposição humana inata para a sexualidade. Com isso, ele não desconsidera outros fatores desenvolvimentais, pois explicita que a pulsão e a sexualidade são influenciadas por fatores contingentes à vida social, inclusive a *repressão moral*; o resultado dessa interação entre o que há de inato e o meio é, para Freud, o que ficou estabelecido como "desenvolvimento sexual". Sobre isso, em "A etiologia da histeria" (Freud, 1996a, p.201), de 1896, ele levanta a questão sobre a origem da sexualidade humana e se pergunta: "Mas será que não temos o direito de presumir que nem mesmo a infância é desprovida de leves excitações sexuais, e que o futuro desenvolvimento sexual talvez seja

decisivamente influenciado pelas experiências infantis?". Ou seja, a sexualidade, como é conhecida pelo adulto, só é possível pelo percurso no "campo das experiências sexuais" trilhado na infância (p.201).

Importante ainda ressaltar que Freud é médico, escreve para médicos, quer falar de temas e atributos do psíquico que muitas vezes estão além daquilo por que sua comunidade tem interesse nessa época. Assim, em diferentes trabalhos, sua argumentação mantém a lógica própria do seu meio e desconstrói os discursos conservadores do campo da medicina; o que está presente de diferentes formas quando Freud faz críticas a seus colegas[45].

Retomando a questão sobre a "origem e a importância da sexualidade", pode-se observar o desenvolvimento sexual a partir das suas consequências na sexualidade do adulto e na busca por compreender os sintomas neuróticos, mas para isso é necessário destacar três aspectos que surgiram para Freud: a *disposição perverso polimorfa*, a *organização libidinal* e o *complexo de Édipo*.

3.2.2.1 A disposição perverso polimorfa

[45] Citações críticas de Freud sobre a compreensão dos médicos acerca da importância da "sexualidade":/ 1. "A sexualidade na etiologia das neuroses", de 1898: "Depois de tecermos inúmeros comentários introdutórios e justificativos, no sentido de que não deve existir nenhuma barreira entre eles e o médico, que quer ser útil em tais casos etc., falamo-lhes de nossa suspeita de que a causa da doença resida na forma antinatural e prejudicial de relações sexuais que eles devem ter escolhido desde o último parto da mulher. Dizemos que os médicos em geral não se interessam por esses assuntos, mas que isso é repreensível neles, mesmo que os pacientes não gostem que lhes falem sobre essas coisas etc." (1996a, p.255);/ 2. "Quarta lição", de 1919: "Infelizmente, os médicos não desfrutam nenhum privilégio especial sobre os demais homens no tocante ao comportamento na esfera da vida sexual, e muitos deles estão dominados por aquela mescla de lubricidade e afetado recato, que é o que governa a maioria dos 'povos civilizados' nas coisas da sexualidade" (1996i, p.54);/ 3. "Um estudo autobiográfico", de 1925: "Mas visto que essas experiências da infância sempre se preocuparam com as excitações sexuais e a reação contra elas, encontrei-me diante do fato da sexualidade infantil – mais uma vez uma novidade e uma contradição de um dos mais acentuados preconceitos humanos" (1996r, p.38);/ 4. "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", de 1905: "Em primeiro lugar, os primórdios aqui descritos da vida sexual humana só podem ser confirmados por investigadores que tenham paciência e habilidade técnica suficientes para reconduzir a análise até os primeiros anos da infância do paciente. É frequente, ademais, não haver possibilidade disso, porquanto a prática médica exige que se despache com mais rapidez, aparentemente, o caso patológico. Salvo pelos médicos que exercem a psicanálise, entretanto, ninguém pode ter acesso algum a esse campo, nem qualquer possibilidade de formar por si um juízo que não seja influenciado por suas próprias aversões e preconceitos. Soubessem os homens aprender através da observação direta das crianças, estes três ensaios poderiam não ter sido escritos" (1996e p.126);/ 5. "Conferência XX – A vida sexual dos seres humanos": Certamente supor-se-ia que não pudesse haver dúvidas quanto ao que se entende por 'sexual'. Primeiro e acima de tudo, aquilo que é sexual é algo impróprio, algo de que não se deve falar" (1996n, p.309);/ 6. "Conferência XX – A vida sexual dos seres humanos": "Falando sério, não é fácil delimitar aquilo que abrange o conceito de 'sexual'. Talvez a única definição acertada fosse 'tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos'. Os senhores acharão, no entanto, que esta conceituação é neutra e excessivamente imprecisa. Se tomarem o fato do ato sexual como ponto central, talvez definam como sexual tudo aquilo que, com vistas a obter prazer, diz respeito ao corpo e, em especial, aos órgãos sexuais de uma pessoa do sexo oposto, e que, em última instância, visa à união dos genitais e à realização do ato sexual. Com isto, os senhores não estarão, todavia, muito longe da equação segundo a qual aquilo que é sexual é impróprio, e o parto não constituirá algo sexual. Se, por outro lado, tomarem a função de reprodução como núcleo da sexualidade, correm o risco de excluir toda uma série de coisas que não visam à reprodução, mas certamente são sexuais, como a masturbação, e até mesmo o beijo" (1996n, p.309).

Sobre a disposição *perverso polimorfa*, aponta Freud (1996e, p.180, negrito nosso) de forma direta

> É instrutivo que a criança, sob a influência da sedução, possa tornar-se perversa polimorfa e ser induzida a todas as transgressões possíveis. Isso mostra que traz em sua disposição a aptidão para elas; por isso sua execução encontra pouca resistência, já que, conforme a idade da criança, **os diques anímicos contra os excessos sexuais** – a vergonha, o asco e a moral – ainda não foram erigidos ou estão em processo de construção.

Na citação acima, primeiramente, Freud aborda o tema da sedução como constatação de uma capacidade da criança, portanto, uma capacidade humana de ter condições de obter prazer e satisfação sexual em qualquer parte do corpo que lhe for devidamente orientada. Em segundo, que há processos que instituem *diques anímicos*, ou seja, sentimentos que se estabelecem a partir de uma moral, determinada por valores, que inclusive permitem estabelecer a causa de asco e vergonha às crianças. Assim, há crianças que adotam esses valores a ponto de não conseguirem realizar atividades ou de terem de criar desvios, negociações, recusas etc.; o que se dá principalmente no decorrer de seu desenvolvimento psicossexual.

No artigo de 1906, "Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses", Freud (1996e, p. 268) também segue tratando a *disposição perverso polimorfa* como um fato histórico da vida dos indivíduos, o que enfatiza a pertinência dessa ideia

> [...] a disposição sexual constitucional da criança é incomparavelmente mais variada do que se poderia esperar, que merece ser chamada de "perversa polimorfa", e que o chamado comportamento normal da função sexual brota dessa disposição mediante o recalcamento de certos componentes.

A partir disso, surgem alguns problemas:

1. Se o adulto não possui, de modo geral, as mesmas condições que a criança para desempenhar a sexualidade e se a criança vive a dispersão da sexualidade tão facilmente, como apontado pela condição da *disposição perverso polimorfa*, pode-se supor que há algo que reprime o adulto e que não age do mesmo modo sobre a criança. Seria isso a "repressão sexual"? Estaria atrelado à formação da vergonha, do asco e da moral no desenvolvimento sexual?

2. Se existe uma tal "pluralidade na sexualidade infantil", ela pode, com razão, ser comparada com a "sexualidade de pessoas pervertidas", depravadas? Mas o que isso quer dizer? Quais as implicações para pensar o desenvolvimento se a sexualidade individual passa por essa via de constituição?

Enfim, compreender essas questões parece necessário para poder avançar no

entendimento da tese defendida por Freud acerca da *disposição perverso polimorfa*, que se mostra uma característica central da sua noção de sexualidade infantil. Para seguir nesse caminho, reconhece-se o lugar do *autoerotismo* na infância, outra tese que surge das primeiras conceitualizações sobre a "pulsão sexual":

> No esforço de rastrear as origens da pulsão sexual, descobrimos até agora que a excitação sexual nasce *(a)* como a reprodução de uma satisfação vivenciada em relação a outros processos orgânicos, ***(b)*** **pela estimulação periférica apropriada das zonas erógenas**, e *(c)* como expressão de algumas "pulsões" que ainda não nos são inteiramente compreensíveis em sua origem, como a pulsão de ver e a pulsão para a crueldade (Freud, 1996a, p.188, negrito nosso)[46].

Assim, Freud traz uma sistematização do potencial corpóreo da dimensão de prazer-desprazer, o que atrela a sexualidade e a pulsão, tornando inevitável pensar na existência de uma "pulsão sexual". O que implica: 1. a noção de apoio, em que o alívio orgânico acompanha o psíquico[47]; 2. a consequência imediata do primeiro ponto, dada a condição corpóreo-psíquica presente na sexualidade graças à pulsão, é a busca pela repetição desse alívio[48]; 3. a capacidade de extensão da realização sexual, que perpassa desde zonas, até sentidos e ações individuais[49], o que em alguns casos recai no processo sublimatório ou reativo do alvo em busca de dar conta do "fator sexual" presente na necessidade de satisfação da pulsão.

Conclui Freud (1996e, p. 171) que o que definirá o *autoerotismo* é a erogeneidade dada ao corpo pela pulsão sexual, caracterizada pela propriedade erógena que

> [...] pode ligar-se de maneira mais marcante a certas partes do corpo. Existem zonas erógenas predestinadas, como mostra o exemplo do chuchar. Mas esse exemplo ensina também que qualquer outro ponto da pele ou da mucosa pode tomar a seu encargo as funções de uma zona erógena, devendo, portanto, ter certa aptidão para isso. Assim, a qualidade do estímulo, mais do que a natureza das partes do corpo, é que tem a ver com a produção da sensação prazerosa.

Com isso, tem-se as bases para pensar na organização da pulsão sexual, a qual é estabelecida por Freud com a teoria da *organização libidinal*.

3.2.2.2 Organização da libido: infância e objetos parciais

---

[46] "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", na seção "Fontes da sexualidade infantil".

[47] "Três ensaios...", na seção "Autoerotismo": "A atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas" (Freud, 1996e, p.170).

[48] "Três ensaios...", na mesma seção: "A necessidade de repetir a satisfação sexual dissocia-se então da necessidade de absorção de alimento" (Freud, 1996e, p.170).

[49] "Três ensaios...", na mesma seção: "uma separação que se torna inevitável quando aparecem os dentes e o alimento já não é exclusivamente ingerido por sucção, mas é também mastigado" (Freud, 1996e, p.170).

Freud considera inicialmente que o problema da origem da *repressão* da sexualidade infantil se constitui por uma questão social: "é verdade que a organização e a evolução da espécie humana se esforçam por evitar uma ampla atividade sexual durante a infância" (Freud, 1996a, p.269)[50]. Todavia, e a despeito da *repressão sexual* que a civilização impõe, "tanto o aparelho sexual somático como o aparelho psíquico sofrem um importante desenvolvimento; e é assim que a influência dessas experiências sexuais primitivas leva então a uma reação psíquica anormal e à existência de estruturas psicopatológicas" (Freud, 1996a, p.269)[51]. Assim, o que ocorre na infância é de suma importância para compreender as neuroses e os acontecimentos em questão; e, para isso, destaca-se de Freud a tese da *organização libidinal*.

Ademais, a importância clínica da libido é tamanha que é inevitável retomar o que ele diz em seus trabalhos psicanalíticos iniciais: "a angústia que aparece em minha neurose [no sentido argumentativo da entidade clínica] corresponde a uma tensão sexual somática que foi desviada do campo psíquico – uma tensão que, de outra forma, far-se-ia sentir como libido" (Freud, 1996a, p.127)[52].

A libido, que corresponde sempre à energia sexual do psiquismo, é oriunda do tensionamento dessa dimensão psíquica, por meio do corpo, e, como indicado por Freud, é uma tensão sexual que atinge mesmo a esfera psíquica e é, portanto, uma energia de origem sexual. Se os objetos pulsionais são representados também psiquicamente, a libido é a própria causa da construção de objetos parciais. Se considerados o *autoerotismo* e as *zonas erógenas*, a *libido* ocupa o lugar de motor desse funcionamento, ou seja, das sensações corporais às quais a criança está submetida pela pulsão. Para argumentar isso, Freud discorre sobre as "fases psicossexuais" e delimita um campo do desenvolvimento sexual. O primeiro corresponde aos objetos orais, anais, fálicos e genitais. O segundo constitui-se, em alguma medida, em um objeto ideal, mas que versa sobre a questão difásica do desenvolvimento, a qual culmina no complexo de Édipo e, posteriormente, na formação das neuroses.

Para ele, o movimento da *libido* ocorre entre o desenvolvimento orgânico e o desenvolvimento psicossexual, levando a criança a outros tipos de sensações e prazeres ao longo do tempo[53]. Além disso, o controle dos esfíncteres, a capacidade de manipular objetos, o

---

[50] "A sexualidade na etiologia das neuroses", de 1898.

[51] "A sexualidade...".

[52] Em referência ao artigo "Respostas às críticas a meu artigo sobre a neurose de angústia", de 1895: pode-se dizer que essa é umas das muitas apresentações dessa fórmula, a qual poderia ser reduzida em: toda ansiedade neurótica corresponde à libido que sofreu algum tipo de repressão (moral ou de recalcamento).

[53] "Conferência XXXII – Ansiedade e vida instintual": "Os senhores já sabem como, no decorrer desse desenvolvimento prolongado, podem ser reconhecidas diversas fases da organização primitiva, e também sabem

surgimento do pensamento e a masturbação são todos marcos que se engendram no *erotismo na infância,* mas que dependem da *organização libidinal*.

Seguindo esse caminho, iniciado pelo "desenvolvimento das fases psicossexuais", e retomando o argumento de que, em "primeiro lugar, os primórdios aqui descritos da vida sexual humana só podem ser confirmados por investigadores que tenham paciência e habilidade técnica suficientes para reconduzir a análise até os primeiros anos da infância do paciente"[54] (Freud, 1996e, p.126), ele defende até o fim de sua obra a importância do tema da sexualidade na clínica psicanalítica (1996u)[55]. Nesse momento ainda é necessário combater argumentos conservadores que não veem sentido na hipótese de trabalho da psicanálise sobre a sexualidade infantil. Por conta disso, ele encerra o prefácio dos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" afirmando que a

> [...] insistência na importância da vida sexual para todas as realizações humanas e a ampliação aqui ensaiada do conceito de sexualidade – têm constituído, desde sempre, o mais forte motivo para a resistência que se opõe à psicanálise. No afã de encontrar tópicos grandiloquentes, chegou-se até a falar no "pansexualismo" da psicanálise e a fazer a esta a absurda censura de que ela explicaria "tudo" a partir da sexualidade (Freud, 1996e, p.126-127).

Retomando a questão desenvolvimental, a primeira fase identificada por Freud (1996e) é a *fase oral,* para a qual retomou os estudos do pediatra húngaro Lindner sobre o chuchar como uma contribuição para as teses que pôde formular. Nessa fase, o seio materno se constitui como o primeiro objeto da satisfação oral. Para ele, a relação que o bebê estabelece na alimentação com o seio corresponde sobretudo à ideia da internalização dos objetos do mundo e da constituição dos objetos internos para a criança, segundo a qual "o ato de obtenção de domínio erótico sobre um objeto coincide com a destruição desse objeto" (1996p, p.62).

No terceiro dos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (Freud, 1996e), ao abordar *o encontro do objeto* na puberdade, o autor explicita que, na "época em que a mais **primitiva satisfação sexual** estava ainda vinculada à nutrição, **a pulsão sexual** tinha um objeto fora do corpo próprio, no seio materno" (p.210, negrito nosso). Com isso, ele retoma a "origem da pulsão sexual" em forma da pulsão de nutrição, que se dá histórica e mitologicamente ligada à sobrevivência, ou seja, à necessidade de suprir as funções naturais do corpo[56]. No início,

---

como essa história da função sexual explica suas aberrações e atrofias. A primeira dessas fases 'pré-genitais' é conhecida como fase oral, porque, de conformidade com a maneira como um lactente é alimentado, a zona erógena da boca domina o que se pode denominar de atividade sexual desse período da vida. Numa etapa seguinte, passam a primeiro plano os impulsos sádicos e anais, sem dúvida em conexão com o aparecimento dos dentes, o fortalecimento do aparelho muscular e o controle das funções esfincterianas" (Freud, 1996t, p.107-108).

[54] Prefácio dos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade".

[55] "Esboço de Psicanálise".

[56] Vale lembrar como Freud (1996e, p.128) abre os "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade": "O fato da

obviamente, o bebê não sabe diferenciar os cuidadores, mas a função de nutrir, performada por quem cuida e que mantém sua vida, instaura pela repetição uma relação de prazer-desprazer sobre a condição de saciedade-fome; à medida que o seio ganha forma, ganha também presença e, assim, a oralidade dá início ao circuito de prazer-desprazer. Desse modo, cria-se o chuchar como objeto do prazer oral.

Em seguida, "[s]ó mais tarde vem a perdê-lo, talvez justamente na época em que a criança consegue formar para si uma representação global da pessoa a quem pertence o órgão que lhe dispensava satisfação" (Freud, 1996e, p.210). O desenvolvimento dessa visão acontece de forma retardada e a capacidade de diferenciar quem é o provedor de alimento (a mãe) dos demais não é imediata também, vem na mesma medida que surgem sentimentos de vergonha, nojo e culpa, ou seja, da *repressão*.

Então, de modo geral, a *organização oral* corresponde ao

> [...] componente erótico, que é satisfeito simultaneamente durante a sucção [nutricional], torna-se independente com o ato da sucção sensual [*lutschen*]; abandona o objeto externo e o substitui por uma área do corpo do próprio bebê. O instinto oral torna-se autoerótico, como o são, no início, os instintos anais e outros instintos erógenos (Freud, 1996n, p.333)[57].

Além da *organização oral*, na infância ocorre igualmente a *organização anal da libido*. Nesta fase, que não corresponde a um momento, mas a um conjunto deles – em que Freud constrói a metáfora das fezes, trazendo todo o teor do que pode ser produzido pela própria criança –, desenrola-se o prazer ligado à região anal no corpo. Primeiramente sem compreender o fenômeno da digestão e da defecação, depois, graças às suas "pesquisas sexuais", a criança passa a considerar o próprio corpo como causa das fezes e dos sentimentos ligados ao intestino. Assim, à medida que a região anal se torna alvo da curiosidade e as crianças conseguem obter maior controle sobre o corpo – e mesmo sobre os esfíncteres –, a região anal passa a ter um caráter erótico que as crianças desejam também poder usar na sua relação com os adultos

> Tal como a zona dos lábios, a zona anal está apta, por sua posição, a mediar um apoio da sexualidade em outras funções corporais. É de se presumir que a importância erógena dessa parte do corpo seja originariamente muito grande. inteiramo-nos pela psicanálise, não sem certo assombro, das transmutações por que normalmente passam as excitações sexuais dela provenientes e da frequência com que essa zona conserva durante toda a vida uma parcela considerável de excitabilidade genital. Os distúrbios intestinais tão frequentes na infância providenciam para que não faltem a essa zona excitações intensas.

existência de necessidades sexuais no homem e no animal expressa-se na biologia pelo pressuposto de uma 'pulsão sexual'. Segue-se nisso a analogia com a pulsão de nutrição: a fome. Falta à linguagem vulgar [no caso da pulsão sexual] uma designação equivalente à palavra 'fome'; a ciência vale-se, para isso, de 'libido'".

[57] "Conferência XXI – Desenvolvimento da libido e as organizações sexuais".

> [...] O conteúdo intestinal, que, enquanto corpo estimulador, comporta-se frente a uma área de mucosa sexualmente sensível como precursor de outro órgão destinado a entrar em ação depois da fase da infância, tem ainda para o lactante outros importantes sentidos. [...] É obviamente tratado como parte de seu próprio corpo, representando o primeiro "presente": ao desfazer-se dele, a criaturinha pode exprimir sua docilidade perante o meio que a cerca, e ao recusá-lo, sua obstinação. Do sentido de "presente", esse conteúdo passa mais tarde ao de "bebê", que, segundo uma das teorias sexuais infantis, é adquirido pela comida e nasce pelo intestino (Freud, 1996e, p.175-176).

O controle anal permitirá isolar o sadismo desenvolvido nessas fases pré-genitais, tornando a criança mais "dócil'. Desse modo, as organizações onde os genitais ainda não assumiram papel central na satisfação sexual (fase oral e anal) são definidas por Freud (1996e, p.187, negrito nosso) respectivamente como

> **A primeira dessas organizações sexuais pré-genitais é a oral**, ou, se preferirmos, canibalesca. Nela, a atividade sexual ainda não se separou da nutrição, nem tampouco se diferenciaram correntes opostas em seu interior. O objeto de uma atividade é também o da outra, e o alvo sexual consiste na incorporação do objeto – modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma da identificação, um papel psíquico tão importante. Como resíduo dessa hipotética fase de organização que nos foi imposta pela patologia, podemos ver o chuchar, no qual a atividade sexual, desligada da atividade de alimentação, renunciou ao objeto alheio em troca de um objeto situado no próprio corpo. [...] **Uma segunda fase pré-genital é a da organização sádico-anal**. Nela, a divisão em opostos que perpassa a vida sexual já se constituiu, mas eles ainda não podem ser chamados de masculino e feminino, e sim, ativo e passivo. A atividade é produzida pela pulsão de dominação através da musculatura do corpo, e como órgão do alvo sexual passivo o que se faz valer é, antes de mais nada, a mucosa erógena do intestino; mas há para essas duas aspirações opostas objetos que não coincidem. Ao lado disso, outras pulsões parciais atuam de maneira autoerótica. Nessa fase, portanto, já é possível demonstrar a polaridade sexual e o objeto alheio, faltando ainda a organização e a subordinação à função reprodutora[58].

Portanto, se em um primeiro momento a constituição do "alvo sexual" se volta para o próprio corpo da criança, a satisfação sexual na infância demanda que o "alvo sexual da pulsão infantil" – ou seja, os objetos parciais produzidos pelas zonas erógenas no desenvolvimento psicossexual – "consista em provocar a satisfação mediante a estimulação apropriada da zona erógena que de algum modo foi escolhida" (Freud, 1996e, p.173). Desse modo, a estimulação sobre essas *zonas erógenas* (que engendram o *autoerotismo* e posteriormente são substituídas pela busca da sensação de estimulação projetada para o mundo externo) pode ou não abolir a sensação de satisfação masturbatória do modelo originário. Esse direcionamento é análogo à busca pelo estímulo externo e consiste, na maioria das vezes, numa "manipulação análoga ao

[58] "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", na seção "Organizações pré-genitais".

sugar" (p.173), uma vez que o *autoerotismo* inaugura o modelo masturbatório de satisfação, que mesmo diferenciado persiste como modelo de satisfação *autoerótica* da pulsão[59].

Essa diferenciação se dá atrelada aos estados emocionais, inicialmente da criança com os adultos, pois cada um irá tratá-la de uma forma única, principalmente no que diz respeito à *repressão moral*. Como Freud tomou o modelo sugar-chuchar para a masturbação, a relação que cada adulto estabelecerá com o *autoerotismo* da criança também se tornará fundamental para o seu "desenvolvimento psicossexual". O chuchar o seio materno estabelece uma relação de vínculo e afeto com a mãe, assim como as restrições impostas sobre o contato da criança com o próprio corpo (excreção da urina, manipulação dos genitais, curiosidades ligadas às pesquisas sexuais etc.) e, na mesma medida, a atenção e os cuidados, ligados à defecação. Sobre isso vale lembrar as relações de amor e ódio, os sentimentos de querer perto e de eliminação, que as crianças estabelecem para com os cuidadores. Disso, decorre para a criança a possibilidade de considerar em seu mundo outras pessoas, outros objetos que não apenas aquele de onde provém o prazer oral, e mesmo o prazer anal.

As formas de prazer na infância, referentes àquelas oriundas do desenvolvimento psicossexual, surgem ligadas também ao desenvolvimento orgânico e caminham para o surgimento de outras *zonas erógenas*. Assim, irão se constituir objetos típicos também da organização genital – ou seja, das fases fálica e genital, sendo que, "na fase de primazia genital, assume, para os fins da reprodução, a função de dominar o objeto sexual até o ponto necessário à efetivação do ato sexual" (Freud, 1996p, p.62)[60]. Ele considera que os genitais são as últimas "zonas erógenas" que surgem: pela função do conhecimento na busca da origem da vida (e dos bebês), da diferença dos sexos; ou pela masturbação; ou pelo desejo sobre o outro como objeto de satisfação sexual. Assim, tanto a fase fálica como a genital estão ligadas aos órgãos genitais diretamente[61], à medida que a criança lhes atribui uma função.

Tudo isso depende de quando o pensamento finalmente poderá ser fonte da curiosidade, que surge das buscas pela origem dos bebês e a diferenciação dos adultos, temas de grande importância para as crianças[62] (Freud, 1996g). Uma vez que o pensamento passa a ser

---

59 "A bem da clareza, convém eu indicar que é preciso distinguir três fases da masturbação infantil. A primeira é própria do período de lactância, a segunda pertence à breve florescência da atividade sexual por volta do quarto ano de vida, e somente a terceira corresponde ao onanismo da puberdade" (Freud, 1996e, p.177-178).

60 "Além do princípio de prazer", de 1920.

61 Porém, é importante considerar que Freud (1996t, p.107) alerta sobre a genitalização não ser o fim da "função sexual", na "Conferência XXXII – Ansiedade e vida instintual": "Os genitais constituem a última dessas 'zonas erógenas', e o nome prazer 'sexual' não pode ser abstraído do respectivo prazer do órgão. Esses impulsos que buscam o prazer não são todos agrupados na organização final da função sexual".

62 "Esclarecimento sexual das crianças".

erogenizado pela condição de prazer e desprazer, a criança realizará pesquisas mais complexas, que se iniciam sobre o próprio corpo e, posteriormente, voltam-se para compreender as pessoas e o mundo. A capacidade de compreender e dar explicações se torna prazerosa para a criança, e, assim, também objeto de sua sexualidade. Nesse sentido, em "Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância", de 1910, Freud diz que

> Algum tempo após o término das pesquisas sexuais infantis, a inteligência, tendo se tornado mais forte, recorda a antiga associação e ajuda a evitar a repressão sexual, e as suprimidas atividades sexuais de pesquisa emergem do inconsciente sob a forma de uma preocupação pesquisadora compulsiva, naturalmente sob uma forma distorcida e não livre, mas suficientemente forte para sexualizar o próprio pensamento e colorir as operações intelectuais, com o prazer e a ansiedade característicos dos processos sexuais. Neste caso, a pesquisa torna-se uma atividade sexual, muitas vezes a única, e o sentimento que advém da intelectualização e explicação das coisas substitui a satisfação sexual (Freud, 1996i, p.88).

Porém, as pesquisas também podem ser um risco para a criança, à medida que os adultos lhe negam o devido esclarecimento, pois ela fica à mercê da própria necessidade de investigação, criando teorias sexuais falsas, e a partir disso "seu progresso é inibido pela ignorância que não pode ser confirmada e pelas falsas teorias que lhe são impostas por sua própria sexualidade" (Freud, 1996g, p.195)[63].

> De modo geral essas teorias não surgem "de um ato mental arbitrário ou de impressões casuais, mas das necessidades da constituição psicossexual da criança, motivo pelo qual podemos falar de teorias sexuais infantis típicas, e pelo qual encontramos as mesmas crenças errôneas em todas as crianças a cuja vida sexual temos acesso (Freud, 1996g, p.195-196)[64].

O caso do pequeno Hans (Freud, 1996h) é notório para observar o que se chama de "fase fálica". A partir da relação entre Hans e seu pai, destacam-se diversas situações em que o menino busca compreender a *diferença dos sexos* e *a origem dos bebês*. Contudo, apesar de tanto o pai como a mãe do garoto serem analisandos de Freud e darem a ele uma educação menos repressiva do que outras crianças recebiam em sua época, na opinião do psicanalista, o encontro com informações imprecisas, ainda que poucas, lhe causa grandes conflitos. No momento em que ocorre a análise de Hans, têm-se indícios de suas pesquisas sexuais, em que seu pai se torna o principal pivô de informações verdadeiras e falsas para sanar suas curiosidades. Nesse mesmo momento, a criança vivencia a formação de uma fobia, que Freud considera um obstáculo no processo de dissolução edípica e do "desenvolvimento sexual do

63 "Sobre as teorias sexuais das crianças", de 1908.
64 "Sobre as teorias...".

garoto, por criar uma condição oposta às suas tendências sexuais. Em resumo,

> [...] não importa quão clara possa ter sido a vitória na fobia de Hans das forças que eram opostas à sexualidade, já que essa doença é na sua mais profunda natureza um compromisso, isso não pode ser tudo o que os instintos reprimidos obtiveram. Afinal, a fobia de Hans por cavalos era um obstáculo a ele ir até a rua, e podia servir como um meio de lhe permitir ficar em casa com sua querida mãe (Freud, 1996h, p.125).

Em verdade, constata-se, nesse caso, que Hans desenvolve uma fobia por cavalos à medida que, em seu crescimento, os esclarecimentos acerca de suas dúvidas sobre a diferença entre meninas e meninos, sobre a masturbação e a verdade sobre o ato sexual lhe são negados. Fobia esta que inicialmente é ligada aos cavalos, pela ambivalência dos sentimentos em relação ao pai que lhe dava informações das quais o próprio Hans acabava por desconfiar; pelo medo oriundo da masturbação, que o colocava em estado ambivalente em relação a seu pai e sua mãe; e pelos pesadelos com girafas, em que o medo sobre o ato sexual se expressava.

Em "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", Freud (1996e, p.183) enfatiza que a pulsão de saber é o componente parcial da pulsão sexual, que desperta a partir da fase fálica:

> Ao mesmo tempo que a vida sexual da criança chega a sua primeira florescência entre os três e os cinco anos, também se inicia nela a atividade que se inscreve na pulsão de saber ou de investigar. Essa pulsão não pode ser computada entre os componentes pulsionais elementares, nem exclusivamente subordinada à sexualidade. [...] Suas relações com a vida sexual, entretanto, são particularmente significativas, já que constatamos pela psicanálise que, na criança, a pulsão de saber é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos problemas sexuais, e talvez seja até despertada por eles.

As pesquisas sexuais na infância são características desse momento, e a erotização do pensamento é colocada por Freud como um fator protetivo de uma repressão edípica temerosa para a formação das neuroses[65]. Decorre disso que o interesse pelo mundo parece proteger a criança de sentimentos muito fortes em relação à mãe e ao pai, sentimentos que, mais tarde por imposição da civilização, precisarão ser recalcados. Por isso, após a *repressão* do *Édipo*, é necessário considerar o advento do período de latência, em que o desenvolvimento da

[65] "Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância": "Algum tempo após o término das pesquisas sexuais infantis, a inteligência, tendo se tornado mais forte, recorda a antiga associação e ajuda a evitar a repressão sexual, e as suprimidas atividades sexuais de pesquisa emergem do inconsciente sob a forma de uma preocupação pesquisadora compulsiva, naturalmente sob uma forma distorcida e não livre, mas suficientemente forte para sexualizar o próprio pensamento e colorir as operações intelectuais, com o prazer e a ansiedade característicos dos processos sexuais. Neste caso, a pesquisa torna-se uma atividade sexual, muitas vezes a única, e o sentimento que advém da intelectualização e explicação das coisas substitui a satisfação sexual" (Freud, 1996i, p.88).

inteligência dá maior controle à criança também sobre sua "sexualidade"[66]. Isso resume o processo de satisfação sexual ligado ao pensamento e que independe de um objeto externo para a criança, propriamente porque é determinado pela dissolução edípica. Nesse momento, ocorre o período de latência.

Portanto, quando Freud diz que "a pulsão sexual torna-se autoerótica, e só depois de superado o período de latência é que se restabelece a relação originária", ele está apontando a relação das *fantasias infantis*, oriundas de "complexos sexuais" formados na primeira infância, com o "desenvolvimento sexual" (Freud, 1996e, p.210). É nesse período de latência que ocorre, graças à *repressão do complexo de Édipo*, o que Freud denominou de "recalcamento sexual", ou seja, a estabilização das duas correntes pulsionais estabelecidas para a formação do psiquismo – as pulsões do eu e as "pulsões sexuais"[67].

Com isso, quer-se apontar que a função sexual está ligada à formação do psiquismo, no qual ela se inclui como instância reguladora por meio do que se assume como o mais elevado do material mental, que se chama de *Ego*. Assim, a função sexual do pensar participa ativamente do desenvolvimento da moral, da estética e da inteligência, ligadas à noção de um *Eu*, enquanto individualidade, e à função do *Ego*, como condição psíquica que produz essa individualidade. Não obstante, consegue-se, desse modo, compreender a conclusão de que não "é sem boas razões que, para a criança, a amamentação no seio materno toma-se modelar para todos os relacionamentos amorosos. O encontro do objeto é, na verdade, um reencontro" (Freud, 1996e, p.209), afinal o "desenvolvimento psicossexual" traz para o sujeito adulto marcas indeléveis das origens da busca por prazer, a qual passou por modificações, mas que essencialmente corresponde à evolução do mesmo processo que a originou na infância, porém já agora em um momento posterior do desenvolvimento sexual, a vida adulta.

Com isso, não se defende um determinismo no funcionamento do desenvolvimento sexual, mas uma causalidade psíquica intrinsecamente sexual. Se o complexo de Édipo é uma parte do processo de escolhas de objeto que a criança realiza, no qual representa pessoas muito próximas (como a mãe e o pai) em relação à "condição sexual" que pode desempenhar, então, a organização das *zonas erógenas* e do *autoerotismo*, que corresponde à *organização da libido*, trata de um processo que culmina em uma situação na qual a força da *repressão* e do *recalcamento* ganham toda a importância.

A última das fases de *organização da libido* é a *fase genital*. Assim, a apresentação

---

[66] Tema extensamente tratado na subcategoria "Complexo de Édipo" (item 3.2.2.3).

[67] Tema extensamente tratado na categoria "Homossexualidade" (item 3.2.5).

inicialmente feita acerca desse momento do desenvolvimento sexual aborda a presença dos órgãos genitais em outras *fases de organização da libido*. Portanto, a *fase genital* não coincide com o *autoerotismo* presente nos órgãos genitais, porém, serve-se deles para a sua finalidade.

> Entre as zonas erógenas do corpo infantil encontra-se uma que decerto não desempenha o papel principal nem pode ser a portadora das moções sexuais mais antigas, mas que está destinada a grandes coisas no futuro. Nas crianças tanto de sexo masculino quanto feminino, está ligada à micção (glande, clitóris) e, nas primeiras, acha-se dentro de uma bolsa de mucosa, de modo que não pode faltar-lhe a estimulação por secreções que aticem precocemente a excitação sexual. As atividades sexuais dessa zona erógena, que faz parte dos órgãos sexuais propriamente ditos, são sem dúvida o começo da futura vida sexual "normal" (Freud, 1996e, p.176)[68].

Quando Freud explicita a característica *normal* ou *anormal* sobre a vida ou a função sexual, deve-se ter o cuidado em compreender a adjunção à função da *repressão moral* sobre essa adjetivação[69]. Isso porque parte do esforço da psicanálise freudiana também

> [...] sustenta-se ou tomba com o reconhecimento dos instintos componentes sexuais, das zonas erógenas e da ampliação, que assim se torna possível, do conceito de "função sexual", em contraste com a "função genital", mais restrita. Além disso, a observação de desenvolvimento normal das crianças é, em si própria, suficiente para fazer-nos rejeitar qualquer tentação desse tipo (Freud, 1996h, p.345).

Apesar disso, ele reserva "o nome de fase genital para a organização sexual definitiva, que se estabelece após a puberdade e na qual o órgão genital feminino, pela primeira vez, encontra o reconhecimento que o órgão masculino havia adquirido muito tempo antes" (Freud, 1996r, p.108)[70]. Entretanto, essa ideia é apresentada em um momento bastante posterior de sua obra, o que poderia levar ao entendimento de que, para ele, o desenvolvimento psicossexual caminharia necessariamente para uma genitalização da sexualidade. Porém, o caminho observado até o momento e no restante dessas análises indica que essa não é a posição de Freud diante da "sexualidade humana".

Para avançar nesse entendimento, é necessário considerar algumas de suas observações acerca da "genitalização da sexualidade". Primeiramente, quando levada em conta a transgressão do órgão genital como meio de realização dos "fins sexuais", diz Freud (1996e, p.142-143, negrito nosso):

> **Somente em raríssimos casos a valorização psíquica com que é**

---

68 "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", na seção "Atividade da zona genital".

69 Tema extensamente tratado na categoria "Fator sexual" (item 3.2.1).

70 "Conferência XXXII – Ansiedade e vida instintual".

> **aquinhoado o objeto sexual, enquanto alvo desejado da pulsão sexual, restringe-se a sua genitália**; ela se propaga, antes, por todo o seu corpo, e tende a abranger todas as sensações provenientes do objeto sexual. A mesma supervalorização irradia-se pelo campo psíquico e se manifesta como uma cegueira lógica (enfraquecimento do juízo) perante as realizações anímicas e as perfeições do objeto sexual, e também como uma submissão crédula aos juízos dele provenientes.
> Assim é que a credulidade do amor passa a ser uma fonte importante, se não a fonte originária da autoridade. Ora, é essa supervalorização sexual que não suporta bem a restrição do alvo sexual à união dos órgãos genitais propriamente ditos e que contribui para elevar as atividades ligadas a outras partes do corpo à condição de alvos sexuais.

Outro ponto que deve ser considerado é a prevalência que Freud deu ao falo, ao mesmo tempo que é estabelecido como diferente do órgão genital. Assim,

> A aproximação da vida sexual da criança à do adulto vai muito além e não se limita unicamente ao surgimento da escolha de um objeto. Mesmo não se realizando uma combinação adequada dos instintos parciais sob a primazia dos órgãos genitais, no auge do curso do desenvolvimento da sexualidade infantil, o interesse nos genitais e em sua atividade adquire uma significação dominante, que está pouco aquém da alcançada na maturidade. Ao mesmo tempo, a característica principal dessa "organização genital infantil" é sua diferença da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do falo (Freud, 1996q, p.160)[71].

E quando apresenta a psicanálise e busca conceitualizar a sexualidade, Freud a distingue da genitalidade:

> Bem se pode acreditar que a Psicanálise tenha provocado espanto e oposição quando, em parte com base nesses fatos negligenciados, contradisse todas as opiniões populares sobre a sexualidade. Os seus principais achados são os seguintes: (a) A vida sexual não começa apenas na puberdade, mas inicia-se, com manifestações claras, logo após o nascimento. (b) É necessário fazer uma distinção nítida entre os conceitos de "sexual" e "genital". O primeiro é o conceito mais amplo e inclui muitas atividades que nada têm que ver com os órgãos genitais. (c) A vida sexual inclui a função de obter prazer das zonas do corpo, função que, subsequentemente, é colocada a serviço da reprodução. As duas funções muitas vezes falham em coincidir completamente (Freud, 1996u, p.165)[72].

Além disso, Freud mostra como a constituição sexual se dá ligada ao *autoerotismo*, que determinará a *função genital*, a depender das condições do recalcamento sexual sobre os complexos sexuais da infância. O complexo de Édipo também pode ser considerado um complexo sexual, pela sua importância na formação de fantasias sexuais da infância, as quais

---

[71] "A organização genital infantil: uma interpolação de sonhos como um todo", de 1923.
[72] "Esboço de psicanálise".

serão determinantes para as escolhas de objetos sexuais[73].

Freud (1996n), na "Conferência XX – A vida sexual dos seres humanos", sublinha que estar mais ou menos fixado a essas fantasias determina, antes, um caráter de "infantilismo sexual", presente tanto nas neuroses como nas ditas perversões. A esse propósito, ele, em "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", evoca desde o início de sua obra que as perversões não possuem um caráter de degeneração, tampouco patológico. Na realidade, na "Conferência XXI – O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais", Freud destaca que as perversões possuem o mesmo metabolismo sexual químico e orgânico que as neuroses e as pessoas ditas normais, ou seja, seria inapropriado estabelecer um aspecto patológico à sua sexualidade. E argumenta, ainda, que as perversões contribuem com um caráter fundamental para a "teoria geral da sexualidade", quando mostram que a "sexualidade adulta" não necessita estar fixada ao primado genital, uma vez que o prazer depende sobretudo do órgão. Assim, nessa conferência, ele conclui que

> [...] mesmo o supremo prazer da união sexual apenas é um prazer do órgão, vinculado à atividade dos genitais. Podem os senhores, porém, dizer quando esse prazer do órgão, originalmente indiferente, adquire o caráter sexual que indubitavelmente possui em fases posteriores do desenvolvimento? Sobre o "prazer do órgão" sabemos mais do que a respeito da sexualidade? Os senhores responderão que ele adquire caráter sexual precisamente quando os genitais começam a desempenhar seu papel; "sexual" coincide com "genital" (Freud, 1996n, p.328).

Quando destaca que o prazer sexual depende do *prazer do órgão*, ele demonstra que desde a infância "o sexual" existe baseado em uma vida sexual do prazer logrado pelas primeiras formas de obtenção de satisfação do bebê. Essa busca depende do uso que bebês e crianças fazem de seus órgãos, sendo as *organizações pré-genitais* fontes primárias de objetos de satisfação sexual[74]. De mais a mais, Freud tenta demonstrar que essas formas originárias de busca de prazer redundam em complexos que, na realidade, são processos de vinculação a objetos (pessoas). Decorrem então as "fantasias sexuais" e, posteriormente, o "desejo sexual"

---

[73] O que pode ser observado detalhadamente na subcategoria "Complexo de Édipo" (item 3.2.2.3), no artigo de Freud "'Uma criança é espancada' uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais", de 1919; e em citações nas quais ele discorre sobre a origem dos sintomas neuróticos, onde a bissexualidade edípica aparece implicitamente, como a seguinte: "Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade": "muitos sintomas onde a exposição de uma **fantasia sexual** (ou de várias fantasias, uma das quais, a mais significativa e primitiva, é de **natureza sexual**) não é suficiente para efetuar a resolução dos sintomas. Para resolver isso é necessário ter duas **fantasias sexuais**, uma de caráter feminino e outra de caráter masculino. Assim uma dessas fantasias origina-se de um **impulso homossexual**. Essa nova descoberta não altera nossa sétima fórmula. Continua sendo verdade que um sintoma histérico deve necessariamente representar uma conciliação entre um impulso libidinal e um impulso repressor, mas pode também representar a união de duas **fantasias libidinais de caráter sexual oposto**" (Freud, 1996g, p.153, negrito nosso).

[74] "Conferência XX – A vida sexual dos seres humanos".

e a *escolha de objeto* (Freud, 1996g)[75].

Para Freud, a escolha de objeto sexual do adulto depende não apenas do complexo de Édipo, mas de uma série de processos vividos na infância. De fato, a relação com o pai e a mãe são de suma importância para a criança, mas, como também demonstra em "Totem e tabu" (Freud, 1996k), é crucial compreender que a criança só escolhe ao final um dos genitores para amar incondicionalmente por existir uma norma simbólica vigente em cada cultura. A ênfase dada por Freud ao *complexo de Édipo* e à *organização da libido* mostra que a relação heterossexual se impõe à criança como uma norma, explícita e implícita. Porém, o que determina as escolhas de objeto pela criança, mesmo na homossexualidade ou em outras formas de orientação sexual, não é apenas a *dissolução do Édipo*, mas o complexo processo do desenvolvimento psicossexual vivido na infância, o qual encontrará a sua expressão não em um objeto específico, mas no desejo[76].

Desse modo, compreende-se que o *autoerotismo* leva a uma *organização da libido* que permite à pulsão sexual se desdobrar em pulsões e objetos parciais, os quais se constituem fundamentalmente a partir da *disposição perverso polimorfa* da criança. Mas, tanto a *disposição* como a *organização da libido* levam a questionar o que resta da sexualidade infantil na vida adulta, e isso pode ser melhor respondido com o aprofundamento do complexo de Édipo.

3.2.2.3 O complexo de Édipo: o infantilismo e a base sexual

Freud (1996n), em sua "Conferência XXI – O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais", conta o caso de um colega médico que conseguia bons resultados e fama no *front* de batalha e que, por isso, fora convidado a falar sobre a sua prática e os conceitos da psicanálise. Quando chegou ao ponto de abordar o complexo de Édipo, causou tamanho horror e constrangimento que foi expulso e remanejado de batalhão. Sem dúvida, o complexo de Édipo parece causar grande vergonha às pessoas, e deve-se considerar, inclusive, que o desejo do incesto é um tabu. Porém, o complexo de Édipo é uma parte dos processos sexuais de escolhas de objeto que a criança realiza. Encarnado em pessoas muito próximas (como a mãe e o pai), esse complexo leva à criação de fantasias sexuais infantis que mais tarde serão reprimidas durante o desenvolvimento sexual da criança.

O complexo de Édipo mostra-se um conceito polêmico também dentro do campo

[75] "Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade", de 1908.
[76] "A dissolução do complexo de Édipo", de 1924.

psicanalítico. Ao longo da sua história causou divisões entre os psicanalistas sobre qual importância deveria ser atribuída às figuras do pai e da mãe. Além disso, sua apreciação por autores externos à comunidade psicanalítica e pela população sempre foi controversa; causou desde mal-entendidos sobre a sua interpretação, até o repúdio pelas ideias de que um "amor sexual" e um sentimento de ódio seriam constitutivos do ser humano para serem atribuídos às figuras parentais pelos filhos (Roudinesco; Plon, 1998). Laplanche e Pontalis (1996) reafirmam a importância do complexo de Édipo para o campo psicanalítico ao formular um verbete no dicionário *Vocabulário de psicanálise* sobre esse signo. Dizem esses autores que o complexo de Édipo

> [...] desempenha papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano [...]. Para os psicanalistas, ele é o principal eixo de referência da psicopatologia; para cada tipo patológico eles procuram determinar as formas particulares da sua posição e da sua solução (Laplanche; Pontalis, 1996, p.77).

Porém, concluem, ainda na apresentação do verbete, que "Freud nunca apresentou uma exposição sistemática do complexo de Édipo" (Laplanche; Pontalis, 1996, p.77). Com isso, observa-se, mesmo que de forma preliminar, que, apesar de o complexo de Édipo ser um tema presente na obra freudiana, ele possui um caráter não sistematizado e ao mesmo tempo pode ser elevado ao *status* de conceito.

Laplanche e Pontalis (1996, p. 70, negritos nossos) ainda definem "complexo" como

> Conjunto organizado de **representações e recordações de forte valor afetivo**, parcial ou totalmente inconscientes. **Um complexo constitui-se a partir das relações interpessoais da história infantil**; pode estruturar todos os níveis psicológicos: emoções, atitudes, comportamentos adaptados.

O tema do complexo de Édipo é frequente em obras gerais e dicionários, aquelas que buscam dar ideias e explicações sobre o que é psicanálise, seus temas principais e conceitos; e mesmo Freud, quando convidado a escrever o verbete sobre psicanálise para uma enciclopédia, chama atenção para o complexo de Édipo. Em "Dois verbetes de enciclopédia" (Freud, 1996p, p.258, negrito nosso), diz que *as pedras angulares da psicanálise* são

> A pressuposição de existirem processos mentais inconscientes, o reconhecimento da teoria da resistência e repressão, **a apreciação da importância da sexualidade e do complexo de Édipo** constituem o principal tema da psicanálise e os fundamentos de sua teoria. Aquele que não possa aceitá-los a todos não deve considerar-se a si mesmo como psicanalista.

Com isso se introduz a importância relativa ao complexo de Édipo, ou seja, ele é um

conjunto mnêmico de forte valor afetivo que remete o adulto, em suas escolhas de objeto, às representações objetais, conscientes e outras inconscientes, das relações passadas de sua história infantil, principalmente com a mãe e o pai, que são recalcadas e organizam consequências psíquicas importantes na vida adulta. Em "Dois verbetes de enciclopédia", Freud (1996p) apresenta esse problema também em razão da importância das *escolhas de objeto* e destaca o exemplo dos sentimentos que a criança dirige aos pais, em que o "instinto sexual" encontra satisfação junto às pesquisas infantis e ao desejo de ocupar a posição dos pais na relação sexual. A pulsão passará por diversos processos *autoeróticos* ligados ao próprio corpo da criança e somente mais tarde, entre os dois e cinco anos, coincidentemente próximo à formação da pulsão de conhecimento na fase fálica, é que a pulsão sexual se dirigirá com interesse real para objetos externos, coincidindo com os cuidadores. Assim, a respeito da direção externa que a pulsão toma a partir da *organização da libido*, Freud (1996p, p.257) afirma:

> Em anos muito precoces da infância (aproximadamente entre as idades de dois e cinco anos) ocorre uma convergência dos impulsos sexuais, da qual, no caso dos meninos, o objeto é a mãe. Essa escolha de um objeto, em conjunção com uma atitude correspondente de rivalidade e hostilidade para com o pai, fornece o conteúdo do que é conhecido como o complexo de Édipo, que em todo ser humano é da maior importância na determinação da forma final de sua vida erótica.

Note-se que nesse momento o complexo de Édipo não é apresentado isoladamente, inclusive é posto em relação com a importância dada à sexualidade. Seria isso um indicativo de que o complexo de Édipo é, antes de qualquer formalização, um tipo de predicado, talvez até próprio da sexualidade infantil? Assim, a primeira característica atribuível à sexualidade deriva do período em que acontece o complexo de Édipo. Nele a criança passa pela formação de fatores idealizados dentro de "sua sexualidade", gerando sentimentos como *culpa, vergonha e asco*, que se tornam "marcas da sexualidade e do psiquismo infantil", mas que se estendem à vida adulta a partir desse período do "desenvolvimento sexual na infância" (Freud, 1996p, p.30).

> O florescimento precoce da vida sexual infantil está condenado à extinção porque seus desejos são incompatíveis com a realidade e com a etapa inadequada de desenvolvimento a que a criança chegou. Esse florescimento chega ao fim nas mais aflitivas circunstâncias e com o acompanhamento dos mais penosos sentimentos (Freud, 1996p, p.30)[77].

A *dissolução edípica*, geradora dessas consequências, é causada pela *repressão* que, devido a sua intensidade, produz o *recalque* e toda a formação da personalidade. Inicialmente,

[77] "Além do princípio de prazer", de 1920.

as pesquisas sexuais infantis não possuem relação com a *diferença dos sexos*. Na realidade,

> **O primeiro problema de que ela se ocupa, em consonância com essa história do despertar da pulsão de saber, não é a questão da diferença sexual, e sim o enigma: de onde vêm os bebês?** Numa distorção facilmente anulável, esse é também o enigma proposto pela Esfinge de Tebas. Ao contrário, o fato de existirem dois sexos é inicialmente aceito pela criança sem nenhuma rebeldia ou hesitação. Para o menino, é natural presumir uma genitália igual à sua em todas as pessoas que ele conhece, sendo-lhe impossível conjugar a falta dela com sua representação dessas outras pessoas (Freud, 1996e, p.183-184, negrito nosso).

Tanto as pesquisas sexuais como as escolhas de objeto, na infância, são produzidas inexoravelmente no transcurso do desenvolvimento psicossexual, destino que, para Freud, pode ser pensado em termos inclusive filogenéticos e evolutivos da espécie humana. Esse fator é muito próximo de uma universalização que a psicanálise poderia propor ao desenvolvimento humano, porém é necessário reconhecer que, mesmo nesse processo primitivo, ocorrem marcas determinadas pelas relações às quais a criança está submetida. Considera-se isso mediante as condições de *repressão* a que os indivíduos estão sujeitos e que os levarão a fazer *escolhas de objeto* mais e menos específicas.

Freud (1996q), em "O ego e o id", para demonstrar a construção do complexo de Édipo, levanta possíveis consequências que derivam nas *escolhas de objeto* na vida adulta. Para ele, "[q]uando acontece de uma pessoa ter de abandonar um objeto sexual, muito amiúde se segue uma alteração de seu ego que só pode ser descrita como instalação do objeto dentro do ego" (Freud, 1996q, p.44). Assim, aponta que todo objeto com o qual a criança se relaciona passa por um luto; a isso pode-se somar o fato de que não é possível para a criança estar sempre próxima das pessoas, nem mesmo da mãe ou do pai. Por isso, o ego se torna *povoado* de pessoas-objetos, os quais são para a criança uma idealização daquela relação e daquele afeto, que são mantidos pela memória e pelas experiências de satisfação do ego, de prazer e de desprazer.

Porém, para Freud, a relação com o pai é particularmente anterior à formulação de qualquer idealização. Atribui-se a isso o fato de que a criança inicialmente não distingue o pai e a mãe e, conforme se dá conta dessa diferenciação, apreende não apenas a presença de cada um, mas também que ambos servem para o controle do desprazer. Em torno disso se engendra o principal problema do complexo de Édipo: "**o caráter triangular** da situação edipiana e a **bissexualidade constitucional de cada indivíduo**" (Freud, 1996q, p.46, negrito nosso)[78]. Por

[78] "O ego e o id", de 1923.

isso, na "Conferência XXI – O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais", Freud (1996n) argumenta que o complexo de Édipo leva a um "empuxo da atração sexual"[79], ou seja, não há restrições quanto ao sexo para a criança, pois a sua "disposição bissexual", ou mesmo *perverso polimorfa*, a leva do *autoerotismo* para os *objetos parciais das pulsões*, os quais ainda não encontraram a barreira da *repressão moral*, que advirá com a dissolução do complexo de Édipo. A bissexualidade causa um outro fator, determinante no complexo, a *ambivalência*. Freud usa como exemplo um caso hipotético de um menino:

> Em idade muito precoce o menininho desenvolve uma catexia objetal pela mãe, originalmente relacionada ao seio materno, e que é o protótipo de uma escolha de objeto segundo o modelo anaclítico; o menino trata o pai identificando-se com este. Durante certo tempo, esses dois relacionamentos avançam lado a lado, até que **os desejos sexuais do menino em relação à mãe se tornam mais intensos e o pai é percebido como um obstáculo a eles**; disso se origina o complexo de Édipo (Freud, 1996q, p.46-47, negrito nosso)[80].

A *ambivalência*, como destacado por Freud, surge para com o pai, de modo que amplifica o afeto positivo pela mãe e o negativo pelo pai, com o qual está identificado. No entanto, esse é apenas um modelo simplificado. Na apresentação completa do complexo de Édipo, Freud também destaca que esses sentimentos negativos surgirão para com a mãe, assim como sentimentos positivos para com o pai. A junção de todos esses afetos é o que ele chama de *Complexo de Édipo completo* e que assume ser o mais comum. No caso do pequeno Hans (Freud, 1996h), fica evidente o medo de castração que ele sente diante da mãe e da inveja por ela ter o pai para si, enquanto reclama ao pai mais atenção a ponto de querer ser como ele para fazer o que julga não ter sido o suficiente para consigo, como filho.

Desse modo, a rivalidade que surge pode ser entendida a partir da *dissolução do Édipo*, à medida que engendra uma maior identificação com a mãe ou com o pai, que estão submetidos às normas sociais de gênero, com as quais a criança indiretamente se identifica. E essa influência social dos papéis de gênero pode ser estendida até mesmo ao narcisismo que os pais atribuem aos filhos, de modo que normalmente se identificam e exigem mais daqueles do mesmo gênero, enquanto se permitem relações mais afetivas com aqueles do gênero oposto[81].

---

[79] "Não devemos deixar de acrescentar que os próprios pais frequentemente exercem uma influência decisiva no despertar da atitude edipiana da criança, ao cederem ao empuxo da atração sexual, e que, onde houver diversas crianças, o pai dará definidas provas de sua maior afeição por sua filhinha e a mãe, por seu filho. Mas a natureza espontânea do complexo de Édipo nas crianças não pode ser seriamente abalada até mesmo por esse fator." (Freud, 1996n, p.337).

[80] "Conferência XXI – O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais", Freud (1996n).

[81] Sobre a questão de gênero no *complexo edípico*, em "Romances familiares", de 1909, Freud diz: "Quando finalmente a criança vem a conhecer a diferença entre os papéis desempenhados pelos pais e pelas mães em suas

Um dos textos em que Freud (1996o) mais dá destaque para a importância do complexo de Édipo talvez seja "'Uma criança é espancada' uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais", principalmente na seção V, em que dá destaque para as consequências que as identificações, ocorridas na *dissolução do Édipo*, geram para a sexualidade. Desse modo, a ideia geral assumida por ele pode ser observada em sua conclusão na seção VI: "a sexualidade infantil, **que é mantida sob repressão**, atua como a principal força motivadora na formação de sintomas; e a parte essencial do seu conteúdo, o complexo de Édipo, é o complexo nuclear das neuroses" (Freud, 1996o, p.216, negrito nosso). Com isso, anuncia o que posteriormente dirá em "O ego e o id" (1996q, p.47, negrito nosso):

> [...] em ambos os sexos **a força relativa das disposições sexuais masculina e feminina** é o que determina se o desfecho da situação edipiana será uma identificação com o pai ou com a mãe. Esta é uma das maneiras pelas quais a bissexualidade é responsável pelas vicissitudes subsequentes do complexo de Édipo.

E, mais adiante, ele anuncia a relação entre a repressão das representações objetais sexuais designadas sobre os pais e a moralidade, ao dizer que

> [...] a diferenciação do superego a partir do ego não é questão de acaso; ela representa as características mais importantes do desenvolvimento tanto do indivíduo quanto da espécie; em verdade, dando expressão permanente à influência dos pais, ela perpetua a existência dos fatores a que deve sua origem (Freud, 1996q, p.50).

Assim, o complexo de Édipo engendra tanto a disposição sexual relativa ao gênero como a elevação da capacidade moral de lidar com a *repressão sexual* posteriormente, ao longo da vida. Portanto, a *repressão do Édipo* e a *repressão sexual* recaem sobre a *disposição sexual* na vida adulta. Nesse sentido, deve-se dar destaque para o que Freud explica sobre a *repressão edípica*, que marca o desenvolvimento sexual em um desencadeamento bifásico (antes e depois do complexo de Édipo), não envolver uma sexualidade voltada para a genitalidade.

> Por motivos culturais, a repressão mais intensa incide sobre os instintos sexuais; mas é precisamente em relação com eles que a repressão mais facilmente falha, de modo que se verifica que os sintomas neuróticos são satisfações substitutivas da sexualidade reprimida. A crença de que no homem

---

relações sexuais, e compreende que 'pater semper incertus est', enquanto a mãe é '*certissima*', o romance familiar sofre uma curiosa restrição: contenta-se em exaltar o pai da criança, deixando de lançar dúvidas sobre sua origem materna, que é encarada como fato indiscutível. Esse segundo estádio (sexual) do romance familiar sofre o influxo de um outro motivo que está ausente do primeiro estádio (assexual). A criança que já conhece os processos sexuais tende a se imaginar em relações e situações eróticas, cuja força motivadora é o desejo de colocar a mãe (objeto da mais intensa curiosidade sexual) em situações de secreta infidelidade e em secretos casos amorosos. Dessa forma, as fantasias da criança, que inicialmente eram assexuais, elevam-se ao nível do seu conhecimento posterior" (Freud, 1996g, p.220-221).

> a vida sexual começa apenas na puberdade é incorreta. Pelo contrário, sinais dela podem ser detectados desde o começo da existência extrauterina; ela atinge um primeiro ponto culminante no ou antes do quinto ano ("período primitivo"), depois do qual fica inibida ou interrompida ("período de latência") até a idade da puberdade, que é o segundo clímax do seu desenvolvimento. Esse desencadeamento bifásico do desenvolvimento sexual parece ser distintivo do gênero Homo. Todas as experiências durante o primeiro período da infância são da maior importância para o indivíduo e em combinação com sua constituição sexual herdada foram as disposições para o desenvolvimento subsequente do caráter e da doença. É errôneo fazer a sexualidade coincidir com a "genitalidade"! Os instintos sexuais passam por um complicado curso de desenvolvimento, e só no fim deste é que a "primazia das zonas genitais" é alcançada (Freud, 1926r, p.263)[82].

Ainda sobre as formações psíquicas da vida sexual infantil, destaca-se que elas ocorrem marcadas pelo *infantilismo*, portanto, pela "sexualidade perversa", ou seja, não genital. E, como já destacado, a perversão infantil não é apenas um fato isolado da vida sexual adulta, mas é parte de sua origem no desenvolvimento psicossexual. A "diferença da sexualidade adulta dita normal e da perversa", então, é também a quantidade de culpa envolvida, que se origina do *recalcamento da relação objetal incestuosa* que ocorre na formação do *complexo edípico* (Freud, 1996o)[83]. Assim, o complexo de Édipo recapitula a *disposição perversa polimorfa* na

[82] "Psicanálise", de 1926.

[83] Para observar essa ideia de Freud, toma-se a correlação feita sobre os desdobramentos ulteriores acerca da repressão em sua obra: "É claro que a vida sexual da criança atingiu o estádio de organização genital, agora que o seu amor incestuoso conseguiu essa prematura escolha de objeto. Isto pode ser demonstrado mais facilmente no caso de meninos; é, contudo, também indiscutível no caso de meninas. Algo como uma premonição do que são, depois, os objetivos sexuais normais e finais, governa as tendências libidinais da criança. [...] São exatamente essas crianças que acham particularmente fácil voltar à organização pré-genital, anal-sádica, da vida sexual. Se a organização genital, que mal conseguiu firmar-se, defronta-se com repressão, a consequência não é apenas a de que toda representação psíquica do amor incestuoso se torna inconsciente, ou permanece inconsciente, mas existe também outro resultado: um rebaixamento regressivo da própria organização genital para um nível mais baixo. 'O meu pai me ama' queria expressar um sentido genital; devido à regressão, converte-se em 'O meu pai está me batendo (estou sendo espancado pelo meu pai)'. Esse ser espancado é agora uma convergência do sentimento de culpa e do amor sexual. Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação, e dessa última fonte deriva a excitação libidinal que se liga à fantasia a partir de então, e que encontra escoamento em atos masturbatórios. Aqui temos, pela primeira vez, a essência do masoquismo (Freud, 1996o, p.201-203). E, em continuidade à presença de sentimentos ambivalentes que são reprimidos a partir do complexo de Édipo, Freud explicita algo semelhante ao formular as condições para a constituição do superego: "A dificuldade do problema se deve a dois fatores: o caráter triangular da situação edipiana e a bissexualidade constitucional de cada indivíduo. [...] Em sua forma simplificada, o caso de uma criança do sexo masculino pode ser descrito do seguinte modo. Em idade muito precoce o menininho desenvolve uma catexia objetal pela mãe, originalmente relacionada ao seio materno, e que é o protótipo de uma escolha de objeto segundo o modelo anaclítico; o menino trata o pai identificando-se com este. Durante certo tempo, esses dois relacionamentos avançam lado a lado, até que os desejos sexuais do menino em relação à mãe se tornam mais intensos e o pai é percebido como um obstáculo a eles; disso se origina o complexo de Édipo. Sua identificação com o pai assume então uma coloração hostil e transforma-se num desejo de livrar-se dele, a fim de ocupar o seu lugar junto à mãe. Daí por diante, a sua relação com o pai é ambivalente; parece como se a ambivalência, inerente à identificação desde o início, se houvesse tornado manifesta. Uma atitude ambivalente para com o pai e uma relação objetal de tipo unicamente afetuoso com a mãe constituem o conteúdo do complexo de Édipo positivo simples num menino.

infância e

> [...] pode tornar-se a base para a construção de uma perversão que tenha um sentido similar e que persista por toda a vida, uma perversão que consuma toda a vida sexual do sujeito. Por outro lado, a perversão pode ser interrompida e permanecer ao fundo de um desenvolvimento sexual normal, do qual, no entanto, **continua a retirar uma determinada quantidade de energia** (Freud, 1996o, p.205, negrito nosso)[84].

Com isso, volta-se à mesma conclusão alcançada na "Conferência XX: a vida sexual dos seres humanos" (Freud, 1996n) de que a sexualidade normal possui componentes que poderiam ser considerados perversos e que isso só redunda na necessidade de considerar a influência da repressão sexual sobre a vida sexual dos indivíduos e a urgência de ampliar o entendimento sobre a sexualidade humana. Esta, se considerada em suas relações com a infância, amplia-se em prol de uma não genitalidade, pela preponderância da importância do prazer no órgão. Afinal, para Freud, se o "metabolismo orgânico-químico sexual"[85] é o mesmo na "sexualidade dita perversa e na normal", não há razão médica para a patologização da primeira, ou do enobrecimento da segunda, a sua variação seria decorrente apenas das disposições herdadas pelas experiências infantis e do complexo de Édipo que é o núcleo central das "experiências afetivo-sexuais da infância" e determinantes nas *escolhas de objeto* da vida adulta (Freud, 1996o). Por isso ele conclui o raciocínio sobre a relação entre as perversões infantis e a sexualidade adulta dizendo que

---

[...] Pareceria, portanto, que em ambos os sexos a força relativa das disposições sexuais masculina e feminina é o que determina se o desfecho da situação edipiana será uma identificação com o pai ou com a mãe. Esta é uma das maneiras pelas quais a bissexualidade é responsável pelas vicissitudes subsequentes do complexo de Édipo. Um estudo mais aprofundado geralmente revela o complexo de Édipo mais completo, o qual é dúplice, positivo e negativo, e devido à bissexualidade originalmente presente na criança. [...] É este elemento complicador introduzido pela bissexualidade que torna tão difícil obter uma visão clara dos fatos em vinculação com as primitivas escolhas de objeto e identificações, e ainda mais difícil descrevê-las inteligivelmente. Pode mesmo acontecer que a ambivalência demonstrada nas relações com os pais deva ser atribuída inteiramente à bissexualidade e que ela não se desenvolva, como representei acima, a partir da identificação [...] em consequência da rivalidade. A intensidade relativa das duas identificações em qualquer indivíduo refletirá a preponderância nele de uma ou outra das duas disposições sexuais. [...] O amplo resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo pode, portanto, ser tomada como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Esta modificação do ego retém a sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego ou superego" (Freud, 1996q, p.46-49).

[84] "'Uma criança é espancada' uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais", de 1919.

[85] "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", na seção "Teoria química": "Quanto ao modo como a excitação sexual é gerada pela estimulação das zonas erógenas, uma vez carregado o aparelho central, e às interações surgidas no curso desses processos sexuais entre os efeitos dos estímulos puramente tóxicos e os dos fisiológicos, isso ainda só pode ser tratado hipoteticamente e não constitui tarefa oportuna aqui. Basta que nos atenhamos, como o essencial nessa concepção dos processos sexuais, à hipótese de que existem substâncias peculiares provenientes do metabolismo sexual. [...] As neuroses, que só podem ser atribuídas a perturbações na vida sexual, mostram a mais extrema semelhança clínica com os fenômenos de intoxicação e abstinência decorrentes do uso habitual de substâncias tóxicas produtoras de prazer (alcaloides)" (Freud, 1996e, p.204-205).

> [...] o complexo de Édipo é o verdadeiro núcleo das neuroses e a sexualidade infantil que culmina nesse complexo é que determina realmente as neuroses. O que resta do complexo no inconsciente representa a inclinação para o posterior desenvolvimento de neuroses no adulto. Dessa forma, a fantasia de espancamento e outras fixações perversas análogas também seriam apenas resíduos do complexo de Édipo, cicatrizes, por assim dizer, deixadas pelo processo que terminou, tal como o notório "sentimento de inferioridade" corresponde a uma cicatriz narcísica do mesmo tipo (Freud, 1996o, p.206)[86].

Essas cicatrizes narcísicas retomam as fantasias sexuais infantis, conscientes e inconscientes, ligadas à masturbação e ao *complexo de castração*[87]. Novamente, a ambivalência entra no jogo de formação do complexo, uma vez que a masturbação é uma das principais fontes de angústia da vida adulta, pois se relaciona intimamente com as fantasias incestuosas do período edípico. Essa angústia está relacionada com a culpa, uma vez que "a religião e a repressão moral através do processo de dominar o próprio complexo de Édipo, e o sentimento social mediante a necessidade de superar a rivalidade que então permaneceu entre os membros da geração mais nova" (Freud, 1996q, p.52)[88]. Ou seja, a culpa ligada ao narcisismo edípico trata diretamente das relações sociais estabelecidas na vida adulta para além do núcleo familiar. A geração mais nova é a primeira extensão das relações edípicas, a ela pode se assomar a vida escolar (professores e colegas) e posteriormente a vida pública, na qual estruturas de dominação estão presentes e recapitulam a rivalidade e a necessidade de "sublimação ou modificação dos instintos sexuais destrutivos" (p.52).

Nesse ponto da discussão, surge outro problema que precisa ser solucionado a fim de avançar. Se o complexo de Édipo corresponde a um centro afetivo-sexual mnêmico ou a um processo do desenvolvimento psicossexual (Freud), ele poderia apresentar diferenças significativas entre crianças de diferentes gêneros para além do apresentado *complexo de Édipo completo*?

O *complexo de castração*, responsável pela série de tramas ambivalentes da relação edípica, é observado por Freud desde o início de suas investigações, seja em sua obra inaugural da *Interpretação dos sonhos* (Freud, 1996b; 1996c), seja em seu estudo mais completo sobre a sexualidade (1996e. p.184), no qual esse complexo é apresentado a partir da seguinte organização:

---

86 "'Uma criança é espancada'...".

87 "Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos", de 1925: "Outro elemento desse estádio é, acredito, invariavelmente uma atividade masturbatória vinculada aos órgãos genitais, a masturbação da primeira infância, cuja supressão mais ou menos violenta da parte daqueles que estão encarregados da criança põe em ação o complexo de castração. Deve-se presumir que essa masturbação está ligada ao complexo de Édipo e sirva como descarga para a excitação sexual que lhe é própria" (Freud, 1996q, p.283).

88 "O ego e o id".

> A suposição de uma genitália idêntica (masculina) em todos os seres humanos é a primeira das notáveis e momentosas teorias sexuais infantis. Tem pouca serventia para a criança que a ciência biológica dê razão a seu preconceito e tenha de reconhecer o clitóris feminino como um autêntico substituto do pênis. Já a garotinha não incorre em semelhantes recusas ao avistar os genitais do menino, com sua conformação diferente. Está pronta a reconhecê-lo de imediato e é tomada pela inveja do pênis, que culmina no desejo de ser também um menino, tão importante em suas consequências.

Possuir ou não um pênis, para Freud, recai em uma questão maior do que a diferença dos sexos; na realidade, trata-se da diferença que a feminilidade e a masculinidade ocupam na cultura e que, posteriormente, trará diferenças mais complexas sobre a relação entre narcisismo e sexualidade, que podem ser observadas também em suas considerações finais sobre a diferença entre os sexos para o *complexo de Édipo* a partir do *complexo de castração*:

> A respeito da relação existente entre **os complexos de Édipo e de castração**, existe **um contraste fundamental entre os dois sexos**. Enquanto, nos **meninos**, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas **meninas** ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração. Essa contradição se esclarece se refletirmos que o complexo de castração sempre opera no sentido implícito em seu conteúdo: ele inibe e limita a masculinidade e incentiva a feminilidade. A diferença entre o desenvolvimento sexual dos indivíduos dos sexos masculino e feminino no estádio que estivemos considerando é uma consequência inteligível da distinção anatômica entre seus órgãos genitais e da situação psíquica aí envolvida; corresponde à diferença entre uma castração que foi executada e outra que simplesmente foi ameaçada. Em suas essências, portanto, nossos achados são evidentes em si mesmos e teria sido possível prevê-los (Freud, 1996q, p.289, negrito nosso).

Entretanto, Freud nunca afirma categoricamente que existe uma diferença natural nas disposições psíquicas. Ele apenas coloca que as consequências psíquicas são sobretudo um conflito e que todos os desdobramentos finais dependem de processos da história individual e da cultura. A ideia do sexo anatômico preexiste na cultura e também existirá no psiquismo individual em conflito com as exigências internas e externas.

> De vez que o pênis (para acompanhar Ferenczi [1924]) deve sua catexia narcísica extraordinariamente elevada à sua significação orgânica para a propagação da espécie, a catástrofe que ocorre no complexo de Édipo (o abandono do incesto e a instituição da consciência e da moralidade) pode ser considerada uma vitória da raça sobre o indivíduo. Isso constitui um ponto de vista interessante quando se considera que a neurose se baseia em uma luta do ego contra as exigências da função sexual (Freud, 1996q, p.290)[89].

Assim, Freud traz uma hipótese bastante interessante ao dizer que o complexo de Édipo

[89] "Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos".

está ligado ao desenvolvimento filogenético da espécie humana. Como a cultura influencia na sua formação, a diferença de gêneros é uma questão que precisa ser levantada. Muitos psicanalistas se debruçaram sobre as alterações dos complexos paternais e maternais; Lacan, por exemplo, fala em função paterna e materna, em nome-do-pai, desejo da mãe, mas isso não resolve o problema levantado por Freud (1996q), sobre as consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. Aqui, habilmente, ele trata, a partir da triangulação, da *bissexualidade* e da *ambivalência* edipiana, de algumas consequências possíveis para o *Édipo* no menino e na menina. Ainda nesse artigo, Freud dá importância à feminilidade e à masculinidade, mas é reticente, diz que "a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto" (p.290). Trata-se de um alerta para os psicanalistas e todos aqueles que estudem sua teoria: assumir um papel inato e evolutivo, diante da complexidade que o desenvolvimento humano possui, é algo arriscado e, por vezes, sem sentido[90].

3.2.3 A insistência do sexual na repressão e na civilização

Parece haver um tautologismo ligado à perspectiva de Freud, ao considerar a sexualidade como constituinte da neurose e por conseguinte ao sofrimento e a subjetividade, então, a repressão surge em todos os níveis como uma forma de base para a produção dos fenômenos destacados. Se o senso comum suporia que reprimir leva ao fim da sexualidade, Freud (1996l)[91] percebeu que além da evitação a repressão produziria a modificação da pulsão levando o sexual em três direções: reversão (oposto); retorno a si mesmo; recalque; e sublimação. Assim, acerca do efeito da dinâmico da repressão sobre a pulsão, diz Freud (1996i, p.60)[92].

Durante o tempo em que a repressão promove a seleção entre os impulsos

[90] "Algumas consequências psíquicas...": "Os traços de caráter que críticos de todas as épocas erigiram contra as mulheres – que demonstram menor senso de justiça que os homens, que estão menos aptas a submeter-se às grandes exigências da vida, que são mais amiúde influenciadas em seus julgamentos por sentimentos de afeição ou hostilidade –, todos eles seriam amplamente explicados pela modificação na formação de seu superego que acima inferimos. Não devemos nos permitir ser desviados de tais conclusões pelas negações dos feministas, que estão ansiosos por nos forçar a encarar os dois sexos como completamente iguais em posição e valor; mas, naturalmente, concordaremos de boa vontade que a maioria dos homens também está muito aquém do ideal masculino e que todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto. [...]/ Estou inclinado a atribuir algum valor às considerações que apresentei sobre as consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. Estou ciente, contudo, de que essa opinião só pode ser sustentada se meus achados, que se baseiam em um bocado de casos, demonstrarem possuir validade geral e serem típicos. Se não, eles permanecerão não mais que uma contribuição ao nosso conhecimento dos diferentes caminhos pelos quais a vida sexual se desenvolve" (Freud, 1996q, p.290-291).

[91] "Os instintos e suas Vicissitudes", de 1915.

[92] "Quarta lição".

> parciais de ordem sexual, e, mais tarde, quando a influência dos pais, principal fator da repressão, deve abrandar, cabem no trabalho educativo importantes deveres que atualmente, por certo, nem sempre são preenchidos de modo inteligente e livre de críticas. Senhoras e senhores. Não julguem que com esta dissertação acerca da vida sexual infantil e do desenvolvimento psicossexual da criança nos tenhamos afastado da psicanálise e da terapêutica das perturbações nervosas. Se quiserem, podem definir o tratamento psicanalítico como simples aperfeiçoamento educativo destinado a vencer os resíduos infantis.

Esse estado de coisas poderia ir bem, se ficasse apenas no fato de que as pessoas se desenvolvem para um lado ou para outro, a depender dos contatos traçados nos primeiros anos de vida, mas não é assim. Freud assinala que o fator biológico se manifesta como característica da força do instinto sexual, o que leva alguns a iniciarem esse desenvolvimento de forma mais precoce e intensa do que outros, embora o caminho vá ser trilhado por todos. E qual o papel da educação então? Reprimir? Seduzir?

Em 1907, de acordo com as atas das "reuniões de quartas-feiras"[93] organizadas por Checchia, Torres e Hoffmann (Freud, 2015), Freud e seus colegas, em um de seus debates, levantam a pertinência de uma educação sexual para crianças e jovens. É possível observar que os problemas discutidos versam sobre quais tipos de pedagogia, quais idades e que objetivos devem ser priorizados para uma educação contra os chamados "traumas sexuais", aos quais a sexualidade infantil seria tão vulnerável. Nesse sentido, para pensar de forma crítica sobre a pertinência de uma educação sexual, destaca-se a observação de Freud (1996e, p.229) em "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade":

> Em decorrência da **relação inversa entre a cultura e o livre desenvolvimento da sexualidade**, cujas consequências podem ser seguidas muito de perto na conformação de nossa vida, a importância do rumo tomado pela **vida sexual da criança** para a vida posterior é muito pequena nos níveis cultural ou social mais baixos e muito grande nos mais elevados.

Com isso, se pode colocar a relação entre cultura e desenvolvimento para pensar o debate sobre o que a educação pode fazer com o campo de conhecimentos atrelados à sexualidade. Quanto a isso, Freud é relutante em suas primeiras considerações, ao que parece, por não querer dispor de uma perspectiva que ignore a incontornável singularidade que leva à escolha do objeto sexual, até por que isso recairia no mesmo problema que a sexologia e a psiquiatria nascentes trazem à época, ou seja, a necessidade de condenar os "pervertidos e homossexuais", submetê-los à posição de criminosos ou de deficitários, tipos que justificariam

[93] Grupo de estudos anterior à criação da International Psychoanalysis Association (IPA), em que Freud e colegas médicos e não médicos se reuniam para discutir sobre questões filosóficas e sociais.

ao Estado aplicar medidas corretivas, pelo entendimento vigente no momento – a suposição de que a escolha de objeto sexual é racional e aqueles que não possuem condições de fazer a escolha "correta" (literalmente, a "heterossexualidade"), devem ser tratados, reeducados e, em alguns casos, punidos.

Ao problematizar a relação entre cultura e desenvolvimento, a questão acerca das condições que levam o indivíduo a fazer as suas escolhas de objeto não mais recaem de forma unívoca em uma dimensão racional, e até por isso em Freud se observa o caminho para a elaboração de uma série de teses sobre a sexualidade infantil, para além do campo nosográfico e sintomatológico. E é até possível destacar em sua obra que suas teses, pela abrangência que assumiram, apesar de devedoras da clínica, já não estão sujeitas a essa restrição:

> Pois bem, senhoras e senhores, **que atitude adotaremos para com essas formas incomuns de satisfação sexual? Indignação, expressão de nossa repugnância pessoal e garantia de que nós próprios não compartilhamos de semelhantes sensualidades, obviamente não proporcionarão qualquer ajuda**. Na realidade, não foi para isso que fomos solicitados. Porque, afinal de contas, o que temos de encarar neste assunto é um campo de fenômenos como qualquer outro. Seria fácil refutar alguém que negasse sua importância, propondo evasivamente que, afinal, isto são somente raridades e curiosidades. Pelo contrário, estamos tratando de fenômenos muito comuns e difundidos. **Se, entretanto, alguém argumentar que não temos por que permitir que nossas opiniões acerca da vida sexual sejam confundidas por essas anormalidades, porque estas não são mais que aberrações e desvios do instinto sexual, então o que se requer é uma resposta séria** (Freud, 1996n, p.359, negritos nossos)[94].

Nesse sentido, a psicanálise tem a contribuir para a educação com um reordenamento epistemológico, indicando a ordem dos problemas para se pensar a constituição e a multiplicidade sexual. Em Freud, é possível reconhecer o esforço de considerar a singularidade imposta pelo desenvolvimento sexual; e, para tanto, é necessário retornar a questões já implementadas de forma bastante direta desde 1905. Antes de seguir por esse caminho, apenas destacamos a postura de Freud (1996n, p.364, negrito nosso**)** em se posicionar diante de concepções hegemônicas propaladas por seus colegas de época:

> Supor que as crianças não têm vida sexual – excitações e necessidades sexuais e alguma forma de satisfação –, mas adquirem-na subitamente, entre os doze e os quatorze anos de idade, seria (abstraindo de todas as observações) biologicamente tão improvável, e, na verdade, tão sem sentido, como supor que viessem ao mundo desprovidas de genitais e que estes só aparecessem na época da puberdade. O que *de fato* desperta nas crianças, nessa idade, é a função reprodutiva, que, para seus fins, faz uso dos componentes físicos e

[94] "Conferência XX – A vida sexual dos seres humanos", de 1916-1917.

> mentais já anteriormente presentes. **Os senhores estão cometendo o erro de confundir sexualidade com reprodução**, e com isto estão bloqueando seu caminho para a compreensão da sexualidade, das perversões e das neuroses[95].

E qual a importância de distinguir a compreensão da sexualidade das perversões e das neuroses? Para Freud (1996k, p.225), ambas poderiam passar pelo escrutínio de uma psicanálise e, como sinaliza em 1913, em "Interesse educacional da psicanálise",

> A psicanálise tem frequentes oportunidades de observar o papel desempenhado pela severidade inoportuna e sem discernimento da educação na produção de neuroses, ou o preço, em perda de eficiência e capacidade de prazer, que tem de ser pago pela normalidade na qual o educador insiste.

Mas refletir sobre o modo como perversos e neuróticos podem se beneficiar de um tratamento psicanalítico não é buscar a reorientação das escolhas de objeto, pois a obra de Freud também apresenta a ideia de que algo como a readequação de um objeto amoroso só seria possível por meios coercitivos, sejam eles sociais (por uso da *repressão*) ou individuais (educação moralizadora). A propósito, para ele, a psicanálise pode justamente restituir as rédeas históricas aos indivíduos (fazendo um anacronismo a Lacan) e permitir que eles se situem diante de inibições, doenças e até de algo pior que os possa acometer devido à *repressão* e à *moral*. Assim, ainda em 1913, em "Interesse científico da psicanálise", Freud (1996k, p.225) afirma:

> Quando os educadores se familiarizarem com as descobertas da psicanálise, será mais fácil se reconciliarem com certas fases do desenvolvimento infantil e, entre outras coisas, não correrão o risco de superestimar a importância dos impulsos instintivos socialmente imprestáveis ou perversos que surgem nas crianças. Pelo contrário, vão se abster de qualquer tentativa de suprimir esses impulsos pela força, quando aprenderem que esforços desse tipo com frequência produzem resultados não menos indesejáveis que a alternativa, tão temida pelos educadores, de dar livre trânsito às travessuras das crianças. A supressão forçada de fortes instintos por meios externos nunca produz, numa criança, o efeito de esses instintos se extinguirem ou ficarem sob controle; conduz à repressão, que cria uma predisposição a doenças nervosas no futuro.

Dessa forma, delineia-se um entendimento adequado sobre a postura de Freud diante da normalidade e anormalidade acerca da sexualidade, o que hoje seria tratado como diversidade sexual. Entretanto, apesar das diferenças históricas, essa questão também pode ser observada em sua obra, que aborda a relação entre constituição sexual e as condições de excitação sexual. A esse respeito, Freud (1996e, p.194) afirma:

---

[95] "Conferência XX – A vida sexual dos seres humanos".

> Assim como antes vimos ser possível basear uma multiplicidade de constituições sexuais inatas na formação diferenciada das zonas erógenas, podemos agora experimentar a mesma coisa com a inclusão das fontes indiretas de excitação sexual. Podemos presumir que essas fontes façam contribuições em todos os indivíduos, mas não tenham em todas as pessoas a mesma intensidade, e que na conformação privilegiada de cada fonte da excitação sexual situe-se outra contribuição para diferenciar as diversas constituições sexuais.

No contexto desse debate, observa-se uma postura constante de Freud diante da forma como a sua própria sociedade estigmatiza os demais. Talvez porque ele mesmo fosse atacado pelo antissemitismo? Talvez porque muitas decisões por ele tomadas tenham relação com seu meio europeu-germânico, o qual insiste, à época, em mostrar-lhe ser diferente? Trata-se de questionamentos fundamentalmente epistemológicos que abordariam as condições de reflexão e origem da psicanálise, mas que fogem ao escopo deste estudo[96]. De todo modo, uma postura foi fundamental para afastar a psicanálise freudiana de investidas no mínimo higienistas. Em seu artigo de 1908, intitulado "Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna", Freud (1996g) sugere que a civilização possuiria três estádios, não necessariamente de superação ou cronológicos, que permitiriam compreender como a sociedade busca controlar a sexualidade de seus povos.

> Considerando essa evolução do instinto sexual, podemos distinguir três estádios de civilização: um primeiro em que o instinto sexual pode manifestar-se livremente sem que sejam consideradas as metas de reprodução; um segundo em que tudo do instinto sexual é suprimido, exceto quando serve ao objetivo da reprodução; e um terceiro no qual só a reprodução *legítima* é admitida como meta sexual. A esse terceiro estádio corresponde à moral sexual "civilizada" da atualidade (Freud, 1996g, p.194).

E ele levanta questões sobre o "terceiro estádio de repressão moral sexual" pelo qual passa a civilização atual:

> (1) Que deveres exige do indivíduo o terceiro estádio de civilização?
> (2) A satisfação sexual legítima permitida pode oferecer uma compensação aceitável pela renúncia a todas as outras satisfações?
> (3) Qual a relação entre os possíveis efeitos nocivos dessa renúncia e seus proveitos no campo cultural? (Freud, 1996g, p.198).

Essas perguntas possuem algo em comum: foram objeto de debate para Freud e

[96] O desenvolvimento desse tipo de problema pode ser observado nas obras "Psicanálise, judaísmo: ressonâncias" (Bauman, 1986), que aborda a relação epistemológica entre judaísmo e psicanálise; e "Modernidade e Holocausto" (Mezan, 1998), em que a relação abordada se dá entre judaísmo e modernidade. Contudo, essa hipótese precisaria ser melhor explicitada, ainda considerando outras dimensões sociais que ocupava Freud como a sua relação médico-paciente, o que implicaria um estudo bibliográfico de maior profundidade.

culminaram em suas considerações sobre a educação das crianças. Destaca-se isso mediante as seguintes reflexões, acerca das perguntas acima citadas: em (1), o que é exigido do indivíduo e o que lhe é fácil ou difícil de cumprir dependem da sua constituição como adulto, que necessariamente passa pela educação que recebeu; em (2), o reconhecimento do que é legítimo ou não e o dever de renunciar à satisfação sexual podem ser impostos como regras sociais, contudo, são um fardo que cada indivíduo carregará mediante aquilo que compreende aceitável ou não; por fim, em (3), o campo cultural reconhece a constituição sexual baseando-se nas condições morais e nas condições formativas, que definirão as situações lícitas ou ilícitas atreladas à sexualidade (Freud, 1996n), o que diz respeito à época de Freud principalmente sobre os casos em que há a compreensão sobre a escolha de seguir a hetero ou a homossexualidade.

Ainda no debate freudiano sobre "a moral sexual", torna-se objeto de escrutínio a idealização moral, elemento que se impõe às formas de satisfação, resultantes das imposições da "moral sexual civilizada" aos indivíduos. Considerado o raciocínio de Freud, as formas de satisfação sexual encontram modalidades contraditórias à moral imposta, visto que as regras de *repressão* se fazem presentes de diferentes maneiras ao longo da história. Quanto a isso, o ensaio "Mal-estar na civilização" (Freud, 1996s) retoma a metapsicologia freudiana, à medida que se desdobra nesse texto o entendimento de que nada se pode fazer que chegue a minar a dimensão de desprazer constitutiva da vida social e, portanto, também as suas formas individuais de coligação da moral e do desejo, que existem em quaisquer modalidades de busca de prazer sexual. Porém, retomando aqui outro texto de Freud, "O interesse da psicanálise na biologia", poder-se-ia acrescentar que

> A psicanálise estabeleceu uma **estreita conexão entre essas realizações psíquicas de indivíduos, por um lado, e de sociedades**, por outro, postulando uma mesma e única fonte dinâmica para ambas. Ela parte da ideia básica de que a principal função do mecanismo mental é aliviar o indivíduo das tensões nele criadas por suas necessidades. Uma parte desta tarefa pode ser realizada extraindo-se satisfação do mundo externo e, para esse fim, é essencial possuir controle sobre o mundo real. Mas a satisfação de outra parte dessas necessidades – entre elas, certos impulsos afetivos – é regularmente frustrada pela realidade. Isto conduz a uma nova tarefa de encontrar algum outro meio de manejar os impulsos insatisfeitos. **Todo o curso da história da civilização nada mais é que um relato dos diversos métodos adotados pela humanidade para "sujeitar" seus desejos insatisfeitos, que, de acordo com as condições cambiantes (modificadas, ademais, pelos progressos tecnológicos) defrontaram-se com a realidade, às vezes favoravelmente e outras com frustração**. [...] A recessão do fator social e a predominância do sexual transforma essas soluções neuróticas do problema psicológico em caricaturas que de nada servem, a não ser para ajudar-nos a explicar essas importantes questões (Freud, 1996k, p.215, negritos nossos).

Para não adentrar em uma "psicopatologia sobre a sexualidade", mas frisar a importância de "compreender a sexualidade de forma ampla", faz-se necessário retomar o posicionamento freudiano de que a psicanálise não alarga desnecessariamente o "conceito de sexualidade", mas o restitui a uma posição que permite abordar o verdadeiro, seja dos doentes morais, dos ditos pervertidos ou das crianças (Freud, 1996n)[97]. Assim, coloca-se a homossexualidade e tudo aquilo que era concebido como anormal à sexualidade em um local radicalmente diferente da patologização da vida sexual.

Desse modo, é preciso seguir três etapas para a compreensão das consequências que a perspectiva freudiana revela sobre a *repressão*: a primeira, fazer um escrutínio dos problemas ligados ao esclarecimento sexual das crianças; em segundo lugar, compreender o modo como na obra de Freud a homossexualidade foi abordada; e, em terceiro, perceber como foi necessário estender o conceito de sexualidade e as noções a ele vinculadas de modo a alcançar um entendimento também social desse conceito.

3.2.4 Educação e esclarecimento sexual das crianças

Embora parta da etiologia sexual das psiconeuroses, Freud considera a infância para além de suas consequências nosográficas. Com isso, chega muito longe na discussão sobre a importância da vida sexual das crianças, revelando-a um fundamento maior da clínica das neuroses. Em acordo com isso, o material trabalhado sobre a *repressão*, em suas formas de *recalque* e da *moral*, e o material sobre a infância em sua constituição psíquica, aqui desenvolvidos respectivamente nas categorias apresentadas em 3.2.1 e 3.2.2, mostram como é patente a importância da educação sobre sexualidade na obra de Freud.

A educação pode ter uma perspectiva moral que busca "convergir a sexualidade para a reprodução" (1996g)[98]. Obviamente, tal educação nada garante quanto à evitação do

[97] "Conferência XX - A vida sexual dos seres humanos" (1915-1916).

[98] Observar o comentário sobre a passagem de Freud em "Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna', de 1908: "Todas essas consequências inevitáveis e indesejadas do preceito da abstinência convergem para um único resultado: o completo malogro da preparação para o casamento, casamento esse que a moral sexual civilizada pensa ser o único herdeiro das impulsões sexuais. Todo homem cuja libido, em consequência de práticas sexuais masturbatórias ou pervertidas, acostumou-se a situações e condições de satisfação anormais apresenta no casamento uma potência diminuída. Também as mulheres que puderam preservar sua virgindade com o auxílio de recursos análogos mostram-se anestesiadas às relações sexuais normais do casamento, que assim tem início com ambos os cônjuges apresentando uma reduzida capacidade erótica que irá sucumbir ao processo de dissolução com uma rapidez maior do que os demais. Em consequência da fraca potência do marido, a mulher não se satisfaz,

adoecimento do indivíduo ou de comportamentos prejudiciais que tenham direta ou indiretamente relação com o campo sexual. Um dos exemplos que Freud levanta trata das consequências da *educação moral* sobre a sexualidade para formação e manutenção do modelo familiar vigente em sua época. Trata-se novamente de suas observações em "Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna" (Freud, 1996g), ensaio no qual também aborda a questão da infidelidade no casamento. Uma vez que ambos os parceiros tenham passado por uma *educação moralizadora* e dentro do casamento insistam na ideia de priorizar a reprodução como meio final da obtenção do prazer sexual, não haverá sucesso familiar. Segundo Freud, as oscilações de saúde que ocorrem na tentativa de cumprir esses princípios sufocam o núcleo familiar e, com o tempo, as ilusões que ambos os parceiros nutriam se perdem em meio aos desafios dessa exigência. Assim, cada um, a seu modo, seria em pouco tempo levado ou a inibir sua sexualidade ou a buscar em segredo novas liberdades sexuais.

Porém, a questão da *educação* aparece na obra de Freud em diversos temas e momentos, seja quando aborda a supressão das pulsões sexuais pelas exigências educacionais (1996c); seja quando discute os destinos sintomáticos na histeria, como no caso de Dora (1996e), no qual observa que os sintomas na histeria são influenciados pela relação da constituição sexual com a *educação intelectual e moral*[99]; seja ao tratar da participação da *educação* na constituição da *repressão moral* em cada cultura, a saber, o quanto ela é fundamental para a manutenção da moral estabelecida sobre os indivíduos (1996g; 1996s). Sobre esse último ponto, diz Freud:

> **A retardação do desenvolvimento e da atividade sexual a que aspiram nossa civilização e educação** certamente não é nociva a princípio, parecendo até uma necessidade quando consideramos quão tarde os jovens das classes instruídas atingem a independência e são capazes de ganhar a vida. (Isso nos recorda a íntima interligação de todas as nossas instituições culturais e as dificuldades de alterar qualquer uma delas sem modificar o todo.) Mas a abstinência mantida por um longo período depois dos vinte anos já apresenta perigo para o jovem, e mesmo que não acarrete uma neurose, causa outros

permanecendo anestesiada mesmo nos casos onde uma poderosa experiência sexual poderia ter superado sua predisposição para a frigidez decorrente de sua educação. Tal casal encontrará maiores dificuldades para impedir a concepção do que um casal saudável, pois a reduzida potência do marido suporta mal o uso de anticoncepcionais. Nesse embaraço, sendo o ato sexual a fonte de todas as suas dificuldades, logo o casal renuncia ao mesmo, e com isso abre mão da base de sua vida conjugal" (p.184-185).

[99] "É que, se Dora se sentia incapaz de ceder ao amor por esse homem, se recalcava esse amor em vez de entregar-se a ele, a nenhum outro fator essa decisão se prendia mais intimamente do que a seu gozo sexual prematuro e às consequências dele – a enurese, o catarro e o asco. Tal história primitiva, conforme o somatório dos determinantes constitucionais, pode constituir o fundamento para dois tipos de conduta frente às exigências do amor na maturidade: ou uma entrega plena à sexualidade, sem nenhuma resistência e beirando a perversão, ou, por reação, o repúdio da sexualidade no adoecimento neurótico. **Em nossa paciente, a constituição e o nível de sua educação intelectual e moral decidiram em favor da segunda alternativa**" (Freud, 1996e, p.87, negrito nosso).

> prejuízos. **Costuma-se dizer que a luta contra um instinto tão poderoso, com a acentuação de todas as forças éticas e estéticas necessárias para tal, "enrijece" o caráter**. [...] O fato de que, em geral, o instinto sexual se comporta de forma voluntariosa e inflexível evidencia-se também nos resultados da luta pela abstinência. **A educação civilizada talvez apenas tencione suprimir temporariamente o instinto até o casamento, com o propósito de então utilizá-lo, concedendo-lhe ampla liberdade** (Freud, p.180-181, negritos nossos).

Até aqui a perspectiva apresentada sobre a *educação* estabelece a sua relação com as formas de *repressão* e suas vicissitudes. Em "Análise terminável e interminável", Freud (1996u) enunciou a psicanálise, a educação e o governar como práticas impossíveis, mas inerentes ao processo civilizatório. Para compreender essa perspectiva, buscar-se-á delimitar como a *educação* pode ser compreendida em sua obra. Em "Sobre a psicoterapia", Freud (1996e, p.256) afirma que:

> [...] de modo muito geral, os senhores podem conceber o tratamento psicanalítico como essa espécie de pós-educação para superar as resistências internas. Mas em nenhum ponto essa pós-educação é mais necessária, nos doentes nervosos, do que no tocante ao elemento anímico de sua vida sexual.

Então, a *educação* surge como uma aproximação com a psicanálise, de modo que o tratamento psicanalítico poderia ser visto para além de uma modalidade clínica, como algo preventivo e até uma profilaxia dos pacientes contra novas formas de neurose. No entanto, nesse mesmo trecho, Freud, 1996e, p.256, negrito nosso) ainda diz: "**É que em parte alguma a cultura e a educação causaram danos tão grandes quanto justamente aí, e é também aí, como lhes mostrará a experiência, que se encontrarão as etiologias das neuroses passíveis de serem dominadas**", o que coloca um contraponto da psicanálise à educação hegemônica. Essa diferenciação importa à medida que se desdobram dela as primeiras consequências da teoria sexual da etiologia das neuroses, de onde se reconhece que a *educação* possui participação na constituição de inibições. Em "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", quando fala sobre o desenvolvimento sexual na infância e aborda a formação das inibições, Freud afirma (1996e, p.167):

> Durante esse período de latência total ou apenas parcial erigem-se as forças anímicas que, mais tarde, surgirão como entraves no caminho da pulsão sexual e estreitarão seu curso à maneira de diques (o asco, o sentimento de vergonha, as exigências dos ideais estéticos e morais). Nas crianças civilizadas, tem-se a impressão de que a construção desses diques é obra da educação, e certamente a educação tem muito a ver com isso.

Nesse momento, é possível depreender uma primeira percepção de Freud em relação à

educação, segundo a qual, independentemente do modelo pedagógico adotado, por meio dela serão produzidos valores intelectuais que levarão a formas de inibição da pulsão sexual. Desse modo, considerando a aproximação em que ele insiste, entre psicanálise e *educação*, também é possível discernir que a psicanálise seria produtora de tais condições. Entretanto, a perspectiva psicanalítica está alinhada com um desenvolvimento moral mais conveniente contra as neuroses. E, no entanto, é impossível escapar da ideia de que toda forma de *educação*, e mesmo a psicanálise, são produtoras de formas de *repressão*. O que pode diferenciar a psicanálise da *educação* é justamente o trabalho terapêutico ali onde a *repressão* funciona. E deve-se considerar que a própria constituição da clínica por si só pode ser vista como uma atribuição de valores, pois é aonde chegam aqueles que necessitam de "ajuda". Portanto, se a *educação* propõe valores morais e modalidades de *repressão*, a psicanálise funciona em prol de questionar esses valores que o sujeito carrega, permitindo mantê-los ou trocá-los por outros.

Nesse sentido, a *educação* pode ser identificada como um dos dispositivos sociais que promovem as formas de adoecimento da cultura ocidental em diferentes épocas. Até por isso, Freud menciona que os esforços culturais de manutenção da unidade familiar muitas vezes estão relacionados aos esforços educativos. Uma dessas situações pode ser observada em "Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna":

> **É óbvio que a educação não subestima as dificuldades de suprimir a sensualidade** da jovem até o casamento, pois utiliza medidas drásticas. Não somente proíbe as relações sexuais e oferece altos prêmios à preservação da castidade feminina, mas também protege a jovem da tentação durante o seu desenvolvimento, **conservando-a ignorante do papel que irá desempenhar e não tolerando nela qualquer impulso amoroso que não possa conduzir ao casamento**. O resultado é que, quando a jovem recebe a súbita autorização de seus guardiões para apaixonar-se, não está apta a essa realização psíquica, e chega ao matrimônio insegura dos seus sentimentos. Em consequência dessa retardação artificial de suas funções eróticas, ela nada tem a oferecer além de desapontamentos ao homem que poupou todos os seus desejos para ela. Seus sentimentos mentais permanecem presos aos seus genitores, cuja autoridade acarretou a supressão de sua sexualidade, e em seu comportamento físico revela-se frígida, privando o homem de um maior prazer sexual (Freud, 1996g, p.182, negrito nosso).

Nessa passagem, ele também revela como a *educação* se relaciona diretamente com a possibilidade de expressão da sexualidade e até com as influências da inibição sexual com que um indivíduo pode se defrontar por conta da *repressão*, oriunda de valores morais e a ele imposta por meio da educação e da cultura. Além disso, ao dizer que os "sentimentos mentais" ficam presos à autoridade implicada na supressão de sua sexualidade, Freud reafirma que, para que a *repressão* opere sobre o sujeito, é necessária uma figura que centralize dimensões de

poder. Assim, levanta-se a hipótese de uma idiossincrasia entre *sexualidade-repressão-subjetividade,* que a psicanálise identifica e a qual se aplica a todas as instituições sociais e civilizatórias.

Um pouco mais à frente nesse mesmo texto, Freud argumenta que o comportamento sexual reflete a postura dos indivíduos diante dos acontecimentos da vida[100]. Apesar de falar também sobre o homem, a reflexão freudiana sobre a influência da *educação* na unidade *sexualidade-repressão-subjetividade* fica melhor explicitada quando ele aborda a sexualidade da mulher:

> No sexo feminino percebemos facilmente um caso especial dessa **tese de que a vida sexual constitui um protótipo para o exercício de outras funções**. A **educação das mulheres impede** que se ocupem intelectualmente dos problemas sexuais, embora o assunto lhes desperte uma extrema curiosidade, e as **intimida, condenando tal curiosidade como pouco feminina** e como indício de disposição pecaminosa. Assim **a educação as afasta de qualquer forma de pensar**, e o conhecimento perde para elas o valor. Essa interdição do pensamento estende-se além do setor sexual, em parte através de associações inevitáveis, em parte automaticamente, como a interdição do pensamento religioso ou a proibição de ideias sobre a lealdade entre cidadãos fiéis. Não acredito que a "debilidade mental fisiológica" feminina seja consequência de um antagonismo biológico entre o trabalho intelectual e a atividade sexual, como afirmou Moebius em sua discutida obra. Acredito que a inegável inferioridade intelectual de muitas mulheres pode antes ser atribuída à inibição do pensamento necessária à supressão sexual (Freud, 1996g, p.182-183, negritos nossos).

Assim, conclui-se que, apesar de passar pelo desenvolvimento psicossexual como todos os seres humanos, as mulheres, devido à cultura e à educação, e não à biologia ou a diferenças exclusivamente anatômicas, foram levadas a inibições sexuais. Essas inibições, expostas nas citações, correspondem ao conhecimento sobre o próprio corpo, o desejo, sobre conteúdos e problemas intelectuais da sexualidade humana e das funções sociais ligadas à sexualidade. Freud avalia o que a moral hegemônica assume sobre o matrimônio, que defende a família como elo fundamental da sociedade moderna e impõe a abstinência sexual como conduta correta sobre o coito que não visa à procriação. Nesse sentido, enfatiza a contradição existente entre a proposta de uma *educação* comprometida com a propagação dos valores sociais religiosos e as consequências que essa mesma *educação* traz por meio da *repressão* para a sexualidade, que inviabiliza a manutenção dessa relação matrimonial. Com isso, ele não está preocupado em questionar o sistema ideológico vigente, porém, com suas pontuações sobre a influência da *educação* e da *cultura*, fica explícita a contradição que o atual sistema gera aos indivíduos, pois

---

100 "O comportamento sexual de um ser humano frequentemente constitui o protótipo de suas demais reações ante a vida" (Freud, 1996g, p.182).

muitas vezes a não solução dessa contradição os leva à neurose.

> Todas essas consequências inevitáveis e indesejadas do preceito da abstinência convergem para um único resultado: **o completo malogro da preparação para o casamento**, casamento esse que a moral sexual civilizada pensa ser o único herdeiro das impulsões sexuais. Todo homem cuja libido, em consequência de práticas sexuais masturbatórias ou pervertidas, acostumou-se a situações e condições de satisfação anormais apresenta no casamento uma potência diminuída. Também as mulheres que puderam preservar sua virgindade com o auxílio de recursos análogos mostram-se anestesiadas às relações sexuais normais do casamento, que assim tem início com ambos os cônjuges apresentando uma reduzida capacidade erótica que irá sucumbir ao processo de dissolução com uma rapidez maior do que os demais. Em consequência da fraca potência do marido, a mulher não se satisfaz, permanecendo anestesiada mesmo nos casos onde uma poderosa experiência sexual **poderia ter superado sua predisposição para a frigidez decorrente de sua educação**. Tal casal encontrará maiores dificuldades para impedir a concepção do que um casal saudável, pois a reduzida potência do marido suporta mal o uso de anticoncepcionais. Nesse embaraço, sendo o ato sexual a fonte de todas as suas dificuldades, **logo o casal renuncia ao mesmo, e com isso abre mão da base de sua vida conjugal** (Freud, 1996g, p.184-185, negritos nossos).

Tendo estabelecido o percurso que se tensiona entre a *educação* e a psicanálise, a questão do "esclarecimento sexual das crianças" agora pode ser melhor abordada. Além disso, considera-se o que foi desenvolvido na categoria "Sexualidade infantil" (item 3.2.2), em que a importância do pensamento e das teorias infantis é enfatizada como parte do desenvolvimento psicossexual das crianças, colocando-se, portanto, a construção do conhecimento sexual como inevitável no desenvolvimento sexual do indivíduo adulto. O que leva a entrar no tema do esclarecimento, recuperando uma crítica de Freud (1996g, p.202-203) contra aqueles que compreendem ser benéfico para o desenvolvimento das crianças lhes negar informações precisas acerca da sexualidade:

> Os esforços intelectuais posteriores das crianças para decifrar os enigmas do sexo não me parecem dignos de atenção, nem possuir alguma significação patogênica. Sua variedade depende sem dúvida principalmente da natureza do esclarecimento que a criança recebe, mas sua significação reside antes no fato de despertarem os traços, que se tornaram inconscientes, do primeiro período infantil de interesse sexual. Assim é frequente que a essas investigações se associe uma atividade sexual masturbatória e um certo grau de afastamento emocional dos pais. Daí o juízo condenatório de alguns professores de que o esclarecimento nessa idade "corrompe" as crianças[101].

Nessa perspectiva, o esclarecimento sexual é visto como uma forma de corrupção das crianças, o que é radicalmente diferente do que Freud (1996g) aborda em sua carta, "O

[101] "Sobre as teorias sexuais das crianças", de 1908.

esclarecimento sexual das crianças (carta aberta ao Dr. M. Fürst)", de 1907. Esse texto é escrito no intuito de dialogar com um colega que buscava orientação sobre os problemas sexuais que afetam a infância. Nele Freud defende a importância do esclarecimento em prol da promoção de um desenvolvimento, no qual a *repressão*, que contribui para o adoecimento neurótico, seja minimizada e para que as crianças tenham condições de maior autonomia contra diversas formas de violências, inclusive as sexuais.

Essa carta se inicia com o levantamento de questões que justificariam o motivo de ser negado à época o devido esclarecimento sexual às crianças. A primeira pergunta: "Que propósito se visa atingir negando às crianças, ou aos jovens, esclarecimento desse tipo sobre a vida sexual dos seres humanos?" (Freud, 1996g, p.123), revela a preocupação em compreender qual o interesse da *educação* formal e informal em se recusar a dar os conhecimentos necessários às crianças sobre sua própria sexualidade. Ele continua: "Será por medo de despertar prematuramente seu interesse por tais assuntos, antes que o mesmo irrompa de forma espontânea?" (p.123), pergunta retórica, que já indicia um entendimento prévio, por parte da *educação*, de que a sexualidade não seria inerente ao desenvolvimento, colocando-a fora do campo da infância e como um fator de perigo para ela.

E, ainda: "Será na esperança de que o ocultamento possa retardar o aparecimento do instinto sexual por completo, até que este possa encontrar seu caminho pelos únicos canais que lhe são abertos em nossa sociedade de classe média?" (Freud, 1996g, p.123). A ideia de ocultar o instinto sexual porque não haveria meios para as crianças exercerem sua sexualidade mostra-se equivocada, e, a este apontamento, Freud soma outra ideia, a de que seriam positivos os canais abertos para a sexualidade instituídos socialmente e que as experiências sexuais na infância são inevitáveis[102].

---

[102] Nesse texto, Freud (1996g, p.124-125) aborda o problema com a seguinte resposta: "Certamente são apenas a pudicícia usual dos adultos e sua má consciência em relação a assuntos sexuais que os induzem a criar todo esse mistério diante das crianças, mas é possível que também uma certa ignorância teórica desempenhe seu papel nessa atitude, ignorância que pode ser remediada dando aos adultos algum esclarecimento. É crença geral que o instinto sexual inexiste nas crianças, só começando a irromper na puberdade, com a maturação dos órgãos sexuais. Esse erro grosseiro que acarreta sérias consequências, tanto no conhecimento quanto na prática, é tão facilmente corrigido pela observação que é de admirar que alguém possa incorrer no mesmo. Na realidade o recém-nascido já vem ao mundo com sua sexualidade, sendo seu desenvolvimento na lactância e na primeira infância acompanhado de sensações sexuais; só muito poucas crianças alcançam a puberdade sem ter tido sensações e atividades sexuais. Quem se interessar por um exame detalhado dessas asserções, poderá encontrá-lo em meus "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", a que me referi acima. Ali verá que os órgãos de reprodução propriamente ditos não são as únicas partes do corpo que geram sensações de prazer sexual, e que a natureza dispôs as coisas de tal forma que as estimulações reais dos genitais são inevitáveis na primeira infância. Esse período de vida, durante o qual uma certa cota do que é sem dúvida prazer sexual é produzida pela excitação de várias partes da pele (zonas erógenas), pela atividade de certos instintos biológicos e pela excitação concomitante de muitos estados afetivos, é conhecido como o período de autoerotismo, para usar um termo introduzido por Havelock Ellis [1898]".

Em seguida, questiona: “Será que acreditamos que as crianças não se interessarão pelos fatos e mistérios da vida sexual, e não os compreenderão, se não forem impelidos a tal por influências externas? Será possível que o conhecimento que lhes é negado não as alcançará por outros meios?” (Freud, 1996g, p.123). Ambas as perguntas tensionam a ideia de que a criança tenha condições de sentir e de saber algo sobre a dimensão sexual da vida. Freud não sugere que a criança tenha condições de ter a mesma “compreensão sobre os sentimentos e significados sobre a sexualidade” que o adulto tem, mas sim, a partir da concepção que constrói sobre o desenvolvimento sexual, considera-as biológica e mentalmente aptas como “seres de existência sexual” (p.123). Desse modo,

> [...] muito antes da puberdade a criança já é capaz da maior parte das manifestações psíquicas do amor – por exemplo, a ternura, a dedicação e o ciúme. Com frequência, uma irrupção desses estados mentais associa-se às sensações físicas de excitação sexual, de modo que a criança não pode ficar em dúvida quanto à conexão entre ambos. Em resumo, com exceção do seu poder de reprodução, muito antes da puberdade já está completamente desenvolvida na criança a capacidade de amar; e pode-se afirmar que o clima de mistério apenas a impede de apreender intelectualmente as atividades para as quais já está psiquicamente preparada e fisicamente apta (Freud, 1996g, p.125).

Por fim, a última pergunta que Freud (1996g, p.123) levanta: “Ou será que se pretende genuína e seriamente que mais tarde elas venham a considerar degradante e desprezível tudo que se relacione com o sexo, já que seus pais e professores quiseram mantê-las afastadas dessas questões o maior tempo possível?”. Ao que prontamente responde: “Na verdade ignoro em qual dessas proposições se deve procurar o motivo de se ocultar das crianças aquilo que é sexual, ocultação que de fato é levada a cabo. Sei apenas que são todas igualmente absurdas e indignas de uma contestação judiciosa” (p.124).

De fato, parece evidente a função que a *repressão*, principalmente por meio da *educação* e em prol de valores culturais hegemônicos, carrega para Freud, em vista de suas expectativas sobre o que a psicanálise pode fazer pelos pacientes neuróticos e principalmente sobre a posição que os educadores deveriam adotar frente ao esclarecimento sexual das crianças.

> Acima de tudo, é dever das escolas não evitar a menção dos assuntos sexuais. Os fatos básicos da reprodução e sua significação deviam ser incluídos nas lições sobre o reino animal, e ao mesmo tempo deveria ser enfatizado que o homem compartilha o essencial de sua organização com os animais superiores (Freud, 1996g, p.128).

Por conta disso, em diversos momentos, ele considera as descobertas sobre a etiologia sexual das neuroses e a sexualidade infantil achados revolucionários da psicanálise, como em

"História do movimento psicanalítico":

> As descobertas revolucionárias da psicanálise no tocante à vida mental das crianças – o papel nela desempenhado pelos impulsos sexuais (von Hug-Hellmuth [1913]) e o destino daqueles componentes da sexualidade inúteis para a reprodução – necessariamente cedo fariam a atenção voltar-se para a educação e promoveriam tentativas de colocar os pontos de vista analíticos na vanguarda desse campo de trabalho (Freud, 1996l, p.47).

No entanto, no ensaio "Análise terminável e interminável", pondera que o esclarecimento não redunda necessariamente em melhores condições para a prevenção do desenvolvimento de neuroses. Ele enfatiza que, como na análise de adultos, as crianças instruídas estão à mercê dos elementos culturais, portanto, a sua disposição pode alterar-se em função de variações sociais a que estará submetida (Freud, 1996u). Ainda, em "Introdução à psicanálise e as neuroses de guerra", de 1919, Freud (1996q) diz que um pouco de instrução sobre o que são as neuroses já seria o suficiente para que muitos problemas ligados ao adoecimento mental, como as neuroses de guerra, pudessem ser evitados de forma rápida e efetiva. O que se observa na consideração feita por ele é que

> [...] os oponentes da psicanálise, cuja aversão à sexualidade é evidentemente mais forte do que a sua lógica, apressaram-se a proclamar que a investigação das neuroses de guerra desmentiu finalmente essa parte da teoria psicanalítica. Aqui, incorreram eles em uma ligeira confusão. Se a investigação das neuroses de guerra (e uma investigação muito superficial) não demonstrou que a teoria sexual das neuroses é correta, isto é algo muito diferente de mostrar que aquela teoria é incorreta. Com o auxílio de uma atitude imparcial e um pouco de boa vontade, não seria difícil encontrar o caminho para um futuro esclarecimento do assunto (Freud, 1996q, p.222).

Apesar disso, é tensionada a função do esclarecimento em seu lado preventivo, mas não se deve perder de vista que, como cientista, Freud é sempre muito crítico, o que o leva a se posicionar frente a problemas sociais. Assim, em "O esclarecimento sexual das crianças (carta aberta ao Dr. M, Fürst)", ele conclui:

> **Não me parece haver uma única razão de peso para negar às crianças o esclarecimento que sua sede de saber exige**. Certamente se a intenção dos educadores é sufocar a capacidade da criança de pensamento independente, em favor de uma pretensa "bondade" que tanto valorizam, não poderiam escolher melhor caminho do que ludibriá-la em questões sexuais e intimidá-la pela religião (Freud, 1996g, p.127, negrito nosso).

Vê-se que o termo "sexual" parece estar ligado ao pensamento, de tal modo que se poderia propor que, em Freud, o livre pensamento e o "livre sexual"[103] são dimensões próximas.

[103] Esse termo não se encontra presente na obra de Freud, contudo, é uma metáfora que se constrói nessa análise

De tal modo que a relação entre *educação* e psicanálise pode mais uma vez ser tensionada, agora pelo viés da liberdade, mas recapitulando também o fator da *repressão sexual*. Ou seja, as condições de *repressão* propostas pela *educação* sujeitam a liberdade dos indivíduos pelos valores que restringem a sexualidade. De outro modo, a psicanálise, que também impõe condições de *repressão,* permite uma troca desses valores à medida que o pensamento sobre o inconsciente e sobre o desejo se desenvolvem em análise.

3.2.5 Homossexualidade e suas vicissitudes na obra de Freud

A homossexualidade é um tema presente em quase toda a obra freudiana. Mais do que uma representação ou uma função sobre ela, o que se vê é um lugar para ela na teoria, surgido das vicissitudes da clínica e das preocupações que os tratamentos para os neuróticos impuseram a Freud. Assim, essa subcategoria é constituída pela transversalidade que o tema da homossexualidade possui na obra freudiana.

Assim, será trabalhado a seguir um percurso que identifica o desenvolvimento do tema: 1. A apresentação de características gerais do desenvolvimento ligados à homossexualidade; e 2. A desconstrução da homossexualidade como patologia. Com esse percurso, busca-se evidenciar que, apesar de sua obra não se estender a discussões sobre direitos humanos e sexuais, sobre políticas de diversidade sexual e movimentos identitários, como acontece nos dias atuais, os discursos que atualmente constroem essas pautas estão, mesmo que indiretamente, em forte congruência epistemológica com a produção freudiana. Desse modo, a importância enfatizada por essa categoria também decorre da evidenciação das contribuições históricas da psicanálise sobre tais questões, em foco com a pertinência da obra de Freud para as mesmas.

Em primeiro, retoma-se a apresentação da ideia de *perversão* que ele apresenta em "Fragmento da análise de um caso de histeria", de 1905, quando inicialmente explana que não se deve "esquecer de que a perversão que nos é mais repelente, o amor sensual de um homem por outro, não só era tolerada num povo culturalmente tão superior a nós quanto os gregos, como também lhe eram atribuídas entre eles importantes funções sociais" (Freud, 1996e, p.55-56). Com isso, é destacado que o amor homossexual, que na época de Freud é considerado intolerável, em outro período histórico foi condição para participação de uma vida social plena. E Freud segue com uma provocação: "Na vida sexual de cada um de nós, ora aqui, ora ali, todos

---

no sentido de explorar a abrangência que as teses freudianas permitem elaborar.

transgredimos um pouquinho os estreitos limites do que se considera normal" (p.56). Essa provocação aponta para dois questionamentos, que serão tratados posteriormente: os limites da vida sexual normal e até onde seria a vida sexual isenta de perversões. Mas, ainda nessa passagem, ele acrescenta que as

> [...] perversões não são bestialidades nem degenerações no sentido patético dessas palavras. São o desenvolvimento de germes contidos, em sua totalidade, **na disposição sexual indiferenciada da criança**, e cuja supressão ou cujo redirecionamento para objetivos assexuais mais elevados – sua "sublimação" – destina-se a fornecer a energia para um grande número de nossas realizações culturais. **Portanto, quando alguém se torna grosseira e manifestamente pervertido**, seria mais correto dizer que permaneceu como tal, pois exemplifica um estágio de inibição do desenvolvimento. [...] Todos os psiconeuróticos são pessoas de inclinações perversas fortemente acentuadas, mas recalcadas e tornadas inconscientes no curso de seu desenvolvimento. **As psiconeuroses são, por assim dizer, o negativo das perversões**. Nos neuróticos, **a constituição sexual**, na qual está contida a expressão da hereditariedade, **atua em combinação com as influências acidentais de sua vida que possam perturbar o desenvolvimento da sexualidade normal**. O curso d'água que encontra um obstáculo em seu leito reflui para leitos antigos que antes pareciam destinados a permanecer secos. As forças impulsoras da formação dos sintomas histéricos não provêm apenas da sexualidade normal recalcada, mas também das moções perversas inconscientes (Freud, 1996e, p.56, negrito nosso).

Nesse ponto, é possível perceber que ele ainda não opera uma conceitualização sobre os "destinos da sexualidade" do mesmo modo como apresentado em "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (Freud, 1996e). Porém, já se observa a desconstrução da ideia de uma vida sexual normal, que seria aquela que congrega apenas fatores genitais como ditames de um funcionamento normal da sexualidade, colocando a satisfação sexual junto às suas teses sobre o desejo inconsciente e a necessidade de satisfação de impulsos sexuais inconscientes. Além disso, *a neurose e a perversão* não estão colocadas junto à manifestação de um desejo ou de práticas anormais em relação ao que é um comportamento sexual normal, e sim são atribuídas à capacidade ou ao fracasso individual em satisfazer esse desejo, ou, ainda, às condições individuais de direcionar esses desejos (genitais e não genitais) para uma realização socialmente aceitável fora do campo sexual, que é o caso dos destinos pulsionais da sublimação e da formação reativa.

Ainda, essa citação de Freud (1996e, p.56) traz um outro aspecto conceptual da perversão, que será preservado em sua obra: trata-se do "aspecto infantil da sexualidade pervertida". Mais especificamente, observa-se o que ele diz em "**quando alguém se torna grosseira e manifestamente pervertido**, seria mais correto dizer que permaneceu como tal,

pois exemplifica um estágio de inibição do desenvolvimento" (p.56, negrito nosso)[104], explicação esta muito próxima de sua abordagem sobre o "infantilismo sexual".

Inicialmente, para abordar o *infantilismo* deve-se reconhecer que, apesar de presente na obra de Freud, é difícil encontrar uma definição clara sobre ele. No entanto, é precisamente esta noção uma das mais importantes articulações que ele faz sobre a função das pulsões e as escolhas dos objetos sexuais. Na "Conferência XXI: o desenvolvimento da libido e as organizações sexuais", Freud (1996n) aponta que a sexualidade pervertida e a normal possuem a mesma origem: a sexualidade infantil. E que as suas diferenças são observadas à medida que

> **A sexualidade pervertida** é, via de regra, muito bem centrada: todas as suas ações se dirigem para um fim – geralmente um único fim: um dos instintos componentes assumiu predominância, e, ou é o único instinto observável, ou submeteu os outros a seus propósitos. Nesse aspecto, **não há diferença alguma entre sexualidade pervertida e normal**, a não ser o fato de que seus instintos componentes dominantes e, consequentemente, **seus fins sexuais são diferentes**. Em ambas, pode-se dizer, estabeleceu-se uma bem organizada tirania, mas, em cada uma das duas, uma família diferente tomou as rédeas do poder (Freud, 1996n, p.327, negrito nosso).

Porém, é aqui que a sexualidade genital (dita normal) e a sexualidade não genital (dita pervertida) divergem; na primeira há um processo de *recalcamento*, e na segunda se trata de uma *repressão tardia* ocasionada durante a latência no desenvolvimento. A latência é um período de estabilidade dentro das pesquisas infantis e coincide com um suposto período de assexualidade[105]. Essa impressão é devida às grandes mudanças intelectuais pelas quais a criança passa e que são vistas pelos adultos como grandes mudanças em seu comportamento; sobre isso, complementa Freud, em "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade":

> Sem nos iludirmos quanto à natureza hipotética e quanto à clareza insuficiente de nossos conhecimentos acerca dos processos do período infantil de latência ou adiamento, voltemos à realidade para indicar que esse emprego da sexualidade infantil representa um ideal educativo do qual o desenvolvimento de cada um quase sempre se afasta em algum ponto, amiúde em grau considerável. **Vez por outra irrompe um fragmento de manifestação sexual que se furtou à sublimação, ou preserva-se alguma atividade**

[104] "Fragmentos da análise de um caso de histeria".

[105] Segundo ensaio dos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade": "Com que meios se erigem essas construções tão importantes para a cultura e normalidade posteriores da pessoa? Provavelmente, às expensas das próprias moções sexuais infantis, cujo afluxo não cessa nem mesmo durante esse período de latência, mas cuja energia – na totalidade ou em sua maior parte – é desviada do uso sexual e voltada para outros fins. Os historiadores da cultura parecem unânimes em supor que, mediante esse desvio das forças pulsionais sexuais das metas sexuais e por sua orientação para novas metas, num processo que merece o nome de sublimação, adquirem-se poderosos componentes para todas as realizações culturais. Acrescentaríamos, portanto, que o mesmo processo entra em jogo no desenvolvimento de cada indivíduo, e situaríamos seu início no período de latência sexual da infância" (p.167-168).

> **sexual ao longo de todo o período de latência, até a irrupção acentuada da pulsão sexual na puberdade**. Na medida em que prestam alguma atenção à sexualidade infantil, os educadores portam-se como se compartilhassem nossas opiniões sobre a construção das forças defensivas morais à custa da sexualidade, e como se soubessem que a atividade sexual torna a criança ineducável, pois perseguem como "vícios" todas as suas manifestações sexuais, mesmo que não possam fazer muita coisa contra elas. Nós, porém, temos todos os motivos para voltar nosso interesse para esses fenômenos temidos pela educação, pois deles esperamos o esclarecimento da configuração originária da pulsão sexual (Freud, 1996e, p.168-169, negrito nosso).

Encontra-se em Freud o reconhecimento de que a sociedade espera na puberdade a "centralização da sexualidade" na atividade genital para fins reprodutivos, logo, direcionada ao sexo oposto. Portanto, retomando a "Conferência XXI" (1996n) e em diálogo com a ideia de "esforços educacionais em centralizar as manifestações sexuais"[106], que podem ser resumidas na genitalização da sexualidade e correspondem à segunda manifestação da *repressão*, percebe-se que, por mais que haja a *repressão* de uma parte das manifestações pulsionais desfusionadas, provindas diretamente do autoerotismo, uma parte da sexualidade se mantém fixada em manifestações sexuais oriundas da *disposição perversa polimorfa* da infância, especificamente em suas fontes e alvos sexuais. Por isso, ele conclui dizendo que "é melhor falar em **infantilismo da vida sexual, e não em perversão**" (p.328, negrito nosso).

Desse modo, o *infantilismo* da vida adulta retoma a ideia de que na infância se formam complexos que são "agrupamentos de impressões e manifestações sexuais marcantes da infância" (Freud, 1996g). Ao enfatizar a importância dos "complexos sexuais" para o tratamento das neuroses, ele afirma:

> [...] a psicanálise se ocupa com uma forma mais simples e especial de descobrir o que está oculto na mente, ao passo que no trabalho dos senhores a tarefa é mais ampla. **Embora não necessitem levar em consideração a diferença de que no caso do psiconeurótico sempre se trata de complexo sexual reprimido (no sentido mais amplo), existe um outro fato que não podem ignorar**. O propósito da psicanálise é absolutamente uniforme em todos os casos: é preciso trazer à tona os complexos reprimidos por causa de sentimentos de desprazer e que produzem sinais de resistência ante as

[106] Em referência ao desenvolvido na "Conferência XX – A vida sexual dos seres humanos": "É por demais estranho que as pessoas que negam a existência da sexualidade nas crianças nem por isso se tornam mais brandas em seus esforços educacionais, mas perseguem as manifestações daquilo que negam que exista, com a máxima severidade – descrevendo tais manifestações como 'traquinagens pueris'" (Freud, 1996n p.318).

> tentativas de levá-los à consciência (Freud, 1996g, p.102, negrito nosso)[107].

Também se pode pensar no *infantilismo* como uma das características gerais do desenvolvimento sexual, pois trata-se desse conjunto de

> [...] raízes inatas da pulsão sexual dadas pela constituição, as quais, numa série de casos (as perversões), convertem-se nas verdadeiras portadoras da atividade sexual (perversa), outras vezes passam por uma supressão (recalcamento) insuficiente, de tal sorte que podem atrair indiretamente para si, na qualidade de sintomas patológicos, parte da energia sexual, e que permitem, nos casos mais favoráveis situados entre os dois extremos, mediante uma restrição eficaz e outras elaborações, a origem da chamada vida sexual normal (Freud, 1996e, p.162)[108].

E é possível observar que danos provindos das neuroses advêm de uma "fixação de objetivos sexuais infantis [...] [e] uma persistência de infantilismo psíquico" (Freud, 1996j, p.269)[109]. Porém, embora se trate de características tomadas como nocivas diante das exigências civilizatórias[110], o *infantilismo* não é visto como algo negativo em Freud. Em casos de neurose é possível observar a inibição da sexualidade atrelada à manifestação do *infantilismo*[111]. Logo, ele atribui a todo sintoma neurótico um grau de infantilismo psíquico, que "ou falhou em libertar-se das condições psicossexuais que predominavam em sua infância ou a elas retornou" (Freud, 1996k, p.35).

Freud retoma o *infantilismo* também para desconstruir a ideia de *perversão*, pois, para ele, pensar em termos de uma "sexualidade pervertida" ou de um "perverso degenerado" nada acrescenta ao entendimento das neuroses[112]. Ele critica igualmente os seus contemporâneos e vai além, apontando a importância de considerar o *infantilismo* como o que está em jogo para

---

107 "A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos", de 1906.

108 "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade".

109 "Contribuições a um debate sobre a masturbação", de 1912.

110 Em "A questão da análise leiga", de 1926: "Nós temos um problema mais importante diante de nós. Que atitude devemos adotar em relação à atividade sexual da primeira infância? Sabemos a responsabilidade na qual estamos incorrendo se a suprimirmos; mas não nos aventuramos a deixá-la seguir seu curso sem restrição. Entre as raças num baixo nível de civilização, e entre as camadas inferiores das raças civilizadas, a sexualidade das crianças parece ter recebido livre rédea. Isso provavelmente oferece poderosa proteção contra o subsequente desenvolvimento de neuroses no indivíduo" (Freud, 1996r, p.213-214).

111 Sobre o *infantilismo*, observar em "Três ensaios...": "Assim, tivemos de ver em cada aberração fixa da vida sexual normal um fragmento de inibição do desenvolvimento e infantilismo" (Freud, 1996e, p.218).

112 Em "Conferência XXI – O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais": "À sexualidade infantil, por outro lado, falando genericamente, falta essa centralização; seus instintos componentes separados possuem iguais direitos, cada um dos quais seguindo seus próprios rumos na busca de prazer. Naturalmente, tanto a ausência como a presença da centralização harmonizam-se bem com o fato de que tanto a sexualidade pervertida como a normal surgiram da sexualidade infantil. Aliás, também existem casos de sexualidade pervertida que têm uma semelhança muito maior com o tipo infantil, pois nestes, numerosos instintos componentes levaram a cabo (ou, mais corretamente, persistiram em) seus fins, independentemente um dos outros. Em tais casos, é melhor falar em infantilismo da vida sexual, e não em perversão" (Freud, 1996n, p.327-328).

uma compreensão adequada do que é entendido como vida sexual normal, como diz na "Conferência XX – A vida sexual dos seres humanos":

> Sem dúvida terão ouvido falar, senhores, que, na psicanálise, o conceito daquilo que é sexual foi indevidamente ampliado, a fim de dar suporte às teses da causação sexual das neuroses e do significado sexual dos sintomas. Agora os senhores estão em condições de julgar por si mesmos se essa ampliação é injustificada. **Ampliamos o conceito de sexualidade apenas o bastante para podermos compreender a vida sexual dos pervertidos e das crianças**. Isto é, restituímos-lhe sua dimensão verdadeira. **Fora da psicanálise, o que se denomina sexualidade refere-se apenas a uma vida sexual restrita, que serve ao propósito da reprodução e é descrita como normal** (FREUD, 1996n, p.324, negrito nosso).

Assim, Freud articula uma importante formalização diante daquilo que abarca o conceito de sexualidade, uma vez que ele trouxe para aquilo que é considerado normal as vivências das crianças e de todos aqueles que eram vistos como *perversos* e *pervertidos*. Na realidade, esse esforço é percebido em diferentes momentos de sua obra. A argumentação acerca da sexualidade infantil já foi feita na categoria 2.2 Sexualidade infantil, porém, o segundo tópico que abrange a desconstrução da dimensão patológica da homossexualidade pode ser melhor observado nos argumentos de dois textos: 1. No primeiro dos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" (Freud, 1996e) e em 2. "Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância" (1996i).

Em "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", antes mesmo de apresentar a sua teoria sobre a sexualidade infantil, Freud (1996e) aborda a condição dos *invertidos*, aqueles que escolhem como objeto sexual ou amoroso uma pessoa do mesmo sexo biológico[113]. À época de Freud, a maioria da comunidade médica incluía a homossexualidade no campo das patologias da mente, especificamente das degenerações neurológicas e hereditárias. Nesse sentido, ele se esforçou em desconstruir esse estado de coisas, questionando a validade das teses sobre degeneração e introduzindo conceitos para uma melhor compreensão do campo das manifestações sexuais. Freud (1996e, p.128, negrito nosso) inicia a sua argumentação

[113] Também por isso diz Freud: "A teoria popular sobre a pulsão sexual tem seu mais belo equivalente na fábula poética da divisão do ser humano em duas metades – homem e mulher – que aspiram a unir-se de novo no amor. Por isso, causa grande surpresa tomar conhecimento de que há homens cujo objeto sexual não é a mulher, mas o homem, e mulheres para quem não o homem, e sim a mulher, representa o objeto sexual. Diz-se dessas pessoas que são 'de sexo contrário', ou melhor, 'invertidas', e chama-se o fato de inversão. O número de tais pessoas é bastante considerável, embora haja dificuldades em apurá-lo com precisão" (Freud, 1996e, p.128-129). Nesse sentido, é de fundamental importância que seu leitor compreenda que ele utiliza termos populares e técnicos de sua época. Como em muitos momentos já expostos neste trabalho, não se prioriza substituir as palavras de Freud para os usos da linguagem contemporânea e politicamente correta, dentro daquilo que garante o respeito, dignidade e direitos, para se referir a quaisquer membros da comunidade LGBTQIAP+ e mesmo para as mulheres, em prol de respeitar o contexto teórico e cultural de Freud e, com isso, abrir condições para debates, críticas e análises.

apresentando as características conceituais acerca “do alvo e do objeto da pulsão sexual”:

> Introduzamos aqui dois termos: chamemos de **objeto sexual a pessoa de quem provém a atração sexual**, e de **alvo sexual a ação para a qual a pulsão impele**. Assim fazendo, a observação cientificamente esquadrinhada mostrará um grande número de desvios em ambos, o objeto sexual e o alvo sexual, e a relação destes com a suposta norma exige uma investigação minuciosa.

Para a validação desses dois conceitos, Freud aborda o tema de quem são os *invertidos* e as condições atribuídas a eles sobre as degenerações nas *perversões*. Os *invertidos*, tal como apresentado por Freud (1996e, p.129), correspondem a três tipos: 1. *absolutos* – “seu objeto sexual só pode ser do mesmo sexo, enquanto o sexo oposto nunca é para eles objeto de anseio sexual, mas antes os deixa frios ou até lhes desperta aversão sexual”; 2. *anfígenos* – “seu objeto sexual tanto pode pertencer ao mesmo sexo quanto ao outro”; e 3. ocasionais – “em certas condições externas, dentre as quais destacam-se a inacessibilidade do objeto sexual normal e a imitação, elas podem tomar como objeto sexual uma pessoa do mesmo sexo e encontrar satisfação no ato sexual com ela”. Uma observação ainda sobre os *invertidos ocasionais*: Freud introduz um aspecto que está atrelado à expressão social do gênero, que em seu momento histórico não estava em debate, mas que, no entanto, revela uma diferença dos *anfígenos*, onde a questão de expressão do objeto sexual não parece ser um elemento definidor da escolha.

Ainda, na apresentação das *inversões*, ele afirma:

> O traço da inversão pode vir de longa data no indivíduo, até onde sua memória consegue alcançar, ou só se ter feito notar em determinada época, antes ou depois da puberdade. Esse caráter pode conservar-se por toda a vida, ou ser temporariamente suspenso, ou ainda constituir um episódio no caminho para o desenvolvimento normal; e pode até exteriorizar-se pela primeira vez em época posterior da vida, após um longo período de atividade sexual normal. Observou-se também uma oscilação periódica entre o objeto sexual normal e o invertido. Particularmente interessantes são os casos em que a libido se altera no sentido da inversão depois de se ter uma experiência penosa com o objeto sexual normal (Freud, 1996e, p.130).

Nessa citação, pode-se observar dois aspectos: a constituição sexual e a questão sobre quais seriam as condições para que uma pessoa se torne um *invertido*, definitivamente ou não. O segundo aspecto chama atenção inclusive pelos dilemas atuais que estão em torno de uma prática que poderia se denominar de “cura da homossexualidade” e que muitas vezes ao longo da história foi, capciosa ou equivocadamente, atribuída à psicanálise. Sobre este aspecto há uma nota de rodapé de Freud (1996e, p.129-130, negrito nosso), em uma passagem anterior no texto:

> **Os invertidos mostram ainda um comportamento variado no juízo que**

> **fazem da peculiaridade de sua pulsão sexual. Alguns aceitam** a inversão como algo natural, tal como os normais aceitam a orientação de sua libido, e defendem energicamente sua igualdade de direitos com os normais. **Outros, porém, rebelam-se contra o fato de sua inversão** e a sentem como uma compulsão patológica.

Ele não trata especificamente sobre o preconceito que os homossexuais sofrem na época, mas, ao dizer que alguns *aceitam*, *lutam* e outros *se rebelam*, está sobretudo destacando como conscientemente os indivíduos lidam com o *desejo.* Sobre isso, tem-se extenso material de Freud em que aborda as consequências da *repressão moral*, sendo possível pensar na relação entre *desejo* e *repressão* a partir da sexualidade.

Outro aspecto importante acerca do uso do termo *invertidos* diz respeito a como ele dá destaque à questão da homossexualidade nesse momento. A *inversão* concerne, sobretudo, à direção que a libido, enquanto "energia sexual", tomará sobre os objetos. Assim, no senso comum, explica Freud (1996e), a pulsão sexual dita normal levará a um objeto diferente do sexo biológico do indivíduo, mas, quando se aborda a *pulsão dos invertidos*, conclui-se que a libido se volta para um objeto amoroso do mesmo sexo.

Seguindo com a apresentação da homossexualidade a partir dos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", reconhece-se que Freud apresenta a questão de "ser" ou de "tornar-se" homossexual de forma complexa, pois considera as duas possibilidades, mas ao mesmo tempo não descarta nem o fator biológico, nem o desenvolvimentista. Por isso questiona as possibilidades de a *degeneração* fazer parte da constituição sexual dos invertidos. Para tanto, levanta dois pontos acerca do que define as consequências de uma degeneração: (1) a conjugação de desvios graves em relação à normalidade e (2) um comprometimento grave das capacidades de funcionamento e sobrevivência do indivíduo, para depois afirmar:

> Vários fatores permitem ver que os invertidos não são degenerados nesse sentido legítimo da palavra: (1) Encontra-se a inversão em pessoas que não exibem nenhum outro desvio grave da norma; (2) Do mesmo modo, encontramo-la em pessoas cuja eficiência não está prejudicada e que inclusive se destacam por um desenvolvimento intelectual e uma cultura ética particularmente elevados; (3) Se abstraímos os pacientes encontrados em nossa experiência médica e procuramos abarcar um horizonte mais amplo, deparamos em duas direções com fatos que impedem que se conceba a inversão como um sinal de degeneração: (a) É preciso considerar que nos povos antigos, no auge de sua cultura, a inversão era um fenômeno frequente, quase que uma instituição dotada de importantes funções; (b) Ela é extremamente difundida em muitos povos selvagens e primitivos, ao passo que o conceito de degeneração costuma restringir-se à civilização elevada (cf. I. Bloch); e mesmo entre povos civilizados da Europa, o clima e a raça exercem a mais poderosa influência sobre a disseminação e o juízo que se faz da inversão (Freud, 1996e, p.131-132).

Com isso, Freud avança sobre a questão do *inatismo* da *inversão*, mas ressalta a importância que poderiam ter as impressões sexuais na infância ou no decorrer da vida, ressaltando que poderiam influenciar quaisquer indivíduos a diferentes destinos pulsionais, além do *invertido*. Ademais, aponta que determinadas práticas terapêuticas sugestivas também poderiam influenciar no comportamento *invertido* ou *perverso* (diferenciando o segundo do primeiro em relação a todo uso não genital da sexualidade, como a boca, olhar etc.), até suspendendo-o. Com isso, conclui:

> Nem a hipótese de que a inversão é inata, nem tampouco a conjectura alternativa de que é adquirida explicam sua natureza. No primeiro caso, é preciso dizer o que há nela de inato, para que não se concorde com a explicação rudimentar de que a pessoa traz consigo, em caráter inato, o vínculo da pulsão sexual com determinado objeto sexual. No outro caso, cabe perguntar se as múltiplas influências acidentais bastariam para explicar a aquisição da inversão, sem necessidade de que algo no indivíduo fosse ao encontro delas. A negação deste último fator, segundo nossas colocações anteriores, é inadmissível (Freud, 1996e, p.133).

Portanto, pode-se ver que Freud busca estabelecer um caráter complexo para a constituição não apenas da homossexualidade, mas também de toda a constituição sexual, revelando não apenas as influências hereditárias que poderiam estar atreladas à força da pulsão sexual de cada indivíduo, mas também o modo como essa pulsão produzirá "sobressaltos sexuais" em seu desenvolvimento. O que, a partir da referência freudiana, torna-se um dos focos de observação e tratamento psicanalítico, ou seja, uma modalidade clínica que trata mais as formas de repressão que recaem sobre o sujeito do que propriamente o desejo. Nesse sentido diz ele:

> Verificou-se por esse caminho que os sintomas representam um substituto de aspirações que extraem sua força da fonte da pulsão sexual. Harmoniza-se plenamente com isso o que sabemos sobre o caráter dos histéricos (aqui tomados por modelo de todos os psiconeuróticos) antes de seu adoecimento, bem como sobre as ocasiões que precipitam a doença. **O caráter histérico permite identificar um grau de recalcamento sexual** que ultrapassa a medida normal; uma intensificação da resistência à pulsão sexual (que já ficamos conhecendo como vergonha, asco e moralidade); e uma fuga como que instintiva a qualquer ocupação do intelecto com o problema do sexo, que tem como consequência, nos casos mais acentuados, a manutenção de uma completa ignorância sexual, mesmo depois de alcançado o período de maturidade sexual (Freud, 1996e, p.155-156, negrito nosso).

Contudo, ele vai além da questão sobre o que a psicanálise pode observar e tratar e aponta claramente as consequências patológicas que a *repressão* pode, por meio do *recalque* e da *moralidade*, ocasionar ao sujeito em caso de renúncia do desejo sexual:

> Esse traço de caráter, tão essencial na histeria, não raro escapa à observação

> casual, ficando encoberto pelo segundo fator constitucional da histeria, ou seja, o desenvolvimento desmedido da pulsão sexual; somente a análise psicológica sabe desvendá-lo em todas as oportunidades e solucionar a enigmática contradição da histeria, registrando a presença desse par de opostos: uma necessidade sexual desmedida e uma excessiva renúncia ao sexual (Freud, 1996e, p.156).

Portanto, estabelecendo muitas diferenças em relação ao que se pensava em sua época[114], Freud insiste em defender, além da psicanálise, a expressão livre do desejo sexual, de modo que se pode levantar um ideal ético-político em relação à sua posição e àquilo que é conhecido em sua época como "vitorianismo" (Foucault, 1984a). Ainda nesse sentido, como Freud estabelece uma forma crítica de abordar a sexualidade ao considerar as condições de superação das dificuldades e de realização do desejo em meio a uma vida social, ele também consegue levantar o que seria "o caráter patológico atrelado à sexualidade":

> Na maioria dos casos podemos encontrar o caráter patológico da perversão, não no conteúdo do novo alvo sexual, mas em sua relação com a normalidade. Quando a perversão não se apresenta ao lado do alvo e do objeto sexuais normais, nos casos em que a situação é propícia a promovê-la e há circunstâncias desfavoráveis impedindo a normalidade, mas antes suplanta e substitui o normal em todas as circunstâncias, ou seja, quando há nela as características de exclusividade e fixação, então nos vemos autorizados, na maioria das vezes, a julgá-la como um sintoma patológico (Freud, 1996e, p.152-153).

Com isso, conclui-se que já nesse período inicial da teoria freudiana a homossexualidade não é tratada como um objeto a ser curado. Condição fundamental que acompanha os desenvolvimentos posteriores que o tema encontrará em sua obra.

Seguindo o caminho trilhado por Freud (1996i), o próximo ponto a ser explorado encontra-se principalmente no texto "Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância". A

---

[114] Para isso é importante acompanhar o argumento de Freud (1996e, p.152) em "Três ensaios...": "A experiência cotidiana mostrou que a maioria dessas transgressões, no mínimo as menos graves dentre elas, são um componente que raramente falta na vida sexual das pessoas sadias e que é por elas julgado como qualquer outra intimidade. Quando as circunstâncias são favoráveis, também as pessoas normais podem substituir durante um bom tempo o alvo sexual normal por uma dessas perversões, ou arranjar-lhe um lugar ao lado dele. Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que se possa chamar de perverso, e essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão. Justamente no campo da vida sexual é que se tropeça com dificuldades peculiares e realmente insolúveis, no momento em que se quer traçar uma fronteira nítida entre o que é mera variação dentro da amplitude do fisiológico e o que constitui sintomas patológicos./ Ainda assim, em muitas dessas perversões a qualidade do novo alvo sexual é de tal ordem que requer uma apreciação especial. Algumas delas afastam-se tanto do normal em seu conteúdo que não podemos deixar de declará-las 'patológicas', sobretudo nos casos em que a pulsão sexual realiza obras assombrosas (lamber excrementos, abusar de cadáveres) na superação das resistências (vergonha, asco, horror ou dor). Nem mesmo nesses casos, porém, pode-se ter uma expectativa certeira de que em seus autores se revelem regularmente pessoas com outras anormalidades graves ou doenças mentais. Tampouco nesses casos pode-se passar por cima do fato de que pessoas cuja conduta é normal em outros aspectos colocam-se como doentes apenas no campo da vida sexual, sob o domínio da mais irrefreável de todas as pulsões. Por outro lado, a anormalidade manifesta nas outras relações da vida costuma mostrar invariavelmente um fundo de conduta sexual anormal".

importância desse trabalho reside no lugar dado por Freud à homossexualidade, retirando-a definitivamente de um campo patológico e relacionando-a ao campo da ciência e das artes.

O texto inicia-se exaltando a grandiosidade de Leonardo da Vinci, cientista e artista que dispensa apresentações até os dias de hoje, devido à importância e ao reconhecimento social que possui. A busca por uma compreensão o mais ampla possível da vida de qualquer expoente cultural perpassa pela análise de aspectos constitutivos de sua subjetividade, como por exemplo a sexualidade. Desse modo, sobre Da Vinci, caberia o reconhecimento da sua sexualidade, no sentido de sua atividade e individualidade, como qualquer outro fator de sua vida. Fato que Freud (1996i, p.79) observa ser ocultado pelos biógrafos do artista e que lhe parece estranho, uma vez que "[e]m uma época que presenciou a luta entre uma sensualidade sem limites e um ascetismo melancólico, Leonardo representava a fria rejeição da sexualidade – coisa que não se deveria esperar de um artista e pintor da beleza feminina".

A resposta encontrada nos críticos e biógrafos é insuficiente para Freud, pois, de modo geral, indicam que a busca por sabedoria de todas as coisas teria impedido Leonardo de amar. Então o psicanalista conclui as coisas de uma forma diferente.

> O valor nesses comentários de Leonardo não está em olhá-los como reveladores de fatos psicológicos importantes pois o que eles afirmam é, obviamente, falso, e Leonardo era tão sabedor disto quanto nós. Não é verdade que os seres humanos protelam o amor ou o ódio até adquirirem conhecimento mais profundo e maior familiaridade com o objeto desses sentimentos. Ao contrário, amam impulsivamente, movidos por emoções que nada têm a ver com conhecimento e cuja ação, muito ao contrário, poderá ser amortecida pela reflexão e pela observação. Leonardo, portanto, poderia, no máximo, querer dizer que o amor praticado por seres humanos não seria tão desejável e irrepreensível: *dever-se-ia* amar controlando o sentimento, sujeitando-o à reflexão e somente permitir sua existência quando capaz de resistir à prova do pensamento. Percebemos, assim, que procurou mostrar-nos como ele próprio procedia e demonstrar que todos deveriam tratar o amor e o ódio como ele fazia (Freud, 1996i, p.83).

Nesse sentido:

> A transformação da força psíquica instintiva em várias formas de atividade, da mesma maneira que a transformação das forças físicas, não poderia ser realizada sem prejuízo. O exemplo de Leonardo mostra-nos quantas outras coisas precisam ser consideradas com relação a estes processos. O adiamento do amor até o seu pleno conhecimento constitui um processo artificial que se transforma em substituição. De um homem que consegue chegar até o conhecimento não se poderá dizer que ama ou odeia; situa-se além do amor e do ódio. Terá pesquisado em vez de amar. E será, talvez, este motivo pelo qual a vida de Leonardo foi tão mais pobre de amor do que a de outros grandes homens, e de outros artistas (Freud, 1996i, p.84).

Por fim, conclui: "O artista usara o pesquisador para servir à sua arte; agora o servo

tornou-se mais forte que o seu senhor e o dominou" (Freud, 1996i, p.86). Esse caminho escolhido para apresentação do texto sobre Leonardo, busca justificar o trajeto trilhado por Freud para abordar a relação entre a sublimação e a homossexualidade, presente em diferentes momentos de sua obra.

Ao destacar a capacidade de investigação ocupando o lugar da expressão de sua sexualidade, o tema da sublimação já está subentendido, mas, para dar melhor destaque a isso, recorre-se ao que Freud apresenta em "Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna":

> **O instinto sexual** – ou, mais corretamente, os instintos sexuais, pois a investigação analítica nos ensina que o instinto sexual é formado por muitos constituintes ou instintos componentes – **apresenta-se provavelmente mais vigorosamente desenvolvido no homem do que na maioria dos animais superiores**, sendo sem dúvida mais constante, desde que superou completamente a periodicidade à qual é sujeito nos animais. **Esse instinto coloca à disposição da atividade civilizada uma extraordinária quantidade de energia, em virtude de uma singular e marcante característica: sua capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente a sua intensidade. A essa capacidade de trocar seu objetivo sexual original por outro, não mais sexual, mas psiquicamente relacionado com o primeiro, chama-se capacidade de sublimação.** Contrastando com essa motilidade, na qual reside seu valor para a civilização, o **instinto sexual** é passível também de fixar-se de uma forma particularmente obstinada, que o inutiliza e o leva algumas vezes a degenerar-se até as chamadas anormalidades. O vigor original do **instinto sexual** provavelmente varia com o indivíduo, o que sem dúvida também acontece com a parcela do instinto suscetível de sublimação. Parece-nos que a constituição inata de cada indivíduo é que irá decidir primeiramente qual parte do seu **instinto sexual** será possível sublimar e utilizar (Freud, 1996g, p.174, negrito nosso).

O "caso" de Leonardo pode ser destacado como notável para Freud por duas razões: a suposta assexualidade desse artista em um período de efervescência das relações sexuais em meio a uma sociedade altamente religiosa; e a sua grande produção intelectual. A argumentação do psicanalista seguiu o caminho das pulsões até retornar à infância. Indicou que a maioria das pessoas consegue "orientar uma boa parte das forças resultantes do instinto sexual para sua atividade profissional. O instinto sexual presta-se bem a isso, já que é dotado de uma capacidade de sublimação" (Freud, 1996i, p.86). Isso decorre de que a pulsão sexual na infância se encontra principalmente parcializada: a fim de satisfazer interesses sexuais, a criança realiza pesquisas e investigações sobre o seu corpo e os interesses no mundo, atrelados aos seus sentimentos e desejos. Ainda na infância, a pulsão de saber ganha força à medida que acontecimentos importantes surgem na vida das crianças, como a busca pela origem dos bebês e a relação edípica, quando a criança supõe haver alguma forma de fazer bebês com o pai e/ou a mãe, apesar de não compreender a sua incapacidade orgânica para tal. Nesse percurso, Freud (1996i,

p.88, negrito nosso) destaca os caminhos que as pesquisas infantis e a pulsão de saber podem assumir, principalmente após a dissolução edípica:

> Quando o período de pesquisa sexual infantil chega a um final após um período de enérgica repressão sexual, **o impulso de pesquisa terá três possíveis diferentes vicissitudes**, resultantes de sua relação primitiva com interesses sexuais. **No primeiro caso, a pesquisa participa do destino da sexualidade**; portanto, a curiosidade permanecerá inibida e a liberdade da atividade intelectual poderá ficar limitada durante todo o decorrer de sua vida, sobretudo porque, logo a seguir, a influência da educação acarretará uma intensa inibição religiosa do pensamento. Este é o tipo caracterizado por uma inibição neurótica. Bem sabemos que o enfraquecimento intelectual adquirido nesse processo representa um fator efetivo na irrupção de uma enfermidade neurótica. **Num segundo tipo, o desenvolvimento intelectual é suficientemente forte para resistir à repressão sexual que o domina**. Algum tempo após o término das pesquisas sexuais infantis, a inteligência, tendo se tornado mais forte, recorda a antiga associação e ajuda a evitar a **repressão sexual**, e as **suprimidas atividades sexuais de pesquisa emergem do inconsciente** sob a forma de uma preocupação pesquisadora compulsiva, naturalmente sob uma forma distorcida e não livre, mas suficientemente forte para **sexualizar o próprio pensamento e colorir as operações intelectuais, com o prazer e a ansiedade característicos dos processos sexuais**. Neste caso, a pesquisa torna-se uma **atividade sexual**, muitas vezes a única, e o sentimento que advém da intelectualização e explicação das coisas substitui a **satisfação sexual**; mas o caráter interminável das pesquisas infantis é também repetido no fato de que tal preocupação nunca termina e que o sentimento intelectual, tão desejado, de alcançar uma solução, torna-se cada vez mais distante.

Até esse momento, os dois destinos dados por Freud não abordam diretamente ou de modo determinante a homossexualidade, antes apontam para possíveis formas de adoecimento. No primeiro, a renúncia sexual parece ser um destino possível, porém atrelado a um estado de coisas que impossibilita que o indivíduo venha a conhecer sozinho as razões pelas quais essa renúncia opera em sua vida atual. Na realidade, é o quadro típico da frigidez das mulheres e da frieza emocional dos homens que ele trabalha em seus primeiros escritos psicanalíticos. No segundo caso, relações afetivas e sexuais apresentam-se quase impossíveis para o indivíduo, que de todo modo as deseja. Nesse caso, o interesse intelectual e cultural desenvolvido de forma obcecada representa um exemplo notório, como nos casos existentes à época de Freud, chamados de “psicose de dona de casa”, ou no caso de pessoas que viviam primordialmente para seus empregos.

Contudo, há um terceiro destino para as pesquisas sexuais:

> Devido a uma predisposição especial, o terceiro tipo, que é o mais raro e mais perfeito, escapa tanto à inibição do pensamento quanto ao pensamento neurótico compulsivo. É verdade que nele também existe a repressão sexual, mas ela não consegue relegar para o inconsciente nenhum componente

> instintivo do desejo sexual. Em vez disso, a libido escapa ao destino da repressão sendo sublimada desde o começo em curiosidade e ligando-se ao poderoso instinto de pesquisa como forma de se fortalecer. Também nesse caso a pesquisa torna-se, até certo ponto, compulsiva e funciona como substitutivo para a atividade sexual; mas, devido à total diferença nos processos psicológicos subjacentes (sublimação ao invés de um retorno do inconsciente), a qualidade neurótica está ausente; não há ligação com os complexos originais da pesquisa sexual infantil e o instinto pode agir livremente a serviço do interesse intelectual. A repressão sexual, que tornou o instinto tão forte ao acrescentar-lhe libido sublimada, ainda influencia o instinto, no sentido de fazê-lo evitar qualquer preocupação com temas sexuais (Freud, 1996i, p.88-89).

Como Freud sugere, haveria uma aproximação do terceiro destino com o segundo, no entanto, o que difere um do outro é a ocorrência da sublimação. É complementar a essa ideia a fórmula de que *as neuroses são o negativo das perversões*, na medida em que a satisfação na neurose passa por um afastamento do conteúdo sexual, por conta do *recalque*, ao passo que os *perversos* são aqueles que conseguem satisfazer-se sublimando esse conteúdo, sem deixar de entrar em contato com ele. Devido a esse caminho, ele aproxima a sua análise sobre Leonardo da Vinci de uma teoria da homossexualidade, levantando a seguinte hipótese:

> Se refletirmos acerca da ocorrência, em Leonardo, desse poderoso instinto de pesquisa e a atrofia de sua vida sexual (restrita ao que poderíamos chamar de homossexualidade ideal [sublimada]), sentir-nos-emos inclinados a proclamá-lo um modelo ideal do nosso terceiro tipo. A essência e o segredo de sua natureza parecem derivar do fato de que, depois de sua curiosidade ter sido ativada, na infância, a serviço de interesses sexuais, conseguiu sublimar a maior parte da sua libido em sua ânsia pela pesquisa (Freud, 1996i, p.89).

Apesar desse percurso, que revela o lugar inequívoco da homossexualidade localizada por Freud fora do campo patológico, sem descartar a possibilidade de adoecimento neurótico de homossexuais, falta ainda o entendimento das condições psíquicas que descrevem a gênese e o funcionamento da homossexualidade (e, por via de consequência, da heterossexualidade). O desenvolvimento desse raciocínio pode ser melhor explicitado com o entendimento da diferenciação das forças pulsionais, que será apresentado a seguir.

Porém, antes de concluir essa subcategoria, no intuito de explicitar melhor a desconstrução operada por Freud acerca da homossexualidade e das *ditas perversões* em sua época, cabe tentar expor a sua posição diante do tratamento dos homossexuais. Para isso, primeiro deve-se explorar mais uma vez o percurso que ele realiza para introduzir e abordar o tema. Assim, retornemos ao texto de Leonardo da Vinci, em que Freud (1996i, p.106) discute a "natureza homossexual":

> Os homossexuais, que em nossos dias se têm defendido energicamente das

> restrições impostas por lei às suas atividades sexuais, gostam de ser apresentados, por intermédio de seus teóricos defensores, como pertencendo a uma espécie diferente, como um estágio sexual intermediário ou como um "terceiro sexo".

E ele segue Freud (1996i, p.16) com uma abordagem que tensiona o discurso dos próprios homossexuais em relação ao que para ele é o método psicanalítico, em última instância científico:

> Eles se declaram homens inatamente compelidos, por disposições orgânicas, a achar prazer com outros homens, o que não conseguem com mulheres. Por maior que seja a nossa vontade, por motivos humanitários, de acatar suas declarações, devemos analisar as suas teorias com reservas, pois foram feitas sem levar em conta a gênese psíquica da homossexualidade. A psicanálise oferece meios para preencher essa lacuna e para testar as afirmativas dos homossexuais.

E conclui apontando para um aspecto muito mais pertinente ao desenvolvimento do que por fatores genéticos, mas sem reduzir essa natureza por meio de aspectos relacionais nucleares e sociais. Desse modo, salienta a importância das relações próximas que a criança estabelece e da cultura que se manifesta por conta da repressão:

> Embora só tenha conseguido colher dados de um número reduzido de pessoas, todas as investigações empreendidas até agora produziram o mesmo resultado surpreendente. Em todos os nossos casos de homossexuais masculinos, os indivíduos haviam tido uma ligação erótica muito intensa com uma mulher, geralmente sua mãe, durante o primeiro período de sua infância, esquecendo depois esse fato; essa ligação havia sido despertada ou encorajada por demasiada ternura por parte da própria mãe, e reforçada posteriormente pelo papel secundário desempenhado pelo pai durante sua infância. [...] O amor da criança por sua mãe não pode mais continuar a se desenvolver conscientemente – ele sucumbe à repressão. O menino reprime seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor. Desse modo ele transformou-se num homossexual (Freud, 1996i, p.106-107).

Esse modo de compreender a "natureza homossexual" leva-o a uma postura crítica diante da questão de "tratar ou curar a sexualidade". Nesse sentido, retomemos as suas considerações na "Conferência XXVII – Transferência" (Freud, 1996n), segundo as quais a primeira etapa do tratamento já permite, independentemente das particularidades de cada indivíduo, vislumbrar o que submeteria cada um à privação sexual ou o que impediria uma *vida completa*.

> Se as restrições da ética, impostas pela sociedade, têm um papel na privação imposta ao paciente, o tratamento pode, afinal, dar-lhe a coragem, ou, quem sabe, a recomendação direta de desprezar essas barreiras e de conseguir sua satisfação e a **recuperação de sua saúde, embora, com isso, desista de cumprir um ideal que a sociedade exalta, mas ao qual ela tão raramente adere**. Assim, o paciente tornar-se-á sadio por "viver uma vida completa",

> sexualmente (Freud, 1996n, p.434, negrito nosso).

Freud estava claramente mais comprometido com o paciente em sua proposta psicanalítica do que com ideais sociais. Assim, *vida completa*, para ele, não se refere a um compromisso com uma normatividade, e sim a ter condições de se satisfazer. Não obstante, a *repressão* que os instintos e pulsões sofrem é o foco para o tratamento, pois a observação dela permite adentrar naquilo que Freud identifica como sintomas substitutos.

> **Uma recomendação ao paciente para "viver uma vida completa" sexualmente por certo não poderia desempenhar um papel no tratamento analítico** – no mínimo porque nós próprios declaramos que um persistente conflito se realiza, no paciente, entre um impulso libidinal e a repressão sexual, entre uma tendência sensual e uma tendência ascética. [...] Vemos, na realidade, que nos neuróticos o ascetismo está no poder; e a consequência é, justamente, a tendência sexual suprimida encontrar uma vida através de sintomas. **Se, ao contrário, formos assegurar a vitória da sensualidade, então a repressão sexual, que foi posta de lado, necessariamente haverá de ser substituída por sintomas** (Freud, 1996n, p.434-435, negrito nosso).

Apesar disso, ele reconhece as limitações impostas ao tratamento, as quais demandam tempo e empenho, e, por isso, pondera que "se um homem jovem e abstinente se decide em favor de relações sexuais ilícitas, ou se uma esposa insatisfeita procura alívio com outro homem, essas pessoas, via de regra, não aguardaram a permissão de um médico ou, mesmo, de seu analista" (Freud, 1996n, p.435). E, de fato, uma psicanálise poderia propiciar a um indivíduo que não tivesse de tomar certas ideias e regras que não mais, ou nunca, lhe foram de serventia, mas não é algo que seja possível impor, assim como qualquer outro tratamento que se proponha humanizado. Desse modo, conclui:

> É verdade que não somos reformadores, mas apenas observadores; não obstante, não podemos deixar de observar com olho crítico, e constatamos ser impossível tomar o partido da moralidade sexual convencional ou ter em alto apreço a forma pela qual a sociedade procura regulamentar na prática os problemas da vida sexual (Freud, 1996n, p.436).

3.2.6 Civilização e atividade sexual: o drama pulsional e as condições da constituição da sexualidade

Quais as condições para pensar a vida sexual em Freud? De fato, ele discutiu ao longo de toda a sua obra as condições de satisfação, de infelicidade e adoecimento em especial a partir da noção de "frustração sexual". Em razão disso, propõe-se aqui a discussão sobre o que ocupa a vida sexual dos indivíduos e como ela se dá na vida adulta. Para bem colocar essa dupla

questão, é necessário tentar formular outras perguntas: 1. Qual a dinâmica psíquica que Freud estabelece para o que se chama de "vida sexual"? 2. Quais as condições que devem ser estabelecidas para compreender tanto "a função como a operatividade da satisfação sexual"?

Para a abordagem desses temas, convém primeiramente retomar as considerações de Freud (1996e) em seu prefácio aos "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade" sobre as resistências encontradas pela abordagem psicanalítica da sexualidade. O exposto nesse prefácio não apenas delimita claramente a abordagem que ele deu para seu estudo canônico do campo da sexualidade, mas também apresenta uma perspectiva sobre o caminho que a psicanálise trilhou para adentrar o campo da "ciência sexual. Então, a princípio, levanta-se a questão sobre a constituição de uma "teoria sexual" a partir da psicanálise; e ele é bastante direto indicando uma negativa sobre isso, somando a seu argumento a consideração de que "é compreensível que não tomem posição acerca de muitos problemas importantes da vida sexual" (p.124) – pois, de fato, a psicanálise não está voltada para "explicar a sexualidade" ou atribuir sexualidade a tudo que seja do humano.

Nesse sentido, delimita a etiologia sexual, considerando-a um ponto de partida para pensar de forma conceitual e empírica a sexualidade.

> **Junto a sua total dependência da investigação psicanalítica, devo destacar, como característica desse meu trabalho, sua deliberada dependência da investigação biológica**. Evitei cuidadosamente introduzir expectativas científicas provenientes da biologia sexual geral, ou da biologia das espécies animais em particular, no estudo da função sexual do ser humano que nos é possibilitado pela técnica da psicanálise. **A rigor, meu objetivo foi sondar o quanto se pode apurar sobre a biologia da vida sexual humana com os meios acessíveis à investigação psicológica**; era-me lícito assinalar os pontos de contato e concordância resultantes dessa investigação, mas não havia por que me desconcertar com o fato de o método psicanalítico, em muitos pontos importantes, levar a opiniões e resultados consideravelmente diversos dos de base meramente biológica (Freud, 1996e, p.125).

A ênfase da biologia como objeto de observação psicológico se dá de forma indireta. Segue a partir disso, criticando a redução da compreensão da sexualidade à vida anímica, no sentido da dimensão consciente. Em 1907 está bem estabelecida para Freud não só a preponderância dos fatores inconscientes na constituição das neuroses, mas também para todas as vicissitudes psíquicas. Por isso, lança mão de uma tese tão complexa a partir da observação dos fatores sexuais, mediante a hipótese da determinação de um desejo inconsciente. Ele não propõe apenas definir um conceito operativo que permita abarcar a saúde sexual e o desenvolvimento sexual, como também defende, igualmente, a relevância de ampliar aquilo que a cultura e a ciência entendem como "temas sexuais".

> Mas convém lembrar ainda que parte do conteúdo deste escrito – a saber, sua insistência na importância da vida sexual para todas as realizações humanas e a ampliação aqui ensaiada do **conceito de sexualidade** – tem constituído, desde sempre, o mais forte motivo para a resistência que se opõe à psicanálise. No afã de encontrar tópicos grandiloquentes, chegou-se até a falar no "pansexualismo" da psicanálise e **a fazer a esta a absurda censura de que ela explicaria "tudo" a partir da sexualidade**. Só é possível assombrar-se com isso quando se esquece quão confuso e distraído se pode ficar em decorrência dos fatores afetivos. **Já faz um bom tempo que o filósofo Arthur Schopenhauer mostrou aos homens em que medida seus feitos e interesses são determinados por aspirações sexuais – no sentido corriqueiro da expressão** –, e parece incrível que todo um mundo de leitores tenha conseguido banir de sua mente, de maneira tão completa, uma advertência tão impressionante! E quanto à "ampliação" do conceito de sexualidade, que a análise das crianças e dos chamados perversos tornou necessária, **todos aqueles que desde seu ponto de vista superior olham desdenhosamente para a psicanálise deveriam lembrar-se de quanto essa sexualidade ampliada da psicanálise se aproxima do Eros do divino Platão** (Freud, 1996e, p.126-127, negrito nosso).

Dentro do que pode ser observado nessa citação, destaca-se o interesse em ampliar a conceituação da sexualidade. Para tanto, além da clínica, Freud se ampara também em escritores como Goethe, Shakespeare, Jensen, artistas e filósofos, com especial importância para Schopenhauer e Platão, quando aborda temas sexuais. Ambos os autores retornam, ao longo da obra freudiana, para ele falar sobre esses mesmos problemas que levanta em relação a suas teorias e o que expõe a partir da psicanálise. No caso de Schopenhauer, Freud o cita diretamente em "As resistências à psicanálise", de 1925: diz

> Em realidade, porém, nós a vemos a todo momento sentar-se como **verdadeira senhora hereditária do mundo, na plenitude de sua própria força, em seu trono ancestral, e desde lá, olhando para baixo com miradas desdenhosas, a rir dos preparativos que foram efetuados para amarrá-la, aprisioná-la ou, pelo menos, limitá-la, e, onde quer que possível, mantê-la oculta ou mesmo dominá-la de tal forma que apareça apenas como um interesse secundário, subordinado, da vida**. Tudo isso, porém, concorda com o fato de **a paixão sexual ser o ponto central da vontade de viver**, e, consequentemente, a concentração de todo desejo; portanto, no texto chamei **os órgãos genitais de foco da vontade**. Em verdade, pode-se dizer que **o homem é desejo sexual concreto**, pois sua origem é um ato de cópula e somente essa tendência perpetua e mantém unida toda a sua existência fenomênica. **A vontade de viver manifesta-se primariamente, com efeito, como um esforço de sustentar o indivíduo**; contudo, isso constitui apenas um passo para o esforço de sustentar a espécie, e o último esforço tem de ser mais poderoso em proporção, na medida em que a vida da espécie ultrapassa a do indivíduo em duração, extensão e valor. **A paixão sexual, portanto, é a mais perfeita manifestação da vontade de viver**, seu tipo mais distintamente expresso; e a origem do indivíduo nela e sua primazia sobre todos os outros desejos do homem natural estão em completo acordo com isso (Freud, 1996q, p.252, negrito nosso).

O que Freud parece indicar com essa citação é uma amplificação da ideia do que o sexual e o instinto sexual portam em relação àquilo que é comumente tomado no senso comum como o desejo sexual, ou seja, um desejo sobre o ato sexual. Com isso, não se quer dizer que esse entendimento elimina o próprio desejo, mas que o insere de forma mais ampla na condição existencial dos indivíduos, para além de apenas aquilo que biologicamente definiria o início do coito. Em "Além do princípio de prazer", ele também retoma Schopenhauer para falar da relação entre "o sexual" e a vontade de viver:

> Existe algo mais, de qualquer modo, a que não podemos permanecer cegos. Inadvertidamente voltamos nosso curso para a baía da filosofia de Schopenhauer. Para ele, a morte é o "verdadeiro resultado e, até esse ponto, o propósito da vida", **ao passo que o instinto sexual é a corporificação da vontade de viver** (Freud, 1996p, p.58, negrito nosso).

Ao relacionar o instinto sexual com aquilo que movimenta a vida do indivíduo, Freud coloca a sexualidade como um tema central que articula direta e indiretamente as decisões. Contudo, essa postura levou-o a diferenciar a *pulsão de vida* da *pulsão de morte* e os *instintos do ego* dos *instintos sexuais*, tratando-se de momentos díspares de sua obra que ficaram marcados respectivamente como segunda e primeira tópicas. Ao argumentar a preponderância da dimensão sexual sobre a dinâmica pulsional, em "Transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal", de 1917, ele relacionou Schopenhauer para adentrar a questão do narcisismo do inconsciente:

> Há filósofos famosos que podem ser citados como precursores – acima de todos, o grande pensador Schopenhauer, cuja "Vontade" inconsciente equivale aos instintos mentais da psicanálise. Foi esse mesmo pensador, ademais, que em palavras de inesquecível impacto, advertiu a humanidade quanto à importância, ainda tão subestimada pela espécie humana, da sua ânsia sexual. **A psicanálise tem apenas a vantagem de não haver afirmado essas duas propostas tão penosas para o narcisismo – a importância psíquica da sexualidade e a inconsciência da vida mental – sobre uma base abstrata, mas demonstrou-as em questões que tocam pessoalmente cada indivíduo e o forçam a assumir alguma atitude em relação a esses problemas** (Freud, 1996o, p.151-152, negrito nosso).

Essa postura de expandir os problemas da vida sexual leva Freud a se deparar com críticas de diversos campos culturais. Consequentemente, passa a falar não apenas da repressão moral sobre a sexualidade, mas também de suas consequências para a saúde dos indivíduos, pois lhe é imprescindível rebater argumentos reducionistas sobre as teses psicanalíticas. Por conta disso, em "Resistências à psicanálise", de 1925, vê-se Freud (1996q, p.246) argumentando ainda em meio aos mesmos problemas que encontrou inicialmente, e estão

destacados no prefácio dos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”

> Os opositores da psicanálise esqueceram, contudo, seus ilustres precursores; caíram sobre ela como se houvesse cometido uma agressão à dignidade da raça humana. Acusaram-na de “pansexualismo”, embora a teoria psicanalítica dos instintos tivesse sido sempre estritamente dualista e em tempo algum deixasse de reconhecer, juntamente com os instintos sexuais, outros a que realmente atribui força suficiente para suprimir os instintos sexuais. (Essas forças mutuamente opostas foram inicialmente descritas como os instintos sexuais e os instintos do ego. Um desenvolvimento teórico posterior transformou-as em Eros e o instinto de morte ou destruição.) A sugestão de que a arte, a religião e a ordem social em parte se originavam de uma contribuição dos instintos sexuais foi representada pelos oponentes da análise como uma degradação dos mais elevados valores culturais. Enfaticamente declararam que o homem possui outros interesses ao lado desse eterno interesse do sexo, desprezando em seu zelo o fato de que também os animais têm outros interesses – na verdade, estão sujeitos à sexualidade não de modo permanente, como os homens, mas apenas mediante turnos que ocorrem em períodos específicos –, desprezando também o fato de que a existência desses outros interesses no homem jamais foi discutida e que nada pode ser alterado no valor de uma realização cultural por demonstrar-se que ela derivou de fontes instintuais elementares e animais.

No entanto, além da ampliação que Freud (1996q) propõe, nesse diálogo com Schopenhauer – que caracteristicamente é um filósofo idealista precursor do materialismo filosófico –, podem igualmente ser consideradas as suas articulações sobre “a sexualidade e Eros” – uma maneira de desdobrar o “sexual” em seus atributos mais elevados. Nesse sentido, abre diálogo com as reflexões platônicas em alguns momentos de sua obra, postura que que permite ver além da concretude dada a Schopenhauer, pela questão da “sexualidade e a ontologia”, uma elevação da sexualidade às representações de mais alto valor social. Assim, destaca-se em “Psicologia de grupo e análise do ego” (1996p), de 1921, o conceito de libido e o “amor sexual” em prol de localizar a origem dos instintos sexuais.

> **Libido é expressão extraída da teoria das emoções**. Damos esse nome à **energia, considerada como uma magnitude quantitativa** (embora na realidade não seja presentemente mensurável), **daqueles instintos que têm a ver com tudo o que pode ser abrangido sob a palavra “amor”. O núcleo do que queremos significar** por amor consiste naturalmente (e é isso que comumente é chamado de amor e que os poetas cantam) no **amor sexual, com a união sexual como objetivo**. Mas não isolamos disso – que, em qualquer caso, tem sua parte no nome “amor” –, por um lado, o amor próprio, e, por outro, o amor pelos pais e pelos filhos, a amizade e o amor pela humanidade em geral, bem como a devoção a objetos concretos e a ideias abstratas. Nossa justificativa reside no fato de que a pesquisa psicanalítica nos ensinou que todas essas tendências constituem expressão dos mesmos impulsos instintuais; nas relações entre os sexos, esses impulsos forçam seu caminho no sentido da união sexual, mas, em outras circunstâncias, são desviados desse objetivo ou impedidos de atingi-lo, embora sempre conservem o bastante de sua natureza

> original para manter reconhecível sua identidade (como em características tais como o anseio de proximidade e o autossacrifício) (Freud, 1996p, p.96, negrito nosso).

Assim como faz para abarcar a sexualidade infantil, Freud amplia o que compreende por "sexualidade" para outras esferas da vida, no caso, a social, sem deixar suas bases psíquicas. Assim, a energia sexual que atribui à libido (força motora do inconsciente e das manifestações do seu desejo) passa a ser a base para analisar as relações que a sociedade institui entre os indivíduos. Com isso, o que se constitui como uma força individual, para ele também representa a realização do Eros de Platão, que "coincide exatamente com a força amorosa, a libido da psicanálise" (Freud, 1996p, p.97). Ainda nesse sentido, recorre ao filósofo grego para uma analogia, em "Além do princípio de prazer": "O que tenho no espírito é, naturalmente, a teoria que Platão colocou na boca de Aristófanes no *Symposium* e que trata não apenas da origem do instinto sexual, mas também da mais importante de suas variações em relação ao objeto" (p.66).

Trata-se de uma apologia ao diálogo platônico *Banquete* [*Symposium*]. Obra fundamental da cultura ocidental, versa sobre o que é o amor e o aborda nas suas diversas acepções elencadas pela filosofia grega. Essa amplitude do tema do amor é congruente com a proposta de Freud para a sexualidade, pois compreende desde a *Interpretação dos sonhos* até a complexidade, por vezes assustadora de admitir, reinante entre os fatores sexuais e a construção onírica. De fato, todo o primeiro volume da *Interpretação dos sonhos* (1996b) constitui o material levantado por ele sobre pesquisas e teorias acerca dos sonhos, de modo que nesse levantamento é possível destacar o esforço de Freud em mostrar como o fator sexual está presente em pesquisas que não possuem esse viés. Quanto a isso, se observa muito inicialmente em seus escritos "Sobre os sonhos", de 1901, que

> **Não é por exigência teórica que isso é postulado, mas, para explicar esse fato**, pode-se assinalar que nenhum outro grupo de pulsões é submetido a uma supressão tão vasta pelas exigências da educação cultural quanto as pulsões sexuais; entretanto, ao mesmo tempo, elas são também as pulsões que, na maioria das pessoas, escapam com maior facilidade ao controle das instâncias anímicas superiores (Freud, 1996c, p.697, negrito nosso).

Ao falar de pulsões sexuais ou instinto sexual, Freud enfatiza a diferenciação dos *instintos do ego* e dos *instintos sexuais*, o que implica consequências individuais e sociais que a libido – e, portanto, o aspecto sexual –, ganham em sua obra. As consequências sociais são as que se apresentam nas relações estabelecidas na cultura, as individuais, as observadas na vida adulta pela constituição sexual (noção próxima da compreensão contemporânea de orientação sexual como forma de expressão da sexualidade de cada indivíduo).

Freud busca mostrar a importância social da libido à medida que o sexual pode ser ampliado para a compreensão das instituições sociais, mas também das emoções. Se a existência humana se explicita como uma construção em crise, também é assim para a civilização, o que fica claro em seu diálogo com o cientista Albert Einstein, em "Por que a guerra?", de 1932-1933:

> De acordo com nossa hipótese, os instintos humanos são de apenas dois tipos: aqueles que tendem a preservar e a unir – que denominamos "eróticos", exatamente no mesmo sentido em que Platão usa a palavra "Eros" em seu *Symposium*, ou "sexuais", com uma deliberada ampliação da concepção popular de "sexualidade" –; e aqueles que tendem a destruir e matar, os quais agrupamos como instinto agressivo ou destrutivo. Como o senhor vê, isto não é senão uma formulação teórica da universalmente conhecida oposição entre amor e ódio, que talvez possa ter alguma relação básica com a polaridade entre atração e repulsão, que desempenha um papel na sua área de conhecimentos. Entretanto, não devemos ser demasiado apressados em introduzir juízos éticos de bem e de mal. Nenhum desses dois instintos é menos essencial do que o outro; os fenômenos da vida surgem da ação confluente ou mutuamente contrária de ambos (Freud, 1996t, p.214-215).

Destacando emoções (amor e ódio) portadoras de valores morais, ele enfatiza que o uso social da libido corresponde também à construção de relações, que estão mediadas pelas instituições e as representações que elas impõem. E ainda:

> Em primeiro lugar, podem ser relações semelhantes àquelas relativas a um objeto amado, embora não tenham uma finalidade sexual. A psicanálise não tem motivo por que se envergonhar se nesse ponto fala de amor, pois a própria religião emprega as mesmas palavras: "Ama a teu próximo como a ti mesmo". Isto, todavia, é mais facilmente dito do que praticado. O segundo vínculo emocional é o que utiliza a identificação. Tudo o que leva os homens a compartilhar[em] de interesses importantes produz essa comunhão de sentimento, essas identificações. E a estrutura da sociedade humana se baseia nelas, em grande escala (Freud, 1996t, p.217).

O primeiro vínculo trata diretamente das consequências psíquicas e sociais das relações a partir da repressão sexual e o segundo só é possível, segundo seu pensamento, a partir da *repressão*, porém se estende ao que decorre das *pulsões do ego*. Para pensar o funcionamento da identificação é necessário voltar ao artigo "Sobre o narcisismo", de 1914, no qual, a partir da definição clínica de Paul Näcke para o termo, de 1899, Freud (1996l, p.81) começa a estabelecer sua noção de narcisismo: "denotar a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado – que o contempla, vale dizer, o afaga e o acaricia até obter satisfação completa através dessas atividades".

O *narcisismo* é fundamental para a compreensão freudiana da diferença entre a

heterossexualidade e a homossexualidade, pois é um fator fundamental da dinâmica libidinal entre os *instintos do ego* e os *instintos sexuais*. Porém, inicialmente, Freud diferencia a libido do ego e a libido do objeto, para posteriormente chegar à diferenciação pulsional dos instintos.

> Também vemos, em linhas gerais, uma antítese entre a libido do ego e a libido objetal. Quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia. A libido objetal atinge sua fase mais elevada de desenvolvimento no caso de uma pessoa apaixonada, quando o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor de uma catexia objetal, ao passo que temos a condição oposta na fantasia do paranoico (ou autopercepção) do "fim do mundo". Finalmente, no tocante à diferenciação das energias psíquicas, somos levados à conclusão de que, para começar, durante o estado de narcisismo, elas existem em conjunto, sendo nossa análise demasiadamente tosca para estabelecer uma distinção entre elas. Somente quando há catexia objetal é que é possível discriminar uma energia sexual – a libido – de uma energia dos instintos do ego (Freud, 1996l, p.83-84).

Essa diferenciação da energia psíquica não implica para ele a existência de uma energia não sexual[115], independentemente de qual seja a escolha de objeto (externo ou o próprio ego); o que está em jogo são os desdobramentos do *autoerotismo* durante o desenvolvimento psicossexual[116], que amplia as funções e as modalidades de satisfação pulsional.

> Antes de prosseguir, devo tocar em duas questões que nos levam ao âmago das dificuldades de nosso assunto. Em primeiro lugar, qual a relação entre o narcisismo de que tratamos e o autoerotismo, que descrevemos como um estado inicial da libido? Em segundo, se concedemos ao ego uma catexia primária da libido, por que há necessidade de distinguir ainda uma libido sexual de uma energia não sexual dos instintos do ego? A postulação de uma

---

115 Também no artigo: "O valor dos conceitos 'libido do ego' e 'libido do objeto' reside no fato de que se originam do estudo das características íntimas dos processos neuróticos e psicóticos. A diferenciação da libido numa espécie que é adequada ao ego e numa outra que está ligada a objetos é o corolário inevitável de uma hipótese original que estabelecia distinção entre os instintos sexuais e os instintos do ego. Seja como for, a análise das neuroses de pura transferência (neurose de histeria e obsessiva) compeliu-me a fazer essa distinção, e sei apenas que todas as tentativas para explicar esses fenômenos por outros meios foram inteiramente infrutíferas" (p.85).

116 "Sobre o narcisismo: uma introdução", de 1914: "Existem vários pontos a favor da hipótese de ter havido desde o início uma separação entre os instintos sexuais e os outros instintos do ego, além da utilidade de tal hipótese na análise das neuroses de transferência. Admito que somente essa segunda consideração não seria destituída de ambiguidade, porquanto poderia tratar-se de uma energia psíquica indiferente que só se torna libido através do ato de catexização de um objeto. Mas, em primeiro lugar, a distinção feita nesse conceito corresponde à distinção popular comum entre a fome e o amor. Em segundo lugar, há considerações biológicas a seu favor. O indivíduo leva realmente uma existência dúplice: uma para servir as suas próprias finalidades e a outra como um elo numa corrente, a que ele serve contra sua vontade ou pelo menos involuntariamente. O indivíduo considera a sexualidade como um dos seus próprios fins, ao passo que, de outro ponto de vista, ele é um apêndice de seu germoplasma, a cuja disposição põe suas energias em troca de uma retribuição de prazer. Ele é o veículo mortal de uma substância (possivelmente) imortal – como o herdeiro de uma propriedade inalienável, que é o único dono temporário de um patrimônio que lhe sobrevive. A separação dos instintos sexuais dos instintos do ego simplesmente refletiria essa função dúplice do indivíduo. Em terceiro lugar, devemos recordar que todas as nossas ideias provisórias em psicologia presumivelmente algum dia se basearão numa subestrutura orgânica. Isso torna provável que as substâncias especiais e os processos químicos sejam os responsáveis pela realização das operações da sexualidade, garantindo a extensão da vida individual na da espécie. Estamos levando essa probabilidade em conta ao substituirmos as substâncias químicas especiais por forças psíquicas especiais" (Freud, 1996l, p.85-86).

> única espécie de energia psíquica não nos pouparia de todas as dificuldades que residem em diferenciar uma energia dos instintos do ego da libido do ego, e a libido do ego da libido objetal?
> No tocante à primeira questão, posso ressaltar que estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos autoeróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao autoerotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo (Freud, 1996l, p.84).

A partir do *desenvolvimento do narcisismo*, pode-se pensar a questão da constituição sexual na obra de Freud. Como já apresentado na categoria sobre o complexo de Édipo (item 3.2.2.3) e na sobre a homossexualidade (item 3.2.5), a constituição sexual depende dos desdobramentos que ocorrem diante da *situação edípica* e do desenvolvimento psicossexual; porém o *narcisismo* é o terceiro elemento fundamental para compreender como esses fatores se desdobram particularmente no desenvolvimento sexual de cada pessoa. Como diz Freud:

> Descobrimos, de modo especialmente claro, em pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu alguma perturbação, tais como pervertidos e homossexuais, que **em sua escolha ulterior dos objetos amorosos elas adotaram como modelo não sua mãe, mas seus próprios eus**. Procuram inequivocamente a si mesmas como um objeto amoroso, e exibem um tipo de escolha objetal que deve ser denominado "narcisista". Nessa observação, temos o mais forte dos motivos que nos levaram a adotar a hipótese do narcisismo. [...]
> **Não concluímos, contudo, que os seres humanos se acham divididos em dois grupos acentuadamente diferenciados, conforme sua escolha objetal se coadune com o tipo anaclítico ou o narcisista; pelo contrário, presumimos que ambos os tipos de escolha objetal estão abertos a cada indivíduo, embora ele possa mostrar preferência por um ou por outro.** Dizemos que um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais – ele próprio e a mulher que cuida dele – e ao fazê-lo estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos, o qual, em alguns casos, pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal (Freud, 1996l, p.94-95, negrito nosso)[117].

Ainda quanto ao entendimento sobre as *escolhas de objeto amoroso*, é forçoso reconhecer que Freud parte de questões mais abrangentes de sua época e, por isso, dá preferência à diferenciação dos sujeitos entre homens e mulheres, e entre homossexuais e heterossexuais também nesse padrão. Apesar disso, considera de forma bastante precisa a diferenciação entre os gêneros e as orientações, não abrindo mão da biologia, o que não o impede de proferir suas considerações de modo crítico. Sobre isso, observa-se a caracterização que ele faz sobre a "supervalorização sexual", importante componente a ser destacado na homossexualidade:

---

[117] "Sobre o narcisismo: uma introdução".

> **O amor objetal completo do tipo de ligação é, propriamente falando, característico do indivíduo do sexo masculino. Ele exibe a acentuada supervalorização sexual que se origina, sem dúvida, do narcisismo original da criança, correspondendo assim a uma transferência desse narcisismo para o objeto sexual.** Essa supervalorização sexual é a origem do estado peculiar de uma pessoa apaixonada, um estado que sugere uma compulsão neurótica, cuja origem pode, portanto, ser encontrada num empobrecimento do ego em relação à libido em favor do objeto amoroso. Já com o tipo feminino mais frequentemente encontrado, provavelmente o mais puro e o mais verdadeiro, o mesmo não ocorre. Com o começo da puberdade, o amadurecimento dos órgãos sexuais femininos, até então em estado de latência, parece ocasionar a intensificação do narcisismo original, e isso é desfavorável para o desenvolvimento de uma verdadeira escolha objetal com a concomitante supervalorização sexual. [...] Talvez não seja fora de propósito apresentar aqui a certeza de que essa descrição da forma feminina de vida erótica não se deve a qualquer desejo tendencioso de minha parte no sentido de depreciar as mulheres. Afora o fato de essa tendenciosidade ser inteiramente estranha a mim, sei que essas diferentes linhas de desenvolvimento correspondem à diferenciação de funções num todo biológico altamente complicado; além disso, estou pronto a admitir que existe um número bem grande de mulheres que amam de acordo com os moldes do tipo masculino e que também desenvolvem a supervalorização sexual própria àquele tipo (Freud, 1996l, p.95-96, negrito nosso).

Importante observar o cuidado de Freud em algumas partes dessa citação: "**característico** do indivíduo do sexo masculino", "o tipo feminino **mais frequentemente encontrado**", "linhas de desenvolvimento correspondem à diferenciação de funções num todo biológico altamente complicado", "estou pronto a admitir que existe um número bem grande de mulheres que amam de acordo com os moldes do tipo masculino". Essas passagens demonstram uma preocupação em apresentar a questão da supervalorização sexual mediante a diferenciação de gênero, mas sem tentar chegar a uma verdade final em relação às consequências sexuais que poderiam ser atribuídas às diferenças biológicas dos sexos. Esse cuidado é observável em diversos momentos, como esse, em que ele está discutindo diferenças que surgem entre os casos de homens e mulheres que pôde acompanhar em análise.

Além disso, voltando à questão da *constituição sexual* e do *narcisismo*, Freud afirma que a supervalorização sexual representa o movimento mais propício para a heterossexualidade, enquanto a homossexualidade segue para um caminho de valorizar o ego, o que enfatiza o investimento narcísico ligado ao próprio corpo, que ele destaca ao falar do *prazer do órgão*. Primeiramente, quando se fala da homossexualidade, enfatiza-se uma supervalorização sexual em direção ao próprio corpo de forma que é priorizado esse aspecto acima da própria genitalização. Isso decorre da questão colocada tanto pela constituição sexual, como pelo problema do narcisismo, por onde Freud segue afirmando que a homossexualidade se destaca da heterossexualidade, ao voltar a libido ao próprio ego, com isso enfatizando o investimento

narcísico ligado ao próprio corpo, o que permite falar do prazer do órgão, ao invés do prazer voltado à genitalidade.

Assim, a supervalorização do órgão não é a mesma que a primazia da fase genital. Nesse sentido, em 1933-1932, na "Conferência XXXII", Freud afirma: "Os genitais constituem a última dessas 'zonas erógenas', e o nome prazer 'sexual' não pode ser abstraído do respectivo prazer do órgão. Esses impulsos que buscam o prazer não são todos agrupados na organização final da função sexual [no sentido da genitalização]" (Freud, 1996t, p.107). Em 1915, em "Os instintos e suas vicissitudes", ao reunir o que discutiu sobre a origem do amor, ele conclui:

> **O amor deriva da capacidade do ego de satisfazer autoeroticamente alguns dos seus impulsos instintuais pela obtenção do prazer do órgão**. É originalmente narcisista, passando então para objetos, que foram incorporados ao ego ampliado, e expressando os esforços motores do ego em direção a esses objetos como fontes de prazer. Torna-se intimamente vinculado à atividade dos instintos sexuais ulteriores e, quando estes são inteiramente sintetizados, coincide com o impulso sexual como um todo (Freud, 1996l, p.142, negrito nosso).

Um pequeno parêntese: afinal, a hipótese sobre o "prazer no órgão" explicita não apenas as tendências que uma pessoa pode expressar, como também recupera um fator importante do desenvolvimento psicossexual na vida adulta, qual seja, a prevalência de determinadas *zonas erógenas*. Isso revela que a "a descrição de 'sexual' também se refere às atividades do início da infância que buscam o prazer do órgão"[118] (Freud, 1996n, p.329)[119]. Em razão de esse caráter estar presente universalmente no desenvolvimento sexual, a heterossexualidade também é melhor compreendida se considerados tanto a supervalorização sexual como também o prazer no órgão. Assim, na "Conferência XXI – O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais", ele afirma:

> Sei que mesmo o supremo prazer da união sexual apenas é um prazer do órgão, vinculado à atividade dos genitais. Podem os senhores, porém, dizer quando esse prazer do órgão, originalmente indiferente, adquire o caráter sexual que indubitavelmente possui em fases posteriores do desenvolvimento? Sobre o "prazer do órgão" sabemos mais do que a respeito da sexualidade? Os senhores responderão que ele adquire caráter sexual precisamente quando os genitais começam a desempenhar seu papel; "sexual" coincide com "genital"

---

118 "Conferência XXI – O desenvolvimento da libido e as suas organizações", de 1917.

119 Freud (1996n, p.328) também busca discutir essa questão muitas vezes provocando os médicos, como também o faz na conferência XXI: "Assim premunidos, podemos prosseguir com o exame de uma observação da qual certamente não seremos poupados. 'Por que', perguntar-nos-ão, 'o senhor é tão obstinado em descrever como já constituindo sexualidade aquilo que, segundo as evidências que o senhor mesmo mostrou, são indefiníveis manifestações da infância, a partir das quais se desenvolve posteriormente a vida sexual? Por que, em vez disso, o senhor não se contenta com dar-lhes uma descrição fisiológica e dizer simplesmente que, num lactente, já observamos atividades, como a sucção sensual ou a retenção das excreções, que nos mostram que ele procura o 'prazer do órgão'? Dessa forma, o senhor teria evitado a hipótese, tão repugnante para todo os sentimentos, de os bebês da mais tenra idade terem uma vida sexual".

(Freud, 1996n, p.328).

Na realidade, por mais que não se possa encontrar termos exatos sobre diversidade sexual, e mesmo identidade ou orientação sexual, Freud evidencia a importância de pensar na diversidade inata da constituição sexual dos indivíduos, para a qual, em "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade", sugere algo sobre a constituição e a hereditariedade:

> **Em primeiro lugar, cabe mencionar aqui a diversidade inata da constituição sexual, em que provavelmente recai o peso principal, mas que, como é compreensível, só pode ser deduzida de suas manifestações posteriores e, mesmo assim, nem sempre com grande certeza.** Concebemos essa diversidade como uma preponderância desta ou daquela das múltiplas fontes de excitação sexual, e **cremos que tal diferença entre as disposições deve expressar-se de alguma maneira no resultado final, mesmo que este se mantenha dentro das fronteiras da normalidade**. Sem dúvida é concebível que haja também variações na disposição originária que levem necessariamente, e sem a ajuda de outros fatores, à configuração de uma vida sexual anormal (Freud, 1996e, p.222, negrito nosso).

Portanto, uma vida sexual anormal não está para ele como contingente à homossexualidade, mas a outros fatores que se implicam, de forma particular e eventual, ao desenvolvimento sexual de cada indivíduo. Em busca de compreender a função da hetero ou da homossexualidade em nessa obra, é preciso observar que ela possui aspectos dinâmicos, pois, uma vez ligada ao ego, seja por mulheres ou homens, haverá aí o que Freud denomina de um investimento ou tendência homossexual da libido.

> Em circunstâncias favoráveis, a corrente homossexual amiúde seca por completo, mas, quando não se é feliz no amor por um homem, ela torna a ser despertada pela libido nos anos posteriores e é aumentada em maior ou menor intensidade. Se nas pessoas sadias isso pode ser confirmado sem esforço e se levarmos em conta nossas observações anteriores sobre o maior desenvolvimento, nos neuróticos, dos germes normais da perversão, devemos também esperar, na constituição destes, uma predisposição homossexual mais forte. E deve ser assim, pois até hoje nunca passei por uma só psicanálise de um homem ou de uma mulher sem ter de levar em conta uma corrente homossexual bastante significativa. Nas mulheres e moças histéricas cuja libido sexual voltada para o homem é energicamente suprimida, constata-se com regularidade que a libido dirigida para as mulheres é vicariamente reforçada e até parcialmente consciente (Freud, 1996e, p.65)[120].

Por conta disso, em "Um estudo autobiográfico", de 1925, ele conclui:

> O destacar a sexualidade dos órgãos genitais apresenta a vantagem de nos permitir levar as atividades sexuais das crianças e dos pervertidos para o mesmo âmbito que o dos adultos normais. As atividades sexuais das crianças até agora foram inteiramente desprezadas e, embora as dos pervertidos tenham

[120] "Fragmentos da análise de um caso de histeria".

> sido reconhecidas, foram-no com indignação moral e sem compreensão. Encaradas do ponto de vista psicanalítico, mesmo as perversões mais excêntricas e repelentes são explicáveis como manifestações da primazia dos órgãos genitais e que se acham agora em busca do prazer por sua própria conta, como nos primeiros dias do desenvolvimento da libido. **A mais importante dessas perversões, a homossexualidade, quase não merece esse nome. Ela pode ser remetida à bissexualidade constitucional de todos os seres humanos e aos efeitos secundários da primazia fálica. A psicanálise permite-nos apontar para um vestígio ou outro de uma escolha homossexual em todos os indivíduos** (Freud, 1996r, p.43, negrito nosso).

O uso da homossexualidade como investimento libidinal, então, deve ser considerado tanto para homens, como para mulheres, pois essa pluralidade do desejo está presente tanto na libido, como na disposição bissexual, que constitui a origem sexual de todos. A homossexualidade é um tema que se desenvolveu de forma transversal na psicanálise freudiana, seja em termos da teoria da libido ou da forma do desejo (considerando o objeto pulsional), pois é uma característica tão importante quanto aquela que fala das tendências heterossexuais. Em realidade, Freud não considera uma ou outra tendência mais importante ou prejudicial, o que está em jogo no uso dessas concepções é antes uma forma descritiva de abordar a libido ou a tendência pulsional de objeto.

Com isso, conclui-se a última categoria construída a partir do material levantado da obra de Sigmund Freud e passa-se às considerações finais.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou um estudo transversal sobre a obra de Freud, no intuito de introduzir e sistematizar as noções referentes ao *sexual* e à *sexualidade*. Para tanto, foram realizadas diversas etapas de levantamento e análise do material, e, nisso, a construção de um *corpus* foi fundamental para o início da pesquisa. Ele foi constituído na forma de um apêndice em que constam as passagens compiladas da obra de Freud, com as expressões e os contextos de uso das noções. Em seguida, foram tabulados em um quadro os sintagmas que correspondem às expressões mínimas de sentido referentes a cada uso, constantes em cada citação. Além disso, foram levantados nesse material os temas, necessários para dar conta da representação de diferenças dos sintagmas descritos. Por fim, foram elaboradas seis grandes categorias e três subcategorias, presentes na segunda categoria, que ao todo abarcam a maior parte possível de semelhanças observadas nos sintagmas descritos na tabela e identificados no apêndice.

Desse modo, o estudo realizado pôde investigar o modo como a psicanálise freudiana teria condições de se alinhar de forma teórica com as discussões realizadas no campo da educação sexual. Além disso, as perspectivas críticas e não naturalistas sobre a sexualidade e o gênero estão alinhadas a muitas posturas identificadas em Freud. Igualmente, a sua obra, que, apesar de tratar de objetos diferentes, permite estabelecer diálogos com as inovações teóricas do campo de estudos de gênero.

Assim, mesmo após um século da elaboração de quase a totalidade da obra de Freud, a sua relevância ainda é sentida, à medida que se reconhecem nela temas fundamentais para a cultura e a atualidade. Acrescente-se a isso que a psicanálise, nos dias atuais, possui ainda grande espaço científico e social, o que demonstra a pertinência de estudos que retornem à obra freudiana a fim de tensioná-la e aprofundar o entendimento sobre o seu material.

Compreende-se, então, que uma sistematização transversal sobre a obra freudiana em diferentes temas é de grande valia para estudos que possam seguir essa e outras investigações. Um estudo detalhado, texto a texto, da obra de Freud permitiria realizar juízos críticos sobre suas elaborações de maior profundidade, além de um aprofundamento linguístico e epistemológico quanto aos usos dos termos sexual e sexualidade em sua obra. No entanto, a sumarização proposta já permite um olhar extenso sobre a mesma, viabilizando uma entrada mais específica para novos estudos.

Do mesmo modo, a análise das categorias, em prol das formações discursivas, como análise qualitativa não pode redundar em um olhar final sobre a obra freudiana. O grande número de citações levantadas e a extensão do material de apoio, que se constituem como

apêndice, permitem a apreensão tanto de discussões fundamentalmente epistemológicas como da atualidade da obra de Freud e de suas possíveis articulações com outras áreas além da psicanálise.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

ATILF. **Analyse et Traitement Informatique de la Langue Française** [*site*]. Disponível em: http://atilf.atilf.fr/tlf.htm. Acesso em: 5 maio 2024.

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2016.

BARTHES, R. Da ciência à literatura. *In*: **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BAUMAN, Z. **Modernidade e holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BETTELHEIM, B. **Freud and Man's Soul**. London: The Hogarth Press, 1983.

BLOW, S. E. Dante's "Inferno". **The Journal of Speculative Philosophy**, v.18, n.2, p.121-138, 1884.

BORTOLOZZI, A. C. **Questionário e entrevista na pesquisa qualitativa**. Elaboração, aplicação e análise de conteúdo. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

BORTOLOZZI, A. C.; PASTANA, M.; DE CARVALHO, L. R. S. Educação sexual na vida e nas escolas. *In*: BORTOLOZZI, A. C. (org.). **Educação sexual com e para adolescentes**: aspectos teóricos e práticos. [Livro eletrônico.] Araraquara, SP: Pade Aragon, 2020. p.11-30.

BRANCO, G.; THISOTEINE, G. M.; GELLIS, A. Psicanálise e gênero: um percurso arqueológico no seminário 1 sobre identidades. **Ensino em Perspectivas**, v.3, n.1, p.1-11., 2022 Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/. Acesso em: 30 dez. 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4.ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

BRITZMAN, D. P. Is there a queer pedagogy? Or, stop reading straight. **Educational Theory**, v.45, n.2, p.151-165, 1995. Disponível em: https://www.academia.edu/22058440. Acesso em: 30 out. 2023.

BRITZMAN, D. P. O que é esta coisa chamada amor? Identidade homossexual, educação e currículo. **Educação & Realidade**, v.21, n.1, p.71-96, 1995/1996.

BRITZMAN, D. P. Curiosidade, sexualidade e currículo. *In*: LOURO, G. L. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

BUTLER, J. **Problemas de gênero** – feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. (Col. Sujeito & História)

CAVICCHIOLI, M. R. Fama e infâmia na sexualidade romana. **Romanitas**, n.3, p.153-169, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.17648/rom.v0i3.8767. Acesso em: 12 ago. 2022.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

COURTINE, J.-J. **Análise do Discurso**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

COTTET, S. **Freud e o desejo do analista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1989.

DI PIERO, A. **Ensaio sobre a cidadania global**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.

DLE. **Diccionario de la lengua española**. Disponível em: https://dle.rae.es/contenido/actualizaci%C3%B3n-2020. Acesso em: 6 jun. 2021.

DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan**: o inconsciente estruturado como linguagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ECO, U. **Obra aberta**: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FERNANDES, C. A. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FERNANDES, G. A. **O amor pela forma no Cancioneiro Geral de Garcia de Resende**. 2011. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8150/tde-15092011-130549/. Acesso em: 12 ago. 2022.

FLICK, U. **Introdução à metodologia científica**: um guia para iniciantes. Porto Alegre: Penso, 2013.

FOGAÇA, I. O.; THISOTEINE, G. M.; GELLIS, A. L. Práticas sexuais e aspectos morais: categorias emergentes da revisão sistemática de literatura. **Revista Communitas**, v.7, n.16, p.232-246, 2023. Disponível em: https://doi.org/10.29327/268346.7.16-17. Acesso em: 30 dez. 2023.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. São Paulo: Graal, 1984a.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. São Paulo: Graal, 1984b.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. São Paulo: Graal, 1985.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos, III**: estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Universitária, 2009.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FREUD, S. **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol.1. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973a.

FREUD, S. **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol.2. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973b.

FREUD, S. **Obras completas de Sigmund Freud**. Vol.3. Madrid: Biblioteca Nueva, 1973c.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: primeiras publicações psicanalíticas (1893-1899), vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: a interpretação de sonhos (1900), vol. IV. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: a interpretação de sonhos (continuação), vol. V. Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: sobre a psicopatologia da vida cotidiana (1901), vol. VI. Rio de Janeiro: Imago, 1996d.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: um caso de histeria e três ensaios sobre sexualidade, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996e.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: os chistes e sua relação com o inconsciente (1905), vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996f.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: delírios e sonhos da Gradiva de Jensen (1907[1906]), vol. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996g.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909), vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1996h.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: cinco lições de psicanálise (1910[1909]), vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996i.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: o caso Schreber e artigos sobre técnica, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996j.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: Totem e tabu (1913[1912-13]), vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996k.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: a história do movimento psicanalítico, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996l.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: conferências introdutórias sobre psicanálise (1916-1917[1915-1917]), vol. XV. Rio de Janeiro: Imago, 1996m.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: conferências introdutórias sobre psicanálise (1916-1917[1915-1917]), vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996n.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: história de uma neurose infantil (1918[1914]), vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996o.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: além do princípio de prazer (1920), vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996p.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: o ego e o id, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996q.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: um estudo autobiográfico (1925[1924]), vol. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996r.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: o futuro de uma ilusão, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996s.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933[1932]), vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1996t.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**: Moisés e o monoteísmo, três ensaios (1939[1934-38]), vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996u.

FREUD, S. **Os primeiros psicanalistas**: atas da Sociedade Psicanalítica de Viena. Org. M. Checchia, R. Torres & W. Hoffmann (Vol. 1). São Paulo: Scriptorium, 2015[1906-1908].

FREUD, S. **Os primeiros psicanalistas**: Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena 1906-1908. São Paulo: Hedra, 2017.

FURLANI, J. Direitos humanos, direitos sexuais e pedagogias *queer*: o que essas abordagens têm a dizer à Educação Sexual. *In*: JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/ Unesco, 2009.

FURLANI, J. **Educação sexual na sala de aula***:* relações de gênero, orientação sexual e

igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

GAY, P. **Freud**: uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux**: na análise do discurso – diálogos & duelos. São Carlos: Clara Luz, 2004.

HANNS, L. A. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HARPER, D. **Online Etymology Dictionary**. 2001/2024. Disponível em: https://www.etymonline.com/. Acesso em: 6 jun. 2021.

HOUAISS, A. *et al.* **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia nas escolas: um problema de todos. *In*: JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade/ Unesco, 2009.

JUNQUEIRA, R. D. **A invenção da "ideologia de gênero"**: um projeto reacionário de poder. Brasília: LetrasLivres, 2022.

KANT, I. **A metafísica dos costumes**. Bauru: Edipro, 2008.

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise**. O legado de Freud a Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

KRIEG-PLANQUE, A. **A noção e "fórmula" em análise do discurso**: quadro teórico e metodológico. São Paulo: Contexto, 2010.

LACAN, J. A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud em psicanálise. *In*: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LAVILLE, C; DIONNE, J. **Ciências humanas e sociedade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LEBRUN, G. A ideia de epistemologia. *In*: **A filosofia e sua história**. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

LOURO, G. L. Heteronormatividade e homofobia. *In*: JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco, 2009.

LOURO, G. L. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

MAIA, A. C. B. Sexualidade, deficiência e gênero: reflexões sobre padrões definidores de normalidade. *In*: JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade sexual na educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, Unesco, 2009.

MAIA, A. C. B. Conceito amplo de Sexualidade no processo de Educação Sexual. **Revista Psicopedagogia *on-line*** – Educação & Saúde, 2010.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. **Educação sexual**: princípios para a ação. *In*: *Doxa*, v.15, n.1, p.15-84, 2011.

MAIA, A. C. *et al.* Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural. **Psicologia em Estudo**, Maringá (PR), v.17, p.151-156, 2012. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/rQ3DZwPrv5mcTgpYVTrWjTq/#. Acesso em: 30 out. 2023.

MALAME, C. **The poetics of eros in Ancient Greece**. Princeton: Princeton University Press, 1999.

MARINI, M. **Lacan a trajetória do seu ensino**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

Masson, J. M. (ed.). **A correspondência Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1889-1904)**. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MCLUHAN, M. **A galáxia de Gutenberg**: a formação do homem tipográfico. São Paulo: Editora USP, 1972.

MEZAN, R. **Psicanálise, Judaísmo**: ressonâncias. Campinas: Escuta, 1986.

MEZAN, R. **A trama dos conceitos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

MEZAN, R. **O tronco e os ramos**: estudos de história da psicanálise. São Paulo: Blucher, 2019.

NOVAES, A. **O desejo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

NUMBERG, H; FEDERN, E. **Os primeiros psicanalistas**: Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena 1096-1908. São Paulo: Scriptorium, 2015.

ODS – **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável**. Objetivo 5. Nações Unidas – Brasil. 2022. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5. Acesso em: 6 maio 2024.

ONU – ORGANIZAÇÃO DAS Nações Unidas. **Declaração universal dos direitos humanos**. Paris: 1948. Disponível em: http://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf. Acesso em: 5 jan. 2022.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. Discurso e textualidade. *In*: ORLANDI, E. P.; RODRIGUES, S. L. **Discurso e textualidade**. Campinas: Editora Pontes, 2006.

PAPALIA, D. E.; MARTORELL, G. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2021.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. *In*: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. B. Mariani. Campinas: Unicamp, 1990. p.163-252.

REZENDE, A. M.; BIANCHET, S. B. **Dicionário do Latim Essencial** [*ebook/kindle*]. São Paulo: Autêntica, 2014.

ROMILLY, J. **Compêndio da literatura grega**. Coimbra: Edições 70, 2011.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

RUSSEL, B. **História da filosofia ocidental**. Vol.1. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967a.

RUSSEL, B. **História da filosofia ocidental**. Vol.2. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967b.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de pesquisa**. Trad. Fátima Conceição Murad, Melissa Kassner, Sheila Clara Dystyler Ladeira. 3.ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SOUZA, P. C. **Sigmund Freud & o gabinete do Dr. Lacan**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

SOUZA, P. C. **As palavras de Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Dialogia, n. 34, p. 95-106, 2020.

THISOTEINE, G. M. *et al*. Homens, violência e consumismo: análise da masculinidade nos grupos virtuais mgtow e do filme *Clube da luta*. **Diversidade e educação**, v.9, n.1, 2021, p.540-562. Disponível em: https://doi.org/10.14295/de.v9i1.13053. Acesso em: 30 dez. 2023.

TAVARES, P. H. **Versões de Freud** – breve panorama crítico das traduções de sua obra. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

UMBERTO, E. **Obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

UNESCO – ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Orientações Técnicas de Educação em Sexualidade para o cenário brasileiro**: tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília: DF, 2014.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Educação para a cidadania global**: tópicos e objetivos de aprendizagem. Brasília: Unesco, 2016.

VOTRE, S. J. **Análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2019.

WEREBE, M. J. **A educação sexual na escola**. Lisboa: Moraes Editores, 1977.

WHITAKER, D. C. A. Menino – Menina: sexo ou gênero? *In*: SERBINO, R. V.; GRANDE, M. A. R. L. (orgs.). **A escola e seus alunos**: o problema da diversidade cultural. São Paulo: Unesp, p.31-52, 1995.

ZIZEK, S. (org.). **Um mapa da ideologia**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

APÊNDICE – COMPILADO DE CITAÇÕES

Este Apêndice é constituído pelos excertos que contêm menções aos termos *sexual* e *sexualidade* (e suas variações), pertencentes à obra de Sigmund Freud e apresentados conforme aparecem em seu contexto original. Trata-se do resultado preliminar da coleta realizada na primeira etapa de produção do *corpus* desta pesquisa.

A edição tomada como base é a estabelecida pela Editora Imago, de 1996, tendo sido usados os volumes de 3 a 23. Cada conjunto de excertos é introduzido pelo respectivo volume, indicado por um número romano e pelo título, em negrito; abaixo e sem negrito, vem a indicação do volume e a referência indireta. Os textos destes volumes que não possuem passagens coletadas trazem a anotação: "Não consta". Além disso, nos excertos, para distinguir os meus grifos daqueles do original (que já estão em itálico), optei por fazê-los em negrito.

Índice

Volume 3 – *Primeiras publicações psicanalíticas* (1893 - 1899)

- Charcot (1893) 202
- Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: uma conferência (1893) 202
- As neuropsicoses de defesa (1894) 202
- Obsessões e fobias: seu mecanismo psíquico e sua etiologia (1895 |1894|) 204
- Sobre os fundamentos para destacar da neurastenia uma síndrome específica denominada neurose de angústia 205
- Resposta às críticas a meu artigo sobre a neurose de angústia (1895) 210
- A hereditariedade e a etiologia das neuroses (1896) 215
- Observações adicionais sobre as neuropsicoses de defesa (1896) 218
- Etiologia da histeria (1896) 222
- A sexualidade na etiologia das neuroses (1898) 229
- O mecanismo psíquico do esquecimento (1898) 238
- Lembranças encobridoras (1899) 239
- Nota autobiográfica (1901 |1899|) 239

Volume 4 – *A interpretação dos sonhos* (I) (1900)

- A interpretação dos sonhos (I) (1900) (Capítulos I ao VI) 240

Volume 5 – *A interpretação dos sonhos* (II) (1900 - 1901)

- A interpretação dos sonhos (II) (1900) (Capítulos VI e VII) 248
- Sobre os sonhos (1901) 258

Volume 6 – *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana* (1901)

- Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (1901) 260

Volume 7 – *Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos* (1901 - 1905)

- Fragmentos da análise de um caso de histeria (1905 |1901|) 265
- Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905) 275
- Método psicanalítico de Freud (1904 |1903|) 319
- Sobre a psicoterapia (1904 |1905|) 319
- Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses (1906 |1905|) 319
- Tratamento psíquico (ou anímico) (1905) 323
- Personagens psicopáticos no palco (1942 |1905 ou 1906|) 323

Volume 8 – *Os chistes e a sua relação com o inconsciente* (1905)

- Os chistes e a sua relação com o inconsciente (1905) 324

Volume 9 – *"Gradiva" de Jensen e outros trabalhos* (1906 - 1908)

- Delírios e sonhos da *Gradiva* de Jensen (1907 |1906|) 328
- A psicanálise e a determinação dos fatos nos processos jurídicos (1906) 330
- Atos obsessivos e práticas religiosas (1907) 330
- Esclarecimento sexual das crianças (Carta aberta do Dr. M. Fürst) (1907) 331
- Escritores criativos e devaneio (1908 |1907|) 333
- Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade (1908) 334
- Caráter do erotismo anal (1908) 336
- Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna (1908) 337
- Sobre as teorias sexuais das crianças (1908) 346
- Algumas observações gerais sobre ataques histéricos (1909 |1908|) 351
- Romances familiares (1909 |1908|) 353
- Breves escritos (1903 - 1909) 354

Volume 10 – *Duas histórias clínicas (o "Pequeno Hans" e o homem dos ratos)* (1909)

- Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909) 354
- Notas sobre um caso de neurose obsessiva (1909) 360

Volume 11 – *Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos* (1910)

- Cinco lições de psicanálise (1910) 368
- Leonardo da Vinci e uma lembrança encobridora da sua infância (1910) 374
- As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica (1910) 384
- A significação antitética das palavras primitivas (1910) 385
- Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (contribuições à psicologia do amor I) (1910) 385
- Sobre a tendência universal à diferenciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II) (1912) 386
- Tabu da virgindade (contribuições à psicologia do amor III) (1918 |1917|) 392
- A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (1910) 397
- Psicanálise silvestre (1910) 399
- Breves escritos (1910) 400

Volume 12 – *O caso Schreber, Artigos sobre técnica e outros trabalhos* (1911 - 1913)

- Notas Psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*dementia paranoides*) (1911) 401
- Artigos sobre técnica (1911-1915 |1914|) 409
- O manejo da interpretação de sonhos na psicanálise (1911) 409
- A dinâmica da transferência (1912) 409
- Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise (1912) 409
- Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I) (1913) 409
- Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II) (1914) 410
- Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III) (1915 |1914|) 410
- Os sonhos no folclore (Freud e Oppenheim) (1957 |1911|) 411
- Sobre psicanálise (1913 |1911|) 413
- Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911) 414
- Tipos de desencadeamento da neurose (1912) 414
- Contribuições a um debate sobre a masturbação (1912) 415
- Uma nota sobre o inconsciente na psicanálise (1912) 418
- Um sonho probatório (1913) 418
- A ocorrência, em sonhos, de material oriundo de contos de fadas (1913) 419
- O tema dos três escrínios (1913) 419
- Duas mentiras contadas por crianças (1913) 419
- Disposição à neurose obsessiva – uma contribuição ao problema da escolha na neurose (1913) 419
- Introdução ao *psycho-analyticmethod,* de Pfister (1913) 422
- Prefácio a *scatalogicrites of all nations*, de Bourke (1913) 422
- Breves escritos (1911-1913) 422

Volume 13 – *Totem e tabu e outros trabalhos* (1913-1914)

- Totem e tabu (1913 |1912-13|) 423
- O interesse científico da psicanálise (1913) 431
- Observações e exemplos da prática psicanalítica 434
- *Fausse reconnaissance* ("*déjà raconté*") no tratamento psicanalítico (1914) 435
- O Moisés de Michelangelo (1914) 435

- Algumas reflexões sobre a psicologia escolar (1914) 435

Volume 14 – *A história do movimento psicanalítico, Artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos* (1914-1916)

- A história do movimento psicanalítico (1914) 435
- Sobre o narcisismo: uma introdução (1914) 441
- Os instintos e suas vicissitudes (1915) 448
- Repressão (1915) 452
- O inconsciente (1915) 452
- Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos (1917 [1915]) 452
- Luto e melancolia (1917[1915]) 452
- Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença (1915) 452
- Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915) 454
- Sobre a transitoriedade (1916 [1915]) 454
- Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico (1916) 455
- Breves escritos (1915-1916) 456

Volume 15 – *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (parte I e II) (1915-1916)

- Parte I – Parapraxias (1916 [1915]) 456
- Parte II – Sonhos (1916 [1915-1916]) 457

Volume 16 – *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (parte III) (1915-1916)

- Conferência XVI Psicanálise e psiquiatria 467
- Conferência XVII O sentido dos sintomas 467
- Conferência XVIII Fixação em traumas – o inconsciente 468
- Conferência XIX Resistência e repressão 468
- Conferência XX A vida sexual dos seres humanos 469
- Conferência XXI O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais 478
- Conferência XXII Algumas ideias sobre desenvolvimento e regressão – etiologia 485
- Conferência XXIII Os caminhos da formação dos sintomas 491
- Conferência XXIV O estado neurótico comum 493
- Conferência XXV A ansiedade 495
- Conferência XXVI A teoria da libido e o narcisismo 496
- Conferência XXVII Transferência 499
- Conferência XVIII Terapia analítica 501

Volume 17 – *Uma neurose infantil e outros trabalhos* (1917-1918)

- História de uma neurose infantil (1918[1914]) 501
- As transformações do instinto exemplificadas no erotismo anal (1917) 519
- Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917) 520
- Uma recordação de infância de *dichtung und warkheit* (1917) 522
- Linhas de progresso na terapia psicanalítica (1919 [1918]) 522
- Sobre o ensino da psicanálise nas universidades (1919 [1918]) 522
- "Uma criança é espancada" – uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais (1919) 522

- Introdução a *uns psicanálise e as neuroses de guerra* (1919) 526
- O "estranho" (1919) 527
- Prefácio a *Ritual*: *estudos psicanalíticos* de Reik (1919) 527
- Breves escritos (1919) 528

Volume 18 – *Além do princípio de prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos* (1920-1922)

- Além do princípio de prazer (1920) 528
- Psicologia de grupo e a análise do ego (1921) 534
- A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher (1920) 542
- Psicanálise e telepatia (1941 [1921]) 547
- Sonhos e telepatia (1922) 547
- Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo (1922) 548
- Dois verbetes de enciclopédia 551
- Breves escritos (1920-1922) 556

Volume 19 – *O ego e o id*

- O ego e o id (1923) 556
- Uma neurose demoníaca do século XVII (1923[1922]) 560
- Observações sobre a teoria e a prática da interpretação de sonhos (1923[1922]) 560
- Algumas notas adicionais sobre a interpretação dos sonhos como um todo (1925) 560
- Organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923).....561
- Neurose e psicose (1924 [1923]) 562
- O problema econômico do masoquismo (1924) 562
- A dissolução do complexo de Édipo (1924) 564
- A perda da realidade na neurose e na psicose (1924) 565
- Uma breve descrição da psicanálise (1924 [1923]) 565
- As resistências à psicanálise (1925 [1924]) 567
- Uma nota sobre o "bloco mágico" (1925 [1924]) 568
- A negativa (1925) 568
- Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925) 568
- Josef Popper-Lynkeus e a teoria dos sonhos (1923) 571
- Dr. Sándor Ferenczi (em seu 50º aniversário) (1923) 571
- Prefácio a *Juventude desorientada*, de Aichhorn (1925) 571
- Josef Breuer (1925) 571
- Breves escritos 571

Volume 20 – *Um estudo autobiográfico, Inibições, sintomas e ansiedade, Análise leiga e outros trabalhos* (1925-1926)

- Um estudo autobiográfico (1925 [1924]) 572
- Inibições, sintomas e ansiedade (1926 [1925]) 578
- A questão da análise leiga (1926) 583

- Psicanálise (1926 [1925]) 589
- Discurso perante a sociedade dos b'nai b'rith (1941 [1926]) 590
- Breves escritos (1926) 590

Volume 21 – *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*

- O futuro de uma ilusão (1927) 590
- O mal-estar na civilização (1930 [1929]) 592
- Fetichismo (1927) 598
- O humor (1927) 598
- Uma experiência religiosa (1928 [1927]) 598
- Dostoievski e o parricídio (1928 [1927]) 599
- Alguns sonhos de descartes: uma carta a Maxime Leroy (1929) 601
- O prêmio Goethe (1930) 601
- Tipos libidinais (1931) 602
- Sexualidade feminina (1931) 602
- Breves escritos (1928-1931) 607

Volume 22 – *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos* (1932-1936)

- Conferência XXIX – Revisão da teoria dos sonhos 607
- Conferência XXX – Sonhos e ocultismo 608
- Conferência XXXI – A dissecção da personalidade psíquica 608
- Conferência XXXII – Ansiedade e vida instintual 609
- Conferência XXXIII – Feminilidade 612
- Conferência XXXIV – Explicações, aplicações e orientações 617
- Conferência XXXV – A questão de uma *weltanschauung* 618
- A aquisição e o controle do fogo (1932 [1931]) 618
- Por que a guerra? (1933 [1932]) (Einstein e Freud) 619
- Meu contato com Josef Popper-Lynkeus (1932) 619
- Sándor Ferenczi (1933) 620
- As sutilezas de um ato falho (1935) 620
- Um distúrbio de memória de acrópole (1936) 620
- Breves escritos (1931-36) 620

Volume 23 – *Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos* (1937-1939)

- Moisés e o monoteísmo: três ensaios (1939 [1934-38]) 621
- Esboço de psicanálise (1940 [1938]) 623
- Análise terminável e interminável (1937) 630
- Construções em análise (1937) 631
- A divisão do ego no processo de defesa (1940 [1938]) 632
- Algumas lições elementares de psicanálise (1940 [1938]) 633
- Um comentário sobre o antissemitismo (1938) 633
- Breves escritos (1937-1938) 633

I. ***PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES PSICANALÍTICAS*** **(1893-1899)**
Volume 3 (FREUD, 1996a)

CHARCOT (1893)
Não consta.

SOBRE O MECANISMO PSÍQUICO DOS FENÔMENOS HISTÉRICOS: UMA CONFERÊNCIA (1893)

Não consta.

AS NEUROPSICOSES DE DEFESA (1894)

"Nas mulheres, esse tipo de representações incompatíveis assoma principalmente no **campo da experiência e das sensações sexuais**; e as pacientes conseguem recordar com toda a precisão desejável seus esforços defensivos, sua intenção de "expulsar aquilo para longe", de não pensaro assunto, de suprimi-lo." – p.55;

"Em todos os casos que analisei, era a **vida sexual** do sujeito que havia despertado um afeto aflitivo, precisamente da mesma natureza do ligado à sua obsessão." – p.59;

"Ademais, é fácil verificar que é precisamente a **vida sexual** que traz em si as mais numerosas oportunidades para o surgimento de representações incompatíveis." – p.59;

"Em geral, quando se chama a atenção do paciente, para a representação primitiva, de **natureza sexual**, a resposta é: 'Não pode provir daí. Nunca pensei muito nisso. Por um momento fiquei assustado, mas logo desviei o pensamento e, desde então, isso nunca mais me perturbou.'" – p.60;

"Nessa frequente objeção temos a prova de que a obsessão representa um substituto ou sucedâneo da **representação sexual incompatível**, tendo tomado seu lugar na consciência." – p.60;

"Entre o esforço voluntário do paciente, que consegue **recalcar a representação sexual inaceitável**, e o surgimento da representação obsessiva, que, embora tendo pouca intensidade em si mesma, está agora suprida de um afeto incompreensivelmente forte, subsiste o hiato que a teoria aqui desenvolvida busca preencher" – p.60;

"A **separação da representação sexual de seu afeto e a ligação deste com outra representação** – adequada, mas não incompatível – são processos que ocorrem fora da consciência." – p.60;

"Junto aos casos que mostram uma sequência entre uma **representação sexual incompatível** e uma representação obsessiva, encontramos vários outros em que as representações obsessivas e as **representações sexuais de caráter aflitivo** ocorrem simultaneamente." – p.60;

"Não será muito satisfatório chamar estas últimas de "**representações obsessivas sexuais**", pois falta-lhes um traço essencial das representações obsessivas: elas se mostram perfeitamente justificadas, ao passo que o caráter aflitivo das representações obsessivas comuns é um problema tanto para o médico quanto para o paciente." – p.60;

"Até onde tenho podido explorar o terreno nos casos desse tipo, o que ocorre é que uma defesa perpétua vai-se erigindo contra **representações sexuais que reemergem** continuamente – ou seja, um trabalho que ainda não chegou a sua conclusão." – p.60-61;

"Já que os pacientes estão cônscios da **origem sexual de suas obsessões**, frequentemente as mantêm em segredo." – p.61;

"O afeto da obsessão, em outras palavras, parece-lhe estar *desalojado ou transposto*, e se tiver aceito o que se disse nestas páginas, ele poderá, em diversos casos de obsessões, *retraduzi-las em **termos sexuais***." – p.61;

"Assim, por exemplo, a angústia liberada cuja **origem sexual** não deva ser lembrada pelo paciente irá apoderar-se das fobias primárias comuns da espécie humana, relacionadas com animais, tempestades, escuridão, e assim por diante, ou de coisas inequivocamente associadas, de um modo ou de outro, com **o que é sexual** – tais como a micção, a defecação ou, de um modo geral, a sujeira e o contágio." – p.61;

"Ficou então muito aterrorizada pela **sensação sexual** (à qual estava normalmente acostumada), pois tomara a resolução interna de combater aquela preferência específica, assim como qualquer outra que pudesse sentir; no momento seguinte, o afeto se transferira para a necessidade concomitante de urinar e a compelira, depois de agoniada luta, a deixar o recinto." – p.63;

"Por outro lado, era tão **hiperestésica sexualmente** que, durante qualquer devaneio erótico, ao qual se abandonava prontamente, a mesma sensação voluptuosa aparecia." – p.63;

"Admitiu que raramente havia **relações sexuais conjugais**, sempre sujeitas a precauções contra a concepção, mas afirmou não sentir falta delas por não ser de **natureza sensual**." – p.63-64;

"A tradução da representação obsessiva em **termos sexuais** foi um êxito." – p.64;

"Em lágrimas, ela imediatamente confessou a precariedade de seu casamento, há muito ocultada; e me comunicou também, mais tarde, **representações angustiantes de caráter sexual inalterado**, tais como a sensação frequentíssima de que alguma coisa a forçava por sob sua saia." – p. 64;

"Tenho-me valido desse tipo de observações em meu trabalho terapêutico, reconduzindo a atenção dos pacientes com fobias e obsessões **às representações sexuais recalcadas**, a despeito de todos os seus protestos, e, sempre que possível, estancando as fontes de onde tais representações provieram." – p.64;

OBSESSÕES E FOBIAS: SEU MECANISMO PSÍQUICO E SUA ETIOLOGIA (1895 |1894|)

"Todas as representações substituídas têm atributos comuns; elas correspondem a **experiências realmente penosas na vida sexual** do sujeito, que ele se esforça por esquecer." – p.82;

"Tanto quanto posso perceber, também *a neurose de angústia tem uma **origem sexual***, mas não se prende a **representações extraídas da vida sexual**; para dizê-lo com propriedade, não tem qualquer mecanismo psíquico." – p.87;

"**Sua causa específica é a acumulação de tensão sexual** produzida pela abstinência ou pela **excitação sexual não consumada** (usando o termo como fórmula geral para os efeitos do *coitus reservatus*, da impotência relativa do marido, da excitação não satisfeita dos noivos, da abstinência forçada etc.)." – p.87-88;

SOBRE OS FUNDAMENTOS PARA DESTACAR DA NEURASTENIA UMA SÍNDROME ESPECÍFICA DENOMINADA NEUROSE DE ANGÚSTIA (1895 |1894|)

"Mas quando há fundamentos para se considerar a neurose como *adquirida*, uma cuidadosa investigação orientada nesse sentido revela que um **conjunto de perturbações e influências da *vida sexual*** são os fatores etiológicos atuantes." – p.103;

"Essa **etiologia sexual da neurose de angústia** pode ser demonstrada com tão esmagadora frequência que me arrisco, *no âmbito deste pequeno artigo*, a desconsiderar os casos em que a etiologia é duvidosa ou diferente." – p.103;

"Inúmeras observações inequívocas me têm demonstrado que a neurose de angústia pode ser produzida, nas meninas que se aproximam da maturidade, por seu primeiro contato com o problema do sexo, por qualquer revelação mais ou menos repentina de algo até então escondido – por exemplo, pela **visão do ato sexual** ou por conversas ou leituras sobre esse assunto." – p.104;

"(*f*) Como angústia no *climatério*, durante o último grande aumento da **necessidade sexual**." – p.105;

"É com referência a esses casos curáveis e adquiridos – que tentarei mostrar que as **perturbações sexuais** neles descobertas são, na realidade, o fator etiológico da neurose." – p.105

"Antes de fazê-lo, entretanto, discutirei os **determinantes sexuais da neurose de angústia nos *homens***." – p.105;

"Angústia em homens em estado de *excitação não consumada* (por exemplo, durante o período do noivado) ou naqueles que (**por medo das consequências da relação sexual)** se contentam em tocar ou contemplar as mulheres." – p.105;

"Esse grupo de determinantes – os quais, aliás, podem aplicar-se sem alterações ao outro sexo (durante o noivado ou **em situações onde se evita a relação sexual**) – fornece os casos mais puros da neurose." – p.105;

"(α) as pessoas que, em decorrência de praticarem a masturbação, tornaram-se neurastênicas, **caem vítimas da neurose de angústia tão logo abandonam sua forma de satisfação sexual**."

– p.106;

"(β) A última das condições etiológicas que tenho a apresentar **parece, à primeira vista, não ser de natureza sexual**." – p.106;

"A principal objeção a meu postulado de uma **etiologia sexual na neurose de angústia** terá, provavelmente, o seguinte cunho: **as condições anormais de vida sexual** do tipo que descrevi são constatadas com tão grande frequência que estamos fadados a encontrá-las sempre que procurarmos por elas." – p. 107;

"A isso devo responder, em primeiro lugar, que, considerando a frequência admitidamente enorme das neuroses, sobretudo da neurose de angústia, por certo não seria correto esperar encontrar para elas um fator etiológico de ocorrência *rara*; em segundo lugar, que um postulado de patologia é efetivamente atendido quando, numa investigação etiológica, é possível demonstrar que a *presença* de um fator etiológico é mais frequente do que seus efeitos, já que, para que estes ocorram, talvez seja preciso que existam outras condições adicionais (tais como predisposição, soma de elementos etiológicos específicos, ou reforço por meio de outros fatores banais); e ainda, que uma dissecção detalhada de casos adequados de neurose de angústia **comprova sem sombra de dúvida a importância do fator sexual**." – p.107;

"O tratamento ginecológico a que se costuma recorrer é benéfico porque, enquanto dura, **a relação sexual é suspensa**." – p.107;

"Quando, na qualidade de médico que compreenda essa etiologia, **providencia-se a substituição do coito interrompido por uma relação sexual normal** – num caso em que a neurose ainda não se tenha estabelecido – obtém-se uma prova *terapêutica* da afirmação que fiz." – p.108;

"Nesses casos, pode-se mostrar com grande regularidade que, pouco antes dessa alteração do quadro, ocorrera **uma mudança correspondente na forma do fator sexual nocivo**." – p.108;

"As observações desse tipo, que podem ser multiplicadas à vontade, decididamente **impõem ao médico uma etiologia sexual para certa categoria de casos**." – p.108

"Tenho em mente os inúmeros casos em que, de fato, acha-se presente tudo o que encontramos na categoria anterior – de um lado, as manifestações da neurose de angústia e, de outro, o fator específico do coito interrompido –, mas em que algo mais também se introduz: a saber, um longo intervalo entre a etiologia presumida e a eclosão de seus efeitos, **e talvez também fatores etiológicos que não sejam de natureza sexual**." – p.108;

"Os sintomas clínicos são, no mínimo, exatamente iguais aos que aparecem em outras pessoas logo após uma **breve perturbação sexual** da mesma espécie, e sem a interpolação de qualquer outro trauma." – p. 109;

"Essas considerações levam-nos à conclusão de que **a perturbação sexual específica** do coito interrompido, mesmo que não consiga, por sua própria conta, provocar uma neurose de angústia no sujeito, ao menos o *predispõe* a adquiri-la." – p.109;

"Além disso, estes últimos comentários contêm uma suposição que não é em si mesma improvável, no sentido de que uma **perturbação sexual** como o coito interrompido passa a vigorar por soma." – p.110;

"Já que o coito interrompido ocupa lugar tão preeminente entre as causas da neurose de angústia, julguei, a princípio, que a fonte da angústia contínua pudesse residir no medo, reiterado a cada vez que **o ato sexual é praticado**, de que a técnica falhasse e daí resultasse a concepção." – p.111;

"Contudo, descobri que esse sentimento, durante o coito interrompido, tanto no homem como na mulher, em nada influencia a gênese da neurose de angústia; que as mulheres basicamente indiferentes à consequência de uma possível concepção são tão suscetíveis à neurose quanto as que estremecem ante essa possibilidade; e que tudo **depende simplesmente de qual dos parceiros renuncia à satisfação nessa técnica sexual**." – p.111;

"Outro ponto de partida é fornecido pela observação, não mencionada até aqui, de que, em grandes grupos de casos, a neurose de angústia é acompanhada por um **decréscimo extremamente acentuado da libido sexual**, ou *desejo psíquico*, de modo que, quando se diz aos pacientes que suas queixas decorrem de 'satisfação insuficiente', eles respondem regularmente que isso é impossível, pois justamente agora **toda a sua necessidade sexual se extinguiu**." – p. 111;

"Todas essas indicações – de que estamos diante de um acúmulo de excitação; de que a angústia, provavelmente correspondente a essa excitação acumulada, é de origem somática, de modo que o que se está acumulando é uma excitação *somática*; e ainda, de que **essa excitação somática é de natureza sexual é acompanhada por um decréscimo da participação *psíquica* nos processos sexuais** –, todas essas indicações, dizia eu, levam-nos a esperar que o *mecanismo da neurose de angústia deva ser buscado numa* ***deflexão da excitação sexual somática da esfera psíquica e no consequente emprego anormal dessa excitação***." – p.111;

"Esse conceito do mecanismo da neurose de angústia poderá ser esclarecido se aceitarmos **a seguinte concepção do processo sexual**, que se aplica, em primeiro lugar, aos homens." – p.111;

"No **organismo masculino sexualmente maduro produz-se a excitação sexual somática** – provavelmente de forma contínua – e, periodicamente, ela se torna um estímulo para a psique." – p.111;

"Depois que isso acontece, entretanto, **o grupo de representações sexuais** presente na psique fica suprido de energia e passa a existir um estado psíquico de tensão libidinal que traz em si uma ânsia de eliminar essa tensão." – p.112;

"**Essa ação adequada consiste, quanto à pulsão sexual masculina, num complicado ato reflexo raquidiano** que promove a descarga das terminações nervosas, e em todas as preparações psíquicas que têm que ser feitas para acionar esse reflexo." – p.112;

"Qualquer coisa que não a ação adequada seria infrutífera, pois, uma vez que a **excitação sexual somática atinja seu valor limite**, ela se converte continuamente em excitação psíquica, e é positivamente preciso que ocorra algo que liberte as terminações nervosas da carga de pressão sobre elas – algo que, por conseguinte, elimine a totalidade da excitação somática existente e permita à via de condução subcortical restabelecer sua resistência." – p.112;

"Abstenho-me de descrever de maneira similar **situações mais complicadas do processo sexual**." – p.112;

"Afirmarei apenas que, em essência, essa fórmula é também aplicável às mulheres, a despeito da confusão introduzida no problema por todos os retardamentos e tolhimentos artificiais da **pulsão sexual feminina**." – p.112;

"Também nas mulheres devemos postular uma **excitação sexual somática** e um estado em que essa excitação se transforma num estímulo psíquico – libido – e provoca a ânsia da ação específica a que está ligada a sensação voluptuosa." – p.112;

"Podemos incluir no âmbito dessa **descrição do processo sexual** não apenas a etiologia da neurose de angústia, mas também a da neurastenia genuína." – p.112;

"A neurose de angústia, por outro lado, **é produto de todos os fatores que impedem a excitação sexual somática de ser psiquicamente elaborada**." – p.113;

"Meu terceiro grupo, o do *coitus reservatus* com consideração pela mulher, atua por meio de um distúrbio da prontidão psíquica do homem **para o processo sexual**, na medida em que introduz, juntamente à tarefa de **manejar o afeto sexual**, uma outra tarefa psíquica de cunho defletor." – p.113;

"A angústia virginal é um exemplo particularmente claro, pois aqui os grupos de representações aos quais **a excitação sexual somática** deveria ligar-se ainda não estão suficientemente desenvolvidos." – p.114;

"A *alienação* entre as esferas psíquica e somática no rumo tomado pela **excitação sexual** é mais prontamente estabelecida nas mulheres que nos homens." – p.114;

"Os casos de viuvez e abstinência voluntária, e também os do climatério são tratados do mesmo modo em ambos os sexos; contudo, no que se refere à abstinência, não há dúvida de que, no caso das mulheres, existe ainda a questão do **recalcamento intencional do círculo às representações sexuais**, à qual a mulher abstinente deve estar atenta com frequência em sua luta contra a tentação." – p.114;

"Estamos cientes de que uma libido de nível baixo pode soçobrar nessas condições, e temos aí um bom exemplo de neurose que, embora **não apresente *nenhuma etiologia sexual***, *apresenta, entretanto,* ***um mecanismo sexual***." – p.114-115;

"A concepção aqui desenvolvida retrata os sintomas da neurose de angústia como sendo, em certo sentido, ***substitutos*** **da ação específica omitida posteriormente à excitação sexual**." – p.115;

"Por que motivo, nessas condições de insuficiência psíquica **para manejar a excitação sexual**, o sistema nervoso se descobre no peculiar estado afetivo de *angústia*?" – p.115;

"A psique é invadida pelo *afeto* de angústia quando se sente incapaz de lidar, por meio de uma reação apropriada, com uma tarefa (um perigo) *vinda de fora*; e fica presa de uma *neurose* de angústia quando se percebe incapaz de **equilibrar a excitação (sexual)** vinda *de dentro* – em outras palavras, *ela se comporta como se estivesse projetando tal excitação para fora*." – p.115;

"São **encontrados em indivíduos jovens e sexualmente potentes**, com etiologia não dividida e doença que não data de muito tempo." – p.116;

"Ou ainda, **um homem que antes se masturbava e que se tornou neurastênico pode ficar noivo e ser sexualmente excitado por sua noiva**; a sua neurastenia virá juntar-se então uma nova neurose de angústia." – p.116;

"Assim, por exemplo, **a súbita revelação sexual que vimos estar presente na angústia virginal** sempre dá origem também à histeria, assim como à neurose de angústia|; a imensa

maioria dos casos de abstinência voluntária liga-se desde o início com ideias obsessivas verdadeiras; o coito interrompido nos homens nunca me pareceu capaz de provocar uma neurose de angústia pura, mas sempre uma mistura desta com a neurastenia." – p.117;

"E ainda, tanto na segunda como na primeira, em vez de uma elaboração psíquica da excitação, há um desvio dela para o campo somático; a diferença está apenas em que, na neurose de angústia, a excitação, em cujo deslocamento a neurose se expressa, **é puramente somática (excitação sexual somática)**, ao passo que, na histeria, ela é psíquica (provocada por um conflito)." – p.118;

"Assim, não surpreende que a histeria e a neurose de angústia se combinem regularmente uma com a outra, como se vê na 'angústia virginal' ou na **'histeria sexual'**, e que a histeria simplesmente tome de empréstimo à neurose de angústia vários sintomas, e assim por diante." – p.118;

RESPOSTA ÀS CRÍTICAS A MEU ARTIGO SOBRE A NEUROSE DE ANGÚSTIA (1895)

"Minhas observações me haviam mostrado que, na etiologia das neuroses (pelo menos na dos casos *adquiridos* e das formas *adquiríveis*), **os fatores sexuais desempenham um papel predominante**, ao qual se tem atribuído pouquíssimo peso; assim, uma asserção como '**a etiologia das neuroses reside na sexualidade**', com toda sua inevitável incorreção *per excessum et defectum* [por excesso ou falta], mesmo assim está mais próxima da verdade do que as outras doutrinas dominantes no momento." – p.125;

"Outra afirmação que minhas observações me forçaram a fazer foi no sentido de que **os vários fatores sexuais nocivos** não são indiferentemente encontrados na etiologia de todas as neuroses, mas que existem relações especiais inconfundíveis entre determinados fatores nocivos e determinadas neuroses." – p.125;

"Procurei então formular sucintamente **o caráter especial das perturbações sexuais** que constituem a etiologia da neurose de angústia, e, com base **em minha concepção do processo sexual**, cheguei a esta proposição: **a neurose de angústia é criada por tudo aquilo que mantém a tensão sexual somática afastada da esfera psíquica**, por tudo o que interfere em sua elaboração psíquica." – p.125;

"Ao retrocedermos às circunstâncias concretas em que esse fator se torna atuante, somos levados a afirmar que **a abstinência [sexual]**, quer voluntária quer involuntária, **a relação**

sexual com satisfação incompleta, o coito interrompido, **o desvio do interesse psíquico da esfera da sexualidade e coisas similares são os fatores etiológicos específicos** dos estados que denominei de "neurose de angústia"." – p.125-126;

"Sei muito bem que, ao expor minha **'etiologia sexual' das neuroses**, não apresentei nada de novo, e que nunca faltaram correntes não oficiais da literatura médica que levam esses fatos em conta." – p.126;

"Tal comportamento deve ter alguma causa profundamente enraizada, talvez oriunda de uma espécie de relutância em enfocar diretamente os **assuntos sexuais**, ou de uma reação contra as tentativas mais antigas de explicação, consideradas obsoletas." – p.126;

"Com olho infalível, Loewenfeld (1895) detecta a característica essencial de meu artigo – a saber, minha asserção de que **os sintomas da angústia têm uma etiologia específica e uniforme, de natureza sexual**." – p.127;

"Essa negação, como se percebe facilmente, nada mais é do que a contrapartida de minha afirmação, de cunho positivo, de que a angústia que aparece em minha neurose corresponde **a uma tensão sexual somática** que foi desviada do campo psíquico – uma tensão que, de outra forma, far-se-ia sentir como libido." – p.127;

"Em oposição a isso, Loewenfeld insiste no fato de que, em muitos casos, 'os estados de angústia aparecem imediatamente ou logo após um choque psíquico (apenas pavor ou acidentes acompanhados de pavor), e nessas situações às vezes há circunstâncias que tornam extremamente improvável a atuação simultânea de **perturbações sexuais da espécie mencionada**'." – p.127;

"Havia ainda a mulher sem filhos que fora acometida de neurose de angústia por causa da doença de uma sobrinha: era casada com um homem impotente e nunca fora **sexualmente satisfeita**." – p.129;

"Se alguém quiser provar-me que, nesses comentários, negligenciei indevidamente a importância dos fatores etiológicos banais, deverá confrontar-me com observações em que meu fator específico esteja ausente – isto é, com casos em que a neurose de angústia tenha emergido após um choque psíquico, embora (de modo geral) **o sujeito tenha levado uma *vita sexualis* normal**." – p.129-130;

"É óbvio que meu respeitável oponente não percebeu com clareza a necessidade disso, do contrário não nos teria deixado tão completamente no **escuro quanto à *vita sexualis* de sua paciente**." – p.130;

"Mas antes de usar um caso para **comprovar ou refutar a teoria da etiologia sexual das neuroses**, é preciso, primeiramente, que eu tenha estudado **o comportamento sexual do paciente** mais de perto do que fez Loewenfeld." – p.130;

"Não me contentaria em concluir que, por ter a mulher sofrido seu choque psíquico numa fase imediatamente posterior a um parto, o coito interrompido não poderia ter desempenhado um papel nisso no ano anterior, e que, portanto, **as perturbações sexuais** estariam excluídas." – p.130;

"Sei de casos de mulheres que engravidavam todos os anos e que, apesar disso, sofriam de neurose de angústia, pois – por incrível que pareça – **todas as relações sexuais eram suspensas depois do primeiro coito fertilizante**, de modo que, a despeito de terem muitos filhos, **elas haviam sofrido de privação sexual** durante todos esses anos." – p.130;

"Por fim (e essa é uma consideração que deve ser levada em conta precisamente pelos defensores de uma etiologia hereditária), há muitas mulheres afligidas por neurose de angústia congênita – isto é, que herdam ou desenvolvem, sem nenhum distúrbio externamente demonstrável, **uma *vita sexualis* idêntica à usualmente adquirida por meio do coito interrompido e de perturbações similares**." – p.130;

"Em muitas dessas mulheres podemos descobrir uma doença histérica na juventude, desde a qual **sua *vita sexualis* ficou perturbada** e **se estabeleceu um desvio da tensão sexual para longe da esfera psíquica**." – p.130;

"**As mulheres com esse tipo de sexualidade** são incapazes de obter satisfação real, mesmo no coito normal, e desenvolvem uma neurose de angústia, seja espontaneamente, seja depois de sobrevirem outros fatores atuantes." – p.130;

"Mas repito: esse caso só constituirá uma prova contra mim se a mulher que reagiu a um único susto com uma neurose de angústia tiver antes desfrutado de uma ***vita sexualis* normal**." – p.130;

"Se os especialistas em sífilis ainda confiassem no depoimento de seus pacientes para ligar uma infecção inicial da genitália às **relações sexuais**, poderiam atribuir um respeitável número de cancros em pessoas declaradamente virgens a simples resfriados; e os ginecologistas teriam pouca dificuldade em confirmar o milagre da partenogênese entre suas clientes solteiras." – p.131;

"(2) Loewenfeld diz ainda que tem visto repetidamente o aparecimento e desaparecimento de

estados de angústia em casos em que decerto **não ocorreu qualquer mudança na vida sexual do sujeito**, mas onde havia outros fatores em jogo." – p.131;

"**Supor que na armazenagem de excitação sexual somática ocorre a mesma coisa que na acumulação de estímulo que leva a uma convulsão epiléptica é formular uma hipótese excessivamente minuciosa**, e não dei nenhum motivo para isso; nem essa hipótese é a única que se apresenta." – p.133;

"Para descartar a alegação de Loewenfeld, basta-me apenas presumir que o sistema nervoso tem o poder de **manejar um certo *quantum* de excitação sexual somática** mesmo quando esta última é desviada de seu objetivo, e que os distúrbios só ocorrem quando esse *quantum* de excitação recebe um súbito acréscimo." – p.133;

"Gostaria apenas de indicar que não devemos pensar na ***produção* da tensão sexual** como algo independente de sua *distribuição*: que, na **vida sexual normal**, essa produção, quando estimulada por um **objeto sexual**, assume uma forma substancialmente diversa da que toma no estado de inércia psíquica e assim por diante." – p.133;

"Convém admitir que, com toda a probabilidade, a situação aqui difere da que prevalece na tendência às convulsões epilépticas, e que ainda **não pode ser sistematicamente deduzida da teoria do acúmulo da excitação sexual somática**." – p.133;

"Contrariando a outra afirmação de Loewenfeld – a de que os estados de angústia só aparecem em certas ocasiões e deixam de aparecer quando essas condições são evitadas, **independentemente de qual seja a *vita sexualis* do sujeito** – convém assinalar que, nesse ponto, é claro que ele só tem em mente a angústia das *fobias*, como de fato fica demonstrado pelos exemplos ligados à passagem que citei." – p.134;

"Mediante um exame detalhado, descobrimos com grande regularidade a presença de um **processo sexual excitatório** (isto é, um **processo capaz de gerar tensão sexual somática**), que, após o decorrer de um intervalo de tempo definido e quase sempre constante, é seguido pelo ataque de angústia." – p.134;

"Acima de tudo, esse papel é desempenhado pela própria **relação sexual (prejudicial, quando incompleta)**, que transfere sua própria periodicidade aos efeitos que acarreta, ou seja, aos ataques de angústia." – p.134;

"Quando ocorrem ataques de angústia que rompem a periodicidade usual, costuma ser possível atribuí-los a uma causa incidental de ocorrência rara e irregular – a **uma experiência sexual isolada**, a alguma coisa lida ou vista, e outras situações semelhantes." – p.134;

"Quando isso ocorre, a angústia é "gerada", assim como, por exemplo, **a tensão sexual é gerada pela excitação de ideias libidinais**. Todavia, a conexão desse processo com a teoria da neurose de angústia ainda não foi elucidada." – p.135;

"O aspecto principal do problema das fobias parece-me ser que, *quando* ***a vita sexualis é normal*** – quando a condição específica, **o distúrbio da vida sexual** no sentido de uma deflexão do somático em relação ao psíquico, não é preenchida –, *as fobias não aparecem em absoluto*." – p.135;

"Quaisquer que sejam os demais pontos obscuros quanto ao mecanismo das fobias, minha teoria só poderá ser refutada quando me tiverem mostrado fobias em que **a vida sexual seja normal**, ou mesmo em que nela haja um distúrbio de tipo inespecífico." – p.135;

"'Mas quando há fundamento para se considerar a neurose como *adquirida*, uma cuidadosa investigação orientada nesse sentido revela que um **conjunto de perturbações e influências da *vida sexual***… são os fatores etiológicos atuantes.' Loewenfeld cita essa passagem e acrescenta o seguinte comentário: 'Parece depreender-se disso que Freud sempre encara uma neurose como 'adquirida' quando se encontram causas incidentais para ela.'" – p.135;

"*Causa específica*: **Um fator sexual**, no sentido de uma **deflexão da tensão sexual** para fora do campo psíquico." – p.137;

"Pode-se demonstrar com certeza **a presença do fator sexual** na maioria dos casos." – p.138;

"Isto é, em alguns pacientes, **essa peculiaridade da *vita sexualis* – insuficiência psíquica para manejar a excitação sexual somática** – é inata sob a forma de um estigma, ao passo que, comumente, é através dessa peculiaridade que as pessoas adquirem a neurose." – p.138;

"Em todos eles, além disso, verificamos que **a tensão sexual** sofre as mesmas vicissitudes; e, na maioria, mantém-se a distinção entre precondição, causa específica e causa auxiliar, em conformidade com a solução da equação etiológica dada acima." – p.138;

"Quando consulto minha experiência sobre esse ponto, não consigo ver nenhuma relação antitética, no que concerne à neurose de angústia, entre a predisposição hereditária e **o fator sexual específico**." – p.138;

"**O fator sexual** só costuma ser atuante nas pessoas que têm também uma tara hereditária inata; a hereditariedade, por si só, usualmente não é capaz de produzir uma neurose de angústia, tendo

que aguardar a ocorrência de uma quantidade suficiente da **perturbação sexual específica**." – p.138;

"Mas a *forma* que a neurose assumirá – a direção a ser tomada pelo desvio – **é determinada exclusivamente pelo fator etiológico específico procedente da vida sexual**." – p.139;

A HEREDITARIEDADE E A ETIOLOGIA DAS NEUROSES (1896)

"Com base num árduo exame dos fatos, afirmo que esta última suposição concorda perfeitamente com a realidade, que cada uma das grandes neuroses que enumerei tem como causa imediata uma perturbação específica da economia do sistema nervoso, e que essas **modificações patológicas funcionais *têm como fonte comum a vida sexual do sujeito, quer residam num distúrbio de sua vida sexual contemporânea, quer em fatos importantes de sua vida passada***." – p.150;

"**Os distúrbios sexuais** sempre foram admitidos entre as causas da doença nervosa, mas têm sido subordinados à hereditariedade e coordenados com os demais *agents provocateurs*; sua influência etiológica tem se restringido a um número limitado de casos observados." – p.151;

"O que confere um caráter distintivo a minha linha de abordagem é que **elevo essas influências sexuais à categoria de causas específicas**, reconheço sua atuação em todos os casos de neurose e, finalmente, traço um paralelismo regular, prova de uma relação etiológica especial, entre **a natureza da influência sexual** e a espécie patológica da neurose." – p.151;

"A neurastenia propriamente dita, ao destacarmos dela a neurose de angústia, tem um aspecto clínico muito monótono: fadiga, pressão intracraniana, dispepsia flatulenta, constipação, parestesias raquidianas, **fraqueza sexual** etc." – p.151;

"É a **ação prolongada e intensa dessa perniciosa satisfação sexual que se revela suficiente**, por si mesma, para provocar uma neurose neurastênica, ou que imprime no sujeito a marca neurastênica especial que depois se manifesta sob a influência de uma causa acessória incidental." – p.151;

"Deparei também com pessoas, apresentando indicações de uma constituição neurastênica, nas quais não consegui trazer à luz a etiologia que mencionei, mas ao menos mostrei que **a função sexual nunca se desenvolvera até seu nível normal** nesses pacientes; a hereditariedade parecia tê-los dotado de uma **constituição sexual** análoga à que se produz no neurastênico em consequência da masturbação." – p.151;

"Ela se revela facilmente como sendo o efeito específico de **várias perturbações da vida sexual**, todas as quais possuem uma característica comum." – p.152;

"A abstinência forçada, **a excitação genital não consumada (excitação não aliviada pelo ato sexual)**, o coito imperfeito ou interrompido (que não termina em gratificação), **os esforços sexuais que excedem a capacidade física do sujeito** etc. – todos esses agentes, que ocorrem tão frequentemente na vida moderna, parecem concordar quanto ao fato de que **perturbam o equilíbrio das funções psíquicas e somáticas nos atos sexuais**, e de que impedem a participação psíquica necessária para **libertar a economia nervosa da tensão sexual**." – p.152;

"Estes comentários, que talvez contenham o germe de uma explicação teórica do mecanismo funcional da neurose em questão, já levantam a suspeita de que uma exposição completa e verdadeiramente científica do assunto não é possível no momento, e de que seria necessário começar por **uma abordagem do problema fisiológico da vida sexual a partir de um novo ângulo**." – p.152;

"**Por meio desse procedimento – este não é o lugar para descrevê-lo –, os sintomas histéricos são investigados até sua origem, sempre encontrada em algum evento da vida sexual do sujeito**, apropriado para a produção de uma emoção aflitiva." - p.152-153;

"**Esse agente é, de fato, uma lembrança relacionada à vida sexual**, mas que apresenta duas características de máxima importância." – p.153;

"O evento do qual o sujeito reteve uma lembrança inconsciente é ***uma experiência precoce de relações sexuais com excitação real dos órgãos genitais, resultante de abuso sexual cometido por outra pessoa***; e o *período da vida* em que ocorre esse evento fatal é a *infância* – até a idade de 8 ou 10 anos, **antes que a criança tenha atingido a maturidade sexual**." – p.153;

"***Uma experiência sexual passiva antes da puberdade***: eis, portanto, a etiologia específica da histeria." – p.153;

"Em sete dos treze casos a relação se dera entre duas crianças – **relações sexuais entre uma garotinha e um menino um pouco mais velho** (na maioria das vezes, um irmão), que fora por sua vez vítima de sedução anterior." – p.153;

"Talvez ela seja um tanto acidental, mas formei a opinião, a partir disso, de que uma **experiência sexual passiva** que só ocorra após a idade de oito a dez anos não pode mais servir como fundação da neurose." – p.154;

"Só se consegue despertar **o vestígio psíquico de um evento sexual precoce** sob a mais vigorosa pressão da técnica analítica e vencendo uma enorme resistência." – p.154;

"Será compreensível que esse tipo de **experiência sexual precoce**, sofrida por um indivíduo cujo sexo mal se diferenciou, pode tornar-se fonte de uma anormalidade psíquica persistente como a histeria?" – p.154;

"É precisamente por estar o sujeito em sua primeira infância que **a excitação sexual precoce surte pouco ou nenhum efeito na época**; mas seu traço psíquico é preservado." – p.154-155;

"Mais tarde, na puberdade, quando as **reações dos órgãos sexuais se desenvolvem** num nível desproporcional a seu estado infantil, esse traço psíquico inconsciente é de algum modo despertado." – p.155;

"O que acontece é, por assim dizer, ***a ação póstuma de um trauma sexual***." – p.155;

"Ao que eu sabia, esse **despertar de uma lembrança sexual após a puberdade**, quando o próprio evento ocorreu muito antes desse período, constitui a única situação psicológica em que o efeito imediato de uma *lembrança* suplanta o efeito de um evento atual." – p.155;

"As ideias aqui apresentadas, que têm como ponto de partida a descoberta, pela psicanálise, de que **a lembrança de uma experiência sexual precoce** é sempre encontrada como causa específica da histeria, não se harmonizam com a teoria psicológica das neuroses sustentada por M. Janet, nem com qualquer outra; concordam perfeitamente, porém, com minhas próprias especulações sobre as "*Abwehrneurosen*" [neuroses de defesa], tais como as desenvolvi em outro texto." – p.155;

"Todos os eventos subsequentes à puberdade a que se deva atribuir influência no desenvolvimento da neurose histérica e na formação de seus sintomas são, de fato, apenas causas concorrentes – '*agents provocateurs*', como Charcot costumava dizer, embora, para ele, a hereditariedade nervosa ocupasse o lugar que reivindico para **a experiência sexual precoce**." – p.155;

"Também aqui encontramos **um evento sexual precoce**, ocorrendo antes da puberdade, cuja lembrança torna-se ativa durante ou depois desse período; e os mesmos comentários e argumentos que apresentei em conexão com a histeria se aplicarão as minhas observações sobre a outra neurose (seis casos, três dos quais puros)." – p.156;

"Na base da etiologia da histeria encontramos **um evento de sexualidade passiva**, uma experiência à qual alguém se submeteu com indiferença ou com um pequeno grau de aborrecimento ou medo." – p.156;

"Na neurose obsessiva, trata-se, por outro lado, de um evento que proporcionou *prazer*, de um

ato de agressão inspirado no desejo (no caso do menino) ou de um **ato de participação nas relações sexuais acompanhado de gozo** (no caso da menina).” – p.156;

“As representações obsessivas, quando seu significado íntimo é reconhecido pela análise, quando se reduzem, por assim dizer, a sua expressão mais simples, nada passam de ***recriminações dirigidas pelo sujeito a si mesmo por causa desse gozo sexual antecipado***, mas recriminações distorcidas por um trabalho psíquico inconsciente de transformação e substituição.” – p.156;

“O próprio fato de **agressões sexuais** desse tipo ocorrerem em tão tenra idade parece revelar a influência de uma sedução prévia, da qual a **precocidade do desejo sexual seria uma consequência**.” – p.156;

“**A importância do elemento ativo na vida sexual como causa das obsessões, e da passividade sexual na patogênese das histerias**, parece até mesmo desvendar a razão da conexão mais íntima da histeria com o sexo feminino e da preferência dos homens pela neurose obsessiva.” – p.156;

“Quando se trata de irmão e irmã, pode-se cometer o equívoco de tomar como resultado da hereditariedade nervosa o que é, de fato, **consequência de experiências sexuais precoces**.” – p.157;

“Isso ocorre porque as causas específicas da neurastenia, as **perturbações contemporâneas da vida sexual**, atuam ao mesmo tempo como causas auxiliares da psiconeurose, cuja causa específica, a lembrança da **experiência sexual precoce**, elas despertam e revivem.” – p.157;

“Admito que sua presença é indispensável para os casos graves; duvido que seja necessária para os leves, mas estou convencido de que a hereditariedade nervosa, por si só, é incapaz de produzir as psiconeuroses se faltar sua etiologia específica, isto é, a **excitação sexual precoce**.” – p.157;

“Creio mesmo que a decisão quanto ao desenvolvimento de uma das duas neuroses, histeria ou obsessões, em determinado caso, não provém da hereditariedade, **mas de uma característica especial do evento sexual na tenra infância**.” – p.157;

OBSERVAÇÕES ADICIONAIS SOBRE AS NEUROPSICOSES DE DEFESA (1896)

“Em publicações anteriores, Breuer e eu já expressávamos a opinião de que os sintomas da histeria só poderiam ser compreendidos se remetidos a experiências de efeito traumático referindo-se esses traumas psíquicos **à vida sexual do paciente**.” – p.166;

"O que tenho a acrescentar aqui, como resultado uniforme das análises efetuadas por mim em treze casos de histeria, diz respeito, por um lado, **à *natureza* desses traumas sexuais** e, por outro, ao período da vida em que eles ocorrem." – p.166;

"Para causar a histeria, não basta ocorrer em algum período da vida do sujeito **um evento relacionado com sua vida sexual** e que se torne patogênico pela liberação e supressão de um afeto aflitivo." – p.166;

"Pelo contrário, ***tais traumas sexuais*** *devem ter ocorrido na tenra infância, antes da puberdade, e seu conteúdo deve consistir numa irritação real dos órgãos genitais (por processos semelhantes à copulação).*" – p.166;

"Descobri um determinante específico da histeria – **a *passividade sexual durante o período pré-sexual*** – em todos os casos de histeria (inclusive dois casos masculinos) que analisei." – p.166;

"Além disso, fica aberto um caminho para se compreender por que a histeria é tão mais frequente nos membros do sexo feminino, pois, já na infância, estes são mais suscetíveis de **provocar ataques sexuais**." – p.166;

"As objeções mais imediatas a essa conclusão serão, provavelmente, que **as investidas sexuais contra crianças pequenas** ocorrem com demasiada frequência para terem qualquer importância etiológica, ou que esse tipo de experiências está destinado a não ter efeito, precisamente por acontecer com **pessoas não desenvolvidas sexualmente**; e ainda, que se deve ter cuidado para não impor aos pacientes supostas reminiscências dessa espécie ao interrogá-los, e para não acreditar nos romances que eles mesmos inventam." – p.166;

"O essencial nas primeiras objeções pode ser refutado ao se assinalar que não são as experiências em si que agem de modo traumático, mas antes sua **revivescência como *lembrança* depois que o sujeito ingressa na maturidade sexual**." – p.167;

"Todos os traumas de infância que a análise descobriu nesses casos agudos tiveram que ser classificados **como graves ofensas sexuais**; alguns eram positivamente revoltantes." – p.167;

"Em sete dos treze casos, entretanto, revelou-se que os autores das investidas tinham sido inocentes crianças; em sua maioria, eram irmãos que, por anos a fio, tinham mantido **relações sexuais com irmãs** um pouco mais novas." – p.167;

"Sem dúvida, o curso dos acontecimentos, na totalidade dos casos, era semelhante ao que foi possível reconstituir com certeza em alguns casos individuais: em outras palavras, o menino

sofrera um abuso por parte de alguém do sexo feminino, de modo que sua libido fora prematuramente despertada, e então, passados alguns anos, cometera um **ato de agressão sexual contra sua irmã**, com quem repetiu precisamente os mesmos procedimentos a que ele próprio fora submetido." – p.167;

"A masturbação ativa deve ser excluída da minha **lista das perturbações sexuais na tenra infância** que são patogênicas para a histeria." – p.167;

"Não sei dizer ao certo qual a idade máxima abaixo da qual a **ofensa sexual desempenha um papel na etiologia da histeria**; duvido, porém, que **a passividade sexual possa resultar em recalcamento** depois de uma idade entre oito e dez anos, a não ser que isso seja possibilitado por experiências anteriores." – p.168;

"Em muitos de meus casos, **o trauma sexual** (ou série de traumas) ocorreu no terceiro ou quarto anos de vida." – p.168;

"Esse papel dos traumas posteriores se adequa bem ao fato de que eles não estão sujeitos às condições estritas que regem os traumas da infância, mas podem variar em intensidade e natureza, **desde a efetiva violação sexual até meras investidas sexuais, ou ao testemunho dos atos sexuais de outras pessoas, ou ao recebimento de informações sobre os processos sexuais**." – p.168-169;

"O lugar dessa predisposição histérica indefinida pode agora ser tomado, inteiramente ou em parte, pela **ação póstuma de um trauma sexual na infância**." – p.169;

"O 'recalcamento' da lembrança de **uma experiência sexual aflitiva**, que ocorre em idade mais madura, só é possível para aqueles em quem essa experiência consegue ativar o traço mnêmico de um trauma da infância." – p.169;

"As obsessões pressupõem, do mesmo modo, **uma experiência sexual na infância** (embora de natureza diferente da encontrada na histeria)." – p.169;

"A etiologia das duas neuropsicoses de defesa relaciona-se da seguinte maneira com a etiologia das duas neuroses simples, a neurastenia e a neurose de angústia: os dois últimos distúrbios são efeitos diretos das próprias **perturbações sexuais**, como demonstrei em meu artigo sobre a neurose de angústia [...]; **ambas as neuroses de defesa são consequências indiretas das perturbações sexuais ocorridas antes do advento da maturidade sexual** – ou seja, são consequência dos traços mnêmicos psíquicos dessas perturbações." – p.169-170;

"Finalmente, também não é raro a neurastenia ou a neurose de angústia serem mantidas, não

pelas **perturbações sexuais contemporâneas**, mas, ao contrário, apenas pelo efeito persistente de uma lembrança de traumas infantis." – p.170;

"**As experiências sexuais da primeira infância** têm na etiologia da neurose obsessiva a mesma importância que na histeria." – p.170;

"Aqui, entretanto, não se trata mais de ***passividade* sexual**, mas de atos de agressão praticados com prazer e de **participação prazerosa em atos sexuais** – ou seja, **trata-se de *atividade* sexual**." – p.170-171;

"Além disso, em todos os meus casos de neurose obsessiva, descobri um *substrato de sintomas histéricos* que puderam ser atribuídos a **uma cena de passividade sexual que precedeu a ação prazerosa**." – p.171;

"Suspeito de que essa coincidência não seja fortuita, e de que a **agressividade sexual precoce** implique sempre uma experiência prévia de ser seduzido." – p.171;

"As *ideias obsessivas são, invariavelmente, autoacusações* transformadas que reemergiram do *recalcamento* e que sempre se relacionam com algum **ato *sexual*** praticado com prazer *na infância*." – p.171;

"Antes de tudo, na mais tenra infância, temos as experiências de **sedução sexual** que mais tarde tornarão possível o recalcamento, e então sobrevêm os atos de **agressão sexual contra o outro sexo**, que aparecerão depois sob a forma de atos que envolvem autoacusação." – p.171;

"Este período é encerrado pelo advento da **"maturação" sexual**, frequentemente precoce demais." – p.171;

"Não se sabe ao certo se o despertar de tais lembranças ocorre com maior frequência de modo espontâneo e acidental, ou **em consequência de distúrbios sexuais contemporâneos**, como uma espécie de subproduto deles." – p.172;

"Em primeiro lugar, alguma coisa contemporânea toma o lugar de algo do passado e, em segundo, alguma **coisa sexual é substituída por algo não sexual que lhe é análogo**." – p.172;

"Assim, a *autoacusação* (por ter **praticado o ato sexual na infância**) pode facilmente transformar-se em *vergonha* (de que alguém o descubra), em *angústia hipocondríaca* (medo dos danos físicos resultantes do ato que envolve a autoacusação), em *angústia social* (medo de ser socialmente punido pelo delito), em *angústia religiosa*, em *delírios de ser observado* (medo

de delatar-se pelo ato diante de outras pessoas), ou em *medo da tentação* (justificada desconfiança em relação a seus próprios poderes de resistência), e assim por diante.” – p.173;

“Eis por que a *ruminação obsessiva*, quando bem-sucedida, versa regularmente sobre **coisas abstratas e *suprassensuais*, pois as representações recalcadas sempre se referem à *sensualidade***.” – p.175;

“Consegui então fazê-la reproduzir as várias **cenas de seu relacionamento sexual** com o irmão (que certamente durara pelo menos dos seis aos dez anos).” – p.181;

“Contra esse material – analogias entre o casal da história e ela própria e seu marido, lembranças da intimidade na vida conjugal e de segredos de família –, contra tudo isso levantara-se uma resistência recalcadora, porque o material estava ligado, por associações de pensamentos facilmente demonstráveis, a **sua aversão pela sexualidade** e assim, em última instância, remontava a sua antiga experiência infantil.” – p.183;

“Com o início do casamento – obviamente pelo despertar inconsciente de seu caso amoroso infantil, onde ela e o irmão brincavam de marido e mulher – ela desenvolveu uma **grande aversão à sexualidade**.” – p.183;

“Em ambas, mostrou-se que o recalcamento é o núcleo do mecanismo psíquico, e em ambas, **o que foi recalcado é uma experiência sexual na infância**.” – p.184;

ETIOLOGIA DA HISTERIA (1896)

“Mas a descoberta mais importante a que chegamos, quando uma análise é sistematicamente conduzida, é a seguinte: qualquer que seja o caso e qualquer que seja o sintoma que tomemos como ponto de partida, *no fim chegamos infalivelmente **ao campo da experiência sexual***.” – p.198;

“No que tange ao próprio tema controvertido, farei apenas a observação de que **a escolha do fator sexual na etiologia da histeria** não procede, pelo menos, de nenhuma opinião preconcebida de minha parte.” – p.199;

“Se submeterem ao mais rigoroso exame minha afirmação de que a etiologia da histeria repousa na **vida sexual**, os senhores verificarão que ela é confirmada pelo fato de que, em dezoito casos de histeria, pude descobrir essa conexão em cada sintoma isolado e, onde o permitiram as circunstâncias, pude confirmá-lo pelo sucesso terapêutico.” – p.199;

“Sem dúvida, os senhores poderão levantar a objeção de que a décima nona ou a vigésima

análise talvez mostre que os sintomas histéricos derivam também de outras fontes, assim reduzindo **a validade universal da etiologia sexual** a uns oitenta por cento." – p.199;

"Na única tentativa que pude fazer de explicar o mecanismo filosófico e psíquico da histeria, para correlacionar minhas observações, passei a encarar a participação das **forças motivadoras sexuais** como uma premissa indispensável." – p.199;

"Eventualmente, portanto, após terem convergido as cadeias de lembranças, chegamos ao **campo da sexualidade** e a um pequeno número de experiências que ocorrem, em sua maior parte, no mesmo período da vida – ou seja, na puberdade." – p.199;

"É verdade que essas experiências, descobertas com tanta dificuldade e extraídas de todo o material mnêmico, e que pareceriam ser as experiências traumáticas máximas, têm em comum **as duas características de serem sexuais e ocorrerem na puberdade**; mas em todos os outros aspectos, elas diferem muito entre si, tanto em *espécie* como em *importância*." – p.199-200;

"Em alguns casos, sem dúvida, nosso interesse é voltado para experiências que devem ser encaradas como traumas graves – uma tentativa de estupro, talvez, que de um só golpe revela a uma menina imatura toda **a brutalidade do desejo sexual**, ou o **testemunho involuntário de atos sexuais** entre os pais, que a um só tempo mostra uma insuspeitada fealdade e fere do mesmo modo a sensibilidade moral e infantil, e assim por diante. Em outros casos, porém, as experiências são surpreendentemente triviais." – p.200;

"Se tanto os acontecimentos graves quanto os banais, e não apenas as experiências que afetam o próprio corpo do sujeito, mas também as impressões visuais e as informações recebidas pela audição devem ser reconhecidas como traumas últimos da histeria, podemos ser tentados a arriscar a explicação de que os histéricos são criaturas peculiarmente constituídas – provavelmente em virtude de alguma predisposição hereditária ou atrofia degenerativa –, nas quais **um retraimento da sexualidade**, que normalmente ocorre na puberdade, é elevado a um grau patológico e é permanentemente mantido; são, portanto, por assim dizer, pessoas psiquicamente **inaptas para atender às exigências da sexualidade**." – p.200;

"Para a felicidade de nossa explicação, algumas dessas **experiências sexuais da puberdade** mostram mais uma insuficiência que é a conta certa para nos estimular a prosseguir em nosso trabalho analítico." – p.200;

"Não pude encontrar nenhum indício de que tivessem sido determinadas pelas cenas da puberdade ou por cenas posteriores; todavia, certamente não eram sensações orgânicas normais, **nem sinais de excitação sexual**." – p.201;

"Ao fazer isso, é claro, chegamos ao período da primeira infância, a **um período anterior ao**

desenvolvimento da vida sexual; e isso pareceria envolver **o abandono de uma etiologia sexual**." – p.201;

"Mas será que não temos o direito de presumir que **nem mesmo a infância é desprovida de leves excitações sexuais**, e que o futuro **desenvolvimento sexual** talvez seja decisivamente influenciado pelas experiências infantis?" – p.201;

"Talvez a reação anormal **às impressões sexuais**, que nos surpreende nos sujeitos histéricos na fase da puberdade, baseie-se, muito genericamente, nesse tipo de **experiências sexuais na infância**, caso em que tais experiências deverão ser de natureza uniforme e importante." – p.201;

"E já que, afinal, **as experiências infantis de conteúdo sexual** só poderiam exercer efeito psíquico através de seus *traços mnêmicos*, não seria essa concepção uma ampliação bem-vinda da descoberta da psicanálise que nos diz que *os sintomas histéricos só podem emergir com a cooperação de lembranças*?" – p.201;

"Essas **experiências *infantis* são, mais uma vez, de conteúdo *sexual***, mas de um tipo muito mais uniforme do que as cenas da puberdade anteriormente descobertas." – p.202;

"Não se trata mais de **temas sexuais** que tenham sido despertados por uma ou outra impressão sensorial, mas de **experiências sexuais** que **afetaram o próprio corpo do sujeito** – **de *contato sexual* (no sentido mais amplo)**." – p.202;

"Exponho, portanto, a tese de que, na base de todos os casos de histeria, há *uma ou mais **ocorrências de experiência sexual prematura***, ocorrências estas que pertencem aos primeiros anos da infância, mas que podem ser reproduzidas através do trabalho da psicanálise a despeito das décadas decorridas no intervalo." – p.202;

"As dúvidas quanto à autenticidade das **cenas sexuais infantis**, entretanto, podem ser rebatidas aqui e agora por mais de um argumento." – p.203;

"Há, todavia, inúmeras outras coisas que atestam a realidade das **cenas sexuais infantis**." – p.203;

"Haveria outra prova realmente inatacável da **autenticidade das experiências sexuais infantis** – a saber, se as declarações de alguém que estivesse sendo analisado fossem confirmadas por outra pessoa, em tratamento ou não." – p.205;

"Essas duas pessoas deveriam ter tomado parte numa mesma experiência em sua infância – talvez mantido algum **relacionamento sexual** entre si." – p.205;

"Num dos casos, foi o irmão (que permanecera sadio) que confirmou, voluntariamente não, é verdade, suas **experiências sexuais precoces com a irmã** (que era a paciente), mas, pelo menos, a existência de cenas desse tipo em época posterior de sua infância, e o fato de ter havido **relações sexuais ainda mais cedo**." – p.205;

"No outro caso, deu-se que duas mulheres que eu estava tratando haviam mantido, na infância, **relações sexuais** com o mesmo homem, havendo certas cenas ocorrido *à trois*." – p.205;

"(b) **As experiências sexuais infantis** que consistem na estimulação dos órgãos genitais, em atos semelhantes ao coito, e assim por diante, devem portanto ser consideradas, em última análise, como os traumas que levam a uma reação histérica nos eventos da puberdade e ao desenvolvimento de sintomas histéricos." – p.205;

"Algumas pessoas dirão que **esse tipo de abusos sexuais**, sejam eles praticados contra as crianças ou entre elas, são raros demais para que se possa considerá-los como o determinante de uma neurose tão comum quanto a histeria." – p.205;

"Sustentarão ainda que é fácil, em se fazendo algumas inquirições, encontrar pessoas que se recordam de **cenas de sedução sexual e de abuso sexual nos anos da infância** e que, mesmo assim, nunca foram histéricas." – p.205;

"Finalmente nos dirão, como um argumento de peso, que, nas camadas mais baixas da população, a histeria certamente não é mais comum do que nas mais altas, ao passo que tudo indica que a injunção da **salvaguarda sexual da infância** é muito mais frequentemente transgredida no caso das crianças do proletariado." – p.205;

"Parece-me certo que nossos filhos são muito mais frequentemente expostos a **ataques sexuais** do que nos levariam a esperar as escassas precauções tomadas pelos pais a esse respeito." – p.205-206;

"Quando fiz minhas primeiras indagações sobre o que se conhecia do assunto, fiquei sabendo, através de colegas, que existem várias **publicações pediátricas estigmatizando a frequência de práticas sexuais por amas de leite e por babás**, realizadas até mesmo com crianças de colo; e há poucas semanas deparei com uma discussão do "Coito na Infância", do Dr. Stekel (1895), de Viena." – p.206;

"Não tive tempo de coligir outras provas publicadas, mas ainda que elas sejam escassas, é de

se esperar que uma atenção maior para o assunto venha a confirmar muito em breve **a grande frequência das experiências sexuais e da atividade sexual na infância**." – p.206;

"Em todos os dezoito casos (de histeria pura e histeria combinada com obsessões, abrangendo seis homens e doze mulheres), vim a saber, como já disse, de **experiências sexuais desse tipo na infância**." – p.206;

"Posso dividir meus casos em três grupos, de acordo com **a origem da estimulação sexual**." – p.206;

"O segundo grupo consiste nos casos muito mais numerosos em que algum adulto que cuidava da criança – uma babá, uma governanta, um tutor ou, infelizmente, com frequência grande demais, um parente próximo – iniciou a criança no **contato sexual** e manteve com ela uma relação amorosa regular – uma relação amorosa que teve, além disso, seu lado mental desenvolvido – que, muitas vezes, durou anos." – p.206;

"O terceiro grupo, finalmente, contém relações infantis propriamente ditas – **relações sexuais entre duas crianças de sexo diferente**, em geral um irmão e uma irmã, que se prolongam com frequência além da puberdade e têm as mais extensas consequências para o par." – p.206;

"Na maioria de meus casos, verifiquei que havia duas ou mais dessas etiologias em ação ao mesmo tempo; em alguns casos, o acúmulo de **experiências sexuais oriundas de fontes diferentes** era verdadeiramente impressionante." – p.206;

"Nos casos em que tinha havido uma relação entre duas crianças, pude algumas vezes provar que o menino – desempenhando, aqui também, o papel do agressor – fora previamente seduzido por um adulto do sexo feminino, e que depois, sob a pressão de sua libido prematuramente despertada e compelido por suas lembranças, tentara repetir com a garotinha exatamente as mesmas práticas que aprendera com a mulher adulta, sem fazer qualquer modificação por sua conta **no caráter da atividade sexual**." – p.207;

"Em vista disso, inclino-me a supor que as crianças não sabem chegar aos atos de **agressão sexual**, a menos que tenham sido previamente seduzidas." – p.207;

"Peço-lhes que considerem por mais um momento a especial frequência com que **as relações sexuais na infância** ocorrem precisamente entre irmãos, irmãs e primos, em decorrência das oportunidades tão frequentes de estarem juntos; supondo-se então que, dez ou quinze anos depois, vários membros da geração mais nova da família se revelem doentes, não poderia essa aparência de neurose familiar levar naturalmente à falsa suposição da existência de uma predisposição hereditária quando há apenas uma *pseudo-hereditariedade* e quando, de fato, o que houve foi uma contaminação, uma infecção na infância?" – p.207;

"Voltemo-nos agora para a outra objeção, baseada precisamente num reconhecimento da **frequência das experiências sexuais infantis** e no fato observado de que muitas pessoas que se recordam de tais cenas *não* se tornaram histéricas." – p.207;

"Não importa que muitas pessoas **vivenciem cenas sexuais infantis** sem se tornarem histéricas, desde que todas as que se tornam histéricas tenham vivenciado cenas dessa ordem." – p.207-208;

"É verdade que, se **a atividade sexual infantil** fosse uma ocorrência quase universal, a demonstração de sua presença em todos os casos não teria nenhum peso." – p.208;

"Haverá a constituição hereditária e pessoal do sujeito, a importância intrínseca das **experiências sexuais infantis** e, acima de tudo, seu número – um relacionamento breve com um garoto estranho, que depois se torna indiferente, deixará um efeito menos poderoso numa menina do que **relações sexuais íntimas mantidas por vários anos** com seu próprio irmão." – p.208;

"A *defesa cumpre seu propósito de arremessar a representação incompatível para fora da consciência quando há* ***cenas sexuais infantis presentes no sujeito*** *(até então normal) sob a forma de lembranças inconscientes, e quando a representação a ser recalcada pode vincular-se em termos lógicos e associativos com uma experiência infantil desse tipo*." – p.209;

"Já ouvimos e reconhecemos que há numerosas pessoas com uma recordação muito nítida de **experiências sexuais infantis** e que, não obstante, não sofrem de histeria." – p.209;

"Disso os senhores poderão perceber que o problema não é apenas **a existência de experiências sexuais**, mas que uma precondição psicológica também entra em jogo." – p.209;

"(c) Sustentamos, portanto, que **as experiências sexuais infantis** constituem a precondição fundamental da histeria, que são, por assim dizer, a *predisposição* para esta, e que são elas que criam os sintomas histéricos – mas não o fazem de imediato, permanecendo inicialmente sem efeito e só exercendo uma ação patogênica depois, ao serem despertadas, após a puberdade, sob a forma de lembranças inconscientes." – p.210;

"Verificamos então que, em nossos casos graves, a formação dos sintomas começa – não em casos excepcionais, mas antes, regularmente – na idade de oito anos, e que **as experiências sexuais** que não apresentam nenhum efeito imediato remontam, invariavelmente, a uma época mais precoce, ao terceiro ou quarto, ou mesmo ao segundo ano de vida." – p.210;

“A partir daí, uma pessoa que não tenha tido **experiências sexuais anteriormente** não mais pode tornar-se predisposta à histeria; e uma pessoa que *tenha* tido experiências anteriores já é capaz de desenvolver sintomas histéricos.” – p.210;

“A existência dessa linha limítrofe está muito provavelmente ligada aos processos de **desenvolvimento do sistema sexual**.” – p.210;

“A precocidade do **desenvolvimento sexual** somático pode ser frequentemente observada e é até possível que seja promovida por uma **estimulação sexual prematura**.” – p.210;

“Desse modo obtemos uma indicação de que é necessário um certo estado *infantil* das funções psíquicas, assim como do **sistema sexual**, para que uma **experiência sexual** ocorrida durante esse período produza, mais tarde, sob a forma de lembrança, um efeito patogênico.” – p.210;

“(d) Outra objeção poderia ser suscitada pela crítica à suposição de que a ***lembrança* das experiências sexuais infantis** produza um efeito patogênico tão imenso, enquanto a própria experiência real não tem qualquer efeito.” – p.211;

“É verdade que nos sentimos impelidos a fazer uma síntese ao examinarmos o número de condições excepcionais que passamos a conhecer: o fato de que, para a formação de um sintoma histérico, deve haver um esforço defensivo contra uma representação aflitiva; de que essa representação deve apresentar uma conexão lógica ou associativa com uma lembrança inconsciente através de alguns ou muitos elos intermediários, que também permanecem inconscientes no momento; de que essa **lembrança inconsciente deve ter um conteúdo sexual**; e de que esse conteúdo deve ser uma experiência ocorrida durante certo período infantil da vida.” – p.211;

“Voltemos ao papel desempenhado pelas **cenas sexuais infantis**.” – p.211;

“E isso porque a ideia dessas **cenas sexuais infantis** é muito repelente para os sentimentos de um indivíduo sexualmente normal; elas incluem todos os abusos conhecidos pelas pessoas depravadas e impotentes, entre as quais a cavidade bucal e o reto são indevidamente **usados para fins sexuais**.” – p.212;

“Das pessoas que não hesitam em satisfazer seus **desejos sexuais com crianças** não se pode esperar que relutem ante nuanças mais sutis dos métodos para obter essa satisfação; e a **impotência sexual inerente às crianças** força-as inevitavelmente às mesmas ações substitutivas a que se rebaixam os adultos quando se tornam impotentes.” – p.212;

“Todas as singulares condições em que esse par inadequado conduz suas relações amorosas –

de um lado, o adulto que não consegue escapar de sua parcela na dependência mútua necessariamente implicada por uma **relação sexual**, mas que, apesar disso, está munido de completa autoridade e do direito de punir, e que pode inverter esses papéis para a satisfação irrestrita de seus caprichos; e de outro lado, a criança, que em seu desamparo fica à mercê dessa vontade arbitrária, que é prematuramente despertada para todo tipo de sensibilidade e exposta a toda sorte de desapontamentos, e cujo **desempenho das atividades sexuais** que lhe são atribuídas é frequentemente interrompido pelo controle imperfeito de suas necessidades naturais –, todas essas incongruências grotescas, mas trágicas, mostram-se impressas no desenvolvimento posterior do indivíduo e de sua neurose, em incontáveis efeitos permanentes que merecem ser delineados nos mínimos detalhes." – p.212;

"Quando a relação se dá entre duas crianças, o caráter das **cenas sexuais** não é de espécie menos repulsiva, já que todo relacionamento dessa natureza entre crianças pressupõe a sedução prévia de uma delas por um adulto." – p.212-213;

"Algumas vezes, são as circunstâncias acidentais dessas **cenas sexuais infantis** que, em anos posteriores, adquirem um poder determinante sobre os sintomas da neurose." – p.213;

"A razão disso teria permanecido um enigma, se a análise não tivesse mostrado que o homem que **atentara sexualmente contra ela** costumava indagar, a cada visita, se a tal irmã, que ele temia viesse a interrompê-lo, estava em casa." – p.213;

"E isso porque afirmar que **o papel etiológico da experiência sexual infantil** não se restringe à histeria, mas se aplica igualmente à notável neurose das obsessões e, a rigor, talvez também às várias formas de paranoia crônica e outras psicoses funcionais." – p.216;

"Portanto, o que é que determina se **as cenas sexuais infantis** que permanecem inconscientes, irão, mais tarde, quando os outros fatores patogênicos lhes forem acrescentados, suscitar a neurose histérica, a neurose obsessiva, ou mesmo a paranoia?" – p.216-217;

"Até aqui, observei que se pode mostrar pela análise que as obsessões são, sistematicamente, ***autoacusações*** **disfarçadas e transformadas,** ***relativas a atos de agressão sexual na infância***, sendo portanto mais frequentemente encontradas nos homens do que nas mulheres, e desenvolvendo-se neles com mais frequência do que a histeria." – p.217;

A SEXUALIDADE NA ETIOLOGIA DAS NEUROSES (1898)

"Pesquisas exaustivas durante os últimos anos levaram-me a reconhecer que as causas mais imediatas e, para fins práticos, mais importantes de todos os casos de doença neurótica são encontradas **em fatores emergentes da vida sexual**. Essa teoria não é inteiramente nova." – p.253;

"Uma certa dose de importância tem sido concedida aos **fatores sexuais na etiologia das neuroses** desde tempos imemoriais e por todos os autores que trataram do assunto." – p.253;

"Em certas áreas marginais da medicina sempre se prometeu, simultaneamente, a cura das **'queixas sexuais'** e da 'fraqueza nervosa'. Uma vez que a validade da teoria deixe de ser negada, portanto, não será difícil contestar sua originalidade." – p.253;

"Bem sei que se farão esforços, pelo uso de argumentos com um colorido ético, para impedir o médico de levar o assunto adiante. Quem quer que pretenda certificar-se de que **as neuroses de seus pacientes estão ou não realmente ligadas à vida sexual** deles não pode evitar interrogá-los sobre sua **vida sexual** e insistir em receber um depoimento verdadeiro sobre ela. Mas nisso, afirma-se, está o perigo para o indivíduo e para a sociedade." – p.253;

"O médico, segundo ouço dizer, não tem o direito de se intrometer nos **segredos sexuais** de seus pacientes, nem de ferir grosseiramente seu recato (especialmente tratando-se de pacientes do sexo feminino) com interrogatórios desse tipo. Sua mão inábil só conseguirá arruinar a felicidade da família, ofender a inocência dos jovens e usurpar a autoridade dos pais; e no que concerne aos adultos, ele passará a partilhar de conhecimentos incômodos e destruirá suas próprias relações com os pacientes. A conclusão, portanto, é que é seu **dever ético manter-se afastado de toda a questão sexual**." – p.253-254;

"A isso se pode muito bem replicar que não passa da expressão de um puritanismo indigno de um médico e que esconde insuficientemente sua fraqueza por trás de argumentos precários. Se os fatores procedentes da **vida sexual** precisam realmente ser reconhecidos como causas de doença, então, por essa mesma razão, a investigação e a discussão deles incluem-se automaticamente na esfera do dever do médico. A ofensa ao pudor de que ele é culpado nesse caso não é diferente nem pior, como se pode supor, do que sua insistência em examinar os órgãos genitais de uma mulher a fim de curar uma afecção local – pedido em que ele tem o compromisso de insistir por sua própria formação médica. Até hoje se ouve com frequência mulheres mais velhas que passaram sua juventude nas províncias, contarem como, em curta época, ficaram reduzidas a um estado de esgotamento por hemorragias genitais excessivas porque não conseguiam decidir-se a permitir que um médico contemplasse sua nudez. A influência educativa exercida no público pelo mundo da medicina, no decorrer de uma geração, alterou de tal modo as coisas que uma objeção desse tipo é uma ocorrência extremamente rara entre as jovens de hoje. Se viesse a ocorrer, seria condenada como puritanismo absurdo, como recato fora de lugar. Será que estamos vivendo na Turquia, perguntaria um marido, onde tudo o que uma mulher doente pode mostrar ao médico é seu braço através de um buraco na parede?" – p.254;

"Não é verdade que **o interrogatório dos pacientes e o conhecimento de suas preocupações sexuais** forneçam ao médico um grau perigoso de poder sobre eles. Em épocas anteriores, a mesma objeção pôde ser feita ao uso de anestésicos, que privam o paciente de sua consciência e do exercício de sua vontade, deixando a critério do médico determinar se e quando ele os recuperará. No entanto, hoje em dia, os anestésicos tornaram-se indispensáveis para nós, porque

podem, melhor do que qualquer outra coisa auxiliar o médico em seu trabalho; e entre suas várias outras obrigações sérias, ele assume a responsabilidade por seu uso.” – p.254;

“Um médico sempre pode causar danos, quando é inábil ou inescrupuloso, e isso não se aplica mais nem menos **à investigação da vida sexual dos pacientes** do que a outras áreas.” – p.254;

“Naturalmente, se alguém, após um autoexame honesto, sentir que não possui o tato, a seriedade e a discrição necessários para interrogar pacientes neuróticos, e se estiver ciente de que as **revelações de caráter sexual** lhe provocariam arrepios lascivos, em vez de interesse científico, ele estará certo em evitar o tópico da etiologia das neuroses. Tudo o que pedimos, além disso, é que se abstenha também de tratar pacientes nervosos.” – p.254-255;

“Tampouco é verdade que os pacientes levantam obstáculos insuperáveis à investigação de sua **vida sexual**. Após uma ligeira hesitação, os adultos costumam adaptar-se à situação, dizendo:

‘Afinal, estou diante do médico; posso dizer-lhe qualquer coisa’.” – p.255;

“Inúmeras mulheres, que acham bastante difícil passar a vida **escondendo seus sentimentos sexuais**, ficam aliviadas ao descobrir que, com o médico, nenhuma consideração sobrepuja a de sua recuperação, e lhe são gratas por permitir, ao menos uma vez na vida, que se comportem humanamente em relação às **coisas sexuais**.” – p.255;

“O vago conhecimento da esmagadora importância dos **fatores sexuais** na produção das neuroses (um conhecimento que estou tentando resgatar para a ciência) parece nunca ter passado despercebido à consciência dos leigos. Quantas vezes testemunhamos cenas como essa: um casal em que um dos membros sofre de uma neurose procura-nos para uma consulta.” – p.255;

“Depois de tecermos inúmeros comentários introdutórios e justificativos, no sentido de que não deve existir nenhuma barreira entre eles e o médico, que quer ser útil em tais casos etc., falamo-lhes de nossa suspeita de que a causa da doença resida na **forma antinatural e prejudicial de relações sexuais** que eles devem ter escolhido desde o último parto da mulher. Dizemos que os médicos em geral não se interessam por esses assuntos, mas que isso é repreensível neles, mesmo que os pacientes não gostem que lhes falem sobre essas coisas etc. Nisso, um dos cônjuges cutuca o outro e diz: ‘Está vendo? Eu sempre lhe disse que isso ia me deixar doente’. Ao que o outro responde: ‘É, eu sei, eu também achava, mas que se há de fazer?’” – p.255;

“Em algumas outras circunstâncias, quando se está lidando com mocinhas que, afinal, são sistematicamente educadas para esconderem sua **vida sexual**, é preciso contentar-se com uma dose muito pequena de sinceridade nas respostas da paciente.” – p.255;

"Mas aqui entra uma consideração importante – a saber, que o médico experiente nessas coisas não está despreparado ao se defrontar com seus pacientes e, em geral, não precisa pedir-lhes informações, mas apenas uma confirmação de suas suspeitas. Quem seguir minhas indicações de como elucidar a morfologia das neuroses e traduzi-la em termos etiológicos necessitará, além disso, de muito poucas revelações adicionais de seus pacientes; na própria descrição de seus sintomas, que todos estão prontos a fornecer, eles costumam apresentar ao médico, ao mesmo tempo, **os fatores sexuais que estão ocultos**." – p.255;

"Seria muito vantajoso que as pessoas doentes tivessem maior conhecimento da segurança com que o médico está agora em condições de interpretar suas **queixas neuróticas e de inferir delas a etiologia sexual atuante**." – p.256;

"Sem dúvida, isso estimularia tais pessoas a abandonarem seu sigilo a partir do momento em que se decidissem a buscar ajuda para seus sofrimentos. Além disso, é do interesse geral que se torne um dever, entre homens e mulheres, um grau mais alto de **franqueza sobre as coisas sexuais** do que se tem esperado deles até agora. Isso só pode constituir-se em benefício para **a moral sexual**." – p.256;

"Em **matéria de sexualidade**, somos todos, no momento, doentes ou sãos, não mais do que hipócritas. Será muito bom se obtivermos, em consequência dessa franqueza geral, uma certa dose de **tolerância quanto às questões sexuais**." – p.256;

"A situação será diferente, entretanto, se for adotado nosso ponto de vista sobre **as relações causais entre a sexualidade e as neuroses**. Nesse caso, um novo interesse será despertado pela sintomatologia dos diferentes casos neuróticos, e passará a ter importância prática que se possa decompor corretamente o complicado quadro em seus componentes, assim como nomeá-los com acerto. E isso porque a morfologia das neuroses pode ser traduzida, com pouca dificuldade, em sua etiologia, e o conhecimento desta última leva, naturalmente, a novas indicações quanto aos métodos de cura." – p.256;

"É apenas nas neurastenias que a inquirição do paciente consegue desvendar os fatores etiológicos em sua **vida sexual**." – p.256-257;

"Esses fatores, é claro, são conhecidos dele e pertencem ao momento atual, ou, mais exatamente, ao período de sua vida que se estende desde a **maturidade sexual** (embora essa delimitação não cubra todos os casos)." – p.257;

"Nas psiconeuroses, esse tipo de inquirição traz pouco resultado. Talvez nos forneça um conhecimento dos fatores que devem ser reconhecidos como precipitantes, e que podem **estar ou não ligados à vida sexual**." – p.257;

"Quando essa ligação existe, eles mostram não diferir, quanto a sua natureza, dos fatores etiológicos da neurastenia, isto é, falta-lhes inteiramente qualquer relação específica com a causação da psiconeurose. Não obstante, em todos os casos, a etiologia das psiconeuroses reside também no **campo da sexualidade**." – p.257;

"Assim, em todo caso de neurose **há uma etiologia sexual**; mas nas neurastenias é uma etiologia de tipo contemporâneo, enquanto nas psiconeuroses os fatores são de natureza infantil. Esse é o primeiro grande contraste na etiologia das neuroses." – p.257;

"A neurastenia sempre pode ser reportada a um estado do sistema nervoso como o que é adquirido pela masturbação excessiva ou decorre espontaneamente de emissões frequentes; a neurose de angústia revela sistematicamente **influências sexuais** que têm em comum o fator da continência ou da satisfação incompleta – como o coito interrompido, a abstinência ao lado de uma libido viva, a chamada excitação não consumada, e outros. Em meu breve artigo que tencionou apresentar a neurose de angústia, propus a fórmula de que a angústia é sempre a libido que foi desviada de seu emprego normal." – p.258;

"Quando surge um caso em que os sintomas da neurastenia e da neurose de angústia se combinam – ou seja, quando temos um caso misto –, basta nos atermos a nossa proposição empiricamente obtida de que a mistura de neuroses implica a colaboração de vários fatores etiológicos para constatarmos, em todas as situações, a confirmação de nossa expectativa. A frequência com que esses fatores etiológicos se ligam entre si organicamente, por meio da interação de **processos sexuais** – por exemplo, coito interrompido ou potência insuficiente no homem, paralelamente à masturbação –, bem merece uma discussão separada." – p.258;

"Se sustentarmos firmemente aquilo que inferimos, acabaremos por quebrar qualquer resistência, enfatizando a natureza inabalável de nossas convicções. Desse modo, aprendemos sobre **a vida sexual de homens e mulheres** toda sorte de coisas, que preencheriam um volume útil e instrutivo; e aprendemos também a lamentar, por todos os pontos de vista, que a **ciência sexual** hoje em dia ainda seja desacreditada." – p.258;

"Já que os pequenos desvios de uma ***vita sexualis* normal** são por demais comuns para que possamos atribuir qualquer valor a sua descoberta, concederemos peso explicativo apenas **às anormalidades sérias e prolongadas na vida sexual de um paciente neurótico**." – p.258;

"Ademais, a ideia de que se poderia, pela insistência, fazer um paciente psiquicamente normal acusar-se falsamente de **delitos sexuais** – tal ideia pode seguramente ser descartada como um perigo imaginário." – p.258;

"Ao se proceder dessa maneira com os pacientes, adquire-se também a convicção de que, no que se refere **à teoria da etiologia sexual da neurastenia**, não há casos negativos. Quanto a mim, pelo menos, essa convicção tornou-se tão firme que, nos casos em que a inquirição mostra

um resultado negativo, também tiro proveito disso para fins de diagnóstico. Em outras palavras, digo a mim mesmo que tal caso não pode ser de neurastenia." – p.258-259;

"Em outro caso, o paciente, que não apresentava nenhuma alteração orgânica evidente, queixava-se de pressão intracraniana, dores de cabeça e dispepsia, mas refutava **minhas suspeitas sobre sua vida sexual de maneira franca** e com uma certeza inabalável; ocorreu-me então a possibilidade de que ele tivesse uma supuração latente numa de suas cavidades nasais." – p.259;

"Um colega meu, especialista nessa área, confirmou a inferência que eu fizera a partir dos **resultados sexuais negativos de minha inquirição**, retirando o pus da cavidade do paciente e aliviando-o de suas queixas." – p.259;

"Entretanto, a existência aparente de "casos negativos" também pode surgir de outra maneira. Algumas vezes, a interrogação revela a presença de uma **vida sexual normal** num paciente cuja neurose, num exame superficial, de fato se assemelha estreitamente a uma neurastenia ou uma neurose de angústia. Mas uma investigação mais aprofundada revela, sistematicamente, o verdadeiro estado de coisas. Por trás desses casos, tomados como neurastenia, há uma psiconeurose – histeria ou neurose obsessiva." – p.259;

"A histeria, em especial, que imita tantas afecções orgânicas, pode facilmente assumir a aparência de uma das 'neuroses atuais', elevando os sintomas destas à categoria de sintomas histéricos. Tais histerias, sob a forma de neurastenia, não são sequer muito raras. Todavia, recorrer à psiconeurose, quando um caso de neurastenia apresenta **um resultado sexual negativo**, não é uma saída fácil para o problema: a prova de que estamos certos deve ser obtida pelo único método capaz de desmascarar a histeria com certeza – o método da psicanálise, a que logo nos referiremos." – p.259;

"Entretanto, talvez haja algumas pessoas dispostas a reconhecer **a etiologia sexual de seus pacientes neurastênicos**, mas que, apesar disso, encaram como parcialidade o fato de não serem solicitadas a prestar atenção também a outros fatores sempre mencionados pelas autoridades como causas da neurastenia." – p.259-260;

"Ora, **nunca me ocorreria substituir pela etiologia sexual das neuroses toda e qualquer outra etiologia**, e assim afirmar que estas não têm nenhuma força atuante. Isso seria um equívoco." – p.260;

"O que penso, antes, é que, além de todos os conhecidos fatores etiológicos já reconhecidos por essas autoridades – provavelmente de forma acertada – como conducentes à neurastenia, **os fatores sexuais**, que até hoje não foram suficientemente apreciados, também devem ser levados em conta." – p.260;

"Em minha opinião, porém, **esses fatores sexuais** merecem que se lhes conceda um lugar especial na série etiológica. Porque só eles nunca estão ausentes de todos os casos de neurastenia, só eles são capazes de produzir a neurose sem nenhuma ajuda adicional, de modo que os outros fatores parecem reduzir-se ao papel de etiologia auxiliar e complementar, e só eles permitem ao médico reconhecer relações sólidas entre sua natureza diversificada e a multiplicidade dos quadros clínicos." – p.260;

"**As causas sexuais** são também as que mais profundamente oferecem ao médico um pouco de apoio para sua influência terapêutica." – p.260;

"É bem verdade que qualquer pessoa que, devido a **perturbações sexuais**, tenha-se predisposto à neurastenia, tolera mal o trabalho intelectual e as exigências psíquicas da vida; mas ninguém se torna neurótico apenas por efeito do trabalho ou da agitação." – p.261;

"Os médicos terão que se acostumar a explicar aos empregados de escritório que se 'esgotaram' em suas escrivaninhas, ou às donas-de-casa para quem se tornaram pesadas demais as tarefas domésticas, que eles adoeceram, não por terem tentado executar tarefas facilmente realizáveis por um cérebro civilizado, mas porque, durante todo o tempo, negligenciaram e **prejudicaram flagrantemente sua vida sexual**." – p.261;

"Além disso, somente **a etiologia sexual** nos possibilita compreender todos os detalhes da história clínica dos neurastênicos, as misteriosas melhoras em meio ao decurso da doença e as deteriorações igualmente incompreensíveis, ambas usualmente relacionadas por médicos e pacientes a qualquer tratamento que tenha sido adotado." – p.261;

"O atual tratamento da neurastenia – que talvez seja executado com mais êxito nos estabelecimentos hidropáticos – tem como objetivo a melhora do estado nervoso através de dois fatores: proteção e fortalecimento do paciente. Nada tenho a dizer contra esse método de tratamento, exceto que ele não leva em conta **as circunstâncias da vida sexual do paciente**." – p.263;

"Segundo minha experiência, é altamente desejável que os diretores médicos de tais estabelecimentos se conscientizem adequadamente de que estão lidando, não com vítimas da civilização ou da hereditariedade, mas – *sit venia verbo* – com **pessoas sexualmente aleijadas**. Eles seriam então, por um lado, mais facilmente capazes de explicar seus sucessos e seus fracassos, e, por outro, obteriam novos sucessos, que estiveram até agora à mercê do acaso ou do comportamento espontâneo do paciente." – p.263;

"Se os médicos soubessem que o paciente estava **lutando contra seu hábito sexual**, e que estava em desespero por ter sido mais uma vez obrigado a ceder a ele, se compreendessem como extrair dele esse segredo, torná-lo menos grave a seus olhos e apoiá-lo em sua luta contra o hábito, o êxito de seus esforços terapêuticos bem poderia ser assim assegurado." – p.264;

"Arrancar o paciente do hábito da masturbação é apenas uma das novas tarefas terapêuticas impostas ao médico que leva em conta a **etiologia sexual dessa neurose**; e parece que precisamente essa tarefa, tal como a cura de qualquer outro vício, só pode ser efetuada numa instituição e sob supervisão médica." – p.264;

"Entregue a si mesmo, o masturbador está acostumado, sempre que acontece alguma coisa que o deprime, a retornar a sua cômoda forma de satisfação. O tratamento médico, nesse caso, não pode ter nenhum outro objetivo senão o de reconduzir o neurastênico, que agora recobrou suas forças, **ao contato sexual normal**." – p.264;

"Pois **a necessidade sexual**, uma vez despertada e satisfeita por algum tempo, não pode mais ser silenciada; só pode ser deslocada por outro caminho. Aliás, o mesmo se aplica a todos os tratamentos para romper com um vício. Seu sucesso será apenas aparente enquanto o médico se contentar em privar seus pacientes da substância narcótica, sem se importar com a fonte de que brota sua necessidade imperativa." – p.264;

"O 'hábito' é uma simples palavra, sem nenhum valor explicativo. Nem todos os que têm oportunidade de tomar morfina, cocaína, hidrato de cloral etc. por algum tempo adquirem dessa forma 'um vício'. A pesquisa mais minuciosa geralmente mostra que esses narcóticos visam a servir – direta ou indiretamente – de **substitutos da falta de satisfação sexual**; e sempre que **a vida sexual normal** não pode mais ser restabelecida, podemos contar, com certeza, com uma recaída do paciente." – p.264-265;

"Outra tarefa é colocada para os médicos pela etiologia da neurose de angústia. Consiste em induzir o paciente a **desistir de todas as formas prejudiciais de prática sexual e adotar relações sexuais normais**. Esse dever, como é compreensível, recai primordialmente sobre o médico de confiança do paciente – seu médico de família; e este infligirá ao paciente um grave dano se se considerar respeitoso demais para interferir nesse campo." – p.265;

"Uma vez que nesses casos trata-se quase sempre de questões conjugais, os esforços do médico logo tropeçam em planos malthusianos para limitar o número de concepções no casamento. Parece-me não haver dúvida de que essas propostas vêm ganhando cada vez mais terreno entre a classe média. Tenho encontrado alguns casais que já começaram a praticar métodos para impedir a concepção tão logo tiveram seu primeiro filho, e outros **cujas relações sexuais**, desde a noite de núpcias, foram praticadas de modo a atender a esse objetivo." – p.265;

"O problema do malthusianismo é extenso e complexo, e não tenho intenção de abordá-lo aqui da maneira exaustiva que seria realmente necessária para o tratamento das neuroses. Examinarei apenas qual a melhor atitude a ser tomada por **um médico que reconheça a etiologia sexual das neuroses** em face desse problema." – p.265;

"O médico perspicaz tomará a si, portanto, decidir em que condições se justifica o uso de medidas preventivas da concepção e, entre essas medidas, terá que separar as nocivas das inofensivas. Tudo o que impede a ocorrência de satisfação é nocivo. Mas, como se sabe, não possuímos no momento nenhum método de impedir a concepção que preencha todos os requisitos legítimos – isto é, que seja seguro e cômodo, que não diminua a sensação de prazer durante o coito e que não fira a sensibilidade da mulher. Isso impõe aos médicos uma tarefa prática para cuja solução eles poderiam concentrar suas energias com resultados compensadores. Quem preencher essa lacuna em nossa técnica médica terá preservado o prazer da vida e mantido a saúde de inúmeras pessoas, muito embora, é verdade, tenha também preparado o terreno para uma drástica mudança em nossas condições sociais.

Isso não esgota as possibilidades decorrentes do **reconhecimento da etiologia sexual das neuroses**." – p.266;

"Quando refletimos sobre todos os danos, dos mais graves aos mais insignificantes, que provêm da neurastenia – distúrbio que, segundo dizem, está se tornando cada vez mais frequente –, verificamos que, positivamente, é de interesse público que *os homens ingressem **nas relações sexuais com toda a sua potência***." – p.266;

"Mas, acima de tudo, é necessário **criar um espaço na opinião pública para a discussão dos problemas da vida sexual**. Tem que ser possível falar sobre essas coisas sem que se seja estigmatizado como um arruaceiro ou uma pessoa que tira proveito dos mais baixos instintos. E também aqui há trabalho suficiente para se fazer nos próximos cem anos – nos quais nossa **civilização terá que aprender a conviver com as reivindicações de nossa sexualidade**." – p.267;

"O lugar predominantemente ocupado pela neurose de angústia mostra que a doença surgiu sob a influência etiológica de uma **perturbação sexual 'atual'**, i.e., do momento presente." – p.267;

"Ao reportarmos as vicissitudes da enfermidade de um indivíduo às experiências de seus ancestrais, fomos longe demais; esquecemos que, entre a concepção e a maturidade de um indivíduo, há um longo e importante período da vida – sua infância –, no qual se podem adquirir os germes da doença posterior. E isso é o que efetivamente ocorre com a psiconeurose. Sua verdadeira etiologia é encontrada nas experiências infantis, e mais uma vez – exclusivamente –, nas **impressões referentes à vida sexual**." – p.268;

"Erramos ao ignorar inteiramente **a vida sexual das crianças**; segundo minha experiência, as crianças são **capazes de todas as atividades sexuais psíquicas, e também de muitas atividades somáticas**." – p.268-269;

"Assim como a totalidade do **aparelho sexual humano** não está compreendida nos órgãos genitais externos e nas duas glândulas reprodutoras, também **a vida sexual humana** não começa apenas na puberdade, como poderia parecer a um exame superficial." – p.269;

"Contudo, é verdade que a organização e a evolução da espécie humana se esforçam por **evitar uma ampla atividade sexual durante a infância**." – p.269;

"Aparentemente, no homem, **as forças pulsionais sexuais** destinam-se a ser armazenadas, de modo que, com sua liberação na puberdade, possam servir a grandes fins culturais (W. Fliess)." – p.269;

"Uma consideração dessa espécie possibilita compreender por que **as experiências sexuais na infância** estão fadadas a ter um efeito patogênico. Mas, no momento em que ocorrem, elas só produzem efeito em grau muito reduzido; muito mais importante é seu efeito *retardado*, que só pode ocorrer em períodos posteriores do crescimento." – p.269;

"Esse efeito retardado se origina – como não poderia deixar de ser – nos traços psíquicos deixados pelas **experiências sexuais infantis**." – p.269;

"Durante o intervalo entre as experiências dessas impressões e sua reprodução (ou melhor, o reforço dos impulsos libidinais delas provenientes), **tanto o aparelho sexual somático como o aparelho psíquico** sofrem um importante desenvolvimento; e é assim que a influência dessas **experiências sexuais primitivas** leva então a uma reação psíquica anormal e à existência de estruturas psicopatológicas." – p.269;

"Nestas breves indicações, não posso fazer mais do que mencionar os principais fatores em que se baseia a teoria das psiconeuroses: **a natureza adiada do efeito e o estado infantil do aparelho sexual e do instrumento mental**." – p.269;

O MECANISMO PSÍQUICO DO ESQUECIMENTO (1898)

"Esse mesmo colega me falara da suprema importância que esses bosnianos atribuem aos **prazeres sexuais**. Certa vez, um de seus pacientes lhe disse: 'Sabe, *Herr*, se *isso* acabar, a vida não vale mais nada'. Naquela ocasião, pareceu ao médico e a mim que se podia presumir que os dois traços de caráter do povo bosniano assim ilustrados estivessem estreitamente ligados." – p.279-280;

"Mas, ao relembrar essas histórias em minha viagem para Herzegovina, suprimi a segunda, em que se abordava o **tema da sexualidade**. Foi logo depois disso que o nome *Signorelli* me escapou e os nomes *Botticelli* e *Boltraffio* apareceram como substitutos." – p.280;

"A influência que tornara o nome *Signorelli* inacessível à memória, ou, como costumo dizer, aquilo que o 'recalcara', só podia proceder da história que eu havia suprimido sobre o valor atribuído à morte e ao **gozo sexual**. Se assim fosse, deveríamos poder descobrir as ideias

intermediárias que serviram para ligar os dois temas.” – p.280;

“A afinidade entre o *conteúdo* deles – de um lado, o Juízo Final, o ‘Dia do Juízo’, e de outro, **a morte e a sexualidade** – parece muito superficial; e já que se tratava do recalcamento da lembrança de um *nome*, era provável, a julgar pelas aparências, que a conexão estivesse entre um e outro nome.” – p.280;

“Que isso realmente se aplicou, na época, **ao tema ‘morte e sexualidade’**, é algo de que tenho muitas provas que não preciso abordar aqui, extraídas de minha própria auto-observação. Mas posso chamar atenção para uma consequência dessas representações recalcadas. A experiência ensinou-me a insistir em que todo produto psíquico é elucidável e até mesmo sobredeterminado.” – p.281;

LEMBRANÇAS ENCOBRIDORAS (1899)

“E resvala para uma lembrança infantil. Você tem toda razão. É precisamente o **elemento grosseiramente sensual da fantasia** que explica por que ela não evolui para uma fantasia *consciente*, devendo antes contentar-se em se transformar alusivamente e sob um disfarce floreado numa cena infantil.” – p.302;

“Por sua inocência, talvez. Você seria capaz de imaginar um contraste maior com essas **intenções de agressão sexual grosseira** do que uma brincadeira infantil? Entretanto, há fundamentos mais gerais que têm uma influência decisiva na promoção do deslizamento dos pensamentos e desejos recalcados para lembranças infantis, pois você constatará que a mesma coisa acontece invariavelmente nos pacientes histéricos. Além disso, é como se a própria recordação do passado remoto fosse facilitada por algum motivo prazeroso: *forsan et haec olim meminisse juvabit*.” – p.302;

[Voz de um paciente] “**A corrente sensual** de minha mente se apossou do pensamento contido na prótase e a repetiu em imagens de um tipo capaz de proporcionar a mesma **satisfação sensual atual**.” – p.302;

“Essa segunda versão do pensamento permaneceu inconsciente, graças a sua **incompatibilidade com a predisposição sexual dominante**” – p.302;

NOTA AUTOBIOGRÁFICA (1901[1899])

“Desde então Freud voltou-se para o estudo das psiconeuroses, especialmente da histeria, e numa série de trabalhos mais curtos enfatizou **a importância etiológica da vida sexual para as neuroses**.” – p.313;

II. *A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS* (I) (1900)
Volume 4 (FREUD, 1996b)

"A atitude menos comprometedora sobre esta questão é adotada por J. G. E. Maass, o filósofo (1805), citado por Winterstein (1912): 'A experiência confirma nossa visão de que sonhamos com maior frequência com as coisas em que se centralizam nossas mais vivas paixões. E isso mostra que nossas paixões devem ter influência na formação de nossos sonhos. O homem ambicioso sonha com os lauréis que conquistou (ou imagina ter conquistado) ou com aqueles que ainda tem de conquistar: já o apaixonado se ocupa, em seus sonhos, com o objeto de suas doces esperanças… Todos os **desejos e aversões sensuais** adormecidos no coração podem, se algo os puser em movimento, fazer com que o sonho brote das representações que estão associadas com eles, ou fazer com que essas representações intervenham num sonho já presente.'" – p.46;

[Sobre influência somática orgânica interna] "Finalmente, a influência da **excitação sexual** no conteúdo dos sonhos pode ser adequadamente apreciada por todos mediante sua própria experiência, e fornece à teoria de que os sonhos são provocados por estímulos orgânicos seu mais poderoso apoio." – p.71;

[Citação do psiquiatra Krauss] "As sensações organicamente determinadas 'podem ser divididas em duas classes: (1) as que constituem a disposição de ânimo geral (cenestesia) e (2) as sensações específicas imanentes nos principais sistemas do organismo vegetativo. Dentre estas últimas devem-se distinguir cinco grupos: (*a*) sensações musculares, (*b*) respiratórias, (*c*) gástricas, (*d*) **sexuais** e (*e*) periféricas.'" – p.73;

"Volkelt (1875, 23): 'Nos sonhos, como todos sabemos, os procedimentos são particularmente irrefreados nos **assuntos sexuais**. O próprio indivíduo que sonha fica inteiramente despudorado e destituído de qualquer sentimento ou julgamento moral; além disso, vê todos os demais, inclusive aqueles por quem nutre o mais profundo respeito, entregues a atos com os quais ficaria horrorizado em associá-los quando acordado, até mesmo em seus pensamentos.'" – p.101;

"Um sonho causado por estímulos provenientes dos **órgãos sexuais masculinos** poderá fazer com que o sonhador encontre na rua a parte superior de um clarinete ou a boquilha de um cachimbo, ou ainda um pedaço de pele de animal. Aqui, o clarinete e o cachimbo representam a forma aproximada do órgão masculino, enquanto a pele representa os pelos pubianos." – p.120;

"No caso de **um sonho sexual numa mulher**, o espaço estreito em que as coxas se unem poderá ser representado por um pátio estreito cercado de casas, enquanto a vagina será simbolizada por uma trilha lisa, escorregadia e muito estreita, que atravesse o pátio, por onde a sonhadora terá que passar, talvez, para levar uma carta a um cavalheiro." – p.120;

"Ou talvez o ego onírico entre as relações concretas com os símbolos de seu próprio estado; por exemplo, no caso de estímulos dolorosos, o sonhador poderá empenhar-se numa luta desesperada com cães ferozes ou touros selvagens, ou uma mulher que tenha **um sonho sexual** poderá ver-se perseguida por um homem nu." – p.120-121;

[Análise do sonho de Irma] "Na época, ele me havia confiado algumas ideias sobre **a questão da química dos processos sexuais** e mencionara, entre outras coisas, acreditar que **um dos produtos do metabolismo sexual era a trimetilamina**." – p.151;

"Assim, essa substância me levava **à sexualidade**, fator ao qual eu atribuía máxima importância na origem dos distúrbios nervosos cuja cura era o meu objetivo." – p.151;

"A trimetilamina era **uma alusão não só ao fator imensamente poderoso da sexualidade**, como também a uma pessoa cuja concordância eu recordava com prazer sempre que me sentia isolado em minhas opiniões." – p.151;

"Sim, pois ele tinha um conhecimento especial das consequências das afecções do nariz e de suas cavidades acessórias, e chamara a atenção do mundo científico para algumas notáveis relações entre os **ossos tribunais e os órgãos sexuais femininos**." – p.151;

"Embora tenhamos em alta conta **a felicidade da infância, por ser ela ainda inocente de desejos sexuais,** não nos devemos esquecer da fonte fértil de decepção e renúncia, e consequentemente de estímulo ao sonho, que pode ser proporcionada pelas duas outras grandes pulsões vitais." – p.164-165[121];

"A identificação é empregada com mais frequência na histeria para expressar um **elemento *sexual* comum**." – p.184;

"Uma mulher histérica se identifica mais rapidamente – embora não exclusivamente – em seus sintomas **com as pessoas com quem tenha tido relações sexuais**, ou **com as pessoas que tenham tido relações sexuais com as mesmas pessoas que ela**." – p.184;

"Nas fantasias histéricas, tal como nos sonhos, é suficiente, para fins de identificação, que o sujeito tenha ***pensamentos* sobre relações sexuais**, sem que estas tenham necessariamente ocorrido na realidade." – p.184;

---

[121] Em 1911, Freud adiciona a essa passagem a seguinte nota de rodapé: "Um estudo mais detido da vida mental das crianças, ensinou-nos, por certo, que as forças pulsionais sexuais, em sua forma infantil, desempenham um papel bastante relevante, que tem passado despercebido por demasiado tempo, na atividade psíquica das crianças." (vol. IV, p.165).

"Seria condizente com isso que, depois de praticar o **ato sexual** várias vezes dessa maneira, o senhor ficasse com um mal-estar que depois se transformaria num elemento da construção de seu sonho." – p.190;

"Há um **componente masoquista na constituição sexual de muitas pessoas**, que decorre da inversão de um componente agressivo e sádico em seu oposto." – p.192;

"Citarei um desses sonhos, produzido por um rapaz que, em sua meninice, havia atormentado imensamente seu irmão mais velho, por quem tinha **um apego homossexual**." – p.192;

"Tendo seu caráter passado por uma modificação fundamental, ele teve o seguinte sonho, dividido em três partes: *I. Seu irmão mais velho estava mexendo com ele.* ***II. Dois homens se acariciavam com um objetivo homossexual****. III. Seu irmão vendera o negócio cujo diretor ele próprio aspirava tornar-se*." – p.192;

"Num trabalho sucinto sobre a neurose de angústia (Freud, 1895b), argumentei há algum tempo que a **angústia neurótica se origina da vida sexual e corresponde à libido que se desviou de sua finalidade e não encontrou aplicação**." – p.194;

"Desde então, essa fórmula tem resistido à prova do tempo, permitindo-nos agora inferir dela que os sonhos de **angústia são sonhos de conteúdo sexual** cuja respectiva libido se transformou em angústia." – p.194-195;

"Mas o outro legume – '*Schwarzer Rettig*' [rabanete negro] – pode ser entendido como uma exclamação – '*Schwarzer, rett' dich!*' ["'Negrinho! Dê o fora!] –; por conseguinte, também ela parece sugerir o mesmo **tema sexual** de que suspeitáramos desde o início, quando nos sentimos inclinados a introduzir a expressão sobre o açougue estar fechado no relato original do sonho." – p.216-217;

"Em todos esses sonhos 'inocentes', o motivo da censura é, obviamente, o **fator sexual**." – p.220;

"Os amantes tinham o hábito de embriagar o menino mais velho com cerveja, sempre que as circunstâncias eram favoráveis **às relações sexuais** durante a noite." – p.221;

"Apresentou-se a um de meus pacientes num sonho uma reprodução quase não distorcida de **um episódio sexual**, que foi prontamente reconhecida como uma lembrança verdadeira." – p.229;

"E, da outra parte do contexto, emergiu uma lembrança de ele ser *castigado* ou ameaçado por seu pai **pela curiosidade sexual** que demonstrara nessas ocasiões." – p.233;

"Quando uma mulher sonha que está caindo, isso tem quase invariavelmente uma **conotação sexual**: ela se imagina como uma '*mulher decaída*'." – p.233;

"Uma cadeia de associações (*Pélagie - plagiar - plagióstomos* ou tubarões [*Haifische*] - *a bexiga natatória de um peixe* [*Fischblase*]) ligou o antigo romance com o caso de Knödl e com os sobretudos, que se referiam claramente a dispositivos empregados na **técnica sexual**." – p.237;

"Uma vez que essa lição de '*carpe diem*' tinha, entre outros sentidos, **uma conotação sexual**, e uma vez que o desejo que ela expressava não se detinha a ideia de agir mal, ele tinha motivos para temer a censura e foi obrigado a se ocultar atrás de um sonho." – p.239;

"Toda sorte de pensamentos de sentido *contrário* encontraram então expressão: lembranças de uma época em que o sonhador se contentava com um alimento *espiritual*, ideias restritivas de todo tipo, e até ameaças dos mais **revoltantes castigos sexuais**." – p.239;

"Pode-se suspeitar, com justa razão, que o que me obriga a fazer essa supressão é **o material sexual**; mas não há necessidade de nos contentarmos com essa explicação." – p.246;

"E por fim, parece que, embora seja impossível provar que as imagens e representações que ocorrem em nossos sonhos são atribuíveis aos estímulos somáticos *internos* no grau em que se afirmou que isso se dá, essa origem, ainda assim, encontra apoio na influência universalmente reconhecida que exercem em nossos sonhos os estados de excitação de nossos órgãos digestivos, urinários e **sexuais**." – p.251;

"Uma interpretação ainda mais profunda levou a **pensamentos oníricos sexuais**, e lembrei-me do sentido que as referências à Itália pareciam ter nos sonhos de uma paciente que nunca visitara aquele adorável país: "*gen Italien*" [para a Itália] – "*Genitalien*" [genitais]; e isso também estava ligado à casa em que eu precedera meu amigo P. como médico, assim como à situação de meu furúnculo." – p.262;

"Um segundo grupo revela um mecanismo diferente, pois a angústia nos sonhos pode ser de natureza psiconeurótica: pode originar-se de **excitações psicossexuais** – caso em que a angústia corresponde à libido recalcada." – p.266;

"Quando um deles está correntemente ativo, evoca o outro, mesmo num sonho; num dos casos, a angústia somaticamente determinada evoca o conteúdo de representações suprimindo, e no outro o conteúdo de representações, com sua concomitante **excitação sexual**, livre de repressão, evoca uma liberação de angústia." – p.266-267;

"O sentimento de vergonha por não estar completamente vestido é, sem dúvida, de **natureza sexual**; mas a criada com quem sonhei era mais velha do que eu, era grosseira e estava longe de ser atraente." – p.269;

"Quando voltamos os olhos para esse período isento de vergonha na infância, ele nos parece um paraíso; e o próprio Paraíso nada mais é do que uma fantasia grupal da infância do indivíduo. Por isso é que a humanidade vivia nua no Paraíso, sem que um sentisse vergonha na presença do outro; até que chegou um momento em que a vergonha e a angústia despertaram, seguiu-se a expulsão e tiveram início a **vida sexual** e as tarefas da atividade cultural." – p.274;

"Curiosamente, as pessoas a quem era dirigido nosso **interesse sexual na infância** são omitidas de todas as reproduções que ocorrem nos sonhos, na histeria e na neurose obsessiva." – p.275;

"Dito sem rodeios, é como se uma **preferência sexual** se fizesse sentir numa tenra idade: como se os meninos olhassem o pai, e as meninas a mãe como seus rivais no amor, rivais cuja eliminação não poderia deixar de trazer-lhes vantagens." – p.285;

"As causas de conflito entre filha e mãe surgem quando a filha começa a crescer e **ansiar por liberdade sexual**, mas se descobre sob a tutela da mãe, enquanto esta, por outo lado, é advertida pelo crescimento da filha de que é chegado o momento em que ela própria deve abandonar suas apropriações à **satisfação sexual**." – p.286;

"Com eles aprendemos que os **desejos sexuais de uma criança** – se é que, em seu estágio embrionário, eles mereçam ser chamados assim – despertam muito cedo, e que o primeiro amor da menina é por seu pai, enquanto os primeiros desejos infantis do menino são pela mãe." – p.286;

"Também os pais dão mostras, em geral, da **parcialidade sexual**: uma predileção natural costuma fazer com que o homem tenda a mimar excessivamente suas filhinhas, enquanto sua mulher toma o partido dos filhos homens, muito embora os dois, quando seu julgamento não é perturbado pela magia do sexo, mantenham uma rigorosa fiscalização sobre a educação dos filhos." – p.286;

"Assim, ele estará seguindo sua própria **pulsão sexual** e, ao mesmo tempo, conferindo um novo vigor à inclinação demonstrada por seus pais, se sua escolha entre eles coincidir com a deles." – p.286-287;

"É destino de todos nós, talvez, dirigir nosso primeiro **impulso sexual** para nossa mãe, e nosso primeiro ódio e primeiro desejo assassino, para nosso pai." – p.291;

"Contudo, mais afortunados que ele, entrementes conseguimos, na medida em que não nos tenhamos tornado psiconeuróticos, desprender nossos **impulsos sexuais** de nossas mães e esquecer nosso ciúme de nossos pais." – p.291;

"Há uma indicação inconfundível no texto da própria tragédia de Sófocles, de que a lenda de Édipo brotou de algum material onírico primitivo que tinha como conteúdo a aflitiva perturbação da relação de uma criança com seus pais, em virtude dos **primeiros sobressaltos da sexualidade**." – p.292;

"Hoje, tal como outrora, muitos **homens sonham ter relações sexuais** com suas mães, e mencionaram esse fato com indignação e assombro." – p.292;

"A **aversão pela sexualidade** expressa por Hamlet em sua conversa com Ofélia ajusta-se muito bem a isto: a mesma aversão que iria apossar-se da mente do poeta em escala cada vez maior durante os anos que se seguiram, e que alcançou sua expressão máxima em *Timon de Atenas*." – p.294;

"Os ataques histéricos nos meninos às vezes consistem meramente em reproduções de façanhas dessa espécie, executadas com grande habilidade. Não é incomum que esses jogos de movimento, embora inocentes em si, deem lugar a **sensações sexuais**." – p.300;

"Essa mescla de autocrítica e consolo corresponderia, assim, ao conteúdo latente dos sonhos com exames. Sendo assim, não surpreenderia que as autorrecriminações por ser 'estúpido' e 'infantil' nestes últimos exemplos se referissem à repetição de **atos sexuais repreensíveis**." – p.304;

"Wilhelm Stekel, que propôs a primeira interpretação dos sonhos com o Vestibular [*Matura*], era de opinião que eles estavam regularmente relacionados com **provas sexuais** e com a **maturidade sexual**. Minha experiência tem muitas vezes confirmado seu ponto de vista." – p.304;

"Em *Safo*, o homem carregava uma mulher que tinha um **relacionamento sexual** com ele; nos pensamentos do sonho, essa posição estava *invertida*, e uma mulher carregava um homem." – p.316;

"Assim como o autor do romance, ao escolher o nome "Safo", tinha em mente uma alusão a práticas lésbicas, também as partes do sonho que falavam de pessoas '*lá em cima*' e '*lá embaixo*' aludiam a **fantasias de natureza sexual** que ocupavam a mente do paciente, e que, como desejos suprimidos, não deixavam de ter relação com sua neurose." – p.316;

"Como seria de esperar pelos graves estados de angústia de que sofria a paciente, seus sonhos continham um número muito grande de **ideias sexuais** cujo reconhecimento inicial a surpreendeu e a alarmou." – p.317;

"Como era impossível, comentou ela, reconhecer essas coisas nas pessoas! Quem poderia imaginar, olhando para *ela*, que ela era atormentada por **desejos sensuais**?" – p.318;

"Por outro, vemos – ligado ao primeiro grupo por seu próprio contraste – o grupo de representações relacionado com meu amigo de Berlim [Wilhelm Fliess], que *de fato* me compreendia, que tomava meu partido, e a quem eu devia tantas informações valiosas que tratavam, entre outras coisas, **da química dos processos sexuais**." – p.322;

"Teria sido tentador diagnosticar uma neurose (o que teria solucionado todas as dificuldades), não fosse o paciente haver repudiado com tanta energia a **história sexual** sem a qual eu me recuso a reconhecer a presença de uma neurose." – p.328;

"Esteve muito envergonhado de si mesmo, disse, e então revelou precisamente a **etiologia sexual** que eu vinha esperando e sem a qual ficara impossibilitado de aceitar sua doença como uma neurose." – p.328-329;

"Havia a mesma alternativa entre prejuízo orgânico e funcional causado por uma mulher, ou, mais apropriadamente, pela **sexualidade**: paralisia tabética ou neurose?" – p.329;

"A palavra era '*erzefilisch*' e fazia parte de uma frase que se insinuou em minha memória consciente, independente de qualquer contexto e em completo isolamento: 'Isso tem uma influência *erzefilisch* nas **emoções sexuais**'." – p.330;

"Vi então, de uma só vez, que a palavra 'sífilis' não devia ser tomada literalmente, mas representava 'veneno' – naturalmente, em relação **à vida sexual**." – p.330;

"No sonho de minha paciente sobre *Safo*, a posição central era ocupada por subir e descer e por estar encima e embaixo; os pensamentos do sonho, porém, versavam sobre os **perigos das relações sexuais com pessoas de classe social inferior**." – p.333;

"De forma semelhante, no sonho dos besouros-de-maio, cujo tópico foram as **relações entre sexualidade e crueldade**, é certo que o fator crueldade surgiu no conteúdo onírico; mas o fez com respeito a outra coisa e sem qualquer **menção à sexualidade**, ou seja, fora de seu contexto e por conseguinte transformado em algo estranho." – p.333;

"O sonho da injeção de Irma contém um exemplo clássico disso. Seus pensamentos latentes diziam nitidamente: 'Não sou responsável pela persistência das dores de Irma; a responsabilidade está *ou* na resistência dela a aceitar minha solução, *ou* nas **condições sexuais desfavoráveis** em que ela vive e que eu não posso alterar, *ou* no fato de que suas dores de modo algum são histéricas, mas de natureza orgânica.'" – p.344;

"Assim, o ramo florido do sonho aludia, sem dúvida alguma, à **inocência sexual**." – p.347;

"O mesmo ramo em flor (cf. 'des Mädchens Blüten' [os botões da donzela] no poema de Goethe 'Der Müllerin Verrat') **representava tanto a inocência sexual** como seu contrário." – p.347;

"E o mesmo sonho que expressava sua alegria por ter conseguido passar pela vida imaculadamente apresentava vislumbres, em certos pontos (por exemplo, no emurchecimento dos botões em flor), da cadeia de ideias contrárias – de ela **ter sido culpada de vários pecados contra a pureza sexual** (em sua infância, quer dizer)." – p.347;

"No sonho relatado mais adiante, em que descreve o curso da vida da paciente 'na linguagem das flores', o ego do sonho segurava na mão um ramo de botões de flores que, como vimos, representava tanto a inocência como a **pecaminosidade sexual**." – p.359;

"Em todos os três casos, a questão era um objeto de sua **curiosidade sexual**." – p.353;

"É relevante observar, além disso, o quanto é frequente a inversão empregada precisamente nos sonhos oriundos de **impulsos homossexuais recalcados**." – p.354;

"E isso porque, quando muito pequeno, no decorrer da ausência temporária do pai, ele **fora culpado de um ato de agressão sexual** contra alguém e, como punição, fora ameaçado com estas palavras: 'Espere só até seu pai voltar!'" – p.356;

"O conteúdo do sonho, uma vez obtido, representou-me expondo a meu amigo [Fliess] uma teoria difícil e há muito buscada sobre a **bissexualidade**; e o poder de realização de desejos do sonho era responsável por considerarmos essa teoria (que, aliás, não foi fornecida no sonho) como clara e impecável." – p.358;

"Quando rapaz, ele tivera uma ardente curiosidade de ver os órgãos genitais de uma mulher e estivera inclinado a sustentar a **teoria sexual infantil** segundo a qual as mulheres possuem órgãos masculinos." – p.359-360;

"A angústia é um impulso libidinal que tem origem no inconsciente e é inibido pelo pré-consciente. Quando, portanto, a sensação de inibição está ligada à angústia num sonho, deve tratar-se de um ato de volição que um dia foi capaz de gerar libido – em outras palavras, deve tratar-se de um **impulso sexual**." – p.364;

III. ***A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS* (II) (1900-1901)**
Volume 5 (FREUD, 1996c)

"(O **interesse sexual** estende-se muito além da esfera da genitália externa.) Para esses pacientes, os pilares e as colunas representam as pernas (como nos *Cânticos de Salomão*), todo portão representa um dos orifícios corporais (um 'buraco'), todo encanamento de água é um lembrete do aparelho urinário, e assim por diante. Mas o círculo de representações que gira em torno da vida das plantas ou da cozinha pode, com igual presteza, ser escolhido para **ocultar imagens sexuais**." – p.380;

"**Os detalhes mais repulsivos e também os mais íntimos da vida sexual** podem ser pensados e sonhados em alusões aparentemente inocentes a atividades culinárias" – p.380;

"Os sintomas da histeria jamais poderiam ser interpretados se nos esquecêssemos de que o **simbolismo sexual** pode encontrar seu melhor esconderijo por trás do que é corriqueiro e inconspícuo." – p.380;

"Há um **sentido sexua**l válido por trás da intolerância da criança neurótica ao sangue ou à carne crua ou de suas náuseas ante a visão de ovos ou macarrão, e por trás do enorme exagero, nos neuróticos, do natural horror humano às cobras." – p.380;

"Insiro aqui o 'florido' sonho de uma de minhas pacientes que já prometi registrar. Indiquei por meio de grifos seus elementos que devem receber uma **interpretação sexual**. A sonhadora perdeu muito de sua simpatia por esse lindo sonho depois que ele foi interpretado." – p.380;

"Depois de nos familiarizarmos com o abundante emprego do simbolismo que é feito para **representar o material sexual nos sonhos**, está fadada a surgir a questão de saber se muitos desses símbolos não ocorrem com um significado permanentemente fixo, como os 'logogramas' da taquigrafia; e ficamos tentados a elaborar um novo 'livro dos sonhos', baseados no princípio da decifração. Quanto a esse ponto, há que dizer o seguinte: esse

simbolismo não é peculiar aos sonhos, mas característico da representação inconsciente, em particular no povo, e é encontrado no folclore e nos mitos populares, nas lendas, nas expressões idiomáticas, na sabedoria dos provérbios e nos chistes correntes em grau mais completo do que nos sonhos. [1909]" – p.385;

"Muitas vezes, um símbolo tem de ser interpretado em seu sentido próprio, e não simbolicamente, ao passo que, em outras ocasiões, o sonhador pode tirar de suas lembranças particulares o poder de empregar como **símbolos sexuais** toda sorte de coisas que não são comumente empregadas como tal." – p.385;

"Encontramos um vínculo interessante com as **investigações sexuais da infância** quando alguém sonha com dois quartos que eram originalmente um, ou quando vê um quarto que lhe é familiar dividido em dois no sonho, ou vice-versa." – p.388;

"Os degraus, escadas de mão ou escadarias, ou, conforme o caso, subir ou descer por eles, são **representações do ato sexual**." – p.389;

"Visto que 'cama e mesa' constituem o casamento, esta última muitas vezes ocupa o lugar da primeira nos sonhos, e **o complexo de ideias sexuais** é, na medida do possível, transposto para o complexo de comer." – p.389;

"Também no caso de neologismos ininteligíveis, vale a pena considerar se eles não poderiam constituir-se de componentes com um **significado sexual**." – p.390-391;

"Segundo Stekel, 'direita' e 'esquerda' têm, nos sonhos, um sentido ético. 'A via à direita significa sempre o caminho da retidão, e a da esquerda, o do crime. Assim, 'esquerda' pode **representar homossexualismo, incesto ou perversão**, e 'direita' pode representar casamento, **relações sexuais com uma prostituta** e assim por diante, sempre encarados do ponto de vista moral individual do sujeito.' [...]" – p.392;

"É verdade que **a tendência dos sonhos e das fantasias inconscientes a empregarem bissexualmente os símbolos sexuais** trai uma característica arcaica, porquanto, na infância, a distinção entre os órgãos genitais dos dois sexos é desconhecida e a mesma espécie de genitália é atribuída a ambos. [1911] Mas também é possível que se seja erroneamente levado a supor que um **símbolo sexual seja bissexual**, caso se esqueça de que, em alguns sonhos, há uma inversão geral do sexo, de modo que o que é masculino é representado como feminino, e vice-versa." – p.393;

"Na imaginação dela, 'andar sozinha pelas ruas' significava não ter um homem, não ter nenhuma **relação sexual** ('*coire*', em latim [de onde se origina 'coitus'], significa literalmente 'ir com') – e ela não gostava disso. Todos os seus relatos indicavam que, quando menina, ela

de fato sofrera com o ciúme da mãe devido à preferência demonstrada para com a filha pelo pai." – p.398;

"[...] o segundo sonho aludia à **teoria sexual infantil** segundo a qual meninas são meninos castrados." – p.398;

"Acrescentei, com base em meus próprios conhecimentos derivados de outras fontes, que tanto descer quanto subir escadas, em outros casos, descrevia **relações sexuais vaginais**." – p.400;

"Ele tivera **relações sexuais** por algum tempo, mas depois as havia abandonado por causa de inibições, e agora esperava poder reiniciá-las com a ajuda do tratamento." – p.400;

[Cena explícita no sonho] "*Durante **o ato sexual** eu via penderem acima de mim, à minha esquerda (também como se fora no ar), duas pequenas pinturas – paisagens representando uma casa circundada de árvores.*" – p.404;

[Sobre lembranças] "O sonhador indagara sobre os pormenores desse fato bastante incomum e soubera que a empregada tinha voltado para sua terra com seu admirador, indo para a casa dos pais, onde não houvera nenhuma oportunidade de **relações sexuais**, e que, em sua excitação, o homem copulara com ela na escada." – p.405;

[Sobre lembranças] "Com frequência, brincara nessa escada e, entre outras coisas, costumava deslizar pelo corrimão, descendo montado nele – o que lhe dera **sensações sexuais**." – p.405;

"Caso se leve em consideração a experiência infantil, a parte inicial do sonho parece **representar o fator da excitação sexual**. – Mas o sonhador também fizera muitas vezes **brincadeiras de natureza sexual** com os filhos dos vizinhos nessa mesma escada e no prédio adjacente, e satisfizera seus desejos da mesma forma que no sonho." – p.405;

[Relato de Otto Rank] "'Se tivermos em mente que as pesquisas de Freud sobre o **simbolismo sexual** (1910d) indicaram que, nos sonhos, as escadarias e subir escadas representam quase invariavelmente a cópula, o sonho se tornará bem transparente. Sua força motivadora, como a rigor ficou demonstrado por seu resultado – uma polução – era de natureza puramente libidinal. A **excitação sexual do sonhador** foi despertada durante o sono, sendo isso representado no sonho por sua precipitação escada abaixo. O **elemento sádico da excitação sexual**, baseado nas brincadeiras da infância, foi indicado pela perseguição e sujeição da criança. A excitação libidinal aumentou e exerceu pressão no sentido da **ação sexual** – representada no sonho por ele agarrar a criança e levá-la até o meio da escada. Até esse ponto, o sonho fora apenas ***simbolicamente* sexual**, e teria sido inteiramente ininteligível para qualquer intérprete inexperiente de sonhos. Mas esse tipo de satisfação simbólica não foi suficiente para garantir um sono tranquilo, em vista da intensidade da excitação libidinal. A excitação levou a um

orgasmo e, assim, revelou o fato de que todo o simbolismo da escada representava a cópula. – Este sonho fornece uma confirmação especialmente clara do ponto de vista de Freud de que uma das razões da utilização do subir escadas como **símbolo sexual** é a natureza rítmica de ambas as atividades, pois o sonhador declarou expressamente que o elemento definido de maneira mais clara no sonho inteiro foi o ritmo do **ato sexual** e seu movimento para cima e para baixo." – p.406;

"Um de meus pacientes, um homem cuja **abstinência sexual** lhe foi imposta por uma neurose grave e cujas fantasias [inconscientes] se fixavam na mãe, sonhava repetidamente estar subindo escadas na companhia dela." – p.407;

"Cabe dizer que não há nenhum grupo de ideias que seja incapaz de **representar fatos e desejos sexuais**." – p.407;

"'*Violetas'*, aparentemente, era bem **assexual**; mas, com muita ousadia, ao que me pareceu, pensei poder desvendar um sentido secreto para essa palavra, num elo inconsciente com a palavra francesa 'viol' [estupro]. Para minha surpresa, a sonhadora forneceu como associação o termo inglês '*violate*' [violar]." – p.410;

"O oferecimento de flores, fator excitante do sonho oriundo da vida corrente da moça, foi empregado para expressar uma **troca de dádivas sexuais**: ela fazia de sua virgindade um presente e, em troca, esperava uma **vida emocional e sexual plena**." – p.410;

"Vale a pena salientar, nesse sentido, que o **simbolismo sexual** das flores, que de fato ocorre muito comumente em outros contextos, **simboliza os órgãos sexuais** humanos através das flores, que são os **órgãos sexuais** das plantas." – p.411;

"Sua vergonha apresentava como desculpa para os **sinais de sensualidade** o fato de que a finalidade desta era a produção de um bebê." – p.412;

"Afora isso, ademais, o sonho é um excelente exemplo do modo como pensamentos de natureza séria, muito distantes de qualquer **coisa sexual**, podem vir a ser representados por **material sexual infantil**." – p.412;

"Isso foi sonhado por um homem jovem que se vinha esforçando por abandonar o hábito de se masturbar, em prol de **relações sexuais com mulheres**." – p.417;

"O desejo de não comparecer a ele, dormindo demais, e de ficar em casa com seus **objetos sexuais** (isto é, de se ater à masturbação) correspondiam a sua resistência." – p.418;

“Poder-se-ia supor que a ocorrência do **simbolismo sexual** nos sonhos já foi experimentalmente confirmada por alguns trabalhos efetuados por K. Schrötter, em moldes propostos por H. Swoboda.” – p.419;

“Se ele desse ao sujeito a sugestão de que ele deveria sonhar com **relações sexuais normais** ou anormais, o sonho, obedecendo à sugestão, utilizaria símbolos que nos são familiares a partir da psicanálise em lugar do **material sexual**. Por exemplo, quando se deu a um sujeito do sexo feminino a sugestão de que sonhasse estar tendo **relações homossexuai**s com uma amiga, esta apareceu no sonho carregando uma bolsa surrada, com uma etiqueta que trazia os dizeres ‘Só para damas’” – p.419;

“Esses experimentadores contaram **anedotas de natureza grosseiramente sexual** a pacientes que sofriam da síndrome de Korsakoff e observaram as distorções que ocorriam quando as anedotas eram reproduzidas pelos pacientes nesses estados confusionais.” – p.419;

“O sentido dos sonhos ‘com um estímulo dental’, que muitas vezes tive de analisar em pacientes, escapou-me por muito tempo porque, para minha surpresa, havia invariavelmente resistências fortíssimas a sua interpretação. Provas esmagadoras fizeram com que, finalmente, eu não mais tivesse nenhuma dúvida de que, nos homens, a força motora desses sonhos não derivava de outra coisa senão dos desejos masturbatórios do período da puberdade. Analisarei dois desses sonhos, um dos quais é também um ‘sonho de voar’. Ambos foram sonhados pela mesma pessoa – um rapaz com fortes **inclinações homossexuais** que, todavia, eram inibidas na vida real.” - p.420;

“E então se seguiu o que o desdenhoso sonhador encarava como uma confissão vergonhosa: a de que, certa vez, após ter sido rejeitado por um de seus amigos, ele se masturbara duas vezes seguidas, no estado de **excitação sensual provocado por seu desejo**.” – p.421;

“Dificilmente se pode duvidar de que esse sonho tivesse um **sentido sexual**. Os panos de seda identificaram-no com um **homossexual** que ele conhecia. O sonhador nunca praticara o coito e nunca procurara ter **relações sexuais com homens** na vida real; e imaginava as **relações sexuais** segundo o modelo da masturbação da puberdade com que outrora estivera familiarizado.” – p.421;

“As numerosas modificações do sonho típico com estímulos dentais (por exemplo, sonhos de que um dente é arrancado por outra pessoa, etc.) devem, penso eu, ser explicadas da mesma maneira. É possível, porém, que nos intrigue descobrir como foi que os ‘estímulos dentais’ passaram a ter esse significado. Mas eu gostaria de chamar atenção para a frequência com que o **recalcamento sexual** se vale de transposições de uma parte inferior do corpo para uma parte superior. Graças a elas, torna-se possível, na histeria, que toda sorte de sensações e intenções sejam efetivadas, se não ali onde são apropriadas – em relação aos órgãos genitais –, pelo menos em relação a outras partes não objetáveis do corpo. Um exemplo de transposição dessa natureza

é a substituição dos órgãos genitais pelo rosto no simbolismo do pensamento inconsciente. O uso linguístico segue o mesmo modelo, ao reconhecer as nádegas ['*Hinterbacken*', literalmente, 'bochechas traseiras'] como homólogas às bochechas, e ao traçar um paralelo entre os '*labia*' e os lábios que delimitam o orifício da boca. As comparações entre o nariz e o pênis são comuns, tornando-se a similaridade mais completa pela presença de pelos em ambos os lugares. A única estrutura que não oferece qualquer possibilidade de analogia são os dentes; e é precisamente essa combinação de semelhança e dissimilaridade que torna os dentes tão apropriados para fins de representação quando alguma pressão é exercida pelo **recalcamento sexual**." – p.421-422;

[Relato de Otto Rank] "'Isso é o bastante no que concerne à interpretação proposta por meu colega, que é altamente esclarecedora e à qual, penso eu, não se pode levantar qualquer objeção. Nada tenho a acrescentar a ela, salvo, talvez, uma sugestão quanto ao sentido provável da segunda parte do sonho. Esta parece ter representado a transição do sonhador entre a masturbação e as **relações sexuais**, que foi aparentemente realizada com grande dificuldade (cf. o túnel pelo qual os trens entravam e saíam em várias direções), bem como o perigo destas últimas (cf. a gravidez e o sobretudo)." – p.426;

[Relato de Otto Rank] "Além disso, neste caso, a satisfação que acompanhou a polução não foi, como geralmente acontece, dirigida a um objeto, ainda que apenas imaginário, mas não teve objeto se é que se pode dizer isso; foi completamente autoerótica, ou, no máximo, exibiu um ligeiro **vestígio de homossexualidade** (com referência ao dentista)." – p.426;

"Não é incomum a ocorrência de que esses jogos de movimento, embora inocentes em si mesmos, deem margem a **sensações sexuais**. As traquinagens [*Hetzen*] infantis, se é que posso empregar um termo que comumente descreve todas essas atividades, são o que se repete nos sonhos de voar, cair, ter tonteiras e assim por diante, ao passo que as sensações prazerosas ligadas a essas experiências transformam-se em angústia. Mas, com bastante frequência, como toda mãe sabe, a traquinagem entre crianças acaba realmente em altercações e lágrimas. [1900]" – p.428;

"A estreita ligação entre voar e a representação de pássaros explica por que, nos homens, os sonhos de voar costumam ter um **sentido francamente sensual**; e não nos surpreenderemos ao ouvir dizer que este ou aquele sonhador se sente muito orgulhoso de seus poderes de voo. [1909]" – p.428-429;

"Quanto maior o interesse pela solução dos sonhos, mais se é levado a reconhecer que a maioria dos sonhos dos adultos versa sobre **material sexual** e dá expressão a desejos eróticos." – p.430;

"Um juízo sobre esse ponto só pode ser formado pelos que realmente analisam os sonhos, ou seja, por aqueles que atravessam o conteúdo manifesto dos sonhos até chegar aos pensamentos oníricos latentes, e nunca pelos que se contentam em fazer uma anotação apenas do conteúdo manifesto (como Näcke, por exemplo, em seus escritos sobre **sonhos sexuais**)." – p.430;

"Nenhuma outra pulsão é submetida, desde a infância, a tanta supressão quanto a **pulsão sexual**, com seus numerosos componentes [...]; de nenhuma outra pulsão restam tantos e tão poderosos desejos inconscientes, prontos a produzir sonhos no estado de sono. Ao interpretarmos os sonhos, nunca nos devemos esquecer da importância dos **complexos sexuais**, embora também devamos, é claro, evitar o exagero de lhes atribuir importância exclusiva. [1909]" – p.431;

"Podemos asseverar em relação a muitos **sonhos**, se forem cuidadosamente interpretados, que eles são **bissexuais**, visto que, incontestavelmente, admitem uma 'superinterpretação' na qual se realizam os **impulsos homossexuais do sonhador** – impulsos, vale dizer, que são contrários a suas **atividades sexuais normais**." – p.431;

"Sustentar, contudo, como o fazem Steckel (1911) e Adler (1910, etc.), que *todos* os **sonhos devem ser interpretados bissexualmente** parece-me ser uma generalização igualmente indemonstrável e implausível, e que não estou preparado a apoiar." – p.431;

"A asserção de que todos os sonhos exigem uma **interpretação sexual**, contra a qual os críticos se enfurecem de modo tão incessante, não ocorre em parte alguma de minha *A interpretação dos sonhos*. Não se encontra em nenhuma das numerosas edições deste livro e está em evidente contradição com outros pontos de vista nele expressos. [1919]" – p.431;

"Já indiquei que sonhos surpreendentemente inocentes podem encarnar desejos cruamente eróticos, e poderia confirmá-lo por numerosos novos exemplos. Mas é também verdade que muitos sonhos que parecem *indiferentes* e que não seriam considerados sob nenhum aspecto peculiar remontam, na análise, a **impulsos desejantes que são inconfundivelmente sexuais** e, muitas vezes, de natureza inesperada." – p.431;

"Quem, por exemplo teria suspeitado da presença de um **desejo sexual** no seguinte sonho, antes de ele ser interpretado? O sonhador forneceu este relato: *Um pouco atrás de dois imponentes palácios havia uma casinha com as portas fechadas. Minha mulher conduziu-me pelo trecho de rua que levava à pequena casa e abriu a porta com um empurrão; a seguir, esgueirei-me com rapidez e facilidade para o interior de um pátio que subia por uma elevação.*" – p.431-432;

"Qualquer um, no entanto, que tenha tido um pouquinho de experiência na tradução de sonhos refletirá, de imediato, que penetrar em espaços estreitos e abrir portas fechadas encontram-se entre os **símbolos sexuais** mais comuns, e perceberá facilmente nesse sonho a representação de uma tentativa de *coitus a tergo* (entre as duas imponentes nádegas do corpo feminino)." – p.432;

"Quando insisto junto a um de meus pacientes sobre a frequência dos sonhos de Édipo, nos quais o sonhador tem **relações sexuais com a própria mãe**, ele muitas vezes responde: 'Não tenho nenhuma lembrança de ter tido um sonho desses'." – p.432;

"Posso afirmar com certeza que **os sonhos *disfarçados* de relações sexuais** com a própria mãe são muitas vezes mais frequentes do que os sonhos diretos. [1909]" – p.432;

[Parte do relato do sonho de um rapaz que observa os pais copulando enquanto está no útero] "[...] *e ficou surpreso que nele se dispensasse tanta atenção* ***aos sentimentos sexuais*** *(das crianças); e isso o levou a pensar em mim.*" – p.434;

"'A natureza peculiar dos sonhos acompanhados de ejaculação não somente nos coloca em condições de revelar diretamente certos **símbolos sexuais** já conhecidos como típicos, mas que não obstante foram violentamente contestados, como também nos permite convencer-nos de que certas situações aparentemente inocentes não passam de um prelúdio simbólico a **cenas claramente sexuais**. Estas últimas são, em geral, representadas sem disfarces nos sonhos relativamente raros que são acompanhados de polução, ao passo que, com bastante frequência, culminam em sonhos de angústia, que têm o mesmo resultado de despertar o sonhador.' [...]" – p.437;

"Scherner estudou a multiplicidade do simbolismo dos estímulos urinários e asseverou que 'qualquer estímulo urinário de intensidade considerável transforma-se invariavelmente em **estimulação das regiões sexuais** e de suas representações simbólicas. […] Os sonhos com estímulos urinários são, amiúde, ao mesmo tempo, representantes de **sonhos sexuais**'. [...]" – p.437;

"Otto Rank, cuja abordagem, em seu trabalho sobre a estratificação dos símbolos nos sonhos que provocam o despertar [...], estou seguindo aqui, fez parecer altamente provável que um grande número de sonhos com estímulos urinários tenha sido, de fato, causado por **estímulo *sexual***, que fez uma primeira tentativa de encontrar satisfação, regressivamente, na forma infantil do erotismo uretral. [...] São particularmente instrutivos os casos em que o estímulo urinário assim instalado leva a acordar e esvaziar a bexiga, mas nos quais o sonho, não obstante, tem prosseguimento e a necessidade se expressa então em imagens indisfarçadamente eróticas." – p.437;

"O pretexto inocente do sonho foi o seguinte. O sonhador e sua mulher, depois do jantar, tinham feito uma visita a seus vizinhos, que eram pessoas excelentes, mas não exatamente *apetitosas*. A idosa e hospitaleira senhora estava justamente ceando e tentara *forçá-lo* (existe uma expressão de **sentido sexual** que é jocosamente empregada entre os homens para expressar esta ideia) a provar um pouco." – p.454;

"A terceira fonte do sonho fora um relato que eu acabara de escutar de uma paciente a respeito da doença mental de seu irmão e de como ele havia entrado em delírio frenético, aos gritos de *'Natureza! Natureza!'*. Os médicos acreditavam que sua exclamação proviesse do fato de ele ter lido o notável ensaio de Goethe sobre esse assunto, e que isso mostrava que ele se vinha extenuando em seus estudos de filosofia natural. Quanto a mim, preferi pensar no **sentido sexual** em que essa palavra é usada aqui, até mesmo pelas pessoas menos instruídas. Essa minha

ideia ao menos não foi refutada pelo fato de o pobre rapaz, em seguida, ter mutilado seus próprios órgãos genitais. *Ele tinha dezoito anos* na ocasião de seu surto." – p.472-473;

"A história do paciente de dezoito anos, contudo, e as diferentes interpretações de sua exclamação *'Natureza!'* eram alusões à oposição em que eu mesmo me encontrava perante muitos médicos, por causa de minha crença na **etiologia sexual das psiconeuroses**." – p.473;

[Freud para a paciente] "'*Parece-me uma noção improvável* que seus gritos de 'Natureza! Natureza!' tenham tido algo que ver com Goethe; *parece-me muito mais plausível* que essas palavras tenham tido **o sentido sexual** com que a senhora está familiarizada'." – p.481;

"Era perfeitamente esperável que minha descoberta do inesperado papel desempenhado pelo pai nos primeiros **impulsos sexuais** das pacientes deparasse com uma recepção semelhante." – p.484;

"Eu sabia que a raiz de sua doença tinham sido os impulsos hostis contra seu pai, que datavam da infância e envolviam uma **situação sexual**." – p.491;

"E, de fato, a segunda cena do sonho terminou numa fantasia um tanto extravagante de que meus dois idosos companheiros de viagem me haviam tratado de maneira tão insociável porque minha chegada impedira o intercâmbio afetuoso que haviam planejado para aquela noite. Essa fantasia remontava, contudo, a uma cena da primeira infância em que o filho, provavelmente movido pela **curiosidade sexual**, irrompera no dormitório dos pais e dele fora expulso pelas ordens do pai." – p.491;

"Por outro lado, não posso confirmar a opinião, originalmente formulada por Silberer [p. ex., 1914, Parte II, Seção 5], de que todos os sonhos (ou muitos sonhos, ou certas classes de sonhos) requerem duas interpretações diferentes, que se afirma até mesmo possuírem uma relação fixa entre si. Afirma-se que uma dessas interpretações, que Silberer chama de 'psicanalítica', dá ao sonho um ou **outro sentido, geralmente de cunho infantil-sexual**; quanto à outra interpretação, mais importante, a que ele dá o nome de 'anagógica', diz-se que revela os pensamentos mais sérios, muitas vezes de implicações profundas, que o trabalho do sonho tomou como material. Silberer não forneceu provas confirmadoras dessa opinião através do relato de uma série de sonhos analisados nessas duas direções. E tenho de objetar que inexiste o fato alegado. A despeito do que ele diz, a maioria dos sonhos não requer 'superinterpretação' e, mais particularmente, é insuscetível à interpretação 'anagógica'. Tal como ocorre com muitas outras teorias formuladas em anos recentes, é impossível desprezar o fato de que as opiniões de Silberer são influenciadas, até certo ponto, por uma tendência que visa a disfarçar as circunstâncias fundamentais em que se formam os sonhos e desviar o interesse de suas raízes pulsionais." – p.553;

"[...] uma quarta fonte dos desejos oníricos, ou seja, as moções de desejo atuais que surgem

durante a noite (por exemplo, as estimuladas pela sede ou pelas **necessidades sexuais**).” – p.579;

“Por outro lado, há pessoas que, durante a noite, têm clara ciência de estarem dormindo e sonhando, e que assim parecem possuir a faculdade de dirigir conscientemente seus sonhos. Quando, por exemplo, um desses sonhadores fica insatisfeito com o rumo tomado por um sonho, ele pode interrompê-lo sem acordar e reiniciá-lo em outra direção – tal como um dramaturgo popular, quando pressionado, pode dar a sua peça um final mais feliz. Ou, noutra ocasião, caso seu sonho o tenha levado a uma **situação sexualmente excitante**, ele pode pensar consigo mesmo: ‘Não vou continuar a sonhar com isso e me esgotar numa polução; vou retê-la, em vez disso, para a situação real’.” – p.598;

“A teoria dos sonhos de angústia, como já declarei repetidamente, faz parte da psicologia das neuroses. Nada mais temos a ver com ela, uma vez indicado o seu ponto de contato com o tema do processo onírico. Há apenas mais uma coisa que posso fazer. Uma vez que afirmei que a angústia neurótica provém de **fontes sexuais**, posso submeter à análise alguns sonhos de angústia, a fim de revelar o **material sexual** contido em seus pensamentos oníricos.” – p.609;

“Parece-me que foi desse menino que ouvi pela primeira vez o termo vulgar que designa a **relação sexual**, em cujo lugar as pessoas cultas utilizam sempre uma palavra latina, ‘copular’, e que foi indicado de maneira bastante clara pela escolha das cabeças de falsão. Devo ter adivinhado o **significado sexual** da palavra pelo rosto de meu jovem instrutor, que estava bem familiarizado com os fatos da vida.” – p.609;

“Levando em conta o recalcamento, pode-se rastrear a origem da angústia até um **anseio obscuro e evidentemente sexual** que encontrou expressão apropriada no conteúdo visual do sonho.” – p.610;

“Um homem de vinte e sete anos, que estivera gravemente enfermo por um ano, relatou que entre seus onze e treze anos sonhara repetidamente (com uma grande angústia concomitante) que *um homem com uma machadinha o estava perseguindo; ele tentava correr, mas parecia estar paralisado e não conseguia sair do lugar*. Este é um bom exemplo de um tipo muito comum de sonho de angústia, que nunca se suspeitaria ter um **cunho sexual**.” – p.610;

“A experiência cotidiana confirma, diria eu, que a **relação sexual entre adultos** se afigura a qualquer criança que a observe como algo estranho e que lhe desperta angústia. Expliquei essa angústia argumentando que o que está em pauta é uma **excitação sexual** com que a compreensão das crianças é incapaz de lidar, e a qual elas sem dúvida também repudiam por seus pais estarem envolvidos; assim, ela se transforma em angústia. Num período ainda mais primitivo da vida, as **excitações sexuais** dirigidas ao membro de sexo oposto no casal parental ainda não depararam com o recalcamento e, como vimos, expressam-se livremente.” – p.611;

"Não hesitaria em dar a mesma explicação para as crises de terror noturno acompanhadas de alucinações (*pavor nocturnus*), que são tão frequentes nas crianças. Também nesse caso, só pode tratar-se de **impulsos sexuais** não compreendidos e que foram repudiados. A investigação provavelmente mostraria uma periodicidade na ocorrência dos ataques, uma vez que o aumento da **libido sexual** pode ser ocasionado não apenas por impressões excitantes acidentais, mas também por ondas sucessivas de processos espontâneos de desenvolvimento." – p.611;

"A teoria das psiconeuroses afirma como fato indiscutível e invariável que somente as moções de **desejo sexuais** procedentes da infância, que sofreram recalcamento (isto é, uma transformação do afeto) durante o período de desenvolvimento infantil, são passíveis de ser revividas em períodos *posteriores* do desenvolvimento (seja como resultado da **constituição sexual do sujeito, que deriva de uma bissexualidade inicial**, seja como resultado de influências desfavoráveis que atuem no curso de sua **vida sexual**) e, desse modo, estão aptas a suprir a força impulsora para a formação de toda sorte de sintomas psiconeuróticos. Apenas mediante a referência a essas **forças sexuais** é que podemos cobrir as brechas que ainda se evidenciam na teoria do recalcamento. Deixarei em aberto a questão de esses **fatores sexuais e infantis** serem igualmente exigidos na teoria dos sonhos; deixarei tal teoria incompleta neste ponto, uma vez que já foi um passo além do que se pode demonstrar ao presumir que os desejos oníricos provêm invariavelmente do inconsciente." – p.630-631;

"Se, como disse Scherner [1861...], os sonhos parecem empenhar-se em fazer representações simbólicas do corpo, sabemos agora que essas representações são o produto de certas fantasias inconscientes (derivadas, provavelmente, de **moções sexuais**), que encontram expressão não apenas nos sonhos mas também nas fobias histéricas e outros sintomas. Se o sonho dá prosseguimento às atividades diurnas e as conclui, chegando até a trazer à luz ideias novas e valiosas, tudo o que precisamos fazer é despi-lo do disfarce onírico, que é o produto do trabalho do sonho e a marca do auxílio prestado por obscuras forças procedentes das profundezas da alma (cf. o diabo no sonho de Tartini com a sonata); essa realização intelectual se deve às mesmas forças anímicas que produzem todos os resultados semelhantes durante o dia." – p.636-637;

SOBRE OS SONHOS (1901)

"(3) Uma paciente minha, pouco tempo antes, dera-me uma descrição da enfermidade de seu irmão e de como ele entrara num delírio frenético aos gritos de 'Natureza! Natureza!'. Os médicos acreditavam que sua exclamação provinha de ele ter lido o notável ensaio de *Goethe* sobre esse assunto e que isso denotava que ele se vinha sobrecarregando com um excesso de trabalho em seus estudos. Eu havia comentado *parecer-me mais plausível* que sua exclamação da palavra 'Natureza' fosse tomada no **sentido sexual** em que é empregada aqui pelas pessoas menos cultas. Pelo menos, pensei, essa minha ideia não foi refutada, dado o fato de que o pobre rapaz depois mutilou seus próprios órgãos genitais. Ele tinha *dezoito anos* na ocasião de seu surto." – p.681-682;[122]

[122] Esse trecho todo já apareceu nesta lista antes, porém lá as páginas do original eram 472-473. Como se trata de repetição que está na própria obra de Freud, optamos por manter aqui também.

"Eu gostaria de sustentar que nenhum sonho é instigado por moções que não sejam egoístas. Na realidade, o eu desse sonho não representa apenas meu amigo, mas também a mim. Identifiquei-me com ele porque o destino de sua descoberta parecia prenunciar a recepção das minhas. Se eu expusesse minha teoria que ressalta **o papel desempenhado pela sexualidade na etiologia dos distúrbios psiconeuróticos** (cf. a alusão ao grito de 'Natureza! Natureza!' do paciente de dezoito anos), depararia com as mesmas críticas; e já me estava preparando para enfrentá-las com o mesmo escárnio." – p.682;

"Ninguém que aceite a visão de que a censura é a principal razão da distorção onírica ficará surpreso em saber, pelos resultados da interpretação dos sonhos, que a análise encontra nos *desejos eróticos* a origem da maioria dos sonhos dos adultos. Essa afirmação não visa aos **sonhos de conteúdo sexual *indisfarçado***, que são sem dúvida conhecidos de todos os sonhadores por experiência própria e que, em geral, constituem os únicos a serem descritos como **'sonhos sexuais'**. Mas até estes últimos sonhos causam muitas surpresas pela escolha das pessoas a quem transformam em **objetos sexuais**, por seu descaso para com todas as restrições que o sonhador impõe a seus **desejos sexuais** na vida de vigília, e pelos detalhes estranhos que insinuam o que comumente se conhece como 'perversões'. Entretanto, inúmeros outros sonhos que nada mostram de erótico em seu conteúdo manifesto revelam, pelo trabalho de interpretação na análise, ser realizações de **desejos sexuais**; por outro lado, a análise prova que muitos dos pensamentos que ficam pendentes da atividade da vida de vigília como 'restos do dia anterior' só alcançam representação nos sonhos através da assistência de desejos oníricos recalcados." – p.697;

"Não é por exigência teórica que isso é postulado, mas, para explicar esse fato, pode-se assinalar que nenhum outro grupo de pulsões é submetido a uma supressão tão vasta pelas exigências da educação cultural quanto as **pulsões sexuais**; entretanto, ao mesmo tempo, elas são também as pulsões que, na maioria das pessoas, escapam com maior facilidade ao controle das instâncias anímicas superiores." – p.697;

"Desde que tomamos conhecimento da **sexualidade infantil**, frequentemente tão discreta em suas manifestações e que é sempre despercebida e mal interpretada, estamos autorizados a dizer que quase todo homem civilizado preserva as formas infantis de **vida sexual** num ou noutro aspecto. Podemos assim compreender como é que os **desejos sexuais infantis recalcados** passam a fornecer as forças propulsoras mais frequentes e poderosas para a formação dos sonhos." – p.697;

"Só existe um meio pelo qual **um sonho** que expresse desejos eróticos pode ter êxito em **parecer inocentemente assexual** em seu conteúdo manifesto. O material das **representações sexuais** não deve ser figurado como tal, mas substituído no conteúdo do sonho por insinuações, alusões e formas similares de representação indireta." – p.698;

"Símbolos como a escada ou subir escadas para **representar relação sexual**, gravatas para o órgão masculino, ou madeira para o feminino, provocam nossa incredulidade, até chegarmos por algum outro meio à compreensão da relação simbólica subjacente a eles. Além disso,

diversos símbolos oníricos são bissexuais e podem relacionar-se com os órgãos genitais masculinos ou femininos, conforme o contexto." – p.698;

"Alguns símbolos são universalmente disseminados e podem ser encontrados em todos os sonhadores pertencentes a um mesmo grupo linguístico ou cultural; outros ocorrem apenas dentro dos limites mais restritos e individuais, sendo símbolos formados por um indivíduo a partir de seu próprio material de representações. Na primeira classe podemos distinguir alguns cujo direito de substituir as **representações sexuais** é imediatamente justificado pelo uso linguístico (como, por exemplo, os derivados da agricultura: 'fertilização' ou 'semente'), e outros cuja relação com as **representações sexuais** parece remontar às mais antigas eras e às mais obscuras profundezas de nosso funcionamento conceitual. O poder de construir símbolos não se esgotou, nos dias atuais, para nenhum dos dois tipos de símbolos que distingui no início deste parágrafo. Certos objetos recém-descobertos (como as aeronaves) são, como podemos observar, imediatamente adotados como **símbolos sexuais** universalmente utilizáveis." – p.698;

IV. SOBRE A PSICOPATOLOGIA DA VIDA COTIDIANA (1901)
Volume 6 (FREUD, 1996d)

[Acerca do esquecimento de nomes próprios] "Suponho que essa sequência de pensamentos sobre os costumes dos turcos na Bósnia etc. adquiriu a capacidade de perturbar o pensamento subsequente por eu ter afastado a atenção dela antes que fosse concluída. De fato, lembro-me de ter querido contar uma segunda anedota, que em minha memória estava próxima da primeira. Esses turcos conferem ao **gozo sexual** um valor maior que o de qualquer outra coisa, e, na eventualidade de **distúrbios sexuais**, caem num desespero que contrasta estranhamente com sua resignação ante a ameaça de morte. Certa vez, um dos pacientes de meu colega lhe disse: 'Sabe *Herr*, quando *isso* acaba, a vida não tem nenhum valor.' Suprimi a comunicação desse traço característico por não querer tocar nesse tema numa conversa com um estranho. Mas fiz algo mais: também desviei minha atenção da continuação dos pensamentos que poderiam ter-me surgido a partir do tema **'morte e sexualidade'**. Naquela ocasião, eu ainda estava sob a influência de uma notícia que me chegara algumas semanas antes, durante uma breve estada em *Trafoi*. Um paciente a quem eu me havia dedicado muito pusera fim a sua vida por causa de um **distúrbio sexual incurável**." – p.21;

[Sobre esquecimento de nomes e sequência de palavras] "[...] O caso que se segue, relatado por Ferenczi, mostra uma maneira um pouco diferente de a autorreferência levar ao esquecimento de um nome. Sua análise é particularmente instrutiva pela explicação dada às associações substitutas (como Botticelli e Boltraffio, substitutos de Signorelli).

Uma dama que ouvira falar de psicanálise não conseguia lembrar-se do nome do psiquiatra Jung.

Em vez deste, ocorreram-lhe os seguintes nomes: K1 – (um sobrenome), Wilde, Nietzsche, Hauptmann.

Não lhe forneci o nome e convidei-a a associar livremente o que lhe ocorre em relação a cada um desses nomes.

A partir de K1, ela pensou imediatamente na Sra. K1 – e em como era uma pessoa cerimoniosa e afetada, mas com muito boa aparência para sua *idade*. 'Ela *não envelhece*.' Como caracterização comum para Wilde e Nietzsche, falou em '*doença mental*'. Depois, disse em tom zombeteiro: 'Vocês, freudianos, vão continuar procurando as causas da doença mental até vocês mesmos ficarem loucos.' Depois: 'Não suporto Wilde e Nietzsche. Não os entendo. Ouvi dizer que ambos eram **homossexuais**; Wilde se relacionava com gente *jovem*.' (Apesar de já ter enunciado nessa frase o nome correto – em húngaro, é verdade –, ela ainda assim não conseguiu lembrá-lo.)

Sobre Hauptmann ocorreu-lhe primeiro '*Halbe*' e, depois, '*Jugend*'; e só então, depois que lhe chamei a atenção para a palavra '*Jugend*', foi que ela entendeu que estivera em busca do nome *Jung*.

Essa dama, que perdera o marido aos trinta e nove anos e não tinha perspectiva de voltar a casar-se, decerto tinha razões suficientes para evitar tudo o que a fizesse lembrar da *juventude* ou da *idade*. É digno de nota que as ocorrências encobridoras do nome buscado estivessem exclusivamente associadas com o conteúdo, não havendo associações sonoras." – p.45-46;

[Sobre esquecimento de nomes e sequência de palavras] "A conclusão de Reik é a seguinte. 'A moça tratou a palavra como se, ao pronunciar o título dúbio na presença de rapazes, estivesse reconhecendo desejos que havia rechaçado por lhe serem penosos e incompatíveis com sua personalidade. Em suma: dizer as palavras 'Ben-Hur' foi inconscientemente identificado por ela com **uma proposta sexual** e, por conseguinte, o esquecimento correspondeu ao rechaço dessa tentação inconsciente. Temos razões para supor que processos inconscientes semelhantes tenham determinado o esquecimento dos rapazes. O inconsciente deles apreendeu o sentido real do esquecimento da jovem e, por assim dizer, interpretou-o. O esquecimento dos homens mostra respeito por esse comportamento recatado. É como se sua interlocutora, por seu repentino lapso de memória, tivesse dado um sinal claro que os homens, inconscientemente, entenderam muito bem.'" – p.59;

[Exemplo de lapso de fala] "[...] Um senhor apresentava suas condolências a uma jovem dama cujo marido morrera recentemente e quis acrescentar: 'A senhora encontrará consolo ao *dedicar-se* [*widmen*] integralmente a seus filhos', mas, em vez disso, falou '*widwen*'. O pensamento suprimido referia-se a outro tipo de consolo: uma viúva [*Witwe*] jovem e bonita logo encontrará novos **prazeres sexuais**." – p.86;

[Exemplo de lapso de fala] "[...] Também no exemplo seguinte, fornecido por Storfer, poder-se-ia pensar que houve intenção de fazer um chiste:

A senhora B., que sofria de um mal de origem obviamente psicogênica, fora repetidamente aconselhada a consultar o psicanalista X. Recusava-se persistentemente a fazê-lo, dizendo que tal tratamento nunca poderia ter nenhuma serventia, pois o metódico erroneamente faria tudo remontar a **coisas sexuais**. Entretanto, chegou finalmente o dia em que ela se dispôs a seguir o conselho e perguntou: 'Num gut, wann *ordinärt* also dieser Dr. X.?'" – p.93-94;

[Exemplo de lapso de fala] "[...] Evidentemente, também existem exemplos mais modernos de ***doubles entendres* sexuais nascidos de lapsos da fala**. A senhora F. estava descrevendo sua

primeira aula num curso de línguas: ‘É muito interessante; o professor é um jovem inglês muito simpático. Logo na primeira aula, ele me deu a entender ‘*durch die Bluse*’ [através da blusa] – quero dizer, ‘*durch die Blume’* [literalmente, ‘através das flores’, i.e. ‘indiretamente’] que preferiria dar-me aulas particulares.’ (De Storfer)” – p.95;

“Em outros casos bem mais significativos, é a autocrítica, a oposição interna ao próprio enunciado, que obriga o sujeito a cometer um lapso da fala e mesmo a substituir pelo oposto aquilo que tenciona dizer. Com assombro, observa-se então como o texto de uma afirmação anula a intenção dela e como o lapso da fala expõe uma insinceridade interna. O lapso transforma-se aqui num meio de expressão mímica – frequentemente, decerto, a expressão de algo que não se queria dizer: torna-se um meio de trair a si mesmo. Foi o que aconteceu, por exemplo, quando um homem não muito afeito às chamadas **relações sexuais normais** em seu contato com as mulheres interveio numa conversa sobre uma moça que diziam ser coquete [*kokett*], afirmando: ‘Se tivesse que se haver comigo ela logo perderia esse hábito de *koëttiern* [palavra inexistente].’ Sem dúvida, só uma outra palavra, ‘*koitieren*’ [praticar o coito], poderia ter sido responsável por essa alteração na palavra pretendida ‘*kokettieren*’ [coquetear]. – Ou este outro caso: ‘Temos um tio que há meses se mostra muito ofendido por nunca o visitarmos. Aproveitamos a oportunidade de sua mudança para uma casa nova para fazer-lhe a tão adiada visita. Ele pareceu muito alegre por ver-nos e, quando nos despedíamos, disse com muita emoção: ‘De agora em diante, espero vê-los ainda *mais raramente* do que antes’.’” – p.101-102;

“Outro caso de ilusão da memória que se pode explicar satisfatoriamente faz lembrar a *fausse reconnaissance*, tema a ser discutido mais adiante. Eu havia contado a um de meus pacientes, um homem ambicioso e capaz, que um jovem estudante fora recentemente incorporado ao círculo de meus discípulos por meio de um interessante trabalho, ‘***Der Künstler, Versuch einer Sexualpsychologie*’ [*O artista, ensaio de uma psicologia sexual*]**. Ao ser esse livro publicado depois de um ano e três meses, meu paciente afirmou poder lembrar-se com certeza de ter lido em algum lugar, antes mesmo de minha comunicação (um ou seis meses antes), um anúncio desse livro, talvez no prospecto de algum livreiro. Esse anúncio, disse ele, viera-lhe à mente naquela ocasião, e comentou ainda ter constatado que o autor havia modificado o título: já não se chamava ‘*Versuch*’ [Esboço], mas **‘*Anzätze zu einer Sexualpsychologie*’ [Rudimentos de uma Psicologia Sexual]**. Entretanto, uma sondagem cuidadosa feita com o autor e a comparação de todas as datas mostraram que meu paciente alegava lembrar-se de algo impossível. Nenhum anúncio do livro aparecera em parte alguma antes da publicação, e menos ainda um ano e três meses antes de ele ser impresso. Quando deixei de interpretar essa ilusão da memória, esse mesmo homem produziu uma reedição dela, de natureza equivalente. Acreditou ter visto recentemente uma obra sobre a agorafobia na vitrine de uma livraria e estava agora pesquisando os catálogos de todas as editoras para obter um exemplar. Pude então explicar-lhe por que seus esforços seriam necessariamente infrutíferos. A obra sobre a agorafobia só existia em sua fantasia, como uma intenção inconsciente, devendo ser escrita por ele mesmo. Sua ambição de se igualar ao outro jovem e tornar-se um de meus discípulos mediante um trabalho científico similar fora responsável pela primeira ilusão da memória e, depois, por sua repetição.” – p.162;

“De maneira semelhante, cair, dar um passo em falso e escorregar nem sempre precisam ser interpretados como falhas puramente acidentais das ações motoras. O duplo sentido que a

linguagem confere a essas expressões é suficiente para indicar o tipo de fantasias guardadas que se podem representar através desses abandonos do equilíbrio corporal. Lembro-me de certo número de doenças nervosas leves em mulheres e moças que sobrevieram depois de uma queda sem lesões e foram tomadas por histerias traumáticas decorrentes do susto da queda. Já naquela época eu tinha a impressão de que essas coisas poderiam estar relacionadas de outra maneira, como se a queda já fosse um produto da neurose e expressasse as mesmas fantasias inconscientes, de **conteúdo sexual**, que são as forças motoras por trás dos sintomas, como se pode presumir. Não seria também isso o que pretende dizer o provérbio 'Donzela, quando cai, cai de costas'?" – p.185;

"(f) Em nenhum outro campo a concepção de que na realidade os atos acidentais são deliberados há de encontrar maior crença do que na **esfera da atividade sexual**, onde a demarcação entre as duas possibilidades parece realmente vaga. Um bom exemplo de minha própria experiência de alguns anos atrás mostra como um movimento aparentemente desajeitado pode ser usado de maneira altamente requintada para **fins sexuais**. Na casa de alguns amigos, encontrei uma jovem ali hospedada e que despertou em mim um sentimento de prazer que eu julgara extinto há muito tempo. Em consequência disso, fiquei com um ânimo alegre, falastrão e solícito. Na ocasião, esforcei-me também por descobrir como isso se dera; um ano antes, essa mesma jovem me deixara indiferente. Quando o tio dela, um senhor muito idoso, entrou na sala, eu e ela nos erguemos de um salto para levar-lhe uma cadeira que estava num canto. Ela foi mais ágil do que eu e estava, creio, mais próxima do objeto; por isso, apoderou-se primeiro da cadeira e pôs-se a carregá-la, apoiando seu espaldar na frente do corpo e segurando com ambas as mãos aos lados do assento. Como cheguei depois, mas ainda aferrado a minha intenção de carregar a cadeira, vi-me de repente postado bem atrás da jovem, enlaçando-a por trás com os dois braços, e minhas mãos se tocaram por um momento em seu regaço. Naturalmente, desfiz a situação com a mesma rapidez com que ela fora criada. Ninguém pareceu reparar na habilidade com que me aproveitei desse movimento desajeitado.

Ocasionalmente, também tive de dizer a mim mesmo que o processo irritante e desajeitado de desviar de alguém na rua, no qual, por alguns segundos, dá-se primeiro um passo para um lado e, depois, para o outro, mas sempre para o mesmo lado que outra pessoa, até que se acaba ficando frente a frente com ela (ou com ele), que esse 'barrar o caminho', eu dizia, é também a repetição de um comportamento travesso e provocador de anos anteriores e, sob a máscara da inabilidade, persegue **objetivos sexuais**. Por minhas psicanálises de neuróticos, sei que a chamada ingenuidade dos jovens e crianças muitas vezes é apenas uma máscara desse tipo, usada para que possam dizer ou fazer algo indecoroso sem se sentirem embaraçados.

Wilhelm Stekel relatou auto-observações muito semelhantes. 'Entrei numa casa e estendi a sua dona minha mão direita. Ao fazê-lo, achei um modo estranhíssimo de desatar o laço que prendia seu roupão largo. Eu não estava consciente de nenhuma intenção desonrosa, mas executei esse movimento desajeitado com a destreza de um escamoteador.'" – p.185-186;

"Ao tentar analisar esse pequeno erro, ocorreu-me inicialmente a frase 'sich an der Alten vergreifen', que forneceu o caminho mais curto para a solução. Eu estava sob a influência de um sonho que me fora contado por um jovem na noite anterior e cujo conteúdo não admita outra interpretação que não fosse a de **relações sexuais com sua própria mãe**. O estranho fato de a lenda [de Édipo] não fazer nenhuma objeção à idade da rainha Jocasta pareceu-me adequar-se bem à conclusão de que, no enamoramento pela própria mãe, nunca se trata da pessoa atual dela, mas de sua imagem mnêmica juvenil, formada nos anos da infância. Tais incongruências

aparecem sempre que uma fantasia que oscila entre dois períodos se torna consciente e, com isso, liga-se em definitivo a determinada época." – p.187;

[Relato de Ernest Jones] "Aos oito anos, ele se impressionou quando um menino mais velho lhe disse que era costume do médico ir para a cama com suas pacientes. Decerto havia algum fundamento para esses boatos, e em todo caso, as mulheres da vizinhança, inclusive sua própria mãe, eram muito afeiçoadas a esse médico jovem e bonito. Ele próprio, em diversas ocasiões, já experimentara **tentações sexuais em relação a suas pacientes**; apaixonara-se por duas delas e finalmente se casara com outra. Tampouco há alguma dúvida de que sua identificação inconsciente com esse médico foi a razão principal de ele optar pela profissão médica. Outras análises nos fazem supor que este é, indubitavelmente, o motivo mais comum (embora seja difícil determinar sua frequência). No presente caso houve uma determinação dupla: primeiro, pela superioridade, em várias ocasiões, do médico sobre o pai, de quem o filho sentia muito ciúme, e segundo, pelo conhecimento que o médico tinha de coisas proibidas e por suas oportunidades de **satisfação sexual**.

Veio então um sonho que já publiquei em outro lugar (Jones 1910b); era de **natureza nitidamente homossexual-masoquista**. Nele, um homem que era uma figura substituta do médico atacava-o com uma 'espada'. A espada recordou-lhe uma história, na *Völsung Nibelungen-Saga*, em que Sigurd coloca uma espada nua entre ele mesmo e Brünhilde adormecida. O mesmo episódio ocorre na lenda Arthur, que nosso homem também conhece bem.

Agora se torna claro o sentido do ato sintomático. Nosso médico colocou seu estetoscópio simples entre ele e suas pacientes tal como Sigurd colocou sua espada entre ele mesmo e a mulher em quem não devia tocar. O ato foi uma formação de compromisso; serviu a duas moções: ceder, na imaginação, ao desejo suprimido de manter **relações sexuais** com alguma paciente atraente, mas, ao mesmo tempo, lembrar que esse desejo não podia ser realizado. Foi, por assim dizer, um encantamento contra a tentação." – p.203-204;

"Posso ainda citar, de minha experiência psicoterapêutica, um caso em que um testemunho eloquente foi fornecido por uma mão que brincava com um pedaço de miolo de pão. Meu paciente era um menino que ainda não completara treze anos, padecendo há quase dois anos de uma histeria grave, e a quem finalmente aceitei em tratamento psicanalítico, depois que uma longa estada numa instituição hidropática mostrou-se infrutífera. Parti do pressuposto de que ele deveria ter tido **experiências sexuais** e estaria atormentado por **questões sexuais**, o que era bastante provável em sua idade; abstive-me, porém, de correr em seu auxílio com esclarecimentos, pois queria submeter novamente à prova minhas premissas." – p.205;

[Exemplo de ato sintomático] "Um homem que sofria de **impotência sexual ocasional**, originária da intimidade de suas relações com a mãe na infância, contou que tinha o hábito de enfeitar escritos e apontamentos com a letra S, inicial do nome da mãe. Ele não suporta que as cartas vindas de casa entrem em contato com outra correspondência profana qualquer sobre sua escrivaninha, e por isso é obrigado a guardar as primeiras separadamente." – p.219;

"Quanto à primeira questão, sobre a origem que teriam os pensamentos e moções que se

expressam nos atos falhos, pode-se dizer que numa série de casos é fácil mostrar que os pensamentos perturbadores provêm de moções suprimidas da vida anímica. Nas pessoas sadias, os sentimentos e impulsos egoístas, invejosos e hostis, sobre os quais recai o peso da educação moral, não raro se valem dos atos falhos como o caminho para expressarem de algum modo seu poder, que inegavelmente existe mas não é reconhecido pelas instâncias anímicas superiores. O consentimento nesses atos falhos e atos casuais equivale em boa medida a uma cômoda tolerância do imoral. Entre essas moções suprimidas não é pequeno o papel desempenhado pelas várias **correntes sexuais**. É um acidente de meu material que justamente elas apareçam tão raramente entre os pensamentos revelados pela análise em meus exemplos. Como tive de submeter à análise exemplos retirados sobretudo da minha própria vida anímica, a escolha foi parcial desde o início e visou a **excluir o sexual**. Em outras ocasiões, parece que os pensamentos perturbadores brotam de objeções e considerações perfeitamente inocentes." – p.276-277;

V. ***UM CASO DE HISTERIA, TRÊS ENSAIOS SOBRE SEXUALIDADE E OUTROS TRABALHOS*** **(1901-1905)**
Volume 7 (FREUD, 1996e)

FRAGMENTOS DA ANÁLISE DE UM CASO DE HISTERIA (1905[1901])

"Contudo, mesmo que eu não dê importância a esses críticos estreitos e malévolos, a publicação de meus casos clínicos continua a ser para mim um problema de difícil solução. As dificuldades são, em parte, de natureza técnica, mas em parte se devem à índole das próprias circunstâncias. Se é verdade que a causação das enfermidades histéricas se encontra nas intimidades da **vida psicossexual dos pacientes**, e que os sintomas histéricos são a expressão de seus mais secretos desejos recalcados, a elucidação completa de um caso de histeria estará fadada a revelar essas intimidades e denunciar esses segredos." – p.19;

"Nesta história clínica – a única que até agora consegui fazer romper as limitações impostas pelo sigilo médico e por circunstâncias desfavoráveis – os **aspectos sexuais** são discutidos com toda a franqueza possível, **os órgãos e funções da vida sexual** são chamados por seus nomes exatos, e o leitor pudico poderá convencer-se, por minha descrição, de que não hesitei em conversar sobre tais assuntos nessa linguagem mesmo com uma jovem. Acaso devo defender-me também dessa censura? Reclamei para mim simplesmente os direitos do ginecologista – ou melhor, direitos muito mais modestos – e acrescentarei que seria um sinal de singular e perversa lascívia supor que essas conversas possam ser um bom meio para excitar ou satisfazer os **apetites sexuais**. De resto, sinto-me inclinado a expressar minha opinião a esse respeito com algumas palavras tomadas de empréstimo." – p.21;

"De uma terceira espécie de deficiência neste relato, nem a paciente nem o autor têm culpa. Ao contrário, é óbvio que um único caso clínico, ainda que fosse completo e não desse margem a nenhuma dúvida, não poderia dar resposta a todas as questões levantadas pelo problema da histeria. Não pode dar-nos conhecimento de todos os tipos dessa doença, nem de todas as formas da estrutura interna da neurose, nem de todas as espécies possíveis de relação entre o psíquico e o somático encontradas na histeria. Não é justo esperar de um único caso mais do que ele pode oferecer. E quanto aos que até agora não quiseram acreditar na validade universal e sem exceções da **etiologia psicossexual da histeria**, eles dificilmente ficarão convencidos

disso tomando conhecimento de um único caso clínico. Melhor fariam em adiar seu julgamento até adquirirem por seu próprio trabalho o direito de ter uma convicção." – p.24;

"Em épocas anteriores, o único irmão da moça, um ano e meio mais velho, fora o modelo que ela ambicionara seguir. Nos últimos anos, porém, as relações entre ambos se haviam tornado mais distantes. O rapaz procurava afastar-se o máximo possível das discussões da família, mas, quando se via obrigado a tomar partido, apoiava a mãe. Assim, a costumeira **atração sexual** aproximara pai e filha, de um lado, e mãe e filho, de outro." – p.31;

"Em 1896, pouco depois da publicação de meus *Estudos sobre a histeria*, em colaboração com o Dr. J. Breuer [1895], pedi a um eminente colega sua opinião sobre a teoria psicológica da histeria ali defendida. Ele respondeu sem rodeios que a considerava uma generalização injustificável de conclusões que poderiam ser corretas para uns poucos casos. Desde então tenho visto inúmeros casos de histeria, ocupando-me de cada um por vários dias, semanas ou anos, e em nenhum deles deixei de descobrir as condições psíquicas postuladas nos *Estudos*, ou seja, o trauma psíquico, o conflito dos afetos e, como acrescentei em publicações posteriores, a comoção na **esfera sexual**. Quando se trata de coisas que se tornaram patogênicas por seu afã de ocultar-se, decerto não se deve esperar que o doente vá ao encontro do médico exibi-las, nem tampouco deve este contentar-se com o primeiro 'Não' que se oponha às investigações." – p.34;

"Chamado a prestar contas de seu comportamento ao pai e ao tio da moça quando do encontro seguinte entre eles, o acusado negou do modo mais enfático qualquer atitude de sua parte que pudesse ter dado margem a essa interpretação, e começou a lançar suspeitas sobre a moça, que, segundo soubera pela Sra. K., só mostrava interesse pelos **assuntos sexuais**, e que até na própria casa dele junto ao lago lera a *Fisiologia do amor*, de Mantegazza, e livros semelhantes. Provavelmente, excitada por tais leituras, ela teria 'imaginado' toda a cena que descrevera." – p.35;

"Superadas as primeiras dificuldades do tratamento, Dora comunicou-me uma experiência anterior com o Sr. K., mais bem talhada ainda para operar como um **trauma sexual**. Estava então com quatorze anos. O Sr. K. combinara com ela e com sua mulher para que, à tarde, elas fossem encontrá-lo em sua loja comercial, na praça principal de B., para dali assistirem a um festival religioso. Mas ele induziu sua mulher a ficar em casa, despachou os empregados e estava sozinho quando a moça entrou na loja. Ao se aproximar a hora da procissão, pediu à moça que o aguardasse na porta que dava para a escada que levava ao andar superior, enquanto ele abaixava as portas corrediças externas. Em seguida voltou e, ao invés de sair pela porta aberta, estreitou subitamente a moça contra si e depôs-lhe um beijo nos lábios. Era justamente a situação que, numa mocinha virgem de quatorze anos, despertaria uma nítida **sensação de excitação sexual**. Mas Dora sentiu naquele momento uma violenta repugnância, livrou-se do homem e passou correndo por ele em direção à escada, daí alcançando a porta da rua. Mesmo assim, as relações com o Sr. K. prosseguiram; nenhum dos dois jamais mencionou essa pequena cena, e Dora afirma tê-la guardado em segredo até sua confissão durante o tratamento. Por algum tempo depois disso, ela evitou ficar a sós com o Sr. K. Por essa época, os K. tinham combinado fazer uma excursão de alguns dias, da qual Dora também deveria participar. Depois da cena do beijo na loja, ela se recusou a acompanhá-los, sem dar nenhuma razão.

Nessa cena – a segunda da sequência, mas a primeira na ordem temporal –, o comportamento dessa menina de quatorze anos já era total e completamente histérico. Eu tomaria por histérica, sem hesitação, qualquer pessoa em quem uma oportunidade de **excitação sexual** despertasse sentimentos preponderante ou exclusivamente desprazerosos, fosse ela ou não capaz de produzir sintomas somáticos. Esclarecer o mecanismo dessa *inversão do afeto* é uma das tarefas mais importantes e, ao mesmo tempo, uma das mais difíceis da psicologia das neuroses. Em minha própria opinião, ainda estou bem longe de alcançar essa meta, e no contexto desta comunicação posso também acrescentar que até do que sei só me será possível apresentar uma parte." – p.37-38;

"A repugnância que Dora sentiu nessa ocasião não se tornou um sintoma permanente, e mesmo na época do tratamento existia apenas potencialmente, por assim dizer. Ela se alimentava mal e confessou certa aversão pelos alimentos. Por outro lado, a cena deixara outra consequência, sob a forma de uma alucinação sensorial que ocorria de tempos em tempos e chegou a se verificar enquanto ela a relatou a mim. Disse continuar sentindo na parte superior do corpo a pressão daquele abraço. Segundo certas regras da formação de sintomas que vim a conhecer, e ao mesmo tempo levando em conta algumas outras particularidades da paciente, que de outra forma seriam inexplicáveis – por exemplo, não queria passar por nenhum homem a quem visse em conversa animada ou terna com uma mulher –, formei para mim mesmo a seguinte reconstrução da cena. Creio que, durante o abraço apaixonado, ela sentiu não só o beijo em seus lábios, mas também a pressão do membro ereto contra seu ventre. Essa percepção revoltante para ela foi eliminada de sua memória, recalcada e substituída pela sensação inocente de pressão sobre o tórax, que extraía de sua fonte recalcada uma intensidade excessiva. Uma vez mais, portanto, vemos um deslocamento da parte inferior para a parte superior do corpo. Por outro lado, a compulsão em seu comportamento construía-se como se proviesse da lembrança inalterada da cena: **ela não gostava de passar por nenhum homem a quem julgasse em estado de excitação sexual** porque não queria voltar a ver o sinal somático desse estado." – p.38-39;

"Vale ressaltar que, aqui, três sintomas – a repugnância, a sensação de pressão na parte superior do corpo e a evitação dos homens em conversa afetuosa – provinham de uma mesma experiência, e somente levando em conta a inter-relação desses três signos é que se torna possível compreender o processo de formação dos sintomas. O nojo corresponde ao sintoma do recalcamento da zona erógena dos lábios (mimada demais em Dora, como veremos, pelo sugar infantil). A pressão do membro ereto provavelmente levou a uma alteração análoga no órgão feminino correspondente, o clitóris, e a excitação dessa segunda zona erógena foi fixada no tórax por deslocamento para a sensação simultânea de pressão. **O horror aos homens que pudessem achar-se em estado de excitação sexual** obedece ao mecanismo de uma fobia destinada a dar proteção contra o reavivamento da percepção recalcada." – p.39;

"Para evidenciar a possibilidade dessa complementação da história, perguntei à paciente com extrema cautela se ela conhecia o sinal corporal da excitação no corpo do homem. Sua resposta foi 'Sim' quanto ao momento atual, mas, no tocante àquela época, ela achava que não. Desde o início tive com esta paciente o máximo cuidado de não lhe fornecer nenhum novo conhecimento na **esfera da vida sexual**, não por escrupulosidade, mas porque queria submeter meus pressupostos a uma prova rigorosa neste caso. Por isso, só chamava uma coisa por seu nome quando as alusões dela se tinham tornado tão claras que parecia haver muito pouco risco em

traduzi-las para a linguagem direta. Sua resposta sempre pronta e franca era que ela já sabia disso, mas de *onde* vinha esse conhecimento era um enigma que suas lembranças não permitiam resolver. Ela esquecera a fonte de todos esses conhecimentos." – p.39-40;

"Se me é lícito representar dessa maneira a cena do beijo ocorrido na loja, chego à seguinte derivação para a repugnância. A sensação de nojo parece ser, originalmente, uma reação ao cheiro (e depois também à visão) dos excrementos. Mas os órgãos genitais, e em especial o membro masculino, podem lembrar as funções excretoras, porque aqui **o órgão, além de desempenhar a função sexual, serve também à da micção**. Na verdade, esta é a primeira das duas a ser conhecida, e é a única **conhecida durante o período pré-sexual**. É assim que a repugnância se inclui nas manifestações afetivas da **vida sexual**. É o "*inter urinas et faeces nascimur" dos Padres da Igreja, que adere à **vida sexual** e dela não pode desprender-se, a despeito de todos os esforços de idealização. Gostaria, contudo, de enfatizar expressamente minha opinião de que o problema não fica resolvido pela simples indicação dessa via associativa. O fato de que essa associação pode ser evocada ainda não explica que ela de fato o seja. E não o é, em circunstâncias normais. O conhecimento das vias não torna dispensável o conhecimento das forças que por elas transitam*." – p.40;

"Segundo uma regra que eu pudera confirmar repetidamente pela experiência mas que ainda não me atrevera a consolidar num princípio geral, o sintoma significa a representação – a realização – de uma **fantasia de conteúdo sexual**, isto é, **uma situação sexual**. Melhor dizendo, pelo menos *um* dos significados de um sintoma corresponde à representação de uma **fantasia sexual**, enquanto para os outros significados não se impõe tal limitação do conteúdo. Quando se empreende o trabalho psicanalítico, logo se constata que os sintomas têm mais de um significado e servem para representar simultaneamente diversos cursos inconscientes de pensamento. E eu acrescentaria que, na minha opinião, um único curso de pensamento ou fantasia inconsciente dificilmente bastará para a produção de um sintoma." – p.53;

"Logo surgiu uma oportunidade de atribuir à tosse nervosa de Dora uma interpretação desse tipo, mediante uma **situação sexual fantasiada**. Quando ela insistiu mais uma vez em que a Sra. K. só amava seu pai porque ele era '*ein vermögender Mann*' [um homem de posses], certos pormenores da maneira como se expressou (que omito aqui, como a maioria dos aspectos puramente técnicos da análise) levaram-me a notar que por trás dessa frase se ocultava seu oposto, ou seja, que o seu pai *era* '*ein unvermögender Mann*' [um homem sem recursos]. Isso só poderia ser entendido num **sentido sexual** – que seu pai, como homem, era sem recursos, era impotente. Depois que Dora confirmou essa interpretação com base em seu conhecimento consciente, assinalei a contradição em que ela caía quando, por um lado, continuava a insistir em que as relações do pai com a Sra. K. eram um caso amoroso corriqueiro e, por outro, asseverava que o pai era impotente e, portanto, incapaz de tirar proveito de tal relacionamento. Sua resposta mostrou que ela não precisava reconhecer a contradição. Ela sabia muito bem, disse, que há mais de uma maneira de se **obter satisfação sexual**. A fonte desse conhecimento, aliás, novamente lhe era inidentificável. Como lhe perguntei se ela se estava referindo ao **uso de outros órgãos que não os genitais na relação sexual** e ela respondeu afirmativamente, pude prosseguir dizendo que, nesse caso, ela devia estar pensando precisamente nas partes do corpo que nela se achavam em estado de irritação – a garganta e a cavidade bucal. Obviamente, ela não queria saber de seus pensamentos a tal ponto, e de fato, se era isso que possibilitava o sintoma, não poderia mesmo ser-lhe inteiramente claro. Mas era irrecusável a complementação

de que, com sua tosse espasmódica – que, como de hábito, tinha por estímulo uma sensação de cócega na garganta –, **ela representava uma cena de satisfação sexual** *per os* entre as duas pessoas cuja ligação amorosa a ocupava tão incessantemente. Muito pouco tempo depois de ela aceitar em silêncio essa explicação, a tosse desapareceu – o que se afinava muito bem com minha visão; mas não quero atribuir um valor excessivo a essa mudança, visto que ela já se produzira tantas vezes espontaneamente." – p.53-54;

"Caso esse trechinho da análise tenha despertado no leitor médico, além do ceticismo a que ele tem direito, também estranheza, e horror, estou disposto a averiguar, neste ponto, se essas duas reações são justificáveis. A estranheza, penso eu, é motivada por minha ousadia em falar sobre coisas tão delicadas e desagradáveis com uma jovem – ou, de modo geral, com qualquer **mulher sexualmente ativa**. O horror sem dúvida concerne à possibilidade de que uma moça virgem possa conhecer semelhantes práticas e ocupar-se delas em sua fantasia. Em ambos os pontos eu recomendaria moderação e prudência. Não há motivos para indignação em nenhum dos dois casos. Pode-se falar com moças e mulheres sobre toda sorte de **assuntos sexuais** sem causar-lhes qualquer prejuízo e sem acarretar suspeitas sobre si mesmo, desde que, em primeiro lugar, adote-se uma certa maneira de fazê-lo, e, em segundo, consiga-se despertar nelas a convicção de que isso é inevitável." – p.54;

"Mas há uma coisa que quero dizer: muitas vezes, depois de tratar por algum tempo de uma paciente para quem, de início, não foi fácil a **franqueza nas questões sexuais**, tive a satisfação de ouvi-la exclamar: 'Ora, afinal, seu tratamento é muito mais decente do que a conversa do Sr. X!'" – p.55;

"Antes de se empreender o tratamento de um caso de histeria, é preciso estar convencido da impossibilidade de evitar a menção de **temas sexuais**, ou pelo menos estar disposto a se deixar convencer pela experiência. A atitude correta é: '*pour faire une omelette il faut casser des oeufs*'. Os próprios pacientes são fáceis de convencer, e há inúmeras oportunidades para isso no decorrer do tratamento. Não há por que recriminar-se por falar com eles sobre **os fatos da vida sexual normal ou anormal**. Com um pouco de cautela, não se faz mais do que traduzir em ideias conscientes o que já se sabia no inconsciente, e toda a eficácia do tratamento se baseia em nosso conhecimento de que a ação do afeto ligado a uma ideia inconsciente é mais intensa e, como ele não pode ser inibido, mais prejudicial que a do afeto ligado a uma ideia consciente. Nunca se corre qualquer perigo de corromper uma jovem inexperiente; quando não há no inconsciente **nenhum conhecimento sobre os processos sexuais**, tampouco surge qualquer sintoma histérico. Quando se constata uma histeria, não há como falar em "inocência dos pensamentos" no sentido usado pelos pais e educadores. Nas crianças de dez, doze ou quatorze anos, sejam elas meninos ou meninas, pude convencer-me da confiabilidade desta afirmação, sem exceções." – p.55;

"Quanto à segunda reação emocional, que já não se dirige a mim e sim a minha paciente – supondo-se que minha visão dela esteja correta –, e que considera horrível o caráter perverso de suas fantasias, cabe-me frisar que não compete ao médico tal condenação apaixonada. Entre outras coisas, considero despropositado que um médico, ao escrever sobre as **aberrações das pulsões sexuais**, sirva-se de cada oportunidade para intercalar no texto expressões de sua repugnância pessoal ante coisas tão revoltantes. Estamos diante de um fato, e é de se esperar

que nos acostumemos a ele pondo de lado nossos próprios gostos. Precisamos aprender a falar sem indignação sobre o que chamamos de **perversões sexuais** – essas **transgressões da função sexual** tanto na esfera do corpo quanto na do objeto sexual. Já a indefinição dos limites do que se deve chamar de **vida sexual normal** nas diferentes raças e épocas deveria arrefecer tal ardor fanático." – p.55;

"Tampouco nós devemos esquecer de que a perversão que nos é mais repelente, **o amor sensual** de um homem por outro, não só era tolerada num povo culturalmente tão superior a nós quanto os gregos, como também lhes eram atribuídas entre eles importantes funções sociais. **Na vida sexual** de cada um de nós, ora aqui, ora ali, todos transgredimos um pouquinho os estreitos limites do que se considera normal. As perversões não são bestialidades nem degenerações no sentido patético dessas palavras. São o desenvolvimento de germes contidos, em sua totalidade, na **disposição sexual indiferenciada da criança**, e cuja supressão ou redirecionamento para **objetivos assexuais mais elevados** – sua 'sublimação' – destina-se a fornecer a energia para um grande número de nossas realizações culturais. Portanto, quando alguém *se torna* grosseira e manifestamente pervertido, seria mais correto dizer que *permaneceu* como tal, pois exemplifica um estágio de *inibição do desenvolvimento*. Todos os psiconeuróticos são pessoas de inclinações perversas fortemente acentuadas, mas recalcadas e tornadas inconscientes no curso de seu desenvolvimento. Por isso suas fantasias inconscientes exibem um conteúdo idêntico ao das ações documentadas nos perversos, mesmo que eles não tenham lido a ***Psychopathia sexualis*** **de Krafft-Ebing**, livro a que as pessoas ingênuas atribuem uma parcela tão grande de culpa na gênese das tendências perversas. As psiconeuroses são, por assim dizer, o negativo das perversões. **Nos neuróticos, a constituição sexual**, na qual está contida a expressão da hereditariedade, atua em combinação com as influências acidentais de sua vida que possam perturbar **o desenvolvimento da sexualidade normal**. O curso d'água que encontra um obstáculo em seu leito reflui para leitos antigos que antes pareciam destinados a permanecer secos. As forças impulsoras da formação dos sintomas histéricos não provêm apenas da **sexualidade *normal* recalcada**, mas também das moções perversas inconscientes." – p.55-56;

"As menos chocantes dentre as chamadas **perversões sexuais** são amplamente difundidas por toda a população, como sabe todo o mundo, exceto os médicos que escrevem sobre o assunto. Ou melhor, esses autores também sabem, só que se empenham em esquecê-lo no momento em que tomam da pena para escrever a respeito. Portanto, não surpreende que nossa histérica de quase dezenove anos soubesse da existência desse tipo de **relação sexual** (sucção do órgão masculino), criasse uma fantasia inconsciente dessa natureza e a expressasse através da sensação de cócega na garganta e da tosse." – p.56-57;

"Uma dessas pacientes deu-me uma informação que esclarece perfeitamente a origem desse estranho hábito. Essa jovem senhora, que nunca deixara o hábito de chupar o dedo, via-se numa lembrança de infância, supostamente da primeira metade de seu segundo ano de vida, mamando no seio de sua ama e, ao mesmo tempo, puxando-lhe ritmicamente o lóbulo da orelha. Ninguém há de contestar, penso eu, que a membrana mucosa dos lábios e da boca pode ser considerada como uma *zona erógena* primária, já que parte dessa significação é ainda preservada no beijo tido como normal. A intensa atividade dessa zona erógena em idade precoce constitui, portanto, a condição para a complacência somática posterior do trato da membrana mucosa que começa nos lábios. Se depois, numa época em que já se conhece o **objeto sexual** propriamente dito, o

membro masculino, surgem circunstâncias que tornam a aumentar a excitação da zona da boca, que preservou seu caráter erógeno, não é preciso um grande dispêndio de força criadora para substituir, na situação de satisfação, o mamilo originário e o dedo que fazia as vezes dele pelo **objeto sexual atual, o pênis**. Assim, essa fantasia perversa e sumamente escandalosa de chupar o pênis tem a mais inocente das origens; é a nova versão do que se pode chamar de impressão pré-histórica de sugar o seio da mãe ou da ama – uma impressão comumente revivida no contato com crianças que estejam sendo amamentadas. Na maioria das vezes, o úbere da vaca serve de representação intermediária adequada entre o mamilo e o pênis." – p.57-58;

"A recém-mencionada interpretação do sintoma da garganta de Dora também pode dar margem a outra observação. Pode-se perguntar de que modo essa **situação sexual fantasiada** se harmoniza com nossa outra explicação, a saber, a de que o aparecimento e desaparecimento das manifestações patológicas refletia a presença e ausência do homem amado, e, portanto, no tocante à conduta da Sra. K., expressava o seguinte pensamento: 'Se *eu* fosse mulher dele, eu o amaria de maneira muito diferente; adoeceria (de saudade, digamos) quando ele estivesse fora e ficaria curada (de alegria) quando voltasse para casa.' A isso devo responder, por minha experiência na resolução dos sintomas histéricos, que não é necessário que os diversos significados de um sintoma sejam compatíveis entre si, ou seja, que se complementem num todo articulado. Basta que a interarticulação seja constituída pelo tema que deu origem às diversas fantasias. Em nosso caso, além disso, tal compatibilidade não está excluída; um dos dois significados se relaciona mais com a tosse, e o outro, com a afonia e o caráter cíclico do distúrbio. Uma análise mais acurada provavelmente permitiria reconhecer um número muito maior de elementos anímicos nos pormenores da enfermidade." – p.58;

"Aprendi a ver nessas relações amorosas inconscientes entre pai e filha ou entre mãe e filho, conhecidas por suas consequências anormais, uma revivificação de germes dos sentimentos infantis. Expus em outros lugares em que tenra idade a **atração sexual** se faz sentir entre pais e filhos, e mostrei que a lenda de Édipo provavelmente deve ser considerada como a elaboração poética do que há de típico nessas relações. É provável que se encontre na maioria dos seres humanos um traço nítido dessa inclinação precoce da filha pelo pai e do filho pela mãe, e deve-se presumir que ela seja mais intensa, já desde o início, no caso das crianças constitucionalmente destinadas à neurose, que têm amadurecimento precoce e são famintas de amor. Entram então em jogo certas influências que não abordaremos aqui e que levam à fixação desse impulso amoroso rudimentar, ou que o reforçam de tal modo que ele se transforma, ainda na infância ou, no máximo, na puberdade, em **algo equiparável a uma inclinação sexual** e que, como esta, tem a libido a seu dispor." – p.61;

"Em circunstâncias favoráveis, a corrente **homossexual** amiúde seca por completo, mas, quando não se é feliz no amor por um homem, ela torna a ser despertada pela libido nos anos posteriores e é aumentada em maior ou menor intensidade. Se nas pessoas sadias isso pode ser confirmado sem esforço e se levarmos em conta nossas observações anteriores sobre o maior desenvolvimento, nos neuróticos, dos germes normais da perversão, devemos também esperar, na constituição destes, uma **predisposição homossexual mais forte**. E deve ser assim, pois até hoje nunca passei por uma só psicanálise de um homem ou de uma mulher sem ter de levar em conta uma **corrente homossexual** bastante significativa. Nas mulheres e moças histéricas cuja **libido sexual voltada para o homem é energicamente suprimida**, constata-se com regularidade que a libido dirigida para as mulheres é vicariamente reforçada e até parcialmente

consciente.” – p.65;

“Os sintomas histéricos quase nunca se apresentam enquanto as crianças se masturbam, mas só depois, na abstinência; constituem um substituto de satisfação masturbatória, que continua a ser desejada no inconsciente até que surja alguma outra satisfação mais normal, caso esta ainda seja possível. Dessa última condição depende a possibilidade de cura da histeria pelo casamento e pelas **relações sexuais normais**. Caso a satisfação no casamento volte a ser interrompida – por exemplo, devido ao coito interrompido, ao distanciamento psíquico etc. –, a libido torna a refluir para seu antigo curso e se manifesta mais uma vez nos sintomas histéricos.” – p.80;

“Os atos sintomáticos e outros sinais de Dora forneceram-me boas razões para supor que a menina, cujo quarto era contíguo ao dos pais, teria entreouvido uma visita noturna do pai a sua mulher e **escutado a respiração ofegante do homem (aliás, habitualmente entrecortada) durante o coito**. As crianças, nesses casos, **pressentem o sexual nesse ruído insólito**. A rigor, os **movimentos expressivos da excitação sexual** já se acham prontos nelas como mecanismos inatos. Indiquei, anos atrás, que a dispneia e as palpitações da histeria e da neurose de angústia são apenas fragmentos isolados do ato do coito, e em muitos casos, como no de Dora, pude reconduzir o sintoma da dispneia, da asma nervosa, à mesma origem casual: ao som entreouvido da relação sexual entre adultos. Sob a influência da excitação concomitante experimentada nessa ocasião, é perfeitamente possível que tenha sobrevindo uma **reviravolta na sexualidade da menina**, substituindo sua inclinação para a masturbação por uma inclinação para a angústia. Tempos depois, estando o pai ausente e a menina enamorada a pensar nele com saudade, repetiu-se a impressão então havida, sob a forma de um ataque de asma. Pela lembrança preservada do que ensejou esse súbito adoecimento, pode-se ainda conjecturar a sequência angustiada de pensamentos que acompanhou o ataque. Este lhe surgiu pela primeira vez depois de ela se haver extenuado numa excursão pelas montanhas, na qual provavelmente sentira um pouco de dispneia real. A isto somou-se a ideia de que seu pai estava proibido de escalar montanhas, de que não podia extenuar-se por ter o fôlego curto; seguiu-se a lembrança de quanto ele se havia extenuado com a mãe naquela noite (acaso isso não o teria prejudicado?); depois veio a preocupação de saber se ela mesma não se haveria esforçado demais na masturbação, que levava igualmente ao **orgasmo sexual** acompanhado de uma ligeira dispneia; e por fim houve o retorno intensificado da dispneia como sintoma. Parte desse material ainda me foi possível deduzir da análise, mas a outra eu mesmo tive de complementar. Pelo modo como se constatou a masturbação, já pudemos ver que o material concernente a um determinado tema só pode ser coligido fragmento por fragmento, em diferentes épocas e contextos.” – p.80-81;

“Depois que uma parte da libido voltou-se novamente para o pai, o sintoma obteve o que talvez seja sua significação última: **representar a relação sexual** com o pai pela identificação de Dora com a Sra. K. Gostaria de afiançar, em contrapartida, que esta série de modo algum está completa. Infelizmente, a análise incompleta não nos permite seguir a cronologia das reviravoltas no sentido, nem esclarecer a sucessão e a coexistência dos diversos significados. Só de uma análise completa é lícito esperar o cumprimento dessas exigências.” – p.83;

“Quem tiver aprendido a conhecer a delicadeza da estrutura dessas formações que são os sonhos não ficará surpreso com o fato de que esse desejo de Dora, de que seu pai tomasse o lugar do

homem tentador, não tenha trazido à memória um material infantil qualquer, mas justamente um material que mantinha as mais íntimas relações com a supressão dessa tentação. É que, se Dora se sentia incapaz de ceder ao amor por esse homem, se recalcava esse amor em vez de entregar-se a ele, a nenhum outro fator essa decisão se prendia mais intimamente do que a seu **gozo sexual prematuro** e às consequências dele – a enurese, o catarro e o asco. Tal história primitiva, conforme o somatório dos determinantes constitucionais, pode constituir o fundamento para dois tipos de conduta frente às exigências do amor na maturidade: ou uma **entrega plena à sexualidade, sem nenhuma resistência e beirando a perversão, ou, por reação, o repúdio da sexualidade no adoecimento neurótico**. Em nossa paciente, a constituição e o nível de sua educação intelectual e moral decidiram em favor da segunda alternativa." – p.87;

"Esta se compunha de motivos de decoro e prudência, de impulsos hostis causados pela revelação da governanta, e de um **elemento neurótico** – **a aversão à sexualidade** a que estava predisposta e que se enraizava em sua história infantil. O amor pelo pai, invocado para protegê-la da tentação, provinha dessa mesma história infantil." – p.88;

"Nos pensamentos oníricos, cabe ao 'molhar', por ligações muito fáceis de estabelecer, o papel de ponto nodal entre vários círculos de representações. 'Molhar' pertencia não só ao molhar a cama, mas também ao círculo de **pensamentos de tentação sexual suprimidos por trás desse conteúdo onírico**. Dora sabia haver também um molhar-se na **relação sexual**, sabia que, no coito, o homem oferece à mulher algo líquido *em forma de gotas*. Sabia ainda que o perigo reside justamente nisso, e que era tarefa sua proteger sua genitália para que não fosse molhada." – p.89;

"Os dois círculos se reúnem num só: 'Mamãe recebeu as duas coisas de papai, **o umedecimento sexual e a secreção que suja**.' O ciúme sentido pela mãe era inseparável do círculo de pensamentos ligados ao amor infantil pelo pai, aqui invocado para dar proteção. Mas esse material ainda não era passível de representação. No entanto, encontrando-se uma lembrança que mantivesse com os dois círculos do 'molhar' uma relação similarmente boa, mas que evitasse o chocante, esta poderia assumir a representação do material no conteúdo do sonho.

Tal lembrança foi encontrada no episódio das 'gotas' [*Tropfen*] como joia desejada pela mãe. Aparentemente, a ligação dessa reminiscência com os dois círculos, **o do umedecimento sexual** e o de ficar suja, era externa e superficial, mediada pelas palavras, pois "gotas" foi usada como uma 'reviravolta', uma palavra de duplo sentido, enquanto 'joia' [*Schmuck*], no lugar de 'limpo', é um oposto um tanto forçado para "sujo". Na realidade, porém, é possível demonstrar as mais firmes ligações em termos do conteúdo. A lembrança proveio do material do ciúme de Dora pela mãe, que se enraizava na infância mas persistiu por muito mais tempo. Através dessas duas pontes verbais foi possível transferir para uma única reminiscência, a das 'gotas-joia' [*Schmucktropfen*], todo o sentido preso às **representações da relação sexual entre os pais**, do adoecimento pela secreção e da incômoda mania de limpeza da mãe." – p.89-90;

"Contudo, faltava ainda mais uma transposição para que isso pudesse entrar no conteúdo do sonho. Neste, não foram as 'gotas', mais próximas do 'molhar' originário, e sim 'joia', mais distante, que chegou a obter ingresso. 'Assim, ao se inserir esse elemento na situação onírica já

fixada anteriormente, foi possível dizer: ‘Mamãe ainda queria salvar suas joias.’ Na nova alteração para ‘caixinha de joias’ [*Schmuckkästchen*] fez-se então sentir, *a posteriori*, a influência de elementos do círculo subjacente, relativo à tentação vinda do Sr. K. Este não a presenteara com joias, mas sim com uma ‘caixinha’ para elas – o substituto de todas as distinções e mostras de ternura pelas quais ela deveria agora mostrar-se agradecida. E o composto assim formado, ‘caixa de joias’, tinha ainda um valor especial como substituto. Acaso ‘caixinha de joias’ [*Schmuckkästchen*] não é uma imagem corriqueira para designar a genitália feminina imaculada e intacta? E não é, por outro lado, uma palavra inocente e, portanto, primorosamente apropriada tanto para ocultar quanto para aludir aos **pensamentos sexuais por trás do sonho**?

Assim, diz-se em dois lugares do conteúdo do sonho ‘caixa de joias da mamãe’, e esse elemento substitui a menção ao ciúme infantil de Dora, às gotas (**ou seja, ao umedecimento sexual**), ao sujar-se com a secreção e, por outro lado, aos pensamentos de tentação atuais que pressionam pela retribuição do amor e retratam a **situação sexual iminente** – **ansiada e ameaçadora**. O elemento ‘caixa de joias’, mais do que qualquer outro, foi um produto da condensação e do deslocamento, e um compromisso entre correntes opostas. Sua origem múltipla – em fontes infantis e atuais – é certamente apontada por seu duplo aparecimento no conteúdo do sonho.” – p.90;

“Nesse ponto, uma suspeita transformou-se em certeza para mim. *Bahnhof* [estação; literalmente, pátio de ferrovia] e *Friedhof* [cemitério; literalmente, pátio de paz], em lugar da genitália feminina, já eram bastante inusitados, mas guiaram minha atenção já aguçada para uma palavra de formação similar, ‘*Vorhof*’ [vestíbulo; literalmente, pátio anterior], termo anatômico para designar uma região específica da genitália feminina. Mas isso poderia ser um equívoco por excesso de engenho. Agora, porém, com o acréscimo das ‘ninfas’ que se viam ao fundo do ‘bosque denso’, já não podia haver dúvidas. Era uma geografia simbólica do sexo! ‘Ninfas’, como é sabido pelos médicos, embora não pelos leigos (embora mesmo entre os primeiros não seja muito usual), é como se chamam os pequenos lábios que ficam no fundo do ‘bosque denso’ dos pelos pubianos. Mas quem usa termos técnicos como ‘vestíbulo’ e ‘ninfas’ há de ter extraído seu conhecimento dos livros, e justamente não de livros populares, mas de manuais de anatomia ou de alguma enciclopédia, refúgio habitual dos jovens devorados pela **curiosidade sexual**. Portanto, se essa interpretação estava certa, ocultava-se por trás da primeira situação do sonho uma fantasia de defloração, como quando um homem se esforça por penetrar na genitália feminina.” – p.97-98;

“Que significava, então, aquele estado que pretendia imitar uma peritiflite? A sequela da afecção – o arrastar de uma perna – era inteiramente incompatível com uma peritiflite, e por certo deveria adequar-se **melhor ao sentido secreto, e talvez sexual, do quadro patológico**; se fosse possível esclarecê-lo, ele poderia lançar luz sobre o sentido buscado. Tentei encontrar uma via de acesso para esse enigma. Tinha havido indicações temporais no sonho, e o tempo nunca é indiferente no acontecer biológico.” – p.100;

“Os colegas que consideram puramente psicológica minha teoria da histeria, e que por isso a qualificam de antemão como incapaz de solucionar um problema patológico, deduzirão deste ensaio que sua objeção transfere injustificadamente para a teoria o que constitui uma característica da técnica. Apenas a técnica terapêutica é puramente psicológica; a teoria de

modo algum deixa de apontar para as bases orgânicas da neurose, muito embora não as procure em alguma alteração anatomopatológica e substitua provisoriamente pela função orgânica a alteração química esperada, mas ainda impossível de conceber atualmente. Ninguém há de querer negar **o caráter de fator orgânico da função sexual**, na qual vejo a fundamentação da histeria e das psiconeuroses em geral. Suspeito que nenhuma **teoria da vida sexual** possa evitar a hipótese da **existência de determinadas substâncias sexuais de ação excitante**. De fato, dentre todos os quadros patológicos de que tomamos conhecimento na clínica, as intoxicações e a abstinência quando do uso crônico de certos venenos são os que mais se aproximam das autênticas psiconeuroses." – p.109;

"Tampouco me estendi neste ensaio, entretanto, acerca do que hoje se pode dizer sobre a 'complacência somática', os germes infantis da perversão, as zonas erógenas e a **predisposição para a bissexualidade**; apenas destaquei os pontos em que a análise tropeça nesses fundamentos orgânicos dos sintomas. Mais não se poderia fazer com um caso isolado, e tive as mesmas razões antes apontadas para evitar uma discussão passageira desses fatores. Há aqui uma oportunidade abundante para trabalhos posteriores, baseados num grande número de análises." – p.109;

"Empenhava-me também em mostrar que **a sexualidade** não intervém simplesmente como um *deus ex machina* que se apresentasse uma única vez em algum ponto da engrenagem dos processos característicos da histeria, mas que fornece a força impulsora para cada sintoma singular e para cada manifestação singular de um sintoma. Os fenômenos patológicos são, dito de maneira franca, ***a atividade sexual do doente***. Um caso isolado nunca permitirá demonstrar uma tese tão geral, mas só posso repetir vez após outra, pois jamais constato outra coisa, que **a sexualidade é a chave do problema das psiconeuroses**, bem como das neuroses em geral. Quem a desprezar nunca será capaz de abrir essa porta. Ainda aguardo as investigações capazes de refutar ou restringir essa tese. O que tenho ouvido até agora não passam de manifestações de desagrado pessoal ou de incredulidade, às quais basta contrapor o dito de Charcot: '*Ça n'empêche pas d'exister*.'" – p.110;

"O caso de cuja história clínica e terapêutica aqui publiquei um fragmento tampouco é apropriado para situar em sua justa luz o valor da terapia psicanalítica. Não apenas a brevidade do tratamento, que mal chegou a três meses, como também outro fator, inerente ao próprio caso, impediram que a cura se concluísse com a melhora obtenível em outros casos, uma melhora admitida pelo enfermo e por seus parentes, que mais ou menos se aproxima de uma recuperação completa. Obtém-se tal resultado satisfatório quando as manifestações patológicas são exclusivamente sustentadas pelo conflito interno entre **as moções concernentes à sexualidade**. Nesses casos, vê-se melhorar o estado do doente à medida que, traduzindo o material patogênico em material normal, contribui-se para o solucionamento de seus problemas psíquicos." – p.110-111;

TRÊS ENSAIOS SOBRE A TEORIA DA SEXUALIDADE (1905)

1. prefácio

"**Os *três ensaios sobre a teoria da sexualidade*** não podem conter nada além daquilo que a psicanálise precisa supor ou permite confirmar. Exclui-se, portanto, a possibilidade de que

algum dia se ampliem a ponto de constituir uma **'teoria sexual'**, e é compreensível que não tomem posição acerca de muitos problemas importantes da **vida sexual**." – p.124;

"Junto a sua total dependência da investigação psicanalítica, devo destacar, como característica desse meu trabalho, sua deliberada dependência da investigação biológica. Evitei cuidadosamente **introduzir expectativas científicas provenientes da biologia sexual geral, ou da biologia das espécies animais em particular, no estudo da função sexual do ser humano** que nos é possibilitado pela técnica da psicanálise. A rigor, meu objetivo foi sondar o quanto se pode apurar sobre a **biologia da vida sexual humana** com os meios acessíveis à investigação psicológica; era-me lícito assinalar os pontos de contato e concordância resultantes dessa investigação, mas não havia por que me desconcertar com o fato de o método psicanalítico, em muitos pontos importantes, levar a opiniões e resultados consideravelmente diversos dos de base meramente biológica." – p.125;

"Mas a parte da doutrina que faz fronteira com a biologia, cujas bases são fornecidas neste pequeno escrito, continua a enfrentar um dissenso indiminuto, e as próprias pessoas que por algum tempo se ocuparam intensamente da psicanálise foram movidas a abandoná-la para abraçar novas concepções, destinadas a restringir mais uma vez **o papel do fator sexual na vida anímica normal e patológica**." – p.126;

"Em primeiro lugar, **os primórdios aqui descritos da vida sexual humana** só podem ser confirmados por investigadores que tenham paciência e habilidade técnica suficientes para reconduzir a análise até os primeiros anos da infância do paciente. É frequente, ademais, não haver possibilidade disso, porquanto a prática médica exige que se despache com mais rapidez, aparentemente, o caso patológico. Salvo pelos médicos que exercem a psicanálise, entretanto, ninguém pode ter acesso algum a esse campo, nem qualquer possibilidade de formar por si um juízo que não seja influenciado por suas próprias aversões e preconceitos. Soubessem os homens aprender através da observação direta das crianças, estes três ensaios poderiam não ter sido escritos." – p.126;

"Mas convém lembrar ainda que parte do conteúdo deste escrito – a saber, sua insistência na **importância da vida sexual para todas as realizações humanas** e a **ampliação aqui ensaiada do conceito de sexualidade** – tem constituído, desde sempre, o mais forte motivo para a resistência que se opõe à psicanálise. No afã de encontrar tópicos grandiloquentes, chegou-se até a falar no **'pansexualismo' da psicanálise** e a fazer a esta a absurda censura de que ela **explicaria 'tudo' a partir da sexualidade**. Só é possível assombrar-se com isso quando se esquece quão confuso e distraído se pode ficar em decorrência dos fatores afetivos. Já faz um bom tempo que o filósofo Arthur Schopenhauer mostrou aos homens em que medida seus feitos e interesses são determinados por **aspirações sexuais** – o sentido corriqueiro da expressão –, e parece incrível que todo um mundo de leitores tenha conseguido banir de sua mente, de maneira tão completa, uma advertência tão impressionante! E quanto **à 'ampliação' do conceito de sexualidade**, que a análise das crianças e dos chamados perversos tornou necessária, todos aqueles que desde seu ponto de vista superior olham desdenhosamente para a psicanálise deveriam lembrar-se de quanto essa **sexualidade ampliada da psicanálise se aproxima do *Eros* do divino Platão**. (Cf. Nachmansohn, 1915)" – p.126-127;

2. **primeiro ensaio**
   a. **AS ABERRAÇÕES SEXUAIS**

"**O fato da existência de necessidades sexuais no homem e no animal expressa-se na biologia** pelo pressuposto de uma **'pulsão sexual'**. Segue-se nisso a analogia com a pulsão de nutrição: a fome. Falta à linguagem vulgar [no caso da **pulsão sexual**] uma designação equivalente à palavra 'fome'; a ciência vale-se, para isso, de 'libido'." – p.128;

"A opinião popular faz para si representações bem definidas da natureza e das características dessa **pulsão sexual**. Ela estaria ausente na infância, far-se-ia sentir na época e em conexão com o processo de maturação da puberdade, seria exteriorizada nas manifestações de atração irresistível que um sexo exerce sobre o outro, **e seu objetivo seria a união sexual**, ou pelo menos os atos que levassem nessa direção. Mas temos plena razão para ver nesses dados uma imagem muito infiel da realidade; olhando-os mais de perto, constata-se que estão repletos de erros, imprecisões e conclusões apressadas." – p.128;

"Introduzamos aqui dois termos: chamemos de ***objeto sexual*** a pessoa de quem provém **a atração sexual**, e de ***alvo sexual*** a ação para a qual a pulsão impele. Assim fazendo, a observação cientificamente esquadrinhada mostrará um grande número de desvios em ambos, **o objeto sexual e o alvo sexual**, e a relação destes com a suposta norma exige uma investigação minuciosa." – p.128;

   b. **(1) DESVIOS COM RESPEITO AO OBJETO SEXUAL**

"**A teoria popular sobre a pulsão sexual** tem seu mais belo equivalente na fábula poética da divisão do ser humano em duas metades – homem e mulher – que aspiram a unir-se de novo no amor. Por isso causa grande surpresa tomar conhecimento de que há homens cujo **objeto sexual não é a mulher**, mas o homem, e mulheres para quem não o homem, e sim a mulher, **representa o objeto sexual**. Diz-se dessas pessoas que são 'de sexo contrário', ou melhor, 'invertidas', e chama-se o fato de *inversão*. O número de tais pessoas é bastante considerável, embora haja dificuldades em apurá-lo com precisão." – p.128-129;

   c. **(A) A INVERSÃO**
      COMPORTAMENTO DOS INVERTIDOS

"As pessoas em questão comportam-se de maneira muito diversificada em vários aspectos.

(a) Podem ser invertidos *absolutos*, ou seja, seu **objeto sexual só pode ser do mesmo sexo**, enquanto o sexo oposto nunca é para eles **objeto de anseio sexual**, mas antes os deixa frios ou até lhes **desperta aversão sexual**. Quando se trata de homens, essa aversão os incapacita de praticarem **o ato sexual normal**, ou então não extraem dessa prática nenhum gozo.

(b) Podem ser invertidos *anfígenos* (**hermafroditas sexuais**), ou seja, **seu objeto sexual** tanto pode pertencer ao mesmo sexo quanto ao outro; falta à inversão, portanto, o caráter de exclusividade.

(c) Podem ser invertidos *ocasionais*, ou seja, em certas condições externas, dentre as quais destacam-se a inacessibilidade do **objeto sexual normal** e a imitação, elas podem tomar como

objeto sexual uma pessoa do mesmo sexo e encontrar satisfação **no ato sexual com ela**.

Os invertidos mostram ainda um comportamento variado no juízo que fazem da peculiaridade de sua **pulsão sexual**. Alguns aceitam a inversão como algo natural, tal como os normais aceitam a orientação de sua libido, e defendem energicamente sua igualdade de direitos com os normais. Outros, porém, rebelam-se contra o fato de sua inversão e a sentem como uma compulsão patológica." – p.129-130;

"Outras variações concernem às relações temporais. O traço da inversão pode vir de longa data no indivíduo, até onde sua memória consegue alcançar, ou só se ter feito notar em determinada época, antes ou depois da puberdade. Esse caráter pode conservar-se por toda a vida, ou ser temporariamente suspenso, ou ainda constituir um episódio no caminho para o desenvolvimento normal; e pode até exteriorizar-se pela primeira vez em época posterior da vida, após um longo período de **atividade sexual normal**. Observou-se também uma oscilação periódica entre o **objeto sexual normal e o invertido**. Particularmente interessantes são os casos em que a libido se altera no sentido da inversão depois de se ter uma experiência penosa com **o objeto sexual normal**." – p.130;

d. CARÁTER INATO

"Como é compreensível, o caráter inato só é alegado no tocante à primeira e mais extrema classe dos invertidos, e na verdade com base na asseveração dessas pessoas de que em nenhum momento de sua vida mostrou-se a elas **outra orientação de sua pulsão sexual**. Já a existência das duas outras classes, especialmente da terceira [os invertidos 'ocasionais'], dificilmente se compatibiliza com a concepção de um caráter inato. Por isso os que sustentam essa opinião tendem a separar o grupo dos invertidos absolutos de todos os demais, o que tem como consequência a renúncia a uma concepção universalmente válida da inversão. Assim, a inversão teria um caráter inato numa série de casos, enquanto noutros poderia ter-se originado de outra maneira.

O oposto disso é a concepção alternativa de que **a inversão é um caráter *adquirido* da pulsão sexual**. Ela se apoia nas seguintes considerações:

(1) Na vida de muitos invertidos (mesmo absolutos) pode-se demonstrar a influência de uma **impressão sexual prematura** cuja consequência duradoura é representada pela **inclinação homossexual**.

(2) Na vida de muitos outros é possível indicar as influências externas favorecedoras e inibidoras que levaram, em época mais prematura ou mais tardia, à fixação da inversão (relacionamentos exclusivos com o mesmo sexo, companheirismo na guerra, detenção em presídios, **os riscos da relação heterossexual**, celibato, **fraqueza sexual** etc.)." – p.132;

"Dentro dessa perspectiva, pode-se até contestar a própria existência de uma inversão inata. É possível objetar (cf. Havelock Ellis [1915]) que um exame mais rigoroso dos casos reivindicados em prol da inversão inata provavelmente também traria à luz uma vivência da primeira infância que foi determinante para a orientação da libido. Essa vivência simplesmente não se teria preservado na memória consciente da pessoa, mas seria possível trazê-la de volta à lembrança mediante a influência apropriada. Segundo esses autores, a inversão só poderia ser qualificada como uma **variação frequente da pulsão sexual**, passível de ser determinada por

uma quantidade de circunstâncias externas de vida.

Mas a aparente certeza assim adquirida chega ao fim através da observação contrária de que muitas pessoas ficam sujeitas às mesmas **influências sexuais** (inclusive na meninice: sedução, masturbação mútua), sem por isso se tornarem invertidas ou assim continuarem permanentemente. Somos portanto impelidos à suposição de que a alternativa inato/adquirido é incompleta, ou então não abarca todas as situações presentes na inversão." – p.133;

e. EXPLICAÇÃO DA INVERSÃO

"Nem a hipótese de que a inversão é inata, nem tampouco a conjectura alternativa de que é adquirida explicam sua natureza. No primeiro caso, é preciso dizer o que há nela de inato, para que não se concorde com a explicação rudimentar de que a pessoa traz consigo, em caráter inato, **o vínculo da pulsão sexual com determinado objeto sexual**. No outro caso, cabe perguntar se as múltiplas influências acidentais bastariam para explicar a aquisição da inversão, sem necessidade de que algo no indivíduo fosse ao encontro delas. A negação deste último fator, segundo nossas colocações anteriores, é inadmissível." – p.133;

f. O RECURSO À BISSEXUALIDADE

"Desde Lydston [1889], Kiernan [1888] e Chevalier [1893] têm-se recorrido, para esclarecer a possibilidade de uma **inversão sexual**, a uma série de ideias que contém uma nova contradição das opiniões populares. Estas admitem que o ser humano ou é homem ou é mulher. A ciência, porém, conhece casos em que os **caracteres sexuais parecem confusos** e é portanto difícil determinar o sexo, antes de mais nada no campo anatômico. A genitália dessas pessoas combina caracteres masculinos e femininos (hermafroditismo). Em casos raros, os dois tipos de **aparelho sexual** coexistem plenamente desenvolvidos (hermafroditismo verdadeiro), porém com muito mais frequência acham-se ambos atrofiados.

Mas a importância dessas anormalidades está em que elas facilitam de maneira inesperada a compreensão da formação normal. É que certo grau de hermafroditismo anatômico constitui a norma; em nenhum indivíduo masculino ou feminino de conformação normal faltam vestígios do aparelho do sexo oposto, que persistiram sem nenhuma função como órgãos rudimentares, ou que se modificaram para tomar a seu encargo outras funções.

A concepção resultante desses fatos anatômicos conhecidos de longa data é a de uma **predisposição originariamente bissexual**, que, no curso do desenvolvimento, vai-se **transformando em monossexualidade**, com resíduos ínfimos do sexo atrofiado." – p.133-134;

"Não é possível imaginar relações tão estreitas entre o suposto hibridismo psíquico e o hibridismo anatômico comprovável. O que amiúde se constata nos invertidos é **uma redução generalizada da pulsão sexual** (cf. Havelock Ellis [1915]) e uma ligeira atrofia anatômica dos órgãos." – p.133;

"Tem-se ainda atribuído grande importância aos chamados **caracteres sexuais secundários e terciários** e a sua frequente presença acentuada nos invertidos (cf. Havelock Ellis [1915]). Também nisso há muito de acerto, mas não se deve esquecer que em geral **os caracteres sexuais secundários e terciários de um sexo** aparecem com muitíssima frequência no outro; são, portanto, indícios de hermafroditismo, mas nem por isso revela-se uma mudança do **objeto**

sexual no sentido da inversão." – p.134;

"O hermafroditismo psíquico ganharia corpo se, com **a inversão do objeto sexual**, houvesse em paralelo ao menos uma mudança das demais qualidades anímicas, pulsões e traços de caráter para a variante típica do sexo oposto. Mas só se pode esperar tal inversão do caráter com alguma regularidade nas mulheres invertidas, pois nos homens a mais plena virilidade anímica é compatível com a inversão. A persistir na colocação de um hermafroditismo psíquico, é preciso acrescentar que suas manifestações nos diversos campos permitem identificar apenas um ínfimo condicionamento recíproco. O mesmo se aplica, aliás, ao hibridismo somático; segundo Halban (1903), também as atrofias de órgãos específicos e **os caracteres sexuais secundários** aparecem com bastante independência uns dos outros." – p.135;

"**A doutrina da bissexualidade** foi exprimida em sua mais crua forma por um porta-voz dos invertidos masculinos: 'um cérebro feminino num corpo masculino'. Entretanto, ignoramos quais seriam as características de um 'cérebro feminino'. A substituição do problema psicológico pelo anatômico é tão inútil quanto injustificada. A tentativa de explicação de Krafft-Ebing parece concebida de maneira mais exata que a de Ulrichs, embora em essência não difira dela; segundo Krafft-Ebing [1895], **a disposição bissexual** dota o indivíduo tanto de centros cerebrais masculinos e femininos quanto de **órgãos sexuais somáticos**. Esses centros começam a desenvolver-se na época da puberdade, na maioria das vezes sob a influência das **glândulas sexuais**, que independem deles na disposição [originária]. Mas a esses 'centros' masculinos e femininos aplica-se o mesmo que dissemos sobre os cérebros masculinos e femininos, e, a propósito, nem sequer sabemos se cabe presumir, para as **funções sexuais**, áreas cerebrais delimitadas ('centros') como as que supomos, por exemplo, para a fala.

Ainda assim, duas ideias permanecem de pé após essas discussões: de algum modo, há uma **disposição bissexual implicada na inversão**, embora não saibamos em que consiste essa disposição além da formação anatômica; e lida-se também com perturbações que afetam a **pulsão sexual** em seu desenvolvimento." – p.135-136;

g. OBJETO SEXUAL DOS INVERTIDOS

"A teoria do hermafroditismo psíquico pressupõe que **o objeto sexual** dos invertidos seja o oposto do normal. O homem invertido sucumbiria, como a mulher, ao encanto proveniente dos atributos masculinos do corpo e da alma; sentir-se-ia como uma mulher e buscaria o homem." – p.136;

"No entanto, por melhor que isso se aplique a toda uma série de invertidos, ainda está longe de revelar uma característica universal da inversão. Não há dúvida alguma de que uma grande parcela dos invertidos masculinos preserva o caráter psíquico da virilidade, traz relativamente poucos caracteres secundários do sexo oposto e, com efeito, **busca em seu objeto sexual traços psíquicos femininos**." – p.136;

"Nos gregos, entre os quais os homens mais viris figuravam entre os invertidos, está claro que o que inflamava o amor do homem não era o caráter *masculino* do efebo, mas sua semelhança física com a mulher, bem como seus atributos anímicos femininos: a timidez, o recato e a

necessidade de ensinamentos e assistência. **Mal se tornava homem, o efebo deixava de ser um objeto sexual para o homem**, e talvez ele próprio se transformasse num amante de efebos. Nesses casos, portanto, como em muitos outros, **o objeto sexual** não é do mesmo sexo, mas uma conjugação dos caracteres de ambos os sexos, como que um compromisso entre uma moção que anseia pelo homem e outra que anseia pela mulher, com a condição imprescindível da masculinidade do corpo (da genitália): é, por assim dizer, **o reflexo especular da própria natureza bissexual**." – p.137;

"A situação é menos ambígua nas mulheres, entre as quais as invertidas ativas exibem com particular frequência os caracteres somáticos e anímicos do homem e anseiam pela feminilidade em seu **objeto sexual**, muito embora, também nesse caso, um conhecimento mais estreito pudesse revelar uma variedade maior." – p.138;

h. ALVO SEXUAL DOS INVERTIDOS

"O fato importante a ser retido é que de modo algum se pode chamar de **uniforme a meta sexual dos invertidos**. **Nos homens, a relação sexual *per anum*** não coincide em absoluto com a inversão; a masturbação é com igual frequência seu alvo exclusivo, **e as restrições ao alvo sexual** – a ponto de ele ser um mero extravasamento da emoção – são aqui ainda mais comuns do que no **amor heterossexual**. Também entre as mulheres invertidas são **múltiplos os alvos sexuais**, parecendo privilegiado entre elas o contato com a mucosa bucal." – p.138-139;

i. CONCLUSÃO

"É verdade que nos vemos impossibilitados de esclarecer satisfatoriamente a origem da inversão a partir do material apresentado até agora, mas podemos notar que nesta indagação chegamos a um conhecimento que talvez se revele mais importante para nós do que a solução da tarefa acima. Chamou-nos a atenção que imaginávamos como demasiadamente **íntima a ligação entre a pulsão sexual e o objeto sexual**. A experiência obtida nos casos considerados anormais nos ensina que, neles, **há entre a pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda**, que corríamos o risco de não ver em consequência da uniformidade do quadro normal, em que a pulsão parece trazer consigo o objeto. Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre a pulsão e o objeto. É provável que, **de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto**, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste." – p.139-140;

j. (B) ANIMAIS E PESSOAS SEXUALMENTE IMATURAS COMO OBJETOS SEXUAIS

"Enquanto as pessoas cujos **objetos sexuais** não pertencem ao sexo normalmente apropriado, ou seja, os invertidos, afiguram-se ao observador como uma coletânea de indivíduos talvez bastante válidos em outros aspectos, os casos em que se escolhem **pessoas sexualmente imaturas (crianças) como objetos sexuais são desde logo encarados como aberrações esporádicas. Só excepcionalmente as crianças são objetos sexuais exclusivos**; em geral, passam a desempenhar esse papel quando um indivíduo covarde ou impotente presta-se a usá-las como substituto, ou quando uma pulsão urgente (impreterível) não pode apropriar-se, no momento, de nenhum objeto mais adequado." – p.140;

"Ainda assim, é esclarecedor sobre a **natureza da pulsão sexual** o fato de ela admitir tão ampla variação e tamanho rebaixamento de seu objeto, coisa que a fome, muito mais energicamente agarrada a seu objeto, só permitiria nos casos mais extremos. Uma observação similar é válida quanto **à relação sexual com animais**, que não é nada rara, sobretudo entre os camponeses, e onde a **atração sexual** parece ultrapassar a barreira da espécie." – p.140;

"Por motivos estéticos, de bom grado se atribuiriam estas e outras **aberrações graves da pulsão sexual à loucura**, mas isso não é possível. A experiência ensina que não se observam entre os loucos quaisquer **perturbações da pulsão sexual** diferentes das encontradas entre os sadios, bem como em raças e classes inteiras." – p.140;

"Assim, com a mais insólita frequência encontra-se **o abuso sexual** contra as crianças entre os professores e as pessoas que cuidam de crianças, simplesmente porque a eles se oferece a melhor oportunidade para isso. Os loucos apenas exibem tal aberração em grau intensificado, ou então, o que é particularmente significativo, elevado a uma prática exclusiva e substituindo a **satisfação sexual normal**." – p.140-141;

"Essa curiosíssima relação entre as **variações sexuais** e a escala que vai da saúde à perturbação mental dá o que pensar. Eu opinaria que este fato, ainda por esclarecer, seria uma indicação de que as **moções da vida sexual**, mesmo normalmente, encontram-se entre as menos dominadas pelas atividades anímicas superiores. Segundo minha experiência, quem é mentalmente anormal em algum outro aspecto, seja em termos sociais ou éticos, habitualmente **também o é em sua vida sexual**. Mas **muitos são os anormais na vida sexual** que, em todos os outros pontos, correspondem à média, e que passaram pessoalmente pelo desenvolvimento cultural humano, cujo **ponto mais fraco continua a ser a sexualidade**.

Ora, como resultado mais genérico dessas discussões extrairíamos o entendimento de que, numa grande quantidade de condições e num número surpreendentemente elevado de indivíduos, **a índole e o valor do objeto sexual** passam para segundo plano. **O essencial e constante na pulsão sexual** é alguma outra coisa." – p.141;

k. (2) DESVIOS COM RESPEITO AO ALVO SEXUAL

"Considera-se como **alvo sexual normal** a união dos genitais no ato designado como coito, que leva **à descarga da tensão sexual** e à **extinção temporária da pulsão sexual** (uma satisfação análoga à saciação da fome). Todavia, mesmo no **processo sexual** mais normal reconhecem-se os rudimentos daquilo que, se desenvolvido, levaria às aberrações descritas como *perversões*. É que certas relações intermediárias com **o objeto sexual** (a caminho do coito), tais como apalpá-lo e contemplá-lo, são reconhecidas como **alvos sexuais preliminares**. Essas atividades, de um lado, trazem prazer em si mesmas, e de outro, intensificam a excitação que deve perdurar até que se alcance **o alvo sexual definitivo**. Além disso, a um desses contatos, o das mucosas labiais das duas pessoas – o beijo –, atribuiu-se em muitos povos (dentre eles os mais altamente civilizados) um elevado **valor sexual**, apesar de as partes do corpo nele implicadas não pertencerem **ao aparelho sexual**, mas constituírem a entrada do tubo digestivo. Aí estão, portanto, fatores que permitem ligar as perversões **à vida sexual normal** e que também são aplicáveis à classificação delas. As perversões são ou *(a) transgressões* anatômicas quanto às regiões do corpo destinadas **à união sexual**, ou *(b) demoras* nas relações intermediárias com **o**

objeto sexual, que normalmente seriam atravessadas com rapidez a caminho do **alvo sexual final**." – p.141-142;

l. (A) TRANSGRESSÕES ANATÔMICAS: SUPERVALORIZAÇÃO DO OBJETO SEXUAL

"Somente em raríssimos casos a valorização psíquica com que é aquinhoado **o objeto sexual**, enquanto alvo desejado da **pulsão sexual**, restringe-se a sua genitália; ela se propaga, antes, por todo o seu corpo, e tende a abranger todas as sensações provenientes do **objeto sexual**. A mesma supervalorização irradia-se pelo campo psíquico e se manifesta como uma cegueira lógica (enfraquecimento do juízo) perante as realizações anímicas e as perfeições do **objeto sexual**, e também como uma submissão crédula aos juízos dele provenientes. Assim é que a credulidade do amor passa a ser uma fonte importante, se não a fonte originária da *autoridade*.

Ora, é essa **supervalorização sexual** que não suporta bem a restrição do **alvo sexual** à união dos órgãos genitais propriamente ditos e que contribui para elevar as atividades ligadas a outras partes do corpo à condição de **alvos sexuais**.

A importância desse fator da **supervalorização sexual** pode ser estudada em melhores condições no homem, cuja vida amorosa é a única a ter-se tornado acessível à investigação, enquanto a da mulher, em parte por causa da atrofia cultural, em parte por sua discrição e insinceridade convencionais, permanece envolta numa obscuridade ainda impenetrável." – p.142-143;

m. USO SEXUAL DA MUCOSA DOS LÁBIOS E DA BOCA

"**O uso da boca como órgão sexual é considerado como perversão quando os lábios (língua) de uma pessoa entram em contato com a genitália de outra, mas não quando ambas colocam em contato a mucosa labial**. Nesta exceção reside o ponto de ligação com o normal. Quem, por considerá-las perversões, detesta as outras práticas, certamente usuais desde os primórdios da humanidade, cede nisso a um claro ***sentimento de asco*** **que o resguarda de aceitar tal alvo sexual**. Mas os limites desse asco são, muitas vezes, puramente convencionais; aquele que beija com ardor os lábios de uma bela jovem talvez usasse com asco a escova de dentes dela, embora não tenha nenhuma razão para supor que sua própria cavidade bucal seja mais limpa que a da moça. Chama a atenção, aqui, o fator do asco, que estorva a **supervalorização libidinosa do objeto sexual**, mas que, por sua vez, pode ser vencido pela libido. Poder-se-ia ver no asco uma das forças que levaram à **restrição do alvo sexual**. Em geral, estas se detêm ante a genitália. Mas não há dúvida alguma de que também os genitais do sexo oposto, em si mesmos, podem constituir objetos de asco, e de que esse comportamento é uma das características de todos os histéricos (sobretudo as mulheres). A **força da pulsão sexual** gosta de se exercer na dominação desse asco." – p.143-144;

n. USO SEXUAL DO ORIFÍCIO ANAL

"No que concerne ao ânus, reconhece-se com clareza ainda maior do que nos casos anteriores que é **a repugnância que apõe nesse alvo sexual** o selo da perversão. [...] **O papel sexual da mucosa do ânus** de modo algum se restringe **à relação sexual entre homens**, nem tampouco a predileção por ela é característica da sensibilidade dos invertidos. Parece, ao contrário, que o *paedicatio* do homem deve seu papel à analogia com o ato praticado com a mulher, ao passo que a **masturbação recíproca é o alvo sexual** mais facilmente

encontrado na **relação sexual dos invertidos**." – p.144;

o. SIGNIFICAÇÃO DE OUTRAS PARTES DO CORPO

"A propagação do **interesse sexual para outras partes do corpo**, com todas as suas variações em princípio nada nos oferece de novo; nada acrescenta **ao conhecimento da pulsão sexual**, que nisso não faz senão proclamar sua intenção de se apoderar do **objeto sexual** em todos os sentidos. Mas ao lado da **supervalorização sexual** apresenta-se, nas transgressões anatômicas, um segundo fator que é alheio ao conhecimento popular. Certos lugares do corpo, como as mucosas bucal e anal, que aparecem repetidamente nessas práticas, como que reivindicam ser considerados e tratados, eles mesmos, como genitais. Veremos mais adiante que essa reivindicação se justifica pelo desenvolvimento da **pulsão sexua**l e que é atendida na sintomatologia de certos estados patológicos." – p.144-145;

p. SUBSTITUIÇÃO IMPRÓPRIA DO OBJETO SEXUAL – FETICHISMO

"Uma impressão muito peculiar resulta dos casos em que o **objeto sexual normal é substituído por outro** que guarda certa relação com ele, mas que é totalmente impróprio para servir ao **alvo sexual normal**. Do ponto de vista da classificação, por certo teríamos feito melhor em mencionar esse grupo sumamente interessante de aberrações da **pulsão sexual** já entre os desvios com respeito **ao objeto sexual**, mas o adiamos até tomar conhecimento do fator da ***supervalorização*** **sexual**, da qual dependem esses fenômenos ligados ao **abandono do alvo sexual**.

O substituto do objeto sexual geralmente é uma parte do corpo (os pés, os cabelos) muito pouco apropriada para **fins sexuais**, ou então um objeto inanimado que mantém uma relação demonstrável com a pessoa a quem substitui, de preferência com a **sexualidade** dela (um artigo de vestuário, uma peça íntima)." – p.145;

"A transição para os casos de fetichismo com renúncia ao **alvo sexual**, seja este normal ou perverso, constitui-se dos casos em que se exige do **objeto sexual** uma condição fetichista para que o **alvo sexual seja alcançado** (determinada cor dos cabelos, certas roupas, ou mesmo defeitos físicos). Nenhuma outra **variação da pulsão sexual** nas raias do patológico merece tanto o nosso interesse quanto essa, dada a singularidade dos fenômenos a que dá lugar. Um certo **rebaixamento da aspiração ao alvo sexual normal (fraqueza de execução no aparelho sexual)** parece ser pré-requisito disso em todos os casos. O ponto de ligação com o normal é proporcionado pela **supervalorização psicologicamente necessária do objeto sexual**, que se propaga inevitavelmente por tudo o que está associativamente ligado ao objeto. Por isso certo grau desse fetichismo costuma ser próprio do amor normal, sobretudo nos estágios de enamoramento em que o **alvo sexual normal** é inatingível" – p.145;

"O caso só se torna patológico quando o anseio pelo fetiche se fixa, indo além da condição mencionada, e se coloca no lugar do **alvo sexual normal**, e ainda, quando o fetiche se desprende de determinada pessoa e se torna **o único objeto sexual**. São essas as condições gerais para que meras **variações da pulsão sexual** se transformem em aberrações patológicas.

Na escolha do fetiche manifesta-se – como Binet [1888] foi o primeiro a sustentar e como depois se comprovou abundantemente – a influência persistente de **uma impressão sexual**

recebida, na maioria das vezes, na primeira infância, o que se pode comparar com a proverbial persistência do primeiro amor (‘*on revient toujours à ses premiers amours*’). Essa derivação é particularmente clara nos casos em que há apenas um condicionamento fetichista do **objeto sexual**. Voltaremos a deparar, em outro ponto, com a significação das **impressões sexuais precoces**.

Em outros casos, o que leva à substituição do objeto pelo fetiche é uma conexão simbólica de pensamentos que, na maioria das vezes, não é consciente para a pessoa. Os trajetos dessas conexões nem sempre podem ser indicados com certeza (o pé, por exemplo, é um antiquíssimo **símbolo sexual** que já aparece no mito, e as ‘peles’ decerto devem seu papel de fetiche à associação com os pêlos do *mons Veneris*). Não obstante, nem mesmo esse simbolismo parece independer sempre das **experiências sexuais da infância**.” – p.146;

q. (B) FIXAÇÕES DE ALVOS SEXUAIS PROVISÓRIOS SURGIMENTO DE NOVAS INTENÇÕES

“Todas as condições externas e internas que dificultam ou adiam a consecução do **alvo sexual normal (impotência, preço elevado do objeto sexual, riscos do ato sexual)** reforçam, como é compreensível, a tendência a demorar-se nos atos preliminares e a formar a partir deles **novos alvos sexuais**, que podem tomar o lugar dos normais. Um exame mais atento sempre mostra que esses novos propósitos, mesmo os que se afiguram mais estranhos, já se esboçam no **processo sexual normal**.” – p.147;

r. O TOCAR E O OLHAR

“Uma certa dose de uso do tato, ao menos para os seres humanos, é indispensável para que se atinja **o alvo sexual normal**. Sabe-se também, universalmente, que fonte de prazer, por um lado, e que afluxo de excitação renovada, por outro, são proporcionados pelas sensações de contato com a pele do **objeto sexual**. Portanto, demorar-se no tocar, desde que **o ato sexual seja levado adiante**, dificilmente pode contar entre as perversões.” – p.148;

“O mesmo se dá com o ver, que em última análise deriva do tocar. A impressão visual continua a ser o caminho mais frequente pelo qual se desperta a excitação libidinosa, e é com a transitabilidade desse caminho – se é que esse tipo de consideração teleológica é permissível – que conta a seleção natural ao fazer com que **o objeto sexual** se desenvolva em termos de beleza. A progressiva ocultação do corpo advinda com a civilização mantém desperta a **curiosidade sexual**, que ambiciona completar **o objeto sexual** através da revelação das partes ocultas, mas que pode ser desviada (‘sublimada’) para a arte, caso se consiga afastar o interesse dos genitais e voltá-lo para a forma do corpo como um todo. A demora nesse **alvo sexual intermediário do olhar carregado de sexo** surge, em certa medida, na maioria das pessoas normais, e de fato lhes dá a possibilidade de orientarem uma parcela de sua libido para alvos artísticos mais elevados. Por outro lado, o prazer de ver [escopofilia] transforma-se em perversão *(a)* quando se restringe exclusivamente à genitália, *(b)* quando se liga à superação do asco (o *voyeur* – espectador das funções excretórias), ou *(c)* quando **suplanta o alvo sexual normal**, em vez de ser preparatório a ele. Este último é marcantemente o caso dos exibicionistas, que, se posso deduzi-lo após diversas análises, exibem seus genitais para conseguir ver, em contrapartida, a genitália do outro.” – p.148-149;

"Na perversão que aspira a olhar e ser olhado distingue-se um traço curiosíssimo, do qual nos ocuparemos ainda mais intensamente na aberração a ser examinada a seguir, ou seja: nela, **o alvo sexual** apresenta-se numa configuração dupla, nas formas *ativa* e *passiva*." – p.149;

s. SADISMO E MASOQUISMO

"**A inclinação a infligir dor ao objeto sexual**, bem como sua contrapartida, que são as mais frequentes e significativas de todas as perversões, foram denominadas por Krafft-Ebing, em formas ativa e passiva, de "sadismo" e "masoquismo" (passivo). Outros autores [p. ex., Schrenck-Notzing (1899)] preferem a designação mais estrita de *algolagnia*, que destaca o prazer na dor, a crueldade, enquanto os termos escolhidos por Krafft-Ebing colocam em primeiro plano o prazer em qualquer forma de humilhação ou sujeição." – p.149;

"No tocante à algolagnia ativa, o sadismo, suas raízes são fáceis de apontar nas pessoas normais. **A sexualidade** da maioria dos varões exibe uma mescla de *agressão*, de inclinação a subjugar, cuja importância biológica talvez resida na necessidade de vencer a resistência **do objeto sexual** de outra maneira que não mediante o ato de *cortejar*. Assim, o sadismo corresponderia a um componente agressivo autonomizado e exagerado da **pulsão sexual**, movido por deslocamento para o lugar preponderante." – p.149;

"O conceito de sadismo oscila, na linguagem corriqueira, desde uma atitude meramente ativa ou mesmo violenta **para com o objeto sexual** até uma satisfação exclusivamente condicionada pela sujeição e maus-tratos a ele infligidos. Num sentido estrito, somente este último caso extremo merece o nome de perversão." – p.150;

"De maneira similar, a designação de 'masoquismo' abrange todas as **atitudes passivas perante a vida sexual e o objeto sexual**, a mais extrema das quais parece ser o condicionamento da satisfação ao padecimento de **dor física ou anímica advinda do objeto sexual**. **O masoquismo** enquanto perversão parece **distanciar-se mais do alvo sexual normal do que sua contrapartida**; em primeiro lugar, pode-se pôr em dúvida se ele aparece alguma vez como fenômeno primário, ou se, pelo contrário, surge regularmente do sadismo mediante uma transformação. É frequente poder-se reconhecer que o masoquismo não é outra coisa senão uma continuação do sadismo que se volta contra a própria pessoa, que com isso assume, para começar, **o lugar do objeto sexual**. A análise clínica dos casos extremos de perversão masoquista mostra a colaboração de uma ampla série de fatores (como o complexo de castração e a consciência de culpa) **no exagero e fixação da atitude sexual passiva originária**." – p.150;

"O sadismo e o masoquismo ocupam entre as perversões um lugar especial, já que o contraste entre atividade e passividade que jaz em sua base pertence às **características universais da vida sexual**." – p.150;

"Que **a crueldade e a pulsão sexual estão intimamente correlacionadas** é-nos ensinado, acima de qualquer dúvida, pela história da civilização humana, mas no esclarecimento dessa correlação não se foi além de acentuar o fator agressivo da libido. Segundo alguns autores, **essa**

agressão mesclada à pulsão sexual é, na realidade, um resíduo de desejos canibalísticos e, portanto, uma coparticipação do aparelho de dominação, que atende à satisfação de outra grande necessidade ontogeneticamente mais antiga." – p.150-151;

"A particularidade mais notável dessa perversão reside, porém, em que suas formas ativa e passiva costumam encontrar-se juntas numa mesma pessoa. Quem sente prazer em provocar dor no outro na **relação sexual** é também capaz de gozar, como prazer, de qualquer dor que possa extrair das **relações sexuais**. O sádico é sempre e ao mesmo tempo um masoquista, ainda que o aspecto ativo ou passivo da perversão possa ter-se desenvolvido nele com maior intensidade e represente sua **atividade sexual predominante**." – p.151;

"Assim, vemos que algumas das inclinações à perversão apresentam-se regularmente como *pares de opostos*, o que, em conjunto com um material a ser posteriormente apresentado, pode reivindicar uma elevada significação teórica. É ainda evidente que a existência do par de opostos sadismo-masoquismo não é dedutível, em termos imediatistas, da mescla de agressão. Ao contrário, ficaríamos tentados a relacionar a presença simultânea desses opostos com a oposição entre masculino e feminino que se combina na **bissexualidade**, oposição que amiúde é substituída na psicanálise pelo contraste entre ativo e passivo." – p.151;

t. (3) CONSIDERAÇÕES GERAIS SOBRE AS PERVERSÕES VARIAÇÃO E DOENÇA

"A experiência cotidiana mostrou que a maioria dessas transgressões, no mínimo as menos graves dentre elas, são um componente que raramente falta na **vida sexual das pessoas sadias** e que é por elas julgado como qualquer outra intimidade. Quando as circunstâncias são favoráveis, também as pessoas normais podem substituir durante um bom tempo **o alvo sexual normal** por uma dessas perversões, ou arranjar-lhe um lugar ao lado dele. Em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao **alvo sexual normal** que se possa chamar de perverso, e essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão. Justamente no campo da **vida sexual** é que se tropeça com dificuldades peculiares e realmente insolúveis, no momento, quando se quer traçar uma fronteira nítida entre o que é mera variação dentro da amplitude do fisiológico e o que constitui sintomas patológicos." – p.152;

"Ainda assim, em muitas dessas perversões **a qualidade do novo alvo sexual** é de tal ordem que requer uma apreciação especial. Algumas delas afastam-se tanto do normal em seu conteúdo que não podemos deixar de declará-las 'patológicas', sobretudo nos casos em que **a pulsão sexual** realiza obras assombrosas (lamber excrementos, abusar de cadáveres) na superação das resistências (vergonha, asco, horror ou dor). Nem mesmo nesses casos, porém, pode-se ter uma expectativa certeira de que em seus autores se revelem regularmente pessoas com outras anormalidades graves ou doentes mentais. Tampouco nesses casos pode-se passar por cima do fato de que pessoas cuja conduta é normal em outros aspectos colocam-se como doentes apenas no **campo da vida sexual**, sob o domínio da mais irrefreável de todas as pulsões. Por outro lado, a anormalidade manifesta nas outras relações da vida costuma mostrar invariavelmente um fundo de **conduta sexual anormal**." – p.152;

"Na maioria dos casos podemos encontrar o caráter patológico da perversão, **não no conteúdo do novo alvo sexual**, mas em sua relação com a normalidade. **Quando a perversão não se apresenta *ao lado* do alvo e do objeto sexuais normais**, nos casos em que a situação é propícia a promovê-la e há circunstâncias desfavoráveis impedindo a normalidade, mas antes suplanta e substitui o normal em todas as circunstâncias, ou seja, quando há nela as características de *exclusividade* e *fixação*, então nos vemos autorizados, na maioria das vezes, a julgá-la como um sintoma patológico." – p.152-153;

u. A PARTICIPAÇÃO DO ANÍMICO NAS PERVERSÕES

"Talvez justamente nas perversões mais abjetas é que devamos reconhecer a mais abundante participação psíquica na **transformação da pulsão sexual**. Eis aí a obra de um trabalho anímico ao qual não se pode negar, a despeito de seu resultado atroz, o valor de uma idealização da pulsão. A onipotência do amor talvez nunca se mostre com maior intensidade do que nessas aberrações. O mais nobre e o mais vil, por toda parte **da sexualidade**, aparecem na mais íntima dependência mútua ('vom Himmel durch die Welt zur Hölle')." – p.153;

v. DUAS CONCLUSÕES

"Do estudo das perversões resultou-nos a visão de que **a pulsão sexual** tem de lutar contra certas forças anímicas que funcionam como resistências, destacando-se entre elas com máxima clareza a vergonha e o asco. É lícito conjecturar que essas forças contribuam para circunscrever a pulsão dentro dos limites considerados normais, e que, caso se desenvolvam precocemente no indivíduo, antes que **a pulsão sexual** alcance a plenitude de sua força, sem dúvida serão elas que irão apontar o rumo de seu desenvolvimento." – p.153;

"Com isso podemos ter um indício de que talvez **a própria pulsão sexual** não seja uma coisa simples, mas reúna componentes que voltam a separar-se nas perversões." – p.154;

w. (4) A PULSÃO SEXUAL NOS NEURÓTICOS
A PSICANÁLISE

"Uma importante contribuição para **o conhecimento da pulsão sexual** em pessoas que ao menos se aproximam do normal é extraída de uma fonte acessível apenas por determinado caminho. Existe apenas um meio de obter informações exaustivas e sem erro sobre a **vida sexual dos chamados 'psiconeuróticos'** ([os que sofrem de] histeria, neurose obsessiva, da erroneamente chamada neurastenia, e certamente também de *dementia praecox* e paranoia): submetê-los à investigação psicanalítica, da qual se serve o procedimento terapêutico introduzido por Josef Breuer e eu em 1893 e então chamado de 'catártico'." – p.154;

"Devo primeiramente esclarecer, repetindo o que já disse em outras publicações, que essas psiconeuroses, até onde chegam minhas experiências, baseiam-se **em forças pulsionais de cunho sexual**. Não quero dizer com isso apenas que **a energia da pulsão sexual** faz uma contribuição para as forças que sustentam os fenômenos patológicos (os sintomas), e sim asseverar expressamente que essa contribuição é a única fonte energética constante da neurose

e a mais importante de todas, de tal sorte que **a vida sexual** das pessoas em pauta expressa-se de maneira exclusiva, ou predominante, ou apenas parcial, nesses sintomas. Como exprimi em outro lugar [1905*e*, Posfácio,], **os sintomas são a atividade sexual dos doentes**." – p.154-155;

x. RESULTADOS DA PSICANÁLISE

"Verificou-se por esse caminho que os sintomas representam um substituto de aspirações que **extraem sua força da fonte da pulsão sexual**. Harmoniza-se plenamente com isso o que sabemos sobre o caráter dos histéricos (aqui tomados por modelo de todos os psiconeuróticos) antes de seu adoecimento, bem como sobre as ocasiões que precipitam a doença. **O caráter histérico permite identificar um grau de *recalcamento sexual* que ultrapassa a medida normal**; uma intensificação da resistência **à pulsão sexual** (que já ficamos conhecendo como vergonha, asco e moralidade); e uma fuga como que instintiva a qualquer ocupação do intelecto com o problema do sexo, que tem como consequência, nos casos mais acentuados, a manutenção de uma completa **ignorância sexual**, mesmo depois de alcançado o período de **maturidade sexual**.

Esse traço de caráter, tão essencial na histeria, não raro escapa à observação casual, ficando encoberto pelo segundo fator constitucional da histeria, ou seja, o desenvolvimento desmedido da **pulsão sexual**; somente a análise psicológica sabe desvendá-lo em todas as oportunidades e solucionar a enigmática contradição da histeria, registrando a presença desse par de opostos: **uma necessidade sexual desmedida e uma excessiva renúncia ao sexual**." – p.155-156;

"Entre a premência da pulsão e o antagonismo da **renúncia ao sexual** situa-se a saída para a doença, que não soluciona o conflito, mas procura escapar a ele pela transformação das aspirações libidinosas em sintomas. Não passa de exceção aparente o fato de uma pessoa histérica, um homem, por exemplo, adoecer por causa de uma emoção banal, de um conflito que não gire em torno de **um interesse sexual**. Nesses casos, a psicanálise consegue demonstrar regularmente que a doença foi possibilitada pelo **componente sexual do conflito**, que privou os processos anímicos de uma execução normal." – p.156;

y. NEUROSE E PERVERSÃO

"Boa parte da oposição contra estas minhas teses se esclarece pelo fato de que **a sexualidade**, da qual derivo os sintomas psiconeuróticos, é considerada coincidente com a **pulsão sexual normal**. Só que a psicanálise ensina ainda mais. Ela mostra que de modo algum os sintomas surgem apenas à custa da chamada **pulsão sexual normal** (pelo menos não de maneira exclusiva ou predominante), mas que representam a expressão convertida de pulsões que seriam designadas de *perversas* (no sentido mais lato) se pudessem expressar-se diretamente, sem desvio pela consciência, em propósitos da fantasia e em ações. Portanto, os sintomas se formam, em parte, às expensas da **sexualidade *anormal****; a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão*." – p.156-157;

"**A pulsão sexual dos psiconeuróticos** permite discernir todas as aberrações que estudamos como **variações da vida sexual normal** e como manifestações da patologia." – p.157;

"*(c)* Um papel muito destacado entre os formadores de sintomas das psiconeuroses é

desempenhado pelas pulsões parciais, que na maioria das vezes aparecem como pares de opostos e das quais já tomamos conhecimento como portadoras de novos **alvos sexuais** – a pulsão do prazer de ver e do exibicionismo, e a pulsão de crueldade em suas formas ativa e passiva." – p.158;

z. (5) PULSÕES PARCIAIS E ZONAS ERÓGENAS

"Outra hipótese provisória de que não podemos furtar-nos na teoria das pulsões afirma que os órgãos do corpo fornecem dois tipos de excitação, baseados em diferenças de natureza química. A uma dessas classes de **excitação designamos como a que é especificamente sexual**, e referimo-nos ao órgão em causa como a 'zona erógena' da pulsão parcial que parte dele." – p.159;

"Nas **inclinações perversas que reivindicam para a cavidade bucal e para o orifício anal um sentido sexual**, o papel das zonas erógenas é imediatamente perceptível. Elas se comportam em todos os aspectos como uma parte do **aparelho sexual**. Na histeria, esses lugares do corpo e os tratos de mucosa que partem deles transformam-se na sede de novas sensações e de alterações da inervação – e mesmo de processos comparáveis à ereção –, tal como os próprios órgãos genitais diante das **excitações dos processos sexuais normais**." – p.160;

"Na neurose obsessiva, o que mais se destaca é a significação dos impulsos que criam novos alvos sexuais e parecem independentes das zonas erógenas. Não obstante, na escopofilia e no exibicionismo o olho corresponde a uma zona erógena; no caso da **dor e da crueldade como componentes da pulsão sexual**, é a pele que assume esse mesmo papel – a pele, que em determinadas partes do corpo diferenciou-se nos órgãos sensoriais e se transmudou em mucosa, sendo assim a zona erógena [por excelência]." – p.160;

aa. (6) ESCLARECIMENTOS SOBRE A APARENTE PREPONDERÂNCIA DA SEXUALIDADE PERVERSA NAS PSICONEUROSES

"A discussão precedente talvez tenha colocado sob **um prisma falso a sexualidade dos psiconeuróticos**. Talvez tenha criado a aparência de que, em virtude de sua predisposição, **os psiconeuróticos aproximam-se estreitamente dos perversos em sua conduta sexual e se distanciam dos normais** na mesma medida. É bem possível, de fato, que a disposição constitucional desses doentes contenha, além de um grau desmedido de **recalcamento sexual** e de uma intensidade hiperpotente da **pulsão sexual**, uma tendência incomum à perversão no sentido mais lato." – p.161;

"Na maioria dos psiconeuróticos, a doença só aparece depois da puberdade, **a partir das solicitações da vida sexual normal**." – p.161;

"O fato é que se tem de alinhar o **recalcamento sexual**, enquanto fator interno, com os fatores externos que, como a restrição da liberdade, a inacessibilidade do **objeto sexual normal**, os riscos do **ato sexual normal** etc., permitem que surjam perversões em indivíduos que, de outro

modo, talvez permanecessem normais.

Nesse aspecto, os diversos casos de neurose podem portar-se de maneira diferente: num, prepondera a força inata da tendência à perversão, noutro, o aumento colateral dessa mesma tendência por ser a libido desviada do alvo e do **objeto sexuais normais**." – p.161;

bb. (7) INDICAÇÃO DO INFANTILISMO DA SEXUALIDADE

"É discutível, como vimos, que as perversões remontem a condições inatas ou resultem, como supôs Binet quanto ao fetichismo, de experiências ao acaso. Agora se nos oferece a conclusão de que há sem dúvida algo inato na base das perversões, mas esse algo *é inato em todos os seres humanos*, embora, enquanto disposição, possa variar de intensidade e ser acentuado pelas influências da vida. Trata-se, pois, das **raízes inatas da pulsão sexual** dadas pela constituição, as quais, numa série de casos (as perversões), convertem-se nas verdadeiras portadoras da **atividade sexual (perversa)**, outras vezes passam por uma supressão (recalcamento) insuficiente, de tal sorte que podem atrair indiretamente para si, **na qualidade de sintomas patológicos, parte da energia sexual**, e que permitem, nos casos mais favoráveis situados entre os dois extremos, mediante uma restrição eficaz e outras elaborações, a origem da chamada **vida sexual normal**." – p.162;

"Vislumbramos assim a fórmula de que os neuróticos preservaram o estado infantil de sua **sexualidade** ou foram retransportados para ele. Desse modo, nosso interesse volta-se para a **vida sexual da criança**, e procederemos ao estudo do jogo de influências que domina o processo de **desenvolvimento da sexualidade infantil** até seu desfecho na perversão, na neurose ou na **vida sexual normal**." – p.162;

2. SEGUNDO ENSAIO

a. A SEXUALIDADE INFANTIL
O DESCASO PARA COM O INFANTIL

"Faz parte da opinião popular sobre a **pulsão sexual** que ela está ausente na infância e só desperta no período da vida designado da puberdade. Mas esse não é apenas um erro qualquer, e sim um equívoco de graves consequências, pois é o principal culpado de nossa ignorância de hoje sobre as **condições básicas da vida sexual**. Um estudo aprofundado das **manifestações sexuais da infância** provavelmente nos revelaria os **traços essenciais da pulsão sexual, desvendaria sua evolução e nos permitiria ver como se compõe a partir de diversas fontes**." – p.163;

"É certo que na literatura sobre o assunto encontramos notas ocasionais acerca da **atividade sexual precoce em crianças** pequenas, sobre ereções, masturbação e até mesmo atividades semelhantes ao coito. Mas elas são sempre citadas apenas como processos excepcionais, curiosidades ou exemplos assustadores de depravação precoce. Nenhum autor, ao que eu saiba, reconheceu com clareza a **normatividade da pulsão sexual na infância**, e, nos escritos já numerosos sobre o desenvolvimento infantil, **o capítulo sobre o "Desenvolvimento Sexual"** costuma ser omitido." – p.163;

b. AMNÉSIA INFANTIL

"Todavia, não queremos deixar de destacar que a existência da amnésia infantil fornece um novo ponto de comparação entre o estado anímico da criança e o dos psiconeuróticos. Já deparamos com outro desses pontos quando se impôs a nós **a fórmula de que a sexualidade dos psiconeuróticos preserva o estado infantil ou é reconduzida a ele**. E se a própria amnésia infantil também tiver de ser relacionada com as **moções sexuais da infância**?" – p.165;

"Creio, pois, que a amnésia infantil, que converte a infância de cada um numa espécie de época *pré-histórica* e oculta dele os **primórdios de sua própria vida sexual**, carrega a culpa por não se dar valor ao período infantil no **desenvolvimento da vida sexual**. Um observador isolado não pode preencher as lacunas assim geradas em nosso conhecimento. Já em 1896 frisei a significação da infância para a origem de certos fenômenos importantes que dependem da **vida sexual**, e desde então nunca deixei de trazer para primeiro plano o **fator infantil na sexualidade**." – p.165-166;

c. (1) O PERÍODO DE LATÊNCIA SEXUAL DA INFÂNCIA E SUAS RUPTURAS

"As constatações extraordinariamente amiudadas de **moções sexuais** pretensamente excepcionais e anormativas na infância, bem como a revelação das lembranças infantis do neurótico, até então inconscientes, talvez permitam traçar o seguinte **quadro das condutas sexuais da infância**: Parece certo que **o recém-nascido traz consigo germes de moções sexuais** que continuam a se desenvolver por algum tempo, mas depois sofrem uma supressão progressiva, a qual, por sua vez, pode ser rompida por **avanços regulares do desenvolvimento sexual ou suspensa pelas peculiaridades individuais**. Nada se sabe ao certo sobre a regularidade e a periodicidade desse curso oscilante de desenvolvimento. Parece, no entanto, que a **vida sexual da criança** costuma expressar-se numa forma acessível à observação por volta dos três ou quatro anos de idade." – p.166;

d. AS INIBIÇÕES SEXUAIS

"Durante esse período de latência total ou apenas parcial erigem-se as forças anímicas que, mais tarde, surgirão como entraves no caminho da **pulsão sexual** e estreitarão seu curso à maneira de diques (o asco, o sentimento de vergonha, as exigências dos ideais estéticos e morais). Nas crianças civilizadas, tem-se a impressão de que a construção desses diques é obra da educação, e certamente a educação tem muito a ver com isso. Na realidade, porém, esse desenvolvimento é organicamente condicionado e fixado pela hereditariedade, podendo produzir-se, no momento oportuno, sem nenhuma ajuda da educação. Esta fica inteiramente dentro do âmbito que lhe compete ao limitar-se a seguir o que foi organicamente prefixado e imprimi-lo de maneira um pouco mais polida e profunda." – p.167;

e. FORMAÇÃO REATIVA E SUBLIMAÇÃO

"Com que meios se erigem essas construções tão importantes para a cultura e normalidade posteriores da pessoa? Provavelmente, às expensas das próprias **moções sexuais infantis**, cujo afluxo não cessa nem mesmo durante esse período de latência, mas cuja energia – na totalidade ou em sua maior parte – **é desviada do uso sexual e voltada para outros fins**. Os historiadores da cultura parecem unânimes em supor que, mediante esse **desvio das forças pulsionais**

sexuais das metas sexuais e por sua orientação para novas metas, num processo que merece o nome de *sublimação*, adquirem-se poderosos componentes para todas as realizações culturais. Acrescentaríamos, portanto, que o mesmo processo entra em jogo no desenvolvimento de cada indivíduo, e situaríamos seu início no **período de latência sexual da infância**." – p.167-168;

"Também sobre o mecanismo desse processo de sublimação pode-se arriscar uma conjectura. **As moções sexuais** desses anos da infância seriam, por um lado, inutilizáveis, já que estão diferidas as funções reprodutoras – o que constitui o traço principal do período de latência –, e por outro, seriam perversas em si, ou seja, partiriam de zonas erógenas e se sustentariam em pulsões que, dada a direção do desenvolvimento do indivíduo, só poderiam provocar sensações desprazerosas. Por conseguinte, elas despertam forças anímicas contrárias (moções reativas) que, para uma supressão eficaz desse desprazer, erigem os diques psíquicos já mencionados: asco, vergonha e moral." – p.168;

f. RUPTURAS DO PERÍODO DE LATÊNCIA

"Sem nos iludirmos quanto à natureza hipotética e quanto à clareza insuficiente de nossos conhecimentos acerca dos processos do período infantil de latência ou adiamento, voltemos à realidade para indicar que esse emprego da **sexualidade infantil** representa um ideal educativo do qual o desenvolvimento de cada um quase sempre se afasta em algum ponto, amiúde em grau considerável. Vez por outra irrompe um fragmento de **manifestação sexual** que se furtou à sublimação, ou preserva-se alguma **atividade sexual** ao longo de todo o período de latência, até a irrupção acentuada da **pulsão sexual na puberdade**. Na medida em que prestam alguma **atenção à sexualidade infantil**, os educadores portam-se como se compartilhassem nossas opiniões sobre a construção das **forças defensivas morais à custa da sexualidade**, e como se soubessem que a **atividade sexual** torna a criança ineducável, pois **perseguem como 'vícios' todas as suas manifestações sexuais**, mesmo que não possam fazer muita coisa contra elas. Nós, porém, temos todos os motivos para voltar nosso interesse para esses fenômenos temidos pela educação, pois deles esperamos o esclarecimento da **configuração originária da pulsão sexual**." – p.168-169;

g. (2) AS MANIFESTAÇÕES DA SEXUALIDADE INFANTIL
O CHUCHAR

"Por motivos que se deduzirão posteriormente, tomaremos como **modelo das manifestações sexuais infantis o chuchar** (sugar com deleite), ao qual o pediatra húngaro Lindner (1879) dedicou um excelente estudo." – p.169;

"O próprio Lindner reconheceu a **natureza sexual dessa ação** e a destacou de maneira irrestrita. Na meninice, o chuchar é frequentemente equiparado aos outros **'maus costumes' sexuais da criança**. De numerosos pediatras e neurologistas tem-se erguido um protesto muito enérgico contra essa concepção, parcialmente baseado, sem dúvida, na **confusão entre 'sexual' e 'genital'**. Esse protesto levanta uma questão difícil e irrecusável: **por qual característica genérica podemos reconhecer as manifestações sexuais da criança?** Parece-me que a concatenação de fenômenos que pudemos discernir através da investigação psicanalítica nos autoriza a ver no **chuchar uma manifestação sexual** e a estudar justamente nele os **traços essenciais da atividade sexual infantil**." – p.170;

h. AUTOEROTISMO

"Temos a obrigação de fazer um exame aprofundado desse exemplo. Como traço mais destacado dessa **prática sexual**, salientemos que a pulsão não está dirigida para outra pessoa; satisfaz-se no próprio corpo, é *autoerótica*, para dizê-lo com a feliz denominação introduzida por Havelock Ellis [1910]." – p.170;

"**A atividade sexual apoia-se primeiramente numa das funções que servem à preservação da vida, e só depois torna-se independente delas**. Quem já viu uma criança saciada recuar do peito e cair no sono, com as faces coradas e um sorriso beatífico, há de dizer a si mesmo que essa imagem persiste também como norma da **expressão da satisfação sexual** em épocas posteriores da vida. **A necessidade de repetir a satisfação sexual dissocia-se então da necessidade de absorção de alimento** – uma separação que se torna inevitável quando aparecem os dentes e o alimento já não é exclusivamente ingerido por sucção, mas é também mastigado." – p.171;

"No chuchar ou sugar com deleite já podemos observar as três características essenciais de **uma manifestação sexual infantil**. Esta **nasce apoiando-se numa das funções somáticas vitais**, ainda **não conhece nenhum objeto sexual, sendo *autoerótica,*** e **seu alvo sexual acha-se sob o domínio de uma *zona erógena***. Antecipemos que essas características são válidas também para a maioria das outras **atividades das pulsões sexuais infantis**." – p.172;

i. (3) O ALVO SEXUAL DA SEXUALIDADE INFANTIL CARACTERÍSTICAS DAS ZONAS ERÓGENAS

"Menos seguro, parece, é se o caráter da sensação prazerosa provocada pelo estímulo pode ser designado de 'particular', particularidade esta em que estaria contido justamente **o fator sexual**." – p.172;

j. O ALVO SEXUAL INFANTIL

"**O alvo sexual da pulsão infantil** consiste em provocar a satisfação mediante a estimulação apropriada da zona erógena que de algum modo foi escolhida." – p.173;

"Ainda depararemos com outros dispositivos semelhantes como **fontes da sexualidade**. O estado de necessidade de repetir uma satisfação transparece de duas maneiras: por um sentimento peculiar de tensão, que tem, antes, o caráter de desprazer, e por uma sensação de prurido ou estimulação *centralmente condicionada* e projetada para a zona erógena periférica. Por isso, pode-se também formular **o alvo sexual** de outra maneira: ele viria substituir a sensação de estimulação projetada na zona erógena pelo estímulo externo que a abolisse ao provocar a sensação de satisfação. Esse estímulo externo consiste, na maioria das vezes, numa manipulação análoga ao sugar." – p.173;

k. (4) AS MANIFESTAÇÕES SEXUAIS MASTURBATÓRIAS

"Só pode alegrar-nos sumamente descobrir que, uma vez compreendida a pulsão vinda de uma única zona erógena, não temos muito mais coisas importantes a aprender sobre a **atividade sexual das crianças**." – p.174;

l. ATIVIDADE DA ZONA ANAL

"Tal como a zona dos lábios, a zona anal está apta, por sua posição, a mediar um **apoio da sexualidade em outras funções corporais**. É de se presumir que a importância erógena dessa parte do corpo seja originariamente muito grande. Inteiramo-nos pela psicanálise, não sem certo assombro, das **transmutações por que normalmente passam as excitações sexuais** dela provenientes e da frequência com que essa zona conserva durante toda a vida uma parcela considerável de excitabilidade genital. Os distúrbios intestinais tão frequentes na infância providenciam para que não faltem a essa zona excitações intensas." – p.175;

"O conteúdo intestinal, que, enquanto corpo estimulador, comporta-se frente a uma área de **mucosa sexualmente sensível** como precursor de outro órgão destinado a entrar em ação depois da fase da infância, tem ainda para o lactante outros importantes sentidos." – p.175-176;

"É obviamente tratado como parte de seu próprio corpo, representando o primeiro 'presente': ao desfazer-se dele, a criaturinha pode exprimir sua docilidade perante o meio que a cerca, e ao recusá-lo, sua obstinação. Do sentido de 'presente', esse conteúdo passa mais tarde ao de 'bebê', que, segundo uma **das teorias sexuais infantis**, é adquirido pela comida e nasce pelo intestino." – p.176;

m. ATIVIDADE DA ZONA GENITAL

"Entre as zonas erógenas do corpo infantil encontra-se uma que decerto não desempenha o papel principal nem pode ser a portadora das **moções sexuais mais antigas**, mas que está destinada a grandes coisas no futuro. Nas crianças tanto de sexo masculino quanto feminino, está ligada à micção (glande, clitóris) e, nas primeiras, acha-se dentro de uma bolsa de mucosa, de modo que não pode faltar-lhe a estimulação por secreções que **aticem precocemente a excitação sexual**. **As atividades sexuais dessa zona erógena, que faz parte dos órgãos sexuais** propriamente ditos, são sem dúvida o começo da futura **vida sexual 'normal'**." – p.176;

"Considerada a soma dos dispositivos existentes e ponderando que as providências para manter a limpeza mal podem atuar de modo diferente da sujeira, custa evitar a conclusão de que é através do onanismo do lactante, do qual praticamente nenhum indivíduo escapa, que se estabelece a futura primazia dessa zona erógena na **atividade sexual**." – p.177;

"A ação que elimina o estímulo e provoca a satisfação consiste num contato por fricção manual ou numa pressão (decerto preparada nos moldes de um reflexo) exercida com a mão ou unindo as coxas. Este último método é de longe o mais frequente nas meninas. Nos meninos, a preferência pela mão já indica a importante contribuição que a pulsão de dominação está destinada a fazer para a **atividade sexual masculina**." – p.177;

"A bem da clareza, convém eu indicar que é preciso distinguir três fases da masturbação infantil. A primeira é própria do período de lactância, a segunda pertence à breve **florescência da atividade sexual** por volta do quarto ano de vida, e somente a terceira corresponde ao onanismo da puberdade, amiúde o único a ser levado em conta." – p.177-178;

n. A SEGUNDA FASE DA MASTURBAÇÃO INFANTIL

"Em algum momento da infância posterior ao período de amamentação, comumente antes do quarto ano, **a pulsão sexual dessa zona genital** costuma redespertar e novamente durar algum tempo, até ser detida por uma nova supressão, ou prosseguir ininterruptamente. As circunstâncias possíveis são muito variadas e só é viável apreciá-las mediante uma análise mais rigorosa dos casos individuais. Mas todos os detalhes dessa *segunda* fase de **atividade sexual infantil** deixam atrás de si as mais profundas marcas (inconscientes) na memória da pessoa, determinam o desenvolvimento de seu caráter, caso ela permaneça sadia, e a sintomatologia de sua neurose, caso venha a adoecer depois da puberdade. Nesta última eventualidade, constatamos que **esse período sexual foi esquecido** e que as lembranças conscientes que o testemunham foram deslocadas; já afirmei que eu também **vincularia a amnésia infantil normal com essa atividade sexual infantil**." – p.178;

o. O RETORNO DA MASTURBAÇÃO DA LACTÂNCIA

"**A excitação sexual do período de lactância** retorna nos anos infantis já indicados, seja como um estímulo de prurido centralmente condicionado, que exorta a uma satisfação masturbatória, seja como um processo da natureza de uma polução, que, em analogia com as poluções da maturidade, chega à satisfação sem a ajuda de ação alguma. Este último caso é o mais frequente nas meninas e na segunda metade da infância; não é inteiramente compreensível em termos do que o condiciona e, muitas vezes, embora não regularmente, parece ter como premissa um período anterior de onanismo ativo. **A sintomatologia dessas manifestações sexuais é escassa**; o que dá sinal do **aparelho sexual** ainda não desenvolvido é, na maioria das vezes, o aparelho urinário, que funciona, por assim dizer, como tutor dele. A maioria dos chamados distúrbios vesicais dessa época são **perturbações sexuais**; a enurese noturna, quando não representa um ataque epilético, corresponde a uma polução." – p.178-179

"Para o reaparecimento da **atividade sexual** são decisivas as causas internas e as contingências externas, ambas as quais podem ser inferidas, nos casos de doença neurótica, a partir da forma dos sintomas, sendo descobertas com certeza através da investigação psicanalítica." – p.179;

"Em primeiro plano situa-se a influência da sedução, que trata a criança prematuramente como um **objeto sexual** e que, em circunstâncias que causam forte impressão, ensina-a a conhecer a satisfação das zonas genitais – uma satisfação que ela fica quase sempre obrigada a renovar pelo onanismo." – p.179;

"Tal influência pode provir de adultos ou de outras crianças; não me é possível admitir que, em meu ensaio sobre 'A etiologia da histeria' (1896*c*), eu tenha superestimado sua frequência ou sua importância, embora eu ainda não soubesse, na época, que os indivíduos que permanecem

normais podem ter tido na infância as mesmas experiências, e por isso tenha dado maior valor à sedução do que aos **fatores da constituição e do desenvolvimento sexuais**." – p.179;

"É evidente que **a sedução não é necessária para despertar a vida sexual da criança**, podendo esse despertar surgir também, espontaneamente, de causas internas." – p.179-180;

p. DISPOSIÇÃO PERVERSA POLIMORFA

"É instrutivo que a criança, sob a influência da sedução, possa tornar-se perversa polimorfa e ser induzida a todas as transgressões possíveis. Isso mostra que traz em sua disposição a aptidão para elas; por isso sua execução encontra pouca resistência, já que, conforme a idade da criança, **os diques anímicos contra os excessos sexuais** – a vergonha, o asco e a moral – ainda não foram erigidos ou estão em processo de construção." – p.180

"Em condições usuais, ela pode **permanecer sexualmente normal**, mas, guiada por um sedutor habilidoso, terá gosto em todas as perversões e as reterá em sua **atividade sexual**." – p.180;

q. PULSÕES PARCIAIS

"De resto, a influência da sedução não ajuda a revelar as circunstâncias iniciais da **pulsão sexual**, mas antes confunde nossa visão dela, uma vez que apresenta prematuramente à criança um **objeto sexual** de que, a princípio, a **pulsão sexual infantil** não mostra nenhuma necessidade. Contudo, devemos admitir que também a **vida sexual infantil**, apesar da dominação preponderante das zonas erógenas, exibe componentes que desde o início envolvem outras pessoas como **objetos sexuais**." – p.180;

"Dessa natureza são as pulsões do prazer de olhar e de exibir, bem como a de crueldade, que aparecem com certa independência das zonas erógenas e só mais tarde entram em relações estreitas com a vida genital, mas que já na infância se fazem notar como aspirações autônomas, inicialmente separadas da **atividade sexual erógena**. A criança pequena é, antes de mais nada, desprovida de vergonha, e em certos períodos de seus primeiros anos mostra uma **satisfação inequívoca no desnudamento do corpo, com ênfase especial nas partes sexuais**." – p.180-181;

"Sob a influência da sedução, a perversão de ver pode alcançar grande importância na **vida sexual da criança**. Entretanto, minhas investigações da meninice tanto de pessoas sadias quanto de doentes neuróticos forçam-me a concluir que a pulsão de ver pode surgir na criança como uma **manifestação sexual espontânea**." – p.181;

"Com independência ainda maior das outras **atividades sexuais** vinculadas às zonas erógenas desenvolve-se na criança o componente de **crueldade da pulsão sexual**." – p.181;

"É sabido que ainda não se teve êxito na análise psicológica exaustiva dessa pulsão; podemos

supor que o impulso cruel provenha da **pulsão de dominação e surja na vida sexual** numa época em que os genitais ainda não assumiram seu papel posterior. Assim, ela domina uma fase da **vida sexual** que mais adiante descreveremos como organização pré-genital. As crianças que se distinguem por uma crueldade peculiar para com os animais e os companheiros despertam, em geral justificadamente, a suspeita de uma **atividade sexual intensa e precoce** advinda das zonas erógenas, e mesmo no amadurecimento precoce e simultâneo de todas as **pulsões sexuais**, a **atividade sexual erógena** parece ser primária." – p.181-182;

r. (5) A INVESTIGAÇÃO SEXUAL INFANTIL
A PULSÃO DE SABER

"Ao mesmo tempo em que a **vida sexual da criança** chega a sua primeira florescência, entre os três e os cinco anos, também se inicia nela a atividade que se inscreve na pulsão de saber ou de investigar. Essa pulsão não pode ser computada entre os componentes pulsionais elementares, nem exclusivamente subordinada **à sexualidade**." – p.183;

"Sua atividade corresponde, de um lado, a uma forma sublimada de dominação e, de outro, trabalha com a energia escopofílica. Suas relações com a **vida sexual** entretanto, são particularmente significativas, já que constatamos pela psicanálise que, na criança, a pulsão de saber é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos **problemas sexuais**, e talvez seja até despertada por eles." – p.183;

s. O ENIGMA DA ESFINGE

"O primeiro problema de que ela se ocupa, em consonância com essa história do despertar da pulsão de saber, **não é a questão da diferença sexual**, e sim o enigma; de onde vêm os bebês? Numa distorção facilmente anulável, esse é também o enigma proposto pela Esfinge de Tebas. Ao contrário, o fato de existirem dois sexos é inicialmente aceito pela criança sem nenhuma rebeldia ou hesitação. Para o menino, é natural presumir uma genitália igual à sua em todas as pessoas que ele conhece, sendo-lhe impossível conjugar a falta dela com sua representação dessas outras pessoas." – p.183-184;

t. COMPLEXO DE CASTRAÇÃO E INVEJA DO PÊNIS

"A suposição de uma genitália idêntica (masculina) em todos os seres humanos é a primeira das notáveis e momentosas **teorias sexuais infantis**. Tem pouca serventia para a criança que a ciência biológica dê razão a seu preconceito e tenha de reconhecer o clitóris feminino como um autêntico substituto do pênis. Já a garotinha não incorre em semelhantes recusas ao avistar os genitais do menino, com sua conformação diferente. Está pronta a reconhecê-lo de imediato e é tomada pela inveja do pênis, que culmina no desejo de ser também um menino, tão importante em suas consequências." – p.184;

u. TEORIAS DO NASCIMENTO
A CONCEPÇÃO SÁDICA DA RELAÇÃO SEXUAL

"Quando as crianças em tão tenra idade assistem à **relação sexual entre adultos**, o que é ensejado pela **convicção dos mais velhos de que a criança pequena não pode entender nada**

de sexual, elas não podem deixar de **conceber o ato sexual como uma espécie de sevícia ou subjugação**, ou seja, de encará-lo num sentido sádico. A psicanálise também nos permite verificar que uma impressão dessa natureza na primeira infância contribui em muito para a predisposição a um deslocamento sádico posterior do **alvo sexual**. Ademais, as crianças se ocupam muito com o problema de saber em que consiste a **relação sexual**, ou, como dizem elas, em que consiste ser casado, e costumam buscar a solução do mistério em alguma atividade conjunta proporcionada pelas funções de micção ou defecação." – p.185;

v. O FRACASSO TÍPICO DA INVESTIGAÇÃO SEXUAL INFANTIL

"Em geral, pode-se dizer das **teorias sexuais infantis** que elas são reflexos da própria **constituição sexual da criança**, e que, apesar de seus erros grotescos, testemunham uma maior compreensão dos **processos sexuais** do que se pretenderia de seus criadores." – p.185;

"Mas como dois elementos permanecem desconhecidos na **investigação sexual infantil**, a saber, o papel do sêmen fecundante e a **existência do orifício sexual feminino** – os mesmos pontos, aliás, em que a **organização sexual infantil** ainda está atrasada –, os esforços do pequeno investigador são geralmente infrutíferos, e acabam numa renúncia que não raro deixa como sequela um prejuízo permanente para a pulsão de saber. A **investigação sexual desses primeiros anos da infância** é sempre feita na solidão; significa um primeiro passo para a orientação autônoma no mundo e estabelece um intenso alheamento da criança frente às pessoas de seu meio que antes gozavam de sua total confiança." – p.185-186;

w. (6) AS FASES DE DESENVOLVIMENTO DA ORGANIZAÇÃO SEXUAL

"Até agora, destacamos como características da **vida sexual infantil** o fato de ela ser essencialmente autoerótica (seu objeto encontra-se no próprio corpo) e de suas pulsões parciais serem inteiramente desvinculadas e independentes entre si em seus esforços pela obtenção de prazer. **O desfecho do desenvolvimento constitui a chamada vida sexual normal do adulto**, na qual a obtenção de prazer fica a serviço da função reprodutora, e as pulsões parciais, sob o primado de uma única zona erógena, formam uma organização sólida para a consecução do **alvo sexual num objeto sexual alheio**." – p.186;

x. ORGANIZAÇÕES PRÉ-GENITAIS

"O estudo das inibições e perturbações desse processo de desenvolvimento, com a ajuda da psicanálise, permite-nos identificar os rudimentos e etapas preliminares de tal organização das pulsões parciais, que ao mesmo tempo resultam numa espécie de **regime sexual**. **Essas fases da organização sexual** são normalmente atravessadas sem dificuldade, revelando-se apenas por alguns indícios." – p.186;

"Chamaremos ***pré-genitais* às organizações da vida sexual** em que as zonas genitais ainda não assumiram seu papel preponderante." – p.186;

"**A primeira dessas organizações sexuais pré-genitais é a *oral*, ou, se preferirmos, *canibalesca***. Nela, a **atividade sexual** ainda não se separou da nutrição, nem tampouco se

diferenciaram correntes opostas em seu interior. O objeto de uma atividade é também o da outra, e **o alvo sexual** consiste na *incorporação* do objeto – modelo do que mais tarde irá desempenhar, sob a forma da *identificação*, um papel psíquico tão importante. Como resíduo dessa hipotética fase de organização que nos foi imposta pela patologia podemos ver o chuchar, no qual a **atividade sexual**, desligada da atividade de alimentação, renunciou ao objeto alheio em troca de um objeto situado no próprio corpo." – p.187;

"Uma segunda fase pré-genital é a da organização *sádico-anal*. Nela, a divisão em opostos que perpassa a **vida sexual** já se constituiu, mas eles ainda não podem ser chamados de *masculino* e *feminino*, e sim *ativo* e *passivo*. A atividade é produzida pela pulsão de dominação através da musculatura do corpo, e como órgão do **alvo sexual passivo** o que se faz valer é, antes de mais nada, a mucosa erógena do intestino; mas há para essas duas aspirações opostas objetos que não coincidem. Ao lado disso, outras pulsões parciais atuam de maneira autoerótica. Nessa fase, portanto, já é possível demonstrar a **polaridade sexual** e o objeto alheio, faltando ainda a organização e a subordinação à função reprodutora." – p.187;

y. AMBIVALÊNCIA

"Essa forma da **organização sexual** pode conservar-se por toda a vida e atrair permanentemente para si uma boa parcela da **atividade sexual**." – p.187;

"**A hipótese das organizações pré-genitais da vida sexual** repousa na análise das neuroses e é difícil apreciá-la independentemente do conhecimento destas. Podemos esperar que a continuidade dos esforços analíticos venha a fornecer-nos muito mais **informações sobre a estrutura e o desenvolvimento da função sexual normal**." – p.188;

"Para completar **o quadro da vida sexual infantil**, é preciso acrescentar que, com frequência ou regularmente, já na infância se efetua uma escolha objetal como a que mostramos ser característica da fase de desenvolvimento da puberdade, ou seja, o conjunto das **aspirações sexuais** orienta-se para uma única pessoa, na qual elas pretendem alcançar seus objetivos. Na infância, portanto, essa é a maior aproximação possível da forma definitiva assumida pela **vida sexual** depois da puberdade. A diferença desta última reside apenas em que a concentração das pulsões parciais e sua subordinação ao primado da genitália não são conseguidas na infância, ou só o são de maneira muito incompleta. Assim, o estabelecimento desse primado a serviço da reprodução é a última fase por que passa a **organização sexual**." – p.188;

z. OS DOIS TEMPOS DA ESCOLHA OBJETAL

"Pode-se considerar como ocorrência típica que a escolha de objeto se efetue em dois tempos, em duas ondas. A primeira delas começa entre os dois e os cinco anos e retrocede ou é detida pelo período de latência; caracteriza-se pela natureza infantil de seus **alvos sexuais**. A segunda sobrevém com a puberdade e determina a configuração definitiva da **vida sexual**." – p.188;

"Contudo, revelam-se inutilizáveis, em consequência do recalcamento que se desenvolve entre as duas fases. Seus **alvos sexuais** foram amenizados e agora representam o que se pode

descrever como a **corrente de ternura da vida sexual**. Somente a investigação psicanalítica pode demonstrar que, por trás dessa ternura, dessa veneração e respeito, ocultam-se as antigas **aspirações sexuais**, agora imprestáveis, das pulsões parciais infantis." – p.189;

"A não confluência dessas duas correntes tem como consequência, muitas vezes, a impossibilidade de se alcançar um dos **ideais da vida sexual** – a conjugação de todos os desejos num único objeto." – p.189;

aa. (7) AS FONTES DA SEXUALIDADE INFANTIL

"No esforço de rastrear as **origens da pulsão sexual**, descobrimos até agora que a **excitação sexual** nasce *(a)* como a reprodução de uma satisfação vivenciada em relação a outros processos orgânicos, *(b)* pela estimulação periférica apropriada das zonas erógenas, e *(c)* como expressão de algumas "pulsões" que ainda não nos são inteiramente compreensíveis em sua origem, como a pulsão de ver e a pulsão para a crueldade. A investigação psicanalítica, que retrocede de uma época posterior para a infância, e a observação contemporânea da criança conjugam-se para nos apontar outras fontes que fluem regularmente para a **excitação sexual**." – p.189;

bb. EXCITAÇÕES MECÂNICAS

"Devemos ainda arrolar aqui a **produção de excitação sexual** pela agitação mecânica e ritmada do corpo, na qual devemos distinguir três formas de atuação estimulatória: no aparato sensorial dos nervos vestibulares, na pele e nas áreas profundas (músculos, aparelho articular). A existência das sensações prazerosas assim geradas – vale enfatizar que é lícito empregarmos indistintamente, numa vasta medida, "**excitação sexual**" e "satisfação", cabendo-nos o dever de buscar mais adiante uma explicação para isso, a existência dessas sensações prazerosas, produzidas por certos tipos de agitação mecânica do corpo, é confirmada pelo fato de as crianças gostarem tanto das brincadeiras de movimento passivo, como serem balançadas e jogadas para o alto, e de pedirem incessantemente que sejam repetidas." – p.190;

"O balanço das carruagens e, mais tarde, das viagens de trem exerce um efeito tão fascinante nas crianças mais velhas que pelo menos todos os meninos, em algum momento da vida, quiseram ser condutores de trem ou cocheiros quando crescessem. Eles dedicam um intrigante interesse de extraordinária intensidade a tudo o que se relaciona com as ferrovias, e, na idade em que se ativa a fantasia (pouco antes da puberdade), fazem disso o núcleo de um **simbolismo singularmente sexual**. É evidente que a compulsão a estabelecer tal vínculo entre as viagens ferroviárias e **a sexualidade** provém do caráter prazeroso das sensações de movimento." – p.190;

"Alinha-se aqui o fato, ainda não compreendido, de que a conjugação do susto com a agitação mecânica produz a grave neurose traumática histeriforme. Podemos ao menos supor que essas influências, que numa intensidade ínfima transformam-se em fontes de **excitação sexual**, provoquem, em medida excessiva, uma profunda desordem no **mecanismo ou na química sexual**." – p.191;

cc. ATIVIDADE MUSCULAR

"É sabido que a atividade muscular intensa é, para a criança, uma necessidade de cuja satisfação ela extrai um prazer extraordinário. Se esse prazer tem algo a ver com a **sexualidade**, se encerra em si mesmo uma **satisfação sexual**, ou se pode converter-se no ensejo de uma **excitação sexual**, tudo isso é passível de considerações críticas que, de fato, podem também apontar contra a colocação contida nos parágrafos precedentes, a saber, que o prazer extraído das sensações de movimento passivo é de **natureza sexual** ou produz **excitação sexual**. Mas o fato é que uma série de pessoas informa ter vivenciado os primeiros sinais de excitação em sua genitália no curso de brigas ou lutas com seus companheiros de brincadeiras, situação na qual, além do esforço muscular generalizado, há ainda um estreito contato com a pele do oponente. A tendência a travar lutas musculares com determinada pessoa, bem como, em épocas posteriores, a inclinação às disputas verbais ['Provoca-se o que se ama'] são um bom sinal de que a escolha de objeto recaiu sobre essa pessoa. Na promoção da **excitação sexual** através da atividade muscular caberia reconhecer uma das raízes da pulsão sádica. Em muitos indivíduos, a vinculação infantil entre as lutas corporais e a **excitação sexual** é codeterminante da orientação privilegiada que assumirá, mais tarde, sua **pulsão sexual**." – p.191-192;

dd. PROCESSOS AFETIVOS

"Menores são as dúvidas a que ficam sujeitas as outras fontes de **excitação sexual** na criança. É fácil demonstrar, tanto pela observação contemporânea quanto pela investigação posterior, que todos os processos afetivos mais intensos, inclusive as excitações assustadoras, propagam-se para **a sexualidade**, o que, aliás, pode contribuir para a compreensão do efeito patogênico de tais abalos anímicos." – p.192;

"Nos escolares, o pavor de fazer uma prova ou a tensão diante de uma tarefa difícil de solucionar podem ser importantes não só para seu relacionamento com a escola, mas também para a irrupção de **manifestações sexuais**, na medida em que, nessas circunstâncias, é muito frequente surgir uma sensação estimuladora que incita ao contato com a genitália, ou ainda um processo da natureza de uma polução, como todas as suas consequências desconcertantes." – p.192;

"O comportamento das crianças na escola, que propõe aos professores um número bastante grande de enigmas, merece, em geral, ser relacionado com o desabrochar de sua **sexualidade**. O **efeito sexualmente excitante de muitos afetos** que em si são desprazerosos, tais como a angústia, o medo ou o horror, conserva-se num grande número de seres humanos por toda a vida, e sem dúvida explica por que tantas pessoas correm atrás da oportunidade de vivenciar tais sensações, desde que haja apenas certas circunstâncias secundárias (a pertença a um mundo imaginário, à leitura ou ao teatro) para atenuar a gravidade da sensação desprazerosa." – p.192;

ee. TRABALHO INTELECTUAL

"Por fim, é inequívoco que a concentração da atenção numa tarefa intelectual, bem como o esforço intelectual em geral, têm por consequência produzir em muitas pessoas, tanto jovens quanto adultas, uma **excitação sexual concomitante**, o que por certo constitui a única base justificável para a tão duvidosa prática de derivar as perturbações nervosas do 'excesso de trabalho' intelectual." – p.193;

"Correndo agora os olhos por essas provas e indícios fornecidos sobre as **fontes da excitação sexual** infantil, e que não foram completos nem exaustivos, podemos vislumbrar ou reconhecer os seguintes traços universais: parece que as mais abundantes providências são tomadas para que o **processo da excitação sexual** – cuja natureza decerto se tornou bastante enigmática para nós – seja posto em andamento." – p.193;

"O elemento decisivo nessas **fontes de excitação sexual** é, sem dúvida, a qualidade do estímulo, embora o fator da intensidade (no caso da dor) não seja de todo indiferente. Além disso, porém, existem no organismo dispositivos cuja consequência é fazer com que a **excitação sexual** surja como um efeito concomitante num grande número de processos internos, tão logo a intensidade desses processos ultrapasse certos limites quantitativos. O que chamamos de **pulsões parciais da sexualidade** deriva diretamente dessas **fontes internas da excitação sexual**, ou então se compõe de contribuições vindas dessas fontes e das zonas erógenas. É possível que nada de maior importância ocorra no organismo sem fornecer seus componentes para a **excitação da pulsão sexual**." – p.193;

"Não me parece possível, no momento, trazer maior clareza e segurança a essas proposições gerais, e responsabilizo dois fatores por isso: primeiro, a novidade de todo o método de abordagem, e segundo, a circunstância de a **natureza da excitação sexual** ser-nos inteiramente desconhecida." – p.193-194;

ff. AS DIFERENTES CONSTITUIÇÕES SEXUAIS

"*(a)* Assim como antes vimos ser possível basear uma **multiplicidade de constituições sexuais inatas** na formação diferenciada das zonas erógenas, podemos agora experimentar a mesma coisa com a inclusão das **fontes indiretas de excitação sexual**. Podemos presumir que essas fontes façam contribuições em todos os indivíduos, mas não tenham em todas as pessoas a mesma intensidade, e que na **conformação privilegiada de cada fonte da excitação sexual** situe-se outra contribuição para diferenciar as **diversas constituições sexuais**." – p.194;

gg. VIAS DE INFLUÊNCIA RECÍPROCA

"*(b)* Se abandonarmos a expressão figurada a que nos apegamos por tanto tempo ao falar em **'fontes' da excitação sexual**, poderemos chegar à hipótese de que todas as vias de ligação que levam **à sexualidade**, vindo de outras funções, devem também ser percorríveis na direção inversa. Por exemplo, se o fato de a zona labial ser patrimônio comum de duas funções é a razão por que a **ingestão de alimentos gera uma satisfação sexual**, esse mesmo fator nos permite compreender que haja distúrbios na nutrição quando as funções erógenas da zona comum são perturbadas. E, uma vez, que sabemos que a **concentração de atenção é capaz de provocar excitação sexual**, somos levados a supor que, atuando pela mesma via só que em sentido inverso, o **estado de excitação sexual** pode influenciar a disponibilidade de atenção dirigível a algo. Boa parte da sintomatologia das neuroses, que deduzo das **perturbações nos processos sexuais**, expressa-se em **perturbações de outras funções não sexuais** do corpo; essa circunstância, até agora incompreensível, torna-se menos enigmática quando se considera que representa apenas a contrapartidada de influências sob as quais se dá a **produção da excitação sexual**." – p.194-195;

"Mas as mesmas vias pelas quais as **perturbações sexuais** se propagam para as outras funções do corpo devem também prestar, na saúde, um outro importante serviço. Por elas se daria a atração das **forças pulsionais da sexualidade** para outros **alvos não sexuais**, ou seja, **a sublimação da sexualidade**." – p.195;

3. TERCEIRO ENSAIO

a. AS TRANSFORMAÇÕES DA PUBERDADE

"Com a chegada da puberdade introduzem-se as mudanças que levam a **vida sexual infantil** a sua configuração normal definitiva. Até esse momento, a **pulsão sexual** era predominantemente autoerótica; agora, **encontra o objeto sexual**. Até ali, ela atuava partindo de pulsões e zonas erógenas distintas que, independendo umas das outras, buscavam um certo tipo de prazer como **alvo sexual exclusivo**. Agora, porém, surge um **novo alvo sexual** para cuja consecução todas as pulsões parciais se conjugam, enquanto as zonas erógenas subordinam-se ao primado da zona genital. Posto que o **novo alvo sexual** atribui aos dois sexos funções muito diferentes, o **desenvolvimento sexual** de ambos passa agora a divergir muito." – p.196;

"A **normalidade da vida sexual** só é assegurada pela exata convergência **das duas correntes dirigidas ao objeto sexual e à meta sexual: a de ternura e a sensual**. A primeira destas comporta em si o que resta da **primitiva eflorescência infantil da sexualidade**." – p.196;

"O **novo alvo sexual do homem** consiste na **descarga dos produtos sexuais**; o anterior – a obtenção do prazer – de modo algum lhe é estranho, mas antes, o mais alto grau de prazer se vincula a esse **ato último do processo sexual**. A **pulsão sexual** coloca-se agora a serviço da função reprodutora; torna-se altruísta, por assim dizer." – p.196;

"Todas as **perturbações patológicas da vida sexual** devem ser consideradas, justificadamente, como inibições do desenvolvimento." – p.196-197;

b. (1) O PRIMADO DAS ZONAS GENITAIS E O PRÉ-PRAZER

"Ao mesmo tempo, o desenvolvimento dos genitais internos avançou o bastante para que eles possam descarregar **produtos sexuais** ou, conforme o caso, recebê-los para promover a formação de um novo ser vivo. Assim ficou pronto um aparelho altamente complexo, à espera do momento em que será utilizado." – p.197;

"Pelos três caminhos provoca-se o mesmo efeito, ou seja, um estado que se designa como **'excitação sexual'** e que se exprime por dois tipos de sinais, anímicos e somáticos. O indício anímico consiste num sentimento peculiar de tensão, de caráter extremamente premente; entre os múltiplos indícios corporais situa-se, em primeiro lugar, uma série de alterações nos genitais, como o inequívoco sentido de serem disposições preliminares, **preparativos para o ato sexual** (a ereção do membro masculino e a umidificação da vagina)." – p.197;

c. TENSÃO SEXUAL

"O caráter de **tensão da excitação sexual** suscita um problema cuja solução é tão difícil quanto seria importante para a **compreensão dos processos sexuais**." – p.197;

"Mas, se a **tensão da excitação sexual** for computada como um sentimento de desprazer, esbarraremos no fato de que ela é inequivocamente experimentada como prazerosa. Sempre que é produzida por **processos sexuais**, a tensão faz-se acompanhar pelo prazer, até mesmo nas alterações preparatórias dos genitais evidencia-se uma espécie de satisfação." – p.198;

"Lancemos primeiramente um olhar para o modo como as zonas erógenas se encaixam na nova ordem. Sobre elas recai um papel importante na introdução da **excitação sexual**. O olho, talvez o ponto mais afastado do **objeto sexual**, é o que com mais frequência pode ser estimulado, na situação de cortejar um objeto, pela qualidade peculiar cuja causa no **objeto sexual** costuma ser chamada de 'beleza'. Daí se chamarem "atrativos" os **méritos do objeto sexual**. A essa estimulação já se liga, por um lado, um prazer, e pelo outro ela tem como consequência um aumento da **excitação sexual** ou a produção dela, caso ainda esteja faltando. Se a isso vem somar-se a excitação de outra zona erógena, por exemplo, a da mão que é tocada, o efeito é o mesmo: uma sensação de prazer, de um lado, que logo se intensifica pelo prazer proveniente das alterações preparatórias [da genitália], e, de outro, um **aumento da tensão sexual**, que logo se converte no mais evidente desprazer quando não lhe é permitido o acesso a um prazer ulterior." – p.198;

"Talvez mais transparente ainda seja um outro caso: por exemplo, quando se estimula por contato, numa **pessoa não excitada sexualmente**, uma dada zona erógena, digamos, a pele do seio de uma mulher. Esse contato logo provoca uma sensação prazerosa, mas, ao mesmo tempo, presta-se como nenhum outro para **despertar uma excitação sexual** que exige um aumento do prazer. O problema está justamente em saber como é que o prazer vivenciado pode despertar a necessidade de um prazer ainda maior." – p.198-199;

d. O MECANISMO DO PRÉ-PRAZER

"Ora, o papel desempenhado nisso pelas zonas erógenas é claro. O que vale para uma delas vale para todas. Elas são todas usadas para proporcionar, mediante sua estimulação apropriada, um certo aumento do prazer; este leva a um acréscimo de tensão que, por sua vez, tem de produzir **a energia motora necessária para levar a cabo o ato sexual**. A penúltima etapa desse ato, mais uma vez, é a estimulação apropriada de uma zona erógena (a própria zona genital, na glande peniana) pelo objeto mais adequado para isso (a mucosa da vagina); e do prazer gerado por essa excitação obtém-se, dessa vez por via reflexa, **a energia motora requerida para a expulsão das substâncias sexuais**." – p.199;

"Não me parece injustificável fixar através de uma denominação essa diferença de natureza entre o **prazer** advindo da excitação das zonas erógenas e o que é produzido pela **expulsão das substâncias sexuais**. O primeiro pode ser convenientemente designado de *pré-prazer*, em oposição ao *prazer final* ou **prazer de satisfação da atividade sexual**. O pré-prazer, portanto, é o mesmo que já pudera ser produzido, embora em menor escala, pela **pulsão sexual infantil**; o prazer final é novo e, portanto, provavelmente está ligado a condições que só surgem na

puberdade.” – p.199;

e. OS PERIGOS DO PRÉ-PRAZER

“**A ligação do pré-prazer com a vida sexual infantil**, entretanto, é corroborada pelo papel patogênico que pode competir a ele. Do mecanismo em que está incluído o pré-prazer pode resultar, evidentemente, um perigo para a consecução do **alvo sexual normal**, perigo este que surge quando, em algum ponto dos **processos sexuais preparatórios**, o pré-prazer se revela demasiadamente grande, e pequena demais sua contribuição para a tensão. Falta então a força pulsional para que o **processo sexual** seja levado adiante, todo o caminho se encurta, e a ação preparatória correspondente toma o lugar do **alvo sexual normal**.” – p.200;

“É dessa natureza, de fato, o mecanismo de muitas perversões, que consistem numa demora nos **atos preparatórios do processo sexual**.” – p.200;

“O **malogro da função do mecanismo sexual por culpa do pré-prazer** é mais facilmente evitado quando, já na vida infantil, pronuncia-se igualmente o primado das zonas genitais.” – p.200

“Durante esses anos, as zonas genitais já se comportam de maneira semelhante à da maturidade: convertem-se na sede de sensações de excitação e alterações preparatórias sempre que se sente algum prazer pela satisfação de outras zonas erógenas, embora esse efeito continue desprovido de finalidade, ou seja, não contribua em nada para o prosseguimento do **processo sexual**. Já na infância, portanto, junto ao prazer de satisfação, surge uma certa dose de **tensão sexual**, se bem que menos constante e menos profusa, e agora podemos entender por que, ao discutir as **fontes da sexualidade**, foi-nos igualmente lícito dizer que o processo em questão provocava, quer uma **satisfação sexual**, quer uma **excitação sexual**. Observe-se que, no percurso para o conhecimento, começamos por fazer uma ideia muito exagerada da diferença entre a **vida sexual infantil e a madura**, e agora fazemos uma emenda a isso. Não só os **desvios da vida sexual normal**, como também a configuração normal desta são determinados pelas **manifestações infantis da sexualidade**.” – p.200-201;

f. (2) O PROBLEMA DA EXCITAÇÃO SEXUAL

“Ficaram-nos ainda inteiramente por esclarecer tanto a origem quanto a **natureza da tensão sexual** que surge simultaneamente com o prazer ao serem satisfeitas as zonas erógenas. A suposição mais óbvia, ou seja, a de que essa tensão brota de algum modo do próprio prazer, não só é muito improvável em si, como fica também anulada ao considerarmos que, no prazer máximo, o que se vincula à **descarga dos produtos sexuais**, não se produz tensão alguma, porém, ao contrário, toda a tensão é abolida. Assim, **prazer e tensão sexual** só podem estar relacionados de maneira indireta.” – p.201;

g. O PAPEL DAS SUBSTÂNCIAS SEXUAIS

“À parte o fato de que, normalmente, só a **descarga das substâncias sexuais põe fim à excitação sexual**, temos ainda outros pontos de referência para **relacionar a tensão sexual**

com os produtos sexuais. Numa vida de continência, o **aparelho sexual costuma livrar-se das substâncias sexuais durante a noite**, a intervalos variáveis, mas não desordenados, com uma sensação de prazer e no curso da **alucinação onírica de um ato sexual**. No tocante a esse processo – a polução noturna –, é difícil evitar a concepção de que a **tensão sexual**, que sabe descobrir o atalho alucinatório como substituto do ato em si, é uma função da acumulação de **sêmen nos reservatórios de produtos sexuais**. Depõem no mesmo sentido as experiências feitas sobre o **caráter esgotável do mecanismo sexual**. Quando se esgota a reserva de sêmen, não só a **execução do ato sexual** é impossível, como também cessa a estimulabilidade das zonas erógenas, cuja excitação já não é capaz de provocar nenhum prazer. Assim nos inteiramos, de passagem, de que certa dose de **tensão sexual é necessária até mesmo para a excitabilidade das zonas erógenas**." – p.201-202;

"Somos assim levados ao que, se não estou equivocado, é a hipótese bastante difundida de que a **acumulação das substâncias sexuais cria e mantém a tensão sexual**; isso talvez se deva à pressão desses produtos nas paredes de seus receptáculos, que atuariam como um estímulo num centro medular cujo estado seria percebido pelos centros superiores e geraria, na consciência, a conhecida sensação de tensão. Se **a excitação das zonas erógenas aumenta a tensão sexual**, isso só poderia acontecer pressupondo-se que elas tenham uma ligação anatômica prefigurada com esses centros, elevem o tônus de excitação neles e, sendo suficiente a tensão, **ponham em marcha o ato sexual**, ou, sendo ela insuficiente, estimulem a **produção das substâncias sexuais**." – p.202;

"Os pontos fracos dessa doutrina, que vemos aceita, por exemplo, na exposição de Krafft-Ebing sobre os **processos sexuais**, residem em que, tendo sido criada para explicar a **atividade sexual** do homem adulto, ela pouco leva em conta três situações cujo esclarecimento deveria igualmente proporcionar. São elas as situações das crianças, das mulheres e dos homens castrados. Em nenhum desses três casos é possível falar numa acumulação de **produtos sexuais** no mesmo sentido que no homem, o que dificulta uma aplicação uniforme desse esquema; todavia, cabe admitir desde logo que seria possível encontrar meios pelos quais também esses casos lhe ficariam subordinados. De qualquer modo, persiste a advertência de que não devemos imputar ao fator da **acumulação de produtos sexuais** realizações de que ele não parece capaz." – p.202;

h. APRECIAÇÃO DOS ÓRGÃOS SEXUAIS INTERNOS

"As observações feitas em homens castrados parecem mostrar que **a excitação sexual pode independer em grau considerável da produção de substâncias sexuais**." – p.202;

"Além disso, há muito se sabe que as doenças que eliminam **a produção de células sexuais masculinas** deixam intactas a libido e a potência do indivíduo agora estéril. Portanto, de modo algum é tão assombroso quanto o considera Rieger [...] que **a perda das glândulas sexuais masculinas na maturidade** possa não ter maior influência no comportamento anímico do indivíduo. É certo que a castração praticada em idade precoce, antes da puberdade, aproxima-se, em seu efeito, do objetivo de suprimir os **caracteres sexuais**, embora aqui, além da perda das **glândulas sexuais** em si, também possa entrar em jogo uma inibição do desenvolvimento de outros fatores, vinculada a essa perda." – p.202-203;

i. TEORIA QUÍMICA

"As experiências feitas com a extirpação das gônadas (testículos e ovários) de animais, bem como o correspondente reimplante desses órgãos **em vertebrados do sexo oposto, finalmente lançaram uma luz parcial sobre a origem da excitação sexual** e, com isso, **reduziram ainda mais a importância da eventual acumulação de produtos celulares sexuais**. Tornou-se possível o experimento (E. Steinach) de transformar um macho numa fêmea e, inversamente, uma fêmea num macho, processo em que **a conduta psicossexual dos animais se altera de acordo com os caracteres sexuais somáticos** e ao mesmo tempo que eles. Mas essa influência determinante do sexo não deve ser atribuída à participação das gônadas que produz **as células sexuais específicas (espermatozoides e óvulo)**, mas sim a seu tecido intersticial, que por isso tem sido destacado pelos autores como 'glândula da puberdade'. É muito possível que as investigações posteriores venham a revelar que essa glândula da puberdade tem normalmente uma disposição hermafrodita, com o que ficaria anatomicamente fundamentada **a doutrina da bissexualidade dos animais superiores**; e já é provável que essa glândula não seja o único órgão relacionado com a **produção da excitação sexual e dos caracteres sexuais**. De qualquer modo, essa nova descoberta biológica ajusta-se ao que já verificamos antes sobre o papel da **glândula tireoide na sexualidade**. Assim, estamos autorizados a supor que na porção intersticial das gônadas produzem-se substâncias químicas especiais que, absorvidas na corrente sanguínea, carregam de **tensão sexual** determinadas partes do sistema nervoso central." – p.203-204;

"Quanto ao **modo como a excitação sexual é gerada** pela estimulação das zonas erógenas, uma vez carregado o aparelho central, e às interações surgidas no curso desses **processos sexuais** entre os efeitos dos estímulos puramente tóxicos e os dos fisiológicos, isso ainda só pode ser tratado hipoteticamente e não constitui tarefa oportuna aqui. Basta que nos atenhamos, como o essencial nessa **concepção dos processos sexuais**, à hipótese de que existem **substâncias peculiares provenientes do metabolismo sexual**." – p.204;

"**As neuroses, que só podem ser atribuídas a perturbações na vida sexual**, mostram a mais extrema semelhança clínica com os fenômenos de intoxicação e abstinência decorrentes do uso habitual de substâncias tóxicas produtoras de prazer (alcaloides)." – p.204-205;

j. (3) A TEORIA DA LIBIDO

"Combinam bem com essas hipóteses sobre **a base química da excitação sexual** as noções de que nos valemos para procurar dominar as **manifestações psíquicas da vida sexual**. Estabelecemos o conceito da *libido* como uma força quantitativamente variável que poderia **medir os processos e transformações ocorrentes no âmbito da excitação sexual**. Diferenciamos essa libido, no tocante a sua origem particular, da energia que se supõe subjacente aos processos anímicos em geral, e assim lhe conferimos também um caráter qualitativo. Ao separar a energia libidinosa de outras formas de energia psíquica, damos expressão à premissa de que **os processos sexuais do organismo diferenciam-se** dos processos de nutrição por uma química especial. A análise das perversões e das psiconeuroses levou-nos à compreensão de que **essa excitação sexual é fornecida não só pelas chamadas partes sexuais, mas por todos os órgãos do corpo**. Chegamos assim à representação [*Vorstellung*] de um *quantum* de libido a cujo substituto [*Vertretung*] psíquico damos o nome de *libido do*

ego, e cuja produção, aumento ou diminuição, distribuição e deslocamento devem fornecer-nos possibilidades de explicar os **fenômenos psicossexuais** observados." – p.205;

"Essa libido do ego, no entanto, só é convenientemente acessível ao estudo analítico depois de ter sido psiquicamente empregada para investir os **objetos sexuais**, ou seja, quando se converteu em *libido do objeto*. Vemo-la então concentrar-se nos objetos, fixar-se neles ou abandoná-los, passar de uns para outros e, partindo dessas posições, **nortear no indivíduo a atividade sexual que leva à satisfação**, ou seja, à extinção parcial e temporária da libido." – p.205-206;

"**A distinção entre as moções pulsionais sexuais e as restantes**, e, portanto, a restrição do conceito de libido às primeiras, encontra forte apoio na hipótese já discutida de **uma química particular da função sexual**." – p.207

k. (4) DIFERENCIAÇÃO ENTRE O HOMEM E A MULHER

"É certo que já na infância se reconhecem bem as disposições masculinas e femininas; **o desenvolvimento das inibições da sexualidade (vergonha, nojo, compaixão etc.)** ocorre nas garotinhas mais cedo e com menor resistência do que nos meninos; nelas, em geral, a **tendência ao recalcamento sexual parece maior**, e quando se tornam visíveis **as pulsões parciais da sexualidade**, elas preferem a forma passiva." – p.207;

"Mas a atividade autoerótica das zonas erógenas é idêntica em ambos os sexos, **e essa conformidade suprime na infância a possibilidade de uma diferenciação sexual como a que se estabelece depois da puberdade**. Com respeito às **manifestações autoeróticas e masturbatórias da sexualidade**, poder-se-ia formular **a tese de que a sexualidade das meninas tem um caráter inteiramente masculino**." – p.207;

"Desde que me familiarizei com **a noção de bissexualidade**, passei a considerá-la como o fator decisivo e penso que, sem levá-la em conta, dificilmente se poderá chegar a uma compreensão das **manifestações sexuais efetivamente no homem e na mulher**." – p.208;

l. ZONAS DOMINANTES NO HOMEM E NA MULHER

"Tudo o que pude averiguar pela experiência sobre a masturbação nas meninas relacionou-se com o clitóris, e não com as partes da genitália externa que são **posteriormente significativas para as funções sexuais**." – p.208;

"**As descargas espontâneas de excitação sexual**, tão corriqueiras justamente na menina pequena, expressam-se em contrações do clitóris, e as frequentes ereções deste órgão facultam à menina formular um juízo acertado, mesmo sem nenhuma instrução, sobre as **manifestações sexuais do sexo oposto**: ela meramente **transfere para os meninos as sensações de seus próprios processos sexuais**." – p.208;

"Quando se quer compreender a transformação da menina em mulher, é preciso acompanhar as vicissitudes posteriores dessa excitabilidade do clitóris. A puberdade, que no menino traz um avanço tão grande da libido, distingue-se, na menina, por uma **nova onda de recalcamento que afeta justamente a sexualidade do clitóris**. O que assim sucumbe ao recalcamento é uma parcela de **sexualidade masculina**." – p.208;

"**O reforço das inibições sexuais criado por esse recalcamento da puberdade na mulher fornece então um estímulo à libido do homem**, e obriga a um aumento de sua atividade; com essa intensificação da libido **aumenta também a supervalorização sexual**, que só aparece plenamente diante da mulher que recusa, **que renega sua sexualidade**. Quando enfim **o ato sexual** é permitido, o próprio clitóris é excitado e compete a ele o papel de retransmitir essa excitação para as partes femininas vizinhas, assim como as lascas de lenha resinosa podem ser aproveitadas para atear fogo a um pedaço de lenha mais dura." – p.208-209;

"Quando a mulher transfere a excitabilidade erógena do clitóris para a vagina, ela muda a zona dominante para **sua atividade sexual posterior**, ao passo que o homem conserva a dele desde a infância." – p.209;

m. (5) O ENCONTRO DO OBJETO

"Durante os processos da puberdade firma-se o primado das zonas genitais e, no homem, o ímpeto do membro agora capaz de ereção remete imperiosamente para o **novo alvo sexual**: a penetração numa cavidade do corpo que excite sua zona genital." – p.209-210;

"Na época em que a mais **primitiva satisfação sexual** estava ainda vinculada à nutrição, **a pulsão sexual** tinha um objeto fora do corpo próprio, no seio materno." – p.210;

"Em geral, **a pulsão sexual** torna-se autoerótica, e só depois de superado o período de latência é que se restabelece a relação originária." – p.210;

n. O OBJETO SEXUAL NA FASE DE AMAMENTAÇÃO

"Todavia, desses primeiros e mais importantes de todos os **vínculos sexuais**, resta, mesmo depois que **a atividade sexual** se separa da nutrição, uma parcela significativa que ajuda a preparar a escolha do objeto e, dessa maneira, restaurar a felicidade perdida. Durante todo o período de latência a criança aprende a *amar* outras pessoas que a ajudam em seu desamparo e satisfazem suas necessidades, e o faz segundo o modelo de sua relação de lactente com a ama e dando continuidade a ele. Talvez se queira contestar **a identificação do amor sexual** com os sentimentos ternos e a estima da criança pelas pessoas que cuidam dela, mas penso que uma investigação psicológica mais rigorosa permitirá estabelecer essa identidade acima de qualquer dúvida." – p.210;

"O trato da criança com a pessoa que a assiste é, para ela, uma **fonte incessante de excitação e satisfação sexuais vindas das zonas erógenas**, ainda mais que essa pessoa – usualmente, a

mãe – contempla a criança com os **sentimentos derivados de sua própria vida sexua**l: ela a acaricia, beija e embala, e é perfeitamente claro que a trata como **o substituto de um objeto sexual** plenamente legítimo. A mãe provavelmente se horrorizaria se lhe fosse esclarecido que, com todas as suas expressões de ternura, ela está **despertando a pulsão sexual de seu filho** e preparando a intensidade posterior desta. Ela considera seu procedimento como um **amor 'puro', assexual**, já que evita cuidadosamente levar aos genitais da criança mais excitações do que as inevitáveis no cuidado com o corpo. **Mas a pulsão sexual**, como bem sabemos, não é despertada apenas pela excitação da zona genital; aquilo a que chamamos ternura um dia exercerá seus efeitos, infalivelmente, também sobre as zonas genitais." – p.210-211;

"Quando ensina seu filho a amar, está apenas cumprindo sua tarefa; afinal, ele deve transformar-se num ser humano capaz, **dotado de uma vigorosa necessidade sexual**, e que possa realizar em sua vida tudo aquilo a que os seres humanos são impelidos pela pulsão. É verdade que o excesso de ternura por parte dos pais torna-se pernicioso, na medida em que **acelera a maturidade sexual** e também, "mimando" a criança, torna-a incapaz de renunciar temporariamente ao amor em épocas posteriores da vida, ou de se contentar com menor dose dele." – p.211;

o. ANGÚSTIA INFANTIL

"As próprias crianças se comportam, desde cedo, como se sua **afeição pelas pessoas que a assistem fosse da natureza do amor sexual**. A angústia das crianças não é, originariamente, nada além da expressão da falta que sentem da pessoa amada; por isso elas se angustiam diante de qualquer estranho; temem a escuridão porque, nesta, não veem a pessoa amada, e se deixam acalmar quando podem segurar-lhe a mão na obscuridade." – p.211-212;

"Só as crianças propensas ao estado de angústia é que acolhem essas histórias, que em outras não causam nenhuma impressão; e só **tendem ao estado de angústia as crianças com uma pulsão sexual desmedida**, ou prematuramente desenvolvida, ou que se tornou muito exigente em função dos mimos excessivos." – p.212;

p. A BARREIRA DO INCESTO

"Quando a ternura dos pais pelo filho é bem-sucedida em evitar que a pulsão seja prematuramente despertada nele, ou seja, antes que se deem as condições somáticas da puberdade, e despertada com tal força que a excitação anímica irrompa de maneira inconfundível no sistema genital, essa ternura pode cumprir sua tarefa de orientar esse filho, na maturidade, em sua **escolha do objeto sexual**. Sem dúvida, o **caminho mais curto para o filho seria escolher como objetos sexuais** as mesmas pessoas a quem ama, desde a infância, com uma libido, digamos, amortecida. Com o **adiamento da maturação sexual**, entretanto, ganhou-se tempo para erigir, junto a outros **entraves à sexualidade**, a barreira do incesto, para que assim se integrem os preceitos morais que excluem expressamente da escolha objetal, na qualidade de parentes consanguíneos, as pessoas amadas na infância" – p.212-213;

"Mas é na [esfera da] representação que se consuma inicialmente **a escolha do objeto, e a vida sexual do jovem** em processo de amadurecimento não dispõe de outro espaço que não o das

fantasias, ou seja, o das representações não destinadas a concretizar-se. Nessas fantasias, as inclinações infantis voltam a emergir em todos os seres humanos, agora reforçadas pela premência somática, e entre elas, com frequência uniforme e em primeiro lugar, **o impulso sexual** da criança em direção aos pais, quase sempre já diferenciado através da atração pelo sexo oposto: a do filho pela mãe e a da filha pelo pai." – p.213-214;

"Tornam-se esposas frias e permanecem **sexualmente anestesiadas**. Com isso se aprende que **o amor sexual e o que parece ser um amor não sexual pelos pais** alimentam-se das mesmas fontes, ou seja, o segundo corresponde apenas a uma fixação infantil da libido." – p.214-215;

"Quanto mais perto se chega das **perturbações mais profundas do desenvolvimento psicossexual**, mais se destaca, de maneira inequívoca, a importância da escolha objetal incestuosa. Nos psiconeuróticos, grande parte da **atividade psicossexual destinada ao encontro do objeto**, ou a totalidade dela, permanece no inconsciente, em decorrência de seu **repúdio da sexualidade**. Para as moças com uma necessidade exagerada de ternura e um horror igualmente desmedido **às exigências reais da vida sexual**, torna-se uma tentação irresistível, por um lado, realizar em sua vida **o ideal do amor assexual**, e por outro, ocultar sua libido por trás de uma ternura que possam expressar sem autorrecriminações, agarrando-se por toda a vida a sua inclinação infantil, renovada na puberdade, para os pais ou irmãos." – p.215;

q. AS REPERCUSSÕES DA ESCOLHA OBJETAL INFANTIL

"Em vista dessa importância do relacionamento infantil com os pais para a **escolha posterior do objeto sexual**, é fácil compreender que qualquer perturbação desse relacionamento terá as mais graves **consequências para a vida sexual na maturidade**; também ao ciúme dos amantes nunca falta uma raiz infantil, ou pelo menos um reforço infantil. **As desavenças entre os pais** ou seu casamento infeliz condicionam a mais grave predisposição para **o desenvolvimento sexual perturbado ou o adoecimento neurótico dos filhos**." – p.216;

"A afeição infantil pelos pais é sem dúvida o mais importante, embora não o único, dos vestígios que, reavivados na puberdade, apontam o caminho para a escolha do objeto. Outros rudimentos com essa mesma origem permitem ao homem, sempre apoiado em sua infância, desenvolver mais de uma ***orientação sexual*** e criar condições muito diversificadas para sua escolha objetal." – p.216;

r. PREVENÇÃO DA INVERSÃO

"A grande força que repele a inversão permanente do **objeto sexual** é, sem dúvida, a **atração que os caracteres sexuais opostos exercem entre si**; no contexto desta discussão, nada podemos dizer para esclarecê-la. Mas esse fator não basta, por si só, para excluir a inversão; diversos outros fatores auxiliares vêm juntar-se a ele. Acima de tudo, há o entrave autoritário da sociedade; quando a inversão não é considerada um crime, vê-se que ela **responde plenamente às inclinações sexuais de um número nada pequeno de indivíduos**. Pode-se ainda presumir, no tocante ao homem, que sua lembrança infantil de ternura da mãe e de outras pessoas do sexo feminino a quem ficava entregue quando criança contribui energicamente para nortear sua escolha para a mulher, ao passo que a **intimidação sexual precoce** que

experimentou por parte do pai e sua atitude competitiva com relação a ele desvia-o de seu próprio sexo. Mas ambos os fatores aplicam-se também à menina, cuja **atividade sexual** fica sob a guarda especial da mãe. Daí resulta uma relação hostil com o mesmo sexo, que influencia decisivamente a escolha do objeto no sentido considerado normal. A educação dos meninos por pessoas do sexo masculino (pelos escravos, na antiguidade) parece favorecer **o homossexualismo**; a frequência da inversão na aristocracia de hoje torna-se um pouco mais inteligível diante de seu emprego de criados do sexo masculino, bem como pelos maiores cuidados pessoais que a mãe dedica aos filhos." – p.216-217;

"Em muitos histéricos, vê-se que a ausência precoce de um dos pais (por morte, divórcio ou separação), em função da qual o remanescente absorveu a totalidade do amor da criança, foi o determinante do sexo da pessoa posteriormente **escolhida como objeto sexual**, com isso possibilitando-se a inversão permanente." – p.217;

4. RESUMO

"Partimos das **aberrações da pulsão sexual** com respeito a seu objeto e seu alvo, e deparamos com a questão de saber se elas provêm de uma disposição inata ou são adquiridas como resultado das influências da vida. A resposta a essa pergunta nos veio da compreensão, mediante a investigação psicanalítica, das **condições da pulsão sexual nos psiconeuróticos**, um grupo humano numeroso que não fica longe dos sadios." – p.218;

"Diante da ampla disseminação das tendências perversas, agora reconhecidas, fomos impelidos ao ponto de vista de que a disposição para as perversões é a **disposição originária universal da pulsão sexual humana**, e de que a partir dela, em consequência de modificações orgânicas e inibições psíquicas no decorrer da maturação, desenvolve-se **o comportamento sexual normal**. Alimentamos a esperança de poder apontar na infância essa disposição originária; entre as forças que restringem a **orientação da pulsão sexual** destacamos a vergonha, o asco, a compaixão e as construções sociais da moral e da autoridade. Assim, tivemos de ver em cada **aberração fixa da vida sexual normal** um fragmento de inibição do desenvolvimento e infantilismo." – p.218;

"Embora tenha sido necessário situar em primeiro plano a importância das variações da disposição originária, tivemos de supor entre elas e as influências da vida uma relação de cooperação, e não de antagonismo. Por outro lado, já que a disposição originária é necessariamente complexa, pareceu-nos que a própria **pulsão sexua**l seria algo composto de diversos fatores e que, nas perversões, como que se desfaria em seus componentes. Com isso, as perversões se revelaram, de um lado, como inibições do desenvolvimento normal, e de outro, como dissociações dele. Essas duas concepções foram reunidas na hipótese de que **a pulsão sexual do adulto** nasce mediante a conjugação de diversas moções da vida infantil numa unidade, numa aspiração com um alvo único." – p.218;

"Juntamos a isso o esclarecimento da preponderância das inclinações perversas nos psiconeuróticos, na medida em que a reconhecemos como o enchimento colateral de canais secundários em função do bloqueio do leito principal [**da corrente sexual**] pelo 'recalcamento',

e passamos então ao **exame da vida sexual na infância**. Pareceu-nos lamentável que se negasse **a existência da pulsão sexual na infância** e que as **manifestações sexuais** não raro observadas nas crianças fossem descritas como acontecimentos que fogem à regra. Pareceu-nos, ao contrário, que a criança traz consigo ao mundo **germes de atividade sexual** e que, já ao se alimentar, **goza de uma satisfação sexual** que então busca reiteradamente proporcionar-se através da conhecida atividade de 'chuchar'. Todavia, **a atividade sexual da criança** não se desenvolve no mesmo passo que as demais funções, mas sim, após um breve período de florescência entre os dois e os cinco anos, entra no chamado período de latência. Neste, **a produção de excitação sexual** de modo algum é suspensa, mas continua e oferece uma **provisão de energia que é empregada, em sua maior parte, para outras finalidades que não as sexuais**, ou seja, de um lado, para contribuir com os **componentes sexuais para os sentimentos sociais,** e de outro (através do relacionamento e da formação reativa), para **construir as barreiras posteriores contra a sexualidade**. Assim se construiriam na infância, à custa de grande parte das **moções sexuais perversas** e com a ajuda da educação, as forças destinadas a manter a **pulsão sexual** em certos rumos." – p.218-219;

"Outra parte das **moções sexuais infantis** escapa a esses empregos e consegue expressar-se como **atividade sexual**. Pudemos então verificar que **a excitação sexual da criança** provém de uma multiplicidade de fontes." – p.219;

"Além disso, **a excitação sexual** parece surgir como um subproduto, por assim dizer, de um grande número de processos que ocorrem no organismo, tão logo eles alcançam certa intensidade, e muito especialmente, de todas as comoções mais fortes, ainda que de natureza penosa. As excitações de todas essas fontes ainda não estão conjugadas, cada qual seguindo separadamente seu alvo, que é meramente a obtenção de certo prazer. Na infância, portanto, a **pulsão sexual** *não está centrada* e é, a princípio, desprovida de objeto, ou seja, *autoerótica*." – p.219-220;

"Ainda durante a infância começa a fazer-se notar a zona erógena da genitália, seja porque, como qualquer outra zona erógena, ela produz satisfação mediante a estimulação sensorial apropriada, seja porque, de um modo não inteiramente inteligível, havendo uma satisfação proveniente de outras fontes, produz-se ao mesmo tempo uma **excitação sexual que mantém uma relação particular com a zona genital**. Temos de admitir com pesar que não se chegou a um esclarecimento suficiente das **relações entre a satisfação sexual e a excitação sexual**, como também entre a atividade da zona genital e a das demais **fontes da sexualidade**." – p.220;

"Pelo estudo dos distúrbios neuróticos, observamos que é possível identificar na **vida sexual infantil**, desde seus primórdios, os rudimentos de uma **organização dos componentes sexuais da pulsão**. Numa primeira fase, muito precoce, o *erotismo oral* fica em primeiro plano; uma segunda dessas organizações '*pré-genitais*' caracteriza-se pela predominância do sadismo e do *erotismo anal*; somente numa terceira fase (desenvolvida na criança apenas até a primazia do falo) é que a **vida sexual** passa a ser determinada pela contribuição das zonas genitais propriamente ditas." – p.220;

"Tivemos então de registrar, como uma de nossas mais surpreendentes descobertas, que essa eflorescência precoce da **vida sexual infantil** (dos dois aos cinco anos) também acarreta uma escolha objetal, com toda a riqueza das realizações anímicas que isso implica, de modo que a fase correspondente e ligada a ela, apesar da falta de síntese entre os componentes pulsionais isolados e da incerteza do **alvo sexual**, deve ser apreciada como uma **importante precursora da posterior organização sexual definitiva**." – p.220;

"**A *instauração bitemporal* do desenvolvimento sexual nos seres humanos**, ou seja, sua interrupção pelo período de latência, pareceu-nos digna de uma atenção especial. Ela se afigura como uma das condições da aptidão do homem para o desenvolvimento de uma cultura superior, mas também de sua tendência à neurose. Ao que saibamos, nada de análogo é demonstrável entre os parentes animais do homem. A origem dessa peculiaridade humana deveria ser buscada na proto-história da espécie." – p.220-221;

"Não pudemos dizer que medida de **atividade sexual na infância** poderia ainda ser descrita como normal, como não perniciosa para o desenvolvimento ulterior. **O caráter dessas manifestações sexuais** revelou-se predominantemente masturbatório. A experiência permitiu-nos ainda comprovar que as influências externas da sedução podem provocar rompimentos prematuros da latência e até a supressão dela, e que, nesse aspecto, **a pulsão sexual da criança** comprova ser, de fato, perverso-polimorfa; comprovamos ainda que tal **atividade sexual prematura** prejudica a educabilidade da criança." – p.221;

"Apesar das lacunas em nossos **conhecimentos da vida sexual infantil**, foi-nos então preciso fazer uma tentativa de estudar as transformações sobrevindas com a chegada da puberdade. Destacamos duas delas como decisivas: a subordinação de todas as outras **fontes de excitação sexual** ao primado das zonas genitais e o processo do encontro do objeto. Ambos já estão prefigurados na vida infantil. A primeira consuma-se pelo mecanismo de exploração do pré-prazer: **os atos sexuais** outrora autônomos, ligados ao prazer e à excitação, convertem-se em atos preparatórios do **novo alvo sexual** (**a descarga dos produtos sexuais**), cuja consecução, acompanhada de enorme prazer, põe termo à **excitação sexual**. Nesse aspecto, havíamos levado em conta a **diferenciação dos seres sexuados em masculino e feminino** e descobrimos que, no tornar-se mulher, faz-se necessário um novo recalcamento, que suprime parte da masculinidade infantil e prepara a mulher para a troca da zona genital dominante. Por fim, descobrimos que a escolha objetal é guiada pelos indícios infantis, renovados na puberdade, da **inclinação sexual da criança** pelos pais e por outras pessoas que cuidam dela, e que, desviada dessas pessoas pela barreira do incesto erigida nesse meio-tempo, orienta-se para outras que se assemelhem a elas." – p.221;

a. FATORES QUE PERTURBAM O DESENVOLVIMENTO

"Cada passo nesse longo percurso de desenvolvimento pode transformar-se num ponto de fixação, cada ponto de articulação nessa complexa montagem pode ensejar a **dissociação da pulsão sexual**, como já discutimos em diversos exemplos." – p.222;

b. CONSTITUIÇÃO E HEREDITARIEDADE

"Em primeiro lugar, cabe mencionar aqui **a *diversidade* inata *da constituição sexual***, em que provavelmente recai o peso principal, mas que, como é compreensível, só pode ser deduzida de suas manifestações posteriores e, mesmo assim, nem sempre com grande certeza. Concebemos essa diversidade como uma preponderância desta ou daquela das múltiplas **fontes de excitação sexual**, e cremos que tal diferença entre as disposições deve expressar-se de alguma maneira no resultado final, mesmo que este se mantenha dentro das fronteiras da normalidade. Sem dúvida é concebível que haja também variações na disposição originária que levem necessariamente, e sem a ajuda de outros fatores, à **configuração de uma vida sexual anormal**." – p.222;

"Em mais da metade dos casos de histeria, neurose obsessiva etc. que tive em tratamento psicoterapêutico, pude demonstrar com certeza que o pai sofrera de sífilis antes do casamento, quer se tratasse de tabes ou paralisia progressiva, quer a doença luética fosse indicada de algum outro modo pela anamnese. Quero observar expressamente que as crianças posteriormente neuróticas não traziam em si nenhum sinal físico de sífilis hereditária, de modo que justamente sua **constituição sexual anormal** é que devia ser considerada como a última ramificação de sua herança sifilítica. Embora eu esteja longe de afirmar que a descendência de pais sifilíticos é a condição etiológica invariável ou imprescindível da constituição neuropática, não creio que a coincidência por mim observada seja acidental ou sem importância." – p.222-223;

c. ELABORAÇÃO ULTERIOR

"Por outro lado, não se pode defender o ponto de vista de que a **conformação da vida sexual** ficaria inequivocamente determinada com a instauração dos diversos **componentes da constituição sexual**. Ao contrário, o processo de determinação prossegue e surgem outras possibilidades, conforme as vicissitudes por que passam as **correntes tributárias das sexualidades provenientes das diversas fontes**." – p.223;

"[1] Quando todas as disposições se mantêm em sua proporção relativa, considerada anormal, e são reforçadas com o amadurecimento, o desfecho só pode ser uma **vida sexual perversa**. A análise dessas disposições constitucionais anormais ainda não foi devidamente empreendida, mas já conhecemos casos facilmente explicáveis mediante tais hipóteses. Os autores opinam, por exemplo, que toda uma série de perversões por fixação teria como precondição necessária uma **debilidade inata da pulsão sexual**. Expressa nessa forma, tal colocação me parece insustentável, mas ela passa a fazer sentido quando se pensa numa debilidade constitucional de determinado **fator da pulsão sexual**, qual seja, a zona genital, zona esta que assume posteriormente a função de conjugar num todo cada uma das **atividades sexuais isoladas**, tendo por alvo a reprodução. [Quando a zona genital é fraca,] essa conjugação exigida na puberdade está fadada a fracassar, e o mais forte dentre os demais **componentes da sexualidade** impõe sua prática como uma perversão." – p.223-224;

d. RECALCAMENTO

"[2] Produz-se um desfecho diferente quando, no curso do desenvolvimento, alguns componentes que tinham força excessiva na disposição passam pelo processo de recalcamento, sobre o qual devemos insistir em que não é equivalente a uma supressão. Nesse caso, as excitações correspondentes continuam a ser produzidas como antes, mas são impedidas por um obstáculo psíquico de atingir seu alvo e empurradas para muitos outros caminhos, até que se

consigam expressar como sintomas. O resultado pode aproximar-se de uma **vida sexual normal** – restrita, na maioria das vezes –, mas complementada pela doença psiconeurótica. São justamente esses os casos que se tornaram familiares para nós através da investigação psicanalítica dos neuróticos. A **vida sexual** dessas pessoas começa como a dos perversos, e toda uma parte de sua infância é ocupada por uma **atividade sexual perversa**, que ocasionalmente se estende para além da maturidade." – p.224;

e. SUBLIMAÇÃO

"[3] O terceiro desfecho da disposição constitucional anormal é possibilitado pelo processo de '*sublimação*', no qual as excitações hiperintensas provenientes das **diversas fontes da sexualidade** encontram escoamento e emprego em outros campos, de modo que de uma disposição em si perigosa resulta um aumento nada insignificante da eficiência psíquica." – p.225;

"Aquilo a que chamamos 'caráter' de um homem constrói-se, numa boa medida, a partir do **material das excitações sexuais**, e se compõe de pulsões fixadas desde a infância, de outras obtidas por sublimação, e de construções destinadas ao refreamento eficaz de moções perversas reconhecidas como inutilizáveis. Por conseguinte, **a disposição sexual universalmente perversa da infância** pode ser considerada como a fonte de uma série de nossas virtudes, na medida em que, através da formação reativa, impulsiona a criação delas." – p.225;

f. EXPERIÊNCIAS ACIDENTAIS

"Comparadas às **descargas sexuais**, às ondas de recalcamento e às sublimações (sendo inteiramente desconhecidas para nós as condições internas destes dois últimos processos), todas as outras influências parecem bem menos importantes. Quem incluir os recalcamentos e sublimações na disposição constitucional e encará-los como manifestações vitais desta poderá afirmar, justificadamente, que a conformação final da **vida sexual** resulta, acima de tudo, da constituição inata." – p.226;

"A série etiológica única decompõe-se então em duas, que podem ser chamadas de *disposicional* e *definitiva*. Na primeira, a constituição e as vivências acidentais da infância interagem da mesma maneira que, na segunda, a disposição e as vivências traumáticas posteriores. Todos os **fatores nocivos ao desenvolvimento sexual** externam seu efeito promovendo uma regressão, um retorno a uma fase anterior do desenvolvimento.

Prossigamos agora em nossa tarefa de enumerar os fatores que verificamos serem influentes no **desenvolvimento sexual**, quer representem forças eficazes ou meras manifestações delas." – p.226-227;

g. PRECOCIDADE

"Um desses fatores é a ***precocidade* sexual espontânea**, demonstrável com certeza pelo menos na etiologia das neuroses, muito embora, tal como outros fatores, não seja por si só uma causa suficiente. Manifesta-se na interrupção, encurtamento ou encerramento do período infantil de latência, e converte-se em causa de perturbações por ocasionar manifestações sexuais que, pelo estado incompleto das inibições sexuais, de um lado, e por ainda não estar desenvolvido o

sistema genital, de outro, só podem trazer em si o caráter de perversões.” – p.227;

“De qualquer modo, **a precocidade sexual** dificulta o desejável **domínio posterior da pulsão sexual pelas instâncias anímicas superiores**, e aumenta o caráter compulsivo que, à parte isso, os substitutos [*Vertretungen*] psíquicos da pulsão reivindicam para si. A **precocidade sexual** amiúde corre paralela ao desenvolvimento intelectual prematuro, e como tal é encontrada na história infantil dos indivíduos mais eminentes e capazes; em tais condições, não parece tornar-se tão patogênica como quando surge isoladamente.” – p.227;

h. FATORES TEMPORAIS

“Por outro lado, as moções pulsionais que emergem com intensidade especial têm, com frequência, um decurso assombrantemente rápido, como, por exemplo, **o vínculo heterossexual dos que depois se tornam homossexuais manifestos**. Não há justificativa para o medo de que as tendências estabelecidas com mais violência na infância dominem permanentemente o caráter adulto; é igualmente esperável que elas venham a desaparecer, cedendo lugar a seu oposto. (‘*Gestrenge Herren regieren nicht lange*.’)” – p.228;

i. ADESIVIDADE

“A importância de todas as **manifestações sexuais** precoces é aumentada por um fator psíquico de origem desconhecida, que por ora decerto só pode ser apresentado como uma hipótese psicológica provisória. Refiro-me à elevada *adesividade* [*Haftbarkeit*] ou *fixabilidade* dessas impressões da **vida sexual**, que é preciso admitir, para a complementação dos fatos, nas pessoas que depois se tornarão neuróticas ou perversas, já que as mesmas **manifestações sexuais prematuras** em outras pessoas não conseguem gravar-se de maneira tão profunda, a ponto de produzirem uma repetição convulsiva e poderem prescrever por toda a vida **os caminhos da pulsão sexual**.” – p.228;

“Em decorrência da **relação inversa entre a cultura e o livre desenvolvimento da sexualidade**, cujas consequências podem ser seguidas muito de perto na conformação de nossa vida, a importância do rumo tomado pela **vida sexual da criança** para a vida posterior é muito pequena nos níveis cultural ou social mais baixos e muito grande nos mais elevados.” – p.229;

j. FIXAÇÃO

“O terreno preparado pelos fatores psíquicos que acabamos de mencionar é favorável aos estímulos acidentalmente vivenciados da **sexualidade infantil**. Estes últimos (sobretudo a sedução por outras crianças ou por adultos) fornecem o material que, com a ajuda dos primeiros, pode fixar-se como um distúrbio permanente. Boa parte dos **desvios da vida sexual normal** posteriormente observados tanto nos neuróticos quanto nos perversos é estabelecida, desde o começo, pelas impressões do período infantil, supostamente **desprovido de sexualidade**. De sua causação participam a complacência constitucional, a precocidade, a característica da adesividade elevada e a **estimulação fortuita da pulsão sexual por influências estranhas**.

Todavia, a conclusão insatisfatória que emerge dessas investigações das **perturbações da vida sexual** provém de não sabermos, sobre os processos biológicos que constituem a **essência da sexualidade**, o bastante para formar, com base em nossos conhecimentos isolados, uma teoria

suficiente para compreendermos tanto o normal quanto o patológico.” – p.229;

O MÉTODO PSICANALÍTICO DE FREUD (1904 [1903])

Não consta.

SOBRE A PSICOTERAPIA (1905 [1904])

“Portanto, de modo muito geral, os senhores podem conceber o tratamento psicanalítico como essa espécie de *pós-educação para superar as resistências internas*. Mas em nenhum ponto essa pós-educação é mais necessária, nos doentes nervosos, do que no tocante ao **elemento anímico de sua vida sexual**. É que em parte alguma a cultura e a educação causaram danos tão grandes quanto justamente aí, e é também aí, como lhes mostrará a experiência, que se encontrarão as etiologias das neuroses passíveis de ser dominadas; quanto ao outro elemento etiológico, a contribuição constitucional, ele nos é dado como algo inalterável.” – p.256;

“Não apenas ele próprio tem de ser de caráter íntegro – ‘Quanto à moral, nem é preciso falar’, como costumava dizer o personagem principal de *Auch Einer*, de Vischer –, como também deve ter superado, em sua própria pessoa, a mescla de concupiscência e puritanismo com que, lamentavelmente, tantos outros estão habituados a enfrentar os **problemas sexuais**.” – p.256;

“Sei que minha ênfase **no papel do sexual na formação das psiconeuroses** tornou-se conhecida em amplos círculos.” – p.256;

“É possível também que muitos médicos tenham feito uma vaga ideia de que, como conteúdo de minha doutrina, **eu atribuiria a neurose, em última análise, à privação sexual**. E esta não falta nas condições de vida de nossa sociedade. Quão fácil seria, com base nessa premissa, evitar o tortuoso e cansativo caminho do tratamento psíquico e aspirar diretamente à cura, **recomendando como meio terapêutico a atividade sexual**!” – p.256;

“**A necessidade e a privação sexuais** são meramente um fator que entra em jogo no mecanismo da neurose; se houvesse apenas esse, o resultado não seria a doença, mas a devassidão. O outro fator, igualmente indispensável, mas esquecido com demasiada presteza, é a **aversão do neurótico à sexualidad**e, sua incapacidade de amar, esse traço psíquico a que chamei ‘recalcamento’. Somente a partir do conflito entre as duas tendências é que irrompe a doença neurótica e, portanto, só raramente se pode descrever a **recomendação da atividade sexual nas psiconeuroses** como um bom conselho.” – p.256;

MINHAS TESES SOBRE O PAPEL DA SEXUALIDADE NA ETIOLOGIA DAS NEUROSES (1906 [1905])

“Sou de opinião que a melhor maneira de apreciar minha teoria sobre **a importância etiológica do fator sexual para as neuroses** é acompanhar seu desenvolvimento. É que de modo algum

tenho a pretensão de negar que ela passou por um desenvolvimento e se modificou no decorrer dele." – p.263;

"**Sempre se soube que os fatores sexuais** poderiam desempenhar um papel na causação dessas formas [de doença], mas não se constatava sua atuação invariavelmente, nem se pensava em conferir-lhes precedência sobre outras influências etiológicas. Fiquei surpreso, a princípio, com a frequência das grandes perturbações na ***vita sexualis* dos pacientes** nervosos; e quanto mais me empenhava em procurar essas perturbações – no que me apercebia de que todos **os seres humanos ocultam a verdade nos assuntos sexuais** –, quanto mais hábil me tornava para levar esse exame adiante, apesar de uma negação inicial, com maior regularidade descobria tais **fatores patogênicos na vida sexual**, até que me pareceu faltar pouco para presumir seu caráter universal. Mas era preciso aceitar de antemão que **tais irregularidades sexuais** ocorreriam com frequência similar em nossa sociedade, sob a pressão das relações sociais, persistindo uma dúvida quanto ao **grau de desvio do funcionamento sexual normal** que se deveria considerar patogênico. Por isso, tive que dar menos valor à **comprovação invariável das patologias sexuais** do que a uma segunda constatação, que me pareceu menos ambígua. Viu-se que a forma da doença, fosse ela neurastenia ou neurose de angústia, mostrava **uma relação constante com a natureza do prejuízo sexual**." – p.263;

"Somente depois dessa experiência, fácil de fazer e corroborável com a frequência que se desejasse, tive a coragem de reivindicar uma **posição privilegiada para as influências sexuais na etiologia das neuroses**. Além disso, nas formas mistas tão frequentes de neurastenia e neurose de angústia, foi possível indicar a conjugação das etiologias supostas em cada uma das formas puras; e mais, tal bipartição na forma de manifestação da neurose parecia harmonizar-se bem com **o caráter polar da sexualidade (o masculino e o feminino)**." – p.263-264;

"Nessa mesma época, enquanto **atribuía à sexualidade essa importância para a gênese das neuroses *simples***, eu continuava a cultivar, no tocante às *psiconeuroses* (histeria e representações obsessivas), **uma teoria psicológica pura em que o fator sexual só interessava como uma dentre várias fontes emocionais**." – p.264;

"É que, seguindo cada vez mais o rastro dos traumas psíquicos de que derivavam os sintomas histéricos, através do procedimento 'catártico' introduzido por Breuer e eu, acabava-se chegando a **vivências pertencentes à infância do enfermo e relacionadas com sua vida sexual**, inclusive nos casos em que uma emoção banal, **de natureza não sexual**, ocasionara a irrupção da doença. Sem levar em conta esses traumas da infância, era impossível elucidar os sintomas, cuja determinação eles tornavam compreensível, ou prevenir seu ressurgimento. Com isso, a incomparável **importância das vivências sexuais para a etiologia das psiconeuroses** parecia indubitavelmente estabelecida, e esse fato permanece até hoje como um dos pilares da teoria." – p.264-265;

"Quando se descreve essa teoria afirmando que a causa da neurose histérica, que persiste pela vida afora, **reside em vivências sexuais da primeira infância**, em sua maioria insignificantes em si mesmas, ela por certo soa bastante estranha." – p.265;

"Reservo para mais adiante a abordagem pormenorizada da questão de devermos ver nas **vivências sexuais da infância a etiologia da histeria (e da neurose obsessiva)**, e retorno agora à forma adotada pela teoria em algumas pequenas publicações provisórias dos anos de 1895 e 1896 (Freud, 1896*b* e 1896*c*). A ênfase nos supostos fatores etiológicos permitiu, naquela época, confrontar as neuroses comuns, enquanto distúrbios com etiologia contemporânea, com as psiconeuroses, cuja etiologia deveria ser buscada principalmente nas **vivências sexuais do passado**. A doutrina culminou nesta tese: **na *vita sexualis* normal, a neurose é impossível**." – p.265;

"Desde então, aprendi a decifrar muitas fantasias de sedução como tentativas de **rechaçar lembranças da atividade sexual** do próprio indivíduo (masturbação infantil). Esclarecido esse ponto, **caiu por terra a insistência no elemento 'traumático' presente nas vivências sexuais infantis**, restando o entendimento de que **a atividade sexual infantil (seja ela espontânea ou provocada) prescreve o rumo a ser tomado pela vida sexual posterior após a maturidade**." – p.265-266;

"Depois dessa correção, os **'traumas sexuais infantis'** foram substituídos, em certo sentido, pelo **'infantilismo da sexualidade'**. Não estava longe uma segunda modificação da teoria original. Juntamente com a suposta frequência da sedução na infância, caiu também por terra a ênfase exagerada nas **influências *acidentais* sobre a sexualidade**, às quais eu pretendera atribuir o papel principal na acusação da doença, embora nem por isso negasse os fatores constitucionais e hereditários. Chegara até mesmo a ter esperança de solucionar o problema da escolha da neurose (a decisão sobre a forma de psiconeurose a que o doente deveria sucumbir) através das particularidades das **vivências sexuais infantis**." – p.266;

"Com o recuo das influências acidentais da experiência para o segundo plano, os fatores da constituição e da hereditariedade voltaram necessariamente a predominar, porém com a diferença de que em minha teoria, ao contrário da visão que prevalece em outras áreas, **a 'constituição sexual' tomou o lugar da disposição neuropática geral**. Em meus recém-*publicados* ***Três ensaios sobre a teoria da sexualidade***, tentei descrever as **múltiplas variedades dessa constituição sexual**, bem como **a composição interna da pulsão sexual** como um todo e sua derivação das diferentes fontes do organismo que contribuem para originá-la." – p.267;

"Ainda no contexto da concepção modificada dos **'traumas sexuais infantis'**, a teoria desenvolveu-se um pouco mais numa direção já anunciada nas publicações dos anos de 1894 a 1896. Já nessa época, e **antes mesmo que se atribuísse à sexualidade seu devido lugar na etiologia**, eu havia indicado, como condição da eficácia patogênica de uma experiência, que ela precisava parecer intolerável ao ego e provocar um esforço defensivo (Freud, 1894*a*)." – p.267;

"Novas informações então obtidas com pessoas que haviam permanecido normais proporcionaram a inesperada **descoberta de que sua história sexual infantil** não diferia necessariamente, em essência, da vida infantil dos neuróticos e, em especial, o papel da sedução

era o mesmo em ambos os casos." – p.268;

"**Não importavam, portanto, as excitações sexuais que um indivíduo tivesse experimentado em sua infância**, mas antes, acima de tudo, sua reação a essas vivências – se respondera ou não a essas impressões com o 'recalcamento'. Viu-se que, no curso do desenvolvimento, **a atividade sexual infantil era amiúde interrompida por um ato de recalcamento**. Assim, **o indivíduo neurótico sexualmente maduro** geralmente trazia consigo, da infância, **uma dose de 'recalcamento sexual'** que se exteriorizava ante as exigências da vida real, e as psicanálises de histéricos mostraram que seu adoecimento era consequência do conflito entre a libido e **o recalcamento sexual**, e que seus sintomas tinham o valor de compromissos entre as duas correntes anímicas." – p.268;

"Basta remeter aqui a *meus* ***Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*** **(1905*d*)**, onde tentei lançar alguma luz, por parca que seja, nos processos somáticos em que se deve buscar **a natureza da sexualidade**. Ali expus o fato de que **a disposição sexual constitucional da criança** é incomparavelmente mais variada do que se poderia esperar, que merece ser chamada de 'perversa polimorfa', e que o chamado **comportamento normal da função sexual** brota dessa disposição mediante o recalcamento de certos componentes. Através da referência aos **caracteres infantis da sexualidade** pude estabelecer um vínculo simples entre a saúde, a perversão e a neurose." – p.268;

"Considero valioso enfatizar que, em minhas concepções sobre a etiologia das psiconeuroses, a despeito de todas as modificações, houve dois pontos de vista que nunca reneguei ou abandonei: a **importância da *sexualidade* e do *infantilismo***. Afora isso, em lugar das influências acidentais coloquei fatores constitucionais, e a 'defesa', no sentido puramente psicológico, foi substituída pelo **'recalcamento sexual' orgânico**." – p.269;

"Agora, se alguém perguntasse onde se há de encontrar uma prova mais concludente da suposta **importância etiológica dos fatores sexuais nas psiconeuroses**, já que se vê a irrupção dessas doenças em resposta às comoções mais banais e até mesmo a causas precipitantes somáticas, e já que foi preciso renunciar a uma etiologia específica sob a forma de vivências infantis particulares, eu nomearia a investigação psicanalítica dos neuróticos como a fonte de que brota minha convicção assim contestada. Quando nos servimos desse insubstituível método de investigação, inteiramo-nos de que *os* ***sintomas representam a atividade sexual do doente*** **(na totalidade ou em parte) oriunda das fontes das pulsões parciais normais ou perversas da sexualidade**. Não só uma boa parte da **sintomatologia histérica deriva diretamente das expressões do estado de excitação sexual**, e não só uma série de zonas erógenas eleva-se, na neurose, ao sentido de órgãos genitais, graças ao reforço de propriedades infantis, como também os mais complexos sintomas revelam-se como representações 'convertidas' de fantasias que **têm por conteúdo uma situação sexual**. Quem sabe interpretar a linguagem da histeria pode perceber que a neurose só diz respeito **à sexualidade recalcada do doente**. Para isso, basta compreender **a função sexual** em sua devida extensão, circunscrita pela disposição infantil. Nos casos em que se precisa incluir uma emoção banal na causação do adoecimento, a análise mostra regularmente que o efeito patogênico foi produzido pelos **infalíveis componentes sexuais** da vivência traumática." – p.269;

"Passamos inadvertidamente da questão da causação das psiconeuroses para o problema de sua natureza essencial. Havendo uma disposição de levar em conta o que foi aprendido através da psicanálise, só se pode dizer que a **essência dessas doenças reside em perturbações dos processos sexuais**, ou seja, os **processos que determinam no organismo a formação e a utilização da libido sexual**. É muito difícil deixar de imaginar esses processos como sendo, em última análise, de natureza química, de modo que nas chamadas neuroses atuais **devemos reconhecer os efeitos somáticos das perturbações do metabolismo sexual, e nas psiconeuroses, além deles, os efeitos psíquicos dessas perturbações**." – p.269-270;

"Por conseguinte, **pertence à etiologia das neuroses tudo o que pode atuar prejudicialmente sobre os processos que servem à função sexual**. Assim, vêm em primeiro lugar **os males que afetam a própria função sexual**, na medida em que estes, variando conforme a cultura e a educação, são considerados **nocivos à constituição sexual**. Em segundo lugar vem toda sorte de outros males e traumas que, através do prejuízo generalizado do organismo, **podem prejudicar secundariamente seus processos sexuais**." – p.270;

"**Buscar a etiologia das neuroses exclusivamente na hereditariedade ou na constituição seria tão unilateral quanto pretender atribuir essa etiologia unicamente às influências acidentais que atuam sobre a sexualidade durante a vida**, quando o discernimento mostra que a essência dessas situações de adoecimento reside apenas numa **perturbação dos processos sexuais no organismo**." – p.270;

TRATAMENTO PSÍQUICO (OU ANÍMICO) (1905)

"Em certos estados anímicos chamados de '*afetos*', a participação do corpo é tão evidente e intensa que alguns estudiosos da alma chegaram até a pensar que a essência do afeto consistiria apenas nessas suas exteriorizações físicas. São genericamente conhecidas as extraordinárias mudanças na expressão facial, na circulação sanguínea, nas secreções e nos estados de excitação da musculatura voluntária sob a influência, por exemplo, do medo, da cólera, **da dor psíquica e do deleite sexual**." – p.278;

"É que o hipnotismo é útil não apenas em todos os estados de nervosismo e nos distúrbios devidos à 'imaginação', mas também para romper hábitos patológicos (como alcoolismo, vício em morfina, **aberrações sexuais**) e ainda em muitas doenças orgânicas, inclusive inflamatórias, nas quais se tem uma perspectiva, mesmo persistindo o distúrbio subjacente, de eliminar os sintomas incômodos para o enfermo, tais como as dores, inibições do movimento etc. A escolha dos casos para aplicação do procedimento hipnótico depende quase sempre da decisão do médico." – p.289;

PERSONAGENS PSICOPÁTICOS NO PALCO (1942 [1905 ou 1906])

"Para tal finalidade, o fator primordial é, indubitavelmente, o *desabafo* dos afetos do espectador; o gozo daí resultante corresponde, de um lado, ao alívio proporcionado por uma descarga ampla, e de outro, sem dúvida, **à excitação sexual** concomitante que, como se pode

supor, aparece como um subproduto todas as vezes que um afeto é despertado, e confere ao homem o tão desejado sentimento de uma tensão crescente que eleva seu nível psíquico.” – p.297;

“Nessas circunstâncias, ele pode deleitar-se como um ‘grande homem’, entregar-se sem temor a seus impulsos sufocados, como a ânsia de liberdade nos âmbitos religioso, político, social e **sexual**, e desabafar em todos os sentidos em cada uma das cenas grandiosas da vida representada no palco.” – p.298;

VI. OS CHISTES E A SUA RELAÇÃO COM O INCONSCIENTE (1905)
Volume 8 (FREUD, 1996f)

“Um outro exemplo de jogo de palavra pode facilitar a transição para novas subespécies da técnica de duplo sentido. O colega médico brincalhão, já mencionado, foi responsável por esse chiste ao tempo do caso Dreyfus: ‘Esta garota me lembra Dreyfus. O exército inteiro não acredita em sua inocência’.

A palavra ‘inocência’, sobre cujo duplo sentido o chiste é construído, tem, em um contexto, seu significado usual, cujo antônimo é ‘culpa’ ou ‘crime’; mas tem em outro contexto um **significado *sexual***, cujo antônimo é ‘**experiência sexual**’. Há um número muito grande de exemplos similares de duplo sentido nos quais o efeito do chiste depende, muito especialmente, do **significado sexual**. Para esse grupo, podemos reservar o nome de ‘*double entendre* [*Zweideutigkeit*]’.

Exemplo excelente de um *double entendre* desse tipo é o chiste de Spitzer, já registrado em [1]: ‘Alguns pensam que o esposo ganhou muito dinheiro e tem, portanto, dado pouco [*sich etwas zurückgelegt*]; outros, porém, pensam que a esposa tem dado um pouco [*sich etwas zurückgelegt*] e tem, portanto, podido ganhar muito dinheiro’.

Se comparamos este exemplo de duplo sentido acompanhado de *double entendre* com outros exemplos, torna-se evidente uma distinção, que não é destituída de interesse do ponto de vista da técnica. No chiste da ‘inocência’, um sentido da palavra é exatamente tão óbvio quanto o outro; realmente seria difícil decidir qual dos **sentidos (o sexual ou o não sexual)** é o mais usual e familiar. Mas não ocorre o mesmo com o exemplo de Spitzer. O significado vulgar das palavras ‘*sich etwas zurückgelegt*’ é, longe, o mais proeminente, enquanto seu **significado sexual** está como que encoberto e escondido, podendo mesmo escapar completamente a alguma pessoa desprevenida. Vamos tomar, por via de um contraste agudo, outro exemplo de duplo sentido, onde não se faz a menor tentativa de ocultar o **significado sexual**; por exemplo, a descrição por Heine do caráter de uma dama complacente: ‘Ela nada podia *abschlagen* à exceção de sua própria água’. Isto nos soa como uma obscenidade, dificilmente dando a impressão de um chiste. Esta peculiaridade, entretanto – o caso de um duplo sentido onde os dois significados não são óbvios da mesma maneira – pode também ocorrer em chistes sem qualquer **referência sexual** – seja porque um sentido é mais usual que outro, seja porque salta ao primeiro plano devido a uma conexão com as outras partes da sentença. (Cf., por exemplo, ‘C’est le premier vol de l’aigle’). Proponho descrever todos estes casos como sendo ‘duplo sentido com uma alusão’.” – p. 47-48;

"Uma estranha justaposição ou a atribuição de um epíteto absurdo podem apresentar-se como resultado de uma analogia:

'Uma mulher *zweischläfrige*.' 'Um banco de igreja *einschaläfriger*.' (Ambas de Lichtenberg) Por trás de ambos os ditos, jaz uma analogia com cama; em ambos opera, além do 'desconcerto', o fator técnico 'alusão' – alusão em um caso aos soporíferos efeitos de um sermão e em outro ao inexaurível **tópico das relações sexuais**." – p.90;

"Sabemos o que se entende por ***smut*: a intencional proeminência verbal de fatos e relações sexuais**. Esta definição não é, entretanto, mais válida que outras definições. A despeito dela, uma aula expositiva sobre a **anatomia dos órgãos sexuais** ou a fisiologia da procriação não necessita ter um único ponto de contato com o *smut*. É fato bem mais relevante que este se dirija a uma pessoa particular, que **desperta no locutor uma excitação sexual** a qual, ouvindo-o, espera-se que fique ciente da excitação dele e em consequência, torne-se por sua vez **excitada sexualmente**. Ao invés de excitada, a outra pessoa pode ser levada a sentir vergonha ou embaraço, o que é apenas reação à excitação e, por linhas transversas, uma aceitação desta. O *smut* dirige-se pois originalmente às mulheres e pode ser equiparado às tentativas de sedução. Se o homem, em companhia de homens, gosta de falar ou ouvir *smut*, a situação primitiva, que não pode se realizar devido às inibições sociais, pode ser facilmente imaginada. Uma pessoa que ri do *smut* que escuta está rindo como se fora **espectador de um ato de agressão sexual**.

O **material sexual** que forma o conteúdo do *smut* inclui mais do que é *peculiar* a cada sexo; inclui também o que é *comum* a ambos os sexos, a que se estende o sentimento de vergonha – vale dizer, o que é excrementício no sentido mais amplo. Esse é, entretanto, o sentido coberto pela **sexualidade na infância**, idade em que há como que uma cloaca dentro da qual pouco ou nada se distingue **do que é sexual** e do que é excrementício. Através de toda a escala da psicologia das neuroses **o que é sexual** inclui o excrementicial no antigo sentido, infantil.

O *smut* é como que um desnudamento das pessoas, sexualmente diferentes, a quem é dirigido. Pela enunciação de palavras obscenas a pessoa assediada é compelida a imaginar a parte do corpo ou o procedimento em questão, ao mesmo tempo que lhe é mostrado o que o assediante, ele próprio, está imaginando. Não se pode duvidar de que o motivo original do *smut* seja o desejo de **ver desmascarado o que é sexual**.

Voltarmos nesse ponto a fatos fundamentais só ajudará a esclarecer as coisas. Um desejo de ver desnudados os órgãos peculiares a cada sexo é um dos componentes originais de nossa libido. Ele próprio (o desejo) pode ser o substitutivo de algo anterior, voltando a um hipotético desejo primário de tocar as **partes sexuais**. Como se dá com tanta frequência, olhar substitui tocar. A libido visual e táctil está presente em todo indivíduo nas duas formas ativa e passiva, masculina e feminina; de acordo com a preponderância do **caráter sexual**, uma ou outra forma predomina. É fácil observar a inclinação ao autodesnudamento em crianças pequenas. Nos casos em que o germe dessa inclinação escapa a seu destino usual de ser sepultado ou suprimido, desenvolve nos homens a familiar perversão conhecida como exibicionismo. Nas mulheres a inclinação ao exibicionismo passivo é quase invariavelmente sepultada sob a impressionante função reativa da **modéstia sexual**, mas não sem que lhe seja deixada uma válvula de escape em relação às roupas. Basta apenas aludir à elasticidade e variabilidade no total de exibicionismo que se permite às mulheres reter de acordo com as diferentes convenções e circunstâncias.

Nos homens um alto grau dessa tendência persiste como porção de sua libido e serve como introdução do **ato sexual**. Quando tal estímulo se faz sentir na primeira abordagem de uma

mulher, por duas razões as palavras são utilizadas: primeiro, para anunciar-se (a excitação) a ela; segundo, porque se a ideia é suscitada pela fala, ela pode induzir uma excitação correspondente na própria mulher, despertando nela uma inclinação ao exibicionismo passivo. Este cortejamento verbal não é ainda *smut*, mas estágio que o precede. Se a aquiescência da mulher emerge rapidamente, a fala obscena tem vida curta; leva imediatamente a uma **ação sexual**. Ocorre diferentemente quando não se conta com uma rápida aquiescência por parte da mulher surgindo então, no lugar da conivência, reações defensivas. Neste caso o **discurso sexualmente excitante** torna-se um fim em si mesmo na forma de *smut*. Já que a **agressividade sexual** é detida em seu avanço em direção ao ato, ela permanece na evocação da excitação e deriva prazer dos sinais em que se manifesta à mulher. Ao fazer isso, a agressividade sem dúvida altera também seu caráter, tal como qualquer impulso libidinoso que esbarra em um obstáculo. Torna-se positivamente hostil e cruel, convocando assim em seu auxílio, contra o obstáculo, **os componentes sádicos do instinto sexual**.'" – p.102-104;

"Falando de modo geral, um chiste tendencioso requer três pessoas: além da que faz o chiste, deve haver uma segunda que é tomada como **objeto da agressividade hostil ou sexual** e uma terceira na qual se cumpre o objetivo do chiste de produzir prazer." – p.104;

"Aqui finalmente compreendemos o que é que os chistes executam a serviço de seu propósito. Tornam possível a satisfação de um instinto (seja libidinoso ou hostil) face a um obstáculo. Evitam esse obstáculo e assim extraem prazer de uma fonte que o obstáculo tornara inacessível. O obstáculo interferente nada mais é em realidade que **a incapacidade da mulher em tolerar a sexualidade** sem disfarces, incapacidade correspondentemente aumentada com a elevação do nível educacional e social. A mulher que se imagina presente na situação inicial é retida depois como se estivesse ainda presente, ou, em sua ausência, sua influência tem ainda efeito intimidante sobre os homens. Podemos notar que os homens de uma classe mais alta são imediatamente levados, quando em companhia de moças de classe inferior, a reduzirem seus chistes com caráter de *smut* ao nível de simples *smut*." – p.105;

"Aqui, desde logo, encontramos a mesma situação. Desde nossa infância individual, e, similarmente, desde a infância da civilização humana, os impulsos hostis contra o nosso próximo têm-se sujeitado às mesmas restrições, à mesma progressiva repressão, quanto nossas **tendências sexuais**." – p.106;

"Já que somos obrigados a renunciar à expressão da hostilidade pela ação – refreada pela desapaixonada terceira pessoa em cujo interesse deve-se preservar a segurança pessoal – desenvolvemos, como no caso da **agressividade sexual**, uma nova técnica de invectiva que objetiva o aliciamento dessa terceira pessoa contra nosso inimigo. Tornando nosso inimigo pequeno, inferior, desprezível ou cômico, conseguimos, por linhas transversas, o prazer de vencê-lo – fato que a terceira pessoa, que não dispendeu nenhum esforço, testemunha por seu riso." – p.107;

"Entre as instituições habitualmente atacadas pelos chistes cínicos, nenhuma é mais importante, mais estritamente guardada pelos códigos morais e ao mesmo tempo mais convidativa a um

ataque, que a instituição do casamento, à qual, pois, se dirige a maioria dos chistes cínicos. Não existe reivindicação mais pessoal que a da **liberdade sexual** e em nenhum outro ponto a civilização exerceu **supressão mais severa que na esfera da sexualidade**." – p.114;

"A pessoa se casa para se proteger contra as **tentações de sensualidade**, mas não obstante resulta que o casamento não permite a satisfação de necessidades que sejam algo mais fortes que o comum." – p.114;

"Ninguém se aventura a declarar franca e abertamente que o casamento não é um arranjo planejado para **satisfazer a sexualidade do homem**, a não ser que se seja forçado a fazê-lo, talvez por amor à verdade e zelo reformador como o de Chistian von Ehrenfels. A força desse chiste consiste no fato de que, não obstante – através de todas as vias transversas – isso *tenha* sido declarado." – p.114;

"No caso dos chistes obscenos, derivados do *smut*, tornar a terceira pessoa, que originalmente interferia com a **situação sexual**, em aliado diante do qual a mulher deve sentir vergonha, subornando essa terceira pessoa com a dádiva do prazer produzido." – p.134;

"Outros fatores subjetivos que determinam ou favorecem a elaboração do chiste estão menos envoltos na obscuridade. O motivo que força a produção de chistes inocentes é, não sem frequência, uma ambiciosa vontade de mostrar a própria inteligência, exibir-se – um instinto que pode ser equiparado ao exibicionismo no **campo sexual**. A presença de numerosos instintos inibidos, cuja supressão reteve certo grau de instabilidade, fornecerá a disposição mais favorável à produção de chistes tendenciosos. Assim os **componentes individuais da constituição sexual** de uma pessoa podem, particularmente, aparecer como motivos para a construção de um chiste. Toda uma classe de chistes obscenos permite que se infira a presença de uma inclinação oculta ao exibicionismo em seus inventores; chistes tendenciosos agressivos têm melhor sorte com **pessoas em cuja sexualidade é demonstrável um poderoso componente sádico**, mais ou menos inibido na vida real." – p.143-144;

"**O cômico da sexualidade** e da obscenidade mereceriam consideração mais detalhada, mas podemos apenas aflorá-lo aqui com alguns comentários. O ponto de partida seria, uma vez mais [como no caso dos chistes obscenos], o desnudamento. Um desnudamento eventual tem em nós um efeito cômico porque comparamos a facilidade com que desfrutamos essa visão com a grande despesa, que de outro modo nos seria solicitada para atingir esse fim. Assim, o caso se aproxima do inocentemente cômico, mas é mais simples. Todo desnudamento de uma terceira pessoa nos faz espectadores (ou audiência no caso do *smut*) e equivale a tornar cômica a pessoa desnudada. Verificamos que é tarefa dos chistes tomar o lugar do *smut*, abrindo, novamente, o acesso a uma fonte perdida de prazer cômico. Oposto a isso, o presenciamento de um desnudamento não é um caso de cômico para a testemunha, porque seu próprio esforço em fazer isso veda-lhe a condição determinante do prazer cômico: nada resta além do **prazer sexual do que é visto**. Se a testemunha o descreve a alguém, a pessoa que foi testemunhada torna-se cômica outra vez, porque predomina o sentido de que a última omitiu a despesa necessária para ocultar sua intimidade. Fora isto, **as esferas da sexualidade e da obscenidade** oferecem a

maior ocasião para a obtenção do prazer cômico juntamente com uma **agradável excitação sexual**; pois elas podem mostrar os seres humanos em sua dependência das funções corporais (degradação) ou podem revelar os requisitos físicos subjacentes à proclamação do amor mental (desmascaramento).” – p.216;

VII. “GRADIVA” DE JENSEN E OUTROS TRABALHOS (1906-1908)

Volume 9 (FREUD, 1996g)

DELÍRIOS E SONHOS NA *GRADIVA* DE JENSEN (1907 [1906])

“Vale a pena fazer uma pausa para observar em casos patológicos como a mente humana se torna sensível, em estados de repressão, a qualquer aproximação do que foi reprimido, e como até mesmo leves semelhanças bastam para que por trás da força repressora, e por meio da mesma, o reprimido venha a emergir. Tive entre meus pacientes um jovem – pouco mais que um menino – que, após involuntariamente tomar conhecimento dos **processos sexuais**, passara a fugir de todos os desejos eróticos que nele surgiam. Para esse propósito utilizava vários métodos de repressão, intensificando sua dedicação aos estudos, tornando-se exageradamente dependente da mãe e adotando em geral um comportamento infantil. Não vou expor aqui a forma como sua **sexualidade reprimida voltou à tona**, justamente em sua relação com a mãe, mas descreverei a circunstância invulgar e original como uma de suas proteções ruiu numa ocasião que jamais julgaríamos suficiente para tal. A matemática goza da reputação de desviar as **atenções da sexualidade**. Jean-Jacques Rousseau recebeu de uma dama a quem havia desagradado o seguinte conselho: ‘Lascia le donne e studia la matematica!’. Também o nosso fugitivo atirou-se com avidez ao estudo da matemática e da geometria que lhe cabiam no currículo escolar, até que um dia suas faculdades de conhecimento paralisaram-se diante de alguns problemas aparentemente inocentes. Foi possível reconstituir o enunciado de dois desses problemas: ‘Dois corpos chocam-se, um com a velocidade de…etc.’ e ‘num cilindro de diâmetro *m*, inscrever um cone…etc.’. Outros certamente não teriam visto nesses problemas alusões evidentes a **eventos sexuais**, mas o jovem sentiu que a matemática também o traíra, e afastou-se dela também.” – p.41;

“E aqui nossa resposta talvez seja uma surpresa. Na realidade a situação é inversa: é a ciência que não resiste à criação do autor. Entre as precondições constitucionais e hereditárias de um delírio, e as criações deste, que parecem emergir prontas, existe uma lacuna não explicada pela ciência – lacuna esta que achamos ter sido preenchida pelo nosso autor. A ciência ainda não suspeita da importância da repressão, não reconhece que para explicar o mundo dos fenômenos psicopatológicos o inconsciente é absolutamente essencial, não procura a base dos delírios num conflito psíquico, e nem considera seus sintomas como conciliações. Acaso nosso autor ergue-se sozinho contra toda a ciência? Não, não é assim (isto é, se eu puder considerar como científicos os meus próprios trabalhos), pois já há alguns anos – e, até bem pouco tempo, mais ou menos sozinho – eu mesmo venho defendendo todos os princípios que aqui extraí da *Gradiva* de Jensen, expondo-os em termos técnicos. Assinalei, particularmente em conexão com os estados mentais conhecidos como histeria e obsessões, que o determinante individual desses distúrbios psíquicos é a supressão de uma parcela da vida instintual e a repressão das ideias que representam o instinto suprimido, e pouco depois apliquei esses mesmos princípios a algumas formas de delírio. Neste caso particular da análise de *Gradiva*, podemos considerar sem

importância o problema de determinar se os instintos envolvidos nessa causação são sempre componentes do **instinto sexual** ou se acaso serão também de outro gênero, já que sem dúvida no exemplo escolhido por nosso autor o que estava em questão era certamente nada mais do que a supressão dos sentimentos eróticos." – p.55;

"[...] ansiedade nos sonhos de ansiedade, como toda ansiedade neurótica em geral, corresponde a um **afeto sexual**, a um sentimento libidinal, e surge da libido pelo processo de repressão. Portanto, ao interpretarmos um sonho devemos substituir a ansiedade por **excitação sexual**. Nem sempre, mas com frequência, a ansiedade que assim se origina exerce uma influência seletiva sobre o conteúdo do sonho, nele introduzindo elementos ideativos que, de um ponto de vista consciente e errôneo, parecem adequados para o afeto de ansiedade. Como já disse, isso nem sempre acontece, existindo muitos sonhos de ansiedade nos quais o conteúdo nada tem de apavorante e nos quais é impossível encontrar uma explicação, em termos conscientes, para a ansiedade que é sentida." – p.60;

"Nosso autor, que, como descobrimos há muito, nunca introduz em sua história elementos ociosos ou inúteis, forneceu-nos outro indício da **tendência assexual** que dominou Hanold em sua viagem. Enquanto perambulava durante horas por Pompeia, 'estranhamente nem por um momento se recordou do sonho em que testemunhara o soterramento de Pompeia na erupção de 79 D.C.' [...] Só quando encontrou Gradiva é que se lembrou do sonho e ao mesmo tempo tomou consciência do motivo delirante de sua enigmática viagem. Esse esquecimento do sonho, essa barreira de repressão entre o sonho e seu estado mental durante a viagem, só pode ser explicado pela suposição de que a viagem não foi empreendida sob a inspiração direta do sonho, mas como uma revolta contra o mesmo, como uma manifestação de uma força mental que se recusava a conhecer qualquer parcela do significado secreto do sonho." – p.66;

"Mas a semelhança entre o processo empregado por Gradiva e o método analítico de psicoterapia não se limita a esses dois aspectos – tornar consciente o que foi reprimido e fazer coincidir o esclarecimento e a cura. Estende-se também ao que consideramos o ponto fundamental de toda a modificação: o despertar dos sentimentos. Toda perturbação semelhante ao delírio de Hanold, o que em termos científicos chamamos habitualmente de 'psiconeurose', tem como precondição a repressão de uma parcela da vida instintual ou, já podemos afirmar, do **instinto sexual**. A cada tentativa de fazer chegar à consciência as causas reprimidas e inconscientes da doença, o componente instintual em questão é necessariamente despertado para uma nova luta com as forças repressoras, com as quais só entra em acordo no resultado final, geralmente acompanhado de violentas manifestações de reação. O processo de cura é realizado numa reincidência no amor, se no termo 'amor' combinamos todos os diversos componentes do **instinto sexual**; tal reincidência é indispensável, pois os sintomas que provocaram a procura de um tratamento nada mais são do que precipitados de conflitos anteriores relacionados com a repressão ou com o retorno do reprimido, e só podem ser eliminados por uma nova ascensão das mesmas paixões. Todo tratamento psicanalítico é uma tentativa de libertar amor reprimido que na conciliação de um sintoma encontrara escoamento insuficiente. Na verdade, o ponto culminante da semelhança entre *Gradiva* está no fato de que também na psicoterapia analítica a paixão que ressurge, seja ódio ou amor, invariavelmente escolhe como objeto a figura do médico." – p.82;

A PSICANÁLISE E A DETERMINAÇÃO DOS FATOS NOS PROCESSOS JURÍDICOS (1906)

"Se examinarem atentamente a comparação das duas situações, verão com clareza que a psicanálise se ocupa com uma forma mais simples e especial de descobrir o que está oculto na mente, ao passo que no trabalho dos senhores a tarefa é mais ampla. Embora não necessitem levar em consideração a diferença de que **no caso do psiconeurótico sempre se trata de complexo sexual reprimido (no sentido mais amplo)**, existe um outro fato que não podem ignorar. O propósito da psicanálise é absolutamente uniforme em todos os casos: é preciso trazer à tona os complexos reprimidos por causa de sentimentos de desprazer e que produzem sinais de resistência ante as tentativas de levá-los à consciência." – p.102;

ATOS OBSESSIVOS E PRÁTICAS RELIGIOSAS (1907)

"Os que estão familiarizados com os achados da investigação psicanalítica das psiconeuroses não se surpreenderão ao saber que o que está sendo representado em atos obsessivos e em cerimoniais deriva das **experiências mais íntimas do paciente, principalmente das sexuais**." – p.111;

"Obteremos uma compreensão interna (*insight*) mais profunda do mecanismo da neurose obsessiva se considerarmos o fato fundamental que a mesma oculta. Há sempre ***a repressão de um impulso instintual*** **(um componente do instinto sexual)** presente na constituição do sujeito e que pôde expressar-se durante algum tempo em sua infância, sucumbindo posteriormente à pressão." – p.114;

"Veremos que as proibições substituem os atos obsessivos assim como uma fobia evita um ataque histérico. Assim, um cerimonial é um conjunto de condições que devem ser preenchidas, da mesma forma que uma cerimônia matrimonial da Igreja significa para o crente uma permissão para desfrutar os **prazeres sexuais**, que de outra maneira seriam pecaminosos." – p.115;

"Também na esfera da vida religiosa encontraremos alguns aspectos desse estado de coisas. A formação de uma religião parece basear-se igualmente na supressão, na renúncia, de certos impulsos instintuais. Entretanto, esses impulsos não são componentes exclusivamente do **instinto sexual**, como no caso das neuroses; são instintos egoístas, socialmente perigosos, embora geralmente abriguem um **componente sexual**. Afinal, o sentimento de culpa resultante de uma tentação contínua e a ansiedade expectante sob a forma de temor da punição divina nos são familiares há mais tempo no campo da religião do que no da neurose. Talvez devido à intromissão de **componentes sexuais**, talvez pelas características gerais dos instintos, também na vida religiosa a supressão do instinto revela-se um processo inadequado e interminável. Na realidade, as recaídas totais no pecado são mais comuns entre os indivíduos piedosos do que entre os neuróticos, dando origem a uma nova forma de atividade religiosa: os atos de penitência, que têm seu correlato na neurose obsessiva." – p.115;

"Diante desses paralelos e analogias podemos atrever-nos a considerar a neurose obsessiva com

o correlato patológico da formação de uma religião, descrevendo a neurose como uma religiosidade individual e a religião como uma neurose obsessiva universal. A semelhança fundamental residiria na renúncia implícita à ativação dos instintos constitucionalmente presentes; e a principal **diferença residiria na natureza desses instintos, que na neurose são exclusivamente sexuais** em sua origem, enquanto na religião procedem de fontes egoístas." – p.116;

O ESCLARECIMENTO SEXUAL DAS CRIANÇAS (CARTA ABERTA AO DR. M. FüRST) (1907)

"Ao solicitar minha opinião sobre **'o esclarecimento sexual das crianças'**, presumo que não deseja um tratado formal e completo do assunto que leve em conta a extensa literatura existente sobre a questão, mas o juízo independente de um médico a quem a atividade profissional concedeu oportunidades especiais para ocupar-se dos **problemas sexuais**. Sei que tem acompanhado meus esforços científicos com interesse, não refutando minhas ideias sem examiná-las, como fizeram muitos de nossos colegas, por eu considerar **a constituição psicossexual** e certos **males da vida sexual** como as causas primordiais das perturbações neuróticas, que são tão comuns. Há pouco seu periódico também acolheu amavelmente os meus ***Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*** [1905*d*], nos quais descrevi como o **instinto sexual** se compõe e os distúrbios que podem ocorrer, em seu desenvolvimento, na **função da sexualidade**." – p.123;

"Todavia, o senhor espera que eu responda aos seguintes quesitos: devem as crianças ser esclarecidas sobre **os fatos da vida sexual**, em que idade isso deve ocorrer e de que modo isso deve ser realizado. Permita-me dizer, inicialmente, que acho perfeitamente razoável o exame dos dois últimos pontos, mas que me é de todo incompreensível que existam divergências sobre o primeiro. Que propósito se visa atingir negando às crianças, ou aos jovens, esclarecimento desse tipo sobre a **vida sexual dos seres humanos**? Será por medo de despertar prematuramente seu interesse por tais assuntos, antes que o mesmo irrompa de forma espontânea? Será na esperança de que o ocultamento possa retardar o aparecimento do **instinto sexual** por completo, até que este possa encontrar seu caminho pelos únicos canais que lhe são abertos em nossa sociedade de classe média? Será que acreditamos que as crianças não se interessarão pelos **fatos e mistérios da vida sexual**, e não os compreenderão, se não forem impelidos a tal por influências externas? Será possível que o conhecimento que lhes é negado não as alcançará por outros meios? Ou será que se pretende genuína e seriamente que mais tarde elas venham a considerar degradante e desprezível tudo que se relacione com o sexo, já que seus pais e professores quiseram mantê-las afastadas dessas questões o maior tempo possível?

Na verdade ignoro em qual dessas proposições se deve procurar o motivo de se **ocultar das crianças aquilo que é sexual**, ocultação que de fato é levada a cabo. Sei apenas que são todas igualmente absurdas e indignas de uma contestação judiciosa." – p.123-124;

"Certamente são apenas a pudicícia usual dos adultos e sua má consciência em relação a **assuntos sexuais** que os induzem a criar todo esse mistério diante das crianças, mas é possível que também uma certa ignorância teórica desempenhe seu papel nessa atitude, ignorância que pode ser remediada dando aos adultos algum esclarecimento. É crença geral que o **instinto sexual** inexiste nas crianças, só começando a irromper na puberdade, com a **maturação dos órgãos sexuais**. Esse erro grosseiro que acarreta sérias consequências, tanto no conhecimento

quanto na prática, é tão facilmente corrigido pela observação que é de admirar que alguém possa incorrer no mesmo. Na realidade o recém-nascido já vem ao mundo com sua **sexualidade**, sendo seu desenvolvimento na lactância e na primeira infância acompanhado de **sensações sexuais**; só muito poucas crianças alcançam a puberdade sem ter tido **sensações e atividades sexuais**. Quem se interessar por um exame detalhado dessas asserções, poderá encontrá-lo em meus ***Três ensaios sobre a teoria da sexualidade***, a que me referi acima. Ali verá que os órgãos de reprodução propriamente ditos não são as únicas partes do corpo que geram **sensações de prazer sexual**, e que a natureza dispôs as coisas de tal forma que as estimulações reais dos genitais são inevitáveis na primeira infância. Esse período de vida, durante o qual uma certa cota do que é sem dúvida **prazer sexual** é produzida pela excitação de várias partes da pele (zonas erógenas), pela atividade de certos instintos biológicos e pela excitação concomitante de muitos estados afetivos, é conhecido como o período de *autoerotismo*, para usar um termo introduzido por Havelock Ellis [1898].” – p.124-125;

“Por outro lado, muito antes da puberdade a criança já é capaz da maior parte das manifestações psíquicas do amor – por exemplo, a ternura, a dedicação e o ciúme. Com frequência, uma irrupção desses estados mentais associa-se às **sensações físicas de excitação sexual**, de modo que a criança não pode ficar em dúvida quanto à conexão entre ambos. Em resumo, com exceção do seu poder de reprodução, muito antes da puberdade já está completamente desenvolvida na criança a capacidade de amar; e pode-se afirmar que o clima de mistério apenas a impede de apreender intelectualmente as atividades para as quais já está psiquicamente preparada e fisicamente apta.” – p.125;

“O interesse intelectual da criança pelos enigmas do sexo, o seu desejo de **conhecimento sexual**, revela-se numa idade surpreendentemente tenra. Se observações como as que exporei a seguir não são feitas com maior frequência, é apenas por estarem os pais cegos a esse interesse de seus filhos ou porque, se não o conseguem ignorar, tentam imediatamente abafá-lo.” – p.125;

“Não me parece haver uma única razão de peso para negar às crianças o esclarecimento que sua sede de saber exige. Certamente se a intenção dos educadores é sufocar a capacidade da criança de pensamento independente, em favor de uma pretensa ‘bondade’ que tanto valorizam, não poderiam escolher melhor caminho do que ludibriá-la em **questões sexuais** e intimidá-la pela religião.” – p.127;

“Se as dúvidas que as crianças levam aos mais velhos não são satisfeitas, elas continuam a atormentá-las em segredo, levando-as a procurar soluções nas quais a verdade adivinhada mescla-se da forma mais extravagante a grotescas falsidades, e a trocar entre si informações furtivas em que o sexo é apresentado como uma coisa horrível e nauseante, em consequência do sentimento de culpa dos jovens curiosos. Valeria a pena coletar e examinar essas **teorias sexuais infantis**. Daí em diante as crianças, em geral, deixam de ter diante do sexo a única atitude adequada, e muitas nunca irão recuperá-la.” – p.127-128;

“Parece que a grande maioria dos autores, homens e mulheres, que escrevem sobre o **esclarecimento sexual da juventude**, conclui em seu favor. Contudo, a inépcia da maior parte

de suas propostas quanto ao momento e ao modo de realizar esse esclarecimento leva-nos a pensar que tiveram dificuldade de chegar a uma conclusão." – p.128;

"O método habitualmente utilizado não é, obviamente, o correto: oculta-se das crianças todo **conhecimento sexual** pelo maior tempo possível, e então, em termos pomposos e solenes, a verdade, ou melhor, uma meia verdade, lhes é revelada de uma só vez, em geral demasiado tarde." – p.128;

"O que realmente importa é que as crianças nunca sejam levadas a pensar que desejamos fazer mais **mistério dos fatos da vida sexual** do que de qualquer outro assunto ainda não acessível à sua compreensão; para nos assegurarmos disso, é necessário que, de início, tudo que se referir à **sexualidade** seja tratado como os demais fatos dignos de conhecimento." – p.128;

"Acima de tudo, é dever das escolas não evitar a menção dos **assuntos sexuais**. Os fatos básicos da reprodução e sua significação deviam ser incluídos nas lições sobre o reino animal, e ao mesmo tempo deveria ser enfatizado que o homem compartilha o essencial de sua organização com os animais superiores." – p.128;

"A curiosidade da criança nunca atingirá uma intensidade exagerada se for adequadamente satisfeita a cada etapa de sua aprendizagem. Assim, no final do curso elementar [*Volksschule*], antes que inicie o curso intermediário [*Mittelschule*], isto é, em torno dos dez anos de idade, a criança deveria ser esclarecida sobre os fatos específicos da **sexualidade humana** e sobre a significação social desta. A época da confirmação seria a mais adequada para instruir a criança, que a essa altura deverá ter um completo conhecimento de todos os fatos físicos, sobre as obrigações morais que estão associadas à satisfação real do instinto." – p.129;

"Um esclarecimento sobre a **vida sexual** que se desenvolva de forma gradual, nos moldes que acima descrevemos, sem interrupções e por iniciativa da própria escola, parece-nos ser o único que leva em conta o desenvolvimento da criança e que consegue evitar os perigos que estão envolvidos." – p.129;

"Considero um avanço muito significativo na educação infantil que na França o Estado tenha introduzido, em lugar do catecismo, um manual que dá à criança as primeiras noções de sua situação como cidadão e dos deveres éticos que deverá assumir mais tarde. No entanto, essa educação elementar continuará com sérias deficiências enquanto não abranger **o campo da sexualidade**. Esta é uma lacuna que deveria merecer a atenção dos educadores e reformadores. Nos países onde colocaram a educação das crianças total ou parcialmente nas mãos do clero será, naturalmente, impossível levantar o problema." – p.129;

ESCRITORES CRIATIVOS E DEVANEIO (1908 [1907])

Não consta.

FANTASIAS HISTÉRICAS E SUA RELAÇÃO COM A BISSEXUALIDADE (1908)

"Estamos familiarizados com as imaginações delirantes do paranoico acerca da grandeza ou dos sofrimentos do seu próprio eu (*self*), que aparecem em formas bem típicas e quase monótonas. Conhecemos também, através de numerosos relatos, os estranhos desempenhos pelos quais certos pervertidos encerram sua **satisfação sexual**, ou em ideia ou na realidade. Entretanto, talvez seja novidade para alguns leitores o fato de que estruturas psíquicas análogas estão presentes regularmente em todas as psiconeuroses, em particular na histeria, e de que podemos demonstrar terem essas estruturas – conhecidas como fantasias histéricas – importantes ligações com a acusação dos sintomas neuróticos." – p.149;

"Uma fantasia inconsciente tem uma conexão muito importante com a **vida sexual do sujeito**, pois é idêntica à fantasia que serviu para lhe dar **satisfação sexual** durante um período de masturbação. Nesse período, o ato masturbatório (no sentido mais amplo da palavra) compunha-se de duas partes. Uma era a evocação de uma fantasia e a outra um comportamento ativo para, no momento culminante da fantasia, obter autogratificação." – p.150;

"Se não obtém outro tipo de **satisfação sexual**, o sujeito permanece abstinente; se não consegue sublimar sua libido – isto é, se não consegue defletir sua **excitação sexual** para fins mais elevados – estará preenchida a condição para que sua fantasia inconsciente reviva e se desenvolva, começando a atuar, pelo menos no que diz respeito a parte de seu conteúdo, com todo o vigor da sua necessidade de amor, sob a forma de sintoma patológico." – p.150-151;

"Dessa forma as fantasias inconscientes são os precursores psíquicos imediatos de toda uma série de sintomas histéricos. Estes nada mais são do que fantasias inconscientes exteriorizadas por meio da 'conversão'; quando os sintomas são somáticos, com frequência são retirados do círculo das mesmas **sensações sexuais e inervações motoras** que originalmente acompanhavam as fantasias quando estas ainda eram inconscientes. Assim é anulada a renúncia ao hábito da masturbação e atingido o propósito de todo o processo patológico, que é o restabelecimento da **satisfação sexual primária original** – embora nunca, é verdade, de forma completa, mas numa espécie de aproximação." – p.151;

"Dependem dos **componentes sadomasoquistas do instinto sexual**, e também podem encontrar um correspondente completo em certas fantasias inconscientes de sujeitos histéricos. Também conhecemos casos, com sua importância prática, nos quais os histéricos não dão expressão às suas fantasias sob a forma de sintomas, mas como realizações conscientes, e assim tramam e encenam estupros, ataques ou atos de **agressão sexual**." – p.151;

"Esse método de investigação psicanalítica, que dos sintomas visíveis conduz às fantasias inconscientes ocultas, revela-nos tudo que é possível conhecer sobre a **sexualidade dos psiconeuróticos**, inclusive o fato que deve ser o tópico principal dessa breve publicação preliminar." – p.151;

“Via de regra, quando a neurose está plenamente desenvolvida e persiste há algum tempo, um determinado sintoma não corresponde a uma única fantasia inconsciente, mas a várias fantasias desse gênero, e essa correspondência não é arbitrária, mas obedece a um padrão regular. Sem dúvida, no início da doença ainda não se desenvolveram de todo essas complicações.

Considerando o interesse geral, vou afastar-me neste ponto das diretrizes deste trabalho e interpolar aqui uma série de fórmulas que tentam oferecer uma visão progressiva da natureza dos sintomas histéricos. Essas fórmulas não se contradizem, mas enquanto algumas examinam os fatos de forma cada vez mais completa e precisa, outras representam a aplicação de pontos de vista diferentes.

(1) Os sintomas histéricos são símbolos mnêmicos de certas impressões e experiências (traumáticas) operativas.

(2) Os sintomas histéricos são substitutos, produzidos por ‘conversão’, para o retorno associativo dessas experiências traumáticas.

(3) Os sintomas histéricos são – como outras estruturas psíquicas – uma expressão da realização de um desejo.

(4) Os sintomas histéricos são a realização de uma fantasia inconsciente que serve à realização de um desejo.

(5) Os sintomas histéricos estão a serviço da **satisfação sexual** e representam uma parcela da **vida sexual do sujeito** (uma parcela que corresponde a um dos **constituintes do seu instinto sexual**).

(6) Os sintomas histéricos correspondem a um retorno a um modo de **satisfação sexual** que era real na vida infantil e que desde então tem sido reprimido.

(7) Os sintomas histéricos surgem como uma conciliação entre dois impulsos afetivos e instintuais opostos, um dos quais tenta expressar um instinto componente ou um inconsciente da **constituição sexual**, enquanto o outro tenta suprimi-lo.

(8) Os sintomas histéricos podem assumir a representação de vários **impulsos inconscientes que não são sexuais**, mas que possuem sempre uma **significação sexual**.

Dessas diversas definições, a sétima descreve de forma mais completa a natureza dos sintomas histéricos como sendo a realização de uma fantasia inconsciente, e a oitava concede ao **fator sexual** a sua devida significação. Algumas das fórmulas anteriores conduzem a essas duas últimas, estando nelas contidas.” – p.152-153;

“Como demonstrei em meus ***Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*** [...], a conexão entre os sintomas e as fantasias torna fácil chegar da psicanálise dos primeiros a um conhecimento dos componentes dos **instintos sexuais** que dominam o indivíduo.” – p.153;

“[...] muitos sintomas onde a exposição de uma **fantasia sexual** (ou de várias fantasias, uma das quais, a mais significativa e primitiva, é de **natureza sexual**) não é suficiente para efetuar a resolução dos sintomas. Para resolver isso é necessário ter duas **fantasias sexuais**, uma de caráter feminino e outra de caráter masculino. Assim uma dessas fantasias origina-se de um **impulso homossexual**. Essa nova descoberta não altera nossa sétima fórmula. Continua sendo verdade que um sintoma histérico deve necessariamente representar uma conciliação entre um

impulso libidinal e um impulso repressor, mas pode também representar a união de duas **fantasias libidinais de caráter sexual oposto**." – p.153;

"Portanto, contentar-me-ei em expor uma nova fórmula e em explicar sua significação.

(9) **Os sintomas histéricos** são a expressão, por um lado, de uma **fantasia sexual inconsciente masculina e, por outro lado, de uma feminina**." – p.153;

"Devo ressalvar que não posso reivindicar para essa fórmula a mesma validade geral que atribuí às outras. A meu ver, ela não se aplica a todos os sintomas de um caso, nem a todos os casos. Ao contrário, não é difícil encontrar casos em que os impulsos pertencentes a sexos opostos encontraram expressão sintomática independente, de modo que os **sintomas de heterossexualidade e os de homossexualidade** podem ser tão claramente diferenciados entre si como as fantasias ocultas por trás deles." – p.153-154;

"A **natureza bissexual dos sintomas histéricos**, que pode ser demonstrada em numerosos casos, constitui uma interessante confirmação da minha concepção de que, na análise dos psiconeuróticos, se evidencia de modo especialmente claro a pressuposta exigência de uma **disposição bissexual inata no homem**." – p.154;

"Encontraremos outros correlatos em certos ataques histéricos nos quais o paciente desempenha simultaneamente ambos os papéis na **fantasia sexual subjacente**." – p.154;

"No tratamento psicanalítico é extremamente importante estar preparado para encontrar **sintomas com significado bissexual**. Assim não ficaremos surpresos ou confusos se um sintoma parece não diminuir, embora já tenhamos resolvido um dos seus **significados sexuais**, pois ele ainda é mantido por um, talvez insuspeito, que pertence ao sexo oposto. No tratamento de tais casos, além disso, podemos observar como o paciente se utiliza, durante a análise de um dos **significados sexuais**, da conveniente possibilidade de constantemente passar suas associações para o campo do significado oposto, tal como para uma trilha paralela." – p.154;

CARÁTER DO EROTISMO ANAL (1908)

"Deduzimos de tais indicações que **essas pessoas nasceram com uma constituição sexual** na qual o caráter erógeno da zona anal é excepcionalmente forte." – p.159;

"Contudo, com a ajuda dos postulados que expus em **1905 em meus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade***, podemos ao menos nos aproximar dos seus fatores básicos. Tentei demonstrar nesses ensaios que **o instinto sexual do homem** é altamente complexo e resultante da contribuição de numerosos constituintes e instintos componentes. A '**excitação sexual**' recebe importantes contribuições das excitações periféricas de determinadas partes do corpo (os genitais, a boca, o ânus, a uretra), que assim merecem a designação especial de 'zonas erógenas'. Mas as quantidades de excitação que provêm dessas partes do corpo não sofrem as

mesmas vicissitudes, nem têm destino igual em todos os períodos da vida. De modo geral, só uma parcela dela é utilizada na **vida sexual**; outra parte é **defletida dos fins sexuais** e dirigida para outros – um processo que denominamos de 'sublimação'. Durante o período de vida que vai do final do quinto ano às primeiras manifestações da puberdade (por volta dos onze anos) e que pode ser chamado de período de '**latência sexual**', criam-se na mente formações reativas, ou contraforças, como a vergonha, a repugnância e a moralidade. Na verdade surgem às expensas das excitações provenientes das zonas erógenas e erguem-se como diques para opor-se às atividades posteriores dos **instintos sexuais**. Ora, o erotismo anal é um dos **componentes do instinto [sexual]** que, no decurso do desenvolvimento e de acordo com a educação que a nossa atual civilização exige, se tornarão inúteis para os **fins sexuais**." – p.160-161;

"Se houver realmente alguma base para a relação que aqui estabelecemos entre o erotismo anal e essa tríade de traços de caráter, provavelmente não encontraremos um acentuado grau de 'caráter anal' nos indivíduos que conservaram na vida adulta o caráter erógeno da zona anal, como acontece, por exemplo, com certos **homossexuais**. A menos que esteja enganado, a experiência comprova amplamente essa conclusão." – p.164;

MORAL SEXUAL "CIVILIZADA" E DOENÇA NERVOSA MODERNA (1908)

"Em seu livro recentemente publicado, *Ética sexual*, Von Ehrenfels (1907) discorre sobre a diferença entre a **moral sexual 'natural' e a 'civilizada'**. Segundo ele, devemos entender por **moral sexual natural** uma **moral sexual** sob cujo regime um grupo humano é capaz de conservar sua saúde e eficiência, e por **moral sexual civilizada, uma obediência moral sexual** àquilo que, por outro lado, estimula os homens a uma intensa e produtiva atividade cultural" – p.169;

"Não é arriscado supor que sob o regime de uma **moral sexual civilizada** a saúde e a eficiência dos indivíduos esteja sujeita a danos, e que tais prejuízos causados pelos sacrifícios que lhes são exigidos terminem por atingir um grau tão elevado, que indiretamente cheguem a colocar também em perigo os objetivos culturais." – p.169;

"Von Ehrenfels atribui, de fato, **à moral sexual** que hoje rege a nossa sociedade ocidental numerosos prejuízos, pelos quais responsabiliza diretamente essa moral; embora reconheça plenamente sua vigorosa influência no desenvolvimento da civilização, não pode deixar de concluir da necessidade de uma reforma. Em sua opinião, **a singularidade da moral sexual civilizada** a que obedecemos é que as restrições feitas às mulheres por tal sistema são estendidas **à vida sexual masculina**, sendo **proibida toda relação sexual** exceto dentro do casamento monogâmico. No entanto, as diferenças naturais entre os sexos impõem sanções menos severas às transgressões masculinas, tornando mesmo necessário admitir uma moral *dupla*. Contudo, uma sociedade que aceita essa moral ambígua não pode levar muito longe o 'amor à verdade, à honestidade e à humanidade' (Von Ehrenfels, [...]), e deverá induzir seus membros à ocultação da verdade, a um falso otimismo, e a enganarem a si próprios e aos demais. **A moral sexual civilizada** traz consequências ainda mais graves, pois, glorificando a monogamia, impossibilita a *seleção* pela *virilidade* – único fator que pode aperfeiçoar a constituição do homem, pois entre os povos civilizados a *seleção pela vitalidade* foi reduzida a um mínimo pelos princípios humanitários e pela higiene[...]." – p.169-170;

"Entre os danos acima atribuídos a essa **moral sexual civilizada**, os médicos terão notado a falta justamente daquele cuja significação examinaremos no presente artigo. Refiro-me ao aumento, imputável a essa moral, da doença nervosa moderna, isto é, da doença nervosa que se difunde rapidamente na sociedade contemporânea." – p.170;

"A literatura moderna ocupa-se de questões controvertidas, que despertam paixões e encorajam a **sensualidade**, a fome de prazeres, o desprezo por todos os princípios éticos e por todos os ideais, apresentando à mente do leitor personagens patológicas, propondo-lhe **problemas de sexualidade psicopática**, temas revolucionários e outros." – p.171;

"Se deixarmos de lado as modalidades mais leves de 'nervosismo' e nos atermos às doenças nervosas propriamente ditas, veremos que a influência prejudicial da civilização reduz-se principalmente **à repressão nociva da vida sexual dos povos (ou classes) civilizados** através da **moral sexual 'civilizada'** que os rege." – p.172;

"Cuidadosa observação clínica permitiu-nos distinguir dois grupos de distúrbios nervosos: as *neuroses* propriamente ditas e as *psiconeuroses*. Nas primeiras, os distúrbios (sintomas), com efeitos seja no funcionamento somático, seja no mental, parecem ser de natureza *tóxica*, comportando-se da mesma forma que os fenômenos que acompanham o excesso ou a escassez de certos tóxicos nervosos. Essas neuroses – comumente agrupadas sob a denominação de 'neurastenia' – podem resultar de **influências nocivas na vida sexual**, sem que seja necessária a presença de taras hereditárias; na verdade, a forma da doença corresponde à natureza desses males, de modo que, com frequência, **o fator etiológico sexual** pode ser deduzido do quadro clínico. Por outro lado, não existe nenhuma correspondência entre as formas das doenças nervosas e as outras influências nocivas da civilização assinaladas por aquelas autoridades. Podemos, portanto, considerar **o fator sexual como o fator básico na causação das neuroses** propriamente ditas." – p.172;

"Esse mesmo método [a psicanálise] revelou-nos a natureza desses complexos inconscientes, mostrando que, de maneira geral, possuem um **conteúdo sexual**. Derivam das **necessidades sexuais de indivíduos insatisfeitos**, representando para os mesmos uma espécie de satisfação substitutiva. Portanto, todos os fatores que prejudicam **a vida sexual**, suprimem sua atividade ou distorcem seus fins devem também ser visto como fatores patogênicos das psiconeuroses." – p.173;

"O leitor que está disposto a procurar comigo a etiologia das doenças nervosas, principalmente em **influências nocivas à vida sexual**, também estará pronto a acompanhar meus próximos argumentos, cujo fim é inserir num contexto mais amplo o tema do aumento das doenças nervosas." – p.173;

"**O instinto sexual** – ou, mais corretamente, **os instintos sexuais**, pois a investigação analítica nos ensina que **o instinto sexual** é formado por muitos constituintes ou instintos componentes

– apresenta-se provavelmente mais vigorosamente desenvolvido no homem do que na maioria dos animais superiores, sendo sem dúvida mais constante, desde que superou completamente a periodicidade à qual é sujeito nos animais. Esse instinto coloca à disposição da atividade civilizada uma extraordinária quantidade de energia, em virtude de uma singular e marcante característica: sua capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente a sua intensidade. A essa capacidade de trocar seu **objetivo sexua**l original por outro, **não mais sexual**, mas psiquicamente relacionado com o primeiro, chama-se capacidade de *sublimação*. Contrastando com essa motilidade, na qual reside seu valor para a civilização, **o instinto sexual** é passível também de fixar-se de uma forma particularmente obstinada, que o inutiliza e o leva algumas vezes a degenerar-se até as chamadas anormalidades. **O vigor original do instinto sexual** provavelmente varia com o indivíduo, o que sem dúvida também acontece com a parcela do instinto suscetível de sublimação. Parece-nos que a constituição inata de cada indivíduo é que irá decidir primeiramente qual parte do seu **instinto sexual** será possível sublimar e utilizar." – p.174;

"Para a grande maioria das organizações parece ser indispensável uma certa quantidade de **satisfação sexual direta**, e qualquer restrição dessa quantidade, que varia de indivíduo para indivíduo, acarreta fenômenos que, devido aos prejuízos funcionais e ao seu caráter subjetivo de desprazer, devem ser considerados como uma doença." – p.174;

"Novas perspectivas se nos oferecem ao considerarmos que no homem **o instinto sexual não serve originalmente aos propósitos da reprodução**, mas à obtenção de determinados tipos de prazer. Manifesta-se desse modo na infância do homem, período em que atinge sua meta de obter prazer não só dos genitais, mas também de outras partes do corpo (zonas erógenas), podendo portanto prescindir de qualquer outro objeto menos cômodo. Chamamos a esse estádio de estádio de *autoerotismo*, e a nosso ver a educação da criança tem como tarefa restringi-lo, pois a permanência nele tornaria o **instinto sexual** incontrolável, inutilizando-o posteriormente. **O desenvolvimento do instinto sexual** passa, então, do autoerotismo ao amor objetal, e da autonomia das zonas erógenas à subordinação destas à primazia dos genitais, postos a serviço da reprodução.

Durante esse desenvolvimento, uma parte da **excitação sexual** fornecida pelo próprio corpo do indivíduo inibe-se por ser inútil à função reprodutora, sendo sublimada nos casos favoráveis. Assim, grande parte das forças suscetíveis de utilização em atividades culturais são obtidas pela supressão dos chamados **elementos *pervertidos* da excitação sexual**." – p.174-175;

"Considerando essa evolução do i**nstinto sexual**, podemos distinguir três estádios de civilização: um primeiro em que **o instinto sexual pode manifestar-se livremente** sem que sejam consideradas as metas de reprodução; um segundo em que tudo do **instinto sexual é suprimido**, exceto quando serve ao objetivo da reprodução; e um terceiro no qual só a reprodução *legítima* é admitida como **meta sexual**. A esse terceiro estádio corresponde a **moral sexual 'civilizada' da atualidade**." – p.175;

"Mesmo se tomarmos o segundo desses estádios como média, é preciso ressalvar que inúmeros indivíduos não se acham, devido à sua organização, capacitados a satisfazer suas exigências. Em toda uma série de pessoas o **desenvolvimento do instinto sexual**, acima descrito, do

autoerotismo ao amor objetal com seu objetivo de união dos genitais, não se realizou de forma perfeita e completa. Como resultado desses distúrbios de desenvolvimento, surgem dois tipos de **desvios nocivos da sexualidade normal**, isto é, da **sexualidade que é útil à civilização** – desvio esses que possuem entre si uma relação quase de positivo para negativo." – p.175;

"Em primeiro lugar (deixando de lado os indivíduos cujo **instinto sexual é exagerado ou que resiste à inibição**) estão diversas variedades de *pervertidos*, nos quais uma fixação infantil a um **objetivo sexual preliminar** impediu o estabelecimento da primazia da função reprodutora, e **os *homossexuais* *ou invertidos***, nos quais, de maneira ainda não compreendida, **o objetivo sexual** foi defletido do sexo oposto. Se os efeitos nocivos desses dois gêneros de distúrbios do desenvolvimento são menores do que seria de esperar, tal se deve justamente **à complexa constituição do instinto sexual**, que possibilita **à vida sexual do indivíduo atingir uma forma final útil**, mesmo que um ou mais componentes do instinto tenham sido alijados do seu desenvolvimento. A constituição das pessoas que sofrem de inversão – **os homossexuais** – distingue-se amiúde pela **especial aptidão do seu instinto sexual para a sublimação cultural**.

As formas mais acentuadas de perversão e de **homossexualidade**, especialmente quando exclusivas, sem dúvida tornam o indivíduo socialmente inútil e infeliz, sendo necessário reconhecer que as exigências culturais do segundo estádio constituem uma fonte de sofrimentos para uma certa parcela da humanidade. O destino desses indivíduos de constituição diversa da dos seus semelhantes é variável, dependendo de terem **nascido com um instinto sexual forte ou comparativamente fraco**, em relação a padrões absolutos. No segundo caso, quando **o instinto sexual** é em geral fraco, os pervertidos conseguem suprimir totalmente as inclinações que os colocam em conflito com as exigências morais do seu estádio de civilização. Do ponto de vista ideal, essa é a sua única realização, pois **para reprimir seu instinto sexual**, esgotam as forças que poderiam ser utilizadas em atividades culturais." – p.175-176;

"Quando **o instinto sexual** é muito intenso, mas pervertido, existem dois desfechos possíveis. No primeiro, que não examinaremos, o indivíduo afetado permanece pervertido e sofre as consequências do seu desvio dos padrões de civilização. No segundo, muito mais interessante, o sujeito consegue realmente, sob a influência da educação, e das exigências sociais, suprimir seus instintos pervertidos, mas essa supressão é falsa, ou melhor, frustrada. **Os instintos sexuais inibidos** não são mais, é verdade, expressos como tais – e nisto consiste o êxito do processo –, mas conseguem expressar-se de outras formas igualmente nocivas para o sujeito, e que o tornam tão inútil para a sociedade quanto o teria inutilizado a satisfação de seus instintos suprimidos." – p.176;

"A experiência nos ensina que existe para a imensa maioria das pessoas um limite além do qual suas constituições não podem atender às exigências da civilização. Aqueles que desejam ser mais nobres do que suas constituições lhes permitem, são vitimados pela neurose. Esses indivíduos teriam sido mais saudáveis se lhes fosse possível ser menos bons. A descoberta de que as perversões e as neuroses guardem entre si uma relação de positivo para negativo é, com frequência, confirmada inequivocamente pela observação de membros de uma mesma geração de uma família. É comum a **irmã de um pervertido sexual**, a qual em sua condição de mulher possui **um instinto sexual mais débil**, apresentar uma neurose cujos sintomas expressam as mesmas inclinações das perversões do seu irmão, **mais ativo sexualmente**. Correlatamente, em muitas famílias os homens são saudáveis, embora do ponto de vista social sejam altamente

imorais, enquanto as mulheres, cultas e de elevados princípios, sucumbem a graves neuroses.

Uma das óbvias injustiças sociais é que **os padrões de civilização exigem de todos uma idêntica conduta sexual**, conduta esta que pode ser observada sem dificuldades por alguns indivíduos, graças às suas organizações, mas que impõe a outros os mais pesados sacrifícios psíquicos. Entretanto, na realidade, essa injustiça é geralmente sanada pela desobediência às junções morais." – p.177;

"Até aqui essas considerações referiram-se às exigências impostas pelo segundo dos estádios de civilização por nós definidos, exigências que proíbem toda **atividade sexual** descrita como pervertida, ao mesmo tempo que concedem ampla **liberdade às relações sexuais chamadas normais**. Vemos que, mesmo quando o limite entre a **liberdade sexual** e as restrições é assim fixado, um certo número de indivíduos é marginalizado como pervertido, e outro grupo, que se esforça para não ser pervertido, embora por constituição o devesse ser, é impelido às doenças nervosas. É fácil prever as consequências de uma maior redução da **liberdade sexual**, quando as exigências culturais se elevam ao terceiro estádio, que **proíbe toda atividade sexual fora do matrimônio legítimo**." – p.177-178;

"(1) Que deveres exige do indivíduo o terceiro estádio de civilização? [...]

A resposta à primeira pergunta envolve um problema que tem sido frequentemente debatido e que não pode ser tratado aqui de forma exaustiva: o problema da **abstinência sexual**. O nosso terceiro estádio cultural exige dos indivíduos de ambos os sexos a prática da abstinência até o casamento, obrigando os que não contraem um casamento legítimo a permanecerem abstinentes por toda a sua vida. A posição, grata a todas as autoridades, de que a **abstinência sexual não é nociva nem árdua** também tem sido amplamente defendida pela classe médica. Entretanto, podemos afirmar que **a tarefa de dominar um instinto tão poderoso quanto o instinto sexual**, por outro meio que não a sua satisfação, é de tal monta que consome todas as forças do indivíduo. O domínio do instinto pela sublimação, **defletindo as forças instintuais sexuais do seu objetivo sexual para fins culturais mais elevados**, só pode ser efetuado por uma minoria, e mesmo assim de forma intermitente, sendo mais difícil no período ardente e vigoroso da juventude. Os demais, tornam-se em grande maioria neuróticos, ou sofrem alguma espécie de prejuízo. A experiência demonstra que a maior parte dos indivíduos que constituem a nossa sociedade não possuem a constituição necessária para enfrentar com êxito a tarefa de uma abstinência. Os que teriam já adoecido sob **restrições sexuais mais brandas**, adoecem ainda mais rapidamente e com maior gravidade ante as **exigências de nossa moral sexual cultural contemporânea**. A meu ver, **a satisfação sexual é a melhor proteção contra a ameaça que as disposições inatas anormais** ou os distúrbios do desenvolvimento constituem para uma **vida sexual normal**. Quanto maior a disposição de um indivíduo para a neurose, menos ele tolerará a abstinência. Os instintos cujo desenvolvimento normal foi coibido, como vimos acima, tornam-se ainda mais indomáveis, e mesmo os indivíduos que conservariam a saúde sob as exigências do segundo estádio cultural mergulharão em grande número na neurose, pois **o valor psíquico da satisfação sexual cresce com a sua frustração**. A libido represada torna-se capaz de perceber os pontos fracos raramente ausentes da **estrutura da vida sexual**, e por ali abre caminho obtendo uma satisfação substitutiva neurótica na forma de sintomas patológicos. Quem penetrar nos determinantes das doenças nervosas cedo ficará convencido de que o incremento dessas doenças em nossa sociedade provém da intensificação das **restrições sexuais**." – p.178-179;

"(2) **A satisfação sexual legítima permitida** pode oferecer uma compensação aceitável pela renúncia a todas as outras satisfações? [...]

Isso nos leva ao problema de determinarmos se **as relações sexuais no casamento legítimo** podem oferecer uma total compensação para as restrições impostas antes do casamento. Existe tanto material a favor de uma resposta negativa que será necessário expô-lo de forma muito condensada. Acima de tudo, não devemos esquecer que a nossa **moral sexual restringe as relações sexuais mesmo dentro do casamento**, pois em geral obriga o casal a contentar-se com uns poucos atos procriadores. Em consequência desse fato, **as relações sexuais no casamento só são satisfatórias durante alguns poucos anos**, e mesmo desse período é preciso subtrair os intervalos de abstenção exigidos pela saúde da esposa. Após esses três, quatro ou cinco anos, o casamento torna-se, pelo menos **em relação à satisfação das necessidades sexuais**, um fracasso, já que todos os artifícios até hoje inventados para impedir a concepção **reduzem o prazer sexual**, ferem a sensibilidade de ambos os cônjuges e podem até causar doenças. **O medo das consequências do ato sexual acarreta**, inicialmente, o término da afeição física do casal e, mais tarde, como efeito retardado, em geral também destrói a afinidade psíquica que os unia e que deveria substituir a paixão inicial A desilusão espiritual e a privação física a que a maioria dos casamentos estão então condenados recolocam os cônjuges na situação anterior ao casamento, situação que é agora ainda mais penosa pela perda de uma ilusão, e na qual devem mais uma vez apelar para suas energias a fim de subjugar e defletir seu **instinto sexual**. Não é preciso que investiguemos o grau de êxito obtido pelos homens, agora em sua maturidade, nessa tarefa. A experiência mostra que, com muita frequência, eles recorrem – embora com relutância e em segredo – **à parcela de liberdade sexual** que lhes é concedida até mesmo **pelo código sexual mais severo**. **Essa moral sexual 'dupla'** que é válida em nossa sociedade para os homens é a melhor confissão de que a própria sociedade não acredita que seus preceitos possam ser obedecidos. Mas a experiência também mostra que as mulheres, em sua qualidade de verdadeiro **instrumento dos interesses sexuais da humanidade**, só possuem em pequeno grau o dom de sublimar seus instintos, e que, embora possam encontrar um **substituto adequado do objeto sexual no filho que amamentam, mas não nas crianças maiores** – a experiência mostra, insisto, que as mulheres ao sofrerem as desilusões do casamento contraem graves neuroses que lançam sombras duradouras sobre suas vidas. Nas presentes condições culturais, o casamento há muito deixou de ser uma panaceia para os distúrbios nervosos femininos; embora nós médicos ainda aconselhemos o casamento em tais casos, sabemos que, ao contrário, uma jovem precisa ser muito mais saudável para o tolerar, e enfaticamente aconselhamos nossos pacientes masculinos a não se casarem com moças que antes do casamento já sofriam de doenças nervosas. Ao contrário, a cura das doenças nervosas decorrentes do casamento estaria na infidelidade conjugal; porém, quanto mais severa houver sido a educação da jovem e mais seriamente ela se submeter às exigências da civilização, mais receará recorrer a essa saída; no conflito entre seus desejos e seu sentimento de dever, mais uma vez se refugiará na neurose. Nada protegerá sua virtude tão eficazmente quanto uma doença. Dessa forma **o matrimônio, que é oferecido ao instinto sexual do jovem civilizado** como uma consolação, mostra-se inadequado mesmo durante o seu decurso, não havendo sequer possibilidades de que possa compensar as privações anteriores." – p.179-180;

"(3) Qual a relação entre os possíveis efeitos nocivos dessa renúncia e seus proveitos no campo cultural? [...]

Admitindo-se que **a moral sexual civilizada cause danos**, alguém poderia argumentar em

resposta à terceira pergunta que **o proveito cultural decorrente de tão ampla restrição da sexualidade compensa**, provavelmente, esses sofrimentos, os quais afinal de contas só afligem de forma severa uma minoria. Devo confessar-me incapaz de contrapor corretamente os ganhos aos prejuízos, mas poderia oferecer maiores argumentos à causa das perdas. Voltando ao assunto da abstinência, devo insistir que a mesma acarreta também outros males além dos inclusos nas neuroses, e que a importância dessas ainda não foi, em geral, suficientemente apreciada.

A retardação do desenvolvimento e da atividade sexual a que aspiram nossa civilização e educação certamente não é nociva a princípio, parecendo até uma necessidade quando consideramos quão tarde os jovens das classes instruídas atingem a independência e são capazes de ganhar a vida. (Isso nos recorda a íntima interligação de todas as nossas instituições culturais e as dificuldades de alterar qualquer uma delas sem modificar o todo.) Mas a abstinência mantida por um longo período depois dos vinte anos já apresenta perigo para o jovem, e mesmo que não acarrete uma neurose, causa outros prejuízos. Costuma-se dizer que a luta contra um instinto tão poderoso, com a acentuação de todas as forças éticas e estéticas necessárias para tal, 'enrijecem' o caráter. Isso pode ser verdadeiro no caso de algumas naturezas de organização muito favorável. Devemos admitir também que a diferenciação do caráter individual, tão marcante hoje em dia, só se tornou possível com a existência da **restrição sexual**. Contudo, na imensa maioria dos casos, **a luta contra a sexualidade** consome toda a energia disponível do caráter, justamente quando o jovem precisa de suas forças para conquistar o seu quinhão e o seu lugar na sociedade. A relação entre **a quantidade de sublimação possível e a quantidade de atividade sexual necessária** varia muito, naturalmente, de indivíduo para indivíduo, e mesmo de profissão para profissão. É difícil conceber um artista abstinente, mas certamente não é nenhuma raridade um jovem *savant* abstinente. Este último consegue por sua autodisciplina liberar energias para seus estudos, enquanto naquele provavelmente **as experiências sexuais** estimulam as realizações artísticas. Em geral não me ficou a impressão de que a **abstinência sexual contribuía** para produzir homens de ação enérgicos e autoconfiantes, nem pensadores originais ou libertadores e reformistas audazes. Com frequência bem maior produz homens fracos mas bem comportados, que mais tarde se perdem na multidão que tende a seguir, de má vontade, os caminhos apontados por indivíduos fortes.

O fato de que, em geral, **o instinto sexual** se comporta de forma voluntariosa e inflexível evidencia-se também nos resultados da luta pela abstinência. A educação civilizada talvez apenas tencione suprimir temporariamente o instinto até o casamento, com o propósito de então utilizá-lo, concedendo-lhe ampla liberdade." – p.178 e 180-181;

"É óbvio que a educação não subestima as dificuldades de **suprimir a sensualidade da jovem até o casamento**, pois utiliza medidas drásticas. Não somente proíbe as **relações sexuais** e oferece altos prêmios à preservação da castidade feminina, mas também protege a jovem da tentação durante o seu desenvolvimento, conservando-a ignorante do papel que irá desempenhar e não tolerando nela qualquer impulso amoroso que não possa conduzir ao casamento. O resultado é que, quando a jovem recebe a súbita autorização de seus guardiões para apaixonar-se, não está apta a essa realização psíquica, e chega ao matrimônio insegura dos seus sentimentos. Em consequência dessa retardação artificial de suas funções eróticas, ela nada tem a oferecer além de desapontamentos ao homem que poupou todos os seus desejos para ela. Seus sentimentos mentais permanecem presos aos seus **genitores, cuja autoridade acarretou a supressão de sua sexualidade**, e em seu comportamento físico revela-se frígida, **privando o homem de um maior prazer sexual**." – p.182;

"**O comportamento sexual** de um ser humano frequentemente *constitui o protótipo* de suas demais reações ante a vida. Do homem que mostra firmeza na conquista do seu objeto amoroso, podemos esperar que revele igual energia e constância na luta pelos seus outros fins. Mas se, por toda uma série de motivos, ele **renuncia à satisfação de seus fortes instintos sexuais**, seu comportamento em outros setores da vida será, em vez de enérgico, conciliatório e resignado. No sexo feminino percebemos facilmente um caso especial dessa tese de que a **vida sexual** constitui um protótipo para o exercício de outras funções. A educação das mulheres impede que se ocupem intelectualmente **dos problemas sexuais**, embora o assunto lhes desperte uma extrema curiosidade, e as intimida condenando tal curiosidade como pouco feminina e como indício de disposição pecaminosa. Assim a educação as afasta de *qualquer* forma de pensar, e o conhecimento perde para elas o valor. **Essa interdição do pensamento estende-se além do setor sexual**, em parte através de associações inevitáveis, em parte automaticamente, como a interdição do pensamento religioso ou a proibição de ideias sobre a lealdade entre cidadãos fiéis. Não acredito que a 'debilidade mental fisiológica' feminina seja consequência de um antagonismo biológico entre **o trabalho intelectual e a atividade sexual**, como afirmou Moebius em sua discutida obra. Acredito que a inegável inferioridade intelectual de muitas mulheres pode antes ser atribuída à inibição do pensamento necessária à **supressão sexual**." – p.182-183;

"Quanto à questão da abstinência, é preciso estabelecer **a abstenção de qualquer atividade sexual e a abstenção de relações sexuais** com o sexo oposto. Muitos indivíduos que se vangloriam de ser abstinentes, só o conseguiram com o auxílio da masturbação e satisfações análogas ligadas às **atividades sexuais autoeróticas da primeira infância**. Entretanto, esses **meios substitutivos de satisfação sexual** não são em absoluto inofensivos, justamente devido a essa conexão, e predispõem às numerosas formas de neurose e psicose que podem resultar na **involução da vida sexual a formas infantis**. Tampouco a masturbação satisfaz **as exigências ideais da moral sexual civilizada**, consequentemente levando os jovens a travar com os ideais da educação aqueles mesmos conflitos que procuravam evitar pela abstinência. Além disso, ela corrompe em mais de um sentido o caráter, por meio da *indulgência*. Em primeiro lugar, acostuma o indivíduo a atingir objetivos importantes sem esforço e pelos meios mais fáceis, e não através de uma ação vigorosa, ou seja, obedece ao princípio de que **a *sexualidade constitui o protótipo* do comportamento**. Em segundo lugar, nas fantasias que acompanham a satisfação **o objeto sexual** é levado a níveis de perfeição dificilmente encontrados na realidade." – p.183;

"A severidade das exigências da civilização e as dificuldades da abstinência converteram a proibição da união de genitais de sexos opostos no cerne do problema da abstinência, **favorecendo outros tipos de atividade sexual**, equivalentes, por assim dizer, a uma semi-obediência. Como o coito normal tem sido tão implacavelmente perseguido pela moral e também pela higiene devido às possibilidades de infecção, as **práticas sexuais chamadas pervertidas**, nas quais outras partes do corpo assumem o papel de genitais, aumentaram sem dúvida sua importância social. Entretanto, essas atividades não podem ser consideradas tão inofensivas como outras **extensões análogas [da meta sexual] nas relações amorosas**. São condenáveis do ponto de vista ético, pois degradam as relações amorosas de dois seres humanos, rebaixando-as de uma questão fundamental a um jogo cômodo, livre de riscos e sem nenhuma participação espiritual. Outra consequência desse **incremento das dificuldades da vida sexual normal** é **a expansão da satisfação homossexual**: àqueles que são **homossexuais**

devido à sua organização, e aos que passaram a sê-lo na infância, junta-se um grande número de indivíduos em que a obstrução do curso principal de sua libido causou, em anos posteriores, o alargamento do canal secundário da **homossexualidade**." – p.184;

"Todas essas consequências inevitáveis e indesejadas do preceito da abstinência convergem para um único resultado: o completo malogro da preparação para o casamento, **casamento esse que a moral sexual civilizada pensa ser o único herdeiro das impulsões sexuais**. Todo homem cuja libido, em consequência de **práticas sexuais masturbatórias ou pervertidas**, acostumou-se a situações e condições de satisfação anormais apresenta no casamento uma potência diminuída. Também as mulheres que puderam preservar sua virgindade com o auxílio de recursos análogos **mostram-se anestesiadas às relações sexuais normais do casamento**, que assim tem início com ambos os cônjuges apresentando uma reduzida capacidade erótica que irá sucumbir ao processo de dissolução com uma rapidez maior do que os demais. Em consequência da fraca potência do marido, a mulher não se satisfaz, permanecendo anestesiada mesmo nos casos onde uma poderosa **experiência sexual** poderia ter superado sua predisposição para a frigidez decorrente de sua educação. Tal casal encontrará maiores dificuldades para impedir a concepção do que um casal saudável, pois a reduzida potência do marido suporta mal o uso de anticoncepcionais. Nesse embaraço, **sendo o ato sexual a fonte** de todas as suas dificuldades, logo o casal renuncia ao mesmo, e com isso abre mão da base de sua vida conjugal." – p.184-185;

"As pessoas bem informadas sabem que não exagero nessa descrição, e que muitos casos igualmente desastrosos podem ser encontrados a cada momento. É difícil para o não iniciado acreditar quão rara é a potência normal num marido e quão frequente é a frigidez feminina no casal que vive sob o império da nossa **moral sexual civilizada**, que grau de renúncia exige frequentemente de ambos os cônjuges o casamento e a que limites estreitos fica reduzida a vida conjugal – aquela felicidade tão ardentemente desejada." – p.185;

"À primeira vista, parece um caso de hereditariedade, mas a um exame mais apurado comprova-se ser na realidade o efeito de poderosas impressões infantis. Uma esposa neurótica, insatisfeita, torna-se uma mãe excessivamente terna e ansiosa, transferindo para o filho sua necessidade de amor. Dessa forma ela o desperta para a **precocidade sexual**. Além disso, o mau relacionamento dos pais excita a vida emocional da criança, fazendo-a sentir amor e ódio em graus muito elevados ainda em tenra idade. Sua educação rígida, que não tolera qualquer atividade dessa **vida sexual precocemente despertada**, vai em auxílio da força supressora e esse conflito, em idade tão tenra, fornece todos os elementos necessários ao aparecimento de uma doença nervosa que durará toda a vida." – p.185;

"**A supressão dos impulsos hostis à civilização que não são diretamente sexuais** acarreta, também, um fracasso semelhante na obtenção de compensação. Por exemplo, se um homem tornou-se excessivamente bondoso em resultado de uma violenta supressão de uma inclinação constitucional para a aspereza e a crueldade, frequentemente perde tanta energia ao realizar isso que não consegue fazer tudo que os seus impulsos compensadores exigem, podendo, no final das contas, fazer pior do que teria feito sem a supressão.

Acrescentemos que **a restrição da atividade sexual numa comunidade** é, em geral,

acompanhada de uma intensificação do medo da morte e da ansiedade ante a vida que perturba a capacidade do indivíduo para o prazer, assim como a disposição de enfrentar a morte por uma causa." – p.186;

"Em vista disso, é justo que indaguemos se a nossa **moral sexual 'civilizada'** vale o sacrifício que nos impõe, já que estamos ainda tão escravizados ao hedonismo a ponto de incluir entre os objetivos de nosso desenvolvimento cultural uma certa dose de satisfação da felicidade individual. Certamente não é atribuição do médico propor reformas, mas me pareceu que eu poderia defender a necessidade de tais reformas se ampliasse a exposição de Von Ehrenfels sobre os efeitos nocivos de **nossa moral sexual 'civilizada'**, indicando o importante papel que essa moral desempenha no incremento da doença nervosa moderna." – p.186;

SOBRE AS TEORIAS SEXUAIS DAS CRIANÇAS (1908)

"O material que serve de base a esta síntese procede de várias fontes. Em primeiro lugar, da observação direta do que as crianças dizem e fazem; em segundo, do que neuróticos adultos conscientemente lembram de sua infância e relatam durante o tratamento psicanalítico; e, em terceiro lugar, das traduções e conclusões, e das lembranças inconscientes traduzidas em material consciente, que resultam da psicanálise de neuróticos.

O fato de que a primeira dessas três fontes não tenha sido suficiente para fornecer todos os elementos necessários para o esclarecimento do assunto deve-se à atitude do adulto em relação **à vida sexual das crianças**. **Não lhes atribuindo nenhuma atividade sexual**, o adulto não se esforça por observar seus indícios, suprimindo, por outro lado, qualquer manifestação dessa atividade que lhe chame a atenção." – p.191;

"As pressões da educação e **a variável intensidade do instinto sexual** certamente permitem grandes variações individuais no **comportamento sexual das crianças**, e sobretudo influenciam a época do aparecimento do **interesse sexual da criança**." – p.191;

"Mas como aqueles que posteriormente **se tornam neuróticos com frequência apresentam em sua constituição inata um instinto sexual particularmente forte e uma tendência à precocidade e à expressão prematura desse instinto**, eles nos permitem perceber com maior clareza e precisão **uma quantidade maior da atividade sexual infantil** do que nossa embotada faculdade de observação poderia reconhecer em outras coisas." – p.192;

"Em consequência de circunstâncias desfavoráveis de natureza interna e externa, as observações que se seguem aplicam-se principalmente ao **desenvolvimento sexual de apenas um sexo** – isto é, o masculino. Entretanto, o valor de uma tal compilação não deve ser puramente de natureza descritiva. O conhecimento das **teorias sexuais infantis**, tais como as concebe a mente da criança, pode ter interesse em mais de um sentido – até mesmo, surpreendentemente, para a elucidação dos mitos e contos de fadas. Além disso, são indispensáveis para uma compreensão das próprias neuroses, já que nestas ainda atuam as teorias infantis, exercendo uma decisiva influência sobre a forma assumida pelos sintomas." – p.192-193;

"Se pudéssemos despojar-nos de nossa exigência corpórea e observar as coisas da terra com uma nova perspectiva, como seres puramente pensantes, de outro planeta por exemplo, talvez nada despertasse tanto a nossa atenção como o fato da existência de dois sexos entre os seres humanos, que, embora tão semelhantes em outros aspectos, assinalam suas diferenças com sinais externos muito óbvios. No entanto, não me parece que as crianças também tomem esse fato fundamental como ponto de partida de suas **pesquisas sobre os problemas sexuais**." – p.193;

"Recentemente, a análise de um menino de cinco anos, feita pelo pai e a mim confiada para publicação, forneceu-me a confirmação irrefutável da correção de uma concepção que há muito inferi da psicanálise de adultos. Sei agora que as alterações sofridas pela mãe no decurso da gravidez não escapam aos olhos aguçados da criança, e que esta é perfeitamente capaz de logo estabelecer uma relação entre o aumento de volume materno e o aparecimento do bebê. No caso que citei acima, o menino tinha três anos e meio quando nasceu a irmã, e quatro anos e nove meses quando revelou o seu conhecimento por meio de claras alusões. Essa descoberta precoce, entretanto, é sempre conservada em segredo e mais tarde reprimida e esquecida, de acordo com as posteriores vicissitudes das **pesquisas sexuais da criança**.

A 'fábula da cegonha', portanto, não é uma das teorias sexuais da criança. Sua descrença nela é, ao contrário, fortalecida pela observação dos **animais, que tão pouco dissimulam sua vida sexual** e aos quais ela se sente tão intimamente ligada. Com o conhecimento de que os bebês crescem no interior do corpo da mãe, conhecimento a que chegou por si só, a criança estaria no caminho certo para solucionar o primeiro problema a que aplica suas energias mentais. No entanto, seu progresso é inibido pela ignorância que não pode ser confirmada e **pelas falsas teorias que lhe são impostas por sua própria sexualidade**.

Essas teorias sexuais falsas, que agora examinei, possuem uma característica muito curiosa: embora cometam equívocos grotescos, cada uma delas contém um fragmento da verdade, no que se assemelham às tentativas dos adultos, que consideramos geniais, para decifrar os problemas do universo, que são tão complexos para a compreensão humana. A parte dessas teorias que é correta e atinge o alvo provém dos **componentes do instinto sexual** que já atuam no organismo infantil. Não surge de um ato mental arbitrário ou de impressões casuais, mas das **necessidades da constituição psicossexual da criança**, motivo pelo qual podemos falar de **teorias sexuais infantis típicas**, e pelo qual encontramos as mesmas crenças errôneas em todas as crianças a cuja **vida sexual** temos acesso." – p.195-196;

"A primeira dessas teorias deriva do desconhecimento das diferenças entre os sexos a que me referi no início deste artigo como uma característica infantil. Consiste em *atribuir a todos, inclusive às mulheres, a posse de um pênis*, tal como o menino sabe a partir de seu próprio corpo. É justamente na **constituição sexual** que devemos encarar como 'normal' que, já na infância, o pênis é a principal zona erógena e **o mais importante objeto sexual autoerótico**." – p.196;

"A ideia de uma mulher com pênis retorna mais tarde, nos sonhos dos adultos; o indivíduo que sonha, num **estado de excitação sexual noturna**, subjuga a mulher, despoja-a de suas vestes, mas quando vai realizar o coito vê no lugar dos genitais femininos um pênis bem desenvolvido,

e põe fim ao sonho e à excitação.” – p.196;

“Se um indivíduo na infância ‘fixa’ essa ideia da mulher com um pênis, tornar-se-á, resistindo a todas as influências dos anos posteriores, incapaz de prescindir de um pênis no **seu objeto sexual**, e, embora em outros aspectos tenha uma **vida sexual normal**, está fadado a tornar-se um **homossexual**, indo **procurar seu objeto sexual entre os homens** que, devido a características físicas e mentais, lembram a mulher. Quando, mais tarde, vem a conhecer mulheres, elas já não podem mais ser para ele **objetos sexuais** porque **carecem da atração sexual básica**; na verdade, em conexão com uma outra impressão de sua vida infantil, elas podem causar-lhe repugnância.” – p.196;

“Os genitais femininos, vistos mais tarde, são encarados como um órgão mutilado e trazem à lembrança aquela ameaça, despertando assim horror, em vez de prazer, **no homossexual**. Essa reação não sofre nenhuma alteração quando **o homossexual**, através da ciência, vem a saber que a suposição infantil que atribui um pênis à mulher não é assim tão errada. A anatomia reconheceu no clitóris situado no interior da vulva feminina um órgão homólogo ao pênis, **e a fisiologia dos processos sexuais acrescenta que esse pequeno pênis**, que não aumenta de tamanho, comporta-se na realidade, durante a infância, como um pênis genuíno – torna-se a sede de excitações que fazem com que ele seja tocado, e a sua **excitabilidade confere à atividade sexual da menina um caráter masculino**, sendo necessária **uma vaga de repressão nos anos da puberdade para que desapareça essa sexualidade masculina e surja a mulher**. Como a **função sexual** de muitas mulheres apresenta-se reduzida, seja por seu obstinado apego a essa excitabilidade do clitóris, de modo a permanecerem anestesiadas durante o coito, seja por uma repressão tão excessiva que seu funcionamento é em parte substituído por formações compensatórias histéricas – tudo isso parece mostrar que existe uma dose de verdade **na teoria sexual infantil** de que as mulheres possuem, como os homens, um pênis.” – p.197;

“A ignorância da vagina também permite às crianças acreditar **na segunda de suas teorias sexuais**. Se o bebê se desenvolve no corpo da mãe, sendo então retirado, isto só pode acontecer através de um único caminho: a passagem anal. *O bebê precisa ser expelido como excremento, numa evacuação*. Quando, na infância posterior, a mesma questão é assunto de reflexão solitária ou de discussão entre duas crianças, as explicações encontradas são de que o bebê sai pelo umbigo, que se abre, ou através de um corte na barriga – que foi o que aconteceu com o lobo na história do Chapeuzinho Vermelho. Essas teorias são expressas em voz alta e depois lembradas conscientemente, pois nada contêm de censurável. Essas mesmas crianças já esqueceram completamente que em anos anteriores acreditaram em outra teoria do nascimento, agora obliterada pela repressão, ocorrida nesse intervalo, dos **componentes sexuais anais**. Naquela época a criança podia falar em evacuação sem envergonhar-se, não estando ainda tão distanciada de suas inclinações coprófilas constitucionais. A ideia de vir ao mundo como uma massa de fezes não era degradante, não tendo sido ainda condenada por sentimentos de repugnância. A teoria cloacal, que afinal é válida para tantos animais, era a teoria mais natural, a única que poderia parecer provável à criança.” – p.198-199;

“**A terceira das teorias sexuais típicas** surge nas crianças quando, por qualquer circunstância doméstica, elas **testemunham acidentalmente uma relação sexual entre os pais**. Sua percepção dos acontecimentos é fatalmente muito incompleta. Quaisquer que tenham sido os

detalhes que atraíram sua atenção – as posições das duas pessoas, os ruídos ou qualquer circunstância acessória –, a criança chega sempre à mesma conclusão, adotando o que se poderia chamar de uma *concepção sádica do coito*. Ela o encara como um ato imposto violentamente pelo participante mais forte ao mais fraco. No caso do menino, principalmente, compara-o aos **brinquedos violentos da infância**, que lhe são tão familiares, e dos quais **não está ausente uma certa dose de excitação sexual**. Não consegui certificar-me se a criança vê, neste comportamento que testemunhou entre seus pais, o elo que lhe faltava para solucionar o problema dos bebês. É bem provável que não percebam essa conexão pela simples razão de que interpretam o ato de amor como sendo um ato de violência. No entanto, essa concepção dá a impressão de um retorno ao obscuro impulso para um comportamento cruel que se associou às excitações do pênis da criança no momento em que ela principiou a refletir sobre a origem dos bebês. Não podemos também excluir a possibilidade de que esse impulso sádico prematuro, que quase levou à descoberta do coito, emergiu sob a influência de **lembranças extremamente obscuras das relações sexuais dos pais**, cujo material, não utilizado na época, foi obtido pela criança em seus primeiros anos, quando ainda compartilhava do quarto dos pais." – p.199-200;

"A teoria sádica do coito, que tomada isoladamente é enganosa, quando poderia fornecer provas corroborativas, **é também a expressão de um dos componentes inatos do instinto sexual**, componentes que podem ser mais ou menos vigorosos segundo a criança. Por esse motivo, a teoria é até certo ponto correta, pois adivinhou parcialmente a **natureza do ato sexual** e da 'batalha do sexo' que o precede. Algumas vezes a criança pode confirmar essa teoria por meio de observações acidentais, que em parte compreende corretamente, mas em parte incorretamente, e até mesmo no sentido inverso. Em muitos casamentos a esposa de fato resiste ao abraço do marido, que não lhe causa prazer, mas sim o risco de uma nova gravidez. E assim a criança que julgam adormecida (ou que se finge adormecida) pode ficar com a impressão de que sua mãe se defendia de um ato de violência. Outras vezes o casamento oferece à observadora criança o espetáculo de brigas contínuas, expressas em palavras duras e gestos inamistosos. Assim, ela não se surpreende se o conflito continua à noite, sendo por fim encerrado pelo método que ela própria utiliza em sua relação com os irmãos e irmãs ou companheiros de brinquedos.

Em acréscimo, se a criança descobre **manchas de sangue na cama da mãe** ou em suas roupas íntimas, considera-as como uma confirmação de suas concepções. Para ela são provas de que o pai tornou a agredir a mãe à noite (ao passo que interpretaríamos essas manchas como indício de uma **interrupção temporária das relações sexuais**). Grande parte do 'horror ao sangue' dos neuróticos só é explicável através dessa conexão. Uma vez mais, porém, o engano infantil contém um fragmento da verdade, pois, em certas circunstâncias que nos são familiares, os vestígios de sangue são na verdade **interpretados como um sinal de iniciação sexual**." – p.200-201;

[exemplo de teoria de crianças] "Uma menina de quatorze anos, já menstruada, de quem **a educação conseguira afastar o conhecimento sexual**, deduziu da leitura de alguns livros que o casamento consistia na 'mistura de sangue'; como sua própria irmã ainda não iniciara seus períodos, **a jovem tentou uma agressão sexual** a uma visitante que confessara estar menstruada no momento, para forçá-la a participar dessa 'mistura de sangue'" – p.201;

"Estas parecem ser **as mais importantes das teorias sexuais típica**s concebidas

espontaneamente pela criança nos primeiros anos da infância, sob a única **influência dos componentes do instinto sexual**. Sei que não consegui tornar seu material completo, nem estabelecer uma relação contínua entre ele e o resto da vida infantil. No entanto, devo acrescentar algumas observações suplementares cuja ausência seria notada por pessoas bem informadas. Existe assim, por exemplo, a importante teoria de que a criança é gerada num beijo – teoria que obviamente revela a predominância da zona erógena da boca. Que eu saiba, essa teoria é exclusivamente feminina e algumas vezes mostra-se patogênica em meninas cujas **pesquisas sexuais foram sujeitadas a inibições fortíssimas na infância**." – p.201-202;

"Mais ou menos aos dez ou onze anos as crianças começam **a ouvir falar de assuntos sexuais**. Uma criança que cresceu numa atmosfera social menos inibida, ou que teve melhores oportunidades de observação, conta às outras aquilo que sabe, pois isso a faz sentir-se amadurecida e superior. Os conhecimentos que as crianças adquirem dessa forma são na maior parte corretos, isto é, elas descobrem a existência da vagina e sua finalidade; no mais, porém, as revelações que trocam entre si são frequentemente **mescladas com ideias falsas e resíduos de teorias sexuais infantis anteriores**." – p.202;

"Agora é o desconhecimento do sêmen, como era anteriormente o desconhecimento da vagina, o obstáculo para a compreensão de todo o processo. A criança não pode adivinhar que **o órgão sexual masculino** excreta outra substância que não a urina. Ocasionalmente uma jovem 'inocente' ainda fica indignada na noite de núpcias pelo fato de o marido 'urinar dentro dela'. A essa informação adquirida nos anos pré-puberdade seguem-se **novas tentativas de investigação sexual por parte da criança**, mas as teorias que ela agora concebe não têm mais aquele caráter típico e original das teorias primitivas dos primórdios da infância, quando **os componentes sexuais infantis podiam ser expressos sem inibições e sem alterações**." – p.202;

"Os esforços intelectuais posteriores das crianças para decifrar os enigmas do sexo não me parecem dignos de atenção, nem possuir alguma significação patogênica. Sua variedade depende sem dúvida principalmente da natureza do esclarecimento que a criança recebe, mas sua significação reside antes no fato de despertarem os traços, que se tornaram inconscientes, do **primeiro período infantil de interesse sexual**. Assim é frequente que a essas investigações se associe uma **atividade sexual masturbatória** e um certo grau de afastamento emocional dos pais. Daí o juízo condenatório de alguns professores de que o esclarecimento nessa idade 'corrompe' as crianças" – p.202-203;

"Vou oferecer-lhes agora alguns exemplos que mostram quais os elementos que integram essas **especulações tardias das crianças sobre a vida sexual**. Uma menina soubera por seus colegas que o marido dá à esposa um ovo que ela choca no interior do corpo. Um menino, ao ouvir a mesma história, identificou esse ovo com o testículo, que [em alemão] é vulgarmente conhecido pela mesma palavra [*Ei*]; e empregou todos os esforços mentais para descobrir como o conteúdo do escroto poderia ser constantemente renovado. A informação recebida raramente é suficiente para prevenir o aparecimento de **dúvidas importantes sobre os efeitos sexuais**. Assim, uma menina pode imaginar que o coito só ocorreu uma única vez, durando entretanto muito tempo, vinte e quatro horas, e que todos os bebês do casal provêm dessa única ocasião. Poder-se-ia supor que essa criança obteve seus conhecimentos dos processos reprodutivos de certos insetos,

mas essa hipótese não se confirmou; a teoria emergira como uma criação espontânea. Outras meninas ignoram a duração da gestação, a vida no útero, e supõem que o bebê **aparece imediatamente após a primeira noite das relações sexuais**. Marcel Prévost utilizou esse equívoco juvenil numa divertida história que aparece em uma das suas 'Lettres de femmes'. **As pesquisas sexuais posteriores de crianças**, ou de adolescentes que permaneceram no estádio infantil, oferecem um tema quase inexaurível, que apresenta um certo interesse geral, mas que no momento está um tanto fora do meu interesse. Devo ainda assinalar que nesse setor as crianças produzem muitas ideias errôneas a fim de refutar conhecimento mais antigo e mais preciso que se tornou inconsciente e reprimido." – p.203;

"O modo pelo qual as crianças reagem à informação recebida também é significativo. Em algumas a **repressão sexual está tão adiantada** que elas não dão ouvidos a nada; essas crianças conseguem permanecer ignorantes mesmo na vida adulta – *aparentemente* ignorantes, pelo menos – até que, na psicanálise de neuróticos, o conhecimento originado na primeira infância vem à luz. Sei também de dois meninos entre dez e treze anos que, **ao receberem informações sexuais**, rejeitaram-nas com as seguintes palavras: '*Seu* pai e outras pessoas podem fazer isso, mas tenho certeza de que *meu* pai nunca o faria'. Mas por mais diversas que sejam as reações posteriores das crianças **à satisfação de sua curiosidade sexual**, podemos supor que nos primeiros anos da infância sua atitude era absolutamente uniforme, e ter a certeza de que nesse período todas elas tentaram ansiosamente descobrir o que os pais faziam um com o outro para terem bebês." – p.203-204;

ALGUMAS OBSERVAÇÕES GERAIS SOBRE ATAQUES HISTÉRICOS (1909 [1908])

"O ataque histérico, portanto, deve ser submetido à mesma revisão interpretativa que empregamos para os sonhos noturnos, pois tanto as forças que dão origem à distorção, como a finalidade dessa distorção e a técnica nela empregada são as mesmas que deduzimos da interpretação dos sonhos.

(1) O ataque torna-se ininteligível por representar simultaneamente várias fantasias em um mesmo material, ou seja, através da *condensação*. Os elementos comuns às duas (ou mais) fantasias constituem o núcleo da representação, como sucede nos sonhos. As fantasias que assim coincidem são sempre de naturezas bem diversas, podendo, por exemplo, consistir num desejo recente e numa reativação de uma impressão infantil. As mesmas inervações servem então às duas finalidades, muitas vezes de forma bastante engenhosa. Nos pacientes histéricos que utilizam em alto grau a condensação, uma única forma de ataque pode ser suficiente; outros expressam suas numerosas fantasias patogênicas através da multiplicidade das formas de ataque.

(2) O ataque torna-se obscuro pelo fato de o paciente tentar realizar as atividades de ambas as figuras que aparecem na fantasia, ou seja, por meio de uma identificação múltipla. Confira-se, por exemplo, o caso que mencionei em meu artigo sobre **'Fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade' (1908a)**, no qual a paciente tentava despojar-se de suas vestes com uma das mãos (como homem) enquanto as retinha com a outra (como mulher).

(3) Uma *inversão antagônica de inervações*, processo análogo à transformação de um elemento em seu oposto, comum no trabalho onírico, acarreta também uma distorção muito ampla. Um abraço, por exemplo, pode ser representado no ataque pelo esticar convulsivo dos braços para trás até que as mãos se tocam no plano da coluna vertebral. É bem possível que o conhecido *arc de cercle* que ocorre nos ataques histéricos graves seja apenas uma análoga e enérgica

rejeição, através de uma inervação antagônica, de **uma postura do corpo adequada para a relação sexual**.

(4) Quase tão desorientadora e enganosa é a *inversão da ordem cronológica* na fantasia que é representada, a qual também tem seu correspondente em certos sonhos que começam com o final da ação e terminam com seu início." – p.209-210;

"A investigação da história infantil de pacientes histéricos mostra que o ataque histérico destina-se a substituir uma satisfação *autoérotica* praticada no passado e à qual o indivíduo renunciou. Num grande número de casos essa satisfação (masturbação por contato ou por pressão das coxas, movimentos da língua, etc.) repete-se durante o ataque, enquanto a consciência do indivíduo está defletida. Ademais, o desencadeamento de um ataque que é devido a um aumento da libido e que está a serviço do objeto primário – na qualidade de consolo – repete exatamente as condições em que numa época anterior o paciente procurava intencionalmente essa satisfação autoerótica. A anamnese do paciente revela os seguintes estádios: *(a)* satisfação autoerótica, sem conteúdo ideativo; *b)* a mesma satisfação, em conexão com uma fantasia que leva ao ato de satisfação; *(c)* renúncia ao ato, com a permanência da fantasia; *(d)* repressão da fantasia, que então se manifesta através do ataque histérico, ou em uma forma inalterada ou numa forma modificada e adaptada às novas impressões do meio. Além disso, *(e)* a fantasia pode até restabelecer o ato de satisfação ao qual se abdicara aparentemente. Eis aqui um **ciclo típico de atividade sexual infantil**: repressão, malogro da repressão e retorno do reprimido." – p.211-212;

"**A perda de consciência num ataque histérico**, a '*absence*', deriva-se do fugaz mas inegável lapso de consciência que **se observa no clímax de toda satisfação sexual intensa**, inclusive as autoeróticas. Esse curso de desenvolvimento pode ser delineado com mais certeza onde as *absences* histéricas surgem a partir do desencadeamento de poluções em jovens do sexo feminino. Os chamados 'estados hipnoides' – *absences* durante os devaneios –, tão comuns entre indivíduos histéricos, revelam a mesma origem. O mecanismo dessas *absences* é comparativamente simples. Toda a atenção do indivíduo fica concentrada inicialmente no curso do processo de satisfação; quando esta ocorre, toda essa catexia de atenção é subitamente removida, daí resultando um momentâneo vazio na consciência. Esse vazio, que se poderia qualificar de *fisiológico*, amplia-se a serviço da repressão para tragar tudo aquilo que a instância repressora rejeita." – p.212-213;

"É o mecanismo reflexo do coito que mostra o caminho para a descarga motora da libido reprimida em um ataque histérico – mecanismo este pronto a operar em todos, inclusive nas mulheres, e que vemos em operação manifesta quando o indivíduo **se entrega sem restrições à atividade sexual**. Já na Antiguidade o coito era descrito como uma 'pequena epilepsia'. Alterando isso um pouco, podemos dizer que um ataque histérico convulsivo é equivalente de um coito. A analogia com um ataque epiléptico é de pouca valia, pois a gênese deste é ainda mais obscura do que a dos ataques histéricos." – p.213;

"Encarando o conjunto, os ataques histéricos, assim como a histeria em geral, **revivem uma parcela da atividade sexual das mulheres** que existiu durante sua infância e que naquele período revelava um caráter essencialmente masculino. Podemos observar com frequência que

aquelas jovens que mostravam natureza e tendências masculinas nos anos anteriores à puberdade, são justamente as que se tornam histéricas daí em diante. Em grande número de casos a neurose histérica representa apenas uma intensificação excessiva daquele influxo típico de repressão que, **apagando a sexualidade masculina**, permite o aparecimento da mulher." – p.213;

ROMANCES FAMILIARES (1909[1908])

"Os pequenos fatos da vida da criança que a tornam descontente, fornecem-lhe um pretexto para começar a criticar os pais; para manter essa atitude crítica, utiliza seu novo conhecimento de que existem outros pais que em certos aspectos são preferíveis aos seus. A psicologia das neuroses nos ensina que, entre outros fatores, contribuem para esse resultado os impulsos mais intensos da **rivalidade sexual**." – p.219;

"O estádio seguinte no desenvolvimento do afastamento do neurótico de seus pais, que assim teve início, pode ser descrito como o 'romance familiar do neurótico', sendo raramente lembrado conscientemente, mas podendo quase sempre ser revelado pela psicanálise, já que uma atividade imaginativa estranhamente acentuada é uma das características essenciais dos neuróticos e também de todas as pessoas relativamente bem dotadas. Essa atividade emerge inicialmente no brincar das crianças e depois, mais ou menos a partir do período anterior à puberdade, passa a ocupar-se das relações familiares. [...] Há também a questão de as fantasias serem desenvolvidas com maior ou menor esforço para se obter verossimilhança. Esse estádio é alcançado numa época em que a criança ainda ignora os **determinantes sexuais da procriação**." – p.220;

"Quando finalmente a criança vem a conhecer a diferença entre os papéis desempenhados pelos pais e pelas mães **em suas relações sexuais**, e compreende que '*pater semper incertus est*', enquanto a mãe é 'certíssima', o romance familiar sofre uma curiosa restrição: contenta-se em exaltar o pai da criança, deixando de lançar dúvidas sobre sua origem materna, que é encarada como fato indiscutível. Esse **segundo estádio (sexual)** do romance familiar sofre o influxo de um outro motivo que está ausente do **primeiro estádio (assexual)**. A criança que **já conhece os processos sexuais** tende a se imaginar em relações e situações eróticas, cuja força motivadora é o desejo de colocar **a mãe (objeto da mais intensa curiosidade sexual)** em situações de secreta infidelidade e em secretos casos amorosos. Dessa forma, as fantasias da criança, que inicialmente **eram assexuais**, elevam-se ao nível do seu conhecimento posterior." – p.220-221;

"Além disso, o motivo da vingança e da retaliação, que estava em primeiro plano no estádio inicial, também está presente no posterior. Via de regra, são precisamente essas crianças neuróticas, que foram **punidas pelos pais por travessuras sexuais**, que agora se vingam dos mesmos através de tais fantasias." – p.221;

"Assim, por exemplo, o jovem construtor de fantasias pode eliminar o grau proibitório de parentesco que o une a uma irmã por quem **se sente sexualmente atraído**." – p.221;

BREVES ESCRITOS (1903-1909)

1. **Resposta a um questionário sobre leitura (1906)**
Não consta.

2. **Prospecto para *Schriften zur angewandten seelekunde* (1907)**
Não consta.

3. **Prefácio a *Nervous anxiety-states and their treatment,* de Wilhelm Stekel (1908)**
Não consta.

4. **Prefácio a *Psycho-analysis: essays in the field of psycho-analysis*, de Sandor Ferenczi (1910[1909])**
Não consta.

5. **Colaborações para *Neue Freie Presse***
Não consta.

VIII. DUAS HISTÓRIAS CLÍNICAS (O "PEQUENO HANS" E O HOMEM DOS RATOS) (1909)

Volume 10 (FREUD, 1996h)

ANÁLISE DE UMA FOBIA EM UM MENINO DE CINCO ANOS (1909)

"O valor peculiar desta observação, contudo, reside nas considerações que se seguem. Quando um médico trata de um neurótico adulto pela psicanálise, o processo que ele realiza de pôr a descoberto as formações psíquicas, camada por camada, capacita-o, afinal, a construir determinadas **hipóteses quanto à sexualidade infantil do paciente**; e é nos componentes dessa última que ele acredita haver descoberto as forças motivadoras de todos os sintomas neuróticos da vida posterior. Estabeleci essas hipóteses em meus ***Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*** (1905*d*) e estou ciente de que, a um leitor leigo, elas parecem tão estranhas quanto parecem, para um psicanalista, não ser controvertidas." – p.15;

"Seguramente deve existir a possibilidade de se observar em crianças, em primeira mão e em todo o frescor da vida, **os impulsos e desejos sexuais** que tão laboriosamente desenterramos nos adultos dentre seus próprios escombros – especialmente se também é crença nossa que eles constituem a propriedade comum de todos os homens, uma parte da constituição humana, e apenas exagerada ou distorcida no caso dos neuróticos." – p.16;

"Tendo em vista essa finalidade, venho por muitos anos encorajando meus alunos e meus amigos a reunir observações da **vida sexual das crianças** – cuja existência, via de regra, tem sido argutamente desprezada ou deliberadamente negada." – p.16;

"Essas primeiras observações já começam a despertar a expectativa de que muita coisa, se não a maior parte, de tudo que o pequeno Hans nos revela, terminará por tornar-se típica do **desenvolvimento sexual das crianças em geral**." – p.16-17;

"Boa parcela da importância dos animais nos mitos e contos de fadas se deve ao fato de mostrarem abertamente suas partes **genitais e funções sexuais** às crianças pequenas e indagadoras. Não pode haver dúvida quanto **à curiosidade sexual de Hans**; esta, contudo, também despertou nele o espírito de indagação e favoreceu que ele chegasse a um autêntico conhecimento abstrato." – p.18;

"A ânsia por conhecimento parece ser inseparável da **curiosidade sexual**. A curiosidade de Hans orientava-se em particular para seus pais." – p.18;

"Estaríamos fazendo uma injustiça a Hans se tivéssemos de delinear apenas os **aspectos autoeróticos de sua vida sexual**. Seu pai possui informações detalhadas a nos fornecer acerca do tema de suas relações amorosas com outras crianças. Destas podemos discernir a existência de uma 'escolha de objeto', como no caso de um adulto; e também, temos de confessar, um notável grau de inconstância e uma disposição à poligamia." – p.23;

"Um primo, de cinco anos, veio visitar Hans, que nessa época chegara à idade de quatro anos. Hans constantemente punha os braços ao redor dele, e um dia, quando lhe dava um daqueles ternos abraços, disse: 'Eu gosto *tanto* de você.'

Esse é o **primeiro traço de homossexualidade** com que nele deparamos, mas não será o último. O pequeno Hans parece ser um modelo positivo de todos os vícios." – p.24;

"Apesar de seus **arroubos de homossexualidade**, o pequeno Hans, face ao desafio de sua mãe, portou-se como um homem de verdade." – p.25;

"Claro que ter de fazer pipi, tendo alguém que lhe desabotoe a calça e exponha seu pênis, é para Hans um processo prazeroso. Quando estão passeando, na maior parte das vezes quem ajuda Hans é seu pai; isso dá à criança uma oportunidade para a fixação de **inclinações homossexuais na figura paterna**." – p.28;

"Sem dúvida, o terreno foi preparado por uma **superexcitação sexual** devida à ternura da mãe de Hans; mas não sou capaz de especificar a causa real da excitação. Ele receia que *um cavalo vá mordê-lo na rua*, e esse medo parece estar de alguma forma relacionado com o fato de ele vir-se assustando com um grande pênis." – p.29;

"A seguir sugeri a seu pai que começasse a dar a Hans alguns esclarecimentos dentro do **tema do conhecimento sexual**." – p.34;

"Desde então esse prazer ficou prejudicado para ele, devido à inversão global do prazer em desprazer que havia tomado conta de todas as suas **pesquisas sexuais**, de um modo ainda inexplicável, e também devido a alguma coisa que se torna mais clara para nós, ou seja, a determinadas experiências e reflexões que levaram a conclusões aflitivas." – p.39;

"Eu tinha predito a seu pai que seria possível reportar a fobia de Hans aos pensamentos e desejos ocasionados pelo nascimento da sua irmãzinha. Mas deixei de salientar que, de acordo com a **teoria sexual das crianças**, um bebê é um '*lumf*', de modo que a trilha de Hans se encontraria no complexo excremental. Foi devido a essa negligência da minha parte que o progresso do caso se tornou temporariamente obscurecido. Agora que o assunto tinha sido esclarecido, o pai de Hans tentou examinar o menino, de uma segunda vez, em relação a esse ponto importante." – p.72;

"Enquanto a criança estiver na ignorância quanto às partes genitais femininas, haverá naturalmente uma lacuna vital na sua compreensão dos **assuntos sexuais**." – p.83;

[comentário do pai de Hans por escrito a Freud] "(6) Um resíduo não resolvido permanece por trás, pois Hans ainda quebra a cabeça para descobrir o que um pai tem a ver com seu filho, já que é a mãe que o traz ao mundo. Isso pode ser visto pelas suas perguntas, como, por exemplo: 'Eu pertenço a *você* também, não pertenço?' (querendo dizer não só à sua mãe). Não está claro para ele de que maneira ele pertence a mim. Por outro lado, não tenho nenhuma evidência direta de ele por acaso ter ouvido, como o senhor supõe, **seus pais tendo relações sexuais**." – p.93-94;

"Em primeiro lugar, devo considerar até que ponto o exame dessa observação apoia as afirmações que fiz nos *meus* ***Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*** (1905*d*)." – p.95;

"Contudo, mesmo durante a análise, o pequeno paciente deu sinal de independência suficiente para colocá-lo acima da acusação de 'sugestão'. Como todas as outras crianças, ele aplicava suas **teorias sexuais infantis** ao material à sua frente, sem ter recebido qualquer encorajamento para agir assim. Essas teorias estão extremamente distantes da mente adulta." – p.98;

"O primeiro traço no pequeno Hans que pode ser encarado como parte da **sua vida sexual** é um interesse particularmente vivo por seu 'pipi' – um órgão cujo nome deriva de uma de suas duas funções que, não sendo a menos importante das duas, não pode ser excluída dos cuidados com a criança." – p.98-99;

"O motivo para a intervenção da sua mãe tinha sido que ele costumava gostar de proporcionar a si mesmo sentimentos de prazer ao tocar o seu membro: o menininho tinha começado a praticar a mais comum – e mais normal – forma de **atividade sexual autoerótica**." – p.99;

"O prazer que uma pessoa sente no seu próprio **órgão sexual** pode tornar-se associado com a escopofilia (ou **prazer sexual em olhar**) nas suas formas ativa e passiva, de uma maneira que tem sido descrita com muita aptidão por Alfred Adler (1908) como 'confluência de instintos'. Assim, o pequeno Hans começou a tentar dar uma olhada nos pipis dos outros; sua **curiosidade sexual** desenvolveu-se, e ao mesmo tempo ele gostava de exibir seu próprio pipi." – p.99;

"Assim, na **constituição sexual** do pequeno Hans a zona genital foi, desde o começo, aquela dentre as suas zonas erógenas que lhe proporcionou o mais intenso prazer. O único outro prazer semelhante do qual ele deu sinal foi o prazer excretório, o prazer ligado aos orifícios através dos quais a micção e a evacuação dos intestinos são efetuadas." – p.100;

"Nessa junção é bom enfatizar logo o fato de que durante a sua fobia havia uma manifesta repressão desses dois componentes bem desenvolvidos da sua **atividade sexual**. Ele tinha vergonha de urinar na frente de outras pessoas, acusava-se de colocar o dedo no seu pipi, fazia esforços para parar de se masturbar, e mostrava sinais de nojo diante de '*lumf*' e 'pipi', e de tudo o que lhe lembrasse estes. Na sua fantasia de tomar conta dos seus filhos, ele desfez essa última repressão." – p.100-101;

"**Uma constituição sexual** como a do pequeno Hans não parece encerrar uma predisposição para o desenvolvimento nem de perversões, nem de seu negativo (vamos limitar-nos a uma consideração de histeria). Até onde vai minha experiência (e ainda há uma necessidade real de se falar com cuidado nesse ponto), a constituição inata dos histéricos – que isso é procedente também em relação a pervertidos é quase evidente em si mesmo – é marcada pelo fato de a zona genital ser relativamente menos proeminente do que as outras zonas erógenas. Mas precisamos excetuar expressamente dessa regra uma 'aberração' especial da **vida sexual**. Naqueles que mais tarde se tornam **homossexuais** encontramos a mesma predominância na influência da zona genital (e especialmente do pênis) que nas pessoas normais. Na realidade é a **alta estima sentida pelo homossexual pelo órgão masculino** que decide o seu destino. Na sua infância ele escolhe mulheres como seu **objeto sexual**, enquanto presume que elas também possuem o que, a seus olhos, é uma parte indispensável do corpo; quando ele se convence de que as mulheres o decepcionaram nesse particular, elas deixam de ser aceitáveis para ele como **objeto sexual**. Ele não pode abrir mão de um pênis em qualquer pessoa que deva atraí-lo para **o ato sexual**; e se as circunstâncias forem favoráveis, ele fixará sua libido sobre a 'mulher com um pênis', um jovem de aparência feminina. **Os homossexuais**, então, são pessoas que, devido à importância erógena dos seus próprios genitais, não podem passar sem uma forma semelhante no seu **objeto sexual**. No curso do desenvolvimento do autoerotismo para o amor objetal, eles permaneceram fixados num ponto entre os dois – um ponto que está mais perto do autoerotismo.

Não há absolutamente qualquer justificativa para distinguir um **instinto homossexual** especial. **O que constitui um homossexual** é uma peculiaridade não na sua vida instintual, mas na sua escolha de um objeto. Deixem-me lembrar o que eu disse nos meus *Três ensaios* quanto ao fato de que erradamente imaginamos **a conexão entre instinto e objeto na vida sexual** como sendo mais íntima do que realmente é. **Um homossexual** pode ter instintos normais, mas é incapaz de separá-los de uma classe de objetos definida por um determinante particular. E na sua infância, já que nesse período esse determinante é considerado como um fato de aplicação universal, ele é capaz de se comportar como o pequeno Hans, que mostrou sua afeição por menininhos e

menininhas indiscriminadamente, e uma vez descreveu seu amigo Fritzl como ‘a menina de quem ele gostava mais’. Hans era um **homossexual** (como todas as crianças podem muito bem ser), devido ao fato, que precisa ser sempre mantido em mente, de que *ele só estava informado quanto a um tipo de órgão genital* – um órgão genital como o seu.

No seu desenvolvimento subsequente, contudo, não foi para a **homossexualidade** que o nosso jovem libertino prosseguiu, mas para uma masculinidade enérgica, com traços de poligamia; também soube como variar seu comportamento, com seus objetos femininos variados – audaciosamente agressivo num caso, lânguido e acanhado em outro.” – p.101-102;

“**O objetivo sexual** que ele perseguia com suas companheiras meninas, o de dormir com elas, tinha-se originado com relação à sua mãe. Foi expresso em palavras que poderiam ser conservadas na maturidade, embora trouxessem então uma conotação mais rica.” – p.102;

“Na sua atitude em relação a seu pai e sua mãe Hans confirma da maneira mais concreta e sem compromisso o que eu tinha dito na *minha A interpretação de sonhos* (1900*a*, na Seção D do Capítulo V) com respeito **às relações sexuais de uma criança com seus pais**. Hans era realmente um pequeno Édipo que queria ter seu pai ‘fora do caminho’, queria livrar-se dele, para que pudesse ficar sozinho com sua linda mãe e dormir com ela.” – p.103;

“A influência mais importante sobre o curso do **desenvolvimento psicossexual de Hans** foi o nascimento de uma irmãzinha, quando ele estava com três anos e meio. Esse evento acentuou as suas relações com seus pais e lhe deu alguns problemas insolúveis em que pensar; mais tarde, enquanto observava a maneira pela qual o bebê era cuidado, os traços de memória das suas próprias experiências mais remotas de prazer foram reavivados nele. Essa influência é também uma influência típica; em um número inesperadamente grande de históricos de vida, tanto normais quanto patológicos, vemo-nos obrigados a tomar como nosso ponto de partida uma **explosão de prazer sexual e de curiosidade sexual ligada**, como esta, ao nascimento da criança seguinte.” – p.104-105;

“Podemos presumir que, desde então, Hans tenha ficado num estado de **excitação sexual intensificada**, cujo objeto era sua mãe. A intensidade dessa excitação foi mostrada por suas duas tentativas de seduzir sua mãe (a segunda das quais ocorreu imediatamente antes da eclosão da sua ansiedade); e ele achou um canal de descarga incidental para isso, masturbando-se toda noite e, dessa forma, obtendo gratificação. Se a súbita transmutação da sua excitação em ansiedade teve lugar espontaneamente, ou como resultado da rejeição de sua mãe aos seus avanços, ou devido ao renascimento acidental das impressões anteriores pela ‘causa precipitadora’ da sua doença (sobre a qual vamos ouvir agora) – não podemos decidir; e, de fato, essa é uma questão indiferente, pois essas três possibilidades alternativas não podem ser encaradas como mutuamente incompatíveis. O fato é que a sua **excitação sexual** subitamente mudou para ansiedade.” – p.109;

“Não há dificuldades na maneira para compreendermos essas duas fantasias criminosas. Elas pertenciam ao complexo de Hans de tomar posse da sua mãe. Agitava-se em sua mente algum tipo de vaga noção de que havia algo que ele poderia fazer com sua mãe por meio do que ele

chegaria a tomar posse dela; para esse pensamento ilusório ele encontrou algumas representações pictóricas, que tinham em comum as qualidades de serem violentas e proibidas, e cujo conteúdo nos choca por combinar maravilhosamente com a verdade escondida. Só podemos dizer que havia **fantasias simbólicas de relações sexuais**, e não era um detalhe irrelevante o fato de que seu pai era representado como compartilhando das suas ações: 'Eu gostaria', ele parecia estar dizendo, 'de estar fazendo algo com minha mãe, algo proibido; eu não sei o que é, mas sei que você está fazendo isso também.'" – p.112;

"Enquanto a análise de um caso está em andamento é impossível obter qualquer impressão clara da estrutura e do desenvolvimento da neurose. Isso é da competência de um processo sintético que precisa ser executado subsequentemente. Ao tentar levar a cabo tal síntese da fobia do pequeno Hans, devemos tomar como nossa base a consideração da sua constituição mental, do seu **controle sobre os desejos sexuais** e das suas experiências até a época do nascimento da sua irmã, o que fornecemos em parte anterior deste artigo." – p.119;

"Sua tentativa de descobrir o que era que tinha de ser feito com sua mãe a fim de que ela pudesse ter filhos afundou para o seu inconsciente; e seus dois impulsos ativos – o hostil em relação a seu pai e o sádico-terno em relação a sua mãe – não podem ser postos em uso – o primeiro, por causa do amor que existia lado a lado com o ódio, e o segundo, por causa da perplexidade na qual suas **teorias sexuais infantis** o deixaram." – p.122;

"O pai de Hans foi incapaz de confirmar minha suspeita de que havia alguma lembrança agitando-se na mente da criança, lembrança de ter observado uma **cena de relação sexual entre seus pais** no quarto destes. Então, contentemo-nos com o que descobrimos.

É difícil dizer qual foi a influência que, na situação que acabamos de esboçar, levou à súbita mudança em Hans e à transformação do seu anseio libidinal em ansiedade – para dizer de que direção foi que a repressão começou. A questão provavelmente só poderia ser decidida fazendo-se uma comparação entre esta análise e várias outras similares. Se as escalas foram mudadas pela inabilidade *intelectual* da criança em resolver o difícil problema da geração de crianças e em lidar com os impulsos agressivos que foram liberados com a sua aproximação dessa solução, ou se o efeito foi produzido por uma incapacidade *somática*, uma intolerância constitucional da gratificação masturbatória à qual ele se entregava regularmente (se, por assim dizer, a mera persistência do **excitamento sexual** em tão alto nível de intensidade tendia a causar uma revulsão) – esta questão precisa ser deixada em aberto até que possa chegar à nossa assistência experiência nova." – p.122;

"Vimos como o nosso pequeno paciente foi alcançado por uma grande onda de repressão e que esta apanhou precisamente aqueles seus **componentes sexuais** que eram dominantes. Ele abandonou a masturbação, e afastou-se com nojo de tudo que lhe lembrava excremento e olhar para outras pessoas executando suas funções naturais. Mas esses não eram os componentes que foram agitados pela causa precipitadora da doença (ver o cavalo cair) ou que forneceram o material para os sintomas, isto é, o conteúdo da fobia.

Isso nos permite, portanto, fazer uma distinção radical. Chegaremos provavelmente a compreender o caso mais profundamente se nos voltarmos para aqueles outros componentes

que, *de fato*, preenchem as duas condições que acabaram de ser mencionadas. Esses outros componentes eram tendências em Hans que já tinham sido suprimidas e que, tanto quanto podemos dizer, nunca puderam encontrar expressão desinibida: sentimentos hostis e ciumentos em relação a seu pai, e impulsos sádicos (premonições, como era o caso, da cópula) em relação a sua mãe. Essas supressões primitivas podem ter ocorrido, talvez, para formar a predisposição para sua doença subsequente. Essas propensões agressivas de Hans não encontraram saída, e logo que chegou um tempo de privação e de **excitação sexual intensificada**, elas tentaram romper sua saída com força redobrada." – p.124-125;

"Mas não importa quão clara possa ter sido a vitória na fobia de Hans das **forças que eram opostas à sexualidade**, já que essa doença é na sua mais profunda natureza um compromisso, isso não pode ser tudo o que os instintos reprimidos obtiveram. Afinal, a fobia de Hans por cavalos era um obstáculo a ele ir até a rua, e podia servir como um meio de lhe permitir ficar em casa com sua querida mãe." – p.125;

"Apesar de toda a incerteza e obscuridade de nossa teoria dos instintos, eu preferiria, no momento, aderir ao ponto de vista usual, que deixa a cada instinto o seu próprio poder de se tornar agressivo; e estaria inclinado a reconhecer os dois instintos que se tornaram reprimidos em Hans como **componentes familiares da libido sexual**." – p.126;

"Em primeiro lugar, Hans não era o que se entenderia, falando estritamente, por uma criança degenerada, condenada por sua hereditariedade a ser um neurótico. Ao contrário, ele era bem formado fisicamente, e era um rapazinho alegre, amável e de mente ativa, que poderia dar prazer a mais pessoas que seu próprio pai. Não pode haver dúvida, é claro, quanto à sua **precocidade sexual**; mas sobre esse ponto há muito pouco material no qual uma comparação justa possa ser baseada. Colhi, por exemplo, de um trabalho de pesquisa coletiva conduzida na América [Sanford Bell (...)], que não é, de modo algum, uma coisa tão rara encontrar-se uma escolha de objeto e sentimentos de amor em meninos numa idade assim tão tenra; e o mesmo pode ser aprendido estudando-se os registros da infância de homens que mais tarde chegaram a ser reconhecidos como 'grandes'. Devo inclinar-me a acreditar, portanto, que **a precocidade sexual** é um correlato, raramente ausente, da precocidade intelectual, e que, assim, deve ser encontrada em crianças dotadas mais frequentemente do que se poderia esperar." – p.127;

NOTAS SOBRE UM CASO DE NEUROSE OBSESSIVA (1909)

"Um jovem senhor de formação universitária apresentou-se a mim com a asserção de que ele sempre havia sofrido de obsessões, desde a infância, mas com intensidade especial nos últimos quatro anos. Os aspectos principais de seu distúrbio eram *medos* de que algo pudesse acontecer a duas pessoas de quem ele gostava muito: seu pai e uma dama a quem admirava. Além disso, ele estava consciente de *impulsos compulsivos*, tais como, por exemplo, um impulso de cortar a garganta com uma lâmina; posteriormente, criou *proibições*, às vezes em conexão com coisas um tanto sem importância. Contou-me que gastou anos lutando contra essas suas ideias, e desse modo perdera muito terreno no transcorrer de sua vida. Havia experimentado vários tratamentos, mas nenhum lhe valeu, com exceção de uma temporada de tratamento por hidroterapia num sanatório próximo; e isso, pensava ele, provavelmente fora possível apenas porque lá travara conhecimentos com alguém, o que **o levara a manter relações sexuais**

regulares. Aqui ele não tinha oportunidades dessa espécie, e raramente tivera relações, apenas em intervalos irregulares. Sentia repulsa por prostitutas. Ao mesmo tempo, disse ele, **sua vida sexual havia sido obstruída**; a masturbação desempenhara apenas um pequeno papel nela, quando tinha dezesseis ou dezessete anos de idade. Sua potência era normal; **a primeira vez que teve relações sexuais** tinha vinte e seis anos.

Ele me deu a impressão de ser uma pessoa de mente clara e sagaz. Quando lhe perguntei sobre o que o fizera pôr ênfase em contar-me a respeito de sua **vida sexual** replicou ser isso o que ele sabia sobre as minhas teorias." – p.143;

[comentário do paciente] "**Minha vida sexual** começou muito cedo. Posso lembrar-me de uma cena durante meu quarto ou quinto ano de idade (dos seis anos em diante posso lembrar-me de tudo)." – p.144;

[comentário do paciente sobre a governanta da infância] "Não acredito que ela realmente fez algo errado comigo, mas tomei muitas liberdades com ela. Quando subia na sua cama eu costumava descobri-la e tocá-la, e ela não fazia objeções. Ela não era muito inteligente e tinha claramente **desejos sexuais, fortes e excessivos**. Com vinte e três anos ela tivera um filho. Depois se casou com o pai deste, de modo que hoje é uma Frau Hofrat. Mesmo hoje, vejo-a com frequência na rua." – p.146;

"Os eventos no seu sexto, ou sétimo, ano de idade, que o paciente descreveu na primeira sessão de seu tratamento, não eram puramente, como ele supunha, o começo de sua enfermidade, mas já eram a própria doença. Era uma neurose obsessiva completa, não faltando elemento essencial algum, e ao mesmo tempo o núcleo e o protótipo do distúrbio posterior – um organismo elementar, digamos, cujo estudo poderia, sozinho, capacitar-nos a obter um apanhado da complicada organização de sua subsequente enfermidade. A criança, como vimos, estava sob o domínio de um **componente do instinto sexual, o desejo de olhar [escopofilia]**; como resultado deste, existia nele uma constante recorrência de um desejo muito intenso relacionado com pessoas do sexo feminino que o agradavam – ou seja, o desejo de vê-las nuas." – p.146-147;

"Encontrar uma neurose obsessiva crônica que começa assim, na tenra infância, com desejos lascivos dessa espécie, correlacionados com estranhas apreensões e uma propensão ao desempenho de atos defensivos, não é nada de novo para mim. Tenho deparado [com] isso em inúmeros outros casos. É absolutamente típico, embora provavelmente não seja o único tipo possível. Antes de passar aos eventos da segunda sessão, gostaria de acrescentar mais uma palavra a respeito das **primeiras experiências sexuais** do paciente. Dificilmente se porá em discussão o fato de que elas podem ser descritas como experiências que foram consideráveis, quer em si mesmas, quer nas consequências que tiveram. Contudo, foi o mesmo que aconteceu com os outros casos de neurose obsessiva que tive a oportunidade de analisar. Tais casos, distintamente daqueles de histeria, possuem invariavelmente a característica de **uma atividade sexual prematura**. As neuroses obsessivas, mais do que as histerias, tornam óbvio que os fatores que formarão uma psiconeurose podem ser encontrados na **vida sexual *infantil* do paciente**, e não em sua vida atual. A **vida sexual atual de um neurótico obsessivo** pode, com frequência, parecer perfeitamente normal a um observador superficial; com efeito, ela

frequentemente oferece aos olhos elementos e anormalidades patogênicas bem menos numerosas do que no exemplo que ora estamos considerando." – p.148-149;

"Para ele, como explicou, era uma questão de consciência não passar às mãos de alguém cédulas sujas, de vez que nelas aderiam bactérias patogênicas de todos os tipos, que poderiam causar danos ao seu portador. Naquela época, eu já desconfiava vagamente da **correlação entre as neuroses e a vida sexual**, de modo que, numa outra ocasião, arrisquei-me a perguntar ao paciente qual era sua posição perante esse assunto. 'Oh, quanto a isso, tudo bem!', respondeu distraído, 'não tenho problema algum a esse respeito. Desempenho o papel de um velho tio, estimado, em algumas famílias de respeito, e ora e outra valho-me de minha posição para convidar alguma jovem para sairmos juntos para um dia de passeio no campo. Então providencio para perdemos o trem, ao partirmos de lá, o que nos obriga a passar a noite fora da cidade. Sempre reservo dois quartos, faço as coisas com muito cavalheirismo; porém, quando a jovem já está na cama, chego até ela e a masturbo com os dedos.'– 'Mas o senhor não receia causar-lhe algum dano, manipulando os genitais dela com sua mão suja?' – Ao que exclamou, perplexo: 'Dano? Como, que dano lhe causaria? Isso jamais causou dano a nenhuma delas, até agora, e todas apreciaram. Algumas já estão casadas, e não sofreram absolutamente dano algum.' – Ele levou a mal minha repreensão, e jamais retornou à consulta. Eu, contudo, só poderia encontrar explicação do contraste entre suas preocupações com as cédulas de florim e sua falta de escrúpulos por abusar das jovens que se lhe confiavam supondo que o afeto repleto de autocensura se tornara *deslocado*. O objetivo desse deslocamento era bastante óbvio: se as suas autocensuras se permitissem permanecer no lugar pertinente a elas, ele teria de abandonar determinada forma de **gratificação sexual** à qual provavelmente fosse compelido por alguns determinantes infantis muito fortes. Portanto, o deslocamento lhe favorecia derivar de sua doença uma boa vantagem." – p.174;

"Não pode haver dúvida de que existia algo, no **âmbito da sexualidade**, que permanecia entre pai e filho, e de que o pai assumira alguma espécie de oposição à vida erótica do filho, prematuramente desenvolvida. Muitos anos depois da morte de seu pai, na primeira vez que experimentou as prazerosas sensações da cópula, irrompeu em sua mente uma ideia: 'Que maravilha! Por uma coisa assim alguém é até capaz de matar o pai!' Isto foi, ao mesmo tempo, um eco e uma elucidação das ideias obsessivas de sua infância. Ademais disso, pouco antes de sua morte, seu pai se opôs diretamente àquilo que, mais tarde, se tornou a paixão dominante de nosso paciente. Ele observara que seu filho estava sempre na companhia da dama, e o aconselhou a manter-se distante dela, dizendo ser imprudente de sua parte e que isso só iria fazê-lo de tolo.

A esse inatacável acervo de provas, seremos capazes de acrescentar novos elementos, se voltarmos **à história do lado masturbatório das atividades sexuais** do nosso paciente." – p.177;

"A masturbação infantil atinge uma espécie de clímax, via de regra, entre as idades de três e quatro ou cinco anos; e constitui a mais **evidente expressão da constituição sexual de uma criança**, na qual se deve buscar a etiologia das neuroses subsequentes. Logo, sob esse disfarce, os pacientes ficam **atribuindo a culpa por suas doenças à sua sexualidade infantil**, e têm toda razão de fazê-lo. Por outro lado, o problema da masturbação torna-se insolúvel se tentarmos tratá-lo como uma unidade clínica e esquecermos que pode representar a descarga de

toda a variedade de **componente sexual** e de toda espécie de fantasia à qual tais componentes possam dar origem. Os efeitos prejudiciais da masturbação são autônomos – ou seja, determinados por sua própria natureza – apenas em um bem pequeno grau. São, em sua essência, meramente parte e parcela da significação patogênica da **vida sexual**, como um todo, do indivíduo. O fato de muitas pessoas poderem tolerar a masturbação – ou seja, determinada porção desse ato – sem prejuízo, mostra apenas que a sua **constituição sexual e o curso de evolução de sua vida sexual** foram de tal forma a permitir-lhes exercer a **função sexual** dentro dos limites daquilo que é culturalmente permissível; ao passo que outras pessoas, de vez que sua **constituição sexual** foi menos favorável, ou perturbado o seu desenvolvimento, caem doentes em **consequência de sua sexualidade** – isto é, elas não conseguem alcançar a necessária supressão ou sublimação de seus **componentes sexuais** sem recorrerem a inibições ou substituições." – p.178;

"Partindo dessas indicações e de outros dados de natureza semelhante, arrisquei-me a apresentar uma construção segundo a qual ele, quando criança de menos de seis anos, fora culpado por alguma má conduta relacionada com a masturbação, tendo sido duramente castigado por seu pai, por isso. Essa punição, consoante minha hipótese, pusera, era verdade, um fim em sua masturbação; contudo, por outro lado, deixara atrás de si um rancor inextinguível pelo seu pai e o fixara para sempre em seu papel de perturbador do **gozo sexual do paciente**." – p.180;

"Subsequentemente, o paciente indagou de novo sua mãe a esse respeito. Ela confirmou a história, acrescentando que, na época, ele tinha entre três e quatro anos de idade e que lhe haviam dado o castigo porque ele havia *mordido* alguém. Ela não era capaz de se lembrar de mais detalhes, exceto uma vaga ideia de que a pessoa a quem o pequeno havia ferido talvez tivesse sido a sua babá. No relato de sua mãe não se cogitava de que sua ação má fosse de **natureza sexual**." – p.180-181;

"Por outro lado, certamente não há que encarar com indiferença o fato de que a substituição de um pênis por um rato, na história do capitão, resultasse numa situação de **relação sexual *per anum***, que não podia deixar de ser para ele particularmente revoltante quando em conexão com seu pai e com a mulher que ele amava." – p.187;

"A história da punição com ratos, conforme nos mostrou o próprio relato do paciente acerca do assunto e sua expressão fisionômica quando me repetia a história, inflamara todos os seus impulsos, precocemente suprimidos, de crueldade, tanto egoísta como **sexual**." – p.188;

"Somente então é que se tornou possível compreender o inexplicável processo pelo qual a sua ideia obsessiva se formara. Com o auxílio de nosso conhecimento acerca das **teorias sexuais da infância e do simbolismo** (adquirido, como o foi, a partir de interpretação de sonhos) tudo pode ser traduzido e adquirir um significado." – p.189;

"Dando prosseguimento ao fato, imaginemos as condições gerais sob as quais ocorreu a formação da grande ideia obsessiva do paciente. Sua libido tinha sido aumentada por um longo

período de abstinência acoplado com a amável receptividade com a qual um jovem oficial pode contar quando está entre mulheres. Ademais disso, na época em que ele estava iniciando as manobras se instalara entre ele e a dama uma certa frieza nas relações. A intensificação de sua libido levou-o a renovar sua luta antiga contra a autoridade de seu pai, e ele ousara pensar em manter **relações sexuais com outras mulheres**." – p.191;

"Posso acrescentar uma observação acerca da interpretação daquela 'sanção' que, como se há de lembrar, consistia em que 'de outra forma, a punição com ratos será infligida a ambos'. Baseava-se na influência das duas **teorias sexuais da infância**, que abordei em outro lugar. A primeira dessas teorias é que os bebês nascem do ânus; e a segunda, que decorre logicamente da primeira, que os homens também podem ter bebês, como as mulheres." – p.191-192;

"No ano de 1896, defini as ideias obsessivas como 'autocensuras transformadas que reemergiram da repressão e que invariavelmente se referem a algum **ato sexual praticado com prazer na infância**'. Essa definição agora me parece exposta às críticas sobre seus fundamentos formais, embora seus elementos componentes sejam irrepreensíveis." – p.193;

"Eis um outro exemplo [com o] qual se pode chegar a uma solução completando-se uma elipse, e que, novamente, corresponde a uma advertência ou uma proibição asceta. Tinha o paciente uma encantadora sobrinha, menina ainda, de quem ele gostava muito. Certo dia, passou-lhe pela cabeça a seguinte ideia: '***Se você se permitir uma relação sexual****, alguma coisa irá acontecer a Ella* (isto é, ela morrerá).' Preenchendo-se as omissões, temos: 'Sempre que você copular, ainda que com uma desconhecida, você não será capaz de escapar à reflexão de que em sua vida de casado as **relações sexuais** jamais lhe darão um filho (em consequência da esterilidade da dama). Isto lhe afligirá tanto que você terá inveja de sua irmã por causa da pequena Ella. Tais impulsos de inveja inexoravelmente acarretarão a morte da criança.'" – p.197;

"Os meios para tanto foram-lhe fornecidos pela sua neurose. Sua hesitação entre a dama a quem amava e a outra jovem pode ser reduzida a um conflito entre a influência de seu pai e o amor que sentia pela sua dama, ou então, em outras palavras, a uma escolha conflitiva entre seu pai e seu **objeto sexual**, tal como já havia subsistido (julgando-se a partir de suas recordações e ideias obsessivas) em sua remota infância." – p.205;

"O primeiro desses dois conflitos corresponde à vacilação normal entre macho e fêmea que caracteriza a escolha de um objeto de amor, que qualquer pessoa faz. Este conflito inicialmente é levado à observação da criança quando alguém lhe faz a inevitável pergunta: 'De quem você gosta mais, do papai ou da mamãe?', e a acompanha por toda a sua vida, não importa qual possa ser a intensidade relativa de seus sentimentos em relação aos dois sexos, ou qual possa ser o **objetivo sexual** ao qual afinal se fixe. Normalmente, porém, essa oposição perde logo o caráter de uma aguda contradição, de um inexorável 'ou isso… ou aquilo'. Há espaço para a satisfação das desiguais exigências de ambos os lados, embora mesmo numa pessoa normal uma valorização maior de um sexo sempre é ressaltada mediante uma depreciação do outro sexo." – p.206-207;

"[...] a atitude de um homem nos **assuntos sexuais** tem a força de um modelo ao qual suas demais reações se inclinam a amoldar-se." – p.209;

"Pois os atos obsessivos tendem a se aproximar cada vez mais – e quanto mais tempo persistir o distúrbio, mais evidente este se torna – dos **atos sexuais infantis de caráter masturbatório**. Por conseguinte, nessa forma da neurose, os atos de amor são executados a despeito do que quer que seja e apenas com o auxílio de um novo tipo de regressão; porque tais atos já não mais se referem a uma outra pessoa, o objeto de amor e ódio, mas são atos autoeróticos tais como ocorrem na tenra infância." – p.211-212;

"O primeiro tipo de regressão, aquela que parte do agir para o pensar, é favorecido por um outro fator de interesse no quadro de produção da neurose. As histórias de pacientes obsessivos revelam quase que invariavelmente um precoce desenvolvimento e uma repressão prematura do **instinto sexual de olhar e conhecer** [o instinto escopofílico e o instinto epistemofílico]; ademais, como sabemos, **uma parte da atividade sexual infantil** desse nosso paciente era governada por aquele instinto." – p.212;

"Já mencionamos o importante papel desempenhado pelos componentes instintuais sádicos na gênese das neuroses obsessivas. Ali onde o instinto epistemofílico constitui um aspecto preponderante na constituição de um paciente obsessivo, a cisma se torna o sintoma principal da neurose. **O processo de pensamento torna-se sexualizado**, pois **o prazer sexual** que está normalmente ligado ao conteúdo do pensamento vê-se aplicado ao próprio ato de pensar, e a satisfação derivada do fato de se alcançar a conclusão de uma linha de pensamento é sentida como uma **satisfação *sexual***." – p.212;

"Esse fato fornecer-nos-ia a explicação da razão por que, com o progresso da civilização, é exatamente a **vida sexual** que tem de cair vítima da repressão. Isso porque há muito conhecemos a íntima conexão, na organização animal, entre **o instinto sexual e a função do órgão olfativo**." – p.214;

"A título de exemplo: na primeira vez que esteve no Sanatório de Munique, ocupava um quarto junto ao da jovem com que ele teve **relações sexuais**." – p.226;

"Forneceu-me mais alguns dados particulares a respeito de sua **vida sexual**. **Relações sexuais** com *puellae* desagradam-no. Uma vez, estando com uma, ele impôs como condição que ela se despisse e, exigindo ela, em troca, 50 por cento a mais, ele lhe pagou e foi embora, muitíssimo revoltado com tudo. Nas poucas ocasiões em que tivera **relações sexuais** com jovens (em Salzburg e, mais tarde, em Munique, com a amante), ele jamais se sentia censurando a si mesmo. [...] Ele sempre buscava fazer uma rigorosa distinção entre relações que consistiam somente na cópula e tudo aquilo que era denominado de amor; e a ideia de que ela tinha sido amada tão profundamente fê-la, aos olhos dele, um objeto inadequado para a sua **sensualidade**." – p.228;

"(VIII) Estava com a dama. Ela se mostrava muito afetuosa com ele, e ele lhe contou a sua ideia e proibição compulsivas com relação às espadas japonesas – cujo significado consistia em não poder casar com ele nem ter com ela **relações sexuais**." – p.235;

"Certa noite, em junho de 1907, ele visitava seu amigo Braun, cuja irmã, Adela, jogava com os dois. Ela lhe mostrou muitíssima atenção. Ele se sentira muito oprimido e pensara bastante a respeito do sonho das espadas japonesas – o pensamento de casar com a dama, caso não fosse com outra jovem.

Sonho, de noite: – Sua irmã Gerda estava muito doente. Ele foi até a cama onde ela estava. Braun veio em direção dele. 'Você só poderá salvar sua irmã se renunciar a todos os **prazeres sexuais**', ao que ele respondeu, cheio de assombro (para vergonha sua), '*todos* os prazeres'.

Braun está interessado em sua irmã. Há alguns meses, ele a trouxe uma vez para casa quando ela não estava se sentindo bem. A ideia só pode ter significado que, se ele casasse com Adela, o casamento de Gerda com Braun também seria provável. Assim, ele se estava sacrificando por ela. No sonho, colocava-se em uma situação compulsiva de modo a ser obrigado a casar. Sua oposição à sua dama e sua inclinação à infidelidade são evidentes. Aos 14 anos, ele teve **relações homossexuais** com Braun – cada qual olhando o pênis do outro.

Em Salzburg, em 1906, teve a seguinte ideia, durante o dia todo: Supondo que a dama lhe dissesse 'você não deve ter nenhum **prazer sexual** até estar casado comigo', será que ele faria um juramento nesse sentido? Uma voz dentro dele disse 'sim'. (Voto de abstinência em seu *Ics*.)" – p.236;

"Após persuadi-lo a revelar o nome de Gisa Hertz e todos os detalhes a respeito dela, seu relato tornou-se claro e sistemático. A predecessora dela foi Lise O., uma outra Lise. (Ele sempre tinha simultaneamente vários interesses, do mesmo modo como mantinha diversas modalidades de **ligações sexuais**, derivados de suas várias irmãs.)" – p.236;

"Uma suspeita de que foi através de suas irmãs que ele foi **levado à sexualidade**, talvez não por sua própria iniciativa – de que ele fora seduzido." – p.237;

"*29 de out.* – Falei-lhe que desconfiava de que a sua **curiosidade sexual** se havia excitado relativamente às suas irmãs." – p.238;

"Aos onze anos de idade, foi iniciado nos segredos da **vida sexual** por seu primo, a quem ele detesta, e que lhe deu a entender que todas as mulheres eram prostitutas, inclusive sua mãe e suas irmãs. Ele rebateu essa assertiva com a pergunta 'você pensa o mesmo de sua mãe?'" – p.240;

"Daí concluímos que o fato de ser castigado por seu pai se relacionava com sua investida sobre suas irmãs. Mas como? De forma puramente sádica, ou já de um **modo claramente sexual**?" – p.241;

"Inclusive nos anos mais recentes, estando sua irmã caçula dormindo no quarto dele, retirou, de manhã, os lençóis que a cobriam, a fim de poder vê-la inteirinha. Então, sua mãe entrou em cena como **obstáculo para sua atividade sexual**, assumindo esse papel desde a morte de seu pai." – p.241;

"Os detalhes, conforme me foram narrados, deixam muito poucas dúvidas de que ele tenha feito **uma investida sexual sobre a jovem**, e de que alguma coisa nela, da qual ela não tinha consciência, favoreceu, em parte, que ela se encontrasse com ele – o amor transferido de seu pai verdadeiro, de quem ela sentia falta desde os seis anos de idade." - p.242;

"As duas espadas eram as espadas japonesas dos seus sonhos: casamento e cópula. É claro o significado. Ele se permitiu ser desorientado por uma metáfora. Não era seu conteúdo a ideia ascética de que a beleza de uma mulher se consumia – era devorada – pela **relação sexual** e pelo nascimento de crianças? Dessa vez ele próprio riu." – p.244;

"**Recapitulou sua sexualidade**, ela consistia no fato de ele haver-se contentado com simplesmente *olhar* para [Fräulein] Peter e para outras mulheres. Sempre que pensava numa mulher atraente, sem roupas, ele tinha uma ereção." – p.266;

"Seguiu-se, então, **um período homossexual** com amigos masculinos; contudo, nunca houve contato mútuo, apenas olhar e um prazer enorme que extraía disso. O olhar substituiu, nele, o tocar." – p.266;

"*3 de jan*. – O rato, sendo um verme, é também um pênis. Resolvi contar-lhe isto. Assim sendo, a sua fórmula é simplesmente manifestação de um **ímpeto libidinal em direção à relação sexual** – um ímpeto caracterizado tanto pela raiva como pelo desejo, e expresso em termos arcaicos (retornando **à teoria sexual da infância** sobre a relação através do ânus)." – p.267;

"Alguns meses antes de se formar a ideia sobre ratos, ele encontrou uma mulher, na rua, a quem logo reconheceu como uma prostituta ou, de qualquer modo, **como alguém que teve relações sexuais com o homem que estava com ela**. Ela sorriu de uma maneira peculiar e ele teve a estranha ideia de que sua prima estava dentro do corpo dela e de que os genitais dela estavam colocados atrás dos genitais da mulher, de tal forma que, daí, ela extraía algum proveito, um pouco, sempre que a mulher copulava." – p.268;

"Segundo a sua inibição ele se assustava com a ameaça de que seria punido da mesma maneira por causa desses seus pensamentos. Seguiram-se diversas ideias de haver realmente desejado que sua prima **tivesse relações sexuais**; isto fora antes da teoria dos ratos com a sua forma ocasional de ter de atacá-la com ratos. Ademais, também determinado número de conexões com dinheiro, e a ideia de que sempre fora seu ideal estar em situação de uma **disposição sexual** mesmo imediatamente após haver copulado." – p.268;

"Durante as **brincadeiras homossexuais** com seu irmão, ficou certa vez horrorizado quando, pulando juntos na cama, o pênis de seu irmão ficou em contato com seu ânus." – p.269;

"**O significado sexual** de ratos não veio à baila, hoje. Sua hostilidade era, de longe, mais evidente, como se ele tivesse uma má consciência a meu respeito. Os pelos púbicos de sua jovem mulher recordavam-no da pele de um camundongo, e esse camundongo lhe parecia ter algo a ver com ratos. Não entendia que esta é a significação do nome carinhoso '*Mausi*', que ele próprio emprega. Aos quatorze anos, um primo depravado mostrou seu pênis a ele e a seu irmão, e dissera 'O meu mora num bosque' [*Meiner hauset in einen Vorwald*], mas achou que ele estava dizendo 'camundoguinho' [*Mausel*]." – p.270;

IX. CINCO LIÇÕES DE PSICANÁLISE, LEONARDO DA VINCI E OUTROS TRABALHOS (1910)

Volume 11 (FREUD, 1996i)

CINCO LIÇÕES DE PSICANÁLISE (1910)

PRIMEIRA LIÇÃO

Não consta.

SEGUNDA LIÇÃO

Não consta.

TERCEIRA LIÇÃO

"Quero ainda fazer notar que pela análise de sonhos também pudemos descobrir que o inconsciente se serve, especialmente para a **representação de complexos sexuais**, de certo simbolismo, em parte variável individualmente e em parte tipicamente fixo, que parece coincidir com o que conjecturamos por detrás dos nossos mitos e lendas. Não seria impossível que essas últimas criações populares recebessem, portanto, do sonho, a sua explicação." – p.49;

QUARTA LIÇÃO

"Mas, antes de tudo, uma coisa: o exame psicanalítico relaciona com uma regularidade verdadeiramente surpreendente os sintomas mórbidos a impressões da vida erótica do doente; mostra-nos que os desejos patogênicos são da natureza dos componentes instintivos eróticos: e obriga-nos a admitir que as perturbações do erotismo têm a maior importância entre as influências que levam à moléstia, tanto num como noutro sexo.

Bem sei que não se acredita de boa mente nesta minha afirmação. Mesmo os investigadores que me seguem solícitos os trabalhos psicológicos são inclinados a julgar que eu exagero a

participação etiológica do fator sexual, e vêm a mim perguntando por que outras excitações mentais não hão de dar também motivo aos fenômenos da repressão e formação de substitutivos. Por ora só lhes posso responder: não sei. Mas a experiência mostra que elas não têm a mesma importância. Quando muito, reforçam a ação do **elemento sexual**, mas nunca podem substituí-lo." – p.53;

"Acham-se entre os presentes alguns de meus adeptos e amigos mais chegados, que viajaram comigo até Worcester. Se os interrogarem, ouvirão que todos eles a princípio recebiam com a maior descrença a afirmação da importância decisiva da **etiologia sexual**, até que pelo exercício analítico pessoal foram obrigados a aceitar como sua própria aquela afirmação." – p.53;

"O modo de proceder dos doentes em nada facilita o reconhecimento da justeza da tese a que estamos aludindo. Em vez de nos fornecerem prontamente informações sobre a sua **vida sexual**, procuram por todos os meios ocultá-la. Em **matéria sexual** os homens são em geral insinceros. **Não expõem a sua sexualidade francamente**; saem recobertos de espesso manto, tecido de mentiras, para se resguardarem, como se reinasse um temporal terrível **no mundo da sexualidade**. E não deixam de ter razão; o sol e o ar em nosso mundo civilizado não são realmente favoráveis à **atividade sexual**." – p.53;

"Infelizmente, os médicos não desfrutam [de] nenhum privilégio especial sobre os demais homens no tocante ao **comportamento na esfera da vida sexual**, e muitos deles estão dominados por aquela mescla de lubricidade e afetado recato, que é o que governa a maioria dos 'povos civilizados' **nas coisas da sexualidade**.

Deixem-me prosseguir no relato das nossas contestações. Em outra série de casos o exame psicanalítico vem sem dúvida ligar os sintomas não a **fatos sexuais** senão a acontecimentos traumáticos comuns. [...] Chegamos aqui à mesma conclusão do exame de sonhos, isto é, que foram os desejos duradouros e reprimidos da infância que emprestaram à formação dos sintomas a força sem a qual teria decorrido normalmente a reação contra traumatismos posteriores. Estes potentes desejos da infância hão de ser reconhecidos, porém, em sua absoluta generalidade, **como sexuais**." – p.54;

"Mas, agora sim, estou realmente certo do espanto dos ouvintes. 'Existe então – perguntarão – **uma sexualidade infantil?**' 'A infância não é, ao contrário, o período da vida marcado pela ausência do **instinto sexual**?' Não, meus senhores. Não é verdade certamente que **o instinto sexual**, na puberdade, entre [n]o indivíduo como, segundo o Evangelho, os demônios nos porcos. A criança possui, desde o princípio, **o instinto e as atividades sexuais**. Ela os traz consigo para o mundo, e deles provém, através de uma evolução rica de etapas, a chamada **sexualidade normal do adulto**. Não são difíceis de observar as **manifestações da atividade sexual infantil**; ao contrário, para deixá-las passar desapercebidas ou incompreendidas é que é preciso certa arte." – p.54;

"Por um feliz acaso acho-me em condições de chamar dentre os presentes uma testemunha em favor de minhas afirmações. Eis aqui o trabalho do Dr. Sanford Bell, impresso em 1902, em The American Journal of Psychology. O autor é um 'Fellow' da Clark University, o mesmo

instituto em cujo seio nos achamos no atual instante. Nesse trabalho, intitulado 'A Preliminary Study of the Emotion of Love Between the Sexes', publicado três anos antes dos meus ***Three Essays on the Theory of Sexuality*** **[1905d] [Três *ensaios sobre a teoria da sexualidade*]**, escreve o autor, tal qual há pouco lhes dizia: 'A emoção do **amor sexual**… não aparece pela primeira vez no período da adolescência, como se tem pensado.' Procedendo 'à americana', como diríamos na Europa, reuniu durante 15 anos nada menos de 2.500 observações positivas, das quais 800 são próprias. Dos sinais por que se revelam esses temperamentos namoradiços, diz ele: 'O espírito mais desprevenido, observando estas manifestações em centenas de casais de crianças, não poderá deixar de atribuir-lhes uma **origem sexual**. O mais rigoroso espírito satisfaz-se quando a estas observações se juntam as confissões dos que em criança sentiram a emoção intensamente e cujas recordações daquela época são relativamente nítidas.' Aqueles dentre os ouvintes que não queriam acreditar na **sexualidade infantil** terão o maior assombro ouvindo que entre estas crianças, tão cedo enamoradas, não poucas se encontram na tenra idade de três, quatro ou cinco anos." – p.54-55;

"Não duvido, pois, de que os presentes se acabarão familiarizando com a ideia, de início tão exótica, da **sexualidade infantil**; memore-se o exemplo notável do psiquiatra E. Bleuler, de Zurique, que há poucos anos dizia publicamente 'que não compreendia **minha teoria sexual**' mas que de então para cá, pôde, mediante observações próprias, **confirmar a sexualidade infantil** em toda a extensão. (Cf. Bleuler, 1908.)" – p.56;

"Deixem que se dissipem as dúvidas e examinemos juntos a **sexualidade infantil**, desde os primeiros anos. **O instinto sexual** se nos apresenta muito complexo, podendo ser desmembrado em vários componentes de origem diversa. Antes de tudo, é independente da função procriadora a cujo serviço mais tarde se há de pôr. Serve para dar ensejo a diversas espécies de sensações agradáveis que nós, pelas suas analogias e conexões, englobamos como **prazer sexual**. A principal **fonte de prazer sexual infantil** é a excitação apropriada de determinadas partes do corpo particularmente excitáveis, além dos órgãos genitais, como sejam os orifícios da boca, ânus e uretra e também a pele e outras superfícies sensoriais. Como nesta primeira fase da **vida sexual infantil** a satisfação é alcançada no próprio corpo, excluído qualquer objeto estranho, dá-se-lhe o nome, segundo o termo introduzido por Havelock Ellis, de autoerotismo. Zonas erógenas denominam-se os lugares do corpo que proporcionam o **prazer sexual**. O prazer de chupar o dedo, o gozo da sucção, é um bom exemplo de tal satisfação autoerótica partida de uma zona erógena. Quem primeiro observou cientificamente esse fenômeno, o pediatra Lindner (1879), de Budapeste, já o tinha interpretado como satisfação dessa natureza e descrito exaustivamente a transição para outras formas mais elevadas de **atividade sexual**. Outra satisfação da mesma ordem, nessa idade, é a excitação masturbatória dos órgãos genitais, fenômeno que tão grande importância conserva para o resto da vida e que muitos indivíduos não conseguem suplantar jamais. Ao lado dessas e outras atividades autoeróticas revelam-se, muito cedo, na criança, aqueles componentes instintivos do **gozo sexual** ou, como preferimos dizer, da libido, que pressupõem como objeto uma pessoa estranha." – p.56;

"Outras **atividades sexuais infantis** já incidem na 'escolha do objeto', onde o principal elemento é uma pessoa estranha, a qual deve primordialmente sua importância a considerações relativas ao instinto de conservação. Mas a diferença de sexo ainda não tem neste período infantil papel decisivo; pode-se, pois, atribuir a toda criança, sem injustiça, uma parcial **disposição homossexual**. Esta **vida sexual infantil** desordenada, rica mas dissociada, em que

cada impulso isolado se entrega à conquista do gozo independentemente dos demais, experimenta uma condensação e organização em duas principais direções, de tal modo que **ao fim da puberdade o caráter sexual definitivo está completamente formado**. De um lado subordinam-se todos os impulsos ao domínio da zona genital, por meio da qual a **vida sexual** se coloca em toda a plenitude ao serviço da propagação da espécie, passando a satisfação daqueles impulsos a só ter importância como **preparo e estímulo do verdadeiro ato sexual**. De outro lado a escolha de objeto repele o autoerotismo, de maneira que na vida erótica os componentes do **instinto sexual** só querem satisfazer-se na pessoa amada. Mas nem todos os componentes instintivos originários são admitidos a tomar parte nesta **fixação definitiva da vida sexual**. Já antes da puberdade, sob o influxo de educação, certos impulsos são submetidos a repressões extremamente enérgicas, ao mesmo passo que surgem forças mentais – o pejo, a repugnância, a moral – que como sentinelas mantêm as aludidas repressões. Chegando na puberdade a maré das **necessidades sexuais** encontra nas mencionadas reações psíquicas diques de resistência que lhe conduzem a corrente pelos caminhos chamados normais e lhe impedem reviver os impulsos reprimidos. Os mais profundamente atingidos pela repressão são primeiramente, e sobretudo, os prazeres infantis coprófilos, isto é, os que se relacionam com os excrementos, e, em segundo lugar, os da fixação às pessoas da primitiva escolha de objeto." – p.57;

"Senhores. Um princípio de patologia geral afirma que todo processo evolutivo traz em si os germes de uma disposição patológica e pode ser inibido ou retardado ou desenvolver-se incompletamente. Isto vale para o **tão complicado desenvolvimento da função sexual** que nem em todos os indivíduos se desenrola sem incidentes que deixem após si ou anormalidade ou disposições a doenças futuras por meio de uma regressão. Pode suceder que nem todos os impulsos parciais se sujeitem à soberania da zona genital; o que ficou independente estabelece o que chamamos *perversão* **e pode substituir a finalidade sexual normal pela sua própria**. Segundo já foi dito, acontece frequentemente que o autoerotismo não seja completamente superado, como testemunham as multiformes perturbações aparecidas depois. A equivalência primitiva dos sexos como **objeto sexual** pode conservar-se, e disso se originará no adulto uma **tendência homossexual**, capaz de chegar em certas circunstâncias até a da **homossexualidade exclusiva**. Esta série de distúrbios corresponde a entraves diretos no **desenvolvimento da função sexual**: abrange as perversões e o nada raro **infantilismo geral da vida sexual**." – p.57-58;

"A propensão à neurose deve provir por outra maneira de uma perturbação do **desenvolvimento sexual**. As neuroses são para as perversões o que o negativo é para o positivo. Como nas perversões, evidenciam-se nelas os mesmos componentes instintivos que mantêm os complexos e são os formadores de sintomas; mas aqui eles agem do inconsciente, onde puderam firmar-se apesar da repressão sofrida. A psicanálise nos mostra que a manifestação excessivamente intensa e prematura desses impulsos conduz a uma espécie de **fixação parcial** – **ponto fraco na estrutura da função sexual**." – p.58;

"É muito possível que me **contestem dizendo que nada disto é sexualidade** e que emprego a palavra num sentido mais extenso do que estão habituados a entender. Concordo. Mas pode-se perguntar se não têm antes utilizado os presentes o vocábulo em sentido nímio restrito, quando o limitam ao terreno da procriação. Sacrificam assim a compreensão das perversões, do enlaçamento que existe entre estas, a neurose e a **vida sexual normal**, e os senhores se colocam

em situação de não reconhecer, em seu verdadeiro significado, os primórdios, facilmente observáveis, da vida erótica somática e psíquica das crianças. Qualquer que seja a opinião dos presentes sobre o emprego do termo, devem ter sempre em conta que **o psicanalista considera a sexualidade naquele sentido amplo a que o conduziu a apreciação da sexualidade infantil**." – p.58;

"Volvamos ainda uma vez à **evolução sexual da criança**. Temos aqui ainda muito que rever, porque nossa atenção foi dirigida mais para as **manifestações somáticas da vida sexual** do que às psíquicas. A primitiva escolha de objeto feita pela criança e dependente de sua necessidade de amparo exige-nos ainda toda a atenção. Essa escolha dirige-se primeiro a todas as pessoas que lidam com a criança e logo depois especialmente aos genitores. A relação entre criança e pais não é, como a observação direta do menino e posteriormente o exame psicanalítico do adulto concordemente demonstram, absolutamente livre de **elementos de excitação sexual**. A criança toma ambos os genitores, e particularmente um deles, como objeto de seus desejos eróticos. Em geral o incitamento vem dos próprios pais, cuja ternura possui o mais nítido caráter de **atividade sexual**, embora inibido em suas finalidades." – p.58-59;

"No tempo em que é dominada pelo complexo central ainda não reprimido, a criança dedica aos **interesses sexuais** notável parte da atividade intelectual. Começa a indagar de onde vêm as criancinhas, e com os dados a seu alcance adivinha das circunstâncias reais mais do que os adultos podem suspeitar. Comumente o que lhe desperta a curiosidade é a ameaça material do aparecimento de um novo irmãozinho, no qual a princípio só vê um competidor. Sob a influência dos impulsos parciais que nela agem, forma até numerosas **'teorias sexuais infantis'**. Chega a pensar que ambos os sexos possuem órgãos genitais masculinos; que comendo é que se geram crianças; que estas vêm ao mundo pela extremidade dos intestinos; que a cópula é um ato de hostilidade, uma espécie de subjugação. Mas justamente a falta de acabamento de sua **constituição sexual** e a deficiência de conhecimentos, especialmente no que se refere ao tubo genital feminino, forçam o pequeno investigador a suspender o improfícuo trabalho. O próprio fato dessa investigação e as consequentes **teorias sexuais infantis** são de importância determinante para a formação do caráter da criança e do conteúdo da neurose futura." – p.59-60;

"Durante o tempo em que a repressão promove a seleção entre os impulsos parciais de **ordem sexual**, e, mais tarde, quando a influência dos pais, principal fator da repressão, deve abrandar, cabem no trabalho educativo importantes deveres que atualmente, por certo, nem sempre são preenchidos de modo inteligente e livre de críticas.

Senhoras e senhores. Não julguem que com esta dissertação acerca da **vida sexual infantil** e do **desenvolvimento psicossexual da criança** nos tenhamos afastado da psicanálise e da terapêutica das perturbações nervosas. Se quiserem, podem definir o tratamento psicanalítico como simples aperfeiçoamento educativo destinado a vencer os resíduos infantis." – p.60;

QUINTA LIÇÃO

"Com o descobrimento da **sexualidade infantil** e atribuindo aos componentes eróticos instintivos os sintomas das neuroses, chegamos a algumas fórmulas inesperadas sobre a

natureza e tendência destas últimas. Vemos que os indivíduos adoecem quando, por obstáculos exteriores ou ausência de adaptação interna **lhes falta na realidade a satisfação das necessidades sexuais**. Observamos que então se refugiam na moléstia, para com o auxílio dela encontrar uma satisfação substitutiva." – p. 61;

"Reconhecemos que os sintomas mórbidos contêm certa parcela da **atividade sexual** do indivíduo ou sua **vida sexual inteira**. No distanciar da realidade reconhecemos também a tendência principal e ao mesmo tempo o dano capital do estado patológico." – p.61;

"Conjecturamos que a resistência oposta pelos doentes à cura não seja simples, mas composta de vários elementos. Não somente o ego do doente se recusa a desfazer a repressão por meio da qual se esquivou de suas disposições originárias, como também pode o **instinto sexual** não renunciar à satisfação vicariante enquanto houver dúvida de que a realidade lhe ofereça algo melhor." – p.61;

"A fuga, da realidade insatisfatória para aquilo que pelos danos biológicos que produz chamamos doença, não deixa jamais de proporcionar ao doente um prazer imediato; ela se dá pelo caminho da regressão às primeiras fases da **vida sexual** a que na época própria não faltou satisfação. Esta regressão mostra-se sob dois aspectos: temporal, porque a libido, na necessidade erótica, volta a fixar-se aos mais remotos estados evolutivos – e formal, porque emprega os meios psíquicos originários e primitivos para manifestação da mesma necessidade. Sob ambos os aspectos a regressão orienta-se para a infância, restabelecendo **um estado infantil da vida sexual**." – p.61;

"Não lhes falei até agora sobre a experiência mais importante, que vem confirmar nossa suposição acerca das **forças instintivas sexuais da neurose**. Todas as vezes que tratamos psicanaliticamente um paciente neurótico, surge nele o estranho fenômeno chamado 'transferência', isto é, o doente consagra ao médico uma série de sentimentos afetuosos, mesclados muitas vezes de hostilidade, não justificados em relações reais e que, pelas suas particularidades, devem provir de antigas fantasias tornadas inconscientes. Aquele trecho da vida sentimental cuja lembrança já não pode evocar, o paciente torna a vivê-lo nas relações com o médico; e só por este ressurgimento na 'transferência' é que o doente se convence da existência e do poder desses **sentimentos sexuais inconscientes**." – p.62;

"Uma das formas de oposição mais espalhadas contra o emprego da psicanálise, tanto em doentes como em sãos, se liga ao último desses dois fatores. Teme-se que ela faça mal, tem-se medo de chamar à consciência do doente os **impulsos sexuais reprimidos**, como se lhe oferecessem então o perigo de aniquilar as mais altas aspirações morais e o privassem das conquistas da civilização. Nota-se que o doente apresenta feridas na vida psíquica, mas receia-se tocar nelas, para não aumentar os sofrimentos." – p.63-64;

"Conhecemos uma solução muito mais conveniente, a chamada 'sublimação', pela qual a energia dos desejos infantis não se anula mas ao contrário permanece utilizável, substituindo-

se o alvo de algumas tendências por outro mais elevado, quiçá não mais de **ordem sexual**. Exatamente os **componentes do instinto sexual** se caracterizam por essa faculdade de sublimação, de permutar **o fim sexual** por outro mais distante e de maior valor social." – p.65;

"As exigências da sociedade tornam o viver dificílimo para a maioria das criaturas humanas, forçando-as com isso a se afastarem da realidade e dando origem às neuroses, sem que o excesso de **coerção sexual** traga maiores benefícios à coletividade." – p.65;

"**A plasticidade dos componentes sexuais**, manifesta na capacidade de sublimarem-se, pode ser uma grande tentação a conquistarmos maiores frutos para a sociedade por intermédio da sublimação contínua e cada vez mais intensa. Mas assim como não contamos transformar em trabalho senão parte do calor empregado em nossas máquinas, de igual modo não devemos esforçar-nos em desviar a totalidade da energia do **instinto sexual** da sua finalidade própria. Nem o conseguiríamos. E se o **cerceamento da sexualidade** for exagerado, trará consigo todos os danos duma exploração abusiva." – p.65;

LEONARDO DA VINCI E UMA LEMBRANÇA DA SUA INFÂNCIA (1910)

"Se um estudo biográfico tem realmente como objetivo chegar à compreensão da vida mental de seu herói, não deverá omitir, como acontece com a maioria das biografias – por discrição ou por melindre – **sua atividade sexual ou sua individualidade sexual**." – p.79;

"Em uma época que presenciou a luta **entre uma sensualidade sem limites e um ascetismo melancólico**, Leonardo representava a fria **rejeição da sexualidade** – coisa que não se deveria esperar de um artista e pintor da beleza feminina. Solmi cita a seguinte frase sua que bem evidencia a sua frigidez: 'O ato da procriação e tudo o que a ele se relaciona é de tal maneira abjeto que a humanidade certamente se extinguiria não fora isso um costume já consagrado e não fora o fato de existirem rostos lindos e **naturezas sensuais**.'" – p.79;

"Tão resolutamente se abstém de todo o **tema sexual** que dá a impressão de que somente Eros, o preservador de todas as coisas vivas, fosse assunto indigno para o pesquisador em sua busca da sabedoria." – p.79;

"É duvidoso que Leonardo tenha jamais abraçado uma mulher com paixão; ou tenha tido alguma amizade intelectual íntima com uma mulher, como a de Miguel Ângelo com Vittoria Colonna. Quando ainda aprendiz e vivendo em casa de seu mestre Verrocchio, foi-lhe feita e a alguns outros jovens uma acusação de **práticas homossexuais proibidas**, que terminou em absolvição. Parece que a origem desta acusação foi o fato de ter usado um menino de má fama como modelo. Quando veio a tornar-se mestre, cercou-se de belos rapazes e meninos que tomava como alunos. O último desses alunos, Francesco Melzi, acompanhou-o à França, ficou a seu lado até a sua morte e foi por ele nomeado seu herdeiro. Sem compartilhar a certeza de seus biógrafos modernos, que naturalmente rejeitam a possibilidade da existência de **relações sexuais** entre ele e seus alunos, considerando-a um insulto grosseiro ao grande homem, achamos muito mais provável que as relações afetuosas de Leonardo para com os jovens que –

como era costume entre aprendizes da época – compartilhavam sua vida, **não chegassem até relação sexuais**. E ainda mais, **uma grande atividade sexual não condizia** muito com ele." – p.81-82;

"Existe uma única maneira de compreender a **peculiaridade dessa vida sexual e emocional** com relação à dupla natureza de Leonardo como artista e como pesquisador científico." – p.82;

"Quando verificamos que na imagem apresentada pelo caráter de uma pessoa um único instinto adquiriu uma força exagerada, como aconteceu com a ânsia de conhecimento em Leonardo, procuramos a explicação numa predisposição especial – embora as suas determinantes (provavelmente orgânicas) nos sejam ainda praticamente desconhecidas. Nossos estudos psicanalíticos dos neuróticos levaram-nos, no entanto, a formular mais duas hipóteses que seria gratificante encontrar confirmadas em cada caso particular. Cremos ser provável que um instinto como aquele, de força excessiva, já era ativo na primeira infância do indivíduo e que a sua supremacia foi estabelecida por impressões ocorridas na vida da criança. Admitimos ainda que este instinto foi reforçado por aquilo que, originariamente, **seriam forças sexuais instintivas**, de modo que mais tarde **poderia vir a substituir uma parcela da vida sexual do indivíduo**. Uma pessoa desse tipo poderia, por exemplo, dedicar-se à pesquisa com o mesmo ardor com que uma outra se dedicaria ao seu amor, e seria capaz de investigar em vez de amar. Aventuramo-nos a asseverar que não será somente no caso do instinto de investigação que terá **havido uma intensificação sexual** mas, também, em muitos outros casos em que um instinto se torne sobremodo intenso." – p.86;

"A observação da vida cotidiana das pessoas mostra-nos que a maioria conseguiu **orientar uma boa parte das forças resultantes do instinto sexual para sua atividade profissional**. **O instinto sexual presta-se bem a isso**, já que é dotado de uma capacidade de sublimação: isto é, tem a **capacidade de substituir seu objetivo imediato por outros desprovidos de caráter sexual e que possam ser mais altamente valorizados**. Aceitamos este processo como verdadeiro sempre que na história da infância de uma pessoa – isto é, na história de seu desenvolvimento psíquico – evidenciamos que, na infância, **esse instinto poderoso foi usado para satisfazer interesses sexuais**. Constatamos a veracidade deste fato se ocorrer uma atrofia estranha durante a vida sexual da maturidade, como se uma parcela da **atividade sexual houvesse sido agora substituída pela atividade do impulso dominante**.

Parece haver uma dificuldade especial na aplicação dessas hipóteses no caso em que o instinto todo-poderoso é o de pesquisa, pois que, sobretudo em se tratando de crianças, há sempre uma relutância em conceder-lhes tanto esse instinto como qualquer **interesse sexual que seja digno de atenção**." – p.86-87;

"A pesquisa psicanalítica oferece-nos a explicação completa mostrando que a maioria das crianças, ou pelo menos as mais inteligentes, **atravessam um período de pesquisas sexuais infantis**. Ao que sabemos, a curiosidade das crianças nessa idade não é espontânea mas ocasionada pela impressão causada por algum acontecimento importante – pelo nascimento de um irmãozinho ou irmãzinha ou pelo temor de que isso aconteça, baseado em outras experiências externas – e que representa para elas uma ameaça aos seus interesses egoístas. As investigações visam a saber de onde vêm os bebês, exatamente como se a criança estivesse

procurando modos e meios de evitar tão indesejável acontecimento. Desse modo, temos verificado, com surpresa, que as crianças se negam a aceitar as poucas informações que se lhes dão – assim, por exemplo, recusam energicamente a fábula da cegonha, com a sua riqueza de significados mitológicos – iniciando sua independência intelectual com esse ato de incredulidade, sentindo-se muitas vezes em franco antagonismo com os adultos e, de fato, jamais lhe perdoam por tê-las decepcionado naquela ocasião omitindo os fatos reais. Elas investigam por conta própria, adivinham a presença do bebê dentro do corpo de sua mãe e, **seguindo os impulsos de sua própria sexualidade**, teorizam tudo: a origem do bebê, atribuindo-a à comida; o seu nascimento, explicando-o pelas vias intestinais, e sobre a parte obscura que cabe ao pai. Naquela ocasião, já têm uma **noção do ato sexual**, que lhes parece ser alguma coisa hostil e violenta. Mas como a **sua própria constituição sexual ainda não atingiu o ponto de poder fazer bebês**, sua investigação sobre o problema da origem dos bebês acaba também sem solução sendo finalmente abandonada. A impressão causada por esse fracasso em sua primeira tentativa de independência intelectual parece ser de caráter duradouro e profundamente depressivo." – p.87;

"Quando **o período de pesquisa sexual infantil chega a um final** após um **período de enérgica repressão sexual**, o impulso de pesquisa terá três possíveis diferentes vicissitudes, resultantes de sua **relação primitiva com interesses sexuais**. No primeiro caso, **a pesquisa participa do destino da sexualidade**; portanto, a curiosidade permanecerá inibida e a liberdade da atividade intelectual poderá ficar limitada durante todo o decorrer de sua vida, sobretudo porque, logo a seguir, a influência da educação acarretará uma intensa inibição religiosa do pensamento. Este é o tipo caracterizado por uma inibição neurótica. Bem sabemos que o enfraquecimento intelectual adquirido nesse processo representa um fator efetivo na irrupção de uma enfermidade neurótica. Num segundo tipo, **o desenvolvimento intelectual é suficientemente forte para resistir à repressão sexual que o domina**. Algum tempo após o **término das pesquisas sexuais infantis**, a inteligência, tendo se tornado mais forte, recorda a antiga associação e ajuda a **evitar a repressão sexual**, e as **suprimidas atividades sexuais de pesquisa emergem do inconsciente sob a forma de uma preocupação** pesquisadora compulsiva, naturalmente sob uma forma distorcida e não livre, mas **suficientemente forte para sexualizar o próprio pensamento** e colorir as operações intelectuais com o prazer e a **ansiedade característicos dos processos sexuais**. Neste caso, **a pesquisa torna-se uma atividade sexual**, muitas vezes a única, e o sentimento que advém da intelectualização e explicação das coisas **substitui a satisfação sexual**; mas o caráter interminável das pesquisas infantis é também repetido no fato de que tal preocupação nunca termina e que o sentimento intelectual, tão desejado, de alcançar uma solução, torna-se cada vez mais distante.

Devido a uma predisposição especial, o terceiro tipo, que é o mais raro e mais perfeito, escapa tanto à inibição do pensamento quanto ao pensamento neurótico compulsivo. É verdade que nele **também existe a repressão sexual**, mas ela **não consegue relegar para o inconsciente nenhum componente instintivo do desejo sexual**. Em vez disso, a libido escapa ao destino da repressão sendo sublimada desde o começo em curiosidade e ligando-se ao poderoso instinto de pesquisa como forma de se fortalecer. Também nesse caso a pesquisa torna-se, até certo ponto, compulsiva e funciona como **substitutivo para a atividade sexual**; mas, devido à total diferença nos processos psicológicos subjacentes (sublimação ao invés de um retorno do inconsciente), a qualidade neurótica está ausente; não há ligação com os complexos originais da **pesquisa sexual infantil** e o instinto pode agir livremente a serviço do interesse intelectual. **A repressão sexual**, que tornou o instinto tão forte ao acrescentar-lhe libido sublimada, ainda influencia o instinto, no sentido de fazê-lo evitar qualquer preocupação com **temas sexuais**." – p.88-89;

"Se refletirmos acerca da ocorrência, em Leonardo, desse poderoso instinto de pesquisa e a **atrofia de sua vida sexual** (restrita ao que poderíamos chamar de **homossexualidade ideal [sublimada]**), sentir-nos-emos inclinados a proclamá-lo um modelo ideal do nosso terceiro tipo. A essência e o segredo de sua natureza parecem derivar do fato que, depois de sua curiosidade ter sido ativada, na infância, **a serviço de interesses sexuais**, conseguiu sublimar a maior parte da sua libido em sua ânsia pela pesquisa." – p.89;

"Se a examinarmos do ponto de vista de um psicanalista, a fantasia de Leonardo acerca do abutre não nos parecerá mais tão estranha. Verificaremos já ter encontrado casos semelhantes em muitas situações diferentes, em sonhos, por exemplo. Aventuramo-nos, assim, a traduzir a linguagem da fantasia em palavras mais facilmente compreensíveis. A tradução nos revelará então um conteúdo erótico. A cauda, 'coda', é um dos símbolos mais familiares e substitui expressões referentes ao órgão masculino, tanto em italiano como em outras línguas; a situação, na fantasia, de um abutre abrindo a boca da criança e fustigando-a vigorosamente por dentro com a sua cauda, corresponde à ideia de **um ato de *fellatio,* um ato sexual** no qual o pênis é introduzido na boca da pessoa envolvida. É estranho que essa fantasia represente uma situação de caráter tão evidentemente passivo; parece-se com certos sonhos e fantasias encontrados em mulheres ou em **homossexuais passivos** (que desempenham **o papel da mulher nas relações sexuais**)." – p.94;

"**A tendência a botar o órgão sexual masculino na boca e a chupá-lo**, o que numa sociedade respeitável é considerado uma perversão sexual horrível, encontra-se, no entanto, com muita frequência entre as mulheres de hoje – e de outros tempos também, como o evidenciam esculturas da antiguidade – e no ardor da paixão isso parece perder completamente o seu caráter repulsivo. Fantasias derivadas dessa tendência têm sido encontradas pelos médicos até mesmo em mulheres que nunca leram a **Psychopathia Sexualis de Krafft-Ebing** ou outra qualquer fonte de informação que lhes mostrasse a possibilidade de obter satisfação sexual desse modo. Parece que as mulheres não sentem dificuldade em imaginar espontaneamente uma fantasia dessa natureza." – p.95;

"A impressão orgânica dessa experiência – a primeira fonte de prazer em nossa vida – permanece, sem dúvida, indelevelmente marcada em nós; e quando mais tarde a criança descobre o úbere da vaca, cuja função é a mesma que a do seio porém que mais se assemelha a um pênis pela sua forma sua posição em baixo da barriga, terá atingido a fase preliminar que mais tarde lhe permitirá **formular a fantasia sexual repulsiva**." – p.95;

"Existe, também, um outro aspecto que ainda não compreendemos e que não devemos perder de vista; essa recordação igualmente importante para ambos os sexos, foi transformada, pelo homem Leonardo, numa **fantasia homossexual passiva**. Por enquanto deixaremos de lado a **relação que possa ter a homossexualidade com a imagem da criança mamando no seio da mãe**, lembrando-nos, apenas, que **a tradição, na verdade, sempre apontou Leonardo como sendo um homem de sentimentos homossexuais**." – p.95-96;

"Se é verdade que as lembranças ininteligíveis da infância de uma pessoa, as fantasias que delas resultam, invariavelmente gravam os elementos mais importantes do desenvolvimento mental, segue-se, então, que o fato confirmado pela fantasia do abutre, isto é, que Leonardo passou os primeiros anos de sua vida sozinho com sua mãe, terá exercido influência decisiva na formação de sua vida interior. Uma consequência inevitável dessa situação foi que a criança – que em sua tenra infância enfrentou um problema a mais do que as outras crianças – começou a pensar nesse enigma com uma intensidade toda especial, e, assim, numa tenra idade tornou-se um pesquisador atormentado pela grande pergunta – saber de onde vêm os bebês e o que tem a ver o pai com sua origem. Foi uma vaga suspeita de que suas pesquisas e a história de sua infância estivessem assim ligadas que o fez mais tarde, declarar que tinha sido destinado, desde o começo de sua vida, a investigar o problema do voo das aves, já que havia sido visitado por um abutre, quando em seu berço. Mais tarde, não será difícil mostrar que sua curiosidade acerca do voo das aves deriva das **pesquisas sexuais da sua infância**." – p.100;

"Na fantasia infantil de Leonardo tomamos o elemento abutre como representante do conteúdo real de sua lembrança, ao passo que o contexto em que o próprio Leonardo coloca sua fantasia esclarece muito a importância que teve esse conteúdo para sua vida posterior. Continuando com o nosso trabalho de interpretação, chegamos agora ao estranho problema de saber por que motivo **esse conteúdo foi transformado em uma situação homossexual**. A mãe que amamenta a criança, isto é, em cujo seio a criança mama, foi transformada num abutre que põe a sua cauda dentro da boca da criança. Já tivemos ocasião de mostrar que, de acordo com as frequentes substituições de que se serve a linguagem, a 'cauda' do abutre deve, com toda certeza, significar o genital masculino, um pênis. Mas não podemos compreender como a atividade imaginativa pode ter atribuído justamente a esse pássaro, que representa a mãe, as características da masculinidade; diante desse absurdo ficamos sem saber como reduzir esta criação da fantasia de Leonardo a qualquer significado racional." – p.101;

"**As teorias sexuais infantis** explicam-nos isso. Existe uma época em que o genital masculino é compatível com a imagem da mãe. Quando um menino começa a ter curiosidade pelos **enigmas da vida sexual**, fica dominado pelo interesse que tem pelo seu próprio genital. Passa a considerar essa parte de seu corpo valiosa e importantíssima para ele e crê que ela deve existir nas outras pessoas com as quais ele se acha parecido. Como não pode adivinhar a existência de outra conformação genital igualmente importante, é forçado a forjar a hipótese de que todos os seres humanos, tanto os homens quanto as mulheres, possuem um pênis igual ao seu." – p.102-103;

"A atração erótica que sente por sua mãe logo se transforma em um desejo pelo seu órgão genital, que supõe ser um pênis. Com a descoberta que fará, mais tarde, de que as mulheres não possuem pênis, este desejo muitas vezes se transforma no seu oposto, dando origem a um sentimento de repulsa que, na época da puberdade, poderá ser a causa de impotência psíquica, **misoginia e homossexualidade permanente**. Porém a fixação no objeto antes tão intensamente desejado, o pênis da mulher, deixa traços indeléveis na vida mental da criança, quando esta fase de **sua investigação sexual infantil foi particularmente intensa**." – p.103-104;

"Enquanto as pessoas se mantiverem na atitude ditada pela nossa civilização de **desprezo pelos**

órgãos genitais e pelas funções sexuais, não poderão absolutamente **compreender as atividades da sexualidade infantil** e provavelmente fugirão ao assunto afirmado ser incrível o que aqui dissemos." – p.104;

"Para nós, durante muitas gerações os genitais foram sempre as partes 'pudendas', motivo de vergonha e até mesmo (devido a **posterior repressão sexual bem sucedida**) de repugnância. Se fizermos **um histórico extenso da vida sexual de nossa época** e sobretudo das classes que são o sustentáculo da civilização humana, seremos tentados a declarar que é a contragosto que a maioria daqueles que vivem nos dias de hoje obedecem à lei de propagar a espécie; sentem-se, nesse processo, diminuídos em sua dignidade humana. Entre nós, somente **a classe menos culta de nossa sociedade difere desse ponto de vista sobre a vida sexual**." – p.104;

"Como resultado da sublimação de sua natureza básica criaram-se inúmeras divindades: e quando a conexão entre a **religião oficial e a atividade sexual se tornou oculta da consciência** geral, cultos secretos se dedicavam a conservá-la viva entre um certo número de iniciados. Durante o decurso do desenvolvimento cultural tanta coisa divina e sagrada foi, em última essência, **extraída da sexualidade**, que o remanescente, quase esgotado, foi desprezado." – p.104-105;

"Podemos apresentar agora a seguinte interpretação da ênfase dada à cauda do abutre na fantasia de Leonardo: 'Isso foi numa época em que a minha curiosidade afetuosa era toda dirigida à minha mãe, e que eu pensava ter ela um órgão genital igual ao meu.' Constitui mais uma evidência das precoces **pesquisas sexuais de Leonardo** que, em nossa opinião, tiveram influência decisiva sobre toda a sua vida futura." – p.105;

"Neste ponto, um pouco de reflexão mostrará que não nos satisfaz ainda o modo pelo qual foi explicada a cauda do abutre na fantasia infantil de Leonardo. Parece haver nela alguma coisa mais que não conseguimos ainda compreender. A mais notável de todas elas foi ter sido transformado o ato de mamar no seio materno em ser amamentado, isto é, em passividade, portanto, numa situação cuja **natureza é indubitavelmente homossexual**. Quando nos lembramos da probabilidade histórica de Leonardo ter-se comportado em sua vida como uma pessoa **emocionalmente homossexual**, ocorre-nos perguntar se esta fantasia não indicaria a existência de uma relação causal entre as relações infantis de Leonardo com a mãe e sua posterior **homossexualidade manifesta, ainda que ideal [sublimada]**. Não nos atreveríamos a inferir qualquer conexão dessa natureza da reminiscência confusa de Leonardo se não soubéssemos, pelos estudos psicanalíticos de **pacientes homossexuais**, que tal ligação existe de fato e é, na verdade, condição intrínseca e necessária." – p.105-106;

"**Os homossexuais**, que em nossos dias se têm defendido energicamente das **restrições impostas por lei às suas atividades sexuais**, gostam de ser apresentados, por intermédio de seus teóricos defensores, como pertencendo a uma espécie diferente, **como um estágio sexual intermediário ou como um 'terceiro sexo'**. Eles se declaram homens inatamente compelidos, por disposições orgânicas, a achar prazer com outros homens, o que não conseguem com mulheres. Por maior que seja a nossa vontade, por motivos humanitários, de acatar suas

declarações, devemos analisar as suas teorias com reservas, pois foram feitas sem levar em conta a **gênese psíquica da homossexualidade**. A psicanálise oferece meios para preencher essa lacuna e para **testar as afirmativas dos homossexuais**. Embora só tenha conseguido colher dados de um número reduzido de pessoas, todas as investigações empreendidas até agora produziram o mesmo resultado surpreendente. Em todos os **nossos casos de homossexuais** masculinos, os indivíduos haviam tido uma ligação erótica muito intensa com uma mulher, geralmente sua mãe, durante o primeiro período de sua infância, esquecendo depois esse fato; essa ligação havia sido despertada ou encorajada por demasiada ternura por parte da própria mãe, e reforçada posteriormente pelo papel secundário desempenhado pelo pai durante sua infância. Sadger chama atenção para o fato de as mães dos **seus pacientes homossexuais** serem muitas vezes masculinizadas, mulheres com enérgicos traços de caráter e capazes de deslocar o pai do lugar que lhe corresponde. Observei ocasionalmente a mesma coisa, porém me impressionei mais com os casos em que o pai estava ausente desde o começo, ou abandonara a cena muito cedo, deixando o menino inteiramente sob a influência feminina. Na verdade, parece que a presença de um pai forte asseguraria, no filho, a escolha correta de objeto, ou seja, uma pessoa do sexo oposto." – p.106-107;

"O amor da criança por sua mãe não pode mais continuar a se desenvolver conscientemente – ele sucumbe à repressão. O menino reprime seu amor pela mãe; coloca-se em seu lugar, identifica-se com ela, e toma a si próprio como um modelo a que devem assemelhar-se os novos objetos de seu amor. Desse modo ele **transformou-se num homossexual**." – p.107;

"Considerações psicológicas mais profundas justificam a afirmativa de que um homem que **assim se torna homossexual, permanece inconscientemente fixado à imagem mnêmica de sua mãe**. Reprimindo seu amor à sua mãe, conserva-o em seu inconsciente e daí por diante permanece-lhe fiel. Quando parece perseguir outros rapazes e tornar-se seu amante, na realidade está fugindo das outras mulheres que o possam levar à infidelidade. Em casos individuais, a observação direta tem-nos permitido demonstrar que o homem que dá a impressão de ser sensível somente aos encantos de outros homens sente-se, na verdade, atraído pelas mulheres, como qualquer homem normal; mas em cada ocasião procura transferir imediatamente a excitação provocada pela mulher para um objeto masculino e, desse modo, **repete incessantemente o mecanismo pelo qual adquiriu sua homossexualidade**." – p.107-108;

"Estamos longe de querer exagerar a importância dessas explicações sobre **a gênese psíquica da homossexualidade**. É óbvio que elas **discordam completamente das teorias adotadas pelos defensores dos homossexuais**, mas sabemos também que não são bastante claras para chegar a uma conclusão definitiva sobre esse problema. Aquilo que, por motivos práticos, **é geralmente chamado de homossexualidade** poderá ser o resultante de uma variedade enorme de **processos inibitórios psicossexuais**; o processo particular que destacamos é, talvez, apenas um entre muitos outros e talvez corresponda **a um único tipo de 'homossexualidade'**." – p.108;

"Devemos também admitir que **o número de casos de homossexualismo** deste tipo, em que podemos reconhecer as causas determinantes assinaladas por nós, é bem maior do que aqueles em que ele de fato se concretiza. Portanto, nós também não podemos negar a influência exercida por **fatores constitucionais desconhecidos, aos quais geralmente se atribui toda a**

homossexualidade. Não teríamos tido motivo algum para entrar na **gênese psíquica da forma de homossexualidade** que estudamos se não houvesse um forte pressentimento de que Leonardo, cuja fantasia sobre o abutre foi o nosso ponto de partida, fosse, na verdade, **um homossexual exatamente desse tipo**." – p.108;

"Conhecem-se poucos detalhes sobre **o comportamento sexual do grande artista e cientista**, mas devemos crer na possibilidade de as afirmativas de seus contemporâneos não terem sido totalmente erradas. À luz de tais afirmativas, portanto, ele nos parece ter sido **um homem cujas necessidades e atividades sexuais eram excepcionalmente reduzidas**, como se uma aspiração mais elevada o houvesse colocado acima das necessidades animais comuns da humanidade. Haverá sempre uma dúvida quando se trata de saber se ele terá alguma vez **procurado a satisfação sexual direta** e, se o fez, de que maneira; ou teria ele prescindido completamente de qualquer ato dessa natureza? Achamos justo, no entanto, procurar nele também as forças emocionais que impulsionam outros homens imperativamente **à prática do ato sexual**; pois não podemos imaginar a vida mental de nenhum ser humano sem que tivesse havido em sua **formação o desejo sexual** em seu sentido mais amplo – libido – mesmo que tal desejo se tivesse afastado de sua finalidade original, ou fosse refreado, e não chegasse a exercer-se." – p.108-109;

"Não podemos esperar encontrar em Leonardo senão **indícios de inclinação sexual não transformada**. Estes indícios, porém, apontam uma direção que nos faz **reconhecer nele um homossexual**." – p.109;

"Ser-nos-á provavelmente alegado que a conduta de Leonardo para com seus alunos nada tem a ver com **motivos de ordem sexual**, e que portanto não justifica deduções sobre a sua **particular inclinação sexual**." – p.109;

"Sob esse ponto de vista, **sua mãe e seus alunos**, que representavam a imagem de sua própria beleza infantil, **haviam sido seus objetos sexuais** – tanto quanto a **repressão sexual que dominava sua natureza** nos permite reconhecê-los – e a compulsão a anotar detalhadamente os seus gastos com eles revelava, desse modo estranho, seus conflitos rudimentares. Assim, pareceria que a vida erótica de Leonardo pertencia realmente ao **tipo de homossexualidade** cujo desenvolvimento psíquico conseguimos desvendar, e a **emergência da situação homossexual em sua fantasia** do abutre tornar-se-ia inteligível para nós; porque seu significado era exatamente o que já havíamos afirmado relativamente a esse tipo. Teríamos de traduzi-lo assim: 'Foi através dessa relação erótica com minha mãe que **me tornei um homossexual**.'" – p.113;

"Ainda não demos por terminada a análise da fantasia do abutre de Leonardo. Com palavras que tão claramente sugerem a **descrição de um ato sexual** ('e fustigou muitas vezes sua cauda contra meus lábios'), Leonardo acentua a intensidade das relações eróticas entre mãe e filho." – p.113;

"Muther (1909, 1, 314) escreveu: 'O que sobretudo enfeitiça o espectador é a magia demoníaca desse sorriso. Centenas de poetas e escritores já escreveram sobre essa mulher que ora parece sorrir-nos tão sedutoramente, ora parece fitar o espaço, friamente e sem alma. E ninguém jamais decifrou o enigma de seu sorriso nem leu o significado de seus pensamentos. Tudo, até mesmo a paisagem, assemelha-se a um sonho e parece sofrer **a influência opressiva da sensualidade**.'

A ideia de que dois elementos diferentes estejam combinados no sorriso de Mona Lisa já foi suscitada por diversos de seus críticos. Muitos deles veem na expressão da linda florentina a mais perfeita representação dos contrastes que dominam a vida erótica das mulheres; o contraste entre a reserva e a sedução, e entre a ternura mais delicada e uma **sensualidade implacavelmente exigente**, destruindo os homens como se fossem seres estranhos." – p.115;

"Ficamos sabendo, assim, que ele começou sua carreira artística reproduzindo duas espécies de objeto; e estes infalivelmente nos fazem lembrar os **dois tipos de objetos sexuais** que deduzimos da análise de sua fantasia sobre o abutre. Se as lindas cabeças de criança eram a reprodução da sua própria pessoa, como ele era na sua infância, então as mulheres sorridentes nada mais seriam senão a reprodução de sua mãe Caterina, e começamos a suspeitar a possibilidade de que este misterioso sorriso era o de sua mãe – sorriso que ele perdera e que muito o fascinou, quando novamente o encontrou na dama florentina." – p.119;

"É fora de dúvida que seu pai exerceu também influência importante no **desenvolvimento psicossexual de Leonardo**, não somente de modo negativo por sua ausência durante sua primeira infância, mas também de modo direto, por sua presença no período posterior da infância de Leonardo." – p.127;

"Como sabemos, **uma decisão no sentido da homossexualidade** somente se concretiza nos anos da puberdade. Quando esta decisão ocorreu no caso de Leonardo, sua identificação com o pai **perdeu toda a significação para sua vida sexual** mas manteve-se presente em outras esferas de atividade não erótica." – p.127;

"Sua ulterior investigação científica, caracterizada por sua ousadia e independência, pressupõe a existência de **pesquisas sexuais infantis não inibidas pelo pai e representa uma prolongação das mesmas com a exclusão do elemento sexual**." – p.129;

"Sobre a arte de Leonardo, já foi dito que ele despiu as sagradas figuras de todos os vestígios de sua ligação com a Igreja, tornando-as humanas, para nelas representar grandes e belas emoções humanas. Muther o elogia por libertar-se do ambiente de decadência que prevalecia na época e por **restituir ao homem o seu direito à sensualidade e à alegria de viver**." – p.131;

"As descobertas, anteriormente mencionadas, que fizemos sobre o desenvolvimento da vida mental infantil, levam-nos a crer que no caso de Leonardo também as **suas primeiras pesquisas na infância se orientaram para os problemas da sexualidade**." – p.131;

"Mas por que será que tantas pessoas sonham sentindo-se capazes de voar? A resposta que nos dá a psicanálise é que voar, ou ser um pássaro, é somente um disfarce para outro desejo, e que mais de uma conexão, seja por meio de palavras ou de coisas, leva-nos a reconhecer esse desejo. Quando consideramos que às crianças perguntadoras dizemos que os bebês são trazidos por um grande pássaro, tal como a cegonha; quando nos lembramos de que os antigos povos representavam o falo como possuindo asas; que **a expressão mais comum, em alemão, para a atividade sexual masculina é 'vögeln' ['passarear': 'Vogel' é a palavra alemã para 'pássaro']**; que o órgão masculino é chamado de 'l'uccello' [o pássaro] em italiano – vemos que todos esses dados constituem apenas uma pequena fração de um conjunto de ideias correlatas que nos mostram que, nos sonhos, o desejo de voar representa verdadeiramente a ânsia de **ser capaz de realizar o ato sexual**. Este é um desejo que surge nos primeiros anos da infância." – p.132;

"Sempre que **as crianças sentem, no curso de suas explorações sexuais**, que, nesse terreno tão misterioso e tão importante para elas, existe alguma coisa maravilhosa permitida aos adultos, mas que elas estão proibidas de conhecer e de fazer, sentem um desejo violento de ser capazes de fazê-lo e sonham-no sob a forma de voar, ou preparam este disfarce de seu desejo para ser usado mais tarde em seus sonhos de voar." – p.132;

"Ao admitir que desde sua infância sentia-se ligado de maneira especial e pessoal ao problema do voo, Leonardo confirma que as suas pesquisas infantis eram dirigidas para **questões sexuais**; e era isso exatamente o que esperávamos, de acordo com a investigação que fizemos sobre crianças de nossa época. Pelo menos esse problema escapara **à repressão que mais tarde o afastaria da sexualidade**. Com ligeiras variantes em seus significados, o mesmo assunto continuou a interessá-lo, desde os anos de sua infância até a época de sua plena maturidade intelectual; e é muito possível que não tivesse conseguido a destreza que desejava, quer no **sentido sexual primário**, quer no sentido mecânico, e que permaneceu frustrado em ambos os desejos." – p.133;

"O objetivo de nosso trabalho foi explicar **as inibições na vida sexual** e na atividade artística de Leonardo." – p.137;

"A sua origem ilegítima privou-o da influência do pai, talvez até os cinco anos, e deixou-o entregue à carinhosa sedução de uma mãe para quem ele talvez fosse o único consolo. Depois que **os seus beijos lhe despertaram precocemente a madureza sexual**, deve ter provavelmente **atravessado uma fase de atividade sexual infantil** da qual uma única manifestação foi definitivamente comprovada – **a intensidade de suas pesquisas sexuais infantis**. O instinto de ver e o de saber foram os mais fortemente excitados pelas impressões mais remotas de sua infância; à zona erógena da boca foi dada uma ênfase da qual nunca mais se libertou. Por sua conduta posterior, em direção oposta, assim como sua simpatia exagerada pelos animais podemos concluir pela existência de fortes indícios de traços sádicos naquele período de sua infância." – p.137;

"Uma poderosa onda de repressão pôs fim a esse excesso infantil e determinou as disposições

que se deveriam manifestar nos anos da puberdade. O resultado mais evidente da transformação foi **o afastamento de toda atividade sexual grosseira**." – p.138;

"Devido à sua tendência muito precoce para **a curiosidade sexual**, a maior parte das **necessidades de seu instinto sexual puderam ser sublimadas** numa ânsia geral de saber, escapando assim à repressão. **Uma parte muito menor de sua libido continuou orientada para fins sexuais e representa a atrofia da vida sexual do adulto**. Porque o amor que tinha pela mãe foi reprimido, esta parte foi levada a tomar **uma atitude homossexual e manifestou-se no amor ideal por rapazes**. A fixação em sua mãe e nas felizes lembranças de suas relações com ela continuou preservada no inconsciente, permanecendo, porém, inativa por algum tempo. Desse modo, a repressão, a fixação e a sublimação desempenharam sua parte absorvendo **as contribuições do instinto sexual para a vida mental de Leonardo**." – p.138;

"Devemos contentar-nos em enfatizar o fato de que dificilmente se pode duvidar – de que a criação do artista proporciona, também, uma válvula de **escape para seu desejo sexual**; e no caso de Leonardo podemos ver, segundo a informação de Vasari que cabeças de mulheres sorridentes e de lindos rapazes – em outras palavras, **a representação de seus objetos sexuais** – eram frequentes em suas primeiras tentativas artísticas." – p.138;

"Mas logo encontramos a confirmação de nossa experiência, isto é, que **a repressão quase total de uma vida sexual real não oferece as condições mais favoráveis para o exercício das tendências sexuais sublimadas. O padrão imposto pela vida sexual termina por se impor**." – p.138-139;

"Ao atingir o ápice de sua vida, quando ingressava na casa dos cinquenta – época em que **as características sexuais das mulheres** já sofreram a involução, enquanto nos homens a libido, com frequência, apresenta um enérgico surto – sofreu ele uma nova transformação." – p.139;

"Ainda que o material histórico de que dispomos fosse muito abundante e os mecanismos psíquicos pudessem ser usados com a máxima segurança, existem dois pontos importantes onde uma pesquisa psicanalítica não nos consegue explicar por que razão é tão inevitável que a personagem estudada tenha seguido exatamente essa direção e não outra qualquer. No caso de Leonardo, tivemos de sustentar o ponto de vista de que o acaso de sua origem ilegítima e a ternura exagerada de sua mãe tiveram influência decisiva na formação de seu caráter e na sorte de seu destino, pois **a repressão sexual** que se estabeleceu depois dessa fase de sua infância levou-o a sublimar sua libido na ânsia de saber e **estabelecer sua para o resto de sua vida**." – p.140-141;

AS PERSPECTIVAS FUTURAS DA TERAPÊUTICA PSICANALÍTICA (1910)

"Ouvi dizer, pouco tempo atrás, que um psicólogo, cujos pontos de vista eram algo diferentes dos nossos sonhos, salientara a um de nós, que, conquanto tudo o que se disse e se fez, sem dúvida **exageramos a significação sexual oculta dos sonhos**: o seu próprio sonho mais comum era o de subir escadas e, por certo, **não poderia haver nada de sexual naquilo**. Pusemo-nos

alerta no tocante a essa objeção e começamos a voltar nossa atenção para o aspecto dos degraus, escadas e escadas de mão nos sonhos e ficamos logo em posição de mostrar que as escadas (e coisas análogas) eram, inquestionavelmente, símbolos da cópula. Não é difícil descobrir a base da comparação: chegamos ao topo numa sucessão de movimentos rítmicos e com crescente perda de fôlego e, depois, com alguns saltos rápidos podemos crescer de novo. Assim, o modelo rítmico da cópula é reproduzido no subir as escadas." – p.148-149;

A SIGNIFICAÇÃO ANTITÉTICA DAS PALAVRAS PRIMITIVAS (1910)

Não consta.

UM TIPO ESPECIAL DE ESCOLHA DE OBJETO FEITA PELOS HOMENS (CONTRIBUIÇÕES À PSICOLOGIA DO AMOR I) (1910)

"(2) A segunda precondição é talvez menos frequente, mas não menos digna de nota. Deve-se encontrar em conjunção com a primeira para que o tipo se configure, enquanto a primeira precondição parece ocorrer muito amiúde, também, independentemente. Consiste a segunda precondição no sentido de que a mulher casta e de reputação irrepreensível nunca exerce atração que a possa levar à condição de objeto amoroso, mas apenas a mulher que é, de uma ou outra forma, **sexualmente de má reputação**, cuja fidelidade e integridade estão expostas a alguma dúvida. Esta última característica pode variar dentro de limites substanciais, do leve murmúrio de escândalo a respeito de uma mulher casada que não seja avessa a namoricos, até o modo de vida francamente promíscuo de uma *cocotte* ou uma profissional na arte do amor; mas os homens que pertencem ao tipo que descrevemos não ficarão satisfeitos sem algo desta espécie. Pode-se designar esta a segunda condição necessária, de maneira um tanto crua, 'amor à prostituta'.

Enquanto a primeira precondição fornece a oportunidade para gratificar impulsos de rivalidade e hostilidade em direção ao homem de quem a mulher é arrebatada, a segunda, a de a mulher se assemelhar a uma prostituta, se relaciona à experiência do ciúme, que parece ser uma necessidade para os amantes desse tipo." – p.174;

"(3) No amor normal, o valor da mulher é aferido por sua **integridade sexual**, e é reduzido em vista de qualquer aproximação com a característica de ser semelhante a prostituta. Por conseguinte, o fato de que as mulheres com essa característica sejam consideradas pelos homens do tipo em questão como objetos amorosos do mais alto valor parece constituir acentuável desvio do normal." – p.175;

"(4) O que é mais espantoso, para o observador de amantes desse tipo, é a ânsia que demonstram de 'salvar' a mulher amada. O homem se convence de que ela precisa dele, que sem ele perderá todo o controle moral e, rapidamente descerá para um nível lamentável. Salva-a, portanto, por não a abandonar. Em certos casos individuais, a ideia de ter de salvá-la pode ser justificada por **alusão à sua inconstância sexual** e aos perigos de sua posição social: mas não é menos evidente quando isto, na realidade, não possui base." – p.176;

"A investigação leva-nos, então, de volta a uma época na vida do menino em que ele adquire

conhecimento mais ou menos completo das relações sexuais entre os adultos, aproximadamente em torno dos anos da pré-puberdade. Partes brutais de informação que são indiscriminadamente destinadas a suscitar desprezo e rebeldia, agora, lhe comunicam o segredo **da vida sexual** e destroem a autoridade dos adultos, que parece incompatível com **a revelação de suas atividades sexuais**." – p.178;

"Como um corolário praticamente invariável desse **esclarecimento sexual**, o menino adquire, ao mesmo tempo, o conhecimento da existência de **certas mulheres que praticam relações sexuais como um meio de vida** e, que, por esse motivo, são mantidas no desprezo geral. O menino, ele próprio, se encontra, evidentemente, longe de sentir esse desprezo: tão logo aprende que ele também **pode ser iniciado por essas infelizes na vida sexual**, que até então ele aceitava como estando exclusivamente reservadas para 'a gente grande', ele, apenas, as considera como um misto de desejo e horror. Quando, depois disto, já não pode mais nutrir qualquer dúvida que tornem seus pais uma exceção **às normas universais e odiosas da atividade sexual**, diz-se a si próprio, com lógica cínica, que a diferença entre sua mãe e uma prostituta não é afinal tão grande, visto que, em essência, fazem a mesma coisa." – p.178;

"A informação esclarecedora que recebeu, despertou, de fato, traços de lembrança das impressões e desejos de sua tenra infância que, por sua vez, levaram à reativação de certos impulsos psíquicos. Ele começa a desejar a mãe para si mesmo, no sentido com o qual, há pouco, acabou de se inteirar, e a odiar, de nova forma, o pai como um rival que impede esse desejo; passa, como dizemos, ao controle do complexo de Édipo. Não perdoa a mãe por ter concedido **o privilégio da relação sexual**, não a ele, mas a seu pai, e considera o fato como um ato de infidelidade. Se esses impulsos não desaparecem rapidamente, não há outra saída para os mesmos, senão seguir seu curso através de **fantasias que têm por tema as atividades sexuais da mãe**, nas mais diversas circunstâncias; e a tensão consequente leva, de maneira particularmente rápida; a buscar alívio na masturbação. Como resultado da ação combinada, constante, de duas forças impulsivas, desejo e sede de vingança, as fantasias acerca da infidelidade da mãe são, de longe, as que prefere; o amante com o qual ela comete o ato de infidelidade, quase sempre exibe as feições do próprio ego do menino, ou, mais exatamente, de sua própria personalidade idealizada, adulta e, assim, elevada ao nível do pai. O que, em outra parte descrevi como o 'romance familiar' compreende as várias ramificações dessa atividade imaginativa e a maneira pela qual elas se entrelaçam com os diversos interesses egoístas desse período da vida." – p.178-179;

SOBRE A TENDÊNCIA UNIVERSAL À DEPRECIAÇÃO NA ESFERA DO AMOR (CONTRIBUIÇÕES À PSICOLOGIA DO AMOR II) (1912)

"Se o psicanalista clínico indagar a si mesmo qual perturbação leva as pessoas com maior frequência a o procurarem em busca de auxílio, ele será compelido a responder – deixando de lado as diversas formas de ansiedade – que consiste na impotência psíquica. Esta singular perturbação atinge homens de natureza intensamente libidinosa e se manifesta como uma **recusa dos órgãos executores da sexualidade de levar a cabo o ato sexual**, conquanto antes e depois eles possam demonstrar-se como íntegros e capazes de praticá-lo e conquanto apresentem forte propensão psíquica a realizá-lo." – p.187;

"A primeira chave para a compreensão do seu estado se obtém do próprio paciente, ao efetuar-se a descoberta de que um malogro dessa espécie só surge quando a tentativa se realiza com determinadas pessoas, enquanto com outras nunca há qualquer cogitação de tal insucesso. Ele se dá conta, então, de que constitui **alguma característica do objeto sexual** que dá origem à inibição de sua potência masculina e, às vezes, declara que possui a sensação de um obstáculo dentro dele, a sensação de uma vontade contrária que interfere vitoriosamente com a sua intenção consciente. No entanto, é incapaz de se representar que obstáculo interno é esse e que **característica do objeto sexual o põe em funcionamento**." – p.187;

"Além disso, existe a influência, a se considerar, das **impressões penosas acidentais relacionadas à atividade sexual infantil**, e também aqueles fatores que, de maneira geral, **reduzem a libido que se deve dirigir ao objeto sexual feminino**." – p.188;

"Quando se investigam, exaustivamente, casos marcantes de impotência psíquica pela psicanálise, obtém-se a seguinte **informação sobre os processos psicossexuais ativos** nos mesmos. Aqui de novo – como muito provavelmente em todas as perturbações neuróticas – a origem da perturbação é determinada por uma inibição na história do desenvolvimento da libido antes que esta assuma a forma que tomamos como sua terminação normal. Nos casos que estamos considerando, duas correntes cuja união é necessária para assegurar um comportamento amoroso completamente normal, falharam em se combinar. Podem-se distinguir as duas como a corrente afetiva e a **corrente sensual**." – p.188;

"Desde o início, leva consigo contribuições dos **instintos sexuais** – componentes de interesse erótico – que já se podem observar, de maneira mais ou menos clara, mesmo na infância, e que se descobrem de algum modo mais tarde nos neuróticos através da psicanálise." – p.188;

"Corresponde à escolha de objeto, primária, da criança. Aprendemos, assim, que **os instintos sexuais** encontram seus primeiros objetos ao se apegarem às apreciações feitas pelos instintos do ego, precisamente no momento em que **as primeiras satisfações sexuais** são experimentadas em ligação com as funções necessárias à preservação da vida."

"Essas fixações afetivas da criança persistem por toda a infância e continuamente conduzem consigo o erotismo, que, em consequência, se **desvia de seus objetivos sexuais**. Então, com a puberdade, elas se unem através da poderosa **corrente 'sensual'**, a qual já não se equivoca mais em seus objetivos." – p.189;

"Neste ponto, no entanto, defronta-se com obstáculos que, nesse meio tempo, foram erigidos pela barreira contra o incesto; em consequência, se esforçará por transpor esses objetos que são, na realidade, inadequados, e encontrar um caminho, tão breve quanto possível, para outros objetos estranhos com os quais possa levar **uma verdadeira vida sexual**. Esses novos objetos ainda serão escolhidos ao modelo (imago) dos objetos infantis, mas com o correr do tempo, atrairão para si a afeição que se ligava aos mais primitivos. Um homem deixará seu pai e sua mãe – segundo o preceito bíblico – e se apegará à sua mulher; então, **se associam afeição e**

sensualidade. O máximo de **intensidade de paixão sensual** trará consigo a mais alta valorização psíquica do objeto – sendo esta a **supervalorização normal do objeto sexual por parte do homem**." – p.189;

"A libido afasta-se da realidade, é substituída pela atividade imaginativa (o processo de introversão), fortalece **as imagens dos primeiros objetos sexuais e se fixa nos mesmos**. O obstáculo erguido contra o incesto, entretanto, compele a libido, que se transferiu para esses objetos, a permanecer no inconsciente. A atividade masturbatória levada a efeito pela **corrente sensual**, que agora é parte do inconsciente, faz sua própria contribuição, ao fortalecer essa fixação. Nada se altera nesse estado de coisas, se o avanço, que é abortado na realidade, se completa agora na fantasia e se nas situações que levam à satisfação masturbatória **os objetos sexuais originais são substituídos por objetos diferentes**." – p.189-190;

"Deste modo, pode acontecer que **a totalidade da sensualidade de um jovem** se ligue a objetos incestuosos no inconsciente, ou para colocar em outras palavras, se fixe em fantasias incestuosas inconscientes. O resultado, então, é a impotência total que, talvez, mais tarde se reforce pelo início simultâneo de um real debilitamento **dos órgãos que realizam o ato sexual**." – p.190;

"Necessita-se de condições menos graves para dar origem ao estado conhecido especificamente como impotência psíquica. Neste caso, **o destino da corrente sensual** não deve ser o de que sua carga total tenha de se ocultar atrás da corrente afetiva; ela deve ter permanecido suficientemente forte ou desinibida para assegurar vazão parcial à realidade." – p.190;

"**A atividade sexual** dessas pessoas apresenta sinais muito evidentes, entretanto, de que não possui a força impulsiva psíquica total do instinto por trás dela." – p.190;

"**A corrente sensual**, que permaneceu ativa, procura apenas objetos que não rememorem as imagens incestuosas que lhe são proibidas; se alguém causa uma impressão que pode levar à sua alta estima psíquica, essa impressão **não encontra escoamento em nenhuma excitação sensual**, exceto na afeição que não possui efeito erótico." – p.190;

"Toda a esfera do amor, nessas pessoas, permanece dividida em duas direções personificadas na arte do amar tanto sagrada como profana (ou animal). Quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar. Procuram objetos que não precisem amar, de modo a **manter sua sensualidade afastada dos objetos que amam**; e, de acordo com as leis da 'sensibilidade complexiva' e do retorno do reprimido, o estranho malogro, demonstrado na impotência psíquica, faz seu aparecimento sempre que um objeto, que foi escolhido com a finalidade de evitar o incesto, relembra o objeto proibido através de alguma característica, frequentemente imperceptível." – p.190-191;

"A principal medida protetora contra essa perturbação a que os homens recorrem nessa divisão

de seu amor consiste na **depreciação do objeto sexual**, sendo reservada a **supervalorização**, **que normalmente se liga ao objeto sexual** para o objeto incestuoso e seus representantes." – p.191;

"Logo que se consuma a condição de depreciação, a sensualidade pode se expressar livremente e podem se desenvolver importantes **capacidades sexuais** e alto grau de prazer." – p.191;

"Há um outro fator que contribui para esta consequência. As pessoas nas quais não houve a confluência apropriada **das correntes**– **afetiva e sensual** geralmente não demonstram muito refinamento nas suas formas de comportamento amoroso; elas retiveram suas **finalidades sexuais perversas**, cuja não realização é sentida como uma grave perda de prazer e cuja realização, por outro lado, só parece possível com **um objeto sexual depreciado e desprezado**." – p.191;

"Reduzimos a impotência psíquica à falha em se combinar **as correntes afetivas e sensual no amor** e se explicou essa inibição do desenvolvimento, por sua vez, como se devendo a influências de poderosas fixações infantis e da subsequente frustração da realidade através da intervenção da barreira contra o incesto." – p.191;

"Existe apenas um pequeno número de pessoas educadas em que as duas **correntes, de afeição e de sensualidade**, se fundiram adequadamente; o homem quase sempre sente respeito pela mulher, que atua como **restrição à sua atividade sexual**, e só desenvolve **potência completa quando se acha com um objeto sexual depreciado**; e isto, por sua vez, é causado, em parte, pela entrada de **componentes perversos em seus objetivos sexuais**, os quais não ousa satisfazer com a mulher que ele respeita." – p.192-193;

"Assegura-se de **prazer sexual completo** apenas quando se pode dedicar sem reserva a obter satisfação, o que, com sua mulher bem educada, por exemplo, não se atreve a realizar. É esta a **origem de sua necessidade de um objeto sexual depreciado**, de uma mulher eticamente inferior, a quem não precise atribuir escrúpulos estéticos, que não o conheça em seu outro círculo de relações sociais e que ali não o possa julgar. É a esta mulher que **prefere dedicar sua potência sexual**, mesmo quando toda sua afeição pertença a uma mulher de natureza superior. Também é possível que a tendência a escolher uma mulher de classe mais baixa para sua amante permanente ou mesmo para sua esposa, tão frequentemente observada nos homens das classes mais altas da sociedade, nada mais seja que a consequência de sua necessidade de um **objeto sexual depreciado**, a quem se **vincule psicologicamente a possibilidade de completa satisfação sexual**." – p.193;

"Qualquer pessoa que se sujeite a uma séria introspecção a respeito dessa necessidade certamente se convencerá ao **descobrir que considera o ato sexual, basicamente, algo degradante**, que conspurca e polui mais do que simplesmente o corpo. A origem dessa vil opinião, que ele certamente não reconhecerá de boa-vontade, deve ser procurada no período de sua infância em que a **corrente sensual** nele existente já estava grandemente desenvolvida, mas

sua satisfação com um objeto fora da família era quase tão absolutamente proibida como o era com um objeto incestuoso." – p.193;

"No caso das mulheres, há **pouca indicação da necessidade de depreciar seu objeto sexual**. Isto se liga, sem dúvida, com a ausência nelas, geralmente, de nada semelhante à supervalorização que se encontra nos homens. Porém, sua longa **contenção de sexualidade** e seu **anseio de sensualidade em fantasia** têm para elas outra consequência importante. São, muitas vezes, subsequentemente, incapazes de desfazer a **conexão entre a atividade sensual e a proibição**, tornando-se psiquicamente impotentes, isto é, frígidas, quando tal atividade, finalmente, lhes é permitida." – 193-194;

"A condição de **proibitividade na vida erótica das mulheres é comparável**, creio eu, à **necessidade da parte dos homens de depreciar seu objeto sexual**. Ambas são consequências de um longo período de demora, que é **exigida pela educação, por razões culturais, entre a maturidade sexual e a atividade sexual**. Ambas tendem a abolir a impotência psíquica que resulta do malogro de se **fundirem os impulsos afetuosos e sensuais**." – p.194;

"As mulheres civilizadas geralmente não transgridem a **proibição de atividade sexual** durante o período em que têm de esperar e, assim, estabelecem a **ligação íntima entre proibição e sexualidade**." – p.194;

"Em vista dos esforços extenuantes que se fazem hoje, no mundo civilizado, para **reformar a vida sexual**, será supérfluo advertir que a pesquisa psicanalítica está tão isenta de tendenciosidade quanto qualquer outra espécie de pesquisa." – p.194;

"O fato de que a restrição feita ao amor pela civilização envolva uma tendência universal a depreciar **os objetos sexuais** pode conduzir-nos, talvez, a desviar nossa atenção do objeto para os instintos em si. O prejuízo causado pela **frustração inicial do prazer sexual** se evidencia no fato de que a liberdade mais tarde concedida a esse prazer, no casamento, não proporcione satisfação completa. Mas, ao mesmo tempo, **se não se limita a liberdade sexual** desde o início, o resultado não é melhor. Pode-se verificar, facilmente, que o valor psíquico das necessidades eróticas se reduz, tão logo se tornem fáceis suas satisfações." – p.194-195;

"Nas épocas em que **não havia dificuldades que impedissem a satisfação sexual**, como, talvez, durante o declínio das antigas civilizações, o amor tornava-se sem valor e a vida, vazia; eram necessárias poderosas formações reativas para restaurar os valores afetivos indispensáveis." – p.195;

"Se atentarmos para o que dizem os grandes alcoólatras, como Böcklin, a respeito de sua relação com o vinho, ela aparece como a mais harmoniosa possível, um modelo de casamento feliz. Por que a **relação do amante com seu objeto sexual** será tão profundamente diferente?

Por mais estranho que pareça, creio que devemos levar em consideração a possibilidade de que

algo semelhante **na natureza do próprio instinto sexual é desfavorável à realização da satisfação completa**." – p.195-196;

"Primeiramente, em consequência da irrupção bifásica da escolha de objeto, e da interposição da barreira contra o incesto, **o objeto final do instinto sexual** nunca mais será o objeto original, mas apenas um sub-rogado do mesmo." – p.196;

"Em segundo lugar, sabemos que **o instinto sexual** é, originalmente, dividido em grande número de componentes – ou melhor, desenvolve-se [n]esses componentes – alguns dos quais não podem integrar o instinto em sua forma final, mas têm de ser suprimidos ou destinados a outros empregos em uma fase anterior." – p.196;

"O excrementício está todo, muito íntima e inseparavelmente, **ligado ao sexual**; a posição dos órgãos genitais – *inter urinas et faeces* – permanece sendo o fator decisivo e imutável. Poder-se-ia dizer neste ponto, modificando um dito muito conhecido do grande Napoleão: 'A anatomia é o destino.'" – p.196-197;

"Os instintos do amor são difíceis de educar; sua educação ora consegue de mais, ora de menos. O que a civilização pretende fazer deles parece inatingível, a não ser à custa de uma ponderável perda de prazer: a persistência dos impulsos que **não puderam ser utilizados pode ser percebida na atividade sexual**, sob a forma de não satisfação." – p.197;

"Assim, talvez tenhamos de ser forçados a nos reconciliar com a ideia de que é absolutamente impossível harmonizar os **clamores de nosso instinto sexual** com as exigências da civilização: de que, em consequência de seu desenvolvimento cultural, a renúncia e o sofrimento, bem como o perigo de extinção no futuro mais remoto, não podem ser evitados pela raça humana." – p.197;

"Este sombrio prognóstico repousa, é verdade, na simples conjectura de que a não satisfação inerente à civilização é consequência necessária de certas **peculiaridades que o instinto sexual adotou sob a pressão da cultura**." – p.197;

"A própria **incapacidade do instinto sexual de produzir satisfação completa**, tão logo se submete às primeiras exigências da civilização, torna-se a fonte, no entanto, das mais nobres realizações culturais que são determinadas pela sublimação cada vez maior de seus componentes instintivos. Pois, **que motivo teria o homem para colocar as forças instintivas sexuais a outros serviços** se, com qualquer distribuição dessas forças, eles poderiam conseguir prazer completamente satisfatório? Não renunciariam nunca a esse prazer e jamais realizariam qualquer outro progresso. Parece, portanto, que a diferença irreconciliável entre **as exigências dos dois instintos** – **o sexual e o egoísta** – tornou os homens capazes de realizações cada vez melhores, conquanto sujeitos, é verdade, a um perigo constante, ao qual, sob a forma de neurose, sucumbem hoje os mais fracos." – p.197;

TABU DA VIRGINDADE (CONTRIBUIÇÕES À PSICOLOGIA DO AMOR III) (1918[1917])

"POUCAS particularidades da **vida sexual dos povos primitivos** são tão estranhas a nossos próprios sentimentos quanto a valorização da virgindade, o estado de intocabilidade da mulher." – p.203;

"A exigência de que a moça leve para seu casamento com determinado homem qualquer lembrança de **relações sexuais** com outro nada mais é, realmente, que a continuação lógica do direito à posse exclusiva da mulher, que constitui a essência da monogamia, a extensão desse monopólio para incluir o passado." – p.203;

"A expressão **'sujeição sexual'** foi escolhida, por von Krafft-Ebing, (1892) para descrever o fenômeno de uma pessoa adquirir um grau de dependência, invulgarmente alto, e carente de autoconfiança em relação a outra pessoa **com quem mantém um relacionamento sexual**. [...] Certa medida de **sujeição sexual** é, de fato, indispensável para a manutenção do casamento civilizado e para manter afastadas as tendências à poligamia que o ameaçam e, em nossas comunidades sociais, este fator é comumente levado em consideração." – p.203;

"Segundo von Krafft-Ebing **a formação da sujeição sexual** decorre da associação de um 'grau invulgar da condição de estar amando e da franqueza de caráter' de uma pessoa, e do egoísmo sem limites da outra. A experiência analítica, no entanto, não pode nos deixar satisfeitos com este simples esforço de explicação." – p.203-204;

"Podemos observar, antes, que o fator decisivo é a proporção de **resistência sexual** que é vencida e, além disso, o fato de que o processo de vencer a resistência se concentra e ocorre apenas uma vez. Este estado de sujeição é, em consequência, muito mais frequente e mais intenso nas mulheres que nos homens, conquanto seja verdade que ocorra nos últimos muito mais amiúde hoje que antigamente. Sempre que se nos ofereceu a **oportunidade de estudar a sujeição sexual** nos homens, esta se revelou como resultante da superação de impotência psíquica, por meio de determinada mulher a quem, subsequentemente, o homem em questão permaneceu sujeito." – p.204;

"Voltando à atitude dos povos primitivos, é incorreto descrevê-la afirmando que não atribuíam valor à virgindade e oferecer como prova disto o fato de que realizavam o defloramento das moças fora do casamento e **antes do primeiro ato de relação sexual marital**." – p.204;

"No entanto, se **o defloramento não é para ser consequência do primeiro ato de relação sexual marital**, então, é porque deve ter sido executado antecipadamente – não importa de que maneira nem por quem." – p.204;

"Transcreverei algumas passagens do livro de Crawley, acima mencionado, que fornecem informações sobre esses pontos, mas que também dão vaza a algumas observações críticas. [...]

‘A ruptura artificial do hímen, às vezes, ocorre na infância, mas, geralmente, na puberdade... É frequentemente acompanhada, como na Austrália, por um **ato cerimonial de relações sexuais**.’

[...] (A respeito das tribos australianas entre as quais vigoram as conhecidas restrições ao casamento exógamo, segundo Spencer e Gillen [1899]): ‘O hímen é perfurado artificialmente e, então, os homens da assistência têm acesso (cerimonial, bem entendido) à moça em ordem determinada.... O ato se realiza em duas partes, **perfuração e relação sexual**.’” – p.205;

“Em primeiro lugar, é lamentável que nessas comunicações não se tenha estabelecido uma distinção mais cuidadosa entre a simples **ruptura do hímen sem relação sexual**, e **a relação sexual com finalidade de efetuar a ruptura**. Há apenas uma passagem que nos dá conta, expressamente, de que o procedimento se faz em dois atos: o defloramento (efetuado à mão ou por meio de algum instrumento) e **o ato da relação sexual que se lhe segue**.” – p.205;

“Em segundo lugar, gostaríamos de saber de que maneira o ‘cerimonial’ do coito (puramente formal, ritual ou oficial), que ocorre nessas ocasiões, difere da **relação sexual comum**. Os autores a que tive acesso, ou se sentiram muito acanhados para comentar o assunto, ou mais uma vez subestimaram a **importância psicológica desses pormenores sexuais**.” – p.205;

“Vários fatores podem ser acrescentados para explicar esse tabu da virgindade, os quais enumerarei e considerarei brevemente. Quando uma virgem é deflorada, de maneira geral, sangra: a primeira tentativa de explicação baseia-se, pois, no horror ao sangue entre as raças primitivas que consideram sangue como a origem da vida. Observa-se esse tabu do sangue em numerosos tipos de práticas que **nada têm que ver com a sexualidade**; está claramente relacionado com a proibição de assassinar e constitui uma medida de proteção contra a primitiva sede de sangue, o prazer primevo do homem ao matar. De acordo com esta concepção, o tabu da virgindade se relaciona com o tabu da menstruação, que é quase universalmente conservado.” – p.206;

“A menstruação, especialmente, na primeira vez que aparece, é interpretada como a mordedura do espírito de um animal, talvez **como um sinal de relação sexual com este espírito**.” – p.206;

“Há uma segunda explicação, que também **não leva em conta a sexualidade**, que tem, no entanto, alcance muito mais geral que a primeira. Sugere que o homem primitivo é vítima de perpétua apreensão secreta, tal como, na teoria psicanalítica das neuroses, afirmamos ser o caso das pessoas que sofrem de neurose de angústia.” – p.207;

“O primeiro **ato de relação sexual**, no casamento, pode certamente requerer, em ordem de importância, ser precedido dessas medidas de precaução. Estas duas tentativas de explicação, baseadas no horror ao sangue e no medo dos primeiros acontecimentos, não se contradizem mas, ao contrário, se reforçam. **A primeira ocasião de relação sexual** é, certamente, um ato perigoso, sobretudo se implica fluxo de sangue.” – p.207;

"A terceira explicação – a que Crawley prefere – chama a atenção para o fato de que o tabu da virgindade é parte de uma grande soma que **abrange a totalidade da vida sexual**. Não é, apenas, o primeiro coito com uma mulher que constitui tabu e sim **a relação sexual de um modo geral**; quase se pode dizer que a mulher inteira é tabu. A mulher não é unicamente tabu em situações especiais decorrentes de **sua vida sexual**, tais como a menstruação, a gravidez o parto e o puerpério; além dessas situações, **as relações sexuais com as mulheres estão sujeitas a restrições** tão solenes e numerosas que temos muitas razões para duvidar da **suposta liberdade sexual dos selvagens**." – p. 207;

"É verdade que, em ocasiões especiais, **a sexualidade do homem primitivo** pode sobrepujar todas as inibições; mas, de maneira geral, parece ser mais fortemente dominada por proibições do que o é nas camadas mais altas da civilização. Sempre que o homem se lança em um empreendimento especial, como partir para uma expedição, para uma caça ou uma campanha, é obrigado **a se afastar da mulher e, principalmente, da relação sexual com a mesma**; pois, de outra forma, ela pode lhe paralisar a força e lhe trazer má sorte." – p.207-208;

"Esta separação vai às vezes tão longe que não se permite a um sexo pronunciar em voz alta os nomes próprios dos membros do outro sexo e as mulheres criam uma linguagem com um vocabulário especial. **As necessidades sexuais** podem, de tempos a tempos, derrubar novamente essas barreiras de separação mas, em algumas tribos, mesmo os encontros entre marido e mulher têm de se realizar fora de casa e às escondidas." – p.208;

"O efeito que tem o coito de descarregar tensões e causar flacidez pode ser o protótipo do que o homem teme; e a representação da influência que a mulher adquire sobre ele **através do ato sexual**, a consideração que ela em decorrência do mesmo lhe exige pode justificar a ampliação desse medo. Em tudo isso, não há nada obsoleto, nada que não permaneça ainda vivo em nós mesmos." – p.208;

"O tabu geral das mulheres não deita nenhuma luz sobre as regras especiais em relação ao **primeiro ato sexual com a virgem**." – p.209;

"É perfeitamente claro que a intenção que motiva este tabu é negar ou repudiar precisamente o futuro marido, o que não pode ser dissociado do **primeiro ato sexual**, muito embora, de acordo com nossas observações preliminares, exatamente essa relação levaria a mulher a se tornar especialmente ligada a esse único homem." – p.209;

"Em sua concepção animista do universo consistentemente aplicada, todo perigo decorre da intenção hostil de algum ser dotado de alma como ele próprio, e isto se aplica tanto aos perigos que o ameaçam, procedentes de alguma força natural, como aos perigos procedentes de outros seres humanos ou animais. Mas, por outro lado, ele está acostumado a projetar seus próprios impulsos internos de hostilidade no mundo exterior, isto é, a atribuí-los aos objetos que sente como desagradáveis ou mesmo, meramente, estranhos. Desta maneira, as mulheres também são

consideradas como sendo desses perigos, e o primeiro **ato sexual com a mulher** destaca-se como um perigo de especial intensidade.” – p.210;

“Consideramos como reação normal que a mulher, em subsequência à introdução do pênis, abrace o homem, apertando-o contra ela no auge da satisfação, e observamos essa atitude como expressão de sua gratidão e prova de sujeição duradoura. Mas sabemos que não é regra, de maneira alguma, que **a primeira ocasião do ato sexual conduza a esse comportamento**; muito frequentemente significa apenas desapontamento para mulher, que permanece fria e insatisfeita e, geralmente, **requer bastante tempo e frequente repetição do ato sexual**, antes que também comece a encontrar satisfação no mesmo.” – p.211;

“Não quero introduzir, a esta altura, as tentativas – que são frequentes – de fugir da **primeira ocasião de relação sexual**, porque estão abertas a diversas interpretações e são, na maioria das vezes, conquanto nem sempre, compreendidas como expressão da tendência geral feminina a tomar uma atitude defensiva. Em oposição a este conceito, acredito que se pode esclarecer o enigma da frigidez da mulher por determinados casos patológicos nos quais, **depois da primeira, e por certo, depois de cada experiência repetida de relação sexual**, a mulher dá expressão manifesta de sua hostilidade para com o homem, injuriando-o, levantando a mão contra ele ou, realmente, batendo-lhe.” – p.211;

“Em um caso muito evidente deste tipo, o qual logrei submeter a uma análise completa, isto aconteceu, embora a mulher amasse muito o homem, **costumasse exigir relações sexuais com ele** e, inequivocamente, encontrasse nas mesmas grande satisfação.” – p.211;

“**O primeiro ato sexual mobiliza uma série de impulsos que estão deslocados na atitude feminina do desejo**, alguns dos quais, incidentemente, não necessitam tornar a suceder nas **relações sexuais subsequentes**.” – p.211;

“Em primeiro lugar, pensamos na dor que o defloramento causa à virgem e estamos, talvez mesmo, inclinados a considerar este fator como decisivo e a abandonar a procura de outros. Mas não podemos atribuir tanta importância a essa dor; temos, antes, de substituí-la pela injúria narcísica que decorre da destruição de um órgão e que é mesmo representada de forma racionalizada no conhecimento de que a perda da virgindade leva **à diminuição do valor sexual**.” – p.211-212;

“Os costumes do casamento entre povos primitivos, no entanto, contêm uma advertência contra a superestimação deste fato. Soubemos que, em alguns casos, o rito recai em duas fases; depois que se rompeu o hímen (com a mão ou algum instrumento), **segue-se o ato cerimonial do coito ou do ato sexual simulado** com os representantes do marido e isto nos prova que a finalidade da observância do tabu não é cumprida ao se evitar o defloramento anatômico, e que o marido deve ser poupado de alguma outra coisa, bem como da reação da mulher à lesão dolorosa.” – p.212;

"Encontramos outra razão para **o desapontamento experimentado no primeiro ato sexual** no fato de que, pelo menos com as mulheres civilizadas, a satisfação pode não corresponder às expectativas. Antes disto, **a relação sexual fora associada, da maneira mais decisiva possível, às proibições; a relação sexual legítima e permissível não é, portanto, sentida como a mesma coisa**." – p.212;

"Aprendemos, das investigações analíticas, quão universais e quão poderosas são as distribuições iniciais da libido. Nelas nos preocupamos com **os desejos sexuais infantis** a que estão apegados (na mulher geralmente a fixação da libido localiza-se no pai ou em um irmão que o substitui) – desejos que, muito frequentemente, estavam dirigidos para outras coisas que **a relação sexual** ou que a incluía, apenas, como um objetivo vagamente percebido." – p.212;

"A frigidez inclui-se, assim, entre os determinantes genéticos das neuroses. **Quanto mais poderoso o elemento psíquico na vida sexual de uma mulher**, maior será a capacidade de resistência demonstrada por sua distribuição da libido **à revolta contra o primeiro ato sexual**, e menos esmagador será o efeito que sua posse corporal pode produzir." – p.213;

"Os costumes dos povos primitivos parecem levar em consideração esse tema do **desejo sexual precoce**, confiando a tarefa do defloramento a um ancião, sacerdote ou homem santo, isto é, a um substituto do pai." – p.213;

"Há outro motivo, que penetra ainda mais fundo, que pode ser demonstrado como o principal responsável pela reação paradoxal em relação ao homem e que, na minha opinião, além disso, exerce influência na frigidez da mulher. **O primeiro ato de relação sexual ativa na mulher** outros impulsos antigos, que como os já descritos, [...] estão em absoluta oposição a seu papel feminino e à sua função." – p.213;

"No caso já descrito no qual a mulher costumava mostrar, **depois da relação sexual**, uma agressividade incontrolável dirigida contra o marido, que aliás amava, consegui provar que essa fase existira antes da fase da escolha de objeto. Só mais tarde, foi a libido da menina dirigida para seu pai e, então, em vez de desejar ter um pênis, desejou – um filho." – p.214;

"Por trás dessa inveja do pênis, manifesta-se a amarga hostilidade da mulher contra o homem, [a qual] nunca desaparece completamente nas relações entre os sexos e que está claramente indicada nas lutas e na produção literária das mulheres 'emancipadas'. Em uma especulação paleobiológica, Ferenczi atribuiu a origem dessa hostilidade das mulheres – não sei se foi ele o primeiro a fazê-lo – à época em que os sexos se tornavam diferenciados. A princípio, em sua opinião, a cópula realizou-se entre dois indivíduos semelhantes, um dos quais, no entanto, transformou-se no **mais forte e forçou o mais fraco a se submeter à união sexual**. Os sentimentos de amargura decorrentes dessa sujeição ainda persistem na disposição das mulheres hoje em dia. Não creio que haja qualquer inconveniente em utilizar essas especulações desde que não se empreste a elas demasiado valor." – p.214-215;

"Depois desta enumeração dos motivos da reação paradoxal das mulheres ao defloramento, cujos traços ainda persistem na frigidez, podemos resumir dizendo que a **sexualidade imatura de uma mulher** descarrega-se no homem que primeiro lhe faz conhecer o **ato sexual**." – p.215;

"O tabu da virgindade, e alguma coisa sobre sua motivação, foi representado, da maneira mais vigorosa, por uma conhecida caracterização dramática, a de Judite, na tragédia de Hebbel, *Judith und Holofernes* (Judite e Holofernes), Judite é uma dessas mulheres cuja virgindade é protegida por um tabu. Seu primeiro marido foi paralisado na noite nupcial por uma misteriosa ansiedade e nunca mais ousou tocá-la. 'Minha beleza é como a beladona', diz ela, 'Seu deleite traz a loucura e a morte.' Quando o general assírio está cercando sua cidade, ela concebe o plano de seduzi-lo com sua beleza e de destruí-lo, usando assim um motivo patriótico, **para esconder outro, sexual**. Depois de haver sido deflorada por esse homem poderoso, que se gaba de seu vigor e de sua insensibilidade, ela encontra forças em sua fúria para lhe cortar a cabeça, tornando-se assim a libertadora de seu povo." – p.216;

"É claro que Hebbel **sexualizou intencionalmente a narrativa patriótica do Apócrifo do Velho Testamento**, pois, nela, Judite pode se gabar, depois ao voltar, que não foi violada, e nem existe no texto bíblico qualquer menção de sua misteriosa noite nupcial. Mas, provavelmente, com a fina percepção de poeta, ele percebeu o velho motivo, que se havia perdido na narrativa tendenciosa, e apenas restituiu seu primitivo conteúdo ao material." – p.216;

"Não pretendo contestar a explicação que Sadger dá ao fato de Judite, que segundo a narrativa da Bíblia é uma viúva, ter de se transformar em uma viúva virgem. Ele se refere à **finalidade encontrada nas fantasias infantis de negar as relações sexuais dos pais e de transformar a mãe em uma virgem ilesa**. Mas eu acrescento: depois que o poeta provou a virgindade de sua heroína, sua sensível imaginação frisa-se na reação hostil desencadeada pela violação de sua virgindade." – p.217;

A CONCEPÇÃO PSICANALÍTICA DA PERTURBAÇÃO PSICOGÊNICA DA VISÃO (1910)

"A oposição entre as ideias é apenas uma expressão das lutas entre os vários instintos. Do ponto de vista de nossa tentativa de explicação, uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre **os instintos que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual**, e os demais instintos que têm por objetivo a autopreservação do indivíduo – os instintos do ego" – p.225;

"**Delineamos o 'instinto sexual'** desde suas primeiras manifestações nas crianças, até sua forma final, que é descrita como 'normal'" – p.226;

"A luz projetada pela psicologia sobre a evolução de nossa civilização mostrou-nos que ela se origina, principalmente, **à custa dos instintos sexuais componentes** e que estes têm de ser suprimidos, restringidos, transformados e dirigidos para objetivos mais elevados, a fim de que

se possam estabelecer as construções psíquicas da civilização.” – p.227;

“Conseguimos reconhecer como um resultado valioso dessa pesquisa algo que nossos colegas ainda não estão prontos para aceitar, isto é, que os padecimentos humanos conhecidos como ‘neuroses’ se derivam das maneiras muito diversas em que **esses processos de transformação dos instintos sexuais componentes podem malograr**. O **‘ego’ sente-se ameaçado pelas exigências dos instintos sexuais e os desvia através de repressões**; estas, no entanto, nem sempre produzem o resultado esperado, mas levam à formação de substitutos perigosos para o reprimido e a reações incômodas por parte do ego. Dessas duas classes de fenômenos, tomadas como um todo, emergem o que chamamos os sintomas da neurose.” – p.227;

“**Tanto os instintos sexuais como os instintos do ego**, têm, em geral, os mesmos órgãos e sistemas de órgãos à sua disposição. **O prazer sexual não está apenas ligado à função dos genitais**. A boca serve tanto para beijar como para comer e para falar; os olhos percebem não só alterações no mundo externo, que são importantes para a preservação da vida, como também as características dos objetos que os fazem ser escolhidos como objetos de amor – seus encantos.” – p.227;

“Quanto mais estreita a relação em que um órgão, uma função dupla desta espécie, conta com um dos principais instintos, tanto mais ele se retrai do outro. Este princípio não pode deixar de provocar consequências patológicas, caso os dois instintos fundamentais estejam desunidos **e caso o ego mantenha a repressão do instinto sexual** componente em questão. Isto pode ser facilmente aplicado ao olho e à visão. Suponhamos que **o instinto sexual componente que se utiliza do olhar** – **o prazer sexual em olhar** – **o prazer sexual em olhar [escoptofilia]** – atraiu sobre si a ação defensiva dos instintos do ego, em consequência de suas exigências excessivas, de maneira que as ideias através das quais seus desejos se expressam sucumbam à repressão e sejam impedidas de se tornar conscientes; nesse caso haverá uma perturbação geral da relação do olho e do ato de ver com o ego e a consciência. O ego perderia seu domínio sobre o órgão, que ficaria, então, **totalmente à disposição do instinto sexual reprimido**. É como se a repressão houvesse sido exagerada pelo ego, como se tivesse despejado a criança com a água do banho: o ego se recusa a ver outra coisa qualquer, agora que **o interesse sexual** em ver se tornou tão predominante.” – p.227-228;

“Essa relação de um órgão com uma dupla exigência sobre ele – sua relação com o ego consciente e com a **sexualidade reprimida** – pode ser encontrada de maneira ainda mais evidente nos órgãos motores do que no olho: como, por exemplo, a mão que procurou executar um ato de ataque sexual e ficou paralisada histericamente é incapaz, depois da inibição do ato, de fazer outra coisa – como se estivesse insistindo obstinadamente em efetuar uma enervação reprimida; ou como os dedos de pessoas que renunciaram à masturbação se recusam a aprender os movimentos delicados indispensáveis para tocar piano ou violino.” – p.228;

“Quanto ao olho, estamos acostumados a interpretar os obscuros processos psíquicos implicados na **repressão da escoptofilia sexual** e no desenvolvimento da perturbação psicogênica da visão, como se uma voz punitiva estivesse falando de dentro do indivíduo e

dizendo: '**Como você tentou utilizar mal seu órgão para prazeres sensuais perversos**, é justo que você nunca mais veja nada', e como se, desta maneira, estivesse aprovando o resultado do processo." – p.228;

"Senhores, a psicanálise é injustamente acusada de apresentar teorias puramente psicológicas para problemas patológicos. A ênfase que ela coloca no **papel patogênico da sexualidade**, que, afinal, não é certamente um fator exclusivamente psíquico, deveria por si própria defendê-la contra essa acusação." – p.229;

"De maneira geral, as perturbações neuróticas da visão apresentam a mesma relação com as psicogênicas que as 'neuroses atuais' têm com as psiconeuroses: as perturbações visuais psicogênicas, sem dúvida, dificilmente se manifestam sem as neuróticas, porém estas últimas podem surgir sem as primeiras. Estes sintomas neuróticos, infelizmente, são pouco reconhecidos e compreendidos, mesmo hoje em dia; porque não são diretamente acessíveis à psicanálise e, além disso, **outros métodos de pesquisa não levaram em consideração o ponto de vista da sexualidade**." – p.229;

PSICANÁLISE SILVESTRE (1910)

"A causa precipitante da irrupção de seus estados ansiosos fora o divorciar-se de seu último marido; mas a ansiedade tinha-se tornado consideravelmente mais intensa, conforme seu relato, desde que consultara um jovem médico no subúrbio onde morava, porque ele a havia informado de que a causa de sua ansiedade era a sua **falta de satisfação sexual**. Disse-lhe que ela não poderia tolerar a **falta de relações sexuais com o marido** e, assim, havia apenas três maneiras pelas quais ela poderia recuperar a saúde – ela devia ou voltar para o marido, ou ter um amante, ou obter satisfação consigo mesma." – p.235;

"Suponhamos, pois, que o doutor falou à paciente exatamente como aludiu. Qualquer pessoa adiantaria imediatamente a crítica de que, **se um médico julga necessário discutir a questão da sexualidade com uma mulher**, ele deve fazer isso com tato e consideração." – p.236;

"Comecemos pelos últimos, os erros científicos. O conselho do doutor à dama mostra claramente em que sentido ele entende a **expressão 'vida sexual'** – no sentido popular, ou seja, em que por **necessidades sexuais nada se significa senão a necessidade do coito ou de atos análogos produtores de orgasmo e emissão das substâncias sexuais**. Ele não deve ter ficado esquecido, no entanto, de que a psicanálise é comumente censurada por haver estendido o **conceito do que é sexual muito além de sua posição vulgar**." – p.236;

"Em psicanálise, **o conceito do que é sexual** abrange bem mais; ele vai mais abaixo e também mais acima do que seu sentido popular. Essa extensão se justifica geneticamente; nós reconhecemos como **pertencentes à 'vida sexual' todas as atividades dos sentimentos ternos que têm os impulsos sexuais primitivos como fonte**, mesmo quando esses impulsos se tornaram inibidos com relação **a seu fim sexual original**, ou tiveram de trocar esse fim por outro que **não é mais sexual**. Por essa razão, preferimos falar em **psicossexualidade**, colocando

assim ênfase sobre o ponto de que o **fator mental na vida sexual** não deve ser desdenhado ou subestimado. Usamos **a palavra 'sexualidade'** no mesmo sentido compreensivo que aquele em que a língua alemã usa a palavra *lieben* [amar]." – p.236;

"Temos desde muito sabido também que a ausência mental de satisfação, com todas as suas consequências, pode existir quando não há falta de relações sexuais normais; e, **como terapeutas, sempre temos em mente que as tendências sexuais insatisfeitas** (cujas satisfações substitutivas na forma de sintomas nervosos nós combatemos) podem amiúde encontrar apenas **uma derivação muito inadequada no coito ou em outros atos sexuais**." – p.236-237;

"Quem quer que não partilhe desde **ponto de vista de psicossexualidade** não tem o direito de expor teses psicanalíticas tratando da **importância etiológica da sexualidade**. Ao acentuar exclusivamente **o fator somático da sexualidade**, ele, sem dúvida, simplifica grandemente o problema, mas ele apenas deverá carregar a responsabilidade por aquilo que ele faz." – p,237;

"**É verdade que a psicanálise apresenta a ausência de satisfação sexual como a causa de distúrbios nervosos**. Mas não diz ela mais do que isso? Deve-se ignorar seu ensinamento por ser assaz complicado quando ela afirma que os sintomas nervosos se originam de um conflito entre duas forças – de um lado a libido (que, de regra, se torna excessiva) e de outro **uma rejeição da sexualidade ou uma repressão que é sobremodo intensa**? Ninguém que se recorde deste segundo fator, que não é de modo algum secundário, em importância, jamais poderá acreditar que **a satisfação sexual, só por si**, constitua um remédio de universal eficácia para os sofrimentos dos neuróticos." – p.237;

"Certos estados nervosos que chamamos de 'neuroses atuais', tais como a neurastenia típica e a neurose de angústia simples, obviamente **dependem do fator somático da vida sexual**, enquanto não temos, até agora, um quadro nítido do papel neles desempenhado pelo fator psíquico e pela repressão. Em tais casos, é natural que o médico deva considerar primeiro certa terapêutica 'atual', **certa alteração da atividade sexual somática da paciente**, e ele assim o faz com plena justificativa se o seu diagnóstico estiver certo." – p.237-238;

BREVES ESCRITOS (1910)

1. **Contribuições para uma discussão acerca do suicídio**
   Não consta.

2. **Carta ao Dr. Friedrich S. Krauss sobre a anthropophyteia**

"Não é difícil adivinhar que **componentes instintivos da sexualidade (composta como é de tantos elementos)** encontram satisfação dessa maneira. Essas histórias nos dão informação direta quanto a que **instintos parciais da sexualidade** se retêm num dado grupo de pessoas por serem especialmente eficientes na produção de prazer; e dessa maneira eles fornecem a confirmação mais nítida das descobertas conseguidas pelo exame psicanalítico de neuróticos." – p. 247;

"Neste ponto, a Anthropophyteia vem em auxílio da psicanálise, mostrando quão universalmente as pessoas se demoram com prazer sobre essa parte do corpo, suas atividades e mesmo no produto das funções dela. Se isto assim não fosse, todas essas anedotas estariam fadadas a produzir desagrado em seus ouvintes, ou então **toda a massa da população teria de ser 'pervertida' no significado em que se usa a palavra nos trabalhos a respeito da 'psicopatia sexual'**, de tom moralizador. Não seria difícil dar outros exemplos de como o material colecionado pelos autores da Anthropophyteia tem sido de valor para as **pesquisas de psicologia sexual**." – p.247;

3. **Dois exemplos de fantasias patogênicas reveladas pelos próprios pacientes**

"Há mais de dez anos, numa época em que as descobertas e hipóteses da psicanálise eram conhecidas apenas por poucas pessoas, os seguintes acontecimentos me foram referidos por fonte fidedigna. Uma jovem, que era filha de médico, adoeceu de histeria com sintomas localizados. O pai negou que fosse histeria e providenciou que se iniciassem vários tratamentos somáticos que trouxeram pouca melhoria. Certo dia, uma amiga da paciente disse a ela: 'Você nunca pensou em consultar o Dr. F.?' Ao que a paciente replicou: 'Que benefício teria isso? Sei o que ele iria me dizer: **"Você alguma vez já teve ideia de relação sexual com seu pai?**" – Parece-me desnecessário afirmar explicitamente que nunca foi meu costume, e nem é meu costume hoje, fazer tais perguntas. Mas é digno de nota que muito do que os pacientes nos contam das palavras e das ações de seus médicos pode ser entendido como revelações de suas próprias fantasias patogênicas." – p.249;

4. **Críticas às cartas a uma mulher neurótica de Wilhelm Neutra**
   Não consta.

X. O CASO SCHREBER, ARTIGOS SOBRE TÉCNICA E OUTROS TRABALHOS (1911-1913)

Volume 12 (FREUD, 1996j)

NOTAS PSICANALÍTICAS SOBRE UM RELATO AUTOBIOGRÁFICO DE UM CASO DE PARANOIA (*DEMENTIA PARANOIDES*) (1911)

"Sabemos que a ideia de se transformar em mulher (isto é, de ser emasculado) constituiu o delírio primário, que ele no início encarava esse ato como grave injúria e perseguição, e que o mesmo só se relacionou com o papel de Redentor de maneira secundária. Não pode haver dúvida, além disso, de que ele originalmente acreditava que a transformação deveria ser efetuada com a finalidade de **abusos sexuais** e não para servir a altos desígnios. Pode-se formular a situação, dizendo-se que um **delírio sexual de perseguição** foi posteriormente transformado, na mente do paciente, em delírio religioso de grandeza. O papel de perseguidor foi primeiramente atribuído ao Professor Flechsig, médico sob cujos cuidados estava; mais tarde, o lugar foi assumido pelo Próprio Deus." – p.29;

"Citarei na íntegra as passagens pertinentes das *Denkwürdigkeiten*: 'Desse modo, uma

conspiração contra mim foi levada ao ponto culminante (por volta de março ou abril de 1894). Seu objetivo era conseguir que, uma vez minha doença nervosa houvesse sido reconhecida como incurável ou assim admitida, eu fosse entregue a certa pessoa, de maneira específica: minha alma deveria ser-lhe entregue, mas meu corpo – devido a uma má compreensão do que acima descrevi como o propósito subjacente à Ordem das Coisas – deveria ser transformado num corpo feminino e como tal entregue à pessoa em apreço com vistas a **abusos sexuais**, então simplesmente seria 'deixado de lado' – o que indubitavelmente significa ser entregue à corrupção.' [...]" – p.29;

"'Toda tentativa de assassinar minha alma, de emascular-me para fins *contrários à Ordem das Coisas* (isto é, para **satisfação dos apetites sexuais** de um indivíduo) ou, mais tarde, de destruir meu entendimento – toda tentativa como essa redundou em nada. Desse combate aparentemente desigual entre um débil homem e o Próprio Deus, emergi como vencedor – embora com muito amargo sofrimento e privação – porque a Ordem das Coisas está do meu lado.' [...]" – p.30;

"Estas afirmações são de importância decisiva para determinar a opinião que devemos formar quanto ao delírio da emasculação, dando-nos assim uma compreensão geral do caso. Pode-se acrescentar que as 'vozes' que o paciente ouvia nunca tratavam de sua transformação em mulher como algo que não fosse uma **ignomínia sexual**, o que lhes fornecia desculpa para dele escarnecer. 'Raios de Deus não raramente julgaram-se no direito de zombar de mim, chamando-me de 'Miss Schreber', em alusão à emasculação que, segundo se afirmava, achava-me a ponto de sofrer.' [...] Ou então diziam: 'Então *isso* declara ter sido um *Senatspräsident*, essa pessoa que se deixa ser f… a!' Ou, ainda: 'Não se sente envergonhado, na frente de sua mulher?' [...]" – p.30;

"'O estado masculino de beatitude era superior ao feminino, que parece ter consistido principalmente numa sensação ininterrupta de voluptuosidade.' [...] Em outras passagens, esta coincidência entre o estado de beatitude e a voluptuosidade é expressa em linguagem mais simples e sem referência à distinção de sexo; ademais, o elemento do estado de beatitude que consiste na contemplação de Deus não é mais comentado. Assim, por exemplo: 'A natureza dos nervos de Deus é tal que o estado de beatitude […] se faz acompanhar por uma sensação muito intensa de voluptuosidade, ainda que não consista exclusivamente nela.' [...] E ainda: 'A voluptuosidade pode ser encarada como um fragmento do estado de beatitude, dado antecipadamente, por assim dizer, aos homens e às outras criaturas vivas.' [...] Assim, o estado de beatitude celestial deve ser compreendido como sendo, em sua essência, uma continuação intensificada do **prazer sensual** sobre a Terra!" – p.39;

"Essa **surpreendente sexualização** do estado de beatitude celestial sugere a possibilidade de que o conceito que Schreber tem do estado de beatitude derive de uma condensação dos principais significados da palavra alemã '*selig*', a saber, 'falecido' e '**sensualmente feliz**'. Mas esse exemplo de **sexualização** fornecer-nos-á também ocasião de examinar a atitude geral do paciente para com o lado erótico da vida e para com **assuntos de indulgência sexual**, pois nós, psicanalistas, até o presente apoiamos a opinião de que as raízes de todo distúrbio nervoso e mental devem-se encontrar principalmente na **vida sexual do paciente** – alguns de nós baseados simplesmente em fundamentos empíricos, outros, influenciados, além disso, por considerações teóricas." – p.40;

"As amostras dos delírios de Schreber já fornecidas capacitam-nos, sem mais, a pôr de lado a suspeita de que exatamente esse distúrbio paranoide pudesse vir a ser o 'caso negativo' há tanto tempo procurado: **um caso em que a sexualidade desempenhe apenas papel muito pouco importante**. O próprio Schreber fala repetidas vezes como se partilhasse de nosso preconceito. Fala constantemente, e no mesmo alento, de 'distúrbio nervoso' e lapsos eróticos, como se as duas coisas fossem inseparáveis." – p.40-41;

"Antes de sua enfermidade, o *Senatspräsident* Schreber fora homem de moral estrita: 'Poucas pessoas', declara ele, e não vejo razão para duvidar de sua assertiva, 'podem ter sido criadas segundo os estritos princípios morais em que fui, e poucas pessoas, durante toda a sua vida, podem ter exercido (**especialmente em assuntos sexuais**) uma autocoibição que se conformasse tão estritamente a esses princípios, como posso dizer de mim mesmo que exerci.' [...] Após o severo combate espiritual, do qual os fenômenos de sua moléstia foram os sinais exteriores, sua atitude para com o lado erótico da vida se alterou." – p.41;

"Foi esse, então, o resultado das modificações produzidas em Schreber por sua doença, tal como as encontramos expressas nas duas características principais de seu sistema delirante. Antes dela, inclinara-se ao **ascetismo sexual** e fora um descrente com referência a Deus, enquanto que, após a mesma, se tornou crente em Deus e devoto da voluptuosidade. Entretanto, assim como sua fé em Deus reconquistada era de tipo peculiar, assim também a **fruição sexual** que havia alcançado para si próprio era de caráter muito raro. Não era a **liberdade sexual de um homem**, mas **os sentimentos sexuais de uma mulher**. Ele assumiu uma atitude feminina para com Deus; sentiu que era a esposa de Deus." – p.41-42;

"Solicita exame médico, a fim de estabelecer o fato de que todo o seu corpo possui nervos de voluptuosidade dispersos sobre ele, da cabeça aos pés, situação que, em sua opinião, só pode ser encontrada no corpo feminino, enquanto no indivíduo do sexo masculino, segundo melhor de seu conhecimento, os nervos da voluptuosidade existem apenas nos **órgãos sexuais** e em sua vizinhança imediata. [...]" – p.43;

"A voluptuosidade espiritual que se desenvolveu devido a essa acumulação de nervos em seu corpo é tão intensa que exige apenas ligeiro esforço de sua imaginação (especialmente quando se acha deitado na cama) para proporcionar-lhe uma sensação de **bem-estar sexual** que permite um prenúncio mais ou menos claro do **prazer sexual** desfrutado por uma mulher durante a cópula. [...]" – p.43;

"Na aguda psicose que irrompeu logo após, porém, a fantasia feminina venceu todas as dificuldades; e só é preciso ligeira correção da imprecisão paranoica característica do modo de expressão de Schreber, para permitir-nos adivinhar o fato de que **o paciente temia um abuso sexual das mãos do próprio médico**. A causa ativadora de sua doença, então, foi uma manifestação de **libido homossexual**; o objeto desta libido foi provavelmente, desde o início, o médico Flechsig, e suas lutas contra o impulso libidinal produziram o conflito que deu origem aos sintomas." – p.52;

"Não constitui um ato de irresponsável leviandade, uma indiscrição e uma calúnia acusar um homem de posição ética tão elevada quanto o ex-*Senatspräsident* Schreber, de **homossexualismo**? – Não." – p.52;

"Não lhe estamos fazendo censuras de espécie alguma, quer por ter tido **impulsos homossexuais** quer por ter-se esforçado por suprimi-los. Os psiquiatras deveriam, pelo menos, tirar uma lição desse paciente, ao vê-lo tentando, apesar de seus delírios, não confundir o mundo do inconsciente com o da realidade." – p.52-53;

"Seu objetivo era conseguir que, uma vez minha doença nervosa houvesse sido reconhecida como incurável ou assim admitida, *eu fosse entregue a certa pessoa* de maneira que minha alma lhe fosse entregue, mas meu corpo… fosse transformado num corpo feminino *e como tal entregue à pessoa em apreço*, com vistas a **abusos sexuais**… [...]" – p.53;

"Perto do fim da estada de Schreber na clínica de Leipzig, veio-lhe à mente o temor de que ele 'deveria ser jogado aos assistentes' para fins de **abusos sexuais**. [...]" – p.53;

"Em estádio posterior deste trabalho, pretendo retornar ao exame de algumas outras objeções; entrementes, porém, considerar-me-ei justificado em manter a opinião de que a base da moléstia de Schreber foi a irrupção de um **impulso homossexual**." – p.54;

"É fácil compreender que a simples presença da esposa deve ter atuado como proteção contra o poder atrativo dos homens a seu redor, e, se estivermos preparados para admitir que uma emissão não pode ocorrer num adulto sem algum acompanhamento mental, poderemos suplementar as emissões do paciente naquela noite presumindo que elas se fizeram acompanhar de **fantasias homossexuais que permaneceram inconscientes**." – p.54-55;

"A razão de essa irrupção de **libido homossexual** ter dominado o paciente exatamente nesse período (isto é, entre as datas de sua nomeação e da mudança para Dresden) não pode ser explicada na ausência de um conhecimento mais preciso da história de sua vida. Falando de modo geral, todo ser humano oscila, ao longo da vida, entre **sentimentos heterossexuais e homossexuais** e qualquer frustração ou desapontamento numa das direções pode impulsioná-lo para outra." – p.55;

"Na época dessa doença, o Dr. Schreber contava 51 anos e, portanto, atingira **uma idade de importância decisiva na vida sexual**. É um período no qual, nas mulheres, **a função sexual**, após uma fase de atividade intensificada, ingressa num processo de involução de grandes consequências; tampouco os homens parecem estar isentos de sua influência, pois tanto eles quanto as mulheres estão sujeitos a um 'climatério' e às suscetibilidades a doença que o acompanham." – p.55;

"Não levantaremos, portanto, penso eu, novas objeções à hipótese de que a causa ativadora da enfermidade foi o aparecimento de uma **fantasia feminina (isto é, homossexual passiva) de desejo**, que tomou por objeto a figura do médico." – p.56;

"Em experiências infantis como essa, o pai interfere com a satisfação que a criança está tentando obter; esta é geralmente de caráter autoerótico, embora, posteriormente, seja amiúde substituída na fantasia por alguma outra satisfação de tipo menos inglório. No estágio final do delírio de Schreber, vitória magnífica foi alcançada pelo **impulso sexual infantil**, pois a voluptuosidade tornou-se temente a Deus e o Próprio Deus (o pai) nunca se cansava de exigi-la dele. A ameaça paterna mais temida, a castração, na realidade forneceu o material para sua fantasia de desejo (a princípio combatida mas depois aceita) de ser transformado em mulher." – p.64;

"Finalmente, chegamos ao pensamento forçado [...] a que o paciente se submeteu porque supunha que Deus acreditaria que ele se havia tornado idiota e se afastaria dele se deixasse de pensar por um só momento. Trata-se de reação (com a qual estamos também familiarizados, sob outros aspectos) à **ameaça ou temor de perder a razão por entregar-se a práticas sexuais e, especialmente, à masturbação**. Considerando o enorme número de ideias delirantes de natureza hipocondríaca que o paciente desenvolveu, talvez não se deva dar grande importância ao fato de algumas delas coincidirem, palavra por palavra, com os temores hipocondríacos dos masturbadores." – p.64-65;

"Talvez me seja permitido acrescentar umas poucas palavras, com vistas a estabelecer as causas deste conflito que irrompeu em relação à fantasia feminina de desejo. Como sabemos, quando uma fantasia feminina de desejo aparece, nossa tarefa é associá-la com alguma *frustração*, alguma privação na vida real. Ora, Schreber admite haver sofrido privação deste tipo. Seu casamento, que descreve como feliz, sob outros aspectos, não lhe deu filhos; e, em particular, não lhe trouxe filho homem que poderia tê-lo consolado da perda do pai e do irmão e sobre quem poderia ter **drenado suas afeições homossexuais insatisfeitas**." – p.65;

"O caráter distintivo da paranoia (ou da *dementia paranoides*) deve ser procurar alhures, a saber, na forma específica assumida pelos sintomas; e esperamos descobrir que esta é determinada, não pela natureza dos próprios complexos, mas pelo mecanismo mediante o qual os sintomas são formados ou a repressão é ocasionada. Tenderíamos a dizer que caracteristicamente paranoico na doença foi o fato de o paciente, para repelir uma **fantasia de desejo homossexual**, ter reagido precisamente com delírios de perseguição desta espécie." – p.67;

"Estas considerações emprestam, portanto, peso adicional à circunstância de que somos, na realidade, levados pela experiência a atribuir às **fantasias de desejo homossexuais** uma relação íntima (talvez invariável) com essa forma específica de enfermidade. Duvidando de minha própria experiência no assunto, durante os últimos anos reuni-me a meus amigos C.G. Jung, de Zurique, e Sándor Ferenczi, de Budapest, para pesquisar, sob esta única característica, certo número de casos de distúrbio paranoide que tinham estado sob observação." – p.67;

"Ainda assim, ficamos estupefatos ao descobrir que, em todos esses casos, uma defesa contra o **desejo homossexual** era claramente identificável no próprio centro do conflito subjacente à moléstia, e que fora numa tentativa de dominar uma corrente inconscientemente reforçada de **homossexualismo** que todos eles haviam fracassado. Isso certamente não era o que havíamos esperado. A paranoia constitui exatamente um distúrbio no qual a **etiologia sexual** de maneira alguma é óbvia; longe disso, as características notavelmente relevantes na origem da paranoia, particularmente entre indivíduos do sexo masculino, são as humilhações e desconsiderações sociais." – p.67-68;

"Mas, se nos aprofundarmos apenas um pouco mais no assunto, poderemos perceber que o fator realmente eficaz nessas afrontas sociais reside na parte que nelas desempenham os **componentes homossexuais da vida emocional**. Enquanto o indivíduo age normalmente e é, por conseguinte, impossível perscrutar as profundezas de sua vida psíquica, podemos duvidar que suas relações emocionais com o próximo na sociedade tenham algo a ver com **a sexualidade**, concretamente ou em sua gênese." – p.68;

"Mas os delírios nunca deixam de revelar estas relações e de remontar os sentimentos sociais às suas raízes num **desejo erótico positivamente sensual**. Enquanto foi sadio, também o Dr. Schreber, cujos delírios culminaram por uma fantasia de **desejo de natureza inequivocamente homossexuais**, não havia, segundo afirmam todos, demonstrado quaisquer **sinais de homossexualismo** no sentido comum da palavra." – p.68;

"Esforçar-me-ei agora (e penso que a tentativa não é desnecessária nem injustificável) por demonstrar que o conhecimento dos processos psicológicos, que graças à psicanálise hoje possuímos, já nos permite compreender o papel desempenhado por um **desejo homossexual** no desenvolvimento da paranoia." – p.68;

"Pesquisas recentes dirigiram nossa atenção para um estádio do desenvolvimento da libido, entre o autoerotismo e o amor objetal. Este estádio recebeu o nome de narcisismo. O que acontece é o seguinte: chega uma ocasião, no desenvolvimento do indivíduo, em que ele reúne seus **instintos sexuais** (que até aqui haviam estado empenhados em atividades autoeróticas), a fim de conseguir um objeto amoroso; e começa por tomar a si próprio, seu próprio corpo, como objeto amoroso, sendo apenas subsequentemente que passa daí para a escolha de alguma outra pessoa que não ele mesmo, como objeto." – p.68;

"A linha de desenvolvimento, então, conduz à escolha de um objeto externo com órgãos genitais semelhantes – isto é, a uma **escolha objetal homossexual** – e daí ao **heterossexualismo**. As pessoas que se tornam **homossexuais** manifestas mais tarde, nunca se emanciparam, pode-se presumir, da condição obrigatória de que o objeto de sua escolha deve possuir órgãos genitais como os seus; e, com relação a isto, as teorias sexuais infantis que atribuem o mesmo tipo de órgãos genitais a ambos os sexos exercem muita influência." – p.69;

"Após o estádio de **escolha objetal heterossexual** ter sido atingido, as **tendências homossexuais** não são, como se poderia supor, postas de lado ou interrompidas; são simplesmente desviadas de seu **objetivo sexual** e aplicadas a novas utilizações." – p.69;

"Quão grande é a contribuição realmente derivada de fontes eróticas (com o **objetivo sexual inibido**) dificilmente poder-se-ia adivinhar pelas relações sociais normais da humanidade. Mas não é irrelevante observar que são precisamente os **homossexuais manifestos**, e entre eles exatamente aqueles que se colocam contra a tolerância quanto a **atos sensuais**, que se distinguem por participação particularmente ativa nos interesses gerais da humanidade – interesses que por si mesmos se originaram de uma sublimação de instintos eróticos." – p.69;

"Em meus ***Três ensaios sobre a teoria da sexualidade***, expressei a opinião de que cada **estádio no desenvolvimento da psicossexualidade** fornece uma possibilidade de 'fixação', e, assim, de um ponto disposicional. As pessoas que não se libertaram completamente do estádio de narcisismo – que, equivale a dizer, têm nesse ponto uma fixação que pode operar como disposição para uma enfermidade posterior – acham-se expostas ao perigo de que alguma vaga de libido excepcionalmente intensa, não encontrando outro escoadouro, possa conduzir a uma **sexualização de seus instintos sociais** e desfazer assim as sublimações que haviam alcançado no curso de seu desenvolvimento." – p.69-70;

"Visto nossas análises demonstrarem que os paranoicos *se esforçam por proteger-se contra **esse tipo de sexualização de suas catexias sociais instintuais***, somos levados a supor que o ponto fraco em seu desenvolvimento deve ser procurado em algum lugar entre os estádios de autoerotismo, narcisismo e **homossexualismo**, e que sua disposição à enfermidade (que talvez seja suscetível de definição mais precisa) deve estar localizada nessa região." – p.70;

"Assumindo então o ponto de vista de que o que jaz no cerne do conflito, nos casos de paranoia entre indivíduos do sexo masculino, é **uma fantasia de desejo homossexual de *amar um homem***, certamente não esqueceremos que a confirmação de hipótese tão importante só pode decorrer da investigação de um grande número de exemplos de toda espécie de distúrbio paranoide." – p.70;

"É possível a muitos casos de erotomania dar a impressão de que poderiam ser satisfatoriamente explicados como **fixações heterossexuais exageradas ou deformadas**, se nossa atenção não fosse atraída pela circunstância de que essas afeições começam invariavelmente não por qualquer percepção interna de amar, mas por uma percepção externa de ser amado." – p.71;

"A mulher ciumenta suspeita do marido em relação a todas as mulheres por quem ela própria é atraída, devido ao seu **homossexualismo** e ao efeito disposicional de seu narcisismo excessivo." – p.71;

"'*Não amo de modo algum – não amo ninguém*'. E visto que, afinal de contas, a libido tem de

ir para algum lugar, essa proposição parece ser o equivalente psicológico da proposição: 'Eu só amo a mim mesmo'. Desta maneira, esse tipo de contradição dar-nos-ia a megalomania, que podemos encarar como uma ***supervalorização sexual do ego*** e ser assim colocada ao lado da supervalorização do objeto amoroso, com a qual já nos achamos familiarizados." – p.72-73;

"Após este exame do papel inesperadamente importante desempenhado pelas **fantasias de desejo homossexuais na paranoia**, retornemos aos dois fatores em que esperávamos, desde o princípio, encontrar os sinais característicos da paranoia, a saber, o mecanismo *pelo qual os sintomas são formados e o mecanismo pelo qual a repressão é ocasionada*." – p.73;

"Disto pode-se concluir que, na paranoia, a libido liberada vincula-se ao ego e é utilizada para o engrandecimento deste. Faz-se assim um retorno ao estádio do narcisismo (que reconhecemos como estádio do desenvolvimento da libido), no qual o único **objeto sexual** de uma pessoa é seu próprio ego. Com base nesta evidência clínica, podemos supor que os paranoicos trouxeram consigo uma *fixação no estádio do narcisismo*, e podemos asseverar que a extensão do ***retrocesso do homossexualismo sublimado*** *para o narcisismo* constitui medida da quantidade de regressão característica da paranoia." – p.79-80;

"Ademais, aceitamos a distinção popular entre instintos do ego e **instinto sexual**, pois tal distinção parece concordar com a concepção biológica de que o indivíduo possui dupla orientação, visando, por um lado, à autopreservação e, por outro, à preservação das espécies." – p.81;

"A fixação disposicional deve, portanto, achar-se situada mais atrás do que na paranoia, e residir em algum lugar no início do curso do desenvolvimento entre o autoerotismo e o amor objetal. Além disso, não é de modo algum provável que **impulsos homossexuais**, tão frequentemente – talvez invariavelmente – encontrados na paranoia, desempenham papel igualmente importante na etiologia dessa enfermidade muito mais abrangente, a demência precoce." – p.84;

"Pode-se suspeitar, contudo, que aquilo que capacitou Schreber a reconciliar-se com sua **fantasia homossexual**, e possibilitou à sua moléstia terminar em algo que se aproxima de um restabelecimento, pode ter sido o fato de que seu complexo paterno se achava, principalmente, afinado de maneira positiva, e que, na vida real, os anos finais de seu relacionamento com um pai excelente provavelmente não foram tempestuosos." – p.85;

"Por fim, não posso concluir o presente trabalho – que, mais uma vez, constitui apenas fragmento de um todo maior – sem prenunciar as duas teses principais no sentido de cujo estabelecimento a teoria da libido das neuroses e das psicoses está avançando: a saber, que as neuroses surgem, principalmente, de um conflito entre o ego e o **instinto sexual**, e que as formas que elas assumem guardam a marca do curso do desenvolvimento seguido pela libido – e pelo ego." – p.86;

ARTIGOS SOBRE TÉCNICA (1911-1915[1914])

Não consta.

O MANEJO DA INTERPRETAÇÃO DE SONHOS NA PSICANÁLISE (1911)

Não consta.

A DINÂMICA DA TRANSFERÊNCIA (1912)

"Temos de nos resolver a distinguir uma transferência 'positiva' de uma 'negativa', a transferência de sentimentos afetuosos da dos hostis e tratar separadamente os dois tipos de transferência para o médico. A transferência positiva é ainda divisível em transferência de sentimentos amistosos ou afetuosos, que são admissíveis à consciência, e transferência de prolongamentos desses sentimentos no inconsciente. Com referência aos últimos, a análise demonstra que invariavelmente remontam a fontes eróticas. E somos assim levados à descoberta de que todas as relações emocionais de simpatia, amizade, confiança e similares, das quais podemos tirar bom proveito em nossas vidas, acham-se **geneticamente vinculadas à sexualidade** e se desenvolveram a partir de **desejos puramente sexuais**, através da **suavização de seu objetivo sexual**, por mais **puros e não sensuais** que possam parecer à nossa autopercepção consciente. Originalmente, conhecemos apenas **objetos sexuais**, e a psicanálise demonstra-nos que pessoas que em nossa vida real são simplesmente admiradas ou respeitadas podem ainda ser **objetos sexuais** para nosso inconsciente.

Assim, a solução do enigma é que a transferência para o médico é apropriada para a resistência ao tratamento apenas na medida em que se tratar de transferência negativa ou de transferência positiva de impulsos eróticos reprimidos." – p.116-117;

RECOMENDAÇÕES AOS MÉDICOS QUE EXERCEM A PSICANÁLISE (1912)

Não consta.

SOBRE O INÍCIO DO TRATAMENTO (NOVAS RECOMENDAÇÕES SOBRE A TÉCNICA DA PSICANÁLISE I) (1913)

"O analista é certamente capaz de fazer muito, mas não pode determinar de antemão exatamente quais os resultados que produzirá. Ele coloca em movimento um processo, o processo de solucionamento das repressões existentes. Pode supervisar este processo, auxiliá-lo, afastar obstáculos em seu caminho, e pode indubitavelmente invalidar grande parte dele. Mas, em geral, uma vez começado, segue sua própria rota e não permite que quer a direção que toma quer a ordem em que colhe seus pontos lhe sejam prescritas. O poder do analista sobre os sintomas da doença pode, assim, ser comparado à **potência sexual masculina**." – p.146;

"O próximo ponto a ser decidido no início do tratamento é o do dinheiro, dos honorários do médico. Um analista não discute que o dinheiro deve ser considerado, em primeira instância, como meio de autopreservação e de obtenção de poder, mas sustenta que, ao lado disto, **poderosos fatores sexuais** acham-se envolvidos no valor que lhe é atribuído. Ele pode indicar

que as questões de dinheiro são tratadas pelas pessoas civilizadas da mesma maneira que as **questões sexuais** – com a mesma incoerência, pudor de hipocrisia. O analista, portanto, está determinado desde o princípio a não concordar com esta atitude, mas, em seus negócios com os pacientes, a tratar de assuntos de dinheiro com a mesma franqueza natural com que deseja educá-los nas **questões relativas à vida sexual**." – p.146-147;

"Mulheres que estão preparadas, por acontecimentos em sua história passada, para serem submetidas a **agressão sexual**, e homens com **homossexualismo reprimido** excessivamente forte são os mais aptos a reterem desta maneira as ideias que lhes ocorrem no início da análise." – p.153;

"Em um caso específico, a mãe de uma moça histérica confidenciou-me a **experiência homossexual** que contribuíra grandemente para fixação das crises da moça." – p.156;

RECORDAR, REPETIR E ELABORAR (NOVAS RECOMENDAÇÕES SOBRE A TÉCNICA DA PSICANÁLISE II) (1914)

"Não se recorda de como chegou a um impotente e desesperado impasse em suas **pesquisas sexuais infantis**; mas produz uma massa de sonhos e associações confusas, queixa-se de que não consegue ter sucesso em nada e assevera estar fadado a nunca levar a cabo o que empreende. Não se recorda de ter-se envergonhado intensamente de certas **atividades sexuais** e de ter tido medo de elas serem descobertas; mas demonstra achar-se envergonhado do tratamento que agora empreendeu e tenta escondê-lo de todos. E assim por diante." – p.165-166;

"Fica silencioso e declara que nada lhe ocorre. Isto, naturalmente, é simplesmente a repetição de uma **atitude homossexual** que se evidencia como uma resistência contra recordar alguma coisa. Enquanto o paciente se acha em tratamento, não pode fugir a esta compulsão à repetição; e, no final, compreendemos que esta é a sua maneira de recordar." – p.166;

OBSERVAÇÕES SOBRE O AMOR TRANSFERENCIAL (NOVAS RECOMENDAÇÕES SOBRE A TÉCNICA DA PSICANÁLISE III) (1915[1914])

"Se se examinar a situação mais de perto, reconhece-se a influência de motivos que complicam ainda mais as coisas – dos quais, alguns acham-se vinculados ao enamoramento e outros são expressões específicas da resistência. Do primeiro tipo são os esforços da paciente em certificar-se de sua irresistibilidade, em destruir a autoridade do médico rebaixando-o ao nível de amante e em conquistar todas as outras vantagens prometidas, que são incidentais à satisfação do amor. Com referência à resistência, podemos suspeitar que, ocasionalmente, ela faz uso de uma declaração de amor da paciente como meio de colocar à prova a severidade do analista, de maneira que, se ele mostra sinais de complacência, pode esperar se chamado à ordem por isso. Acima de tudo, porém, fica-se com a impressão de que a resistência está agindo como um *agent provocateur*; ela intensifica o estado amoroso da paciente e exagera sua **disposição à rendição sexual**, a fim de justificar ainda mais enfaticamente o funcionamento da repressão, ao apontar os perigos de tal licenciosidade." – p.180;

"Quanto mais claramente o analista permite que se perceba que ele está à prova de qualquer tentação, mais prontamente poderá extrair da situação seu conteúdo analítico. A paciente, cuja **repressão sexual** naturalmente ainda não foi removida, mas simplesmente empurrada para segundo plano, sentir-se-á então segura o bastante para permitir que todas as suas precondições para amar, todas as fantasias que surgem de seus **desejos sexuais**, todas as características pormenorizadas de seu estado amoroso venham à luz. A partir destas, ela própria abrirá o caminho para as raízes infantis de seu amor." – p.183-184;

"O psicoterapeuta analítico tem, assim, uma batalha tríplice a travar – em sua própria mente, contra as forças que procuram arrastá-lo para abaixo do nível analítico; fora da análise, contra opositores que discutem a importância que ele dá às forças **instintuais sexuais** e [que o] impedem [...] de fazer uso delas em sua técnica científica; e, dentro da análise, contra as pacientes, que a princípio comportam-se como opositoras, mas, posteriormente, revelam a **supervalorização da vida sexual** que as domina e tentam torná-lo cativo de sua paixão socialmente indomada." – p.187;

OS SONHOS NO FOLCLORE (FREUD E OPPENHEIM) (1957[1911])

"Visto este sonho terminar num ato de **agressão sexual** efetuado pela mulher como uma ação onírica. Isto sugere que devemos tomar o estado de necessidade *material* do conteúdo do sonho como substituto de um estado de **necessidade *sexual***." – p.203;

"Neste ponto, contudo, a psicanálise impõe-nos uma interpretação que altera toda nossa visão desta espécie de sonhos. Objetos extensíveis, assim nos diz a experiência de interpretação de sonhos, são normalmente símbolos de ereção. Em ambas estas anedotas de sonhos, a ênfase reside no elemento de o fio recusar-se a ficar suficientemente longo e a ansiedade no sonho acha-se também ligada ao mesmo elemento. O fio, além disso, como todas as coisas a ele análogas (cordel, corda, barbante etc.), é um símbolo do sêmen. O camponês, pois, está-se esforçando por produzir uma ereção e somente quando esta não é bem sucedida é que recorre à defecação. Surge imediatamente, nestes sonhos, uma **necessidade sexual** por trás da excremencial." – p.211;

"Esta **necessidade sexual**, porém, é muito mais adequada para explicar os constituintes remanescentes do conteúdo do sonho. Somos forçados a admitir, se estivermos prontos a presumir que estes sonhos fictícios são, em essência, corretamente construídos, que a ação onírica pela qual terminam deve ter um significado, o significado pretendido pelos pensamentos latentes do sonhador. Se este defeca sobre a mulher no final, então todo [o] sonho deve ter isto por objetivo e fornecer o motivo para tal desenlace. Este motivo não pode significar senão um insulto à esposa, ou, estritamente falando, uma rejeição a ela. É então fácil estabelecer associação entre isto e a significação mais profunda da ansiedade expressa no sonho." – p.211-212;

"A situação, a partir da qual este último sonho se desenvolve, pode ser explicada de acordo com as sugestões seguintes. A pessoa adormecida é dominada por uma intensa necessidade erótica, indicada por símbolos bastante claros no início do sonho (ele ouvira dizer que o trigo –

provavelmente equivalente ao sêmen – estava muito valorizado. Avançou, a fim de passar com seu cavalo e carroça – símbolos genitais – pelos portões abertos do Céu). Mas este impulso libidinal provavelmente se aplica a um objeto inatingível. Os portões se fecham, ele abandona sua intenção e quer retornar à Terra. Mas a esposa, deitada a seu lado, não o atrai; esforça-se em vão por conseguir uma ereção com ela. O desejo de livrar-se dela, a fim de substituí-la por outra mulher melhor é, no sentido infantil, um desejo de morte. Quando alguém acalenta tais desejos em seu inconsciente contra uma pessoa que, não obstante, é realmente amada, eles se transformam, para esse alguém, em medo da morte, temor por sua própria vida. Daí a presença, nestes sonhos, do estado de morto, da ascensão ao Céu, do desejo hipócrita de ver mulher e filhos novamente. Mas a **libido sexual** desapontada encontra liberação ao longo do caminho da regressão, no impulso de desejo excremencial, que injuria e emporcalha **o objeto sexual imprestável**." – p.212;

"Com este objetivo em vista, retornemos aos sonhos anteriormente mencionados, onde encontramos a situação de um homem que dorme com outro como companheiro de leito. A presença da mulher nestes sonhos adquire agora, retrospectivamente, significado adicional. O que dorme, dominado por um impulso libidinal, rejeita o homem; quer vê-lo longe e uma mulher em seu lugar. Um desejo de morte, dirigido contra o companheiro de cama masculino e indesejado, é certo que não é tão severamente punido pela censura moral quanto um dirigido contra a esposa, mas a reação é suficientemente ampla para fazer voltar o desejo contra si próprio ou contra o objeto feminino desejado. O próprio sonhador é levado pela morte; e não é o homem que está morto, mas a mulher pela qual o sonhador anseia. Todavia, no final, a rejeição do **objeto sexual masculino** encontra um escoadouro no emporcalhamento deste, e isto é sentido e vingado pelo outro como uma afronta." – p.212-213;

"Um desejo de morte dirigido contra a mulher é muito claramente admitido em outro sonho de ascensão ao Céu, o qual, contudo, não termina pela defecação sobre o corpo da mulher, mas por uma **atividade sexual** que inclui seus órgãos genitais, como já acontecera no sonho anterior. A pessoa que sonha realmente encurta a vida da esposa, a fim de alongar a sua, ao passar óleo da lâmpada da vida dela para a sua própria. Como compensação por esta hostilidade indisfarçada, aparece no final do sonho algo semelhante a uma tentativa de carícia." – p.215;

"O Paxá passou a noite com o Bei. Quando chegou o dia seguinte, o Bei ficou deitado na cama e não quis levantar-se. O Bei perguntou ao Paxá: 'O que foi que você sonhou?' 'Sonhei que sobre o minarete havia outro minarete.' 'Poderia ser?' ficou pensando o Bei. 'E que mais você sonhou?' 'Sonhei', disse ele, 'que sobre o minarete havia um cântaro de cobre e que havia água no cântaro. O vento soprou e o cântaro de cobre balançou. Agora, o que teria feito você, se houvesse sonhado isso?' 'Teria me mijado, e cagado também, de medo.' 'Veja você, eu só me mijei.'

Este sonho exige uma interpretação simbólica, por seu conteúdo manifesto ser inteiramente incompreensível, embora os símbolos sejam inequivocamente claros. Por que deveria o sonhador sentir-se realmente assustado pela visão de um cântaro de água a balançar-se na ponta de um minarete? Mas um minarete é otimamente adequado para ser símbolo do pênis e o receptáculo de água a mover-se ritmicamente parece um bom símbolo dos órgãos genitais femininos no ato da copulação. O Paxá teve portanto um sonho de copulação e, se seu hospedeiro sugere a defecação com relação a ele, é provável que a interpretação deva ser

buscada na circunstância de ambos serem homens velhos e impotentes, em quem a velhice ocasionou a mesma proverbial substituição do **prazer sexual** pelo excremencial que, como vimos, surgiu nos outros devido à falta de um **objeto sexual** apropriado. Para um homem que não mais pode copular, diz o povo com seu grosseiro amor pela verdade, ainda resta o prazer de cagar; podemos dizer de tal homem que há uma volta do erotismo anal, que existia antes do erotismo genital, e foi reprimido e substituído por este último impulso. Os sonhos de defecação podem assim ser também sonhos de impotência." – p.217;

SOBRE A PSICANÁLISE (1913 [1911])

"A conclusão a que a psicanálise chegou foi que tais conflitos davam-se sempre entre os **instintos sexuais** (empregando a **palavra 'sexual'** em seu sentido mais amplo) e os desejos e tendências do restante do ego. Nas neuroses, são **os instintos sexuais** que sucumbem à 'repressão', e constituem assim a base mais importante para a gênese dos sintomas, que podem, por conseguinte, ser encarados como **substitutos de satisfações sexuais**." – p.228;

"Nosso trabalho sobre a questão da disposição às afecções neuróticas acrescentou o fato 'infantil' ao somático e ao hereditário, até então identificados. A psicanálise foi obrigada a remontar a vida mental dos pacientes até sua primeira infância, e chegou-se à conclusão de que inibições de desenvolvimento mental ('infantilismos') apresentam uma disposição à neurose. Especificamente, aprendemos, de nossas **investigações da vida sexual**, que existe realmente algo chamado **'sexualidade infantil'**, que **o instinto sexual** é constituído de muitos componentes e atravessa um complicado curso de desenvolvimento, cujo desfecho final, após muitas restrições e transformações, **é a sexualidade 'normal' dos adultos**. As **enigmáticas perversões do instinto sexual** que ocorrem em adultos parecem ser inibições de desenvolvimento, fixações ou crescimentos assimétricos. Assim, as neuroses são o negativo das perversões." – p.228-229;

"O desenvolvimento cultural imposto à humanidade é o fator que torna inevitáveis as restrições e **repressões do instinto sexual**, sendo exigidos sacrifícios maiores ou menores, de acordo com a constituição individual. O desenvolvimento quase nunca é conseguido de modo suave e podem ocorrer distúrbios (quer por causa da constituição individual ou de **incidentes sexuais prematuros)** que deixem atrás de si uma disposição a futuras neuroses. Tais disposições podem permanecer inofensivas se a vida do adulto progride de modo satisfatório e tranquilo, mas podem tornar-se patogênicas se as condições da vida madura proíbem a satisfação da libido ou exigem gravemente sua supressão." – p.229;

"Pesquisas sobre a **atividade sexual de crianças** conduziram a outra **concepção do instinto sexual**, baseada não em seus intuitos, mas em suas fontes. **O instinto sexual** possui em alto grau a capacidade de ser desviado dos **objetivos sexuais** diretos e ser dirigido no sentido de **metas mais elevadas, que não são mais sexuais ('sublimação')**. O instinto fica assim capacitado a efetuar contribuições muito importantes às realizações sociais e artísticas da humanidade." – p.229;

"O reconhecimento da presença simultânea dos três fatores de 'infantilismo', **'sexualidade'** e

‘repressão’ constitui a principal característica da teoria psicanalítica e assinala sua distinção de outras visões da vida mental patológica.” – p.229;

FORMULAÇÕES SOBRE OS DOIS PRINCÍPIOS DO FUNCIONAMENTO MENTAL (1911)

“(3) A substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade, com todas as consequências psíquicas envolvidas aqui esquematicamente condensadas numa só frase, não se realiza, na verdade, de repente; tampouco se efetua simultaneamente em toda a linha, pois, enquanto este desenvolvimento tem lugar nos instintos do ego, **os instintos sexuais** se desligam deles de maneira muito significativa. Os **instintos sexuais** comportam-se autoeroticamente a princípio; obtêm sua satisfação do próprio corpo do indivíduo e, portanto, não se encontram na situação de frustração que forçou a instituição do princípio de realidade.” – p.241;

“Quando, posteriormente, começa o processo de encontrar um objeto, ele é logo interrompido pelo longo período de latência que retarda o **desenvolvimento sexual** até a puberdade. Estes dois fatores – autoerotismo e período de latência – ocasionam que **o instinto sexual** seja detido em seu desenvolvimento psíquico e permaneça muito mais tempo sob o domínio do princípio de prazer, do qual, em muitas pessoas, nunca é capaz de se afastar.” – p.241;

“Em consequência dessas condições, surge uma vinculação mais estreita entre **o instinto sexual** e a fantasia, por um lado, e, por outro, entre os instintos do ego e as atividades da consciência.” – p.241;

“A continuidade do autoerotismo é que torna possível reter por tanto tempo a satisfação momentânea e imaginária mais simples em relação **ao objeto sexual**, em lugar da satisfação real, que exige esforço e adiamento.” – p.241;

“Parte essencial da disposição psíquica à neurose reside assim na demora em ensinar **os instintos sexuais** a considerar a realidade e, como corolário, nas condições que tornam possível esta demora.” – p.241-242;

“(7) Enquanto o ego passa por suas transformações, de *ego-prazer* para *ego-realidade*, **os instintos sexuais** sofrem as alterações que os levam de seu autoerotismo original, através de diversas fases intermediárias, ao amor objetal a serviço da procriação. Se estamos certos em pensar que cada passo destes dois cursos de desenvolvimento pode tornar-se local de uma disposição à doença neurótica posterior, é plausível supor que a forma assumida pela doença subsequente (*a escolha da neurose*) dependerá da fase específica de desenvolvimento do ego e da libido na qual a inibição disposicional do desenvolvimento ocorreu. Assim, uma significação inesperada liga-se aos aspectos cronológicos dos dois desenvolvimentos (que ainda não foram estudados) e a possíveis variações em sua sincronização.” – p.243;

TIPOS DE DESENCADEAMENTO DA NEUROSE (1912)

"O presente exame das causas precipitantes diferirá de outros pelo fato de que as mudanças a serem enumeradas referem-se exclusivamente à libido do indivíduo, pois a psicanálise nos ensinou que são as vicissitudes da libido que decidem em favor da saúde ou da moléstia nervosa. Neste sentido, tampouco se gastarão palavras sobre o conceito de disposição. Foi precisamente a pesquisa psicanalítica que nos capacitou a demonstrar que a disposição neurótica reside na história do desenvolvimento da libido, e a remontar os fatores operantes nesse desenvolvimento a variedades inatas de **constituição sexual** e a influências do mundo externo experimentadas na primeira infância." – p.249;

CONTRIBUIÇÕES A UM DEBATE SOBRE A MASTURBAÇÃO (1912)

"A escolha do tópico não necessita justificativas, nestes dias em que por fim se faz uma tentativa de submeter **os problemas da vida sexual do homem** a exame científico." – p.261;

"Como bem sabem, dividi a masturbação segundo a idade do indivíduo em (1) masturbação em bebês, que inclui todas as atividades autoeróticas que servem ao **intuito da satisfação sexual**, (2) masturbação em crianças, que se origina diretamente do tipo precedente e já se fixou em certas zonas erógenas, e (3) masturbação na puberdade, que continua a masturbação da infância ou é dela separada pelo período de latência." – p.264;

"Chego agora às objeções levantadas por Reitler ao meu argumento teleológico em favor da ubiquidade da masturbação na primeira infância. Admito que este argumento tem de ser abandonado. Se mais uma edição de meus ***Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*** for exigida, ela não mais conterá a frase que se acha sob ataque. Renunciarei à minha tentativa de adivinhar os intuitos da Natureza e contentar-me-ei em descrever os fatos." – p.265;

"Outra observação de Reitler é, penso eu, significativa e importante. Foi ela no sentido de que certas disposições do aparelho genital, que são peculiares aos seres humanos, parecem tender a impedir a **relação sexual na infância**." – p.265;

"A oclusão do **orifício sexual feminino** e a ausência de um *os penis* que garantisse a ereção são, afinal de contas, dirigidos apenas contra o coito real, não contra **excitações sexuais** em geral. Reitler parece-me assumir uma visão antropomórfica demais da maneira pela qual a Natureza persegue seus objetivos – como se se tratasse de uma questão de ela sustentar um só propósito, como é o caso da atividade humana." – p.265;

"Nada vejo que nos obrigue a abandonar a distinção entre 'neuroses atuais' e psiconeuroses, e não posso encarar a gênese dos sintomas, no caso das primeiras, senão como tóxica. Aqui, Stekel me parece realmente estender demais a psicogenia. Minha opinião ainda é a mesma da primeira ocasião, há mais de quinze anos: a saber, que as duas 'neuroses atuais' – a neurastenia e a neurose de angústia (e talvez devêssemos adicionar a hipocondria propriamente dita como uma terceira 'neurose atual') – fornecem às psiconeuroses a necessária 'submissão somática'; elas fornecem o material excitativo, que é então psiquicamente selecionado e recebe um 'revestimento psíquico', de maneira que, falando de modo geral, o núcleo do sintoma

psiconeurótico – o grão de areia no centro da pérola – é formado de uma **manifestação sexual somática**." – p.266;

"Quando ele – corretamente – nos mostra que encontrou regularmente os mesmos complexos presentes, tanto no que são chamados de neurastênicos como em outros neuróticos, seu argumento falha em atender o tema em debate. Há muito tempo sabemos que os mesmos complexos e conflitos devem ser procurados também em todas as pessoas normais e sadias. Na verdade, acostumamo-nos a atribuir a todo ser humano civilizado certa quantidade de repressão e impulsos perversos, determinada cota de erotismo anal, de **homossexualismo** e assim por diante, bem como uma porção de complexo paterno e complexo materno e de outros complexos fora esses, tal como na análise química de uma substância orgânica esperamos encontrar certos elementos: carbono, oxigênio, hidrogênio, nitrogênio e traços de enxofre. O que distingue as substâncias orgânicas umas das outras são as quantidades relativas desses elementos e a maneira pela qual as ligações entre eles se acham constituídas. Do mesmo modo, no caso das pessoas normais e neuróticas, o que se acha em debate não é se esses complexos e conflitos *existem*, mas se se tornaram patogênicos e, nesse caso, mediante que mecanismos assim se tornaram." – p.267;

"A essência das teorias a respeito das 'neuroses atuais' que apresentei no passado e estou defendendo hoje reside na minha declaração, baseada em experimentos, de que seus sintomas, diferentemente dos psiconeuróticos, não podem ser analisados. Isto equivale a dizer que a prisão-de-ventre, as dores de cabeça e a fadiga do chamado neurastênico não admitem serem remontadas, histórica ou simbolicamente, a experiências operantes, e não podem ser compreendidas como **substitutos da satisfação sexual** ou como conciliações entre impulsos instintuais opostos, como é o caso dos sintomas psiconeuróticos (ainda que os últimos talvez possam ter a mesma aparência)." – p.267;

"Por outro lado, admitirei hoje aquilo em que fui incapaz de acreditar anteriormente – que um tratamento analítico pode ter um efeito curativo indireto sobre sintomas 'atuais'. Ele pode consegui-lo, ou permitindo que os danos atuais sejam mais bem tolerados, ou capacitando a pessoa doente a escapar destes danos pela efetivação de uma **mudança em seu regime sexual**." – p.267;

"A masturbação corresponde essencialmente **à atividade sexual infantil** e à sua retenção subsequente, em idade mais madura. Derivamos as neuroses de um conflito entre **os impulsos sexuais** de uma pessoa e suas outras tendências (do ego). Ora, alguém poderia dizer: 'Em minha opinião o fator patogênico nesta relação etiológica reside unicamente na **reação do ego à sua sexualidade**.' Com isto, estaria afirmando que qualquer um poderia manter-se livre da neurose, se apenas estivesse disposto a permitir uma satisfação irrestrita aos seus **impulsos sexuais**. Mas é evidentemente arbitrário, e também sem sentido, chegar a tal decisão, e não permitir que os próprios **impulsos sexuais** tomem qualquer parte no processo patogênico. Mas se admitirmos que **os impulsos sexuais** podem ter um efeito patogênico, não mais negaremos um significado semelhante à masturbação, que afinal consiste apenas em pôr em execução esses impulsos instintuais, do sexo. Em todos os casos que parecem demonstrar que a masturbação é patogênica, poderão sem dúvida remontar a operação ainda mais longe – até os instintos que se manifestam na masturbação e as resistências que são dirigidas contra esses instintos. A

masturbação não é nada definitivo – somática ou psicologicamente –, não é um 'agente' real, mas simplesmente o nome para certas atividades. Entretanto, por mais que remontemos atrás, nossa opinião sobre a causação da doença continuará, não obstante, adequadamente ligada a essa atividade. E não esqueçam que **a masturbação não deve ser igualada à atividade sexual em geral**: ela é **atividade sexual** sujeita a certas condições limitantes. Assim também persiste a possibilidade de que sejam precisamente essas peculiaridades da atividade masturbatória os veículos de seus efeitos patogênicos." – p.268-269;

[um tipo de dano possível observado nas neuroses] "(*c*) Uma ***fixação de objetivos sexuais infantis*** pode ser possível, e uma persistência de infantilismo psíquico. Temos aqui a disposição para a ocorrência de uma neurose. Como psicanalistas, não podemos deixar de estar grandemente interessados neste resultado da masturbação – que neste caso significa, é claro, uma masturbação que ocorre na puberdade e continua posteriormente." – p.269-270;

"Devemos lembrar a significação que a masturbação adquire como realizadora da fantasia – aquela região a meio caminho, inserida entre a vida de acordo com o princípio de prazer e a vida de acordo com o princípio de realidade e temos de lembrar-nos de como **a masturbação possibilita efetuar desenvolvimentos e sublimações sexuais na fantasia**, que, não obstante, não são progressos, mas conciliações prejudiciais – embora seja verdade, como uma importante observação de Stekel apontou, que esta mesma conciliação torna inofensivas graves inclinações perversas e previne as piores consequências da abstinência." – p.270;

"Certa diminuição da potência masculina e da brutal agressividade nela envolvida é muito apropositada, do ponto de vista da civilização. Ela facilita a prática, pelos homens civilizados, das virtudes da moderação e **confiança sexual** que lhes incumbem. A virtude acompanhada de plena potência é geralmente considerada tarefa árdua." – p.270;

"Além disso, penso que podemos distinguir com vantagem o que podemos descrever como prejuízos *diretos* causados pela masturbação daqueles que resultam *indiretamente* da resistência e indignação do ego contra essa **atividade sexual**. Não me interessei por estas últimas consequências." – p.270;

"E agora sou obrigado a acrescentar algumas palavras sobre a segunda das duas penosas questões que foram formuladas. Supondo que a masturbação possa ser prejudicial, sob que condições e em que pessoas ela prova sê-lo?

Como a maioria dos senhores, acho-me inclinado a recusar dar uma resposta geral à questão. Ela coincide parcialmente com outra pergunta, mais abrangente: **quando a atividade sexual em geral se torna patogênica para determinadas pessoas?** Se colocarmos esta consideração de lado, resta-nos uma questão de pormenor, referente às características da masturbação, na medida em que representa uma maneira e **forma especiais de satisfação sexual**. Aqui seria o lugar para repetir o que já conhecemos e foi debatido em relação a outros assuntos – avaliar a influência do fator *quantitativo* e da operação combinada de diversos fatores patogênicos. Acima de tudo, contudo, deveríamos deixar amplo campo para o que se conhece como disposições constitucionais de um indivíduo. Mas é preciso confessar que lidar com estas é

ocupação difícil, pois temos o hábito de formar nossa opinião sobre as disposições individuais *ex post facto*: atribuímos esta ou aquela disposição às pessoas após o evento, quando elas já caíram doentes. Não temos método de descobri-las de antemão. Conduzimo-nos, em verdade, como o rei escocês de uma das novelas de Victor Hugo, que se gabava de possuir um método infalível de identificar a feitiçaria. Ele fazia cozer a mulher acusada em água fervente e depois provava o caldo. Segundo o gosto, julgava então: 'Esta era bruxa', ou 'Esta não era.'" – p.270-271;

"Poderia chamar sua atenção para outra questão, da qual muito pouco nos ocupamos em nossos debates: a da masturbação 'inconsciente'. Quero dizer a masturbação durante o sono, durante estados anormais, ou crises. Lembrar-se-ão das muitas crises histéricas em que atos masturbatórios tornam a acontecer de maneira disfarçada ou irreconhecível, após o indivíduo haver renunciado a essa forma de satisfação, e dos muitos sintomas na neurose obsessiva que buscam substituir e repetir este tipo de **atividade sexual**, que foi anteriormente proibido. Podemos também falar de um retorno terapêutico da masturbação. Muitos dos senhores terão descoberto ocasionalmente, como eu, que representa um grande progresso se, durante o tratamento, o paciente se aventura a dedicar-se à masturbação novamente, embora possa não ter intenção de estacionar permanentemente neste ponto de parada infantil. Com respeito a isto, posso lembrar-lhes que número considerável precisamente dos mais graves padecedores de neuroses evitou toda rememoração da masturbação no passado, enquanto que a psicanálise é capaz de provar que essa espécie de **atividade sexual** não lhes foi de forma alguma estranha durante o mais remoto e esquecido período de suas vidas." – p.271;

UMA NOTA SOBRE O INCONSCIENTE NA PSICANÁLISE (1912)

Não consta.

UM SONHO PROBATÓRIO (1913)

"A lenda de Jonas, fator de determinação dessa água, a pergunta de saber como Jonas (a criança) podia passar através de passagem tão estreita pertencem ao mesmo complexo. E a enfermeira que se atirou no Reno por mortificação encontrou uma **consolação simbólico-sexual** para seu desespero de vida na modalidade de sua morte – entrando na água." – p.295;

"Esta interpretação é justificada pela consideração de que 'ter filhos' constitui realmente a expressão infantil de um **desejo de ter relações sexuais**; na verdade, pode ter sido escolhida na consciência como expressão eufemística deste desejo objetável." – p.296;

"Assim, a admissão desvantajosa da que sonhou, admissão para que mostrou inclinação mesmo no estado de vigília, tornou-se possível no sonho por ser empregada por um seu traço latente de caráter [o 'laivo de desafio'], com o intuito de ocasionar a realização de um desejo infantil. Podemos presumir que este traço tinha uma vinculação estreita – com referência tanto a época quanto a conteúdo – com o desejo de um filho e de **prazer sexual**." – p.296;

A OCORRÊNCIA, EM SONHOS, DE MATERIAL ORIUNDO DE CONTOS DE FADAS (1913)

"Por trás desta primeira interpretação, **temos um vislumbre de material mais profundo e puramente sexual**. Aqui, o quarto era a vagina. (O quarto estava nela – o que foi invertido no sonho.) O homenzinho que fazia caretas e comportava-se de modo tão engraçado era o pênis. A porta estreita e a escada íngreme confirmavam a opinião de que a situação era **uma representação da relação sexual**. Geralmente estamos acostumados a encontrar o pênis simbolizado por uma criança; mas descobriremos que havia boas razões para um pai ser introduzido para representar o pênis, neste caso." – p.304;

O TEMA DOS TRÊS ESCRÍNIOS (1913)

Não consta.

DUAS MENTIRAS CONTADAS POR CRIANÇAS (1913)

"Quando contava três anos e meio de idade, tivera uma babá de quem gostava extremamente. Esta moça envolveu-se num caso amoroso com um médico cuja clínica cirúrgica ela visitou com a criança. Parece que, nessa ocasião, a criança assentiu a diversos **atos sexuais**. Não é certo se ela viu o médico dar dinheiro à moça, mas não há dúvida de que, para assegurar-se do silêncio da menina, a moça deu-lhe algumas moedinhas, com as quais compras foram feitas (provavelmente doces) no caminho para casa." – p.330;

DISPOSIÇÃO À NEUROSE OBSESSIVA – UMA CONTRIBUIÇÃO AO PROBLEMA DA ESCOLHA NA NEUROSE (1913)

"Onde devemos procurar a fonte destas disposições? Tornamo-nos cientes de que as funções psíquicas envolvidas – sobretudo a **função sexual**, mas também várias importantes funções do ego – têm de passar por um longo e complicado desenvolvimento, antes de chegar ao estado característico do adulto normal." – p.339;

"O marido compreendeu, sem qualquer admissão ou explicação da parte dela, o que a ansiedade de sua esposa significava; sentiu-se magoado, sem demonstrá-lo, e, por sua vez, reagiu neuroticamente, fracassando – pela primeira vez – **nas relações sexuais** com ela. Imediatamente depois, partiu para uma viagem. A esposa acreditou que ele se havia tornado permanentemente impotente e produziu seus primeiros sintomas obsessivos no dia anterior ao seu esperado regresso.

O conteúdo de sua neurose obsessiva era uma compulsão por lavagem e limpeza escrupulosas, bem como medidas protetoras extremamente enérgicas contra danos graves que pensava que outras pessoas tinham razão para temer dela – isto é, formações reativas contra seus próprios impulsos *anal-eróticos* e *sádicos*. **Sua necessidade sexual** foi obrigada a encontrar expressão nestas formas, após sua vida genital ter perdido todo o valor devido à impotência do único homem que lhe poderia importar." – p.342;

"E agora vemos a necessidade de outro estádio ainda ser inserido, antes que a forma final seja

alcançada, um estádio no qual os instintos componentes já se reuniram para a escolha de um objeto e este objeto é já algo extrínseco, em contraste com o próprio eu (*self*) do sujeito, mas no qual *a primazia das zonas genitais ainda não foi estabelecida*. Pelo contrário, os instintos componentes que dominam esta *organização pré-genital* da **vida sexual** são o anal-erótico e o sádico." – p.343;

"Voltemos-nos, portanto, com previsões como estas, para um exame da **'organização sexual pré-genital'**.

(*a*) O papel extraordinário desempenhado por impulsos de ódio e erotismo anal na sintomatologia da neurose obsessiva já impressionou muitos observadores e foi recentemente enfatizado, com particular clareza, por Ernest Jones (1913). Isto decorre diretamente de nossa hipótese, se supomos que, nessa neurose, os instintos componentes em apreço mais uma vez assumiram a representação dos instintos genitais, dos quais foram precursores no processo de desenvolvimento." – p.343;

"**A vida sexual da paciente** começou, em sua mais remota infância, com fantasias de espancamento. Após estas haverem sido suprimidas, estabeleceu-se um período de latência inusitadamente longo, durante o qual passou por um período de crescimento moral exaltado, sem qualquer despertar das **sensações sexuais femininas**. O casamento, que se realizou muito cedo, iniciou uma época de **atividade sexual normal**. Este período, durante o qual ela foi uma esposa feliz, continuou por vários anos, até que sua primeira grande frustração provocou a neurose histérica. Quando isto foi seguido pela perda de valor de sua vida genital, a **vida sexual**, como já disse, retornou ao estádio infantil do sadismo." – p.343;

"Não é difícil determinar a característica que distingue este caso de neurose obsessiva daqueles mais frequentes que começam bem cedo e depois seguem um curso crônico, com exacerbações de tipo mais ou menos marcante. Nestes outros casos, uma vez estabelecida a **organização sexual** que contém a disposição à neurose obsessiva, ela, depois, nunca mais é completamente superada; em nosso caso, para começar, ela foi substituída pelo estádio mais alto de desenvolvimento e depois reativada, por regressão, a partir deste último." – p.344;

"(*b*) Se desejarmos colocar nossa hipótese em contato com linhas biológicas de pensamento, não devemos esquecer que a antítese entre masculino e feminino, que é introduzida pela função reprodutora, não pode ainda estar presente no estádio da escolha objetal pré-genital. Encontramos, em seu lugar, a antítese entre tendências com objetivo ativo e com objetivo passivo, a qual, posteriormente, se torna firmemente ligada à existente entre os sexos. A atividade é suprida pelo instinto comum de domínio, que chamamos sadismo quando o encontramos a serviço da **função sexual**; e, mesmo **na vida sexual normal** plenamente desenvolvida, ele tem importantes serviços subsidiários a desempenhar." – p.344;

"A tendência passiva é alimentada pelo erotismo anal, cuja zona erógena corresponde à antiga e indiferenciada cloaca. Uma acentuação deste erotismo anal no estádio pré-genital de organização deixa atrás de si uma predisposição significante ao **homossexualismo**, nos homens, quando o estádio seguinte da função sexual, a primazia dos órgãos genitais, é

atingido.” – p.344;

“Pode-se sustentar a opinião de que todas as dificuldades e complicações envolvidas nisto podem ser evitadas negando-se que haja qualquer **organização pré-genital da vida sexual** e sustentando que **a vida sexual coincide com a função genital e reprodutora e começa com ela**. Afirmar-se-ia então, considerando as descobertas inequívocas da pesquisa analítica, que, pelo processo de **repressão sexual**, as neuroses são compelidas a dar expressão a **tendências sexuais** através de **outros instintos, não sexuais, e assim sexualizam estes últimos** à guisa de compensação. Mas esta linha de argumento colocar-nos-ia fora da psicanálise. Colocar-nos-á onde nos achávamos antes desta e significaria abandonar a compreensão que a psicanálise nos deu das relações entre saúde, perversão e neurose. A psicanálise sustenta-se ou tomba com o reconhecimento **dos instintos componentes sexuais**, das zonas erógenas e da ampliação, que assim se torna possível, **do conceito de ‘função sexual’**, em contraste com a ‘função genital’, mais restrita. Além disso, a observação de desenvolvimento normal das crianças é, em si própria, suficiente para fazer-nos rejeitar qualquer tentação desse tipo.” – p.345;

“Mas é precisamente no campo do desenvolvimento do caráter que deparamos com uma boa analogia com o caso que estivemos descrevendo – isto é, uma confirmação da ocorrência da **organização sexual pré-genital sádica e anal-erótica**. É fato bem conhecido, e que tem dado muito motivo para queixas, que após as mulheres perderem a função genital seu caráter, amiúde, sofre uma alteração peculiar.” – p.345;

“Os autores de comédias e os satiristas em todas as épocas dirigiram suas invectivas contra o ‘velho dragão’ no qual a moça encantadora, a esposa amante e a terna mãe se transformaram. Podemos ver que esta alteração de caráter corresponde a uma **regressão da vida sexual ao estádio pré-genital sádico e anal-erótico**, na qual descobrimos a disposição à neurose obsessiva. Ela parece ser, então, não apenas o precursor da fase genital, mas, bastante amiúde, também seu sucessor, seu término, após os órgãos genitais haverem desempenhado sua função.” – p.345;

“(*d*) Nossa hipótese de uma **organização sexual pré-genital** é incompleta sob dois aspectos. Em primeiro lugar, não leva em consideração o comportamento de outros instintos componentes, com referência aos quais há muita coisa que valeria o exame e a discussão, e contenta-se com acentuar a marcante primazia do sadismo e do erotismo anal. Em particular, ficamos sempre com a impressão de que o instinto do conhecimento pode realmente tomar o lugar do sadismo no mecanismo da neurose obsessiva. Na verdade, ele é, no fundo, uma ramificação sublimada do instinto de domínio, exaltado em algo intelectual, e seu repúdio sob a forma de dúvida desempenha grande papel no quadro da neurose obsessiva.” – p.346;

“Não posso dizer se pode parecer muito precipitado se, com base nas indicações que possuímos, sugiro a possibilidade que uma ultrapassagem cronológica do desenvolvimento libidinal pelo desenvolvimento do ego deve ser incluída na disposição à neurose obsessiva. Uma precocidade deste tipo tornaria necessária a escolha de um objeto sob a influência dos instintos do ego, numa época em que os **instintos sexuais** ainda não assumiram sua forma final, e uma fixação no

estádio da **organização sexual pré-genital** seria assim abandonada.” – p.346;

“Por outro lado, não é difícil demonstrar que uma outra regressão, a um nível mais primitivo, ocorre também na histeria. **A sexualidade das crianças do sexo feminino** é, como sabemos, dominada e dirigida por um órgão masculino (o clitóris) e amiúde se comporta como a **sexualidade dos meninos**. Esta **sexualidade masculina** tem de ser abandonada mediante uma última onda de desenvolvimento, na puberdade, e a vagina, órgão derivado da cloaca, tem de ser elevada à zona erógena dominante. Ora, é muito comum na neurose histérica que esta **sexualidade masculina reprimida** seja reativada e, então, que a luta defensiva por parte dos instintos egossintônicos seja dirigida contra ela. Mas parece-me cedo demais para ingressar aqui num debate dos problemas da disposição à histeria.” – 347;

INTRODUÇÃO A *THE PSYCHO-ANALYTICMETHOD,* DE PFISTER (1913)

Não consta.

PREFÁCIO A *SCATALOGICRITES OF ALL NATIONS*, DE BOURKE (1913)

“Está longe de ser matéria simples examinar ou descrever as consequências envolvidas nesta maneira de tratar o ‘penoso resíduo da Terra’, do que as **funções sexuais e excretórias** podem ser consideradas o núcleo.” p.362;

“A psicanálise mostra ainda que, para começar, **os instintos excrementais e sexuais** não são distintos uns dos outros, nas crianças. O divórcio entre eles só ocorre mais tarde e permanece incompleto. Sua afinidade original, estabelecida pela anatomia do corpo humano, ainda se faz sentir de muitas maneiras em adultos normais.” – p.362;

“Também a vinculação com **a vida sexual** parece ser integralmente preservada.” – p.363;

BREVES ESCRITOS (1911-1913)

1. **A significação das sequências vogais (1911)**
   Não consta.

2. **“Grande Diana dos efésios” (1911)**
   Não consta.

3. **Prefácio a *Os distúrbios psíquicos da potência masculina,* de Maxim Steiner (1913)**

“Estamos cientes de que apenas uma pequena parte dos males neuróticos – que agora viemos a conhecer como resultado de **distúrbios da função sexual** – é tratada na própria neuropatologia.” – p.371;

XI. TOTEM E TABU E OUTROS TRABALHOS (1913-1914)
Volume 13 (FREUD, 1996k)

TOTEM E TABU (1913 [1912-13])

"Naturalmente não era de se esperar que **a vida sexual desses canibais pobres e desnudos fosse moral no nosso sentido ou que seus instintos sexuais estivessem sujeitos a um elevado grau de qualquer restrição**. Entretanto, verificamos que eles **estabelecem para si próprios, com o maior escrúpulo e o mais severo rigor, o propósito de evitar relações sexuais incestuosas**. Na verdade, toda a sua organização social parece servir a esse intuito ou estar relacionada com a sua consecução." – p.22;

"E chegamos agora, por fim, à característica do sistema totêmico que atraiu o interesse dos psicanalistas. Em quase **todos os lugares em que encontramos totens, encontramos também *uma lei contra as relações sexuais entre pessoas do mesmo totem e, consequentemente, contra o seu casamento***. Trata-se então da 'exogamia', uma instituição relacionada com o totemismo." – p.23;

"Na Austrália, a penalidade comum para **as relações sexuais com uma pessoa de um clã proibido é a morte**." – p.24;

[significado das proibições sobre as relações sexuais] "(a) A violação da proibição não é deixada ao que se poderia chamar de punição 'automática' das partes culpadas, como no caso de outras proibições totêmicas, tal como a existente contra a morte do animal totem. É vingada da maneira mais enérgica por todo o clã, como se fosse uma questão de impedir um perigo que ameaça toda a comunidade ou como se se tratasse de alguma culpa que a estivesse pressionando. [...]

(b) Desde que o mesmo castigo severo é infligido a casos amorosos passageiros que não resultaram em filhos, parece improvável que as razões para a proibição sejam de natureza prática.

(c) Uma vez que os totens são hereditários não mutáveis pelo casamento, é fácil acompanhar as consequências da proibição. Por exemplo: onde a descendência se faz pela linha feminina, se um homem do totem canguru casar-se com uma mulher do totem emu, todos os filhos, tanto os rapazes como as meninas, pertencerão ao clã emu. Assim os regulamentos totêmicos tornarão impossível a **um filho desse casamento manter relações sexuais incestuosas com sua mãe ou irmãs**, que são emus como ele próprio.

(d) Um pouco mais de reflexão, porém, demonstrará que a exogamia vinculada ao totem realiza mais (e, assim, *visa a* mais) do que a prevenção do incesto com a própria mãe e irmãs. **Torna impossível ao homem as relações sexuais com todas as mulheres de seu próprio clã** (ou seja, com um certo número de mulheres que não são suas parentas consanguíneas), tratando-as como se *fossem* parentes pelo sangue. À primeira vista, é difícil perceber a justificativa psicológica desta restrição tão ampla, que vai muito além de qualquer comparação com os povos civilizados. Pode-se depreender dela, porém, que o papel desempenhado pelo totem

como antepassado comum é tomado muito a sério. Todos os que descendem do mesmo totem são parentes consanguíneos. Formam uma família única e, dentro dela, mesmo o mais distante grau de parentesco é encarado como **impedimento absoluto para as relações sexuais**." – p.24-25;

"O enigma de como a família verdadeira veio a ser substituída pelo clã totêmico talvez deva permanecer insolúvel até que a natureza do próprio totem possa ser explicada. Ao mesmo tempo, é de se observar que **se existisse um certo grau de liberdade de relações sexuais fora do casamento**, o parentesco de sangue e, consequentemente, a proibição do incesto, tornar-se-iam tão incertos que a proibição teria necessidade de uma base mais ampla." – p.25-26;

"Mas, uma vez que tenhamos colocado o matrimônio de grupo no lugar do casamento individual, o grau visivelmente excessivo de evitação de incesto com que nos deparamos entre esses mesmos povos se torna inteligível. **A exogamia totêmica, ou seja, a proibição de relações sexuais entre os membros do mesmo clã**, parece ter constituído o meio apropriado para impedir o incesto grupal; dessa maneira, estabeleceu-se e persistiu muito tempo após a sua *raison d'être* haver cessado." – p.27;

"O resultado (e, portanto, o objetivo) destas disposições não pode ser posto em dúvida: **elas ocasionam uma restrição ainda maior sobre a escolha de casamento e a liberdade sexual**." – p.28;

"Em Fiji, essas regras de evitação são particularmente rigorosas; atingem não somente as irmãs de sangue, mas também as irmãs tribais. É de espantar-nos como o mais misterioso de tudo que estes mesmos selvagens realizem orgias sagradas, nas quais precisamente **os de graus de parentesco proibido procuram ter relações sexuais** – isto é, misterioso a menos que vejamos o contraste como uma explicação da proibição." – p.30;

[sobre os batas] "Para essas pessoas um encontro a sós entre um homem e uma mulher conduz naturalmente a uma intimidade imprópria entre eles. E, desde que **acreditam que as relações sexuais entre parentes próximos acarretarão castigos** e calamidades de todos os tipos, têm razão em evitar qualquer tentação de transgredir essas proibições." – p.30;

"Alguns desses impulsos são bastante óbvios. Do lado da sogra, temos a relutância em abrir mão da posse da filha, a desconfiança do estranho a quem esta é entregue, um impulso de manter a posição dominante que ocupou em sua própria casa. Do lado do genro, há a determinação de não se submeter mais à vontade de outrem, o ciúme de alguém que possuiu a afeição de sua esposa antes dele e, por fim, mas não em último lugar, **a resistência a algo que interfere na supervalorização ilusória originada de seus sentimentos sexuais**. A figura da sogra geralmente causa essa interferência porque tem muitas características que lhe lembram a filha e, não obstante, carece de todos os encantos de juventude, beleza e frescor espiritual que fazem da sua esposa uma pessoa atraente para ele.

Mas podemos apresentar outros motivos que não estes, graças ao conhecimento dos impulsos

mentais ocultos que adquirimos no exame psicanalítico dos seres humanos. Uma mulher cujas **necessidades psicossexuais** deveriam encontrar satisfação no casamento e na vida de família é muitas vezes ameaçada pelo perigo de ficar insatisfeita porque sua relação matrimonial chegou a um fim prematuro e por causa da monotonia de sua vida emocional." – p.33-34;

"A psicanálise nos ensinou que a primeira escolha de objetos para amar feita por um menino é incestuosa e que esses são objetos proibidos: a mãe e a irmã. Estudamos também a maneira pela qual, à medida que cresce, ele se liberta dessa atração incestuosa. Um neurótico, por outro lado, apresenta invariavelmente um certo grau de infantilismo psíquico; **ou falhou em libertar-se das condições psicossexuais que predominavam em sua infância ou a elas retornou**; duas possibilidades que podem ser resumidas como inibição e regressão no desenvolvimento." – p.35;

"As mais antigas e importantes proibições ligadas aos tabus são as duas leis básicas do totemismo: não matar o animal totêmico e **evitar relações sexuais** com membros do clã totêmico do sexo oposto." – p.49;

"O mesmo propósito é mostrado ainda mais claramente no costume observado em outra tribo norte-americana, que estabelece que, após a morte do marido, 'a viúva use por vários dias uma tanga feita de capim seco, a fim de **impedir que o fantasma do marido tenha relações sexuais** com ela'. Isto sugere que o contato 'num sentido metafórico' é, em última análise, entendido como sendo contato corporal, porque o espírito do morto não abandona os seus parentes e não deixa de 'pairar' sobre estes durante o tempo do luto." – p.69;

"A que atribuir então a inesperada nobreza da mente do neurótico, que nada teme para si, mas tudo teme para alguém que ama? A investigação analítica demonstra que esta atitude não é primária. Originalmente, isto é, no começo da doença, a ameaça do castigo aplicava-se, como no caso dos selvagens, ao próprio paciente; ele temia invariavelmente pela sua própria vida; somente depois foi que o medo mortal deslocou-se para outrem, para uma pessoa amada. O processo é um pouco complicado, mas podemos acompanhá-lo perfeitamente. Na raiz da proibição existe sempre um impulso hostil contra alguém que o paciente ama – um desejo de que essa pessoa morra. Esse impulso é reprimido por uma proibição e esta se liga a algum ato específico, que, por deslocamento, represente talvez um ato hostil contra a pessoa amada. Existe uma ameaça de morte se o ato for realizado. Mas o processo vai além e o *desejo* original de que a pessoa morra é substituído pelo *medo* de que ela possa morrer. Assim é que, quando a neurose parece ser tão compassivamente altruísta, está simplesmente compensando uma atitude subjacente contrária de brutal egoísmo. Podemos descrever como 'sociais' as emoções que são determinadas pelas demonstrações de consideração por outra pessoa, **sem tomá-la como objeto sexual**. O recuo ao que está por trás desses fatores sociais pode ser ressaltado como uma característica fundamental da neurose, embora se trate de uma característica que é posteriormente disfarçada pela supercompensação." – p.86-87;

"Não pretendo alongar-me sobre a origem desses impulsos sociais e suas relações com os outros instintos humanos básicos. Prosseguirei com a ilustração da segunda característica principal da

neurose através de outro exemplo. Nas formas que assume, o tabu assemelha-se muito estreitamente ao medo de contato do neurótico, com a sua 'fobia de contato'. Ora, no caso da neurose, a proibição invariavelmente se relaciona com **o contato de tipo *sexual*** e a psicanálise já demonstrou que, em regra geral, **as forças instintivas que são desviadas e deslocadas para as neuroses têm uma origem sexual**. No caso do tabu, o contato proibido obviamente não deve ser entendido num **sentido exclusivamente sexual**, mas sim no sentido mais geral de atacar, de obter o controle, de afirmar-se. Se existe a proibição de tocar num chefe ou em qualquer coisa que tenha estado em contato com ele, isto significa que uma proibição deve ser imposta ao mesmo impulso que noutras ocasiões se expressa através de uma atitude de suspeita em relação ao chefe ou até mesmo através do mau tratamento físico que lhe é dado antes da coroação. ***Assim o fato que é característico da neurose é a preponderância dos elementos sexuais sobre os elementos instintivos sociais***. Os instintos sociais, contudo, derivam-se eles próprios de uma combinação de componentes egoísticos e eróticos em totalidades de um tipo especial." – p.87;

"Se analisarmos os instintos em ação nas neuroses, descobriremos que a influência nelas determinante é exercida por **forças instintivas de origem sexual**; as formações culturais correspondentes, por outro lado, baseiam-se em instintos sociais, originados da combinação de elementos egoístas e eróticos. **As necessidades sexuais** não são capazes de unir os homens da mesma maneira que as exigências da autopreservação. **A satisfação sexual é, essencialmente, assunto privado de cada indivíduo**." – p.87-88;

"Da mesma maneira, a fertilidade da terra é magicamente promovida através de uma **representação dramática da relação sexual humana**. Assim, para tomar apenas um só de um número incontável de exemplos, 'em algumas partes de Java, na estação em que o arroz logo começará a florescer, **o lavrador e sua esposa visitarão seus campos à noite e lá efetuarão a relação sexual**', a fim de incentivar a fertilidade do arroz com o seu exemplo. Existe o temor, contudo, de que **relações sexuais proibidas** e incestuosas possam provocar o fracasso das colheitas e tornar a terra estéril." – p.94;

"Também as fórmulas protetoras das neuroses obsessivas encontram sua contrapartida nas fórmulas da magia. É possível, contudo, descrever o curso de desenvolvimento dos atos obsessivos: podemos mostrar como eles **começam por serem tão afastados quanto possível de qualquer coisa sexual** – defesas mágicas contra desejos malignos – e como terminam por serem substitutos do **ato sexual proibido e das imitações mais próximas possíveis dele**." – p.100-101;

"Se acompanharmos retrospectivamente o desenvolvimento das tendências libidinais, tal como as encontramos no indivíduo, desde suas formas adultas até os seus começos na infância, surge uma importante distinção, que descrevi em ***Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*** **(1950d). Manifestações dos instintos sexuais** podem ser observadas desde os começos, mas, de saída, elas ainda não são dirigidas para qualquer objeto externo. **Os componentes instintivos separados da sexualidade** atuam independentemente uns dos outros, a fim de obter prazer e encontrar satisfação no próprio corpo do sujeito. Essa fase é conhecida como a do autoerotismo, sendo sucedida por outra, na qual um objeto é escolhido.

Estudos ulteriores demonstraram que é conveniente e verdadeiramente indispensável inserir uma terceira fase entre aquelas duas, ou, em outras palavras, dividir a primeira fase, a do autoerotismo, em duas. Nessa fase intermediária, cuja importância a pesquisa tem evidenciado cada vez mais, **os instintos sexuais** até então isolados já se reuniram num todo único e encontraram também um objeto. Este objeto, porém, não é um objeto externo, estranho ao sujeito, mas se trata de seu próprio ego, que se constituiu aproximadamente nessa mesma época. Tendo em mente as fixações patológicas dessa nova fase, que se tornam observáveis mais tarde, demos-lhe o nome de 'narcisismo'." – p.101-102;

"Embora ainda não estejamos em posição de descrever com exatidão suficiente as características dessa fase narcisista, na qual **os instintos sexuais** até então dissociados se reúnem numa unidade isolada e catexizam o ego como objeto, já temos motivos para suspeitar que essa organização narcisista nunca é totalmente abandonada." – p.102;

"Os homens primitivos e os neuróticos, como já vimos, atribuem uma alta valorização – a nossos olhos, uma *super*valorização – aos atos psíquicos. Essa atitude pode perfeitamente ser relacionada com o narcisismo e encarada como um componente essencial deste. Pode-se dizer que, no homem primitivo, o **processo de pensar ainda é, em grande parte, sexualizado**. Esta é a origem de sua fé na onipotência dos pensamentos, de sua inabalável confiança na possibilidade de controlar o mundo e de sua inacessibilidade às experiências, tão facilmente obteníveis, que poderiam ensinar-lhe a verdadeira posição do homem no universo. Com relação aos neuróticos, encontramos que, por um lado, uma parte considerável desta atitude primitiva sobreviveu em sua constituição e, por outro, que a **repressão sexual** que neles ocorreu **ocasionou uma maior sexualização de seus processos de pensamento**. Os resultados psicológicos devem ser os mesmos em ambos os casos, quer a hipercatexia libidinal do pensamento seja original, quer tenha sido produzida pela regressão: narcisismo intelectual e onipotência de pensamentos." – p.102;

"Não obstante, permanece o fato de que realizaram uma renúncia aos instintos e poderemos compreender melhor a posição deles se supusermos que o guerreiro selvagem submete-se a essas restrições como uma contramedida, porque se acha a ponto de entregar-se completamente à satisfação de impulsos cruéis e hostis que via de regra lhe são proibidos. O mesmo acontece com os numerosos casos de **restrições sexuais que são impostas** a alguém que esteja empenhado num trabalho difícil ou de responsabilidade. Embora os fundamentos alegados para essas proibições possam pertencer a um contexto mágico, a ideia fundamental de obter maior vigor pela renúncia a algumas satisfações instintivas permanece, entretanto, inequívoca; e a raiz higiênica da proibição que acompanha sua racionalização mágica não deve ser subestimada." – p.110;

"A restrição de tabu correspondente proíbe aos membros do mesmo clã totêmico de casar-se ou de ter **relações sexuais** uns com os outros. Temos aí o notório e misterioso correlato do totemismo: a exogamia. Dediquei todo o primeiro ensaio da presente obra a esse assunto, de maneira que aqui preciso apenas repetir que ele se origina da intensificação entre os selvagens do horror ao incesto, a qual seria plenamente explicada como uma garantia contra este último sob condições de casamento grupal, visando primariamente a afastar do incesto a geração *mais jovem* e interferindo com a geração mais velha apenas com um desenvolvimento posterior." –

p.117;

"Se procurarmos penetrar até a natureza original do totemismo, sem considerar os acréscimos ou atenuações subsequentes, descobriremos que suas características essenciais são as seguintes: *Originalmente, todos os totens eram animais e eram considerados como ancestrais dos diferentes clãs. Os totens eram herdados apenas através da linha feminina. Havia uma proibição contra matar o totem* (ou – o que em condições primitivas, constitui a mesma coisa – comê-lo). ***Os membros de um clã totêmico estavam proibidos de ter relações sexuais uns com os outros***." – p.118;

"Dois fatores parecem ter levado Frazer a supor que as observâncias descobertas entre os aruntas constituem a forma mais antiga do totemismo. O primeiro foi a existência de certos mitos afirmando que os ancestrais dos aruntas comiam regularmente o seu totem e sempre se casavam com mulheres do próprio totem. **O segundo foi o visível descaso pelo ato sexual em sua teoria da concepção**. Povos que ainda **não descobriram ser a concepção o resultado das relações sexuais** podem certamente ser encarados como os mais atrasados e primitivos dos homens vivos." – p.125;

"Outros autores, ao contrário, descobriram um meio de encarar a exogamia como consequência inevitável dos princípios básicos do totemismo. Durkheim (1898, 1902 e 1905) apresentou a opinião de que **o tabu ligado aos totens estava fadado a envolver a proibição contra a manutenção de relações sexuais com uma mulher do mesmo totem**. O totem é do mesmo sangue que o homem e, consequentemente, a proibição contra o derramamento de sangue (em conexão com a defloração e a menstruação) **proíbe-o de ter relações sexuais com uma mulher que pertença ao seu totem**. Andrew Lang (1905 [...]), que concorda com Durkheim quanto a este ponto, acredita que a proibição contra as mulheres do mesmo clã [possa] funcionar mesmo sem nenhum tabu sanguíneo." – p.130;

"É interessante observar que **as primeiras restrições produzidas pela introdução das classes matrimoniais afetaram a liberdade sexual da geração *mais jovem*** (isto é, o incesto entre irmãos e irmãs e entre filhos e mães), enquanto que o incesto entre pais e filhas só foi impedido por uma extensão ulterior dos regulamentos." – p.132;

"Mas o fato de **as restrições sexuais exógamas** terem sido impostas intencionalmente não esclarece o motivo que levou à sua imposição. Qual é a fonte suprema do horror ao incesto que tem de ser identificada como sendo a raiz da exogamia? Explicá-lo pela existência de **uma antipatia instintiva pelas relações sexuais com os parentes consanguíneos – ou seja, apelando para o fato de que existe um horror ao incesto – é claramente insatisfatório**, porque a experiência social mostra que, a despeito desse suposto instinto, o incesto não é um fato fora do comum mesmo em nossa sociedade atual e a história nos fala de casos em que o casamento incestuoso entre pessoas privilegiadas era na realidade a regra." – p.132;

"Westermarck (1906-8[...]) explicou o horror ao incesto baseando-se em que '**há uma aversão**

inata às relações sexuais entre pessoas que vivem juntas com muita intimidade desde a infância e que, como essas pessoas são, na maioria dos casos, aparentadas pelo sangue, esse sentimento naturalmente **apareceria no costume e na lei como um horror à relação sexual entre parentes próximos**'. Havelock Ellis, embora discutisse a instintividade da aversão, endossou em geral esta explicação: 'A falha normal da manifestação do instinto de acasalamento no caso de irmãos e irmãs ou de meninos e meninas criados juntos desde a infância é um fenômeno meramente negativo, devido à ausência inevitável, nessas circunstâncias, das condições que evocam o instinto de acasalamento […] Entre aqueles que foram criados juntos desde a infância, todos os estímulos sensoriais da visão, audição e tato foram amortecidos pelo uso, levados ao nível calmo da afeição e **privados de sua potência de despertar a excitação eretística que produz a tumescência sexual**.'

Parece-me muito notável que Westermarck considere que **esta aversão inata às relações sexuais com alguém de quem se foi íntimo na infância seja também o equivalente, em termos psíquicos, do fato biológico de ser a endogamia prejudicial à espécie**. Um instinto biológico do tipo sugerido dificilmente se desviaria tanto em sua expressão psicológica que, em vez de aplicar-se aos parentes consanguíneos (com quem as relações sexuais poderiam ser prejudiciais à reprodução), afetasse pessoas totalmente inócuas a esse respeito, simplesmente por partilharem de um lar comum. Não posso deixar de referir-me também à admirável crítica feita por Frazer à teoria de Westermarck. Frazer acha inexplicável que **hoje mal haja qualquer aversão sexual às relações com companheiros de casa**, enquanto que o horror ao incesto, que, na teoria de Westermarck, constitui apenas um derivativo dessa aversão, tenha crescido tão enormemente." – p.132-133;

"Posso acrescentar a estes excelentes argumentos de Frazer que as descobertas da psicanálise tornam a hipótese de **uma aversão inata à relação sexual incestuosa totalmente insustentável**. Demonstram, pelo contrário, que as mais precoces excitações sexuais dos seres humanos muito novos são invariavelmente de caráter incestuoso e que tais impulsos, quando reprimidos, desempenham um papel que pode ser seguramente considerado – sem que isso implique uma superestima – como forças motivadoras de neuroses, na vida posterior." – p.133;

"Essa tentativa baseia-se numa hipótese de Charles Darwin sobre o estado social dos homens primitivos. Deduziu ele dos hábitos dos símios superiores, que também o homem vivia originalmente em grupos ou hordas relativamente pequenos, dentro dos quais **o ciúme do macho mais velho e mais forte impedia a promiscuidade sexual**." – p.135;

"Atkinson parece ter sido o primeiro a perceber que a consequência prática das condições reinantes na horda primeva de Darwin deve ter sido a exogamia para os jovens do sexo masculino. Cada um deles poderia, depois de ter sido expulso, estabelecer uma horda semelhante, na qual **a mesma proibição sobre as relações sexuais imperaria**, por causa do ciúme do líder. Com o decorrer do tempo, isto produziria o que se tornaria uma lei consciente: **'Nenhuma relação sexual entre os que partilham de um lar comum'**. Após o estabelecimento do totemismo, a regra assumiria outra forma e diria: **'Nenhuma relação sexual dentro do totem'**." – p.135;

"Publiquei recentemente (1909b) uma 'Análise de uma fobia num menino de cinco anos', cujo

material me foi fornecido pelo pai do pequeno paciente. O menino tinha uma fobia de cavalos e, como consequência disso, recusava-se a sair à rua. Expressava o temor de que o cavalo entrasse no quarto e o mordesse e viu-se que isso seria o castigo por um desejo de que o cavalo caísse (isto é, morresse). Depois de ter sido removido o medo do menino pelo pai através de uma confiança renovada, tornou-se evidente que ele estava lutando contra desejos que tinham como tema a ideia de o pai estar ausente (partindo para uma viagem, morrendo). Encarava o pai (como deixou bem claro) como um competidor nos favores da mãe, para quem eram dirigidos os obscuros prenúncios de seus **desejos sexuais nascentes**. Desse modo, estava situado na atitude típica de uma criança do sexo masculino para com os pais a que demos o nome do 'complexo de Édipo' e que em geral consideramos como o complexo nuclear das neuroses. O fato novo que aprendemos com a análise do 'pequeno Hans' – fato com uma importante relação com o totemismo – foi que, em tais circunstâncias, as crianças deslocam alguns de seus sentimentos do pai para um animal." – p.138;

"Mas qualquer leitor atento da história do pequeno Hans encontrará provas abundantes de que ele também admirava o pai por possuir um pênis grande e temia-o por ameaçar o seu. O mesmo papel é desempenhado pelo pai tanto no complexo de Édipo quanto no complexo de castração, ou seja, o papel de um inimigo temível dos **interesses sexuais da infância**. O castigo com que ele ameaça é a castração, ou o seu substituto, a cegueira." – p.139;

"Não há dúvida, segundo Ferenczi, quanto às fontes do interesse de Árpád nos acontecimentos do galinheiro: 'a contínua atividade sexual entre galos e galinhas, a postura de ovos e o nascimento da nova ninhada' gratificavam a sua **curiosidade sexual**, cujo objeto real era a vida familiar *humana*. Mostrou ter formado sua **própria escolha de objetos sexuais** segundo o modelo da vida no galinheiro, porque certo dia disse à esposa do vizinho: 'Vou me casar com você, com sua irmã, minhas três primas e com a cozinheira; não, com a cozinheira, não; em vez dela, casarei com minha mãe.' [...]" – p.140;

"Se o animal totêmico é o pai, então as duas principais ordenanças do totemismo, as duas proibições de tabu que constituem seu âmago – **não matar o totem e não ter relações sexuais como os dois crimes de Édipo**, que matou o pai e casou com a mãe, assim como os dois desejos primários das crianças, cuja repressão insuficiente ou redespertar formam talvez o núcleo de todas as psiconeuroses. Se essa equação for algo mais que um enganador truque de sorte, deverá capacitar-nos a lançar luz sobre a origem do totemismo num passado inconcebivelmente remoto. Em outras palavras, nos permitirá provar que o sistema totêmico – como a fobia de animal do pequeno Hans e a perversão galinácea do pequeno Árpád – é um produto das condições em jogo no complexo de Édipo." – p.141;

"Os dois tabus do totemismo com que a moralidade humana teve o seu começo não estão psicologicamente no mesmo nível. O primeiro deles, a lei que protege o animal totêmico, fundamenta-se inteiramente em motivos emocionais: o pai fora realmente eliminado e, em nenhum sentido real, o ato podia ser desfeito. Mas a segunda norma, a proibição do incesto, tem também uma poderosa base prática. Os **desejos sexuais não unem os homens, mas os dividem**. Embora os irmãos se tivessem reunido em grupo para derrotar o pai, todos eram rivais uns dos outros em relação às mulheres. Cada um quereria, como o pai, ter todas as mulheres para si. A nova organização terminaria numa luta de todos contra todos, pois nenhum deles

tinha força tão predominante a ponto de ser capaz de assumir o lugar do pai com êxito. Assim, os irmãos não tiveram outra alternativa, se queriam viver juntos – talvez somente depois de terem passado por muitas crises perigosas –, do que instituir a lei contra o incesto, pela qual todos, de igual modo, renunciavam às mulheres que desejavam e que tinham sido o motivo principal para se livrarem do pai. Dessa maneira, salvaram a organização que os tornara fortes – e que pode ter-se baseado em sentimentos e atos **homossexuais**, originados talvez durante o período da expulsão da horda." – p.152;

O INTERESSE CIENTÍFICO DA PSICANÁLISE (1913)

1. **O interesse psicológico**
   Não consta.

2. **O interesse filológico da psicanálise**

"Nos sonhos, são acima de tudo **os órgãos e as atividades sexuais que são representados simbolicamente**, em vez de sê-lo de modo direto. Um filólogo de Upsala, Hans Sperber, apenas recentemente (1912) tentou provar que **as palavras que originalmente representavam atividades sexuais**, sofreram, com base em analogias dessa espécie, uma modificação de grandes e extraordinárias consequências em seu significado." – p.186;

3. **O interesse filosófico da psicanálise**
   Não consta.

4. **O interesse biológico da psicanálise**

"A psicanálise não teve a sorte de ser acolhida (como outras ciências novas) com o incentivo simpático daqueles que se acham interessados no progresso do saber. Por longo tempo foi desprezada e, quando por fim não mais podia ser negligenciada, tornou-se, por razões emocionais, objeto dos mais violentos ataques por parte de pessoas que não se deram ao trabalho de conhecê-la bem. Essa recepção inamistosa deve-se a uma única circunstância: numa primeira fase de suas pesquisas, a psicanálise foi **levada à conclusão de que as doenças nervosas constituíam a expressão de um distúrbio da função sexual**, sendo assim conduzida a dedicar sua atenção à investigação dessa função – que tinha sido negligenciada por tempo demasiado." – p.188;

"A psicanálise **fez justiça à função sexual no homem** fazendo um exame pormenorizado de sua importância na vida prática e mental – importância que foi enfatizada por tantos escritores criativos e por alguns filósofos, mas nunca fora reconhecida pela ciência." – p.188;

"De início, no entanto, **foi necessário ampliar o conceito indevidamente restrito de sexualidade**, ampliação justificada pela conexão com **as extensões da sexualidade** que ocorrem nas chamadas perversões e com o comportamento das crianças. Resultou ser **impossível sustentar por mais tempo que a infância era assexual**, sendo invadida pela primeira vez por uma súbita incursão de **impulsos sexuais na época da puberdade**. Pelo contrário, quando os artifícios protetores da parcialidade e do preconceito foram afastados, a

observação não encontrou dificuldade em revelar que **interesses e atividades sexuais se acham presentes na criança**, em quase todas as idades desde o começo da vida mesmo. A importância de essa **sexualidade normal dos adultos surgir da sexualidade infantil** não é prejudicada pelo fato de não podermos em todos os pontos traçar uma linha clara entre ela e a **atividade assexual de uma criança**. Difere, entretanto, daquilo que é descrito como a **sexualidade 'normal' dos adultos**. Inclui os germes de todas aquelas **atividades sexuais** que, na vida posterior, apresentam agudo **contraste com a vida sexual normal** sendo tidas como perversões e, assim, fadadas a parecerem incompreensíveis e viciadas. **A sexualidade normal dos adultos surge da sexualidade infantil através de uma série de desenvolvimentos, combinações, divisões e repressões que dificilmente se completam com perfeição ideal**, deixando consequentemente em seu rastro predisposições a uma regressão da função, sob a forma de doença." – p.188-189;

"**A sexualidade infantil** apresenta duas outras características que são importantes do ponto de vista biológico. Mostra ser formada de certo número de instintos componentes que parecem estar ligados a certas regiões do corpo ('zonas erógenas'), surgindo alguns deles desde o início em pares opostos – instintos com um objetivo ativo e outro passivo. Assim como na vida posterior **o que é amado não são simplesmente os órgãos sexuais do objeto**, mas todo o seu corpo, também desde o começo não são simplesmente os órgãos genitais mas muitas outras partes do corpo que constituem **sede da excitação sexual e reagem a estímulos apropriados com prazer sexual**. Esse fato tem estreita relação com a **segunda característica da sexualidade infantil** – ou seja, com o fato de que no início, ela se acha ligada às funções autopreservativas da nutrição e da excreção e, com toda a probabilidade, da excitação muscular e da atividade sensorial." – p.189;

"**Se examinarmos a sexualidade do adulto** com o auxílio da psicanálise e considerarmos a vida das crianças à luz dos conhecimentos que assim obtivermos, perceberemos que **a sexualidade não é simplesmente uma função que serve aos fins da reprodução**, no mesmo nível que a digestão, a respiração etc. Trata-se de algo muito mais independente, que se coloca em contraste com todas as outras atividades do indivíduo e só é forçado a uma aliança com a economia individual após um complicado curso de desenvolvimento que envolve a imposição de numerosas restrições." – p.189-190;

"Casos – em teoria inteiramente concebíveis – em que **os interesses desses impulsos sexuais deixam de coincidir com a autopreservação do indivíduo** parecem realmente ser apresentados pelo grupo das doenças neuróticas, porque a fórmula final a que a psicanálise chegou quanto à natureza das neuroses é a seguinte: **o conflito primário que leva às neuroses é um conflito entre os instintos sexuais e os instintos que sustentam o ego**. As neuroses representam uma **dominação mais ou menos parcial do ego pela sexualidade**, depois de terem falhado os esforços do ego para reprimi-la." – p.190;

"Julgamos necessário nos manter afastados de considerações biológicas durante nosso trabalho psicanalítico e abster-nos de utilizá-las para propósitos heurísticos, de maneira a não nos afastarmos de um julgamento imparcial dos fatos psicanalíticos que nos apresentam. Mas, depois de completar nosso trabalho psicanalítico, teremos de encontrar um ponto de contato com a biologia e será justa a nossa satisfação se constatarmos que esse contato já está

assegurado num ou noutro ponto importante. **O contraste entre os instintos do ego e o instinto sexual**, ao qual fomos obrigados a atribuir a origem das neuroses, é transposto para a esfera da biologia pelo contraste entre os instintos que servem à preservação do indivíduo e os que servem à sobrevivência da espécie." – p.190;

"Na biologia encontramos a mais abrangente concepção de um plasma germinal imoral ao qual os diferentes indivíduos transitórios se ligam como órgãos que se desenvolvem sucessivamente. É somente essa concepção que nos permite compreender corretamente o papel desempenhado pelas **forças instintivas sexuais na filosofia e na psicologia**." – p.190;

"Apesar de todos os nossos esforços para que a terminologia e as considerações biológicas não dominassem o trabalho psicanalítico, não pudemos evitar o seu emprego mesmo na descrição dos fenômenos que estudamos. Não podemos deixar de considerar o termo 'instinto' como um conceito fronteiriço entre as esferas da psicologia e da biologia. Falamos também de atributos e impulsos mentais 'masculinos' e 'femininos', embora, estritamente falando, as diferenças entre os sexos não possam pretender nenhuma característica psíquica especial. Aquilo de que falamos na vida comum como 'masculino' e 'feminino' reduz-se, do ponto de vista da psicologia, às qualidades de 'atividade' e 'passividade' – isto é, a qualidades determinadas não pelos próprios instintos, mas por seus objetivos. A associação regular destes 'ativos' e 'passivos' na vida mental **reflete a bissexualidade dos indivíduos**, que está entre os postulados clínicos da psicanálise." – p.190-191;

5. O interesse da psicanálise de um ponto de vista do desenvolvimento

"Algumas descobertas notáveis foram efetuadas no curso dessa investigação da mente infantil. Assim foi possível confirmar – o que já fora muitas vezes suspeitado – a influência extraordinariamente importante exercida pelas impressões da infância (e particularmente pelos seus primeiros anos) sobre todo o curso da evolução posterior. Isso nos conduz ao paradoxo psicológico – que somente para a psicanálise não é paradoxo – de serem precisamente estas, as mais importantes de todas as impressões, as que não são recordadas em anos posteriores. A psicanálise pôde estabelecer o caráter decisivo e indestrutível dessas primeiras experiências da maneira mais clara possível, no caso **da vida sexual**. '*On revient toujours à ses premiers amours*' é pura verdade. Os muitos **enigmas da vida sexual dos adultos** só podem ser solucionados se forem ressaltados os fatores infantis existentes no amor" – p.191-192;

6. O interesse da psicanálise do ponto de vista da história da civilização

"Os mitos, a religião e a moralidade podem ser situados nesse esquema como tentativas de busca de compensação da falta de satisfação dos desejos humanos.

Nosso conhecimento das doenças neuróticas dos indivíduos foi de grande auxílio para a compreensão das grandes instituições sociais, porque as neuroses mostraram ser tentativas de encontrar soluções *individuais* para o problema de compensar os desejos insatisfeitos, enquanto que as instituições buscam proporcionar soluções *sociais* para esses mesmos problemas. **A recessão do fator social e a predominância do sexual** transforma essas soluções neuróticas do problema psicológico em caricaturas que de nada servem, a não ser para ajudar-nos a explicar essas importantes questões." – p.194;

7. **O interesse da psicanálise do ponto de vista da ciência da estética**
   Não consta.

8. **O interesse sociológico da psicanálise**
   Não consta.

9. **O interesse educacional da psicanálise**

"Nossa amnésia infantil prova que nos tornamos estranhos à nossa infância. A psicanálise trouxe à luz os desejos, as estruturas de pensamento e os processos de desenvolvimento da infância. Todos os esforços anteriores nesse sentido foram, no mais alto grau, incompletos e enganadores por menosprezarem inteiramente **o fator inestimavelmente importante da sexualidade em suas manifestações físicas e mentais**." – p.197;

"O espanto incrédulo com que se defrontam as descobertas estabelecidas com maior grau de certeza pela psicanálise sobre o tema da infância – o complexo de Édipo, o amor a si próprio (ou 'narcisismo'), a disposição para as perversões, o erotismo anal, **a curiosidade sexual** – é uma medida do abismo que separa nossa vida mental, nossos juízos de valor e, na verdade, nossos processos de pensamento daqueles encontrados mesmo em crianças normais." – p.197;

OBSERVAÇÕES E EXEMPLOS DA PRÁTICA PSICANALÍTICA (1913)

"POSIÇÃO AO DESPERTAR DE UM SONHO

Uma mulher sonhou que estava deitada de costas e apertando as solas dos pés contra os de outra mulher. Pela análise parecia possível que ela estivesse pensando em cenas de travessuras, que substituíram a lembrança de uma observação de **relações sexuais**. Quando acordou reparou que, pelo contrário, estivera deitada sobre o estômago, com os braços cruzados, imitando assim a posição de um homem dando um abraço." – p.204;

"PÉS (SAPATOS) VERGONHOSOS

Após vários dias de resistência, a paciente relatou que se sentira muito humilhada porque um jovem que encontrava regularmente perto da casa do médico, e que geralmente a olhava com admiração, na última ocasião olhara desdenhosamente para os seus pés. Na realidade, não tinha razão para sentir-se envergonhada deles. Ela própria deu a explicação, após admitir que havia considerado o jovem como filho do médico, que portanto (por via de transferência) representava o irmão mais velho dela. Seguiu-se então a lembrança de ter tido o hábito de acompanhar o irmão ao banheiro, quando ela tinha aproximadamente cinco anos de idade, e de olhá-lo urinar. Ficava com inveja por não ser capaz de fazê-lo da mesma maneira e certo dia tentaria imitá-lo (inveja do pênis). Ao fazê-lo, no entanto, molhara os sapatos e ficara muito zangada quando o irmão, por causa disso, zombara dela. Durante muito tempo depois, sua ira retornava sempre que o irmão olhava desdenhosamente para os sapatos dela, a fim de lembrar-lhe sua desventura. Acrescentou que essa experiência havia determinado seu comportamento posterior na escola. Se era malsucedida em alguma coisa à primeira tentativa, nunca podia forçar-se a tentar de

novo, de maneira que em muitas matérias fracassou completamente. – Esse é um bom exemplo da maneira pela qual **a vida sexual atua como um modelo e influencia o caráter**." – p.205;

"SONHOS FRAGMENTÁRIOS

Esses sonhos frequentemente contêm apenas os símbolos relacionados com o seu tema. Por exemplo, aqui temos um sonho que ocorreu num contexto de **impulsos homossexuais**: estava saindo para passear com um amigo… (indistinto)… balões." – p.206;

FAUSSE RECONNAISSANCE (**'*DÉJÀ RACONTÉ*'**) NO TRATAMENTO PSICANALÍTICO (1914)

"Em 1911, um homem de instrução superior, residente numa cidade universitária da Alemanha, não pertencente às minhas relações e cuja idade me é desconhecida, colocou-me à disposição as seguintes notas sobre a sua infância:

'No decurso da leitura de seu estudo sobre Leonardo da Vinci fui levado a uma discordância interna pelas observações feitas no início do Capítulo III. Sua afirmação de que as crianças do sexo masculino são dominadas por um interesse em seus próprios órgãos genitais provocou-me uma contra-afirmação de que 'Se é essa a regra geral, sou, sob todos os aspectos, uma exceção a ela'. Prossegui então lendo a passagem que se segue com o máximo espanto, o espanto que se sente ao encontrar-se um fato de caráter inteiramente novo. Em meio ao meu espanto, ocorreu-me uma lembrança que me demonstrou, para minha própria surpresa, que o fato, de maneira alguma, poderia ser tão novo quanto parecia, porque, à época em que estava atravessando o período das **'pesquisas sexuais infantis'**, um acaso feliz proporcionou-me a oportunidade de inspecionar os órgãos genitais femininos de uma menina da minha própria idade e, ao assim proceder, *observei muito claramente um pênis do mesmo tipo que o meu*." – p.216-217;

O MOISÉS DE MICHELANGELO (1914)

Não consta.

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE A PSICOLOGIA ESCOLAR (1914)

Não consta.

XII. A HISTÓRIA DO MOVIMENTO PSICANALÍTICO, ARTIGOS SOBRE METAPSICOLOGIA E OUTROS TRABALHOS (1914-1916)

Volume 14 (FREUD, 1996l)

A HISTÓRIA DO MOVIMENTO PSICANALÍTICO (1914)

"Como se sabe, Breuer disse de sua primeira e famosa paciente que **o elemento de sexualidade**

estava surpreendentemente não desenvolvido nela e que em nada contribuíra para o riquíssimo quadro clínico do caso. Sempre fiquei a imaginar por que os críticos não citam com mais frequência esta afirmação de Breuer como argumento contra minha alegação **referente à etiologia sexual das neuroses**, e até hoje não sei se devo considerar a omissão como prova de tato ou de descuido da parte deles. Quem quer que leia agora a história do caso de Breuer à luz dos conhecimentos adquiridos nos últimos vinte anos, perceberá, de imediato, o simbolismo nele existente – as cobras, o enrijecimento, a paralisia do braço – e, levando em conta a situação da jovem à cabeceira do pai enfermo, facilmente chegará à verdadeira interpretação dos sintomas; a opinião do leitor sobre **o papel desempenhado pela sexualidade na vida mental** da paciente será, portanto, bem diferente daquela do seu médico." – p.22;

"No tratamento desse caso, Breuer usou, para com a paciente, de um *rapport* sugestivo muito intenso, que nos poderá servir como um perfeito protótipo do que chamamos hoje de 'transferência'. Tenho agora fortes razões para suspeitar que, depois de ter aliviado todos os sintomas de sua cliente, Breuer deve ter **descoberto por outros indícios a motivação sexual dessa transferência**, mas que a natureza universal deste fenômeno inesperado lhe escapou, resultando daí que, como se tivesse sido surpreendido por um 'fato inconveniente', ele tenha interrompido qualquer investigação subsequente." – p.22;

"Quando depois comecei, cada vez com mais persistência, a chamar a atenção para **a significação da sexualidade na etiologia das neuroses**, ele foi o primeiro a manifestar a reação de desagrado e repúdio que posteriormente iria tornar-se tão familiar a mim, mas que naquela ocasião eu não tinha ainda aprendido a reconhecer como meu destino inexorável." – p.23;

"**O surgimento da transferência sob forma francamente sexual** – seja de afeição ou de hostilidade –, no tratamento das neuroses, apesar de não ser desejado ou induzido pelo médico nem pelo paciente, sempre me pareceu a prova mais irrefutável de que **a origem das forças impulsionadoras da neurose está na vida sexual**." – p.23;

"O consolo que tive em face da reação negativa provocada, mesmo no meu círculo de amigos mais íntimos, pelo **meu ponto de vista de uma etiologia sexual nas neuroses** – pois formou-se rapidamente um vácuo em torno de mim –, foi o pensamento de que estava assumindo a luta por uma ideia nova e original." – p.23;

"Entre os outros novos fatores que foram acrescentados ao processo catártico como resultado de meu trabalho e que o transformou em psicanálise, posso mencionar em particular a teoria da repressão e da resistência, **o reconhecimento da sexualidade infantil** e a interpretação e exploração de sonhos como fonte de conhecimento do inconsciente." – p.25-26;

"Outro produto dessa espécie foi a **hipótese da sexualidade infantil**. Isto, porém, foi feito numa data muito ulterior. Nos primeiros dias da investigação experimental pela análise, não se pensou em tal coisa. De início, observou-se apenas que os efeitos das experiências presentes tinham de ser remontados a algo no passado. Mas os investigadores geralmente encontram mais

do que procuram. Fomos puxados cada vez mais para o passado; esperávamos poder parar na puberdade, período ao qual se atribui tradicionalmente o despertar dos **impulsos sexuais**. Mas em vão; as pistas conduziam ainda mais para trás, à infância e aos seus primeiros anos." – p.27;

"No caminho, tivemos de superar uma ideia errada que poderia ter sido quase fatal para a nova ciência. Influenciados pelo ponto de vista de Charcot quanto à origem traumática da histeria, estávamos de pronto inclinados a aceitar como verdadeiras e etiologicamente importantes as declarações dos pacientes em que atribuíam seus sintomas a **experiências sexuais passivas nos primeiros anos da infância** – em outras palavras, à sedução." – p.27;

"A análise nos tinha levado até esses **traumas sexuais infantis** pelo caminho certo e, no entanto, eles não eram verdadeiros." – p.27;

"Se os pacientes histéricos remontam seus sintomas e traumas que são fictícios, então o fato novo que surge é precisamente que eles criam tais cenas na *fantasia*, e essa realidade psíquica precisa ser levada em conta ao lado da realidade prática. Essa reflexão foi logo seguida pela descoberta de que essas fantasias destinavam-se a encobrir a atividade autoerótica dos primeiros anos de infância, embelezá-la e elevá-la a um plano mais alto. E agora, de detrás das fantasias, toda a **gama da vida sexual da criança vinha à luz**." – p.28;

"Com a **atividade sexual dos primeiros anos de infância** também foi reconhecida a constituição herdada do indivíduo. A disposição e a experiência estão aqui ligadas numa unidade etiológica indissolúvel, pois a *disposição* exagera impressões – que de outra forma teriam sido inteiramente comuns e não teriam nenhum efeito –, de modo a transformá-las em traumas que dão margem a estímulos e fixações; por outro lado, as *experiências* despertam fatores na disposição que, sem elas, poderiam ter ficado adormecidos por muito tempo e talvez nunca se desenvolvessem." – p.28;

"Abraham (1907) deu a última palavra sobre a questão da etiologia traumática quando ressaltou que a **constituição sexual peculiar às crianças** é calculada precisamente para provocar **experiências sexuais** de uma natureza particular, ou seja, traumas." – p.28;

"No começo, minhas declarações sobre a **sexualidade infantil basearam-se quase exclusivamente nos achados**, da análise de adultos, que remontavam ao passado. Não tive nenhuma oportunidade de fazer observações diretas em crianças." – p.28;

"**Essa convicção da existência e da importância da sexualidade infantil**, entretanto, só pode ser obtida, pelo método da análise, partindo-se dos sintomas e peculiaridades dos neuróticos e acompanhando-os até suas fontes últimas, cuja descoberta então explica o que há nelas de explicável e permite que se modifique o que há de modificável." – p.29;

"Compreendo que se possa chegar a resultados diferentes se, como fez recentemente C. G. Jung, se forma primeiro uma concepção teórica da **natureza do instinto sexual** e procura-se então explicar a vida das crianças a partir dessa base. Uma concepção dessa natureza será forçosamente uma escolha arbitrária ou dependente de considerações irrelevantes, e corre o risco de evidenciar-se inadequada ao campo a que se está procurando aplicá-la." – p.29;

"É verdade que também o método analítico leva a certas dificuldades e obscuridades finais no tocante à **sexualidade e à sua relação com a vida total do indivíduo**." – p.29;

"Sem hesitar, sacrifiquei minha crescente popularidade como médico, e restringi o número de clientes nas minhas horas de consulta, para poder proceder a uma **investigação sistemática dos fatores sexuais** em jogo na causação das neuroses de meus pacientes; e isso me trouxe um grande número de fatos novos que finalmente confirmavam minha convicção quanto **à importância prática do fator sexual**." – p.31;

"Ingenuamente dirigi-me a uma reunião da Sociedade de Psiquiatria e Neurologia de Viena, presidida então por Krafft-Ebing (cf. Freud, 1896c), na esperança de que as perdas materiais que voluntariamente sofri fossem compensadas pelo interesse e reconhecimento dos meus colegas. Considerava minhas descobertas contribuições normais à ciência e esperava que fossem recebidas com esse mesmo espírito. Mas o silêncio provocado pelas minhas comunicações, o vazio que se formou em torno de mim, as insinuações que me foram dirigidas, pouco a pouco me fizeram compreender que as afirmações sobre **o papel da sexualidade na etiologia das neuroses** não podem contar com o mesmo tipo de tratamento dado ao comum das comunicações." – p.31;

"Um médico do Chile (provavelmente alemão) falou no Congresso Internacional de Buenos Aires, em 1910, **em favor da existência da sexualidade infantil** e exaltou os efeitos da terapêutica psicanalítica sobre os sintomas obsessivos." – p.40;

"As descobertas revolucionárias da psicanálise no tocante à vida mental das crianças – o **papel nela desempenhado pelos impulsos sexuais** (von Hug-Hellmuth [1913]) e o **destino daqueles componentes da sexualidade inúteis para a reprodução** – necessariamente cedo fariam a atenção voltar-se para a educação e promoveriam tentativas de colocar os pontos de vista analíticos na vanguarda desse campo de trabalho." – p.47;

"Todos já ouvimos falar da interessante tentativa de explicar a psicanálise como um produto do ambiente de Viena. Janet não se acanhou de utilizar esse argumento, já agora em 1913, embora ele próprio com certeza se orgulhe de ser parisiense, e Paris não possa ser considerada uma cidade de moral mais rigorosa que Viena. Segundo essa teoria, a psicanálise, e em particular a ideia de que **as neuroses decorrem de perturbações da vida sexual**, só poderia ter surgido numa cidade como Viena – de uma **atmosfera de sensualidade** e imoralidades estranhas a outras cidades – não passando de um reflexo, uma projeção teórica por assim dizer, dessas condições peculiares a Viena." – p.48;

"Se houvesse uma cidade na qual os habitantes se impusessem restrições excepcionais no tocante **à satisfação sexual**, e ao mesmo tempo revelassem acentuada tendência a graves perturbações neuróticas, essa cidade poderia por certo dar margem, na mente de um observador, à ideia de que as duas circunstâncias tinham alguma relação entre si, e que uma dependia da outra. Mas nenhuma dessas duas circunstâncias se aplica a Viena." – p.48;

"A primeira tarefa com que se defrontou a psicanálise foi a de explicar as neuroses; utilizou a resistência e a transferência como pontos de partida e, levando em consideração a amnésia, explicou os três fatos com as teorias da repressão, **das forças sexuais motivadoras da neurose e do inconsciente**." – p.58;

"Quando percebi quão pouco dotado era Adler para o julgamento de material inconsciente, mudei minha opinião para uma esperança de que ele conseguisse descobrir as ligações da psicanálise com a psicologia e com os fundamentos biológicos dos processos instintivos – esperança justificada, em certo sentido, pelo seu valioso trabalho sobre "a inferioridade dos órgãos". E ele, na verdade, realizou algo nesse gênero, mas seu trabalho transmite uma impressão "como se" – para empregar seu próprio "jargão" – destinada a provar que a psicanálise estava errada em tudo e que atribuíra tanta importância **às forças sexuais motivadoras**, por causa de sua facilidade em acreditar nas afirmações dos neuróticos." – p.59;

"Adler é tão coerente nisso que chega a considerar que **a força motivadora mais poderosa no ato sexual** é a intenção do homem de afirmar-se como senhor da mulher – de estar 'por cima'. Não sei se ele expressou essas ideias monstruosas em suas obras." – p.61;

"A terceira parte da teoria adleriana, as interpretações deturpadas e as distorções dos fatos desagradáveis revelados pela análise, são o que separa definitivamente a 'Psicologia Individual', como agora deve ser denominada, da psicanálise. Como sabemos, o princípio do sistema de Adler é que o propósito de autoafirmação do indivíduo, sua 'vontade de poder', é o que, sob a forma de um 'protesto masculino', desempenha papel dominante na sua conduta, na formação do caráter e na neurose. Entretanto, esse 'protesto masculino', **a força motivadora adleriana, nada mais é senão a repressão desligada do seu mecanismo psicológico e, além do mais, sexualizada** – o que está bem pouco de acordo com a **tão apregoada expulsão da sexualidade do seu lugar na vida mental**. O 'protesto masculino' sem dúvida existe, mas se for transformado na [única] força motivadora da vida mental estamos menosprezando os fatos observados como se abandonássemos um trampolim depois de o havermos utilizado para o salto. Consideremos uma das situações fundamentais em que se sente desejo na infância: a de uma criança que observa o **ato sexual entre adultos**." – p.62;

"Para começar, as crianças não fazem nenhuma ideia da importância da distinção entre os sexos; pelo contrário, partem da suposição de que ambos possuem o mesmo órgão genital (o masculino); não iniciam suas **pesquisas sexuais** com o problema da distinção entre os sexos, e a depreciação *social* das mulheres lhes é completamente estranha. Há mulheres em cuja neurose o desejo de ser homem não desempenhou nenhum papel. O que houve de protesto masculino

pode-se facilmente remontar a uma perturbação do narcisismo primário devido a ameaças de castração ou **às primeiras coerções das atividades sexuais**. Todas as controvérsias sobre a psicogênese das neuroses terminarão sempre por ser resolvidas no campo das neuroses da infância. A dissecção cuidadosa de uma neurose na mais tenra infância põe termo a todos os equívocos sobre a etiologia das neuroses e a todas as dúvidas sobre o papel que **os instintos sexuais nela desempenham**." – p.63

"A visão da vida refletida no sistema adleriano fundamenta-se exclusivamente no instinto agressivo; nele não há lugar para o amor. Talvez nos surpreenda que essa *Weltanschauung* tão melancólica tenha merecido alguma atenção, mas não devemos esquecer que os seres humanos, vergados **sob o fardo de suas necessidades sexuais**, estão prontos a aceitar qualquer coisa se pelo menos a **'superação da sexualidade'** lhes for oferecida como isca." – p.65;

"Essa modificação, da qual os suíços tanto se orgulharam, mais uma vez nada mais era do que **impelir para o segundo plano o fator sexual na teoria psicanalítica**. Confesso que desde o começo considerei esse 'avanço' como um ajustamento muito exagerado às exigências da realidade." – p.66;

"Da mesma forma que a investigação de Adler trouxe algo de novo à psicanálise – uma contribuição à psicologia do ego – e cobrou por esse presente um preço demasiado alto jogando fora todas as teorias fundamentais da análise, assim também Jung e seus seguidores prepararam o caminho para a sua luta contra a psicanálise presenteando-a com uma nova aquisição. Investigaram em detalhes (como Pfister fizera antes deles) o caminho através do qual **o material das ideias sexuais pertencentes ao complexo de família e à escolha de objeto incestuoso é utilizado na representação dos interesses éticos e religiosos mais elevados do homem**, isto é, aclarando assim um importante exemplo de sublimação das forças eróticas instintivas e de sua transformação em tendências que não podem mais ser chamadas de eróticas. Isso concordava perfeitamente com todas as expectativas da psicanálise e poderia harmonizar-se muito bem com a ideia segundo a qual nos sonhos e neuroses uma dissolução regressiva dessa sublimação, como de todas as outras, se torna visível. Mas o mundo inteiro teria protestado indignado contra a **sexualização da ética e da religião**. Pelo menos dessa vez não consigo deixar de pensar teologicamente e concluir que esses descobridores não tinham condições de enfrentar essa tormenta de indignação, talvez mesmo presente no íntimo deles próprios." – p.67-68;

"Parece-me que os suíços foram obrigados a se comportar da mesma maneira. **Se não se permitiu que a ética e a religião fossem sexualizadas porque tinham de ser algo de origem mais 'elevada'** e se, não obstante, as ideias nelas contidas pareciam ter-se, inegavelmente, originado do complexo de Édipo e do complexo familiar, só podia haver uma saída; que esses complexos não tenham o sentido que aparentam, mas contenham um elevado sentido 'anagógico' (como Silberer o denomina) que tenha tornado possível o seu emprego nas abstratas sequências de pensamento da ética e do misticismo religioso." – p.69;

"**A libido sexual foi substituída por um conceito abstrato**, sobre o qual se pode dizer com

segurança que continua tão enigmático e incompreensível para os entendidos quanto para os leigos. O complexo de Édipo tem um significado meramente 'simbólico': a mãe, nele, representa o inacessível, a que se tem de renunciar no interesse da civilização; o pai que é assassinado no mito de Édipo é o pai 'interior', de quem nos devemos libertar a fim de nos tornarmos independentes. Outras partes do **material das ideias sexuais** serão, por certo, submetidas a reinterpretações semelhantes no decorrer do tempo." – p.69-70;

"O estudo dos indivíduos tinha demonstrado (e sempre demonstrará) que **os complexos sexuais** em seu sentido original estão vivos neles. Em consequência disso, a investigação de indivíduos foi relegada a segundo plano [nas novas teorias] e substituída por conclusões baseadas em provas oriundas da pesquisa antropológica. O maior risco de defrontar-se com o sentido original e sem disfarces desses complexos reinterpretados seria na tenra infância de cada indivíduo; em consequência, na terapia estabeleceu-se a injunção de que essa história passada deve ser resolvida o mínimo possível e a ênfase principal posta no conflito do presente, no qual, além do mais, a coisa essencial de modo algum deveria ser o que era acidental e pessoal, mas o que era geral – de fato, a não realização das tarefas da vida." – p.70;

"O ponto de vista de que **a representação sexual de pensamentos 'mais elevados' nos sonhos e na neurose nada mais é senão uma modalidade arcaica de expressão**, é, naturalmente, inconciliável com o fato de que **na neurose esses complexos sexuais provam ser os portadores das quantidades de libido subtraídas à utilização na vida real**. Se isso fosse apenas uma questão de **'jargão' sexual**, não alteraria de maneira nenhuma a economia da libido." – p.73;

SOBRE O NARCISISMO: UMA INTRODUÇÃO (1914)

"O termo narcisismo deriva da descrição clínica e foi escolhido por Paul Näcke em 1899 para denotar a atitude de uma pessoa que trata **seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado** – que o contempla, vale dizer, o afaga e o acaricia até obter satisfação completa através dessas atividades." – p.81;

"Desenvolvido até esse grau, **o narcisismo passa a significar uma perversão que absorveu a totalidade da vida sexual do indivíduo**, exibindo, consequentemente, as características que esperamos encontrar no estudo de todas as perversões.

Observadores psicanalíticos foram subsequentemente surpreendidos pelo fato de que aspectos individuais da atitude narcisista são encontrados em muitas pessoas que sofrem de outras perturbações – por exemplo, conforme Sadger ressaltou, em **homossexuais** –, e finalmente afigurou-se provável que uma localização da libido que merecesse ser descrita como narcisismo talvez estivesse presente em muito maior extensão, podendo mesmo reivindicar **um lugar no curso regular do desenvolvimento sexual humano**." – p.81;

"Também vemos, em linhas gerais, uma antítese entre a libido do ego e a libido objetal. Quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia. A libido objetal atinge sua fase mais elevada de desenvolvimento no caso de uma pessoa apaixonada, quando o indivíduo parece desistir de

sua própria personalidade em favor de uma catexia objetal, ao passo que temos a condição oposta na fantasia do paranoico (ou autopercepção) do 'fim do mundo'. Finalmente, no tocante à diferenciação das energias psíquicas, somos levados à conclusão de que, para começar, durante o estado de narcisismo, elas existem em conjunto, sendo nossa análise demasiadamente tosca para estabelecer uma distinção entre elas. Somente quando há catexia objetal é que é possível **discriminar uma energia sexual** – **a libido** – de uma energia dos instintos do ego." – p.83-84;

"Antes de prosseguir, devo tocar em duas questões que nos levam ao âmago das dificuldades de nosso assunto. Em primeiro lugar, qual a relação entre o narcisismo de que tratamos e o autoerotismo, que descrevemos como um estado inicial da libido? Em segundo, se concedemos ao ego uma catexia primária da libido, por que há necessidade de **distinguir ainda uma libido sexual de uma energia não sexual dos instintos do ego?** A postulação de uma única espécie de energia psíquica não nos pouparia de todas as dificuldades que residem em diferenciar uma energia dos instintos do ego da libido do ego, e a libido do ego da libido objetal?

No tocante à primeira questão, posso ressaltar que estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos autoeróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao autoerotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo." – p.84;

"O valor dos conceitos 'libido do ego' e 'libido do objeto' reside no fato de que se originam do estudo das características íntimas dos processos neuróticos e psicóticos. A diferenciação da libido numa espécie que é adequada ao ego e numa outra que está ligada a objetos é o corolário inevitável de uma hipótese original que estabelecia distinção entre **os instintos sexuais** e os instintos do ego. Seja como for, a análise das neuroses de pura transferência (neurose de histeria e obsessiva) compeliu-me a fazer essa distinção, e sei apenas que todas as tentativas para explicar esses fenômenos por outros meios foram inteiramente infrutíferas." – p.85;

"Existem vários pontos a favor da hipótese de ter havido desde o início **uma separação entre os instintos sexuais e os outros instintos do ego**, além da utilidade de tal hipótese na análise das neuroses de transferência. Admito que somente essa segunda consideração não seria destituída de ambiguidade, porquanto poderia tratar-se de uma energia psíquica indiferente que só se torna libido através do ato de catexização de um objeto. Mas, em primeiro lugar, a distinção feita nesse conceito corresponde à distinção popular comum entre a fome e o amor. Em segundo lugar, há considerações biológicas a seu favor. O indivíduo leva realmente uma existência dúplice: uma para servir as suas próprias finalidades e a outra como um elo numa corrente, que ele serve contra sua vontade ou pelo menos involuntariamente. **O indivíduo considera a sexualidade como um dos seus próprios fins**, ao passo que, de outro ponto de vista, ele é um apêndice de seu germoplasma, [par]a cuja disposição põe suas energias em troca de uma retribuição de prazer. Ele é o veículo mortal de uma substância (possivelmente) imortal – como o herdeiro de uma propriedade inalienável, que é o único dono temporário de um patrimônio que lhe sobrevive. **A separação dos instintos sexuais dos instintos do ego** simplesmente refletiria essa função dúplice do indivíduo. Em terceiro lugar, devemos recordar que todas as nossas ideias provisórias em psicologia presumivelmente algum dia se basearão numa subestrutura orgânica. Isso torna provável que as substâncias especiais e **os processos**

químicos sejam os responsáveis pela realização das operações da sexualidade, garantindo a extensão da vida individual na da espécie. Estamos levando essa probabilidade em conta ao substituirmos as substâncias químicas especiais por forças psíquicas especiais." – p.85-86;

"Tento em geral manter a psicologia isenta de tudo que lhe seja diferente em natureza, inclusive das linhas biológicas de pensamento. Por essa mesma razão, gostaria, nessa altura, de admitir expressamente que **a hipótese de instintos do ego e instintos sexuais separados** (isto é, a teoria da libido) está longe de repousar, inteiramente, numa base psicológica, extraindo seu principal apoio da biologia. Mas serei suficientemente coerente [com minha norma geral] para abandonar essa hipótese, se o próprio trabalho psicanalítico vier a produzir alguma outra hipótese mais útil sobre os instintos. Até agora, isso não aconteceu. Pode ocorrer que, com mais fundamento e numa visão de maior alcance, **a energia sexual** – **a libido** – seja apenas o produto de uma diferenciação na energia que atua generalizadamente na mente." – p.86;

"Enfrentemos a possibilidade de erro, mas não nos deixemos dissuadir de buscar as implicações lógicas da hipótese, que em primeiro lugar adotamos, de uma **antítese entre os instintos do ego e os instintos sexuais** (hipótese à qual fomos forçosamente conduzidos pela análise das neuroses de transferência), e de verificar se ela se mostra destituída de contradições e se é profícua, e se pode ser aplicada também a outras perturbações, como a esquizofrenia." – p.87;

"Seria, naturalmente, uma questão diferente se se provasse que a teoria da libido já fracassou na tentativa de explicar essa segunda doença. Isso foi asseverado por C. G. Jung (1912) e é por causa disso que me vi obrigado a entrar nessa última discussão, da qual gostaria de ter sido poupado. Teria preferido seguir até o fim o caminho trilhado na análise do caso Schreber sem qualquer discussão de suas premissas. Mas a asserção de Jung é, para dizer o mínimo, prematura. Os fundamentos que apresenta para ela são deficientes. Em primeiro lugar, recorre a uma confissão, que eu teria feito, de que fora obrigado, devido às dificuldades da análise de Schreber, **a estender o conceito de libido (isto é, a desistir de seu conteúdo sexual)** e a identificar a libido com o interesse psíquico em geral." – p.87;

"Em sua grande obra seguinte, Jung (1913) simplesmente falha na solução que eu havia indicado: 'Ao mesmo tempo', escreve, 'ainda há o seguinte a ser levado em consideração (um ponto ao qual, incidentalmente, Freud se refere em sua obra sobre o caso Schreber [...]) – que **a introversão da *libido sexualis* conduz a uma catexia do 'ego'**, e que possivelmente é isso que produz o resultado de uma perda da realidade. É realmente uma possibilidade tentadora explicar a psicologia da perda da realidade dessa maneira'." – p.88;

"Quão pouco essa analogia inadequada pode ajudar-nos a resolver a questão fica claro pela consideração de que um anacoreta dessa espécie, que **'tenta erradicar todos os traços de interesse sexual' (mas só no sentido popular da palavra 'sexual')**, nem sequer necessariamente exibe qualquer localização patogênica da libido. Ele pode ter **desviado inteiramente seu interesse sexual dos seres humanos**; contudo, pode tê-lo sublimado num interesse elevado pelo divino, pela natureza, ou pelo reino animal, sem que sua libido tenha sofrido introversão até suas fantasias ou retorno a seu ego." – p.88;

"Descrevamos agora, tomando qualquer parte do corpo, sua **atividade de enviar estímulos sexualmente excitantes à mente**, como sendo sua 'erogenicidade', e reflitamos, ainda, que as considerações nas quais se baseou **nossa teoria da sexualidade** de há muito nos habituaram à ideia de que certas outras partes do corpo – as zonas 'erógenas' – podem atuar como substitutos dos órgãos genitais e se comportar analogamente a eles." – p.91;

"Uma terceira maneira pela qual podemos abordar o estudo do narcisismo é através da observação da vida erótica dos seres humanos, com suas várias espécies de diferenciação no homem e na mulher. Assim como a libido objetal inicialmente ocultava de nossa observação a libido do ego, também em relação à escolha de objeto nas crianças de tenra idade (e nas crianças em crescimento) o que primeiro notamos foi que elas **derivavam seus objetos sexuais de suas experiências de satisfação**. **As primeiras satisfações sexuais autoeróticas são experimentadas em relação com funções vitais** que servem à finalidade de autopreservação. **Os instintos sexuais estão, de início, ligados à satisfação dos instintos do ego**; somente depois é que eles se tornam independentes destes, e mesmo então encontramos uma indicação dessa vinculação original no fato de que **os primeiros objetos sexuais de uma criança são as pessoas que se preocupam com sua alimentação**, cuidados e proteção: isto é, no primeiro caso, sua mãe ou quem quer que a substitua." – p.93-94;

"Descobrimos, de modo especialmente claro, em pessoas cujo desenvolvimento libidinal sofreu alguma perturbação, **tais como pervertidos e homossexuais**, que em sua escolha ulterior dos objetos amorosos elas adotaram como modelo não sua mãe mas seus próprios eus. Procuram inequivocamente a si mesmas como um objeto amoroso, e exibem um tipo de escolha objetal que deve ser denominado 'narcisista'. Nessa observação, temos o mais forte dos motivos que nos levaram a adotar a hipótese do narcisismo." – p.94;

"Não concluímos, contudo, que os seres humanos se acham divididos em dois grupos acentuadamente diferenciados, conforme sua escolha objetal se coadune com o tipo anaclítico ou o narcisista; pelo contrário, presumimos que ambos os tipos de escolha objetal estão abertos a cada indivíduo, embora ele possa mostrar preferência por um ou por outro. Dizemos que um ser **humano tem originalmente dois objetos sexuais** – **ele próprio e a mulher que cuida dele** – e ao fazê-lo estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos, o qual, em alguns casos, pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal." – p.94-95;

"O amor objetal completo do tipo de ligação é, propriamente falando, característico do indivíduo do sexo masculino. Ele exibe a acentuada **supervalorização sexual** que se origina, sem dúvida, do narcisismo original da criança, correspondendo assim a uma **transferência desse narcisismo para o objeto sexual**. **Essa supervalorização sexual** é a origem do estado peculiar de uma pessoa apaixonada, um estado que sugere uma compulsão neurótica, cuja origem pode, portanto, ser encontrada num empobrecimento do ego em relação à libido em favor do objeto amoroso. Já com o tipo feminino mais frequentemente encontrado, provavelmente o mais puro e o mais verdadeiro, o mesmo não ocorre. Com o começo da puberdade, **o amadurecimento dos órgãos sexuais femininos**, até então em estado de latência, parece ocasionar a intensificação do narcisismo original, e isso é **desfavorável para o**

desenvolvimento de uma verdadeira escolha objetal com a concomitante supervalorização sexual." – p.95;

"Talvez não seja fora de propósito apresentar aqui a certeza de que essa descrição da forma feminina de vida erótica não se deve a qualquer desejo tendencioso de minha parte no sentido de depreciar as mulheres. Afora o fato de essa tendenciosidade ser inteiramente estranha a mim, sei que essas diferentes linhas de desenvolvimento correspondem à diferenciação de funções num todo biológico altamente complicado; além disso, estou pronto a admitir que existe um número bem grande de mulheres que amam de acordo com os moldes do tipo masculino e que **também desenvolvem a supervalorização sexual** própria àquele tipo." – p.96;

"O que eu disse até agora à guisa de indicação pode ser concluído por um breve sumário dos caminhos que levam à escolha de um objeto.

Uma pessoa pode amar:

(1) Em conformidade com o tipo narcisista:

(a) o que ela própria é (isto é, ela mesma),

(b) o que ela própria foi,

(c) o que ela própria gostaria de ser,

(d) alguém que foi uma vez parte dela mesma.

(2) Em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação):

(a) a mulher que a alimenta,

(b) o homem que a protege,

e a sucessão de substitutos que tomam o seu lugar. A inclusão do caso (c) do primeiro tipo não pode ser justificada até uma etapa posterior deste exame.

A significância da **escolha objetal narcisista para a homossexualidade nos homens** deve ser considerada em relação a outra coisa." – p.97;

"Se prestarmos atenção à atitude de pais afetuosos para com os filhos, temos de reconhecer que ela é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram. O indicador digno de confiança constituído pela supervalorização, que já reconhecemos como um estigma narcisista no caso da escolha objetal, domina, como todos nós sabemos, sua atitude emocional. Assim eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho – o que uma observação sóbria não permitiria – e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele. (Incidentalmente, **a negação da sexualidade nas crianças está relacionada a isso**.)" – p.97;

"Os distúrbios aos quais o narcisismo original de uma criança se acha exposto, as reações com que ela procura proteger-se deles e os caminhos aos quais fica sujeita ao fazê-lo – tais são os temas que proponho deixar de lado, como importante campo de trabalho ainda por explorar. Sua parte mais importante, contudo, pode ser isolada sob a forma do 'complexo de castração'

(nos meninos, a ansiedade em relação ao pênis; nas meninas, a inveja do pênis) e tratada em conexão com o efeito da **coerção inicial da atividade sexual**." – p.99;

"Somos naturalmente levados a examinar a relação entre essa formação de um ideal e a sublimação. A sublimação é um processo que diz respeito à libido objetal e consiste no fato de o instinto se dirigir no sentido de uma **finalidade diferente e afastada da finalidade da satisfação sexual**; nesse processo, a tônica recai na **deflexão da sexualidade**. A idealização é um processo que diz respeito ao *objeto*; por ela, esse objeto, sem qualquer alteração em sua natureza, é engrandecido e exaltado na mente do indivíduo. A idealização é possível tanto na esfera da libido do ego quanto na da libido objetal. Por exemplo, **a supervalorização sexual de um objeto** é uma idealização do mesmo. Na medida em que a sublimação descreve algo que tem que ver com o instinto, e a idealização, algo que tem que ver com o objeto, os dois conceitos devem ser distinguidos um do outro." – p.101;

"Dessa forma, grandes quantidades de **libido de natureza essencialmente homossexual** são introduzidas na formação do ideal do ego narcisista, encontrando assim um escoadouro e satisfação em conservá-lo. A instituição da consciência foi, no fundo, uma personificação, primeiro da crítica dos pais, e, subsequentemente, da sociedade – processo que se repete quando uma tendência à repressão se desenvolve de uma proibição ou obstáculo que proveio, no primeiro caso, de fora. As vozes, bem como a multidão indefinida, são reconduzidas ao primeiro plano pela doença, e assim a evolução da consciência se reproduz de forma regressiva. Mas a revolta contra esse 'agente de censura' brota não só do desejo, por parte do indivíduo (de acordo com o caráter fundamental de sua doença), de libertar-se de todas essas influências, a começar pela dos pais, mas também do fato de **retirar sua libido homossexual delas**. A consciência do paciente então se confronta com ele de maneira regressiva, como sendo uma influência hostil vinda de fora." – p.102-103;

"Aplicando nossa **distinção entre os instintos sexuais e os do ego**, devemos reconhecer que a autoestima depende intimamente da libido narcisista." – p.104;

"A compreensão da impotência, da própria incapacidade de amar, em consequência de perturbação física ou mental, exerce um efeito extremamente diminuidor sobre a autoestima. Aqui, em minha opinião, devemos procurar uma das fontes dos sentimentos de inferioridade experimentados por pacientes que sofrem de neuroses de transferência, sentimentos que esses pacientes estão prontos a relatar. A principal fonte desses sentimentos é, contudo, o empobrecimento do ego, por causa das enormes catexias libidinais dele retiradas – por causa, vale dizer, do dano sofrido pelo ego em função de **tendências sexuais** que já não estão sujeitas a controle." – p.105;

"As neuroses fazem uso de tais inferioridades como um pretexto, assim como o fazem em relação a qualquer outro fator que se preste a isso. Somos tentados a acreditar numa paciente neurótica quando ela nos diz que era inevitável adoecer, visto que, por ser feia, deformada ou carente de encantos, ninguém poderia amá-la; logo, porém, outra neurótica nos prestará melhores esclarecimentos – pois persiste em sua neurose **e em sua aversão à sexualidade,**

embora pareça mais desejável, e seja, de fato, mais desejada, do que a mulher comum." – p.105-106;

"O ideal do ego impõe severas condições à satisfação da libido por meio de objetos, pois ele faz com que alguns deles sejam rejeitados por seu censor como sendo incompatíveis onde não se formou tal ideal, **a tendência sexual em questão aparece inalterada na personalidade sob a forma de uma perversão**. Tornar a ser seu próprio ideal, como na infância, no que diz respeito às **tendências sexuais** não menos do que às outras – isso é o que as pessoas se esforçam por atingir como sendo sua felicidade." – p.107;

"O estar apaixonado consiste num fluir da libido do ego em direção ao objeto. Tem o poder de remover as repressões e de reinstalar as perversões. **Exalta o objeto sexual** transformando-o **num ideal sexual**. Visto que, com o tipo objetal (ou tipo de ligação), o estar apaixonado ocorre em virtude da realização das condições infantis para amar, podemos dizer que qualquer coisa que satisfaça essa condição é idealizada." – p.107;

"**O ideal sexual** pode fazer parte de uma interessante relação auxiliar com o ideal do ego. Ele pode ser empregado para satisfação substitutiva onde a satisfação narcisista encontra reais entraves. Nesse caso, uma pessoa amará segundo o tipo narcisista de escolha objetal: amará o que foi outrora e não é mais, ou então o que possui as excelências que ela jamais teve. A fórmula paralela à que se acaba de mencionar diz o seguinte: o que possui a excelência que falta ao ego para torná-lo ideal é amado. Esse expediente é de especial importância para o neurótico, que, por causa de suas excessivas catexias objetais, é empobrecido em seu ego, sendo incapaz de realizar seu ideal do ego. Ele procura então retornar, de seu pródigo dispêndio da libido em objetos, ao narcisismo, **escolhendo um ideal sexual segundo o tipo narcisista que possui as excelências que ele não pode atingir**. Isso é a cura pelo amor, que ele geralmente prefere à cura pela análise" – p.107;

"O ideal do ego desvenda um importante panorama para a compreensão da psicologia de grupo. Além do seu aspecto individual, esse ideal tem seu aspecto social; constitui também o ideal comum de uma família, uma classe ou uma nação. Ele vincula não somente a libido narcisista de uma pessoa, mas também **uma quantidade considerável de sua libido homossexual**, que dessa forma retorna ao ego. **A falta de satisfação que brota da não realização desse ideal libera a libido homossexual**, sendo esta transformada em sentimento de culpa (ansiedade social). Originalmente esse sentimento de culpa era o temor de punição pelos pais, ou, mais corretamente, o medo de perder o seu amor; mais tarde, os pais são substituídos por um número indefinido de pessoas. A frequente causação da paranoia por um dano ao ego, por uma frustração da satisfação dentro da esfera do ideal do ego, é tornada assim mais inteligível, bem como a convergência da formação do ideal e da sublimação no ideal do ego, e ainda a involução das sublimações e a possível transformação de ideais em perturbações parafrênicas." – p.108;

ARTIGOS SOBRE METAPSICOLOGIA (1915)

1. OS INSTINTOS E SUAS VICISSITUDES (1915)

"Propus que se distingam dois grupos de tais instintos primordiais: os instintos do ego, ou *autopreservativos*, e **os instintos sexuais**. Mas essa suposição não tem *status* de postulado necessário, como tem, por exemplo, nossa suposição sobre a finalidade biológica do aparelho mental; ela não passa de uma hipótese de trabalho, a ser conservada apenas enquanto se mostrar útil, e pouca diferença fará aos resultados do nosso trabalho de descrição e classificação se for substituída por outra. A ocasião para essa hipótese surgiu no decurso da evolução da psicanálise, que foi empregada pela primeira vez nas psiconeuroses, ou, mais precisamente, no grupo descrito como 'neuroses de transferência' (histeria e neurose obsessiva); estas revelaram que, **na raiz de todas as afecções desse tipo, se encontra um conflito entre as exigências da sexualidade e as do ego**. É sempre possível que um estudo exaustivo das outras afecções neuróticas (em especial das psiconeuroses narcisistas, das esquizofrenias) possa obrigar-nos a alterar essa fórmula e proceder a uma diferente classificação dos instintos primordiais. Mas, por enquanto, não conhecemos essa fórmula, nem encontramos qualquer argumento desfavorável para traçar esse **contraste entre os instintos sexuais e os do ego**." – p.129-130;

"Aqui, a contribuição da biologia por certo não vai de encontro à **distinção entre os instintos sexuais e os do ego**. A biologia ensina que **a sexualidade não deve ser colocada em pé de igualdade com outras funções do indivíduo**, pois suas finalidades ultrapassam o indivíduo e têm como seu conteúdo a produção de novos indivíduos – isto é, a preservação da espécie. Ela mostra, ainda, que dois conceitos, ao que tudo indica igualmente bem fundamentados, podem ser adotados quanto à **relação entre o ego e a sexualidade**. De um ponto de vista, o indivíduo é a coisa principal, sendo **a sexualidade uma das suas atividades e a satisfação sexual uma de suas necessidades**; ao passo que, de outro ponto de vista, o indivíduo é um apêndice temporário e passageiro do idioplasma quase imortal, que é confiado a ele pelo processo de geração. **A hipótese de que a função sexual difere de outros processos corpóreos** em virtude de uma química especial também é, creio eu, um postulado da escola de pesquisa biológica de Ehrlich." – p.130;

"A psicanálise, contudo, em consequência do curso tomado pelo seu desenvolvimento, até agora só tem sido capaz de nos proporcionar **informações de natureza razoavelmente satisfatória acerca dos *instintos* sexuais**, pois este é precisamente o único grupo que pode ser observado isoladamente, por assim dizer, nas psiconeuroses." – p.131;

"Isso é tudo que pode ser dito à guisa de uma **caracterização geral dos instintos sexuais**. São numerosos, emanam de grande variedade de fontes orgânicas, atuam em princípio independentemente um do outro e só alcançam uma síntese mais ou menos completa numa etapa posterior. A finalidade pela qual cada um deles luta é a consecução do 'prazer do órgão', somente quando a síntese é alcançada é que eles entram a serviço da função reprodutora, tornando-se então identificáveis, de modo geral, como **instintos sexuais**. Logo que surgem, estão ligados aos instintos da autopreservação, dos quais só gradativamente se separam; também na sua escolha objetal, seguem os caminhos indicados pelos instintos do ego. Parte deles permanece associada aos instintos do ego pela vida inteira, fornecendo-lhes componentes libidinais, que, no funcionamento normal, escapam à observação com facilidade, só sendo revelados de maneira clara no início da doença. Distinguem-se por possuírem em ampla medida

a capacidade de agir vicariamente uns pelos outros, e por serem capazes de mudar prontamente de objetos. Em consequência dessas últimas propriedades, são capazes de funções que se acham muito distantes de suas ações intencionais originais – isto é, capazes de 'sublimação'" – p.131;

"Nossa investigação sobre as várias vicissitudes pelas quais passam os instintos no processo de desenvolvimento e no decorrer da vida deve ficar confinada aos **instintos sexuais**, que nos são mais familiares. A observação nos mostra que um instinto pode passar pelas seguintes vicissitudes:

Reversão a seu oposto.

Retorno em direção ao próprio eu (*self*) do indivíduo.

Repressão.

Sublimação." – p.132;

"A psicanálise pareceria demonstrar que infligir dor não desempenha um papel entre as ações intencionais originais do instinto. Uma criança sádica não se apercebe de que inflige dor ou não, nem pretende fazê-lo. Mas, uma vez ocorrida a transformação em masoquismo, a dor é muito apropriada para proporcionar uma finalidade masoquista passiva, pois temos todos os motivos para acreditar que as sensações de dor, assim como outras sensações desagradáveis, **beiram a excitação sexual e produzem uma condição agradável**, em nome da qual o sujeito, inclusive, experimentará de boa vontade o desprazer da dor. Uma vez que sentir dor se transforme numa finalidade masoquista, a finalidade sádica de *causar* dor também pode surgir, retrogressivamente, pois, enquanto essas dores estão sendo infligidas a outras pessoas, são fruídas masoquisticamente pelo sujeito através da identificação dele com o objeto sofredor. Em ambos os casos, naturalmente, não é a dor em si que é fruída, mas a **excitação sexual** concomitante – de modo que isso pode ser feito de uma maneira especialmente conveniente a partir da posição sádica. A fruição da dor seria, assim, uma finalidade originalmente masoquista, que só pôde tornar-se uma finalidade instintual em alguém que era originalmente sádico." – p.134;

"(a). Para o início de sua atividade, o instinto escopofílico é autoerótico; ele possui na realidade um objeto, mas esse objeto é parte do próprio corpo do sujeito. Só mais tarde é que o instinto é levado, por um processo de comparação, a trocar esse objeto por uma parte análoga do corpo de outrem – fase (a). Essa fase preliminar é interessante porque constitui a fonte de ambas as situações representadas no par de opostos resultante, uma ou outra dependendo do elemento modificado na situação original. O que se segue poderia servir de quadro diagramático do instinto escopofílico:

(alfa) Alguém olhando para um **órgão sexual** – Um **órgão sexual** sendo olhado por alguém

(beta) Alguém olhando para um objeto estranho (escopofilia ativa)

(gama) Um objeto que é alguém ou parte de alguém sendo olhado por uma pessoa estranha (exibicionismo)

Esse tipo de fase preliminar se acha ausente no sadismo, que desde o começo é dirigido para um objeto estranho, embora talvez não fosse inteiramente absurdo compor tal fase a partir dos esforços da criança para obter controle sobre seus próprios membros." – p.135;

"Ficamos habituados a denominar a fase inicial do desenvolvimento do ego, **durante a qual seus instintos sexuais encontram satisfação autoerótica, de 'narcisismo'**, sem de imediato travarmos um debate sobre a relação entre o autoerotismo e o narcisismo. Segue-se que a fase preliminar do instinto escopofílico, na qual o próprio corpo do sujeito é o objeto da escopofilia, deve ser classificada sob o narcisismo, e que devemos descrevê-la como uma formação narcisista. O instinto escopofílico ativo desenvolve-se a partir daí, deixando o narcisismo para trás. O instinto escopofílico passivo, pelo contrário, aferra-se ao objeto narcisista. De maneira semelhante, a transformação do sadismo em masoquismo acarreta um retorno ao objeto narcisista. E em ambos esses casos [isto é, na escopofilia passiva e no masoquismo] o *sujeito* narcisista é, através da identificação, substituído por outro ego, estranho." – p.137;

"Nesse ponto podemos recordar que até agora consideramos apenas dois pares de instintos opostos: sadismo-masoquismo e escopofilia-exibicionismo. **Estes são os instintos sexuais mais conhecidos** que aparecem de maneira ambivalente. **Os outros componentes da função sexual ulterior** não são ainda suficientemente acessíveis à análise para que possamos examiná-los de maneira semelhante. Em geral, podemos assegurar, em relação a eles, que suas atividades são *autoeróticas*; isto é, seu objeto é insignificante em comparação com o órgão que lhes serve de fonte, via de regra coincidindo com esse órgão." – p.137;

"O caso de amor e ódio adquire especial interesse pela circunstância de que se recusa a ajustar-se a nosso esquema dos instintos. É impossível duvidar de que exista a mais íntima das **relações entre esses dois sentimentos opostos e a vida sexual**, mas naturalmente relutamos em pensar no amor como sendo uma espécie de instinto **componente específico da sexualidade**, da mesma forma que os outros que vimos examinando. Preferiríamos considerar o **amor como sendo a expressão de *toda* a corrente sexual de sentimento**, mas essa ideia não elucida nossas dificuldades e não podemos ver que significado poderia ser atribuído a um conteúdo oposto dessa corrente.

O amor não admite apenas um, mas três opostos. Além da antítese 'amar-odiar', existe a outra de 'amar-ser amado'; além destas, o amar e o odiar considerados em conjunto são o oposto da condição de desinteresse ou indiferença. A segunda dessas três antíteses, amar-ser amado, corresponde exatamente à transformação da atividade em passividade e pode remontar a uma situação subjacente, da mesma forma que no caso do instinto escopofílico. Essa situação é a de *amar-se a si próprio*, que consideramos como sendo o traço característico do narcisismo. Então, conforme o objeto ou o sujeito seja substituído por um estranho, o que resulta é a finalidade ativa de amar ou a passiva de ser amado – ficando a segunda perto do narcisismo.

Talvez cheguemos a uma melhor compreensão dos vários opostos do amar, se refletirmos que nossa vida mental como um todo se rege por *três polaridades*, as antíteses

Sujeito (ego) – Objeto (mundo externo),

Prazer – Desprazer, e

Ativo – Passivo.” – p.138;

“Assim, a palavra ‘amar’ desloca-se cada vez mais para a esfera da pura relação de prazer entre o ego e o objeto, e finalmente **se fixa a objetos sexuais no sentido mais estrito e àqueles que satisfazem as necessidades dos instintos sexuais sublimados**. A **distinção entre os instintos do ego e os instintos sexuais** que impusemos à nossa psicologia é dessa forma encarada como estando em conformidade com o espírito de nossa língua. O fato de não termos o hábito de dizer que **um instinto sexual isolado ama o seu objeto**, mas considerarmos a relação **entre o ego e seu objeto sexual como o caso mais apropriado no qual empregar a palavra ‘amor’** – esse fato nos ensina que a palavra só pode começar a ser aplicada nesse sentido após ter havido uma **síntese de todos os instintos componentes da sexualidade sob a primazia dos órgãos genitais e a serviço da função reprodutora**.” – p.142;

“É digno de nota que no uso da palavra **‘ódio’ não aparece essa conexão íntima com o prazer sexual e a função sexual**. A relação de *desprazer* parece ser a única decisiva. O ego odeia, abomina e persegue, com intenção de destruir, todos os objetos que constituem uma fonte de sensação desagradável para ele, **sem levar em conta que significam uma frustração quer da satisfação sexual**, quer da satisfação das necessidades autopreservativas. Realmente, pode-se asseverar que **os verdadeiros protótipos da relação de ódio se originam não da vida sexual**, mas da luta do ego para preservar-se e manter-se.” – p.142-143;

“Resta-nos agora reunir o que sabemos da gênese do amor e do ódio. O amor deriva da capacidade do ego de satisfazer autoeroticamente alguns dos seus impulsos instintuais pela obtenção do prazer do órgão. É originalmente narcisista, passando então para objetos, que foram incorporados ao ego ampliado, e expressando os esforços motores do ego em direção a esses objetos como fontes de prazer. Torna-se intimamente **vinculado à atividade dos instintos sexuais** ulteriores e, quando estes são inteiramente sintetizados, **coincide com o impulso sexual como um todo. As fases preliminares do amor surgem como finalidades sexuais provisórias enquanto os instintos sexuais passam por seu complicado desenvolvimento**. Reconhecemos a fase de incorporação ou devoramento como sendo a primeira dessas finalidades – um tipo de amor que é compatível com a abolição da existência separada do objeto e que, portanto, pode ser descrito como ambivalente. Na fase mais elevada da organização sádico-anal pré-genital, a luta pelo objeto aparece sob a forma de uma ânsia (*urge*) de dominar, para a qual o dano ou o aniquilamento do objeto é indiferente. O amor nessa forma e nessa fase preliminar quase não se distingue do ódio em sua atitude para com o objeto. Só depois de estabelecida a organização genital é que o amor se torna o oposto do ódio.

O ódio, enquanto relação com objetos, é mais antigo que o amor. Provém do repúdio primordial do ego narcisista ao mundo externo com seu extravasamento de estímulos. Enquanto expressão da reação do desprazer evocado por objetos, sempre permanece numa relação íntima com os instintos autopreservativos, de modo que **os instintos sexuais e os do ego** possam prontamente desenvolver uma antítese que repete a do amor e do ódio. Quando os **instintos do ego dominam a função sexual**, como é o caso na fase da organização anal-sádica, eles transmitem as qualidades de ódio também à finalidade instintual.” – p.143-144;

2. REPRESSÃO (1915)

"[...] direi de antemão que (1) o mecanismo de repressão de fato não coincide com o mecanismo ou mecanismos da formação de substitutos, (2) existem numerosos e diferentes mecanismos de formação de substitutos e (3) os mecanismos de repressão têm pelo menos uma coisa em comum: *uma retirada da catexia de energia* (ou da *libido*, quando lidamos com **os instintos sexuais**)." – p.159;

3. O INCONSCIENTE (1915)

"Esforcemo-nos tentativamente por apresentar uma descrição metapsicológica do processo de repressão nas três neuroses de transferência que nos são familiares. Aqui podemos substituir 'catexia' por 'libido', porque, como sabemos, estaremos lidando com as vicissitudes dos **impulsos sexuais**." – p.186;

4. SUPLEMENTO METAPSICOLÓGICO À TEORIA DOS SONHOS (1917[1915])

Não consta.

5. LUTO E MELANCOLIA (1917[1915])

Não consta.

UM CASO DE PARANOIA QUE CONTRARIA A TEORIA PSICANALÍTICA DA DOENÇA (1915)

"Quase não preciso justificar minha concordância com esse julgamento. Mas o caso tinha um interesse especial para mim, além de um mero diagnóstico. Já se expressara, na literatura psicanalítica, o conceito de que os pacientes que sofrem de paranoia lutam contra uma **intensificação de suas tendências homossexuais** – fato que aponta para uma escolha objetal narcisista. E posteriormente já se fizera uma outra interpretação: que o perseguidor é, no fundo, alguém que o paciente ama ou já amou no passado. Uma síntese das duas proposições nos levaria à conclusão necessária de que o perseguidor deve ser do mesmo sexo que a pessoa perseguida. Não sustentamos, é verdade, como universalmente válida e sem exceção, a tese de que a paranoia é **determinada pelo homossexualismo**, mas isso apenas porque nossas observações não eram suficientemente numerosas; tratava-se de uma dessas teses que, em vista de certas considerações, só se tornam importantes quando se pode reivindicar para elas uma aplicação universal." – p.273;

"Na literatura psiquiátrica, por certo, não faltam casos em que o paciente se imagina perseguido por uma pessoa de sexo oposto. Uma coisa, contudo, é ler a respeito de tais casos, e outra bem diversa é entrar em contato pessoal com um deles. Minhas próprias observações e análises, e as dos meus amigos, haviam até então confirmado a **relação entre a paranoia e o homossexualismo** sem qualquer dificuldade. Mas o presente caso contradizia isso com toda ênfase. A moça parecia estar-se defendendo contra o amor por um homem, transformando diretamente o amante num perseguidor: não havia sinais da influência de uma mulher, **nenhum vestígio de luta contra uma ligação homossexual**." – p.273;

"Nessas circunstâncias, a coisa mais simples teria sido abandonar a teoria de que o delírio de perseguição invariavelmente depende do **homossexualismo**, abandonando ao mesmo tempo tudo o que decorria dessa teoria. Ou abandonamos a teoria, ou, em vista desse afastamento de nossas expectativas, devemos tomar o partido do advogado e presumir que não se tratavam de uma combinação paranoica, mas de uma experiência real que fora corretamente interpretada. Contudo, vi outra saída, pela qual um veredicto final poderia ser momentaneamente adiado. Recordei-me de quantas vezes são adotados conceitos errôneos sobre pessoas psiquicamente doentes, simplesmente porque o médico não as estudou suficientemente e, assim, não aprendeu o bastante a seu respeito. Por conseguinte, disse que não podia formar uma opinião imediata, e pedi à paciente que me fizesse outra visita, quando então poderia relatar-me sua história mais uma vez, com maior amplitude, e acrescentar quaisquer detalhes subsidiários que talvez tivessem sido omitidos. Graças à influência do advogado, consegui essa promessa da relutante paciente; ele ainda me ajudou de outra maneira, dizendo que em nosso segundo encontro sua presença seria desnecessária." – p.273-274;

"Em primeiro lugar, essa nova informação elimina quaisquer dúvidas quanto à natureza patológica de sua suspeita. É fácil ver que a idosa chefe de cabelos brancos era uma substituta da mãe; que, apesar da sua juventude, o amante fora posto no lugar do pai dela; e que fora a força do seu complexo materno que impelira a paciente a suspeitar de uma relação amorosa entre esses parceiros mal ajustados, por mais improvável que tal relação pudesse ser. Além do mais, isso remove a aparente contradição com a expectativa, baseada na teoria psicanalítica, de que o desenvolvimento de um delírio de perseguição virá a ser determinado por **uma ligação homossexual muito poderosa**. Aqui, o perseguidor *original* – o agente de cuja influência a paciente deseja escapar – é mais uma vez não um homem mas uma mulher. A chefe soube da relação amorosa da moça, desaprovou-a, e demonstrou sua desaprovação mediante insinuações misteriosas. O apreço da paciente a seu próprio sexo se opunha a suas tentativas de adotar uma pessoa do outro sexo como objeto amoroso. Seu amor pela mãe se tornara o porta-voz de todas as tendências que, desempenhando o papel de uma 'consciência', procuram embargar o primeiro passo de uma moça na nova estrada que leva **à satisfação sexual normal** – sob muitos aspectos perigosa –, e na realidade conseguiu perturbar sua relação com homens." – p.274-275;

"Quando uma mãe obsta ou detém **a atividade sexual de uma filha**, está realizando uma função normal cujos fundamentos são estabelecidos pelos eventos na infância, cujos motivos são perigosos e inconscientes, e que recebeu a sanção da sociedade. Constitui tarefa da filha emancipar-se dessa influência e resolver por si mesma, num terreno amplo e racional, qual **deverá ser sua parcela de fruição ou negação do prazer sexual**." – p.275;

"Sabemos que nossa paciente era órfã de pai havia muitos anos: também podemos supor que ela não deveria ter-se conservado afastada de homens até a idade de trinta anos, se não tivesse sido apoiada por uma poderosa ligação emocional com sua mãe. Esse apoio tornou-se um pesado jugo quando sua libido começou a se voltar para um homem em resposta a seus insistentes galanteios. Ela tentou libertar-se, desfazer-se de sua **ligação homossexual**; e sua disposição, que não precisa ser examinada aqui, permitiu que isso ocorresse sob a forma de um delírio paranoico." – p.275;

"Entre o acervo de fantasias inconscientes de todos os neuróticos, e provavelmente de todos os seres humanos, existe uma que raramente se acha ausente e que pode ser revelada pela análise: é **a fantasia de observar as relações sexuais dos pais**. Chamo tais **fantasias** – **da observação do ato sexual dos pais, da sedução, da castração e outras** – **de 'fantasias primevas'**; examinarei, em outro lugar, com detalhes, sua origem e sua relação com a experiência individual." – p.276;

"O amante da paciente ainda era o pai dela, e ela própria havia tomado o lugar da mãe. O papel de ouvinte tinha de ser atribuído a uma terceira pessoa. Podemos ver por que meio a moça se libertou de sua **dependência homossexual** em relação à mãe. Foi por meio de uma pequena regressão: em vez de escolher sua mãe como objeto amoroso, identificou-se com ela – ela própria se *tornou* a mãe. A possibilidade dessa regressão aponta para a origem narcisista de sua **escolha objetal homossexual** e assim para sua disposição paranoica. Poder-se-ia esboçar um encadeamento de pensamentos que provocaria o mesmo resultado que essa identificação: 'Se minha mãe o faz, eu também posso fazê-lo; tenho o mesmo direito que ela.'" – p.277;

"Consideremos mais uma vez o fato relevante de que a paciente se protegia contra seu amor por um homem por meio de um delírio paranoico. A chave da compreensão disso deve ser encontrada no histórico do desenvolvimento do delírio. Como poderíamos ter esperado, este visava, a princípio, à mulher. Agora, porém, *nessa base paranoica, realizava-se o avanço de um objeto feminino para um masculino.* Tal avanço é inusitado na paranoia; em geral, verificamos que a vítima da perseguição permanece fixada nas mesmas pessoas e, portanto, no mesmo sexo ao qual pertenciam seus objetos amorosos antes que se verificasse a transformação paranoica. Entretanto, a desordem neurótica não impede um avanço dessa espécie, e nossa observação pode ser típica em relação a muitos outros. Muitos processos semelhantes, que ocorrem fora da paranoia, ainda não foram encarados por esse ângulo, encontrando-se entre eles alguns muito familiares. Por exemplo, a assim chamada ligação inconsciente do neurastênico a objetos amorosos incestuosos impede-o de **escolher uma mulher estranha como seu objeto e restringe sua atividade sexual à fantasia**. Mas, dentro dos limites da fantasia, ele alcança o progresso que lhe é negado e consegue substituir a mãe e a irmã por objetos estranhos. De uma vez que o veto da censura não entra em ação no que diz respeito a esses objetos, ele pode tornar-se consciente, em suas fantasias, da escolha dessas figuras substitutas." – p.278-279;

REFLEXÕES PARA OS TEMPOS DE GUERRA E MORTE (1915)

"A sociedade civilizada, que exige boa conduta e não se preocupa com a base instintual dessa conduta, conquistou assim a obediência de muitas pessoas que, para tanto, deixam de seguir suas próprias naturezas. Estimulada por esse êxito, a sociedade se permitiu o engano de tornar maximamente rigoroso o padrão moral, e assim forçou os seus membros a um alheamento ainda maior de sua disposição instintual. Consequentemente, eles estão sujeitos a uma incessante supressão do instinto, e a tensão resultante disso se trai nos mais notáveis fenômenos de reação e compensação. **No domínio da sexualidade**, onde é mais difícil realizar essa supressão, o resultado se manifesta nos fenômenos reativos das desordens neuróticas." – p.293;

SOBRE A TRANSITORIEDADE (1916 [1915])

Não consta.

ALGUNS TIPOS DE CARÁTER ENCONTRADOS NO TRABALHO PSICANALÍTICO (1916)

"O trabalho analítico não encontra dificuldade alguma em demonstrar que são as forças da consciência que proíbem ao indivíduo obter a tão almejada vantagem proveniente da feliz mudança da realidade. Constitui tarefa difícil, contudo, descobrir a essência e a origem dessas tendências julgadoras e punitivas, cuja existência, onde não esperamos encontrá-las, tantas vezes nos surpreende. Pelas razões habituais, não examinarei o que sabemos ou conjecturamos em relação a casos de observação clínica, mas em relação a figuras que grandes autores criaram a partir de seu rico conhecimento da mente.

Podemos tomar como exemplo de pessoa que sucumbe ao atingir o êxito, após lutar exclusivamente por ele com todas as suas forças, a figura de Lady Macbeth, criada por Shakespeare. De início, não há qualquer hesitação, qualquer sinal de conflito interno nela, qualquer esforço senão o de vencer os escrúpulos de seu ambicioso, embora compassivo, marido. Ela se mostra pronta a sacrificar até mesmo sua feminilidade à sua intenção assassina, sem refletir no papel decisivo que esta feminilidade deverá desempenhar quando, posteriormente, surgir a questão de preservar a finalidade de sua ambição, alcançada através de um crime.

Vinde, espíritos sinistros

Que servis aos desígnios assassinos!

Dessexuai-me, enchei-me, da cabeça

Aos pés, da mais horrível crueldade!

(Ato I, Cena 5)" – p.333;

"Seria um exemplo perfeito de justiça poética à maneira de talião se a ausência de filhos de Macbeth e a infecundidade de sua Lady fossem o castigo pelos seus crimes contra a santidade da geração – se Macbeth não pudesse tornar-se pai porque roubara de um pai os filhos, e dos filhos um pai, e se Lady Macbeth sofresse **o assexuamento** que exigira dos espíritos do assassinato." – p.337;

"Mesmo após a confissão dela, Rosmer, na última conversa entre os dois que encerra a peça, mais uma vez lhe suplica que seja sua esposa. Perdoa-lhe o crime que ela cometeu em nome do amor que sentia por ele. E agora ela não responde, como devia, perdão algum pode livrá-la do sentimento de culpa em que incorreu por ter maldosamente enganado a pobre Beata; mas se recrimina por outra coisa que nos atinge por originar-se estranhamente dessa livre-pensadora, e está longe de merecer a importância que Rebecca lhe atribui: 'Querido – nunca mais fale nisso! É impossível! Pois você deve saber, Rosmer, que eu tenho um… um passado.' Ela quer dizer, naturalmente, que **teve relações sexuais com outro homem**, e não deixamos de observar que essas relações, que ocorreram numa época em que ela era livre e não tinha de dar contas a ninguém, lhe parecem um empecilho maior à união com Rosmer do que seu verdadeiro comportamento criminoso para com a esposa dele." – p.342;

"Um exame da primeira questão mantinha a promessa de nos trazer informações sobre a fonte do sentimento de culpa da humanidade em geral. O resultado invariável do trabalho analítico era demonstrar que esse obscuro sentimento de culpa provinha do complexo de Édipo e constituía uma reação às duas grandes intenções criminosas de matar o pai e de ter **relações sexuais com a mãe**." – p.347;

BREVES ESCRITOS (1915-1916)

1. **Um paralelo mitológico com uma obsessão visual**

"Ajudará à explicação desse sintoma, mais absurdo do que o comum, a menção de que o paciente, homem de intelecto plenamente desenvolvido e elevados ideais morais, manifestou um erotismo anal muito vívido, das mais variadas formas, até os dez anos de idade. Superado isso, **sua vida sexual** foi mais uma vez forçada a voltar à fase anal preliminar devido à sua luta ulterior contra o erotismo genital." – p.351;

2. **Uma ligação entre um símbolo e um sintoma**

Não consta.

3. **Carta à dra. Hermine von Hug-Hellmuth (1919[1915])**

"O diário é uma pequena joia. Realmente acredito que jamais foi possível obter uma visão tão nítida e verdadeira dos impulsos mentais que caracterizam o desenvolvimento de uma jovem em nosso meio social e cultural durante os anos que precedem a puberdade. Temos a indicação de como seus sentimentos desabrocham de um egoísmo infantil até alcançarem a maturidade social; aprendemos que forma assumem inicialmente suas relações com os pais e com os irmãos e irmãs, e como gradativamente ganham em seriedade e sentimento interior; como as amizades são feitas e desfeitas; como sua afeição vai tateando no sentido de seus primeiros objetos; e, acima de tudo, **como o segredo da vida sexual começa a despontar indistintamente**, adquirindo então plena posse da mente da criança; como, na consciência de seu conhecimento secreto, ela inicialmente sofre, mas pouco a pouco supera isso." – p.355;

XIII. CONFERÊNCIAS INTRODUTÓRIAS SOBRE PSICANÁLISE (PARTE I E II) (1915-1916)

Volume 15 (FREUD, 1996m)

PARTE I – PARAPRAXIAS (1916 [1915])

1. **CONFERÊNCIA I – INTRODUÇÃO**

"Essa segunda tese, que a psicanálise apresenta como uma de suas descobertas, é uma afirmação no sentido de que os impulsos instintuais que apenas podem ser descritos como **sexuais**, tanto no sentido estrito como no sentido mais amplo do termo, desempenham na causação das doenças nervosas e mentais um papel extremamente importante e nunca, até o momento, reconhecido. Ademais, afirma que esses mesmos **impulsos sexuais** também fornecem contribuições, que não podem ser subestimadas, às mais elevadas criações culturais, artísticas e sociais do espírito humano." – p.32;

"Entre as forças instintuais que têm esse destino, os **impulsos sexuais** desempenham uma parte importante, nesse processo eles são sublimados – isto é, são desviados de suas **finalidades sexuais** e dirigidos a outras, socialmente mais elevadas e **não mais sexuais**. Esse arranjo, contudo, é instável; os **instintos sexuais** são imperfeitamente subjugados e, no caso de cada indivíduo que se supõe juntar-se ao trabalho da civilização, há um risco de seus **instintos sexuais** se rebelarem contra essa destinação. A sociedade acredita não existir maior ameaça que se possa levantar contra sua civilização do que a possibilidade de os **instintos sexuais** serem liberados e retornarem às suas finalidades originais. Por esse motivo, a sociedade não quer ser lembrada dessa parte precária de seus alicerces. Não tem interesse em reconhecer a força dos **instintos sexuais**, nem interesse pela demonstração da **importância da vida sexual** para o indivíduo." – p.32-33;

2. **CONFERÊNCIA II** – **PARAPRAXIAS**

Não consta.

3. **CONFERÊNCIA III** – **PARAPRAXIAS (continuação)**

Não consta.

4. **CONFERÊNCIA IV** – **PARAPRAXIAS (conclusão)**

Não consta.

PARTE II - SONHOS (1916 [1915-1916])

1. **CONFERÊNCIA V** – **DIFICULDADES E ABORDAGENS INICIAIS**

Não consta.

2. **CONFERÊNCIA VI** – **PREMISSAS E TÉCNICA DE INTERPRETAÇÃO**

Não consta.

3. **CONFERÊNCIA VII** – **O CONTEÚDO MANIFESTO DOS SONHOS E OS PENSAMENTOS ONÍRICOS LATENTES**

Não consta.

4. **CONFERÊNCIA VIII** – **SONHOS DE CRIANÇAS**

"Em todo caso, ainda há uma outra classe de sonhos que se apresentam não deformados e que, como os sonhos de crianças, facilmente podem ser reconhecidos como realizações de desejos. Estes são os sonhos que, em qualquer época da vida, são suscitados por necessidades corporais imperiosas – fome, sede, **necessidade sexual** –, isto é, são realizações de desejos sob a forma de reações a estímulos somáticos internos." – p.135;

"Da mesma forma, proporcionam satisfação os sonhos sob a influência de **estímulos sexuais**; contudo, estes mostram particularidades que convém mencionar. Como constitui característica do **instinto sexual** ser um pouco menos dependente do seu objeto do que a fome e a sede, pode constituir uma satisfação real aquela que advém de sonhos de ejaculação; e, como consequência de determinadas dificuldades (que terei de mencionar mais adiante) em sua relação com o objeto, acontece, com especial frequência, que a satisfação real é, ainda assim, vinculada a um obscuro ou distorcido conteúdo do sonho." – p.136-137;

5. CONFERÊNCIA IX – A CENSURA DOS SONHOS

"**Desejos sensuais**, que imaginamos distantes da natureza humana, mostram-se suficientemente fortes para provocar o surgimento de sonhos." – p.145;

"Um outro homem nos respondeu: 'O senhor diz que tenho **desejos sensuais** por minha irmã? Isso é ridículo! Ela não significa absolutamente nada para mim. Estamos brigados, e com ela não tenho trocado uma palavra há anos.' Poderíamos, talvez, não dar maior importância se tais pessoas não confirmassem nem negassem as intenções que lhes atribuímos; poderíamos dizer que essas eram justamente coisas que elas desconheciam a respeito de si próprias. Porém, quando sentem em si mesmas justamente o contrário do desejo que lhes interpretamos, e quando conseguem provar-nos, através da vida que levaram, estarem dominadas por esse desejo contrário, seguramente somos tomados de surpresa. Não teria chegado a hora de abandonar todo o trabalho que executamos acerca da interpretação de sonhos, como algo cujos achados se reduziram *ad absurdum*?" – p.147;

"Não têm os senhores plena consciência de como a média das pessoas tem descontroles e deslealdades em tudo o que diz respeito **à vida sexual**? Ou não sabem que todas as transgressões e excessos com que sonhamos durante a noite são diariamente cometidos, na vida real, pelas pessoas em sua vida desperta? O que faz aqui a psicanálise senão confirmar a velha sentença de Platão, de que os bons são aqueles que se contentam em sonhar com aquilo que os outros, os maus, realmente fazem?" – p.148-149;

6. CONFERÊNCIA X - SIMBOLISMO NOS SONHOS

"É surpreendente que, em comparação com essa reduzida numeração, exista uma outra área em que os objetos e assuntos são representados por um simbolismo extraordinariamente rico. Essa área é a da **vida sexual** – os genitais, **os processos sexuais**, **a relação sexual**. Nos sonhos, a grande maioria dos símbolos são **símbolos sexuais**." – p.155;

"Como esta é a primeira vez que falo no tema da **vida sexual**, em uma destas conferências, devo-lhes uma explanação sobre a maneira pela qual me proponho a tratar do assunto. A psicanálise não tem necessidade de ocultamentos nem de palpites, não pensa que seja necessário envergonhar-se de lidar com esse importante material, acredita que é correto e apropriado nomear cada coisa pelo seu nome certo e espera que esta seja a melhor maneira de manter à distância ideias inadequadas, de natureza desorientadora." – p.155-156;

"Um aspecto não menos óbvio do órgão explica o fato de que *lápis, canetas, limas, martelos e outros instrumentos* são indubitáveis **símbolos sexuais masculinos**." – p.156;

"Os sonhos, porém, podem simbolizar a ereção de outra maneira, muito mais expressiva. Podem tratar **o órgão sexual** como sendo a essência da pessoa inteira daquele que sonha e fazê-lo *voar*. Não se melindrem com a ideia de que os sonhos com voar, tão comuns e frequentemente tão agradáveis, devam ser interpretados como sonhos de **excitação sexual geral**, como sonhos de ereção." -– p.157;

"As mulheres possuem, como parte de seus genitais, um pequeno órgão semelhante ao órgão masculino; e esse pequeno órgão, o clitóris, realmente desempenha na infância e durante os anos anteriores às **relações sexuais** o mesmo papel que desempenha o grande órgão dos homens." – p.157;

"Entre **símbolos sexuais masculinos menos inteligíveis** situam-se certos *répteis e peixes* e, acima de tudo, o famoso símbolo da cobra." – p.157;

"*Doces* frequentemente **representam satisfação sexual**." – p.158;

"Encontramos representações especiais do **ato sexual** com menos frequência do que se poderia esperar com base naquilo que se disse até aqui." – p.158;

"Ou ainda, um símbolo predominantemente masculino pode ser empregado para representar genitais femininos e vice-versa. Não podemos compreender esse fato enquanto não tivermos obtido determinada compreensão interna (*insight)* da evolução das **ideias sexuais** nos seres humanos. Em alguns casos, a ambiguidade dos símbolos pode ser apenas aparente; e os símbolos mais marcados, como *armas, bolsas e cofres*, se excluem desse **uso bissexual**." – p.159;

"Agora, partindo não da coisa representada, mas sim do símbolo, prosseguirei fazendo um exame de conjunto das áreas das quais geralmente derivam os **símbolos sexuais**, e farei algumas observações adicionais, com especial referência aos símbolos em que o elemento comum da comparação não está entendido." – p.159;

"*Escadas, degraus, escadarias,* ou, mais precisamente, subir ou descer pelos mesmos, são claros **símbolos da relação sexual**." – p.159;

"*Animais selvagens* significam pessoas em estado de **excitação sensual** e, além disso, os maus instintos ou paixões." – p.160;

"Esse, pois, o material de que se serve o simbolismo nos sonhos. Não está completo e poderia ser aprofundado e ampliado ainda mais. Imagino, porém, que lhes parecerá mais que suficiente, e talvez até mesmo possa tê-los irritado. 'Será que de fato vivo no meio de **símbolos sexuais**?' – poderão perguntar. 'São todos os objetos ao meu redor, todas as roupas que visto, todas as coisas que pego, todos **símbolos sexuais**, e nada mais?" – p.160;

"As escrituras hebraicas, escritas em um estilo que muito se aproxima da poesia, estão plenas de **expressões sexualmente simbólicas**, que nem sempre foram corretamente compreendidas e cuja exegese (por exemplo, no caso do Cântico de Salomão) tem causado alguns equívocos. Na literatura hebraica posterior é muito comum encontrar a mulher representada por uma casa, cuja porta **representa o orifício sexual**." – p.163;

"Na revista *Anthropophyteia*, editada por F. S. Krauss, inestimável fonte de **conhecimentos de antropologia sexual**, ficamos sabendo que, em determinada região da Alemanha, de uma mulher que deu à luz uma criança se diz que '*o forno dela se fez em pedaços'*." – p.164;

"Pegar fogo, fazer fogo, e tudo o que com isso se relacione, está intimamente entretecido de **simbolismo sexual**. A chama é sempre um genital masculino e a lareira, o fogão, é seu equivalente feminino." – p.164;

"As formas do órgão masculino eram consideradas na Antiguidade como o mais poderoso *apotropaico* (meio de defesa) contra más influências e, por conseguinte, os amuletos de nossos dias podem, todos eles, ser reconhecidos facilmente como **símbolos genitais ou sexuais**." – p.165;

"A ferradura reproduz o contorno do orifício genital feminino, ao passo que a vassoura de chaminé, que se associa à escada, aparece em companhia desta em face de suas funções, às quais vulgarmente se compara o **ato sexual**." – p.166;

"(Cf. *Anthropophyteia*.) Conhecemos essa escada, em sonhos, como **símbolo sexual**; aqui o uso idiomático alemão vem em nosso auxílio e nos mostra como a palavra '*steigen*' ['subir', ou 'montar'] é usada no que é *par excellence* um **sentido sexual**." – p.166;

"O fato de que, em muitos animais de grande porte, subir ou 'montar' na fêmea é um preliminar necessário ao **ato sexual**, provavelmente se presta a este contexto." – p.166;

"Parece-me inequívoco que a circuncisão, praticada por tantos povos, é um equivalente e substituto da castração. E agora sabemos de determinadas tribos primitivas da Austrália que realizam a circuncisão como um rito da puberdade (na cerimônia em que se celebra o início da

maturidade sexual de um menino), enquanto outras tribos, seus vizinhos próximos, substituíram esse ato pela quebra de um dente." – p.166;

"Em terceiro lugar, deve ter-lhes causado surpresa que o simbolismo, nas outras áreas que mencionei, não é absolutamente apenas **simbolismo sexual**, ao passo que nos sonhos os símbolos são empregados quase exclusivamente para expressão de objetos e **relações sexuais**." – p.168;

"Deveríamos supor que os símbolos, que originalmente possuíam uma **significação sexual**, mais tarde tenham adquirido outra aplicação e que, ademais disso, a atenuação da representação por símbolos em outros tipos de representação pode estar em conexão com este aspecto? Essas questões evidentemente não podem ser respondidas enquanto não houvermos considerado o simbolismo onírico isoladamente. Podemos apenas manter firme a suspeita de que existe uma **relação especialmente íntima entre símbolos verdadeiros e sexualidade**." – p.168;

"Um filólogo, Hans Sperber [1912], de Uppsala, que trabalha independentemente da psicanálise, apresentou o argumento de que as **necessidades sexuais** desempenharam o papel principal na origem e no desenvolvimento da linguagem. Segundo esse autor, os sons originais da linguagem se destinavam à comunicação e atraíam o **parceiro sexual**; a evolução ulterior das raízes linguísticas acompanhou as atividades laborativas do homem primitivo. Essas atividades, prossegue ele, eram executadas em comum e acompanhadas por expressões ritmicamente repetidas. Assim, um **interesse sexual** permaneceu vinculado ao trabalho. O homem primitivo tornou o trabalho aceitável, por assim dizer, tratando-o como equivalente e **substituto da atividade sexual**. As palavras enunciadas durante o trabalho em comum tinham, pois, dois significados: designavam **atos sexuais** e também a atividade laborativa que a estes se equiparava. Com o decorrer do tempo as palavras se desvincularam da **significação sexua**l e fixaram-se no trabalho. Em gerações posteriores a mesma coisa aconteceu com as palavras novas, que tinham **significado sexual** e eram aplicadas a novas formas de trabalho. Desse modo, numerosas raízes de palavras teriam sido formadas, todas elas de **origem sexual**, perdendo subsequentemente sua **significação sexual**." – p.168-169;

"Deveríamos entender por que os sonhos, que conservam algumas das condições mais primitivas, mantêm um número tão extraordinariamente grande de **símbolos sexuais** e por que geralmente armas e utensílios representam o que é masculino, ao passo que materiais e coisas, que se prestam para serem transformados pelo trabalho, representam o que é feminino." – p.169;

"Contudo, eu não gostaria de abandonar o tema do simbolismo onírico sem mais uma vez tocar no problema sobre o modo como ele pode encontrar resistência tão acirrada em pessoas instruídas, quando a ampla difusão do simbolismo nos mitos, na religião, na arte e na linguagem é tão inquestionável. A responsável não será novamente sua **conexão com a sexualidade**?" – p.170;

7. CONFERÊNCIA XI – A ELABORAÇÃO ONÍRICA

Não consta.

8. **CONFERÊNCIA XII** – **ALGUMAS ANÁLISES DE AMOSTRAS DE SONHOS**

"Se, porém, procurarmos na infância as raízes dessa hostilidade contra um pai, nos recordaremos de que o medo ao pai tem início nos primeiros anos de vida, porque este se opõe às **atividades sexuais** do menino, exatamente como terá de acontecer mais uma vez, por motivos sociais, após a idade púbere. Essa relação com o pai aplica-se também a esse nosso sonhador: o amor pelo pai incluía uma estranha mescla de reverência e temor, que tinha sua origem no fato de, quando menino, por meio de ameaças, ter sido tolhido em sua **atividade sexual**." – p.190;

"As frases restantes do sonho manifesto podem ser explicadas, agora, em relação ao complexo da masturbação. '*Ele parecia estar mal*' é realmente uma alusão a uma outra observação do dentista no sentido de que parece mau alguém perder um dente nessa parte da boca; mas refere-se, ao mesmo tempo, ao 'parecer estar mal' pelo qual um jovem, na puberdade, revela, ou receia revelar, sua **atividade sexual** excessiva." – p.190-191;

"A frase 'o sonhador fazia todo o *possível para evitar que ele (o pai) percebesse'* é muito sutilmente arquitetada para nos desorientar, fazendo-nos pensar que ela deveria ser completada com as palavras 'que ele estava morto'. A única completação, entretanto, que faz sentido, provém, uma vez mais, do complexo de masturbação; em relação a isto, é evidente que o jovem fez tudo quanto pôde para **ocultar de seu pai sua vida sexual**." – p.191;

"(a) *Ela estava caminhando pelo salão de sua casa e bateu com a cabeça num lustre que pendia a baixa altura, e começou a sangrar.* Nenhuma reminiscência, nada que lhe houvesse realmente acontecido. As informações que deu, em resposta ao sonho, conduziram a direções bem diferentes. 'O senhor sabe como meu cabelo está caindo'. 'Minha filha', disse-me, ontem, minha mãe, 'use isso, continua desse jeito [e] você vai ficar com a cabeça tão lisa como um traseiro.' Dessa forma, aqui a cabeça está em lugar da outra extremidade do corpo. Podemos entender o lustre, sem qualquer ajuda, como sendo um símbolo: todos os objetos capazes de serem encompridados são símbolos do órgão masculino. (sonho (a) Tratava-se, portanto, da questão do sangramento na extremidade inferior do corpo, decorrência de contato com o pênis. Isto ainda poderia ser ambíguo. Suas posteriores associações mostraram que estava em questão algo referente à **crença de que o sangramento menstrual se origina da relação sexual com um homem** – um **fragmento de teoria sexual** que conta com muitas crentes fiéis entre jovens imaturas." – p.191-192;

"(b) *Ela via, no parreiral, um buraco fundo que ela sabia ter sido causado pelo arrancamento de uma árvore. Acrescentou um comentário de que a árvore estava faltando*. Ela quis dizer que não tinha visto a árvore, no sonho; mas as mesmas palavras serviram para exprimir um outro pensamento que tornou a interpretação de símbolos muito certa. [sonho (b)] O sonho se referia a uma outra parte da **teoria sexual** – a crença de que as meninas originalmente tinham os mesmos genitais que os meninos, e que sua forma ulterior foi consequência da castração (o arrancamento de uma árvore)." – p.192;

"(c) *Ela estava de pé, em frente à gaveta de sua escrivaninha, que ela conhecia tão bem a ponto de poder dizer imediatamente se alguém ali havia penetrado*. Como todas as gavetas, cofres e caixas, a gaveta da escrivaninha significava os genitais femininos. Ela sabia que os **sinais de relação sexual** (e, segundo pensava, de tocar) podiam ser observados nos genitais, e por muito tempo havia temido tal descoberta. Em todos estes três sonhos, penso que a ênfase deve ser posta no *conhecimento*. Ela estava recordando o período de suas **investigações sexuais**, quando era criança, de cujo resultado, naqueles tempos, muito se orgulhava." – p.192;

"(5) Aqui se apresenta mais um pouco de simbolismo. Desta vez, porém, devo começar com um breve preâmbulo da situação psíquica. Um cavalheiro, que havia passado a noite mantendo **relações sexuais com uma mulher**, descreveu-a como uma dessas personagens maternas em quem o desejo por um filho irrompe irresistivelmente na relação com um homem. As circunstâncias desse encontro, no entanto, exigiam uma precaução que impedisse o sêmen fertilizante de atingir o útero da mulher. Ao acordar, após essa noite, a mulher relatou o seguinte sonho:

Um oficial, com uma capa vermelha, corria atrás dela na rua. Ela fugia dele, e subiu correndo os degraus, e ele sempre atrás. Ofegante, chegou a sua casa, bateu a porta atrás de si e trancou-a. Ele permaneceu do lado de fora e, quando ela olhou através da vigia da porta, ele estava sentado num banco e chorava.

Sem dúvida, os senhores reconhecerão a perseguição pelo oficial com a capa vermelha e a subida ofegante dos degraus da escada como representação do **ato sexual**. O fato de ter sido a própria mulher do sonho que se trancou a si mesma para se livrar de seu perseguidor servirá como exemplo das inversões tão comumente utilizadas nos sonhos, pois foi o homem quem evitara a **consumação do ato sexual**. Da mesma maneira, a tristeza dela tinha sido deslocada para o homem, pois era este quem chorava no sonho – e isto era simultaneamente uma representação da emissão de sêmen.

Estou certo de que os senhores ouviram, uma vez ou outra, a psicanálise afirmar que todo sonho tem uma **significação sexual**." – p.192-193;

"Mas, ao mesmo tempo, os senhores deveriam ter em mente, como um dos resultados da investigação psicanalítica, que sonhos grandemente deformados proporcionam expressão principalmente (embora, também, não exclusivamente) a **desejos sexuais**." – p.193;

"Aqui está o sonho de uma mulher sem instrução, cujo marido era um policial, e que, certamente, jamais tinha ouvido falar qualquer coisa sobre simbolismo onírico ou psicanálise. Depois julguem por si mesmos se a explicação do sonho, com auxílio dos **simbolismos sexuais**, pode ser chamada de arbitrária e forçada" – p.193-194;

"Os senhores não terão problemas em reconhecer os símbolos utilizados. Os genitais masculinos são representados por uma tríade de personagens e os genitais femininos por um cenário com uma capela, um monte e uma floresta. Mais uma vez, os senhores encontram degraus como **símbolo do ato sexual**." – p.194;

"Pareceu plausível inverter a situação e transformar a pessoa que sonhou na pessoa que pergunta. Visto como ele nunca havia feito perguntas a seu pai neste sentido, temos de considerar o pensamento onírico como um desejo, ou torná-lo como oração condicional, tal como: 'Se eu tivesse perguntado a meu pai sobre **explicações sexuais**…' Logo mais encontraremos a continuação deste pensamento em outra parte do sonho." – p.195;

"O próprio personagem desta história deu uma explicação biográfica dos demais detalhes – de o primeiro poço de mina ser seguido de uma plataforma comprida e de mais outro poço de mina. Ele vinha mantendo **relações sexuais**, durante certo tempo, mas depois abandonou-as por causa de inibições, e agora esperava conseguir reencetá-las com o auxílio do tratamento." – p.196;

9. CONFERÊNCIA XIII – ASPECTOS ARCAICOS E INFANTILISMO DOS SONHOS

"Os senhores se recordam do assombro causado pela nossa descoberta de que os sonhos são provocados por **desejos ativamente maus e extravagantemente sexuais** que tornaram necessária a censura e a deformação dos sonhos" – p.203;

"Já a observação corrente pode nos mostrar quão frequentemente as relações afetivas entre os pais e seus filhos adultos deixam de atingir o ideal estabelecido pela sociedade, quanta hostilidade está pronta para manifestar-se, e se manifestaria se não fosse contida por um misto de devoção filial e impulsos afetuosos. Os motivos dessa hostilidade geralmente são conhecidos e sua tendência é separar os do mesmo sexo – a filha, de sua mãe, e o pai, de seu filho. A filha encontra em sua mãe a autoridade que restringe sua vontade e que está incumbida da tarefa de impor-lhe a **renúncia à liberdade sexual**, renúncia que também a sociedade exige; em alguns casos, a filha encontra em sua mãe até mesmo uma competidora que luta por não ser suplantada. A mesma coisa se repete entre filho e pai, e de forma ainda mais flagrante. Aos olhos do filho, o pai representa todas as restrições sociais relutantemente toleradas; o pai lhe impede o exercício da vontade, **o prazer sexual incipiente** e, nas famílias em que existe propriedade comum, o desfrute desta." – p.207;

"Portanto, podemos também atribuir este complexo de Édipo às pessoas que sonham e foram suficientemente felizes para escapar a conflitos com seus pais em sua vida posterior. E, em íntima conexão com o mesmo, encontramos aquilo a que chamamos de 'complexo de castração', a reação às ameaças contra a criança, destinadas a pôr um fim a suas primeiras **atividades sexuais**, ameaças atribuídas a seu pai." – p.209;

"O que já aprendemos de nosso estudo da vida mental das crianças fará com que esperemos encontrar uma explicação semelhante para o outro grupo de desejos oníricos proibidos: os **impulsos sexuais excessivos**. Assim, encorajamo-nos a realizar um estudo da **evolução da vida sexual das crianças** e, com base em muitas informações, chegamos ao que se segue." – p.209;

"Primeiro e acima de tudo, é um erro injustificável negar que **as crianças têm uma vida sexual**

e supor que **a sexualidade somente [se] inicia na puberdade**, com a maturação dos genitais. Pelo contrário, bem desde o início **as crianças têm uma intensa vida sexual**, que difere em muitos pontos daquilo que mais tarde é considerado normal. Aquilo que na vida adulta é descrito como 'perverso' difere do normal por estes aspectos: primeiro, porque despreza a barreira da espécie (o abismo entre o homem e o animal); segundo, por transpor a barreira contra a repugnância; terceiro, a barreira contra o incesto (proibição contra a busca da **satisfação sexual** em relações consanguíneas próximas); quarto, a barreira contra pessoas do mesmo sexo; e quinto, por transferir a outros órgãos e áreas do corpo o papel desempenhado pelos genitais. Nenhuma destas barreiras existia desde o começo; foram estabelecidas apenas gradualmente, no decorrer do desenvolvimento e da educação." – p.210;

"Não dão importância especial à distinção entre os sexos, mas atribuem a ambos a mesma conformação dos genitais; dirigem seus **primeiros desejos sexuais** e sua curiosidade àqueles que lhes são mais próximos e, por outras razões, mais caros – os pais, irmãos e irmãs, ou babás; e, finalmente, demonstram (e isto mais tarde irrompe novamente no clímax de uma relação amorosa) que esperam obter prazer não somente a partir de seus **órgãos sexuais**, mas que muitas outras partes do corpo exibem a mesma sensibilidade, proporcionam-lhes sensações análogas de prazer e, em decorrência, podem desempenhar o papel de genitais. Assim, pode-se descrever as crianças como 'perversos polimorfos' e, se estes impulsos apenas mostram *traços* de atividade, isso ocorre, por um lado, porque eles têm intensidade menor quando comparados com os da vida posterior e, por outro lado, porque todas as **manifestações sexuais** de uma criança são prontamente, energicamente suprimidas pela educação. Esta supressão, por assim dizer, se estende à teoria; pois os adultos se esforçam por não ver uma parte das **manifestações sexuais** das crianças e por disfarçar uma outra parte, interpretando-lhes erroneamente a **natureza sexual**, conseguindo assim negá-la em sua totalidade. Frequentemente, são estas exatamente as mesmas pessoas que, no trato com as crianças, se enfurecem com qualquer **traquinagem sexual** sua e, depois, em seus escritos, defendem a **pureza sexual** das mesmas crianças. Quando abandonadas a si próprias, ou sob a influência de sedução, amiúde as crianças realizam proezas consideráveis na área da **atividade sexual perversa**. Os adultos, naturalmente, têm razão ao não levar isto muito a sério e considerá-lo como 'criancice' ou 'brincadeira', de vez que as crianças não podem ser condenadas como inteiramente capazes ou inteiramente responsáveis, seja perante o tribunal da moralidade, seja perante a lei; não obstante, essas coisas existem. Têm sua importância não apenas como indicações da constituição inata de uma criança e como causas e encorajamentos para desenvolvimentos ulteriores; também nos proporcionam informações acerca da **vida sexual das crianças** e, assim, acerca da **vida sexual humana em geral**." – p.210-211;

"Entre esses desejos proibidos, merecem especial ênfase os desejos incestuosos – isto é, aqueles que objetivam a **relação sexual com pais, irmãos e irmãs**. Os senhores conhecem o horror que se sente, ou ao menos se manifesta, na sociedade humana, diante de tal relação, e o acento com que se tonificam as proibições contra a mesma." – p.211;

"Outros afirmaram que, como consequência da vida em comum, do início da infância em diante, **o desejo sexual desviou-se das pessoas em questão**. Em ambos estes casos, pode-se observar, um evitar do incesto estaria assegurado automaticamente, e não se esclareceria por que se exigem essas proibições severas, as quais indicariam, antes, a presença de um intenso desejo incestuoso." – p.211;

"Como resultado de nossas pesquisas, atenhamo-nos a duas descobertas, embora apenas signifiquem o começo de novos enigmas e de novas dúvidas. Em primeiro lugar, a regressão da elaboração onírica não é apenas formal, mas também material. Não só traduz nossos pensamentos em uma forma primitiva de expressão; revive, também, as características de nossa vida mental primitiva – a antiga dominância do ego, **os primeiros impulsos de nossa vida sexual** e, realmente, até mesmo, nossa antiga propriedade intelectual, caso assim possam ser consideradas as conexões simbólicas." – p.213;

10. **CONFERÊNCIA XIV – REALIZAÇÃO DE DESEJO**

"Como se sabe, moças ingênuas, depois de haverem noivado, frequentemente expressam seu contentamento por poderem, em breve, ir ao teatro, a todas as peças que até então foram proibidas, e terem permissão de ver tudo. O prazer de olhar, ou a curiosidade, que nisto se revela, era sem dúvida, originalmente, um **desejo sexual de olhar [escopofilia]**, dirigido para os **eventos sexuais** e especialmente para os pais das moças; daí haver-se tornado poderoso motivo para induzi-las a um casamento precoce. Assim sendo, frequentar o teatro tornou-se, mediante uma alusão, um substituto óbvio de estar casada." – p.222;

"Já conhecemos o desejo que fez desses pensamentos um sonho: era o desejo de olhar, de poder ir ao teatro, muito provavelmente uma derivação de sua antiga curiosidade de descobrir, afinal, o que realmente acontece quando uma pessoa casa. Esta curiosidade, conforme sabemos, as crianças dirigem-na regularmente à **vida sexual dos pais**; trata-se de curiosidade infantil e, na medida em que ainda persiste, mais tarde, de um impulso instintual com raízes que remontam à infância." – p.226;

11. **CONFERÊNCIA XV – INCERTEZAS E CRÍTICAS**

"E mais, após tudo o que eu lhes disse, os senhores acharão bastante incompreensível uma afirmação de que todos os sonhos devem ser **interpretados bissexualmente**, como confluência de duas correntes, descritas como masculina e feminina (Adler [...]). Podem constatar posteriormente que eles se constroem como alguns dos sintomas histéricos." – p.237-238;

"Um dia o valor objetivo da investigação sobre sonhos pareceu ser posto em xeque por uma observação de que os pacientes em tratamento analítico ordenam o conteúdo dos sonhos conforme as teorias prediletas de seus médicos – alguns sonhando predominantemente com **impulsos instintuais sexuais**, outros, com a luta pelo poder, e ainda outros, até mesmo, com renascimento (Stekel)." – p.238;

XIV. CONFERÊNCIAS INTRODUTÓRIAS SOBRE PSICANÁLISE (PARTE III) (1915-1916)

Volume 16 (FREUD, 1996n)

CONFERÊNCIA XVI – PSICANÁLISE E PSIQUIATRIA

"A senhora estava em uma idade crítica, na qual as **necessidades sexuais da mulher** sofrem um aumento súbito e indesejado; isto, por si só, poderia responder pelo evento. Ou ainda pode ter ocorrido que seu excelente e fiel esposo há alguns anos não estivesse mais gozando da **capacidade sexual** que essa mulher bem conservada requeria para sua satisfação." – p.261;

"Ou ainda, não pode deixar de ter significação o fato de o objeto de seu amor patogênico ser justamente o jovem marido de uma de suas filhas. Um poderoso vínculo erótico com uma filha, que remonta aos primórdios da **constituição sexual da mãe**, às vezes encontra a forma de sobreviver numa transformação dessa ordem." – p.261;

CONFERÊNCIA XVII – O SENTIDO DOS SINTOMAS

"Foi por acaso e sem maior significação que chegamos justamente à **intimidade da vida sexual**?" – p.271;

"A ansiedade de nossa paciente, porém, estava voltada em especial contra a possibilidade de ela ter o seu sono perturbado pelo tique-taque de um relógio. O tique-taque do relógio pode ser comparado com a pulsação ou latejamento do clitóris durante a **excitação sexual**." – p.274;

"Vasos de flores, assim como todos os vasos, também são **símbolos sexuais**" – p.274;

"Certa vez, quando era criança, sofreu uma queda no momento em que tinha nas mãos um vaso de vidro ou porcelana, resultando-lhe um corte em um dedo e sangramento profuso. Quando cresceu e **tomou conhecimento dos fatos referentes ao ato sexual**, desenvolveu uma angustiante ideia de que, na sua noite de núpcias, ela não iria ter perda de sangue, e assim deixaria de mostrar que era virgem. Suas precauções com a possibilidade de os vasos se quebrarem significavam, pois, um repúdio a todo o complexo referente à virgindade e ao sangramento no primeiro coito – igualmente um repúdio ao medo de sangrar e, ao contrário, medo de não sangrar." – 274-275;

"O travesseiro, disse, sempre havia sido, para ela, uma mulher, e o encosto de madeira, ereto, um homem. Assim, desejava – por meios mágicos, podemos acrescentar – manter homem e mulher separados – isto é, separar seus pais um do outro, não lhes permitindo terem **relação sexual**." – p.275;

"Atribuo, todavia, maior importância ao fato de notarem que, no ritual, o que se verificou não foi o resultado de uma *única* fantasia, mas de diversas, embora tivessem um ponto nodal em alguma parte, e, ademais, que as regras estabelecidas pelo ritual reproduziam os **desejos sexuais da paciente**, num ponto positivamente, e noutro, negativamente – em parte representavam esses

desejos e em parte derivam de defesa contra os mesmos.” – p.276;

“E não podemos deixar de atentar para o fato de que a análise deste sintoma nos levou de volta, mais uma vez, à **vida sexual de uma paciente**.” – p.276;

CONFERÊNCIA XVIII – FIXAÇÃO EM TRAUMAS – O INCONSCIENTE

Não consta.

CONFERÊNCIA XIX – RESISTÊNCIA E REPRESSÃO

“Os senhores recordar-se-ão de que, nos dois casos, cujos sintomas submetemos a uma investigação minuciosa, **a análise nos levou à mais íntima vida sexual dessas duas pacientes**.” – p.305;

“Em cada caso, iríamos tomar conhecimento, mediante a análise, **das experiências e desejos sexuais do paciente**; e, em cada caso, não poderíamos deixar de verificar que os sintomas servem à mesma intenção. Verificamos que esta **intenção é a satisfação de desejos sexuais**; **os sintomas servem de satisfação sexual do paciente**; **são um substituto da satisfação sexual**, de que os pacientes se privam em suas vidas.” – p.305;

“Mais uma vez, portanto, tratava-se de eliminar algo que **interferia na satisfação sexual e na realização dos desejos sexuais da própria paciente**. Em breve, falarei da complicação que mencionei.” – p.305;

“Se, pois, tudo o que estou dizendo aqui se aplica às neuroses de transferência, permitam-me que acentue o valor dos sintomas com uma nova informação. Isso porque o estudo comparativo das causas determinantes do adoecer conduz a um resultado que pode ser expresso na fórmula: **essas pessoas adoecem, de uma forma ou de outra, de *frustrações*, quando a realidade as impede de satisfazer seus desejos sexuais**.” – p.306;

“Sem dúvida, pode-se ainda levantar toda classe de objeções à asserção de que **os sintomas neuróticos são substitutos de satisfações sexuais**.” – p.306;

“Quando os senhores mesmos houverem efetuado estudos analíticos de um grande número de neuróticos, os senhores talvez me digam, meneando a cabeça, que, em muitos casos, minha asserção simplesmente não é verdadeira; **os sintomas parecem ter, isto sim, o propósito contrário, o de excluir ou paralisar a satisfação sexual**.” – p.306;

“Na verdade, alguns dos aspectos do ritual de nossa segunda paciente mostram sinais desse caráter ascético, **com sua hostilidade voltada contra a satisfação sexual**: quando, por

exemplo, ela suprimia os relógios, o que tinha a significação de evitar ereções durante a noite, ou quando procurava precaver-se contra a queda e a quebra de vasos de flores, o que equivalia a proteger sua virgindade. Em alguns outros casos de rituais da hora de dormir, que pude analisar, esse caráter negativo era muito mais evidente; **o ritual podia consistir exclusivamente em medidas defensivas contra recordações e tentações sexuais**." – p.307;

"Poderíamos ampliar nossa tese e dizer que **os sintomas objetivam ou uma satisfação sexual ou o rechaço da mesma**, e que, na totalidade, o caráter positivo de realização de desejo prevalece na histeria e o negativo, ascético, na neurose obsessiva. Se **os sintomas podem servir tanto à satisfação sexual como ao seu oposto**. Existe uma excelente base para esta bilateralidade ou polaridade numa parte do seu mecanismo, que até o momento não pude mencionar. Pois, conforme veremos, elas são o produto de um acordo e surgem da recíproca interferência entre duas correntes opostas; representam não só o reprimido, mas também a força repressora que compartilhou de sua origem." – p.307;

"Se os senhores observarem uma série razoavelmente longa de interpretações de sintomas, provavelmente começarão a pensar que nelas **o conceito de satisfação sexual substitutiva foi ampliado aos seus limites máximos**. Não deixarão de assinalar o fato de que tais sintomas não oferecem nada de real em termos de satisfação, que eles, muitíssimas vezes, limitam-se a **reviver uma sensação ou a representação de uma fantasia derivada de um complexo sexual**. E, ademais, os senhores notarão que **estas supostas satisfações sexuais** assumem, às vezes, uma forma pueril e vergonhosa, próxima, talvez, de um ato de masturbação, ou relembram formas indecentes de travessuras, que são proibidas até a crianças – hábitos que foram erradicados. E, prosseguindo, os senhores também expressarão surpresa por **estarmos apresentando como satisfação sexual aquilo que seria mais adequado descrever como satisfação de desejos cruéis ou horríveis**, ou mesmo teriam de ser chamados de antinaturais. Não chegaremos a um acordo, senhores, quanto a este último ponto, enquanto não houvermos feito uma **investigação meticulosa da vida sexual dos seres humanos** e, com isso, enquanto não tivermos decidido sobre **o que justificadamente podemos denominar 'sexual'**." – p.307-308;

CONFERÊNCIA XX – A VIDA SEXUAL DOS SERES HUMANOS

"Certamente supor-se-ia que não pudesse haver dúvidas quanto **ao que se entende por 'sexual'**. Primeiro e acima de tudo, **aquilo que é sexual é algo impróprio**, algo de que não se deve falar." – p.309;

"Contaram-me que os alunos de um conceituado psiquiatra certa vez fizeram uma tentativa de convencer seu professor de quão frequentemente os sintomas de pacientes histéricos **representam coisas sexuais**. Com este propósito, levaram-no à beira da cama de uma mulher histérica, cujos ataques eram uma inconfundível imitação do processo de parto. Sacudindo a cabeça, ele observou: 'Bem, **não há nada de sexual com relação ao part**o.' Muito certo. O parto não necessita, em todo caso, ser algo impróprio." – p.309;

"Falando sério, não é fácil delimitar aquilo que abrange **o conceito de 'sexual**'. Talvez a única

definição acertada fosse ‘tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos’. Os senhores acharão, no entanto, que esta conceituação é neutra e excessivamente imprecisa. Se toma[ssem] **o fato do ato sexua**l como ponto central, talvez definissem **como sexual tudo aquilo que, com vistas a obter prazer**, diz respeito ao corpo e, em especial, aos **órgãos sexuais** de uma pessoa do sexo oposto, e que, em última instância, visa à união dos genitais e à realização do **ato sexual**. Com isto, os senhores não estarão, todavia, muito longe da equação segundo a qual aquilo que **é sexual é impróprio**, e o parto não constituirá **algo sexual**. Se, por outro lado, tomarem a função de reprodução como **núcleo da sexualidade**, correm o risco de excluir toda uma série de coisas que não visam à reprodução, mas certamente **são sexuais**, como a masturbação, e até mesmo o beijo.” – p.309;

“Podemos suspeitar que, no transcurso da evolução do **conceito de ‘sexual’**, algo aconteceu que resultou naquilo que Silberer apropriadamente chamou de ‘erro de superposição’.” – p.310;

“De modo geral, com efeito, quando pensamos neste aspecto, não temos dúvidas sobre o que **as pessoas chamam de sexual**. Algo que reúne uma referência ao contraste entre os sexos, à busca de prazer, à função reprodutora e às características de algo que é impróprio e deve ser mantido secreto – algumas destas combinações servirão para todos os fins práticos da vida de todo dia. Mas para a ciência, isto não basta.” – p.310;

“Através de cuidadosas investigações (somente possibilitadas, na verdade, por uma autodisciplina desinteressada), vimos a saber de grupos de indivíduos cuja **‘vida sexual’ se desvia**, da maneira mais surpreendente, do quadro habitual da média. Algumas dessas pessoas ‘pervertidas’, poderíamos dizer assim, riscaram de seu programa a diferença entre os sexos. Somente pessoas de seu próprio sexo podem excitar seus **desejos sexuais**; pessoas do outro sexo, e especialmente os **órgãos sexuais** destas pessoas absolutamente não constituem para eles **objeto sexual** e, em casos extremos, são objetos de repulsa. Isto implica, naturalmente, que abandonaram qualquer participação na reprodução. Tais **pessoas denominamos homossexuais ou invertidas**.” – p.310;

“Naturalmente, eles não são, como também gostam de afirmar, uma ‘*élite*’ da humanidade; entre eles, há pelo menos tantos indivíduos inferiores e inúteis como os há entre **pessoas de tipo sexual diferente**.

Esta classe de pervertidos, de qualquer modo, se comporta em relação a seus **objetos sexuais** aproximadamente da mesma forma como as pessoas normais o fazem com os seus. Agora, porém, chegamos a uma longa série de pessoas anormais cuja **atividade sexual diverge** cada vez mais amplamente daquilo que parece desejável para uma pessoa racional.” – p.310;

“Por conseguinte, nós os dividimos naqueles em que, como os **homossexuais**, o ***objeto* sexual foi modificado**, e em outros nos quais a ***finalidade* sexual** é que foi primariamente modificada. O primeiro grupo inclui aqueles que renunciaram à união dos dois genitais e que substituem os genitais de um dos parceiros envolvidos no **ato sexual** por alguma outra parte ou região do corpo; com isto, eles desprezam a falta de dispositivos orgânicos adequados, assim como todo impedimento oriundo de sentimentos de repulsa. (Por exemplo, substituem a vulva pela boca

ou pelo ânus.) Outros há que, realmente, ainda mantêm os genitais como um objeto – não, porém, por causa da função destes, mas de outras funções em que o genital desempenha um papel, seja por motivos anatômicos, seja por causa de sua proximidade. Neles, constatamos que as funções excretórias, que foram postas de lado como impróprias, durante a educação das crianças, conservam a capacidade de atrair a totalidade do **interesse sexual**. E ainda há outros que abandonaram totalmente o genital como objeto, e tomaram alguma outra parte do corpo como o objeto que desejam – um seio de mulher, um pé, ou uma trança de cabelos. Depois há outros para os quais as partes do corpo não têm nenhuma importância, mas todos os seus desejos se satisfazem com uma peça de roupa, um sapato, uma peça de roupa íntima – são fetichistas. Ainda mais atrás, nesse séquito, se enfileiram essas pessoas que requerem de fato o objeto total, mas fazem a este exigências muito definidas – estranhas e horríveis exigências – até mesmo a de que esse objeto devesse tornar-se um cadáver indefeso e de que, usando de uma violência criminosa, transformem-no num objeto no qual possam encontrar prazer. Mas basta com essa espécie de horror!" – p.311;

"O segundo grupo é formado por pervertidos que transformaram em finalidade de seus **desejos sexuais** aquilo que normalmente constitui apenas um ato inicial ou preparatório." – p.311;

"Ainda existem outros em que diversas dessas precondições anormais estão unidas e entrelaçadas; e, por fim, devemos nos lembrar de que cada um destes grupos pode ser encontrado sob duas formas: ao lado daqueles que procuram sua **satisfação sexual na realidade**, estão os que se contentam simplesmente com *imaginar* essa satisfação, que absolutamente não necessitam de um objeto real, mas podem substituí-lo por suas fantasias." – p.312;

"Ora, não pode haver a menor dúvida de que todas essas coisas loucas, excêntricas e horríveis realmente constituem a **atividade sexual dessas pessoas**. Não só elas próprias consideram essas coisas como tais e estão conscientes de que são substitutas umas das outras, como também devemos admitir que, em suas vidas, essas coisas desempenham o mesmo papel que, em nossas vidas, desempenha a **satisfação sexual normal**; tais pessoas fazem por essas coisas os mesmos sacrifícios, às vezes excessivos, e podemos, nos detalhes mais visíveis assim como nos mais sutis, determinar os pontos em que essas anormalidades se baseiam naquilo que é normal e os pontos em que divergem da normalidade. E os senhores não podem deixar de perceber que, aqui, mais uma vez, aquilo que se refere à atividade sexual tem essa característica de impropriedade, embora aqui, na sua maior parte, isto se intensifique ao ponto de ser abominável." – p.312;

"Pois bem, senhoras e senhores, que atitude adotaremos para com essas formas incomuns de **satisfação sexual**? Indignação, expressão de nossa repugnância pessoal e garantia de que nós próprios não compartilhamos de **semelhantes sensualidades**, obviamente não proporcionarão qualquer ajuda." – p.312;

"Se, entretanto, alguém argumentar que não temos por que permitir que nossas opiniões acerca da **vida sexual** sejam confundidas por essas anormalidades, porque estas não são mais que

aberrações e desvios do instinto sexual, então o que se requer é uma resposta séria." – p.312;

"A menos que possamos compreender essas **formas patológicas de sexualidade** e correlacioná-las com a **vida sexual normal**, não poderemos nem mesmo entender a **sexualidade normal**. Para resumir, persiste a tarefa inescapável de darmos uma explicação teórica completa da maneira como essas perversões ocorrem e da sua conexão com aquilo que se descreve como **sexualidade normal**." – p.312-313;

"Nessa tarefa, prestar-nos-ão auxílio uma informação e duas observações recentes. A primeira, devemo-la a Iwan Bloch [1902-3]. Corrige a opinião de que todas essas perversões são 'sinais de degeneração', mostrando que tais **aberrações do fim sexual**, esses afrouxamentos do nexo com o **objeto sexual**, ocorreram desde tempos imemoriais, em todas as épocas conhecidas, entre todos os povos, os mais primitivos e os mais civilizados, e, em algumas ocasiões, foram tolerados e difusamente reconhecidos. As duas observações derivaram da investigação psicanalítica em neuróticos; ela necessariamente tem uma decisiva influência sobre nossa visão das **perversões sexuais**." – p.313;

"Eu disse que os sintomas neuróticos são substitutos da **satisfação sexual** e lhes indiquei que a confirmação desta assertiva pela análise dos sintomas viria a defrontar-se com numerosas dificuldades. Pois somente será válida se na **'satisfação sexual'** incluirmos a satisfação daquilo que se chama **necessidades sexuais pervertidas**, de vez que, com frequência surpreendente, se nos impõe uma interpretação de sintomas dessa espécie." – p.313;

"A reivindicação que fazem os **homossexuais ou invertidos** de serem uma exceção, desfaz-se imediatamente ao constatarmos que os **impulsos homossexuais** são encontrados invariavelmente em cada um dos neuróticos e que numerosos sintomas dão expressão a essa inversão latente. Aqueles que se proclamam **homossexuais** são apenas invertidos conscientes e manifestos e seu número nada é em comparação com os dos **homossexuais *latentes***. Entretanto, somos forçados a encarar a escolha de um objeto do mesmo sexo como um desvio na vida erótica, desvio cuja ocorrência é positivamente frequente, e cada vez aprendemos mais sobre isso, atribuindo-lhe importância particularmente elevada. Sem dúvida, isso não elimina as **diferenças entre o homossexualismo manifesto e uma atitude normal**; permanece a importância prática dessas diferenças, mas seu valor teórico diminui muito." – p.313;

"Temos até mesmo verificado que determinada doença, a paranoia, que não deve ser incluída entre as neuroses de transferência, origina-se habitualmente de uma tentativa no sentido de o doente libertar-se de **impulsos homossexuais excessivamente intensos**. Os senhores talvez se recordem de que uma de nossas pacientes [...], em seu ato obsessivo, comportava-se como homem, como se fora o próprio marido de quem se separara; mulheres neuróticas muito frequentemente produzem sintomas assim, à feição de um homem. Ainda que isso não se deva **considerar homossexualismo**, relaciona-se muito de perto com as precondições dest[e]." – p.313-314;

"Os sintomas da histeria realmente nos levaram a considerar que os órgãos corporais, além do papel funcional que desempenham, devem ser reconhecidos como possuidores de uma **significação sexual (erógena)** e que a execução da primeira dessas tarefas é perturbada se a segunda fizer exigências demasiadas. Inúmeras sensações e inervações, que encontramos como sintomas de histeria, em órgãos que não possuem conexão evidente com a **sexualidade**, revelam-se a nós, assim, como tendo o caráter de realização de impulsos sexuais pervertidos em relação aos quais outros órgãos adquiriram a **significação das partes sexuais**." – p.314;

"Também verificamos em que graus os órgãos destinados à tomada de alimento e à excreção têm particular facilidade de se tornarem veículos de **excitação sexual**. Aqui, pois, temos a mesma coisa que constatamos nas perversões; só que, no caso destas, isto era fácil e inconfundivelmente visível, ao passo que, na histeria, temos de tomar um caminho indireto, através da interpretação dos sintomas, e, depois, não atribuímos à consciência da pessoa os **impulsos sexuais pervertidos**, mas os localizados em seu inconsciente." – 314;

"Entre os muitos quadros sintomáticos em que aparece a neurose obsessiva, os mais importantes vêm a ser aqueles provocados pela pressão de **impulsos sexuais sádicos excessivamente intensos** (pervertidos, portanto, quanto ao seu fim)." – p.314;

"Outras formas desta neurose, as formas cismáticas, correspondem a uma **excessiva sexualização de ações** que comumente se efetuam como prévias com vistas à **satisfação sexual normal** – uma **excessiva sexualização do querer olhar, tocar ou explorar**." – p.314-315;

"Uma quantidade incrivelmente grande de atos obsessivos pode remontar à masturbação, da qual constituem repetições e modificações disfarçadas; sabe-se muito bem que a masturbação, embora sendo uma ação única e uniforme, acompanha as mais diversas **formas do fantasiar sexual**." – p.315;

"Conforme ouviram falar, é possível adoecer de neurose em consequência de uma **frustração da satisfação sexual normal**. Entretanto, quando ocorre uma frustração real como esta, a necessidade lança-se a **métodos anormais de excitação sexual**." – p.315;

"Em todo caso, perceberão, contudo, que, como resultado desse **represamento 'colateral' [da corrente sexual normal]**, os impulsos pervertidos devem emergir com mais intensidade do que emergiriam se a **satisfação sexual normal** não tivesse encontrado obstáculo no mundo real." – p.315;

"Ademais, pode-se reconhecer que uma influência semelhante também afeta as perversões *manifestas*. Em alguns casos, elas são provocadas ou postas em atividade se a **satisfação normal do instinto sexual** encontra dificuldades excessivas, por motivos temporários ou em virtude de regras sociais permanentes. Em outros casos, é fato, a inclinação às perversões é bastante independente de tais condições favorecedoras; poderíamos dizer que constituem o **tipo**

normal de vida sexual para essas pessoas em particular.” – p.315;

“Talvez, por agora, os senhores possam ter a impressão de que confundi mais do que explanei a **relação entre sexualidade normal e pervertida**. Mas devem ter em mente a seguinte consideração. Se procede o fato de que um aumento de dificuldade em obter **satisfação sexual normal da vida real**, ou a privação desta satisfação, põe à mostra as inclinações pervertidas de pessoas que, anteriormente, nada disso tinham demonstrado, devemos supor que nessas pessoas havia algo que já se encontrava a meio-caminho das perversões; ou, se preferirem, as perversões devem ter estado presentes, nessas pessoas, em forma latente.” – p.316;

“E isto nos traz a segunda novidade que lhes anunciei. Pois a investigação psicanalítica teve de ocupar-se também com a **vida sexual das crianças**, e isto porque as lembranças e associações emergentes durante a análise de sintomas de adultos remetiam-se regularmente aos primeiros anos da infância. O que inferimos destas análises mais tarde se confirmou, ponto por ponto, nas observações diretas de crianças. E, com isso, verificou-se que todas essas inclinações à perversão tinham suas raízes na infância, que as crianças têm uma predisposição a todas elas e põem-nas em execução numa medida correspondente à sua imaturidade – em suma, que a **sexualidade pervertida** não é senão uma **sexualidade infantil** cindida em seus impulsos separados.” – p.316;

“Em todo caso, agora os senhores verão as perversões sob um novo prisma, e já não mais deixarão de perceber sua conexão com a **vida sexual dos seres humanos**: mas à custa de quanta surpresa e de quanto sentimento de desagrado para com estas incongruências! Sem dúvida, sentir-se-ão inclinados a negar todo este assunto: o fato de que as crianças possuem tudo aquilo que se pode descrever como **vida sexual**, a justeza de nossas observações e a explicação para o fato de encontrarmos tantas afinidades entre a conduta das crianças e aquilo que mais tarde é condenado como perversão. Por isso, permitam-me que comece explicando-lhes os motivos da oposição dos senhores e, depois, lhes apresente a totalidade de nossas observações. **Supor que as crianças não têm vida sexual** – **excitações e necessidades sexuais e alguma forma de satisfação** –, mas adquirem-na subitamente, entre os doze e os quatorze anos de idade, seria (abstraindo de todas as observações) biologicamente tão improvável, e, na verdade, tão sem sentido, como supor que viessem ao mundo desprovidas de genitais e que estes só aparecessem na época da puberdade. O que *de fato* desperta nas crianças, nessa idade, é a função reprodutiva, que, para seus fins, faz uso dos componentes físicos e mentais já anteriormente presentes. Os senhores estão cometendo o erro de **confundir sexualidade com reprodução**, e com isto estão bloqueando seu caminho para a **compreensão da sexualidade**, das perversões e das neuroses.” – p.316-317;

“Pois a sociedade deve assumir como uma de suas mais importantes tarefas educadoras domar e restringir **o instinto sexual** quando este irrompe como impulso à reprodução, e sujeitá-lo a uma vontade individual que é idêntica à ordem da sociedade. Esta também se preocupa em adiar o pleno desenvolvimento do instinto até que a criança tenha atingido certo grau de maturidade intelectual, de vez que, aí, com a completa **irrupção do instinto sexual**, a educabilidade, para fins práticos, chega a seu fim.” – p.317;

“O móvel da sociedade humana é, em última análise, econômico; como não possui provisões suficientes para manter vivos todos os seus membros, a menos que trabalhem, ela deve limitar o número de seus membros e desviar suas energias da **atividade sexual** para o trabalho.” – p.317;

“Sem dúvida, a experiência deve ter ensinado aos educadores que a **tarefa de docilizar a tendência sexual** da nova geração só poderia ser efetuada se começassem a exercer sua influência muito cedo, se não esperassem pela tempestade da puberdade, mas interviessem logo na **vida sexual das crianças**, que é preparatória para a puberdade. Por essa razão, todas as **atividades sexuais foram proibidas às crianças** e vistas com maus olhos; erigiu-se o ideal de **tornar a vida das crianças assexual**, e, no decorrer do tempo, as coisas chegaram ao ponto de as pessoas realmente acreditarem que as **crianças sejam assexuais** e, subsequente, de a ciência proclamar isto como doutrina. Para evitar que sejam contraditas suas crenças e suas intenções, a partir daí as pessoas passam por alto as **atividades sexuais das crianças** (que não são de se desprezar) ou se mostram contentes quando a ciência assume um ponto de vista diferente com relação a tais atividades.” – p.317;

“É por demais estranho que as pessoas que negam a **existência da sexualidade nas crianças** nem por isso se tornam mais brandas em seus esforços educacionais, mas perseguem as manifestações daquilo que negam que exista, com a máxima severidade – descrevendo tais manifestações como ‘traquinagens pueris.’” – p.318;

“É também do maior interesse teórico o período de vida que contradiz mais flagrantemente o preconceito de uma **infância assexual** – os anos de vida de uma criança até os cinco ou seis –, ser posteriormente, na maioria das pessoas, coberto pelo véu da amnésia, o qual só é completamente desfeito pela investigação analítica, embora anteriormente tenha sido permeável à construção de alguns sonhos.” – p.318;

“Mostrarei aos senhores, agora, aquilo que se conhece de mais definido acerca da **vida sexual das crianças**.” – p.318;

“Permitam-me, ao mesmo tempo, por motivos de conveniência, apresentar o conceito de ‘libido’. Em exata analogia com a ‘fome’, empregamos ‘libido’ como nome da força (neste caso, **a força do instinto sexual**, assim como, no caso da fome, a força do instinto de nutrição) pela qual o instinto se manifesta. Outros conceitos, como os de **‘excitação’ e ‘satisfação’ sexual**, não requerem explicação.” – p.318;

“Os senhores mesmos facilmente perceberão que as **atividades sexuais de crianças** de colo são principalmente uma questão de interpretação, ou, então, provavelmente usarão isso como motivo para objeções.” – p.318;

“Numa criança da tenra idade, os **primeiros impulsos da sexualidade** têm seu aparecimento

ligado a outras funções vitais. Seu principal interesse, como sabem, volta-se para a ingestão de alimentos; quando as crianças adormecem, após se haverem saciado ao seio, mostram uma expressão de bem-aventurada satisfação, que se repetirá, posteriormente na vida, após a **experiência do orgasmo sexual**. Isto seria muito pouco para servir de base a uma conclusão. Constatamos, todavia, como um bebê repetirá o ato de tomar alimento sem exigir mais comida; a isto, portanto, o bebê não é levado devido a fome. Descrevemo-lo como **sucção sensual**, e o fato de que, ao fazê-lo, o bebê adormece, igualmente, com uma expressão beatífica, mostra-nos que o ato da **sucção sensual** lhe proporcionou, por si só, uma satisfação. Conforme sabemos, muito cedo as coisas chegam a um ponto em que não pode adormecer sem haver sugado." – p.318-319;

"Um pediatra de Budapest, Dr. Lindner [1879], foi o primeiro a apontar, há muito tempo, a **natureza sexual dessa atividade**. Aqueles que cuidam de crianças, e que não têm opiniões teóricas sobre o assunto, parecem formar um juízo semelhante a respeito da sucção. Não têm dúvidas de que esta somente tem a finalidade de obter prazer, classificam-na como uma das 'traquinagens' da criança e obrigam-na a abandoná-la, causando-lhe desprazer, no caso de a própria criança não se decidir a deixá-la." – p.319;

"Só podemos atribuir esse prazer a uma excitação das áreas da boca e dos lábios; a estas partes do corpo denominamos 'zonas erógenas' e **descrevemos como sexual o prazer derivado da sucção**. Sem dúvida, haveremos de discutir, posteriormente, se esta descrição se justifica." – p.319;

"Por isso, não nos surpreenderemos ao saber, por meio da psicanálise, quanta importância psíquica conserva esse ato durante toda a vida. Sugar ao seio materno é o ponto de partida de toda a **vida sexual**, o protótipo inigualável de toda **satisfação sexual** ulterior, ao qual a fantasia retorna muitíssimas vezes, em épocas de necessidade. Esse sugar importa em fazer **o seio materno o primeiro objeto do instinto sexual**. Não posso dar-lhes ideia da importante relação entre esse primeiro objeto e a escolha de todos os objetos subsequentes, dos profundos efeitos que ele tem em suas transformações e substituições até mesmo nas mais remotas regiões de nossa **vida sexual**." – p.319;

"Ao formarmos esta opinião referente à **sucção sensual**, já passamos a conhecer duas características decisivas da sexualidade infantil. Ela surge ligada à satisfação das principais necessidades orgânicas e se comporta de maneira *autoerótica* – isto é, procura seus objetos no próprio corpo da criança." – p.320;

"Sei que, há muito, os senhores estavam esperando para interromper-me e exclamar: 'Chega de barbaridades! O senhor nos diz que defecar é uma fonte de **satisfação sexual** explorada já na infância! que as fezes são uma substância valiosa e que o ânus é uma espécie de genital! Absolutamente não acreditamos nisso – mas compreendemos por que os pacientes e educadores se têm mantido à distância da psicanálise e de suas descobertas.' Não, senhores. Os Senhores simplesmente se esqueceram de que estive procurando apresentar-lhes os fatos da **vida sexual infantil** em relação aos fatos das **perversões sexuais**. Por que os senhores não haveriam de se

aperceber de que, para um grande número de adultos, **tanto homossexuais como heterossexuais**, o ânus assume, na **relação sexual**, o papel de vagina? E que há muitas pessoas que conservam, durante toda a vida, uma voluptuosa sensação ao defecar, e a caracterizam como não sendo nada desprezível? Quanto ao interesse pelo ato de defecar e ao prazer de olhar uma outra pessoa defecando, os senhores podem conseguir que as próprias crianças confirmem o fato quando elas tiverem alguns anos mais de idade, e forem capazes de lhes falar a respeito." – p.320-321;

"E não me queixo se os senhores consideram muito surpreendente esta semelhança entre **atividade sexual infantil e perversões sexuais**. Esta semelhança, contudo, é evidente: se de fato uma **criança tem vida sexual**, esta não pode ser senão uma **vida sexual de tipo pervertido**; pois, exceto quanto a alguns detalhes obscuros, **as crianças são desprovidas daquilo que transforma a sexualidade em função reprodutiva**. Por outro lado, o abandono da função reprodutiva é o aspecto comum de todas as perversões. Realmente consideramos pervertida uma **atividade sexual**, quando foi abandonando o objetivo da reprodução e permanece a obtenção de prazer, como objetivo independente. Portanto, conforme poderão ver, a brecha e o ponto crítico da **evolução da vida sexual** situam-se no fato de esta permanecer subordinada aos propósitos da reprodução." – p.321;

"Permitam-me, portanto, que eu prossiga com minha breve descrição da **sexualidade infantil**. O que já relatei com referência aos dois sistemas de órgãos [digestivo e excretório] poderia ser confirmado em relação aos outros. A **vida sexual de uma criança** é, de fato, inteiramente constituída das atividades de determinado número de instintos parciais que, independentes uns dos outros, buscam a obtenção de prazer, em parte, do próprio corpo do indivíduo e, em parte, já de um objeto externo." – p.321;

"Embora esteja desejoso de abreviar ainda mais esta exposição, devo, no entanto, dizer-lhes algumas coisas a respeito das **investigações sexuais feitas por crianças**: são por demais **características da sexualidade infantil**, e de importância suficientemente grande para a sintomatologia das neuroses, para que as deixemos passar sem um exame. As **investigações sexuais das crianças** começam muito precocemente, às vezes antes do terceiro ano de vida." – p.322;

"Nos casos conhecidos como de **anestesia sexual das mulheres**, o clitóris reteve obstinadamente sua sensibilidade." – p.323;

"O **interesse sexual das crianças** começa, certamente, quando elas se voltam para o problema de saberem de onde é que vêm os bebês – o mesmo problema subjacente à pergunta feita pela esfinge de Tebas – e na maior parte dos casos este problema surge por causa dos temores egoístas da chegada de um novo bebê. A resposta, que já está pronta e diz que os bebês são trazidos pela cegonha, esbarra na descrença até mesmo de crianças pequenas, numa frequência muito maior do que percebemos. O sentimento de que a verdade está sendo falseada pelos adultos contribui em muito para fazer com que as crianças se sintam sós e desenvolvam sua independência. Uma criança não tem, contudo, condições de solucionar este problema por seus

próprios meios. Sua **constituição sexual** não desenvolvida estabelece limites precisos à sua capacidade de percepção." – p.323;

"Se ocorre a criança presenciar um **ato sexual**, encara-o como tentativa de subjugação, como luta, e isto constitui a compreensão deformada, em termos sádicos, do coito. Entretanto, no início, não correlaciona este ato com o surgimento de um bebê. Assim, também, se a criança encontra vestígios de sangue na cama da mãe, ou nas roupas íntimas desta, toma isto como sinal de que ela foi ferida por seu pai. Ainda mais tarde, na infância, a criança sem dúvida suspeita que o **órgão sexual do homem** tem uma parte essencial na produção de bebês, mas a única função que consegue atribuir a esse órgão do corpo é a micção." – p.324;

"Sem dúvida terão ouvido falar, senhores, que, na psicanálise, **o conceito daquilo que é sexual** foi indevidamente ampliado, a fim de dar suporte às teses da causação sexual das neuroses e do **significado sexual dos sintomas**. Agora os senhores estão em condições de julgar por si mesmos se essa ampliação é injustificada. Ampliamos o **conceito de sexualidade** apenas o bastante para podermos compreender a **vida sexual dos pervertidos e das crianças**. Isto é, restituímos-lhe sua dimensão verdadeira. Fora da psicanálise, **o que se denomina sexualidade** refere-se apenas a uma **vida sexual restrita**, que serve ao propósito da reprodução e é descrita como normal." – p.324;

CONFERÊNCIA XXI – O DESENVOLVIMENTO DA LIBIDO E AS ORGANIZAÇÕES SEXUAIS

"Tenho a impressão de que não alcancei êxito em convencê-los muito profundamente da importância das perversões para **nossa visão da sexualidade** e, portanto, gostaria, até onde me for possível, de aprimorar e suplementar aquilo que disse." – p.325;

"Não é o caso de apenas as perversões, isoladamente, ter[em]-nos obrigado a realizar a modificação no **conceito de sexualidade** que levantou tantas objeções contra nós." – p.325;

"**O estudo da sexualidade infantil** teve muito mais influência sobre esse fato, e foi o concurso desses dois fatores que se tornou decisivo para nós. **As manifestações da sexualidade infantil**, por mais inequívocas que possam ser num período ulterior da infância, contudo parecem mergulhadas na indefinição pelos inícios da infância." – p.325;

"Todo aquele que resolver desprezar a história de sua evolução e de seu contexto analítico, **negará que elas possuem características sexuai**s e, em vez disso, lhes atribuirá alguma característica indiferenciada." – p.325;

"Os senhores devem não se esquecer de que, por agora, não possuímos nenhum critério universalmente reconhecido da **natureza sexual de um processo**, salvo, novamente, uma conexão com a função reprodutiva, que devemos rejeitar por ser um critério demasiadamente limitado." – p.325;

"Os critérios biológicos, como os de periodicidades de vinte e três e de vinte e oito dias, postulados por Wilhelm Fliess [...], são ainda altamente controvertidos; **as características químicas do processo sexual**, que podemos supor, continuam aguardando a sua descoberta." – p.325;

"Por outro lado, **as perversões sexuais dos adultos constituem algo tangível e inequívoco**. Como já o demonstra o nome pelo qual são universalmente conhecidas, elas são **inquestionavelmente sexuais**. Se descritas como indicações de degeneração, ou o que quer que seja, ninguém ainda teve a coragem de classificá-las como algo que **não sejam fenômenos da vida sexual**. Apenas em virtude delas justifica-se afirmarmos que **sexualidade e reprodução não coincidem**, pois é óbvio que todas as perversões negam o objetivo da reprodução." – p.325;

"Aqui encontro um paralelo não destituído de interesse. Enquanto, para a maioria das pessoas, 'consciente' e 'psíquico' são a mesma coisa, fomos obrigados a ampliar o conceito de 'psíquico' e reconhecer como 'psíquico' algo que não é 'consciente'. Exatamente do mesmo modo, enquanto outras pessoas declaram serem idênticos o **'sexual'** e o 'referente à reprodução' (ou, se preferem resumir mais, o 'genital'), não podemos evitar de postular a existência de **algo 'sexual' que não é 'genital'** – que não tem nenhuma relação com a reprodução. Aqui, a similitude é apenas formal, mas não deixa de ter um fundamento mais profundo." – p.325-326;

"Se, contudo, a **existência das perversões sexuais é um argumento** tão decisivo nessa questão, por que depois de tanto tempo ainda não deu resultado e definiu a questão? Realmente, não sei dizer. Acredito que se relaciona com o fato de essas **perversões sexuais estarem sujeitas a uma condenação muito especial**, que chegou mesmo a afetar a teoria e se opôs à avaliação científica delas. É como se ninguém pudesse esquecer que elas não são apenas algo repulsivo, mas também algo monstruoso e perigoso – como se as pessoas as sentissem como sedutoras e, no fundo, tivessem de sufocar uma secreta inveja daqueles que as experimentam." – p.326;

"O que torna a atividade dos pervertidos tão **inconfundivelmente sexual**, por mais estranhos que sejam seus objetos e fins, é o fato de, via de regra, um ato de satisfação pervertida ainda assim terminar em orgasmo completo e emissão de produtos genitais." – p.326;

"Em crianças, o orgasmo e a excreção genital raramente são possíveis; em lugar disso, **há elementos que certamente não são reconhecidos como sendo nitidamente sexuais**." – p.326;

"Existe algo mais que devo acrescentar a fim de completar nosso ponto de vista referente **às perversões sexuais**. Por mais infames que possam ser, por mais nítido que se faça o contraste com a **atividade sexual normal**, uma reflexão tranquila mostrará que **um ou outro traço de perversão raramente está ausente da vida sexual das pessoas normais**. Pode-se alegar que até mesmo um beijo seria considerado ato pervertido, de vez que consiste na junção de duas zonas erógenas orais em vez de dois genitais. No entanto, ninguém o rejeita como pervertido; pelo contrário, é permitido, nas representações teatrais, como velada referência ao **ato sexual**."

– p.326-327;

"Podemos verificar, também, serem precondições indispensáveis do **prazer sexual** que a pessoa sinta e veja o objeto; sabemos que a pessoa poderá beliscar ou morder, no **auge da excitação sexual**, que o ponto máximo de excitação dos amantes nem sempre é provocado pelos genitais, mas por alguma outra região do corpo do objeto, e numerosas outras coisas semelhantes." – p.327;

"Ao contrário, reconheceremos, cada vez com maior nitidez, que a essência das perversões não está na **extensão do objetivo sexual**, nem na substituição dos genitais, e, mesmo, nem sempre na escolha diferente do objeto, mas sim unicamente **na exclusividade com a qual se efetuam esses desvios e em consequência dos quais o ato sexual a serviço do objetivo de reprodução é posto de lado**. Na medida em que as ações pervertidas se inserem na **realização do ato sexual normal**, como contribuições preparatórias ou intensificadoras, não constituem, na realidade, absolutamente perversões. **O abismo entre sexualidade normal e pervertida é, naturalmente, em muito diminuído** por fatos dessa espécie. É fácil concluir que **a sexualidade normal** surgiu de algo que existia antes dela, eliminando determinados aspectos desse material como inservíveis e reunindo o restante a fim de subordiná-lo a uma nova finalidade, a da reprodução." – p.327;

"Antes de utilizarmos nosso conhecimento das perversões, para nos atirarmos novamente ao estudo da **sexualidade infantil** com base em premissas mais claras, devo chamar a atenção dos senhores para uma importante diferença entre elas. **A sexualidade pervertida** é, via de regra, muito bem centrada: todas as suas ações se dirigem para um fim – geralmente um único fim: um dos instintos componentes assumiu predominância, e, ou é o único instinto observável, ou submeteu os outros a seus propósitos. Nesse aspecto, **não há diferença alguma entre sexualidade pervertida e normal**, a não ser o fato de que seus instintos componentes dominantes e, consequentemente, **seus fins sexuais são diferentes**." – p.327;

"**À sexualidade infantil**, por outro lado, falando genericamente, falta essa centralização; seus instintos componentes separados possuem iguais direitos, cada um dos quais seguindo seus próprios rumos na busca de prazer. Naturalmente, tanto a ausência como a presença da centralização harmonizam-se bem com o fato de que **tanto a sexualidade pervertida como a normal surgiram da sexualidade infantil**. Aliás, também **existem casos de sexualidade pervertida** que têm uma semelhança muito maior com o tipo infantil, pois, nestes, numerosos instintos componentes levaram a cabo (ou, mais corretamente, persistiram em) seus fins, independentemente uns dos outros. Em tais casos, é melhor falar em **infantilismo da vida sexual, e não em perversão**." – p.327-328;

"Assim premunidos, podemos prosseguir com o exame de uma observação da qual certamente não seremos poupados. 'Por que', perguntar-nos-ão, 'o senhor é tão obstinado em **descrever como já constituindo sexualidade** aquilo que, segundo as evidências que o senhor mesmo mostrou, são indefiníveis manifestações da infância, a partir das quais **se desenvolve posteriormente a vida sexual**? Por que, em vez disso, o senhor não se contenta com dar-lhes uma descrição fisiológica e dizer simplesmente que, num lactente, já observamos atividades,

como a **sucção sensual** ou a retenção das excreções, que nos mostram que ele procura o 'prazer do órgão'? Dessa forma, o senhor teria evitado a hipótese, tão repugnante para todos os sentimentos, de **os bebês da mais tenra idade terem uma vida sexual**.'" – p.328;

"Sei que mesmo o supremo prazer da **união sexual** apenas é um prazer do órgão, vinculado à atividade dos genitais. Podem os senhores, porém, dizer quando esse prazer do órgão, originalmente indiferente, adquire **o caráter sexual** que indubitavelmente possui em fases posteriores do desenvolvimento? Sobre o 'prazer do órgão' sabemos mais do que a **respeito da sexualidade**? Os senhores responderão que ele adquire **caráter sexual** precisamente quando os genitais começam a desempenhar seu papel; **'sexual' coincide com 'genital'**." – p.328;

"Os senhores certamente estarão assumindo uma posição muito mais sólida na determinação das **características do sexual**, se deste eliminarem a referência à reprodução, que se torna indefensável nas perversões, e, em seu lugar, colocarem a atividade genital. Mas se assim for, já não nos distanciamos para muito mais longe: é apenas uma questão de órgãos genitais *versus* outros órgãos." – p.328;

"Estando dessa forma convencidos de que não têm onde se apoiarem para sua caracterização **daquilo que é sexual**, os senhores, sem dúvida, terão de se decidir a seguir meu exemplo, e estender a **descrição de 'sexual' também às atividades do início da infância que buscam o prazer do órgão**." – p.329;

"Como sabem, **dizemos serem sexuais as atividades imprecisas e indefiníveis do início da infância**, porque, no decurso da análise, chegamos a elas a partir dos sintomas, após examinarmos **material indiscutivelmente sexual**. Não quer dizer que devam ser, por isso, **necessariamente sexuais** – de acordo! Tomem, porém, um caso análogo. Suponham que não temos meios de observar o desenvolvimento, desde as suas sementes, de duas plantas dicotiledôneas, a macieira e o feijoeiro, mas que nos seria possível rastrear retrospectivamente o desenvolvimento de ambos, desde a planta inteiramente desenvolvida até o primeiro embrião com dois cotilédones. Os dois cotilédones têm uma aparência neutra; são muito semelhantes em ambos os casos. Devo supor, então, que sejam realmente semelhantes, e que a diferença específica entre a macieira e o feijoeiro somente seja introduzida nas plantas mais tarde? Ou é biologicamente mais correto acreditar que essa diferença já está presente no embrião da planta, embora eu não possa observar qualquer distinção nos cotilédones? Ora, estamos fazendo a mesma coisa quando **dizemos que é sexual o prazer obtido nas atividades do lactente**. Aqui, **não posso discutir se todo prazer do órgão deva ser chamado de sexual, ou se, além do sexual, há um outro que não merece ser chamado assim**." – p.329;

"E mais outra coisa! Na totalidade os senhores terão lucrado muito pouco com o que querem afirmar – **a pureza sexual das crianças** –, ainda que consigam convencer-me de que seria melhor **considerar não sexuais as atividades do lactente**. **A vida sexual das crianças** não comportaria mais todas essas dúvidas, do terceiro ano de vida em diante: por essa época, aproximadamente, os genitais já começam a excitar-se, [pois] um período de masturbação infantil – da satisfação genital, portanto – inicia-se, talvez regularmente. **Os fenômenos**

mentais e sociais da vida sexual não necessitam mais estar ausentes; a escolha de um objeto, uma preferência carinhosa por determinadas pessoas, até mesmo uma decisão a favor de um dos dois sexos, ciúme – tudo isso foi estabelecido por observações imparciais, feitas independentemente da psicanálise e antes que esta surgisse, podendo ser confirmadas por qualquer observador que tenha o cuidado de verificá-las. Os senhores objetarão que jamais duvidaram do surgimento precoce da afeição; apenas duvidaram se essa afeição se revestia de **um caráter 'sexual'**. É verdade que as crianças já aprenderam a ocultar esse fato na idade entre três e oito anos. Se os senhores estiverem, porém, atentos, poderão, mesmo assim, reunir provas suficientes dos **fins 'sensuais' dessa afeição,** e tudo quanto lhes faltar, depois disso, poderão facilmente obter em profusão nas investigações da análise. **Os fins sexuais**, nesse período da vida, estão intimamente relacionados com as **investigações sexuais que a criança, por essa época, empreende**, das quais apresentei-lhes alguns exemplos. O caráter pervertido de alguns desses fins depende, naturalmente, da imaturidade constitucional da criança, pois esta ainda não descobriu o objetivo do ato da cópula." – p.330;

"Aproximadamente do sexto ao oitavo ano de vida em diante, podemos observar uma parada e um **retrocesso no desenvolvimento sexual**, que, nos casos em que culturalmente há mais condições, podemos chamar de período de latência. O período de latência também pode estar ausente: **não acarreta necessariamente qualquer interrupção da atividade sexual e dos interesses sexuais por toda a extensão da linha**. A maior parte das experiências e dos impulsos mentais anteriores ao início do período da latência agora sucumbe à amnésia infantil – o esquecimento (sobre o qual já discorremos) que nos oculta nossa primeira juventude e nos torna estranhos a ela. Em toda psicanálise, coloca-se diante de nós a tarefa de trazer novamente à memória esse período esquecido da vida. É impossível evitar **a suspeita de que o despontar da vida sexual**, que se inclui nesse período, tenha dado motivo a que fosse esquecido – que este esquecimento, de fato, é o resultado da repressão." – p.330-331;

"A partir do terceiro ano de vida, **a vida sexual da criança** mostra muita semelhança com a do adulto. Difere desta, conforme já sabemos, por lhe faltar uma organização estável sob a primazia dos genitais, por seus inevitáveis traços de perversão e, também, naturalmente, **pela intensidade muito menor de toda a tendência sexual**. Do ponto de vista da teoria, contudo, as fases mais interessantes do **desenvolvimento sexual**, ou, como diremos, do desenvolvimento libidinal, situam-se em época anterior a esta." – p.331;

"Por conseguinte, posso agora descrever-lhes a forma que toma a **vida sexual da criança**, antes do estabelecimento da primazia dos genitais: essa primazia já tem seus preparativos no primeiro período da infância, prévio ao período de latência, e se organiza, permanentemente, da puberdade em diante. Uma espécie de organização frouxa, que pode ser chamada 'pré-genital', existe durante esse período inicial. Durante essa fase, o que está em primeiro plano não são os instintos componentes genitais, mas os sádicos e anais. O contraste entre 'masculino' e 'feminino' ainda não desempenha, aqui, nenhum papel. Em lugar disso, o contraste se estabelece entre 'ativo' e 'passivo', que pode ser descrito como precursor da **polaridade sexual** e que, daí em diante, se solda a essa polaridade. O que se nos apresenta como masculino, nas atividades dessa fase, quando o consideramos do ponto de vista da fase genital, vem a ser expressão de um instinto de domínio que facilmente pode transformar-se em crueldade. As tendências que visam a um fim passivo vinculam-se à zona erógena do orifício anal, que é muito importante nesse período. Os instintos de olhar e de adquirir conhecimento [instintos

escopofílico e epistemológico] estão funcionando poderosamente; os genitais realmente desempenham seu papel na **vida sexual apenas como órgãos de excreção da urina**." – p.331;

"Como podem perceber, a **atividade sexual da sucção** pertence a esse estádio. Devemos admirar a compreensão dos antigos egípcios que, na sua arte, representavam as crianças, inclusive o deus Hórus, com um dedo na boca. Apenas recentemente, Abraham [1916] deu exemplo dos vestígios que essa fase oral primitiva deixa após si na **vida sexual posterior**." – p.332;

"Facilmente posso supor, senhores, que essa última descrição das **organizações sexuais** serviu mais para confundi-los do que para instruí-los, e pode ser que mais uma vez eu tenha entrado em demasiados detalhes." – p.332;

"O que acabaram de ouvir lhes será de grande valor a partir de suas ulteriores aplicações. Por agora, devem reter firme em mente que **a vida sexual (ou, conforme dizemos, a função libidinal)** não emerge como algo pronto e nem tem seu desenvolvimento ulterior ditado pelo seu próprio aspecto inicial, mas passa por uma série de fases sucessivas que não se parecem entre si; sua evolução repete-se, portanto, várias vezes – como o da lagarta em borboleta. O ponto crítico desse desenvolvimento é a subordinação de todos os instintos parciais à primazia dos genitais e, com isso, **a sujeição da sexualidade à função reprodutiva**. A esta precede uma **vida sexual** que poderia ser descrita como anárquica – a atividade independente dos diferentes instintos parciais buscando o prazer do órgão. Tal anarquia é mitigada por inícios infrutíferos de organizações 'pré-genitais' – uma fase sádico-anal precedida por uma fase oral que é, talvez, a mais primitiva. Ademais, existem os processos variados, ainda incompletamente conhecidos, que levam um estádio de organização ao estádio subsequente, mais elevado." – p.332;

"Hoje, seguiremos um outro aspecto desse desenvolvimento – isto é, a relação entre **os instintos sexuais parciais e seu objeto**." – p.332;

"Alguns dos **componentes do instinto sexual** têm, portanto, desde o início, um objeto e aderem a este – por exemplo o instinto de domínio (sadismo) e os instintos escopofílico e epistemológico. Outros, mais definidamente vinculados a determinadas zonas erógenas do corpo, têm, inicialmente, apenas um objeto, enquanto estiverem ainda ligados às **funções não sexuais**, e o abandonam quando se separam dessas **funções não sexuais**." – p.333;

"Assim, o primeiro objeto do **componente oral do instinto sexual** é o seio materno, que satisfaz a necessidade de alimento do bebê." – p.333;

"O componente erótico, que é satisfeito simultaneamente durante a sucção [nutricional], torna-se independente com o ato da **sucção sensual** [*lutschen*]; abandona o objeto externo e o substitui por uma área do corpo do próprio bebê. O instinto oral torna-se *autoerótico*, como o são, no início, os instintos anais e outros instintos erógenos." – p.333;

"Os processos referentes ao encontro de um objeto são muito complexos, e até agora ainda não se fez nenhuma descrição completa dos mesmos. Para nossos propósitos, pode-se assinalar especialmente que, nos anos da infância anteriores à puberdade, quando o processo atingiu alguma definição, o objeto encontrado vem a ser quase idêntico ao primeiro objeto do instinto de prazer oral, que foi obtido por ligação [ao instinto nutricional]. Embora esse objeto não seja realmente o seio materno, pelo menos é a mãe. Dizemos que a mãe é o primeiro objeto de *amor*. Pois falamos em amor quando trazemos para o primeiro plano o lado mental das **tendências sexuais** e quando queremos repelir as **exigências instintuais 'sensuais'** ou físicas subjacentes, ou esquecê-las no momento. Na época em que a mãe se torna o objeto de amor da criança, nesta o trabalho psíquico da repressão já começou, trabalho que consiste em uma parte dos **fins sexuais** subtrair-se ao conhecimento consciente. A essa escolha que a criança faz, ao tornar sua mãe o primeiro objeto de seu amor, vincula-se tudo aquilo que, sob o nome de 'complexo de Édipo', veio a ter tanta importância na explicação psicanalítica das neuroses e tem tido uma parte não menor, talvez, na resistência à psicanálise." – p.333-334;

"Do mesmo modo, haver-se-á de objetar que a conduta do menino origina-se em motivos egoísticos e não oferece base para se postular um complexo erótico: a mãe satisfaz todas as necessidades da criança, de modo que esta tem interesse em evitar que ela venha a dispensar cuidados a uma outra pessoa. Esse fato também é procedente; mas, logo tornar-se-á claro que, nessa situação, como em outras semelhantes, o interesse egoístico simplesmente oferece um ponto de apoio ao qual a tendência erótica se vincula. O menino pode mostrar a mais **indisfarçada curiosidade sexual para com sua mãe**, pode insistir em dormir ao seu lado, à noite, pode impor sua presença, junto a ela quando ela está se vestindo, ou, mesmo fazer tentativas reais de seduzi-la, conforme sua mãe divertidamente perceberá e relatará – tudo isso demonstra inequivocamente a natureza erótica de sua ligação com a mãe." – p.336-337;

"Em resumo, não existe crítica que possa eliminar dessa situação **o fator da preferência sexual**." – p.337;

"Não devemos deixar de acrescentar que os próprios pais frequentemente exercem uma influência decisiva no despertar da atitude edipiana da criança, ao cederem ao **empuxo da atração sexual**, e que, onde houver diversas crianças, o pai dará definidas provas de sua maior afeição por sua filhinha e a mãe, por seu filho. Mas a natureza espontânea do complexo de Édipo nas crianças não pode ser seriamente abalada até mesmo por esse fator." – p.337;

"Já mencionamos que as **investigações sexuais da criança**, com todas as suas consequências, geralmente se originam dessa experiência vital sua. À medida que esses irmãos e irmãs crescem, a atitude do menino para com eles sofre transformações muito significativas." – p.338;

"Tem sido dito que **a tendência sexual é desviada** de membros da mesma família pertencentes ao sexo oposto, pelo fato de terem vivido juntos desde a infância; ou ainda, que um propósito biológico de evitar a consanguinidade é representado psiquicamente por um inato horror ao incesto. Nisso tudo, deixa-se de atentar para o fato de que uma proibição tão peremptória não

seria necessária nas leis e nos costumes, se houvesse barreiras naturais seguras contra a tentação do incesto. A verdade é justamente o oposto. A primeira escolha objetal de um ser humano é regularmente incestuosa, dirigida, no caso do homem, à sua mãe e à sua irmã; e necessita das mais severas proibições para impedir que essa tendência infantil persistente se realize." – p.338-339;

"Facilmente podemos verificar também que o ódio ao pai é reforçado por diversos fatores que surgem de épocas e circunstâncias posteriores, e que **os desejos sexuais** dirigidos à mãe assumem formas tais, que devem ter sido estranhos até mesmo para uma criança. Entretanto, seria um esforço vão procurar explicar a totalidade do complexo de Édipo através do fantasiar retrospectivo e vinculá-la a épocas posteriores." – p.340;

"O fato clínico que se nos apresenta sob a forma do complexo de Édipo, tal como é estabelecido pela análise, é da mais alta significação prática. Constatamos que, na puberdade, quando **os instintos sexuais**, pela primeira vez, fazem suas exigências com toda a sua força, os velhos objetos incestuosos familiares são retomados mais uma vez e novamente catexizados com a libido. A escolha objetal infantil era apenas uma escolha débil, mas já era um começo que indicava a direção para a escolha objetal na puberdade. Nesse ponto, desenrolam-se, assim, processos emocionais muito intensos que seguem a direção do complexo de Édipo ou reagem contra ele, processos que, entretanto, de vez que suas premissas se tornaram intoleráveis, devem, em larga escala, permanecer apartados da consciência. Dessa época em diante, o indivíduo humano tem de se dedicar à grande tarefa de desvincular-se de seus pais e, enquanto essa tarefa não for cumprida, ele não pode deixar de ser uma criança para se tornar membro da comunidade social. Para o filho, essa tarefa consiste em desligar seus desejos libidinais de sua mãe e empregá-los na escolha de um objeto amoroso real externo e em reconciliar-se com o pai, se permaneceu em oposição a este, ou em liberar-se da pressão deste, se, como reação à sua rebeldia infantil, tornou-se subserviente a ele. Essas tarefas são propostas a todas as pessoas; e é de causar espécie quão raramente as pessoas enfrentam tais tarefas de maneira ideal – isto é, de maneira tal que seja correta, tanto psicológica como socialmente. Os neuróticos, porém, não chegam absolutamente a nenhuma solução: o filho permanece por toda a vida subjugado à autoridade do pai e é incapaz de transferir sua libido **a um objeto sexual externo**. Com o relacionamento modificado, o mesmo destino pode esperar a filha. Nesse sentido, o complexo de Édipo justificadamente pode ser considerado como o núcleo das neuroses." – p.340-341;

CONFERÊNCIA XXII – ALGUMAS IDEIAS SOBRE DESENVOLVIMENTO E REGRESSÃO – ETIOLOGIA

"Procuremos algumas analogias com esses processos em outras áreas de conhecimento. Quando, conforme tantas vezes aconteceu nos períodos iniciais da história do homem, um povo inteiro abandonou seu local de morada e procurou um novo, podemos ter a certeza de que nem todos os indivíduos desse povo chegaram à nova localidade. Afora outras perdas, deve ter acontecido, regularmente, que pequenos grupos ou bandos de migrantes pararam no caminho e se fixaram nesses locais de parada, enquanto o grosso da massa prosseguia adiante. Ou, conforme é do conhecimento dos senhores, voltando a uma comparação mais próxima, nos mamíferos superiores **as glândulas sexuais masculinas**, que inicialmente se situam profundamente na cavidade abdominal, iniciam uma migração, em determinado estádio da vida intrauterina, que as traz quase diretamente sob a pele da extremidade pélvica. Em consequência

dessa migração, constatamos, em alguns indivíduos masculinos, que um desses órgãos pares ficou para trás, dentro da cavidade pélvica, ou que ficou alojado permanentemente dentro do que se conhece como canal inguinal, através do qual ambos os órgãos devem passar no decurso de sua migração; ou, pelo menos, que esse canal permaneceu aberto, embora normalmente devesse fechar-se após as glândulas haverem completado sua mudança de localização." – p.343;

"Portanto, declaro, sem mais delongas, que, no caso de **cada uma das tendências sexuais**, considero possível que algumas partes das mesmas tenham ficado para trás, em estádios anteriores de seu desenvolvimento, embora outras partes possam ter atingido o objeto final." – p.344;

"No momento atual, deter-nos-emos um pouco mais na regressão. Após essas coisas que os senhores aprenderam a respeito do desenvolvimento da função libidinal, estarão preparados para saber que há regressão de dois tipos: um retorno aos objetos que inicialmente foram catexizados pela libido, os quais, conforme sabemos, são de natureza incestuosa; e **um retorno da organização sexual como um todo a estádios anteriores**. Ambos os tipos de regressão são encontrados nas neuroses de transferência e desempenham importante papel no seu mecanismo." – p.345;

"A repressão, como se recordam, é o processo pelo qual um ato admissível à consciência, portanto um ato que pertence ao sistema *Pcs*., é tornado inconsciente – é repelido para dentro do sistema *Ics*. E igualmente falamos em regressão se o ato mental inconsciente é de todo impedido de ter acesso ao vizinho sistema pré-consciente e é repelido, no limiar, pela censura. Assim, **o conceito de repressão não implica nenhuma relação com a sexualidade**: devo pedir-lhes que tomem especial nota disto. Indica um processo puramente psicológico, que podemos caracterizar mais bem ainda se o denominarmos processo 'topográfico'. Com isso queremos dizer que repressão diz respeito às regiões psíquicas que supomos existirem ou, se abandonamos essa desajeitada hipótese de trabalho, à construção do aparelho mental a partir dos diferentes sistemas psíquicos." – p.345-346;

"Ora, é verdade que, na histeria, opera-se uma **regressão da libido aos primitivos objetos sexuais incestuosos e que isto ocorre muito regularmente**; contudo, não existe, a bem dizer, **nenhuma regressão a um estádio anterior da organização sexual**. Para contrabalançar isso, a parte principal do mecanismo da histeria é desempenhada pela repressão. Se pudesse aventurar-me a completar aquilo que já temos por certo a respeito dessa neurose, fazendo alguma hipótese, tentaria explicar a situação da seguinte maneira. A unificação dos instintos parciais sob a primazia dos genitais foi conseguida; seus resultados, porém, se defrontam com a resistência do sistema pré-consciente que se vincula com a consciência." – p.346-347;

"Dos dois tipos de regressão da libido, a regressão que se faz a uma **fase anterior da organização sexual** é, de longe, a mais surpreendente. Como esta se encontra ausente na histeria, e de vez que nossa completa visão das neuroses ainda está excessivamente influenciada pelo estudo da histeria, cronologicamente a primeira a ser estudada, assim a significação da regressão libidinal também se nos tornou compreensível muito depois de compreendermos a

importância da repressão.” – p.347;

“E depois, devemos ter em mente que **os impulsos instintuais sexuais**, em particular, são extraordinariamente *plásticos*, se é que posso expressar-me dessa maneira. Um deles pode assumir o lugar do outro, um pode assumir a intensidade do outro; no caso de a realidade frustrar a satisfação de um deles, a satisfação de outro pode proporcionar compensação completa.” – p.348;

“Ademais, **os instintos parciais da sexualidade**, bem como **a tendência sexual** que deles se compõe, revelam grande capacidade de mudar de objeto, de tomar um objeto por outro – e de tomar, portanto, um objeto que seja mais facilmente acessível.” – p.349;

“Entre esses processos protetores contra o adoecer devido à privação, existe um que adquiriu especial significação cultural. Consiste no fato de **a inclinação sexual abandonar seu fim de obter um prazer parcial ou reprodutivo e de adotar um outro**, que genericamente se relaciona àquele que foi abandonado, mas que, por si mesmo, **já não possui mais um caráter sexual**, devendo ser descrito como social. A esse processo chamamos ‘sublimação’, segundo o consenso geral que situa os objetivos sociais acima dos **objetivos sexuais**, que no fundo, visam aos próprios interesses próprios do indivíduo. Aliás, a sublimação é apenas um caso especial da maneira pela qual as **inclinações sexuais se vinculam a outras, não sexuais**.” – p.349

“A esse ponto, aproveito a oportunidade para alertá-los contra a possibilidade de tomarem partido em uma disputa muito desnecessária. Em assuntos científicos, as pessoas mantêm muito essa tendência de selecionar uma parte da verdade, colocando-se a favor dessa parte somente. Foi justamente dessa forma que diversas correntes de opinião já se cindiram do movimento psicanalítico, algumas delas **reconhecendo os instintos egoísticos e negando os sexuais**, e outras atribuindo importância à influência das incumbências reais da vida e desprezando o passado do indivíduo – e outras mais. Ora, aqui encontramos mais uma ocasião para assinalar um contraste e iniciar uma controvérsia. São as neuroses doenças *exógenas ou endógenas*? São elas o resultado inevitável de determinada constituição, ou são produto de determinadas experiências de vida prejudiciais (traumáticas)? Mais particularmente, são elas causadas pela fixação da libido **(e pelos outros aspectos da constituição sexual)** ou pela pressão da frustração? Parece-me que esse dilema, em sua totalidade, não se reveste de sensatez maior do que um outro dilema que eu poderia apresentar-lhes: um bebê surge por ter sido gerado por seu pai, ou por ter sido concebido por sua mãe?” – p.350;

“Quanto à sua causação, os casos de doença neurótica enquadram-se numa série, dentro da qual os dois fatores – **constituição sexual e experiência, ou, se preferirem, fixação da libido e frustração** – estão representados de tal modo que, quando um dos fatores é mais forte, o outro o é menos. Em um dos limites da série estão os casos extremos dos quais os senhores poderiam dizer convictamente: essas pessoas, em consequência do singular desenvolvimento de sua libido, teriam adoecido de qualquer maneira, quaisquer que tivessem sido suas experiências e por mais que suas vidas tivessem sido protegidas. No outro limite da série, estão os casos que, pelo contrário, os senhores deveriam supor tivessem certamente escapado de adoecer, se suas

vidas não os tivessem conduzido a esta ou àquela situação. Nos casos intermediários da série, um maior ou menor grau de **predisposição na constituição sexual** se combina com um grau menor ou maior de experiências nocivas na vida das pessoas." – p.350-351;

"**Sua constituição sexual** não as teria levado à neurose, se não tivessem tido essas experiências, e essas experiências não teriam tido um efeito traumático sobre tais pessoas se sua libido tivesse sido disposta de outra forma." – p.351;

"Trata-se de um homem que, hoje, é praticamente indiferente aos genitais e a outros atrativos das mulheres, mas que pode ser tomado de **irresistível excitação sexual** apenas por causa de um pé que tenha determinada forma, e que calce um sapato. Pode recordar um acontecimento do seu sexto ano de vida, decisivo para a fixação de sua libido. Estava sentado num banquinho, ao lado da governanta que lhe ia ministrar lições de inglês. A governanta, uma solteirona de meia-idade, seca, sem atrativos especiais, com olhos azul-claros e nariz arrebitado, naquele dia estava com algum problema no pé e, por causa disso, mantinha-o calçado num chinelo de veludo, estendido sobre uma almofada. Sua perna, propriamente, estava com decência recoberta com a roupa. Um pé fino, magricela, como aquele que vira pertencendo à sua governanta, desde então se tornou (**após tímida tentativa de atividade sexual normal na puberdade**) **seu único objeto sexual**; e o homem se sentia irresistivelmente atraído se um pé assim se associava mais a outros aspectos, do que lembrassem a figura da governanta inglesa. Essa fixação de sua libido, porém, fazia dele não um neurótico mas um pervertido – o que denominamos fetichista do pé." – p.352;

"Mas, quais são as forças das quais surge a objeção à tendência libidinal? Qual é a outra parte do conflito patogênico? Essas forças, genericamente falando, são as **forças instintuais não sexuais**." – p.353;

"**O conflito patogênico é, pois, um conflito entre os instintos do ego e os instintos sexuais**. Em muitos casos, parece haver como que um **conflito também entre diferentes tendências puramente sexuais**. Em essência, isto, porém, é a mesma coisa; pois **das duas tendências sexuais em conflito**, uma sempre é, poderíamos dizer assim, 'egossintônica', ao passo que a outra provoca a defesa do ego. Portanto, ainda **continua sendo um conflito entre o ego e a sexualidade**." – p.354;

"Senhores, sempre que a psicanálise tem afirmado que algum **evento mental é produto dos instintos sexuais**, tem-se-lhe argumentado, indignadamente, a modo de defesa, que os seres humanos **não se resumem apenas em sexualidade**, que **existem na vida mental instintos e interesses outros além dos sexuais, que não se deve derivar 'tudo' da sexualidade**, e assim por diante. Pois bem, é muito gratificante, vez por outra, verificar que estamos de acordo com nossos opositores. A psicanálise jamais se esqueceu de que **há também forças instintuais que não sexuais**. Ela se baseou numa nítida distinção entre **os instintos sexuais e os instintos do ego**, e, apesar de todas as objeções, **sustentou não que as neuroses derivavam da sexualidade, mas sim, que, sua origem se deve a um conflito entre o ego e a sexualidade**. E nem possui qualquer motivo concebível para contestar a existência ou a importância dos

instintos do ego, enquanto rastreia **a parte executada pelos instintos sexuais na doença e na vida corrente**. Simplesmente a psicanálise teve o destino de **começar por interessar-se pelos instintos sexuais**, de vez que as neuroses de transferência os tornaram os de mais fácil acesso ao exame, e porque à psicanálise coube a tarefa de estudar aquilo de que outras pessoas haviam descurado." – p.354;

"E não se trata de a psicanálise **não haver prestado atenção alguma à parte não sexual da personalidade**. É precisamente a **distinção entre ego e sexualidade** que nos possibilitou reconhecer com especial clareza que os instintos do ego passam por um importante processo de evolução, uma evolução que não é nem completamente independente da libido, nem desprovida de um efeito secundário sobre a mesma." – p.354;

"Não acreditamos que os interesses libidinais de uma pessoa estejam, desde o início, em oposição a seus interesses de autopreservações; pelo contrário, o ego esforça-se, em cada estádio, por **permanecer em harmonia com sua organização sexual**, tal como esta se apresenta na época, e por ajustar-se a ela. A sucessão das diferentes fases do desenvolvimento libidinal provavelmente segue um programa estabelecido." – p.355;

"O zelador da casa mora no subsolo e seu patrão, um cavalheiro rico e respeitável, no primeiro andar. Ambos têm filhos, e podemos supor que a filhinha do proprietário pode brincar, sem qualquer supervisão, com a menina proletária. Muito facilmente poderia acontecer, então, que as brincadeiras das crianças assumissem um caráter 'arteiro' – **digamos, sexual** –, e que brincassem de 'papai e mamãe', se olhassem uma à outra no que têm de mais íntimo e uma excitasse os genitais da outra. A filha do zelador, embora apenas com cinco ou seis anos de idade, teria tido oportunidade de **observar um bocado de coisas a respeito da sexualidade adulta**, e nisso tudo ela bem que poderia desempenhar o papel da sedutora. Essas experiências, conquanto não continuadas por longo período de tempo, seriam suficientes para pôr em atividade **determinados impulsos sexuais** nas duas crianças; e depois que houvessem cessado as brincadeiras conjuntas, esses impulsos, durante diversos anos subsequentes, encontrariam expressão na masturbação." – p.356;

"A filha do zelador continuará a masturbar-se, talvez, até começarem seus períodos menstruais e, então, sem dificuldade, abandonará a masturbação. Uns anos depois, encontrará um companheiro e, talvez, terá um filho. Assumirá uma ou outra ocupação, possivelmente se torne uma figura popular no palco e termine como aristocrata. Sua carreira não será, com bastante probabilidade, das mais brilhantes; no entanto, em todo caso, passará a vida sem ter sido prejudicada por aqueles **primeiros exercícios de sua sexualidade** e ficará isenta de neurose. Com a filhinha do proprietário as coisas serão diferentes. Numa fase inicial, e enquanto é ainda uma criança, terá uma ideia de haver feito algo de errado; após curto período, talvez, porém apenas após uma luta intensa, abandonará sua satisfação masturbatória; não obstante, terá em si certo sentimento de opressão. Posteriormente, em sua meninice, quando estiver em **condições de aprender algo da relação sexual humana**, se afastará desta com inexplicável aversão e preferirá manter-se na ignorância a respeito do assunto. E, agora, provavelmente estará sujeita a nova emergência de uma pressão irresistível de se masturbar, da qual não ousará queixar-se. Durante os anos em que deveria exercer uma atração feminina sobre algum homem, irrompe nela uma neurose que frustra o casamento e defrauda suas esperanças na vida. Se, após isso,

uma análise conseguir obter uma compreensão interna (*insight*) de sua neurose, se constatará que a moça bem educada, inteligente, que aspirava a coisas elevadas, reprimiu completamente **seus impulsos sexuais**, mas que estes, inconscientes para ela, ainda estão vinculados às experiências insignificantes tidas com sua amiga de infância." – p.356-357;

"A diferença entre as vidas dessas duas pessoas, malgrado tenham tido a mesma experiência, reside no fato de que o ego de uma delas sofreu um desenvolvimento que o da outra jamais atingiu. Para a filha do zelador, **a atividade sexual pareceu tão natural e inofensiva** na vida posterior como o havia sido na infância. A filha do senhorio submeteu-se à influência da educação e aceitou suas exigências. A partir das ideias que lhe foram vinculadas, **seu ego formou ideais de pureza feminina e abstinência incompatíveis com a atividade sexual**; sua educação intelectual reduziu seu interesse pelo papel feminino que estava destinada a desempenhar. Devido à sua moral mais elevada e ao desenvolvimento intelectual de seu ego, **ela entrou em conflito com as exigências de sua sexualidade**." – p.357;

"Hoje, deter-me-ei um pouco em outro ponto do desenvolvimento do ego, em parte porque tenho em vista alguns objetivos mais remotos, contudo, também porque o que se segue destina-se a precisamente justificar a nítida separação entre **os instintos do ego e os instintos sexuais**, que reafirmamos, não sendo, porém, evidente por si mesma." – p.357;

"Entre os animais, pode-se encontrar, por assim dizer, em **forma petrificada todos os tipos de perversão da organização sexual**." – p.357;

"Ora, é digno de nota o fato de que **os instintos sexuais e os instintos de autopreservação** não se comportam da mesma maneira para com a necessidade real. Os instintos de autopreservação, e tudo o que com eles se relaciona, são muito mais fáceis de educar: cedo aprendem a adaptar-se à necessidade e a moldar seus desenvolvimentos de acordo com as instruções da realidade." – p.358;

"**Os instintos sexuais são mais difíceis de educar**, de vez que, no início, não precisam de objeto. Como estão ligados, à semelhança de parasitas, por assim dizer, às outras funções corporais e conseguem sua satisfação autoeroticamente no próprio corpo da pessoa, eles estão, de início, retirados da influência educadora da necessidade real, e conservam essa característica de serem rebeldes e inacessíveis à influência (isto descrevemos como sendo 'irracional') na maioria das pessoas, em certo sentido, por toda a vida. Ademais, via de regra, **a educabilidade de pessoas jovens chega ao fim quando suas necessidades sexuais surgem em toda a sua plenitude**. Os educadores sabem disso e agem de acordo; mas as descobertas da psicanálise talvez possam induzi-los a deslocar o impacto principal da educação para os anos da meninice, partindo da infância propriamente dita." – p.358-359;

"Um exame do prazer mais intenso acessível aos seres humanos, **o prazer de efetuar o ato sexual**, deixa pouca dúvida quanto a esse ponto. De vez que, em tais processos relativos ao prazer, a questão é saber o que acontece com as *quantidades* de excitação ou energia mental,

damos a essa nova dimensão o nome de econômica.” – p.359;

“É imediatamente óbvio que **os instintos sexuais**, do começo ao fim de seu desenvolvimento, atuam com vistas à obtenção de prazer; eles mantêm inalterada sua função original.” – p.359-360;

“A transição do princípio de prazer para o princípio de realidade é um dos mais importantes passos na direção do desenvolvimento do ego. Já sabemos que é só tardia e relutantemente que **os instintos sexuais** se reúnem a essa parte do desenvolvimento, e mais adiante ouviremos falar nas consequências, para os seres humanos, do fato de **sua sexualidade se contentar com laços tão frouxos com a realidade externa**.” – p.360;

CONFERÊNCIA XXIII – OS CAMINHOS DA FORMAÇÃO DOS SINTOMAS

“Onde, pois, encontra a libido as fixações necessárias para romper as repressões? Nas atividades e **experiências da sexualidade infantil**, nas tendências parciais abandonadas, nos objetos da infância que foram abandonados. É a estes, por conseguinte, que a libido retorna. A significação desse período da infância é dupla: por um lado, durante esse período, pela primeira vez se tornam manifestas as tendências instintuais que a criança herdou com sua disposição inata; e, em segundo lugar, outros instintos seus são, pela primeira vez, despertados e postos em atividade pelas impressões externas e experiências casuais.” – p.363;

“**A constituição sexual hereditária** apresenta-nos uma grande variedade de disposições, conforme seja herdado, com particular intensidade, um ou outro dos instintos parciais, sozinho ou em combinação com os outros.” – p.365;

“**A constituição sexual** forma, portanto, junto com o fator da experiência infantil, uma ‘série complementar’ exatamente semelhante àquela que já sabemos existir entre disposição e experiência casual do adulto.” – p.365;

“E aqui levanta-se a questão de saber se os mais marcantes tipos de regressões libidinais – os que se fazem aos **primeiros estádios da organização sexual** – não poderiam ser predominantemente determinados pelo fator constitucional hereditário.” – p.365;

“Consideramos agora, detidamente, o fato de a investigação analítica mostrar que a libido dos neuróticos está ligada às suas **experiências sexuais infantis**. Assim, ela confere a essas experiências uma dimensão de grande importância para a vida e a doença dos seres humanos. Elas mantêm, sem qualquer redução, essa importância, no que concerne ao trabalho terapêutico.” – p.365;

“Existem casos em que todo o peso da causação recai nas **experiências sexuais da infância**,

casos em que essas impressões exercem um efeito definidamente traumático e não exigem nenhum outro apoio, nessa ação patogênica, além do que lhes pode proporcionar uma **constituição sexual médica** e a circunstância de seu desenvolvimento incompleto." – p.366-367;

"Esses fatos têm algum interesse do ponto de vista da educação, que planeja a prevenção das neuroses intervindo num estádio inicial do **desenvolvimento sexual das crianças**. Contanto que se dirija a atenção principalmente para as **experiências sexuais infantis**, deve-se supor que se tem feito tudo pela profilaxia das doenças nervosas mediante o cuidado de se adiar o desenvolvimento da criança e de esta ser poupada de experiências de tal espécie." – p.367;

"Ademais, efetuar essa proteção é mais difícil do que a imaginam os educadores, e encerra dois novos perigos que não devem ser subestimados: o fato de ela poder ir fundo demais – de encorajar um **excesso de repressão sexual** com resultados prejudiciais – e o fato de ela poder enviar a criança ao encontro da vida sem qualquer defesa contra a avalanche de **exigências sexuais** que são de se esperar na puberdade." – p.367;

"Podemos verificar que esta é uma consequência de se haver rejeitado o princípio de realidade e se haver retornado ao princípio de prazer. Também é, contudo, um retorno a um tipo de autoerotismo difuso, do tipo que proporcionava o **instinto sexual nas primeiras satisfações**. Em lugar de uma modificação no mundo externo, essas satisfações substituem-na por uma modificação no próprio corpo do indivíduo: estabelecem um ato interno em lugar de um externo, uma adaptação em lugar de uma ação – uma vez mais, algo que corresponde, filogeneticamente, a uma regressão altamente significativa. Isto somente compreenderemos em conexão com algo novo que ainda teremos de aprender das pesquisas analíticas da formação dos sintomas." – p.368;

"Em *Struwwelpeter*, a famosa obra de Hoffmann, pediatra de Frankfurt (a qual deve sua popularidade justamente à compreensão dos **complexos sexuais e de outros complexos da infância**), os senhores verão a castração atenuada em amputação dos polegares, como castigo pela obstinação em sugá-los." – p.371;

"Não apenas em famílias proletárias é perfeitamente possível que uma criança, enquanto ainda não se julga possuir compreensão ou memória, seja **testemunha do ato sexual dos pais** ou de outras pessoas adultas; e não se pode rejeitar a possibilidade de que a criança será capaz de entender e reagir a essa impressão *retrospectivamente*." – p.371;

"Uma fantasia de ser seduzido, quando não ocorreu sedução nenhuma, geralmente é utilizada por uma criança para encobrir **o período autoerótico de sua atividade sexual**. Fantasiando retrospectivamente dentro dessas épocas mais primitivas um objeto desejado, a criança se poupa da vergonha de se haver masturbado. No entanto, os senhores não devem supor que o **abuso sexual** de uma criança por algum dos parentes masculinos mais próximos pertença inteiramente ao reino da fantasia. A maioria dos analistas terá tratado casos nos quais esses eventos foram

reais e poderiam ser constatados inquestionavelmente; e mesmo em tais casos, contudo, esses fatos se referiam a anos posteriores da infância e tinham sido transpostos para épocas mais precoces." – p.372;

"Parece-me bem possível que todas as coisas que nos são relatadas hoje em dia, na análise, como fantasia – sedução de crianças, **surgimento da excitação sexual** por observar o coito dos pais, ameaça de castração (ou, então, a própria castração) – foram, em determinada época, ocorrências reais dos tempos primitivos da família humana, e que as crianças, em suas fantasias, simplesmente preenchem os claros da verdade individual com a verdade pré-histórica." – p.373;

"O ego humano, como sabem, é, pela pressão da necessidade externa, educado lentamente no sentido de avaliar a realidade e de obedecer ao princípio de realidade; no decorrer desse processo, é obrigado a renunciar, temporária ou permanentemente, a uma variedade de objetos e de fins aos quais está voltada sua busca de prazer, e não apenas **de prazer sexual**." – p.373;

"É uma questão de saber *que quota* de libido não utilizada uma pessoa é capaz de manter em suspensão, e uma questão do *tamanho da fração* de libido que a pessoa é capaz de desviar dos **fins sexuais para os fins sublimados**." – p.376-377;

CONFERÊNCIA XXIV – O ESTADO NEURÓTICO COMUM

"O ego é, realmente, o poder que nega e desacredita o inconsciente mantendo-o reprimido; assim, como podemos confiar em que seja justo para com o inconsciente? Os elementos mais importantes naquilo que dessa forma está reprimido, são **as exigências da sexualidade rechaçadas**, e fica bastante evidente que, partindo dos pontos de vista próprios do ego, jamais conseguiríamos imaginar a extensão e importância das mesmas." – p.381;

"Quem quer que não se deixe coibir por essa advertência e resolva tomar as falsificações do ego por moeda legítima, vai passar bem, evitará todas as resistências que se opõem à ênfase dada pela psicanálise ao inconsciente, **à sexualidade e à passividade do ego**." – p.381;

"É muito comum uma mulher, tratada com rudeza e explorada de forma desumana por seu marido, encontrar uma saída na neurose, se sua constituição o possibilita, se é excessivamente covarde ou excessivamente honrada para procurar um consolo secreto com outro homem, se em virtude de todos os empecilhos externos não é suficientemente forte para separar-se de seu marido, se não tem perspectivas de se sustentar a si própria ou de conseguir um marido melhor, e se, além do mais, ainda está, através de seus **sentimentos sexuais**, vinculada a seu cruel marido." – p.384-385;

"Os senhores podem supor, talvez, que isto sucedeu porque, nesse caso, eu teria tido maior dificuldade de provar **a causação sexual das neuroses**. Mas nisso os senhores poderiam estar enganados. No caso das neuroses de transferência, deve-se achar a solução através da interpretação dos sintomas, antes de se poder chegar a essa descoberta. Nas formas comuns

daquilo que se conhece como ‘neuroses atuais’ **a significação etiológica da vida sexual** é um fato indisfarçado que salta aos olhos do observador. Encontrei-a há mais de vinte anos, quando, certo dia, indagava a mim próprio da razão por que, no exame dos neuróticos, suas **atividades sexuais** são tão regularmente excluídas de qualquer consideração. Naquela época, sacrifiquei minha popularidade junto a meus pacientes, em benefício dessas investigações; bastou apenas um breve esforço para que pudesse declarar que, ‘se a ***vita sexualis* é normal**, não pode haver neurose’ – e, com isso, eu quis dizer ‘neurose atual’.” – p.386;

“Naquela época, eu chegara a estabelecer relações específicas entre determinadas formas de neuroses e determinadas **influências nocivas sexuais**; e não tenho dúvidas de que poderia, hoje, repetir as mesmas observações, se ainda estivesse à minha disposição um material patológico parecido. Muitíssimas vezes verifiquei que um homem que se excedeu em determinado tipo de **satisfação sexual incompleta** (por exemplo, masturbação manual) havia adoecido de determinada forma de ‘neurose atual’, e que essa neurose prontamente dava lugar a uma outra, se substituísse seu ***regime* sexual** por outro igualmente nada irrepreensível. Naquele tempo, estava em situação de concluir que, no paciente, havia se operado uma mudança na **sua vida sexual**, a partir de uma modificação em sua condição. Também aprendi, nessa época, a manter obstinadamente minha hipótese, até haver vencido a insinceridade dos pacientes e havê-los compelido a confirmar meus pontos de vista. É verdade que, depois disso, eles preferiram ir a outros médicos que não fizeram essas **indagações meticulosas sobre sua vida sexual**.” – p.387;

“Mesmo nessa época, não pude deixar de perceber que a causação da doença nem sempre aponta para a **vida sexua**l. Uma pessoa, é fato, adoeceu por uma **influência nociva sexual direta**; mas uma outra adoeceu porque perdeu sua fortuna ou porque sofreu uma doença orgânica exaustiva. A explicação dessas diferenças veio posteriormente, quando compreendemos as inter-relações, de que já suspeitávamos, entre o ego e a libido, e a explicação se tornou mais satisfatória à medida que essa compreensão se aprofundava. Uma pessoa somente adoece de uma neurose se seu ego perdeu a capacidade de diversificar, de algum modo, sua libido.” – p.387;

“As pessoas haviam optado por esquecer que a **função sexual** não é uma coisa puramente psíquica, da mesma forma como não é uma coisa puramente somática.” – p.388;

“Se, nos sintomas das psiconeuroses, nos familiarizamos com as manifestações de distúrbios na **atuação *psíquica* da função sexual**, não nos surpreenderemos ao encontrar nas neuroses ‘atuais’ as consequências *somáticas* diretas dos **distúrbios sexuais**.” – p.388;

“Em vista dessas analogias, penso que não podemos evitar **considerarmos as neuroses resultado de distúrbios no metabolismo sexual**, seja porque se produzem mais toxinas do que o indivíduo pode metabolizar, seja porque as condições internas, e até mesmo as condições psíquicas, limitam o emprego adequado dessas substâncias. Desde tempos imemoriais, a concepção popular tem prestado homenagem a hipóteses dessa espécie a respeito da **natureza do desejo sexual**, falando do amor como uma ‘intoxicação’ e crendo que o apaixonar-se é

causado por filtros de amor – embora aqui o agente atuante esteja, em certa medida, externalizado. E para nós esta seria a ocasião de relembrar as zonas erógenas e nossa afirmação de que a **excitação sexual** pode ser gerada nos mais variados órgãos. Mas, para o restante, a expressão **'metabolismo sexual'** ou **'química da sexualidade'** é um termo sem conteúdo; não sabemos nada a esse respeito, nem podemos [saber] se devemos supor a existência de duas **substâncias sexuais**, se seriam então denominadas 'masculina' e 'feminina', ou se poderíamos nos contentar com *uma* **toxina sexua**l que deveríamos reconhecer como veículo de todos os efeitos estimulantes da libido." – p.389;

"A análise nos mostra que, pela condensação e pelo deslocamento, o sintoma tornou-se satisfação substitutiva de toda uma série de fantasias e recordações libidinais. Mas essa dor, em determinada época, era também uma dor real e era, então, um **sintoma sexual-tóxico direto**, expressão somática de uma excitação libidinal." – p.391;

"Mas persiste o fato de que este é, com especial frequência, o caso, e que quaisquer influências somáticas (normais ou patológicas) causadas por excitações libidinais são preferidas na construção dos sintomas histéricos. Em tais casos, desempenham o papel do grão de areia que um molusco cobre de camadas de madrepérola. Da mesma forma, as transitórias indicações de **excitação sexual** que acompanham o **ato sexual** não utilizadas pela psiconeurose como o material mais conveniente e apropriado para a construção dos sintomas." – p.391;

CONFERÊNCIA XXV – A ANSIEDADE

"A observação clínica nos proporciona certo número de indícios para a compreensão da ansiedade neurótica, e lhes indicarei o teor dos mesmos:

(a) Não é difícil comprovar o fato de que a ansiedade expectante, ou o estado de apreensão geral, depende estreitamente de determinados acontecimentos da **vida sexual** ou, digamos, de certos empregos da libido. O caso mais simples e mais instrutivo desse tipo ocorre em pessoas que se expõem àquilo que se conhece como excitação não consumada – isto é, pessoa nas quais **violentas excitações sexuais** não encontram descarga suficiente, não conseguem chegar a um final satisfatório –; homens, por exemplo, enquanto estão noivos, aguardando o casamento, e mulheres, cujos maridos são insuficientemente potentes ou executam o **ato sexual**, por precaução, de modo incompleto ou truncado. Em tais circunstâncias, a excitação libidinal desaparece e a ansiedade aparece em seu lugar, seja na forma de ansiedade expectante, seja em ataques e equivalentes da ansiedade. A **interrupção do ato sexual**, como preocupação, se praticado como ***regime*** **sexual**, é causa tão frequente de neurose de ansiedade em homens, mas mais especialmente em mulheres, que, na prática médica, é aconselhável, nesses casos, começar por investigar essa etiologia. Então se verificará, em inúmeras ocasiões, que a neurose de ansiedade desaparece quando a **irregularidade sexual** se interrompe." – p.402;

"O fato de haver uma inter-relação entre o **refreamento sexual** e os estados de ansiedade, pelo que sei, já não é mais posto em dúvida, nem sequer por médicos que não têm contato algum com a psicanálise." – p.403;

“Bem posso acreditar, contudo, que se faça uma tentativa de inverter a relação e de apresentar o ponto de vista de que as pessoas em questão são de tal modo, que já têm a tendência ao estado de apreensão, e, por esse motivo, praticam o refreamento também nos **assuntos sexuais**. Isto, porém, é decisivamente contradito pela conduta das mulheres, cuja **atividade sexual é de natureza essencialmente passiva** – ou seja, é determinada pela maneira como são tratadas pelo homem.” – p.403;

“Quanto mais apaixonada é uma mulher – quanto mais, portanto, tiver **disposição para a relação sexual** e mais capaz de ser satisfeita –, tanto mais certamente reagirá com manifestações de ansiedade à impotência do homem ou ao coito interrompido, ao passo que, no caso de mulheres frígidas ou sem muita libido, esse mau trato desempenha um papel muito menos importante.” – p.403;

“Naturalmente, a **abstinência sexual**, atualmente recomendada com tanta ênfase pelos médicos, apenas tem a mesma importância na geração dos estados de ansiedade quando a libido, impedida de encontrar uma descarga satisfatória, é correspondentemente forte e não foi utilizada, em sua maior parte, pela sublimação. Na verdade, sempre depende de fatores quantitativos decidir se o resultado haverá de ser ou não a doença.” – p.403;

“Mesmo nos casos em que a questão não é a doença, mas sim a forma assumida pelo caráter da pessoa, é fácil reconhecer que a **restrição sexual** caminha de mãos dadas com algum tipo de ansiosidade e indecisão, ao passo que a intrepidez e a ousadia atrevida trazem consigo uma livre **satisfação das necessidades sexuais**.” – p.403;

“Por mais que essas correspondências sejam modificadas e complicadas por numerosas influências culturais, não obstante, para a média dos seres humanos, permanece a verdade de que a **ansiedade tem estreita vinculação com a limitação sexual**.” – p.403;

CONFERÊNCIA XXVI – A TEORIA DA LIBIDO E O NARCISISMO

“Repetidas vezes (e, bem recentemente, mais uma vez), tivemos de tratar da diferença entre os instintos do ego e **os instintos sexuais**. Em primeiro lugar, a repressão nos mostrou que esses dois instintos podem opor-se um ao outro, que **os instintos sexuais** são ostensivamente reprimidos e são obrigados a encontrar satisfação por si mesmos, por vias regressivas e indiretas, e que, com isso, eles são capazes de encontrar compensação por haverem sido frustrados em sua inflexibilidade.” – p.413;

“Por fim, pensamos haver reconhecido que **os instintos sexuais**, mais do que os instintos do ego, têm estreitos laços a vinculá-los ao estado afetivo de ansiedade – e essa conclusão parece incompleta em apenas um importante aspecto.” – p.413;

“Nosso direito de **separar os instintos do ego dos instintos sexuais** não pode, sem dúvida, ser abalado: está implícito na existência da **vida sexual** como atividade distinta do indivíduo. A

única questão é saber qual a importância que atribuiremos a essa separação, e quão detalhadamente desejamos considerar a seu respeito.” – p.413;

“A resposta a essa questão, todavia, se orientará pela medida em que podemos estabelecer o grau em que os **instintos sexuais se comportam**, relativamente a suas manifestações somáticas e mentais, de modo diferente dos outros instintos com os quais estamos comparando-os; e pela importância de que se revestem as consequências decorrentes dessas diferenças.” – p.413;

“De vez que artifício algum será capaz de eliminar da vida mental a **função sexual**, ver-nos-emos obrigados, nesse caso, a falar em **libido sexual e assexual**. O nome libido é, contudo, especialmente reservado para designar **as forças instintuais da vida sexual**, conforme até aqui tem sido nosso costume. (Cf. Jung [1911-12])

Em minha opinião não é, por conseguinte, de muita importância para a psicanálise saber até onde levamos a diferença, indubitavelmente acertada, entre **os instintos sexuais** e os de autopreservação.” – p.414;

“A biologia, no entanto, oferece diversas possibilidades sugestivas que falam em favor de alguma importância em se fazer a distinção. Na verdade, **a sexualidade é a única função do organismo vivo que se estende além do indivíduo** e se refere à relação deste com sua espécie.” – p.414;

“O rastreamento em **separado dos instintos sexuais e dos instintos do ego** auxiliou-nos a encontrar a chave para a compreensão do grupo das neuroses de transferências.” – p.414-415;

“Até aqui tem-se constituído em premissa de nosso trabalho podermos **distinguir os instintos do ego dos instintos sexuais**, por suas manifestações. Quanto às neuroses de transferência, isso poder-se-ia efetuar sem dificuldade. As catexias de energia que o ego dirige aos **objetos de seus desejos sexuais**, nós as denominamos ‘libido’; todas as outras catexias, emanadas dos instintos de autopreservação, denominamos ‘interesse’.” – p.415;

“A megalomania é, em todos os aspectos, comparável à conhecida **supervalorização sexual do objeto na vida erótica [normal]**.” – p.416;

“Assim, aos poucos nos familiarizamos com a noção de que a libido, que encontramos ligada aos objetos e que é expressão de um esforço para obter satisfação em conexão com esses objetos, também pode deixar os objetos e colocar o próprio ego da pessoa em lugar deles: a essa noção foi-se firmando gradualmente, sempre com maior coerência. O nome para essa forma de distribuir a libido – narcisismo –, nós o tomamos de empréstimo de uma perversão descrita por Paul Näcke [1899], na qual um adulto trata seu corpo com todos os mimos que usualmente são dedicados a um **objeto sexual externo**.” – p.416;

"Com efeito, tivemos de recordar, a partir da história da evolução da libido objetal, que muitos **instintos sexuais** começam encontrando satisfação no próprio corpo da pessoa *autoeroticamente,* conforme dizemos – e que essa capacidade para o autoerotismo é a base do atraso da **sexualidade no processo de educação** no princípio de realidade. O autoerotismo seria, pois, a **atividade sexual do estádio narcísico** da distribuição da libido." – p.417;

"É possível ser egoísta e, ao mesmo tempo, ser desmesuradamente narcisista – isto é, ter muito pouca necessidade de um objeto, seja para o propósito de **satisfação sexual direta**, seja com relação a aspirações mais elevadas, derivadas da **necessidade sexual**, que, às vezes, costumamos, sob o nome de 'amor', fazer **contrastar com 'sensualidade'**." – p.418;

"O contrário do egoísmo, *altruísmo,* não coincide, enquanto conceito, com catexia objetal libidinal, mas se distingue desta pela **ausência de desejos de satisfação sexual**. Quando alguém está totalmente apaixonado, entretanto, o altruísmo se superpõe à catexia objetal libidinal. Via de regra, **o objeto sexual** atrai para si uma parte do narcisismo do ego, e isto se torna visível naquilo que se conhece por **'supervalorização sexual' do objeto**. Se, ademais disso, existe uma transposição altruísta do egoísmo para o **objeto sexual**, o objeto se torna extremamente poderoso; é como se ele tivesse absorvido o ego." – p.418;

"Em primeiro lugar, os senhores desejam chamar-me a prestar contas, pois, ao falar em sono, doença e situações parecidas, invariavelmente tento **separar a libido do interesse, instintos sexuais de instintos do ego**, ali onde um exame pode mostrar ser inteiramente satisfatória a hipótese de uma energia única e uniforme que, sendo livremente móvel, catexiza ora o objeto, ora o ego, em obediência a um ou a outro instinto." – p.420;

"A **diferenciação entre libido e interesse – isto é, entre instintos sexuais e instintos de autopreservação** – se nos impôs através de nossa descoberta do conflito, do qual se originam as neuroses de transferência." – p.421;

"Essa tese, no entanto, é equivalente **à separação entre instintos sexuais e instintos do ego**, que já avaliamos sob um ponto de vista crítico e a que continuaremos a aderir, por motivos heurísticos, até sua possível falência." – p.421;

"Experiências dessa natureza, em casos sempre mais numerosos, nos levaram a concluir que a *paranoia persecutória* é a forma da doença na qual uma pessoa se defende contra um **impulso homossexual** que se tornou por demais intenso." – p.425;

"No decorrer das breves conversações que tive com o paciente, constatou-se que sua amizade havia começado nos primeiros tempos de escola. Uma vez, pelo menos, havia ultrapassado os limites da amizade: uma noite, que os dois passaram juntos, tinha servido de ocasião para uma **relação sexual completa**." – p.426;

"Mas, que dizer dos casos em que o perseguidor não é do mesmo sexo que o paciente, e que parecem, portanto, contradizer nossa explicação de que são uma defesa contra a **libido homossexual**?" – p.426;

"A **escolha objetal homossexual** situa-se originalmente mais próxima do narcisismo, do que ocorre com a **escolha heterossexual**. Quando se trata, pois, de repelir um **impulso homossexual** indesejavelmente forte, torna-se sobremodo fácil o caminho de regresso ao narcisismo." – p.426;

"Uma intensa fixação ao tipo narcísico de escolha objetal deve ser incluída na **predisposição ao homossexualismo manifesto**." – p.426;

"Descobrimos que as autocensuras com que esses pacientes melancólicos se atormentam a si mesmos da maneira mais impiedosa, aplicam-se, de fato, a outra pessoa, o **objeto sexual** que perderam ou que se tornou sem valor para eles por sua própria falha." – p.428;

CONFERÊNCIA XXVII – TRANSFERÊNCIA

"Se as restrições da ética, impostas pela sociedade, têm um papel na privação imposta ao paciente, o tratamento pode, afinal, dar-lhe a coragem, ou, quem sabe, a recomendação direta de desprezar essas barreiras e de conseguir sua satisfação e a recuperação de sua saúde, embora, com isso, desista de cumprir um ideal que a sociedade exalta, mas ao qual ela tão raramente adere. Assim, o paciente tornar-se-á sadio por 'viver uma **vida completa', sexualmente**." – p.434;

"Uma recomendação ao paciente para **'viver uma vida completa' sexualmente** por certo não poderia desempenhar um papel no tratamento analítico – no mínimo porque nós próprios declaramos que **um persistente conflito se realiza, no paciente, entre um impulso libidinal e a repressão sexual**, entre uma **tendência sensual** e uma tendência ascética." – p.434;

"Vemos, na realidade, que nos neuróticos o ascetismo está no poder; e a consequência é, justamente, **a tendência sexual suprimida** encontrar uma vida através de sintomas. Se, ao contrário, formos assegurar a **vitória da sensualidade**, então **a repressão sexual, que foi posta de lado, necessariamente haverá de ser substituída por sintomas**." – p.435;

"Os senhores precisam estar conscientes de que, se um homem jovem e abstinente se decide em favor de **relações sexuais ilícitas**, ou se uma esposa insatisfeita procura alívio com outro homem, essas pessoas, via de regra, não aguardaram a permissão de um médico ou, mesmo, de seu analista." – p.435;

"É verdade que não somos reformadores, mas apenas observadores; não obstante, não podemos

deixar de observar com olho crítico, e constatamos ser **impossível tomar o partido da moralidade sexual convencional** ou ter em alto apreço à forma pela qual a sociedade procura regulamentar na prática os **problemas da vida sexual**." – p.436;

"Não livramos dessas críticas os ouvidos dos pacientes, habituamo-los a emitir pareceres isentos de preconceitos, tanto sobre **assuntos sexuais** como sobre outros assuntos; e se, havendo-se tornado independentes após completado o tratamento, os pacientes, mediante seu próprio julgamento, decidem por alguma posição intermediária entre viver uma vida livre e uma vida de absoluto ascetismo, sentimos nossa consciência tranquila, seja qual for sua escolha." – p.436;

"Apenas em uma minoria de casos a situação patogênica da frustração e o subsequente **represamento da libido podem chegar a seu fim pelo tipo de relação sexual** que se possa obter sem muita dificuldade. Assim, os senhores não podem explicar o efeito terapêutico da psicanálise por meio da **permissão para uma vida sexual completa**." – p.436;

"A transferência pode aparecer como uma apaixonada exigência de amor, ou sob formas mais moderadas; em lugar de um desejo de ser amada, um jovem pode deixar emergir um desejo, em relação a um homem, idoso, de ser recebida como filha predileta; o desejo libidinal pode estar atenuado num propósito de amizade inseparável, **mas idealmente não sensual**." – p.443;

"Que acontece com os pacientes masculinos? Com eles poder-se-ia ao menos esperar uma fuga da **problemática interferência causada pela diferença de sexo e pela atração sexual**." – p.444;

"As formas sublimadas de transferência são mais frequentes entre um homem e outro e as **exigências sexuais diretas** são raras, na medida em que é incomum o **homossexualismo manifesto**, se comparado com as demais formas em que esses componentes instintuais são empregados." – p.444;

"Se, porém, se transforma em resistência, devemos voltar-lhe nossa atenção e reconhecemos que ela modifica sua relação para com o tratamento sob duas condições diferentes e contrárias: primeira, se na forma de inclinação amorosa ela se torna tão intensa e revela sinais de sua **origem em uma necessidade sexual de modo tão claro**, que inevitavelmente provoca uma oposição interna a ela mesma; e, segundo, se consiste em impulsos hostis em vez de afetuosos." – p.444;

"E de fato ele *o foi*. Bernheim, que tinha um olho infalível, baseou sua teoria dos fenômenos hipnóticos na tese segundo a qual toda pessoa, de alguma forma, é 'sugestionável'. Sua sugestionabilidade não era senão a tendência à transferência, concebida um tanto estreitamente, por não incluir a transferência negativa. Mas Bernheim jamais pôde dizer o que era realmente a sugestão e como ela surgia. Para ele, tratava-se de um fato fundamental, cuja origem não

conseguia esclarecer. Ele não sabia que sua ***'suggestibilité'*** **dependia da sexualidade**, da atividade da libido. E devemos dar-nos conta de que, em nossa técnica, abandonamos a hipnose apenas para redescobrir as sugestões na forma de transferência." – p.447;

CONFERÊNCIA XXVIII – TERAPIA ANALÍTICA

"Contudo, agora os senhores, não importa se denominamos a força motriz de nossa análise de transferência ou de sugestão, me dirão que há o risco de que a influência sobre o nosso paciente possa tornar duvidosa a certeza objetiva de nossas descobertas. O que é vantajoso para nossa terapia, é prejudicial às nossas pesquisas. Esta é a objeção mais frequentemente feita contra a psicanálise, e deve-se admitir que, embora carente de fundamento, não pode ser rejeitada como não racional. Se essa objeção fosse justificada, a psicanálise não seria nada mais que uma forma de tratamento sugestivo especialmente bem disfarçada e particularmente eficiente; e deveríamos atribuir pouco peso a tudo o que ela nos diz sobre aquilo que influencia nossas vidas, sobre a dinâmica da mente ou sobre o inconsciente. É nisso que acreditam os nossos adversários; sobretudo, pensam que temos metido na cabeça dos pacientes tudo a respeito da **importância das experiências sexuais** – ou até mesmo essas mesmas experiências – depois que essas ideias criaram corpo em nossa imaginação depravada." – p.452-453;

XV. UMA NEUROSE INFANTIL E OUTROS TRABALHOS (1917-1918)

Volume 17 (FREUD, 1996o)

HISTÓRIA DE UMA NEUROSE INFANTIL (1918 [1914])

"A explicação veio de uma só vez, quando o paciente se lembrou, de repente, de que, quando era ainda muito pequeno, **a irmã o induzira a práticas sexuais**." – p.29;

"Um primo, que tinha pelo menos dez anos mais do que ele, contou-lhe, numa conversa sobre a irmã, que se lembrava muito bem o quão **precoce e sensual** a menininha fora: uma vez, quando ela tinha apenas quatro ou cinco anos, sentara-se no colo do primo e abrira-lhe as calças para pegar-lhe no pênis." – p.30;

"Durante a tempestuosa **excitação sexual da sua puberdade**, ele se arriscou a uma tentativa de aproximação física mais íntima. Ela repudiou-o com tanta decisão quanto sagacidade, e ele se voltou imediatamente para uma camponesinha que servia na casa e tinha o mesmo nome da irmã. Ao fazê-lo, estava dando um passo que teve uma influência determinante na sua **escolha de objeto heterossexual**, pois todas as garotas pelas quais se apaixonou em seguida – muitas vezes com os mais claros indícios de compulsão – eram também criadas, cuja educação e inteligência estavam necessariamente muito abaixo da sua. Se todos esses objetos de amor eram substitutos para a figura da irmã a quem tinha que renunciar, então não pode ser negado que uma intenção de rebaixar a irmã e de pôr fim à sua superioridade intelectual, que se mostrara para ele tão opressiva, havia obtido o controle decisivo sobre a sua escolha de objeto." – p.31-

32;

“A **conduta sexual humana**, assim como tudo o mais, foi subordinada por Alfred Adler a forças de motivo dessa natureza, que se originam da vontade de poder, do instinto autoafirmativo do indivíduo. Sem negar a importância desses motivos de poder e prerrogativa, jamais me convenci de que desempenham o papel dominante e exclusivo que lhes foi atribuído. Se eu não tivesse seguido a análise do meu paciente até o fim, teria sido obrigado, por conta da minha observação desse caso, a corrigir a minha opinião preconcebida numa direção favorável a Adler.” – p.32;

“Aconteceu, como já foi mencionado, na primavera do mesmo ano em cujo verão chegou a governanta inglesa, e em cujo outono os pais, ao regressarem, encontraram-no tão fundamentalmente alterado. É muito natural, então, relacionar essa transformação com o **despertar da sua atividade sexual** que havia entrementes ocorrido.” – p.33;

“Como reagiu o menino às tentações de sua irmã mais velha? Por uma recusa, é a resposta, mas por uma recusa que se aplicava à pessoa, e não à coisa em si. A irmã não lhe agradava como **objeto sexual**, provavelmente porque seu relacionamento com ela já fora determinado numa direção hostil, devido à rivalidade no amor dos pais.” – p.33;

“Quando a governanta entrou em cena e abusou da sua Nanya, expulsando-a da sala e tentando destruir uma autoridade, ele, pelo contrário, exagerou o seu amor pela vítima desses ataques e assumiu uma atitude brusca e desafiadora em relação à agressiva governanta. Não obstante, começou em segredo a procurar outro **objeto sexual**. Sua sedução dera-lhe o **desígnio sexual passivo** de ser tocado nos genitais; saberemos agora em relação a quem foi que ele tentou satisfazer esse desígnio e que caminhos o levaram a essa escolha.” – p.34;

“Concorda inteiramente com as nossas previsões o fato de sabermos que, após as suas primeiras excitações genitais, iniciou-se a sua **busca sexual**, e que logo chegou ao problema da castração. Nessa época conseguiu observar duas meninas – a irmã e uma amiga dela – enquanto urinavam.” – p.34;

“O tema da castração não se estabeleceu por essa decisão; encontrou novas alusões a ele em tudo o que ouvia. Certa vez em que as crianças ganharam uns confeitos coloridos em forma de bastão, a governanta, que era propensa a fantasias desordenadas, disse que eram pedaços de cobra cortada. Ele lembrou-se, depois, de que o pai encontrara uma vez uma cobra, ao caminhar por uma picada, e a fizera em pedaços com uma vara. Ouviu a história (tirada de *Reynard the Fox*), lida em voz alta, de como o lobo queria pescar no inverno e usou a cauda como isca, e como, dessa maneira, o rabo do lobo se congelou e partiu. Aprendeu os diferentes nomes pelos quais se distinguem os cavalos, conforme estejam ou não intactos os seus **órgãos sexuais**. Assim, ocupava-se com pensamentos sobre a castração, mas ainda não acreditava nela, nem a temia.” – p.34-35;

"Outros **problemas sexuais** surgiram para ele nos contos de fadas com que se havia familiarizado nessa época. No *Chapeuzinho vermelho* e em *Os sete cabritinhos*, as crianças eram tiradas do corpo do lobo. Seria o lobo uma criatura feminina, então, ou poderiam os homens ter também crianças dentro do corpo? Nessa época, a questão não se colocara ainda. Mais que isso, na época dessas perguntas ele não tinha ainda medo de lobos." – p.35;

"Uma das informações do paciente tornará mais fácil para nós compreender[mos] a alteração do seu caráter, a qual apareceu durante a ausência dos pais como uma consequência um tanto indireta da sua sedução. Ele disse que abandonou a masturbação pouco depois da recusa e ameaça da sua Nanya. *Sua **vida sexual**, portanto, que estava começando a surgir sob a influência da zona genital, cedeu ante um obstáculo externo e foi, por influência deste, lançada de volta a uma fase anterior de organização pré-genital*. Como resultado da supressão da masturbação, a **vida sexual do menino** assumiu um caráter anal-sádico. Tornou-se um menino irritável, um atormentador, e gratificava-se dessa forma às custas de animais e seres humanos. O principal objeto era a sua amada Nanya, e ele sabia como atormentá-la até que ela rompesse em lágrimas. Desse modo vingava-se nela pela recusa que encontrara e, ao mesmo tempo, gratificava a sua **lascívia sexual** na forma que correspondia à sua presente fase regressiva. Começou a mostrar-se cruel com os pequenos animais, apanhando moscas e arrancando-lhes as asas, esmagando besouros com os pés; em sua imaginação, gostava também de bater em animais maiores (cavalos). Todos esses, então, eram procedimentos ativos e sádicos; discutiremos os seus impulsos anais desse período numa ligação posterior." – p.35;

"É fato da maior importância que algumas fantasias contemporâneas de natureza bem diferente tenham brotado também da memória do paciente. O conteúdo dessas fantasias era o de meninos sendo castigados e surrados e, especialmente, levando pancadas no pênis. E, de outras fantasias, que representavam o herdeiro do trono sendo encerrado num quarto estreito e surrado, era fácil adivinhar para quem era que as figuras anônimas serviam de bode expiatório. O herdeiro do trono era evidentemente ele próprio; seu sadismo havia-se convertido, portanto, em fantasia contra si mesmo e transformara-se em masoquismo. O detalhe do **próprio órgão sexual** recebendo as pancadas justificava a conclusão de que um sentimento de culpa, que se relacionava com a sua masturbação, estava já envolvido nessa transformação." – p.35-36;

"As tendências masoquistas do menino conduzem a outro problema, que até agora evitei mencionar, porque só pode ser confirmado mediante a análise da fase subsequente do seu desenvolvimento. Já mencionei que, após haver sido rejeitado pela babá, a sua expectativa libidinal afastou-se dela e começou a contemplar outra **pessoa como objeto sexual**. Essa pessoa era o pai, nessa época longe de casa." – p.36;

"Esse objeto de identificação da sua corrente ativa tornou-se o **objeto sexual de uma corrente passiva na sua fase sádico-anal**. Era como se a sua sedução pela irmã o houvesse forçado a um papel passivo, dando-lhe um **objetivo sexual passivo**. Sob a persistente influência dessa experiência, seguiu um caminho da irmã, via babá, para o pai – de uma atitude passiva em relação às mulheres para a mesma atitude em relação aos homens –, e encontrou, todavia, por esse meio, uma ligação com uma fase mais prematura e espontânea do seu desenvolvimento." – p.36-37;

“Levando avante a sua rebeldia, estava tentando forçar castigos e espancamentos por parte do pai, e dessa forma obter dele a **satisfação sexual masoquista** que desejava.” – p.37;

“Não sei com que frequência os pais e educadores, defrontando-se com mau comportamento inexplicável por parte de uma criança, possam não ter ocasião de conservar na lembrança esse típico estado de coisas. Uma criança que se comporta de forma indócil está fazendo uma confissão e tentando provocar um castigo. Espera por uma surra como um meio de simultaneamente pacificar seu sentimento de culpa e de satisfazer sua **tendência sexual masoquista**.” – p.37;

“Havia também diversas conclusões a serem extraídas da matéria-prima que fora produzida pela primeira análise do sonho, feita pelo paciente, e estas teriam que se ajustar à colocação que estávamos buscando. Por trás da menção à criação de ovelhas, seria de esperar uma evidência da sua **busca sexua**l, o interesse que ele estava apto a gratificar durante as visitas ao rebanho com o pai; mas deve ter havido também alusões a um medo da morte, de vez que a maioria das ovelhas morrera da epidemia. O fator mais importuno no sonho, os lobos em cima da árvore, levou diretamente à história do avô; e o que era mais fascinante nessa história e capaz de provocar o sonho não podia ter sido outra coisa senão sua relação com o tema da castração.” – p.43-44;

“Concluímos também, da primeira análise incompleta do sonho, que o lobo pode ter sido um substituto do pai; de tal modo que, nesse caso, esse primeiro sonho de ansiedade teria trazido à tona o temor ao pai, que a partir dessa época iria dominar a sua vida. Essa conclusão, na verdade, não era, em si, ainda consistente. Mas se lhe juntamos, como resultado da análise provisória, o que pode ser deduzido do material produzido pelo sonhador, encontramos então diante de nós, para reconstrução, fragmentos como estes:

Uma ocorrência real – datando de um período muito prematuro – olhar – imobilidade – ***problemas sexuais*** *– castração – o pai – algo terrível*.” – p.44;

“O que sabemos do seu **desenvolvimento sexual** antes do sonho torna possível preencher as lacunas no mesmo e explicar a transformação da sua satisfação em ansiedade.” – p.45;

“Dos desejos envolvidos na formação do sonho, o mais poderoso deve ter sido o desejo de **satisfação sexual**, que ele, naquela época, aspirava obter do pai. A força desse desejo tornou possível reviver um vestígio, há muito esquecido na sua memória, de uma cena capaz de mostrar-lhe como era a **satisfação sexual** obtida do pai; e o resultado foi o terror, o horror da realização do desejo, a repressão do impulso que se havia manifestado mediante o desejo e, consequentemente, uma fuga do pai para a babá, menos perigosa.” – p.45;

“Mas, que quadro as ações noturnas do seu **desejo sexual** pode ter conjurado para amedrontá-lo tão violentamente quanto à realização a que aspirava? O material da análise mostra haver

uma condição que esse quadro deve satisfazer. Deve ter sido calculado para criar uma convicção da realidade da existência da castração. O medo da castração podia então tornar-se a força motivadora para a transformação do afeto." – p.46;

"Por fim interrompeu **a relação sexual dos pais** de uma maneira que será exposta adiante." – p.47;

"O lobo do qual tinha medo era, sem dúvida, seu pai; mas o medo do lobo era condicionado pelo fato de a criatura estar numa posição ereta. Sua lembrança afirmou da forma mais definitiva que não fora aterrorizado por figuras de lobos caminhando sobre as quatro patas ou, como na história do 'Chapeuzinho Vermelho', deitados na cama. A postura que, de acordo com a nossa construção da cena primária, ele vira a mulher assumir, era de não menos significação; embora, nesse caso, o significado estivesse limitado à **esfera sexual**." – p.50;

"Desde a puberdade, considerava as nádegas grandes e proeminentes como a mais poderosa atração numa mulher; exceto na postura traseira, copular dificilmente lhe dava algum prazer. Neste ponto, pode-se justificadamente levantar uma crítica: a objeção seria de que uma **preferência sexual** dessa natureza pelas partes posteriores do corpo é uma característica geral de pessoas que se inclinam para uma neurose obsessiva, e que a sua presença não justifica referi-la a uma impressão particular da infância." – p.50;

"Prossigamos agora a nossa exposição das relações entre o sonho e a cena primária. Até que seria de esperar que o sonho apresentasse o menino (que se rejubilava, no Natal, na perspectiva da realização de seus desejos) com esse quadro de **satisfação sexual** propiciado através da ação de seu pai, tal como o vira na cena primária, como um modelo da satisfação que ele próprio aspirava obter do pai." – p.51;

"As etapas na transformação do material; cena primária – história do lobo – conto dos 'Sete cabritinhos', refletem o progresso dos pensamentos do sonhador durante a construção do sonho: 'desejo de **obter do pai satisfação sexual** – a compreensão de que a castração era uma condição necessária para isso – medo do pai'." – p.51;

"Depois do que já foi dito, preciso apenas tratar, em poucas palavras, do efeito patogênico da cena primária e da alteração que a sua revivescência produziu no **desenvolvimento sexual do paciente**." – p.52;

"Investigaremos apenas um dos seus efeitos, ao qual o sonho deu expressão. Teremos que esclarecer, depois, que não foi apenas uma única **corrente sexual** que se iniciou a partir da cena primária, mas toda uma série delas, e que sua **vida sexual** foi positivamente fragmentada por ela." – p.52;

"O que era essencialmente novo para ele, em sua **observação da relação sexual entre os pais**, era a convicção da realidade da castração – uma possibilidade com a qual seus pensamentos já se haviam ocupado anteriormente. (A visão das duas meninas urinando, a ameaça da sua Nanya, a interpretação que a governanta deu aos confeitos em forma de bastão, a lembrança do pai despedaçando a cobra com uma vara.)" – p.54;

"O sonho acabou em um estado de ansiedade, do qual não se recuperou até que teve a babá junto a si. Fugiu, portanto, do pai para ela. Sua ansiedade era um repúdio do desejo de **obter do pai satisfação sexual** – tendência à qual se deve a formação do sonho na sua cabeça. A forma assumida pela ansiedade, o medo de 'ser devorado pelo lobo', era apenas a transposição (como saberemos, regressiva) do desejo de copular com o pai, isto é, de **obter satisfação sexual** do mesmo modo que sua mãe. Seu último **objetivo sexual**, a atitude passiva em relação ao pai, sucumbiu à repressão, e em seu lugar apareceu o medo ao pai, sob a forma de uma fobia ao lobo." – p.54;

"Durante o sonho ele atingira uma nova fase da sua **organização sexual**. Até então os **opostos sexuais**, para ele, haviam sido o *ativo* e o *passivo*. Desde a sedução, seu **objeto sexual havia sido passivo**, de ser tocado nos genitais; mas transformou-se, então, por regressão ao estádio mais primitivo da organização anal-sádica, no propósito masoquista de ser espancado ou castigado. Para ele era indiferente a questão de atingir esse objetivo com um homem ou com uma mulher." – p.55;

"A ativação da cena primária no sonho levou-o, então, de volta à organização genital. Descobriu a vagina e o significado biológico de masculino e feminino. Compreendia agora que ativo era o mesmo que masculino, ao passo que passivo era o mesmo que feminino. Seu **objetivo sexual passivo** deve ter sido, então, transformado em feminino, expressando-se como 'ser copulado pelo pai', em vez de 'ser por ele espancado nos genitais ou no traseiro'. Esse objetivo feminino, no entanto, sujeitou-se à repressão e foi obrigado a deixar-se substituir pelo medo do lobo." – p.55;

"Devemos interromper aqui a exposição do seu **desenvolvimento sexual** até que nova luz seja lançada, dos estádios posteriores da sua história, sobre estes mais primitivos." – p.55;

"Portanto, parece que ele se identificou com a mãe castrada durante o sonho, e agora lutava contra esse fato. 'Se você quer ser **sexualmente satisfeito pelo Pai**', podemos talvez imaginá-lo dizendo para si mesmo, 'você deve deixar-se castrar como a Mãe; mas eu não quero isso.' Resumindo, um claro protesto da parte da sua masculinidade!" – p.56;

"No entanto, entenda-se naturalmente que o **desenvolvimento sexual** do caso que estamos agora examinando, tem uma grande desvantagem do ponto de vista da busca, porque não deixou de modo algum, de ser perturbado. Em primeiro lugar, foi decisivamente influenciado pela sedução e, depois, foi desviado pela cena da observação do coito, a qual, na sua ação preterida, operou como uma segunda sedução." – p.56;

"No caso presente, o conteúdo da cena primária é um quadro de **relações sexuais entre os pais** do menino, numa postura particularmente favorável a determinadas observações." – p.64;

"Numa etapa anterior da exposição que fazemos, deparamo-nos com uma ambiguidade em relação à predileção do paciente por nádegas femininas e pelo **ato sexual** na postura em que estas ficam particularmente proeminentes. Parecia necessário atribuir essa predileção à **relação sexual** que observara entre os pais, ao passo que, ao mesmo tempo, uma preferência desse tipo é uma característica geral de constituições arcaicas predispostas a uma neurose obsessiva. Mas a contradição é facilmente resolvida se a consideramos um caso de superdeterminação. A pessoa a quem observou nessa postura durante o **ato sexual** era, afinal de contas, o seu pai, e pode também ter sido dele que herdou essa predileção constitucional." – p.64-65;

"Não podia deixar de nos ocorrer a ideia de que talvez a irmã, em idade mais ou menos como a sua, também tenha testemunhado a mesma cena observada depois pelo irmão e isso lhe tenha sugerido a noção de 'manter em pé a cabeça das pessoas' durante **o ato sexual**. Essa hipótese forneceria também uma sugestão do motivo da sua própria **precocidade sexual**." – p.65;

"Algo que posso aduzir das descobertas analíticas em outros casos parecerá, contudo, à maioria dos leitores, ser o fator decisivo a favor da correção do ponto de vista aqui proposto. Os incidentes de **observação de relações sexuais entre os pais em idade muito precoce** (quer sejam verdadeiras lembranças, ou fantasias) não são, de fato, nenhuma raridade em análises de neuróticos. Possivelmente não são menos frequentes entre aqueles que não são neuróticos." – p.67;

"Certamente não há mais necessidade de duvidar que estamos lidando apenas com uma fantasia, que nasceu talvez da **observação de relações sexuais de animais**." – p.67;

"O paciente, contudo, não ouviria essa correção; não consegui convencê-lo, como aconteceu em tantas outras diferenças de opinião entre nós; e, afinal, a correspondência entre os pensamentos que recordara e os sintomas dos quais me deu detalhes, bem como o modo pelo qual as ideias se ajustavam ao seu **desenvolvimento sexual**, compeliram-me, pelo contrário, a acreditar nele." – p.70;

"Ficaremos em melhor posição para compreender essas ruminações se voltarmos a uma fase do seu **desenvolvimento sexual** que já mencionamos. Sabemos que, depois da recusa da sua Nanya e a consequente supressão do início da atividade genital, a **vida sexual** do menino desenvolveu-se na direção do sadismo e do masoquismo. Maltratava e atormentava pequenos animais, imaginava-se batendo em cavalos e, por outro lado, imaginava o herdeiro ao trono sendo espancado. No seu sadismo, mantinha a antiga identificação com o pai; mas, no masoquismo, escolhia-o como **objeto sexual**. Aprofundava-se numa fase da organização pré-genital que considero como predisposição à neurose obsessiva. A operação do sonho, que o colocou sob a influência da cena primária, podia tê-lo levado a fazer o avanço no sentido da

organização genital e a transformar o masoquismo em relação ao pai numa atitude feminina, ou seja, em **homossexualismo**. O sonho, contudo, não provocou esse avanço; terminou em estado de ansiedade. Poder-se-ia esperar que sua relação com o pai prosseguisse, do **objetivo sexual** de ser espancado para o objetivo seguinte, ou seja, o de ser possuído por ele, como uma mulher; mas, na verdade, devido à oposição da sua masculinidade narcísica, essa relação foi lançada de volta para uma etapa ainda mais primitiva. Foi deslocada para um substituto paterno e, ao mesmo tempo, dissociada na forma de um medo de ser comido pelo lobo. No entanto, isso de forma alguma a resolveu. Pelo contrário, só podemos fazer justiça à aparente complexidade da situação tendo em mente a coexistência de três **tendências sexuais** do menino em relação ao pai. A partir da época do sonho, em seu inconsciente ele era **homossexual** e, em sua neurose, estava no nível do canibalismo; ao passo que a atitude anterior, masoquista, continuou a ser a dominante. Todas as três correntes tinham **propósitos sexuais passivos**; era o mesmo objeto e o mesmo **impulso sexual**, mas esse impulso tornara-se dividido ao longo dos três diferentes níveis." – p.71-72;

"O conhecimento que tinha então da história sagrada não lhe dava oportunidade de sublimar a sua atitude masoquista predominante em relação ao pai. O menino transformou-se em Cristo – o que se tornou particularmente fácil para ele em virtude da coincidência dos aniversários. Assim, transformou-se em algo grande e também (fato ao qual não foi dado o devido destaque) num homem. Surpreendemos um lampejo da sua **atitude homossexual reprimida** na dúvida em relação ao fato de Cristo ter um traseiro, pois essas ruminações não podem ter outro significado senão a questão de poder ele próprio ser usado pelo pai como uma mulher – como a mãe na cena primária. Quando chegamos à solução das outras ideias obsessivas, encontramos essa intervenção confirmada. Sua ideia de que era insultuoso relacionar a figura sagrada com tais insinuações, correspondia à **repressão do seu homossexualismo passivo**. Perceba-se que ele estava empenhando-se em conservar sua nova sublimação livre da mistura que esta derivava de fontes na matéria reprimida. Mas não teve êxito.

Não compreendemos até agora por que se rebelou também contra o caráter passivo de Cristo e contra o tratamento recebido de seu Pai e, desse modo, começou também a renunciar ao seu ideal masoquista anterior, mesmo em sua sublimação. Podemos supor que esse segundo conflito era particularmente favorável ao afloramento de pensamentos obsessivos humilhantes do primeiro conflito (**entre a corrente masoquista, dominante, e a homossexual, reprimida**), pois é natural que, num conflito mental, todas as correntes, de um lado ou de outro, se combinem uma com a outra, mesmo que tenham as mais diferentes origens. Algumas informações recentes dão-nos o motivo dessa revolta e, ao mesmo tempo, das críticas que dirigia à religião.

Também as suas **pesquisas sexuais** ganharam algo com o que ele aprendeu sobre a história sagrada." – p.72;

"Desse modo, sua determinação de não ficar como os aleijados (motivo pelo qual expirava na presença destes) era a antiga identificação com o pai transformada em negativo. Mas, ao fazê-lo, estava também imitando o pai no sentido positivo, pois a respiração pesada era uma imitação do ruído que ouvira, vindo do pai, durante a **relação sexual**. Derivava o Espírito Santo dessa **manifestação da excitação sensual masculina**. A repressão havia convertido essa respiração num mau espírito, o qual tinha também uma outra genealogia: ou seja, a malária de que estava sofrendo por ocasião da cena primária." – p.74-75;

"A rejeição desses maus espíritos correspondia a um inequívoco esforço de ascetismo, que também encontrou expressão em outras reações. Quando soube que Cristo, certa vez, havia lançado alguns espíritos maus numa manada de porcos, que depois se arremessaram de um precipício, pensou [em] como sua irmã, numa época recuada da infância, rolara para a praia de um penhasco acima do ancoradouro. Ela também era um espírito mau, uma porca. Daí para 'Deus – porco' o caminho foi curto. O próprio pai demonstrara que não era mais que um **escravo da sensualidade**. Quando lhe contaram a história do primeiro homem, impressionou-se com a semelhança do seu destino com o de Adão." – p.75;

"Houve um outro sonho, que pertence ao período anterior à sua emancipação do tutor, e que menciono porque foi esquecido até surgir durante o tratamento. Viu-se a si próprio montando um cavalo e perseguido por uma gigantesca lagarta. Reconheceu nesse sonho uma alusão a outro, anterior, do período que precedeu o tutor, o qual havíamos interpretado muito tempo antes. Nesse sonho anterior ele viu o Diabo, vestido de preto e na postura vertical com a qual o lobo e o leão, por sua vez, o haviam aterrorizado tanto. Ele estava apontando, com o dedo estendido, para uma lesma colossal. O paciente adivinhara prontamente que esse Diabo era o Demônio de um conhecido poema, e que o próprio sonho era uma versão de uma gravura muito popular, que representava o Demônio numa cena de amor com uma jovem. A lesma estava no lugar da mulher, sendo um perfeito **símbolo sexual feminino**. Guiados pelo gesto de apontar do Diabo, em breve conseguimos dar ao sonho o significado que o paciente esperava que alguém lhe desse, os últimos detalhes de informação que ainda estavam faltando ao **enigma da relação sexual**, tal como o pai lhe dera os primeiros na cena primária, muito tempo atrás." – p.76-77;

"Seria, contudo, um grande equívoco supor que após a remoção dos sintomas obsessivos não ficaria qualquer efeito permanente da neurose obsessiva. O processo conduzira a uma vitória da fé piedosa sobre a rebeldia da pesquisa crítica, e tivera, como condição necessária, **a repressão da atitude homossexual**. Desvantagens duradouras resultaram de ambos os fatores. A sua atividade intelectual ficou seriamente prejudicada depois dessa primeira grande derrota. Não desenvolveu um amor pelo estudo, não mais mostrou a agudeza com a qual, com apenas cinco anos de idade, criticara e dissecara as doutrinas religiosas. A repressão do seu superpoderoso **homossexualismo**, consumada durante o sonho de ansiedade, reservou esse importante impulso para o inconsciente, manteve-o dirigido para o objetivo original e retirou-o de todas as sublimações às quais é suscetível, em outras circunstâncias. Por esse motivo o paciente era destituído de todos os interesses sociais que dão à vida um conteúdo. Somente quando, durante o tratamento analítico, se tornou possível liberar seu **homossexualismo agrilhoado**, é que esse estado de coisas mostrou alguma melhora; e foi uma experiência das mais notáveis verificar como (sem qualquer conselho direto do médico) cada fragmento da **libido homossexual** que era libertado procurava alguma aplicação na vida, alguma ligação com os grandes interesses da humanidade." – p.77-78;

"Há muito que os analistas concordam que os impulsos instintuais multifários compreendidos sob a denominação de erotismo anal desempenham um papel de extraordinária importância, que seria um tanto impossível superestimar, na elaboração da **vida sexual** e da atividade mental em geral." – p.79;

"Entre o uso impudente que fez da sua incontinência, quando tinha três anos e meio, e o horror com que a considerou, aos quatro anos e meio, está o sonho com o qual se iniciou o seu período de ansiedade – o sonho que lhe deu uma compreensão preterida da cena que testemunhara, com um ano e meio, e uma explicação do **papel desempenhado pela mulher no ato sexual**. É apenas outro passo para ligar a mudança da sua atitude em relação à defecação com essa mesma grande revulsão." – p.84

"Sob a influência da cena primária, chegou à conclusão de que a mãe ficara doente por causa daquilo que o pai lhe fizera; e seu medo de ter sangue nas fezes, de estar doente como a mãe, era a sua recusa a identificar-se com ela nesta **cena sexual** – a mesma recusa com a qual despertou do sonho. Mas o medo era também uma prova de que, na sua elaboração posterior da cena primária, colocara-se no lugar da mãe e invejara-lhe essa relação com o pai. **O órgão pelo qual sua identificação com as mulheres, sua atitude homossexual passiva para com os homens, estava apta a expressar-se, era a zona anal**." – p.84-85;

"Fomos levados a presumir que, durante o processo do sonho, o menino compreendeu que as mulheres são castradas, que em vez do órgão masculino elas têm uma ferida que serve para as **relações sexuais** e que essa castração é a condição necessária da feminilidade; fomos levados a supor que a ameaça dessa perda induziu-o a reprimir a sua atitude feminina em relação aos homens e que ele despertou do seu **entusiasmo homossexual em estado de ansiedade**. Agora: como pode essa compreensão das **relações sexuais**, esse reconhecimento da vagina, harmonizar-se com a escolha do intestino com o objetivo de identificação com as mulheres? Não são os sintomas intestinais baseados no que é provavelmente uma noção mais antiga e que, de qualquer forma, contradiz inteiramente o medo da castração – ou seja, a noção de que a **relação sexual** é feita pelo ânus?" – p.85;

"Quando o sonho do Natal, com a sua excitação e expectativa, evocou diante dele o quadro da **relação sexual dos pais**, como fora antes observado (ou construído) por ele, não pode haver dúvida de que a primeira visão da cena a aflorar foi a antiga, de acordo com a qual a parte do corpo feminino que recebeu o órgão masculino era o ânus." – p.85;

"O que havia aprendido, entretanto, as alusões, que ouvira, à castração, despertaram e lançaram uma dúvida sobre a 'teoria cloacal'; fizeram-no perceber a diferença entre os sexos e **o papel sexual desempenhado pela mulher**. Nessa contingência, ele comportou-se como em geral as crianças se comportam quando lhes é fornecido um detalhe de informação não desejado – **quer seja sexual ou de qualquer outra espécie**. Rejeitou o que era novo (no nosso caso, de motivos ligados com o seu medo da castração) e agarrou-se rapidamente ao que era velho. Decidiu-se a favor do intestino e contra a vagina, tal como, por motivos semelhantes, tomou depois o partido do pai contra Deus. Repudiou a nova informação e apegou-se à velha teoria. Esta última deve ter-lhe proporcionado o material para a sua identificação com as mulheres, que surgiu depois, como um pavor da morte em relação com os intestinos, bem como para os seus primeiros escrúpulos religiosos, quanto à questão de saber se Cristo havia tido um traseiro, e assim por diante." – p.85-86;

“Mas, com isso, seu efeito exauriu-se; não teve influência sobre a **decisão do problema sexual**. Pode ter havido a possibilidade de que, a partir dessa época, o medo da castração tenha existido lado a lado com uma identificação com as mulheres, por meio do intestino, embora se deva admitir que isso envolve uma contradição. Era, contudo, apenas uma contradição lógica – o que não quer dizer muito. Pelo contrário, todo esse processo é característico do modo pelo qual o inconsciente opera. Uma repressão é algo muito diferente de uma rejeição.” – p.86;

“Quando estudávamos a gênese da fobia aos lobos, seguimos o efeito dessa nova **compreensão interna (*insight*) do ato sexual**; mas, agora que estamos investigando as perturbações da função intestinal, encontramo-nos trabalhando com base na velha teoria cloacal. Os dois pontos de vista permanecem separados um do outro por um estádio de repressão.” – p.86;

“Suas **fantasias sexuais** posteriores, que se baseavam num **conhecimento sexual** correto, conseguiram, assim, expressar-se regressivamente como distúrbios intestinais.” – p.86;

“A criança interrompeu finalmente a **relação sexual dos pais** fazendo cocô, o que lhe deu uma desculpa para gritar.” – p.87;

“É indício de um estado de excitação da zona anal (no sentido mais amplo). Em outros casos semelhantes, uma observação como esta de **relações sexuais** acabou com uma descarga de urina; um homem adulto, nas mesmas circunstâncias, teria uma ereção. O fato de que o nosso menino evacuou, como sinal da sua **excitação sexual**, deve ser considerado como uma característica da sua **constituição sexual congênita**. Assumiu imediatamente uma atitude passiva e demonstrou mais inclinação no sentido de uma subsequente identificação com as mulheres do que com os homens.” – p.87;

“Num estádio posterior do **desenvolvimento sexual**, as fezes adquirem o significado de um *bebê*.” – p.88;

“Aquilo de que estava sentindo falta era **satisfação sexual**, que ele tomara como sendo anal. Suas **pesquisas sexuais** chegaram à compreensão, durante o curso do sonho, daquilo para que haviam sido preparadas para descobrir antes do sonho, ou seja, que o **ato sexual** resolvia o problema da origem dos bebês.” – p.88;

“A Nanya disse-lhe uma vez que a mãe gostava muito dele porque era o mais novo, e isso deu-lhe uma base para desejar que nenhuma outra criança, mais nova, viesse depois dele. Seu pavor a essa criança mais nova foi revivido sob a influência do sonho, que colocou diante dele a **relação sexual dos pais**.” – p.89;

“**Às correntes sexuais** que já são por nós conhecidas, devemos, portanto, acrescentar uma outra, a qual, como as demais, partiu da cena primária reproduzida no sonho. Na sua

identificação com as mulheres (isto é, com sua mãe) estava pronto a dar ao pai um bebê, e sentia ciúmes da mãe, que já o havia feito e talvez o fizesse outra vez." – p.89;

"Por via indireta, uma vez que tanto 'dinheiro' como 'bebê' têm o sentido de 'dádiva', o dinheiro pode assumir o significado de bebê e pode tornar-se, dessa maneira, o meio de expressar satisfação feminina (**homossexual**)." – p.89;

"O que o havia excitado não era simplesmente o dinheiro em si, mas, antes, o 'bebê' – **satisfação sexual anal obtida do pai**." – p.89;

"Embora essa reflexão fosse, em si, perfeitamente capaz de tornar-se consciente, seu **fundo homossexual** ainda assim era tão intolerável, que foi possível fazê-lo aflorar, dissimulado na forma da mais sórdida avareza, como um grande alívio." – p.89;

"Quando, mais tarde, chego a descrever o esclarecimento final dos sintomas do meu paciente, o modo pelo qual a perturbação intestinal se colocara a serviço da **corrente homossexual** e dera expressão à sua atitude feminina em relação a seu pai, torna-se uma vez mais evidente." – p.90;

"Já tomamos conhecimento da atitude que o nosso paciente adotou, de início, em relação ao problema da castração. Rejeitava a castração e apegava-se à sua teoria de **relação sexual pelo ânus**." – p.91;

"Quanto mais o paciente avançava na **repressão à sensualidade durante o desenvolvimento da neurose obsessiva**, tanto mais natural se deve ter tornado para ele atribuir essas más intenções a seu pai, que era o verdadeiro representante da **atividade sensual**." – p.93;

"Quando viu a moça empenhada em esfregar o chão, ajoelhada, com as nádegas projetando-se e as costas em posição horizontal, deparava outra vez com a postura que a mãe havia assumido na cena da cópula. Para ele, a moça transformou-se em sua mãe, foi presa de **excitação sexual** devido à ativação dessa imagem; e, como o pai (cuja ação ele só pode ter considerado, na ocasião, como a de urinar), comportou-se de modo masculino em relação a ela. Seu ato de urinar no chão foi, na realidade, uma tentativa de sedução, e a moça respondeu a esse ato com uma ameaça de castração, exatamente como se tivesse compreendido o que ele queria dizer." – p.98;

"A sedução levou-o à passividade – para a qual, em todo caso, o caminho estava preparado pelo seu comportamento ao **testemunhar a relação sexual dos pais**." – p.100;

"A questão que se coloca agora é saber se temos justificativa para considerar o fato de que o menino urinou enquanto olhava para a moça, de joelhos, esfregando o chão, como prova de

excitação sexual de sua parte." – p.102;

"Ou iremos nós concluir que a situação, no que diz respeito a Grusha, era inteiramente inocente, que o fato de o menino esvaziar a bexiga foi puramente acidental e que não foi senão depois que toda **a cena se tornou sexualizada em sua lembrança**, após haver ele reconhecido a importância de situações semelhantes?" – p.102;

"Devia ficar satisfeito em saber se a cena primária, no presente caso, foi uma fantasia ou uma experiência real; mas, levando em conta outros casos semelhantes, devo admitir que a resposta a essa pergunta não é, na verdade, uma questão de muita importância. Essas **cenas de observação das relações sexuais entre os pais**, de ser seduzido na infância e de ser ameaçado com a castração são inquestionavelmente um dote herdado, uma herança filogenética, mas podem também facilmente ser adquiridas pela experiência pessoal." – p.102;

"A fantasia do renascimento era, portanto, estreitamente ligada à condição necessária de obter de um homem **satisfação sexual**. De tal modo que a tradução agora é a que se segue: apenas na condição de tomar o lugar da mulher, substituindo ele próprio sua mãe e, assim, **deixar-se satisfazer sexualmente** pelo pai e dar-lhe um filho – só nessas condições a doença o deixaria. Aqui, portanto, a fantasia do renascimento era simplesmente uma versão mutilada e censurada da **fantasia homossexual** plena de desejos." – p.106;

"Permanecia ainda fixado, como por um feitiço, à cena que teve um efeito tão decisivo na sua **vida sexual**, e cujo retorno, na noite do sonho, trouxe o início da sua doença." – p.106;

"É fácil fazer uma afirmação unificada daquilo que era expressado, por um lado, pela queixa que fez e, por outro lado, pela condição única e excepcional sob a qual a queixa não mais se confirmava e, assim, tornar claro todo o significado que subjazia aos dois fatores: desejava poder estar de volta ao útero, não simplesmente para que então pudesse renascer, mas também com a finalidade de, ali, poder copular com o pai, **obter dele satisfação sexual e dar-lhe uma criança**." – p.106;

"O desejo de nascer do pai (como ele acreditara, no início, que fosse o caso), **o desejo de ser sexualmente satisfeito pelo pai**, o desejo de presenteá-lo com uma criança – e tudo isso ao preço da sua própria masculinidade, expresso na linguagem do erotismo anal –, esses desejos completam o círculo da sua fixação no pai. Neles o **homossexualismo** encontrou a sua mais nova e íntima expressão." – p.106;

"A primeira, a fantasia do útero, origina-se com frequência (como no presente caso) de uma ligação com o pai. Há um desejo de estar dentro do útero da mãe para substituí-la durante as **relações sexuais** – para tomar o lugar dela em relação ao pai." – p.106-107;

"Dessa forma, as duas fantasias revelam-se como contrapartida uma da outra: dão expressão, conforme a atitude do sujeito seja feminina ou masculina, ao desejo de **relacionamento sexual com o pai ou com a mãe**." – p.107;

"Tentarei agora esboçar uma visão sintética do **desenvolvimento sexual** do meu paciente, a começar das primeiras indicações." – p.110;

"A primeira que sabemos é a do distúrbio no apetite, pois, levando em conta outras observações, estou inclinado, embora com as devidas reservas, a considerá-lo como resultado de algum processo na **esfera da sexualidade**." – p.110;

"Tenho sido levado a considerar como a **primeira organização sexual** reconhecível a assim chamada fase 'oral' ou 'canibalesca', durante a qual predomina ainda a **ligação original entre a excitação sexual e o instinto nutritivo**." – p.110-111;

"A diminuição do instinto nutritivo (embora possa certamente ter outras causas) chama atenção para uma deficiência, por parte do organismo, no domínio da **excitação sexual**. Nessa fase o **objetivo sexual** só pode ser o canibalismo, o propósito de devorar; no caso do nosso paciente, surge através da regressão de um estádio mais elevado, na forma de um medo de 'ser comido pelo lobo'." – p.111;

"É sabido que existe uma neurose nas meninas que ocorre numa idade muito posterior, na época da puberdade ou pouco depois, e que exprime a **aversão à sexualidade** por meio da anorexia. Essa neurose terá que ser examinada em conexão com a **fase oral da vida sexual**. O propósito erótico da organização oral aparece também no auge do paroxismo de um amante (em tais frases como 'eu poderia devorá-la com amor') e em relações afetivas com crianças, quando a pessoa adulta finge ser ela própria uma criança." – p.111;

"Essa **fase oral da sexualidade** deixa marcas permanentes nos usos da linguagem. É comum as pessoas falarem, por exemplo, num objeto de amor 'apetitoso', bem como descrever outras pessoas de que gostam como 'doces'. Lembrar-nos-emos, também, de que o nosso pacientezinho só comia coisas doces. Nos sonhos, os doces e guloseimas significam geralmente **carícias ou gratificações sexuais**." – p.111;

"Assim, podemos talvez supor que acelerou os **processos de amadurecimento sexual** e, por conseguinte, produziu também, de fato, efeitos *imediatos,* ainda que fossem aparentemente insignificantes." – p.112;

"Certamente estou cônscio de que é possível explicar os sintomas desse período (a ansiedade relacionada com o lobo e o distúrbio no apetite) de outra maneira mais simples, sem qualquer **referência à sexualidade ou a um estádio pré-genital** da sua organização. Aqueles que

gostam de negligenciar as indicações de neurose e as interconexões entre os eventos preferirão essa outra explicação e eu não conseguirei impedir que o façam. É difícil descobrir qualquer evidência concludente em relação a esses primórdios da **vida sexual**, exceto por caminhos indiretos, conforme indiquei." – p.112;

"A sua sedução, entretanto, dá a impressão de não haver simplesmente encorajado o **desenvolvimento sexual**, mas sim, em medida ainda maior, de havê-lo perturbado e desviado. Ofereceu-lhe um **objetivo sexual passivo**, que era, em última análise, incompatível com a ação do órgão genital masculino." – p.112;

"A organização sádico-anal pode ser facilmente considerada como uma continuação e um desenvolvimento da oral. A atividade muscular violenta dirigida sobre o objeto, pela qual se caracteriza, pode ser explicada como uma ação preparatória para comer. O comer deixa, então, de ser um **objetivo sexual** e a ação preparatória torna-se, em si, um objetivo suficiente." – p.112;

"O erotismo anal do menino não era particularmente perceptível. Sob a influência do seu sadismo, a significação afetiva das fezes deu lugar a uma significação agressiva. Na transformação do sadismo em masoquismo, teve seu papel um sentimento de culpa, cuja presença assinala **processos de desenvolvimento em outras esferas que não a sexual**." – p.113;

"A sedução continuou a fazer sentir sua influência, ao manter **a passividade do seu objetivo sexual**. Transformava, em grande medida, seu sadismo em masoquismo, que era a sua contrapartida passiva." – p.113;

"Sua **excitação sexual simpática** expressou-se pela ação de defecar, embora seja verdade que, nesse comportamento, deve-se distinguir também um elemento ativo. Lado a lado com o masoquismo que dominava os seus **impulsos sexuais** e que se expressava também em fantasias, persistia igualmente o sadismo, que era dirigido contra os pequenos animais. Suas **pesquisas sexuais** haviam começado a partir da sedução e diziam respeito, essencialmente, a dois problemas: a origem das crianças e a possibilidade de perder os genitais." – p.113;

"Fixamos, então, o nosso relato mais ou menos na época do quarto aniversário do menino, e foi nesse ponto que o sonho fez operar, preteridamente, a sua **observação da relação sexual**, com a idade de um ano e meio." – p.113;

"A análise do sonho de ansiedade mostra-nos que a repressão estava ligada ao reconhecimento da existência da castração. O novo elemento foi rejeitado porque sua aceitação ter-lhe-ia custado o pênis. Uma consideração mais atenta leva-nos a uma conclusão como a que se segue. O que foi reprimido foi a **atitude homossexual** compreendida no sentido genital, atitude que se havia formado sob a influência desse reconhecimento da castração. Mas tal atitude foi

mantida no que diz respeito ao inconsciente e instituída como um estrato dissociado e mais profundo. A força motivadora da repressão parece ter sido a masculinidade narcísica ligada aos genitais do menino, que entrara num conflito há muito preparado com a passividade do seu **propósito homossexual**. A repressão era, desse modo, um resultado da sua masculinidade." – p.114;

"Pode-se ser tentado, neste ponto, a introduzir uma ligeira alteração na teoria psicanalítica. Pareceria palpavelmente óbvio que a repressão e a formação da neurose haviam se originado do conflito entre as tendências masculina e feminina, ou seja, da **bissexualidade**. Essa visão da situação, no entanto, é incompleta. Dos **dois impulsos sexuais conflitantes**, um era egossintônico, ao passo que o outro feria o interesse narcísico do menino; foi por causa *disso* que o último sofreu repressão. De modo que, também nesse caso, foi o ego que pôs em ação a repressão, em benefício de uma das **tendências sexuais**. Em outros casos não existe tal conflito entre masculinidade e feminilidade; há apenas uma única **tendência sexual** presente, que procura aceitação, mas que atua contra determinadas forças do ego e, por conseguinte, é repelida. Na verdade, os **conflitos entre a sexualidade e as tendências *morais* do ego** são muito mais comuns do que aqueles que se situam dentro da esfera da sexualidade; mas, no presente caso, falta um conflito moral dessa natureza. Insistir que a **bissexualidade é a força motivadora que leva à repressão** é assumir uma visão por demais estreita; ao passo que se afirmarmos o mesmo do **conflito entre o ego e as tendências sexuais** (isto é, a libido) estaremos cobrindo todos os casos possíveis." – p.114-115;

"Ademais, uma apreciação mais justa do processo de repressão no nosso presente caso leva-nos a negar que a masculinidade narcísica seja a única força motivadora. A **atitude homossexual** que passou a existir durante o sonho era de uma intensidade tão opressora, que o ego do menino viu-se incapaz de lutar e, dessa maneira, defendeu-se contra ela pelo processo de repressão. A masculinidade narcísica que se ligava aos seus genitais, sendo contrária à **atitude homossexual**, foi convocada para ajudar o ego a desempenhar a sua tarefa." – p.115;

"Deixemos agora o processo de repressão, ainda que talvez não tenhamos conseguido tratá-lo exaustivamente, e voltemos ao estado do menino ao acordar do sonho. Se tivesse sido realmente a sua masculinidade que triunfara sobre **o homossexualismo (ou feminilidade)** durante o processo onírico, chegaríamos então, necessariamente, à conclusão de que a tendência dominante era uma **tendência sexual ativa** de um caráter já explicitamente masculino. Não há dúvida, porém, de que não foi isto que aconteceu. O essencial da **organização sexual** não se modificara; a fase anal-sádica persistia e continuava a ser dominante. O triunfo da masculinidade era demonstrado apenas nisto: que desde então reagia com **ansiedade aos objetivos sexuais passivos** da organização dominante – objetivos que eram masoquistas mas não femininos. Não nos defrontamos com uma triunfante **tendência sexual masculina**, mas apenas com uma tendência feminina e um esforço contra esta." – p.115-116;

"A situação após o sonho, então, pode ser descrita como se segue. As **tendências sexuais** haviam sido divididas: no inconsciente, atingira-se o estádio de organização genital e estabelecera-se um **homossexualismo** muito intenso; em cima disso (virtualmente no consciente), persistia a antes sádica, e agora predominantemente masoquista, **corrente sexual**; o ego modificara totalmente a **atitude em relação à sexualidade**, de vez que agora a repudiava

e rejeitava os objetivos masoquistas dominantes com ansiedade, tal como reagira aos **objetivos homossexuais** mais profundos com a formação de uma fobia." – p.116;

"A verdade é que **o ego não tem correntes sexuais**, mas apenas um interesse em sua própria autoproteção e na preservação do seu narcisismo." – p.116;

"O ego, ao desenvolver a ansiedade, estava se protegendo contra aquilo que considerava como um perigo esmagador, ou seja, a **satisfação homossexual**. O processo de repressão, contudo, deixou para trás um vestígio que não pode ser desprezado. O objeto ao qual o **perigoso objetivo sexual** havia sido ligado, teve que ser substituído, na consciência, por um outro." – p.116;

"De fato, pode-se dizer que a ansiedade que estava envolvida na formação dessas fobias era um medo da castração. Essa afirmação não implica contradição do ponto de vista de que a ansiedade se originou da repressão da **libido homossexual**. Ambos os modos de expressão referem-se ao mesmo processo, ou seja: a retirada da libido, pelo ego, do **impulso ansioso homossexual**, tendo a libido, então, se convertido em ansiedade livre e, subsequentemente, ligada a fobias." – p.117;

"Se examinarmos a questão mais de perto, veremos que a primeira doença do nosso paciente (deixando de lado o distúrbio no apetite) não se esgotou quando dela extraímos a fobia. Deve ser considerada como uma verdadeira fobia, que não mostra simplesmente sintomas de ansiedade, mas também fenômenos de conversão. Uma parte do **impulso homossexual** foi mantida pelo órgão a que esse impulso dizia respeito; a partir dessa época e igualmente durante a vida adulta, seu intestino comportou-se como um órgão histericamente afetado. O **homossexualismo reprimido e inconsciente** refugiou-se nos intestinos. Foi precisamente essa característica de histeria que foi de tão grande valia como auxílio ao esclarecimento da sua doença posterior. Devemos agora criar coragem para abordar a estrutura ainda mais complicada da neurose obsessiva. Mentalizemos uma vez mais a situação: uma **corrente sexual masoquista** dominante e outra, **homossexual**, reprimida, e um ego profundamente empenhado numa rejeição histérica de ambas. Que processos transformaram essa condição numa neurose obsessiva?" – p.117;

"A influência que provocou essa transformação foi o conhecimento que obteve, por instância de sua mãe, das doutrinas da religião e da história bíblica. Essa medida educativa teve o efeito desejado. A **organização sexual sadomasoquista** aos poucos chegou ao fim, a fobia do lobo desapareceu rapidamente e, em lugar de **a sexualidade ser repudiada com ansiedade**, surgiu um método mais elevado de suprimi-la." – p.118;

"À parte esses fenômenos patológicos, pode-se dizer que, no presente caso, a religião atingiu todos os objetivos pelos quais é incluída na educação do indivíduo. Restringiu as **impulsões sexuais do menino**, propiciando-lhes uma sublimação e um ancoradouro seguro; diminuiu a importância das suas relações familiares e, desse modo, protegeu-o da ameaça do isolamento, dando-lhe acesso à grande comunidade humana." – p.119;

"Como Cristo, podia amar seu pai, que agora se chamava Deus, com um fervor do qual procurara em vão libertar-se enquanto seu pai fora um mortal. O meio pelo qual podia testemunhar esse amor era estabelecido pela religião, sem ser perseguido por aquela sensação de culpa da qual seus sentimentos individuais de amor não conseguiam libertar-se. Assim, era-lhe ainda possível esgotar a sua **corrente sexual mais profunda**, que já se precipitara na forma de **homossexualismo inconsciente**; e, ao mesmo tempo, sua impulsão masoquista, mais superficial, encontrou uma sublimação incomparável, sem muita renúncia, na história da Paixão de Cristo, que, por ordem do seu divino Pai e em sua honra, deixara-se maltratar e sacrificar. Foi assim que a religião funcionou nessa criança atormentada – pela combinação, que proporcionava ao crente, de satisfação, de sublimação, de desvio dos **processos sensuais** para os puramente espirituais e de acesso ao relacionamento social." – p.119;

"Qualquer posição da libido que já tivesse sido assumida era obstinadamente defendida por ele, por medo do que perderia, abandonando-a, e por desconfiança da probabilidade de ser propiciado um substituto completo mediante a nova posição que estava à vista. Esta é uma peculiaridade psicológica importante e fundamental, que descrevi em meus ***Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*** [...] como uma suscetibilidade à 'fixação'." – p.119;

"A verdade é que a corrente mental que o impeliu a transformar **os homens em objeto sexual** e que devia ter sido sublimada pela religião, não era mais livre; uma parte dela foi excluída pela repressão e, dessa forma, afastada da possibilidade de sublimação e vinculada ao seu **objetivo sexual de origem**." – p.120;

"As primeiras ruminações que teceu em torno da figura de Cristo já envolviam a questão de saber se esse filho sublime também podia cumprir o **relacionamento sexual com o Pai**, relação que o paciente conservara no inconsciente." – p.120;

"Concluirei meu sumário do **desenvolvimento sexual do paciente**, fornecendo algumas informações breves sobre as suas vicissitudes posteriores. Durante o período de puberdade, surgiu no paciente uma corrente masculina, **marcadamente sensual**, com um **propósito sexual próprio da organização genital**; deve ser considerada normal e sua história ocupou todo o período que se estende até a doença posterior." – p.121;

"Houvera uma violenta mudança na direção das mulheres, e ele conquistara, dessa forma, uma masculinidade completa. A partir desse período, conservou as mulheres como seu **objeto sexual**; mas não desfrutava dessa posse, porquanto uma poderosa, e agora totalmente inconsciente, inclinação para os homens, na qual se uniam todas as forças das fases anteriores do seu desenvolvimento, afastava-o constantemente dos seus objetos femininos e compelia-o, nos intervalos, a exagerar sua dependência das mulheres." – p.121-122;

"Adoeceu, portanto, em consequência de uma 'frustração' *narcísica*. Essa força excessiva do seu narcisismo harmonizava-se inteiramente com as outras indicações de um **desenvolvimento**

sexual inibido: com o fato de que tão poucas das suas tendências psíquicas se concentravam em sua **escolha de objeto heterossexual**, apesar de toda a energia, e que sua **atitude homossexual**, estando tão próxima do narcisismo, persistia nele como uma força inconsciente de enorme tenacidade." – p.122;

"Muitas vezes conseguimos ver o esquema triunfar sobre a experiência do indivíduo; como quando, no presente caso, o pai do menino tornou-se o castrador e a **ameaça à sua sexualidade infantil**, apesar daquilo que era, em outros aspectos, um complexo de Édipo invertido." – p.123;

"Se os seres humanos possuíssem também um dom instintivo como este, não seria surpresa se fosse muito particularmente ligado aos **processos da vida sexual**, mesmo que não pudesse ser de forma alguma confinado a eles. Esse fator instintivo seria então o núcleo do inconsciente, um tipo primitivo de atividade mental, que seria depois destronado e encoberto pela razão humana, quando essa faculdade viesse a ser adquirida; mas que, em algumas pessoas, talvez em todas, mantivesse o poder de atrair para si os processos mentais mais elevados. A repressão seria o retorno a esse estádio instintivo, e o homem estaria, assim, pagando pela nova aquisição com a sua sujeição à neurose, e estaria testemunhando, pela possibilidade das neuroses, a existência desses estádios preliminares, de tipo instintivo. A significação dos traumas da primitiva infância estaria no material que transmitiriam ao inconsciente, que não permitiria que fosse exaurido pelo curso subsequente do desenvolvimento." – p.124;

AS TRASNFORMAÇÕES DO INSTINTO EXEMPLIFICADAS NO EROTISMO ANAL (1917)

"Há alguns anos atrás, observações feitas durante a psicanálise levaram-me a suspeitar de que a constante coexistência de qualquer um dos três traços de caráter, *ordem, parcimônia e obstinação,* indicava uma intensificação dos **componentes anal-eróticos na constituição sexual**, e que esses modos de reação, que eram favorecidos pelo ego, haviam sido estabelecidos durante o curso do seu desenvolvimento, através da assimilação do seu erotismo anal." – p.133;

"A partir daquele momento tivemos que enfrentar o problema da história posterior dos impulsos instintuais anal-eróticos. O que acontece com eles quando, devido ao estabelecimento de uma organização genital definitiva, perdem a sua importância na **vida sexual**? Preservam a sua natureza original, porém em estado de repressão? São sublimados, ou assimilados, pela transformação em traços de caráter? Ou encontram um lugar dentro da nova **organização da sexualidade**, caracterizada pela primazia genital? Ou, já que nenhuma dessas vicissitudes do erotismo anal é provavelmente a única, em que medida e de que modo cada uma delas participa da decisão do seu destino? Pois as fontes orgânicas do erotismo anal não podem, certamente, ser enterradas como resultado da emergência da organização genital." – p.134-135;

"É fato sabido que o discurso simbólico ignora com frequência a diferença de sexo. O 'pequeno', que originalmente significava o **órgão sexual masculino**, pode, assim, ter adquirido uma aplicação secundária aos genitais femininos." – p.134;

"Podemos dizer qual é a consequência básica do desejo infantil de um pênis em mulheres nas quais as determinantes de uma neurose na vida posterior estão ausentes: transforma-se em desejo por um *homem*, o que torna, assim, o homem um suplemento do pênis. Essa transformação, portanto, converte um **impulso que é hostil à função sexual feminina**, em outro que é favorável a ela. Tais mulheres tornam-se, dessa forma, capazes de uma vida erótica baseada no tipo masculino de amor objetal, que pode existir paralelamente ao tipo feminino, derivado do narcisismo. Já sabemos que em outros casos apenas um bebê torna possível a transição do autoamor narcísico para o amor objetal. De modo que, também nesse aspecto, um bebê pode ser representado por um pênis." – p.135;

"Tenho tido oportunidades ocasionais de ouvir sonhos de mulheres ocorridos após a **primeira experiência de relacionamento sexual**." – p.135;

"A importância do processo descrito jaz no fato de que uma parte da masculinidade narcísica da jovem mulher transmuta-se, assim, em feminilidade, e desse modo não pode mais operar de maneira **prejudicial à função sexual feminina**." – p.136;

"Uma outra parte do vínculo de relações pode ser observada muito mais claramente no macho. Origina-se quando as **pesquisas sexuais do menino** o levam à descoberta da ausência de pênis nas mulheres." – p.137;

"Ele conclui que o pênis deve ser uma parte destacável do corpo, algo análogo às fezes, a primeira parte de substância corporal que a criança tem que partilhar. Assim, o velho desafio anal entra na composição do complexo de castração. A analogia orgânica, que torna possível ao conteúdo intestinal ser o precursor do pênis durante a fase pré-genital, não pode ser levada em conta como motivo; mas as **buscas sexuais do menino** levam-no a um substituto psíquico para ele. Quando surge em cena um bebê, ele o considera 'lumf', de acordo com aquelas pesquisas, e o catexiza com um poderoso interesse anal-erótico." – p.137-138;

"As **pesquisas sexuais infantis** só podem levar à conclusão de que o bebê segue a mesma trilha da massa fecal. A função do pênis, habitualmente, não é descoberta por essas pesquisas. Mas é interessante notar que após tantos rodeios, uma correspondência orgânica reaparece na esfera psíquica como uma identidade inconsciente." – p.138;

UMA DIFICULDADE NO CAMINHO DA PSICANÁLISE (1917)

"Aceitamos essa distinção bastante evidente, de tal modo que também na psicanálise fazemos uma distinção entre os instintos autopreservativos ou instintos do ego, por um lado, e os **instintos sexuais**, por outro lado. À força pela qual o **instinto sexual** está representado na mente **chamamos 'libido'** – **desejo sexual** – e consideramo-la como algo análogo à fome, à vontade de poder e assim por diante, na medida em que diz respeito aos instintos do ego." – p.145;

"Aprendemos que, quando tentamos compreender os distúrbios neuróticos, sem dúvida o maior

significado liga-se aos **instintos sexuais**; que, na verdade, as neuroses são os distúrbios específicos, por assim dizer, na **função sexual**; que, de um modo geral, o fato de a pessoa desenvolver ou não uma neurose, depende da quantidade de sua libido e da possibilidade de saciá-la e de descarregá-la através da satisfação; que a forma assumida pela doença é determinada pela forma com que o indivíduo atravessa o curso de **desenvolvimento da sua função sexual**, ou, conforme o formulamos, pelas fixações a que sua libido se submeteu no decorrer do seu desenvolvimento; e, ademais, que, por sua técnica especial e não muito simples de influenciar a mente, conseguimos esclarecer a natureza de determinados tipos de neuroses e, ao mesmo tempo, eliminá-las. Nossos esforços terapêuticos obtêm seu maior êxito com uma determinada classe de neuroses que provêm de um **conflito entre os instintos do ego e os instintos sexuais**. Porque, nos seres humanos, pode acontecer que as **exigências dos instintos sexuais**, cujo alcance se estende muito além do indivíduo, pareçam, ao ego, constituir um perigo que ameaça a sua autopreservação ou a sua autoestima. O ego assume então a defensiva, **nega aos instintos sexuais a satisfação** que almejam e força-os pelos caminhos estreitos da satisfação substitutiva, que se tornam manifestos como sintomas nervosos." – p.145-146;

"O método psicanalítico de tratamento é, então, capaz de submeter à revisão esse processo de repressão e conseguir uma solução melhor para o conflito – uma solução que seja compatível com a saúde. Opositores pouco inteligentes acusam-nos de parcialidade na **avaliação dos instintos sexuais**. 'Os seres humanos têm outros **interesses, além dos sexuais**', dizem eles." – p.146;

"A culpa, sou forçado a dizer, está em você mesmo. Você superestimou sua força quando achou que podia tratar seus **instintos sexuais** da maneira que quisesse e ignorar absolutamente as intenções desses instintos. O resultado é que se rebelaram e assumiram suas próprias vias obscuras para escapar a essa supressão; estabeleceram seus direitos de uma forma que você não pode aprovar." – p.150;

"É assim que a psicanálise tem procurado educar o ego. Essas duas descobertas – a de que a vida dos nossos **instintos sexuais** não pode ser inteiramente domada, e a de que os processos mentais são, em si, inconscientes, e só atingem o ego e se submetem ao seu controle por meio de percepções incompletas e de pouca confiança –, essas duas descobertas equivalem, contudo, à afirmação de que *o ego não é o senhor da sua própria casa*. Juntas, representam o terceiro golpe no amor próprio do homem, o que posso chamar de golpe *psicológico*." – p.151;

"Há filósofos famosos que podem ser citados como precursores – acima de todos, o grande pensador Schopenhauer, cuja 'Vontade' inconsciente equivale aos instintos mentais da psicanálise. Foi esse mesmo pensador, ademais, que em palavras de inesquecível impacto, advertiu a humanidade quanto à importância, ainda tão subestimada pela espécie humana, da sua **ânsia sexual**. A psicanálise tem apenas a vantagem de não haver afirmado essas duas propostas tão penosas para o narcisismo – a **importância psíquica da sexualidade** e a inconsciência da vida mental – sobre uma base *abstrato*, mas demonstrou-as em questões que tocam pessoalmente cada indivíduo e o forçam a assumir alguma atitude em relação a esses problemas." – p.151-152;

UMA RECORDAÇÃO DE INFÂNCIA DE *DICHTUNG UND WARKHEIT* (1917)

Não consta.

LINHAS DE PROGRESSO NA TERAPIA PSICANALÍTICA (1919 [1918])

"Mais uma vez, esclarecemos os **impulsos sexuais no homem** ao dividi-los em seus elementos componentes; e, quando interpretamos um sonho, ignoramos o sonho como um todo e derivamos associações dos seus elementos em separado." – p.172;

"Por abstinência, no entanto, não se deve entender que seja agir sem qualquer satisfação – o que seria certamente impraticável; nem queremos dizer o que o termo popularmente conota, isto é, abster-se da **relação sexual**; significa algo diferente, que tem muito mais conexão com a dinâmica da doença e da recuperação." – p.174;

SOBRE O ENSINO DA PSICANÁLISE NAS UNIVERSIDADES (1919 [1918])

Não consta.

"UMA CRIANÇA É ESPANCADA" – UMA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA ORIGEM DAS PERVERSÕES SEXUAIS (1919)

"A vergonha e o sentimento de culpa são talvez mais intensamente provocados em relação a essa fantasia, do que quando são feitos relatos semelhantes de **lembranças do início da vida sexual**." – p.193;

"Uma fantasia dessa natureza, nascida, talvez, de causas acidentais na primitiva infância, e retida com o propósito de satisfação autoerótica, só pode, à luz do nosso conhecimento atual, ser considerada como um traço primário de perversão. Um dos **componentes da função sexual** desenvolveu-se, ao que parece, à frente do resto, tornou-se prematuramente independente, sofreu uma fixação, sendo por isso afastado dos processos posteriores de desenvolvimento, e, dessa forma, dá evidência de uma constituição peculiar e anormal no indivíduo." – p.195;

"Sabemos que uma perversão infantil desse tipo não persiste necessariamente por toda a vida; mais tarde pode ser submetida à repressão, substituída por uma formação reativa ou transformada por meio da sublimação. (É possível que a sublimação nasça de algum processo especial que seria detido pela repressão.) Se esses processos, contudo, não ocorrem, a perversão persiste até a maturidade; e sempre que encontramos uma **aberração sexual em adultos** – perversão, fetichismo, inversão – temos motivos para esperar que a investigação anamnésica revele um evento como o que sugeri, que conduza a uma fixação na infância." – p.195-196;

"De fato, muito antes da era da psicanálise, observadores como Binet conseguiam atribuir as estranhas **aberrações sexuais da maturidade** a impressões similares, e precisamente ao mesmo período da infância, ou seja, o quinto ou o sexto ano de vida. Nesse ponto, porém a

investigação defrontava-se com as limitações do nosso conhecimento; pois as impressões que provocavam a fixação não tinham qualquer força traumática. Eram, na sua maioria, corriqueiras e não excitantes para outras pessoas. Era impossível dizer por que o **impulso sexual** se submetera particularmente a uma fixação nessas impressões." – p.196;

"Se o **componente sexual** que se soltou prematuramente é o sádico, podemos esperar, com base no conhecimento derivado de outras fontes, que a sua subsequente repressão resultará numa inclinação para a neurose obsessiva." – p.196;

"A característica essencial que distingue mesmo as mais simples fantasias dessa fase daquelas da primeira, e que estabelece a ligação com a fase intermediária, é, contudo, a seguinte: a fantasia liga-se agora a uma forte e inequívoca **excitação sexual**, proporcionando, assim, um meio para a satisfação masturbadora." – p.199;

"É este, então, o conteúdo e o significado da fantasia de espancamento na sua primeira fase. A fantasia obviamente gratifica o ciúme da criança e depende do lado erótico da sua vida: mas é, também, poderosamente reforçada pelos interesses egoístas da criança. Resta, portanto, a dúvida quanto a saber se a fantasia pode ser descrita como **puramente 'sexual'**, ou se podemos arriscar-nos a chamá-la de 'sádica'" – p.200-201;

"Assim, talvez possamos dizer, em termos que recordam a profecia feita pelas Três Feiticeiras a Banquo: '**Não claramente sexual**, nem sádica, em si, mas ainda assim a natureza da qual ambos os impulsos surgirão depois.' Em todo caso, contudo, não há motivos para suspeitar de que nessa primeira fase a fantasia já esteja a serviço de uma excitação que envolve os genitais e encontra saída por meio de um ato masturbatório." – p.201;

"É claro que a **vida sexual da criança** atingiu o estádio de organização genital, agora que o seu amor incestuoso conseguiu essa prematura escolha de objeto. Isto pode ser demonstrado mais facilmente no caso de meninos; é, contudo, também indiscutível no caso de meninas. Algo como uma premonição do que são, depois, os **objetivos sexuais normais e finais**, governa as tendências libidinais da criança." – p.201;

"São exatamente essas crianças que acham particularmente fácil voltar à **organização pré-genital, anal-sádica, da vida sexual**. Se a organização genital, que mal conseguiu firmar-se, defronta-se com repressão, a consequência não é apenas a de que toda representação psíquica do amor incestuoso se torna inconsciente, ou permanece inconsciente, mas existe também outro resultado: um rebaixamento regressivo da própria organização genital para um nível mais baixo. 'O meu pai me ama' queria expressar um sentido genital; devido à regressão, converte-se em 'O meu pai está me batendo (estou sendo espancado pelo meu pai)'. Esse ser espancado é agora uma **convergência do sentimento de culpa e do amor sexual**. *Não é apenas o castigo pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo daquela relação*, e dessa última fonte deriva a excitação libidinal que se liga à fantasia a partir de então, e que encontra escoamento em atos masturbatórios. Aqui temos, pela primeira vez, a essência do

masoquismo.” – p.202-203;

“O ponto de vista que trouxe para primeiro plano, a esse respeito, o reforço constitucional ou o crescimento prematuro de um único **componente sexual**, na verdade não está abalado: mas verifica-se que não abrange toda a verdade. A perversão não mais é um fato isolado na **vida sexual da criança**, mas encontra o seu lugar entre os processos típicos, para não dizer normais, de desenvolvimento que nos são familiares.” – p.205;

“A **constituição sexual anormal**, finalmente, mostrou a sua força impondo ao complexo de Édipo uma determinada direção e compelindo-o a deixar para trás um resíduo incomum.” – p.205;

“Uma perversão na infância, como é sabido, pode tornar-se a base para a construção de uma perversão que tenha um sentido similar e que persista por toda a vida, uma perversão que consuma toda a **vida sexual** do sujeito. Por outro lado, a perversão pode ser interrompida e permanecer ao fundo de um **desenvolvimento sexual normal**, do qual, no entanto, continua a retirar uma determinada quantidade de energia.” – p.205;

“Pois descobrimos muitas vezes que esses pervertidos também fazem uma tentativa para desenvolver uma **atividade sexual normal**, geralmente durante a puberdade; mas a tentativa não tinha força suficiente e foi abandonada diante dos obstáculos que inevitavelmente se levantam, após o que voltam à fixação infantil de uma vez por todas.” – p.205;

“De modo que se pode imaginar como é pequeno o valor que se deve atribuir, por exemplo, a uma afirmação de que um **caso de homossexualismo é congênito**, quando o motivo dado para se acreditar que o seja é que, desde os seis ou os oito anos, a pessoa em questão só sentiu inclinações para o seu próprio sexo.” – p.206;

“Se, no entanto, a derivação das perversões a partir do complexo de Édipo pode ser estabelecida de modo geral, a nossa estimativa quanto à sua importância terá adquirido força adicional. Porque, na nossa opinião, **o complexo de Édipo é o verdadeiro núcleo das neuroses e a sexualidade infantil** que culmina nesse complexo é que determina realmente as neuroses.” – p.206;

“A origem do próprio complexo de Édipo e do destino que compele o homem, provavelmente sozinho entre todos os animais, a iniciar duas vezes a sua **vida sexual**, primeiro, como todas as criaturas, na primitiva infância, e depois, após uma longa interrupção, uma vez mais na puberdade – todos os problemas ligados à ‘herança arcaica’ do homem –, já foram por mim debatidos em outra parte, e não tenho intenção de adentrar-me neles, neste artigo.” – p.206;

“Os meus casos masculinos com uma fantasia infantil de espancamento eram apenas uns poucos

pacientes que não exibiam qualquer outro dano grave nas **atividades sexuais**; incluíam também um grande número de pessoas que teriam que ser descritas como autênticos masoquistas, no sentido de serem **pervertidos sexuais**. Ou eram pessoas que obtinham **satisfação sexual exclusivamente pela masturbação** acompanhada de fantasias masoquistas; ou eram pessoas que haviam conseguido combinar o masoquismo com a sua atividade genital, de tal modo que, paralelamente às experiências masoquistas e sob condições semelhantes, conseguiram chegar à ereção e ejaculação, ou levar a cabo uma relação normal." – p.209;

"O menino, pelo contrário, modifica a figura e o sexo da pessoa que bate, colocando a mãe no lugar do pai; mantém, contudo, a sua própria figura, disso resultando que a pessoa que está batendo e a que está apanhando são de sexos opostos. No caso da menina, o que era originalmente uma situação masoquista (passiva) transforma-se em situação sádica, por meio de repressão, e a sua **qualidade sexual** é quase apagada. No caso do menino, a situação permanece masoquista e mostra uma semelhança maior com a fantasia original, com seu significado genital, de vez que existe uma diferença de sexo entre a pessoa que bate e a pessoa espancada. O menino burla o seu **homossexualismo** ao reprimir e remodelar a fantasia inconsciente – e o que é notável acerca da sua posterior fantasia consciente é que esta tem como conteúdo uma atitude feminina sem uma **escolha homossexual de objeto**. Pelo mesmo processo, por outro lado, a menina escapa inteiramente às exigências do lado erótico da sua vida. Em fantasia ela transforma-se em homem, sem se tornar ativa à maneira masculina, e nada mais é do que o espectador de um acontecimento que toma o lugar de um **ato sexual**." – p.212;

"O efeito da *regressão* a um estádio anterior da **organização sexual** é outra questão. No que diz respeito a esta, somos levados a acreditar que a situação se modifica também no inconsciente. Assim, em ambos os sexos, a fantasia masoquista de ser espancado pelo pai, ainda que não a fantasia passiva de ser amado por ele, continua a viver no inconsciente depois que ocorreu a repressão. Existem, ademais, muitas indicações de que a repressão só atinge o seu objetivo de maneira muito incompleta. O menino, que tentou escapar de uma **escolha homossexual de objeto**, e que não mudou o seu sexo, sente-se, não obstante, como uma mulher nas suas fantasias conscientes e dota as mulheres, que o espancam, de atributos e características masculinas." – p.212;

"Estou consciente de que as diferenças que descrevi entre os sexos, no que diz respeito à natureza da fantasia de espancamento, não foram suficientemente esclarecidas. Contudo, não tentarei deslindar essas complicações atribuindo a sua dependência a outros fatores, já que não considero exaustivo o material para observação. Pelo que abrange, no entanto, gostaria de utilizá-lo para testar duas teorias. Essas teorias opõem-se uma à outra, ainda que ambas tratem da **relação entre a repressão e o caráter sexual**, e ambas, cada uma de acordo com o seu ponto de vista, a representem como uma relação muito íntima. Posso dizer, de imediato, que sempre considerei essas teorias incorretas e ilusórias." – p.212;

"A teoria é, pela sua ousada simplicidade, tão atraente, que a única surpresa é que não se tenha imposto na literatura do assunto, exceto por umas poucas alusões esparsas. Baseia-se no fato da **constituição bissexual dos seres humanos**, e afirma que a força motivadora da repressão, em cada indivíduo, é uma luta entre os dois **caracteres sexuais**." – p.213;

"Tomemos então essas duas teorias, as quais se pode dizer que têm em comum uma **sexualização do processo de repressão**, e testemo-las, aplicando-as ao exemplo das fantasias de espancamento que estivemos estudando. A fantasia original, 'Estou sendo espancada pelo meu pai', corresponde, no caso de menino, a uma atitude feminina, e é, portanto, expressão daquela parte da sua propensão que pertence ao sexo oposto. Se essa parte dele se submete à repressão, a primeira teoria parece mostrar-se correta, pois essa teoria estabelece como regra que aquilo que pertence ao sexo oposto é idêntico ao reprimido." – p.214;

"Na verdade, porém, torna-se inconsciente, e é substituída por **uma fantasia consciente que nega o caráter sexual manifesto da menina**. A teoria é, portanto, inútil como explicação das fantasias de espancamento, e os fatos a contradizem." – p.214;

"Deveríamos estar propensos a concordar com esse ponto de vista, mas não seria menos impossível defender a suposta relação entre o **caráter sexual manifesto** e a escolha do que está destinado à repressão. Em último recurso, só podemos verificar que, tanto no homem como na mulher, encontram-se impulsos instintuais masculinos e femininos, e que cada um igualmente pode muito bem ser submetido à repressão e, assim, tornar-se inconsciente." – p.215;

"Antes que sejamos levados, por essa dificuldade, a suspeitar de que toda a concepção do protesto masculino é inadequada ao problema das neuroses e das perversões, e de que sua aplicação a esses problemas é infrutífera, deixemos por um momento as fantasias de espancamento passivas e voltemos nossa atenção para outras **manifestações instintuais da vida sexual infantil** – manifestações que foram igualmente submetidas à repressão." – p.215;

"A teoria da psicanálise (uma teoria fundamentada na observação) sustenta com firmeza o ponto de vista de que as **forças motivadoras da repressão não devem ser sexualizadas**." – p.216;

"Em virtude de circunstâncias particulares que já foram frequentemente assinaladas, o segundo grupo, o dos **instintos sexuais**, é capaz de derrotar as intenções de repressão e de forçar sua representação por formações substitutivas de natureza perturbadora. Por esse motivo, a **sexualidade infantil**, que é mantida sob repressão, atua como a principal força motivadora na formação de sintomas; e a parte essencial do seu conteúdo, o complexo de Édipo, é o complexo nuclear das neuroses." – p.216;

"Espero haver levantado, neste artigo, a expectativa de que as **aberrações sexuais da infância**, bem como as da maturidade, são ramificações do mesmo complexo. [Algumas outras anotações acerca da primeira fase da fantasia de espancamento em meninas podem ser encontradas em um artigo posterior de Freud sobre a distinção anatômica entre os sexos]" – p.216;

INTRODUÇÃO A *A PSICANÁLISE E AS NEUROSES DE GUERRA* (1919)

"Não há, no entanto, necessidade de considerar que essas abordagens à psicanálise impliquem qualquer reconciliação ou qualquer apaziguamento da oposição. Suponha-se que alguém rejeitou até hoje a totalidade de um complexo de proposições interdependentes, mas agora encontra-se, subitamente, em posição de convencer-se da verdade de uma parte do todo. Poder-se-ia pensar que começará a hesitar quanto à sua oposição em geral e a permitir-se determinado grau de expectativa deferente de que a outra parte, sobre a qual não teve experiência pessoal e não pode, por isso mesmo, formar juízo próprio, também possa confirmar-se como verdadeira. Essa outra parte da teoria psicanalítica, com a qual o estudo das neuroses de guerra não entrou em contato, é no sentido de que as forças motivadoras que se expressam na **formação dos sintomas são sexuais** e que as neuroses nascem de um **conflito entre o ego e os instintos sexuais** que este repudia. ('**Sexualidade**', neste contexto, deve ser entendida no sentido amplo em que é usada na psicanálise e não se deve confundir com o conceito mais limitado de 'genitalidade'.) Não deixa de ser verdade, como observa Ernest Jones na sua contribuição a este volume, que essa parte da teoria não se mostrou ainda aplicável às neuroses de guerra. O trabalho que poderia provar o contrário não foi realizado ainda. Pode ser que as neuroses de guerra não sejam absolutamente material adequado para este propósito." – p.222;

"Mas os oponentes da psicanálise, cuja **aversão à sexualidade** é evidentemente mais forte do que a sua lógica, apressaram-se a proclamar que a investigação das neuroses de guerra desmentiu finalmente essa parte da teoria psicanalítica. Aqui, incorreram eles em uma ligeira confusão. Se a investigação das neuroses de guerra (e uma investigação muito superficial) *não demonstrou* que a **teoria sexual das neuroses** é *correta*, isto é algo muito diferente de *mostrar* que aquela teoria é *incorreta*. Com o auxílio de uma atitude imparcial e um pouco de boa vontade, não seria difícil encontrar o caminho para um futuro esclarecimento do assunto." – p.222;

"A **teoria da etiologia sexual das neuroses** ou, como preferimos dizer, a teoria da libido das neuroses, foi originalmente exposta apenas em relação às neuroses de transferência da época de paz e é fácil de demonstrar, no caso destas, pelo uso da técnica de análise." – p.223;

"Só se tornou possível estender a teoria da libido às neuroses narcísicas depois que o conceito de uma 'libido narcísica' foi exposto e aplicado – isto é, um conceito de uma quantidade de **energia sexual ligada ao próprio ego** e que encontra satisfação no ego, tal como habitualmente se encontra satisfação apenas em objetos. Esse desenvolvimento inteiramente legítimo do **conceito de sexualidade** promete fazer pelas neuroses mais graves e pelas psicoses tanto quanto se possa esperar de uma teoria que está avançando com uma base empírica." – p.223;

O "ESTRANHO" (1919)

Não consta.

PREFÁCIO *A RITUAL*: *ESTUDOS PSICANALÍTICOS* DE REIK (1919)

Não consta.

BREVES ESCRITOS (1919)

1. **Uma nota sobre publicações e prêmios psicanalíticos**
   Não consta.
2. **Nota do editor inglês**
   Não consta.
3. **James J. Putnam**
   Não consta.
4. **Victor Tausk**
   Não consta.

XVI. ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER, PSICOLOGIA DE GRUPO E OUTROS TRABALHOS (1920-1922)

Volume 18 (FREUD, 1996p)

ALÉM DO PRINCÍPIO DE PRAZER (1920)

"Contudo, o princípio de prazer persiste por longo tempo como o método de funcionamento empregado pelos **instintos sexuais**, que são difíceis de 'educar', e, partindo desses instintos, ou do próprio ego, com frequência consegue vencer o princípio de realidade, em detrimento do organismo como um todo." – p.20;

"No curso das coisas, acontece repetidas vezes que instintos individuais ou parte de instintos se mostrem incompatíveis, em seus objetivos ou exigências, com os remanescentes, que podem combinar-se na unidade inclusiva do ego. Os primeiros são então expelidos dessa unidade pelo processo de repressão, mantidos em níveis inferiores de desenvolvimento psíquico, e afastados, de início, da possibilidade de satisfação. Se subsequentemente alcançam êxito – como tão facilmente acontece com os **instintos sexuais reprimidos** – em conseguir chegar por caminhos indiretos a uma satisfação direta ou substitutiva, esse acontecimento, que em outros casos seria uma oportunidade de prazer, é sentido pelo ego como desprazer." – p.20;

"É obrigado a *repetir* o material reprimido como se fosse uma experiência contemporânea, em vez de, como o médico preferiria ver, *recordá-lo* como algo pertencente ao passado. Essas reproduções, que surgem com tal exatidão indesejada, sempre têm como tema alguma parte da **vida sexual infantil**, isto é, do complexo de Édipo, e de seus derivativos, e são invariavelmente atuadas (*acted out*) na esfera da transferência, da relação do paciente com o médico." – p.28;

"O **florescimento precoce da vida sexual infantil** está condenado à extinção porque seus desejos são incompatíveis com a realidade e com a etapa inadequada de desenvolvimento a que a criança chegou. Esse florescimento chega ao fim nas mais aflitivas circunstâncias e com o acompanhamento dos mais penosos sentimentos." – p.30;

"As **explorações sexuais infantis**, às quais seu desenvolvimento físico impõe limites, não conduzem a nenhuma conclusão satisfatória; daí as queixas posteriores, tais como 'Não consigo realizar nada; não tenho sucesso em nada'." – p.30;

"O fato a que me referi, o de que um grande dano físico causado simultaneamente pelo trauma diminui as possibilidades de que uma neurose se desenvolva, torna-se inteligível se tivermos em mente dois fatos que foram enfatizados pela pesquisa psicanalítica: primeiramente, que a agitação mecânica deve ser reconhecida como uma das **fontes de excitação sexual** e, em segundo lugar, que moléstias penosas e febris exercem um poderoso efeito, enquanto perduram, sobre a distribuição da libido. Assim, por um lado, a violência mecânica do trauma liberaria uma quantidade de **excitação sexual** que, devido à falta de preparação para a ansiedade, teria um efeito traumático, mas, por outro lado, o dano físico simultâneo, exigindo uma hipercatexia narcisista do órgão prejudicado, sujeitaria o excesso de excitação." – p.43;

"Mas detenhamo-nos por um momento e reflitamos. Não pode ser assim. Os **instintos sexuais**, a que a teoria das neuroses concede um lugar inteiramente especial, surgem sob aspecto muito diferente." – p.49;

"Os instintos que cuidam dos destinos desses organismos elementares que sobrevivem à totalidade do indivíduo, que lhes fornecem um abrigo seguro enquanto se acham indefesos contra os estímulos do mundo externo, que ocasionam seu encontro com outras células germinais etc., constituem o **grupo dos instintos sexuais**. São conservadores no mesmo sentido dos outros instintos porque trazem de volta estados anteriores de substância viva; contudo, são conservadores num grau mais alto, por serem peculiarmente resistentes às influências externas; e são conservadores ainda em outro sentido, por preservarem a própria vida por um longo período." – p.50;

"É como se a vida do organismo se movimentasse num ritmo vacilante. Certo grupo de instintos se precipita como que para atingir o objetivo final da vida tão rapidamente quanto possível, mas, quando determinada etapa no avanço foi alcançada, o outro grupo atira-se para trás até um certo ponto, a fim de efetuar nova saída e prolongar assim a jornada. E ainda que seja certo que a **sexualidade** e a distinção entre os sexos não existiam quando a vida começou, permanece a possibilidade de que os instintos que posteriormente vieram a ser **descritos como sexuais**, possam ter estado em funcionamento desde o início, e talvez não seja verdade que foi apenas em época posterior que eles começaram seu trabalho de oposição às atividades dos 'instintos do ego'." – p.50;

"Retornemos nós mesmos por um momento e consideremos se existe qualquer base para essas especulações. Será realmente o caso que, *à parte os* ***instintos sexuais***, não existem instintos que não procurem restaurar um estado anterior de coisas?" – p.51;

"A essência de nossa investigação até agora foi o traçado de uma **distinção nítida entre os**

‘instintos do ego’ e os instintos sexuais, e a visão de que os primeiros exercem pressão no sentido da morte e os últimos no sentido de um prolongamento da vida.” – p.53;

“Ademais, na realidade, é apenas quanto ao primeiro grupo de instintos que podemos afirmar que possuem caráter conservador, ou melhor, retrógrado, correspondente a uma compulsão à repetição, porque, em nossa hipótese, os instintos do ego se originam da animação da matéria inanimada e procuram restaurar o estado inanimado, ao passo que, quanto aos **instintos sexuais**, embora seja verdade que reproduzem estados primitivos do organismo, aquilo a que claramente visam, por todos os meios possíveis, é à coalescência de duas células germinais que são diferenciadas de maneira particular. Se essa união não é efetuada, a célula germinal morre juntamente com todos os outros elementos do organismo multicelular. É apenas com essa condição que a **função sexual** pode prolongar a vida da célula e emprestar-lhe uma aparência de imortalidade. Mas, qual é o acontecimento importante no desenvolvimento da substância viva, que está sendo repetido na **reprodução sexual** ou em sua antecessora, a conjugação de dois protozoários? Não podemos dizer, e, consequentemente, deveríamos sentir-nos aliviados se toda a estrutura de nossa argumentação se mostrou equivocada. A oposição entre os instintos do ego ou instintos de morte e os **instintos sexuais ou instintos de vida** deixaria então de sustentar-se e a compulsão à repetição não mais possuiria a importância que lhe atribuímos.” – p.53

“Weismann, encarando morfologicamente a substância viva, enxerga nela uma parte que está destinada a morrer – o soma, o corpo separado da substância relacionada com o sexo e a herança –, e uma parte imortal – o plasma germinal, que se relaciona com a sobrevivência da espécie, com a reprodução. Nós, por outro lado, lidando não com a substância viva, mas com as forças que nela operam, fomos levados a distinguir duas espécies de instintos: aqueles que procuram conduzir o que é vivo à morte, e os outros, os **instintos sexuais**, que estão perpetuamente tentando e conseguindo uma renovação da vida, o que soa como um corolário dinâmico à teoria morfológica de Weismann.” – p.55;

“Primeiro: se dois dos animálculos, no momento antes de apresentarem sinais de senescência, puderem coalescer um com o outro, isto é, ‘conjugarem-se’ (pouco após o que, mais uma vez se separam), salvam-se de ficarem velhos e tornam-se ‘rejuvenescidos’. A conjugação é indubitavelmente a antecessora da **reprodução sexual** nas criaturas mais elevadas; ainda se acha, por enquanto, desvinculada da propagação e limita-se à mistura das substâncias dos dois indivíduos.” – p.57;

“Existe algo mais, de qualquer modo, a que não podemos permanecer cegos. Inadvertidamente voltamos nosso curso para a baía da filosofia de Schopenhauer. Para ele, a morte é o ‘verdadeiro resultado e, até esse ponto, o propósito da vida’, ao passo que **o instinto sexual é a corporificação da vontade de viver**.” – p.58;

“Podemos supor que os **instintos de vida ou instintos sexuais ativos em cada célula** tomam as outras células como seu objeto, que parcialmente neutralizam os instintos de morte (isto é, os processos estabelecidos por estes) nessas células, preservando assim sua vida, ao passo que

as outras células fazem o mesmo para elas e outras ainda se sacrificam no desempenho dessa função libidinal.” – p.59;

“Dessa maneira, a **libido de nossos instintos sexuais** coincidiria com o Eros dos poetas e dos filósofos, o qual mantém unidas todas as coisas vivas.” – p.59;

“Em primeira instância, a análise das neuroses de transferência forçou à nossa observação a **oposição entre os ‘instintos sexuais’**, que se dirigem para um objeto, e certos outros instintos, com os quais nos achamos insuficientemente familiarizados e que descrevemos provisoriamente como ‘instintos do ego’. Um lugar de proa entre estes foi necessariamente concedido aos instintos que servem à autoconservação do indivíduo.” – p.59;

“O **conceito de ‘sexualidade’** e, ao mesmo tempo, de **instinto sexual**, teve, é verdade, de ser ampliado de modo a abranger muitas coisas que não podiam ser classificadas sob a função reprodutora, e isso provocou não pouco alarido num mundo austero, respeitável, ou simplesmente hipócrita.” – p.60;

“Há muito tempo, espíritos críticos e de visão ampla já haviam, é verdade, feito objeção ao fato de o conceito de libido restringir-se à **energia dos instintos sexuais** dirigidos no sentido de um objeto, mas fracassaram em explicar como haviam chegado a seu melhor conhecimento, ou em derivar dele algo de que a análise pudesse fazer uso.” – p.60;

“O ego encontrou então sua posição entre os **objetos sexuais** e imediatamente recebeu o lugar de proa entre eles. A libido que assim se alojara no ego foi descrita como ‘narcisista’. Essa libido narcisista era também, naturalmente, uma manifestação da **força do instinto sexual**, no sentido analítico dessas palavras, e necessariamente tinha de ser identificada com os instintos de autoconservação, cuja existência fora reconhecida desde o início. Assim, a **oposição original entre os instintos do ego e os instintos sexuais** mostrou-se inapropriada. Viu-se que uma parte dos instintos do ego era libidinal e que **instintos sexuais** (provavelmente ao lado de outros) operavam no ego. Não obstante, temos justificação para dizer que a antiga fórmula que estabeleceu que as psiconeuroses se baseiam num **conflito entre os instintos do ego e os instintos sexuais** não contém nada que precisemos rejeitar atualmente. Acontece simplesmente que a distinção entre os dois tipos de instintos, que era originalmente considerada, de certa maneira, como *qualitativa* deve ser hoje diferentemente caracterizada, ou seja, como *topográfica*.” – p.60-61;

“Mas ainda nos é mais necessário enfatizar o caráter libidinal dos instintos de autoconservação, agora que nos estamos aventurando ao novo passo de **reconhecer o instinto sexual como Eros**, o conservador de todas as coisas, e de derivar a libido narcisista do ego dos estoques de libido por meio da qual as células do soma estão ligadas umas às outras. Mas agora, subitamente, defrontamo-nos com outra questão. Se os instintos de autoconservação são também de natureza libidinal, talvez não existam quaisquer outros instintos, a não ser os libidinais?” – p.61;

"De qualquer modo, não existem outros visíveis. Nesse caso, porém, seremos, no fim das contas, levados a concordar com os críticos que desconfiaram desde o início que a **psicanálise explica *tudo* pela sexualidade**, ou com inovadores como Jung, que, fazendo um juízo apressado, utilizaram a palavra 'libido' para significar força instintual em geral. Não deve isso ser assim?" – p.61;

"Nosso debate teve como ponto de partida uma distinção nítida entre os instintos do ego, que equiparamos aos instintos de morte, e os **instintos sexuais**, que equiparamos aos instintos de vida. (Achávamo-nos preparados, em determinada etapa, para incluir os chamados instintos de autoconservação do ego entre os instintos de morte, mas subsequentemente nos corrigimos sobre esse ponto e o retiramos.) Nossas concepções, desde o início, foram *dualistas* e são hoje ainda mais definidamente dualistas do que antes, agora que descrevemos a oposição como se dando, não entre instintos do ego e **instintos sexuais**, mas entre instintos de vida e instintos de morte." – p.61;

"Desde o início identificamos a presença de um **componente sádico no instinto sexual**. Como sabemos, ele pode tornar-se independente e, sob a forma de perversão dominar toda a **atividade sexual de um indivíduo**. Surge também como um instinto componente predominante numa das 'organizações pré-genitais', como as denominei." – p.62;

"Ele entra em ação a serviço da **função sexual**. Durante a fase oral da organização da libido, o ato de obtenção de domínio erótico sobre um objeto coincide com a destruição desse objeto; posteriormente, o instinto sádico se isola, e, finalmente, na fase de primazia genital, assume, para os fins da reprodução, a **função de dominar o objeto sexual** até o ponto necessário à **efetivação do ato sexual**. Poder-se-ia verdadeiramente dizer que o sadismo que foi expulso do ego apontou o caminho para os **componentes libidinais do instinto sexual** e que estes o seguiram para o objeto. Onde quer que o sadismo original não tenha sofrido mitigação ou mistura, encontramos a ambivalência familiar de amor e ódio na vida erótica." – p.62-63;

"Retornemos, porém, aos **instintos sexuais autoconservadores**. As experiências com os protistas já demonstraram que a conjugação, isto é, a coalescência de dois indivíduos que se separam logo após sem que qualquer divisão celular subsequente ocorra, tem efeito fortalecedor e rejuvenescedor sobre ambos. Nas gerações posteriores, não mostram sinais de degeneração e parecem aptos a opor resistência mais prolongada aos efeitos prejudiciais de seu próprio metabolismo. Essa observação isolada pode, penso eu, ser tomada como típica do efeito produzido também pela **união sexual**." – p.63-64;

"Contudo, ainda sentimos nossa linha de pensamento apreciavelmente entravada pelo fato de não podermos atribuir ao **instinto sexual** a característica de uma compulsão à repetição que primeiramente nos colocou na trilha dos instintos de morte. A esfera dos processos de desenvolvimento embrionário é, sem dúvida alguma, extremamente rica em tais fenômenos de repetição; as duas células germinais que estão envolvidas na **reprodução sexual**, e a história de sua vida são apenas repetições dos começos da vida orgânica. Mas a essência do processo a que a **vida sexual** se dirige é a coalescência de dois corpos celulares. Só isso é que assegura a

imortalidade da substância viva nos organismos superiores.” – p.64;

“Em outras palavras, precisamos de mais informações sobre a **origem da reprodução sexual e dos instintos sexuais** em geral.” – p.65;

“A origem da reprodução por **células germinais sexualmente diferenciadas** pode ser representada segundo sóbrias linhas darwinianas, imaginando-se que a vantagem da anfimixia, a que se chegou em determinada ocasião pela conjugação fortuita de dois protistas, foi retida e posteriormente explorada para desenvolvimento ulterior. Segundo essa concepção, o ‘sexo’ não seria nada de muito antigo e os instintos extraordinariamente violentos, cujo objetivo é ocasionar a **união sexual**, estariam repetindo algo que outrora ocorrera por acaso e desde então se estabelecera, por ser vantajoso.” – p.65

“Surge aqui a questão, como no caso da morte, de saber se estamos certos em atribuir aos protistas só essas características que realmente apresentam, ou se será correto supor que forças e processos que se tornam visíveis apenas nos organismos superiores, se originaram pela primeira vez naqueles organismos. A **concepção da sexualidade** que acabamos de mencionar é de pouca ajuda para nossos fins.” – p.65;

“À parte isso, a ciência tem tão pouco a nos dizer sobre a **origem da sexualidade**, que podemos comparar o problema a uma escuridão em que nem mesmo o raio de luz de uma hipótese penetrou.” – p.66;

“O que tenho no espírito é, naturalmente, a teoria que Platão colocou na boca de Aristófanes no *Symposium* e que trata não apenas da ***origem* do instinto sexual**, mas também da mais importante de suas variações em relação ao objeto.” – p.66;

“Seguiremos a sugestão que nos foi oferecida pelo poeta-filósofo e aventurar-nos-emos pela hipótese de que a substância viva, por ocasião de sua animação, foi dividida em pequenas partículas, que desde então se esforçaram por reunir-se através dos **instintos sexuais**?” – p.67;

“Não discuto o fato de que o terceiro passo pela teoria dos instintos, por mim dado aqui, não pode reivindicar o mesmo grau de certeza que os dois primeiros: a extensão do **conceito de sexualidade** e a hipótese do narcisismo.” – p.67;

“Ainda não podemos decidir com certeza em favor de nenhum desses enunciados, mas é claro que a função estaria assim relacionada com o esforço mais fundamental de toda substância viva: o retorno à quiescência do mundo inorgânico. Todo nós já experimentamos como o maior prazer por nós atingível, o do **ato sexual**, acha-se associado à extinção momentânea altamente intensificada.” – p.70;

PSICOLOGIA DE GRUPO E A ANÁLISE DO EGO (1921)

1. IV – SUGESTÃO E LIBIDO

"Libido é expressão extraída da teoria das emoções. Damos esse nome à energia, considerada como uma magnitude quantitativa (embora na realidade não seja presentemente mensurável), daqueles instintos que têm a ver com tudo o que pode ser abrangido sob a palavra 'amor'. O núcleo do que queremos significar por amor consiste naturalmente (e é isso que comumente é chamado de amor e que os poetas cantam) no **amor sexual**, com a **união sexual** como objetivo. Mas não isolamos disso – que, em qualquer caso, tem sua parte no nome 'amor' –, por um lado, o amor próprio, e, por outro, o amor pelos pais e pelos filhos, a amizade e o amor pela humanidade em geral, bem como a devoção a objetos concretos e a ideias abstratas. Nossa justificativa reside no fato de que a pesquisa psicanalítica nos ensinou que todas essas tendências constituem expressão dos mesmos impulsos instintuais; nas relações entre os sexos, esses impulsos forçam seu caminho no sentido da **união sexual**, mas, em outras circunstâncias, são desviados desse objetivo ou impedidos de atingi-lo, embora sempre conservem o bastante de sua natureza original para manter reconhecível sua identidade (como em características tais como o anseio de proximidade e o autossacrifício)." – p.96;

"Em sua origem, função e relação com o **amor sexual**, o 'Eros' do filósofo Platão coincide exatamente com a força amorosa, a libido da psicanálise, tal como foi pormenorizadamente demonstrado por Nachmansohn (1915) e Pfister (1921), e, quando o apóstolo Paulo, em sua famosa Epístola aos Coríntios, louva o amor sobre tudo o mais, certamente o entende no mesmo sentido 'mais amplo'." – p.97;

"A psicanálise, portanto, dá a **esses instintos amorosos o nome de instintos sexuais**, *a potiori* e em razão de sua origem. A maioria das pessoas 'instruídas' encarou essa nomenclatura como um insulto e fez sua vingança retribuindo **à psicanálise a pecha de 'pansexualismo'**." – p.97;

2. VI – OUTROS PROBLEMAS E LINHAS DE TRABALHO

"A libido se liga à satisfação das grandes necessidades vitais e escolhe como seus primeiros objetos as pessoas que têm uma parte nesse processo. E, no desenvolvimento da humanidade como um todo, do mesmo modo que nos indivíduos, só o amor atua como fator civilizador, no sentido de ocasionar a modificação do egoísmo em altruísmo. E isso é verdade tanto do **amor sexual pelas mulheres**, com todas as obrigações que envolve de não causar dano às coisas que são caras às mulheres, quanto do **amor homossexual, dessexualizado e sublimado**, por outros homens, que se origina do trabalho em comum." – p.108;

"No estudo psicanalítico das neuroses, ocupamo-nos, até aqui, quase exclusivamente com os laços com objetos feitos pelos instintos amorosos que ainda perseguem **objetivos diretamente sexuais**. Nos grupos, evidentemente, não se pode falar de **objetivos sexuais** dessas espécies. Preocupamo-nos aqui com instintos amorosos que foram desviados de seus objetivos originais, embora não atuem com menor energia devido a isso. Ora, no âmbito das habituais **catexias sexuais de objeto**, já observamos fenômenos que representam um **desvio do instinto de seu objetivo sexual**." – p.108;

"Mas gostaríamos também de saber se esse tipo de catexia de objeto, tal como a conhecemos na **vida sexual**, representa a única maneira de laço emocional com outras pessoas, ou se devemos levar em consideração outros mecanismos desse tipo." – p.108;

3. VII – IDENTIFICAÇÃO

"Apresenta então, portanto, dois laços psicologicamente distintos: uma **catexia de objeto sexual** e direta para com a mãe e uma identificação com o pai, que toma como modelo." – p.109;

"Pode acontecer que o complexo de Édipo se inverta e que o pai seja tomado como objeto de uma atitude feminina, objeto no qual os **instintos diretamente sexuais** buscam satisfação; nesse caso, a identificação com o pai torna-se a precursora de uma vinculação de objeto com ele. A mesma coisa também se aplica, com as substituições necessárias, à menina." – p.109-110;

"No primeiro caso, o pai é o que gostaríamos de *ser*; no segundo, o que gostaríamos de *ter*, ou seja, a distinção depende de o laço se ligar ao sujeito ou ao objeto do ego. O primeiro tipo de laço, portanto, já é possível antes que qualquer **escolha sexual de objeto** tenha sido feita." – p.110;

"O que aprendemos dessas três fontes pode ser assim resumido: primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio de introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de **instinto sexual**." – p.111;

"A **gênese do homossexualismo masculino**, em grande quantidade de casos, é a seguinte: um jovem esteve inusitadamente e por longo tempo fixado em sua mãe, no sentido do complexo de Édipo. Finalmente, porém, após o término da puberdade, chega a ocasião de trocar a mãe por algum outro **objeto sexual**." – p.112;

"Trata-se de processo frequente, que pode ser confirmado tão amiúde quanto se queira, e que, naturalmente, é inteiramente independente de qualquer hipótese que se possa efetuar quanto à força orgânica impulsora e aos motivos de repentina transformação. Uma coisa notável sobre essa identificação é sua ampla escala; ela remolda o ego em um de seus mais importantes aspectos, em seu **caráter sexual**, segundo o modelo do que até então constituíra o objeto." – p.112;

4. VIII – ESTAR AMANDO E HIPNOSE

"Em determinada classe de casos, estar amando nada mais é que uma catexia de objeto por parte

dos **instintos sexuais** com vistas a uma **satisfação diretamente sexual**, catexia que, além disso, expira quando se alcançou esse objetivo: é o que se chama de **amor sensual comum**." – p.115;

"Era possível calcular com certeza a revivescência da necessidade que acabara de expirar e, sem dúvida, isso deve ter constituído o primeiro motivo para dirigir uma catexia duradoura sobre o **objeto sexual** e para 'amá-lo' também nos intervalos desapaixonados." – p.115;

"Em sua primeira fase, que geralmente termina na ocasião em que a criança está com cinco anos de idade, ela descobriu o primeiro objeto para seu amor em um ou outro dos pais, e todos os seus **instintos sexuais**, com sua exigência de satisfação, unificaram-se nesse objeto. A repressão que então se estabelece, compele-a a renunciar à maior parte desses **objetivos sexuais infantis** e deixa atrás de si uma profunda modificação em sua relação com os pais. A criança ainda permanece ligada a eles, mas por instintos que devem ser descritos como 'inibidos em seu objetivo'. As emoções que daí passa a sentir por esses objetos de seu amor são caracterizadas como 'afetuosas'. Sabe-se que as **primitivas tendências 'sensuais'** permanecem mais ou menos intensamente preservadas no inconsciente, de maneira que, em certo sentido, a totalidade da corrente original continua a existir." – p.115;

"Na puberdade, como sabemos, estabelecem-se impulsos novos e muito fortes, dirigidos a **objetivos diretamente sexuais**. Em casos desfavoráveis eles permanecem, sob a forma de uma **corrente sensual**, separados das tendências 'afetuosas' de sentimento que persistem. Temos então à frente um quadro cujos dois aspectos são tipificados com deleite por certas escolas de literatura. Um homem mostrará um entusiasmo sentimental por mulheres a quem respeita profundamente, mas não o excitam a **atividades sexuais**, e só será potente com outras mulheres a quem não 'ama', a quem pouco considera, ou mesmo despreza. Com mais frequência, contudo, o adolescente consegue efetuar um certo grau de síntese entre o **amor não sensual** e celeste e o **amor sensual e terreno**, e sua relação com seu **objeto sexual** se caracteriza pela interação de instintos desinibidos e instintos inibidos em seu objetivo. A profundidade em que qualquer um está amando, quando contrastada com seu **desejo puramente sensual**, pode ser medida pela dimensão da parte assumida pelos instintos de afeição inibidos em seu objetivo." – p.116;

"Com relação a essa questão de estar amando, sempre ficamos impressionados pelo **fenômeno da supervalorização sexual**: o fato de o objeto amado desfrutar de certa liberdade quanto à crítica, e o de todas as suas características serem mais altamente valorizadas do que as das pessoas que não são amadas, ou do que as próprias características dele numa ocasião em que não era amado. Se os **impulsos sexuais** estão mais ou menos eficazmente reprimidos ou postos de lado, produz-se a ilusão de que o objeto veio a ser **sensualmente amado** devido aos seus méritos espirituais, ao passo que, pelo contrário, na realidade esses méritos só podem ter sido emprestados a ele pelo seu **encanto sensual**." – p.116;

"Se a **supervalorização sexual** e o estar amando aumentam ainda mais, a interpretação do quadro se torna ainda mais inequívoca. Os impulsos cuja inclinação se dirige para a **satisfação diretamente sexual** podem agora ser empurrados inteiramente para o segundo plano, como por

exemplo acontece regularmente com a paixão sentimental de um jovem; o ego se torna cada vez mais despretensioso e modesto e o objeto cada vez mais sublime e precioso, até obter finalmente a posse de todo o autoamor do ego, cujo autossacrifício decorre, assim, como consequência natural. O objeto, por assim dizer, consumiu o ego. Traços de humildade, de limitação do narcisismo e de danos causados a si próprio ocorrem em todos os casos de estar amando; no caso extremo, são simplesmente intensificados e como resultado da retirada das **reivindicações sexuais**, permanecem em solitária supremacia." – p.117;

"Isso acontece com especial facilidade com o amor infeliz e que não pode ser satisfeito, porque, a despeito de tudo, cada **satisfação sexual** envolve sempre uma redução da **supervalorização sexual**." – p.117;

"A completa ausência de **impulsos que se acham inibidos em seus objetivos sexuais** contribui ainda mais para a pureza extrema dos fenômenos. A relação hipnótica é a devoção ilimitada de alguém enamorado, mas **excluída a satisfação sexual**, ao passo que no caso real de estar amando esta espécie de satisfação é apenas temporariamente refreada e permanece em segundo plano, como um possível objeto para alguma ocasião posterior." – p.118-119;

"A hipnose não constitui um bom objeto para comparação com uma formação de grupo, porque é mais verdadeiro dizer que ela é idêntica a essa última. Da complicada textura do grupo, ela isola um elemento para nós: o comportamento do indivíduo em relação ao líder. A hipnose é distinguida da formação de grupo por esta limitação de número, tal como se distingue do estado de estar amando pela ausência de **inclinações diretamente sexuais**." – p.119;

"É interessante ver que são precisamente esses **impulsos sexuais inibidos** em seus objetivos que conseguem tais laços permanentes entre as pessoas. Porém isso pode ser facilmente compreendido pelo fato de não serem capazes de satisfação completa, ao passo que os **impulsos sexuais desinibidos em seus objetivos** sofrem uma redução extraordinária mediante a descarga de energia, sempre que o **objetivo sexual** é atingido. É o **destino do amor sensual** extinguir-se quando se satisfaz; para que possa durar, desde o início tem de estar mesclado com componentes puramente afetuosos – isto é, que se acham inibidos em seus objetivos – ou deve, ele próprio, sofrer uma transformação desse tipo." – p.119;

"A hipnose solucionaria imediatamente o enigma da constituição libidinal dos grupos, não fosse pelo fato de ela própria apresentar alguns aspectos não atendidos pela explicação racional que dela vimos fornecendo como sendo um estado de estar amando sem as **tendências diretamente sexuais**." – p.119;

5. IX – O INSTINTO GREGÁRIO

"A exposição de Trotter, porém, está aberta, com mais justiça ainda que as outras, à objeção de levar muito pouco em conta o papel do líder num grupo, ao passo que nos inclinamos, antes, para o juízo oposto, ou seja, de que é impossível apreender a natureza de um grupo se se desprezar o líder. O instinto de grei não deixa lugar algum para o líder; ele é simplesmente arremessado junto com a multidão, quase que fortuitamente; daí decorre também que nenhum

caminho conduz desse instinto à necessidade de um Deus; o rebanho está sem pastor. Mas, além disso, a exposição de Trotter pode ser psicologicamente solapada, isto é, pode-se tornar pelo menos provável que o instinto gregário não seja irredutível, que não seja primário no mesmo sentido que o são o instinto de autopreservação e o **instinto sexual**." – p.123;

6. X – O GRUPO E A HORDA PRIMEVA

"O pai primevo da horda não era ainda imortal, como posteriormente veio a ser, pela deificação. Se morria, tinha de ser substituído; seu lugar era provavelmente tomado por um filho mais jovem, que até então fora um membro do grupo, como qualquer outro. Deve existir, portanto, uma possibilidade de transformar a psicologia de grupo em psicologia individual; há que descobrir uma condição sob a qual tal transformação seja facilmente realizada, como é possível às abelhas transformarem, em caso de necessidade, uma larva numa rainha em lugar de uma operária. Pode-se imaginar apenas uma possibilidade: o pai primevo impedira os filhos de **satisfazer seus impulsos diretamente sexuais**; forçara-os à abstinência e, consequentemente, aos laços emocionais com ele e uns com os outros, que poderiam surgir daqueles seus **impulsos antes inibidos em seu objetivo sexual**. Ele os forçara, por assim dizer, à psicologia de grupo. Seu ciúme e **intolerância sexual** tornaram-se, em última análise, as causas da psicologia de grupo." – p.128;

"Quem quer que se haja tornado seu sucessor recebeu também a possibilidade de **satisfação sexual** e, por esse meio, lhe foi dada uma saída para as condições de psicologia de grupo. A fixação da libido na mulher e a possibilidade de satisfação sem qualquer necessidade de adiamento ou acúmulo puseram fim à importância daqueles entre seus **impulsos sexuais que se achavam inibidos em seu objetivo**, e permitiram ao seu narcisismo elevar-se sempre, até chegar a seu apogeu total." – p.128;

7. XII – PÓS-ESCRITO

"C. Muito se disse, neste artigo, sobre **instintos diretamente sexuais** e instintos inibidos em seus objetivos, podendo-se esperar que essa distinção não experimente demasiada resistência." – p.140;

"O desenvolvimento da libido nas crianças familiarizou-nos com o primeiro, mas também o melhor, exemplo de **instintos sexuais inibidos em seus objetivos**. Todos os sentimentos que uma criança tem para com os pais e para com aqueles que cuidam dela transformam-se, por uma fácil transição, em desejos que dão expressão aos **impulsos sexuais da criança**." – p.140;

"A observação direta, bem como a subsequente investigação analítica dos resíduos da infância, não deixa dúvidas quanto à completa fusão de sentimentos ternos e ciumentos e de **intenções sexuais**, mostrando-nos de que maneira fundamental a criança faz da pessoa que ama o objeto de todas as suas **tendências sexuais**, ainda não corretamente centradas." – p.140;

"Essa primeira configuração do amor da criança, que nos casos típicos toma a forma do complexo de Édipo, sucumbe, tanto quanto sabemos a partir do começo do período de latência,

a uma onda de repressão. O que resta dela apresenta-se como um laço emocional puramente afetuoso, referente às mesmas pessoas; porém, não mais pode ser **descrito como 'sexual'**. A psicanálise, que ilumina as profundezas da vida mental, não tem dificuldade em demonstrar que os **vínculos sexuais dos primeiros anos da infância** também persistem, embora reprimidos e inconscientes. Ela nos dá coragem para afirmar que um sentimento afetuoso, onde quer que o encontremos, constitui um sucessor de uma vinculação de **objeto completamente 'sensual'** com a pessoa em pauta ou, antes, com o protótipo (ou *Imago*) dessa pessoa. Ela não pode verdadeiramente revelar-nos, sem uma investigação especial, se em dado caso essa antiga **corrente sexual** completa ainda existe sob repressão ou já se exauriu." – p.140-141;

"Uma psicologia que não penetre ou não possa penetrar nas profundezas do que é reprimido, considera os laços emocionais afetuosos como sendo invariavelmente a expressão de **impulsos que não possuem objetivo sexual**, ainda que derivem de impulsos com esse fim." – p.141;

"Temos justificativa para dizer que eles foram desviados desses **fins sexuais**, embora exista certa dificuldade de fornecer uma descrição de um desvio de objetivo assim, que se adapte às exigências da metapsicologia. Ademais, esses instintos inibidos em seus objetivos conservam alguns de seus **objetivos sexuais originais**; mesmo um devoto afetuoso, mesmo um amigo ou um admirador, desejam a proximidade física e a visão da pessoa que é agora amada apenas no sentido 'paulino'. Se preferirmos, podemos identificar nesse desvio de objetivo um início da ***sublimação*** **dos instintos sexuais** ou, por outro lado, podemos fixar os limites da sublimação em algum ponto mais distante. Esses **instintos sexuais inibidos em seus objetivos** possuem uma grande vantagem funcional sobre os desinibidos. Desde que não são capazes de satisfação realmente completa, acham-se especialmente aptos a criar vínculos permanentes, ao passo que os **instintos diretamente sexuais** incorrem numa perda de energia sempre que se satisfazem e têm de esperar serem renovados por um novo **acúmulo de libido sexual**; assim, nesse meio tempo, o objeto pode ter-se alterado. Os instintos inibidos são capazes de realizar qualquer grau de mescla com os desinibidos; podem ser novamente transformados em desinibidos, exatamente como deles se originaram." – p.141-142;

"É bem conhecido com que facilidade se desenvolvem desejos eróticos a partir de relações emocionais de caráter amistoso, baseadas na apreciação e na admiração (compare-se o 'Beije-me pelo amor do grego', de Molière), entre professor e aluno, recitalista e ouvinte deliciada, especialmente no caso das mulheres. Na realidade, o crescimento de laços emocionais desse tipo, com seus começos despropositados, fornece uma via muito frequentada para a **escolha sexual de objeto**. Pfister, em sua *Froömmigkeit des Grafen von Zinzendorf* (1910), forneceu um exemplo extremamente claro e certamente não isolado de quão facilmente até um intenso vínculo religioso pode converter-se em ardente **excitação sexual**. Por outro lado, também é muito comum aos **impulsos diretamente sexuais** de pequena duração em si mesmos transformarem-se em um laço permanente e puramente afetuoso; e a consolidação de um apaixonado casamento de amor repousa em grande parte nesse processo." – p.142;

"Naturalmente não ficaremos surpresos ao ouvir que os **impulsos sexuais inibidos em seus objetivos** se originam daqueles **diretamente sexuais** quando obstáculos internos ou externos tornam inatingíveis os **objetivos sexuais**. A repressão durante o período de latência é um obstáculo interno desse tipo, ou melhor, um obstáculo que se tornou interno. Presumimos que

o pai da horda primeva, devido à sua **intolerância sexual**, compeliu todos os filhos à abstinência, forçando-os assim a laços inibidos em seus objetivos, enquanto reservava para si a **liberdade de gozo sexual**, permanecendo, desse modo, sem vínculos. Todos os vínculos de que um grupo dependente têm o caráter de instintos inibidos em seus objetivos. Porém, aqui nos aproximamos da discussão de um novo assunto, que trata da relação existente entre os **instintos diretamente sexuais** e a formação de grupos." – p.142;

"D. As duas últimas observações nos terão preparado para descobrir que os **impulsos diretamente sexuais** são desfavoráveis para a formação de grupos. Na história da evolução da família é fato que também houve **relações grupais de caráter sexual** (casamentos grupais), mas, quanto mais importante o **amor sexual** se tornou para o ego e mais desenvolveu o ego as características de estar amando, com maior premência exigiu ser limitado a duas pessoas – *una cum uno* –, como é prescrito pela natureza do objetivo genital." – p.142-143;

"Duas pessoas que se reúnem com o intuito de **satisfação sexual**, na medida em que buscam a solidão, estão realizando uma demonstração contra o instinto gregário, o sentimento de grupo. Quanto mais enamoradas se encontram, mais completamente se bastam uma à outra. Sua rejeição da influência do grupo se expressa sob a forma de um sentimento de vergonha. Sentimentos de ciúme da mais extrema violência são convocados para proteger a **escolha de um objeto sexual** da usurpação por um laço grupal. Apenas quando o fator afetuoso, isto é, pessoal, de uma relação amorosa cede inteiramente **lugar ao sensual**, torna-se possível a duas pessoas manterem **relações sexuais** na presença de outros, ou haver **atos sexuais simultâneos** num grupo, tal como ocorre em uma orgia. Nesse ponto, porém, efetuou-se uma regressão a uma fase anterior das **relações sexuais**, na qual estar amando ainda não desempenhava um papel e todos os objetos eram julgados como de igual valor, um pouco no sentido do malicioso aforismo de Bernard Shaw, segundo o qual estar apaixonado significa exagerar grandemente a diferença existente entre uma mulher e outra." – p.143;

"Existem abundantes indicações de que o estado de estar amando só fez seu aparecimento tardiamente nas **relações sexuais entre homens e mulheres**, de maneira que a oposição entre **amor sexual** e vínculos grupais constitui também um desenvolvimento tardio. Ora, pode parecer que essa pressuposição seja incompatível com nosso mito da família primeva, pois, afinal de contas, por seu amor pelas mães e irmãs a turba de irmãos, conforme supomos, foi levada ao parricídio, sendo difícil imaginar esse amor como algo que não fosse indiviso e primitivo, isto é, como uma **união íntima do afetuoso e do sensual**. Uma consideração mais atenta, entretanto, transforma essa objeção à nossa teoria em confirmação dela. Uma das reações ao parricídio foi, em última análise, a instituição da exogamia totêmica, a proibição de qualquer **relação sexual com aquelas mulheres da família** que haviam sido ternamente amadas desde a infância. Desse modo, enfiou-se uma cunha entre os **sentimentos afetuosos e sensuais** do homem, que, atualmente, ainda se acha firmemente fixada em sua vida erótica. Em resultado dessa exogamia, as **necessidades sensuais** dos homens tiveram de ser satisfeitas com mulheres estranhas e não amadas." – p.143;

"Nos grandes grupos artificiais, a Igreja e o exército, não há lugar para a **mulher como objeto sexual**. As relações amorosas entre homens e mulheres permanecem fora dessas organizações. Mesmo onde se formam grupos compostos tanto de homens como de mulheres, a distinção

entre os sexos não desempenha nenhum papel. Mal há sentido em perguntar se a libido que mantém reunidos os grupos é de **natureza homossexual ou heterossexual**, porque ela não se diferencia de acordo com os sexos e, particularmente, mostra um completo desprezo pelos objetivos da organização genital da libido." – p.143-144;

"Mesmo na pessoa que, sob outros aspectos, se absorveu em um grupo, os **impulsos diretamente sexuais** conservam um pouco de sua atividade individual. Se se tornam fortes demais, desintegram qualquer formação grupal." – p.144;

"Parece certo que o **amor homossexual** é muito mais compatível com os laços grupais, mesmo quando toma o aspecto de **impulsos sexuais desinibidos**, fato notável cuja explicação poderia levar-nos longe." – p.144;

"A investigação psicanalítica das psiconeuroses nos ensinou que seus sintomas devem ser remetidos a **impulsos diretamente sexuais que são reprimidos** mas permanecem ainda ativos. Podemos completar essa fórmula acrescentando: 'ou a impulsos inibidos nos objetivos, cuja inibição não foi inteiramente bem-sucedida ou permitiu um **retorno do objetivo sexual reprimido**'." – p.144;

"Mesmo os que não lamentam o desaparecimento das ilusões religiosas do mundo civilizado de hoje, admitem que, enquanto estiveram em vigor, ofereceram aos que a elas se achavam presos a mais poderosa proteção contra o perigo da neurose. Tampouco é difícil discernir que todos os vínculos que ligam as pessoas a seitas e comunidades místico-religiosas ou filosófico-religiosas, são expressões de curas distorcidas de todos os tipos de neuroses. Tudo isso se correlaciona com o contraste entre os **impulsos diretamente sexuais e os inibidos em seus objetivos**." – p.144-145;

"Se é abandonado a si próprio, um neurótico é obrigado a substituir por suas próprias formações de sintomas as grandes formações de grupo de que se acha excluído. Ele cria seu próprio mundo de imaginação, sua própria religião, seu próprio sistema de delírios, recapitulando assim as instituições da humanidade de uma maneira distorcida, que constitui prova evidente do papel dominante desempenhado pelos **impulsos diretamente sexuais**." – p.145;

"*Estar amando* baseia-se na **presença simultânea de impulsos diretamente sexuais e impulsos sexuais inibidos em seus objetivos**, enquanto o objeto arrasta uma parte da libido do ego narcisista do sujeito para si próprio." – p.145;

"A *hipnose* assemelha-se ao estado de estar amando por limitar-se a essas duas pessoas, mas baseia-se inteiramente em **impulsos sexuais inibidos em seus objetivos** e coloca o objeto no lugar do ideal do ego." – p.145;

"A **substituição dos impulsos diretamente sexuais por aqueles que são inibidos em seus objetivos** promove em ambos os estados uma separação entre o ego e o ideal do ego, separação da qual já se realizara um começo no estado de estar amando." – p.145;

"A *neurose* permanece fora dessa série. Baseia-se também numa peculiaridade do desenvolvimento da libido humana – o início duas vezes repetido, feito pela **função diretamente sexual**, com um período intermediário de latência. Até aqui, ela assemelha-se à hipnose e à formação de grupo, por ter o caráter de uma regressão, que se acha ausente do estado de estar amando. Faz seu aparecimento onde a passagem dos **instintos diretamente sexuais** para os que são inibidos em seus objetivos não foi inteiramente bem-sucedida; e representa um *conflito* entre aquelas partes dos instintos que foram recebidas no ego, após haverem passado por essa evolução, e as partes deles que, originando-se do inconsciente reprimido, esforçam-se – como outros impulsos instintuais completamente reprimidos – por conseguir satisfação direta." – p.145-146;

A PSICOGÊNESE DE UM CASO DE HOMOSSEXUALISMO NUMA MULHER (1920)

"O **homossexualismo nas mulheres**, que certamente não é menos comum que nos homens, embora muito menos manifesto, não só tem sido ignorado pela lei, mas também negligenciado pela pesquisa psicanalítica." – p.151;

"Antes de prosseguir será, porém, desejável considerar separadamente as atitudes do pai e da mãe perante o assunto. O pai, um homem sério e conceituado, no fundo de coração muito terno; porém, até certo ponto tinha alheado de si os filhos com a rigidez que adotara para com eles. Seu tratamento com a filha única era demasiadamente influenciado pela consideração que tinha pela mulher. Quando soubera, pela primeira vez, das **tendências homossexuais** da filha, ficara enfurecido e tentara suprimi-las com ameaças." – p.152;

"Havia algo no **homossexualismo** da filha que lhe despertava a mais profunda amargura, e estava determinado a combatê-lo por todos os meios em seu poder." – p.153;

"Outros aspectos desfavoráveis no presente caso eram os fatos de a jovem não estar de modo algum doente (não sofria em si de nada, nem se queixava de sua condição) e de a tarefa a cumprir não consistir em solucionar um conflito neurótico, mas em transformar determinada variedade da **organização genital da sexualidade** em outra. Tal realização – a remoção da **inversão genital ou homossexualismo** – nunca, pela minha experiência, é matéria fácil. Pelo contrário, só achei possível o êxito em circunstâncias especialmente favoráveis e, assim mesmo, o sucesso consistia essencialmente em facilitar o acesso ao sexo oposto (até então barrado) a uma **pessoa restrita ao homossexualismo**, restaurando assim suas **funções bissexuais** plenas. Depois, competia a ela escolher se desejava abandonar o caminho que é proibido pela sociedade, e, em alguns casos, assim procedia. Devemos lembrar-nos de que também a sexualidade normal depende de uma restrição na escolha do objeto. Em geral, empreender a **conversão de um homossexual** plenamente desenvolvido em um **heterossexual** não oferece muito maiores perspectivas de sucesso que o inverso; exceto que, por boas e práticas razões, o

último caso nunca é tentado.” – p.154;

“O número de êxitos conseguidos pelo tratamento psicanalítico das diversas **formas de homossexualismo**, que, por casualidade, são múltiplas, na verdade não é muito notável. Via de regra, o **homossexual** não é capaz de abandonar o objeto que o abastece de prazer e não se pode convencê-lo de que, se fizesse a mudança, descobriria em outro objeto o prazer a que renunciou. Se chega a ser tratado, isso se dá principalmente pela pressão de motivos externos, tais como as desvantagens sociais e os perigos ligados à sua escolha de objetos; e esses componentes do instinto de autoconservação mostram-se fracos demais na luta contra os **impulsos sexuais**.” – p.154-155;

“Aqui estão realmente presentes impulsos libidinais que podem aplicar energias opostas à **escolha homossexual de objeto**, contudo sua força raramente é suficiente. Apenas onde a **fixação homossexual** ainda não se tornou suficientemente forte, ou onde existem consideráveis rudimentos e vestígios de uma **escolha heterossexual de objeto**, isto é, numa organização ainda oscilante ou **definitivamente bissexual**, é que se pode efetuar um prognóstico mais favorável para a psicoterapia psicanalítica.” – p.155;

“Quanto à *demi-mondaine* que despertava suas mais recentes e, de longe, mais intensas emoções, ela sempre a tratara friamente e nunca lhe fora permitido qualquer favor maior do que beijar-lhe a mão. Provavelmente ela transformava a necessidade em virtude, quando insistia na pureza de seu amor e em sua repulsão física à ideia de qualquer **relação sexual**.” – p.156;

“Um segundo ponto, que imediatamente tentei investigar, relacionava-se com quaisquer motivos possíveis na própria moça que pudessem servir de base para o tratamento psicanalítico. Ela não procurou enganar-me dizendo sentir alguma necessidade urgente de libertar-se de seu **homossexualismo**.” – p.157;

“Os leitores não versados em psicanálise há muito estarão aguardando uma resposta a duas outras perguntas. Apresentava essa **jovem homossexual** características físicas claramente pertinentes ao sexo oposto, e o caso provou ser **homossexualismo congênito ou adquirido (desenvolvido posteriormente)**?” – p.157;

“O que certamente tem importância maior é a jovem, em seu comportamento para com seu objeto amoroso, haver assumido inteiramente o papel masculino, isto é, apresentava a humildade e a sublime **supervalorização do objeto sexual** tão características do amante masculino, a renúncia a toda satisfação narcisista e a preferência de ser o amante e não o amado.” – p.158

“A segunda questão – se se tratava de um **caso de homossexualismo congênito ou adquirido** – será respondida pela história completa da anormalidade da paciente e de sua evolução. O estudo desse aspecto nos mostrará até onde essa questão é estéril e despropositada.” – p.158;

"Após essa introdução altamente discursiva, apenas posso apresentar um resumo muito conciso da **história sexual do caso** em consideração. Na infância, a jovem passou pela atitude normal característica do complexo de Édipo feminino de maneira não tanto notável e posteriormente começara a substituir o pai por um irmão ligeiramente mais velho que ela. Não se lembrava de quaisquer **traumas sexuais no começo da vida**, nem tampouco algum foi descoberto pela análise." – p.159;

"Como já disse, a análise foi interrompida após curto tempo e, portanto, produziu uma anamnese não muito mais digna de fé que as outras **anamneses de homossexuais**, de que há bons motivos para duvidar." – p.159;

"Ficou estabelecido, além de qualquer dúvida, que essa mudança ocorreu simultaneamente com certo acontecimento na família e, assim, pode-se examiná-lo em busca de alguma explicação para a mudança. Antes que acontecesse, sua libido se concentrava em uma atitude maternal, a seguir **tornando-se uma homossexual** atraída por mulheres maduras, assim permanecendo desde então." – p.160;

"A figura esbelta, a beleza severa e a postura ereta de sua dama faziam-na lembrar-se do irmão que era um pouco mais velho que ela. Assim, sua última escolha correspondia não só ao ideal feminino, como também ao masculino; combinava a **satisfação da tendência homossexual** com a da **tendência heterossexual**. É bem sabido que a **análise de homossexuais masculinos** em numerosos casos revelou a mesma combinação, o que deveria nos alertar contra formarmos uma concepção demasiado simples de natureza e gênese da inversão e mantermos em mente a **bissexualidade universal dos seres humanos**." – p.160;

"Assim procedendo, comportou-se exatamente como muitos homens que, após uma primeira experiência penosa, dão as costas, para sempre, ao infiel sexo feminino e se tornam odiadores de mulheres. Relata-se de uma das mais atraentes e infelizes figuras principescas de nossa época que ele **se tornou homossexual** porque a dama com quem estava comprometido em matrimônio traiu-o com outro homem." – p.161;

"A própria mãe ainda ligava grande valor às atenções e à admiração dos homens. A jovem, tornando-se **homossexual** e deixando os homens para a mãe (noutras palavras, 'se se retirasse em benefício' dela), poderia afastar algo que até então fora parcialmente responsável pela antipatia da mãe." – p.162;

"Desde então **permaneceu homossexual em desafio ao pai**, sequer também tinha escrúpulos em mentir-lhe e enganá-lo de todas as formas." – p.163;

"A inversão da jovem, entretanto, recebeu o reforço final quando descobriu em sua 'dama' um objeto que prometia satisfazer não apenas as suas **inclinações homossexuais**, como também

aquela parte de sua libido que ainda se achava ligada ao irmão.” – p.163;

“Sua humildade e sua terna ausência de pretensões, ‘*che poco spera e nulla chiede*’, sua felicidade quando lhe permitiam acompanhar um pouco a senhora e beijar sua mão ao se separar, sua alegria quando ouvia elogiarem-na de bela ao passo que qualquer reconhecimento de sua própria beleza por outra pessoa não lhe significava absolutamente nada, suas peregrinações a lugares outrora visitados pela bem-amada, o silêncio de todos os **desejos mais sensuais** – todos esses pequenos traços seus se assemelhavam à primeira e apaixonada admiração de um jovem por uma atriz célebre, a quem considera estar em plano muito mais alto do que ele e para quem mal se atreve a levantar os acanhados olhos.” – p.164;

“Era, afinal de contas, uma jovem bem educada e recatada, que evitava para si **aventuras sexuais** e encarava como antiestéticas as **satisfações grosseiramente sensuais**.” – p.164;

“Ademais, em todos esses casos, nunca se tratara de mulheres que tivessem qualquer reputação por **homossexualismo** e que, portanto, poderiam ter-lhe oferecido alguma perspectiva de **satisfação homossexual**; pelo contrário, ilogicamente cortejava mulheres *coquetes*, no sentido comum da palavra, e rejeitara sem hesitação os avanços condescendentes feitos por uma amiga **homossexual** de sua mesma idade.” – p.164;

“Tudo de enigmático nessa atitude se desvanece quando recordamos que também no caso do tipo *masculino* de escolha de objeto derivado da mãe é condição necessária que o objeto amado seja, de uma maneira ou outra, **sexualmente ‘de má reputação’**, alguém que realmente possa ser chamada de *cocotte*.” – p.164-165;

“A tentativa de suicídio, como se podia esperar, foi determinada por dois outros motivos, além do que ela forneceu: a realização de uma punição (autopunição) e a realização de um desejo. Esse último significava a consecução do próprio desejo que, quando frustrado, a **impelira ao homossexualismo**: o desejo de ter um filho do pai, pois agora ela ‘caíra’ por culpa do pai.” – p.165;

“Por trás de sua pretensa consideração pelos genitores, por amor dos quais dispusera-se a efetuar as tentativas de transformação, jazia escondida sua atitude de desafio e vingança contra o pai, atitude que a fizera **aferrar-se ao homossexualismo**.” – p.166;

“Fizemos um levantamento das forças que conduziram a libido da jovem da **atitude de Édipo normal à do homossexualismo**, e dos caminhos psíquicos percorridos por ela no processo.” – p.171;

“Não sustentaremos, portanto, que toda jovem que experimenta um desapontamento, como esse do anseio de amor, que brota da atitude de Édipo na puberdade, necessariamente cairá, por

causa disso, **vítima do homossexualismo**." – p.171;

"**Entusiasmos homossexuais**, amizades exageradamente intensas e **matizadas de sensualidades** são bastante comuns em ambos os sexos durante os primeiros anos após a puberdade." – p.172;

"Além disso, esses **presságios de homossexualismo** posterior haviam ocupado sempre a sua vida *consciente*, enquanto a atitude originária do complexo de Édipo permanecera *inconsciente* e se mostrara apenas em sinais, tais como o seu comportamento terno com o garotinho." – p.172;

"Assim, desde anos muito precoces sua libido fluíra em duas correntes, das quais a da superfície é a que, sem hesitação, podemos designar como **homossexual**. Essa última era provavelmente uma continuação direta e imodificada de uma fixação infantil na mãe. Possivelmente a análise aqui descrita na realidade não revelou nada mais que o processo pelo qual, em ocasião apropriada, também a **corrente heterossexual** e mais profunda da **libido foi desviada para a homossexual e manifesta**." – p.172;

"Se a análise tivesse terminado mais cedo, mais prematuramente ainda, haveria a possível opinião de que se tratava de um **caso de homossexualismo** posteriormente adquirido; porém, tal como foi, uma consideração do material nos impele a concluir tratar-se, antes, de um **caso de homossexualismo congênito**, o qual, como de praxe, fixou-se e se tornou inequivocamente manifesto apenas no período seguinte à puberdade." – p.173;

"A **literatura do homossexualismo** em geral deixa de distinguir claramente entre as questões da escolha do objeto, por um lado, e das **características sexuais e da atitude sexual** do sujeito, pelo outro, como se a resposta à primeira necessariamente envolvesse as respostas às últimas." – p.173;

"Um homem em cujo caráter os atributos femininos obviamente predominam, que possa, na verdade, comportar-se no amor como uma mulher, dele se poderia esperar, com essa atitude feminina, que escolhesse um homem como objeto amoroso; não obstante, pode ser **heterossexual** e não mostrar, com respeito a seu objeto, mais inversão do que um homem médio normal. O mesmo procede quanto às mulheres; também aqui o **caráter sexual mental e a escolha de objeto não coincidem** necessariamente. O **mistério do homossexualismo**, portanto, não é de maneira alguma tão simples quanto comumente se retrata nas exposições populares: 'uma mente feminina, fadada assim a amar um homem, mas infelizmente ligada a um corpo masculino; uma mente masculina, irresistivelmente atraída pelas mulheres, mas, ai dela, aprisionada em um corpo feminino'." – p.173-174;

"Trata-se, em seu lugar, de uma questão de três conjuntos de características, a saber:

Caracteres sexuais físicos

(hermafroditismo físico)

Caracteres sexuais mentais

(atitude masculina ou feminina)

Tipo de escolha de objeto" – p.174;

"A literatura tendenciosa obscureceu nossa visão dessa inter-relação, colocando em primeiro plano, por razões práticas, o terceiro aspecto (tipo de escolha de objeto), que é o único que impressiona o leigo, e, além disso, exagerando a proximidade de associação entre esta e a primeira característica. Ademais, ela bloqueia o caminho para uma compreensão interna (*insight*) mais profunda de tudo que uniformemente se designa de **homossexualismo**, rejeitando dois fatos fundamentais, revelados pela investigação psicanalítica. O primeiro deles é que os **homens homossexuais** experimentaram uma fixação especialmente forte na mãe; o segundo é que, além de sua **heterossexualidade manifesta**, uma medida muito considerável de **homossexualismo latente ou inconsciente** pode ser detectada em todas as pessoas normais." – p.174;

"Não compete à psicanálise solucionar o **problema do homossexualismo**." – p.174;

"A psicanálise possui uma base comum com a biologia, ao **pressupor uma bissexualidade** original nos seres humanos (tal como nos animais). Mas a psicanálise não pode elucidar a natureza intrínseca daquilo que, na fraseologia convencional ou biológica, é denominado de 'masculino' e 'feminino': ela simplesmente toma os dois conceitos e faz deles a base de seu trabalho." – p.175;

"Os **casos de homossexualismo masculino** em que Steinach foi bem-sucedido, atendiam à condição, nem sempre presente, de um 'hermafroditismo' físico muito patente. Qualquer **tratamento análogo do homossexualismo feminino** é, atualmente, bastante obscuro." – p.175;

PSICANÁLISE E TELEPATIA (1941 [1921])

"Salvo por algumas ocorrências que não eram inteiramente compreensíveis à primeira vista e cujo significado só se evidenciou em retrospecto, tudo decorreu muito bem no casamento. Ela se transformou em **esposa afetuosa, sexualmente satisfeita**, e um apoio providencial para sua família." – p.190-191;

SONHOS E TELEPATIA (1922)

"'Pois bem: minha esposa e eu não queremos mais filhos. Quase nunca temos **relações sexuais**; seja como for, por ocasião do sonho certamente não havia 'perigo'.'" – p.208;

"(1) '… Meu médico, Herr Dr. N., aconselha-me a fornecer-lhe um relato de um sonho que me

perseguiu durante uns 30 ou 32 anos. Estou seguindo o conselho dele e talvez o sonho possa interessar ao senhor, sob algum aspecto científico. Desde que, em sua opinião, esses sonhos devem remontar sua origem a uma **experiência de natureza sexual nos primeiros anos de minha infância**, relato algumas reminiscências dela." – p.215;

"'Em criança fui inteiramente indiferente aos **assuntos sexuais**; aos dez anos ainda não tinha concepção das ofensas contra a castidade [...]'." – p.218;

"Com tais indicações de ternura pelo pai, de contato com os órgãos genitais dele e de desejos de morte contra a mãe, fica esboçado o delineamento do complexo de Édipo feminino. A longa conservação de sua **ignorância sobre assuntos sexuais** e sua frigidez em um período posterior corroboram essas suposições. A autora da carta tornou-se em potencial (e, sem dúvida, realmente, por vezes) uma neurótica histérica. Para sua própria felicidade, as forças da vida carregaram-na consigo. Despertaram nela os **sentimentos sexuais de mulher** e trouxeram-lhe as alegrias da maternidade e a capacidade de trabalhar." – p.220;

"Aprendi muito cedo que os animais têm alma como nós e não podia suportar a crueldade para com eles. Os pecados da carne achavam-se longe de mim e conservei minha castidade até bem tarde na vida.' Com declarações como essas ela se encontrava contradizendo em voz alta as inferências que temos de fazer sobre sua primeira infância, com base em nossa experiência analítica; ou seja, que ela tinha em **abundância impulsos sexuais prematuros** e violentos sentimentos de ódio pela mãe e pelos irmãos e irmãs mais moços." – p.221;

ALGUNS MECANISMOS NEURÓTICOS NO CIÚME, NA PARANOIA E NO HOMOSSEXUALISMO (1922)

"É fácil perceber que essencialmente se compõe de pesar, do sofrimento causado pelo pensamento de perder o objeto amado, e da ferida narcísica, na medida em que esta é distinguível da outra ferida; ademais, também de sentimentos de inimizade contra o rival bem-sucedido, e de maior ou menor quantidade de autocrítica, que procura responsabilizar por sua perda o próprio ego do sujeito. Embora possamos chamá-lo de normal, esse ciúme não é, em absoluto, completamente racional, isto é, derivado da situação real, proporcionado às circunstâncias reais e sob o controle completo do ego consciente; isso por achar-se profundamente enraizado no inconsciente, ser uma continuação das primeiras manifestações da vida emocional da criança e originar-se do complexo de Édipo ou de irmão-e-irmã do **primeiro período sexual**. Além do mais, é digno de nota que, em certas pessoas, ele é **experimentado bissexualmente**, isto é, um homem não apenas sofrerá pela mulher que ama e odiará o homem seu rival, mas também sentirá pesar pelo homem, a quem ama inconscientemente, e ódio pela mulher, como sua rival; esse último conjunto de sentimentos adicionar-se-á à intensidade de seu ciúme." – p.231;

"A sensação de impotência que então o acometia e as imagens que utilizava para descrever sua condição – exposto ao bico do abutre, como Prometeu, ou arrojado em um ninho de cobras – foram por ele atribuídas a impressões recebidas durante **vários atos homossexuais de agressão** a que fora submetido quando menino." – p.231;

"O ciúme delirante é o sobrante de um **homossexualismo** que cumpriu seu curso e corretamente toma sua posição entre as formas clássicas da paranoia. Como tentativa de defesa contra um forte **impulso homossexual indevido**, ele pode, no homem, ser descrito pela fórmula: '*Eu* não o amo; é *ela* que o ama!' Num caso delirante deve-se estar preparado para encontrar ciúmes pertinentes a todas as três camadas, nunca apenas à terceira." – p.233;

"O primeiro caso foi o de um homem ainda jovem com paranoia de ciúmes inteiramente desenvolvida, cujo objeto era sua esposa impecavelmente fiel. Um período tempestuoso em que o delírio o possuíra ininterruptamente, já ficara para trás. Quando o vi, achava-se sujeito apenas a crises nitidamente separadas que duravam por vários dias e que, curiosamente, apareciam com regularidade no dia após haver tido com a esposa **relações sexuais**, incidentalmente satisfatórias para ambos. Justifica-se a inferência de que após cada saciação da **libido heterossexual** o **componente homossexual**, igualmente estimulado pelo ato, forçava um escoadouro para si na crise de ciúmes." – p.234;

"Sabendo que, no paranoico, é exatamente a pessoa mais amada de seu próprio sexo que se torna seu perseguidor, surge a questão de saber onde essa inversão de afeto se origina. Não se precisa ir longe para buscar a resposta: a sempre presente ambivalência de sentimento fornece-lhe a fonte e a não realização de sua reivindicação de amor a fortalece. Essa ambivalência serve assim, para o paranoico, ao mesmo objetivo que o ciúme servia ao meu paciente: o de uma **defesa contra o homossexualismo**." – p.235;

"Os sonhos de meu paciente ciumento me apresentaram uma grande surpresa. Não eram simultâneos com os desencadeamentos das crises, é verdade, mas ocorriam dentro do período que se achava sob o domínio do delírio; contudo, estavam completamente livres destes e revelaram os **impulsos homossexuais subjacentes** com um grau de disfarce não maior que o habitual." – p.235;

"Essa **posição homossexual** do paciente foi facilmente reconhecida. Não fizera amizade e não desenvolvera interesses sociais; tinha-se a impressão de que apenas o delírio fizera avançar o desenvolvimento de suas relações com os homens, como se tivesse assumido algumas das obrigações que haviam sido negligenciadas. O fato de seu pai não haver sido de grande importância na família, combinado com um humilhante **trauma homossexual** no início da mocidade, **forçara seu homossexualismo à repressão** e impedira-lhe o caminho à sublimação." – p.235;

"O ciúme cedo se complicou por um acréscimo de **impulsos homossexuais**, dos quais seu sogro era o objeto, transformando-se numa paranoia de ciúmes inteiramente formada." – p.236;

"***Homossexualismo***. – O reconhecimento do **fator orgânico no homossexualismo** não nos isenta da obrigação de estudar os processos psíquicos vinculados à sua origem." – p.239;

"A depreciação das mulheres, a aversão e até mesmo o horror a elas derivam-se geralmente da precoce descoberta de que as mulheres não possuem pênis. Subsequentemente descobrimos, como outro poderoso motivo a compelir no sentido da **escolha homossexual de objeto**, a consideração pelo pai ou o medo dele, porque a renúncia às mulheres significa que toda a rivalidade com aquele (ou com todos os homens que podem tomar seu lugar) é evitada." – p.239;

"A ligação à mãe, o narcisismo, o medo da castração são os fatores (que, incidentalmente, nada têm em si de especial) que até o presente encontramos na **etiologia psíquica do homossexualismo**; com eles é preciso computar o efeito da sedução responsável por uma fixação prematura da libido, bem como a influência do fator orgânico que favorece o papel passivo no amor." – p.239;

"Nunca consideramos, entretanto, esta análise da **origem do homossexualismo** como completa. Posso agora indicar um novo mecanismo que conduz à **escolha homossexual do objeto**, embora não possa dizer quão grande é o papel que ele desempenha na formação do tipo de **homossexualismo extremo, manifesto e exclusivo**." – p.240;

"Sob as influências da criação – e certamente sem deixar de ser influenciados também por sua própria e continuada impotência – esses impulsos renderam-se à repressão e experimentaram uma transformação, de maneira que os rivais do período anterior se tornaram os **primeiros objetos amorosos homossexuais**." – p.240;

"Esse novo mecanismo de **escolha homossexual de objeto** – sua origem na rivalidade que foi sobrepujada e em impulsos agressivos que se tornaram reprimidos – combina-se às vezes com as condições típicas já familiares para nós. Na **história dos homossexuais** ouve-se amiúde que neles a mudança se efetuou após a mãe ter elogiado outro rapaz e tê-lo estabelecido como modelo." – p.240;

"Via de regra, contudo, o novo mecanismo se distingue pelo fato de a mudança efetuar-se em um período muito mais precoce e a identificação com a mãe retroceder para o segundo plano. Ademais, nos casos que observei, ele apenas levou a **atitudes homossexuais que não excluem a heterossexualidade** e não envolvem um *horror feminae*." – p.240-241;

"É bem conhecido que um bom **número de homossexuais se caracteriza por um desenvolvimento especial de seus impulsos instintuais** sociais e por sua devoção aos interesses da comunidade." – p.241;

"A única objeção a isso é que o ciúme e a rivalidade desempenham seu papel também no **amor homossexual** e que a comunidade dos homens também inclui esses rivais potenciais. À parte esta explicação especulativa, contudo, o fato de a **escolha homossexual de objeto** não sem

frequência provir de um anterior sobrepujamento da rivalidade com os homens não pode passar sem relação com a **vinculação entre o homossexualismo e o sentimento social**." – p.241;

"À luz da psicanálise, estamos acostumados a considerar o sentimento social como uma sublimação de **atitudes homossexuais para com objetos**. Nos **homossexuais** com acentuados interesses sociais pareceria que o desligamento do sentimento social da escolha de objeto não foi inteiramente efetuado." – p.241;

DOIS VERBETES DE ENCICLOPÉDIA

1. (A) PSICANÁLISE

"*A **Significação etiológica da vida sexual***. – A segunda novidade que surgiu após a técnica hipnótica ter sido substituída pela associação livre, foi de natureza clínica, havendo sido descoberta no decurso da prolongada busca das experiências traumáticas de que os sintomas histéricos pareciam derivar-se." – p.254;

"Ao mesmo tempo, assumiam um caráter uniforme e, finalmente, tornou-se inevitável curvar-se perante a evidência e reconhecer que na raiz da formação de todo sintoma deveriam encontrar-se **experiências traumáticas do início da vida sexual**. Assim, um **trauma sexual** entrou no lugar de um trauma comum e viu-se que o último devia sua significação etiológica a uma conexão associativa ou simbólica com o primeiro, que o precedera. Uma investigação de casos de nervosismo comum (incidindo nas duas classes da *neurastenia* e da *neurose de angústia*) empreendida simultaneamente levou à conclusão de que esses distúrbios podiam ser remontados a **abusos *contemporâneos* na vida sexual dos pacientes** e removidos se estes fossem levados a um fim. Assim, foi fácil inferir que as neuroses em geral são expressão de **distúrbios na vida sexual**, em que as chamadas neuroses *atuais* são consequência (por interferência química) de danos *contemporâneos* e as *psiconeuroses*, consequência (por modificação psíquica) de danos *passados* causados a uma função biológica que até então fora gravemente negligenciada pela ciência. Nenhuma das teses da psicanálise defrontou-se com tão tenaz ceticismo ou tão acerba resistência quanto essa assertiva da **significação preponderantemente etiológica da vida sexual nas neuroses**. Deve-se expressamente observar, contudo, que, em sua evolução até os dias de hoje a psicanálise não encontrou razões para retratar-se dessa opinião." – p.254-255;

"*A **Sexualidade infantil***. – Em resultado de suas pesquisas etiológicas, a psicanálise ficou em posição de tratar de um assunto cuja própria existência mal havia sido suspeitada anteriormente. A ciência acostumara-se a considerar a **vida sexual** como iniciando-se na puberdade e encarava as **manifestações de sexualidade em crianças** como sinais raros de precocidade anormal e degeneração. Porém, agora, a psicanálise revelara uma opulência de fenômenos (notáveis, no entanto, de ocorrência regular) que tornaram necessário remontar o início da **função sexual nas crianças** quase ao começo da existência extrauterina; e perguntou-se, com espanto, como tudo isso podia ter sido desprezado. Os **primeiros vislumbres da sexualidade nas crianças** haviam, na verdade, sido obtidos através do exame analítico de adultos e estavam consequentemente carregados de todas as dúvidas e fontes de erro que podiam ser atribuídas a uma retrospecção

tão atrasada; subsequentemente (de 1908 em diante), contudo, iniciou-se com a análise das próprias crianças e com a observação desimpedida de seu comportamento; dessa maneira, conseguiu-se confirmação direta para toda a base concreta da nova visão." – p.255;

"A **sexualidade nas crianças**, em muitos respeitos, apresentou um quadro diferente da dos adultos e, de modo bastante surpreendente, exibiu numerosos traços daquilo que, nos adultos, era condenado como '*perversões*'. Tornou-se necessário ampliar o **conceito do que era sexual**, até que abrangesse mais que o impulso no sentido da **união dos dois sexos no ato sexual** ou da provocação de sensações agradáveis específicas nos órgãos genitais. Essa ampliação foi, porém, recompensada pela nova possibilidade de apreender a **vida sexual infantil, normal e perversa**, como um todo único." – p.255;

"As pesquisas analíticas efetuadas pelo autor, para começar, incidiram no erro de superestimar grandemente a **importância da *sedução* como fonte de manifestações sexuais nas crianças e raiz para a formação de sintomas** neuróticos. Essa má compreensão foi corrigida quando se tornou possível apreciar o papel extraordinariamente grande desempenhado na vida mental dos neuróticos pelas atividades da *fantasia*, que claramente pesava mais sobre as neuroses que a realidade externa. Por trás dessas fantasias desvelou-se o material que nos permite traçar o quadro, a seguir, do **desenvolvimento da função sexual**." – p.255;

"*O desenvolvimento da libido*. – O **instinto sexual**, a manifestação dinâmica do que, na vida mental, chamamos de 'libido', é constituído de instintos componentes nos quais pode novamente desdobrar-se e que só gradualmente se unem em organizações bem definidas." – p.256;

"Em anos muito precoces da infância (aproximadamente entre as idades de dois e cinco anos) ocorre uma **convergência dos impulsos sexuais**, da qual, no caso dos meninos, o objeto é a mãe." – p.257;

"*O **começo difásico do desenvolvimento sexual***. – Aproximando-se o final do quinto ano de idade, esse **período inicial da vida sexual normalmente chega ao fim**. É sucedido por um período de *latência* mais ou menos completa, durante o qual as coibições éticas são construídas, para atuar como defesas contra os desejos do complexo de Édipo. No período subsequente da *puberdade* esse complexo é revivescido no inconsciente e envolve-se em novas modificações. Somente **na puberdade é que os instintos sexuais chegam à sua plena intensidade**, mas a direção desse desenvolvimento, bem como todas as predisposições a ele, já foi determinada pela **eflorescência precoce da sexualidade** durante a infância que o precedeu. Esse **desenvolvimento difásico da função sexual** – em duas fases, interrompidas pelo período de latência – parece constituir uma peculiaridade biológia da espécie humana e conter o fator determinante da origem das neuroses." – p.257;

"As neuroses são expressão de **conflitos entre o ego e aqueles impulsos sexuais** que parecem ao ego incompatíveis com sua integridade ou com seus padrões éticos." – p.257;

"Se, no curso do trabalho analítico, tentamos tornar conscientes esses impulsos reprimidos, damo-nos conta das forças repressivas sob a forma de *resistência*. A consecução da repressão, porém, fracassa de modo especialmente fácil no caso dos **instintos sexuais**." – p.257-258;

"O que resulta é um *sintoma* e, consequentemente, em sua essência, uma **satisfação sexual substitutiva**. Não obstante, o sintoma não pode escapar inteiramente às forças repressivas do ego, tendo assim de submeter-se a modificações e deslocamentos – exatamente como acontece com os sonhos – através dos quais sua **característica de satisfação sexual** se torna irreconhecível. Consequentemente, **os sintomas têm a natureza de conciliações entre os instintos sexuais reprimidos e os instintos repressores do ego**; representam uma realização de desejo para ambas as partes do conflito simultaneamente, uma realização porém incompleta para cada uma delas. Isso é inteira e estritamente genuíno dos sintomas da histeria, ao passo que nos sintomas da neurose obsessiva há amiúde uma ênfase mais forte no lado da função repressora devido ao erguimento de formações reativas, que são garantias contra a **satisfação sexual**." – p.258;

"*Transferência*. – Se houvesse necessidade de outras provas da verdade de que as forças motivadoras por trás da formação de **sintomas neuróticos são de natureza sexual**, elas seriam encontradas no fato de, no decurso do tratamento analítico, formar-se regularmente entre o paciente e o médico uma relação emocional especial, relação que vai muito além dos limites racionais." – p.258;

"*As pedras angulares da teoria psicanalítica*. – A pressuposição de existirem processos mentais inconscientes, o reconhecimento da teoria da resistência e repressão, a apreciação da **importância da sexualidade** e do complexo de Édipo constituem o principal tema da psicanálise e os fundamentos de sua teoria. Aquele que não possa aceitá-los a todos não deve considerar-se a si mesmo como psicanalista." – p.258;

"O outro (originado por Alfred Adler em Viena) reproduziu muitos fatores da psicanálise sob outros nomes; a repressão, por exemplo, aparecia numa **versão sexualizada como 'protesto masculino'**. Sob outros aspectos, porém, o movimento afastou-se do inconsciente e dos **instintos sexuais** e esforçou-se por remontar a origem do desenvolvimento do caráter e das neuroses à 'vontade de poder', a qual, por meio de uma supercompensação, esforça-se por contrabalançar os perigos que surgem da 'inferioridade de órgão'." – p.259;

"Um médico que não esteja inteiramente absorvido pelo trabalho de dar auxílio descobrirá seus sacrifícios amplamente recompensados pela consecução de uma compreensão inesperada das complicações da vida mental e das inter-relações entre o mental e o físico. Onde atualmente ela não pode oferecer ajuda, senão apenas compreensão teórica, pode talvez estar preparando o caminho para algum meio posterior e mais direto de influenciar os distúrbios neuróticos. Sua província é, acima de tudo, as duas neuroses de transferência, a histeria e a neurose obsessiva, onde contribuiu para a descoberta de sua estrutura interna e mecanismos operativos, e, além delas, todas as espécies de fobias, inibições, deformidades de caráter, **perversões sexuais e**

dificuldades da vida erótica." – p.261;

"*Críticas e más interpretações da psicanálise*. – A maioria do que é apresentado contra a psicanálise, mesmo em obras científicas, baseia-se em informações insuficientes que, por sua vez, parecem ser determinadas por resistências emocionais. Assim, é um equívoco **acusar a psicanálise de 'pansexualismo'** e alegar que ela deriva da **sexualidade** todas as ocorrências mentais e as remonta todas àquela. Ao contrário, a psicanálise desde o início **distinguiu os instintos sexuais de outros**, que provisoriamente denominou de 'instintos do ego'. Ela jamais sonhou tentar explicar 'tudo', e mesmo das neuroses, remontou sua origem não somente à **sexualidade**, mas ao **conflito entre os impulsos sexuais e o ego**. Na psicanálise (diferentemente das obras de C.G. Jung), o termo '*libido*' não significa energia psíquica em geral, mas sim a **força motivadora dos instintos sexuais**. Algumas assertivas, como a de que todo **sonho é a realização de um desejo sexual**, nunca, em absoluto, foram sustentadas por ela. A acusação de unilateralidade feita contra a psicanálise, que, como *a ciência da mente inconsciente*, tem seu próprio campo de trabalho definido e restrito, é-lhe tão inaplicável quanto seria se houvesse sido feita contra a química. Acreditar que a psicanálise busca a **cura dos distúrbios neuróticos dando rédea livre à sexualidade** é uma grave má interpretação que só pode ser desculpada pela ignorância. A tomada de **consciência dos desejos sexuais reprimidos** na análise, ao contrário, torna possível obter sobre eles um domínio que a repressão anterior fora incapaz de conseguir. Pode-se com mais verdade dizer que **a análise libera o neurótico das cadeias de sua sexualidade**." – p.262-263;

2. (B) A TEORIA DA LIBIDO

"LIBIDO é um termo empregado na teoria dos instintos para **descrever a manifestação dinâmica da sexualidade**." – p.265;

"*O **contraste entre os instintos sexuais e os instintos do ego***. – A psicanálise cedo deu-se conta de que todas as ocorrências mentais devem ser vistas como construídas na base de uma ação recíproca das forças dos instintos elementares." – p.265;

"A primeira esfera de fenômenos a ser estudada pela psicanálise compreendia o que era conhecido como neurose de transferência (histeria e neurose obsessiva). Descobriu-se que seus sintomas sucediam pelo fato de os **impulsos instintuais sexuais serem rejeitados (reprimidos)** pela personalidade do sujeito (o seu ego), encontrando pois expressão por caminhos tortuosos através do inconsciente. Esses fatos podiam ser encontrados traçando-se um **contraste entre os instintos sexuais e os instintos do ego** (*instintos de autopreservação*), o que estava de acordo com o dito popular de serem a fome e o amor que fazem o mundo girar: a libido era a manifestação da força do amor, no mesmo sentido que a fome o era do instinto autopreservativo." – p.265;

"*A libido primitiva*. – C. G. Jung tentou resolver essa obscuridade seguindo linhas especulativas, pressupondo existir uma só **libido primitiva que podia ser sexualizada ou dessexualizada** e que, assim, em sua essência, coincidia com a energia mental em geral. Essa inovação era metodologicamente discutível, provocou grande confusão, reduziu o termo

'libido' ao nível de um sinônimo supérfluo e, na prática, defrontava-se ainda com a necessidade de **distinguir entre libido sexual e assexual**. Não se iria escapar à **diferença entre os instintos sexuais e os instintos com outros objetivos** por meio de uma nova definição." – p.265-266;

"*Sublimação*. – Um atento exame das **tendências sexuais**, que por si mesmas eram acessíveis à psicanálise, nesse meio tempo conduziria a algumas descobertas notáveis e pormenorizadas. O que se descreve como **instinto sexual** mostra ser de uma natureza altamente complexa e sujeita a decompor-se novamente em seus instintos componentes." – p.266;

"A vicissitude mais importante que um instinto pode experimentar parece ser a *sublimação*; aqui, tanto o objeto quanto o objetivo são modificados; assim, o que originalmente era um **instinto sexual** encontra satisfação em alguma **realização que não é mais sexual**, mas de uma valoração social ou ética superior. Esses diferentes aspectos ainda não se combinam para formar um quadro integral." – p.266;

"Assim, os instintos de autopreservação também eram de natureza libidinal: eram **instintos sexuais** que, em vez de objetos externos, haviam tomado o próprio ego do sujeito como objeto." – p.266-267;

"Era melhor, em vez de falar de um **conflito entre instintos sexuais e instintos do ego**, falar de um conflito entre libido de objeto e libido de ego, ou, de vez que era a mesma a natureza desses instintos, conflito entre as catexias de objeto e o ego." – p.267;

"*Abordagem aparente às opiniões de Jung*. – À vista disso, parecia como se o lento processo da pesquisa psicanalítica estivesse seguindo os passos da especulação de Jung sobre uma libido primitiva especialmente porque a transformação da libido de objeto em narcisismo necessariamente portava consigo certo grau de **dessexualismo ou abandono dos objetivos especificamente sexuais**." – p.267;

"***Impulsos sexuais inibidos quanto ao objetivo***. – Os instintos sociais pertencem a uma classe de impulsos instintuais que prescindem serem descritos como sublimados, embora estejam estreitamente relacionados com estes. Não abandonaram seus **objetivos diretamente sexuais**, mas são impedidos, por resistências internas, de alcançá-los; contentam-se com certas aproximações à satisfação e, por essa própria razão, conduzem a ligações especialmente firmes e permanentes entre os seres humanos. A essa classe pertencem em particular as **relações afetuosas entre pais e filhos, que originalmente eram inteiramente sexuais**, os sentimentos de amizade e os laços emocionais no casamento que tem sua origem na **atração sexual**." – p.267-268;

"O outro conjunto de instintos seria o daqueles que nos são mais bem conhecidos na análise: os **instintos libidinais, sexuais ou instintos de vida**, que são mais bem abrangidos pelo nome de *Eros*; seu intuito seria constituir a substância viva em unidades cada vez maiores, de maneira

que a vida possa ser prolongada e conduzida a uma evolução mais alta." – p.268;

BREVES ESCRITOS (1920-1922)

1. **Uma nota sobre a pré-história da técnica da psicanálise (1920)**

"Um livro recente de Havelock Ellis (tão justamente admirado por suas **pesquisas em ciência sexual** e crítico eminente da psicanálise), que tem por título *The Philosophy of Conflict* (1919), inclui um ensaio sobre **'Psycho-Analysis in Relation to Sex'**." – p.271;

2. **Associações de uma criança de quatro anos de idade (1920)**
   Não consta.

3. **Dr. Anton Von Freund (1920)**
   Não consta.

4. **Prefácio a *Addresses on Psycho-Analysis*, de J. J. Putnam (1921)**
   Não consta.

5. **Introdução a *The Psychology of Day-Dreams*, de J. Varendonck (1921)**
   Não consta.

6. **A cabeça de medusa (1940 [1922])**

"Esse símbolo de horror é usado sobre as suas vestes pela deusa virgem Atena, e com razão, porque assim ela se torna uma mulher que é inabordável e **repele todos os desejos sexuais**, visto apresentar os terrificantes órgãos genitais da Mãe. De vez que os gregos eram, em geral, **fortemente homossexuais**, era inevitável que encontrássemos entre eles uma representação da mulher como um ser que assusta e repele por ser castrada." – p.283-284;

XVII. O EGO E O ID E OUTROS TRABALHOS (1923-1925)

Volume 19 (FREUD, 1996q)

O EGO E O ID (1923)

"Quando acontece [de] uma pessoa ter de abandonar um **objeto sexual**, muito amiúde se segue uma alteração de seu ego que só pode ser descrita como instalação do objeto dentro do ego, tal como ocorre na melancolia; a natureza exata dessa substituição ainda nos é desconhecida." – p.44;

"A transformação da libido do objeto em libido narcísica, que assim se efetua, obviamente implica um **abandono de objetivos sexuais**, **uma dessexualização** – uma espécie de sublimação, portanto. Em verdade, surge a questão, que merece consideração cuidadosa, de saber se este não será o caminho universal à sublimação, se toda sublimação não se efetua através da mediação do ego, que começa por transformar a **libido objetal sexual em narcísica** e, depois, talvez, passa a fornecer-lhe outro objetivo." – p.45;

"Mas **as escolhas objetais pertencentes ao primeiro período sexual e relacionadas ao pai e**

à mãe parecem normalmente encontrar seu desfecho numa identificação desse tipo, que assim reforçaria a primária." – p.46;

"A dificuldade do problema se deve a dois fatores: o caráter triangular da situação edipiana e a **bissexualidade constitucional de cada indivíduo**." – p.46;

"Em sua forma simplificada, o caso de uma criança do sexo masculino pode ser descrito do seguinte modo. Em idade muito precoce o menininho desenvolve uma catexia objetal pela mãe, originalmente relacionada ao seio materno, e que é o protótipo de uma escolha de objeto segundo o modelo anaclítico; o menino trata o pai identificando-se com este. Durante certo tempo, esses dois relacionamentos avançam lado a lado, até que **os desejos sexuais do menino em relação à mãe se tornam mais intensos e o pai é percebido como um obstáculo a eles**; disso se origina o complexo de Édipo. Sua identificação com o pai assume então uma coloração hostil e transforma-se num desejo de livrar-se dele, a fim de ocupar o seu lugar junto à mãe. Daí por diante, a sua relação com o pai é ambivalente; parece como se a ambivalência, inerente à identificação desde o início, se houvesse tornado manifesta. Uma atitude ambivalente para com o pai e uma relação objetal de tipo unicamente afetuoso com a mãe constituem o conteúdo do complexo de Édipo positivo simples num menino." – p.46-47;

"Pareceria, portanto, que em ambos os sexos **a força relativa das disposições sexuais masculina e feminina** é o que determina se o desfecho da situação edipiana será uma identificação com o pai ou com a mãe. Esta é uma das maneiras pelas quais a bissexualidade é responsável pelas vicissitudes subsequentes do complexo de Édipo." – p.47;

"Um estudo mais aprofundado geralmente revela o complexo de Édipo mais completo, o qual é dúplice, positivo e negativo, e devido à **bissexualidade originalmente presente na criança**." – p.47;

"É este **elemento complicador introduzido pela bissexualidade** que torna tão difícil obter uma visão clara dos fatos em vinculação com as primitivas escolhas de objeto e identificações, e ainda mais difícil descrevê-las inteligivelmente. Pode mesmo acontecer que **a ambivalência demonstrada nas relações com os pais deva ser atribuída inteiramente à bissexualidade** e que ela não se desenvolva, como representei acima, a partir da identificação em consequência da rivalidade." – p.48;

"A intensidade relativa das duas identificações em qualquer indivíduo refletirá **a preponderância nele de uma ou outra das duas disposições sexuais**." – p.48;

"*O amplo **resultado geral da fase sexual dominada pelo complexo de Édipo** pode, portanto, ser tomado como sendo a formação de um precipitado no ego, consistente dessas duas identificações unidas uma com a outra de alguma maneira. Esta modificação do ego retém a sua posição especial; ela se confronta com os outros conteúdos do ego como um ideal do ego*

ou superego." – p.48-49;

"Se considerarmos mais uma vez a origem do superego, tal como a descrevemos, reconheceremos que ele é o resultado de dois fatores altamente importantes, um de natureza biológica e outro de natureza histórica, a saber: a duração prolongada, no homem, do desamparo e [da] dependência de sua infância, e o fato de seu complexo de Édipo, cuja repressão demonstramos achar-se vinculada à interrupção do desenvolvimento libidinal pelo período de latência, e, assim ao **início bifásico da vida sexual do homem**." – p.49;

"Mesmo hoje os sentimentos sociais surgem no indivíduo como uma superestrutura construída sobre impulsos de rivalidade ciumenta contra seus irmãos e irmãs. Visto que a hostilidade não pode ser satisfeita, desenvolve-se uma identificação com o rival anterior. O **estudo de casos brandos de homossexualidade** confirma a suspeita de que também neste caso a identificação constitui substituto de uma escolha objetal afetuosa que ocupou o lugar da atitude hostil, agressiva." – p.52;

"Desenvolvi ultimamente uma visão dos instintos que sustentarei aqui e tomarei como base de meus debates ulteriores. Segundo essa visão, temos de distinguir duas classes de instintos, uma das quais, os **instintos sexuais ou Eros**, é, de longe, a mais conspícua e acessível ao estudo. Ela abrange não apenas o **instinto sexual desinibido** propriamente dito e os impulsos instintuais de natureza inibida quanto ao objetivo ou sublimada que dele derivam, mas também o instinto autopreservativo, que deve ser atribuído ao ego e que, no início de nosso trabalho analítico, tínhamos boas razões para contrastar com os **instintos objetais sexuais**." – p.55;

"Uma vez que tenhamos admitido a ideia de uma fusão das duas classes de instintos uma com a outra, a possibilidade de uma 'desfusão' – mais ou menos completa – se impõe a nós. O **componente sádico do instinto sexual** seria o exemplo clássico de uma fusão instintual útil; e o sadismo que se tornou independente como perversão seria típico de uma desfusão, embora não conduzida a extremos." – p.56;

"Mas sabemos de diversos casos na psicologia das neuroses em que é mais plausível supor que uma transformação se efetua. Na paranoia persecutória, o paciente desvia um **vínculo homossexual** excessivamente forte que o liga a uma pessoa em especial; em resultado, esta pessoa a quem muito amava, se torna um perseguidor, contra quem o paciente dirige uma agressividade frequentemente perigosa." – p.58;

"No caso da **origem da homossexualidade**, e também dos **sentimentos sociais dessexualizados**, a investigação analítica apenas recentemente nos ensinou a reconhecer que estão presentes sentimentos violentos de rivalidade que levam a inclinações agressivas, sendo que, apenas após estes terem sido superados, o objeto anteriormente odiado se torna amado ou dá origem a uma identificação." – p.58;

“Não exatamente o mesmo, mas algo semelhante, ocorre quando a rivalidade hostil que conduz à **homossexualidade** é dominada.” – p.58;

“Nos instintos **componentes sexuais**, que são especialmente acessíveis à observação, é possível perceber alguns processos que pertencem à mesma categoria dos que estamos estudando.” – p.59;

“Parece ser uma concepção plausível que essa energia deslocável e neutra, que é, sem dúvida, ativa tanto no ego quanto no id, proceda do estoque narcísico de libido – que ela seja **Eros dessexualizado**. (Os instintos eróticos parecem ser em geral mais plásticos, mais facilmente desviados e deslocados que os instintos destrutivos.)” – p.59;

“Se essa energia deslocável é **libido dessexualizada**, ela também pode ser descrita como energia *sublimada*, pois ainda reteria a finalidade principal de Eros – a de unir e ligar – na medida em que auxilia no sentido de estabelecer a unidade, ou tendência à unidade, que é particularmente característica do ego.” – p.60;

“A transformação [de libido erótica] em libido do ego naturalmente envolve um **abandono de objetivos sexuais**, uma **dessexualização**. De qualquer modo, isto lança luz sobre uma importante função do ego em sua relação com Eros. Apoderando-se assim da libido das catexias do objeto, erigindo-se em objeto amoroso único, **e dessexualizando ou sublimando a libido do id**, o ego está trabalhando em oposição aos objetivos de Eros e colocando-se a serviço de impulsos instintuais opostos.” – p.60;

“Se é verdade que o princípio de constância de Fechner governa a vida, que assim consiste numa descida contínua em direção à morte, são as reivindicações de Eros, dos **instintos sexuais**, que, sob a forma de necessidades instintuais, mantêm o nível que tende a baixar e introduzem novas tensões.” – p.61;

“Em primeiro lugar, anuindo tão rapidamente quanto possível às **exigências da libido não dessexualizada** – esforçando-se pela satisfação das **tendências diretamente sexuais**. Mas ele o faz de modo muito mais abrangente em relação a certa forma específica de satisfação, em que todas as exigências componentes convergem – pela **descarga das substâncias sexuais**, que são veículos saturados, por assim dizer, de tensões eróticas. A **ejeção das substâncias sexuais no ato sexual** corresponde, em certo sentido, à separação do soma e do plasma germinal. Isto explica a semelhança do estado que se segue à **satisfação sexual completa** com o ato de morrer, e o fato de a morte coincidir com o ato da cópula em alguns dos animais inferiores.” – p.61-62;

“A relação do superego com as alterações posteriores do ego é aproximadamente semelhante à da **fase sexual primária da infância** com **a vida sexual posterior, após a puberdade**.” – p.63;

"O superego surge, como sabemos, de uma identificação com o pai tomado como modelo. Toda identificação desse tipo tem a **natureza de uma dessexualização** ou mesmo de uma sublimação." – p.69;

UMA NEUROSE DEMONÍACA DO SÉCULO XVII (1923[1922])

"Outro pormenor nas relações do pintor com o Demônio possui, mais uma vez, **uma referência sexual**." – p.107;

"Essa ênfase do **caráter sexual feminino**, pela introdução de grandes e pendentes seios (nunca há qualquer indicação dos órgãos genitais femininos) está fadada a parecer-nos uma contradição notável de nossa hipótese de que o Demônio tinha o significado de um substituto paterno para o pintor." – p.107;

"Seios grandes são as **características sexuais positivas da mãe**, mesmo numa ocasião em que a característica negativa de uma mulher – sua falta de um pênis – ainda é desconhecida da criança." – p.108;

OBSERVAÇÕES SOBRE A TEORIA E A PRÁTICA DA INTERPRETAÇÃO DE SONHOS (1923[1922])

"Em *Além do princípio de prazer* [...] tratei do problema econômico de como aquilo que, sob todos os aspectos, constitui experiências aflitivas do primitivo **período sexual infantil**, pode conseguir êxito em forçar sua passagem a algum tipo de reprodução." – p.147;

ALGUMAS NOTAS ADICIONAIS SOBRE A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS COMO UM TODO (1925)

"Aquele que sonha reage a muitos desses sonhos despertando assustado, caso em que a situação não mais é obscura para nós. A censura negligenciou sua tarefa, o que foi notado tarde demais, e a geração de ansiedade constitui um substituto para a deformação que foi omitida. Em ainda outros exemplos de tais sonhos, essa exata expressão de afeto está ausente. O assunto objetável é continuado pelo auge da **excitação sexual**, atingida durante o sono, ou encarado com a mesma tolerância com que uma pessoa desperta poderia encarar uma crise de raiva, um humor de raiva ou a indulgência em fantasias cruéis." – p.148;

"Nosso interesse na gênese desses sonhos *manifestamente* imorais é, porém, grandemente reduzido quando descobrimos, pela análise, que a maioria dos sonhos – sonhos inocentes, sonhos sem afeto e sonhos de ansiedade – são revelados, quando as deformações da censura foram desfeitas como a satisfação de impulsos desejosos imorais – egoístas, sádicos, pervertidos ou incestuosos. Tal como no mundo da vida desperta, esses criminosos mascarados são muito mais comuns que aqueles com a viseira levantada. **O sonho direto de relações sexuais** com a própria mãe, a que Jocasta alude em *Édipo Rei*, é uma raridade em comparação com toda a multiplicidade de sonhos que a psicanálise deve interpretar no mesmo sentido." – p.148;

"Assim, por exemplo, o simbolismo não é um problema onírico, mas sim um tópico vinculado ao nosso pensar arcaico – nossa 'língua básica', como foi apropriadamente chamada pelo paranoico. Ele domina os mitos e o ritual religioso tão bem quanto os sonhos, e o simbolismo onírico sequer pode reivindicar ser peculiar no sentido de ocultar mais especificamente coisas que são **sexualmente importantes**." – p.151;

ORGANIZAÇÃO GENITAL INFANTIL: UMA INTERPOLAÇÃO NA TEORIA DA SEXUALIDADE (1923)

"A dificuldade do trabalho de pesquisa em psicanálise demonstra-se claramente pelo fato de ser-lhe possível, apesar de décadas inteiras de observação incessante, desprezar aspectos de ocorrência geral e situações características, até que, afinal, elas nos confrontam sob forma inequívoca. As observações que seguem têm a intenção de reparar uma negligência desse tipo no **campo do desenvolvimento sexual infantil**." – p.159;

"Os leitores de meus ***Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*** [...] dar-se-ão conta de que jamais empreendi qualquer remodelação completa dessa obra em suas edições posteriores, tendo, porém, mantido a disposição original e acompanhado os progressos efetuados em nosso conhecimento mediante interpolações e alterações no texto." – p.159;

"Originalmente, como sabemos, a ênfase incidia sobre uma descrição da **diferença fundamental existente entre a vida sexual das crianças e a dos adultos**; posteriormente, *as organizações pré-genitais* da libido abriram caminho para o primeiro plano, e também o notável e momentoso fato do ***início bifásico* do desenvolvimento sexual**. Finalmente, nosso interesse foi tomado pelas ***pesquisas* sexuais das crianças**, e partindo daí pudemos reconhecer a ampla *aproximação do* ***desfecho final da sexualidade na infância*** (por volta do quinto ano de idade) para a forma definitiva por ela assumida no adulto." – p.159;

"Na pág. 60 desse volume, escrevi que 'a escolha de um objeto, tal como mostramos ser característica da fase puberal do desenvolvimento, já foi frequente ou habitualmente feita durante os anos de infância: isto é, a totalidade das **correntes sexuais** passou a ser dirigida para uma única pessoa em relação à qual elas buscam alcançar seus objetivos. Isto é, então, a maior aproximação possível, na infância, da forma final assumida pela **vida sexual após a puberdade**. A única diferença está no fato de que na infância a combinação dos instintos parciais e sua subordinação sob a primazia dos genitais só foram efetuadas muito incompletamente ou não o foram de forma alguma. Assim, o estabelecimento desta primazia a serviço da reprodução é a última fase através da qual passa a **organização da sexualidade**'." – p.159-160;

"A aproximação da **vida sexual da criança à do adulto** vai muito além e não se limita unicamente ao surgimento da escolha de um objeto. Mesmo não se realizando uma combinação adequada dos instintos parciais sob a primazia dos órgãos genitais, no auge do curso do desenvolvimento da **sexualidade infantil**, o interesse nos genitais e em sua atividade adquire

uma significação dominante, que está pouco aquém da alcançada na maturidade. Ao mesmo tempo, a característica principal dessa 'organização genital infantil' é sua *diferença* da organização genital final do adulto. Ela consiste no fato de, para ambos os sexos, entrar em consideração apenas um órgão genital, ou seja, o masculino. O que está presente, portanto, não é uma primazia dos órgãos genitais, mas uma primazia do *falo*." – p.160;

"A força impulsiva que essa porção masculina do corpo desenvolverá posteriormente na puberdade, expressa-se nesse período da vida sobretudo como premência a investigar, como **curiosidade sexual**. Muitos dos atos de exibicionismo e agressão cometidos pelas crianças, e que, em anos posteriores, seriam julgados sem hesitação como expressões de luxúria, na análise demonstram ser experimentos empreendidos a serviço da **pesquisa sexual**." – p.160-161;

"Sabemos também em que grau a depreciação das mulheres, o horror a elas e a **disposição ao homossexualismo** derivam da convicção final de que as mulheres não possuem pênis." – p.161;

"Como sabemos, imagina-se que o bebê viva dentro do corpo da mãe (em seus intestinos) e nasça através da saída intestinal. Essas últimas teorias nos levam além da extensão de tempo abrangida pelo período sexual infantil. Não é irrelevante manter em mente quais as transformações sofridas, durante o **desenvolvimento sexual da infância**, pela polaridade de sexo com que estamos familiarizados." – p.161;

"No estágio da organização pré-genital sádico-anal não existe ainda questão de masculino e feminino; a antítese entre *ativo* e *passivo* é a dominante. No estádio seguinte da organização genital infantil, sobre o qual agora temos conhecimento, existe *masculinidade*, mas não feminilidade. A antítese aqui é entre possuir *um órgão genital masculino e ser castrado*. Somente após o desenvolvimento haver atingido seu completamento, na puberdade, que **a polaridade sexual coincide com *masculino e feminino***. A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero." – p.161;

NEUROSE E PSICOSE (1924 [1923])

"Desse modo as incoerências, excentricidades e loucuras dos homens apareceriam sob uma luz semelhante às suas **perversões sexuais**, através de cuja aceitação poupam a si próprios repressões. Em conclusão, resta a considerar a questão de saber qual pode ser o mecanismo, análogo à repressão, por cujo intermédio o ego se desliga do mundo externo. Isso, penso eu, não pode ser respondido com novas investigações; porém, segundo pareceria, tal mecanismo deve, tal como a repressão, abranger uma retirada da catexia enviada pelo ego." – p.172;

O PROBLEMA ECONÔMICO DO MASOQUISMO (1924)

"Parece que na série de sensações de tensão temos um sentido imediato do aumento e diminuição das quantidades de estímulo, e não se pode duvidar que há tensões prazerosas e

relaxamentos desprazerosos de tensão. O **estado de excitação sexual** constitui o exemplo mais notável de um aumento prazeroso de estímulo desse tipo, mas certamente não o único." – p.180;

"Retornemos ao masoquismo. O masoquismo apresenta-se à nossa observação sob três formas: como condição imposta à **excitação sexual**, como expressão da natureza feminina e como norma de comportamento (*behaviour*)." – p.181;

"Possuímos suficiente familiaridade com esse tipo de masoquismo nos homens (a quem, devido ao material a minha disposição, restringirei minhas observações), derivado de indivíduos masoquistas – e, portanto, amiúde impotentes –, cujas fantasias se concluem por um ato de masturbação ou representam uma **satisfação sexual** em si próprias. Os desempenhos da vida real de pervertidos masoquistas harmonizam-se completamente com essas fantasias, quer sejam os desempenhos levados a cabo como um fim em si próprio, quer sirvam para induzir potência e conduzir ao **ato sexual**." – p.181;

"**Em meus *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade***, na seção sobre as **fontes da sexualidade infantil**, apresentei a proposição de que, 'no caso de um grande número de processos internos a **excitação sexual** surge como um efeito concomitante, tão logo a intensidade desses processos passe além de certos limites quantitativos'. De fato, 'bem pode acontecer que nada de considerável importância ocorra no organismo sem contribuir com algum componente para a excitação do **instinto sexual**'. De acordo com isso, a excitação do sofrimento e desprazer estaria fadada a ter também o mesmo resultado. A ocorrência de tal excitação libidinal simpática quando há tensão devida ao sofrimento e ao desprazer seria um mecanismo fisiológico infantil que deixa de operar mais tarde. Ela atingiria um grau variável de desenvolvimento em **constituições sexuais diferentes**, mas, em todo caso, forneceria a fundação psicológica sobre a qual a estrutura psíquica do masoquismo erógeno seria posteriormente erigida." – p.182-183;

"O instinto é então chamado de instinto destrutivo, instinto de domínio ou vontade de poder. Uma parte do instinto é colocada diretamente a serviço da **função sexual**, onde tem um papel importante a desempenhar. Esse é o sadismo propriamente dito. Outra porção não compartilha dessa transposição para fora; permanece dentro do organismo e, com o auxílio da **excitação sexual** acompanhante acima descrita, lá fica libidinalmente presa. É nessa porção que temos de identificar o masoquismo original, erógeno." – p.183;

"A terceira forma de masoquismo, o masoquismo moral, é principalmente notável por haver afrouxado sua vinculação com aquilo que **identificamos como sexualidade**. Todos os outros sofrimentos masoquistas levam consigo a condição de que emanem da pessoa amada e sejam tolerados à ordem da pessoa. No masoquismo moral essa restrição foi abandonada. O próprio sofrimento é o que importa; ser ele decretado por alguém que é amado ou por alguém que é indiferente não tem importância. Pode mesmo ser causado por poderes impessoais ou pelas circunstâncias; o verdadeiro masoquista sempre oferece a face onde quer que tenha oportunidade de receber um golpe." – p.185;

"Surgiu através da introjeção no ego dos primeiros objetos dos impulsos libidinais do id – ou seja, os dois genitores. Nesse processo, **a relação com esses objetos foi dessexualizada**; foi desviada de seus **objetivos sexuais diretos**. Apenas assim foi possível superar-se o complexo de Édipo." – p.186-187;

"Sabemos agora que o desejo, tão frequente em fantasias, de ser espancado pelo pai se situa muito próximo do outro desejo, o de ter uma **relação sexual passiva (feminina)** com ele, e constitui apenas uma deformação regressiva deste último." – p.189;

"A consciência e a moralidade surgiram mediante a superação, **a dessexualização do complexo de Édipo**; através do masoquismo moral, porém, **a moralidade mais uma vez se torna sexualizada**, o complexo de Édipo é revivido e abre-se o caminho para uma regressão, da moralidade para o complexo de Édipo." – p.189;

A DISSOLUÇÃO DO COMPLEXO DE ÉDIPO (1924)

"Em extensão sempre crescente, o complexo de Édipo revela sua importância como **o fenômeno central do período sexual da primeira infância**. Após isso, se efetua sua dissolução, ele sucumbe à regressão, como dizemos, e é seguido pelo período de latência. Ainda não se tornou claro, contudo, o que é que ocasiona sua destruição." – p.195;

"Ultimamente nos tornamos mais claramente cônscios que antes, de que **o desenvolvimento sexual de uma criança** avança até determinada fase, na qual o órgão genital já assumiu o papel principal." – p.196;

"Não devemos ser tão míopes quanto a pessoa encarregada da criança, que a ameaça com a castração, e não devemos desprezar o fato de que, nessa época, **a masturbação de modo algum representa a totalidade de sua vida sexual**. Como pode ser claramente demonstrado, ela está na atitude edipiana para com os pais; **sua masturbação constitui apenas uma descarga genital da excitação sexual pertinente ao complexo**, e, durante todos os seus anos posteriores, deverá sua importância a esse relacionamento." – p.197;

"Descrevi noutra parte como esse afastamento se realiza. As catexias de objeto são abandonadas e substituídas por identificações. A autoridade do pai ou dos pais é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal. As tendências libidinais pertencentes ao complexo de Édipo são em parte **dessexualizadas e sublimadas** (coisa que provavelmente acontece com toda transformação em uma identificação) e em parte são inibidas em seu objetivo e transformadas em impulsos de afeição. Todo o processo, por um lado, preservou o órgão genital – afastou o perigo de sua perda – e, por outro, paralisou-o – removeu sua função. Esse processo introduz o período de latência, que agora interrompe o **desenvolvimento sexual da criança**." – p.198;

"Por algum tempo ainda, consola-se com a expectativa de que mais tarde, quando ficar mais velha, adquirirá um apêndice tão grande quanto o do menino. Aqui, o complexo de masculinidade das mulheres se ramifica. Uma criança do sexo feminino, contudo, não entende sua falta de pênis como sendo um **caráter sexual**; explica-a presumindo que, em alguma época anterior, possuíra um órgão igualmente grande e depois perdera-o por castração." – p.200;

"A intensidade comparativamente **menor da contribuição sádica ao seu instinto sexual**, que fora de dúvida podemos vincular ao crescimento retardado de seu pênis, torna mais fácil, no caso dela, transformarem-se as **tendências sexuais diretas em tendências inibidas quanto ao objetivo, de tipo afetuoso**. Deve-se admitir, contudo, que nossa compreensão interna (*insight*) desses processos de desenvolvimento em meninas em geral é insatisfatória, incompleta e vaga." – p.200-201;

"Não tenho dúvida de que as relações cronológicas e causais, aqui descritas, entre o complexo de Édipo, **a intimidação sexual (a ameaça de castração)**, a formação do superego e o começo do período de latência são de um gênero típico, porém não desejo asseverar que esse tipo seja o único possível. Variações na ordem cronológica e na vinculação desses eventos estão fadadas a ter um sentido muito importante no desenvolvimento do indivíduo." – p.201;

A PERDA DA REALIDADE NA NEUROSE E NA PSICOSE (1924)

Não consta.

UMA BREVE DESCRIÇÃO DA PSICANÁLISE (1924 [1923])

"Um conflito entre dois grupos de tendências mentais deve ser encarado como o fundamento para a repressão, e, por conseguinte, como a causa de toda enfermidade neurótica. E aqui a experiência nos ensinou um fato novo e surpreendente sobre a natureza das forças que estiveram lutando uma contra a outra. A repressão invariavelmente procedia da personalidade consciente da pessoa enferma (seu ego) e baseava-se em motivos estéticos e éticos; os impulsos sujeitos à repressão eram os do egoísmo e da crueldade, que em geral podem ser resumidos como o mal, porém, acima de tudo, **impulsos desejosos sexuais**, frequentemente da espécie mais grosseira e proibida. Assim, os sintomas constituíam um substituto para satisfações proibidas e a moléstia parecia corresponder a uma subjugação incompleta do lado imoral dos seres humanos." – p.222-223;

"O progresso em conhecimento tornou ainda mais claro o enorme papel desempenhado na vida mental pelos **impulsos desejosos sexuais**, e levou a um estudo pormenorizado da natureza e **desenvolvimento do instinto sexual**. Também deparamos, porém, com outro achado puramente empírico, na descoberta de que as experiências e conflitos dos primeiros anos da infância representam uma parte insuspeitadamente importante no desenvolvimento do indivíduo e deixam atrás de si disposições indeléveis que se abatem sobre o período da maturidade. Isso nos trouxe à revelação de algo que até então fora fundamentalmente negligenciado pela ciência – a **sexualidade infantil**, que, da mais tenra idade em diante, se manifesta tanto em reações físicas quanto em atitudes mentais. A fim de reunir essa

sexualidade das crianças com o que é descrito como sendo a **sexualidade normal dos adultos** e a **vida sexual anormal** dos pervertidos, **o conceito do que era sexua**l devia, ele próprio, ser corrigido e ampliado de uma forma que pudesse ser justificada pela evolução do **instinto sexual**." – p.223;

"Durante esse tempo ela gradativamente adquiriu uma teoria que parecia fornecer uma descrição satisfatória da origem, significado e propósito dos sintomas neuróticos, e proporcionava uma base racional para tentativas médicas de curar a queixa. Mais uma vez enumerei os fatores que contribuem para a constituição dessa teoria. São eles: ênfase na vida instintual (afetividade), na dinâmica mental, no fato de que mesmo os fenômenos mentais aparentemente mais obscuros e arbitrários possuem invariavelmente um significado e uma causação, a teoria do conflito psíquico e da natureza patogênica da repressão, a visão de que os sintomas constituem satisfações substitutas, o reconhecimento da **importância etiológica da vida sexual**, e especificamente, dos **primórdios da sexualidade infantil**." – p.223;

"Na forma que ela assim assumiu, a teoria psicanalítica das neuroses já encerrava determinado número de coisas que iam de encontro a opiniões e inclinações aceitas e estavam talhadas a provocar espanto, repugnância e ceticismo em estranhos; por exemplo, a atitude da psicanálise para com o problema do inconsciente, seu reconhecimento de uma **sexualidade infantil** e a ênfase que concedia ao **fator sexual na vida mental** em geral. Mais coisas, porém, deveriam seguir-se." – p.224;

"Mesmo para chegar a meio caminho da compreensão de como, em uma jovem histérica, um **desejo sexual proibido** pode transformar-se em um sintoma penoso, foi necessário efetuar hipóteses complicadas e de grandes consequências sobre a estrutura e o funcionamento do aparelho psíquico." – p.225;

"Entre os conceitos hipotéticos que capacitem o médico a lidar com o material analítico, o primeiro a ser mencionado é o da 'libido'. Libido, em psicanálise, significa em primeira instância a força (imaginada como quantitativamente variável e mensurável) dos **instintos sexuais** dirigidos para um **objeto** – **'sexuais' no sentido ampliado** exigido pela teoria analítica." – p.229;

"Porém aqui se deve enfaticamente apontar quão errônea é a **acusação de pansexualismo** que com tanta frequência é dirigida contra a psicanálise. Ela busca demonstrar que a teoria psicanalítica não conhece outras forças motivadoras mentais senão as puramente **sexuais** e, assim procedendo, explora preconceitos populares pelo emprego da **palavra 'sexual'** não em seu sentido analítico, mas no vulgar." – p.230;

"Nosso assombro se reduz quando compreendemos ser o complexo de Édipo o correlativo psíquico de dois fatos biológicos fundamentais: o longo período de dependência da criança humana e a maneira notável pela qual sua **vida sexual** atinge um primeiro clímax do terceiro ao quinto ano de vida, e depois, passado um período de inibição, reinicia-se na puberdade." –

p.235;

AS RESISTÊNCIAS À PSICANÁLISE (1925 [1924])

"Sobretudo existe aquele lugar muito importante na vida mental dos seres humanos que a psicanálise atribui ao que é conhecido por **instintos sexuais**. A teoria psicanalítica sustentou que os sintomas das neuroses constituem satisfações substitutivas deformadas de forças **instintuais sexuais**, das quais a satisfação direta foi frustrada por resistências internas. Posteriormente a análise, ao se estender além de seu campo original de trabalho e ao começar a aplicar-se à vida mental normal, procurou demonstrar que esses mesmos **componentes sexuais**, possíveis de ser desviados de seus objetos imediatos e de ser dirigidos para outras coisas, efetuavam as contribuições mais importantes às realizações culturais do indivíduo e da sociedade. Esses pontos de vista não eram inteiramente novos. A significação incomparável da **vida sexual** havia sido proclamada pelo filósofo Schopenhauer em uma passagem intensamente marcante. Ademais, aquilo que a psicanálise chamou de **sexualidade** não era em absoluto idêntico à impulsão no sentido de uma união dos dois sexos ou no sentido de produzir uma sensação prazerosa dos órgãos genitais; tinha muito mais semelhança com o Eros, que tudo inclui e tudo preserva, do *Banquete* de Platão." – p.245-246;

"Os opositores da psicanálise esqueceram, contudo, seus ilustres precursores; caíram sobre ela como se houvesse cometido uma agressão à dignidade da raça humana. Acusaram-na de **'pansexualismo'**, embora a teoria psicanalítica dos instintos tivesse sido sempre estritamente dualista e em tempo algum deixasse de reconhecer, juntamente com os instintos sexuais, outros a que realmente atribui força suficiente para suprimir os **instintos sexuais**. (Essas forças mutuamente opostas foram inicialmente descritas como os **instintos sexuais e os instintos do ego**. Um desenvolvimento teórico posterior transformou-as em Eros e o instinto de morte ou destruição.) A sugestão de que a arte, a religião e a ordem social em parte se originavam de uma contribuição dos **instintos sexuais** foi representada pelos oponentes da análise como uma degradação dos mais elevados valores culturais. Enfaticamente declararam que o homem possui outros interesses ao lado desse eterno interesse do sexo, desprezando em seu zelo o fato de que também os animais têm outros interesses – na verdade, **estão sujeitos à sexualidade** não de modo permanente, como os homens, mas apenas mediante turnos que ocorrem em períodos específicos –, desprezando também o fato de que a existência desses outros interesses no homem jamais foi discutida e que nada pode ser alterado no valor de uma realização cultural por demonstrar-se que ela derivou de fontes instintuais elementares e animais." – p.246;

"A civilização humana repousa em dois pilares, dos quais um é o controle das forças naturais e o outro, a restrição de nossos instintos. O trono do governante repousa sobre escravos agrilhoados. Entre os componentes instintuais que são assim colocados a seu serviço, os **instintos sexuais**, no sentido mais estrito da palavra, são conspícuos por sua força e selvageria. Que desgraça, se eles se libertassem! O trono seria derrubado e o governante, calcado sob pés. A sociedade está ciente disso – e não permitirá que o assunto seja mencionado." – p.246;

"A questão sobre ela aplicar-se ou não a todas as formas possíveis de civilização, e não meramente àquelas que evolveu até agora, não pode ser debatida aqui. Com referência aos **instintos sexuais** no sentido mais estrito, há ainda o ponto de que, na maioria das pessoas, eles

são insuficientemente domados, e isso de uma forma psicologicamente errada; estão portanto mais aptos a desencadear-se do que os demais." – p.247;

"A psicanálise livrou-se de uma vez por todas do conto de fadas de uma **infância assexual**. Demonstrou o fato de que **interesses e atividades sexuais** ocorrem em crianças pequenas desde o início de suas vidas." – p.248;

"Mostrou por que transformações essas atividades passam, como, pela idade de cinco anos, eles sucumbem à inibição e como, da puberdade em diante, entram a serviço da função reprodutiva. Reconheceu que a primeira **vida sexual infantil** atinge seu ápice naquilo que se conhece como complexo de Édipo (uma ligação emocional da criança ao genitor do sexo oposto, acompanhada por uma atitude de rivalidade para com o do mesmo sexo) e que, nesse período da vida, tal impulso se amplia, desinibido, para um **desejo sexual direto**." – p.248;

(citação de Schopenhauer por Freud) "Em realidade, porém, nós a vemos a todo momento sentar-se como verdadeira senhora hereditária do mundo, na plenitude de sua própria força, em seu trono ancestral, e desde lá, olhando para baixo com miradas desdenhosas, a rir dos preparativos que foram efetuados para amarrá-la, aprisioná-la ou, pelo menos, limitá-la, e, onde quer que possível, mantê-la oculta ou mesmo dominá-la de tal forma que apareça apenas como um interesse secundário, subordinado, da vida. Tudo isso, porém, concorda com o fato de a **paixão sexual** ser o ponto central da vontade de viver, e, consequentemente, a concentração de todo desejo; portanto, no texto chamei os órgãos genitais de foco da vontade. Em verdade, pode-se dizer que o homem é **desejo sexual** concreto, pois sua origem é um ato de cópula e somente essa tendência perpetua e mantém unida toda a sua existência fenomênica. A vontade de viver manifesta-se primariamente, com efeito, como um esforço de sustentar o indivíduo; contudo, isso constitui apenas um passo para o esforço de sustentar a espécie, e o último esforço tem de ser mais poderoso em proporção, na medida em que a vida da espécie ultrapassa a do indivíduo em duração, extensão e valor. A **paixão sexual**, portanto, é a mais perfeita manifestação da vontade de viver, seu tipo mais distintamente expresso; e a origem do indivíduo nela e sua primazia sobre todos os outros desejos do homem natural estão em completo acordo com isso.'" – p.252;

UMA NOTA SOBRE O 'BLOCO MÁGICO' (1925 [1924])

Não consta.

A NEGATIVA (1925)

Não consta.

ALGUMAS CONSEQUÊNCIAS PSÍQUICAS DA DISTINÇÃO ANATÔMICA ENTRE OS SEXOS (1925)

"Em meus próprios escritos e naqueles de meus seguidores, sempre mais ênfase é dada à necessidade de que as análises de neuróticos lidem de modo completo com o período mais

remoto de sua infância, **a época da primeira e florescência da vida sexual**." – p.281;

"Examinando **as primeiras formas mentais assumidas pela vida sexual das crianças**, habituamo-nos a tomar como tema de nossas investigações a criança do sexo masculino, o menino. Com as meninas, assim supúnhamos, as coisas deviam ser semelhantes, embora de um modo ou de outro elas tenham, não obstante, de ser diferentes. O ponto do desenvolvimento em que reside essa diferença não podia ser claramente determinado." – p.282;

"Demonstrei alhures como a atitude edipiana nos meninos pertence à fase fálica e como sua destruição é ocasionada pelo temor da castração – isto é, pelo interesse narcísico nos órgãos genitais. O assunto fica mais difícil de apreender pela circunstância complicante de que mesmo em meninos o complexo de Édipo possui uma orientação dupla, ativa e passiva, de acordo com sua **constituição bissexual**; o menino também deseja tomar o lugar de sua mãe como objeto de amor de seu *pai* – fato que descrevemos como sendo a atitude feminina." – p.282-283;

"Outro elemento desse estádio é, acredito, invariavelmente uma atividade masturbatória vinculada aos órgãos genitais, a masturbação da primeira infância, cuja supressão mais ou menos violenta da parte daqueles que estão encarregados da criança põe em ação o complexo de castração. Deve-se presumir que essa masturbação está ligada ao complexo de Édipo e sirva como descarga para a **excitação sexual** que lhe é própria." – p.283;

"Finalmente, a análise nos demonstrou de maneira obscura como o fato de uma criança em idade muito precoce escutar os pais copularem, pode desencadear sua primeira **excitação sexual** e como esse acontecimento pode, devido a seus efeitos posteriores, agir como ponto de partida para todo o **desenvolvimento sexual da criança**." – p.283;

"Todo analista já deparou com certas mulheres que se aferram com intensidade e tenacidade especiais à ligação com o pai e ao desejo, em que esse vínculo culmina, de terem um filho seu. Temos boas razões para supor que a fantasia de desejo foi também a força motivadora de sua masturbação infantil, e é fácil formar a impressão de que, nesse ponto, viemos dar contra um **fato elementar e não analisável da vida sexual infantil**." – p.284;

"O antigo pediatra Lindner [1879] certa vez observou que a criança descobre as zonas genitais (o pênis ou o clitóris) **como fonte de prazer enquanto se entrega ao sugar sensual (sugar do polegar)**." – p.284;

"As consequências da inveja do pênis, na medida em que não é absorvida na formação reativa do complexo de masculinidade, são várias e de grande alcance. Uma mulher, após ter-se dado conta da ferida ao seu narcisismo, desenvolve como cicatriz um sentimento de inferioridade. Quando ultrapassou sua primeira tentativa de explicar sua falta de pênis como uma punição pessoal para si mesma, e compreendeu que **esse caráter sexual é universal**, ela começa a partilhar do desprezo sentido pelos homens por um sexo que é inferior em tão importante

aspecto, e, pelo menos no sustentar dessa opinião, insiste em ser como um homem." – p.286;

"Não obstante, pareceu-me que a masturbação está mais afastada da natureza das mulheres que da dos homens e a solução do problema poderia ser auxiliada pela reflexão de que a masturbação, pelo menos do clitóris, é uma atividade masculina, e que a **eliminação da sexualidade clitoridiana** constitui precondição necessária para o desenvolvimento da feminilidade." – p.287-288;

"Análises do período fálico remoto ensinaram-me hoje que nas meninas, logo após os primeiros sinais de inveja do pênis, manifesta-se uma intensa corrente de sentimento contra a masturbação, a qual não pode ser atribuída exclusivamente à influência educacional daqueles encarregados da criança. Esse impulso é claramente um precursor da onda de repressão que, na puberdade, **extinguirá grande quantidade da sexualidade masculina da menina**, a fim de dar espaço ao desenvolvimento de sua feminilidade. Pode acontecer que essa primeira oposição à atividade autoerótica não logre atingir seu fim. E com efeito, esse foi o caso nos exemplos que analisei. O conflito continuou e na ocasião, como também mais tarde, a menina fez tudo quanto podia para se libertar da compulsão a masturbar-se. Muitas das **manifestações posteriores da vida sexual das mulheres** permanecem ininteligíveis, a menos que esse poderoso motivo seja reconhecido." – p.288;

"A respeito da relação existente entre os complexos de Édipo e de castração, existe um contraste fundamental entre os dois sexos. *Enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração*, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração. Essa contradição se esclarece se refletirmos que o complexo de castração sempre opera no sentido implícito em seu conteúdo: ele inibe e limita a masculinidade e incentiva a feminilidade. A **diferença entre o desenvolvimento sexual dos indivíduos dos sexos masculino e feminino** no estádio que estivemos considerando é uma consequência inteligível da distinção anatômica entre seus órgãos genitais e da situação psíquica aí envolvida; corresponde à diferença entre uma castração que foi executada e outra que simplesmente foi ameaçada. Em suas essências, portanto, nossos achados são evidentes em si mesmos e teria sido possível prevê-los." – p.289;

"O complexo de Édipo, contudo, é uma coisa tão importante que o modo por que o indivíduo nele se introduz e o abandona não pode deixar de ter seus efeitos. Nos meninos (como demonstrei amplamente no artigo a que acabo de me referir [...] e ao qual todas as minhas atuais observações estão estreitamente relacionadas), o complexo não é simplesmente reprimido; é literalmente feito em pedaços pelo choque da castração ameaçada. **Suas catexias libidinais são abandonadas, dessexualizadas, e, em parte, sublimadas**; seus objetos são incorporados ao ego, onde formam o núcleo do superego e fornecem a essa nova estrutura suas qualidades características. Em casos normais, ou melhor, em casos ideais, o complexo de Édipo não existe mais, nem mesmo no inconsciente; o superego se tornou seu herdeiro." – p.289-290;

"De vez que o pênis (para acompanhar Ferenczi [1924]) deve sua catexia narcísica extraordinariamente elevada à sua significação orgânica para a propagação da espécie, a

catástrofe que ocorre no complexo de Édipo (o abandono do incesto e a instituição da consciência e da moralidade) pode ser considerada uma vitória da raça sobre o indivíduo. Isso constitui um ponto de vista interessante quando se considera que a neurose se baseia em uma **luta do ego contra as exigências da função sexual**." – p.290;

"Os traços de caráter que críticos de todas as épocas erigiram contra as mulheres – que demonstram menor senso de justiça que os homens, que estão menos aptas a submeter-se às grandes exigências da vida, que são mais amiúde influenciadas em seus julgamentos por sentimentos de afeição ou hostilidade – todos eles seriam amplamente explicados pela modificação na formação de seu superego que acima inferimos. Não devemos nos permitir ser desviados de tais conclusões pelas negações dos feministas, que estão ansiosos por nos forçar a encarar os dois sexos como completamente iguais em posição e valor; mas, naturalmente, concordaremos de boa vontade que a maioria dos homens também está muito aquém do ideal masculino e que todos os indivíduos humanos, **em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada**, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas, de maneira que a masculinidade e a feminilidade puras permanecem sendo construções teóricas de conteúdo incerto." – p.290;

"Estou inclinado a atribuir algum valor às considerações que apresentei sobre as consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. Estou ciente, contudo, de que essa opinião só pode ser sustentada se meus achados, que se baseiam em um bocado de casos, demonstrarem possuir validade geral e ser típicos. Se não, eles permanecerão não mais que uma contribuição ao nosso conhecimento dos diferentes caminhos pelos quais **a vida sexual se desenvolve**." – p.290-291;

JOSEF-POPPER-LYNKEUS E A TEORIA DOS SONHOS (1923)

Não consta.

DR. SÁNDOR FERENCZI (EM SEU 50 ANIVERSÁRIO) (1923)

Não consta.

PREFÁCIO A *JUVENTUDE DESORIENTADA*, DE AICHHORN (1925)

Não consta.

JOSEF BREUER (1925)

Não consta.

BREVES ESCRITOS

1. **Prefácio a *O método psicanalítico*, de Raymond de Saussure**

"O Dr. de Saussure não apenas estudou conscientemente meus escritos; foi mais além e fez o sacrifício de vir até mim para fazer uma análise que durou vários meses. Isso o colocou em situação de formar seu próprio juízo sobre a maioria daquelas questões em psicanálise ainda não decididas, e de evitar muitas deformações e erros que se costuma encontrar em exposições da psicanálise, tanto francesas quanto alemãs. Sequer deixou ele de contradizer certas afirmações falsas ou negligentes que os comentadores transmitem uns aos outros; por exemplo, a de que todos os sonhos têm um **significado sexual** ou a de que, como penso, a única força motivadora de nossa vida mental é a da **libido sexual**." – p.323;

2. **Prefácio ao *Relatório Sobre a Policlínica Psicanalítica de Berlim (março de 1920 a junho de 1922)*, de Max Etingon (1923)**
   Não consta.

3. **Carta a *Fritz Wittels* (1924[1923])**
   Não consta.

4. **Carta ao Señor Luis Lopes-Ballesteros y de Torres (1923)**
   Não consta.

5. **Carta a Le Disque Vert (1924)**
   Não consta.

6. **Por ocasião da inauguração da Universidade Hebraica (1925)**
   Não consta.

7. **Modificações editoriais na *Zeitschrift* (1924)**
   Não consta.

XVIII. UM ESTUDO AUTOBIOGRÁFICO, INIBIÇÕES, SINTOMAS E ANSIEDADE, ANÁLISE LEIGA E OUTROS TRABALHOS (1925-1926)

Volume 20 (FREUD, 1996r)

UM ESTUDO AUTOBIOGRÁFICO (1925 [1924])

"A teoria da catarse não tinha muito a dizer sobre o **tema da sexualidade**. Nos casos clínicos com que contribuí para os Estudos, **os papéis sexuais** desempenhavam certa função, mas quase não se prestou mais atenção a eles do que a outras excitações emocionais. Breuer escreveu sobre a moça, que desde então se tornou famosa como sua primeira paciente, que sua **faceta sexual** era extraordinariamente não desenvolvida. Teria sido difícil adivinhar pelos Estudos sobre a Histeria a importância que tem a **sexualidade na etiologia das neuroses**." – p.29;

"Aprendi então por experiência própria, a qual aumentava rapidamente, que não era qualquer espécie de excitação emocional que estava em ação por trás dos fenômenos da neurose, mas habitualmente uma **excitação de natureza sexual**, quer fosse um **conflito sexual** comum, quer o efeito de **experiências sexuais anteriores**." – p.30;

"O que ouvi delas permaneceu em estado latente e inativo dentro de mim, até que a

oportunidade de meus experimentos catárticos o trouxe à luz como uma descoberta aparentemente original. Também não estava cônscio de que ao **derivar a histeria da sexualidade** eu estava voltado aos próprios inícios da medicina e acompanhando um pensamento de Platão. Só depois é que vim a saber disso por um ensaio de Havelock Ellis." – p.30;

"Sob a influência de minha surpreendente descoberta, dei então um passo importante. Fui além do domínio da histeria e comecei a investigar a **vida sexual dos chamados neurastênicos**, que costumavam visitar-me em grande número durante minhas horas de consulta. Essa experiência custou-me, é verdade, minha popularidade como médico, mas trouxe-me convicções que hoje em dia, quase trinta anos depois, não perderam nada de sua força. Havia muitos equívocos e mistérios a serem superados, mas, uma vez isto feito, veio a ocorrer que em todos esses pacientes **graves irregularidades da função sexual** se encontravam presentes." – p.31;

"Agora era fácil estabelecer o fato de que cada um desses tipos tinha uma **anormalidade diferente da vida sexual como seu fator etiológico** correspondente: no primeiro, *coitus interruptus*, a excitação não consumada e a **abstinência sexual**, e no segundo, masturbação excessiva e emissões noturnas numerosas demais. Em alguns casos especialmente instrutivos, que haviam revelado surpreendentes alterações no quadro clínico de um tipo para o outro, pôde ser provado que se havia verificado uma mudança correspondente no **regime sexual** subjacente. Se fosse possível pôr termo à irregularidade e permitir que seu lugar fosse ocupado pela **atividade sexual normal**, uma surpreendente melhoria da condição seria a recompensa." – p.31;

"Fui, assim, levado a considerar as neuroses como sendo, sem exceção, **perturbações da função sexual**, sendo as denominadas 'neuroses atuais' a expressão tóxica direta de tais perturbações e as psiconeuroses sua expressão mental. Minha consciência médica sentia-se satisfeita por eu haver chegado a essa conclusão." – p.31;

"O aspecto médico do assunto era, além disso, apoiado pelo fato de que **a sexualidade não era algo puramente mental**. Possuía também uma faceta somática sendo também possível atribuir-lhe processos químicos especiais, e atribuir a **excitação sexual à presença de algumas substâncias específicas**, embora desconhecidas no momento." – p.32;

"Tudo que estou afirmando é que os sintomas desses pacientes não são mentalmente determinados ou removíveis pela análise, mas devem ser considerados como consequências tóxicas diretas de **processos químicos sexuais perturbados**." – p.32;

"Durante os anos que se seguiram à publicação dos Estudos, tendo chegado a essas conclusões sobre o papel desempenhado pela **sexualidade na etiologia das neuroses**, li alguns artigos sobre o assunto perante várias sociedades médicas, mas só me defrontei com incredulidade e contradição. Breuer fez o que pôde, por mais algum tempo, para lançar na balança o grande peso de sua influência pessoal a meu favor, mas nada conseguiu, sendo fácil constatar que

também ele se esquivou de reconhecer a **etiologia sexual das neuroses**. Ele poderia ter-me esmagado ou pelo menos me desconcertado, apontando sua própria primeira paciente, em cujo caso os **fatores sexuais** ostensivamente não haviam de forma alguma desempenhado qualquer papel. Mas nunca o fez, e não pude compreender por que agiu dessa forma, até que vim a interpretar o caso corretamente e a reconstituir, a partir de algumas observações que fizera, a conclusão de seu tratamento desse mesmo caso." – p.32-33;

"Já mencionei que minha investigação das causas precipitantes e subjacentes das neuroses levou-me cada vez com maior frequência a **conflitos entre os impulsos sexuais do indivíduo e suas resistências à sexualidade**. Em minha busca das situações patogênicas, nas quais as **repressões de sexualidade** se haviam estabelecido e nas quais os sintomas, como substitutos do que foi reprimido, tinham tido sua origem, fui levado cada vez mais de volta à vida do paciente e terminei chegando aos primeiros anos de sua infância." – p.38;

"Mas visto que essas experiências da infância sempre se preocuparam com as **excitações sexuais** e a reação contra elas, encontrei-me diante do **fato da sexualidade infantil** – mais uma vez uma novidade e uma contradição de um dos mais acentuados preconceitos humanos. A infância era encarada como 'inocente' e isenta dos intensos desejos do sexo, e não se pensava que a luta contra o **domínio da 'sexualidade'** começasse antes da agitada idade da puberdade. Tais **atividades sexuais** ocasionais, conforme tinha sido impossível desprezar nas crianças, eram postas de lado como indícios de degenerescência ou de depravação prematura, ou como curiosa aberração da natureza. Poucos dos achados da psicanálise tiveram tanta contestação universal ou despertaram tamanha explosão de indignação como a afirmativa de que a **função sexual se inicia no começo da vida** e revela sua presença por importantes indícios mesmo na infância. E contudo nenhum outro achado da análise pode ser demonstrado de maneira tão fácil e completa." – p.38-39;

"Antes de avançar ainda mais na **questão da sexualidade infantil**, devo mencionar um erro no qual incidi por algum tempo e que bem poderia ter tido consequências fatais para todo o meu trabalho. Sob a influência do método técnico que empreguei naquela época, a maioria dos meus pacientes reproduzia de sua infância **cenas nas quais eram sexualmente seduzidos** por algum adulto. Com pacientes do sexo feminino o papel do sedutor era quase sempre atribuído ao pai delas. Eu acreditava nessas histórias e, em consequência, supunha que havia descoberto as raízes da neurose subsequente nessas experiências de **sedução sexual na infância**." – p.39;

"Quando o erro foi esclarecido, o caminho para o estudo da **vida sexual das crianças** estava desvendado. Tornou-se assim possível aplicar a psicanálise a outro campo da ciência e utilizar seus dados como meio de descobrir um novo conhecimento biológico." – p.40;

"A **função sexual**, conforme verifiquei, encontra-se em existência desde o próprio início da vida do indivíduo, embora no começo esteja ligada a outras funções vitais e não se torne independente delas senão depois; ela tem de passar por um longo e complicado processo de desenvolvimento antes de tornar-se aquilo com que estamos familiarizados como sendo a **vida sexual normal do adulto**." – p.40;

"Assim, de início a **função sexual** é não centralizada e predominantemente autoerótica. Depois, começam a surgir sínteses nela; uma primeira fase de organização é alcançada sob o domínio dos componentes orais, e segue-se uma fase anal-sádica, e só depois de a terceira fase ter sido finalmente alcançada é que a **função sexual** começa a servir aos fins de reprodução." – p.40-41;

"Dei o **nome de libido à energia dos instintos sexuais** e somente a essa forma de energia. Fui depois impelido a supor que a libido nem sempre passa pelo seu recomendado curso de desenvolvimento de maneira suave." – p.41;

"Depois, mas ainda nos primeiros anos da infância, a relação conhecida como complexo de Édipo se torna estabelecida: os meninos concentram seus **desejos sexuais** na mãe e desenvolvem impulsos hostis contra o pai, como sendo rival, enquanto adotam atitude análoga. Todas as diferentes variações e consequências do complexo de Édipo são importantes, e a **constituição inatamente bissexual dos seres humanos** faz-se sentir e aumenta o número de tendências simultaneamente ativas. Para as crianças não ficam claras durante muito tempo as diferenças entre os sexos, e durante esse **período de pesquisas sexuais** produzem **teorias sexuais típicas** que, estando circunscritas pelo fato de não estar completo o próprio desenvolvimento físico de seus autores, constituem uma mescla de verdade e erro, e deixam de **solucionar os problemas da vida sexual** (o enigma da Esfinge – isto é, a questão de onde vêm os bebês). Vemos, então, que a primeira escolha de objeto de uma criança é incestuosa. Todo o curso do desenvolvimento que descrevi é percorrido rapidamente, porquanto a feição mais notável da **vida sexual do homem** é seu desencadeamento bifásico, seu desencadeamento em duas ondas, com um intervalo entre elas, que atinge um primeiro clímax no quarto ou quinto ano da vida de uma criança. Mas a partir daí essa **eflorescência prematura da sexualidade desaparece**; os **impulsos sexuais** que mostraram tanta vivacidade são superados pela repressão, e segue-se um período de latência, que dura até a puberdade e durante o qual as formações reativas de moralidade, vergonha e repulsa, são estruturadas. De todas as criaturas vivas somente o homem parece revelar esse **desencadeamento bifásico do crescimento sexual**, e talvez seja ele o determinante biológico de uma predisposição a neuroses. Na puberdade, os impulsos e as relações de objeto dos primeiros anos de uma criança se tornam reanimados e entre eles os laços emocionais do seu complexo de Édipo. Na **vida sexual da puberdade**, verifica-se uma luta entre os anseios dos primeiros anos e as inibições do período de latência. Antes de seu **desenvolvimento sexual infantil**, estabelece-se certa organização genital, mas somente os órgãos genitais do indivíduo masculino desempenham nela seu papel, permanecendo os **órgãos sexuais femininos** não revelados. (Descrevi isso como o período de primazia fálica.)" – p.41-42;

"A fim de tornar mais inteligível esse relato resumido de minhas **descobertas sobre a vida sexual** do homem, enfeixei conclusões às quais cheguei em datas diferentes e que incorporei, à guisa de suplemento ou correção, nas sucessivas edições de minha obra ***Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*** [...]. Espero que tenha sido fácil apreender a natureza de minha ampliação (à qual se atribuiu tanta ênfase e que provocou tanta oposição) do **conceito da sexualidade**. Essa extensão é de natureza dúplice. Em primeiro lugar, a **sexualidade** está divorciada da sua ligação por demais estreita com os órgãos genitais, sendo considerada como uma função

corpórea mais abrangente, tendo o prazer como a sua meta e só secundariamente vindo a servir às finalidades de reprodução. Em segundo lugar, os **impulsos sexuais** são considerados como incluindo todos aqueles impulsos meramente afetuosos e amistosos aos quais o uso aplica a palavra extremamente ambígua de 'amor'." – p.42-43;

"O destacar a **sexualidade dos órgãos genitais** apresenta a vantagem de nos permitir levar as **atividades sexuais das crianças e dos pervertidos** para o mesmo âmbito que o dos adultos normais. As **atividades sexuais das crianças** até agora foram inteiramente desprezadas e, embora as dos pervertidos tenham sido reconhecidas, foram-no com indignação moral e sem compreensão. Encaradas do ponto de vista psicanalítico, mesmo as perversões mais excêntricas e repelentes são explicáveis como manifestações da primazia dos órgãos genitais e que se acham agora em busca do prazer por sua própria conta, como nos primeiros dias do desenvolvimento da libido. A mais importante dessas perversões, a **homossexualidade**, quase não merece esse nome. Ela pode ser remetida à **bissexualidade constitucional de todos os seres humanos** e aos efeitos secundários da primazia fálica. A psicanálise permite-nos apontar para um vestígio ou outro de uma **escolha homossexual** em todos os indivíduos." – p.43;

"A segunda das minhas alegadas extensões do **conceito de sexualidade** encontra sua justificativa no fato revelado pela pesquisa psicanalítica de que todos esses impulsos afetuosos foram originalmente de **natureza sexual**, mas se tornaram inibidos em sua finalidade ou sublimados. A maneira como os **instintos sexuais** podem assim ser influenciados e desviados lhes permite ser empregados para atividades culturais de toda espécie, para as quais, realmente, prestam as mais importantes contribuições." – p.43-44;

"Minhas surpreendentes descobertas quanto à **sexualidade das crianças** foram efetuadas, no primeiro exemplo, mediante a análise de adultos. Mas depois (mais ou menos a partir de 1908) tornou-se possível confirmá-las plenamente e em todos os detalhes por observações diretas em crianças. Na realidade, é tão fácil alguém se convencer das **atividades sexuais regulares**, que não se pode deixar de perguntar, atônito, como a raça humana pode ter conseguido desprezar os fatos e manter por tanto tempo a lenda impregnada de **desejo da assexualidade da infância**. Essa surpreendente circunstância deve estar ligada à amnésia que, na maioria dos adultos, oculta sua própria infância." – p.44;

"As teorias da resistência e da repressão, do inconsciente, da **significância etiológica da vida sexual** e da importância das experiências infantis – tudo isto forma os principais constituintes da estrutura teórica da psicanálise." – p.45;

"A elaboração onírica constitui excelente exemplo dos processos que ocorrem nas camadas mais profundas e inconscientes da mente, que diferem consideravelmente dos processos normais familiares do pensamento. Exibe também grande número de características arcaicas, tais como o uso de um simbolismo (nesse caso de **natureza predominantemente sexual**), o qual desde então tem sido possível descobrir em outras esferas da atividade mental." – p.50;

"Nesse sentido, os sonhos realizam uma parte do que era anteriormente tarefa do hipnotismo. Por outro lado, jamais sustentei a afirmação, tantas vezes a mim atribuída, de que a interpretação de sonhos revela que todos os **sonhos têm um conteúdo sexual ou provêm de forças motoras sexuais**. É fácil ver que a fome, a sede ou a necessidade de excretar podem produzir sonhos de satisfação tão bem quanto qualquer **impulso sexual** ou egoísta reprimido." – p.50;

"Um dos meus antagonistas vangloriava-se de silenciar seus pacientes logo que começavam a falar sobre qualquer coisa de **natureza sexual**, e evidentemente pensava que essa técnica lhe dava o direito de julgar o papel desempenhado pela **sexualidade na etiologia das neuroses**." – p.53;

"Jung tentou dar aos fatos da análise uma nova interpretação de natureza abstrata, impessoal e não histórica, e assim esperava escapar da necessidade de reconhecer a **importância da sexualidade infantil e do complexo edipiano** bem como da necessidade de qualquer análise da infância. Adler parecia afastar-se ainda mais da psicanálise; repudiou inteiramente a **importância da sexualidade**, remeteu a formação tanto do caráter quanto das neuroses unicamente ao desejo dos homens pelo poder e à necessidade de compensarem suas inferioridades constitucionais, lançou todas as descobertas psicológicas aos ventos. Mas o que ele rejeitara forçou sua volta ao seu sistema fechado sob outras designações; o 'protesto masculino' dele não passa da **repressão injustificavelmente sexualizada**." – p.56;

"Após a guerra nossos adversários tiveram o prazer de anunciar que os fatos haviam produzido um argumento conclusivo contra a validade das teses de análise. As neuroses de guerra, disseram eles, haviam provado que os **fatores sexuais eram desnecessários à etiologia de distúrbios neuróticos**." – p.58;

"Portanto, embora em outras ocasiões se tivesse feito a acusação contra a psicanálise de haver ela efetuado uma ampliação injustificável do **conceito de sexualidade**, esse crime, quando se tornou conveniente para fins controvertidos, foi esquecido e ficamos mais uma vez presos ao significado mais estreito do termo." – p.58;

"Devo começar dizendo que a crescente experiência revelava cada vez mais claramente que o complexo edipiano era o núcleo da neurose. Era ao mesmo tempo o **clímax da vida sexual infantil** e o ponto de junção do qual todos os seus desenvolvimentos ulteriores provieram." – p.59;

"Um excelente exemplo da extensão até a qual essa transformação pode ir é proporcionado pelo estado de estar apaixonado, quer de uma **maneira sexual**, quer sublimada, que vai ao ponto de envolver um sacrifício do eu (*self*)." – p.59;

"Mas visto que os instintos de autopreservação foram então reconhecidos como também sendo de natureza libidinal, como sendo libido narcísica, o processo de repressão foi encarado como

um processo que ocorre dentro da própria libido; a libido narcísica opunha-se à libido objetal, o interesse da autopredefendia-se contra as exigências do amor objetal, e portanto contra as **exigências da sexualidade** no sentido mais estreito também. Não há necessidade mais premente na psicologia do que de uma teoria dos instintos firmemente alicerçada, sobre a qual talvez então fosse possível formular outros pontos. Contudo, nada disto existe, e a psicanálise é impelida a envidar esforços especulativos no sentido de tal teoria." – p.60;

"Além disso, quando me esforcei por obter para a **função sexual** o reconhecimento que por tanto tempo fora negado a ela, **a teoria psicanalítica foi tachada de 'pansexualismo'**." – p.61;

"O alto grau em que a psicanálise coincide com a filosofia de Schopenhauer – ele não somente afirma o domínio das emoções e a **suprema importância da sexualidade**, mas também estava até mesmo cônscio do mecanismo da repressão – não deve ser remetido à minha familiaridade com seus ensinamentos." – p.62;

"Embora declarem continuamente que jamais serão psicanalistas, que não pertencem à escola 'ortodoxa' nem concordam com seus exageros, e em particular que não creem no **predomínio do fator sexual**, a maioria dos estudiosos mais jovens lança mão de uma peça ou outra da teoria analítica e a aplica a seu próprio modo ao material." – p.64;

"Meu ponto de partida foi a impressionante correspondência entre as duas ordenações tabus do totemismo (não matar o totem e **não ter relações sexuais com qualquer mulher do mesmo clã do totem**) e os dois elementos do complexo de Édipo (livrar-se do pai e tomar a mãe como esposa)." – p.69;

"É verdade que nessa última década levei a cabo partes importantes de meu trabalho analítico, tais como a revisão do problema da ansiedade em meu livro *Inibições, sintomas e ansiedade* [...] ou a simples **explicação do 'fetichismo' sexual** que fui capaz de fazer um ano depois [...]." – p.75;

INIBIÇÕES, SINTOMAS E ANSIEDADE (1926 [1925])

"Visto que o conceito da inibição se acha tão intimamente associado com o da função, talvez fosse valioso examinar as várias funções do ego com vistas a descobrir as formas que qualquer perturbação dessas funções assume em cada uma das diferentes afecções neuróticas. Tomemos para um estudo comparativo dessa natureza a **função sexual** e as do comer, da locomoção e do trabalho profissional." – p.91;

"(a) **A função sexual** está sujeita a grande número de perturbações, a maioria das quais exibe as características de inibições simples. Estas são classificadas em conjunto como impotência psíquica. O **desempenho normal da função sexual** só pode ocorrer como resultado de um processo muito complicado, podendo surgir distúrbios em qualquer ponto do mesmo. Nos homens as principais fases nas quais a inibição ocorre são reveladas por: um afastamento da

libido no próprio início do processo (desprazer psíquico); ausência do preparo físico para ela (falta de ereção); **abreviação do ato sexual** (*ejaculatio praecox*), ocorrência que pode igualmente ser considerada como um sintoma; uma suspensão do ato antes de haver chegado à sua conclusão natural (ausência de ejaculação); ou o não surgimento do resultado psíquico (falta da sensação de prazer no orgasmo). A partir da **função sexual**, surgem outras perturbações que se tornam dependentes de condições especiais de natureza pervertida ou fetichista." – p.91;

"Que existe uma relação entre a inibição e a ansiedade é algo evidente. Algumas inibições obviamente representam o abandono de uma função porque sua prática produziria ansiedade. Muitas mulheres manifestamente temem a **função sexual**. Classificamos essa ansiedade sob a histeria, do mesmo modo como fazemos em relação ao sintoma defensivo da repulsa que, surgindo originalmente como uma reação preterida à experiência de um **ato sexual passivo**, aparece depois, sempre que a ideia de tal ato é apresentada. Além disso, muitos atos obsessivos vêm a ser medidas de precaução e de segurança contra **experiências sexuais**, sendo assim de natureza fóbica." – p.92;

"Isto não é muito ilustrativo. Podemos apenas observar que as **perturbações da função sexual** são acarretadas por grande variedade de meios. (1) A libido pode simplesmente ser afastada (isto parece produzir, com a maior rapidez, o que consideramos uma inibição pura e simples); (2) a função pode ser executada de forma menos perfeita; (3) pode ser prejudicada por ter condições ligadas a ela, ou modificada pelo desvio para outras finalidades; (4) pode ser impedida por medidas de segurança; (5) se não puder ser impedida desde o início, pode ser imediatamente interrompida pelo aparecimento da ansiedade; e (6) se for, não obstante, levada a efeito, poderá haver uma subsequente reação de protesto contra ela e uma tentativa de desfazer o que foi feito." – p.92;

"Descobriu-se como ato geral que a função do ego de um órgão fica prejudicada se a sua **erotogeneidade** – **sua significação sexual** – for aumentada. Comporta-se, se me permitem uma analogia um tanto absurda, como uma empregada doméstica que se recusa a continuar cozinhando porque o patrão iniciou um caso amoroso com ela. Logo que o escrever, que faz com que um líquido flua de um tubo para um pedaço de papel branco, assume o significado da copulação, ou logo que o andar se torna um substituto simbólico do pisotear o corpo da mãe terra, tanto o escrever como o andar **são paralisados porque representam a realização de um ato sexual proibido**." – p.93;

"Quando o ego se vê envolvido em uma tarefa psíquica particularmente difícil, como ocorre no luto, ou quando se verifica uma tremenda supressão de afeto, ou quando um **fluxo contínuo de fantasias sexuais** tem de ser mantido sob controle, ele perde uma quantidade tão grande de energia à sua disposição que tem de reduzir o dispêndio da mesma em muitos pontos ao mesmo tempo." – p.94;

"O ego é uma organização. Baseia-se na manutenção do livre intercâmbio e da possibilidade de influência recíproca entre todas as suas partes. Sua **energia dessexualizada** ainda revela traços de sua origem em seu impulso para agregar-se e unificar-se, e essa necessidade de síntese torna-

se mais acentuada à proporção que a força do ego aumenta." – p.102;

"Quando criança ele fora **sexualmente excitado por uma fantástica história infantil**, que lhe fora lida em voz alta, sobre um chefe árabe que perseguia um 'homem feito de especiarias' a fim de comê-lo. O menino identificou-se com essa pessoa comestível, tendo o chefe árabe sido facilmente reconhecível como um substituto do pai. Essa fantasia formou o primeiro substrato de suas fantasias autoeróticas." – p.108;

"Não vale a pena negar o fato, embora não seja agradável relembrá-lo, de que em muitas ocasiões afirmei que na repressão o representante instintual é distorcido, deslocado, e assim por diante, enquanto a libido que pertence ao **impulso sexual** é transformada em ansiedade." – p.112;

"A ansiedade sentida em fobias a animais é o medo de castração do ego; enquanto a ansiedade sentida na agorafobia (um assunto que tem sido estudado menos completamente) parece ser seu **medo de tentação sexual** – um medo que, afinal de contas, deve estar vinculado em suas origens ao medo de castração." – p.112;

"Foi enquanto estudava as 'neuroses atuais' numa época em que a análise ainda estava muito longe de distinguir entre processos no ego e processos no id. Constatei que irrupções de ansiedade e um estado geral de preparo para a ansiedade eram produzidos por **certas práticas sexuais** tais como o *coitus interruptus*, a **excitação sexual** não descarregada ou a abstinência forçada – isto é, sempre que a excitação sexual era inibida, presa ou defletida em seu rumo à satisfação. Visto que a **excitação sexual** era uma expressão de i**mpulsos sexuais libidinais**, não parecia ser muito precipitado presumir que a libido era transformada em ansiedade por intermédio dessas perturbações." – p.112-113;

"Podemos tentar fazê-lo supondo que, quando o coito é perturbado ou a **excitação sexual interrompida** ou a abstinência forçada, o ego fareja certos perigos aos quais reage com ansiedade. Mas isto não nos leva a parte alguma." – p.113;

"O advento da puberdade abre um capítulo decisivo na história de uma neurose obsessiva. A organização genital interrompida na infância começa novamente com grande vigor. Mas, como sabemos, o **desenvolvimento sexual na infância** determina qual a direção que tomará esse novo início na puberdade." – p.118-119;

"Em consequência de as tendências eróticas serem disfarçadas dessa forma e devido às poderosas formações reativas no ego, **a luta contra a sexualidade** doravante será levada adiante sob o estandarte de princípios éticos." – p.119;

"O superego por demais rigoroso insiste ainda mais fortemente na **supressão da sexualidade**,

visto esta ter assumido formas tão repelentes.” – p.119;

“‘Tocar’ uma mulher tornou-se um eufemismo para utilizá-la como um **objeto sexual**.” – p.124;

“Começamos por traçar a organização da libido através de suas fases sucessivas – desde a fase oral, através da anal-sádica, até a genital – e, ao fazê-lo, colocamos todos os **componentes do instinto sexual** no mesmo pé de igualdade. Depois pareceu que o sadismo era o representante de outro instinto, que estava oposto a Eros.” – p.125;

“A maior parte daqueles que observaram as neuroses traumáticas que se verificaram durante a última guerra assumiram essa posição e triunfalmente anunciaram que estava prestes a chegar a prova de que uma ameaça ao instinto de autopreservação poderia por si só produzir uma neurose, sem qualquer mescla de **fatores sexuais** e sem exigir qualquer das complicadas hipóteses da psicanálise. De fato, deve-se lamentar muito que não haja uma única análise de valor de uma neurose traumática. E é de lamentar-se, não porque tal análise fosse contradizer a **importância etiológica da sexualidade** – pois qualquer contradição dessa natureza de há muito foi eliminada pela introdução do conceito de narcisismo, que põe a catexia libidinal do ego em harmonia com as catexias objetais e ressalta o caráter libidinal do instinto de autopreservação –, mas porque, na ausência de quaisquer análises dessa espécie, perdemos uma oportunidade preciosíssima de tirar conclusões decisivas sobre as relações entre a ansiedade e a formação de sintomas.” – p.129-130;

“Vemos, então, que não se trata tanto de remontarmos aos nossos primeiros achados, mas de pô-los em harmonia com descobertas mais recentes. Constitui ainda um fato inegável que na **abstinência sexual**, na interferência imprópria no **curso da excitação sexual**, ou se esta for desviada de ser elaborada psiquicamente, a ansiedade surge diretamente da libido; em outras palavras, que o ego fica reduzido a um estado de desamparo em face de uma tensão excessiva devida à necessidade, como ocorreu na situação do nascimento, e que a ansiedade é então gerada.” – p.140-141;

“Na primeira infância o indivíduo realmente não está preparado para dominar psiquicamente as grandes somas de excitação que o alcançam quer de fora, quer de dentro. Além disso, num certo período de vida seu interesse mais importante realmente é que as pessoas das quais ele depende não devem retirar seu carinho dele. Posteriormente, em sua meninice, quando sente que o pai é um poderoso rival no tocante à sua mãe, e se torna cônscio de suas próprias inclinações agressivas para com ele e de **suas intenções sexuais em relação à mãe**, realmente tem justificativa de ter medo do pai; e seu medo de ser punido por este pode encontrar expressão através de reforço filogenético no medo de ser castrado. Finalmente, quando trava relações sociais, realmente lhe é necessário temer seu superego, ter uma consciência; e a ausência desse fator daria margem a conflitos, perigos e assim por diante.” – p.146;

“Deve acontecer, portanto, que certos determinantes da ansiedade sejam abandonados e certas situações de perigo percam seu significado à medida que o indivíduo se torna mais maduro.

Além disso, algumas dessas situações de perigo conseguem sobreviver, alcançando épocas posteriores, e modificam seus determinantes de ansiedade a fim de atualizá-los. Dessa forma, por exemplo, um homem pode reter seu medo de castração à guisa de uma sifilofobia, após ter vindo a saber que não é mais habitual castrar as pessoas por se entregarem a seus **desejos sexuais**, mas que, por outro lado, graves doenças podem sobrevir a qualquer um que se entrega assim a seus instintos." – p.147-148;

"Por outro lado, não posso identificar-me com o ponto de vista de que a teoria de Rank contradiz a **importância etiológica dos instintos sexuais** tal como até agora reconhecidos pela psicanálise, pois sua teoria só tem referência à relação do indivíduo com a situação de perigo, de modo que deixa perfeitamente aberto para nós a suposição de que, se uma pessoa não foi capaz de dominar seus primeiros perigos, ela está destinada a fracassar também em situações ulteriores envolvendo **perigo sexual**, e assim a ser impelida a uma neurose." – p.151;

"Verificamos que a **vida sexual do homem, diferentemente da vida sexual da maioria dos animais** de perto relacionada com ele, não realiza um progresso firme desde o nascimento à maturidade, mas, após uma eflorescência inicial até o quinto ano, sofre uma interrupção bem nítida, e então segue seu curso mais uma vez na puberdade, reatando os inícios interrompidos na primeira infância. Isto levou-nos a supor que algo momentoso deve ter ocorrido nas vicissitudes da espécie humana que deixou para trás essa interrupção no **desenvolvimento sexual do indivíduo** como um precipitado histórico. Esse fator deve seu significado patogênico ao fato de que a maioria das **exigências instintuais dessa sexualidade infantil** são tratadas pelo ego como perigos e desviados como tais, de modo que os **impulsos sexuais ulteriores da puberdade**, que no curso natural das coisas seriam egossintônicos, correm o risco de sucumbir à atração de seus protótipos infantis e de segui-los até a repressão. É aqui que nos defrontamos com a etiologia mais direta das neuroses. É fato curioso que o contato inicial com **as exigências da sexualidade** deve ter efeito sobre o ego semelhante ao produzido pelo contato prematuro com o mundo externo." – p.153-154;

1. ADENDOS

"A opinião sobre a ansiedade que formulei nestas páginas diverge um tanto da que até agora julguei correta. Anteriormente considerei a ansiedade como uma reação geral do ego sob condições de desprazer. Sempre procurei justificar seu aparecimento com base em fundamentos econômicos e presumi, alicerçado em minhas investigações das neuroses 'atuais', que a libido (**excitação sexual**) que era rejeitada ou não utilizada pelo ego encontrava descarga direta sob a forma de ansiedade. Não se pode negar que essas várias asserções não se ajustavam muito bem, ou, seja como for, não decorriam necessariamente umas das outras. Além disso, davam a impressão de haver uma vinculação especialmente estreita entre a ansiedade e a libido e isto não estava conforme ao caráter geral da ansiedade como uma reação ao desprazer." – p.158;

"A objeção a esse ponto de vista surgiu por termos considerado o ego como a sede única da ansiedade. Foi um dos resultados da tentativa de uma divisão estrutural do aparelho mental que fiz em *O Ego e o Id*. Ao passo que o antigo ponto de vista tornava natural supor que a ansiedade decorria da libido pertencente aos impulsos instintuais reprimidos, o novo, pelo contrário, tornava o ego a fonte da ansiedade. Trata-se assim da ansiedade (do id) ou da ansiedade do ego. Visto que **a energia que o ego emprega é dessexualizada**, o novo ponto de vista também

tendia a enfraquecer a estreita ligação entre a ansiedade e a libido. Espero haver pelo menos conseguido tornar clara a contradição e ter apresentado uma ideia nítida do ponto em dúvida." – p.159;

"Mas se a considerarmos, teremos de distinguir diferentes casos. No tocante à ansiedade evocada pelo ego como um sinal, ela não entra em consideração, nem, portanto, em qualquer daquelas situações de perigo que suscitam o ego a provocar repressão. A catexia libidinal do **impulso sexual reprimido** é empregada de outra forma que não a de ser transformada e descarregada como tal – como se verifica de maneira bem clara na histeria de conversão." – p.160;

A QUESTÃO DA ANÁLISE LEIGA (1926)

"Se são homens, verificam ser incapazes de dar expressão física aos seus sentimentos mais ternos para com o sexo oposto, enquanto em relação aos objetos menos amados talvez possam ter todas as reações sob seu domínio. Ou seus **sentimentos sensuais** ligam-nos a pessoas que desprezam e das quais gostariam de livrar-se; ou esses mesmos sentimentos impõem exigências a eles cuja realização eles próprios acham repulsiva. Se são mulheres, sentem-se impedidas pela ansiedade ou repulsa ou por obstruções desconhecidas quanto ao atendimento das **exigências da vida sexual**; ou, se se entregaram ao amor, constatam ter-lhes sido negada a fruição que a natureza proporcionou como recompensa por tal atendimento." – p.184;

"'Bem, geralmente se informa que nas análises os fatos mais íntimos – e os mais sórdidos – da **vida sexual** são trazidos à tona para apreciação em todos os seus detalhes. Se for assim – não fui capaz de depreender dos seus debates psicológicos que seja necessariamente assim – isto seria um forte argumento para que se restringissem esses tratamentos a médicos. Como se poderia sonhar em permitir tais perigosas liberdades a pessoa de cujo caráter não se tivesse qualquer garantia?'" – p.203;

"E deve ser assim, em primeiro lugar porque a análise está inteiramente fundamentada em completa franqueza. As circunstâncias financeiras, por exemplo, são discutidas com igual detalhe e imparcialidade: dizem-se coisas que são ocultadas de qualquer cidadão, mesmo se ele não for concorrente ou um coletor de impostos. Não discutirei – na realidade, eu próprio insistirei com energia – que essa obrigação à imparcialidade também impõe grave responsabilidade moral ao analista. E deve ser assim, em segundo lugar, porque os **fatores da vida sexual desempenham um papel extremamente importante**, dominante e talvez mesmo específico entre as causas e fatores precipitantes das doenças neuróticas." – p.204;

"Ele não lhe diz antecipadamente: 'Estaremos lidando com as **intimidades de sua vida sexual**!' Ele lhe permite que comece o que tem a dizer onde lhe aprouver, e tranquilamente aguarda até que **o próprio paciente aborde fatos sexuais**." – p.204;

"Estou cônscio, naturalmente, de que **nosso reconhecimento da sexualidade** se tornou – quer confessadamente, quer não – o motivo mais forte da hostilidade de outras pessoas em relação à

análise.” – p.204;

“Numa época em que a psicanálise foi solenemente levada a julgamento perante as sociedades cultas da Alemanha – hoje as coisas se tornaram inteiramente mais tranquilas –, um dos oradores alegou possuir autoridade peculiar porque, assim disse ele, chegou mesmo a permitir que seus pacientes falassem: para finalidades de diagnósticos, claramente e para pôr à prova as asserções dos analistas. ‘Mas’, acrescentou ele, ‘se começarem a falar sobre **assuntos sexuais** fecho-lhes as bocas.’ Que pensa disto como um método de demonstração? A sociedade erudita aplaudiu o orador calorosamente em vez de sentir-se, com razão, envergonhada do seu relato.” – p.204;

“Anos depois alguns daqueles que na época tinham sido meus partidários cederam à necessidade de libertar a sociedade humana do **julgo da sexualidade** que a psicanálise estava procurando impor-lhe. Um deles explicou que **o que é sexual não significa absolutamente sexualidade**, mas algo mais, algo abstrato e místico. E outro chegou a declarar que **a vida sexual** é meramente uma das esferas na qual os seres humanos procuram por uma ação sua necessidade imperiosa de poder e dominação. Eles têm sido acolhidos com grandes aplausos, pelo menos no momento.” – p.205;

“‘Aventurar-me-ei de certa maneira, dessa vez, a tomar partido neste ponto. Surpreendi-me como sendo extremamente ousado afirmar que a **sexualidade não é necessidade natural** e primitiva dos seres vivos, mas uma expressão de algo mais. Só se precisa considerar o exemplo dos animais.’” – p.205;

“Isto não faz diferença alguma. Não há qualquer mistura, por mais absurda, que a sociedade de bom grado não esteja disposta a engolir se for anunciada como um antídoto à temida **predominância da sexualidade**.” – p.205;

“Confesso, além disso, que a aversão que o senhor mesmo tem traído de atribuir ao **fator da sexualidade um papel tão relevante na causação da neurose** – confesso que isto quase não me parece compatível com a sua tarefa como uma Pessoa Imparcial.” – p.205;

“Porque essa outra pessoa não teria pensado em nada diferente do senhor. Mas se ela tivesse sido preparada desde o começo para reconhecer a **importância da vida sexual**, todos teriam exclamado: ‘Ora, essa não é nenhuma Pessoa Imparcial, é um dos seus partidários!’ Não, estou longe de abandonar a expectativa de ser capaz de influenciar suas opiniões. Devo admitir, contudo, que do meu ponto de vista essa situação é diferente daquela com a qual lidamos antes.” – p.205;

“No tocante aos nossos debates psicológicos, trata-se para mim de uma questão de indiferença se o senhor acredita ou não em mim, contanto somente que tenha a impressão de que aquilo que nos preocupa são problemas puramente psicológicos. Mas aqui, quanto à **questão da**

sexualidade, deveria não obstante contentar-me se o senhor fosse acessível à compreensão de que seu motivo mais forte de contradição é precisamente a arraigada hostilidade de que partilha com tantas outras pessoas." – p.205;

"A **vida sexual** não é simplesmente algo apimentado; constitui também sério problema científico. Muito havia de novo a ser aprendido sobre ela, muitas coisas estranhas a serem explicadas. Acabo de dizer-lhe que a análise tem de remontar aos primeiros anos da infância do paciente, porque foi então que ocorreram as repressões decisivas, enquanto seu ego era débil. Mas certamente **na infância não existe qualquer vida sexual**?" – p.206;

"Temos de aprender que os **impulsos instintuais sexuais** acompanham a vida a partir do nascimento, sendo precisamente a fim de desviar esses instintos que o ego infantil institui repressões. Uma coincidência notável, não é? que as criancinhas já devem estar lutando contra a **força da sexualidade**, do mesmo modo como o orador da sociedade erudita iria fazer depois, e posteriormente ainda meus seguidores que estabeleceram suas próprias teorias." – p.206;

"A explicação geral seria que nossa civilização se acha inteiramente estruturada às expensas da **sexualidade**; mas há muito mais a ser dito sobre o assunto." – p.206;

"A **descoberta da sexualidade infantil** é uma daquelas das quais temos motivo de nos sentirmos envergonhados [por causa de sua evidência]." – p.206;

"A **vida sexual das crianças** naturalmente é diferente da dos adultos. A **função sexual**, desde seus primórdios até a forma definitiva na qual nos é tão familiar, passa por um complicado processo de desenvolvimento." – p.206;

"Se depois surgirem obstáculos ao exercício da **função sexual**, o **anseio sexual** – a libido, como o denominamos – é capaz de retornar a esses pontos mais antigos de fixação. O estado da **sexualidade das crianças** e de suas transformações até a maturidade também nos deu a chave de uma compreensão do que se conhece como as **perversões sexuais**, que as pessoas sempre costumavam descrever com todos os sinais indispensáveis de repulsa, mas cuja origem jamais foram capazes de explicar. Todo o tópico é de interesse incomum, mas para as finalidades de nossa conversa não faz muito sentido dizer-lhe mais a respeito do mesmo." – p.207;

"Depois de tudo isto, ainda não posso formar um **quadro da vida sexual das crianças**." – p.207;

"Então abordarei ainda mais o assunto; seja como for, não me é fácil afastar-me dele. Dir-lhe-ei, então, que o fato mais notável sobre a **vida sexual das crianças**, segundo me parece, passa por todo seu desenvolvimento mais amplo nos cinco primeiros anos de vida. A partir desse ponto até a puberdade estende-se o que se conhece como período de latência. Durante ele a

sexualidade normalmente não avança mais; pelo contrário, os **anseios sexuais** diminuem de vigor e são abandonadas e esquecidas muitas coisas que a criança fazia e conhecia. Nesse período da vida, depois que a **primeira eflorescência da sexualidade** feneceu, surgem atitudes do ego como a vergonha, a repulsa e a moralidade, que estão destinadas a fazer frente à tempestade ulterior da puberdade e a alicerçar o **caminho dos desejos sexuais** que se vão despertando. Esse 'desencadeamento bifásico', como é denominado, da **vida sexual** muito tem a ver com a gênese das doenças neuróticas. Parece ocorrer somente nos seres humanos, e talvez seja um dos determinantes do privilégio humano de tornar-se neurótico. A **pré-história da vida sexual** foi tão desprezada antes da psicanálise como, em outro setor, os antecedentes da vida mental consciente." – p.207-208;

"Há muito a dizer, com relação ao que nossas expectativas não nos prepararam, sobre o conteúdo, manifestações e realizações desse **período inicial da sexualidade**. Por exemplo, o senhor sem dúvida ficará surpreendido em saber como amiúde meninos de pouca idade têm medo de ser devorados pelo pai. (E talvez também se surpreenda por eu incluir esse medo entre os **fenômenos da vida sexual**)." – p.208;

"Esta é a oportunidade de assegurar-lhe que foi somente através do **conhecimento da sexualidade infantil** que se tornou possível compreender a mitologia e o mundo dos contos de fadas. Aqui então algo foi alcançado como um subproduto de estudos analíticos." – p.208;

"O senhor ficará não menos surpreendido em saber que as crianças do sexo masculino sofrem do medo de ser roubadas do seu **órgão sexua**l pelo pai, de modo que esse medo de ser castrado exerce poderosíssima influência sobre o desenvolvimento do seu caráter e na decisão do rumo a ser seguido por sua **sexualidade**." – p.208;

"Se o senhor se tiver sentido inclinado a supor que tudo o que a psicanálise informa sobre a **sexualidade inicial das crianças** provém da imaginação perturbada dos analistas, deve pelo menos admitir que sua imaginação criou o mesmo produto que as atividades imaginativas do homem primitivo, cujos mitos e contos de fadas são o precipitado." – p.208;

"Outra **característica da sexualidade infantil** inicial é que o **órgão sexual feminino** propriamente dito ainda não desempenha nela qualquer papel: a criança ainda não o descobriu. A ênfase recai inteiramente no órgão masculino, todo o interesse da criança está dirigido para a questão de se ele se acha presente ou não. Sabemos menos acerca da **vida sexual** de meninas do que de meninos. Mas não é preciso envergonharmo-nos dessa distinção; afinal de contas, a **vida sexual das mulheres adultas** é um 'continente negro' para a psicologia. Mas aprendemos que as meninas sentem profundamente falta de um **órgão sexual** que seja igual em valor ao masculino; elas se consideram por causa disso inferiores, e essa 'inveja do pênis' é a origem de todo um grande número de reações femininas características." – p.209;

"Também é característico das crianças que suas duas necessidades excretórias sejam catexizadas [carregadas] de **interesse sexual**, que é mais uma vez obliterado na prática de fazer

chistes. Para nós pode parecer um fato desagradável, mas leva muito tempo para que as crianças desenvolvam sentimentos de repugnância." – p.209;

"Nada, contudo, merece mais atenção do que o fato de as crianças regularmente dirigirem seus **desejos sexuais** para os seus parentes mais próximos – em primeiro lugar, portanto, para o pai e a mãe, e depois para seus irmãos e irmãs. O primeiro objeto do amor de um menino é sua mãe, e de uma menina seu pai (exceto até onde uma **disposição bissexual inata** favorece a presença simultânea da atitude contrária). Sente-se o outro genitor como um rival perturbador, e não infrequentemente é encarado com forte hostilidade." – p.209;

"É fácil ver que a criança jamais adivinha os **fatos reais das relações sexuais**; ela os substitui por outras ideias oriundas de sua própria experiência e sentimentos." – p.209;

"Com o término do **período sexual inicial** ele deve normalmente ser abandonado, deve desintegrar-se radicalmente e ser transformado, estando os resultados dessa transformação destinados a importantes funções na vida mental ulterior." – p.210;

"'Eu poderia considerar erroneamente que o senhor tivesse tentado ocultar de mim tudo isso sobre a **sexualidade infantil**. Parece-me muitíssimo interessante, particularmente por causa de sua ligação com a pré-história humana.'" – p.211;

"'Agora me diga, então, que certeza pode o senhor oferecer para os seus achados analíticos sobre a **vida sexual das crianças**? Sua convicção baseia-se unicamente em pontos de concordância com a mitologia e a história?' Oh, de modo algum. Ela tem como base a observação direta. O que aconteceu foi isto. Tínhamos começado por inferir o **conteúdo da infância sexual** a partir da análise de adultos – isto é, cerca de vinte a quarenta anos depois." – p.211;

"As crianças têm uma mente muito ativa nessa idade; seu **período sexual prematuro** é também um período de florescimento intelectual." – p.211;

"Primeiramente, impressões capazes de influenciar permanentemente a **vida sexual** que desabrocha da criança – tais como **observações de atividades sexuais entre adultos**, ou **experiências sexuais** suas com um adulto ou outra criança (fatos que não são raros); ou, ainda, o ouvir por acaso conversas, compreendidas na época ou retrospectivamente, das quais a criança pensou poder tirar conclusões sobre assuntos misteriosos ou fantásticos; ou, ainda, observações ou ações da própria criança que dão prova de atitudes significativas de efeito ou inimizade para com outras pessoas. É de especial importância numa análise induzir uma lembrança da **atividade sexual** esquecida do próprio paciente como criança e também da intervenção dos adultos que acabaram com a mesma." – p.213;

"'Isso me dá a oportunidade de trazer à baila uma pergunta que há muito desejava formular. Qual é, então, a natureza dessa **'atividade sexual' das crianças** numa tenra idade, que, como o senhor diz, foi desprezada antes dos dias da análise?'" – p.213;

"Constitui um fato estranho que a parte regular e essencial dessa **atividade sexual** não tenha sido desprezada. Ou antes, ela não é de forma alguma estranha, pois foi impossível desprezá-la. Os **impulsos sexuais das crianças** encontram suas principais expressões na autogratificação pela fricção de seus próprios órgãos genitais, ou, mais precisamente, da porção masculina deles." – p.213;

"Nós temos um problema mais importante diante de nós. Que atitude devemos adotar em relação à **atividade sexual da primeira infância**? Sabemos a responsabilidade na qual estamos incorrendo se a suprimirmos; mas não nos aventuramos a deixá-la seguir seu curso sem restrição. Entre as raças num baixo nível de civilização, e entre as camadas inferiores das raças civilizadas, a **sexualidade das crianças** parece ter recebido livre rédea. Isso provavelmente oferece poderosa proteção contra o subsequente desenvolvimento de neuroses no indivíduo." – p.213-214;

"Mas se os interesses que são estimulados pelo estudo da **vida sexual dos neuróticos** criam uma atmosfera favorável ao estímulo da lascívia – isso é uma questão que eu me aventuro a deixar ao seu próprio julgamento." – p.214;

"O senhor deseja demonstrar-me que espécie de conhecimento se faz necessário a fim de praticar a análise, de modo que eu possa ser capaz de julgar se somente os médicos devem ter o direito de praticá-la. Bem, até agora surgiu muito pouco que tem a ver com a medicina: muito de psicologia e um pouco de **biologia ou de ciência sexual**." – p.215;

"O amor do paciente não se satisfaz com ser obediente; torna-se exigente, exige **satisfações afetuosas e sensuais**, exclusivismo, torna-se ciumento e revela cada vez mais claramente seu lado oposto, sua disposição de tornar-se hostil e vingativo se não puder alcançar seus fins. Ao mesmo tempo, como todo o apaixonar-se, expulsa todo o outro material mental; extingue o interesse pelo tratamento e recuperação – em suma, não pode haver dúvida alguma de que tomou o lugar da neurose e que nosso trabalho teve o resultado de eliminar uma forma de doença por outra." – p.222;

"Nossa convicção de que uma parte da vida erótica que tenha sido anormalmente empregada se acha na base das neuroses deve ser inabalavelmente fortalecida por essa experiência. Com essa descoberta estamos mais uma vez numa posição firme e podemos aventurar-nos a tornar esse próprio amor objeto de análise. E podemos fazer outra observação. O amor analítico não se manifesta em todos os casos tão clara e ruidosamente como tentei descrevê-lo. Por que não? Logo poderemos ver. À medida que as **facetas puramente sensuais e hostis do seu amor** tentam revelar-se, a oposição do paciente a elas é despertada." – p.222-223;

“Existem casos nos quais não podemos dominar a transferência desencadeada e a análise tem de ser interrompida; mas devemos pelo menos ter lutado com os espíritos maus com o máximo de nossas forças. Ceder às exigências da transferência, atender aos desejos do paciente no sentido de **satisfação afetuosa e sensual**, é não só com justiça proibido por considerações morais como também é inteiramente ineficaz como um método técnico para alcançar a finalidade da análise.” – p.223;

“Mas qualquer um que tenha sido analisado, que tenha dominado o que pode ser ensinado em nossos dias sobre a psicologia do inconsciente, que esteja familiarizado com a **ciência da vida sexual**, que tenha aprendido a delicada técnica da psicanálise, a arte da interpretação, de combater resistências e de lidar com a transferência – qualquer um que tenha realizado tudo isso não é mais um leigo no campo da psicanálise.” – p.224-225;

“Sob o fardo extraordinário desse período da infância – temos em poucos anos de abarcar a enorme distância de desenvolvimento entre os homens primitivos da idade da pedra e os participantes da civilização contemporânea, e, ao mesmo tempo e em particular, temos de desviar **os impulsos instintuais do período sexual inicial** –, sob esse fardo, portanto, nosso ego procura refúgio na repressão e fica exposto a uma neurose da infância, cujo precipitado ele carrega consigo até a maturidade como uma disposição a uma doença nervosa ulterior. Tudo agora depende de como o organismo em crescimento é tratado pelo destino.” – p.237;

“Como o que pode ser denominado de causas normais da doença neurótica, já conhecemos a debilidade do ego infantil, a tarefa de lidar com os **primeiros impulsos sexuais** e os efeitos das experiências mais ou menos fortuitas da infância.” – p.237;

“Se – o que pode parecer fantástico hoje em dia – alguém tivesse de fundar uma faculdade de psicanálise, nesta teria de ser ensinado muito do que já é lecionado pela escola de medicina: juntamente com a psicologia profunda, que continua sempre como a principal disciplina, haveria uma introdução à biologia, o máximo possível de **ciência da vida sexual** e familiarização com a sintomatologia da psiquiatria.” – p.241;

PSICANÁLISE (1926 [1925])

1. TEMA DA PSICANÁLISE

“O principal campo de sua aplicação são as neuroses mais brandas – histeria, fobias e estados obsessivos; e nas malformações do caráter e **inibições ou anormalidades sexuais** ela também pode trazer acentuadas melhorias ou mesmo recuperações. Sua influência sobre a demência precoce e a paranoia é duvidosa; por outro lado em circunstâncias favoráveis pode lidar com estados depressivos, mesmo se forem de tipo grave.” – p.260;

“[...] teoria analítica baseia-se em três pedras angulares: o reconhecimento da (1) ‘repressão’, da (2) **importância do instinto sexual** e da (3) ‘transferência’.” – p.262;

"(2) Por motivos culturais, a repressão mais intensa incide sobre os **instintos sexuais**; mas é precisamente em relação com eles que a repressão mais facilmente falha, de modo que se verifica que os sintomas neuróticos são **satisfações substitutivas da sexualidade reprimida**. A crença de que no homem a **vida sexual** começa apenas na puberdade é incorreta. Pelo contrário, sinais dela podem ser detectados desde o começo da existência extrauterina; ela atinge um primeiro ponto culminante no ou antes do quinto ano ('período primitivo'), depois do qual fica inibida ou interrompida ('período de latência') até a idade da puberdade, que é o segundo clímax do seu desenvolvimento. Esse **desencadeamento bifásico do desenvolvimento sexual** parece ser distintivo do gênero Homo. Todas as experiências durante o primeiro período da infância são da maior importância para o indivíduo e em combinação com sua **constituição sexual herdada** foram as disposições para o desenvolvimento subsequente do caráter e da doença. É errôneo fazer a **sexualidade** coincidir com a 'genitalidade'! Os **instintos sexuais** passam por um complicado curso de desenvolvimento, e só no fim deste é que a 'primazia das zonas genitais' é alcançada." – p.263;

2. A HISTÓRIA EXTERNA DA PSICANÁLISE

"As razões dessa hostilidade iriam ser encontradas, do ponto de vista médico, no fato de que a psicanálise dá ênfase a fatores psíquicos, e, do ponto de vista filosófico, na suposição do conceito da atividade mental inconsciente como sendo um postulado fundamental; mas a razão mais forte foi, indubitavelmente, a indisposição geral da humanidade em conceder ao **fator da sexualidade** a importância que lhe é atribuída pela psicanálise." – p.264-265;

DISCURSO PERANTE A SOCIEDADE DOS B'NAI B'RITH (1941 [1926])

Não consta.

BREVES ESCRITOS (1926)

1. Karl Abraham

Não consta.

2. A Romain Rolland

Não consta.

3. Nota Preambular a um artigo de E. Pickworth Farrow

Não consta.

XIX. O FUTURO DE UMA ILUSÃO, O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO E OUTROS TRABALHOS (1927-1931)

Volume 21 (FREUD, 1996s)

O FUTURO DE UMA ILUSÃO (1927)

"As duas tendências da civilização não são independentes uma da outra; em primeiro lugar, porque as relações mútuas dos homens são profundamente influenciadas pela quantidade de satisfação instintual que a riqueza existente torna possível; em segundo, porque,

individualmente, um homem pode, ele próprio, vir a funcionar como riqueza em relação a outro homem, na medida em que a outra pessoa faz uso de sua capacidade de trabalho ou o escolha como **objeto sexual**; em terceiro, ademais, porque todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização, embora se suponha que esta constitui um objeto de interesse humano universal." – p.15;

"Há incontáveis pessoas civilizadas que se recusam a cometer assassinato ou a praticar incesto, mas que não se negam a satisfazer sua avareza, seus impulsos agressivos ou seus **desejos sexuais**, e que não hesitam em prejudicar outras pessoas por meio da mentira, da fraude e da calúnia, desde que possam permanecer impunes; isso, indubitavelmente, foi sempre assim através de muitas épocas da civilização." – p.21-22;

"Já falamos da hostilidade para com a civilização, produzida pela pressão que esta exerce, pelas renúncias do instinto que exige. Se se imaginarem suspensas as suas proibições – se, então, se pudesse tomar a mulher que se quisesse como **objeto sexual**; se fosse possível matar sem hesitação o rival ao amor dela ou qualquer pessoa que se colocasse no caminho, e se, também, se pudesse levar consigo qualquer dos pertences de outro homem sem pedir licença –, quão esplêndida, que sucessão de satisfações seria a vida!" – p.25;

"Quando digo que todas essas coisas são ilusões, devo definir o significado da palavra. Uma ilusão não é a mesma coisa que um erro; tampouco é necessariamente um erro. A crença de Aristóteles de que os insetos se desenvolvem do esterco (crença a que as pessoas ignorantes ainda se aferram) era um erro; assim como a crença de uma geração anterior de médicos de que a *tabes dorsalis* constitui **resultado de excessos sexuais**. Seria incorreto chamar esses erros de ilusões. Por outro lado, foi uma ilusão de Colombo acreditar que descobrira um novo caminho marítimo para as Índias. O papel desempenhado por seu desejo nesse erro é bastante claro. Pode-se descrever como ilusão a asserção feita por certos nacionalistas de que a raça indo-germânica é a única capaz de civilização, ou a crença, que só foi destruída pela psicanálise, de que as **crianças são criaturas sem sexualidade**. O que é característico das ilusões é o fato de derivarem de desejos humanos." – p.40;

"Mas não esperamos por um desenvolvimento desse tipo; introduzimo-la às doutrinas da religião numa idade em que nem está interessada nelas nem é capaz de apreender sua significação. Não é verdade que os dois principais pontos do programa de educação infantil atualmente consistem no retardamento do **desenvolvimento sexual** e na influência religiosa prematura? Dessa maneira, à época em que o intelecto da criança desperta, as doutrinas da religião já se tornaram inexpugnáveis." – p.56;

"Como podemos esperar que pessoas que estão sob domínio de proibições de pensamento atinjam o ideal psicológico, o primado da inteligência? Você sabe também que se diz que em geral as mulheres padecem de 'debilidade mental fisiológica', isto é, de uma inteligência inferior à dos homens. O fato em si é discutível, e sua interpretação, duvidosa; contudo, um argumento em favor de essa atrofia intelectual ser de natureza secundária é o de que as mulheres vivem penando sob o rigor de uma proibição precoce que as impede de voltarem seus

pensamentos para o que mais lhes interessaria, isto é, os problemas da **vida sexual**. Enquanto os primeiros anos da vida de uma pessoa forem influenciados não só por uma **inibição sexual mental**, mas também por uma inibição religiosa, e por uma inibição leal derivada desta última, não podemos realmente dizer a que ela se assemelha." – p.57;

O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO (1930 [1929])

"Uma atitude psíquica desse tipo chega de modo bastante natural a todos nós; uma das formas através da qual o amor se manifesta – **o amor sexual** – nos proporcionou nossa mais intensa experiência de uma transbordante sensação de prazer, fornecendo-nos assim um modelo para nossa busca da felicidade." – p.90;

"A psicanálise, infelizmente, também pouco encontrou a dizer sobre a beleza. O que parece certo é sua derivação do campo do **sentimento sexual**. O amor da beleza parece um exemplo perfeito de um impulso inibido em sua finalidade. 'Beleza' e 'atração' são, originalmente, **atributos do objeto sexual**. Vale a pena observar que os próprios órgãos genitais, cuja visão é sempre excitante, dificilmente são julgados belos; a qualidade da beleza, ao contrário, parece ligar-se a certos **caracteres sexuais secundários**." – p.90-91;

"Em que consiste a vantagem de reduzir a mortalidade infantil, se é precisamente essa redução que nos impõe a maior coerção na geração de filhos, de tal maneira que, considerando tudo, não criamos mais crianças do que nos dias anteriores ao reino da higiene, ao passo que, ao mesmo tempo, criamos condições difíceis para nossa **vida sexual no casamento** e provavelmente trabalhamos contra os efeitos benéficos da seleção natural? Enfim, de que nos vale uma vida longa se ela se revela difícil e estéril em alegrias, e tão cheia de desgraças que só a morte é por nós recebida como uma libertação?" – p.95;

"Resta avaliar o último, mas decerto não o menos importante, dos aspectos característicos da civilização: a maneira pela qual os relacionamentos mútuos dos homens, seus relacionamentos sociais, são regulados – relacionamentos estes que afetam uma pessoa como próximo, como fonte de auxílio, **como objeto sexual de outra pessoa**, como membro de uma família e de um Estado. Aqui, é particularmente difícil manter-se isento de exigências ideais específicas e perceber aquilo que é civilizado em geral." – p.102;

"Pode-se supor que a formação de famílias deveu-se ao fato de ter ocorrido um momento em que a necessidade de satisfação genital não apareceu mais como um hóspede que surge repentinamente e do qual, após a partida, não mais se ouve falar por longo tempo, mas que, pelo contrário, se alojou como um inquilino permanente. Quando isso aconteceu, o macho adquiriu um motivo para conservar a fêmea junto de si, ou, em termos mais gerais, **seus objetos sexuais**, a seu lado, ao passo que a fêmea, não querendo separar-se de seus rebentos indefesos, viu-se obrigada, no interesse deles, a permanecer com o macho mais forte. Na família primitiva, falta ainda uma característica essencial da civilização." – p.106-107;

"A vida comunitária dos seres humanos teve, portanto, um fundamento duplo: a compulsão

para o trabalho, criada pela necessidade externa, e o poder do amor, que fez o homem relutar em **privar-se de seu objeto sexual** – a mulher – e a mulher, em privar-se daquela parte de si própria que dela fora separada – seu filho. Eros e Ananke [Amor e Necessidade] se tornaram os pais também da civilização humana." – p.107;

"Antes de continuarmos a indagar sobre de que direção uma interferência poderia surgir, o reconhecimento do amor como um dos fundamentos da civilização pode servir de pretexto para uma digressão que nos capacitará a preencher uma lacuna por nós deixada num exame anterior [...]. Mencionáramos então que a descoberta feita pelo homem de que o **amor sexual (genital)** lhe proporcionava as mais intensas experiências de satisfação, fornecendo-lhe, na realidade, o protótipo de toda felicidade, deve ter-lhe sugerido que continuasse a buscar a satisfação da felicidade em sua vida seguindo **o caminho das relações sexuais** e que tornasse o erotismo genital o ponto central dessa mesma vida. Prosseguimos dizendo que, fazendo assim, ele se tornou dependente, de uma forma muito perigosa, de uma parte do mundo externo, isto é, de seu objeto amoroso escolhido, expondo-se a um sofrimento extremo, caso fosse rejeitado por esse objeto ou o perdesse através da infidelidade ou da morte. Por essa razão, os sábios de todas as épocas nos advertiram enfaticamente contra tal modo de vida; apesar disso, ele não perdeu seu atrativo para grande número de pessoas." – p.108;

"Fazem-se necessárias, porém, alterações mentais de grande alcance na função do amor antes que isso possa acontecer. Essas pessoas se tornam independentes da aquiescência de seu objeto, deslocando o que mais valorizam do ser amado para o amar; protegem-se contra a perda do objeto, voltando seu amor, não para objetos isolados, mas para todos os homens, e, do mesmo modo, evitam as incertezas e as decepções do amor genital, desviando-se de seus **objetivos sexuais** e transformando o instinto num impulso com uma *finalidade inibida*." – p.108;

"O amor que fundou a família continua a operar na civilização, tanto em sua forma original, em que não renuncia à **satisfação sexual direta**, quanto em sua forma modificada, como afeição inibida em sua finalidade. Em cada uma delas, continua a realizar sua função de reunir consideráveis quantidades de pessoas, de um modo mais intensivo do que o que pode ser efetuado através do interesse pelo trabalho em comum." – p.109;

"As pessoas dão o nome de 'amor' ao relacionamento entre um homem e uma mulher cujas necessidades genitais os levaram a fundar uma família; também dão esse nome aos sentimentos positivos existentes entre pais e filhos, e entre os irmãos e as irmãs de uma família, embora *nós* sejamos obrigados a descrever isso como 'amor inibido em sua finalidade' ou 'afeição'. O amor com uma finalidade inibida foi de fato, originalmente, **amor plenamente sensual**, e ainda o é no inconsciente do homem. Ambos – o **amor plenamente sensual** e o amor inibido em sua finalidade – estendem-se exteriormente à família e criam novos vínculos com pessoas anteriormente estranhas. O amor genital conduz à formação de novas famílias, e o amor inibido em sua finalidade, a 'amizades' que se tornam valiosas, de um ponto de vista cultural, por fugirem a algumas das limitações do amor genital, como, por exemplo, à sua exclusividade. No decurso do desenvolvimento, porém, a relação do amor com a civilização perde sua falta de ambiguidade. Por um lado, o amor se coloca em oposição aos interesses da civilização; por outro, esta ameaça o amor com restrições substanciais." – p.109;

"As mulheres representam os interesses da família e da **vida sexual**. O trabalho de civilização tornou-se cada vez mais um assunto masculino, confrontando os homens com tarefas cada vez mais difíceis e compelindo-os a executarem sublimações instintivas de que as mulheres são pouco capazes. Já que o homem não dispõe de quantidades ilimitadas de energia psíquica, tem de realizar suas tarefas efetuando uma distribuição conveniente de sua libido. Aquilo que emprega para finalidades culturais, em grande parte o extrai das mulheres e da **vida sexual**. Sua constante associação com outros homens e a dependência de seus relacionamentos com eles o alienam inclusive de seus deveres de marido e de pai. Dessa maneira, a mulher se descobre relegada a segundo plano pelas exigências da civilização e adota uma atitude hostil para com ela." – p.110;

"A tendência por parte da civilização em restringir a **vida sexual** não é menos clara do que sua outra tendência em ampliar a unidade cultural. Sua primeira fase, totêmica, já traz com ela a proibição de uma escolha incestuosa de objeto, o que constitui, talvez, a mutilação mais drástica que a vida erótica do homem em qualquer época já experimentou. Os tabus, as leis e os costumes impõem novas restrições, que influenciam tanto homens quanto mulheres. Nem todas as civilizações vão igualmente longe nisso, e a estrutura econômica da sociedade também influencia a quantidade de **liberdade sexual** remanescente. Aqui, como já sabemos, a civilização está obedecendo às leis da necessidade econômica, visto que uma grande quantidade da energia psíquica que ela utiliza para seus próprios fins tem de ser **retirada da sexualidade**. Com relação a isso, a **civilização se comporta diante da sexualidade** da mesma forma que um povo, ou uma de suas camadas sociais, procede diante de outros que estão submetidos à sua exploração." – p.110-111;

"O temor a uma revolta por parte dos elementos oprimidos a conduz à utilização de medidas de precaução mais estritas. Um ponto culminante nesse desenvolvimento foi atingido em nossa civilização ocidental europeia. Uma comunidade cultural acha-se, do ponto de vista psicológico, perfeitamente justificada em começar por proscrever as manifestações da **vida sexual das crianças**, pois não haveria perspectiva de **submeter os apetites sexuais dos adultos**, se os fundamentos para isso não tivessem sido lançados na infância." – p.111;

"Quanto ao **indivíduo sexualmente maduro**, a escolha de um **objeto restringe-se ao sexo oposto**, estando as satisfações extragenitais, em sua maioria, proibidas como perversão. A exigência, demonstrada nessas proibições, de que haja um **tipo único de vida sexual** para todos, não leva em consideração as dessemelhanças, inatas ou adquiridas, na **constituição sexual** dos seres humanos; cerceia, em bom número deles, o **gozo sexual**, tornando-se assim fonte de grave injustiça. O resultado de tais medidas restritivas poderia ser que, nas pessoas normais – que não se acham impedidas por sua constituição –, a totalidade dos seus **interesses sexuais** fluísse, sem perdas, para os canais que são deixados abertos. No entanto, o próprio **amor genital heterossexual**, que permaneceu isento de proscrição, é restringido por outras limitações, apresentadas sob a forma da insistência na legitimidade e na monogamia. A civilização atual deixa claro que só permite os **relacionamentos sexuais** na base de um vínculo único e indissolúvel entre um só homem e uma só mulher, e que não é de seu agrado a **sexualidade como fonte de prazer por si própria**, só se achando preparada para tolerá-la porque, até o presente, para ela não existe substituto como meio de propagação da raça humana." – p.111;

"Apenas os fracos se submeteram a uma usurpação tão ampla de sua **liberdade sexual**, e as naturezas mais fortes só o fizeram mediante uma condição compensatória, que será posteriormente mencionada." – p.111;

"**A vida sexual do homem civilizado** encontra-se, não obstante, severamente prejudicada; dá, às vezes, a impressão de estar em processo de involução enquanto função, tal como parece acontecer com nossos dentes e cabelos. Provavelmente, justifica-se supor que sua importância enquanto fonte de sentimentos de felicidade e, portanto, na realização de nosso objetivo na vida, diminuiu sensivelmente. Às vezes, somos levados a pensar que não se trata apenas da pressão da civilização, mas de algo da natureza da própria função que nos nega satisfação completa e nos incita a outros caminhos. Isso pode estar errado; é difícil decidir." – p.112;

"O trabalho psicanalítico nos mostrou que as **frustrações da vida sexual** são precisamente aquelas que as pessoas conhecidas como neuróticas não podem tolerar. O neurótico cria em seus sintomas satisfações substitutivas para si, e estas ou lhe causam sofrimento em si próprias, ou se lhe tornam fontes de sofrimento pela criação de dificuldades em seus relacionamentos com o meio ambiente e a sociedade a que pertence. Esse último fato é fácil de compreender; o primeiro nos apresenta um novo problema. A civilização, porém, exige outros sacrifícios, além do da **satisfação sexual**." – p.114

"Abordamos a dificuldade do desenvolvimento cultural como sendo uma dificuldade geral de desenvolvimento, fazendo sua origem remontar à inércia da libido, à falta de inclinação desta para abandonar uma posição antiga por outra nova. Dizemos quase a mesma coisa quando fazemos a **antítese entre civilização e sexualidade** derivar da circunstância de o **amor sexual** constituir um relacionamento entre dois indivíduos, no qual um terceiro só pode ser supérfluo ou perturbador, ao passo que a civilização depende de relacionamentos entre um considerável número de indivíduos. Quando um relacionamento amoroso se encontra em seu auge, não resta lugar para qualquer outro interesse pelo ambiente; um casal de amantes se basta a si mesmo; sequer necessitam do filho que têm em comum para torná-los felizes. Em nenhum outro caso Eros revela tão claramente o âmago do seu ser, o seu intuito de, de mais de um, fazer um único; contudo, quando alcança isso da maneira proverbial, ou seja, através do amor de dois seres humanos, recusa-se a ir além." – p.114;

"Até aqui, podemos imaginar perfeitamente uma comunidade cultural que consista em indivíduos duplos como este, que, libidinalmente satisfeitos em si mesmos, se vinculem uns aos outros através dos elos do trabalho comum e dos interesses comuns. Se assim fosse, a civilização não teria que **extrair energia alguma da sexualidade**. Contudo, esse desejável estado de coisas não existe, nem nunca existiu. A realidade nos mostra que a civilização não se contenta com as ligações que até agora lhe concedemos." – p.114;

"Para que esses objetivos sejam realizados, faz-se inevitável uma **restrição à vida sexual**. Não conseguimos, porém, entender qual **necessidade força a civilização a tomar esse caminho, necessidade que provoca o seu antagonismo à sexualidade**. Deve haver algum fator de

perturbação que ainda não descobrimos.” – p.115;

“A máxima me impõe deveres para cujo cumprimento devo estar preparado e disposto a efetuar sacrifícios. Se amo uma pessoa, ela tem de merecer meu amor de alguma maneira. (Não estou levando em consideração o uso que dela posso fazer, nem sua possível significação para mim como **objeto sexual**, de uma vez que nenhum desses dois tipos de relacionamento entra em questão onde o preceito de amar meu próximo se acha em jogo.)” – p.115;

“O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para eles, não apenas **um ajudante potencial ou um objeto sexual**, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, **utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento**, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. – *Homo homini lupus.*” – p.117;

“A civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas. Daí, portanto, o emprego de métodos destinados a incitar as pessoas a identificações e relacionamentos amorosos inibidos em sua finalidade, daí a **restrição à vida sexual** e daí, também, o mandamento ideal de amar ao próximo como a si mesmo, mandamento que é realmente justificado pelo fato de nada mais ir tão fortemente contra a natureza original do homem.” – p.118;

“Se eliminamos os direitos pessoais sobre a riqueza material, ainda permanecem, no **campo dos relacionamentos sexuais**, prerrogativas fadadas a se tornarem a fonte da mais intensa antipatia e da mais violenta hostilidade entre homens que, sob outros aspectos, se encontram em pé de igualdade. Se também removermos esse fator, permitindo a **liberdade completa da vida sexual**, e assim abolirmos a família, célula germinal da civilização, não podemos, é verdade, prever com facilidade quais os novos caminhos que o desenvolvimento da civilização vai tomar; uma coisa, porém, podemos esperar; é que, nesse caso, essa característica indestrutível da natureza humana seguirá a civilização.” – p.119-120;

“Se a civilização impõe sacrifícios tão grandes, não apenas **à sexualidade** do homem, mas também à sua agressividade, podemos compreender melhor porque lhe é difícil ser feliz nessa civilização. Na realidade, o homem primitivo se achava em situação melhor, sem conhecer restrições de instinto. Em contrapartida, suas perspectivas de desfrutar dessa felicidade, por qualquer período de tempo, eram muito tênues. O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança. Não devemos esquecer, contudo, que na família primeva apenas o chefe desfrutava da liberdade instintiva; o resto vivia em opressão servil. Naquele período primitivo da civilização, o contraste entre uma minoria que gozava das vantagens da civilização e uma maioria privada dessas vantagens era, portanto,

levado a seus extremos.” – p.121;

“Um desses instintos objetais, o instinto sádico, destacou-se do restante, é verdade, pelo fato de o seu objetivo estar muito longe de ser o amar. Ademais, ele se encontrava obviamente ligado, sob certos aspectos, aos instintos do ego, pois não podia ocultar sua estreita afinidade com os instintos de domínio que não possuem propósito libidinal. Mas essas discrepâncias foram superadas; afinal de contas, o sadismo fazia claramente parte da **vida sexual**, em cujas atividades a afeição podia ser substituída pela crueldade. A neurose foi encarada como o resultado de uma luta entre o interesse de autopreservação e as exigências da libido, luta da qual o ego saiu vitorioso, ainda que ao preço de graves sofrimentos e renúncias.” – p.123-124;

“Essa libido narcísica se volta para os objetos, tornando-se assim libido objetal, e podendo transformar-se novamente em libido narcísica. O conceito do narcisismo possibilitou a obtenção de uma compreensão analítica das neuroses traumáticas, de várias das afecções fronteiriças às psicoses, bem como destas últimas. Não foi necessário abandonar nossa interpretação das neuroses de transferência como se fossem **tentativas feitas pelo ego para se defender contra a sexualidade**, mas o conceito de libido ficou ameaçado.” – p.124;

“No sadismo, há muito tempo de nós conhecido como instinto **componente da sexualidade**, teríamos à nossa frente um vínculo desse tipo particularmente forte, isto é, um vínculo entre as tendências para o amor e o instinto destrutivo, ao passo que sua contrapartida, o masoquismo, constituiria uma união entre a destrutividade dirigida para dentro e a **sexualidade**, união que transforma aquilo que, de outro modo, é uma tendência imperceptível, numa outra conspícua e tangível.” – p.125;

“O nome ‘libido’ pode mais uma vez ser utilizado para denotar as manifestações do poder de Eros, a fim de distingui-las da energia do instinto de morte. Deve-se confessar que temos uma dificuldade muito maior em apreender esse instinto; podemos apenas suspeitá-lo, por assim dizer, como algo situado em segundo plano, por trás de Eros, fugindo à detecção, a menos que sua presença seja traída pelo fato de estar ligado a Eros. É no sadismo – onde o instinto de morte deforma o objetivo erótico em seu próprio sentido, embora, ao mesmo tempo, satisfaça integralmente o impulso erótico – que conseguimos obter a mais clara compreensão interna (*insight*) de sua natureza e de sua relação com Eros. Contudo, mesmo onde ele surge sem qualquer **intuito sexual**, na mais cega fúria de destrutividade, não podemos deixar de reconhecer que a satisfação do instinto se faz acompanhar por um grau extraordinariamente alto de fruição narcísica, devido ao fato de presentear o ego com a realização de antigos desejos de onipotência deste último.” – p.127;

“Sinto-me tentado a extrair uma primeira vantagem dessa visão mais restrita do caso, aplicando-a ao processo da repressão. Conforme aprendemos, os sintomas neuróticos são, em sua essência, satisfações substitutivas para **desejos sexuais** não realizados. No decorrer de nosso trabalho analítico, descobrimos, para nossa surpresa, que talvez toda neurose oculte uma quota de sentimento inconsciente de culpa, o qual, por sua vez, fortifica os sintomas, fazendo uso deles como punição. Agora parece plausível formular a seguinte proposição: quando uma tendência

instintiva experimenta a repressão, seus elementos libidinais são transformados em sintomas e seus componentes agressivos em sentimento de culpa. Mesmo que essa proposição não passe de uma aproximação mediana à verdade, é digna de nosso interesse." – p.145;

"Sei que apenas uma delas é certa: é que os juízos de valor do homem acompanham diretamente os seus desejos de felicidade, e que, por conseguinte, constituem uma tentativa de apoiar com argumentos as suas ilusões. Acharia muito compreensível que alguém assinalasse a natureza obrigatória do curso da civilização humana e que dissesse, por exemplo, que as tendências para **uma restrição da vida sexual** ou para a instituição de um ideal humanitário à custa da seleção natural foram tendências de desenvolvimento impossíveis de serem desviadas ou postas de lado, e às quais é melhor para nós nos submetermos, como se constituíssem necessidades da natureza. Também estou a par da objeção que pode ser levantada contra isso, objeção segundo a qual, na história da humanidade, tendências como estas, consideradas insuperáveis, frequentemente foram relegadas e substituídas por outras." – p.150-151;

FETICHISMO (1927)

"Podemos perceber agora aquilo que o fetiche consegue e aquilo que o mantém. Permanece um indício do triunfo sobre a ameaça de castração e uma proteção contra ela. Também salva o fetichista de **se tornar homossexual**, dotando as mulheres da característica que as torna toleráveis como **objetos sexuais**. Na vida posterior, o fetichista sente desfrutar de ainda outra vantagem de seu substituto de um órgão genital." – p.161;

"O significado do fetiche não é conhecido por outras pessoas, de modo que não é retirado do fetichista; é facilmente acessível e pode prontamente conseguir a **satisfação sexual** ligada a ele. Aquilo pelo qual os outros homens têm de implorar e se esforçar, pode ser tido pelo fetichista sem qualquer dificuldade." – p.161;

"Provavelmente a nenhum indivíduo humano do sexo masculino é poupado o susto da castração à vista de um órgão genital feminino. Por que algumas **pessoas se tornam homossexuais** em consequência dessa impressão, ao passo que outras a desviam pela criação de um fetiche, e a grande maioria a supera, francamente não somos capazes de explicar." – p.161;

O HUMOR (1927)

Não consta.

UMA EXPERIÊNCIA RELIGIOSA (1928 [1927])

"A visão de um cadáver de mulher, nu ou a ponto de ser despido, recordou ao jovem sua mãe. Despertou nele um anseio pela mãe o qual se originava de seu complexo de Édipo, e isso foi imediatamente completado por um sentimento de indignação contra o pai. Suas ideias de 'pai' e 'Deus' ainda não se tinham separado inteiramente, de modo que seu desejo de destruir o pai podia tornar-se consciente como dúvida a respeito da existência de Deus e procurar justificar-se aos olhos da razão como indignação com o mau trato dado a um objeto materno.

Naturalmente, é típico do filho considerar como mau trato o que o pai faz à mãe nas **relações sexuais**. O novo impulso, deslocado para a esfera da religião, constituía apenas uma repetição da situação edipiana e, consequentemente, logo se defrontou com uma sorte semelhante, ou seja, sucumbiu a uma poderosa corrente oposta. Durante o conflito real, o nível do deslocamento não foi sustentado: não há menção de argumentos em justificação de Deus, não nos é dito quais foram os sinais infalíveis pelos quais Deus provou sua existência ao que duvidava. O conflito parece ter-se desdobrado sob a forma de uma psicose alucinatória: escutaram-se vozes interiores que enunciaram advertências contra a resistência a Deus. Mas o resultado da luta foi mais uma vez apresentado na esfera da religião, e era de um tipo predeterminado pelo destino do complexo de Édipo: submissão completa à vontade de Deus Pai. O jovem tornou-se crente e aceitou tudo o que desde a infância lhe havia sido ensinado sobre Deus e Jesus Cristo. Tivera uma experiência religiosa e experimentaria uma conversão." – p.181;

DOSTOIEVSKI E O PARRICÍDIO (1928 [1927])

"Considerar Dostoievski como pecador ou criminoso desperta oposição violenta, que não precisa basear-se numa apreciação filisteia dos criminosos. O motivo real para essa oposição logo se torna visível. Num criminoso, dois traços são essenciais: um egoísmo sem limites e um forte impulso destrutivo. Comum a ambos, e condição necessária para sua expressão, é a ausência de amor, a falta de uma apreciação emocional de objetos (humanos). Imediatamente nos recordamos do contraste que a isso é apresentado por Dostoievski – sua grande necessidade de amor e sua enorme capacidade de amar, que podem ser constatadas em manifestações de bondade exagerada e que o levaram a amar e a ajudar onde tinha direito de odiar e ser vingativo, tal como, por exemplo, em seus relacionamentos com a primeira esposa e o amante dela. Assim sendo, é lícito perguntar por que ficar tentado a classificar Dostoievski entre os criminosos. A resposta é que isso provém não só de sua escolha de material, que isola de todas as outras as personagens violentas, homicidas e egoístas, indicando assim a existência de tendências semelhantes dentro dele próprio, como também de certos fatos de sua vida, tais como sua paixão pelo jogo e sua possível **confissão de um ataque sexual** a uma garotinha. A contradição é solucionada pela compreensão de que o instinto destrutivo muito intenso de Dostoievski, que facilmente poderia tê-lo transformado num criminoso, foi, em sua vida real, dirigido principalmente contra sua própria pessoa (para dentro, em vez de para fora), encontrando assim sua expressão como masoquismo e sentimento de culpa." – p.187;

"Tampouco pode esse mecanismo estar afastado dos **processos sexuais**, fundamentalmente de origem tóxica: os antigos médicos descreviam o coito como uma pequena epilepsia, reconhecendo assim no **ato sexual** uma mitigação e adaptação do método epiléptico de descarregar estímulos." –p.190;

"A 'reação epiléptica', como esse elemento comum pode ser chamado, também está indubitavelmente à disposição da neurose, cuja essência reside em livrar-se, através de meios somáticos, de quantidades de excitação com as quais não pode lidar psiquicamente. Assim, a crise epiléptica se transforma num sintoma de histeria, sendo por ela adaptada e modificada, tal como é pelos **processos sexuais normais de descarga**. É, portanto, inteiramente correto distinguir entre epilepsia orgânica e epilepsia 'afetiva'. A significação prática disso é a de que uma pessoa que sofre do primeiro tipo tem uma moléstia do cérebro, ao passo que a que padece

do segundo é neurótica. No primeiro caso, sua vida mental está sujeita a uma perturbação estranha, oriunda de fora; no segundo, o distúrbio é expressão de sua própria vida mental." – p.190-191;

"Uma outra complicação surge quando o fator constitucional que denominamos de **bissexualidade** se acha, comparativamente, fortemente desenvolvido numa criança, porque então, sob a ameaça à masculinidade do menino, por meio da castração, sua inclinação é fortalecida a divergir no sentido da feminilidade, a colocar-se no lugar da mãe e a assumir o papel desta como objeto do amor do pai. Mas o temor à castração torna essa solução também impossível." – p.193;

"O que torna inaceitável o ódio pelo pai é o *temor* a este; a castração é terrível, seja como punição ou como preço do amor. Dos dois fatores que reprimem o ódio pelo pai, o primeiro, ou seja, o medo direto da punição e da castração, pode ser chamado de anormal; sua intensificação patogênica só parece surgir com o acréscimo do segundo fator, o temor à atitude feminina. Dessa maneira, **uma forte disposição bissexual** inata se torna uma das precondições ou reforços da neurose. Uma disposição desse tipo deve ser certamente suposta em Dostoievski, e ela se mostra sob forma viável (como **homossexualismo latente**) no importante papel desempenhado pelas amizades masculinas na vida dele, em suas atitudes estranhamente ternas para com rivais no amor e em sua notável compreensão de situações que só são explicáveis pelo **homossexualismo reprimido**, como muitos exemplos extraídos de seus romances demonstram." – p.193-194;

"Assim, a fórmula para Dostoievski é a seguinte: uma pessoa com uma **disposição bissexual inata** especialmente intensa, que pode defender-se com intensidade especial contra a dependência de um pai especialmente severo. Essa **característica de bissexualidade** surge como acréscimo aos componentes de sua natureza que já identificamos. Seus sintomas precoces de crises semelhantes à morte podem ser assim compreendidos como uma identificação paterna por parte de seu ego, a qual é permitida pelo superego como punição. 'Você queria matar seu pai, a fim de ser você mesmo o pai. Agora, você *é* seu pai, mas um pai morto' – o mecanismo regular dos sintomas histéricos. E, além disso: 'Agora, seu pai está matando você'. Para o ego, o sintoma da morte constitui uma satisfação, em fantasia, do desejo masculino e, ao mesmo tempo, uma satisfação masoquista; para o superego, trata-se de uma satisfação punitiva, isto é, uma satisfação sádica. Ambos, o ego e o superego, levam avante o papel de pai." – p.195;

"Qual outro conteúdo [as crises de Dostoievski] absorveram, especificamente qual **conteúdo sexual**, foge à conjetura." – p.195;

"Dificilmente pode dever-se ao acaso que três das obras-primas da literatura de todos os tempos – *Édipo Rei*, de Sófocles; *Hamlet*, de Shakespeare; e *Os irmãos Karamassovi*, de Dostoievski – tratem todas do mesmo assunto, o parricídio. Em todas três, ademais, o motivo para a ação, a **rivalidade sexual** por uma mulher, é posto a nu." – p.197;

"Na peça inglesa, a apresentação é mais indireta; o herói não comete o crime ele próprio; este é executado por outra pessoa, para quem não constitui parricídio. **O motivo oculto da rivalidade sexual** pela mulher, portanto, não precisa ser disfarçado. Ademais, vemos o complexo de Édipo do herói sob uma luz por assim dizer refletida, tomando conhecimento do efeito causado sobre ele pelo crime do outro. Deveria vingar esse crime, mas, de modo bastante estranho, descobre-se incapaz de fazê-lo. Sabemos que é seu sentimento de culpa que o paralisa, mas, de modo totalmente de acordo com os processos neuróticos, o sentimento de culpa é deslocado para a percepção de sua inaptidão em cumprir sua missão. Há sinais de que o herói sente essa culpa como superindividual. Ele despreza os outros não menos do que a si mesmo: 'Dê a cada homem o que merece, e quem escapará do açoite?'

O romance russo vai um passo além na mesma direção. Aí também o homicídio é cometido por um outro. Esse outro, contudo, está, para com o assassinado, na mesma relação filial que o herói, Dimitri; no caso desse outro, **o motivo da rivalidade sexual** é abertamente admitido; trata-se de um irmão do herói e constitui fato digno de nota que Dostoievski lhe tenha atribuído sua própria doença, a suposta epilepsia, como se estivesse procurando confessar que o epiléptico, o neurótico nele próprio, era um parricida. Depois, então, no discurso de defesa no julgamento, ocorre a famosa zombaria da psicologia, como sendo uma 'faca de dois gumes', um disfarce esplêndido, pois basta invertê-lo para descobrir o significado mais profundo da visão que Dostoievski tinha das coisas. Não é a psicologia que merece a zombaria, mas o processo de investigação judicial. É indiferente saber quem realmente cometeu o crime; a psicologia se interessa apenas em saber quem o desejou emocionalmente e quem o recebeu com alegria quando foi cometido. E, por esse motivo, todos os irmãos, exceto a figura contrastada de Aliocha, são igualmente culpados – o **sensual** impulsivo, o cínico cético e o criminoso epiléptico." – p.198;

"Essa história, brilhantemente narrada e impecavelmente motivada, é, naturalmente, completa em si mesma, sendo certo produzir um efeito profundo no leitor. A análise, porém, nos mostra que sua invenção se baseia fundamentalmente numa fantasia plena de desejo pertencente ao período da puberdade, fantasia de que uma série de pessoas, na realidade, se lembra conscientemente. Ela corporifica o desejo do menino de que a própria mãe o inicie na **vida sexual**, a fim de salvá-lo dos temíveis danos causados pela masturbação. (As numerosas obras criativas que tratam do tema da redenção têm a mesma origem.) O 'vício' da masturbação é substituído pela inclinação ao jogo e a ênfase dada à atividade apaixonada das mãos revela essa derivação. Na verdade, a paixão pelo jogo constitui um equivalente da antiga compulsão a se masturbar; 'brincar' é a palavra real utilizada no quarto das crianças para descrever a atividade das mãos sobre os órgãos genitais." – p.201-202;

ALGUNS SONHOS DE DESCARTES: UMA CARTA A MAXIME LEROY (1929)

"Quanto ao melão, aquele que sonhou teve a ideia – original – de ver nele 'os encantos da solidão, mas apresentados por incentivos puramente humanos'. Isso decerto não é correto, mas poderia fornecer uma associação de ideias que conduzisse a uma explicação correta. Se se correlacionar com seu estado de pecado, a associação poderia representar um **quadro sexual** que ocupasse a imaginação do jovem solitário." – p.214;

O PRÊMIO GOETHE (1930)

Não consta.

TIPOS LIBIDINAIS (1931)

"Constitui fato familiar que as precondições etiológicas da neurose ainda não são conhecidas com certeza. As causas precipitantes dela são frustrações e conflitos internos: conflitos entre os três principais agentes psíquicos; conflitos que surgem dentro da economia libidinal em consequência de nossa **disposição bissexual** e conflitos entre os componentes instintuais erótico e agressivo. É trabalho da psicologia das neuroses descobrir o que faz com que esses processos, pertencentes ao curso normal da vida mental, se tornem patogênicos." – p.234;

SEXUALIDADE FEMININA (1931)

"Há muito tempo compreendemos que o **desenvolvimento da sexualidade feminina** é complicado pelo fato de a menina ter a tarefa de abandonar o que originalmente constituiu sua principal zona genital – o clitóris – em favor de outra, nova, a vagina. Agora, no entanto, parece-nos que existe uma segunda alteração da mesma espécie, que não é menos característica e importante para o desenvolvimento da mulher: a troca de seu objeto original – a mãe – pelo pai." – p.239;

"É bem sabido que existem muitas mulheres que possuem uma forte ligação com o pai, e para isso não precisam ser, de qualquer maneira, neuróticas. Foi em tais mulheres que efetuei as observações que me proponho comunicar aqui e que me conduziram a adotar um ponto de vista específico sobre a **sexualidade feminina**. Dois fatos sobretudo me impressionaram. O primeiro foi o de que onde a ligação da mulher com o pai era particularmente intensa, a análise mostrava que essa ligação fora precedida por uma fase de ligação exclusiva à mãe, igualmente intensa e apaixonada. Com exceção da mudança de seu objeto amoroso, a segunda fase mal acrescentara algum aspecto novo à sua vida erótica. Sua relação primária com a mãe fora construída de maneira muito rica e multificada. O segundo fato ensinou-me que a *duração* dessa ligação também fora grandemente subestimada. Em diversos casos, durara até os quatro anos de idade – em determinado caso, até os cinco –, de maneira que abrangera, em muito, a parte mais longa do período da **primeira eflorescência sexual**. Na verdade, tínhamos de levar em conta a possibilidade de um certo número de mulheres permanecerem detidas em sua ligação original à mãe e nunca alcançarem uma verdadeira mudança em direção aos homens. Assim sendo, a fase pré-edipiana nas mulheres obtém uma importância que até agora não lhe havíamos atribuído." – p.239-240;

"Há muito tempo, afinal de contas, já abandonamos qualquer expectativa quanto a um **paralelismo nítido entre o desenvolvimento sexual masculino e feminino**." – p.240;

"Comecei por enunciar os dois fatos que me impressionaram como novos: que a intensa dependência de uma mulher quanto ao pai simplesmente assume a herança de uma ligação igualmente forte com a mãe, e que essa fase primitiva demora um período de tempo inesperadamente longo. Voltarei agora um pouco atrás, a fim de inserir essas novas descobertas no quadro do **desenvolvimento sexual feminino** com que estamos familiarizados." – p.242;

"Antes de tudo, não pode haver dúvida de que a **bissexualidade**, presente, conforme acreditamos, na disposição inata dos seres humanos, vem para o primeiro plano muito mais claramente nas mulheres do que nos homens. Um homem, afinal de contas, possui apenas uma **zona sexual principal**, um só **órgão sexual**, ao passo que a mulher tem duas: a vagina, ou seja, o órgão genital propriamente dito, e o clitóris, análogo ao órgão masculino." – p.242;

"Nas mulheres, portanto, as principais ocorrências genitais da infância devem ocorrer em relação ao clitóris. Sua **vida sexual** é regularmente dividida em duas fases, a primeira das quais possui um caráter masculino, ao passo que apenas a segunda é especificamente feminina. Assim, no desenvolvimento feminino, há um processo de transição de uma fase para a outra, do qual nada existe de análogo no homem. Uma outra complicação origina-se do fato de o clitóris, com seu caráter viril, continuar a funcionar na **vida sexual feminina posterior**, de maneira muito variável e que certamente ainda não é satisfatoriamente entendida." – p.242;

"Após o agente paterno ter sido internalizado e ter-se tornado um superego, a tarefa seguinte consiste em desligar este último das figuras de quem originalmente constituiu o representante psíquico. Nesse notável curso de desenvolvimento, é precisamente o interesse narcísico do menino por seus órgãos genitais – seu interesse em preservar o pênis – que é transformado numa restrição de sua **sexualidade infantil**." – p.243;

"Uma das coisas que remanesce nos homens, da influência do complexo de Édipo, é um certo desprezo em sua atitude para com as mulheres, a quem encaram como castradas. Nos casos extremos, isso dá origem a uma inibição em sua escolha de objeto e, se apoiado por fatores orgânicos, ao **homossexualismo exclusivo**." – p.243;

"Inteiramente diferentes são os efeitos do complexo de castração na mulher. Ela reconhece o fato de sua castração, e, com ele, também a superioridade do homem e sua própria inferioridade, mas se rebela contra esse estado de coisas indesejável. Dessa atitude, dividida, abrem-se três linhas de desenvolvimento. A primeira leva a uma **revulsão geral à sexualidade**. A menina, assustada pela comparação com os meninos, cresce insatisfeita com seu clitóris, abandona sua atividade fálica e, com ela, **sua sexualidade** em geral, bem como boa parte de sua masculinidade em outros campos. A segunda linha a leva a se aferrar com desafiadora autoafirmatividade à sua masculinidade ameaçada. Até uma idade inacreditavelmente tardia, aferra-se à esperança de conseguir um pênis em alguma ocasião. Essa esperança se torna o objetivo de sua vida e a fantasia de ser um homem, apesar de tudo, frequentemente persiste como fator formativo por longos períodos. Esse 'complexo de masculinidade' nas mulheres pode também resultar numa **escolha de objeto homossexual manifesta**. Só se seu desenvolvimento seguir o terceiro caminho, muito indireto, ela atingirá a atitude feminina normal final, em que toma o pai como objeto, encontrando assim o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo. Assim, nas mulheres, o complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração; foge às influências fortemente hostis que, no homem, tiveram efeito destrutivo sobre ele e, na verdade, com muita frequência, de modo algum é superado pela mulher. Por essa razão, também, nela as consequências culturais de sua dissolução são menores

e menos importantes. Provavelmente não estaríamos errados em dizer que é essa diferença na relação recíproca entre o complexo de Édipo e o de castração que dá seu cunho especial ao caráter das mulheres como seres sociais." – p.243-244;

"Vemos, portanto, que a fase de ligação exclusiva à mãe, que pode ser chamada de fase *pré-edipiana*, tem nas mulheres uma importância muito maior do que a que pode ter nos homens. Muitos fenômenos da **vida sexual feminina**, que não foram devidamente compreendidos antes, podem ser integralmente explicados por referência a essa fase." – p.244-245;

"Entre esses fatores, alguns são determinados pelas circunstâncias da **sexualidade infantil** em geral e, assim, valem igualmente para a vida erótica dos meninos. Primeiro e acima de tudo, podemos mencionar o ciúme de outras pessoas – de irmãos e irmãs, rivais, entre os quais também o pai encontra lugar. O amor infantil é ilimitado; exige a posse exclusiva, não se contenta com menos do que tudo. Possui, porém, uma segunda característica; não tem, na realidade, objetivo, sendo incapaz de obter satisfação completa, e, principalmente por isso, está condenado a acabar em desapontamento e a ceder lugar a uma atitude hostil." – p.245;

"Outro motivo muito mais específico para o afastamento da mãe surge do efeito do complexo de castração sobre a criatura que não tem pênis. Numa ocasião ou noutra a menina descobre sua inferioridade orgânica, mais cedo e mais facilmente, é natural, se existirem irmãos ou outros meninos a seu redor. Já observamos os três caminhos que divergem a partir desse ponto: (*a*) o que leva à cessação de toda sua **vida sexual**; (*b*) o que leva a uma desafiadora superinfatização de sua masculinidade; (*c*) os primeiros passos no sentido da feminilidade definitiva." – p.246;

"Mesmo onde a menina não conseguiu suprimir sua masturbação, o efeito da proibição aparentemente vã é visto em seus esforços posteriores para se libertar, a todo custo, de uma satisfação que lhe foi estragada. Quando atinge a maturidade, sua escolha de objeto ainda pode ser influenciada por esse intuito persistente. Seu ressentimento por ser impedida de uma **atividade sexual livre** desempenha grande papel em seu desligamento da mãe." – p.247;

"A descrição de como as meninas reagem à impressão da castração e à proibição da masturbação, provavelmente impressionará o leitor como confusa e contraditória. Não é, inteiramente, falha do autor. Na verdade, é quase impossível fornecer uma descrição que possua validade geral. Encontramos as mais diferentes reações em diferentes indivíduos e, no mesmo indivíduo, as atitudes contrárias coexistem lado a lado. Com a primeira intervenção da proibição, o conflito se forma e, doravante, acompanhará o desenvolvimento da **função sexual**." – p.247;

"Quando passamos em revista toda a gama de motivos para se afastar da mãe que a análise traz à luz – que ela falhou em fornecer à menina o único órgão genital correto, que não a amamentou o suficiente, que a compeliu a partilhar o amor da mãe com outros, que nunca atendeu às expectativas de amor da menina, e, finalmente, que primeiro despertou a sua **atividade sexual** e depois a proibiu –, todos esses motivos, não obstante, parecem insuficientes para justificar a

hostilidade final da menina. Alguns deles decorrem inevitavelmente da natureza da **sexualidade infantil**; outros aparecem como racionalizações imaginadas posteriormente, para explicar a mudança incompreendida no sentimento." – p.248;

"Concluiremos, então, que a intensa ligação da menina à mãe é fortemente ambivalente, sendo precisamente em consequência dessa ambivalência que (com a assistência dos outros fatores que aduzimos) sua ligação se afasta à força da mãe mais uma vez, isto é, em consequência de uma característica geral da **sexualidade infantil**." – p.249;

"Uma outra pergunta surge: 'O que é que a menina exige da mãe? Qual é a natureza de seus **objetivos sexuais** durante a época da ligação exclusiva à mãe?' A resposta que obtemos do material analítico é exatamente a que esperaríamos. Os **objetivos sexuais** da menina em relação à mãe são tanto ativos quanto passivos e determinados pelas fases libidinais através das quais a criança passa." – p.250;

"Pode-se facilmente observar que em todo campo de experiência mental, não simplesmente no da **sexualidade**, quando uma criança recebe uma impressão passiva, ela tende a produzir uma reação ativa." – p.250;

"O comportamento de uma criança a esse respeito pode capacitar-nos a tirar conclusões quanto à intensidade relativa da masculinidade e feminilidade que ela apresentará em sua **sexualidade**." – p.250;

"As **primeiras experiências sexuais** e **sexualmente coloridas** que uma criança tem em relação à mãe são, naturalmente, de caráter passivo." – p.250;

"A **atividade sexual** bastante surpreendente de meninas em relação à mãe manifesta-se cronologicamente em inclinações orais, sádicas e, por fim, até fálicas, dirigidas no sentido desta." – p.251;

"O fato de assim a mãe inevitavelmente iniciar a filha na fase fálica, constitui, penso eu, o motivo por que, nas fantasias posteriores, **o pai** tão regularmente aparece **como o sedutor sexual**. Quando a filha se afasta da mãe, transmite também ao pai sua introdução na **vida sexual**. Por fim, impulsos cheios de desejo, intensos e *ativos*, dirigidos no sentido da mãe, também surgem durante a fase fálica. A **atividade sexual** desse período culmina na masturbação clitoriana. Esta é provavelmente acompanhada por ideias referentes à mãe; não consegui, porém, descobrir, a partir de minhas observações, se a criança liga um **objetivo sexual** à ideia, ou qual seja esse objetivo." – p.252;

"O afastamento da mãe constitui um passo extremamente importante no curso do desenvolvimento de uma menina. Trata-se de algo mais do que uma simples mudança de objeto.

Já descrevemos o que nele acontece e os muitos motivos apresentados para ele; podemos agora acrescentar que, de mãos dadas com o mesmo, deve ser observado um acentuado abaixamento dos **impulsos sexuais ativos e uma ascensão dos passivos**. É verdade que as tendências ativas foram mais intensamente afetadas pela frustração; revelaram-se totalmente irrealizáveis e, portanto, são mais prontamente abandonadas pela libido. Mas tampouco as tendências passivas escaparam ao desapontamento. Com o afastamento da mãe, a masturbação clitoriana não raro cessa também, e, com bastante frequência, quando a menina reprime sua masculinidade prévia, uma parte considerável de suas **tendências sexuais** em geral fica também permanentemente danificada. A transição para o objeto paterno é realizada com o auxílio das tendências passivas, na medida em que escaparam à catástrofe. O caminho para o desenvolvimento da feminilidade está agora aberto à menina, até onde não se ache restrito pelos remanescentes da ligação pré-edipiana à mãe, ligação que superou." – p.253;

"Se agora passarmos em revista a fase do **desenvolvimento sexual na mulher** que acabamos de descrever, não poderemos resistir a tirar uma conclusão definida sobre a **sexualidade feminina** como um todo. Descobrimos em ação nessa fase as mesmas forças libidinais que na criança do sexo masculino, e pudemos convencer-nos de que, durante algum tempo, essas forças seguem o mesmo curso e têm o mesmo desfecho em ambos." – p.253;

"Subsequentemente, fatores biológicos desviam essas forças libidinais [no caso da menina] de seus objetivos originais, inclusive conduzindo as tendências ativas e, em todo sentido, masculinas, para canais femininos. Visto não podermos afastar a noção de que a **excitação sexual** deriva do funcionamento de certas substâncias químicas, parece plausível, a princípio, esperar que a bioquímica um dia nos revele uma substância cuja presença produza uma **excitação sexual masculina e outra substância que produza uma feminina**." – p.254;

"Mesmo na **química sexual**, as coisas devem ser muito mais complicadas. Para a psicologia, contudo, é indiferente que exista no corpo uma única **substância sexualmente excitante**, duas, ou um número incontável delas. A psicanálise nos ensina a lidar com uma libido única, a qual, é verdade, possui objetivos (isto é, modalidades de satisfação) tanto ativos quanto passivos." – p.254;

"Concordo com os principais pontos do importante artigo de Jeanne Lampl-de Groot (1927). Nele, a total identidade da fase pré-edipiana em meninos e meninas é reconhecida, e a **atividade sexual (fálica)** da menina para com a mãe é afirmada e substanciada por observações. O afastamento da mãe tem sua origem remontada à influência do reconhecimento da castração por parte da menina, fato que a obriga a abandonar seu **objeto sexual** e, com frequência, a masturbação junto com ele." – p.255;

"O efeito da sedução há muito tempo nos é familiar, e, exatamente da mesma maneira, outros fatores – tais como a data em que os irmãos e as irmãs da criança nasceram ou a ocasião em que ela descobre a diferença entre os sexos, ou, ainda, suas observações diretas de **relações sexuais** ou a conduta dos pais em incentivá-lo ou repeli-lo – podem apressar o **desenvolvimento sexual da criança** e conduzi-la à maturidade." – p.256;

BREVES ESCRITOS (1928-1931)

1. **O Dr. Reik e o problema do charlatanismo: uma carta à *Neue Freie Presse***
   Não consta.

2. **O Dr. Ernest Jones (sobre seu 50º aniversário)**
   Não consta.

3. **O parecer do perito no caso Halsmann**
   Não consta.

4. **Introdução ao número especial de psicopatologia de *The Medical Review of Reviews***
   Não consta.

5. **Introdução a *Elementos de psicanálise* de Edoardo Weiss**
   Não consta.

6. **Prefácio a *Ten Years of The Berlin Psycho-Analytic Institute***
   Não consta.

7. **Prefácio a *General Theory of the Neuroses on a Psycho-Analytic Basis*, de Hermann Nuremberg**
   Não consta.

8. **Carta ao Burgomestre de Príbor**
   Não consta.

XX. NOVAS CONFERÊNCIAS INTRODUTÓRIAS SOBRE PSICANÁLISE E OUTROS TRABALHOS (1932-1936)

Volume 22 (FREUD, 1996t)

CONFERÊNCIA XXIX – REVISÃO DA TEORIA DOS SONHOS

"Algumas fórmulas passaram a ser do conhecimento geral, entre elas algumas que nós nunca apresentamos – tal como a tese de que todos **os sonhos são de natureza sexual** –, mas coisas realmente importantes, como a fundamental diferença entre o conteúdo manifesto dos sonhos e os pensamentos oníricos latentes, a percepção de que a função de realização de desejos dos sonhos não é contradita pelos sonhos de ansiedade, a impossibilidade de interpretar um sonho a menos que se tenha à disposição as respectivas associações do sonhador, acima de tudo a descoberta de que o essencial nos sonhos é o processo da elaboração onírica – tudo isso ainda parece quase tão alheio ao conhecimento da maioria das pessoas, como o era há trinta anos." – p.18;

"Já em 1912, um certo Dr. Schrötter verificou que, se forem dadas instruções para **sonhar sobre temas sexuais** a pessoas profundamente hipnotizadas, então, no sonho que assim é provocado, o **material sexual emerge**, sendo o seu lugar ocupado por símbolos que nos são familiares. Por exemplo, foi dito a uma mulher que sonhasse com **relação sexual** com uma amiga. Em seu

sonho, aparecia com um saco de viagem no qual estava colado o letreiro: ‘Só para Senhoras’.” – p.32;

“A esses pacientes contaram **histórias do tipo evidentemente sexual** e observaram as distorções que apareciam quando os pacientes eram instruídos a reproduzir o que lhes havia sido contado. Também aí surgiram os **símbolos de órgão sexual e de relação sexual** que conhecemos – entre eles, o símbolo da escada, o qual, conforme acertadamente observam os escritores, jamais poderia ter sido alcançado por um desejo consciente de deformar.” – p.32;

“Nosso trabalho de interpretação traz à luz, por assim dizer, a matéria-prima, que deve, no mais das vezes, ser descrita como **sexual no mais amplo sentido**, mas que encontrou as mais variadas aplicações em adaptações posteriores.” – p.34;

“Uma das atribuições da psicanálise, como sabem, é erguer o véu da amnésia que oculta os anos iniciais da infância, e trazer à memória consciente as manifestações do início da **vida sexual infantil** que está contida neles. Ora, essas **experiências sexuais iniciais** de uma criança estão vinculadas a penosas vivências de ansiedade, proibição, desapontamento e punição.” – p.37-38;

CONFERÊNCIA XXX – SONHOS E OCULTISMO

Não conta.

CONFERÊNCIA XXXI – A DISSECÇÃO DA PERSONALIDADE PSÍQUICA

“Os sintomas são derivados do reprimido, são, por assim dizer, seus representantes perante o ego; mas o reprimido é território estrangeiro para o ego – território estrangeiro interno – assim como a realidade (que me perdoem a expressão inusitada) é território estrangeiro externo. A trajetória conduziu dos sintomas ao inconsciente, **à vida dos instintos, à sexualidade**; e foi então que a psicanálise deparou com a brilhante objeção de que os seres humanos não são simplesmente **criaturas sexuais**, mas têm, também, impulsos mais nobres e mais elevados. Poder-se-ia acrescentar que, exaltados por sua consciência desses impulsos mais elevados, eles muitas vezes assumem o direito de pensar de modo absurdo e desprezar os fatos.” – p.67;

“Nesse ponto, ela é um contraste real com a **vida sexual**, que existe de fato desde o início da vida e não é apenas um acréscimo posterior. Pois bem, como todos sabem, as crianças de tenra idade são amorais e não possuem inibições internas contra seus impulsos que buscam o prazer.” – p.71;

“Identificação e escolha objetal são, em grande parte, independentes uma da outra; no entanto, é possível identificar-se com alguém que, por exemplo, foi tomado como **objeto sexual**, e modificar o ego segundo esse modelo.” – p.73;

"Diz-se que a influência sobre o ego, **motivada pelo objeto sexual**, ocorre com particular frequência em mulheres e é característica da feminilidade." – p.73;

CONFERÊNCIA XXXII – ANSIEDADE E VIDA INSTINTUAL

"Com referência à expectativa ansiosa, a experiência clínica revelou que ela possuía regularmente uma conexão com a **economia libidinal da vida sexual**. A causa mais comum da neurose de angústia é a excitação não consumada. A excitação libidinal é despertada mas não satisfeita, não utilizada; o estado de apreensão surge, então, no lugar dessa libido que foi desviada de sua utilização. Até pensei estar justificado ao dizer que essa libido insatisfeita era transformada diretamente em ansiedade." – p.92;

"Realmente, se os senhores acompanharem uma sequência de ideias sugeridas por Ferenczi [1925], podem acrescentar a essa série o temor de castração, pois a perda do órgão masculino resulta na incapacidade de unir-se novamente à mãe (ou a uma substituta dela) no **ato sexual**." – p.97;

"É verdade que, como adulto, se sabe que a castração não mais faz parte do costume de **punir excessos de desejos sexuais**, mas, por outro lado, verifica-se que a liberdade instintual desse tipo é ameaçada por graves doenças. Não há dúvida de que as pessoas que qualificamos como neuróticas, permanecem infantis em sua atitude relativa ao perigo e não venceram as obsoletas causas determinantes de ansiedade." – p.98;

"O mesmo pode aplicar-se à geração da ansiedade na neurose de angústia, devida a prejuízo somático causado à **função sexual**. Não mais sustentaremos ser a libido que é transformada em ansiedade, em tais casos. No entanto, não posso ver como objetar contra a existência de uma dupla origem da ansiedade – uma, como consequência direta do momento traumático, e a outra, como sinal que ameaça com uma repetição de um tal momento." – p.104;

"Foi representando esse aspecto da pessoa que os 'instintos do ego' e os **'instintos sexuais'** foram introduzidos na psicanálise. Nos instintos do ego incluímos tudo o que tinha relação com autopreservação, afirmação e engrandecimento do indivíduo. Aos **instintos sexuais** tivemos de atribuir a **diversidade necessária à vida sexual infantil e pervertida**." – p.105;

"No decorrer da investigação das neuroses, vimos a conhecer o ego como o poder limitante e repressor, e as **tendências sexuais**, como sendo o poder limitado e reprimido; acreditávamos, pois, que tínhamos claras provas não só da diferença entre os dois grupos de instintos, mas também do conflito entre eles. O primeiro objeto de nosso estudo era só os **instintos sexuais**, cuja energia denominávamos 'libido'. Foi em relação a eles que procuramos clarear nossas ideias a respeito do que é um instinto e do que se devia atribuir-lhe. Aqui temos a teoria da libido." – p.105;

"Ademais, temos motivos para diferençar instintos que são 'inibidos em sua finalidade' – impulsos instintuais oriundos de fontes bem conhecidas nossas, com uma finalidade inequívoca, os quais, porém, sofrem uma parada no caminho rumo à satisfação, de maneira que se efetua uma duradoura catexia objetal e se estabelece uma permanente tendência [de sentimento].Tal, por exemplo, é a relação do sentimento de ternura que, sem dúvida, se origina das **fontes da necessidade sexual** e invariavelmente renuncia à sua satisfação." – p.106;

"Os senhores constatam quantas características e vicissitudes dos instintos ainda fogem à nossa compreensão. Aqui se deve mencionar mais uma diferença que aparece entre os **instintos sexuais** e os de autopreservação e que seria da maior importância teórica se se aplicassem aos grupos como um todo." – p.106;

"Os **instintos sexuais** fazem-se notar por sua plasticidade, sua capacidade de alterar suas finalidades, sua capacidade de se substituírem, que permite uma satisfação instintual ser substituída por outra; e por sua possibilidade de se submeterem a adiamentos, do que acabamos de dar um exemplo adequado nos instintos inibidos em suas finalidades." – p.106;

"Encontramo-nos em solo mais firme quando investigamos a maneira como a vida dos instintos serve à **função sexual**." – p.107;

"Não é que reconheçamos, pois, um **instinto sexual** que seja desde o início o veículo de uma corrente dirigida para a **finalidade da função sexual** – a união das duas **células sexuais**." – p.107;

"Os genitais constituem a última dessas 'zonas erógenas', e o nome **prazer 'sexual'** não pode ser abstraído do respectivo prazer do órgão. Esses impulsos que buscam o prazer não são todos agrupados na **organização final da função sexual**." – p.107;

"Os senhores já sabem como, no decorrer desse desenvolvimento prolongado, podem ser reconhecidas diversas fases da organização primitiva, e também sabem como essa **história da função sexual** explica suas aberrações e atrofias. A primeira dessas fases 'pré-genitais' é conhecida como fase *oral*, porque, de conformidade com a maneira como um lactente é alimentado, a zona erógena da boca domina o que se pode denominar de **atividade sexual** desse período da vida. Numa etapa seguinte, passam a primeiro plano os impulsos *sádicos e anais*, sem dúvida em conexão com o aparecimento dos dentes, o fortalecimento do aparelho muscular e o controle das funções esfincterianas." – p.107-108;

"Reservamos **o nome de fase *genital* para a organização sexual definitiva**, que se estabelece após a puberdade e na qual o órgão genital feminino, pela primeira vez, encontra o reconhecimento que o órgão masculino havia adquirido muito tempo antes." – p.108;

“Rapidamente posso acrescentar, talvez, que o interesse pela vagina, que desperta mais tarde, também é essencialmente de origem anal-erótica. Isto não é de causar admiração, de vez que a vagina, para tomar emprestada uma expressão adequada de Lou Andreas-Salomé [1916], é ‘alugada’ do reto: na **vida dos homossexuais**, que fracassaram na complementação duma parte do **desenvolvimento sexual normal**, a vagina é representada pelo reto. Nos sonhos, muitas vezes, aparece um local que era anteriormente um só compartimento, mas que agora está dividido em dois, por meio de uma parede, ou vice-versa. Isto sempre significa a relação entre vagina e intestino.” – p.110;

“É, agora, no entanto, a ocasião e eu voltar atrás, tanto na história, como no meu tema, e novamente abordar os problemas mais gerais da vida instintual. No início, **a oposição entre os instintos do ego e os instintos sexuais** jazia na base de nossa teoria da libido. Quando, mais tarde, começamos a estudar mais detidamente o ego propriamente dito e chegamos à concepção do narcisismo, essa distinção como tal perdeu sua razão de ser.” – p.110;

“Mostrá-la-ei aos senhores, como um produto acabado. Nossa hipótese reside em que existem essencialmente duas classes diferentes de instintos: **os instintos sexuais**, compreendidos no mais amplo sentido – Eros, se preferem esse nome –, e os instintos agressivos, cuja finalidade é a destruição.” – p.112;

“Conforme sabem, denominamos sadismo àquela situação em que o sujeito, para obter **satisfação sexual**, depende da condição de o seu objeto sofrer dor, maus-tratos e humilhações; e masoquismo, a situação em que o sujeito sente necessidade de ser ele mesmo o objeto maltratado. Conforme todos sabem, uma determinada mistura dessas duas tendências está incluída nas **relações sexuais normais**, e falamos em perversões quando estas deslocam para o plano secundário os **fins sexuais** e os substituem por seus próprios fins.” – p.113;

“Naturalmente, essas fusões far-se-iam nas mais variadas proporções. Assim, os instintos eróticos introduziriam a **multiplicidade de seus fins sexuais** na fusão, enquanto os outros apenas admitiriam atenuações ou gradações em sua tendência uniforme.” – p.114;

“Deve-se admitir, contudo, que nosso instinto autodestrutivo exija apoio numa base mais ampla. Afinal, não se pode arriscar com uma hipótese de tão largo alcance, simplesmente porque uns pobres loucos uniram sua **satisfação sexual** a condições peculiares.” – p.115;

“Tornou-se hábito nosso dizer que nossa civilização foi construída à custa das **tendências sexuais** que, sendo inibidas pela sociedade, são, com efeito, em parte reprimidas, mas, em parte, tornaram-se utilizáveis em outros fins.” – p.119;

“Também temos admitido que, a despeito de todo o nosso orgulho por nossas conquistas culturais, não nos é fácil satisfazer os requisitos dessa civilização e sentir-nos à vontade nela, porque as restrições instintuais impostas a nós constituem uma pesada carga psíquica. Pois bem,

o que vimos acerca dos **instintos sexuais** aplica-se igualmente, e talvez ainda mais, a outros instintos, os instintos agressivos. São estes, acima de tudo, que tornam difícil a vida do homem em comunidade e ameaçam sua sobrevivência. A restrição à agressividade do indivíduo é o primeiro e talvez o mais severo sacrifício que dele exige a sociedade. Temos verificado de que maneira simplista se conseguiu domar essa coisa indomável. A instituição do superego, que toma conta dos impulsos agressivos perigosos, introduz um destacamento armado, por assim dizer, nas regiões inclinadas à rebelião. Mas, por outro lado, se a encaramos exclusivamente do ponto de vista psicológico, devemos reconhecer que o ego não se sente feliz ao ser assim sacrificado às necessidades da sociedade, ao ter que se submeter às tendências destrutivas da agressividade, que ele teria tido a satisfação de empregar contra os outros. É como que um prolongamento, na esfera mental, do dilema 'comer ou ser comido' que domina o mundo orgânico animado. Felizmente, os instintos agressivos nunca estão sozinhos, mas sempre amalgamados aos eróticos. Estes, os instintos eróticos, têm muita coisa a atenuar e muita coisa a obviar sob as condições da civilização que a humanidade criou." – p.119;

CONFERÊNCIA XXXIII – FEMINILIDADE

"O **produto sexual masculino, o espermatozoide**, e seu veículo são masculinos; o óvulo e o organismo que o abriga são femininos. Em ambos os sexos, formaram-se órgãos que servem exclusivamente às **funções sexuais**; provavelmente desenvolveram-se da mesma disposição [inata] em duas formas diferentes. Ademais disso, em ambos os sexos os outros órgãos, as formas e tecidos corporais mostram a influência do sexo do indivíduo, mas isto é inconstante, sua quantidade é variável; são aquilo que se conhece como **características sexuais secundárias**." – p.122;

"Depois, a ciência diz-lhes algo que se opõe às expectativas dos senhores e por certo haverá de confundir os seus sentimentos. Chama a atenção dos senhores para o fato de que partes do **aparelho sexual masculino** também aparecem no corpo da mulher, ainda que em estado atrofiado, e vice-versa. Considera tais ocorrências como **indicações de *bissexualidade***, como se um indivíduo não fosse homem ou mulher, mas sempre fosse ambos – simplesmente um pouco mais de um, do que de outro. E então se lhes pede familiarizarem-se com a ideia de que a proporção em que masculino e feminino se misturam num indivíduo, está sujeita a flutuações muito amplas. De vez que, excetuando casos muitíssimos raros, apenas uma espécie de **produto sexual** – **óvulos ou sêmen** – está presente numa pessoa, os senhores, contudo, não poderão senão ter dúvidas quanto à importância decisiva desses elementos e devem concluir que aquilo que constitui a masculinidade ou a feminilidade é uma característica desconhecida que foge do alcance da anatomia." – p.122-123;

"Estaria, quem sabe, nos domínios da psicologia? Estamos habituados a empregar 'masculino' e 'feminino' também como qualidades mentais, e da mesma forma temos transferido a **noção de bissexualidade** para a vida mental." – p.123;

"A **célula sexual masculina** é ativamente móvel e sai em busca da célula feminina, e esta, o óvulo, é imóvel e espera passivamente. Essa **conduta dos organismos sexuais elementares** é, na verdade, um modelo da **conduta sexual dos indivíduos durante o coito**." – p.123;

“Com isso, os senhores justamente reduziram as características de masculinidade ao fator agressividade, no que se refere à psicologia. Bem podem duvidar se auferiram daí alguma vantagem real, quando refletem que, em algumas classes de animais, as fêmeas são mais fortes e mais agressivas e o macho é ativo unicamente no ato da **união sexual**.” – p.123-124;

“Até mesmo na esfera da **vida sexual humana**, os senhores logo verão como é inadequado fazer o comportamento masculino coincidir com atividade e o feminino, com passividade. Uma mãe é ativa para com seu filho, em todos os sentidos; a própria amamentação também pode ser descrita como a mãe dando o seio ao bebê, ou ela sendo sugada por este. Quanto mais se afastarem da estreita **esfera sexual**, mais óbvio se lhes tornará o ‘erro de superposição’. As mulheres podem demonstrar grande atividade, em diversos sentidos; os homens não conseguem viver em companhia dos de sua própria espécie, a menos que desenvolvam uma grande dose de adaptabilidade passiva. Se agora os senhores me disserem que esses fatos provam justamente que **tanto os homens como as mulheres são bissexuais**, no sentido psicológico, concluirei que decidiram, na sua mente, a fazer coincidir ‘ativo’ com ‘masculino’ e ‘passivo’ com ‘feminino’.” – p.124;

“Talvez seja o caso de que numa mulher, com base na sua participação na **função sexual**, a preferência pelo comportamento passivo e por fins passivos se estenda à sua vida, em grau maior ou menor, proporcionalmente aos limites, restritos ou amplos, dentro dos quais sua **vida sexual** serve, assim, de modelo.” – p.124;

“De acordo com sua natureza peculiar, a psicanálise não tenta descrever o que é a mulher – seria esta uma tarefa difícil de cumprir –, mas se empenha em indagar como é que a mulher se forma, como a mulher se desenvolve desde a criança dotada de **disposição bissexual**.” – p.125;

“Nós, por nossa vez, com base na **bissexualidade**, não tínhamos dificuldade em evitar a indelicadeza. Apenas tínhamos de dizer: ‘Isto não se aplica às *senhoras*. As senhoras são a exceção; neste ponto, são mais masculinas do que femininas.’” – p.125;

“Abordamos a **investigação do desenvolvimento sexual da mulher** com duas expectativas. A primeira é que, aqui, novamente, a constituição não se adaptará à sua função sem uma luta. A segunda reside em que os pontos críticos decisivos já terão sido preparados ou completados antes da puberdade. Ambas as expectativas confirmam-se de imediato.” – p.125-126;

“Essas **diferenças sexuais** não possuem consequência maior: podem ser sobrepujadas por variações individuais. Para nossos fins imediatos, podem ser negligenciadas.” – p.126;

“Com seu ingresso na fase fálica, as diferenças entre os sexos são completamente eclipsadas pelas suas semelhanças. Nisto somos obrigados a reconhecer que a menininha é um homenzinho. Nos meninos, conforme sabemos, essa fase é marcada pelo fato de que

aprenderam a obter sensações prazerosas do seu pequeno pênis, e relacionam seu estado de excitação às suas **ideias de relação sexual**." – p.126;

"Com a mudança para a feminilidade, o clitóris deve, total ou parcialmente, transferir sua sensibilidade, e ao mesmo tempo sua importância, para a vagina. Esta seria uma das duas tarefas que uma mulher tem de realizar no decorrer do seu desenvolvimento, ao passo que o homem, mais afortunado, só precisa continuar, na época de sua maturidade, a atividade que executara anteriormente, no **período inicial do surgimento de sua sexualidade**." – p.127;

"Poderíamos supor, de resto, que nesse ponto os filhos estão seguindo a indicação que lhes foi dada pela **preferência sexual de seus pais**." – p.127-128;

"Será então de nosso agrado conhecermos a natureza das relações libidinais da menina para com sua mãe. A resposta é que tais relações se apresentam sob muitas formas diferentes. De vez que persistem através de todas as três fases da **sexualidade infantil**, também assumem as características das diversas fases e se expressam por desejos orais, sádico-anais e fálicos" – p.128;

"Nem sempre é fácil precisar uma formulação desses **desejos sexuais iniciais**; o que mais claramente se expressa é um desejo da menina, de ter da mãe um filho, e o desejo correspondente de ela mesma ter um filho – ambos desejos pertencentes ao período fálico e certamente surpreendentes, porém estabelecidos, acima de qualquer dúvida, pela observação analítica." – p.128;

"Ou um outro caso: os senhores haverão de recordar-se de um interessante episódio da história da pesquisa analítica, que me causou muitas horas de dissabor. No período em que o principal interesse voltava-se para a descoberta de **traumas sexuais infantis**, quase todas as minhas pacientes contavam-me haverem sido seduzidas pelo pai." – p.129;

"Não tenho dúvidas de que os senhores estão dispostos a manifestar a suspeita de que esse quadro da quantidade e da intensidade do **relacionamento sexual da menininha** com sua mãe estaria exagerado." – p.130;

"São muitas as coisas que se pode ver nas crianças, basta saber olhar. Ademais, deveriam considerar quão pouco dos seus **desejos sexuais** uma criança pode admitir em plano pré-consciente, ou, muito menos, pode comunicar." – p.130;

"Uma fonte abundante de hostilidade de uma criança para com sua mãe é o que proporcionam os **desejos sexuais multiformes**, que se modificam de acordo com a fase da libido e que, em sua maior parte, não podem ser satisfeitos." – p.132;

“Daria para pensar que estas são razões bastantes para fazer com que a menina se afaste de sua mãe. Se assim for, seria de julgar que a desavença decorra inevitavelmente da **natureza da sexualidade infantil**, do caráter ilimitado de suas exigências de amor e da impossibilidade de realizar seus **desejos sexuais**.” – p.132;

“Em muitas atitudes instintuais patológicas – ou mesmo raras – (por exemplo, em todas as **perversões sexuais**) a questão que surge é: que parcela de sua força deve ser atribuída a fixações do início da infância e que parcela se atribuirá à influência de experiências e desenvolvimento posteriores. Em tais casos, quase sempre se trata de uma série complementar, tal como aquela que apresentamos em nossa exposição sobre a etiologia das neuroses.” – p.134;

“A descoberta de que é castrada representa um marco decisivo no crescimento da menina. Daí partem três linhas de desenvolvimento possíveis: uma conduz à **inibição sexual** ou à neurose, outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, a terceira, finalmente, à feminilidade normal. Temos aprendido uma quantidade considerável, embora não tudo, a respeito das três.” – p.134;

“O conteúdo essencial da primeira é o seguinte: a menininha viveu, até então, de modo masculino, conseguiu obter prazer da excitação do seu clitóris e manteve essa atividade em relação a seus **desejos sexuais dirigidos à mãe**, os quais, muitas vezes, são ativos; ora, devido à influência de sua inveja do pênis, ela perde o prazer que obtinha da sua **sexualidade fálica**. Seu amor próprio é modificado pela comparação com o equipamento muito superior do menino e, em consequência, renuncia à satisfação masturbatória derivada do clitóris, repudia seu amor pela mãe e, ao mesmo tempo, não raro reprime uma boa parte de suas **inclinações sexuais em geral**.” – p.134-135;

“Os senhores todos conhecem a imensa importância etiológica atribuída por nossos pacientes neuróticos à sua masturbação. Fazem-na responsável por todos os seus problemas, e temos a maior dificuldade em persuadi-los de que estão equivocados. Na realidade, porém, devíamos admitir-lhes que têm razão, pois a masturbação é o **agente executor da sexualidade infantil**, de cujo desenvolvimento falho estão verdadeiramente sofrendo. O que os neuróticos mais censuram, porém, é a masturbação do período da puberdade; na sua maior parte, esqueceram-se da masturbação da infância, a qual, realmente, é o que está em questão.” – p.135;

“E então nos surpreende uma diferença entre os dois sexos, provavelmente transitória, no que diz respeito à relação do complexo de Édipo com o complexo de castração. Num menino, o complexo de Édipo, no qual ele deseja a mãe e gostaria de eliminar seu pai, por ser este um rival, evolui naturalmente da **fase de sexualidade fálica**.” – p.137;

“O máximo de realização de semelhante complexo de masculinidade pareceria ser a influência sobre a escolha de um objeto no sentido do **homossexualismo manifesto**. A experiência analítica realmente nos ensina que o **homossexualismo feminino** raramente, ou nunca, é

continuação direta da masculinidade infantil.” – p.138;

“A predominância do fator constitucional parece indiscutível; mas as duas fases do **desenvolvimento do homossexualismo feminino** se espelham bem nas **práticas das homossexuais**, que desempenham entre si papéis de mãe e de bebê, com tanta frequência e tão claramente como os de marido e mulher. Isto que estive mostrando-lhes, aqui, pode ser descrito como a pré-história da mulher.” – p.138;

“A Dra. Jeanne Lampl-de Groot [1927] constatou, por meio de observações comprovadas, a incrível atividade fálica de meninas em relação à mãe, e a Dra. Helene Deutsch [1932] mostrou que os **atos eróticos de mulheres homossexuais** reproduzem as relações entre mãe e bebê.” – p.138;

“Determinada parte disso que nós, homens, chamamos de ‘o enigma da mulher’, pode, talvez, derivar-se dessa **expressão da bissexualidade na vida da mulher**. Uma outra questão parece madura para um julgamento no curso dessas pesquisas.” – p.139;

“**Denominamos a força motriz da vida sexual de ‘libido’**. A **vida sexual** é dominada pela polaridade masculino-feminino; assim, insinua-se a ideia de considerarmos a relação da libido com essa antítese. Não seria surpreendente se se verificasse ter cada **sexualidade** a sua libido especial, apropriada para si, de forma que um tipo de libido perseguiria as **finalidades de uma vida sexual masculina** e um outro tipo, as **finalidades de uma vida sexual feminina**. Mas nada disso procede. Existe apenas uma libido, que tanto serve às **funções sexuais masculinas**, como às femininas. À libido como tal não podemos atribuir nenhum sexo.” – p.139;

“A **frigidez sexual das mulheres**, cuja frequência parece confirmar esse descaso, é um fenômeno ainda insuficientemente compreendido. Às vezes, é psicogênica e, nesse caso, acessível a influência; em outros casos, porém, sugere a hipótese de ser constitucionalmente determinada e, até mesmo, de existir um fator anatômico coadjuvante.” – p.139;

“Prometi referir-lhes mais algumas peculiaridades psíquicas da feminilidade madura, conforme as encontramos no trabalho analítico. Não pretendemos senão adjudicar a tais asserções uma validade média; e nem sempre é fácil distinguir o que se deveria atribuir à **influência da função sexual** e o que atribuir à educação social.” – p.140;

“A inveja do pênis tem em parte, como efeito, também a vaidade física das mulheres, de vez que elas não podem fugir à necessidade de valorizar seus encantos, do modo mais evidente, como uma tardia compensação por sua **inferioridade sexual original**.” – p.140;

“A fase da ligação afetuosa pré-edipiana, contudo, é decisiva para o futuro de uma mulher: durante essa fase são feitos os preparativos para a aquisição das características com que mais

tarde exercerá seu papel na **função sexual** e realizará suas inestimáveis tarefas sociais." – p.142;

"O fato de que as mulheres devem ser consideradas possuidoras de pouco senso de justiça sem dúvida se relaciona à predominância da inveja em sua vida mental; isso porque a exigência de justiça é uma fixação da inveja e estabelece a condição sob a qual uma pessoa pode pôr de lado a inveja. Também consideramos as mulheres mais débeis em seus interesses sociais e possuidoras de menor capacidade de sublimar os instintos, do que os homens. O primeiro desses dois aspectos certamente deriva da qualidade dissocial que indiscutivelmente caracteriza todos os **relacionamentos sexuais**. O casal basta-se a si mesmo, e também as famílias resistem à inclusão em associações mais amplas. A capacidade de sublimação está sujeita às maiores variações individuais." – p.142;

"Mas não se esqueçam de que estive apenas descrevendo as mulheres na medida em que sua natureza é determinada por sua **função sexual**. É verdade que essa influência se estende muito longe; não desprezamos, todavia, o fato de que uma mulher possa ser uma criatura humana também em outros aspectos. Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes." – p.143;

CONFERÊNCIA XXXIV – EXPLICAÇÕES, APLICAÇÕES E ORIENTAÇÕES

"Uma pessoa fará **objeções à sexualidade**, uma outra ao inconsciente; o que parece especialmente impopular é o caso do simbolismo. Embora a estrutura da psicanálise esteja inacabada, ela apresenta, mesmo nos dias atuais, uma unidade da qual os elementos componentes não podem ser separados ao capricho de qualquer um: mas esses ecléticos parecem desprezar isto." – p.147;

(Diálogo de Freud com um homem de renome internacional) "Foi ele quem o fez, comparando-se a mim da maneira mais modesta. 'Sou apenas um literato', dizia ele, 'mas o senhor é um cientista e descobridor da natureza. No entanto, há uma coisa que devo dizer-lhe: nunca tive **sentimentos sexuais** para com minha mãe'. 'Mas absolutamente não há necessidade de o senhor tê-los reconhecido', foi minha resposta; 'nas pessoas adultas, estes são sentimentos inconscientes'. 'Oh! então é isto o que o senhor pensa!', disse ele, aliviado, e apertou minha mão. Continuamos a conversar, de maneira muito agradável, por mais algumas horas. Posteriormente, soube que, nos poucos anos de vida que ainda teve, muitas vezes falava na psicanálise de modo amistoso, e agradava-lhe poder usar uma palavra que era nova para ele – 'repressão'." – p.148;

"Explicando esses fatos, se um homem é um **homossexual** ou necrófilo, um histérico sofrendo de ansiedade, um neurótico obsessivo segregado da sociedade, ou um louco furioso, o 'psicólogo do indivíduo' da corrente adleriana afirmará que o motivo básico de sua condição é o desejo de autoafirmar-se, de supercompensar sua inferioridade, de ficar 'por cima', de passar da linha feminina para a masculina." – p.150;

"Uma teoria como esta, contudo, está fadada a ser muito bem recebida pela grande massa do povo, uma teoria que não apresenta complicações, que não introduz conceitos novos, difíceis de compreender, que nada sabe do inconsciente, que com apenas um gesto elimina **o problema universalmente opressivo da sexualidade**, e que se limita à descoberta de artifícios pelos quais as pessoas tornam fácil a vida." – p.151;

"Nenhum outro dano lhes foi feito. Pelo contrário, caíram por sua própria causa, e estão melhor fora, do que anteriormente. Isto porque, com sua separação, geralmente se livraram de uma dessas cargas que nos oprimem – o **ódio da sexualidade infantil**, talvez, ou o absurdo do simbolismo – e em seu meio são considerados medianamente respeitáveis, o que ainda não se aplica àqueles dentre nós que ficaram para trás. Ademais, ressalvada uma exceção notável, foram eles que se excluíram a si mesmos." – p.153;

"Reconhecemos que os primeiros anos da infância possuíam uma importância especial – até a idade de cinco anos, possivelmente – por diversos motivos. Em primeiro lugar, porque esses anos incluíam o **primeiro surgimento da sexualidade**, que deixa após si fatores causais decisivos para a **vida sexual da maturidade**. Em segundo lugar, porque as impressões desse período incidem sobre um ego imaturo e débil e atuam sobre este como traumas." – p.156;

CONFERÊNCIA XXXV – A QUESTÃO DE UMA WELTANSCHAUUNG

"Em sua luta contra os poderes do mundo que os circundava, sua primeira arma foi a *magia*, o mais antigo precursor da tecnologia de hoje. Sua confiança na magia, conforme supomos, derivou da supervalorização de suas operações intelectuais, de sua crença na 'onipotência dos pensamentos' que, aliás, encontramos revivida em nossos pacientes neuróticos obsessivos. Podemos supor que os seres humanos, naquela época, orgulhavam-se particularmente de suas aquisições em termos de linguagem, que devem ter sido acompanhadas de grande facilitação do pensamento. Atribuíam poderes mágicos às palavras. Esse aspecto, mais tarde, foi assumido pela religião. 'E Deus disse 'Faça-se a luz!', e a luz foi feita.' O caso dos atos mágicos ademais nos mostra que o homem animista não se apoiava apenas no poder de seus desejos. Preferentemente, esperava resultados da execução de um ato que induziria a Natureza a imitar esse mesmo ato. Se desejava chuva, ele mesmo derramava água; se queria exortar a terra a ser dadivosa, mostrava à terra, nos campos, uma vívida **execução do ato sexual**." – p.174;

"A proibição do pensamento, estabelecida pela religião para assegurar sua autopreservação, também está longe de ser isenta de perigos, seja para o indivíduo, seja para a sociedade humana. A experiência analítica nos ensinou que uma proibição como esta, embora originalmente limitada a apenas uma determinada área, tende a alastrar-se e, daí, a se tornar causa de graves inibições na conduta de vida da pessoa. Pode-se observar esse resultado também no sexo feminino, consequente à proibição que lhe é feita de relacionar-se com qualquer coisa concernente à sua **sexualidade**, ainda que em pensamento." – p.179;

A AQUISIÇÃO E O CONTROLE DO FOGO (1932 [1931])

"Pois eu penso que a minha hipótese – de que, com a finalidade de conseguir controle sobre o

fogo, os homens tiveram de renunciar ao desejo, mesclado de **homossexualismo**, de apagá-lo com um jato de urina – pode ser confirmada mediante uma interpretação do mito grego de Prometeu, contanto que tenhamos em mente as distorções que se deve esperar ocorram na transição dos fatos ao conteúdo de um mito." – p.195;

"A obscuridade da lenda de Prometeu, bem como a de outros mitos do fogo, aumenta com o fato de que o homem primitivo estava fadado a considerar o fogo como algo análogo à paixão do amor – ou, conforme diríamos nós, um símbolo da libido. O calor que se irradia do fogo evoca a mesma sensação que acompanha um **estado de excitação sexual**, e a forma e os movimentos de uma chama sugerem um falo em atividade." – p.197;

"O **órgão sexual masculino** tem duas funções; e existem pessoas para as quais essa duplicidade constitui motivo de desagrado. Serve para o esvaziamento da bexiga e realiza o ato de amor que satisfaz o desejo da libido genital. A criança ainda acredita que pode unir as duas funções" – p.200;

POR QUE A GUERRA? (1933 [1932]) (EINSTEIN E FREUD)

"De acordo com nossa hipótese, os instintos humanos são de apenas dois tipos: aqueles que tendem a preservar e a unir – que denominamos 'eróticos', exatamente no mesmo sentido em que Platão usa a palavra 'Eros' em seu *Symposium*, ou **'sexuais'**, com uma deliberada **ampliação da concepção popular de 'sexualidade'** –; e aqueles que tendem a destruir e matar, os quais agrupamos como instinto agressivo ou destrutivo. Como o senhor vê, isto não é senão uma formulação teórica da universalmente conhecida oposição entre amor e ódio, que talvez possa ter alguma relação básica com a polaridade entre atração e repulsão, que desempenha um papel na sua área de conhecimentos. Entretanto, não devemos ser demasiado apressados em introduzir juízos éticos de bem e de mal. Nenhum desses dois instintos é menos essencial do que o outro; os fenômenos da vida surgem da ação confluente ou mutuamente contrária de ambos." – p.214-215;

"Em primeiro lugar, podem ser relações semelhantes àquelas relativas a um objeto amado, embora não tenham uma **finalidade sexual**. A psicanálise não tem motivo porque se envergonhar se nesse ponto fala de amor, pois a própria religião emprega as mesmas palavras: 'Ama a teu próximo como a ti mesmo.' Isto, todavia, é mais facilmente dito do que praticado. O segundo vínculo emocional é o que utiliza a identificação. Tudo o que leva os homens a compartilhar de interesses importantes produz essa comunhão de sentimento, essas identificações. E a estrutura da sociedade humana se baseia nelas, em grande escala." – p.217;

"Talvez esse processo esteja levando à extinção a raça humana, pois em mais de um sentido ele prejudica a **função sexual**; povos incultos e camadas atrasadas da população já se multiplicam mais rapidamente do que as camadas superiormente instruídas." – p.219;

MEU CONTATO COM JOSEF POPPER-LYNKEUS (1932)

Não consta.

SÁNDOR FERENCZI (1933)

"Então, em 1924, surgiu a sua *Versuch einer Genitaltheorie*. Esse pequeno livro constitui, antes, um estudo biológico do que psicanalítico; é uma aplicação das atitudes e das compreensões internas (*insight*) associadas à psicanálise em relação **à biologia dos processos sexuais** e, além destes, à vida orgânica em geral. Foi talvez a mais ousada aplicação da psicanálise que já se tentou." – p.236;

"São apresentados exemplos impressionantes, para mostrar como as características daquilo que é psíquico conservam vestígios de antigas modificações na substância corporal. Depois de se ler esse livro, parece que se compreende muitas **particularidades da vida sexual**, das quais antes nunca se pôde obter uma visão abrangente, e sente-se enriquecido pelas sugestões que prometem uma profunda compreensão interna (*insight*) de amplas áreas da biologia." – p.236;

AS SUTILEZAS DE UM ATO FALHO (1935)

Não conta.

UM DISTÚRBIO DE MEMÓRIA DE ACRÓPOLE (1936)

Não consta.

BREVES ESCRITOS (1931-36)

1. **Carta a Georg Fuchs (1931)**
   Não consta.
2. **Prefácio ao *Dicionário de Psicanálise,* de Richard Sterba (1936 [1932])**
   Não consta.
3. ***Psicanalítica,* de Marie Bonaparte (1933)**
   Não consta.
4. **A Thomas Mann, no seu sexagézimo aniversário (1935)**
   Não consta.

XXI. MOISÉS E O MONOTEÍSMO, ESBOÇO DE PSICANÁLISE E OUTROS TRABALHOS (1937-1939)

Volume 23 (FREUD, 1996u)

MOISÉS E O MONOTEÍSMO: TRÊS ENSAIOS (1939 [1934-38])

III – MOISÉS, O SEU POVO E A RELIGIÃO MONOTEÍSTA

PARTE I

NOTA PREAMBULAR I

"Foram suficientemente precipitados para retirar-lhes o 'ópio' da religião e avisados o bastante para conceder-lhes uma razoável quantidade de **liberdade sexual**; ao mesmo tempo, porém, submeteram-nas à mais cruel coerção e despojaram-nas de qualquer possibilidade de pensamento." – p.65;

C – A ANALOGIA

"(c) Elas relacionam-se a **impressões de natureza sexual e agressiva**, e, indubitavelmente, também a danos precoces ao ego (mortificações narcísicas). Com relação a isso, deve-se observar que essas crianças de tenra idade não estabelecem distinção nítida entre **atos sexuais e agressivos**, como o fazem posteriormente. (Cf. a **má interpretação do ato sexual**, num sentido sádico.) O predomínio do **fator sexual** é, naturalmente, mais marcante e exige consideração teórica." – p.87;

"Esses três pontos – o aparecimento bastante precoce dessas experiências (durante os cinco primeiros anos de vida), o fato de serem esquecidas, e seu **conteúdo sexual-agressivo** – estão estreitamente intervinculados." – p.87;

"A teoria é que, em contraste com a opinião popular, a **vida sexual dos seres humanos** (ou o que a ela corresponde mais tarde) apresenta uma eflorescência precoce que chega ao fim por volta do quinto ano, sendo seguida pelo que é conhecido como período de latência (até a puberdade), em que não há **desenvolvimento ulterior da sexualidade** e, na verdade, o que fora atingido experimenta uma retrogressão. Essa teoria é confirmada pela investigação anatômica do crescimento dos órgãos genitais internos; ela nos leva a supor que a raça humana descende de uma espécie animal que atingiu a **maturidade sexual** aos cinco anos e desperta a suspeita de que o **adiamento da vida sexual e seu desencadeamento difásico** [em duas ondas] estão intimamente vinculados à função de hominização." – p.87;

"Os seres humanos parecem ser os únicos organismos animais com **um período de latência e um retardamento sexual** desse tipo. Investigações efetuadas em primatas (que, até onde sei, não estão disponíveis) seriam indispensáveis para a verificação dessa teoria. Não pode ser psicologicamente indiferente que o período de amnésia infantil coincida com esse **período primitivo da sexualidade**." – p.87-88;

"Assim, um homem que passou a infância numa ligação excessiva e atualmente esquecida com a mãe pode passar toda a vida procurando uma esposa de quem possa conseguir ser nutrido e apoiado. Uma menina que foi tornada objeto de uma **sedução sexual na infância** pode orientar sua **vida sexual** posterior de maneira a constantemente provocar ataques semelhantes." – p.88;

“Um menininho que, como tão frequentemente acontece nas famílias de classe média, partilhara do quarto de dormir dos pais durante os primeiros anos de sua vida, tivera repetidas e, na verdade, regulares oportunidades de observar **atos sexuais entre os pais** – de ver algumas coisas e ouvir outras mais – numa idade em que mal aprendera a falar.” – p.91;

“A criança foi prematuramente despertada, por observações desse tipo, a uma masculinidade agressiva e começou a excitar seu pequeno pênis com a mão e a tentar variados **assaltos sexuais à mãe**, identificando-se assim com o pai, em cujo lugar se colocava.” – p.91;

“Ele abandonou sua **atividade sexual** e alterou seu caráter. Em vez de se identificar com o pai, ficou com medo dele, adotou para com ele uma atitude passiva e, através de travessuras ocasionais, provocava-o à administração de castigos corporais, que tinham para ele **significado sexual**, de maneira a assim poder identificar-se com sua maltratada mãe.” – p.91;

“A chegada da puberdade trouxe consigo a neurose manifesta e revelou seu segundo sintoma principal – a **impotência sexual**. Perdera a sensibilidade do pênis, não tentava tocá-lo, não se arriscava a aproximar-se de uma mulher para **fins sexuais**. Sua **atividade sexual** permanecia limitada à masturbação psíquica, acompanhada por fantasia sadomasoquista nas quais não era difícil identificar ramificações de suas primitivas observações da **relação sexual entre os pais**.” – p.91-92;

“Constituía uma cópia fiel de seu pai, tal como formara uma imagem deste em sua memória, o que equivale a dizer, uma revivescência da identificação com o pai que, no passado, ele assumira como rapazinho, por **motivos sexuais**.” – p.92;

D – APLICAÇÃO

“Trauma primitivo – defesa – latência – desencadeamento da doença neurótica – retorno parcial reprimido: tal é a fórmula que estabelecemos para o desenvolvimento de uma neurose. O leitor é agora convidado a dar o passo de supor que ocorreu na vida da espécie humana algo semelhante ao que ocorre na vida dos indivíduos, de supor, isto é, que também aqui ocorreram **eventos de natureza sexualmente agressiva**, que deixaram atrás de si consequências permanentes, mas que foram, em sua maioria, desviados e esquecidos, e que após uma longa latência entraram em vigor e criaram fenômenos semelhantes a sintomas, em sua estrutura e propósito.” – p.93;

PARTE II

RESUMO E RECAPITULAÇÃO

D – A RENÚNCIA AO INSTINTO

“Não é óbvio nem imediatamente compreensível por que um avanço em intelectualidade, um **retrocesso da sensualidade**, deva elevar a autoconsideração tanto de um indivíduo quanto de um povo. Esse avanço parece pressupor a existência de um padrão definido de valor e de alguma

outra pessoa ou instância ausente." – p.129;

"A **rejeição de uma exigência instintual sexual ou agressiva** parece ser algo inteiramente diferente disso. Ademais, no caso de alguns avanços em intelectualidade – no caso da vitória do patriarcado, por exemplo –, não podemos apontar a autoridade que estabelece o padrão que deve ser considerado superior. Nesse caso, não pode ser o pai, visto que ele só é elevado a autoridade pelo próprio avanço. Somos assim defrontados pelo fenômeno de que, no curso do desenvolvimento da humanidade, a **sensualidade** é gradativamente superada pela intelectualidade e que os homens se sentem orgulhosos e exaltados por cada avanço desse tipo. Contudo, somos incapazes de dizer por que isso deve ser assim. Acontece ainda, posteriormente, que a própria intelectualidade é superada pelo fenômeno emocional bastante enigmático da fé. Aqui, temos o famoso '*credo quia absurdum'*, e, mais uma vez, todo aquele que tenha alcançado êxito nisso encara-o como uma realização suprema. Talvez o elemento comum em todas essas situações psicológicas seja outra coisa. Talvez os homens simplesmente afirmem que aquilo que é mais difícil é superior, e seu orgulho seja meramente seu narcisismo aumentado pela consciência de uma dificuldade vencida." – p.130-131;

"A religião que começou com a proibição de fabricar uma imagem de Deus transforma-se cada vez mais, no decurso dos séculos, numa religião de renúncias instintuais. Não é que ela exija ***abstinência sexual***; contenta-se com uma acentuada **restrição da liberdade sexual**. Deus, contudo, **afasta-se inteiramente da sexualidade** e eleva-se para o ideal de perfeição ética. Mas a ética é uma limitação do instinto. Os profetas nunca se cansaram de asseverar que Deus nada exige de seu povo senão uma conduta de vida justa e virtuosa – isto é, abstenção de toda satisfação instintual, que ainda é condenada como impura também por nossa mortalidade atual. E mesmo a exigência de crença nele parece ficar em segundo lugar, em comparação com a seriedade desses requisitos éticos. Dessa maneira, a renúncia instintual parece desempenhar um papel preeminente na religião, mesmo que não se tivesse salientado nela desde o início." – p.131;

"Comecemos pelo caráter proibitivo que está tão firmemente ligado à sacralidade. O sagrado é obviamente algo em que não se pode tocar. Uma proibição sagrada possui um tom emocional muito forte, mas, na realidade, nenhuma base racional. Por que, por exemplo, deveria o incesto com uma filha ou irmã ser um crime tão especialmente grave – tão pior de que qualquer outra **relação sexual**? Se pedirmos uma base racional, certamente nos será dito que todos os nossos sentimentos se revoltam contra isso. Mas isso apenas significa que as pessoas encaram a proibição como autoevidente e não conhecem base alguma para ela." – p.133;

ESBOÇO DE PSICANÁLISE (1940 [1938])

CAPÍTULO II – A TEORIA DOS INSTINTOS

"Nas funções biológicas, os dois instintos básicos operam um contra o outro ou combinam-se mutuamente. Assim, o ato de comer é uma destruição do objeto como o objetivo final de incorporá-lo, e **o ato sexual é um ato de regressão** com o intuito da mais íntima união. A analogia de nossos dois instintos básicos estende-se da esfera das coisas vivas até o par de forças opostas – atração e repulsão – que governa o mundo orgânico." – p.160;

"Modificações nas proporções da fusão entre os instintos apresentam os resultados mais tangíveis. Um **excesso de agressividade sexual** transformará um amante num **criminoso sexual**, enquanto uma nítida diminuição no fator agressivo torná-lo-á acanhado ou impotente." – p.160;

"Não se pode discutir que a libido tenha fontes somáticas, que ela flua para o ego de diversos órgãos e partes do corpo. Isto se vê mais claramente no caso daquela porção da libido que, por seu objetivo instintivo, é descrita como **excitação sexual**. As partes mais proeminentes do corpo de que esta libido se origina são conhecidas pelo nome de "*zonas erógenas*", embora, de fato, o corpo inteiro seja uma zona erógena desse tipo. A maior parte do que conhecemos sobre Eros – isto é, sobre o seu expoente, a libido – foi obtida de um **estudo da função sexual**, que, na verdade, segundo a opinião dominante, ainda que não segundo a nossa teoria, coincide com Eros. Pudemos formar uma imagem da maneira como o **impulso sexual**, que está destinado a exercer uma influência decisiva em nossa vida, desenvolve-se gradativamente a partir de contribuições sucessivas de um certo número de instintos componentes que representam zonas erógenas específicas." – p.162;

CAPÍTULO III – O DESENVOLVIMENTO DA FUNÇÃO SEXUAL

"Segundo a opinião predominante, **a vida sexual humana** consiste essencialmente numa busca de colocar o próprio órgão genital em contato com o de alguém do sexo oposto. A isto acham-se associados, como fenômenos acessórios e atos introdutórios, beijar esse corpo alheio, olhar para ele e tocá-lo. Imagina-se que essa busca faça seu aparecimento na puberdade – isto é, na idade da **maturidade sexual** – e esteja a serviço da reprodução." – p.163;

"Não obstante, sempre foram conhecidos certos fatos que não se encaixam na estreita moldura desta visão. (1) Constitui um fato marcante existirem pessoas que só são atraídas por indivíduos de seu próprio sexo e pelo órgão genital deles. (2) É igualmente notório existirem pessoas cujos **desejos se comportam exatamente como os sexuais**, mas que, ao mesmo tempo, **desprezam inteiramente o órgão sexual** ou sua utilização normal; as pessoas deste tipo são conhecidas como "pervertidas". (3) E, por fim, é uma coisa notável que algumas crianças (que são, por causa disso, encaradas como degeneradas) tenham um interesse muito precoce pelo seu órgão genital e apresentem nele sinais de excitação." – p.163;

"Bem se pode acreditar que a Psicanálise tenha provocado espanto e oposição quando, em parte com base nesses fatos negligenciados, contradisse todas as **opiniões populares sobre a sexualidade**. Os seus principais achados são os seguintes:

(a) A **vida sexual** não começa apenas na puberdade, mas inicia-se, com manifestações claras, logo após o nascimento.

(b) É necessário fazer uma **distinção nítida entre os conceitos de "sexual" e "genital"**. O primeiro é o conceito mais amplo e inclui muitas atividades que nada têm que ver com os órgãos genitais.

(c) A **vida sexual** inclui a função de obter prazer das zonas do corpo, função que,

subsequentemente, é colocada a serviço da reprodução. As duas funções muitas vezes falham em coincidir completamente." – p.163;

"Descobriu-se que, na tenra infância, existem sinais de atividade corporal a que somente um antigo **preconceito poderia negar o nome de sexual** e que se acha ligada a fenômenos psíquicos com que nos deparamos mais tarde, na vida erótica adulta – tais como a fixação em objetos específicos, o ciúme, e assim por diante." – p.163-164;

"Após o fim deste período de latência, como é chamado, a **vida sexual** avança mais uma vez, com a puberdade; poderíamos dizer que tem uma segunda eflorescência. E aqui deparamo-nos com o fato de o **início da vida sexual ser *difásico***, de ele ocorrer em duas ondas – algo que é desconhecido, exceto no homem, e que, evidentemente, tem uma relação importante com a hominização." – p.164;

"O primeiro órgão a surgir como zona erógena e a fazer exigências libidinais à mente é, da época do nascimento em diante, a boca. Inicialmente, toda a atividade psíquica se concentra em fornecer satisfação às necessidades dessa zona. Primariamente, é natural, essa satisfação está a serviço da autopreservação, mediante a nutrição; mas a fisiologia não deve ser confundida com a psicologia. A obstinada persistência do bebê em sugar dá prova, em estágio precoce, de uma necessidade de satisfação que, embora se origine da ingestão da nutrição e seja por ela instigada, esforça-se todavia por obter prazer independentemente da nutrição e, por essa razão, pode e deve ser **denominada de *sexual***." – p.164-165;

"A terceira fase é conhecida como fálica, que é, por assim dizer, uma precursora da forma final assumida pela **vida sexual** e já se assemelha muito a ela. É de se notar que não são os órgãos genitais de ambos os sexos que desempenham um papel nesta fase, mas apenas o masculino (o falo). Os órgãos genitais femininos por muito tempo permanecem desconhecidos; nas tentativas das crianças de compreender os **processos sexuais**, elas se rendem à respeitável teoria da cloaca – teoria que tem justificação genética." – p.165;

"Com a fase fálica, e ao longo dela, a **sexualidade da tenra infância** atinge seu apogeu e aproxima-se da sua dissolução. A partir daí, meninos e meninas têm histórias diferentes. Ambos começaram a colocar sua atividade intelectual a serviço de **pesquisas sexuais**; ambos partem da premissa da presença universal do pênis." – p.165;

"A menina, depois de tentar em vão fazer as mesmas coisas que o menino, vem a reconhecer sua falta de pênis ou, antes, a inferioridade de seu clitóris, com efeitos permanentes sobre o desenvolvimento de seu caráter; como resultado deste primeiro desapontamento em rivalidade, ela com frequência começa a voltar as costas inteiramente à **vida sexual**." – p.165-166;

"Seria um erro supor que essas três fases se sucedem de forma clara. Uma pode aparecer em aditamento a outra; podem sobrepor-se e podem estar presentes lado a lado. Nas primeiras fases,

os diferentes componentes dos instintos empenham-se na busca de prazer independente uns dos outros; na fase fálica, há os primórdios de uma organização que subordina os outros impulsos à primazia dos órgãos genitais e determina o começo de uma coordenação do impulso geral em direção ao **prazer na função sexual**." – p.166;

"Estabelece-se então um estado de coisas em que (1) algumas catexias libidinais primitivas são retidas, (2) outras são incorporadas à **função sexual** como atos auxiliares, preparatórios, cuja satisfação produz o que é conhecido como pré-prazer, e (3) outros impulsos são excluídos da organização, e são ou suprimidos inteiramente (reprimidos) ou empregados no ego de outra maneira, formando traços de caráter ou experimentando a sublimação, com deslocamento de seus objetivos." – p.166;

"As inibições em seu desenvolvimento manifestam-se como os muitos tipos de **distúrbio da vida sexual**. Quando é assim, encontramos fixações da libido a condições de fases anteriores, cujo impulso, que é independente do **objetivo sexual normal**, é descrito como *perversão*. Uma dessas inibições do desenvolvimento é, por exemplo, a **homossexualidade**, quando ela é manifesta. A análise mostra que em todos os casos um vínculo objetal de **caráter homossexual** esteve presente e, na maioria dos casos, persistiu em estado *latente*." – p.166;

"Durante o estudo das **funções sexuais**, chegamos a uma certeza preliminar, ou melhor, a uma suspeita, de duas descobertas que logo mais se verá serem de importância para todo o nosso campo." – p.166;

CAPÍTULO V – A INTERPRETAÇÃO DE SONHO COMO ILUSTRAÇÃO

"Resta-nos dar uma explicação dinâmica do porquê de o ego adormecido se dar o trabalho da elaboração onírica. A explicação, felizmente, é fácil de encontrar. Com a ajuda do inconsciente, todo sonho em processo de formação faz uma exigência ao ego – a satisfação de um instinto, se o sonho se origina do id; a solução de um conflito, a remoção de uma dúvida ou a formação de uma intenção, se o sonho se origina de um resíduo da atividade pré-consciente na vida de vigília. O ego adormecido, contudo, está focalizado no desejo de manter o sono; ele sente essa exigência como uma perturbação e procura livrar-se dela. O ego consegue realizar isto através do que parece ser um ato de submissão: ele satisfaz a exigência com o que, nas circunstâncias, é uma *realização* inofensiva de *um desejo* e, assim, livra-se dele. Esta substituição da exigência pela realização de um desejo permanece sendo a função essencial da elaboração onírica. Talvez valha a pena ilustrar isso com três exemplos simples – um sonho de fome, um sonho de conveniência e um sonho induzido pelo **desejo sexual**. Uma necessidade de comida faz-se sentir numa pessoa que sonha durante o sono; ela sonha com uma refeição deliciosa e continua a dormir. Naturalmente, estava aberta a essa pessoa a escolha de despertar e comer algo ou de continuar o sono. Decidiu em favor do último e satisfez a fome por meio do sonho – por enquanto, pelo menos, pois se a fome persistisse, teria de acordar, apesar de tudo. Aqui temos o segundo exemplo: uma pessoa adormecida tinha de acordar para chegar na hora ao seu trabalho no hospital. Continuou, porém, a dormir, e teve um sonho de que já se achava no hospital – mas como um paciente, que não tem necessidade de levantar-se. Ou, ainda, durante a noite tornou-se ativo um desejo de gozo de um **objeto sexual proibido**, a esposa de um amigo. Ele sonha então que está tendo **relações sexuais** – não, na verdade, com essa pessoa, mas com outra do mesmo nome e que lhe é, de fato, indiferente; ou a luta contra o desejo pode encontrar

expressão na amante que permanece inteiramente anônima.” – p.181-182;

PARTE II – O TRABALHO PRÁTICO

CAPÍTULO VI – A TÉCNICA DA PSICANÁLISE

“**Relações sexuais reais entre pacientes e analista** estão fora de cogitação e mesmo os métodos mais sutis de satisfação, tais como preferência, intimidade, etc., só são concedidos parcialmente pelo analista.” – p.188-189;

CAPÍTULO VII – UM EXEMPLO DE TRABALHO PSICANALÍTICO

“Com referência ao outro ponto – o fator instintivo específico – deparamo-nos com uma discrepância interessante entre a teoria e a experiência. Teoricamente, não há objeção a supor que qualquer tipo de exigência instintiva possa ocasionar as mesmas repressões e suas consequências, mas nossa observação demonstra-nos, invariavelmente, até onde podemos julgar, que as excitações que desempenham esse papel patogênico se originam dos instintos **componentes da vida sexual**. Os sintomas das neuroses, poder-se-ia dizer, são, sem exceção, ou uma satisfação substitutiva de algum **impulso sexual** ou medidas para impedir tal satisfação, e, via de regra, são conciliações entre as duas, do tipo que ocorre em consonância com as leis que operam entre contrários, no inconsciente. A lacuna em nossa teoria não pode, presentemente, ser preenchida e nossa decisão torna-se mais difícil pelo fato de a maioria dos **impulsos da vida sexual** não ser de natureza puramente erótica, mas surgir de combinações do instinto erótico com partes do instinto destrutivo. Mas não se pode duvidar de que **os instintos que se manifestam fisiologicamente como sexualidade** desempenham um papel preeminente e inesperadamente grande na causação das neuroses – se é um papel exclusivo, é o que resta a ser decidido. Deve-se também ter em mente que, no curso do desenvolvimento cultural, nenhuma outra função foi tão enérgica e extensamente repudiada como precisamente a **função sexual**.” – p.197-198;

“A teoria tem de satisfazer-se com algumas alusões que revelam uma conexão mais profunda: o fato de que o primeiro período da infância, durante o qual o ego começa a diferenciar-se do id, é também o período da **primeira eflorescência sexual**, que chega a um fim com o período de latência; o de que dificilmente pode ser fortuito que este momentoso período inicial mais tarde venha a ser vítima da amnésia infantil, e, por fim, o de que as **modificações biológicas na vida sexual** (tais como o início difásico da unção que já mencionamos, o desaparecimento do **caráter periódico da excitação sexual** e a transformação na relação entre menstruação feminina e excitação masculina) – o de que essas **inovações na sexualidade** devem ter sido de alta importância na evolução dos animais para o homem.” – p.198;

“Não estaremos errados, talvez, em dizer que o ponto fraco na organização do ego parece residir em sua atitude para com a **função sexual**, como se a antítese biológica entre autopreservação e preservação da espécie houvesse encontrado expressão psicológica neste ponto.” – p.198;

“Nossa atenção é atraída primeiro pelos efeitos de certas influências que não se aplicam a todas as crianças, embora sejam bastante comuns – tais como o **abuso sexual de crianças por**

adultos, sua sedução por outras crianças (irmãos ou irmãs) ligeiramente mais velhas que elas e, o que não esperaríamos, ficarem elas profundamente excitadas por ver ou ouvir, em primeira mão, um **comportamento sexual entre adultos** (seus pais), principalmente numa época em que não se pensaria que pudessem interessar-se por tais impressões ou compreendê-las, ou serem capazes de recordá-las mais tarde. É fácil confirmar até onde essas experiências despertam a suscetibilidade de uma criança e forçam os seus próprios **impulsos sexuais** para certos canais dos quais depois não se podem safar. Visto essas impressões estarem sujeitas à repressão, seja em seguida, seja logo que buscam retornar como lembranças, constituem elas o determinante para a compulsão neurótica que depois tornará **impossível ao ego controlar a função sexual** e provavelmente o fará voltar as costas permanentemente a essa função." – p.198-199;

"Para distinguir entre masculino e feminino, na vida mental, usamos o que é, sem dúvida alguma, uma equação empírica, convencional e inadequada: chamamos de masculino tudo o que é forte e ativo, e de feminino tudo o que é fraco e passivo. Este fato da **bissexualidade psicológica** dificulta também todas as nossas investigações sobre o assunto e torna-as mais difíceis de descrever." – p.199-200;

"Quando um menino (a partir da idade de dois ou três anos) ingressou na fase fálica de seu desenvolvimento libidinal, está sentindo **sensações prazerosas em seu órgão sexual** e aprendeu a proporcionar-se essas sensações à vontade, mediante a estimulação manual, ele se torna o amante da mãe. Quer possuí-la fisicamente, das maneiras que adivinhou de suas observações e intuições sobre a **vida sexual**, e tenta seduzi-la mostrando-lhe o órgão masculino que está orgulhoso de possuir. Numa palavra, a sua masculinidade, precocemente despertada, procura ocupar o lugar do pai junto a ela; este, até aqui, seja como for, constituía um modelo invejado para o menino, devido à força física que nele percebe e à autoridade de que o acha investido. O pai agora se torna um rival que se interpõe em seu caminho e de quem gostaria de livrar-se. Se, enquanto o pai está ausente, é permitido à criança partilhar do leito da mãe e se, quando ele volta, ela é mais uma vez afastada, a sua satisfação quando o pai desaparece e o seu desapontamento quando surge novamente são experiências profundamente sentidas. Este é o tema do complexo de Édipo que a lenda grega traduziu do mundo da fantasia de uma criança para a suposta realidade. Nas condições de nossa civilização, ele está invariavelmente fadado a um fim assustador." – p.200-201;

"A mãe do menino compreende muito bem que a **excitação sexual** dele relaciona-se com ela, mais cedo ou mais tarde reflete que não é correto permitir-lhe continuar. Pensa estar fazendo certo proibindo-lhe manipular seu órgão genital. Sua proibição tem pouco efeito; no máximo, ocasiona uma certa modificação em seu método de obter satisfação. Por fim, a mãe adota medidas mais severas; ameaça tirar fora dele a coisa com que a está desafiando" – p.201;

"Via de regra, a masculinidade da criança é incapaz de resistir a este primeiro choque. A fim de preservar seu **órgão sexual**, ele renuncia à posse da mãe de modo mais ou menos completo; sua **vida sexual** com frequência fica permanentemente dificultada pela proibição. Se um forte componente feminino, tal como o chamamos, acha-se presente nele, a força deste é aumentada por esta intimidação de sua masculinidade. Ele cai numa atitude passiva para com o pai, tal como a que atribui à mãe. É verdade que, em consequência da ameaça, abandonou a

masturbação, mas não as atividades de sua imaginação que a acompanhavam. Pelo contrário, visto serem esta agora a **única forma de satisfação sexual** que lhe resta, entrega-se a elas mais do que antes e, nessas fantasias, embora ainda continue a identificar-se com o pai, também se identifica, simultânea e talvez predominantemente, com a mãe. Derivados e produtos modificados dessas primeiras fantasias masturbatórias geralmente abrem caminho em seu futuro ego e desempenham um papel na formação de seu caráter." – p.201-202;

"Um resíduo de sua fixação erótica na mãe com frequência subsiste sob a forma de uma dependência excessiva dela, e isto persiste como uma espécie de servidão às mulheres. Ele não mais se aventura a amar a mãe, mas não pode correr o risco de não ser amado por ela, pois, nesse caso, ficaria em perigo de ser por ela traído e entregue ao pai para a castração. A experiência completa, com todos os seus antecedentes e consequências, dos quais minha descrição só pôde dar uma seleção, é submetida a uma repressão altamente enérgica, e, tal como se torna possível pelas leis que operam no id inconsciente, todos os impulsos e reações emocionais mutuamente conflitantes que estão sendo postos em movimento nessa ocasião são preservados no inconsciente e ficam prontos a perturbar o desenvolvimento posterior do ego, após a puberdade. Quando o **processo somático de maturação sexual** dá nova vida às antigas fixações libidinais que aparentemente haviam sido superadas, a **vida sexual** mostrará ser inibida, sem homogeneidade e dividida em impulsos mutuamente conflitantes." – p.202;

"Está fora de dúvida, é verdade, que o impacto da **ameaça de castração sobre a vida sexual** incipiente de um menino nem sempre tem essas consequências temíveis. Dependerá, mais uma vez, das relações *quantitativas*, de quanto dano é causado e de quanto é evitado. Toda a ocorrência, que pode provavelmente ser encarada como a experiência central dos anos de infância, o maior problema do início da vida e a fonte mais intensa de inadequação posterior, é tão completamente esquecida que sua reconstrução, durante o trabalho de análise, se defronta nos adultos com a descrença mais decidida." – p.202-203;

"Os efeitos do complexo de castração nas meninas são mais uniformes e não menos profundos. Uma criança do sexo feminino, naturalmente, não tem necessidade de recear a perda do pênis; ela reage, todavia, ao fato de não ter recebido um. Desde o início, inveja nos meninos a posse dele; pode-se dizer que todo o seu desenvolvimento se realiza à sombra da inveja do pênis. Ela começa por efetuar vãs tentativas de fazer o mesmo que os meninos e, mais tarde, com maior sucesso, faz esforços por compensar a sua falta – esforços que podem conduzir, afinal, a uma atitude feminina normal. Se, durante a fase fálica, tenta obter prazer com um menino, pela estimulação manual de seus órgãos genitais, com frequência acontece fracassar em obter satisfação suficiente e estende os julgamentos de inferioridade de seu pênis atrofiado a todo o seu eu (*self*). Via de regra, cedo desiste da masturbação, visto não ter desejos de ser lembrada da superioridade de seu irmão ou companheiro de brincadeiras, e volta as costas completamente à **sexualidade**." – p.204;

"Se uma menina persiste em seu primeiro desejo – transformar-se em menino – em casos extremos, acabará **homossexual** manifesta, ou, doutra maneira, apresentará traços marcantemente masculinos no encaminhamento de sua vida futura, escolherá uma vocação masculina, e assim por diante." – p.204;

PARTE III – O RENDIMENTO TEÓRICO

"Impulsionada pela operação combinada dessas duas influências, o perigo real e presente e o perigo relembrado com sua base filogenética, a criança embarca em suas tentativas de defesa – repressões – que são momentaneamente eficazes, mas que, todavia, se tornam psicologicamente inadequadas quando a reanimação posterior da **vida sexual** traz reforço às exigências instintivas que haviam sido repudiadas no passado. Se as coisas são assim, teria de ser dito, de um ponto de vista biológico, que o ego fracassa na tarefa de dominar as excitações do **período sexual primitivo**, numa época em que sua imaturidade o torna incompetente para fazê-lo. É nesse atraso do desenvolvimento do ego em relação ao desenvolvimento libidinal que vemos a pré-condição essencial da neurose, e não podemos fugir à conclusão de que as neuroses poderiam ser evitadas se se poupasse ao ego infantil essa tarefa – isto é, se à **vida sexual da criança** fosse concedida liberdade de ação, como acontece entre muitos povos primitivos." – p.212;

"Por outro lado, desponta em nós a compreensão de que essa **tentativa precoce de represar o instinto sexual**, um partidarismo tão decidido por parte do incipiente ego em favor do mundo externo, em oposição ao mundo interno, ocasionado pela **proibição da sexualidade infantil**, não pode deixar de ter efeito na disposição posterior do indivíduo para com a cultura. As exigências instintivas forçadas a afastar-se da satisfação direta são compelidas a ingressar em novos caminhos que conduzem à satisfação substituta, e, no curso desses *détours*, podem tornar-se **dessexualizadas** e a sua vinculação com seus objetivos instintivos originais pode tornar-se mais frouxa. E, neste ponto, podemos antecipar a tese de que muitos dos bens altamente valorizados de nossa civilização foram **adquiridos à custa da sexualidade** e através da **restrição das forças motivadoras sexuais**." – p.212-213;

"Esta circunstância também capacita-nos a compreender como é que o fetichismo, com tanta frequência, é apenas parcialmente desenvolvido. Ele não governa exclusivamente a escolha de objeto, mas deixa lugar para um maior ou menor **comportamento sexual normal**; às vezes, na verdade, contenta-se com o desempenho de um papel modesto ou se limita a uma mera alusão. Nos fetichistas, portanto, o desligamento do ego em relação à realidade do mundo externo nunca alcançou êxito completo." – p.215;

ANÁLISE TERMINÁVEL E INTERMINÁVEL (1937)

IV

"Falamos ao paciente sobre as possibilidades de outros conflitos instintuais e despertamos sua expectativa de que tais conflitos possam ocorrer nele. O que esperamos é que essa informação e essa advertência tenham o efeito de ativar nele um dos conflitos que indicamos, em grau modesto, mas suficiente para o tratamento. Dessa vez, porém, a experiência não fala com voz incerta. O resultado esperado não ocorre. O paciente escuta nossa mensagem, mas não há reação. Pode pensar consigo: 'É muito interessante, mas não sinto traço algum disso.' Aumentamos seu conhecimento, mas nada mais alteramos nele. A situação é muito semelhante à que acontece quando as pessoas leem trabalhos psicanalíticos. O leitor é 'estimulado' apenas por aquelas passagens que sente se aplicarem a si próprio – isto é, que interessam a conflitos

que estão ativos nele na ocasião. Tudo o mais o deixa frio. Podemos ter experiências análogas, creio, quando **fornecemos às crianças esclarecimentos sexuais**.

Estou longe de sustentar que isso é prejudicial ou desnecessário, mas é claro que o efeito profilático dessa medida liberal tem sido grandemente superestimado. Após tais esclarecimentos, as crianças sabem algo que não conheciam antes, mas não fazem uso do novo conhecimento que lhes foi presenteado. Viemos a perceber que sequer têm grande pressa de sacrificar, a esse novo **conhecimento, as teorias sexuais** que poderiam ser descritas como um crescimento natural e que elas construíram em harmonia com sua organização libidinal imperfeita, e na dependência desta – teorias sobre o papel desempenhado pela cegonha, sobre a **natureza da relação sexual** e sobre o modo como os bebês são feitos. Por longo tempo após receberem **esclarecimentos sexuais**, elas se comportam como as raças primitivas que tiveram o cristianismo enfiado nelas, mas que continuam a adorar em segredo seus antigos ídolos." – p.246-247;

VI

"É bem sabido que em todos os períodos houve, como ainda há, pessoas que podem tomar como **objetos sexuais membros de seu próprio sexo**, bem como do sexo oposto, sem que uma das inclinações interfira na outra. Chamamos tais **pessoas de bissexuais** e aceitamos sua existência sem sentir muita surpresa sobre elas. Viemos a saber, contudo, que **todo ser humano é bissexual** nesse sentido e que sua libido se distribui, quer de maneira manifesta, quer de maneira latente, por objetos de ambos os sexos. Mas ficamos impressionados pelo ponto seguinte. Ao passo que na primeira classe de pessoas as duas tendências prosseguem juntas sem se chocarem, na segunda classe, mais numerosa, elas se encontram num estado de conflito irreconciliável. A **heterossexualidade de um homem** não se conformará com nenhuma **homossexualidade** e vice-versa. Se a primeira é a mais forte, ela obtém êxito em manter a segunda latente e em afastá-la, pela força, da satisfação na realidade. Por outro lado, não existe maior **perigo para a função heterossexual de um homem** do que o de ser perturbada por sua **homossexualidade latente**. Poderíamos tentar explicar isso dizendo que cada indivíduo só possui à sua disposição uma certa cota de libido, pela qual as duas inclinações rivais têm de lutar. Mas não está claro por que as rivais nem sempre dividem a cota disponível de libido entre si, de acordo com sua força relativa, já que assim podem fazer em certo número de casos. Somos forçados à conclusão de que a tendência a um conflito é algo especial, algo recentemente adicionado à situação, sem considerar a quantidade de libido. Uma tendência ao conflito desse tipo, a emergir independentemente, dificilmente pode ser atribuída a algo que não seja a intervenção de um elemento de agressividade livre." – p.257-258;

VIII

"Já afirmei em outro lugar que foi Wilhelm Fliess que chamou minha atenção para esse ponto. Fliess inclinava-se a encarar a antítese entre os sexos como a verdadeira causa e a força motivadora primeva da repressão. Estou apenas repetindo o que disse então ao discordar de sua opinião, quando declino de **sexualizar a repressão** dessa maneira – isto é, explicá-la em fundamentos biológicos, em vez de puramente psicológicos." – p.265;

CONSTRUÇÕES EM ANÁLISE (1937)

II

"Parece, portanto, que as elocuções diretas do paciente, depois que lhe foi oferecida uma construção, fornecem muito poucas provas sobre a questão de saber se estivemos certos ou errados. É do maior interesse que existam formas indiretas de confirmação, que são, sob todos os aspectos, fidedignas. Uma delas é uma forma de expressão utilizada (como que por consenso) com muito pequena variação pelas mais diferentes pessoas: 'Nunca pensei' (ou 'Nunca teria pensado') 'isso' (ou 'nisso'). Isso pode ser traduzido, sem qualquer hesitação, por: 'Sim, o senhor está certo dessa vez – sobre meu inconsciente.' Infelizmente, essa fórmula, tão bem-vinda ao analista, chega a seus ouvidos com mais frequência depois de interpretações isoladas do que depois de ele ter produzido uma ampla construção. Confirmação igualmente valiosa está implícita (dessa vez, expressa positivamente) quando o paciente responde com uma associação que contém algo semelhante ou análogo ao conteúdo da construção. Em vez de extrair um exemplo disso de uma análise (o que seria fácil de achar, mas longo de relatar), prefiro fornecer um relato de uma pequena experiência extra-analítica que apresenta uma situação semelhante de modo tão notável, que produz efeito quase cômico. Essa experiência se relacionou a um de meus colegas que – há muito tempo atrás – me escolhera como consultor em sua clínica médica. Certo dia, contudo, trouxe sua jovem esposa para me ver, pois estava causando problemas para ele. Recusava-se, sob toda a sorte de pretextos, a ter **relações sexuais** com ele, e o que ele esperava de mim, evidentemente, era que expusesse a ela as consequências de seu comportamento imprudente. Ingressei no assunto e expliquei-lhe que sua recusa provavelmente teria resultados desafortunados para a saúde de seu marido, ou o deixaria exposto a tentações que poderiam conduzir ao rompimento de seu matrimônio. Nesse ponto, ele subitamente me interrompeu com a observação: 'O inglês que você diagnosticou como sofrendo de um tumor cerebral morreu também.' A princípio, a observação pareceu incompreensível; o 'também' em sua frase era um mistério, pois não faláramos de ninguém que tivesse falecido. Pouco tempo depois, porém, compreendi. Evidentemente o homem estava pretendendo confirmar o que eu dissera; estava querendo dizer 'Sim, você certamente tem toda a razão. Seu diagnóstico foi confirmado no caso do outro paciente também.' Era um excelente paralelo às confirmações indiretas que, na análise, obtemos a partir das associações. Não tentarei negar que, postos de lado por meu colega, também havia outros pensamentos que tinham sua parte na determinação da observação dele." – p.277-278;

A DIVISÃO DO EGO NO PROCESSO DE DEFESA (1940 [1938])

"Será de ajuda que eu introduza uma história clínica individual nessa dissertação esquemática. Um menino, quando se achava entre os três e quatro anos de idade, familiarizou-se com os órgãos genitais femininos mediante a sedução por parte de uma menina mais velha. Depois que essas relações foram interrompidas, ele prosseguiu a **estimulação sexual**, posta em andamento dessa maneira, praticando zelosamente a masturbação manual; cedo, porém, foi apanhado nela por sua enérgica babá e ameaçado de castração, cuja realização foi, como de costume, atribuída ao pai. Estavam assim presentes nesse caso condições calculadas para produzir um tremendo efeito de susto. Em si mesma, uma ameaça de castração não necessita produzir grande impressão. A criança se recusará a acreditar nela, pois não pode imaginar facilmente a possibilidade de perder uma parte tão altamente prezada de seu corpo. A visão [anterior] dos órgãos genitais femininos poderia ter convencido nossa criança dessa possibilidade. Mas ela não tirou conclusão alguma disso, já que sua falta de inclinação a fazê-lo era grande demais e não havia motivo presente que a isso o compelisse. Pelo contrário, qualquer apreensão que pudesse ter sentido foi acalmada pela reflexão de que aquilo que ainda faltava faria seu aparecimento: ela desenvolveria um [pênis] mais tarde. Todo aquele que tenha observado

meninos bastante pequenos será capaz de recordar que se deparou com alguma observação desse tipo à visão dos órgãos genitais de uma irmãzinha. Mas é diferente se ambos os fatores estão presentes em conjunto. Nesse caso, a ameaça revive a lembrança da percepção que até então fora considerada como inofensiva, encontrando nessa lembrança uma confirmação temível. O menino agora pensa compreender por que os órgãos genitais da menina não apresentavam sinais de pênis, e não mais se arrisca a duvidar de que seus próprios órgãos genitais possam encontrar o mesmo destino. Daí por diante, ele não pode deixar de acreditar na realidade do perigo de castração." – p.290;

ALGUMAS LIÇÕES ELEMENTARES DE PSICANÁLISE (1940 [1938])

Não consta.

UM COMENTÁRIO SOBRE O ANTISSEMITISMO (1938)

"Examinando as considerações na imprensa e na literatura provocadas pelas recentes perseguições aos judeus, deparei-me com um determinado ensaio que me impressionou como sendo tão fora do comum, que dele fiz um *précis* para meu próprio uso. O que o autor escreveu foi aproximadamente o seguinte: '[...]

Os judeus não são piores do que nós; eles possuem características um tanto diferentes e defeitos um tanto diferentes, mas, no total, não temos direito a olhá-los de cima. Sob alguns aspectos, na verdade, são superiores a nós. Não necessitam de tanto álcool quanto nós para tornar tolerável a vida; crimes de brutalidade, assassinato, roubo e **violência sexual** são raridades entre eles; sempre concederam alto valor à realização e aos interesses intelectuais; sua vida familiar é mais íntima; cuidam melhor dos pobres; para eles, a caridade é um dever sagrado. Tampouco podemos chamá-los, em qualquer sentido, de inferiores." – p.307-308;

BREVES ESCRITOS (1937-1938)

1. Lou Andreas-Salomé (1937)

Não consta.

2. Achados, ideias, problemas (1941 [1938])

"*3 de agosto*. – O fundamento supremo de todas as inibições intelectuais e de todas as inibições de trabalho parece ser a inibição da masturbação na infância. Mas talvez isso vá mais fundo; talvez não seja sua inibição por influências externas, mas sua natureza insatisfatória em si. Há sempre algo que falta para a descarga e a satisfação completas – *en attendant toujours quelque chose qui ne venait point* – e essa parte que falta, a reação do orgasmo, manifesta-se em equivalentes em outras esferas, em *absences*, acessos de riso, pranto, e talvez outras maneiras. – Mais uma vez a **sexualidade infantil fixou nisso um modelo**." – p.314;

3. Antissemitismo na Inglaterra (1938)

Não consta.